A DIVINA COMÉDIA



DANTE

MARTIN CLARET

A DIVINA COMÉDIA

A DIVINA COMÉDIA



DANTE

Tradução: J. P. Xavier Pinheiro
Revisão técnica, préfacio e notas: Heloísa Abreu de Lima

MARTIN CLARET

SUMÁRIO

Introdução

A DIVINA COMÉDIA

O INFERNO

Canto I

Canto II

Canto III

Canto IV

Canto V

Canto VI

Canto VII

Canto VIII

Canto IX

Canto X

Canto XI

Canto XII

Canto XIII

Canto XIV

Canto XV
Canto XVI
Canto XVII
Canto XVIII
Canto XIX
Canto XX
Canto XXI
Canto XXII
Canto XXIII
Canto XXIV
Canto XXV
Canto XXVI
Canto XXVII
Canto XXVIII
Canto XXIX
Canto XXX
Canto XXXI
Canto XXXII
Canto XXXIII
Canto XXXIV

O PURGATÓRIO

Canto I

Canto II

Canto III

Canto IV

Canto V

Canto VI

Canto VII

Canto VIII

Canto IX

Canto X

Canto XI

Canto XII

Canto XIII

Canto XIV

Canto XV

Canto XVI

Canto XVII

Canto XVIII

Canto XIX

Canto XX

Canto XXI

Canto XXII

Canto XXIII

Canto XXIV
Canto XXV
Canto XXVI
Canto XXVII
Canto XXVIII
Canto XXIX
Canto XXX
Canto XXXI
Canto XXXII
Canto XXXIII

O PARAÍSO

Canto I
Canto II
Canto III
Canto IV
Canto V
Canto VI
Canto VII
Canto VIII
Canto IX
Canto X
Canto XI

Canto XII

Canto XIII

Canto XIV

Canto XV

Canto XVI

Canto XVII

Canto XVIII

Canto XIX

Canto XX

Canto XXI

Canto XXII

Canto XXIII

Canto XXIV

Canto XXV

Canto XXVI

Canto XXVII

Canto XXVIII

Canto XXIX

Canto XXX

Canto XXXI

Canto XXXII

Canto XXXIII

INTRODUÇÃO

DANTE ALIGHIERI: VIDA E OBRA

Dante Alighieri nasceu em Florença, e foi batizado em 26 de março de 1266. Embora não haja registros do ano de seu nascimento, diversos dados levam a concluir que ele nasceu em 1265. Do mesmo modo, não há registros do dia do seu nascimento, mas, como o poeta mesmo declara em “Paraíso” XXVII, v. 112-117, o sol se encontrava em Gêmeos quando ele nasceu, o que indica que ele teria nascido no final de maio ou nas primeiras semanas de junho.

Poucos são os dados biográficos a respeito de Dante, sobretudo com relação à sua infância e adolescência. Segundo a *Vita nuova*, quando tinha nove anos Dante encontrou pela primeira vez Beatriz, evento que marcou profundamente a sua vida. Embora não se saiba ao certo quanto da história seja idealização literária, sabe-se que Beatriz realmente existiu: trata-se provavelmente de Beatrice Portinari, casada em 1287 com Simone de’ Bardi, morta muito jovem, em 1290. Em 1285, Dante se casou com Gemma di Manetto Donati, que pertencia a um ramo menor da importante família Donati, à qual pertencia um grande amigo de Dante, Forese Donati. Do casamento nasceram pelo menos três filhos.

Nos anos entre as décadas de 1280 e 1290, é provável que Dante tenha estudado em escolas laicas florentinas, frequentando o meio intelectual e artístico da cidade. Pertencem a esse período as suas primeiras composições poéticas, que consistem em sonetos. Além disso, ele estudava provençal e francês, bem como a cultura e a literatura nessas línguas, as quais teriam tido certa influência em suas

primeiras composições. Segundo o *Convívio*, após a morte de Beatriz, Dante, tomado por grande perturbação, teria se dedicado à leitura de obras filosóficas. Deve-se a esse momento o nascimento do amor de Dante pela filosofia, como diz um discutido trecho do *Convívio* (XII, 5-7). Na última década do século, Dante passou a manifestar interesse pelos eventos em Florença e pela atividade pública, entrando na conturbada cena política da cidade. Com a derrota dos gibelinos, restaram em Florença os partidários da Parte Guelfa. Esta, contudo, veio a se dividir entre os chamados "guelfos brancos" e os chamados "guelfos negros", que, em constantes confrontos, criaram uma situação de extrema tensão na cidade, intensificada por interferências externas, como as intervenções do papa Bonifácio VIII.

Dante, embora mantivesse um comportamento moderado, tendia à parte branca. Em 1300, o papa Bonifácio VIII enviou a Florença como embaixador o cardeal Matteo d'Acquasparta, sob o pretexto de tratar a paz entre as partes. Todavia, o embaixador havia sido enviado secretamente para favorecer os negros. Em junho do mesmo ano, Dante foi eleito, com mais cinco, prior da cidade, cargo de relevo, para o bimestre de 15 de junho a 14 de agosto de 1300. Depois de realizar diversas atividades públicas, Dante foi escolhido, em outubro de 1301, como chefe de uma embaixada de Florença ao papa, que havia atribuído a Carlos de Valois, irmão do rei da França Felipe IV, o Belo, a empresa de estabelecer a paz na Toscana. Os fatos, contudo, mostram a verdadeira intenção do papa: no início de novembro, Carlos de Valois entrou em Florença e deu plena liberdade às ações dos guelfos negros, que por seis dias realizaram atos de grande violência na cidade. Após esses atos, os negros deram início às suas vinganças contra os adversários políticos, sancionando inúmeras condenações, uma delas referente a Dante. Ele foi convidado a se defender contra as acusações, mas, não tendo comparecido, foi condenado a pagar determinada quantia de florins, ficar dois anos em exílio, abstendo-se, por esse tempo, dos cargos públicos. A acusação, baseada na "fama pública", era de lucros ilícitos e extorsão de

dinheiro, oposição por dinheiro ao papa, perturbação do estado pacífico da cidade e conspirações. Dante não se apresentou para pagar, vindo a ser condenado, em março de 1302, ao exílio, sob pena de morte caso voltasse a Florença. Tem início assim o doloroso período do exílio, que se prolongou pelo resto da vida do poeta e que teve tantas repercussões em sua obra.

Como dito anteriormente, Dante fez suas primeiras tentativas literárias quando era ainda muito jovem, como ele mesmo afirma em *Vita nuova,* III, 9. Segundo esse mesmo trecho, o poeta, depois do seu segundo encontro com Beatriz, quando tinha dezoito anos, teria escrito o soneto *A ciascun'alma presa e gentil core* (*Rime* I) e o teria enviado a diversos literatos da época, para receber um parecer da parte deles. Entretanto, é muito difícil acompanhar a composição dos diversos textos líricos (sonetos, canções, baladas etc.) que vieram a constituir o conjunto hoje chamado *Rime* de Dante. Esses textos foram escritos ao longo de muitos anos, embora a maioria deles seja anterior ao exílio.

No período das primeiras composições líricas de Dante, a *Vita nuova* corresponde a um momento importante, pois foi a sua primeira tentativa de realizar uma obra maior e mais complexa. A data de composição do livro não é certa, mas se insere no período entre o final de 1292 e 1294. O livro é a história ideal do amor de Dante por Beatriz, sendo constituído por 31 textos poéticos líricos e uma prosa narrativa e de comentário aos textos líricos. Trata-se, portanto, de uma obra constituída por versos e prosa. O final do livro fala da contemplação mística de Beatriz, já morta, na glória celeste, em uma transfiguração ideal e em uma sublimação do amor, força capaz de elevar o homem a Deus; e, na conclusão, o poeta declara o propósito de não falar mais de Beatriz, até conquistar plenamente a capacidade de falar dignamente dela e dizer sobre ela "o que jamais foi dito sobre outra" (*Vita nuova,* XLII, 2, tradução minha).

Tornando às *Rime*, deve-se dar relevo a um fato decisivo para a produção poética de Dante. Como dito anteriormente, o nome *Rime*

reúne um grupo de composições escritas ao longo de vários anos. Deve-se acrescentar que se trata de um conjunto de composições visivelmente heterogêneo, o que se deve, claro, ao longo período temporal no qual as poesias foram compostas — mas não a apenas isso. Na verdade, mais importante do que o arco temporal é uma característica inerente à poética de Dante: trata-se de uma poética receptiva a diversas influências. As primeiras poesias de Dante foram certamente influenciadas pela poesia provençal, por uma vertente da poesia de Guittone d'Arezzo (não obstante Dante o critique em mais de um momento em seus escritos) e pela chamada "escola siciliana", constituída pelos primeiros poetas que, no âmbito da poesia vernácula italiana, codificaram a lírica amorosa sob uma poética comum. Mas logo Dante veio a receber as influências dos poetas Guido Guinizzelli e Guido Cavalcanti; desse influxo derivou o chamado "dolce stil novo", do qual o próprio Dante fala em "Purgatório", XXIV, 57. Com o nome de "dolce stil novo" se designa uma tendência poética, entre os séculos XIII e XIV, que via em Guido Guinizzelli o seu predecessor e que tratava do amor, sobretudo em sua essência e em seus efeitos sobre o amante.

Após a morte de Beatriz, Dante se entrega a reflexões que o levam a novos interesses, que o fazem avaliar a sua experiência da juventude (amorosa e literária) sob uma nova perspectiva. A *Vita nuova* é justamente o momento em que Dante recupera aquelas experiências precedentes, vistas sob uma nova escala de valores e de ideais. Depois da *Vita nuova*, a produção lírica de Dante segue novos caminhos, tornando mais complexo o heterogêneo quadro das *Rime* acima caracterizado. Embora seja difícil reconhecer o percurso cronológico das *Rime* de Dante e seja necessário reconhecer a contemporaneidade de diferentes faces que a produção lírica de Dante assume, pode-se dizer que depois da *Vita nuova* a produção de Dante se caracterizou por um abandono dos modos amorosos anteriores; salvo algumas exceções, o tema amoroso foi substituído pelo tema filosófico e moral (é necessário notar, contudo, que a filosofia é tomada, por Dante,

como “amor pela sabedoria”).

Essas novas composições líricas são resultado de experimentações poéticas, seja no plano técnico e formal, seja no plano linguístico e estilístico, que acompanham a nova matéria tratada pelo poeta. Entretanto, o experimentalismo de Dante parece chegar ao seu extremo (até mesmo no plano métrico) nas quatro poesias chamadas “petrose”, compostas a partir de 1296: nelas, fala-se do amor difícil por uma mulher “dura como a pedra”, chamada simbolicamente Pietra (“pedra”). A fonte principal dessas composições é reconhecidamente o poeta provençal Arnaut Daniel, conhecido por seu tecnicismo e seu modo poético obscuro. Essas quatro composições, que podem ser consideradas uma verdadeira novidade na poesia lírica em italiano, são caracterizadas por um estilo duro, por perífrases obscuras, rimas e outros termos de som áspero, léxico enérgico e forte concretude, que acompanham a dureza da matéria tratada. Muitos discutem sobre a identidade da “donna Pietra”. Diversas são as possibilidades: pode se tratar de uma mulher real, chamada Pietra ou não; pode se tratar de um símbolo (ao qual foram dados os mais diversos significados) ou pode se tratar de uma projeção ideal, pretexto para tratar da dificuldade do amor não correspondido e para a realização de novas experimentações poéticas. Essas composições têm grande interesse, constituindo uma das matrizes da poesia de Dante na *Divina Comédia*.

Desses mesmos anos é também a troca de sonetos entre Dante e seu amigo Forese Donati, que ele encontrará no canto XXIII do “Purgatório” (verso 42). Essa espécie de correspondência em sonetos (chamada *tenzone*) segue um modelo muito em voga na época: nela, os amigos trocam calúnias e acusações difamantes, em tom satírico; e também essa experiência terá sua importância na composição de *A Divina Comédia* (mais precisamente na discussão entre Mestre Adão e Sínon, em “Inferno”, XXX, a partir do verso 106). Tais experiências não significam, contudo, um abandono em relação à poesia amorosa e aos modos do “stil novo”, os quais são por vezes retomados em algumas composições de Dante, mesmo depois do seu exílio.

Nos primeiros anos do exílio (provavelmente em 1303-1304), Dante deu início a um novo projeto, a composição do *Convívio*. A obra, escrita em italiano, foi concebida como uma suma do saber, constituída por quinze tratados: um introdutório e outros quatorze, que comentam, cada um, uma canção de Dante. A obra, contudo, permaneceu inacabada após a composição do quarto tratado. É difícil estabelecer além de hipóteses quais teriam sido as canções dos outros tratados da obra. O que se pode afirmar é que, naquilo que foi escrito por Dante, as três canções comentadas são composições líricas de teor alegórico-doutrinal e manifestam o interesse do poeta pela filosofia.

Entre os anos de 1303 e 1305 (contemporaneamente com o projeto do *Convívio*, portanto), Dante se dedica também ao chamado *De vulgari eloquentia*, tratado em latim que fala de questões relacionadas à língua vulgar e à nova literatura escrita nessa língua. O objeto da obra, que também permaneceu inacabada, é a "eloquência" (entendida como "arte do dizer"), nas línguas vulgares[1] derivadas do latim — mas, mais especificamente, no âmbito italiano —, de modo a determinar certas regras para os bons poetas que devem escrever em língua vulgar segundo o exemplo dos grandes poetas antigos, que escreveram em latim com pleno domínio da língua e das técnicas compositivas. *De vulgari eloquentia* nasce de uma ideia admirável: afirmar e nobilizar a literatura escrita na língua vulgar não era algo banal em uma época em que a escrita "séria" era relegada ao latim, enquanto a escrita em vulgar, mesmo poética, era realizada sem regras estabelecidas e era destinada, salvo nobres exceções, a permanecer aquém do estatuto literário do qual gozavam as composições em latim. A ideia de Dante está na origem da poesia (e, por extensão, da literatura) escrita em língua moderna, tal qual se realizou ao longo dos séculos e tal qual a conhecemos hoje.

Dante, contudo, não concluiu o seu tratado, que se interrompe no meio de uma frase do segundo livro. Mas isso não significa, de modo algum, que ele tenha deixado de acreditar naquela ideia fundamental: de fato, o que é *A Divina Comédia*, poema escrito em vulgar italiano,

senão uma elevação ao extremo daquela vontade de afirmar e nobilizar a poesia em língua vulgar? E tão incompreensível ainda era aquela ideia que, não obstante tenha dado ao vulgar italiano uma força e elasticidade nunca antes vistas, Dante foi criticado por grandes literatos da época por não ter escolhido o latim para o seu poema.

Mais difícil é estabelecer a cronologia para outra obra de Dante, a *Monarchia*, tratado político escrito em latim. Diversas hipóteses são apresentadas para a datação, as quais variam no arco que vai de 1307-1308 a 1321. Embora o tratado ofereça ainda certas dificuldades de interpretação, é possível compreender com clareza a sua ideia principal: com base sobretudo em argumentos filosóficos (mas também históricos e jurídicos), o tratado afirma a necessidade de uma monarquia temporal e universal, que deve ser independente da Igreja. Essa monarquia é reconhecida no Império, único capaz de estabelecer a paz universal na justiça. As características que Dante confere à monarquia universal são as mesmas que ele reconhece no Império Romano, sob o reinado perfeito de Augusto: nesse período, o gênero humano vivia em uma tranquilidade universal, momento propício para que o Verbo divino se encarnasse e revelasse a verdade aos homens. O poder temporal e o poder religioso, ambos derivados diretamente de Deus e de suas intenções para o homem, guiam o homem aos seus dois fins supremos: a beatitude terrena (poder temporal, pelos ensinamentos da filosofia) e a beatitude eterna (poder religioso, pela doutrina revelada). E, embora ambos os poderes tenham de se respeitar mutuamente, eles são independentes, porque derivados diretamente de Deus. Essas são ideias que serão afirmadas também em *A Divina Comédia*, constituindo um dos motivos principais de determinados momentos do poema.

Além dessas obras, há outros escritos atribuídos a Dante com diferentes graus de certeza. Uma das questões mais debatidas diz respeito ao *Fiore* e ao *Detto d'Amore*, duas paráfrases em toscano do *Roman de la Rose*, de Guillaume de Lorris e Jean de Meun. A atribuição a Dante dessas duas obras, que teriam sido escritas em sua

juventude, é vivamente discutida pelos estudiosos. Além disso, há a constituição do *corpus* das cartas de Dante, o qual também é difícil de estabelecer com certeza: hoje, esse *corpus* é constituído por treze epístolas escritas em latim entre 1304 e 1316-1317 ou 1320, mas ainda restam dúvidas sobre a atribuição de cada uma delas a Dante. Muito duvidosa é a atribuição de um breve tratado em latim, tradicionalmente chamado *Questio de aqua et terra*, que, dedicando-se à filosofia natural, transcreve os argumentos de um debate que teria acontecido em Verona em 20 de janeiro de 1320.

Despertam menos dúvidas a respeito da paternidade dantesca as duas *Éclogas* escritas em latim, que constituem uma correspondência poética com Giovanni del Virgilio. A correspondência tem início com uma composição de Giovanni, escrita provavelmente entre 1319 e agosto de 1320: nela Giovanni, tendo apreciado o "Inferno" e o "Purgatório", lamenta, contudo, o fato de que eles não tenham sido escritos em latim, tendo sido abandonados ao vulgo; desse modo, ele sugere que Dante escreva em latim, de modo a aumentar a sua fama entre os doutos. Dante responde com uma écloga pastoril, baseada na primeira écloga de Virgílio; Giovanni, por sua vez, responde com uma écloga baseada na segunda écloga de Virgílio; a resposta de Dante se realiza em uma nova écloga, baseada na sétima écloga de Virgílio. As duas *Éclogas* de Dante, embora menores diante de sua obra, são muito relevantes: elas falam de importantes conceitos, como a matéria, a forma e a língua da poesia; mas, principalmente, elas mostram a consciência de Dante a respeito do valor de sua maior obra, com a afirmação do mérito de uma grande obra escrita em vulgar.

Chega-se assim à *Divina Comédia*, que teria absorvido grande parte da dedicação de Dante, se é verdade que a composição de obras como o *Convívio* e o *De vulgari eloquentia* teria sido interrompida por causa dela. Pode-se dizer que a carreira de Dante como escritor, embora caracterizada por diferentes experimentos, é dotada de grande consistência. Cada uma de suas obras (ao menos daquelas que são com toda certeza de Dante) será retomada, de modo implícito ou

explícito, em *A Divina Comédia*, na qual o poeta, de certo modo, reconhece a sua carreira de escritor como o itinerário de sua vida, retomando diversos elementos de suas obras e não vendo problema em contradizer abertamente uma opinião anteriormente afirmada.

A DIVINA COMÉDIA

Como para outras obras de Dante, é difícil estabelecer as datas de composição de *A Divina Comédia*. Segundo uma das cronologias mais defendidas hoje, em 1304-1308 teria ocorrido a composição do "Inferno"; em 1308-1312, a do "Purgatório"; em 1316-1321, a do "Paraíso"; a pausa de 1313-1315 teria sido para revisar os dois primeiros cânticos.[2] Segundo outros, a composição do poema teria iniciado por volta dos anos 1306-1307 e, segundo outros ainda, Dante teria começado a compor o poema antes do seu exílio.

1. Título da obra

A Divina Comédia impõe diversos desafios aos leitores, que vão muito além do problema de sua datação. O primeiro deles se encontra já no título do poema, e aqui é preciso dizer que, originalmente, o poema se chama não *Divina Comédia*, mas simplesmente *Comédia*, o que pode despertar não poucas perplexidades. O adjetivo *Divina* foi acrescentado em uma edição veneziana de 1555, que retoma uma afirmação de Boccaccio, no seu *Tratattello in laude di Dante* (onde, contudo, Boccaccio parece se referir especificamente ao "Paraíso"). E tão adequado pareceu o adjetivo acrescentado que o título do poema se estabilizou gradualmente tal como o conhecemos hoje. Como observou bem uma recente comentadora do poema: "se *Comédia* é […] o título dado pelo autor, e como tal é o único filologicamente correto, *A Divina Comédia* é o título dado pelo leitor, e historicamente constituído, e portanto legitimamente ainda usado para designar o poema dantesco".[3] Chamar "divina" a "comédia" de Dante é, ao menos, um modo de prestar uma homenagem não só à matéria cantada

no poema (que não é sempre divina), mas à própria alteza do poema como um todo.

Entretanto, como dito anteriormente, o título original do poema gerou não poucas perplexidades (e não só para os leitores modernos). Em dois lugares do "Inferno", o poeta chama a sua composição "comédia".[4] Muitas são as dúvidas que envolvem tal designação. Em primeiro lugar, existe a incerteza de que o termo "comédia" possa ser atribuído a todo o poema: o poeta usa a designação "comédia" apenas no "Inferno", e, com isso, surge a dúvida de que o termo tenha sido empregado com sentido específico ao "Inferno". Além disso, esses dois lugares do "Inferno" correspondem a duas situações "cômicas" e pode ser que o termo seja ainda mais específico, referindo-se às situações particulares em que se encontra. Mas, caso Dante se refira ao seu poema inteiro com o termo "comédia", surgem novas questões: que sentido Dante quis atribuir a "comédia" e por que ele escolheu precisamente esse termo?

A questão é complexa, e ainda discutida pelos estudiosos. Uma das soluções é recorrer à chamada "doutrina dos estilos" medieval e, sobretudo, ao momento em que Dante, em *De vulgari eloquentia* (II, 4-6) indica brevemente a distinção entre os estilos "trágico", "cômico" e "elegíaco": trágico seria o estilo superior, escrito em língua ilustre; cômico seria um estilo inferior ao trágico, composto em língua mediana e humilde; elegíaco seria o estilo mais baixo, composto apenas em língua humilde. Entretanto, um agravante é o fato de Dante ter destinado ao quarto livro do tratado uma análise mais detalhada do estilo cômico, mas ter interrompido a obra no segundo tratado, não permitindo uma ideia mais clara do sentido e das características que ele atribuía ao estilo cômico. Com as indicações presentes em *De vulgari*, muitos estudiosos consideraram legítimo concluir que o título *Comédia* teria sido escolhido pela necessidade inicial de uma liberdade estilística, com alternância entre situações baixas e elevadas. Desse modo, a "comédia", diferentemente da sublimidade própria da tragédia, teria sido escolhida pela necessidade de incluir no poema

diversos tipos de situações, de estilos e de registros — o que é um traço fundamental do poema de Dante.[5] Entretanto, a questão é mais complexa e pode envolver muitas outras motivações: a escolha por "comédia" pode ser sinal de modéstia diante da *Eneida* de Virgílio (considerada "tragédia" por seu estilo sublime); pode se dever ao fato de o poema ter sido escrito em vulgar e não em latim, à sua forma métrica, à presença de muitos personagens cotidianos (diferentes dos heróis da tragédia), ao fato de o poema ter um final feliz, à presença de elementos satíricos no poema ou de registros baixos e até mesmo grosseiros.

2. Estrutura da obra

Dante, ao compor *A Divina Comédia*, criou um universo — constituído também por elementos tradicionais, mas, de qualquer modo, único —, definido de modo concreto, com profusão de detalhes de diversas naturezas. A ação do poema se desenrola com precisas colocações espaciais e temporais, e o narrador manifesta uma constante preocupação em tornar concretas e realistas as diferentes fases de sua viagem. Isso é um elemento que não deixa de admirar os leitores: a história narrada, a princípio fantástica, deixa de ser uma visão e passa a ser uma ação com contornos precisos, enquadrada no tempo e no espaço. O espaço e o tempo são duas preocupações constantes do narrador — o que não deixa de admirar, em uma ação que se passa em parte nos reinos da eternidade (Inferno e Paraíso) — e essas preocupações se manifestam em complexas indicações espaciais e temporais que permeiam o poema. Além disso, o universo de *A Divina Comédia* engloba, em igualdade, personagens da história, da mitologia, da literatura medieval, da *Bíblia*, da tradição cristã e da contemporaneidade de Dante — outro aspecto fundamental do poema, que o torna único. Para dar vida a tal conjunto, o mundo de *A Divina Comédia* é dotado de uma arquitetura precisa.

Em correspondência com essa arquitetura está a própria estrutura do poema. *A Divina Comédia* é constituída por três cânticos: "O

Inferno”, O “Purgatório”, “O Paraíso”. Cada cântico tem 33 cantos; além disso, há um canto inicial que funciona como prólogo ao poema como um todo. Com isso, o “Inferno” é constituído, na verdade, por 34 cantos e se somam 100 cantos ao todo. Todos esses números (três, trinta e três, cem e outros que se revelam ao longo do poema) são carregados de sentidos simbólicos, associados sobretudo à divindade cristã, que é una e trina. O número de versos em cada canto não é constante, mas a variação não é muito grande (tem 115 versos o canto mais breve do poema e 160 versos o canto mais longo). O verso empregado por Dante é o chamado *endecasillabo* (hendecassílabo), metricamente equivalente ao decassílabo português.

Muito peculiar é a forma métrica escolhida para o poema. Seu esquema de rimas segue a seguinte disposição: ABA BCB CDC DED… YZY Z. Em tal esquema, cada rima ocorre três vezes, com exceção da primeira e da última, que ocorrem duas vezes (representadas no esquema respectivamente pelas letras A e Z). A sequência de versos assim dispostos é constituída por várias estruturas chamadas “tercinas” (*terzina*), uma espécie de estrofe de três versos em que os versos externos rimam entre si e o verso interno introduz a rima da tercina seguinte. Por exemplo, na tercina ABA, o primeiro e o terceiro versos rimam entre si (o que se indica pela letra A); já o segundo verso introduz uma nova terminação (indicada por B), que terá rima nos versos externos da nova tercina (BCB). Em um contexto em que absolutamente todos os versos têm de ser rimados, o verso central da tercina exige sempre uma continuidade, de modo a ser preenchido pela rima. Com isso, cria-se um movimento ininterrupto: cada tercina exige uma nova tercina, constituindo uma progressão que se pressupõe infinita. Essa progressão continua indefinidamente até que o poeta acrescente não uma tercina, mas apenas o primeiro verso do que seria uma nova tercina, de modo a concluir a sequência. Por exemplo, dada a tercina YZY, o poeta, para fornecer rimas a todos os versos e para concluir a sequência, não acrescenta uma nova tercina (pois, se assim fizesse, o segundo verso da nova tercina permaneceria

sem rima), mas acrescenta apenas o primeiro verso do que seria uma nova tercina. Desse modo, a sequência se conclui com a tercina acompanhada pelo verso isolado: YZY Z. Ao que tudo indica, esse esquema de rimas (chamado *terza rima* ou *terzina incatenata*) foi inventado pelo próprio Dante. Sua primeira atestação é em *A Divina Comédia*, e é por isso que esse esquema de rimas também é chamado *terzina dantesca*.

Como se percebe, a estrutura do poema segue uma organização muito rigorosa. Isso também pode ser dito a respeito da arquitetura dos três reinos do poema. As notas ao texto falarão com detalhes a respeito dessa arquitetura. Aqui basta acenar a algumas noções fundamentais. A cosmologia do poema segue o esquema aristotélico-ptolemaico (permeado por noções cristãs): a terra se encontra fixa no centro do universo; em torno dela giram nove esferas concêntricas. Dessas nove esferas, sete são aquelas dos planetas (tais eram considerados o Sol e a Lua), que em ordem crescente são: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. A oitava esfera é a das Estrelas Fixas; a nona é a chamada Cristalino ou Primeiro Móbile, porque gira com grande velocidade, transmitindo o seu movimento às esferas inferiores — é no Primeiro Móbile que tem origem o tempo, portanto. Para além dessas nove esferas está o Empíreo, céu de luz, fora do tempo e do espaço, sede de Deus e dos beatos. Na terra, o hemisfério boreal é aquele habitado pelos homens; no hemisfério austral há apenas águas. No centro do hemisfério boreal se encontra Jerusalém. Sob Jerusalém se encontra o Inferno, imenso abismo em forma de funil, que se prolonga sob a crosta terrestre até o centro da terra (lugar mais distante de Deus no universo). No hemisfério austral, encontra-se a imensa montanha do Purgatório, antípoda exato de Jerusalém. Tão alta é essa montanha que o seu cimo se encontra além da zona sujeita às perturbações meteorológicas. Nesse lugar está o paraíso terrestre (o jardim do Éden do *Gênesis*).

Igualmente rigorosa é a organização moral dos reinos do poema, a qual está em estreita relação com a sua organização física. O Inferno,

como explica Virgílio no canto XI, segue um esquema de classificação dos pecados baseado na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles (livro VII), com algumas exceções. O grande abismo infernal é cortado horizontalmente por nove círculos, que se tornam gradualmente mais estreitos. Antes do Inferno propriamente dito, há um vestíbulo, destinado àqueles que são normalmente chamados "ignavos", que não conseguiram escolher entre o bem e o mal. Despois do vestíbulo, tem início o Inferno, em cujos nove círculos são distribuídos os pecadores, em ordem crescente de gravidade do pecado. No primeiro círculo se encontra o limbo, lugar destinado àqueles que foram justos e não tiveram culpas (como os personagens da antiguidade pagã, entre os quais o próprio Virgílio), mas que não podem entrar no Paraíso porque não conheceram a fé. Nesse círculo, não existe uma pena efetiva, mas as almas sofrem porque sabem que estão eternamente excluídas da visão de Deus, que é o fim supremo da vida humana. A ideia do limbo, naturalmente, foge à classificação aristotélica.

Depois do limbo, encontram-se os que pecaram por incontinência: luxuriosos no segundo, gulosos no terceiro, avaros e pródigos no quarto, iracundos e preguiçosos no quinto. No sexto círculo se encontram os heresiarcas, outro grupo que foge à classificação de Aristóteles. O sétimo círculo é destinado àqueles que pecaram por violência, divididos em violentos contra o próximo, violentos contra si e violentos contra Deus. O oitavo e nono círculos são destinados àqueles que pecaram por malícia. No oitavo estão os fraudulentos que agiram contra pessoas que não tinham particulares motivos para confiar neles; esse círculo é dividido em dez compartimentos, segundo a natureza da fraude cometida. Já no último círculo se encontram os traidores, que agiram com fraude contra aqueles que confiavam neles; esse círculo é dividido em quatro partes, segundo a natureza da traição cometida.

Sete terraços circulares cortam a costa do monte do Purgatório, que se organiza segundo as disposições ao pecado. Essa organização se divide em três grupos: o amor pelo mal; o amor insuficiente pelo

bem; o amor excessivo pelos bens terrenos. Antes do Purgatório efetivo, há o "antipurgatório", onde estão as almas daqueles que se arrependeram apenas no final da vida e dos governantes que colocaram suas preocupações terrenas antes das preocupações com as coisas divinas. Nos três primeiros terraços do Purgatório estão aqueles que voltaram ao mal o seu amor: soberbos, invejosos e iracundos; no quarto estão aqueles que amaram com pouco vigor o bem, os preguiçosos; nos três últimos estão aqueles que amaram em excesso os bens terrenos: avaros e pródigos, gulosos, luxuriosos. Ao contrário do que acontece no Inferno, no purgatório as más inclinações estão dispostas em ordem decrescente de gravidade. No alto da montanha está o paraíso terrestre, onde as almas se purificam, tornando-se dignas de subir ao Paraíso. No Inferno e no purgatório, o castigo e a pena das almas segue a chamada lei do "contrapasso", segundo a qual a punição é de qualidade correspondente à culpa.

No Paraíso, todas as almas estão no Empíreo, gozando da visão de Deus, dispostas segundo os seus diferentes graus de beatitude. Entretanto, por especial concessão divina, essas almas vão ao encontro de Dante nos diferentes céus, de modo a mostrar a ele a organização dos beatos. Na concepção astrológica do tempo, as esferas celestes determinam as inclinações dos homens, o que, contudo, não impede no homem o exercício do seu livre-arbítrio. Desse modo, as almas se apresentam na esfera celeste responsável pelas suas inclinações em vida. No céu da Lua estão aqueles que faltaram aos votos monásticos por causa de alguma violência externa; no céu de Mercúrio estão aqueles que fizeram o bem, mas movidos sobretudo pelo desejo de glória; no céu de Vênus estão aqueles que foram dispostos ao amor; no céu do Sol estão os sábios; no céu de Marte estão aqueles que combateram pela fé; no céu de Júpiter estão os espíritos justos; no céu de Saturno estão os espíritos contemplativos. No céu das Estrelas Fixas, Dante assiste ao triunfo de Cristo e ao triunfo de Maria; no Primeiro Móbile, ele assiste ao triunfo dos anjos. Finalmente, no Empíreo Dante vê os beatos em sua real

colocação, dispostos na figura de uma grande rosa, e os anjos; em seguida, ele tem finalmente a visão de Deus.

3. Entre sentido literal e sentido alegórico

É nesse mundo que Dante, guiado primeiro por Virgílio e depois por Beatriz (e por último por São Bernardo), realiza a sua viagem, encontrando diferentes personagens da história, da mitologia, da literatura e enfim da contemporaneidade. É sobretudo graças ao poema dantesco que muitos desses personagens permanecem vivos em nossa memória; e é muitas vezes graças apenas ao poema dantesco que podemos conhecê-los, na falta de outros documentos que falem deles.

Nesse mundo de Dante existe um elemento fundamental, que talvez muitas vezes escape ao leitor moderno, ou muitas vezes negligenciado por ele: a alegoria. Como diz Enrico Malato, um importante estudioso de Dante, “a alegoria corresponde a um comportamento cultural típico da Idade Média, a uma visão enigmática e problemática da realidade, que tende a extrair significados ocultos em todas as manifestações da criação, a atribuir valores simbólicos às coisas e às palavras, das quais se deve também com esforço indagar e nem sempre é possível descobrir o sentido profundo”.[6] Ainda como afirma Enrico Malato, pode-se dizer que “a alegoria compreende […] e exprime todos os valores do discurso poético da *Comédia*, além daquele literal, bem como todas as possíveis formas de expressão figurada, e em todas as possíveis gradações de transparência e de obscuridade”.[7] Desse modo, por trás do sentido literal da narração do poema (isto é, a viagem realizada por Dante), existe um sentido alegórico geral (a alma humana que, pelo arrependimento, passa por um processo de conversão, da culpa à salvação). Mas, além disso, esse sentido alegórico geral é perpassado por diversos elementos particulares de sentido alegórico mais pronunciado, que podem ser mais ou menos obscuros para o leitor (e, de fato, muitos pontos especificamente alegóricos do poema são ainda

um enigma para os críticos e estudiosos, não obstante as várias tentativas de explicação oferecidas).

Desse modo, o segmento alegórico do poema não deve ser negligenciado, não obstante ele muitas vezes oferecer algumas dificuldades interpretativas. Mas é preciso ter em mente também que a alegoria não pode se sobrepor ao sentido literal do poema. *A Divina Comédia* não deixa de ser um poema que fala do mundo e, mais do que isso, das diferentes experiências (boas e más) do homem nesse mundo. O sentido literal, a viagem com seus diferentes encontros, com as diferentes histórias narradas, continua sendo o primeiro sentido do poema. O mais acertado é considerar que o sentido alegórico está intimamente ligado ao sentido literal, e, na maior parte das vezes, ambos os planos se confundem.[8] Entretanto, sinal da importância do sentido literal do poema é a atenção que o próprio Dante dá a ele, como se vê pelos seus constantes esforços para dar profundidade e concretude à história narrada: o poema dá relevo a certos particulares que conferem realismo a uma história fantástica e que elevam a narração para além do plano estritamente alegórico. Por exemplo, é praticamente consenso que Virgílio, personagem que guia Dante do Inferno ao Purgatório, represente a razão, que tira o homem do mal e o conduz ao bem, mas que não pode, sozinha, conduzi-lo à beatitude (motivo pelo qual é Beatriz que guia Dante no Paraíso). Entretanto, Virgílio é uma figura histórica, e um personagem delineado com diversas nuances. Em sua primeira aparição no poema, ele se apresenta como homem histórico, que nasceu e viveu em um lugar e em um período preciso, e exerceu a atividade de poeta (exemplificada pela sua maior obra, a *Eneida*):

> Pais lombardos eu tive; sempre amada
> Mântua lhes foi; haviam lá nascido.
> “Nasci de Júlio em era retardada,
> Vivi em Roma sob o bom Augusto,
> Quando em deuses havia a crença errada.

“Poeta, decantei feitos do justo
Filho de Anquises, que de Troia veio,
Depois que Ílio soberbo foi combusto. (“Inferno”, I, 68-75)

E, ao longo do poema, diversas situações ressaltam diferentes nuances na personalidade de Virgílio, que vem a ser um dos personagens mais complexos do poema.

4. A história narrada

A Divina Comédia inicia quando o protagonista, em um determinado momento (no ano de 1300) toma consciência do fato de ter se perdido na selva do pecado. Ao tentar sair da selva e retomar a estrada da salvação, três feras (uma pantera, um leão e uma loba) impedem o seu caminho: muito provavelmente essas feras significam as más inclinações que impedem que o homem prossiga no caminho do bem; mais especificamente, é provável que essas feras representem, respectivamente, a luxúria, a soberba e a avareza (entendida sobretudo como apego aos bens terrenos). A loba é aquela que representa o maior perigo para o protagonista, que cairia de novo na perdição, se não avistasse um novo personagem na cena: trata-se de Virgílio, que nessa primeira cena do poema representa a razão que retoma a sua função de guia do homem na estrada do bem. Virgílio propõe a Dante um outro caminho para a salvação e profetiza a chegada de um “lebréu” que libertará o mundo da loba. O “lebréu” representa um restaurador da paz e da ordem no mundo, em vez de identificá-lo com um personagem histórico preciso, importa reconhecer nessa profecia a primeira introdução do tema político e do motivo profético, que terão grande relevância na tessitura do poema.[9]

A outra estrada proposta por Virgílio é uma viagem através do mundo dos mortos. Dante aceita, mas duvida da possibilidade de empreender tal viagem. Ele recorda que os dois únicos homens que, vivos, visitaram o reino dos mortos foram Eneias e São Paulo, dois homens ilustres, representantes de dois mundos, o pagão e o cristão, e

das duas ordens que Deus quis como guias do homem, o Império e a Igreja: Eneias é o grande herói da *Eneida*, que fundou Roma, onde se estabeleceu depois o Império; São Paulo é o grande responsável pela difusão da fé cristã. Dante, colocando-se como sucessor de tais personagens, teme não poder realizar tão importante empresa. Mas Virgílio o tranquiliza: a viagem de Dante é uma graça concedida pelo céu. A Virgem Maria, tendo visto o estado de perdição de Dante, pediu que Santa Luzia (da qual Dante era devoto) recorresse a Beatriz; esta, por sua vez, desceu ao limbo para pedir que Virgílio salvasse Dante. Desse modo, Dante pode iniciar a sua viagem com a segurança de ser assistido pelo céu.

Dante e Virgílio entram no Inferno e atravessam o vestíbulo, onde se encontram os ignavos, chegando às margens do Aqueronte, primeiro rio infernal. Dante desmaia e acorda do outro lado do rio, sem saber e sem explicar como ocorreu a travessia, que se torna um fato sobrenatural (significado talvez da misteriosa ação da graça divina, que socorre o homem). Os personagens entram, assim, no primeiro círculo, o limbo, destinado, como dito anteriormente, àqueles que não tiveram culpas, mas não conheceram a fé. No limbo há um castelo, onde se encontram os espíritos magnânimos (poetas, filósofos e outros personagens da antiguidade). Lá, os poetas Homero, Horácio, Ovídio e Lucano recebem Virgílio com honra e acolhem também Dante. No segundo círculo, Dante encontra os luxuriosos; no terceiro, os gulosos; no quarto, os avaros e pródigos; no quinto, os iracundos, imersos na lama do segundo rio infernal, o Estige. Nesse círculo há também alguns personagens que suspiram no fundo do rio; não se sabe ao certo de qual pecado eles são culpados. Segundo alguns, esses são os preguiçosos.

Dante e Virgílio atravessam sobre uma barca o rio. Eles desembarcam na outra margem, diante dos muros da cidade de Dite, na qual precisam entrar para prosseguir a viagem. Impedidos por inúmeros diabos, pelas três fúrias e pela Medusa, eles conseguem entrar graças à intervenção de um mensageiro divino, chegando ao

sexto círculo, onde estão os heresiarcas. No sétimo círculo, reservado aos violentos, está o terceiro rio infernal, o Flegetonte. Na primeira parte estão os violentos contra o próximo (tiranos e homicidas); na segunda, estão os violentos contra si (suicidas e dissipadores dos próprios haveres); na terceira, estão os violentos contra Deus (blasfemadores, sodomitas e usurários). Entre os sodomitas, Dante encontra o seu antigo mestre, Brunetto Latini.

No oitavo círculo estão aqueles que pecaram por fraude, divididos em dez compartimentos: sedutores e rufiões; aduladores; simoníacos; adivinhos e magos; corruptos; hipócritas; ladrões; conselheiros fraudulentos, onde estão Ulisses e Diomedes; semeadores de discórdias, escândalos e cismas; falsificadores. O nono círculo, onde se encontra o Cocito, quarto rio infernal, é destinado aos traidores, divididos em traidores de parentes, da pátria, de amigos e de benfeitores. Lá Dante e Virgílio veem Lúcifer, que tem três rostos e em cada um mastiga um pecador: no rosto do meio mastiga Judas, traidor de Jesus; nos rostos laterais mastiga Bruto e Cássio, traidores de Júlio César. Dante e Virgílio descem pelo imenso corpo de Lúcifer e passam pelo centro da terra. A partir desse ponto, não se trata mais de descida, mas sim de subida. Seguindo um caminho subterrâneo, Dante e Virgílio finalmente saem do abismo infernal.

Tem início, então, a viagem pelo Purgatório. Na praia que circunda a montanha, Dante e Virgílio veem chegar uma barca cheia de almas, destinadas ao Purgatório. Entre essas almas, Dante encontra um amigo, o músico Casella. Antes de entrar no Purgatório, os poetas encontram ainda três outros grupos de almas, todos constituídos por pessoas que se arrependeram apenas no final da vida e que, por isso, têm de esperar para entrar no Purgatório e iniciar o seu processo de purificação. Eles encontram também os príncipes e governantes que negligenciaram as coisas divinas por causa de bens terrenos. Dante adormece e, quando acorda, está diante da entrada do Purgatório. Lá, o anjo porteiro inscreve na sua testa, com uma espada, a figura de sete PP: estes representam os sete pecados capitais e são gradualmente

apagados à medida que Dante realiza a sua subida pela montanha.

No primeiro círculo estão os soberbos, que veem insculpidos exemplos de humildade e exemplos de soberba punida; no segundo, os invejosos, que escutam exemplos de caridade e de inveja punida; no terceiro, os iracundos, que têm visões de mansuetude e de ira punida; no quarto, os preguiçosos, que gritam exemplos de solicitude e de preguiça punida; no quinto, os avaros e pródigos, que repetem exemplos de desapego dos bens terrenos e de avareza punida. Quando estão para deixar o quinto círculo, Dante e Virgílio sentem um terremoto e um canto de glória: como saberão adiante, o fenômeno indica que uma alma concluiu o seu processo de expiação e está pronta para se elevar ao céu. Trata-se da alma do poeta Estácio, que se une a Dante e Virgílio e os acompanha pelo restante do caminho. No sexto círculo estão os gulosos; lá uma voz grita exemplos de temperança e de gula punida. Dante encontra seu amigo Forese Donati e o poeta Bonagiunta Orbicciani, realizando uma célebre definição do chamado *dolce stil novo*. No sétimo círculo estão os luxuriosos, que repetem exemplos de castidade e de luxúria punida. Entre eles, Dante encontra os poetas Guido Guinizzelli e Arnaut Daniel. Um anjo convida Dante a atravessar o muro de fogo no qual os luxuriosos expiam seus pecados. Como se vê, os círculos do Purgatório seguem um esquema muito semelhante: em todos eles, os personagens devem se confrontar com exemplos do pecado punido e da virtude oposta a esse pecado.

Dante, Virgílio e Estácio sobem ao paraíso terrestre, onde Virgílio anuncia que se separará de Dante, pois Dante atingiu um estado em que não necessita mais dos ensinamentos de Virgílio: o paraíso terrestre, lugar da plena felicidade na terra, é o limite ao qual pode chegar a razão; para chegar à beatitude celeste, é necessária a iluminação da fé, simbolizada por Beatriz, que logo entrará em cena. Dante caminha pelo paraíso terrestre e vê uma misteriosa procissão, carregada de elementos simbólicos. Finalmente, ocorre o encontro com Beatriz, momento em que Virgílio desaparece. Beatriz reprova o

desvio de Dante do caminho da verdade; Dante se envergonha e se arrepende profundamente de seus erros. Segue-se a purificação de Dante nos rios do Purgatório, Letes e Eunoé; com isso, ele está pronto para se elevar ao céu.

No Paraíso, Dante e Beatriz se elevam até o céu da Lua, onde estão as almas daqueles que faltaram aos votos. Lá Dante encontra a amiga Piccarda Donati (irmã de Forese Donati). Em seguida, eles se elevam ao céu de Mercúrio, onde estão os espíritos que praticaram o bem, buscando sobretudo as honras terrenas. No céu de Vênus, estão aqueles que sofreram as influências do amor; no céu do Sol, estão os espíritos sapientes. Nesse céu, São Tomás faz o elogio de São Francisco, narrando a sua vida; do mesmo modo, São Boaventura faz o elogio de São Domingos. No céu de Mercúrio, Dante encontra os combatentes pela fé, entre os quais seu trisavô, Cacciaguida. No céu de Júpiter estão os espíritos justos; no céu de Saturno, os espíritos contemplativos. No céu das Estrelas Fixas, Dante vê o triunfo de Cristo e o triunfo de Maria; em seguida, ele é examinado por São Pedro a respeito da fé, por São Tiago a respeito da esperança e por São João a respeito da caridade. Surge então a alma de Adão, que responde a perguntas de Dante. No céu Cristalino, Dante tem uma primeira visão de Deus e dos coros angélicos. Finalmente, no Empíreo Dante tem uma sequência de visões e percebe que Beatriz não está mais ao seu lado, e sim São Bernardo, símbolo da contemplação. Esse é o último personagem que assume a função de guiar Dante. Sendo fiel devoto de Maria, São Bernardo pede a sua intercessão para que Dante possa ter a visão divina. Dante então obtém a graça de ver a essência divina, onde ele vê o vínculo que une tudo o que há no universo. Nessa visão, revelam-se os mistérios da Trindade e da Encarnação. Com isso, têm fim a visão de Dante e a sua viagem, que atingiu a sua meta suprema.

Como dito anteriormente, em tal narrativa se encerra um mundo; ao final da leitura, tem-se a impressão de que nada lhe é alheio. E é magistral a arte com que Dante constrói os seus personagens,

conferindo-lhes profundidade e conciliando neles elementos que aparentemente seriam contraditórios. Um dos mais interessantes efeitos da construção dantesca é o fato de esse mundo ultraterreno falar essencialmente do mundo do homem. De fato, como disse um dos maiores estudiosos de Dante, Erich Auerbach, Dante é "o poeta do mundo secular": ao falar do mundo dos mortos, ele está na realidade falando do mundo dos vivos — da experiência do homem no mundo, da história, do tempo. No canto XXVI do "Inferno", Ulisses revela o seu ardente desejo de "se tornar do mundo experto / dos vícios humanos e do valor"[10] (98-99). Ao final da leitura do poema, não se pode não pensar que foi o próprio Dante, quase imagem invertida de um de seus maiores personagens, que se tornou, com a sua viagem, experto dos vícios e das virtudes humanas, oferecendo o seu conhecimento aos leitores. E se é verdade que, setecentos anos depois, o mundo mudou, é verdade também que certas questões do poema permanecem atuais, e falam ainda ao leitor moderno. Esse é, como diz Enrico Malato, o milagre de *A Divina Comédia*.[11]

Sobre a tradução

Em 1888 foi publicado o "Inferno", traduzido por José Pedro Xavier Pinheiro; em 1907 foi publicada a reedição da tradução, com o acréscimo do "Purgatório" e do "Paraíso", até então inéditos. Trata-se de uma tradução primorosa, feita segundo o rigoroso esquema métrico imposto por Dante: Xavier Pinheiro traduz em decassílabos rimados no esquema da *terza rima* acima descrito. A tradução de Xavier Pinheiro é caracterizada por grande fidelidade ao texto de Dante — fidelidade por vezes prodigiosa, que encontra na língua portuguesa correspondentes exatos dos termos empregados no original, sem perder a fluidez poética que lhe é própria.

Critérios para a revisão e para as notas

Inúmeras dificuldades se impuseram no momento da revisão. O

primeiro problema diz respeito à própria edição italiana de *A Divina Comédia*. Não se conhece, para nenhuma obra dantesca, o manuscrito autógrafo de Dante. E *A Divina Comédia*, obra que teve uma larga e imediata difusão, é documentada em mais de oitocentos manuscritos, que apresentam inúmeras diferenças entre si. Isso determina a extrema complexidade no estabelecimento do texto de *A Divina Comédia*, o que se manifestou concretamente na feitura de diversas edições do poema ao longo do tempo. Embora outras edições já tenham sido publicadas desde então, a edição normalmente adotada como referência é a chamada *La Commedia secondo l'antica vulgata*, realizada pelo estudioso Giorgio Petrocchi e publicada em 1966-1967.

Naturalmente, não foi essa a edição de base para a tradução de Xavier Pinheiro. Mas, na impossibilidade de estabelecer com certeza a edição de base para a tradução, decidi adotar como referência a edição de Petrocchi. O maior motivo para isso foi: essa é a edição de referência para grande parte dos estudos e traduções atuais de *A Divina Comédia* e adotá-la também aqui como edição de referência pode auxiliar o leitor que, desejando aprofundar seus conhecimentos sobre *A Divina Comédia*, busque informações em outros estudos. Além disso, adotar uma edição que, embora se saiba que não foi a base da tradução, é considerada referência pareceu melhor que adotar uma edição que só por conjetura poderia ser considerada como base para a tradução. Isso teve efeitos diretos sobre a revisão e as notas.

Recorrendo também a edições mais antigas do poema, falei em nota de todos os pontos em que o texto de Xavier Pinheiro se distancia daquele de Petrocchi. Fiz isso também nos pontos em que Xavier Pinheiro se distancia em conteúdo de qualquer edição do poema em italiano (provavelmente por exigências da tradução) e nos momentos em que o texto original pode ter diversos sentidos, ao passo que o tradutor por vezes tem de optar por apenas um. Fiz isso simplesmente para tornar mais profundo o contato do leitor com o texto do poema, aproximando-o (claro que não de modo exaustivo) da grande complexidade do texto original, sobretudo na edição de Petrocchi.

Inúmeros pontos do poema suscitaram e ainda suscitam controvérsias entre os comentadores. Nesses pontos, acrescentei notas apresentando algumas das principais posições atualmente defendidas pelos estudiosos, de modo a oferecer ao leitor diferentes modos de ler o texto dantesco.

Outra dificuldade na realização da revisão foi a falta de acesso ao original da tradução de Xavier Pinheiro. O confronto com o original de Xavier Pinheiro ou ao menos com edições confiáveis teria facilitado muito a revisão de trechos no mínimo controversos presentes no texto a mim confiado. Na impossibilidade de acessar o original do texto de Xavier Pinheiro, tive de recorrer novamente às notas de rodapé. Nos casos em que é evidente o erro, realizei uma simples correção. Por exemplo, em “Grávida, azul jardava um, que ostentava” (“Inferno”, XVII, 64) “jardava” é, e o confirma o texto original italiano, um erro evidente, que deve ser corrigido por “javarda”. Entretanto, em outros casos o erro é quase certo, mas a correção não é tão simples e impõe maiores intervenções no texto; nesses casos, corrigi o texto por conjetura (naturalmente, segundo as exigências métricas) e acrescentei em nota o texto anterior e os motivos da mudança. Na impossibilidade ou na inconveniência de uma correção por conjetura, falei simplesmente em nota do provável erro do texto. Também falei em nota das eventuais alterações métricas do texto de Xavier Pinheiro em relação ao original italiano. Essas alterações métricas (seja em relação ao verso, seja em relação à rima) são muito esparsas na tradução, e pode ser que nem estejam no texto original de Xavier Pinheiro.

Nas notas em que cito textos bíblicos, cito-os em traduções minhas feitas a partir da tradução latina da *Bíblia*, pois é à versão latina que Dante faz referência em seu poema.

Heloísa Abreu de Lima[*]

Bibliografia

Biblia sacra: iuxta Vulgatam versionem. Editionem quintam emendatam retractatam, praeparavit Roger Gryson; coaut. Robert Weber, colab. Bonifatius Fischer. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.

Dante Alighieri.

Commedia a cura di Emilio Pasquini, Antonio E. Quaglio. Milano: Garzanti, 1986.

Commedia, revisione del testo e commento di Giorgio Inglese. Roma: Carocci, 2016.

Convivio, ed. critica a cura di Franca Brambilla Ageno. Firenze: Le Lettere, 1995 (Le Opere di Dante Alighieri. Edizione Nazionale a cura della Società Dantesca Italiana).

Convivio, tradução, introdução e notas de Emanuel França de Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

De vulgari eloquentia, a cura di Pier Vincenzo Mengaldo. Padova: Antenore, 1968.

Il "Fiore" e il "Detto d'Amore" attribuibili a Dante Alighieri, ed. critica a cura di Gianfranco Contini. Milano: Mondadori, 1984 (Le Opere di Dante Alighieri. Edizione Nazionale a cura della Società Dantesca Italiana).

La Commedia, secondo l'antica vulgata, a cura di Giorgio Petrocchi, Arnoldo Mondadori, 1966-1967 (Società Dantesca Italiana).

La Divina Commedia, commento di Anna Maria Chiavacci Leonardi. Milano: Arnoldo Mondadori, Oscar Classici, 2011.

La Divina Commedia, commento di Attilio Momigliano. Firenze: G. C. Sansoni, 1979.

La Divina Commedia, col commento di Carlo Grabher. Firenze: La Nuova Italia, 1934-36.

La Divina Commedia a cura di Daniele Mattalia. Milano: A. Rizzoli, 1960.

La Divina Commedia, a cura di Giovanni Fallani. Messina-

Firenze: G. D’Anna, 1965.

La Divina Commedia, col commento scartazziniano rifatto da Giuseppe Vandelli, 9ª ed. Milano: U. Hoepli, 1929.

La Divina Commedia, commentata da Luigi Pietrobono d.S.P. 4ª edizione. Torino: Società Editrice Internazionale, ristampa 1982.

La Divina Commedia di Dante Alighieri commentata da Manfredi Porena. Bologna: Zanichelli, Grafiche Galeati Imola, 1981.

La Divina Commedia a cura di Natalino Sapegno. Firenze: La Nuova Italia, 1968.

La Divina Commedia, a cura di Siro A. Chimenz. Torino: UTET, 1962.

La Divina Commedia, a cura di Umberto Bosco, Giovanni Reggio. Firenze: Le Monnier, 1979.

La Divina Commedia, con il commento di Tommaso Casini, 6ª ed. rinnovata e accresciuta per cura di S. A. Barbi. Firenze: G. C. Sansoni, 1944.

Le Opere. Volume I. Vita Nuova. Rime. Tomo I. Vita Nuova. Le rime della “Vita Nuova” e altre rime del tempo della “Vita Nuova”, a cura di Donato Pirovano, Marco Grimaldi, introd. di Enrico Malato, Roma, Salerno, 2015 (Pubblicazioni del Centro Pio Rajna. Nuova Edizione Commentata delle Opere di Dante).

Le Opere. Volume III. De vulgari eloquentia, a cura di Enrico Fenzi, con la collaborazione di Luciano Formisano, e Francesco Montuori, premessa di Enrico Malato, Roma, Salerno, 2012 (Pubblicazioni del Centro Pio Rajna. Nuova Edizione Commentata delle Opere di Dante).

Le Opere. Volume V. Epistole. Egloge. Questio de Aqua et Terra, a cura di Marco Baglio, Luca Azzetta, Marco Petoletti, Michele Rinaldi, introd. di Andrea Mazzucchi, Roma, Salerno, 2016.

Le Opere. Volume VII. Opere di dubbia attribuzione e altri documenti danteschi. Tomo I. Il Fiore e il Detto d’Amore, a cura di Luciano Formisano, Roma, Salerno, 2012 (Pubblicazioni del Centro Pio Rajna. Nuova Edizione Commentata delle Opere di Dante).

Rime, a cura di Gianfranco Contini, con un saggio di Maurizio Perugi. Torino: Einaudi, 1994.

Rime, a cura di Michele Barbi, in Le Opere di Dante. Testo critico 1921 della Società Dantesca Italiana, con un saggio introduttivo di Enrico Ghidetti. Firenze: Le Lettere, 2011.

The Divine Comedy of Dante Alighieri translated by H. W. Longfellow. Boston: Ticknor & Fields, 1867.

The Divine Comedy, trad. e comm. di C.S. Singleton. Princeton: Princeton University Press, 1970-75.

Vita Nuova, a cura di Michele Barbi, in Le Opere di Dante. Testo critico 1921 della Società Dantesca Italiana, con un saggio introduttivo di Enrico Ghidetti. Firenze: Le Lettere, 2011.

AUERBACH, Erich. "Dante e Virgílio", in *Ensaios de literatura ocidental*: filologia e crítica, trad. Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo, org. de Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr. São Paulo: Editora 34, Duas Cidades, 2012.

Dante, poeta do mundo secular, trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

Figura, trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997.

Mimesis: a representação da realidade na Literatura Ocidental, trad. equipe perspectiva. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BELLOMO, Saverio. *Filologia e critica dantesca*. Brescia: La Scuola, 2008.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*, volume I. Parte III, "A Transição": Capítulo I, "O 'Trecento'". São Paulo: Leya, 2011, pp. 241-270.

CONTINI, Gianfranco. *Un'idea di Dante*: saggi danteschi. Torino: Einaudi, 1976.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e idade média*

latina. São Paulo: Hucitec Edusp, 1996.

INGLESE, Giorgio; ZANNI, Raffaella. *Metrica e retorica del Medioevo*. Roma: Carocci editore, 2011.

INGLESE, Giorgio. *Dante*. guida alla Divina Commedia. Roma: Carocci, 2002.

MALATO, Enrico. *Dante*, 2. ed. Roma: Salerno Editrice, 2002.

NARDI, Bruno. *Saggi e note di critica dantesca*, premessa alla ristampa di Francesco Santi. Spoleto (Perugia): Centro italiano di studi sull'alto Medioevo, 2013.

"Sviluppo dell'arte e del pensiero di Dante", in *Dante*, a cura di Umberto Parricchi. Roma: De Luca Editore, 1965, pp. 91-108.

PACCAGNELLA, I. "Dante: sperimentazione letteraria e coscienza linguistica", in BRIOSCHI, Franco; DI GIROLAMO, Costanzo. *Manuale di Letteratura Italiana*: storia per generi e problemi. Torino: Bollati Boringhieri, 1993-1996, volume 1, pp. 170-182.

"Nascita della lingua e nascita della letteratura", in BRIOSCHI, Franco; DI GIROLAMO, Costanzo. *Manuale di Letteratura Italiana*: storia per generi e problemi, Torino: Bollati Boringhieri, 1993-1996, volume 1.

PERTILE, Lino. "Dante", in BRAND, Peter (ed.), PERTILE, Lino (ed.). *The Cambridge History of Italian Literature*. Nova York: Cambridge University Press, 1999.

PETROCCHI, Giorgio. *Itinerari danteschi*, Bari, Adriatica, 1969, p. 85.

SINGLETON, Charles Southward. *La poesia della Divina*

Commedia. Bologna: Il Mulino, 2004.

SPINA, Segismundo. *Manual de versificação românica medieval*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

---

[1] No contexto ao qual me refiro (o contexto das línguas neolatinas na Idade Média), "vulgares" são as línguas maternas de uso corrente, em oposição ao latim, que era a língua de cultura. Essas línguas vulgares, derivadas do latim, vieram a constituir as línguas modernas de origem latina (italiano, espanhol, português etc.).

[2] PETROCCHI, Giorgio. *Itinerari danteschi*. Bari: Adriatica, 1969, p. 85.

[3] *La Divina Commedia*, commento di Anna Maria Chiavacci Leonardi. Milano: Arnoldo Mondadori, Oscar Classici 2011, vol. 1, "Inferno", nota introdutória, tradução minha.

[4] "Inferno", XVI, 128 e XXI, 2.

[5] MALATO, Enrico. *Dante*. 2ª ed. Roma: Salerno Editrice, 2002, p. 251, tradução minha.

[6] MALATO, Enrico, op. cit., p. 275, tradução minha.

[7] Idem, pp. 276-277, tradução minha.

[8] Idem, p. 278.

[9] MALATO, Enrico, op. cit., p. 281.

[10] Tradução minha.

[11] MALATO, Enrico, op. cit., p. 256.

[*] Heloísa Abreu de Lima, bacharel em Estudos Literários em 2016 pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); mestre em Teoria e História Literária em 2019 pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com dissertação sobre a forma métrica de *A Divina Comédia*. Doutoranda em Scienze del Testo pelo Università di Roma "La Sapienza", com tese sobre o aspecto gnômico na obra de Dante e sua relação com a teoria retórica medieval. Dedica

parte de seus estudos à *Divina Comédia* desde 2013.

A DIVINA COMÉDIA

PARTE I

INFERNO

CANTO I

A ação da Divina Comédia começou na noite de 4 para 5 de março do ano de 1300, aniversário da Paixão de Jesus Cristo, véspera da Sexta-Feira Santa. Por esse tempo achava-se Dante em Roma, no caráter de Embaixador de Florença, enviado para assistir à grande solenidade do primeiro jubileu proclamado pelo Papa Bonifácio VIII. A ocasião era a mais propícia à maravilhosa jornada, em que o Poeta consumiu sete dias: dois no Inferno, quatro no Purgatório e um no Paraíso.

Era meia-noite e plenilúnio quando Dante se achou na Selva Selvaggia, trajando o hábito, o cordão e as sandálias da Ordem de S. Francisco, sobre a alvorada tocou a fronteira, que partia o mun do físico do invisível.

* * *

Transvia-se Dante em uma selva tenebrosa, donde se esforça por sair subindo uma colina. Opõe-se-lhe uma pantera, um leão e uma loba. Aparece-lhe Virgílio, que o convida a visitar os reinos eternos, a fim de evitar aqueles perigos, servindo-lhe de guia pelo Inferno e Purgatório, e entregando-o depois à direção de Beatriz, que o conduzirá ao Paraíso. Dante aceita.

A viagem narrada pelo poema tem uma data histórica. De fato, a narrativa do poema se passa no ano de 1300 (ano do jubileu proclamado pelo Papa Bonifácio VIII), como se pode deduzir a partir de diversos trechos do poema.

Embora o poema dê, adiante, indicações mais precisas sobre a data e até mesmo sobre o horário do início da viagem, há controvérsias. Alguns acreditam que a

viagem tenha início na noite da quinta-feira, dia 24 de março, para a sexta-feira, dia 25 de março, que, como se acreditava, era o aniversário da criação de Adão e da encarnação de Jesus.

Outros acreditam que o início da viagem coincida com a noite da Quinta-Feira Santa para a Sexta-Feira Santa do ano de 1300, isto é, do dia 7 para o dia 8 de abril.

1 Da nossa vida em meio da jornada [1]
Achei-me numa selva[2] tenebrosa
Tendo perdido a verdadeira estrada.
2 Dizer qual era é coisa tão penosa
Desta brava espessura a asperidade,
Que a memória a relembra inda cuidosa.
3 Na morte há pouco mais de acerbidade;[3]
Mas para o bem[4] narrar lá deparado
De outras coisas que vi, direi verdade.
4 Contar não posso como tinha entrado;
Tanto o sono[5] os sentidos me tomara,
Quando hei o bom caminho abandonado.
5 Depois que a uma colina[6] me acercara
Onde ia o vale escuro terminando,
Que pavor tão profundo me causara,
6 Ao alto olhei, e já, de luz banhando
Vi-lhe estar as espaldas o planeta,
Que, certo, em toda parte vai guiando.[7]
7 Então, o assombro um tanto se aquieta,
Que do peito no lago perdurava
Naquela noite atribulada, inquieta.
8 E como quem o anélito esgotava
Sobre as ondas, já salvo, inda medroso
Olha o mar perigoso em que lutava,
9 O meu ânimo assim, que treme ansioso
Volveu-se a remirar vencido o espaço
Que homem vivo jamais passou ditoso.[8]
10 Tendo já repousado o corpo lasso,
Segui pela deserta falda avante;
Mais baixo sendo o pé firme no passo.[9]
11 Eis da subida quase ao mesmo instante
Assoma ágil e rápida pantera[10]

Tendo a pele por malhas cambiante.
12 Não se afastava de ante mim a fera;
E em modo tal meu caminhar tolhia,
Que atrás por vezes eu tornar quisera.
13 No céu a aurora já resplandecia,
Subia o Sol, dos astros rodeado,
Seus sócios, quando o Amor Divino um dia
14 A tais primores movimento há dado.[11]
Me infundiam destarte alma esperança
Da fera o dorso alegre e mosqueado,
15 A hora amena e a quadra[12] doce e mansa,
De um leão[13] de repente surge o aspecto,
Que ao meu peito o pavor de novo lança.
16 Que me investisse então cuido eu inquieto;
Com fome e raiva atroz fronte levanta;
Tremer parece o ar ao seu conspecto.
17 Eis surge loba,[14] que de magra espanta;
De ambições todas parecia cheia;
Foi causa a muitos de miséria tanta!
18 Com tanta intensa torvação me enleia
Pelo terror,[15] que o cenho seu movia,
Que a mente à altura não subir receia.
19 Como quem lucro anela noite e dia,[16]
Se acaso o tempo de perder lhe chega,
Rebenta em pranto e triste se excrucia,
20 A fera assim me fez, que não sossega;[17]
Pouco a pouco me investe até lançar-me
Lá onde o Sol se cala e a luz me nega.
21 Quando ao vale eu já ia baquear-me
Alguém fraco de voz[18] diviso perto,
Que após largo silêncio quer falar-me.
22 Tanto que o vejo nesse grão deserto,
— “Tem compaixão de mim! — bradei transido —

Quem quer que sejas, sombra ou homem certo!”
23 “Homem não sou” — tornou-me — “mas hei sido,
Pais lombardos eu tive; sempre amada
Mântua lhes foi; haviam lá nascido.
24 “Nasci de Júlio em era retardada,[19]
Vivi em Roma sob o bom Augusto,
Quando em deuses havia a crença errada.
25 “Poeta, decantei feitos do justo
Filho de Anquises, que de Troia veio,
Depois que Ílio soberbo foi combusto.[20]
26 “Mas por que tornas da tristeza ao meio?
Por que não vais ao deleitoso monte,
Que o prazer todo encerra no seu seio?”
27 “ — Oh! Virgílio, tu és aquela fonte
Donde em rio caudal brota a eloquência?”
Falei, curvando vergonhoso a fronte. —
28 “Ó dos poetas lustre, honra, eminência!
Valham-me o longo estudo, o amor profundo
Com que em teu livro procurei ciência![21]
29 “És meu Mestre, o modelo sem segundo;
Unicamente és tu que hás-me ensinado
O belo estilo que honra-me no mundo.
30 “A fera[22] vês que o passo me há vedado;
Sábio famoso, acode ao perseguido!
Tremo no pulso e veias, transtornado!”
31 Respondeu, do meu pranto condoído:
“Te convém outra rota de ora avante[23]
Para o lugar selvagem ser vencido.
32 “A fera, que te faz bradar tremante,
Aqui passar não deixa impunemente;
Tanto se opõe, que mata o caminhante,
33 “Tem tão má natureza, é tão furente,
Que os apetites seus jamais sacia,

E fome, impando, mais que de antes sente.
34 “Com muitos animais,[24] se consorcia,
Há de a outros se unir té ser chegado
— Lebréu,[25] que a leve à hórrida agonia.
35 “Por ouro ou por poder nunca tentado
Saber, Virtude, Amor[26] terá por norte
Sendo entre Feltro e Feltro potentado.[27]
36 “Será da humilde Itália amparo forte,
Por quem Camila a virgem dera a vida.
Turno, Euríalo, Niso acharam morte.[28]
37 “Por ele, em toda a parte, repelida
Irá lançar-se no infernal assento,
Donde foi pela Inveja conduzida.[29]
38 “Agora, por teu prol, eu tenho o intento
De levar-te comigo; ir-te-ei guiando
Pela estância do eterno sofrimento,
39 “Onde, estridentes gritos escutando,
Verás almas antigas em tortura
Segunda morte a brados suplicando,[30]
40 “Outros ledos verás, que, em prova dura
Das chamas, inda esperam ter o gozo
De Deus no grêmio da imortal ventura.
41 “Se lá subir quiseres, um ditoso
Espírito melhor[31] te será guia,
Quando eu deixar-te, ao reino glorioso.
42 “Do Céu o Imperador, a rebeldia[32]
Minha à lei castigando, não consente
Que eu da cidade sua haja a alegria.
43 “Em toda a parte impera onipotente.
Mas tem no Empíreo[33] sua augusta sede:
Feliz por ele o eleito à glória ingente!”
44 — “Vate, rogo-te” — eu disse — me concede.

Por esse Deus, que nunca hás conhecido,
Por que este e maior mal de mim se arrede.
45 “Que, até onde disseste conduzido,
À porta de São Pedro[34] eu vá contigo
E veja os maus que houveste referido.”
Move-se o Vate então, após o sigo.

---

[1] O primeiro verso do poema não encerra uma indicação temporal genérica. Dante, tendo nascido em 1265, completou, em 1300, a idade de 35 anos, que, como se acreditava, representavam o ponto médio da duração da vida humana. Tal ideia se encontra na obra de Dante *Convívio* (IV, XXIII 6-10) e está em consonância com Salmos, 89, 10. Além disso, o primeiro verso da Divina Comédia ecoa Isaías, 38, 10.

[2] A “selva”, para além de seu sentido literal na história, significa um estado de pecado, de transviamento espiritual e intelectual. Trata-se de imagem difusa em obras do período (como no *Convívio*, IV, XXIV, 12). Além disso, a “selva” constitui uma reminiscência literária, sobretudo do livro VI (v. 31) da *Eneida*, que narra justamente a descida de Eneias ao reino dos mortos.

[3] A acerbidade não se refere à “selva”, mas à consciência do encontrar-se na selva, enunciada no segundo verso: “Achei-me numa selva tenebrosa”.

[4] “Bem”: a salvação, que chega a Dante por meio de Virgílio e que é possibilitada pela própria consciência que o protagonista toma de sua situação.

[5] Significa o torpor que domina a alma na condição de pecado, sentido frequentemente vinculado ao “sono” em textos bíblicos.

[6] A colina, na qual se encerra a ideia de uma “ascensão”, contrapõe-se à selva e representa, portanto, o caminho da virtude (e, mais especificamente, o caminho que conduz o homem à sua perfeita felicidade natural, por meio das virtudes morais e intelectuais, mas não por meio das virtudes teológicas).

[7] No original, “*che mena dritto altrui per ogne calle*”: que guia cada um pelo caminho justo, verdadeiro — retomada da “verdadeira estrada” do v. 3. Essa tercina é carregada de valor simbólico: o homem perdido, em estado de pecado,

volta pela primeira vez seus olhos para o alto (“Ao alto olhei”); a alvorada (o Sol já ilumina o alto da colina) é um sinal favorável para o protagonista, sendo o Sol a presença do socorro divino.

[8] No original: *che non lasciò già mai persona viva* (“que não deixou jamais pessoa viva”). Em geral, entende-se que “que” (referido a “espaço”) é o sujeito: “espaço” que jamais permitiu que um homem sobrevivesse. Isso significaria que a vida do pecado (a “selva”, isto é, o “espaço”) mata a alma daquele que não sai dela. Segundo outra interpretação, “que” é o objeto: nenhuma pessoa deixou, viva, a “selva”.

[9] Em geral, “passo” (traduzido aqui por “espaço”) é considerado sinônimo de selva, mas há quem interprete o termo como referência ao espaço entre a “selva” e a “colina”. Sentido literal: Dante subia a “colina”, deixando mais firme o pé de baixo. Entretanto, é provável que o verso encerre também sentido alegórico, embora este não seja totalmente claro para os intérpretes. Segundo alguns, o fato de o pé mais firme ser o mais baixo significaria que Dante ainda estaria apegado aos afetos terrenos, não obstante a sua ação de subir a colina.

[10] Primeira fera a se opor à subida de Dante. Tais feras representam alegoricamente as inclinações ao pecado que impedem o homem de se encaminhar para o bem. Entretanto, é ainda discutido o significado específico a ser atribuído a cada uma delas. A “pantera” é normalmente associada à luxúria.

[11] O Sol estava na constelação de Áries (“astros”); trata-se, portanto, do início da primavera no hemisfério norte. De fato, acreditava-se que a criação do mundo havia ocorrido na primavera (“quando o Amor Divino um dia / A tais primores movimento há dado”, isto é, quando Deus deu movimento, iniciando o tempo, aos astros celestes [“tais primores”]). A primavera é também a estação em que ocorreu a redenção. A aurora e a estação primaveril são figuras do início da vida e motivo de esperança, como o narrador dirá nos versos seguintes.

[12] Isto é, estação.

[13] Leão: segunda fera encontrada por Dante. Normalmente interpretado como a soberba.

[14] Terceira fera encontrada por Dante. Normalmente, é interpretada como a avareza (mais precisamente, avidez pelos bens terrenos). Outra interpretação vê nas feras um sentido não ético, mas político: a *pantera* seria Florença; o “leão” seria a casa real francesa; a loba seria a Cúria romana — três potências políticas

muitas vezes criticadas no poema. Existem outras interpretações, mas a primeira aqui apresentada (luxúria, soberba e avareza) é a mais tradicional, fundamentada em outros textos (clássicos, bíblicos e versos do próprio poema). Entretanto, embora mais tradicional, a interpretação ética não exclui necessariamente a interpretação política apresentada acima.

[15] Terror é objeto: o "cenho" movia o "terror", isto é, seu semblante emanava terror.

[16] Segundo os intérpretes, seria ou o avaro ou o jogador.

[17] Que não sossega e não permite o sossego aos outros.

[18] No original: *Chi per lungo silenzio parea fioco*, de interpretação controversa.

Alguns entendem (como na tradução de Xavier Pinheiro): uma pessoa que, por muito tempo sem falar, parecia ter perdido a voz (*fioco*). Mediante tal interpretação, Virgílio (personagem introduzido nesse verso) é representado como uma pessoa que, após séculos de silêncio, não tem fôlego para falar. Além disso, o sentido alegórico seria: a razão (representada no poema por Virgílio), após longo silêncio no homem em estado de pecado, acaba por perder o seu fôlego.

Outros entendem: uma pessoa que, pela escuridão ("silêncio" do Sol), aparecia com contornos indefinidos (e, de fato, Virgílio é aqui uma alma).

[19] No original, *sub Iulio*, expressão latina para designar "no tempo de Júlio César". Virgílio nasceu perto de Mântua, no ano de 70 a.C. Nesse ano Júlio César ainda não havia iniciado sua vida pública, mas a expressão insere Virgílio na atmosfera do Império Romano, cuja fundação estava próxima (o Império é um elemento fundamental na concepção do poema).

A expressão "em era retardada" significa provavelmente que Virgílio nasceu tarde para dizer que viveu efetivamente sob o principado de Júlio César, que foi assassinado em 44 a.C.

[20] Fala-se aqui da *Eneida*, a maior obra de Virgílio. "justo / Filho de Anquises": Eneias, herói que, segundo o poema de Virgílio, deixou Troia após a vitória dos gregos e fundou Roma. "Ílio soberbo": aqui significa Troia (citação direta de *Eneida*, III, 2-3). "Foi combusto": foi incendiado.

[21] Mais precisamente, segundo o texto original: "li com minuciosa atenção".

[22] A *loba*.

[23] Dante precisa percorrer um caminho mais longo do que simplesmente subir a colina que representa a perfeita felicidade humana na terra. Dante precisa passar pelo conhecimento do pecado (Inferno) e pela sua purificação (Purgatório).

[24] O termo, também presente no original provavelmente significa “homens”: muitos são os homens com os quais se une o vício representado pela “loba”.

[25] Cão de caça, aqui tomado como oponente da “loba”. O “lebréu” representa um personagem que será enviado por Deus para restabelecer a ordem no mundo. O trecho é deliberadamente obscuro, como convém à linguagem profética; e, portanto, é inútil buscar um sentido preciso. Entretanto, é comum atribuir ao trecho um sentido político e interpretar o “lebréu” como um reformador político (provavelmente, um imperador). Essa interpretação condiz com duas constantes no pensamento de Dante: a ideia da missão providencial de Roma e a ideia do estabelecimento da ordem terrena mediante o império. A isso está associada, em parte, a própria escolha por Virgílio (considerado o grande poeta do Império Romano). Existem também outras interpretações, como a interpretação religiosa, que vê no “lebréu”, por exemplo, um representante religioso. Entretanto, a ideia fundamental é clara: ocorrerá uma intervenção divina que restabelecerá a ordem no mundo, derrotando o vício representado pela “loba”.

[26] Indicam as três pessoas da Trindade: “saber” é o Filho; “virtude” é o Pai; “amor” é o Espírito Santo. O “lebréu” (seja ele um imperador, um religioso etc.) é, portanto, um intermediário da ação divina.

[27] Aqui a profecia se torna mais enigmática e, segundo grande parte da crítica, é mais prudente não insistir sobre interpretações específicas (nenhuma delas totalmente convincente), de modo a respeitar o tom enigmático que a profecia quer ter. Muitos são os sentidos atribuídos à expressão “entre Feltro e Feltro” (no original: *tra Feltro e Feltro*), naturalmente associados às diferentes interpretações atribuídas ao “lebréu”.

Xavier Pinheiro, ao empregar a grafia com a letra maiúscula, está seguindo a interpretação do editor: por trás do termo “Feltro” estão duas localidades geográficas (Feltre e Montefeltro), e a profecia se refere a alguém nascido entre essas duas localidades (o personagem poderia ser sobretudo Cangrande della Scala).

Outros, considerando o significado de “feltro” como “pano de tipo muito vil”,

acreditam que o verso indique um homem de nascimento humilde.

Há também uma interpretação “astrológica”, que atribui ao termo “feltro” o significado de “céu”: o nascimento do personagem ocorrerá segundo a virtude ou uma disposição determinada dos astros nos céus.

[28] Heróis da *Eneida*, mortos no combate entre troianos e latinos, para o domínio do Lácio. Camila e Turno combatiam contra Eneias; Eurílalo e Niso combatiam a favor.

[29] O verso se refere ao momento da tentação de Eva, quando a Inveja do diabo conduziu a loba para o mundo.

[30] Verso com diferentes explicações, segundo o sentido que se atribui a “segunda” *morte*. Os principais sentidos são: a morte da alma, danação (sendo a primeira a morte do corpo); o aniquilamento; a última danação, que ocorrerá após o Juízo Final. Entretanto, Xavier Pinheiro, empregando o termo “suplicando” (que não consta no original, em que o verbo é *grida*), parece optar por uma interpretação específica, seguida pelo editor: os danados gritam suplicando pela aniquilação total.

As outras interpretações dependem do texto seguido e do sentido atribuído ao verbo *grida* do original.

[31] Beatriz.

[32] Alude simplesmente ao fato de Virgílio ter sido pagão, o que o exclui da glória do Paraíso.

[33] No sistema cosmológico da *Divina Comédia*, o Empíreo é a última esfera que constitui o Paraíso, onde estão Deus, os anjos e os beatos. Suas características particulares na concepção de Dante serão esclarecidas no “Paraíso” . Entretanto, no texto original Virgílio emprega o termo “Empíreo”, parecendo se referir ao Paraíso de modo geral.

[34] Alude ou ao Purgatório ou ao Paraíso. Xavier Pinheiro optou pela segunda interpretação, já que a sua tradução dá a entender que Dante pede que Virgílio o conduza até a “porta de São Pedro”.

CANTO II

Dante considera os riscos e trabalhos da jornada. Virgílio, para esforçá-lo, explica-lhe o motivo do seu aparecimento: fora enviado por Beatriz, que o procurara no Limbo. Revigora-se Dante e prossegue na jornada com ânimo resoluto.

Hesitação de Dante a respeito da viagem. Virgílio, para encorajá-lo, revela que foi Beatriz que o enviou e que tal viagem está sob a proteção do céu.

1 Fora-se o dia;[1] e o ar, se enevoando,
Aos animais, que vivem sobre a terra,
As fadigas tolhia; eu só,[2] velando,
2 Me aparelhava a sustentar a guerra
[3] Da jornada, assim como da piedade,
Que vai pintar memória, que não erra.
3 Ó musas![4] Ó do gênio potestade!
Valei-me! Aqui, ó mente, que guardaste
Quanto vi, mostra a egrégia qualidade.
4 "Poeta, — assim falei, — que começaste
A guiar-me, vê bem se em mim persiste
Valor, que à empresa, que me fias, baste.
5 "Que o pai de Sílvio[5] fora, referiste,
Corruptível[6] ainda, até o Inferno
Sem perder o que em corpo humano existe.
6 "Se do mal assim quis o imigo eterno;
Origem vendo nele do alto efeito,
O que e o qual, segundo o que discerno,
7 "Pela razão bem pode ser aceito;[7]
Que para Roma e o Império se fundarem
Fora no céu por genitor eleito;
8 "À qual e ao qual cabia aparelharem,
Dizendo-se a verdade, o lugar santo
Aos que do maior Pedro[8] o sólio herdarem.
9 "Nessa empresa, em que o hás louvado tanto
Coisas ouviu, de que surgiu motivo
Ao seu triunfo e ao pontifício manto.[9]
10 "Lá foi o Vaso Eleito[10] ainda vivo:
Conforto ia buscar à fé, que à estrada
Da salvação princípio é decisivo.
11 "Por que irei? Quem permite esta jornada?
Eneias, Paulo[11] sou? Essa ventura

Nem eu, nem outrem crê ser-me adaptada.
12 “Receio, pois, seja ato de loucura,
Se eu me resigno a cometer a empresa.
Supre, és sábio, o que digo em frase escura.”[12]
13 Como quem ora quer, ora despreza,
Sua alma a ideias novas tem disposta,
Mostrando aos seus desígnios estranheza,
14 Assim fiz eu na tenebrosa encosta,
Porque, pensando, abandonava o intento,
Formado à pressa, que ora me desgosta.
15 “Do teu dizer se atinjo o entendimento”
Do Magnânimo a sombra me tornava,
“Eivado estás de ignóbil sentimento,[13]
16 “Que do homem muita vez faz alma ignava,
Das honrosas ações o desviando,
Qual sombra, que o corcel ao medo trava.
17 “Desse temor livrar-te desejando
Por que vim te direi e quanto ouvido
Hei logo ao ver-te mísero lutando.[14]
18 “No Limbo[15] era suspenso:[16] eis requerido
Por Dama fui tão bela, tão donosa,
Que as ordens suas presto lhe hei pedido.
19 “Brilhavam mais que a estrela radiosa
Os seus olhos; suave assim dizia
De anjo com voz, falando-me piedosa:
20 — “De Mântua alma cortês, que inda hoje em dia
No mundo gozas fama tão sonora,
Que, enquanto existir mundo, mais se amplia,
21 “Amigo meu, que a sorte desadora,[17]
Pela deserta falda indo, impedido
De medo, atrás os passos volta agora.
22 “Temo que esteja tanto já perdido,
Que tarde eu tenha vindo a socorrê-lo,

Pelo que lá no Céu dele hei sabido.
23 “Parte, pois, e com teu discurso belo
E quanto o salvar possa do perigo
Lhe acode; e me console o teu desvelo.
24 “Sou Beatriz,[18] que te envia ao que digo,
De lugar[19] venho a que voltar desejo:
Amor[20] conduz-me e faz-me instar contigo.
25 “Voltando ao meu Senhor, em todo o ensejo
Repetirei louvor, que hás merecido.”
Tornei-lhe, quando já calar-se a vejo:
26 — “Senhora da virtude, a quem tem sido
Dado só que preceda a espécie humana
Quanto é no mundo sublunar contido,[21]
27 “Tanto praz-me ordem que de ti dimana,
Que, já cumprida, houvera inda demora:
Em me abrir teu querer não mais te afana.
28 “Diz-me, porém, por que razão, Senhora,
Baixar a este centro hás resolvido
Do Céu, a que ardes por voltar agora.”
29 — “Se queres tanto ser esclarecido
Eu te direi” — tornou-me — “frase breve
Por que sem medo às trevas hei descido.
30 “Somente as coisas recear se deve
Que a outrem[22] podem ser causa de dano
Não das mais: a temor a causa é leve.
31 “De Deus favor criou-me soberano
Tal, que a vossa miséria não me empece
Nem deste incêndio assalta o fogo insano.
32 “Nobre Dama[23] há no Céu, que compadece
O mal, a que te envio; e tanto implora,
Que lá decreto austero se enternece.
33 “Volvendo-se a Luzia,[24] assim a exora:
“O teu servo fiel tanto periga,

Que ao teu amparo o recomenda agora.”
34 “Luzia, sempre do que é mau imiga
Ergueu-se e ao lugar, foi, em que eu sentada
Ao lado estava de Raquel antiga.
35 “De Deus vero louvor!” — diz-me apressada —
“Por que não socorrer quem te amou tanto,
Que só por ti deixou do vulgo a estrada?[25]
36 “Não lhe ouves, Beatriz, o amargo pranto?
Não vês que junto ao rio é combatido,
Que ao mar não corre por mortal espanto?”[26]
37 “Aos danos, tão veloz, não tem fugido
Ninguém, nem procurado o que deseja,
Como eu, em tendo vozes tais ouvido;
38 “O trono meu deixei, por que te veja,
Fiada em teus discursos eloquentes,
Honra tua e de quem te ouvindo esteja.”
39 “Assim falava e os olhos seus fulgentes
Com lágrimas a mim ela volvia,
Para apressar-me a vir assaz potentes.
40 “A ti vim, pois, como ela requeria;
Da fera te livrei, que da colina
Tão perto já, teus passos impedia.
41 “Que fazes, pois? Por que, por que domina
Tanta fraqueza o peito espavorido?
Por que ao valor tua alma não se inclina,
42 “Quando és pelas três santas protegido,
Que na corte do Céu por ti se esmeram
E gozar tanto bem lhe é prometido?” —
43 Quais flores, que fechadas, se abateram
Da noite ao frio, e, quando o Sol aquece,
Erguem-se abertas na hástia, tais como eram,
44 Tal meu valor renova e fortalece:
Tanto ardimento o coração me aviva,

Que exclamei, como quem jamais temesse:
“Ó Dama em socorrer-me compassiva!
E tu, que a voz lhe ouvindo, obedeceste,
Cortês ao rogo e com vontade ativa,
“Por teu dizer no peito me acendeste
Desejo tal de vir, que sou tornado
Ao propósito, a que antes me trouxeste.
“Vai, pois nosso querer ‘stá combinado.
Serás meu guia, meu senhor, meu mestre!”
Disse-lhe assim. Moveu-se ele; ao seu lado
Pelo caminho entrei alto e silvestre.

---

[1] No canto I, falava-se da aurora. Neste canto, fala-se do crepúsculo, que prepara a atmosfera conveniente para a viagem infernal.

[2] *Eu só*: a vigília de Dante se opõe ao repouso dos *animais que vivem sobre a terra*.

[3] O canto I é considerado um prólogo a todo o poema, e o canto II, um prólogo apenas ao “Inferno” (também o “Purgatório” e o “Paraíso” terão seus respectivos prólogos). Esse terceto, segundo o esquema clássico do prólogo, realiza uma proposição do tema. De fato, “a guerra / da jornada, assim como da piedade” será o tema de todo o “Inferno”. A expressão significa aflição (guerra) ao mesmo tempo física (jornada: as dificuldades impostas pelo caminho infernal) e moral (piedade: conflito moral suscitado pela compaixão em relação aos danados).

[4] Invocação às Musas, também elemento do prólogo clássico.

[5] Eneias. Sílvio era filho de Eneias e Lavínia (filha do rei Latino); dele descenderam os reis de Alba e, consequentemente, os reis de Roma.

[6] Em vida. Fala-se aqui do livro VI da *Eneida* (por isso Dante diz “referiste” a Virgílio), que narra justamente a ida de Eneias ao mundo dos mortos, guiado pela Sibila de Cumas. Nessa viagem, Eneias conhece seu destino de fundador de Roma.

[7] Se Deus assim quis, pela razão bem pode ser aceito, considerando o alto efeito do qual Eneias é origem, em sua essência e qualidade. Outra interpretação refere "o que e o qual" a Eneias: considerando quem e o que foi Eneias. Outra interpretação, ainda, refere *vendo* a Deus. "do mal o imigo eterno": Deus; "alto efeito": Império Romano.

[8] Aos papas, que herdam o trono de São Pedro ("maior Pedro").

[9] Aos papas.

[10] *Vaso Eleito*: São Paulo (Atos dos Apóstolos, 9, 15). A alusão à viagem de São Paulo ao outro mundo ("Lá") deriva de um trecho da Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios (12, 2-4).

[11] Ambos os nomes participam de uma história providencial, que resultou, com *Eneias*, no Império Romano e, com São Paulo, na Igreja.

[12] Virgílio, sendo sábio, pode entender mais do que Dante é capaz de exprimir ("frase escura").

[13] A pusilanimidade é considerada um vício, porque impede o homem de cumprir ações nobres.

[14] Não propriamente ao ver, mas ao conhecer a situação de Dante.

[15] Primeiro círculo do Inferno, onde estão aqueles que não conheceram a fé cristã (como é o caso de Virgílio). Sobre o Limbo, o poema falará mais adiante ("Inferno", IV).

[16] Embora estejam no Inferno, os espíritos do Limbo não têm nenhuma pena efetiva, apenas a ausência de Deus e de esperança. Por isso, o texto, seguindo o original, diz "suspenso": de fato, os espíritos do Limbo estão suspensos entre a danação e a salvação, em incompletude, pela falta de esperança.

[17] No original (*l'amico mio, e non de la ventura*), há duas interpretações principais: meu amigo, mas não da sorte, da fortuna; meu amigo verdadeiro, que me ama pela minha própria virtude, e não por fatores externos como a sorte (nesse caso, o verso falaria do amor desinteressado de Dante por Beatriz). Na tradução, Xavier Pinheiro seguiu a primeira.

[18] Provavelmente, Beatrice di Folco Portinari. A Beatriz, Dante escreveu muitas poesias, reunidas no livro de sua juventude, *Vita nuova*. No poema, Beatriz representa a graça divina (ou o conhecimento das coisas divinas), que conduz o

homem a Deus. Mas Beatriz não é simplesmente uma alegoria: ela é, como Virgílio, uma realidade histórica e uma figura.

[19] Paraíso.

[20] O amor pessoal de Beatriz por Dante e o amor caridade dos beatos.

[21] Sentido: Senhora da virtude, por quem a espécie humana precede tudo o que existe na terra (“mundo sublunar ”). Nesse caso, a interpretação tende a um sentido alegórico. Entretanto, alguns comentadores defendem que a oração relativa se refere não a “Senhora” (Beatriz), mas a “virtude ”: Senhora da virtude, pela qual a espécie humana precede tudo o que existe na terra.

[22] No original, o termo é *altrui*, que pode ter o significado de “a outrem”, mas que é aqui empregado provavelmente como referência à própria pessoa que teme.

[23] Maria. No “Inferno”, Maria, Jesus e Deus não são explicitamente nomeados. Os comentadores associam a Maria muitos sentidos alegóricos, entre os quais a misericórdia divina, a caridade e a graça preveniente.

[24] Santa Luzia, considerada protetora da vista. Figura de muita importância no poema e no evento da salvação de Dante, é também associada a muitos significados alegóricos. O principal deles é “graça iluminante” em sentido místico, o que convém ao fato de ser Santa Luzia a protetora da vista.

[25] O sentido geral do verso é de que Dante se elevou por causa do amor por Beatriz; e isso ocorreu provavelmente no plano ético e literário: Dante se voltou a estudos e ocupações nobres, por causa do amor por Beatriz.

[26] Versos que, no original, ocasiona diversas interpretações. A tradução de Xavier Pinheiro segue uma dessas interpretações: Dante é combatido pela morte junto ao rio que não corre ao mar. Entretanto, essa interpretação apresenta diversas ramificações, de modo a determinar qual seria esse rio que não deságua no mar. Os versos falam, na verdade, de um rio onde o mar “não tem prevalência”; além disso, pode-se atribuir um sentido metafórico ao rio, como “correnteza dos pecados”. Com isso, um dos significados pode ser: Dante é combatido no rio dos pecados que chega a ser pior do que o próprio mar. Além disso, os versos podem significar “na foz de um rio perigoso” (a foz é o lugar de encontro, no qual o mar não teria prevalência sobre a corrente).

CANTO III

Chegado com Virgílio à porta do Inferno, Dante lê uma inscrição insculpida no alto e entra. No vestíbulo do reino das trevas, vê as almas daqueles que, indiferentes ao bem e ao mal, ficaram neutros entre os partidos e perigos e foram por isso excluídos do Céu e repelidos pelo Inferno. Encaminha-se à margem do Aqueronte, onde lhe fala o barqueiro Caronte, e encontra as almas, que são transportadas por ele. Salteado de violentas impressões, cai e adormece.

Dante e Virgílio passam pela porta do Inferno e veem as almas dos pusilânimes e indiferentes entre o bem e o mal. Os poetas chegam às margens do rio Aqueronte, que marca a entrada efetiva no Inferno. Dante desmaia.

1 “Por mim se vai das dores à morada,
Por mim se vai ao padecer eterno,
Por mim se vai à gente condenada.
2 “Moveu justiça o Autor meu sempiterno,
Formado fui por divinal possança,
Sabedoria suma e amor superno.[1]
3 “No existir, ser nenhum a mim se avança,
Não sendo eterno,[2] e eu eternal perduro;
Deixai, o vós, que entrais, toda a esperança!”
4 Estas palavras, em letreiro escuro
Eu vi, por cima de uma porta escrito.
“Seu sentido” — disse eu — “Mestre, me é duro.”
5 Tornou Virgílio, no lugar perito:
— “Aqui deixar convém toda a suspeita;
Todo o ignóbil sentir seja proscrito.
6 “Eis a estância, que eu disse, às dores feita,
Onde hás de ver atormentada gente
Que da razão à perda está sujeita.”[3]
7 Pela mão me travando diligente,
Com ledo gesto o coração me erguia,
E aos mistérios guiou-me incontinente.
8 Por esse ar sem estrelas irrompia[4]
Soar de pranto, de ais, de altos gemidos:
Também meu pranto, de os ouvir, corria.[5]
9 Línguas várias, discursos insofridos,
Lamentos, vozes roucas, de ira os brados,
Rumor de mãos, de punhos estorcidos,
10 Nesses ares, pra sempre enevoados,
Retumbavam girando, e semelhando
Areias por tufão atormentados.
11 A mente aquele horror me perturbando,
Disse a Virgílio: — “Ó Mestre, que ouço agora?
“Quem são esses, que a dor está prostrando?”

12 “Deste mísero modo” — tornou — “chora
Quem viveu sem jamais ter merecido
Nem louvor, nem censura infamadora.[6]
13 “De anjos mesquinhos coro é-lhes unido,
Que rebeldes a Deus não se mostraram,
Nem fiéis, por si sós havendo sido.”
14 “Desdouro[7] aos Céus, os Céus os desterraram;
Nem o profundo Inferno os recebera,
De os ter consigo os maus se gloriaram”.[8]
15 “Que dor tão viva deles se apodera,
Que aos carpidos motivo dá tão forte?”
“Serei breve em dizer-to” — me assevera.
16 “Não lhes é dado nunca esperar morte;
É tão vil seu viver nessa desgraça,
Que invejam de outros toda e qualquer sorte.
17 “No mundo o nome seu não deixou traça;
A Clemência, a Justiça os desdenharam.
Mais deles não falemos: olha e passa.”
18 Bandeira então meus olhos divisaram,
Que, a tremular, tão rápida corria,
Que avessa a toda a pausa a imaginaram.
19 E após tão basta multidão seguia,[9]
Que destruído houvesse tanta gente
A morte, acreditado eu não teria,
20 Alguns já distinguira: eis, de repente
Olhando, a sombra conheci daquele,
Que a grã renúncia fez ignobilmente.[10]
21 Soube logo, o que ao certo me revele,
Que era a seita das almas aviltadas,
Que os maus odeiam e que Deus repele.
22 Nunca tiveram vida[11] as desgraçadas,
Sempre, nuas estando, as torturavam
De vespas e tavões as ferroadas.

23 Os rostos seus as lágrimas regavam,
Misturadas de sangue: aos pés caindo,
A imundos vermes o repasto davam.[12]
24 De um largo rio à margem dirigindo
A vista, de almas divisei cardume.
— “Mestre, declara, aos rogos me anuindo,
25 Que turba é essa” — eu disse — “e qual costume
Tanto a passar a torna pressurosa,
Se bem discerno ao duvidoso lume?”
26 Tornou-me: — “Explicação minuciosa
Darei quando tivermos atingido
Do Aqueronte[13] a ribeira temerosa.”
27 Então, baixos os olhos e corrido
Fui, de importuno a culpa receando,
Té o rio, em silêncio recolhido.
28 Eis veio a nós em barca se acercando
De cãs coberto um velho[14] — “Ó condenados,
Ai de vós!” — alta grita levantando.
29 “O Céu nunca vereis, desesperados:
Por mim à treva eterna, na outra riva,
Sereis ao fogo, ao gelo transportados.
30 “E tu que estás aqui, ó alma viva
De entre estes que são mortos, já te ausenta!”
Como não lhe obedeço à voz esquiva,
31 “Por outra via irás” — ele acrescenta —
“Ao porto, onde acharás fácil transporte;
Lá passarás em barca menos lenta.[15]”
32 — “Não te agastes, Caronte! Desta sorte
Se quer lá onde” — disse-lhe o meu Guia —
“Quem pode ordena.[16] E nada mais te importe.”
33 Sereno, ouvido, o gesto se fazia
Da lívida lagoa ao nauta idoso,
Quem em círculos de fogo olhos volvia.

34 Às desnudadas almas doloroso
O gesto[17] descorou; dentes rangeram
Logo em lhe ouvindo o vozear raivoso.
35 Blasfemaram de Deus e maldisseram
A espécie humana, a pátria, o tempo, a origem[18]
Da origem sua, os pais de que nasceram.
36 Todas no pranto acerbo, em que se afligem,
Se acolhem juntas ao lugar tremendo,
Dos maus destinos, que se não corrigem.
37 Caronte, os ígneos olhos revolvendo,
Lhes acenava e a todos recebia:
Remo em punho, as tardias vai batendo.
38 Como no outono a rama principia
As flores a perder té ser despida,
Dando à terra o que à terra pertencia,
39 Assim de Adão a prole pervertida
Da praia um após outro se enviavam,
Qual ave dos reclamos atraída.
40 Sobre as túrbidas águas navegavam;
E pojado não tinham no outro lado,
Mais turbas já no oposto se apinhavam.
41 — "Aqui, meu filho" — disse o Mestre amado —
"Concorrem quantos há colhido a morte,
De toda a terra, tendo a Deus irado.
42 "O rio prontos buscam desta sorte,
De Deus tanto a justiça os punge e excita,
Tornando-se o temor anelo forte!
43 "Alma inocente aqui jamais transita,
E, se Caronte contra ti se assanha,
Patente a causa está, que tanto o irrita."[19]
44 Assim falava: a lúrida campanha
Tremeu e foi tão forte o movimento,
Que do medo o suor ainda me banha.

45 Da terra lacrimosa rompeu vento,[20]
Que um clarão respirou avermelhado;[21]
Tolhido então de todo o sentimento,
Caí, qual homem que é do sono entrado."[22]

---

[1] "Moveu justiça o Autor meu sempiterno": de fato, o Inferno é a manifestação da justiça divina. "Possança, sabedoria, amor: atributos das pessoas da Trindade. "Possança" é o pai, "sabedoria" é o filho, "amor" é o Espírito Santo.

[2] Antes do Inferno (segundo a concepção de Dante), só existiam coisas eternas, pois o Inferno foi criado logo depois da criação dos anjos, quando houve a queda dos anjos rebeldes (evento que, segundo Dante, ocorreu imediatamente depois da criação dos anjos).

[3] No original, diz "gente que perdeu o bem do intelecto": o bem do intelecto é a verdade, Deus.

[4] Note-se o efeito da cena criada: a primeira impressão que se tem do Inferno é sonora, em meio à escuridão, que não permite distinguir nada com a vista.

[5] Primeira manifestação da "piedade" mencionada no v. 5 do canto II, e que acompanhará Dante em muitos momentos do Inferno.

[6] São os indiferentes, pusilânimes, que não praticaram nem o bem nem o mal. Estes, em sua neutralidade, foram incapazes de usar a razão e o arbítrio para escolher entre o bem e o mal; e a razão e o arbítrio são aquilo que distingue o homem e todos os personagens de Dante. Por isso, os ignavos são tratados com extremo desprezo no poema, não merecendo nem mesmo o Inferno (pois, de fato, eles estão antes do início efetivo do Inferno).

[7] Desonrar, vergonha.

[8] Os "maus" (os anjos rebeldes ou os danados de modo geral) poderiam ter alguma glória. Essa glória pode ter dois motivos: ou um prazer em ver que os ignavos também foram para o Inferno ou uma ideia de superioridade por parte dos *maus*, que ao menos tiveram coragem (ainda que para fazer o mal).

[9] Os ignavos, que não escolheram e seguiram uma bandeira em vida, são

obrigados a correr atrás de uma bandeira no Inferno.

[10] Os comentadores ainda discutem sobre a possível identificação desse personagem. Muitos dizem que se trata do papa Celestino V, o eremita Pietro da Morrone, que renunciou ao papado em 1294. Essa é a principal identificação, que, contudo, não exclui muitas outras (como Pilatos, Esaú, outros contemporâneos de Dante etc.).

[11] É próprio do homem usar a razão e o arbítrio. Logo, é como se os ignavos não tivessem vivido, já que não fizeram aquilo que é próprio do homem. Além disso, como Virgílio disse, “No mundo o nome seu não deixou traça” (no v. 49).

[12] Os ignavos, nunca estimulados em vida, são agora estimulados por vespas e tavões; seus sangue e lágrimas alimentam animais repugnantes e vis.

[13] Aqueronte: rio infernal da tradição clássica. É o rio que marca o início do reino dos mortos (na mitologia clássica, o Averno), o qual as almas tinham de atravessar. Aqui Dante segue de perto o livro VI da *Eneida*.

[14] Caronte, também personagem da mitologia clássica, que transporta as almas de uma margem a outra do Aqueronte.

[15] Caronte prevê a salvação de Dante depois da morte, dizendo que Dante fará uma viagem diferente daquela que ocorre no Inferno. De fato, alguns termos aqui citados ocorrem também no início do “Purgatório” (canto II), quando se fala da viagem que as almas fazem para chegar ao Purgatório.

[16] No céu, onde Deus pode tudo o que ordena. Essa fórmula será empregada por Virgílio outras vezes em resposta a guardiões infernais.

[17] No original, o “grito” (referência aos vv. 84-87).

[18] Segundo o texto original, a expressão pode significar “a semente da sua concepção” ou “a origem da sua estirpe”.

[19] No original, “bem podes saber o que significam as suas palavras”; e as palavras de Caronte significam que a Dante se reserva a salvação.

[20] Acreditava-se que o terremoto fosse causado por ventos ou vapores subterrâneos que, dilatados pelo calor, não encontravam meio de saída na terra.

[21] O vento produziu o clarão que, por sua vez, fez Dante perder os sentimentos (como se diz no verso seguinte).

[22] O desmaio de Dante mantém secreta a passagem entre as margens do Aqueronte, mas parece ser uma intervenção sobrenatural que permite tal passagem sem a necessidade da barca de Caronte.

CANTO IV

Dante baixa com Virgílio ao primeiro círculo do Inferno, onde demora o Limbo. Ali, atormentadas somente pela aspiração à felicidade sem esperança, vê as almas dos que não foram batizados: é a mansão de Virgílio. Vê-se com as sombras dos mais famosos poetas gentílicos, à frente dos quais se apresenta Homero. Do recebimento honroso feito a Virgílio participa Dante. Incorporado àquela assembleia ilustre, é conduzido a um recinto particular do Limbo, onde se acham reunidas as almas dos varões e damas insignes. Depois de contemplá-los, retira-se com o seu Guia.

Dante e Virgílio descem ao primeiro círculo do Inferno, o Limbo, onde estão as almas justas que não conheceram a fé. Virgílio fala da descida de Jesus ao Limbo. Em um lugar apartado, Virgílio é recebido pelos mais famosos poetas da Antiguidade. Dante e os poetas se dirigem ao “nobre castelo” do Limbo, onde estão os filósofos, poetas e heróis da Antiguidade.

1 Desse profundo sono fui tirado
Por hórrido estampido, estremecendo
Como quem é por força despertado.
2 Ergui-me, e, os olhos quietos já volvendo,
Perscruto por saber onde me achava,
E a tudo no lugar sinistro atendo.
3 A verdade é que então na borda estava,
Do vale desse abismo[1] doloroso,
Donde brado de infindos ais troava.
4 Tão escuro, profundo e nebuloso
Era, que a vista lhe inquirindo o fundo,
Não distinguia no antro temeroso.
5 “Eia! Baixemos, pois, da treva ao mundo!”
O Poeta então disse-me enfiando[2]
“Eu descerei primeiro, tu segundo”.
6 Tornei-lhe, a palidez sua notando:
“Como hei de ir, se és de espanto dominado,
Quando conforto estou de ti esperando?”
7 “Dos que lá são o angustioso estado
Causa a que vês no rosto meu impressa,
Piedade, medo não, como hás cuidado.
8 “Vamos: longa a jornada exige pressa.”
Entrou, e eu logo, o círculo primeiro[3]
Onde o abismo a estreitar-se já começa.
9 Escutei: não mais pranto lastimeiro
Ouvi; suspiros só, que murmuravam,
Vibrando do ar eterno o espaço inteiro.
10 Pesares sem martírio os motivavam
De varões e de infantes, de mulheres
Nas multidões, que ali se apinhoavam.
11 “Conhecer” — meu bom Mestre diz — “não queres
Quais são os que assim vês ora sofrendo?
Antes de avante andar convém saberes

12 Que não pecaram: boas obras tendo
Acham-se aqui; faltou-lhes o batismo,
Portal da fé, em que és ditoso crendo.
13 “Na vida antecedendo o Cristianismo,
Devido culto a Deus nunca prestaram:[4]
Também sou dos que penam neste abismo.
14 “Por tal defeito — os mais não nos mancharam —
Perdemo-nos: a pena é desesp’rança,
Desejos, que pra sempre se frustraram.”[5]
15 Ouvi-lo — em dor o coração me lança,
Pois muitos conheci de alta valia,[6]
A quem do Limbo a suspensão[7] alcança.
16 “Ó Mestre! Ó meu Senhor! diz-me” — inquiria,
Para ter da certeza o firme esteio
À fé, que os erros todos desafia[8] —
17 “Por seu merecimento ou pelo alheio
Daqui alguém ao Céu já tem subido?”
Da mente minha ao alvo o Mestre veio,
18 E falou-me: “Des’pouco aqui trazido,[9]
Descer súbito vi forte, guerreiro;[10]
De triunfal coroa era cingido.[11]
19 “Almas levou — do nosso pai primeiro,[12]
Abel, Noé, Moisés, que legislara,
Abrão, na fé, na obediência inteiro,[13]
20 “Davi, que sobre o povo hebreu reinara,
Israel com seu pai[14] e a prole basta,[15]
E Raquel,[16] por quem tanto se afanara.
21 “Para a Glória outros muitos mais afasta
Do Limbo; e sabe tu que antes não fora,
Salvo quem pertencera à humana casta.”[17]
22 Andávamos, enquanto isto memora,
Sem parar, pela selva penetrando,

Selva de almas, que aumenta de hora em hora.
23 E da entrada[18] não longe ainda estando,
Eis um clarão brilhante divisamos
Das trevas o hemisfério alumiando.[19]
24 Dali distantes ainda nos achamos
Não tanto, que eu não discernisse em parte
Que à sede de almas nobres caminhamos.
25 "Ó tu, que és honra da ciência e da arte,
Quem são" — disse — "os que, aos outros preferidos
Privilégio tamanho assim disparte?"[20]
26 Falou Virgílio: — "Assim são distinguidos
Do Céu, que atende à faina alta e preclara,[21]
Com que foram na Terra engrandecidos."
27 Eis voz escuto sonorosa e clara:
"Honrai todos o altíssimo poeta![22]
"A sombra sua torna, que ausentara."
28 Quatro sombras notei, quando aquieta
O rumor, que a nós vinham: nos semblantes
Nem prazer, nem tristeza se interpreta.[23]
29 E disse o Mestre, após alguns instantes:
"Aquele vê, que, qual monarca ufano,
Empunha espada e os três deixa distantes
30 "É Homero,[24] o poeta soberano;
O satírico Horácio[25] é o outro, e ao lado
Ovídio,[26] em lugar último, Lucano.[27]
31 "Como lhes cabe o nome assinalado
Que soou nessa voz, há pouco ouvida,
Me honrando, honrosa ação praticado."[28]
32 A bela escola assim vi reunida
Do Mestre egrégio do sublime canto,
Águia em seu voo além dos mais erguida.[29]
33 Discursando entre si tendo algum tanto,

A mim volveram gracioso o gesto:
Sorriu Virgílio, dessa mostra ao encanto.
34 Mais foi-me alto conceito manifesto,
Quando acolher-me ao grêmio seu quiseram,
Entre eles me cabendo o lugar sexto.[30]
35 Té o clarão comigo se moveram,
Prática[31] havendo, que omitir é belo,
Sublime no lugar, onde a teceram.
36 Chegamos junto a um fúlgido castelo[32]
Sete vezes de muro alto cercado:[33]
Cinge-o ribeiro[34] lindo, mas singelo.
37 Passei-o a pé enxuto; acompanhado
Entrei por sete portas, caminhando
De fresca relva até ameno prado.[35]
38 Graves, pausados olhos meneando
‘Stavam sombras de aspecto majestoso,
Com voz suave rara vez falando.
39 A um lado, sobre viso[36] luminoso
Subimo-nos: de lá se divisava
Dessas almas o bando numeroso.
40 No verde esmalte o Mestre me indicava
Egrégias sombras: inda me extasia
O prazer com que vê-los exultava.
41 Electra[37] vi de heróis na companhia,
Eneias com Heitor[38] e guarnecido
Grifanhos olhos[39] César nos volvia.
42 Pentesileia[40] vi e o rosto ardido
De Camila, e sentado o rei Latino[41]
Junto a Lavínia[42] estava enternecido.
43 Notei Márcia,[43] Lucrécia[44] e o que Tarquino[45]
Lançou, Cornélia[46] e Júlia;[47] retirado
De todos demorava Saladino.[48]

44 Alçando os olhos, de respeito entrado,
O Mestre vejo dos que mais se acimam
Em saber, de filósofos cercado.
45 Todos com honra e acatamento o estimam.
Aqui Platão e Sócrates estavam,
Que na grandeza mais se lhe aproximam.[49]
46 Demócrito,[50] o atomista, acompanhavam
Zeno,[51] Heráclito,[52] Tales[53] e Anaxágora,[54]
Empédocles[55] e Diógenes[56] falavam,
47 Dióscoris,[57] o que a natureza outrora
Sábio estudara, Orfeu,[58] Túlio eloquente,[59]
Sêneca,[60] o douto, que a moral explora,
48 Lívio,[61] Euclides,[62] Hipócrates[63] ingente,
Galeno,[64] Ptolomeu[65] e o Avicena;[66]
Averróis, nos comentos sapiente.
49 Resenha não me é dado fazer plena
De todos; longo o assunto está me urgindo,
E a ser omisso muita vez condena.
A companhia então se dividindo,
50 Comigo o Mestre outra vereda trilha,
Do ar sereno ao ar, que treme, vindo:
Chegados somos onde luz não brilha.

---

[1] O Inferno, um abismo profundo em forma de funil, cortado horizontalmente por oito planos, que constituem nove círculos, os quais decrescem gradualmente.

[2] A tradução é obrigada a substituir a expressão *tutto smorto*, fundamental no contexto. A expressão significa “pálido” (o que será mencionado no verso 16) e indica o estado do próprio guia de Dante.

[3] O Inferno dantesco é formado por nove círculos. O primeiro deles (que é, portanto, o mais alto e mais amplo) é o Limbo, dedicado aos justos que não

conheceram a fé cristã (personagens virtuosos da antiguidade pagã, crianças não batizadas, e outros que, mesmo nascidos depois de Cristo, não foram batizados). No Limbo, não existe uma pena efetiva (“Pesares sem martírio”, v. 28), mas também não existe a esperança pela beatitude. Logo, os habitantes do Limbo sofrem pela ausência de Deus.

[4] Ao contrário dos justos do Antigo Testamento.

[5] O eterno desejo de Deus e a ausência de esperança.

[6] Outros semelhantes a Virgílio.

[7] Corresponde ao estado em que se encontram as almas do Limbo, em um eterno desejo que não pode ser satisfeito e em suspensão entre a danação e a beatitude.

[8] Para ter certeza daquilo que afirma a fé cristã: a descida de Jesus ao Inferno (questão subentendida na pergunta de Dante).

[9] Virgílio morreu em 19 a.C.: pouco tempo, antes da descida de Jesus ao Inferno depois de sua morte (pouco tempo, se comparado aos séculos que se passaram antes do encontro com Dante, em 1300).

[10] Jesus, que desceu ao Inferno para libertar as almas dos justos do Antigo Testamento (sobretudo dos patriarcas) e para levá-las ao Paraíso.

[11] Trata-se, provavelmente, da auréola crucífera, frequente na iconografia medieval.

[12] Adão.

[13] No original: “Abraão patriarca”; “na fé” é acréscimo da tradução; “na obediência” é, no original, atribuído a Moisés, para indicar que Moisés, embora tenha dado a lei ao seu povo, era sempre obediente a Deus.

[14] Israel, isto é, Jacó, filho de Isaque e Rebeca.

[15] Os doze filhos de Jacó, dos quais nasceram as doze tribos de Israel.

[16] A esposa Raquel: para se casar com ela, Jacó teve de servir na casa de seu sogro Labão por 14 anos.

[17] Antes da morte de Cristo ninguém se salvou.

[18] Do lugar onde Dante acordou.

[19] Um fogo que iluminava um hemisfério de trevas (criando meia esfera

luminosa). Essa é a interpretação seguida pela tradução, mas o texto original autoriza também outra interpretação (embora menos provável): um fogo circundado por um hemisfério de trevas.

[20] Segundo o original: “quem são estes que mostram tamanha honra, que os diferencia da condição das outras almas do Limbo?”.

[21] Trata-se dos filósofos, poetas e heróis antigos, que, por causa de sua grande fama na terra, obtiveram do céu um tratamento distinto em relação às outras almas do Limbo e aos danados de modo geral.

[22] Virgílio, que havia saído do Limbo, a pedido de Beatriz.

[23] Mais uma alusão à condição de “suspensão” das almas do Limbo. Alguns críticos defendem também que o verso convém à impassibilidade que caracteriza a figura ideal do sábio.

[24] Homero vem à frente dos outros porque é considerado o rei dos poetas; traz uma espada porque seus poemas falaram das armas. Dante não conheceu diretamente seus poemas, mas apenas traduções latinas esparsas feitas por autores romanos.

[25] Horácio, poeta latino (65 a.C.-8 a.C.), autor das *Sátiras* e das *Epístolas*, as quais Dante conhecia bem, assim como seus contemporâneos, que muitas vezes liam as obras do poeta latino em busca de ensinamentos morais.

[26] Ovídio, poeta latino (43 a.C.-17 d.C.), muito famoso na Idade Média, sobretudo pelas *Metamorfoses*, consideradas uma espécie de enciclopédia dos mitos antigos. Ovídio é fonte direta de muitos episódios do poema.

[27] Lucano, poeta latino (39 d.C.-65 d.C.), autor da *Farsália*, modelo de poema épico admirado por Dante, depois da *Eneida* de Virgílio. Também Lucano é fonte direta de muitos trechos da *Divina Comédia*. Os três poetas latinos que vão ao encontro de Dante eram, além de Virgílio, os poetas mais lidos e estudados na Idade Média, considerados por Dante exemplos para aqueles que quisessem escrever bem em versos.

[28] “Como eles dividem comigo o nome de poeta (‘o nome assinalado / que soou nessa voz, há pouco ouvida’), honram-me e, com isso, praticam uma ação justa.” Ao honrar Virgílio, os poetas honram o nome de poeta e a arte da poesia.

[29] Homero, mestre da poesia épica (“sublime canto”: versos no mais alto estilo).

[30] Dante se coloca como continuador dos poetas clássicos, criando uma continuação entre a tradição clássica e o mundo de seu tempo.

[31] Prática: conversação. Logo, conversação da qual é mais belo não falar, como esta era bela no lugar onde era feita (“onde a teceram”); ou seja, é tão conveniente não falar sobre a conversação como foi conveniente realizá-la naquela ocasião. Isso porque o tema da conversação, conquanto prazeroso naquele momento, poderia se tornar, no poema, uma digressão inoportuna.

[32] O “nobre castelo” do Limbo, modo de concretizar a situação especial dessas almas do Limbo. Sobre o significado alegórico desse castelo, existem diferentes interpretações. Segundo alguns, é o castelo da sapiência humana ou da filosofia de modo geral; os sete muros seriam as sete partes da filosofia (física, metafísica, ética, política, economia, matemática, dialética) ou as sete artes liberais do *trivium* (gramática, retórica, dialética) e do *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música). Outros consideram o castelo uma figura da nobreza humana, à qual conduzem as quatro virtudes morais (prudência, justiça, fortaleza e temperança) e as três virtudes intelectuais (inteligência, ciência e sapiência). Os magnânimos do castelo seguiram todas as virtudes naturais do homem (as virtudes morais e as virtudes intelectuais); se eles não foram salvos, é porque não conheceram as virtudes teologais (fé, esperança e caridade), que estão acima da natureza humana.

[33] Outro elemento lido em chave alegórica, ao qual se atribuem diversos significados. Os principais desses significados são as atrações mundanas, que agem como um obstáculo, e a eloquência, entendida como precedente para as ciências.

[34] O ribeiro não era um verdadeiro obstáculo para os poetas.

[35] Referência ao prado dos Campos Elísios, no mundo dos mortos da *Eneida* (livro VI, 638). A cena do castelo retoma muitos elementos relativos aos Campos Elísios virgilianos.

[36] Outeiro, elevação.

[37] Electra, mãe de Dárdano, mítico fundador de Troia.

[38] Heitor, herói troiano da *Ilíada*, morto por Aquiles no final do poema.

[39] “Grifanhos olhos”: olhos ferozes, ameaçadores.

[40] Rainha das amazonas, morta na Guerra de Troia, também pela mão de Aquiles.

[41] Rei do Lácio, quando Eneias chegou à Península Itálica.

[42] Lavínia, filha de Latino e segunda esposa de Eneias, união que está nas origens míticas de Roma.

[43] Mulher de Catão de Útica, personagem que tem especial relevo no "Purgatório".

[44] Mulher de Colatino, comete suicídio após perder a honra por causa de Sexto Tarquínio; sua morte desencadeou a revolta contra os Tarquínios.

[45] Lúcio Júnio Brutos: depois de ter expulsado Tarquínio, o Soberbo (pai de Sexto Tarquínio), de Roma, tornou-se o primeiro cônsul da república romana.

[46] Cornélia: filha de Cipião, mãe dos irmãos Graco; ou a segunda mulher de Pompeu, recordada na *Farsália* (II, 344-9) ao lado de Márcia, mulher de Catão.

[47] Filha de César e mulher de Pompeu. Todas as mulheres citadas nesses dois versos são da história republicana, famosas por suas virtudes.

[48] Salah-ed-Din, sultão do Egito no século XII, considerado um bom soberano na Idade Média (segundo os seus gestos na Terceira Cruzada).

[49] Segundo o original: que estão mais próximos de Aristóteles (o que pode ser ulteriormente interpretado como na tradução de Xavier Pinheiro).

[50] Filósofo do século V a.C., que defendia que o mundo tinha sido criado por uma junção casual de átomos.

[51] Zeno de Eleia (V a.C.) ou Zeno de Cítio (III a.C.). O segundo, fundador da escola estoica, era mais famoso. Mas, pela cronologia estabelecida nesses versos, que tratam apenas de pré-socráticos, parece mais plausível considerar que se trate de Zeno de Eleia.

[52] Heráclito (V a.C.), que explicou o universo segundo a teoria da perene mudança de todas as coisas.

[53] Tales de Mileto (VI a.C.), o mais antigo entre os mais importantes filósofos gregos.

[54] Anaxágora (V a.C.), mestre de Péricles. O nome "Anaxagora" tem de ser lido como paroxítono (em vez do comum Anaxágora), para efeitos métricos e para a

perfeição da rima.

[55] Empédocles (V a.C.), autor de um poema sobre a natureza e de uma cosmogonia que se baseia na discórdia entre os elementos, à qual Dante fará referência em "*Inferno*", XII, 42-43.

[56] Provavelmente Diógenes, o Cínico (IV a.C.), que desprezava as riquezas e os vícios humanos. Outros consideram Diógenes de Apolônia, discípulo de Anaxímenes, citado por São Tomás ao lado de outros filósofos citados nesses versos.

[57] Dióscoris (I d.C.) escreveu um tratado sobre medicina, em que se falava sobre as propriedades medicinais de ervas.

[58] Mítico poeta grego, cujo canto atraía as pedras e amansava as feras.

[59] Cícero (II-I a.C.), grande orador e filósofo romano, cujas obras eram muito lidas no período de Dante. Autor muito citado por Dante, sobretudo no que diz respeito à filosofia moral.

[60] Sêneca (I d.C.), filósofo romano, mestre de Nero. Como com Cícero, Dante muitas vezes o cita como filósofo moral.

[61] Lívio (I a.C.-I d.C.), historiador romano, autor de *Ab urbe condita*. Outras edições leem Lino, outro poeta grego mítico.

[62] Euclides (IV-III a.C.), matemático grego, pai da geometria.

[63] Hipócrates (IV a.C.), ilustre médico grego.

[64] Galeno (II a.C.), médico e filósofo.

[65] Ptolomeu (II a.C.), astrônomo egípcio, criador do sistema astronômico geocêntrico, seguido na Idade Média.

[66] Avicena (século X) e Averróis (século XII): filósofos árabes, ilustres comentadores de Aristóteles que influenciaram profundamente o pensamento filosófico na Idade Média.

CANTO V

À entrada do círculo segundo, está Minos, que julga as almas dos peca dores. Dante e Virgílio penetram no lugar tenebroso, onde são atormentados os voluptuosos por eterna tormenta. Episódio de Francesca. Interrogada por Dante, conta-lhe a sua história. O Poeta é tão intensamente impressionado, que cai como morto.

Segundo círculo: luxuriosos. Dante e Virgílio se deparam com Minos, que julga as almas do Inferno, e veem as almas de personagens famosos que cometeram o pecado da luxúria. Os amantes Paolo e Francesca vão ao encontro de Dante, que ouve a narração de sua história e, comovido por intensa piedade, desmaia.

1 Desci destarte ao círculo segundo,
Que o espaço menos largo compreendia,[1]
Onde o pungir da dor é mais profundo.
2 Lá estava Minos[2] e feroz rangia:
Examinava as culpas desde a entrada,
Dava a sentença como ilhais cingia:[3]
3 Ante ele quando uma alma desditada
Vem, seus crimes confessa-lhe em chegando,
Com perícia em pecados consumada.
4 Lugar no Inferno, Minos, lhe adaptando,
Do abismo o círc'lo arbitra, a que pertença,
Pelas voltas da cauda graduando.[4]
5 Sempre muitas se lhe acham na presença;
Cada qual tem sua vez de ser julgada,
Diz, ouve, cai, se some sem detença.
6 Minos, logo me vendo, iroso brada,
Do grave ofício no ato sobrestando:[5]
— "Ó tu, que vens das dores à morada;
7 Olha como entras e em quem 'stás fiando:
Não te engane do entrar tanta largueza!"[6]
— "Por que falar" — meu Guia diz — "gritando?
8 "Vedar não tentes a fatal empresa:[7]
Assim se quer lá onde o que se ordena
Se cumpre. Assaz te seja esta certeza!"
9 Eis já começo da infernal geena[8]
A ouvir os lamentos: sou chegado
Aonde intenso carpir me aviva a pena.
10 Em lugar de luz mudo[9] tenho entrado:
Mugia, como faz mar combatido
Dos ventos pelo ímpeto encontrado.
11 Da tormenta o furor, nunca abatido,
Perpetuamente as almas torce, agita,

Molesta, em seus embates recrescido.[10]
12 Quando à borda do abismo[11] as precipita,
Ais, soluços, lamentos vão rompendo.
Blasfema a Deus a multidão maldita.
13 Ouvi que estão no padecer horrendo
Os que aos vícios da carne se entregavam,
Razão aos apetites submetendo.[12]
14 Quais estorninhos, que a voar se travam[13]
Em densos bandos na estação já fria,
Em rodopio as almas volteavam
15 Ao capricho do vento, que as trazia.[14]
De pausa não, de menos dor a esp' rança
Conforto lhes não dá nessa agonia.[15]
16 Como nos ares longa série avança[16]
De grous, que vão cantando o seu grasnido,
Assim no gemer seu, que não descansa,
17 Traz o tufão as sombras desabrido.
— "Mestre" — disse eu — "quais almas são aquelas
Que o vendaval fustiga denegrido?"[17]
18 — "A primeira" — tornou Virgílio — "entre elas
De quem notícias ter desejarias,
Regeu nações, diversas nas loquelas.
19 "De luxúria fez tantas demasias
Que em lei dispôs ser lícito e agradável[18]
Para desculpa às torpes fantasias.
20 "Semíramis[19] chamou-se: o trono estável
Herdou de Nino e foi a sua esposa.
Do Soldão teve a terra memorável.[20]
21 "À morte deu-se a outra, de amorosa,
Checar cinzas de Siqueu traidora e infida;[21]
Após Cleópatra vem luxuriosa."
22 Helena[22] vi, a causa fementida

De tanto mal,[23] e Aquiles celebrado
Que teve por amor a extrema lida.[24]
23 Páris, Tristão[25] e um bando assinalado
De sombras me indicou, nomes dizendo,
Que à sepultura amor tinha arrojado.[26]
24 A compaixão me estava confrangendo,[27]
Dessas damas e antigos cavalheiros
Nomes ouvindo e mágoas conhecendo.
25 Então disse eu: — "Poeta, aos companheiros[28]
Dois que ali vêm, falar muito desejo:
Ao vento ser parecem tão ligeiros!"[29]
26 "Hás de ter" — me tornou — "azado ensejo,
Quando forem mais perto; então lhes pede
Pelo amor que os uniu: virão sem pejo."
27 Quando acercar-se o vento lhes concede
A voz alcei: — "Oh! vinde, almas aflitas,
Falar-nos, se alta lei não vo-lo impede."
28 Quais pombas, que saudosas, de asas fitas
Ao doce ninho, em voo despedido,[30]
Vão pelo ar, aos desejos seus adstritas:
29 Tais saíram da turba, em que era Dido,
A nós as duas sombras se inclinando,
Tanto as moveu da voz o tom sentido![31]
30 — "Ente benigno, compassivo e brando,
Que nos vem visitar por este ar perso,[32]
Tendo nós[33] dado o sangue ao mundo infando,
31 "Se amigo o Senhor fosse do universo,[34]
Da paz, aos rogos nossos, gozarias,
Pois te enternece o nosso mal perverso.
32 "Enquanto o vento é quedo,[35] o que dirias
Havemos nós de ouvir atentamente;
Diremos quanto ouvir desejarias:[36]

33 “Onde, a paz desejando, o Pado ingente
Com seus vassalos para o mar descende,
A terra, em que hei nascido, está jacente.[37]
34 “Amor, que os corações súbito prende,
Este inflamou por minha formosura,[38]
Que roubaram-me: o modo inda me ofende.[39]
35 “Amor, em paga exige igual ternura,[40]
Tomou por ele em tal prazer meu peito,[41]
Que, bem o vês, eterno me perdura.[42]
36 “Amor nos igualou da morte o efeito:[43]
A quem no-la causou, Caína, esperas.”[44]
Após tais vozes foi silêncio feito.
37 Daquelas almas as angústias feras
Em meditar amargo a fronte inclino
Té que o Mestre exclamou: “Que consideras?”
38 Quando pude, falei: “Cruel destino!
Que doce cogitar! Que meigo encanto,
Precederam do par o fim maligno!”
39 Aos dois voltei-me e disse-lhes, entanto:
“Teus martírios, Francesca, me angustiam,
Movem-me o triste, compassivo pranto.
40 “Quando os doces suspiros só se ouviam,
Como, em que Amor há
Os desejos, que ainda se escondiam?”[45]
41 — “Não há” — disse — “tormento mais dorido
Que recordar o tempo venturoso
Na desgraça. Teu Mestre o tem sentido.[46]
42 “Mas porque de saber és desejoso
Como nasceu a flor do nosso afeto,
Direi chorando o lance lastimoso.
43 “Por passatempo eu lia o meu dileto
De Lanceloto extremos namorados;

Éramos sós, de coração quieto.[47]
44 “Nossos olhos, por vezes encontrados,
Cessam de ler; ao gesto a cor mudara.
Um ponto só deu causa aos nossos fados.[48]
45 “Ao lermos que nos lábios osculara
O desejado riso o heroico amante,[49]
Este, que mais de mim se não separa,
46 “A boca me beijou todo tremante,
De Galeotto[50] fez o autor e o escrito.
Em ler não fomos nesse dia avante.”
47 Enquanto a história triste um tinha dito,
Tanto carpia o outro,[51] que eu, absorto
Em piedade, senti letal conflito,
E tombei, como tomba corpo morto.

---

[1] O Inferno tem forma afunilada: quanto mais baixo um círculo, mais estreito ele é. Por outro lado, os pecados e as punições são de gravidade crescente. Aqui já está se delineando a estrutura topográfica e moral do Inferno.

[2] Minos, rei de Creta, filho de Zeus e de Europa. Segundo o mito, sábio e rigoroso legislador. Por isso, foi escolhido pelos poetas antigos como juiz infernal. Dante o coloca depois do Limbo, no lugar em que os círculos do Inferno passam a ter uma punição efetiva, e sua função é atribuir a cada alma o seu lugar no Inferno. Atribuindo tal função a Minos, Dante está de acordo com Virgílio em *Eneida*, VI. Entretanto, como acontecerá com os outros personagens mitológicos que se tornaram guardiões infernais na *Divina Comédia* (com exceção de Caronte, que está antes do Inferno efetivo), Minos é retratado como um demônio, tendo perdido a sua humanidade.

[3] A sentença de Minos consistia em indicar o círculo do Inferno segundo o número de voltas que Minos dava com a cauda.

[4] Provavelmente, trata-se de longa cauda que pode cingir o corpo de Minos com várias voltas. Outra interpretação: Minos repete várias vezes o gesto de cingir o

corpo com a cauda.

[5] Interrompendo o ato do importante ofício.

[6] É fácil entrar no Inferno, mas não sair dele. Tal ideia se encontra, por exemplo, no Evangelho Segundo Mateus, 7, 13, mas também na *Eneida* (VI, 126-129).

[7] Empresa imposta pelo fado, entendido aqui no sentido cristão de “vontade de Deus”. De fato, uma empresa realizada segundo a vontade de Deus não pode ser impedida.

[8] Tormento.

[9] Lugar mudo de luz: escuro.

[10] O segundo círculo do Inferno pune os luxuriosos. Nesse círculo, são eternamente atormentados por uma tempestade (“tormenta”) sem fim os espíritos que se deixaram arrebatar pela “tempestade das paixões” em vida.

[11] No original, o termo é *ruina*, que é interpretado de diferentes formas. Alguns interpretam como o arroubo do vento da tempestade. Outros consideram que seja o lugar de onde sai o vento da tempestade. Outros entendem como uma “derrocada” rochosa, que permite o acesso ao segundo círculo (e da qual todos os danados talvez sejam precipitados, após a sentença de Minos).

[12] Os luxuriosos (“os que aos vícios da carne se entregavam”), que submeteram a razão aos apetites, ao desejo, ao instinto. Isso significa uma degradação do homem e uma renúncia à sua dignidade, já que a razão é o que o diferencia de todos os outros seres.

[13] Essa primeira comparação fala da condição de todas as almas do círculo.

[14] O vento leva as almas por todas as direções.

[15] Não os conforta a esperança — esperança não de uma pausa, mas ao menos de uma pena menor.

[16] Essa segunda comparação distingue um grupo de almas que, como os grous, voam em fila, trazendo lamentos.

[17] Essa terceira comparação também distingue um grupo de almas que, como os grous, voam em fila, trazendo lamentos.

[18] Segundo o original, seria mais preciso dizer “que em lei dispôs ser lícito o (que é) agradável”, isto é, tornou lícito aquilo que agradava a cada um.

Semíramis, para acabar a censura que lhe dirigiam pelo incesto com seu filho (“torpes fantasias”), deu total liberdade a seus súditos.

[19] Semíramis (XIV a.C.), rainha dos assírios., considerada na Idade Média um exemplo de extrema luxúria.

[20] O termo “terra” (o mesmo do original) normalmente significa “cidade” nas obras de Dante. Logo, o verso significaria “governou a cidade (Babilônia) que hoje, em 1300, governa o Sultão”. Entretanto, Semíramis governou a Babilônia mesopotâmica, não a Babilônia do Egito. Logo, ou Dante confundiu ambas ou *terra* não significa “cidade” nesse caso. Alguns defendem que o termo “terra” assume aqui o significado de “região” e indica o Egito, pois, segundo algumas fontes, o Egito teria sido uma das conquistas de Nino, sucedido por Semíramis.

[21] Dido, rainha e fundadora de Cartago. Após a morte de seu primeiro marido Siqueu, apaixonou-se por Eneias, que a abandonou para cumprir o seu destino de fundador de Roma; por causa desse abandono, Dido se matou. A trágica e famosa história do amor de Dido por Eneias é tema do livro IV da *Eneida*.

[22] Helena, mulher de Menelau raptada por Páris, o que desencadeou a Guerra de Troia.

[23] Guerra de Troia.

[24] Aquiles, depois de derrotar tantos guerreiros, teve contra o amor o seu último combate (“extrema lida”).

[25] Páris, que raptou Helena e foi morto por Pirro (filho de Aquiles) ou por Filoctetes. Tristão, cavaleiro da Távola Redonda, apaixonou-se por Isolda, mulher de seu tio, rei Marcos, que o assassinou.

[26] Todos os personagens citados tiveram uma morte violenta, por causa do amor. Acreditava-se que Helena tivesse sido assassinada por uma mulher grega que queria vingar a morte do marido na Guerra de Troia e que Semíramis tivesse sido assassinada pelo filho por quem se apaixonara.

[27] No original, Dante diz que a compaixão era tão forte que ele quase perdeu os sentidos.

[28] Duas almas que se movimentam juntas.

[29] Fato interpretado de diversas maneiras. Alguns dizem que se trata de um abrandamento da pena; outros, que se trata de uma intensificação da pena.

Alguns defendem que o verso retrata a intensidade com a qual, em vida, os personagens se abandonaram à paixão.

[30] Voo planado de quando as pombas chegam ao ninho, com as asas abertas horizontalmente e paradas.

[31] Segundo o original, o afeto e a comoção impressos na voz de Dante.

[32] Escuro, negro. Segundo o *Convívio* (IV xx 2), uma cor entre púrpura e preto, sendo mais forte o preto.

[33] Almas que formam aquela fila de almas.

[34] "Se fosse amigo o Senhor do universo". Naturalmente, a hipótese expressa nesses versos é absurda, já que um danado não pode mais fazer orações a Deus. Entretanto, esses versos criam uma força dramática e uma atmosfera de cortesia que envolve todo o episódio e a personagem que aqui fala.

[35] O vento cessa no lugar em que se encontram as duas almas, para que se desenvolva o diálogo com Dante. Tal suspensão momentânea da pena é uma norma observada em outros episódios do poema, a qual permite o diálogo entre as almas e Dante.

[36] Ouviremos o que tu quiseres dizer e diremos o que tu quiseres ouvir.

[37] A alma começa a contar a sua história. Quem fala é Francesca da Polenta, mais conhecida como Francesca da Rimini, casada em 1275 com Gianciotto Malatesta, senhor de Rimini. Francesca se apaixonou pelo cunhado, Paolo Malatesta, que é a alma que a acompanha no Inferno; descoberto o adultério, ambos foram assassinados por seu marido. A história de Paolo e Francesca é uma das mais famosas do poema. Francesca inicia o seu discurso fazendo uma indicação do lugar onde nasceu: a cidade ("terra": Ravena) em questão se encontra perto da foz do rio Pó, onde encontram paz o rio Pó e os seus afluentes (na Idade Média, Ravena estava mais próxima do litoral do que está hoje).

[38] No original, "bela pessoa", tendo "pessoa" o sentido de "pessoa física". Logo, no verso seguinte, quando diz *que roubaram-me*, Francesca se refere mais precisamente ao seu corpo, acenando ao seu assassinato, realizado por seu marido.

[39] Há três interpretações principais para essa expressão. Uma das interpretações associa "modo a roubaram-me": o modo como Francesca foi assassinada é ainda

um tormento para ela. A segunda interpretação associa “modo” à proposição principal: a força com a qual Paolo se apaixonou ainda afeta Francesca. A terceira interpretação também associa *modo* à principal: a força com a qual Paolo se apaixonou por Francesca ainda é causa de tormento para ela.

[40] O amor não escusa o amado de corresponder ao amante.

[41] No original, “amor me tomou tão fortemente pela sua beleza”. O termo *piacer*, do texto original, é empregado no sentido de “beleza”, criando um paralelismo com o verso 101. Xavier Pinheiro traduz *piacer* como “prazer”, colocando-o como efeito da ação do amor.

[42] Refere-se ao *amor*, tão forte que, mesmo depois da morte, não abandona a personagem.

[43] No original, “amor nos conduziu a uma única morte”, que mostra a mesma consequência para ambos os amantes.

[44] Caína é uma zona do último círculo do Inferno, destinada aos traidores de parentes. Alusão velada ao marido de Francesca; e, talvez, alusão velada a uma possível traição que tenha possibilitado o crime por ele cometido.

[45] Como e em quais indícios amor revelou o desejo mútuo dos amante.

[46] Virgílio, que o sabe talvez por experiência própria (já que ele, como Francesca, vive no Inferno) ou por certos trechos da *Eneida* que exprimem ideias semelhantes. Alguns consideram, menos plausivelmente, que a expressão se refira a Boécio, que, n’*A consolação da filosofia*, empregou uma máxima semelhante à enunciada pela personagem.

[47] Sem desconfiar do que teria acontecido entre eles. Outra interpretação: sem pensar que alguém pudesse surpreendê-los.

[48] No original, “um ponto só nos venceu”, que revela a ideia de um conflito, implicitamente presente no empalidecimento dos personagens e no encontro de seus olhares — ambos os fenômenos impelidos pela leitura que estavam realizando.

[49] Lancelote.

[50] Galehaut incitou Ginevra a beijar Lancelote (de fato, no romance é a rainha que beija o cavaleiro). Na história de Paolo e Francesca, o livro e o seu autor fizeram as vezes de Galehaut, revelando o amor recíproco aos amantes.

[51] “Um”: Francesca. “Outro”: Paolo.

CANTO VI

Descreve-se o terceiro círculo, onde são punidos os que se deram ao pecado da gula. Guarda-os o cão Cérbero, monstruoso e trifauce, sempre a latir, a vexá-los, a mordê-los. Sobre os condenados cai chuva eternamente misturada de saraiva e neve. Dante fala a Ciacco, florentino famoso por sua gula, que responde às suas perguntas acerca das discórdias em que arde Florença.

Terceiro círculo: gulosos. Os poetas se deparam com Cérbero, monstro guardião do círculo, que tenta se opor ao caminho de Dante. O viajante encontra Ciacco, que responde às suas perguntas sobre Florença e realiza uma profecia. Virgílio esclarece a dúvida de Dante a respeito do Juízo Final. Ambos descem para o quarto círculo.

1 Do soçobro tornando a aflita mente,
Que da cópia[1] infelice contristado
Havia tanto o padecer pungente,
2 Achei-me novamente circundado
De outros míseros, de outras amarguras,
Que via em toda a parte, ao longe e ao lado.
3 Sou no terceiro círculo,[2] onde escuras,
Eternas chuvas, gélidas caíam,
Pesadas, sempre as mesmas, sempre impuras.
4 Saraiva grossa, neve, água desciam
Desse ar pelas alturas tenebrosas:
No chão caindo infecto odor faziam.[3]
5 Latia com três fauces temerosas
Cérbero,[4] o cão multiface e furente,
Contra as turbas submersas, criminosas.[5]
6 Sanguíneos olhos[6] tem, o ventre ingente,
Barba esquálida,[7] as mãos de unhas armadas;
Rasga, esfola, atassalha a triste gente.[8]
7 Uivam à chuva, quais lebréus, coitadas![9]
Mudam de lado sem cessar,[10] buscando
Defensa e alívio as almas condenadas.
8 Cérbero, o grande réptil[11] nos visando
Os dentes mostra, as bocas escancara,
De sanha[12] os membros todos convulsando.
9 Meu Guia, as mãos abrindo, se prepara;
Enche-as de terra, e às goelas devorantes
Lança da fera essa iguaria amara.
10 Qual mastim, que em latidos retumbantes
Brada de fome, e, apenas a sacia
Devorando, aquieta as iras de antes;
11 Tal, aplacando a fúria, parecia
O demônio que as almas atordoa:[13]

Surdez de ouvi-lo o mal lhes pouparia.
12 O solo, onde pisamos, se povoa
Das sombras, que essas chuvas derrubavam:
Forma e aparência tinham de pessoa.[14]
13 Sobre a terra estendidas a alastravam;
Mas uma surge, súbito sentada,
Aos passos que adiante nos levavam.
14 — "Tu" — disse — "que és guiado pela estrada
Do Inferno, vê se acaso me conheces:
Nasceste antes de eu ser nesta morada."
15 Tornei-lhe: "A grande angústia em que padeces
Tua feição lembrar-me não consente:
Ignota face aos olhos me ofereces.
16 "Quem és que em tal lugar tão duramente
Pelos pecados teus 'stás dando a pena?
Se há maior, nenhuma é tão displicente."
17 — "Em tua pátria" — responde — "que tão plena
Já é de inveja,[15] que transborda o saco,
Existência gozei leda e serena.[16]
18 "Vós, florentinos, me chamastes Ciacco:[17]
Por ter da gula a intemperança amado
À chuva peno enregelado e fraco.
19 "Mas sou nesta miséria acompanhado;
Pois quantos aqui estão de igual castigo
Punidos foram por igual pecado."
20 — "Com dor sincera" — lhe falei — "te digo
Que esse tormento o peito me enternece,
Saberás se os partidos a perigo
21 "Florença levarão, que já padece?[18]
Algum justo ali vive? A que motivo
A cizânia[19] se deve, que ali cresce?"
22 — "Virão a sangue[20] após ódio excessivo;
E o partido selvagem[21] triunfante

O outro lançará feroz e esquivo.[22]
23 “Três sóis passados, chegará o instante
De ser pelos vencidos suplantado,
Que esforça alguém,[23] que aos dois faz bom semblante.
24 “Por algum tempo o vencedor ousado
A cerviz calcará do outro partido
Que se aflige oprimido e envergonhado.
25 “Justos há dois: ninguém lhes presta ouvido.[24]
Três brandões — Avareza, Orgulho, Inveja,
Incêndio tem nos peitos acendido.”
26 Assim a flébil narração boqueja.
Eu lhe respondo: “A informação completa,
Favor farás a quem te ouvir almeja.
27 “Farinata e Tegghiaio, de alma reta,
Jacopo Rusticucci, Mosca, Arrigo,[25]
E os mais que da virtude o amor inquieta,
28 “Onde estão? Diz e franco sê comigo!
Saber qual seja anelo a sorte sua:
Estão no Céu, ou no Inferno têm castigo?”
29 “Entre os que sofrem punição mais crua[26]
Estão, por seus maus feitos, lá no fundo:
Se lá desces, verão a face tua.
30 “Quando tornares ao saudoso mundo,
De mim aviva aos meus o pensamento.[27]
Não mais: volto ao silêncio meu profundo.”
31 Os olhos que não tinham movimento,
Torcendo fita em mim; já curva a frente
E cai entre os mais cegos num momento.[28]
32 E disse o Vate: “Em sono permanente[29]
Hão de aguardar a angélica chamada,
Quando os julgar severo o Onipotente.
33 “Cada um, a triste sepultura achada,
Ressurgindo na carne e na figura,

Voz[30] ouvirá para sempre reboada.”
34 A passo lento assim pela mistura
Das sombras e da chuva caminhando,
Falávamos da vida, que é futura.
35 — “Mestre” — disse-lhe então — “irá medrando
Depois da grã sentença esse tormento?
Igual pungir terá? Será mais brando?”
36 — “Do teu saber recorre ao documento:[31]
Verás que ao ente quanto mais se eleva
Do bem, da dor mais cresce o sentimento.
37 “Bem que esta raça condenada à treva
Jamais da perfeição se eleve à altura
Ressurgindo, há de ter pena mais ceva.”[32]
38 Perlustramos do círculo a cintura,
De coisas praticando que não digo,
Té descer um degrau na estância escura.[33]
Ali está Pluto, o nosso grande imigo.

---

[1] Casal.

[2] Terceiro círculo: círculo dos gulosos.

[3] A punição dos gulosos é uma eterna e violenta chuva escura, misturada com granizo (*saraiva*) e neve. O mau cheiro faz parte da punição, pois o olfato é um sentido que participa do pecado da gula.

[4] Cão de três cabeças, monstro infernal da mitologia clássica, colocado como guardião do Averno (o mundo dos mortos) na *Eneida*. Dante, transformando-o em demônio, coloca-o como guardião do terceiro círculo do Inferno.

[5] As turbas estão deitadas e são submersas pela chuva. Outros entendem “submersas” no sentido de “danadas”, sentido que o termo apresenta em outro momento do poema. O termo “criminosas” é acréscimo da tradução, mas parece possibilitar no verso essa dupla interpretação que o termo “submersas”

(*sommersa*) pode ter no original.

[6] Em geral, isso é interpretado como sinal de avidez e fúria.

[7] No original, “barba oleosa e escura”, representação do extremo grotesco ao qual pode se elevar a gula.

[8] Isso aumenta a punição e, segundo alguns, é também uma aplicação do “contrapasso” (norma segundo a qual, na *Divina Comédia*, a punição corresponde, em suas características, ao pecado cometido): Cérbero faz com as almas o mesmo que elas teriam feito com a comida, da qual se ocuparam compulsivamente (entretanto, deve-se notar que o texto não diz que Cérbero engolia essas almas).

[9] Cérbero assume traços humanos, ao passo que as almas assumem traços caninos.

[10] As almas fazem alternadamente de cada lado do corpo um modo de defesa da chuva.

[11] No original, “verme”.

[12] Acréscimo da tradução (o original não indica o motivo dos movimentos de Cérbero), mas provavelmente empregado no sentido de “desejo incontrolável”, segundo a interpretação que os comentadores costumam dar ao verso original.

[13] Com o latido de suas três cabeças.

[14] Primeiro aceno a uma característica fundamental das almas da *Divina Comédia*: elas conservam a aparência física do corpo e sofrem penas físicas, mesmo sem conservar efetivamente o corpo, que apenas no juízo final se unirá com a alma.

[15] Inveja de vários tipos, mas que está na origem dos problemas civis.

[16] Em confronto com a vida infernal.

[17] Personagem não identificado em documentos, ao qual é dedicada uma novela do *Decamerão* (IX, 8). Segundo antigos comentadores da *Divina Comédia*, era homem de corte, que conhecia as famílias florentinas importantes e provavelmente conhecia bem o ambiente político da cidade. O termo *ciacco* significava também “porco” e muitos pensam que o nome aqui referido seja um apelido pejorativo, referente à sua gula. Mas muitos intérpretes descartam tal possibilidade.

[18] No original: “diz, se sabes, a que ponto chegarão os cidadãos da cidade partida”. Florença é, portanto, definida pela divisão criada pelas suas facções.

[19] Discórdia.

[20] Referência a uma briga entre Cerchi e Donati, ocorrida em 1300, em que um dos Cerchi foi ferido. Isso ocasionou a separação entre Guelfos Brancos e Guelfos Negros. A parte branca era constituída por famílias mercantis e industriais, já a parte negra correspondia à classe dos magnatas de origem nobre.

[21] A parte Branca, chefiada pelos Cerchi, provenientes do campo (por isso, “selvagem”).

[22] Em 1301, foram expulsos da cidade os mais importantes nomes do partido negro.

[23] Menos de três anos depois, a parte negra prevalecerá sobre a branca, com a ajuda de alguém que agora parece neutro. A indicação é velada, como convém ao estilo profético da passagem. Em geral, entende-se que se fala aqui do papa Bonifácio VIII: em 1301, ele enviou a Florença Carlos de Valois, que, embora parecesse um embaixador da paz, favoreceu o partido negro, expulsando o partido branco.

[24] Resposta à segunda pergunta de Dante. Quem sejam esses dois justos é difícil (e talvez inútil) determinar, já que o número dois é muito baixo e tem como principal efeito mostrar a extrema raridade, quase inexistência, de homens justos em Florença. É provável, contudo, que um desses justos fosse o próprio Dante (e o outro poderia ser Guido Cavalcanti). Entretanto, existem não só muitas outras hipóteses para a identificação desses justos, mas também outras interpretações para o verso e para a pergunta de Dante no v. 62.

[25] Diante da corrupção presente, Dante pergunta sobre grandes nomes florentinos de gerações precedentes (todos eles viveram mais ou menos na metade do século XIII). “Farinata”: Farinata degli Uberti, chefe gibelino, com quem Dante se encontrará no canto X do “Inferno”, no círculo dos heréticos. *Tegghiaio*: Tegghiaio Aldobrandi, guelfo, que trabalhou pela paz; será nomeado no canto XVI do “Inferno”, entre os sodomitas. *De alma reta* se refere aos dois primeiros nomes citados por Dante. “Jacopo Rusticucci”: Iacopo Rusticucci, guelfo de família popular, também estará entre os sodomitas, no canto XVI do “Inferno”. *Mosca*: Mosca dei Lamberti, de família gibelina, estará entre os disseminadores de discórdias, no canto XXVIII do “Inferno”. “Arrigo”:

identificado com diferentes personagens (Odarrigo Fifanti, Arrigo degli Arrigucci, Arrigo della Cascia), não se encontra no restante do poema. Parecerá estranho que tais personagens, chamados “retos” e “amantes da virtude” se encontrem no Inferno (o que levou alguns a pensar que tais expressões foram empregadas com ironia). Entretanto, tais expressões são empregadas em sentido civil, situando-se estritamente no plano terreno, cujos valores nem sempre coincidem com aqueles do plano eterno, que confere a verdadeira e plena dignidade ao homem. A relação, por vezes conflituosa, entre esses dois planos está na base do poema.

[26] Já que se encontram em círculos mais baixos do Inferno.

[27] O único modo de vida que os danados ainda podem ter é na memória dos outros. Por isso, tal pedido é recorrente no primeiro cântico do poema, quase caracterizando os seus personagens.

[28] Esses versos descrevem quatro momentos sucessivos. Ciacco estava olhando para Dante de modo humano, e seus olhos “não tinham movimento” porque ele estava em um diálogo com Dante; em seguida, seus olhos se torcem se modo bestial e ele fixa Dante com esse novo olhar; depois ele inclina a cabeça, para finalmente abaixá-la e ficar como os outros.

[29] Ciacco e as outras almas do círculo permanecerão em seu sono até o juízo final, quando soará a trombeta angélica.

[30] A sentença divina.

[31] A filosofia de Aristóteles. Na sua *Ética* (X v), Aristóteles afirma que, quanto mais um ser é perfeito, mais perfeito será o seu deleitamento; e Dante acrescenta que o mesmo ocorrerá em relação à dor. Segundo a doutrina aristotélica e escolástica, a maior perfeição do homem está na união entre corpo e alma. Por isso, após a ressurreição dos corpos, os danados terão maiores tormentos, e os beatos, maior alegria.

[32] No original, diz que as almas dos danados, embora não possam ser perfeitas, esperam um ser mais pleno depois do Juízo Final; e a consequência disso é a “pena mais ceva”.

[33] Em direção ao quarto círculo.

CANTO VII

À entrada do círculo quarto, Pluto, o demônio da riqueza, tenta opor-se à passagem de Dante; mas cede à voz imperiosa de Virgílio. Prossegue a viagem, e o Poeta vê de um lado os avarentos, e do outro os pródigos, os quais, de pontos opostos, empurram desmarcados fardos até se encontrarem violentamente entre brados de recíproca exprobração. Virgílio, em presença dessa cena, descreve as vicissitudes da Fortuna. Descem os dois companheiros ao círculo quinto, onde veem as águas paludosas da lagoa Estígia, onde estão atascadas as almas dos coléricos e dos preguiçosos. Passam adiante e chegam ao pé de uma torre.

Quarto círculo: avaros e pródigos. Pluto, demônio guardião do círculo, tenta se opor ao caminho de Dante e Virgílio. Os poetas veem a pena dos avaros e pródigos e Virgílio faz uma explicação sobre a Fortuna e sua atividade providencial. Quinto círculo: iracundos. Os poetas veem a pena dos iracundos e continuam seu caminho, chegando a uma torre.

1 *Pape Satan, Pape Satan, Aleppe*:[1]
Pluto com rouca voz, ao ver-nos brada.
Para que eu do conforto não discrepe,
2 Virgílio, em tudo sábio: — “Da aterrada
Mente” — me diz — “se desvaneça o susto!
Poder Pluto não tem, que tolha a entrada.”[2]
3 E, se volvendo ao vulto, de ira adusto,
Lhe grita: — “Cal’-te, ó lobo[3] abominoso!
Em ti consome esse furor injusto!
4 “Se ao abismo descemos tenebroso,
A lei se cumpre do Alto, onde, em castigo,
Suplantara Miguel bando orgulhoso.”[4]
5 Como o mastro, abatendo, traz consigo
Velas, que o vento de feição tendia,
Baqueou-se por terra o monstro imigo.
6 E, pois que o quarto círculo se abria,
Mais penetramos pela estância horrenda,
A que todo seu mal o mundo envia.
7 Ah! Justiça de Deus! Que lei tremenda,
Dores, penas, quais vi tanto amontoa?
Por que da culpa nos obceca a venda?[5]
8 Como em Caribde[6] a vaga que ressoa
Embate noutra, e quebram-se espumantes:
Assim turba com turba se abalroa.[7]
9 Almas em cópia, nunca vista de antes,[8]
Fardos de um lado e de outro, em grita ingente,
Rolavam com seus peitos ofegantes.[9]
10 Batiam-se encontrando rijamente,
E gritavam depois, atrás voltando:
“Por que tens?” “Por que empurras loucamente?”[10]
11 Assim no tetro círc’lo volteando
Iam de toda a parte ao ponto oposto,

Por injúria o estribilho apregoando.[11]
12 No semicírc'lo novamente rosto
Faziam,[12] té o embate reiterarem.
Eu, me sentindo à compaixão disposto,
13 — "Quem são? Que razão há para aqui estarem?"
Ao Mestre disse — "À esquerda os colocados
Clérigos são para tonsura usarem?"[13]
14 — "Da mente sendo vesgos,[14] transviados"
— Tornou — "andaram na primeira vida,[15]
Sempre os bens aplicando desregrados.[16]
15 "Quem seus clamores ouve e não duvida:
Levantam grita aos termos dois[17] chegados,
Onde oposta os separa a culpa havida.
16 "Os que estão de cabelos despojados[18]
Clérigos, papas, cardeais hão sido,
Pela nímia avareza subjugados."
17 — "Entre eles" — respondi — "Mestre querido,
Muitos serão, por certo, que eu conheça,
Imundos desse mal aborrecido."
18 — "Te enganas, quando assim" — diz — "te pareça:
Da sua ignóbil vida a escuridade
Vestígio não deixou, que ora apareça:[19]
19 "Eles se hão de embater na Eternidade:
Ressurgindo, uns terão as mãos fechadas,
Os outros de cabelos pouquidade.[20]
20 "Por dar mal, por mal ter viram cerradas
Do Céu as portas: penam nesta lida,
Com mágoas, que não podem ser contadas.
21 "Vês de vaidade o quanto é iludida
A ambição, em que os homens a porfiam,
Da Fortuna anelando os bens na vida.[21]
22 "Todo o ouro, que as entranhas conteriam

Da terra, não pudera dar repouso
A um dos que em fadiga se cruciam.”[22]
23 — “Quem é, Mestre” — falei — “o portentoso
Ser, que chamas Fortuna, que à vontade
Bens distribui ao mundo cobiçoso?”[23]
24 — Responde o Vate: — “Ó cega humanidade,
Quanta ignorância a mente vos ofende!
Do meu pensar direi toda a verdade.
25 “Quem pelo seu saber tudo transcende,
Os céus criando, guias elegeu-lhes;
E toda a parte à toda parte esplende,
26 “Pela luz que igualmente concedeu-lhes.[24]
Assim fez aos mundanos esplendores,
Geral ministra e diretora deu-lhes,[25]
27 “Que em tempo os bens mudasse enganadores[26]
De nação a nação, de raça a raça[27]
Contra esforços de humanos sabedores.
28 “A pujança de um povo é grande ou escassa
Segundo o seu querer, que, se escondendo
Qual serpe em erva triunfante passa.
29 “Contra ela o saber vosso não valendo,
No seu reino ela tem poder e mando,
Como os outros o seu estão regendo.[28]
30 “Mudanças[29] incessante efetuando,
Se apressa por fatal necessidade,
E assim tantas[30] no mundo vai formando.
31 “Tal é Fortuna, a quem por má vontade
Insulta o que louvá-la deveria,[31]
Censurando-a com dura iniquidade.
32 “Mas, feliz, não escuta a vozeria,
E entre iguais criaturas primitivas,[32] Volvendo a esfera,[33] em paz goza alegria.

33 “Desçamos ora a dores mais esquivas;
Estrelas baixam, que ao partir surgiram;
Demoras são defesas, são nocivas.”
34 Os nossos passos através seguiram[34]
Do círculo até fonte, que, fervendo,
As águas brota, que torrente abriram,
35 A cor mais negra do que persa[35] tendo.
Ao longo do seu curso nós baixamos,
Por caminho diverso nos movendo.
36 Lagoa, dita Estígia,[36] deparamos,
Junto à encosta maligna[37] produzida
Pelo triste ribeiro,[38] que notamos.
37 Eu, que tinha a atenção toda embebida,
Vi sombras, nesse pântano, lodosas,
Desnudadas, de face enfurecida.[39]
38 Não só com as mãos batiam-se raivosas;
Peitos, cabeças, pés armas lhes sendo,
Com dentes laceravam-se espantosas.[40]
39 — “As almas, filho meu, que ora estás vendo
São dos que” — disse o Mestre — “venceu ira,
Como certo também fica sabendo
40 “Que sob as águas multidão suspira
E em borbulhões as águas intumesce
Por toda essa extensão, que a vista gira.”[41]
41 — “Nos doces ares, a que o Sol aquece”
— No ceno[42] imersas dizem — “triste fomos:
Dentro em nós fumo túrbido recresce.
42 “Ora no lodo inda mais tristes somos.”
Com voz cortada assim gargarejavam.
De palavras somente havendo assomos.[43]
43 Os passos, em grande arco nos levavam
Do paul sobre a borda seca; o bando

Tendo à vista, que assim lodo tragavam,
E junto de uma torre alfim chegando.

---

[1] Verso muito debatido entre os comentadores e ainda não existe um consenso sobre o seu significado. O que é praticamente consenso é que o verso não é formado por palavras sem significado, já que o próprio Virgílio entende o que elas significam. O verso, em geral, é interpretado como expressão de maravilha, invocação, ameaça, expressão de dor, expressão de raiva, ou uma união entre esses diferentes sentimentos e modalidades de expressão. Alguns comentadores antigos interpretavam *pape* como interjeição de maravilha (de *papae* em latim, que vem de *papai* em grego) e *aleppe* como interjeição de dor (o termo viria da primeira letra do alfabeto hebraico, *aleph*). Nesse caso, o verso expressaria maravilha pela visão de um vivo e dor pela violação da lei infernal: “oh, Satanás, oh, Satanás, ai de mim!” Outros comentadores antigos interpretam *aleppe* (sempre derivado de *aleph*) no sentido de “princípio”, “príncipe”: “oh, Satanás, oh, Satanás imperador!”. Entretanto, não há ainda uma interpretação unânime.

[2] Isto é, Pluto tem poder, mas não o suficiente para impedir o caminho de Dante.

[3] Recorde-se que Pluto é, na mitologia grega, o deus das riquezas e que ele é o guardião do quarto círculo, dedicado aos avaros e pródigos. Recorde-se, além disso, que a loba encontrada no canto I do “Inferno” é normalmente interpretada como a avidez pelos bens terrenos.

[4] Onde São Miguel Arcanjo puniu a rebeldia de Lúcifer e os anjos seus seguidores, expulsando-os do céu. “Orgulhoso”: a soberba é o pecado que causou essa rebeldia.

[5] A ideia de que as penas doInferno são manifestação da justiça divina se encontra em diversos momentos do cântico (como na inscrição na porta de entrada do Inferno, no canto III). Nesses versos, o narrador manifesta uma impressão do protagonista, diante das espantosas penas encontradas no Inferno, realizando dois apelos, um a Deus e outro ao homem. No apelo a Deus, manifesta-se admiração pelas determinações da lei divina (“Que lei tremenda / Dores, penas, quais vi tanto amontoa?”). No apelo ao homem, o narrador recorda que, embora as penas sejam determinações divinas, o homem é responsável pela

sua própria degradação (“Por que da culpa nos obceca a venda?”).

[6] *Caribde*: vórtice no estreito de Messina, causado pelo encontro das correntes de dois mares, o Jônico e o Tirreno; na poesia antiga, o vórtice era figurado como um monstro que impedia a viagem dos navegantes. Logo, a comparação fala do violento encontro entre as ondas dos dois mares, como modo de descrever o comportamento dos danados desse círculo (“Assim turba com turba se abalroa”).

[7] O termo traduz o termo *riddi* do original, que significa dançar a *ridda*, uma dança em círculo de tempo rápido. Os danados se movem em dois círculos (como duas são as correntes que se encontram em Caribde), em um tempo que parece de dança. Tal particular confere ironia à apresentação dos danados, apresentados em imagem grotesca.

Os pecadores são separados em dois grupos (avaros e pródigos) e percorrem um semicírculo empurrando pesos com o peito. Quando os dois grupos se encontram, mudam de direção e repetem o mesmo movimento.

[8] São as almas dos avaros e pródigos. A indicação do grande número de almas, além de motivo recorrente, significa que tais pecados ligados à avidez de riquezas estão entre os pecados mais cometidos no mundo.

[9] Essa pena é derivada da pena de Sísifo, que deve empurrar uma enorme pedra até o topo de uma colina e, quando chega ao topo, a pedra cai e ele deve fazer tudo novamente. Essa pena está presente também no livro VI na *Eneida*.

[10] Um grupo reprova o pecado do outro. Os pródigos perguntam “por que acumulas?”; os avaros perguntam “por que desperdiças?”.

[11] Reprovam novamente o pecado do outro grupo.

[12] Faziam o mesmo movimento no sentido oposto.

[13] No grupo da esquerda há muitas almas com a tonsura eclesiástica.

[14] Os avaros e pródigos não viram o verdadeiro bem, desejando apenas bens terrenos e vãos.

[15] A vida na terra.

[16] Empregaram suas riquezas sem uma medida justa, errando seja pela falta (avaros), seja pelo excesso (pródigos).

[17] Aos dois pontos do círculo onde se encontram.

[18] De fato, grande parte das almas de um dos grupos é formada por eclesiásticos, como havia notado Dante. Trata-se do grupo dos avaros, que está à esquerda. Isso introduz o tema, fundamental na *Divina Comédia*, do excessivo apego a bens terrenos de muitos representantes da Igreja, o que está na origem de muitos males. E o grupo dos avaros está à esquerda porque esse pecado é considerado mais grave do que a prodigalidade.

[19] Os avaros e pródigos viveram na escuridão porque não souberam usar o discernimento para reconhecer o verdadeiro bem e segui-lo; por isso, são obscuros no Inferno e não podem ser reconhecidos.

[20] Com as mãos fechadas: os avaros. Com os cabelos cortados: pródigos.

[21] "Podes perceber o engano dos bens entregues à Fortuna, os quais levam a disputas entre os homens."

[22] Duas interpretações principais. "Porque nem todo o ouro que existe na terra satisfaria a uma dessas almas, se ela ainda estivesse viva", isto é, os bens terrenos não são capazes de criar uma satisfação completa, criando apenas uma ilusão. "Porque o ouro que existe na terra não poderia dar nem mesmo um pequeno repouso a uma dessas almas que agora estão sofrendo."

[23] No texto original, Dante emprega uma expressão um pouco desdenhosa em relação à Fortuna, o que é reprovado por Virgílio.

[24] Deus, quando criou os céus, deu a cada um deles um guia (as inteligências angélicas, que movem os céus), de modo que cada inteligência angélica irradia a sua luz sobre um dos céus, distribuindo de modo igual essa luz.

[25] Deus, como deu a cada céu um guia, deu aos bens mundanos uma ministra que os governasse, a Fortuna.

[26] Bens enganadores: no original, bens vãos.

[27] No original, "de sangue em sangue", isto é, "de família em família".

[28] Como os anjos, que governam seus respectivos céus.

[29] Permutações dos bens de uma a outra pessoa.

[30] Mudanças na condição de diversas pessoas.

[31] Mais de uma interpretação possível: aquele que é favorecido pela Fortuna;

aquele que é esquecido pela Fortuna e não se submete a tal variação; aquele que, por causa da Fortuna, perdeu os seus bens terrenos, podendo experimentar a vanidade dos bens terrenos e o verdadeiro valor dos bens espirituais.

[32] Os anjos.

[33] É pouco provável que o termo se refira à imagem pagã da roda da Fortuna. O mais provável é que crie um paralelo entre a Fortuna e os outros anjos: a Fortuna gira a esfera dos bens mundanos, como os anjos giram as suas respectivas esferas celestes.

[34] A viagem começou à noite: as estrelas estavam se elevando no céu. Se agora elas estão descendo, é porque já passou de meia-noite.

[35] "Persa": cor entre preto e púrpura, mas que tende mais ao preto.

[36] Estige: outro rio do Averno pagão, que circunda a cidade infernal de Dite, sobre a qual falará o canto VIII.

[37] Declive do quarto para o quinto círculo.

[38] A fonte do v. 101.

[39] Trata-se dos iracundos.

[40] Os danados se agridem mutuamente.

[41] Não é claro se essa "multidão" se refere a um outro tipo de pecado punido no quinto círculo. Uma hipótese é que se trate dos preguiçosos — e, de certo modo, a preguiça pode ser considerada um vício oposto à ira. Outra hipótese é que se trate de outros tipos de iracundos (aqueles cuja ira demora para se extinguir ou se extingue só por vingança). Entretanto, essa é uma questão ainda debatida.

[42] Lodaçal.

[43] No original, a fala dos pecadores submersos é reportada pela fala de Virgílio, a qual termina no verso 126. Depois de reportar a fala dos pecadores, Virgílio diz: "com voz cortada assim *gargarejam,* de palavras somente havendo assomos".

CANTO VIII

Aos sinais, que se fazem na torre, surge na lagoa a Larca dirigida pelo demônio Flégias, na qual entram Dante e Virgílio. Enquanto vogam, aparece-lhes Filipe Argenti, florentino famoso por seu gênio irascível e vio lento; é salteado por outras sombras furiosas e mergulhado no lodo. Os poetas desembarcam ao pé da cidade de Dite, cujas portas são guardadas por demônios. Dante sente-se entrado de terror. Virgílio anima-o com a esperança de auxílio divino, em cuja presença se desvanecerá toda a oposição.

Quinto círculo: iracundos. Dante e Virgílio sobem na barca de Flégias para atravessar o Estige. Enquanto atravessam o Estige, a alma de Filippo Argenti interpela Dante. Dante e Virgílio descem diante da cidade de Dite, mas os diabos impedem a entrada de Dante. Virgílio anuncia a vinda de alguém que abrirá as porta da cidade.

1 Acrescentar eu devo prosseguindo
Que da torre inda estávamos distantes,
Quando, os olhos ao cimo dirigindo,
2 Dois fanais brilhar vemos vacilantes,
A que outro de tão longe respondia,
Que mal se avistam seus clarões tremantes.[1]
3 E eu de todo o saber ao mar[2] dizia:
— “Os lumes dois por quê? Por que o terceiro?
Para acendê-los quem razão teria?”
4 — “Pela onda impura” — me tornou — “ligeiro
Quem se aguarda já vês, se não te empece
A vista do paul o nevoeiro.”
5 Qual seta, que pelo ar veloz corresse
Da corda arremessada, discernimos
Tênue batel, que vir pra nós parece.
6 A regê-lo um arrais só distinguimos,
— “Alfim chegaste,[3] espírito execrando!”
Em retumbante grita nós lhe ouvimos.
7 — “Flégias, Flégias,[4] estás em vão bradando!”
Disse-lhe o Mestre — “ter-nos-ás somente,
Enquanto formos o paul passando.”
8 Como quem reconhece, e pesar sente,
Um grande engano, que se lhe há tecido,
Flégias assim na sua ira ardente.
9 Tendo Virgílio à barca descendido,
Eu segui-o: somente aos meus pesados
Passos mostrou ter carga recebido.[5]
10 Em sendo o Mestre e eu no lenho entrados,
O lago foi cortando a antiga proa
Com sulcos mais que de antes profundados.
11 Enquanto assim corremos, eis me soa
De lutulenta sombra voz que exclama:
— “Quem és que em vida vens para a lagoa?”

12 — “Sim, venho,[6] mas não fico nesta lama.
E tu quem és que imundo te hás tornado?”
— “Bem vês: um sou que lágrimas derrama.”
13 E eu então: — “Fica em lodo mergulhado
Em dor, em pranto, espírito maldito!
Sei quem és, se bem estés[7] desfigurado.”
14 Tendeu à barca as mãos aquele aflito,
Mas por Virgílio, que o repele presto
— “Com teus iguais vai, cão, te unir!” — foi dito.
15 Abraçando-me então com ledo gesto
Me oscula e diz: — “Abençoado[8] seja,
Quem tão altivo te gerou e honesto!
16 “Essa alma, que de orgulho inda esbraveja,
Avessa ao bem, de raiva possuída,
Deixou de si memória, que negreja.
17 “Quantos reis, grandes na terrena vida,[9]
Virão, quais cerdos, se atascar no lodo,
Fama de si deixando poluída!”
18 — “Mestre, grato me fora[10] sobremodo
Vê-lo no ceno mergulhar profundo,
Antes de eu ter daqui saído em todo.”
19 — “Antes que a margem” — respondeu jucundo —
“Avistes, gozarás dessa alegria,
Verás penar o espírito iracundo.”[11]
20 E logo ao pecador, como à porfia
Tanta aflição causou a imunda gente,
Que ainda louvo a Deus, que o permitia.
21 Gritavam todos: — “A Filipe Argenti!”[12]
E a florentina sombra, se volvendo
Contra si, se mordia insanamente.
22 Lá o deixei, não mais nele entendendo.
Súbito, ouvindo um lamentar amaro,
Os olhos fito para além e atendo.

23 E o bom Mestre me disse: — “Ó filho caro,
’Stá perto Dite, de Satã cidade,[13]
Que há povo infindo para o bem avaro.”
24 — “Lá do vale no fundo em quantidade
Mesquitas”[14] — respondi — “rubras discerno
De flama, creio, pela intensidade.”
25 E o Mestre a mim: — “As faz o fogo eterno
Vermelhas, que lá dentro está lavrando
Como tens visto neste baixo inferno.”[15]
26 Já nos profundos fossos penetrando
De que o alcácer triste é circundado,
Me estavam ferro os muros semelhando.[16]
27 Mas, após grande giro, hemos tocado
Na parte, onde o barqueiro com voz forte —
“Sai” — gritou — “à entrada haveis chegado!”
28 À porta vi daqueles grã coorte
Que o Céu choveu;[17] bramiam de despeito:
— “Este quem é que, antecipando a morte,
29 “Tem dos mortos no reino sido aceito?”
Meu sábio Mestre então lhes fez aceno
Para, em secreto, expor-lhes seu conceito.
30 Contendo um pouco às sanhas o veneno
Disseram: — “Vem tu só; vá-se o imprudente,
Que neste reino entrou, de audácia pleno;
31 “Só deixe a empresa em que embarcou demente;
Tente-o, se sabe; ficarás no entanto,
Pois és seu guia à região nocente.”
32 Imagina, ó leitor, qual fosse o espanto
Meu, escutando a horrífica ameaça:
Não deixar a mansão temi do pranto.[18]
33 “Ó Mestre meu, que tanta vez a graça
Fizeste de alentar-me o peito aflito
No perigo iminente e atroz desgraça,[19]

34 “Não me deixes” — disse eu — “neste conflito!
E, se avante passar é defendido,
Ambos voltemos do lugar maldito!”
35 Quem tão longe me havia conduzido
— “Não temas” — diz — “não pode ser vedado
O passo, que por Deus foi permitido.
36 “Aqui me espera e o ânimo prostrado
Fortalece e alimenta de esperança:
Não hás de ser no Inferno abandonado.”
37 O doce pai se afasta e à porta avança.
Ficando assim na dúvida e incerteza,
No pró, no contra a mente se abalança.[20]
38 Não pude o que propôs ouvir; na empresa
Curta há sido a detença: de repente
Esquivam-se os precitos[21] com presteza.
39 De roldão cerra a porta a imiga gente
Do Mestre à face, que, ficando fora,
A mim se restitui mui lentamente.
40 De olhos baixos, faltava-lhe a de outrora
Afoiteza, e dizia suspirando:
— “Quem me tolhe da dor a estância agora?”[22]
41 E logo: — “A minha alteração notando,
Não te aflijas: que os óbices[23] te digo
Hei de vencer que a entrada estão vedando.
42 “Não é nova esta audácia do inimigo;
Em mais patente porta[24] há já mostrado,
Que sem ferrolho está:[25] viste-a comigo,
43 “E a lúgubre inscrição lhe hás contemplado.
Deixou atrás e desce a penedia,
Pelos círculos passando não guiado,
Abrir quem pode esta cidade ímpia.”

[1] Hábito militar no período de Dante: quando se aproximavam pessoas, acendiam-se sobre as fortalezas tantos fachos quantas eram as pessoas que se aproximavam. É provavelmente por isso que aqui se acendem dois fachos. A resposta de outro facho mais distante indica que o sinal dado pela primeira torre foi visto e entendido. O segundo sinal indica a existência de outro lugar que está se comunicando com a torre que os poetas veem; entretanto, esse lugar ainda não pode ser divisado pelos poetas, o que aumenta a atmosfera de suspense na cena.

[2] Mar de todo o saber: Virgílio.

[3] O texto original pode ter também a interpretação de “estás sob o meu poder”. Essa segunda interpretação convém melhor à resposta de Virgílio, nos vv. 20-21.

[4] Flégias: na mitologia, personagem que incendiou o templo de Apolo em Delfos, porque o deus havia seduzido sua filha. Na *Divina Comédia*, torna-se guardião do quinto círculo (isto é, o círculo dos iracundos). Embora não haja uma indicação precisa, parece que a função de Flégias é transportar as almas iracundas ao seu lugar no Estige.

[5] Pois apenas Dante tem um corpo. Tal particular retoma o momento em que Eneias entra na barca de Caronte, no livro VI da *Eneida* (vv. 412-414).

[6] No original, não “Sim, venho”, mas “se eu venho”: “se eu venho, não fico nesta lama”.

[7] Estejas.

[8] No original, “abençoada”, em referência à mãe.

[9] No original, “quantos se consideram, na terra, grandes reis”.

[10] Seria.

[11] No original: “é oportuno que tu gozes de tal desejo” ou “está determinado que tu gozarás de tal desejo”.

[12] Filipe Argenti: Filippo de’ Cavicciuli, dito Argenti, cavaleiro florentino da família dos Adimari (da qual Cavicciuli era um ramo). Sua família pertenceu, provavelmente, à parte Negra, oposta à parte de Dante. Segundo antigos comentadores, existia uma verdadeira inimizade entre ele e Dante. Afirma-se também que o irmão de Filippo Argenti teria recebido os bens confiscados de Dante, quando este foi exilado. Além de tais informações fornecidas por autores antigos, não há muitas informações precisas sobre a sua biografia.

[13] No original, “a cidade de nome Dite”. Dite é a cidade na qual se encontram os pecadores mais graves. Na tradição clássica, esse era o nome do rei do Averno (Plutão), tendo sido empregado para designar o próprio Averno. Isso também sucederá no “Inferno”: o nome “Dite” será empregado seja para o “imperador” do Inferno, seja para a cidade.

[14] Dante assim chama as torres de Dite, que de longe já podem ser vistas.

[15] Em confronto com os cinco primeiros círculos do Inferno, fora da cidade de Dite.

[16] Esses muros tão resistentes podem indicar a dificuldade de se sair dos graves pecados punidos dentro da cidade de Dite.

[17] Grande quantidade de diabos.

[18] “Temi não deixar a mansão do pranto”.

[19] Parece se referir ao encontro com a loba, no primeiro canto do poema. Em muitos momentos, Virgílio encoraja Dante, mas o original diz: “que tanta vez a graça fizeste de alentar-me o peito aflito e *me tiraste* do perigo iminente”. De fato, no primeiro canto Virgílio salvou Dante.

[20] Dante está falando dele mesmo.

[21] Condenados.

[22] Em edições mais antigas, o verso apresenta, de fato, um ponto de interrogação ao final. Entretanto, ele é mais bem entendido com um ponto de exclamação ao final, tendo o sentido de “vê quem me tolhe da dor a estância!”.

[23] Obstáculos.

[24] Porta menos interna: a porta de entrada do Inferno.

[25] Referência à descida de Jesus ao inferno. Segundo uma antiga tradição, os diabos teriam tentado impedir a entrada de Jesus, que quebrou a porta (por isso, ela “sem ferrolho está”).

CANTO IX

Continuam os obstáculos, que impediram a entrada dos poetas em Dite. Aparecem as três Fúrias, e depois Medusa, de cujo aspecto Virgílio acautela Dante. Intervindo um anjo, enviado em seu socorro, entram na capital do Inferno em cujo recinto acham os incrédulos atormentados em sepulcros ardentes.

Dante e Virgílio se encontram diante da cidade de Dite, impedidos de entrar. As Fúrias aparecem e mostram a Medusa, para petrificar Dante, que se vira, fecha os olhos e é protegido por Virgílio. Aparece um personagem enviado pelo céu, que abre as portas de Dite. Os poetas entram na cidade, vendo o sexto círculo, dedicado aos hereges e seus seguidores.

1 Do medo a cor, que o gesto me alterara,
Ao ver tornar Virgílio em retirada,
Serenou turvação, que o seu mudara.[1]
2 Como escutando, espreita; que a cerrada
Névoa os ares em torno enegrecia,
E a vista, incerta, achava-se atalhada.
3 — “Mas é mister vencer nesta porfia…”
Lhe ouvi — “senão… socorro é prometido…
Oh! quanto a vinda sua é já tardia!”[2]
4 Bem vi que das palavras o sentido,
Que a declarar apenas começava,
Fora por outros logo confundido.[3]
5 Porém maior receio me assaltava,
Na reticência auspício triste vendo,
Que na expressão talvez não se encerrava.[4]
6 — “A esta hórrida estância, descendendo
Do Limbo, pode vir quem só padece
A esperança” — inquiri — “toda perdendo?[5]”
7 O Mestre respondeu: — “Raro aparece
Ensejo, que um de nós a andar obriga
Pelo caminho, que aos abismos desce.
8 “Ali, porém, já fui, quando inimiga
Esconjurou-me Ericto,[6] que os espíritos
Constrangia a fazer dos corpos liga.
9 “Des’pouco eu me finara: por seus ritos
Ao círculo de Judas fui trazido,
Para a sombra tirar de um dos prescritos.[7]
10 “É o lugar mais fundo e denegrido,
Mais remoto do Céu, que os orbes gira.[8]
Sei o caminho: esforça-te, ó querido![9]
11 “Este paul,[10] que o bruto cheiro expira,
A cidade circunda do tormento,

Onde entrar não podemos já sem ira.”[11]
12 Deslembro o que mais disse: o pensamento
Da torre altiva ao cimo chamejante,[12]
Que os olhos me prendia, estava atento.
13 Lá o aspecto se erguia horripilante
De fúrias três;[13] de sangue eram tingidas,
Feminis no meneio e no semblante.
14 De hidras verdes mostravam-se cingidas,
Cerastes, serpes cada uma tinha
Por coma,[14] em torno à fronte entretecidas.
15 Virgílio, que conhece da rainha
Do eterno pranto essas ancilas cruas,[15]
— “Nas Erínis atenta” — diz-me asinha.
16 “Megera à esquerda está das outras duas,
Chora à direita Alecto e fica ao meio
Tisífone”.[16] — E pôs termo às vozes suas.
17 Com as unhas cada qual rasgava o seio,
Com seus punhos batiam-se, em tal brado,
Que ao Vate me acerquei, de pavor cheio.
18 Olhando-me dizia: — “Transformado
Em pedra seja por Medusa;[17] o assalto
Do ímpio Teseu, não foi assaz vingado.”
19 — “Volta a face; de luz o rosto falto
Conserva;[18] que, se a Górgona encarar-te,
Tu não mais tornarás da terra ao alto.”
20 Disse o Mestre, e volveu-me à oposta parte;
E as mãos juntando às minhas, que não bastam,
Os olhos amparar-me quis destarte.
21 Ó vós cujas ideias não se afastam
Das leis da sã razão, vede os preceitos
Que destes versos sob o véu se engastam.
22 Eis sobre as águas túrbidas desfeitos
Troam sons de fracasso temeroso;

Tremendo, as margens sentem-lhe os efeitos.
23 O tufão assim freme impetuoso,
Que, de ardores contrários se excitando,[19]
Sem pausa fere a selva, e furioso,
24 Quebrando ramas, flores arrancando,
Entre nuvens de pó soberbo assalta
Feras, pastores e lanoso bando.
25 Os olhos descobriu-me e disse: “Exalta
A vista agora até a espuma antiga,[20]
Onde mais acre a cerração ressalta.”[21]
26 Quais rãs, que divisando a cobra imiga,
Todas da água no seio desparecem,
E cada qual no lodo entra e se abriga,
27 Tais milhares de espíritos parecem,
Em derrota fugindo ante a figura
Que passa: n’água os pés não se umedecem.
28 Movendo a esquerda mão, a névoa escura,
Que lhe era em torno ao vulto, dissipava:
Só este afã lhe altera a face pura.[22]
29 Ser ele conheci que o Céu mandava;[23]
A Virgílio voltei-me, e mudo e quieto
Ao aceno, que fez, eu me acurvava.
30 Quantos lumes reflete o iroso aspecto![24]
À porta chega: ao toque de uma vara
Abre-se a entrada do alcaçar infecto.[25]
31 — “Ó turba vil, que o Céu de si lançara!” —
Ao limiar falou da atroz cidade,
— “Donde vos vem da audácia a insânia rara?
32 “Por que recalcitrais à alta vontade,
Que sempre cumpre o seu excelso intento,
E à dor já vos cresceu a intensidade?[26]
33 “Cuidais pôr ao destino[27] impedimento?

Cérbero,[28] o vosso, na memória tende:
Trilhados inda estão-lhe o colo e o mento.”
34 Então pelo caminho imundo estende,
Sem nos falar, os passos semelhante
A quem outros cuidados a alma prende,
35 Daqueles, que há presente, bem distante.
Nós à cidade afoitos, caminhamos:
Deu-nos esforço o seu falar pujante.
36 Já, removido todo o pejo, entramos.
Eu, que sentia de saber desejo
Quanto o forte contém que franqueamos,
37 Como fui dentro, a tudo pronto, vejo
Campanha em toda a parte ilimitada,
Mas não espaço às punições sobejo.[29]
38 Como em Arle,[30] onde o Rone faz parada
Ou junto a Pola,[31] de Quernaro perto,
De que à Itália a fronteira está banhada,
39 Está de sepulcros desigual e incerto
O solo: outros assim a estância feia,[32]
Mas de modo mais agro, tem coberto.
40 Entre eles chama horrífica serpeia
E os abrasa inda mais que a frágua ardente
Que arte para amolgar o ferro ateia.
41 Alçada a tampa, é cada qual patente.
Dali surgia um lamentar profundo,
De miséreo gemido permanente.
42 — “Ó mestre meu, quais foram lá no mundo” —
Eu disse — “aqueles, que no duro encerro
Denunciam tormento sem segundo?”
43 “Aqui estão os hereges por seu erro,
Com seus sequazes dos diversos cultos:
São mais do que tu crês em cada enterro.
44 “Iguais com seus iguais estão sepultos,

Uns túmulos mais que outros são candentes."[33]
À destra[34] então voltou: com tristes vultos[35]
Passamos entre o muro e os padecentes.

---

[1] "A cor do medo, que alterou o meu rosto quando vi retornar Virgílio, afastou de seu rosto a alteração" (provocada pela oposição dos diabos, no final do canto anterior). Isto é, Virgílio, quando viu o medo de Dante, controlou-lhe a perturbação.

[2] A reflexão de Virgílio consigo mesmo é observada por Dante, que, como o leitor, deve interpretá-la. Isso permitiu que diversos significados fossem atribuídos sobretudo ao segundo verso. A principal interpretação vê nele uma rápida passagem da dúvida ("senão…") à segurança ("socorro é prometido"). Entretanto, o mais importante é considerar que a reticência de Virgílio não é totalmente compreensível para o próprio Dante, que a interpreta de forma pessimista, vendo em "Senão…" uma dúvida por parte de Virgílio. Isso cria grande tensão na cena, pois esta seria, no pensamento do protagonista do poema, a primeira vez em que Virgílio duvida da possibilidade de continuar a viagem.

[3] Referência ao v. 8 ("senão… socorro é prometido"), em que Virgílio cobre a frase iniciada com outra frase de sentido diferente.

[4] Dante viu na reticência um sentido pior do que talvez ela tivesse.

[5] Pode descer a esta estância uma alma do Limbo (cuja pena é a perda da esperança)?

[6] Ericto: maga da Tessália. Na *Farsália* (VI, 507-827), fez um morto voltar à vida para dizer a Sexto Pompeu qual seria o êxito da batalha de Farsalo. Já a empresa de Virgílio a mando de Ericto é invenção dantesca, baseada talvez em alguma lenda hoje desconhecida. Tal expediente (que não manifesta os motivos para a empresa de Virgílio) cria um paralelo com o livro VI da *Eneida*, em que a Sibila também afirma já ter entrado no Averno, e confere a Virgílio um conhecimento de todo o Inferno.

[7] "Des'pouco eu me finara": Ericto vivia no ano de 48 a.C. (ano da batalha de Farsalo); Virgílio morreu em 19 a.C. Logo, é verossímil que pouco depois da

morte de Virgílio Ericto ainda estivesse viva. “Círculo de Judas”: última zona do nono e último círculo do Inferno (o círculo dos traidores): isso confere a Virgílio um conhecimento de todo o Inferno. “Para a sombra tirar”: não se sabe se “tirar” se refere a Virgílio (Virgílio desceu para tirar a sombra) ou a Ericto (Virgílio desceu substituir uma sombra, chamada por Ericto).

[8] “Céu”: o Primo Móbile, que cinge todos os outros céus (“orbes”) e os faz girar.

[9] No original: “por isso, fica seguro”.

[10] Estige.

[11] Onde não podemos entrar pacificamente.

[12] Provavelmente a torre que acendera o fogo de resposta, no v. 5 do canto anterior.

[13] As Fúrias (nome latino, correspondente ao grego Erínias) eram personagens da mitologia clássica que atormentavam os culpados de crimes de sangue e que, nos poetas latinos, passaram a assumir função de deusas da discórdia, que conduzem o homem a ações violentas (guerras, homicídios). A descrição aqui apresentada segue a tradição dos poemas latinos lidos por Dante. Na tradição medieval, elas eram interpretadas normalmente como as três formas clássicas do mal (na mente, na palavra, na ação). Entretanto, muitos significados são atribuídos à presença dessas figuras nesse momento específico do poema (guardiãs do quinto círculo, guardiãs do sexto círculo etc.). De qualquer modo, o seu significado deve estar relacionado à Medusa, que aparecerá a seguir no canto.

[14] Cabelos.

[15] As servas (ancilas) da rainha do eterno pranto, Prosérpina (mulher de Plutão, rei do Hades).

[16] Megera, Alecto, Tisífone: os nomes das três Fúrias.

[17] Medusa: a terceira das Górgonas, cujo rosto transformava em pedra quem a olhasse. Perseu, com a ajuda de Atena, cortou a sua cabeça, que, contudo, mantinha o seu poder. Teseu: desceu ao Hades com seu amigo Pirítoo (morto por Cérbero) para resgatar Prosérpina; foi feito prisioneiro até ser resgatado por Hércules.

Muitos significados alegóricos são atribuídos à Medusa nesse momento do

poema (que constitui o mais perigoso obstáculo enfrentado por Dante em sua viagem infernal): a heresia (o sexto círculo é dedicado aos heréticos), a sensualidade, o remorso, o terror paralisante que leva à falta de esperança da salvação.

[18] "Fecha os olhos".

[19] Acreditava-se que o vento se formasse pelo encontro de massas de ar quentes e frias. Quanto maior a diferença entre as massas de ar, maior a violência do vento.

[20] A água do Estige.

[21] Onde é mais densa a cerração.

[22] Diante de todo o terror que o Inferno encerra, a única coisa que o incomoda é a névoa escura que está em torno do seu rosto.

[23] Não há outra determinação que permita identificar o personagem, que é normalmente chamado Messo celeste ("enviado celeste"). Por isso, o personagem é identificado de diversas maneiras, sendo associado a figuras históricas e contemporâneas, heróis clássicos, figuras mitológicas, personagens bíblicos etc. (alguns chegaram mesmo a considerar que se tratasse do próprio Cristo). Mas o mais provável é que se trate de um anjo (identificado por alguns com São Miguel Arcanjo).

[24] No original: "Ah, quanto me parecia cheio de desdenho!".

[25] Acréscimo da tradução. No original, "a [porta] abriu, a qual não ofereceu nenhuma resistência".

[26] Nas outras vezes em que tentaram se opor à vontade divina.

[27] Significa aqui a vontade divina providencial.

[28] Cérbero tentou impedir a entrada de Hércules no Inferno pagão; por isso, Hércules prendeu Cérbero com correntes e o arrastou até a entrada do Inferno (história narrada em *Eneida*, VI, 392-396).

[29] No original, "[campanha] cheia de dor e de terrível tormento".

[30] Arles, cidade na Provença, onde o Ródano forma um delta pantanoso (faz parada). Na cidade de Arles ainda hoje são vistos os resto de uma necrópole romana (depois cemitério cristão), famosa na época de Dante.

[31] Pula, cidade da Ístria, no território da Croácia, perto do Quarnaro, golfo do mar Adriático entre a Ístria e a Dalmácia, que marca os confins marítimos da Itália a nordeste. Também perto de Pula existia uma necrópole, hoje desaparecida.

[32] Na *campanha* dentro da cidade de Dite.

[33] Isso pode significar que as almas dos hereges estão mortas em relação à fé. Além disso, a pena pode ter sido sugerida pela pena da fogueira, à qual eram condenados os hereges na época de Dante.

[34] Apenas duas vezes no Inferno os poetas viram à direita: aqui e diante a Gerião, símbolo da fraude. Isso provavelmente tem um sentido alegórico, embora não muito claro. É provável que isso signifique que a heresia (falsidade na doutrina) e a fraude (falsidade nas ações e nas palavras) são dois tipos de desvios, que devem ser vencidos com a retidão da mente e da vontade, representados pelo lado direito.

[35] Acréscimo da tradução.

CANTO X

Manifesta Dante o desejo de ver e falar a alguns dos hereges, sectários das doutrinas de Epicuro, que jazem nos sepulcros ar dentes. Conduzido por Virgílio, pratica com Farinata degli Uberti e Cavalcante de Cavalcanti. Vaticina-lhe Farinata o seu desterro, e lhe declara que os condenados conhecem o que está por acontecer, se bem que do presente só possam saber o que lhes é referido.

Sexto círculo: heréticos. Farinata degli Uberti se levanta e fala com Dante, profetizando o seu exílio; o diálogo é interrompido por Cavalcante dei Cavalcanti e depois é retomado. Dante e Virgílio prosseguem o caminho.

1 Entra Virgílio por vereda estreita,[1]
Que entre o muro e os martírios vai seguindo:
Após os seus meu passo se endireita.
2 “Virtude suma! ó tu, que, dirigindo
Me estás, ao teu sabor na estância triste,
Instrui-me, ao meu desejo deferindo.
3 “A gente ver se pode que ora existe
Naquelas sepulturas descobertas,
A que nem guarda, nem defesa assiste?”
4 — “Serão” — me respondeu — “todas cobertas
No dia, em que, de Josafat[2] tornando,
Os corpos tragam, de que estão desertas.
5 “Epicuro[3] aqui jaz com todo o bando
Dos discípulos seus, que professaram
Que alma fenece, a vida em se acabando.
6 “O que as tuas palavras declararam
Satisfeito, há de ser, como o que vejo
Dos votos que em teu peito se ocultaram.”[4]
7 — “Não te expus, meu bom Mestre, quanto almejo,
Porque de breve ser tenho o cuidado,
E a mais longo dizer não deste ensejo.”[5]
8 “Ó Toscano, que, vivo, hás penetrado
Do fogo na cidade e és tão modesto,[6] Detém-te um pouco, se te
for de agrado.
9 “Por teu falar me está bem manifesto
Que nessa nobre pátria[7] tens nascido,
A que fora eu talvez assaz molesto.”
10 Ouço este som, de súbito saído
De um dos jazigos: tanto eu me torvara.
Que ao Mestre me achegava espavorido.
11 — “Que temes tu?” — Virgílio diz. — “Repara:
É Farinata[8] em seu sepulcro alçado,
Do busto em toda a altura, se depara.”

12 Na sombra os olhos tinha eu já fitado:
Altiva levantava a fronte e o peito,
Como em desprezo do infernal estado.
13 Por entre as tumbas me levou direito
Ao vulto o Mestre com seu braço presto,
Dizendo-me: — “Sê claro em teu conceito!”[9]
14 Junto ao sepulcro apenas fui, com gesto
Severo um pouco olhou-me e desdenhoso
— “Teus maiores” — falou — “faz manifesto.”[10]
15 Eu, já de obedecer-lhe desejoso,
Quanto sabia expus-lhe francamente.
O sobrolho arqueava um tanto iroso,
16 E tornou: — “Guerra crua fez tua gente
A mim, aos meus avós, ao meu partido;
Mas duas vezes bani-os justamente.”[11]
17 — “Mas todos os que expulsos tinham sido
Se hão, de uma e de outra vez repatriado:
Não têm essa arte os vossos aprendido.”[12]
18 Surgindo então de Farinata ao lado
Somente o rosto um vulto[13] nos mostrava,
Creio que sobre os joelhos levantado.
19 Com ansiosos olhos me cercava
A ver se alguém viera ali comigo.[14]
Mas, perdida a esperança, que o animava,
20 Pranteando inquiriu: — “Se ao reino imigo
Por prêmio baixas do teu alto engenho,
Onde é meu filho? Pois não vem contigo?”[15]
21 — “Por moto próprio aqui” — volvi — “não venho;
Perto me aguarda quem meus passos guia,
Vosso Guido talvez teve-o em desdenho.”[16]
22 A pena sua e as vozes, que lhe ouvia,
Denunciado haviam-me o seu nome:
Pude assim responder quanto cumpria.[17]

23 Súbito ergueu-se o espírito e gritou-me:
"*Teve* disseste: não mais vive agora?
O corpo seu a terra já consome?"[18]
24 Como eu tivesse em responder demora
À pergunta, de costas recaía,
E novamente não mostrou-se fora.
25 Mas esse outro magnânimo,[19] que havia
De antes falado não mudou de aspeito;
No colo e busto imóvel persistia.
26 — "Se aquela arte não dera ao meu proveito",[20]
Prosseguiu — "me produz esta certeza
Maior tormento no[21] adurente leito.
27 "Porém vezes cinquenta a face acesa
Não mostrará do Inferno a soberana
Sem que tu saibas quanto essa arte pesa.[22]
28 "Assim possas voltar à vida humana!
Contra os meus, diz, por que tanta maldade
Em cada lei, que desse povo emana?"
29 Eu respondi: — "O estrago, a mortandade,
Que do Arbia[23] as águas de rubor tingira
A cúria nossa move à austeridade."
30 Inclinando a cabeça então, suspira
E diz: — "Não fui lá só naquele dia,[24]
Nem sem motivo aos outros eu seguira,
31 "Porém achei-me só, quando exigia
De Florença a ruína o geral brado:
A peito descoberto eu a defendia."[25]
32 — "Seja o descanso à vossa prole dado:
Mas, vos suplico, de penoso enleio
Fique o juízo meu descativado.[26]
33 "Se bem percebo, do futuro ao seio
Subindo e ao tempo o curso antecipando,

Do presente ignorais todo o rodeio."[27]
34 — "Os que têm vista má nós semelhando" —
Tornou-me — "as coisas mais distantes vemos,
De Deus última luz em nós raiando.[28]
35 "Quando estão perto ou no presente as temos
Se apaga a lucidez, e a mente aprende
Por outrem só o que de vós[29] sabemos.
36 "Ciência nossa do porvir depende;
Em sendo a porta do porvir cerrada,
Essa luz morre em nós, não mais se acende."
37 Então minha alma, de remorso entrada,
"Dize" — replico — "à sombra, a quem falava,
Que o filho inda entre os vivos tem morada.
38 "Se presto lhe não disse o que exorava,
Da dúvida, que há pouco, heis-me explicado,
Pela influência dominado eu estava."[30]
39 Se bem fosse do Mestre apelidado,[31]
Rogando a sombra a me dizer prossigo
As almas, de quem 'stava acompanhado.
40 Respondeu: — Muitos mil jazem comigo
Aqui dentro, o Segundo Frederico,[32]
Com ele o cardeal,[33] de outros não digo."
41 Dos olhos se apartou. A cismar fico,
Voltando ao sábio Mestre, na ameaça
Desse, que ouvira, vaticínio inico.[34]
42 Ele caminha, e, enquanto avante passa,
Me diz: "Por que és torvado?" — Eu tudo conto
Expondo o que me inquieta e me embaraça.
43 — "Do que ouviste a memória cada ponto
Conserva!" — o sábio ordena; e, logo, alçando
O dedo, segue: — "Agora escuta pronto.
44 "Ante o doce raiar daquela estando,
Que tudo aos belos olhos tem presente,

Se irão da vida os transes revelando."[35]
Moveu-se logo à esquerda diligente;
Deixando o muro, ao centro caminhava
Por senda, que descia ao vale horrente,[36]
Que vapores hediondos exalava.

---

[1] No original, "secreta", que também encerra o sentido de "estreita".

[2] Josafat: vale perto de Jerusalém, onde, segundo as escrituras, acontecerá o julgamento universal.

[3] Epicuro: filósofo grego (341 a.C.-270 a.C.) que Dante conheceu por meio de algumas obras de Cícero, aqui colocado por ter negado a imortalidade da alma e por sua doutrina materialista (segundo o entendimento de Dante e da Idade Média), embora a ideia de heresia não possa ser totalmente atribuída a Epicuro, que viveu antes de Cristo. A negação da imortalidade da alma era frequente no período de Dante.

[4] Dante havia perguntado a Virgílio se as almas desse círculo podem ser vistas. Virgílio responde que tal desejo de Dante será satisfeito, bem como outro desejo que ele não expressou em suas palavras, mas que Virgílio compreendeu ("como o que vejo / dos votos que em teu peito se ocultaram").

[5] Virgílio, em outros momentos da viagem (III, 76-81; IX, 86-87), impediu que Dante falasse muito.

[6] Referência à fala de Dante nos vv. 18-21: "e tens um modo de falar tão digno e cortês".

[7] Florença.

[8] Farinata: Manente di Iacopo degli Uberti, dito Farinata degli Uberti, florentino que viveu no século XIII (morto em 2164) e foi um importante representante da parte gibelina. Em 1283 houve em Florença um processo de heresia contra Farinata, com condenação póstuma.

[9] No original, a recomendação de Virgílio pode ter várias esfumaturas de significado: "fala de modo claro", "fala de modo digno", "fala de modo

conveniente” etc.

[10] Farinata quer saber quem são os antepassados de Dante e a qual facção pertenciam.

[11] A família de Dante era guelfa, tendo sido adversária da família e do partido de Farinata.

“Mas duas vezes bani-os justamente”: os guelfos foram banidos de Florença pela primeira vez em 1248 (quando os gibelinos foram ajudados por Federico II) e pela segunda vez em 1260 (depois da batalha de Montaperti).

[12] Os guelfos tornaram a Florença pela primeira vez em 1251 (depois da derrota dos gibelinos em Figline e depois da morte de Federico II) e pela segunda vez em 1266 (após a morte de Manfredi, filho de Federico II, na batalha de Benevento, que marcou o fim da força gibelina na Itália). “Não têm essa arte os vossos aprendido”: a arte de retornar à pátria. Após 1266, nenhum dos Uberti conseguiu tornar a Florença.

[13] Cavalcante dei Cavalcanti: pai do importante poeta Guido Cavalcanti, florentino guelfo, também viveu no século XIII. Segundo os comentadores antigos, seguia a doutrina de Epicuro. Seu filho Guido se casou com a filha de Farinata, Beatrice degli Uberti, como tentativa de criar paz entre duas famílias de partidos inimigos.

[14] No original: “como se quisesse saber se alguém me acompanhava”. Cavalcante, tendo ouvido o nome da família de Dante, levanta-se porque espera ver seu filho na companhia de Dante.

[15] Cavalcante pensa que Dante desceu ao Inferno por meio somente de próprio valor (seu “alto engenho”); e o “alto engenho” caracterizava também seu filho Guido, poeta e amigo de Dante na sua juventude.

[16] A viagem de Dante não se deve às suas virtudes e qualidades, mas sim à graça que vem do céu e que dá a Dante um guia que, no Inferno e no Purgatório, é Virgílio. Dante, realizando essa viagem, renuncia ao orgulho intelectual e à ideia da autossuficiência da razão humana, que levava à heresia e que tinha como grande expoente o próprio Guido Cavalcanti.

“Vosso Guido talvez o teve em desdenho”: o verso, no original, dá margem a mais de uma interpretação, dizendo “aquele que lá me espera me conduz por aqui, quem (ou a quem) vosso Guido teve em desdenho”. A questão é escolher

entre “quem” (Virgílio) ou “a quem” (Beatriz, como representante da sapiência e da graça divina). Talvez a segunda interpretação tenha mais significado na caracterização de Guido: Guido não aceitou a existência de uma realidade transcendente e recusou o caminho da fé e da graça, acreditando apenas na autossuficiência da razão. O verbo no passado (“teve”) pode indicar um momento preciso de escolha, acenando a uma efetiva ruptura entre os amigos, que escolheram dois caminhos diversos.

Guido: Guido Cavalcanti, o poeta mais importante em Florença no período da juventude de Dante; pertencia ao ambiente dos intelectuais ateus, que negavam a imortalidade da alma (como afirmam alguns autores do período). Dante, na juventude, foi muito influenciado pela figura de Guido e pela amizade entre eles.

17 As palavras e a pena de Cavalcante (o fato de ele estar entre os heréticos) foram o suficiente para que Dante o identificasse, sem necessidade de uma enunciação explícita.

18 No original: “não fere os seus olhos o doce lume?” O fato de Dante ter dito *teve* (no passado) leva Cavalcante a pensar que Guido já estava morto. A viagem ocorre na primavera de 1300; Guido morreu em agosto do mesmo ano. Por isso, Cavalcante se engana: o filho ainda está vivo.

19 Farinata.

20 Retoma diretamente o v. 51 e o diálogo interrompido pelo episódio de Cavalcante.

21 No original, “do que”: saber que a sua família foi exilada e não retornou mais a Florença atormenta mais Farinata do que a pena física que ele está sofrendo (“adurente”, ardente, “leito”).

22 “Do Inferno a soberana”: Prosérpina, mulher de Plutão, rei do Averno, identificada na mitologia antiga como a Lua. “Porém vezes cinquenta a face acesa / não mostrará”: a face da Lua não se acenderá cinquenta vezes, isto é, não passarão cinquenta meses. “Sem que tu saibas quanto essa arte pesa”: sem que tu sintas pela própria experiência quanto é difícil a arte do retorno à pátria.

Trata-se de uma profecia do exílio de Dante. A viagem ocorre na primavera de 1300 e Dante foi condenado ao exílio em 1302; em 1304 (depois de cinquenta meses em relação a 1300), Dante rompeu com os guelfos brancos, após tentativas fracassadas de retornar a Florença.

[23] Referência à violenta batalha de Montaperti, que tingiu de sangue as águas do rio Árbia e permaneceu na memória dos florentinos. A batalha ocorreu em 1260, entre, de um lado, guelfos florentinos e, de outro, habitantes de Siena e gibelinos florentinos, que derrotaram violentamente os adversários. Isso explica a fala de Farinata no v. 27: “A que fora eu talvez assaz molesto”. “Austeridade”: referência aos duros decretos dos florentinos contra os Uberti.

[24] “Não fui lá só naquele dia”: não fui o único (a realizar a violenta batalha).

[25] Após a vitória em Montaperti, os comandantes gibelinos toscanos se reuniram em Êmpoli e propuseram destruir a cidade de Florença. Farinata se opôs decisivamente a essa proposta.

[26] “Esclarece-me uma dúvida, que envolve a minha mente e impede um juízo claro da minha parte”.

[27] Pois Ciacco, no canto VI, e agora Farinata realizaram profecias, mas Cavalcante não conseguiu ver o presente (que seu filho ainda está vivo).

[28] Os danados são como aqueles que veem bem de longe, mas não de perto. “De Deus última luz em nós raiando”: esse é o tanto de luz que Deus ainda concede aos nossos olhos, pois todo o conhecimento emana de Deus.

[29] Acréscimo da tradução.

[30] Dante sente remorso por não ter respondido à resposta de Cavalcante, levando-o a entender equivocadamente que Guido estava morto (vv. 70-72). Dante pede que Farinata diga a Cavalcante a verdade, explicando que o seu silêncio, diante da pergunta de Cavalcante, foi causado pela dúvida a respeito do fato de os danados poderem ver o futuro, mas não o presente.

[31] “Chamado”: Virgílio estava chamando Dante, para prosseguirem a viagem.

[32] “Segundo Frederico”: Federico II, imperador morto em 1250. Tentou reunificar o império, reunindo os gibelinos italianos; foi poeta e a sua corte, na Sicília, foi um importante centro cultural no século XIII.

[33] “O cardeal”: Ottaviano degli Ubaldini, morto em 1273, cardeal de grande poder na Itália central, dito por antonomásia “o Cardeal”, considerado gibelino por autores do período.

[34] A profecia do exílio de Dante.

[35] A revelação do destino de Dante só poderá ser completamente realizada diante dos olhos de Beatriz, onde se vê a realidade de Deus.

[36] Pode indicar o sétimo círculo.

CANTO XI

Chega Dante ao topo de uma alta ribanceira do círculo sétimo, sente impressão de exalações desagradáveis e vê o movimento do herético Papa Anastácio. Detêm-se um pouco os dois poetas, e no entanto explica Virgílio que nos círculos em que hão de entrar são punidos os pecados da violência, fraude e usura. Inquire Dante por que na cidade de Dite não são castigados os que pecaram por luxúria, gula, avareza, prodigalidade e ira, e também por que a usura ofende a Deus. Afinal os poetas acercam-se ao lugar, por onde se desce.

Pausa no caminho, entre o sexto e o sétimo círculos. Virgílio explica a Dante a organização moral do Inferno. Os poetas retomam o caminho.

1 À borda de alta riba[1] assim chegamos,
Que em círc’ lo rotas penhas conformavam:
De lá mais crus tormentos divisamos.
2 Do fundo abismo exalações[2] brotavam,
Tão acres, que a fugir nos obrigaram
Para trás das muralhas elevadas[3]
3 De um sepulcro, em que os olhos decifraram:
“Sou do Papa Anastácio a sepultura,
Que de Fotino os erros transviaram.”[4]
4 “Lentamente desçamos desta altura:
Assim, o olfato ao mau odor afeito,
Não hemos de sentir-lhe a ação impura.”[5]
5 A Virgílio tornei: “Procede a jeito,
Ó Mestre, por que o tempo consumido
Na demora, não corra sem proveito.”
6 “Já ’stava o meio, ó filho, apercebido.
Nestas penhas três círc’los há menores,[6]
Por degraus, como os outros, que hás descido.
7 “Plenos ’stão de malditos pecadores.
Por que, vendo, os conheças logo, atende:
Direi seus crimes e da pena as dores.[7]
8 “Todo o mal,[8] que no Céu cólera acende,
Injustiça há por fim, que o dano alheio,
Usando fraude ou violência, tende.[9]
9 “Próprio do homem por ser, da fraude o meio
Mais descontenta a Deus; mores tormentos
Em lugar sofre de aflições mais cheio.[10]
10 “Dos círc’los o primeiro é dos violentos;[11]
Mas, força a três pessoas se fazendo,
Foi construído em três repartimentos.
11 “A Deus, a si, ao próximo ofendendo,
Nas pessoas, nos bens[12] a força fere,

Como hás de convencer-te me entendendo.
12 “Morte ou dor força ao próximo confere.
Com ruína, com fogo os bens lhe invade,
Quando pela extorsão não se apodere.
13 “Homicidas, os que usam feridade,
Ladrões, devastadores, torturados
Estão no primeiro, em turmas, sem piedade.[13]
14 “Homens há contra si cruéis, irados
Ou contra os próprios bens: pois no segundo
Recinto jazem sempre amargurados
15 “Quem se privara do terreno mundo,
Os que seus cabedais malbarataram,
Quem chora onde pudera estar jucundo.[14]
16 “Contra Deus violência homens preparam,
Se o negam, se o blasfemam, desdenhando
Natura e os dons, que nela se deparam.[15]
17 “No recinto menor sinal nefando
Cahors marca igualmente com Sodoma,
E os que pecaram contra Deus falando.[16]
18 “A fraude em que o remorso tanto assoma,[17]
Ou trai a confiança ou premedita
Danos a quem desprevenido toma.[18]
19 “A fraude desta espécie se exercita
Contra os laços de amor, que faz natura;[19]
Portanto no segundo círc’lo[20] habita
20 “Adulação com simonia impura,
Hipócritas, falsários, feiticeiros,
Rufiães e os outros dessa laia escura.[21]
21 “Transtorna a outra afetos verdadeiros,
Que inspira a natureza e os que origina
A mútua fé nos ânimos inteiros.[22]
22 “E, pois, no círc’lo extremo, que domina

Da terra o centro e onde Dite pesa,
Eterna pena aos tredos se destina."[23]
23 "Tem, Mestre" — eu disse —, "o cunho da clareza
O que expões, distinguindo exatamente
A geena do Inferno e a gente presa.
24 "Diz-me: os que jazem na lagoa ingente,
Os que flagela o vento ou chuva imiga,
Os que se encontram em frêmito insolente[24]
25 "Por que Deus cá em Dite os não castiga,
Se a ira a Deus seus feitos acenderam?
Se não, por que a aflição tanto os fustiga?"[25]
26 "Deliras? Da tua mente se varreram
Princípios sãos" — tornou — "a que és afeito?
A que rumo as ideias se volveram?
27 "Olvidas, por ventura, esse preceito,
De que houveste na Ética[26] a ciência,
Das três disposições, que em mau conceito
28 "Então do Céu, — malícia, incontinência
E furor bestial? — como a segunda
Importa a Deus menor irreverência?[27]
29 "Se atentas em verdade tão profunda,
Se lembras quais[28] são esses que padecem
Acima da mansão, que o fogo inunda,[29]
30 "Verás então ser justo não sofressem
Daqueles maus a par, menos pesada
Punição culpas suas merecessem."
31 "Sol, que me aclara a vista perturbada,
Às lições tuas dou tamanho apreço,
Que o duvidar, como o saber, me agrada.
32 "Tornando ao que disseste, expliques peço,
Por que motivo, Mestre, usura ofende
A divina bondade em tanto excesso."[30]
33 "Filosofia — disse — "a quem a atende

Tem demonstrado, quase em toda parte,
Que a natureza a sua origem prende
34 “Do divino intelecto e da sua arte.
Da Física[31] em princípio hás conhecido
Preceito, que hei mister recomendar-te:
35 “Que é da vossa arte ir, sempre que há podido
Após natura, — à mestra obediente; —
Neta de Deus chamá-la é permitido.[32]
36 “Da natureza e da arte, se tua mente
O Gênese em começo lembra, colhe
O seu sustento e haver a humana gente.[33]
37 “Usura bem diversa estrada escolhe.
Natura e a aluna sua menospreza,
Esperança, e cuidado, e mal recolhe.[34]
38 “Mas andemos; prossiga a nossa empresa.
Vão no horizonte os Peixes assomando;
Voltando sobre o coro o carro pesa,[35]
E além a rocha está passagem dando.”[36]

---

[1] Declive que leva ao próximo círculo.

[2] O mau cheiro de que falou o último verso do canto anterior (“Que vapores hediondos exalava”).

[3] O termo “elevadas” permanece sem rima na tradução, mas deveria compor uma série de rimas com “conformavam” e “brotavam”.

[4] Papa Anastácio: Anastácio II, papa de 496-498, que viveu durante a heresia monofisita defendida por Acácio, patriarca de Constantinopla, segundo a qual em Cristo havia somente a natureza humana. O papa teria tentado uma reconciliação com Constantinopla, tendo acolhido em Roma o diácono Fotino de Tessalônica, que, como alguns acreditavam, teria induzido Anastácio a aderir à heresia. A diplomacia do papa em relação aos defensores da heresia teria criado a desaprovação de muitos eclesiásticos contemporâneos, o que criou a tradição,

ainda viva na época de Dante, da heresia do próprio papa, causada por Fotino. Essa tradição se encontra no *Liber Pontificalis* e no *Decretum Gratiani* (provável fonte de Dante). Sabe-se hoje que tal cânone é espúrio, o qual, contudo, era considerado autêntico no período de Dante.

[5] No original: “convém retardar a descida, de modo que o olfato se acostume primeiro ao mau odor, com o qual não nos preocuparemos depois”.

[6] Os três últimos círculos do Inferno.

[7] “Por que, vendo, os conheças logo”: para que te baste apenas ver os danados para reconhecê-los.

“Seus crimes e da pena as dores”: no original, “como e por que [os danados] são amontoados [nesses círculos]”. Virgílio não explica as penas dos danados: o “como” diz respeito à distribuição dos pecadores em diferentes círculos; o “por que” diz respeito ao motivo pelo qual são agrupados nesses diferentes círculos.

[8] No original: “malícia”, má ação realizada conscientemente.

[9] Resulta em injustiça, que constitui o dano alheio, ou por fraude ou por violência.

[10] Dentre a fraude e a violência, a primeira é específica do homem, porque exige o uso da razão, que é o maior atributo humano. Por isso, a fraude mais descontenta a Deus, sendo punida em um círculo mais baixo do que a violência, com maiores tormentos.

[11] Dos três círculos que restam, o primeiro (o sétimo na ordem geral do Inferno) é o dos violentos. Recorde-se que Dante e Virgílio já passaram pelos seis primeiros círculos.

[12] A violência pode ser dividida, portanto, em três categorias. Cada uma dessas categorias, por sua vez, se subdivide em dois tipos: contra a pessoa ou contra os seus bens.

[13] Descrição daqueles que praticam violência contra o próximo, em relação à pessoa e em relação aos seus bens. Eles estão no primeiro compartimento do sétimo círculo, e são divididos em *turmas*, segundo a sua culpa específica.

[14] Estão no segundo compartimento aqueles que foram violentos contra a própria pessoa ou contra os próprios bens: os suicidas (“quem se privara do terreno mundo”) e os dissipadores dos próprios bens (“os que seus cabedais

malbarataram"), que, ficando na miséria, choram quando deveriam ser felizes, gozando dos seus bens, sem dissipá-los. Segundo o texto original, os dissipadores são definidos como aqueles que "jogam e destroem seu patrimônio".

15 "Se desdenham natura e dons": se pecam contra a natureza e contra os dons que manifestam a bondade de Deus.

16 No terceiro compartimento estão aqueles que praticaram violência contra Deus. Cahors: cidade francesa, conhecida na Idade Média pela usura praticada pelos seus habitantes (tanto que os usurários eram chamados de "cahorsinos"). Sodoma: cidade do Mar Morto, destruída junto a Gomorra, por causa do pecado contra a natureza praticado pelos seus habitantes (Gênesis, 18-19).

Logo, no terceiro compartimento estão os usurários, os sodomitas e os blasfemos.

17 Pois a fraude é sempre realizada com o uso da razão, manchando a consciência daquele que a pratica. O texto original autoriza também outra interpretação, menos plausível: a fraude ofende a consciência daquele contra quem ela se dirige.

18 A fraude pode ser realizada contra uma pessoa que confia (traindo a sua confiança) e contra uma pessoa que não confia.

19 O segundo tipo de fraude, contra pessoas que não confiam naquele que a pratica. "Se exercita / contra os laços de amor, que faz natura": abala apenas o vínculo natural que liga um homem ao outro (o vínculo de amor universal entre todos os homens, enquanto seres da mesma natureza).

20 No oitavo círculo.

21 São elencados alguns pecados punidos no oitavo círculo.

22 O outro tipo de fraude (aquele que se comete contra quem tem confiança) abala não só o vínculo natural entre os homens, mas também o vínculo criado por relações específicas (como as relações familiares, por exemplo), que originam uma confiança especial entre os homens.

23 Trata-se do pecado da traição, punido no último círculo do Inferno (o nono círculo), onde se encontra Lúcifer (Dite), no centro da terra. "Tredos": traidores.

24 Enumeração das punições dos primeiros círculos (com exceção do Limbo, que

não tem punição efetiva), que estão fora da cidade de Dite.

“Os que jazem na lagoa ingente”: quinto círculo.

“Os que flagela o vento”: segundo círculo.

“Ou chuva imiga”: terceiro círculo.

“Os que se encontram em frêmito insolente”: quarto círculo (referência às colisões entre avaros e pródigos no quarto círculo: “Inferno”, VII, 28-33).

[25] Por que esses pecadores não são punidos dentro de Dite, se seus feitos acenderam a ira de Deus? E, se não acenderam, por que são punidos com tamanhos tormentos? Esses questionamentos têm como pressuposto a ideia de que todos os pecados são igualmente graves diante de Deus.

[26] A *Ética* de Aristóteles (livro VII).

[27] “A segunda”: incontinência. A incontinência deriva da intemperança da paixão, sendo a origem da luxúria, da gula, da avareza, da prodigalidade e da ira (pecados punidos fora de Dite). Sobre a “malícia” e o “furor bestial”, existem diferentes interpretações. No verso 22, o termo “malícia” (aqui traduzido como “mal”) é empregado no sentido genérico de pecado cometido pela razão (diferentemente dos pecados cometidos pela incontinência), abarcando os pecados de violência e a fraude. Se aqui o termo “malícia” é empregado no mesmo sentido, então o “furor bestial” não tem lugar no Inferno dantesco (como defendem alguns, considerando também a raridade da culpa de bestialidade, segundo Aristóteles). Outros comentadores consideram que o “furor bestial” seja uma referência à heresia, mas existe pouca (ou nenhuma) correspondência entre a heresia e a bestialidade; além disso, tal interpretação se desviaria muito da *Ética* de Aristóteles, que é a base da explicação de Virgílio e da organização moral do inferno dantesco. Outros, referindo a “malícia” à violência e à fraude, interpretam o “furor bestial” como a traição, mas esta é claramente apresentada como um pecado de fraude (vv. 52-54). O mais plausível (com base em outros elementos do poema) e mais defendido pelos comentadores é que essas três disposições correspondam às três subdivisões do Inferno dantesco: incontinência, violência e fraude, em uma correspondência entre a bestialidade e a violência. Essa interpretação exige que o termo “malícia” seja empregado em dois sentidos diversos: no v. 22, no sentido genérico de culpa da razão (violência e fraude); no v. 82, no sentido específico de “fraude”.

Dessas três disposições, a menos grave é a “incontinência”, que deriva da

intemperança das paixões, enquanto as outras duas estão intimamente ligadas ao exercício da razão.

[28] Aqueles que pecaram por incontinência.

[29] A cidade de Dite.

[30] No v. 50, a usura foi classificada como pecado de violência contra a divindade.

[31] A *Física* de Aristóteles (livro II: por isso Virgílio diz “em princípio”).

[32] A arte humana segue a natureza, como o aluno segue o mestre. A natureza é “filha de Deus”; por isso, pode-se dizer que a arte é “neta de Deus”.

[33] A natureza e a arte (entendida como “trabalho”) são o meio de sustento do homem; e esta é a vontade de Deus, como se pode perceber pela leitura do Gênesis (sobretudo no capítulo 3, versículos 17 e 19).

[34] “Usura bem diversa estrada escolhe”: o usurário não se sustenta pela natureza e pela arte (“a aluna sua”).

“Esperança, e cuidado, e mal recolhe”: menospreza a esperança e o cuidado (que deveriam estar voltados a viver pela natureza e pela arte) e não se sustenta (“recolhe”) de modo justo.

[35] O Sol está em Áries (já que a viagem ocorre na primavera do hemisfério norte) e a constelação de Peixes já surgiu no horizonte sobre a terra (mais precisamente, sobre Jerusalém, centro da terra habitada, na concepção de Dante). Peixes é a constelação que precede Áries e a distância entre as constelações é de 30 graus, o que equivale a duas horas mais ou menos. Isso significa que faltam mais ou menos duas horas para o nascer do Sol. O “carro” é a Ursa Maior, que está na zona do *coro* (vento mistral), o que significa que a constelação está no noroeste, dirigindo-se ao poente (correspondendo aproximadamente à posição de Peixes no oriente). A Ursa Maior se encontra em Leão, precedendo Peixes em 14 horas.

[36] Há ainda um pouco de estrada antes da passagem que a rocha oferece ao próximo círculo. Por isso, os poetas têm de se apressar.

CANTO XII

Desce Dante em companhia de Virgílio ao círculo sétimo, no qual estão condenados os violentos, passando por lugar aspérrimo e ruinoso, onde estava de sentinela o Minotauro, cujas iras são domadas por Virgílio. Chegados ao fundo, depara-se-lhes um rio de sangue, onde são castigados os violentos contra o próximo. Três centauros querem tolher o passo aos poetas, mas Virgílio consegue de Quíron, o mais autorizado de entre eles, que um lhes sirva de guia a ele e ao seu companheiro. No caminho, recebe informações do centauro Nesso acerca do rio e dos que ali penam.

Primeiro grupo do sétimo círculo: violentos contra o próximo. O Minotauro tenta se opor à descida entre o sexto e sétimo círculos. No sétimo círculo, os centauros ameaçam os viajantes, mas Virgílio explica que a viagem de Dante é fruto da vontade divina. Um dos centauros guia Dante e Virgílio ao longo do rio onde são punidos os violentos contra o próximo e transporta Dante ao outro lado do rio.

1 Da descida era o passo tão fragoso
E tal por quem lá estava à guarda e atento,
Que se fazia à vista pavoroso.
2 Como a ruína[1] que, daquém de Trento,
Feriu o Adige, por um terremoto
Ou por faltar de chofre o fundamento;
3 Do viso ao val do monte, que foi roto,
Tão derrocada vê-se a penedia,
Que a descê-la o caminho é quase imoto.[2]
4 A ribanceira assim nos parecia.
E à borda do penedo fracassado
De Creta o monstro infame se estendia,[3]
5 Da falsa vaca torpemente nado.[4]
Viu-nos apenas, se mordeu fremente,
Como quem pela raiva é devorado.
6 "Cuidas"— bradou-lhe o sábio incontinente —
"Ser de Atenas o príncipe,[5] o que à morte
Lá sobre a terra te arrojou valente?
7 "Arreda, bruto! Que este é de outra sorte;
Da tua irmã[6] não recebera ensino
De vós outros vem ver a pena forte."
8 Qual touro desprendido, quando o tino
Mortal golpe lhe rouba, que não pode
Correr, mas salta a vacilar mofino:
9 Assim o Minotauro. O Mestre acode,
Dizendo-me: "Demanda presto a entrada
E desce, enquanto em vascas se sacode."
10 A quebrada descíamos formada
De pedras soltas; cada qual, movida,
Cedia, em sendo por meus pés calcada.[7]
11 E eu cismava. Ele disse: — "Tens sorvida
A mente na ruína, que do horrendo
Monstro a ira defende já vencida.[8]

12 “Deves saber que, de outra vez descendo
Até o extremo lá do baixo Inferno
Esta rocha não vi, como a estás vendo.
13 “Mas, pouco antes de vir, se bem discerno,
Aquele que há tomado a grande presa,[9]
A Dite, lá no círculo superno,
14 “Deste val tremeu tanto a profundeza,[10]
Que sentisse pensei todo o universo
O amor, com que alguém diz ter certeza
15 “De que ao caos muita vez será converso.[11]
Foi aqui, noutras partes, nesse instante,
Roto o velho penhasco,[12] em treva imerso.
16 “Mas olha o vale: o rio é não distante
De sangue, onde verás fervendo aquele,[13]
Que violência exerceu no semelhante.[14]
17 “Ó ira louca, ó ambição, que impele
Na curta vida nossa, ao Inferno arrasta
E para sempre nos submerge[15] nele!”
18 Eis uma cava divisei mui vasta,
Que abrangia, arqueada, o plano inteiro,[16]
Como dissera quem do mal me afasta.
19 No espaço, a que o penhasco é sobranceiro,[17]
Centauros[18] correm, setas agitando,
Como soíam no viver primeiro.
20 Descer nos vendo, para o ardido bando.
Três de entre eles então nos demandaram,
os arcos e arremessos preparando.
21 Os brados de um[19] de longe nos soaram:
— “Vós, que desceis, dizei a pena vossa;
De lá falai, ou tiros se disparam!”
22 Virgílio respondeu: — “Resposta nossa
Terá Quíron[20] de perto, sem demora.

Sempre te dana a pressa, que te apossa.”[21]
23 Tocou-me e disse: — “Quem nos fala agora
É Nesso, o que morreu por Dejanira;
Mas se vingou de quem fatal lhe fora.[22]
24 “Esse do meio, que o seu peito mira,
Aio de Aquiles, é Quíron famoso;
Esse outro é Folo,[23] sempre aceso em ira.”
25 Aos mil em volta ao rio sanguinoso
As almas seteavam, que excediam,
Mais do que é dado, o líquido horroroso.[24]
26 Àqueles monstros que ágeis se moviam,
Chegamo-nos. Quíron com seta ajeita
Os cabelos, que os lábios lhe encobriam.[25]
27 Quando destarte a larga boca afeita,
Disse à companha: — “Haveis já reparado
Que move aquele tudo, em que os pés deita?[26]
28 “Nunca assim, pés de morto hão caminhado.”
O Guia meu, que junto já lhe estava
Do peito, onde era um ser noutro enleado,[27]
29 — “Vivo está, vem comigo” — lhe tornava —
“A visitar o val maldito, escuro,
Para cumprir dever,[28] que lho ordenava.
30 “Deixando de cantar o hosana puro
Alguém[29] me há cometido o cargo novo.
Não é ladrão, nem eu espírito impuro:
31 “Em nome do poder,[30] por quem eu movo
Os passos meus em tão medonha estrada,
Envia algum,[31] que escolhas no teu povo,
32 “Por nos mostrar a parte acomodada[32]
Ao vau, e no seu dorso haver transporte
Quem não é sombra ao voo aparelhada.”[33]
33 Quíron volveu-se à destra e a Nesso forte

— “Torna atrás” — disse — “e serve-lhes de guia:
Que outro bando[34] o caminho lhes não corte!”
34 Já partimos na fida[35] companhia,
As ondas costeando rubras, quentes,[36]
Donde agudo estridor ao ar subia.
35 Té os cílios no sangue os padecentes
Eu vi.[37] Disse o Centauro: — “São tiranos
Truculentos e em roubo preeminentes.[38]
36 “Chora-se aqui por feitos desumanos.
Alexandre[39] aqui está, Dionísio[40] antigo
Que gemer fez Sicília tantos anos.
37 “De negra coma, aqui sofre o castigo
Azzolino;[41] e o que está, louro, ao seu lado
Obizzio d’Este,[42] ao qual (verdade eu digo)
38 “Roubara à vida o pérfido enteado.”
E o Vate, a quem voltei-me, assim dizia:
— “O segundo lugar me é reservado.”[43]
39 Pouco além parou Nesso: olhar queria
Uma turba, que, estando submergida,
Toda a cabeça para fora erguia,[44]
40 Disse, indicando uma alma retraída:[45]
“Perante Deus um coração ferira,[46]
Que inda Londres[47] venera estremecida.”
41 A cabeça vi de outros, que subira
Do rio à superfície e o inteiro busto:
Suas feições no mundo eu distinguira.
42 Ia baixando o sangue até que a custo
Os pés cobria a quem passar quisesse:
O fosso ali vencemos, já sem custo.[48]
43 “Se desta parte o borbulhão parece
Do rio escassear, eu te asseguro
” — Disse Nesso — “que mais engrossa e desce

44 “Na parte oposta até juntar-se ao escuro
Pego[49] em que, como hás visto, a tirania
As penas dá no seu tormento duro.
45 “A divina justiça lá crucia
Esse Átila,[50] que açoite foi da terra,
Pirro[51] e Sexto;[52] e redobra-se a agonia
46 “Dos dois Renatos, que tamanha guerra
Fizeram nas estradas, salteando,
O Pazzo e o de Corneto.”[53] — E a fala cerra.
Voltou depois, do rio o vau passando.

---

[1] “Ruína”: os Slavini di Marco, grande ruína que fica ao sul de Trento (“daquém de Trento”), à margem esquerda do Ádige (por isso, “feriu o Adige”). “Por um terremoto ou por faltar de chofre o fundamento”: ruína causada ou por terremoto ou por falta de um fundamento na base do monte (causada por erosão).

A identificação da “ruína” com os Slavini di Marco não é a única possível, porém é uma das mais frequentes entre os comentadores.

[2] Descer a ruína é *quase* impossível, mas ela ainda oferece alguma possibilidade de caminho.

O texto original acolhe ainda outras interpretações. Para alguns comentadores, Dante está simplesmente dizendo que, para quem se encontra no topo do monte, é impossível descer. O problema de tal interpretação é a falta de correspondência com o segundo termo da comparação, pois Dante encontra um caminho (ainda que árduo) para descer a ruína. Por isso, alguns dizem que a impossibilidade da descida seria apenas uma primeira impressão de quem está no topo do monte e vê a ruína.

Outros consideram que o termo “derrocada” (no original, *discoscesa*) tenha o sentido de que a rocha é percorrida por uma derrocada formada de modo tal a fornecer um caminho, ainda que difícil, para a descida.

[3] “O monstro infame de Creta”: o Minotauro, metade homem metade touro, filho de Pasífae, mulher de Minos, rei de Creta. Pasífae, tendo se apaixonado por um

touro, pediu que Dédalo construísse uma vaca de madeira, na qual ela entrou; foi, portanto, *infame* o modo pelo qual o Minotauro foi gerado.

[4] "Nascido".

[5] "O príncipe de Atenas": Teseu. O Minotauro se alimentava de carne humana e Atenas tinha de pagar a Creta um tributo anual de 14 jovens (7 homens e 7 mulheres), dos quais o monstro se alimentava. Quando Teseu, filho do rei de Atenas, fora enviado como tributo, Ariadne, filha de Minos, apaixonou-se por ele e o ajudou a matar o Minotauro e a sair do labirinto onde o monstro vivia. Desse modo, Teseu libertou Atenas.

[6] Ariadne.

[7] Isso é sinal realista do peso do corpo de Dante, o que o diferencia dos habitantes do Inferno.

[8] "Ruína defendida pela ira do monstro, [por mim] já vencida."

[9] Jesus, que tomou a Lúcifer (*Dite*) um grande número de almas (os justos do Antigo Testamento), que estavam no Limbo (*círculo superno*).

[10] Trata-se do terremoto que ocorreu no momento da morte de Cristo, o qual causou ruínas no Inferno. Depois de sua morte, Jesus desceu ao Inferno para libertar as almas justas do Antigo Testamento. Por isso, Virgílio diz que as ruínas do Inferno foram causadas "pouco antes de vir" (v. 37) Jesus.

[11] Referência à doutrina de Empédocles, segundo a qual a ordem do universo se devia à discórdia entre os elementos, causada pelo ódio, e o caos se devia à harmonia entre os elementos, causada pelo *amor*. O terremoto levou Virgílio a pensar (procurando uma explicação racional para um fenômeno sobrenatural) que o universo estivesse sentindo *amor*, dando início ao *caos*.

"Alguém": Empédocles e os seguidores se sua doutrina.

"Ao caos muita vez será converso": o retorno ao caos é fenômeno que se repete toda vez que sobre a discórdia entre os elementos prevalece a harmonia.

[12] A rocha que constitui toda a parede infernal.

[13] O rio de sangue fervente é o Flegetonte, como se compreenderá no canto XIV (vv. 115-120).

[14] Primeiro compartimento do sétimo círculo: violentos contra o próximo.

[15] Especificamente no rio de sangue fervente, onde estão os violentos contra o próximo. A ambição e a ira são aqui tomadas como disposições que levam o homem à violência contra o próximo. Desse modo, a exclamação de Dante trata especificamente da pena dos violentos contra o próximo (ainda que seu sentido geral possa se estender para outros tipos de pecadores).

[16] Dante vê a fossa (*cava*) do rio de sangue (onde estão os violentos contra o próximo). Essa fossa, por sua vez, forma um arco que abrange o "plano" onde estão os violentos contra si e contra Deus. Esse conjunto entre a fossa e o plano forma o sétimo círculo.

[17] Espaço entre o penhasco e a fossa, no qual o "penhasco é sobranceiro".

[18] Centauros: seres mitológicos, humanos da cabeça aos quadris, cavalos no restante do corpo, armados com flechas e representados normalmente como violentos.

[19] O centauro que grita é Nesso.

[20] Quíron: o chefe dos centauros. Médico, astrônomo e músico, foi mestre de Aquiles, sendo representado na tradição clássica como um sábio, diferentemente dos outros centauros. Por isso, na *Divina Comédia* Dante lhe confere autoridade entre os centauros, preservando a sabedoria que a tradição clássica lhe conferira.

[21] Referência à morte de Nesso: ele se apaixonara por Dejanira, mulher de Hércules, enquanto a transportava para atravessar o rio Eveno; tendo atravessado o rio, decidiu fugir com ela, mas Hércules o matou. Por isso, Virgílio diz que a pressa de Nesso foi danosa para ele, dando a entender que também agora a sua impetuosidade lhe pode ser nociva.

[22] Hércules matou Nesso com uma flecha envenenada pelo sangue da Hidra de Lerna. Quando morria, Nesso deu a Dejanira a sua túnica ensanguentada (e envenenada), dizendo que, se Hércules se apaixonasse por outra mulher, bastava vestir a túnica para amar Dejanira novamente. Quando Hércules se apaixonou por Iole, Dejanira fez com que vestisse a túnica, a qual o envenenou, fazendo-o enlouquecer e morrer. Essa foi a vingança de Nesso.

[23] Folo: foi, com outros centauros, ao casamento de Pirítoo, rei dos Lápitas. Embriagando-se no casamento, o violento centauro tentou raptar a esposa de Pirítoo, Hipodâmia, e outras mulheres presentes.

[24] No original, esses versos ainda fazem parte da explicação de Virgílio e os

verbos são empregados no presente.

[25] Afastou a barba, de modo a poder falar.

[26] Que aquele move tudo o que toca com os pés? Trata-se de Dante, que move as pedras por causa do peso de seu corpo (como foi dito nos vv. 29-30).

[27] Na parte do peito em que as duas naturezas (humana e equina) do centauro se encontram.

[28] Necessário para a salvação de Dante.

[29] *Alguém*: Beatriz, que deixou seus cantos de aclamação no paraíso, para conferir a Virgílio a empresa de guiar Dante.

[30] O poder divino.

[31] Um dos centauros.

[32] O ponto do rio que permite uma travessia.

[33] Dante, que não é uma alma e não pode voar para atravessar o rio.

[34] Outro bando de centauros.

[35] Confiável por causa do pedido de Virgílio e da ordem de Quíron.

[36] Recorde-se que se trata de um rio de sangue fervente.

[37] Entre os violentos contra o próximo, esses são os que cometeram o pecado mais grave e, por isso, estão quase totalmente submersos.

[38] Violentos contra o próximo (os súditos) em relação à pessoa (“truculentos”) e aos seus bens (“roubo”).

[39] Alexandre: ou Alexandre Magno (rei da Macedônia) ou Alexandre de Feras (IV a.C.).

[40] Dionísio: Dionísio, o Antigo (IV a.C.), tirano de Siracusa.

[41] Azzolino: Ezzelino III da Romano, tirano gibelino da Marca Trevisana de 1223 a 1259, representado por muitos (sobretudo guelfos) como cruel tirano.

[42] “Obizzio d’Este”: Obizzo II d’Este, senhor guelfo de Ferrara. Era corrente a história segundo a qual Obizzo teria sido assassinado por seu filho Azzo VIII em 1293, seu sucessor. O termo “enteado” pode ser interpretado como “filho desnaturado” ou como “filho ilegítimo” (o que estaria de acordo com outro boato

a respeito da família). O segundo sentido pode indicar também Pietro, que teria sido efetivamente um filho ilegítimo de Obizzo.

[43] Dante pode confiar nas palavras de Nesso, que assume o papel de guia nesse momento.

[44] Logo, com pena menor em relação aos tiranos.

[45] A alma está isolada porque único foi o seu pecado.

[46] Guido de Montfort, filho do duque de Leicester. Para se vingar da morte do pai na batalha contra Henrique III da Inglaterra, matou em 1271 o sobrinho do rei, também chamado Henrique (filho de Ricardo de Cornualha), durante uma missa em Viterbo, na presença de Carlos de Anjou e de Felipe III. Logo, seu delito foi não só violento, mas sacrílego.

[47] Segundo alguns autores antigos, o coração de Henrique foi colocado em uma taça, no alto de uma coluna da ponte de Londres sobre o rio Tâmisa. Outros autores dizem que havia uma estátua de Henrique sobre a sua tumba, na Abadia de Westminster. Nessa estátua, o príncipe segurava uma taça com o seu coração.

"Venera": o termo empregado no texto original permite ler os versos com outro sentido: um coração que ainda derrama sangue em Londres (o que seria uma referência ao fato de o delito ainda não ter sido vingado).

"Estremecida": o delito criou grande comoção, sobretudo pelo lugar no qual fora cometido.

[48] Trata-se do lugar que oferece passagem no rio.

[49] "Abismo". Isto é, até a passagem o rio diminui de profundidade; do outro lado da passagem, a profundidade torna a crescer até chegar à parte dos tiranos.

[50] Átila: Átila, rei dos Unos (V d.C.), conhecido como grande devastador.

[51] Pirro: ainda há incertezas sobre a sua identificação. Segundo alguns, trata-se de Pirro rei do Epiro (IV a.C.), inimigo dos romanos, que invadiu a Itália meridional mais de uma vez. Segundo outros, trata-se do filho de Aquiles, que, na *Eneida* (livro II), extermina os troianos.

[52] Sexto: filho de Pompeu, o grande, cruel corsário (segundo outros, Sexto Tarquínio, o soberbo). Átila, Pirro e Sexto constituem os tiranos que devastaram outras nações, enquanto os primeiros tiranos vistos eram aqueles violentos contra os próprios súditos.

[53] Dois Renatos: Rinier da Corneto e Rinier Pazzo (dei Pazzi di Valdarno, excomungado em 1268 por ter assaltado uma comitiva de religiosos, assassinando o chefe da comitiva, o bispo Silvestre): dois salteadores famosos no tempo de Dante.

CANTO XIII

Narra-se, neste canto, como os poetas entraram no segundo recinto, destinado ao castigo dos que foram violentos contra suas próprias pessoas e desbarataram a sua fazenda: acham-se aqueles transformados em troncos ásperos e nodosos, onde pousam as harpias; e estes são perseguidos por cães famintos. Um dos suicidas, Pietro delle Vigne, conta o motivo da sua morte e explica como as almas se convertem em troncos. Por fim, um florentino fala das calamidades de sua pátria.

Segundo compartimento do sétimo círculo: violentos contra si mesmos (suicidas e dilapidadores). Dante e Virgílio falam com Pier delle Vigne e, depois, com um suicida anônimo florentino.

1 Não estava ainda Nesso do outro lado,
Quando nós por um bosque penetramos,
Dos vestígios de passos não marcado.
2 Não fronde verde, mas escura, ramos
Não lisos, mas travados e nodosos,
Não pomos, puas com veneno achamos.
3 Por silvados mais densos, mais umbrosos,
Do Cecina a Corneto,[1] a besta brava,
Não foge, agros deixando deleitosos.
4 Das Harpias [2] o bando aqui pousava,
Que expeliram de Estrófade[3] os troianos,
Vaticinando o mal, que os aguardava.
5 Asas têm largas, colo e rosto humanos,
Garras nos pés, plumoso o ventre enorme,
Soam na selva os uivos seus insanos.
6 E disse o Mestre: “Convém já te informe
Que o recinto segundo[4] vais entrando,
Onde verás ’spetáculo deforme,
7 “Até que ao areal chegues infando.
Atenta! E darás fé à narrativa,
Que fiz, ainda lá no mundo estando.”[5]
8 Em toda a parte ouvi grita aflitiva:
Como não via quem assim gemesse,
Parei e a torvação[6] se fez mais viva.
9 Creio que o Mestre cria então que eu cresse
Que esses lamentos enviava aos ares
Uma turba, que aos olhos se escondesse:
10 Pois disse-me: “De um tronco se quebrares
Um só raminho, ficarás ciente
Desse erro em que se enleiam teus pensares.”
11 O braço estendo então e prontamente
Vergôntea quebro. O tronco, assim ferido
“Por que razão me arrancas?” — diz fremente.

12 De sangue negro o ramo já tingindo,
“Por que me rompes?” — prosseguiu gemendo —
“Assomos de piedade nunca hás tido?
13 “Fui homem, hoje o lenho, que estás vendo!
Mais compassiva a tua mão seria
Se a alma aqui fosse de um dragão tremendo.”[7]
14 Como acha[8] verde, quando se incendia
Num extremo, e estorce no outro, estala
Chiando e a umidade[9] fora envia,
15 Daquela árvore assim brotava a fala
E o sangue;[10] a minha mão já desprendera
O ramo, e, entanto, o horror no peito cala.
16 “Se de antes ele acreditar pudera”
Lhe torna o sábio Mestre — “alma agravada,
O que eu nos versos meus lhe descrevera,
17 “Por te ferir sua mão não fora alçada.
Não crera eu mesmo, e tanto que o induzira
Ao feito, que me pesa e desagrada.[11]
18 “Diz-lhe quem foste e as dúvidas lhe tira:
O mal te compensando, a fama tua
Há de avivar no mundo, a que retira.”
19 E o tronco: “Alívio tanto à dor, que atua,
Causais, que de bom grado eu já explico:
Ao triste dai que a mágoa exprima sua.
20 “Fui quem do coração de Frederico[12]
As chaves tive e usei com tanto jeito,
Fechando e desfechando,[13] que era rico
21 “Da fé com que a mim só rendeu seu peito.
No glorioso cargo fui constante,
Força, alento exauri por seu proveito.
22 “A torpe meretriz,[14] que, a todo o instante
Ao régio paço olhos venais volvendo,
Morte comum, das cortes mal flagrante,

23 “Contra mim ódio em todos acendendo,
Por eles acendeu iras de Augusto,[15]
Que honras ledas me tornou em luto horrendo.
24 “Ressentindo-me então do mundo injusto,
Por fugir seus desdéns, buscando a morte,
Comigo iníquo fui eu, que era justo.
25 “Pelo tronco em que peno desta sorte,
Que jamais infiel hei sido, juro,
Ao rei meu, que houve a glória por seu norte.
26 “De vós o que voltar à luz adjuro[16]
Que a memória me salve ao nome honrado,
Que vulnerou da inveja o golpe duro.”
27 O Vate inda esperou. — “Pois se há calado,” —
Disse-me — “fala, se tu mais desejas,
E pede-lhe: do tempo és apressado.”
28 Tornei: “Tu mesmo inquiras quanto vejas
Mais convir-me; que eu me sinto inibido
Por mágoas,[17] que em minha alma são sobejas.”
29 Ele então: — “Se o desejo teu cumprido
For por este homem, nobremente usando,[18]
Te praza, encarcerada alma, ao pedido
30 “Nosso atender, e como nos mostrando
Se liga ao tronco o espr’ito e se é factível
Soltar-se um dia, o vínculo quebrando.”
31 Soprou de rijo o lenho; e perceptível
Aquele som desta arte nos dizia:
— “Resposta breve dou quanto é possível.
32 “Quando os laços do corpo uma alma impia
Destrói por si, do seu furor no enleio
Ao círc’lo sete Minos logo a envia.
33 “Na selva tomba e aonde acaso veio,[19]
E como o seu destino lhe consente,
Aí qual grão germina de centeio.

34 “Vai crescendo até ser árvore ingente:[20]
As Harpias, que a fronde lhe devoram,
Causam-lhe dor, que rompe em voz plangente.
35 “Hemos de ir aonde os corpos nossos moram,[21]
Como as outras, mas, sem que os revistamos,
Mor pena aos que em perdê-los prestes foram.
36 “Arrastados serão por nós: aos ramos
Pendentes ficarão nesta floresta
Nos troncos, em que, assim, vedes, penamos.”
37 Ouvíamos ainda a sombra mesta,
De mais dizer cuidando houvesse o intento.
Eis sentimos rumor, que nos molesta.
38 Assim monteiro, à caça pouco atento,
Do javardo e dos cães ouve o estrupido
E das ramadas o estalar violento.
39 Súbito vejo à esquerda, espavorido,
Fugindo esp’ritos dois nus,[22] lacerados,
Ramos rompendo ao bosque denegrido.
40 “Ó morte!” — um[23] clama — “acode aos desgraçados!”
O segundo,[24] que tardo se julgava:
“Ninguém, ó Lano, os pés tanto apressados
41 “De Toppo nas refregas te observava!”
Porém, de todo já perdido o alento,
Numa sarça acolheu-se que ali ’stava.
42 Corria, enchendo a selva, em seguimento
De famintas cadelas negro bando,
Quais alões da cadeia ao todo isento.
43 À sombra homiziada[25] se enviando,
A fez pedaços a matilha brava,
E logo após levou-os ululando.
44 Então meu Guia pela mão me trava,
Conduz-me à sarça, que se em vão[26] carpia
Pelas roturas, que o seu sangue lava.

45 “Ó Jacob Santo André!” — triste dizia —
“Podia eu ser-te acaso amparo certo?
Em mim por crimes teus que culpa havia?”
46 Disse-lhe o Mestre, quando foi mais perto:
“Quem és tu, que o teu sangue e mágoa exalas
Por golpes tantos, de que estás coberto?”
47 Tornou-lhe: “Ó alma que dessarte falas
E tu que o dano vês, que me separa,
Da fronde minha, agora amontoá-las
48 “Dignai-vos junto à rama, que as brotara.
Na cidade nasci que por Batista
Deixou prisco patrão,[27] que da arte amara
49 “Sempre pelos efeitos a contrista.
E se do Arno na ponte[28] não restasse
Um vestígio, que traz seu culto à vista,
50 “Talvez ela à existência não tornasse,
E quem das cinzas, que Átila há deixado,
Levantou-a os esforços malograsse.
“Na minha própria casa hei-me enforcado.”[29]

---

[1] Cecina, ao norte, e Corneto, ao sul, são os limites da região da Maremma, conhecida na época como um dos lugares mais agrestes da Itália.

[2] Harpias: monstros mitológicos sujos, com rosto feminino e corpo de ave de rapina.

[3] No livro III da *Eneida* (vv. 209-257), narra-se que, nas ilhas Estrófades, as Harpias sujavam com seus excrementos as refeições de Eneias e de seus companheiros, o que provocou a fuga dos troianos. Uma dessas Harpias profetiza adversidades a Eneias.

[4] Segundo recinto do sétimo círculo: violentos contra si mesmos.

[5] Isso será esclarecido mais adiante.

[6] A perturbação do próprio Dante.

[7] No original, “serpentes”: a mão de Dante deveria ter sido mais compassiva mesmo com a alma daquele que é considerado o mais abjeto dos animais.

[8] Ramo, pedaço de madeira para fazer fogo.

[9] A linfa. O “chiado” é causado pela evaporação que sai. Quando se acende um extremo do ramo, pelo outro extremo sai parte de sua umidade em forma líquida e parte em forma de vapor.

[10] A comparação equipara “linfa” e “sangue”, “vapor” e “fala”.

[11] Aqui se esclarece o mistério que perpassava a cena.

As almas dos suicidas (aqueles que cometeram violência) tornam-se plantas, já que esses pecadores renunciaram ao próprio corpo. Por isso, a planta vista por Dante fala e sangra quando um ramo é arrancado. Isso tem origem em um episódio da *Eneida* (livro III): o troiano Polidoro, após ter sido assassinado por Polimestor (seu cunhado e rei da Trácia), foi sepultado perto do litoral da Trácia. Eneias, ao desembarcar na Trácia, arranca alguns ramos de um arbusto, que começa a sangrar e a emitir a voz de Polidoro, que narra a sua morte a Eneias.

Apesar da semelhança, há algumas diferenças entre os dois episódios: na *Eneida*, o arbusto nasce no local onde Polidoro foi sepultado; na *Divina Comédia*, os arbusto são as próprias almas dos suicidas, o meio de sua pena física.

Virgílio, sabendo que se trata de uma alma, recomenda que Dante quebre “um só raminho”. E, por causa da história de Polidoro, Virgílio diz “o que eu nos versos meus lhe descrevera”. É por isso que Xavier Pinheiro traduz os versos 20-21, que no original dizem “observa com atenção; verás coisas nas quais não acreditarias se eu contasse.” Isto é, no original esses versos não fazem menção à *Eneida*, mas apenas ao fenômeno incrível que Dante presenciará.

“Não crera eu mesmo”: no original, Virgílio diz que o próprio fenômeno incrível o compeliu a recomendar que Dante arrancasse um ramo (pois, caso contrário, Dante não teria acreditado).

[12] Trata-se de Pier delle Vigne, poeta e ministro na corte de Federico II, que veio a se tornar o mais importante ministro do imperador. Em 1248, após alguns fracassos por parte de Federico II, Pier delle Vigne começou a perder poder na corte e, em 1249, foi preso, tendo sido acusado de traição. Na prisão, Pier delle Vigne foi cegado e, ao que parece, cometeu suicídio. Entretanto, não se sabe ao

certo como ocorreu a sua morte (e se de fato ela se deveu a suicídio). Do mesmo modo, não são conhecidos os motivos de sua desgraça na corte siciliana e não se sabe se ele foi realmente autor de uma traição ou se foi vítima de uma conspiração (como afirma a história aqui narrada).

[13] Fechando e abrindo o coração do imperador, determinando o seu favor e o seu desfavor.

[14] A inveja.

[15] Federico II.

[16] “Peço”.

[17] Compaixão.

[18] “Possa o homem cumprir teu desejo.”

[19] Isto é, sem lugar predeterminado (talvez porque a culpa do suicídio seja a mesma para todos que a cometem).

[20] No original, “silvestre”.

[21] No dia do Juízo.

[22] Apresenta-se a punição do segundo tipo de espíritos violentos contra si mesmos: os que dilapidaram os seus bens, que foram violentos contra si mesmos não em relação à pessoa, mas em relação aos bens.

[23] Aquele que corre na frente se chama Lano, mas os críticos não são unânimes quanto à sua identificação. É provável que se trate de Arcolano di Ricolfo Maconi, jovem muito rico de Siena, o qual teria dilapidado os seus bens. Participou da batalha da Pieve al Toppo (travada entre os habitantes de Siena e os habitantes de Arezzo, em 1278) e, segundo contam alguns, teria procurado a morte voluntariamente, para não ter de viver na miséria.

[24] Iacopo da Santo Andrea (perto de Pádua), participou da comitiva de Federico II em 1237, assassinado em 1239 por ordem de Ezelino IV da Romano. Era famoso como desenfreado esbanjador.

[25] A alma que se escondera “numa sarça”, isto é, Iacopo da Santo Andrea.

[26] No texto original, não é claro se “em vão” se refere a “carpia” ou a “que o seu sangue lava”.

[27] Florença: cidade que, tendo se tornado cristã, substituiu o seu primeiro protetor (“prisco patrão”: o deus Marte) por São João Batista; por isso, Marte (deus da guerra, o grego Ares) persegue Florença, causando guerras dentro da própria cidade e entre Florença e outras cidades.

[28] Se não houvesse, perto de Ponte Vecchio, um vestígio da estátua de Marte, teria sido inútil o trabalho dos cidadãos que reconstruíram Florença, após a devastação causada por Átila (isto é: Marte teria destruído a cidade). Na verdade, não Átila, mas Tótila, rei dos ostrogodos, causou estragos na cidade.

[29] É muito difícil (e talvez inútil) identificar esse personagem. Existem, contudo, duas hipóteses principais: Lotto degli Agli, juiz que cometeu suicídio após ter dado uma sentença falsa por dinheiro (condenando à morte um inocente); Rocco de Mozzi, que dilapidou seus bens e, por isso, cometeu suicídio (ele representaria os dois pecados, e por isso os seus ramos teriam sido arrancados pela matilha). De qualquer modo, muitos eram aqueles que se enforcavam em Florença, na época; e talvez o anonimato convenha ao modo como a cidade de Florença é aqui apresentada.

CANTO XIV

Chegam os poetas ao terceiro recinto, planície de areia incandescente onde os violentos contra Deus, a natureza e a arte são castigados com chuva eterna de ardentíssimas flamas. Entre os violentos contra Deus veem Capaneu. Depara-se-lhes um ribeiro de sangue. Misteriosa estátua. Explicação. Os rios do Inferno. Passam o areal.

Terceiro recinto do sétimo círculo: violentos contra Deus. Os poetas veem Capaneu. Virgílio fala sobre o velho de Creta e explica a origem dos rios infernais. Os poetas se preparam para atravessar o terceiro recinto.

1 De amor do pátrio ninho comovido[1]
Essas dispersas folhas reunindo,
À sarça as dei, que tinha a voz perdido.[2]
2 Ao limite, dali, fomos seguindo,
Em que parte o recinto c’o terceiro,[3]
Onde a justiça horrível ’stá punindo.
3 Para expressar-lhe o aspecto verdadeiro,
Eu digo que à charneca então chegamos,
De plantas nua em seu espaço inteiro.
4 Da dor a selva a cerca dos seus ramos,
Como o fosso a torneia sanguinoso:[4]
Ali, rente co’ a borda, os pés firmamos.
5 O plano era tão árido e arenoso,
Como o que de Catão os pés outrora[5]
Na jornada calcaram fadigoso.
6 Ó vingança de Deus, quem não te adora[6]
Nos tremendos efeitos meditando,
Que eu próprio olhei, que a minha voz memora.
7 De almas nuas eu via infindo bando,
Por modos diferentes torturadas,
Miseráveis, mesquinhas pranteando.
8 Jaziam sobre o dorso umas deitadas,
Outras, dobrando os membros, se assentavam,[7]
Muitas andavam sempre aceleradas.[8]
9 Maior a turba destas se mostrava,
Menor a que, prostrada no tormento,
Maior dor nos lamentos denotava.
10 Largas flamas com tardo movimento
Choviam do areal em todo o espaço,
Qual neve em serra, quando é mudo o vento.
11 Na Índia sobre o exército, já lasso,
Fogos cair viu Alexandre outrora,
No chão ardendo livres de embaraço.[9]

12 Que aos pés no solo os calquem sem demora
Suas falanges avisado ordena:
Matá-los um por um fácil lhes fora.[10]
13 Assim baixava, para agravo à pena,
Lume eterno que à areia se prendia,
Como à isca a fagulha mais pequena.[11]
14 Cada qual sem repouso se estorcia,
A um lado e a outro os braços revolvendo
A cada chama, que do ar chovia.
15 “Mestre” — falei — “que vais tudo vencendo,
Somente exceto a legião furente,[12]
Que em Dite a entrada estava-nos tolhendo,
16 “Diz quem seja a grã sombra,[13] que não sente,
Ao parecer, o incêndio, e não domado
Pela chuva, jaz rábido, insolente?”
17 Reconhecendo o próprio condenado
Que da minha pergunta fora objeto,
“Morto sou qual fui vivo!” — clama irado.
18 “Que Jove canse o armeiro seu dileto,[14]
De quem tomou fremente o agudo raio
Para em mim saciar rancor abjeto;
19 “Que os seus ciclopes sintam já desmaio
De Mongibello[15] na oficina negra,
Aos gritos — “Bom Vulcano, acode ou caio!”
20 “Como fez na peleja lá de Flegra;[16]
Que me fulmine de ódio e sanha cheio:
No gozo da vingança em vão se alegra.”[17]
21 Virgílio então, com voz, como não creio
Lhe ter ouvido, sonorosa e forte,
Bradou-lhe: “Capaneu, pois no teu seio
22 “Não mitiga a soberba a própria morte,
Sofres mor pena; igual não há castigo
Ao que a raiva te inflige desta sorte!”[18]

23 Para mim se voltou; com gesto amigo
Falou: — “Dos reis que Tebas sitiaram[19]
Foi um: de Deus se declarara imigo.
24 “Os crimes seus no Inferno se agravaram;[20]
Já lhe disse, as blasfêmias, os furores
Digno prêmio em seu peito lhe deparam.
25 “Vem agora após mim; pelos fervores
Não caminhes da areia incandescente;
Da selva ao longo[21] evitas-lhe os ardores.”
26 Fomos andando, cada qual silente,
Até onde jorrar do bosque eu via
Rubro arroio, que lembro inda tremente.
27 Do Bulicame qual o que saía,
Das pecadoras em serviço usado:[22]
Tal pela adusta areia este corria.
28 As margens e orlas são de cada lado
Feitas de pedra e assim também seu leito:
Caminho ali notei ao passo azado.
29 “De quanto aqui te conhecer hei feito,
Depois que atrás deixamos essa porta,[23]
A cujo ingresso todos têm direito,
30 “Não se há mostrado à tua vista absorta
Maravilha que iguale à desta veia,
Em que a flama adurente fica morta.”[24]
31 O Mestre diz e assim desejo ateia
De rogar-lhe me preste esse alimento,
Que excitado, o apetite haver anseia.
32 “Do mar em meio jaz” — ouvi-lhe atento, —
“Destruído país, Creta afamada:
Com seu rei foi do mal o mundo isento.[25]
33 “Alça-se ali montanha outrora ornada
De fontes e verdor: chama-se Ida:
Erma está, como coisa desprezada.

34 “Foi ao filho para berço preferida
De Reia, que abafava o seu vagido
Fazer mandando grita desmedida.[26]
35 “Nas entranhas do monte um velho erguido
Está: voltando a Damieita as cotas,
Como a espelho, olha Roma embevecido.[27]
36 “De ouro faces e fronte são compostas,[28]
De pura prata são braços e peito,
Éneos o busto e partes bem dispostas.[29]
37 “De ferro extreme tudo o mais foi feito,
O pé direito exceto, que é de argila,[30]
Mas o corpo, sustém sendo imperfeito.
38 “Salvo do ouro, do mais sempre destila
De lágrimas por fenda[31] crebro fio,
Que fura a gruta e rápido desfila.
39 “Aos negros vales vem correndo em rio,
Forma Estige, Aqueronte e Flegetonte
Desce depois neste canal esguio
40 Até do Inferno o fundo, aonde é fonte
Do Cocito.[32] O que o rio[33] acaso seja
Verás: mister não é que ora te conte.”
41 — “Se desde o nosso mundo ele[34] serpeja,
Dize, ó Mestre, a razão por que a torrente
Só neste abismo lôbrego se veja.[35]”
42 “É circular este lugar horrente,
E posto hajas vencido extenso trato,
Descendo tu à esquerda, inteiramente
43 “Não hás feito inda ao círculo o giro exato.[36]
Não revele o teu rosto maravilha,
Novas coisas em vendo e estranho fato.”
44 Ainda eu perguntei: — “Por onde trilha
O Flegetonte e o Letes? De um te calas,

E do outro a veia é dessa origem filha.”[37]
45 Tornou: — “Muito me agrada quanto falas;
Da água rubra o fervor, porém, solvera
Umas dessas questões, que assinalas.
46 “Do Inferno fora o Letes ver espera:
Na linfa sua as almas vão lavar-se
Depois que a penitência o perdão gera.”[38]
47 Disse depois: “É tempo de deixar-se
A selva; os passos meus sempre acompanha,
Pela margem caminho há para andar-se,
Do fogo ali se extingue toda a sanha.”[39]

---

[1] Pois o último personagem que falara no canto anterior era florentino.

[2] Que já tinha parado de falar.

[3] Violentos contra Deus.

[4] O rio de sangue fervente (dos violentos contra o próximo) circunda a selva (dos violentos contra si), que circunda o terreno dos violentos contra Deus.

[5] Na *Farsália* (IX, 382), narra-se que Catão de Útica conduziu o exército de Pompeu pelo deserto da Líbia.

[6] Teme.

[7] Mais um caso de termo que permanece sem rima, pois não rima com *mostrava* e denotava.

[8] As três penas correspondem aos três modos de violência contra deus: os blasfemadores estão deitados, os usurários (violentos contra a arte) estão sentados e os sodomitas (violentos contra a natureza) andam continuamente.

[9] Alusão a uma carta atribuída a Alexandre Magno (e que teria sido endereçada a Aristóteles).

[10] Alexandre ordenou que seus soldados pisassem nas chamas tão logo elas caíssem no chão, pois era mais fácil apagá-las antes que novas chamas caíssem

sobre elas.

[11] Como, com uma mínima faísca, o fuzil acende o material inflamável (“isca”) sobre a pederneira.

[12] Os diabos que tentaram impedir a entrada na cidade de Dite, como narrado nos cantos VIII e IX.

[13] Capaneu, um dos seis reis gregos que, com Polinices, atacaram Tebas, para tirar do poder Etéocles (irmão de Polinices, ambos filhos de Édipo). Durante o assalto, Capaneu, sobre os muros de Tebas, desafiou Júpiter (Jove, correspondente ao Zeus grego) a defender a cidade. Júpiter, então, lançou um raio sobre Capaneu.

[14] “Armeiro”: o deus Vulcano (o grego Hefesto), que fabricava os raios de Júpiter.

[15] Dizia-se que a oficina de Vulcano ficava sob o vulcão Etna (na época também chamado Mongibello) e os Ciclopes (figuras gigantescas, com um único olho no meio da testa) eram os ajudantes de Vulcano.

[16] Em Flegra, na Tessália, Júpiter fulminou os gigantes, que escalavam montes para alcançar o céu (tal combate é conhecido como Gigantomaquia).

[17] Que Júpiter faça tudo isso contra Capaneu: ainda assim não gozará de uma vingança que o satisfaça (pois não conseguirá humilhar o soberbo Capaneu).

[18] A raiva de Capaneu, que perdura depois da sua morte, é o seu maior castigo, perfeitamente adequado à sua soberba.

[19] Foram eles: Capaneu, Adrasto, Tideu, Hipomedonte, Anfiarau, Partenopeu e o tebano Polinices.

[20] A sua soberba se acentuou no Inferno.

[21] Mais perto da selva, que, como dito anteriormente, circunda o terreno onde estão os violentos contra Deus.

[22] Bulicame: nascente de água sulfurosa e fervente, perto de Viterbo. “Pecadoras”: as prostitutas, que viviam na região, utilizavam as águas quentes do Bulicame em suas casas.

[23] A porta do Inferno.

[24] O vapor que sai do “rubro arroio” apaga as chamas que caem sobre ele.

[25] Creta: os antigos acreditavam que a ilha de Creta, sob o reino do deus Saturno (*seu rei*), tivesse vivido a idade de ouro da humanidade (quando o homem ainda era bom).

[26] Reia: Cibele, mulher de Saturno e mãe de Júpiter. Saturno, por causa de uma profecia segundo a qual ele seria destituído por seu próprio filho, devorava seus filhos logo depois que eles nasciam. Por isso, Cibele escondeu Júpiter no monte Ida, mandando abafar os choros da criança com os gritos e cantos dos Coribantes, seus seguidores.

[27] O velho de Creta, estátua grandiosa que ocupa as entranhas do mais alto monte de Creta, representando a história da humanidade em suas diferentes idades, no seu aspecto de pecado, que resulta no Inferno. A figura está voltada para o ocidente (de costas para Damiata, cidade do Egito, a oriente; de frente para Roma).

"Como a espelho, olha Roma embevecido": em Roma, que guia a humanidade, está refletida a grandiosidade do velho.

A figura é uma contaminação entre a tradição clássica e a tradição bíblica, unindo a visão do sonho de Nabucodonosor (explicada pelo profeta Daniel) ao mito clássico da idade de ouro da humanidade (explicitado, por exemplo, na colocação da estátua em Creta e no fato de ela estar voltada para Roma).

[28] Os diferentes materiais representam, com muita probabilidade, as sucessivas idades da civilização humana: de ouro, de prata, de bronze ("éneos"), de ferro e a idade presente, de argila (material vil, que nem chega a constituir um metal como os outros).

[29] No original: de bronze até as pernas.

[30] Alguns dizem que os pés representam as duas autoridades que guiam (ou deveriam guiar) a humanidade: o Império e a Igreja. A Igreja seria o pé direito, estando mais corrompida do que o Império. Entretanto, a crítica não reconhece uma interpretação unívoca para a figura.

[31] Representa, provavelmente, o efeito do pecado na humanidade, o qual não existia na idade de ouro, que corresponde, na concepção cristã, ao tempo do Éden.

[32] O fio de lágrimas corre, como rio, para o Inferno ("negros vales"), formando os quatro rios infernais. São eles, na ordem em que se encontram: Aqueronte,

Estige, Flegetonte e Cocito, todos derivados da tradição clássica. O Aqueronte é o rio que está na entrada do Inferno; o Estige é o pântano que está em volta da cidade de Dite, no qual estão os iracundos. Flegetonte: só agora é nomeado o rio de sangue fervente no qual são punidos os violentos contra o próximo (canto XII). Cocito: último rio infernal, ainda não visto pelos viajantes.

[33] O Cocito.

[34] O “rubro arroio” do v. 78.

[35] Se esse rio nasce na terra, por que ele aparece só no sétimo círculo do Inferno e não antes? O arroio visto por Dante, diferentemente do Aqueronte, do Estige e do Flegetonte, tem água corrente. Dante quer saber, então, como é possível que ele não tenha visto o rio descer ao longo do Inferno.

[36] O Inferno tem a forma de um funil, sendo perpassado horizontalmente pelos diferentes círculos. Dante desce de círculo em círculo sempre indo para a esquerda, não tendo ainda percorrido toda a sua circunferência.

[37] “De um te calas”: Letes, rio presente no Averno virgiliano. Flegetonte: Virgílio diz que o rio tem a mesma origem dos outros rios infernais, dando a entender que Dante já o viu (pois diz que resta ver ainda só o Cocito); entretanto, Dante não compreendeu ainda que Flegetonte é o rio de sangue fervente.

[38] “Espera ver o Letes fora do Inferno”: o Letes, de fato, está no final do Purgatório (no paraíso terrestre), sendo o rio do esquecimento, no qual, após a purificação do Purgatório, as almas se imergem, para esquecer o mal cometido.

[39] A margem do “rubro arroio”, que, protegida das chamas (por efeito do próprio arroio), oferece uma passagem que atravessa o terceiro recinto do círculo.

CANTO XV

Dante e Virgílio passam a outro recinto, onde encontram multidões de almas atormentadas. São os violentos contra a natureza, entre os quais reconhece Brunetto Latini, seu mestre, que lhe vaticina o seu desterro.

Terceiro recinto do sétimo círculo: violentos contra Deus e contra a natureza. Encontro com Brunetto Latini, que faz uma profecia do exílio de Dante.

1 Por uma dessas margens empedradas
Imos: vapor do rio resguardava
Das chamas o álveo e as bordas elevadas.
2 Como do mar temendo a força brava
De Bruge a Cadsand, os flamengos fazem[1]
Os diques, com que o mal se desagrava;
3 Ou como o dano atalha, que lhe trazem
Do Brenta as invasões, de Pádua a gente,
Se em Chiarentana os gelos se desfazem,[2]
4 Assim as bordas desse rio horrente,
Posto altura e grossura lhes não desse[3]
Iguais,[4] quem quer que fosse artista ingente.
5 A selva já distante de nós era,
Tanto que eu divisá-la não podia,
Quando os olhos por vê-la atrás volvera,
6 Eis encontramos multidão sombria,
Que a margem costeava, nos olhando,
Como sói caminhante, ao fim do dia,
7 Que vai, por lua nova, outro encarando:[5]
Para nos ver os cílios contraindo,
Qual a agulha o artesano aparelhando.[6]
8 Assim, de mira à turba nós servindo,[7]
Conhecido fui de um, que me travava
Da roupa — "Ó maravilha!" — repetindo.
9 Quando o seu braço para mim se alçava,
Atentei-lhe no rosto requeimado;[8]
Posto que demudado, não vedava
10 Que de mim fosse nas feições lembrado.
À sua face inclinando a mão, lhe digo,
— "Messer[9] Brunetto! vós aqui!"[10] — torvado.
11 "Filho meu! complacente sê comigo!
Vir Brunetto Latini[11] ora consente",

Deixando a turba, um pouco assim contigo!”
12 Tornei: — “Muito vos rogo; e que me assente
Convosco se quereis, prazendo ao Guia
Dos passos meus, assentirei contente”.
13 — “Se um momento um de nós” — me respondia —
“Aqui parasse, imóvel anos cento,
Pelo fogo ferido jazeria.
14 “Caminha: que eu te irei no seguimento.
Depois hei de juntar-me à companhia
Dos que pranteiam no eternal tormento.”
15 Eu da estrada a descer não me atrevia
Por ir com ele; mas a fronte inclino
Reverente; e, falando prosseguia.
16 — “Que fortuna” — me disse — “ou que destino[12]
Antes da morte aqui te há conduzido?
De quem recebes na jornada ensino?”
17 — “Antes de haver da idade o tempo enchido[13]
Sobre a terra na vida sossegada,[14]
Num vale” — respondi — “fiquei perdido.
18 “Ontem costas lhe dei por madrugada;
Ele acudiu-me, quando atrás voltava,[15]
E me conduz assim por esta estrada.”
19 — “Se bem vaticinei, quando gozava,
Da vida bela, glorioso porto
Te há de o teu astro[16] conduzir” — tornava.
20 “Se antes do tempo eu não ’stivesse morto,
Vendo que tanto o Céu te era benigno,
Te dera nos trabalhos[17] o conforto.
21 “Mas esse ingrato povo é tão maligno,
Que outrora de Fiésole viera
E tem de penha o coração ferino,[18]
22 “Em ti, por seres bom, mal considera.
É justo: que entre acerbos sovereiros

Crescer doce figueira não se espera.
23 “Velha fama os diz cegos,[19] sempre useiros
Na soberba, na inveja, na avareza.
Deles te esquiva; em vícios são vezeiros.
24 “Te guarda a sorte de honras tal grandeza,
Que hás de ser dos partidos cobiçado;[20]
Mas das garras lhes fica longe a presa.[21]
25 “Ceve[22] em si próprio o fiesolano gado
Os instintos brutais; não toque a planta,[23]
Que inda haja em tal nateiro germinado,
26 “E em que a semente ressuscite santa
Dos romanos, que ali restaram, quando
Se teceu o ninho de malícia tanta.”
27 — “Se o Céu” — tornei — “meus votos escutando,
Deferisse, da vida o lume agora
Ainda aos olhos vos raiara brando;[24]
28 “Que a doce imagem vossa inda memora
Saudosa a mente e o paternal desvelo
Com que me heis ensinado de hora em hora
29 “Como homem faz-se eternamente belo.[25]
Enquanto eu vivo for, agradecido
Ao mundo bem patente hei de fazê-lo.
30 “O vaticínio vosso, reunido[26]
A outro,[27] há de explicar-me sábia Dama,[28]
Quando à sua presença houver subido.
31 “E como a consciência me não clama,
Sabei que, quando a sorte avessa esteja
A todo o mal sou prestes que ela trama.[29]
32 “O que ouvi não cuideis novo me seja:
Volva-se a roda como a sorte[30] a lança,
Lavre a terra o vilão como deseja.”
33 Então meu douto Mestre, que se avança,

Girando à destra e me encarando, disse:
"Bem compreende quem tem boa lembrança!"[31]
34 Não me vedou, porém, que eu prosseguisse,
Na prática;[32] e a Brunetto os mais famosos
Pedi que dos seus sócios referisse.
35 — "Alguns convém saber, mais numerosos
Em silêncio deixar louvável sendo:
Míngua o tempo aos discursos copiosos.
36 "Sabe, em suma, que, clérigos havendo
Todos sido e letrados[33] mui famosos,
Se mancharam num só pecado horrendo.
37 "Vão na turba daqueles desditosos
Acúrio[34] e Prisciano;[35] alguns protervos
Se ver quiseres, por tal lepra ascosos.
38 "Olha o que, como quis servo dos servos,
Pra Bacchiglione foi do Arno mudado
E ali deixou seus deformados nervos.[36]
39 "Não mais dizer, nem ir posso ao teu lado,
Pois do areal já vejo de repente
Vapor novo surgir afogueado.[37]
40 "Não devo andar com bando diferente.
O meu Tesouro[38] eu muito te encomendo:
Nele inda vivo, e rogo isto somente."
41 Voltou-se; e foi tão rápido correndo,[39]
Como os que correm pelo pálio verde
No campo de Verona,[40] parecendo
Mais ser quem vence do que ser quem perde.

---

[1] Fazem os flamengos entre Bruges e Cadzand, cidades que delimitam, a oriente e a ocidente, o território de Flandres.

[2] Como fazem as pessoas de Pádua, às margens do rio Brenta, para se proteger das inundações (“as invasões”).

“Se em Chiarentana os gelos se desfazem”: o original diz: antes que a Carinzia (“Chiarentana”) sinta o calor (que derrete a neve e aumenta o nível dos rios).

[3] Outro caso de quebra no esquema de rimas, já que *desse* não rima com *era* e *volvera*, a não ser que se leia não “desse”, mas “dera”.

[4] Embora as bordas do rio não fossem tão altas e grossas como os diques.

[5] Quando é noite de lua nova e, portanto, está escuro.

[6] Como o alfaiate (caracterizado como “velho” no original) esforça a vista, quando coloca a linha na agulha (preparando a agulha, como diz a tradução).

[7] Sendo olhados com tanta atenção e esforço pela turba (“servindo de mira à turba”).

[8] Por causa da pena infernal.

[9] Título que designava normalmente cargos jurídicos, mas que era empregado também para denotar respeito e reverência.

[10] Entre os sodomitas.

[11] Brunetto Latini: nasceu em Florença por volta de 1220 e morreu na mesma cidade em 1294. Foi guelfo ativo em Florença, notário (motivo do título de *messer*, além da reverência de Dante), escritor, estudioso de filosofia e de retórica, tradutor de textos clássicos. Durante o predomínio gibelino, viveu na França, retornando a Florença em seguida. Provavelmente, foi considerado um mestre para Dante por causa de sua cultura enciclopédica e por causa de sua forte preocupação com a vida política, a qual perpassa a sua obra e manifesta valores morais caros a Dante.

Sobre o pecado que lhe é aqui atribuído, não há outros testemunhos. Muitos críticos, considerando tal pecado contrário à figura moral de Brunetto (e à reverência com a qual ele é aqui apresentado), tentaram atribuir-lhe outro pecado, já que não se fala claramente de sodomia. Entretanto, uma das características mais marcantes desse episódio é a convivência entre a austeridade moral de Brunetto e a miséria na qual ele se encontra (independentemente do pecado cometido por ele); e, mais do que isso, é a convivência entre a consciência do pecado cometido por Brunetto (seja de sodomia ou não) e o afeto

na relação entre mestre e discípulo. O pecado cometido por Brunetto é enquadrado no esquema moral do Inferno dantesco e como tal deve ser considerado: não há motivos para atribuir-lhe mais infâmia do que a outros pecados que, no poema, são considerados mais ou igualmente graves. A provável sodomia não basta para apagar a reverência de Dante em relação a Brunetto: ambas convivem aqui, como, na terra, o pecado convivera com a austeridade moral desse personagem.

[12] “Fortuna”: acaso. “Destino”: vontade providencial.

[13] “Antes de ter a idade plena”: antes de ter chegado ao ponto mais alto do arco da vida, aos 35 anos (a viagem se passa por volta de março/abril de 1300 e o aniversário de Dante era por volta de maio/junho, já que ele era do signo de gêmeos).

[14] “Vida serena”, em confronto com a vida infernal.

[15] Quando Dante estava retornado à selva, diante da loba que o impedia de subir a colina (“Inferno”, I 49-63).

[16] Mais de uma interpretação possível. “Teu astro” pode ser entendido como a constelação de Gêmeos, sob a qual Dante nasceu e que, acreditava-se, favorecia a atividade intelectual. O sentido, também, pode ser metafórico, significando simplesmente o destino de Dante. Faltando a preposição “a” diante da expressão “glorioso porto”, deve-se entender, provavelmente: teu astro conduzirá glorioso porto a ti. Entretanto, a introdução da preposição não modificaria a estrutura métrica do verso.

[17] “Nos trabalhos”: na obra de Dante, em seu valor civil, moral e, em sentido geral, político (aspectos nos quais Brunetto fora um mestre para Dante).

[18] Existia uma lenda segundo a qual Florença teria sido fundada por romanos depois da destruição de Fiésole (cidade que havia se aliado a Catilina), sendo povoada por romanos e por habitantes de Fiésole que ficaram sem cidade. A referência a tal lenda não significa que Dante acreditasse nela; é apenas um modo de se referir aos florentinos, acenando também à sua iniquidade e às suas discórdias internas, que seriam, portanto, inerentes à cidade (por causa da sua origem, que remontaria aos habitantes de Fiésole).

[19] Os florentinos eram proverbialmente chamados “cegos” e os autores antigos reportam diferentes origens para tal fama. Alguns aludem à confiança dos

florentinos em relação a Tótila, que em seguida destruiu Florença. Outros aludem ao fato de os florentinos terem se deixado enganar pelos habitantes de Pisa, recebendo deles duas colunas de pórfiro danificadas pelo fogo, acreditando que fossem boas. De qualquer modo, aqui a fama é tomada em sentido moral.

[20] Tamanha será a honra de Dante que ambas as facções o cobiçarão (para arruiná-lo, para descarregar o seu ódio): os Negros, mandando Dante para o exílio; os Brancos, com discórdias que levarão Dante a se afastar deles e, em seguida, com perseguições contra o poeta.

Essa é a interpretação mais provável, mas existem outras, como: ambas as facções quererão ter Dante do seu lado.

“Te guarda a sorte de honras tal grandeza”: a grandeza e a honra de Dante serão o próprio ódio dos florentinos (“o povo maligno”) contra ele.

[21] Dante ficará longe de ambos os partidos.

[22] Satisfaça.

[23] A nobre estirpe romana, que é uma das origens de Florença (a outra são os iníquos fiesolanos). Dante se coloca do lado da nobre origem da cidade.

[24] “Se o Céu concordasse com os meus votos, o brando lume da vida ainda raiaria nos vossos olhos (ainda estarias vivo)”.

[25] Como as boas obras eternizam o homem (pois elas resultam na glória, que prolonga a vida do homem na terra).

[26] A profecia feita por Farinata (“Inferno”, X, 79-81).

[27] A profecia feita por Farinata (“Inferno”, X, 79-81).

[28] Beatriz.

[29] “Como a consciência me não clama”: desde que a minha consciência não me reprove.

[30] A Fortuna.

[31] Provável referência à fala de Dante nos vv. 88-90 e à recomendação que ele faz a Dante em “Inferno”, X, 127-128.

[32] Na conversa com Brunetto.

[33] Estudiosos em geral, seja de letras seja de ciências.

Isso sugere que as almas são aqui punidas em grupos, segundo a função desempenhada em vida. No próximo canto, Dante falará com três homens da vida política.

[34] Francesco d'Accorso (1225-1293): jurista, ensinou direito civil em Bolonha e foi professor em Oxford.

[35] Prisciano di Cesarea (século VI): mestre de gramática, autor das *Institutiones gramaticae* (a mais importante gramática latina na Idade Média). Outros pensam que se trate do bispo Priscilliano (século IV), chefe de uma seita que, dizia-se, praticava a sodomia.

[36] O florentino Andrea dei Mozzi, bispo de Florença em 1287, transferido em 1295 de Florença a Vicenza ("pra Bacchiglione foi do Arno mudado"), a mando do papa Bonifácio VIII (que se chamava, nos atos oficiais da Igreja, o "servo dos servos de Deus").

"E ali deixou seus deformados nervos": morreu em Vicenza, pouco depois de ser transferido. O desprezo que transparece nesses versos é expresso por outros autores antigos, quando falam do bispo.

[37] O "novo vapor" se deve à chegada de um novo grupo de almas. Diversas explicações são dadas a esse verso, dentre as quais: o pó que se eleva no terreno de areia, por causa da chegada das novas almas; o vapor que sai das feridas e das bocas das novas almas; a fumaça que sai das chamas pisoteadas pelas novas almas.

[38] "Tesouro": *Li livres dou Tresor*, a obra mais importante de Brunetto, escrita em francês (quando o autor vivia na França). A obra constitui uma compilação enciclopédica do saber na Idade Média.

[39] Para alcançar o seu grupo.

[40] Em Verona, no primeiro domingo da quaresma, realizava-se uma corrida (com os competidores nus), cujo vencedor recebia um *pálio verde*.

CANTO XVI

Dante, chegando ao limite do terceiro recinto, encontra-se com três almas de guerreiros, que se tinham inquinado no vício, de que no canto antecedente se fez menção. Com Virgílio, acercar-se de uma profunda cavidade à qual o Guia arroja uma corda, de que o Poeta estava cingido. Surge ao fundo uma figura espantosa.

Guido Guerra, Tegghiaio Aldobrandi e Iacopo Rusticucci vão ao encontro de Dante. Dante e Virgílio se dirigem ao penhasco entre o sétimo e o oitavo círculos. Aparece Gerião.

1 Em lugar ’stava já donde se ouvia
Rumor, igual de abelhas ao zumbido,
De água, que noutro círculo[1] caía:
2 Eis três sombras partir vi comovido,
Correndo, de uma turba que passava
Debaixo do martírio desmedido.
3 Vinham a nós, e cada qual gritava:
“Detém-te; por teus trajos[2] se afigura
Seres alguém da nossa terra prava.”[3]
4 Ah! que chagas nos membros, na figura
O fogo lhes abriu, novas e antigas!
Só recordando, eu sinto mágoa[4] pura.
5 O Mestre, que escutara — “Não prossigas!
Cumpre-te” — disse, o rosto me voltando, —
“Aguardando, lhes dar mostras amigas.
6 “Não estivesse o fogo dardejando,
Como o lugar requer, te caberia
Mais pressa do que estão manifestando.”[5]
7 Paramos. Renovando a vozeria[6]
Um círc’lo junto a nós os três formaram,
Em que as mãos cada qual dos três unia.[7]
8 Como atletas, que, nus, de óleo se untaram,
Mas, antes de lutar, dos adversários
No fraco atentam, no seu prol reparam:
9 Eles, se revolvendo em giros vários,
Olhavam-me em tal modo colocados,
Que os colos aos seus pés ’stavam contrários.[8]
10 “Se a miséria, em que somos trateados,
Se o triste aspecto da tostada face[9]
Te move a desdenhar súplices brados,
11 “Nossa fama o teu ânimo traspasse;
E pois, dize quem és que, ufano,[10] o Inferno

Calcas antes que a vida se finasse.
12 “Este, por quem os passos meus governo,[11]
Escoriado e nu, que ora estás vendo,
Mais do que o crês no mundo foi superno.[12]
13 “Da famosa Gualdrada o neto sendo,
Chamou-se Guido Guerra,[13] e foi na vida
Por esforço e prudência reverendo.
14 “A Tegghiaio Aldobrandi,[14] que em seguida
Me vai, por sua voz, por seus bons feitos
Deverá ser a Pátria agradecida.[15]
15 “Eu que também da pena sofro efeitos
Jacopo Rusticucci[16] fui: da esposa
O maior mal causaram-me os defeitos.”[17]
16 Se houvesse amparo à chuva pavorosa
(Virgílio o consentira),[18] eu me lançara
Entre eles, da alma na expansão piedosa;
17 Porém naqueles fogos me abrasara.
Sobrepujou temor vivo desejo,
Que de abraçá-los súbito me entrara.
18 “Não desdém, mas piedade neste ensejo,
Que não se extinguirá,[19] me tem movido” —
Lhes disse — “o padecer em que vos vejo,
19 “Tanto que o Senhor meu há proferido
Palavras,[20] que a presença me indicaram
De almas quais sois[21] neste lugar temido.
20 “Da vossa terra[22] sou: sempre exaltaram
Meu apreço e o dos que vos conheceram[23]
Ações que os nomes vossos tanto honraram.
21 “Por meu Guia veraz esperançado,
Deixo o fel por doçura permanente
Tendo primeiro o centro visitado.”[24]
22 “Que no teu corpo a vida longamente

Persista!” — a sombra[25] disse. — “Dure a fama
Do nome teu com lume resplendente!
23 “Na pátria nossa inda revive a flama
Da honra, do valor, que ali brilhara,
Ou de todo a expeliu ódio que infama?
24 “Pois Guilherme Borsiere,[26] que baixara,
Há pouco, e vai chorando nesta ardência,
Cruciou-nos contando o que notara.”
25 “Íncolas novos,[27] súbita opulência,
Florença, orgulho[28] e vícios te acenderam,
De que tu própria temes a influência!”[29]
26 Gritei alçando a fronte: e os três que me eram
Atentos, à resposta se encararam,
Como se essas verdades lhes prouveram.[30]
27 “Se tão pouco te custa” — me tornaram —
“Sempre aos outros expor teu pensamento,
Feliz tu! Vozes tais[31] assaz te honraram.
28 “E, pois, voltando à luz do firmamento,
Se alfim saíres desta, estância horrente,
Quando — ‘Lá fui!’ — disseres, de contento, —
29 “Nos olvidar não deixa a humana gente.”
Então, rompendo o círculo, fugiram,
Como se asas tiveram, velozmente.
30 Em menos tempo aos olhos se esvaíram
Do que no proferir amém se gasta.
Logo aos passos do Mestre os meus seguiram.
31 Dali distância curta nos afasta,[32]
Eis da água os sons ouvimos, tão de perto,
Que a voz forçar para se ouvir não basta.
32 Como o rio que, no álveo próprio aberto,
Em Veso nasce e vai para o Oriente,
Ao lado esquerdo do Apenino,[33] e ao certo
33 Acquacheta se chama, da eminente

Parte enquanto não desce,[34] mas, tomando
Nome diverso em Forli[35] de repente,
34 Ribomba e cai pela quebrada, quando
A São Bento se acerca, o grã mosteiro
Que dar a mil pudera asilo brando:[36]
35 Assim desde um penhasco sobranceiro
Da água rubra troava alto estampido,
Que fora de surdez risco certeiro.
36 De uma corda eu me achava então cingido[37]
Com que outrora prender quis a pantera,
De pelo em malhas várias repartido.
37 Que a tirasse Virgílio me dissera:
Eu descingi-me presto, lha entregando
Enrolada, como ele prescrevera.
38 Então ele à direita se voltando,
A distância da borda alcantilada
Lançou-a longe para o abismo infando.
39 — "Àquela ação não de antes praticada,
— Pensei — há de seguir-se estranho efeito,
Que do Mestre a atenção tem despertada."
40 Quanta cautela deve haver e jeito,
Tratando-se com quem vê não somente
Os atos, mas também o que há no peito!
41 — "Surdirá"[38] — disse o Mestre — "brevemente
O que espero: o que tens no pensamento[39]
Logo aos teus olhos ficará patente.
42 "Verdade, que pareça fingimento
Evite proferir homem discreto:
Sofre desar,[40] de culpa estando isento."
43 Nada posso omitir, leitor dileto:[41]
Desta comédia[42] pelos cantos[43] juro
(Sejam assim de longo aplauso objeto!)
44 Que subir por aquele ar grosso, escuro

Nadando vi figura temerosa
Ao peito mais intrépido e seguro:
Tal quem desceu pela onda perigosa
A desprender de ocultos embaraços,
Lá no fundo, a fateixa[44] vagarosa,
Subindo, encolhe as pernas, tende os braços.[45]

---

[1] Após o diálogo com Brunetto, os poetas caminharam o suficiente para ouvir a cascata do Flegetonte, que cai no círculo seguinte. Entretanto, esse som não é ainda bastante distinto (parece, de fato, um zumbido de abelha), o que significa que os poetas ainda não estão muito próximos da cascata.

[2] Por teu modo de vestir. Segundo conta Boccaccio, cada cidade tinha um modo de vestimenta característico.

[3] Florença. Prava: perversa.

[4] No sentido de compaixão, piedade.

[5] Se não fosse pelo fogo, caberia a ti correr até eles. Virgílio, com isso, mostra a dignidade desses três personagens que se aproximam.

[6] Quando percebem que Dante e Virgílio param e esperam, as almas retomam o seu lamento contínuo.

[7] Esses pecadores, como já disse Brunetto, não podem parar de caminhar (“Inferno”, XV, 37-39). Por isso, eles caminham em círculo em volta de Dante, que está parado. O texto original não diz que eles se dão as mãos, sendo essa a interpretação de alguns comentadores, seguida por Xavier Pinheiro.

[8] Olhavam Dante tão atentamente, enquanto giravam em torno dele, que a cabeça fazia um movimento contrário ao movimento dos pés.

[9] “Tostada face”: por causa da pena à qual são submetidos.

[10] No sentido de que Dante não é atingido pelas penas do Inferno.

[11] “Este, que caminha à minha frente.”

[12] Em relação à condição social.

[13] Guido Guerra: Guido Guerra VI, foi um dos chefes dos guelfos em Florença, tendo sido personagem de grande relevo na cidade.

Gualdrada: filha de Bellincione Berti dei Ravignani, casada com Guido il Vecchio, precursor da família dos condes Guidi. Seu filho Ruggero (ou, segundo outros, Marcovaldo) foi pai de Guido Guerra.

Famosa: no original, a palavra empregada é “boa”, no sentido de “virtuosa”, aludindo à boa fama da qual Gualdrada gozava na cidade (o canto XV do “Paraíso” expressará a mesma ideia a respeito de seu pai, Bellincione Berti).

[14] Tegghiaio Aldobrandi: Tegghiaio Aldobrandi degli Adimari, importante personalidade na Florença da época (contemporâneo de Guido Guerra e de Farinata). Foi um dos comandantes do exército florentino em Montaperti, tentando dissuadir os florentinos de atacarem os habitantes de Siena. Seu conselho não foi ouvido, e a batalha resultou em uma clamorosa derrota para os florentinos (1260).

[15] A voz pode ser referência ao conselho de Tegghiaio aos florentinos ou pode ser referência à fama do personagem.

“Deverá a Pátria ser agradecida”: o texto original permite mais de uma interpretação. Uma delas é: o conselho de Tegghiaio deveria ter sido reconhecido por Florença (Pátria), isto é, os florentinos deveriam ter ouvido o seu conselho. Outra interpretação é: a fama de Tegghiaio (patente em seu sábio conselho) deveria ser sempre lembrada e reconhecida por Florença.

[16] Jacopo Rusticucci: Iacopo Rusticucci, personagem guelfo de família popular e famoso em Florença, que teve importantes funções políticas.

Recorde-se que, no canto VI do “Inferno” (79-81), Dante pergunta a Ciacco sobre Tegghiaio Aldobrandi e Iacopo Rusticucci (além de Farinata, já encontrado no canto X, e outros nomes). Trata-se de personagens insignes; ao seu valor na terra se opõe o seu miserável estado no Inferno (como acontece também com Brunetto).

[17] Alusão pouco clara, mas, ao que parece, Iacopo está justificando a sua sodomia, dizendo ter cometido tal pecado por causa da mulher e de seu caráter difícil (ou mesmo por causa de sua maldade).

[18] Pois o próprio Virgílio havia recomendado cortesia em relação a essas almas (vv. 13-18).

Virgílio o consentira: “Virgílio o teria consentido”.

[19] No original: “que tarde se extinguirá”.

[20] As palavras de Virgílio nos vv. 13-18.

[21] Almas dignas de respeito, como, de fato, sois vós.

[22] Florença.

[23] “Conheceram” é outro termo que permanece sem rima, não fazendo uma série de rimas com “esperançado” e “visitado”.

[24] Deixo o azedume do pecado pela doçura da salvação. “O centro”: o fundo do Inferno, que é o centro da terra.

[25] Iacopo.

[26] Guilherme Borsiere: Guglielmo Borsiere, personagem do qual não se tem notícias. Segundo Boccaccio, era homem de corte, de boas maneiras.

[27] Pessoas que foram recentemente para Florença, não pertencendo a famílias nobres e tradicionais da cidade, e que enriqueceram rapidamente com o comércio (súbita opulência).

[28] Arrogância.

[29] No original: “de modo que já te lamentas (pelos seus dolorosos efeitos)”.

[30] A expressão escolhida por Xavier Pinheiro parece deslocada em tal contexto doloroso. Talvez ela tenha sido escolhida por causa dos versos seguintes, que expressam uma aprovação dos personagens em relação a Dante e à sua resposta franca. Entretanto, tal aprovação não anula o doloroso efeito da resposta de Dante; e o texto original diz: “encararam-se como quem olha para uma verdade [subentende-se: desagradável].”

[31] Falar desse modo.

[32] Depois de caminhar um pouco.

[33] O rio Montone, que era o primeiro rio que tem curso próprio (álveo próprio) à esquerda do Apenino, pois sai de Monviso (Veso) em direção ao oriente e deságua no mar (e não no rio Pó).

[34] Que, no seu curso superior (antes de descer para a planície), tem o nome de Acquacheta.

[35] Em Forli passa a ter um nome diferente. Na verdade, Acquacheta é uma das torrentes que formam o Montone.

[36] A cascata fica perto do mosteiro San Benedetto dell' Alpe.

"Que dar a mil pudera asilo brando": o mosteiro que poderia acolher mil monges (talvez alusão ao pouco número de monges que o mosteiro acolhia naquele momento). O verso tem também outras interpretações possíveis. Uma delas é bastante diferente da interpretação seguida por Xavier Pinheiro: a cascata é tão forte que deveria cair por mil quebradas (de modo a diminuir gradualmente a sua violência), e não apenas por uma.

[37] Dessa corda não se fala no primeiro canto do poema, embora Dante aqui mencione a pantera então encontrada. O objeto, provavelmente, tem sentido alegórico, relacionado à pantera e Gerião, a figura que aparecerá nos próximos versos. Não existe consenso entre os comentadores sobre isso. Uma interpretação relevante, que considera a relação entre a pantera (símbolo da luxúria) e Gerião (símbolo da fraude), vê na corda o significado de justiça e temperança, que domam a luxúria e a fraude. Segundo muitos comentadores, a corda literalmente cingia Dante segundo o modo franciscano, tendo o sentido de continência e castidade. Entretanto, muitas são as possibilidades de interpretação.

[38] "Aparecerá", "emergirá".

[39] Virgílio, mesmo sem nenhuma palavra de Dante, conseguiu compreender o seu pensamento. Isso explica a exclamação realizada nos versos 118-120.

[40] Sofre desar: sofre uma desonra, pois é chamado de mentiroso.

[41] Não obstante a máxima apenas enunciada, o narrador do poema não pode emitir um fato excepcional que ocorreu na sua história.

[42] Comédia: primeiro aceno ao título do poema.

[43] No original, não se emprega o termo "cantos", mas note, no sentido de versos (palavras compostas em harmonia).

[44] Âncora.

[45] Para conseguir o impulso necessário para a subida.

CANTO XVII

Descrição de Gerião. Descem os poetas até onde o círculo sétimo parte com o oitavo. Enquanto fala com Gerião, Dante caminha um pouco além e informa-se da punição dos que cometeram violência contra a arte. Torna-se a Virgílio e ambos descem às costas de Gerião ao círculo oitavo.

Descrição de Gerião. Dante vê alguns usurários (violentos contra a natureza e contra a arte). Gerião leva Dante e Virgílio do sétimo para o oitavo círculos.

1 “Eis a fera,[1] que a horrenda cauda enresta,
Que arneses, montes, muros atravessa
E com seu bafo impuro o mundo empesta!”
2 Assim Virgílio a me falar começa.
Para acercar-se logo lhe acenava
Ao marmóreo anteparo[2] que ali cessa.
3 Da fraude o vulto imundo aproximava!
A cabeça avançou e o torpe busto,
Porém pendente a cauda lhe ficava.[3]
4 A cara assomos tinha de homem justo,[4]
Tanto era o parecer benino e brando!
No mais[5] serpe,[6] movia horror e susto.
5 Grandes, hirsutos braços dilatando,
Alçava peito, ilhais, dorso malhados,
Mil rodelas e nós[7] se entrelaçando.
6 Mais cores nos estofos recamados
Tártaros, turcos nunca misturaram[8]
Nem Aracne[9] em tecidos variegados.
7 Como os batéis, que à praia se amarraram,
No mar a popa tem, a proa em terra,
E, como em regiões, que se deparam
8 Sob o voraz tudesco,[10] a fazer guerra
Embosca-se o castor:[11] assim se via
O monstro à orla, que as areias cerra.
9 No ar a extensa cauda revolvia;
E a venenosa ponta bipartida,[12]
Do escorpião qual dardo,[13] se erigia.
10 “Té onde a fera atroz jaz estendida.
Convém seja o caminho desviado[14]
Da senda” — disse o Vate — “prosseguida.” —
11 Descendo, pois, pelo direito lado[15]
Para o fogo fugir e a areia ardente

Passos dez pela borda hemos andado:
12 Chegados nós de Gerião em frente,
Um tanto além sentado um bando[16] achamos
Na areia, perto desse abismo ingente.
13 — “Do recinto por teres, em que estamos” —
Virgílio disse — “a experiência inteira,
A sorte vai saber dos que avistamos.
14 “Os discursos, porém, filho aligeira.
Em tanto impetrarei da fera infanda
Que prestar-nos seus ombros fortes queira.”
15 Só pela borda, como o Vate manda,
Vou do círculo sétimo, seguindo,
Dos mestos pecadores em demanda.
16 A dor, que brota em lágrimas, sentindo,
Socorre-se das mãos a aflita gente
Contra o solo e o vapor,[17] que está caindo.
17 Assim lebréus, durante a calma ardente[18]
Dos dentes e unhas[19] valem-se, mordidos
De tavões por enxame impertinente.
18 Quando encarei nos rostos doloridos
De alguns, que os fogos tanto cruciavam,
Que eram todos achei desconhecidos.[20]
19 Bolsas[21] pendentes dos seus colos estavam,
Pelos sinais distintas, pelas cores:[22]
Contemplando-as, seus olhos se enlevavam[23]
20 E vi já me acercando aos pecadores
Bolsa, na qual em campo de ouro havia
Azul, que era leão nos seus lavores.[24]
21 A vista, que já noutra se embebia,
Em sanguíneo rubor ganso eu notava,[25]
Que a brancura do leite escurecia.
22 Grávida, azul, javarda um que ostentava,

Broslada sobre cândida escarcela,[26]
— “Que buscas neste abismo?” perguntava.
23 “Retira-te! Se a vida gozas bela,
Sabe que à sestra mão Vitaliano,
Vizinho meu terá condigna sela.[27]
24 “Entre estes florentinos sou paduano;
A todo o instante aturdem-me os ouvidos,
Bradando: — O nobre venha, o soberano,
25 “Que os três bicos na bolsa traz sculpidos.”[28]
Depois, torcendo a boca, a língua tira,
Qual boi, que os beiços lambe, ressequido.[29]
26 Não querendo mover desgosto ou ira
Em quem mor brevidade me ordenara,[30]
Os mesquinhos deixei: assaz ouvira.
27 Disse-me o Guia então, que cavalgara
O dorso do animal fero e possante:
“Sê forte e a tudo o ânimo prepara!
28 “Se desce em tal escada de ora avante;[31]
Sobe-te ao colo; ao meio irei sentado:[32]
Que não te ofenda a cauda penetrante.”
29 De quartã qual doente[33] que, chegado
Supondo o acesso, lívido estremece,
Somente ao ver lugar fresco, assombrado,
30 Tal quando ouvi, meu peito desfalece.
Ante o Mestre dá-me o pejo alento:[34]
Bom amo o servo esforça que esmorece.[35]
31 Já sobre a espalda do animal cruento,
Quero ao Vate gritar: “Senhor, me abraça!”
A voz, porém, não corresponde ao intento.[36]
32 Ele, que a mente espavorida e lassa
Em circuito mais alto[37] me animara,
Sustendo-me, nos braços seus me enlaça,

33 E disse a Gerião: “Vai, mais não para.
Em circuitos largos sem ter pressa:[38]
Na carga, que ora tens, nova repara!”[39]
34 Bem como esquife,[40] que a vogar começa,
Manso e manso recua:[41] assim moveu-se.
Quando ao largo se viu eis endereça
35 A cauda aonde o peito seu tendeu-se.[42]
Meneando-a, retesa como enguia;[43]
Das patas agitado o ar fendeu-se.
36 Faetonte, quando as rédeas já perdia,
Ao ver do Céu o incêndio, ainda aparente,[44]
Ícaro, quando lhe cair sentia
37 Da cera cada pluma ao Sol ardente,
Gritando o pai: — “Ai! Filho! Erraste a estrada!”[45]
De pavor não se entraram mais veemente,
38 Do que eu nessa viagem desusada,
No ar quando me vi, quando enxergava
Só a cerviz da fera maculada.
39 Com tardo movimento ela nadava,
Que gira e baixa pelo vento eu sinto
Que em torno ao rosto e abaixo se agitava.[46]
40 Já ouvia à direita bem distinto,
Troar da catadupa[47] fragorosa,
Olhos inclino ao fundo do recinto.
41 A mente estremeceu mais temerosa
Ao chamejar de fogo, ao som de pranto:
Encolhi-me ante a cena pavorosa.
42 De que descia então, com mor espanto,
Pelos males que via, fiquei certo,
A mim se avizinhar a cada canto.[48]
43 Qual falcão que no ar pairava incerto,
Sem ver reclamo ou cobiçada presa,

Perdida a esp’rança, ao caçador experto.
44 Descamba, fatigado e sem presteza,
Em voltas mil por onde se arrojara,
E longe pousa, ou de ira, ou de tristeza:
45 Tal Gerião, enfim, no fundo para
Ao pé da penedia alcantilada;
Livre do peso já que carregara,
Sumiu-se como seta disparada.

---

[1] Fera: Gerião, monstro presente no Averno virgiliano, que aqui representa a fraude. Segundo a mitologia clássica, Gerião era o rei de uma ilha ibérica e era um monstro gigantesco com três corpos que se uniam em um único ventre (três cabeças, seis braços e seis pernas), morto por Hércules. A mitologia clássica não o apresenta como figura relacionada à fraude, mas algumas lendas medievais diziam que ele recebia com benevolência seus hóspedes e os assassinava enquanto dormiam. Na *Divina Comédia*, a figuração de Gerião não deriva da tradição clássica, mas de diversos trechos das Escrituras.

[2] À margem de pedra (marmóreo) sobre a qual os poetas caminharam.

[3] A cauda de Gerião é semelhante àquela do escorpião, sendo a sua arma mortal. Ao se aproximar dos poetas, ele a esconde, como convém à figura da fraude.

[4] Como a fraude, que parece benévola.

[5] No restante do corpo.

[6] Animal tradicionalmente associado a engano.

[7] Estrias de forma redonda, entrelaçadas de diversos modos ao longo do peito, dos lados e das costas. Segundo alguns, significam as defesas do fraudulento e as armadilhas mediante as quais engana suas vítimas.

[8] Tártaros e turcos: povos famosos pela arte de tecer.

[9] Aracne: Aracne, famosa tecelã que desafiou a deusa Minerva (Atena) na tecelagem. Vencida pela deusa, foi transformada em aranha.

A dupla comparação fala da imensa variedade de cores das mil rodelas e nós de

Gerião.

[10] Alemão. Logo, nas regiões germânicas.

[11] O castor, quando caça peixes, coloca-se de costas para o rio, com a cauda dentro da água.

[12] Uma parte do corpo de Gerião estava sobre a borda do penhasco e a outra parte estava suspensa.

[13] Porque venenosa, não porque bipartida.

[14] Gerião não se coloca exatamente à frente dos poetas, mas um pouco à direita.

[15] Somente aqui e no círculo dos heréticos (“Inferno”, IX, 130-133), os poetas viram à direita. Ambos os momentos correspondem a passagens entre as maiores repartições do Inferno: entre incontinência e violência (no canto IX) e entre violência e fraude (no presente canto). Por isso, é muito provável que tal elemento tenha algum significado alegórico, embora seja difícil identificá-lo. Segundo alguns, isso significa que a retidão moral e intelectual (representada pelo lado direito) é a arma do homem contra a heresia e a fraude. Entretanto, tal interpretação não é totalmente convincente.

[16] Os usurários.

[17] As chamas.

[18] Verão.

[19] No original: “do focinho ou do pé”.

[20] “Quando encarei os rostos doloridos de alguns [e vi que não eram conhecidos], pensei que fossem todos desconhecidos”.

[21] Símbolo do trabalho desses pecadores.

[22] Bolsas que apresentavam diversos sinais e diversas cores.

[23] “Se enlevavam”: pois eles olhavam fixamente para a bolsa. Logo, os usurários olhavam continuamente para baixo.

[24] Leão azul em fundo amarelo (ouro): brasão dos Gianfigliazzi, nobre família florentina, partidária dos guelfos negros. Alguns identificam o danado com Catello di Rosso Gianfigliazzi, que praticou a usura na França. Entretanto, o que mais interessa aqui é indicar a família, não um indivíduo em particular: o próprio

Dante afirma não ter reconhecido os pecadores, mas sim as bolsas, que indicam os brasões das famílias.

[25] Ganso branco em fundo vermelho: brasão dos Obriachi, família florentina gibelina. Dois nomes foram apontados para esse danado: Locco Obriachi, que praticou a usura na Sicília, ou um membro da família chamado Ciapo. Entretanto, como dito anteriormente, o principal interesse do texto é indicar famílias, não indivíduos.

[26] "Um, que ostentava uma porca (javarda) grávida e azul, bordada (broslada) no fundo branco (cândido) da bolsa (escarcela)." É o brasão dos Scrovegni, família de Pádua. Esse personagem, diferentemente dos dois danados anteriores, sai do anonimato, e a maioria dos comentadores o identifica como Reginaldo degli Scrovegni, um famoso usurário.

[27] À sestra mão: ao lado esquerdo.

Vitaliano: segundo os comentadores antigos, trata-se de Vitaliano del Dente, cavaleiro paduano, cujo nome estaria envolvido em diversos processos por empréstimos. Outros pensam que se trata de Vitaliano di Iacopo Vitaliani.

[28] Na verdade, não se trata de "três bicos", mas de "três bodes" (a confusão se deve a mais de uma tradução possível para o termo empregado no original). O nobre é o florentino Giovanni Buiamonti, da família dos Becchi, usurário muito famoso, chamado "cavaleiro" nos documentos. Os termos "nobre" e "soberano" são referências irônicas aos seus altos cargos em vida.

O personagem paduano está circundado por florentinos, que esperam a chegada de mais um conterrâneo.

[29] Gesto normalmente interpretado como sinal de desprezo e zombaria em relação aos florentinos e ao cavaleiro. Outros interpretam como gesto de desprezo a Dante ou como gesto de dor (por ter levantado o rosto, para falar com Dante).

[30] Virgílio.

[31] A partir de agora, será assim a descida entre os círculos (do sétimo para o oitavo; do oitavo para o nono), pois a passagem para os dois últimos círculos é constituída por dois profundos barrancos.

[32] Entre Dante e a cauda.

[33] A febre quartã é uma febre forte que acomete o doente periodicamente, a cada quatro dias.

[34] A vergonha (“pejo”) de parecer vil diante de Virgílio (“ante o Mestre”) me dá alento.

[35] O original diz: “vergonha… que, diante de um bom amo, dá força ao servo”. Na tradução, Xavier Pinheiro diz que um bom amo (aqui, provavelmente Virgílio) dá forças a um servo que esmoreça.

[36] Dante quer gritar, mas a voz lhe falta (por causa do medo).

[37] Em um círculo mais alto, em outras situações. Isso pode ser referência tanto genérica como referência específica a uma situação particular da narrativa, como em “Inferno”, VIII, 97-99, IX, 58-60, ou, talvez, XII, 94-96, 126.

[38] Que ele faça giros largos e lentos, de modo a descer gradualmente.

[39] “Carga nova”: o corpo de Dante.

[40] Pequena embarcação.

[41] Em relação à margem.

[42] Gira a cauda em direção à beira do penhasco (onde estava antes o seu peito).

[43] Movimentando a cauda, rígida e esticada, como faz uma enguia.

[44] Faetonte: filho do Sol, quis guiar o carro do pai, mas não conseguiu dominar os cavalos, que desviaram o seu caminho e incendiaram uma parte do céu. Segundo o mito, a Via Láctea seria a parte do céu queimada pelo incêndio. Por isso, o texto diz ainda aparente.

[45] Ícaro: Ícaro, filho de Dédalo. Ambos fugiram do Labirinto de Creta, mediante as asas que Dédalo construíra com penas e cera. Durante o voo, Ícaro se aproximou muito do Sol e o calor derreteu a cera, fazendo com que ele caísse.

[46] “Pelo vento que em torno ao rosto e abaixo se agita, sinto que a fera gira e baixa.” Dante percebe os movimentos do voo não pela visão (pois vê apenas a fera), mas pelo vento.

[47] Cascata (a cascata do Flegetonte).

[48] “Com maior espanto, fiquei certo de que descia pelos males que via a mim se avizinhar a cada canto.” Agora Dante pode ver os movimentos feitos por Gerião.

CANTO XVIII

Oitavo círculo, repartido em dez cavas denominadas “Malebolge”, onde são castigadas dez espécies de fraudulentos. No presente canto apresentam-se os que enganaram mulheres em proveito próprio ou de outrem: estão na primeira cava flagelados por demônios. Seguem-se os aduladores, que padecem na segunda cava em horrível sentina.

Oitavo círculo: Malebolge. Descrição geral de Malebolge. Primeira fossa: rufiões e sedutores. Dante fala com Venedico Caccianemico. Segunda fossa: bajuladores. Alessio Interminei fala com Dante.

1 Tem o Inferno, de rocha construído,
De férrea cor, de muro igual cercado[1]
Um lugar: Malebolge[2] o nome havido.
2 Lá no centro do plano inficionado[3]
Se escancara grã poço, amplo e profundo:
Direi a compostura em tempo azado.
3 Espaço em torno estende-se rotundo
Entre o poço e o penhasco pavoroso:
Reparte-se em dez cavas o seu fundo.
4 Qual de fossos dobrados, cauteloso,
Se apercebendo, o alcaçar se assegura
Dos assaltos de imigo poderoso:[4]
5 De abismos tais o aspecto se afigura.
Como dá levadiça ponte entrada,
Aos de fora, do muro na cintura,
6 Assim, do val no fundo[5] começada,
Cada cava uma rocha atravessava
Em arco, para o poço concentrada.[6]
7 De nós o monstro[7] aqui se descargava:
À sestra[8] mão seguiu logo o poeta,
E eu de perto fiel o acompanhava.
8 Novo tormento à destra me inquieta,[9]
Novos algozes vejo, novas dores,
De que a primeira cava era repleta.
9 ’Stão lá no fundo nus os pecadores:
Do meio contra nós muitos caminham,
Outros conosco, em passos já maiores.[10]
10 Em Roma, assim, às turbas, que se apinham
Do jubileu no tempo, sobre a ponte
Se abriu aos que iam trânsito e aos que vinham:
11 De um lado andavam, os que tendo em fronte
O castelo, a S. Pedro, se endereçam,

E do outro lado, os que iam para o monte.[11]
12 Daqui, dali, nas bordas, os apressam
Cornígeros[12] demônios, açoitando
Com grandes azorragues, que não cessam.
13 Como aos golpes primeiros cada bando
Se apressa! Como cada qual evita
Que se repita o estímulo execrando!
14 Nesse andar minha vista num se fita,
Da parte oposta vindo, e logo eu disse:
— "Hei conhecido esta figura aflita."
15 Atentei mais, por que melhor o visse;
Deteve-se comigo o doce Guia
E deu que atrás o passo eu dirigisse.
16 Aos olhos esquivar-se-me queria,
Os seus baixando; mas foi vão o intento.
— "Tu, que te curvas, já te hei visto um dia.
17 "Se as feições não mudou-te o passamento
Venedico tu és Caccianimico.[13]
Por que trato[14] padeces tão cruento?
18 — "De mau grado o que exiges significo;
Mas cedo ao claro som dessa loquela,
Que à memória me traz o mundo inico.[15]
19 "Eu fui aquele, que Gisola bela[16]
Do Marquês[17] entreguei ao vil desejo:
Ora a verdade a minha voz revela.[18]
20 "Comigo de Bolonha muitos vejo;
Com tantos nesta cava choro e peno,
Que a menos lá no mundo dá-se ensejo.
21 "De dizer *sipa* entre o Savena e o Reno.[19]
Se a prova queres, lembra-te somente
De que em nós da avareza influi veneno."[20]
22 Mas um demônio o atalhou. Furente,

Disse tangendo: — “Ó rufião, avante!
Mulher não há que vendas impudente!”[21]
23 Ao Mestre me tornei. Pouco distante
Era um rochedo, a que nos acercamos;
Da riba se elevava para diante.[22]
24 Assaz ligeiramente nos alçamos;
Fomos pela fragura à mão direita[23]
E o eterno recinto[24] assim deixamos.
25 Chegados onde a curva estava feita
Para passagem dar aos fustigados,[25]
O sábio Guia disse: — “A face espreita
26 “Agora desses outros malfadados,
Em que ainda atentar não conseguiste,
Porque não stavam para nós voltados.”[26]
27 Da antiga ponte divisamos triste,
Longa fileira: contra nós andava.
Cruel o açoite em flagelar persiste.
28 Virgílio, quando eu nada perguntava,
— “Repara bem” — me diz — “na sombra altiva,
A quem pranto de dor faces não lava.
29 “De Rei conserva a majestade viva!
É Jasão:[27] conquistou por força e manha
O velocino em Colchos fera e esquiva.
30 “A Lemnos foi, depois que horrenda sanha
Feminil aos varões cortara a vida,
Nenhum poupando aquela fúria estranha.[28]
31 “Ali, de amor no enlevo embevecida,
Hipsífile enganou, que já iludira
Suas irmãs, de compaixão movida.
32 “Grávida[29] e só deixou-a: atroz mentira
Mereceu-lhe dos tratos, a amargura.
Vingada está Medeia,[30] a quem traíra.

33 “Quem perjurou como ele,[31] há pena dura.
Do val primeiro baste o que sabemos
E de quantos aqui sofrem tortura.”
34 Numa estreita vereda já nos vemos,
Que co’a borda segunda se cruzava,
Sustentando outra ponte a que tendemos.[32]
35 Turba dali ouvimos, que chorava
De outra cava no encerro e que, assoprando,
Com suas próprias mãos se arrepelava.[33]
36 Estava-lhe as paredes incrustando
A exalação que sobe e ali se prende.
Ferindo o olfato e a vista horrorizando.
37 E tanto pelo abismo a cava estende,
Que só divisa quanto está no fundo
Quem lá do cimo, perscrutando, atende.[34]
38 Subimo-nos: então no fosso imundo
Vi gente em tal cloaca mergulhada,
Que a sentina[35] figura ser do mundo.
39 Enquanto olhava ali tão conspurcada,[36]
Cara notei, que distinguir não pude,
Se padre ou leigo fora a alma danada.[37]
40 “Dizei por que tua vista não se mude
De mim,[38] a imundos tantos desatenta!”
Gritou-me. E eu: — “Se a mente não me ilude,
41 “Te vi sem cabeleira tão nojenta.
Alessio Interminei de Luca[39] hás sido:
Em ti por isso a vista é mais atenta.”
42 Ferindo a face, disse-me o descrido:
— “Aqui lisonjas vis me submergiram;
Língua indefessa em bajular hei tido.”[40]
43 Logo depois que vozes tais se ouviram,
Meu Guia: — “Olhos dirige um pouco avante,

E as feições me declara se atingiram
44 “De mulher desgrenhada e petulante[41]
Que de unhas asquerosas se lacera,
Mudando de postura a cada instante.
45 “É Taís,[42] meretriz que respondera
Ao namorado seu, quando dizia
— “Devo-te gratidão?” — “Muita e sincera!”[43]
Mas vamos: temos visto em demasia.”

---

[1] “De muro igual cercado”: cercado por uma parede com as mesmas características. Trata-se da penedia alcantilada do v. 134 do canto anterior.

[2] Malebolge: termo criado por Dante, que literalmente significa “bolsas (bolge) más (male)”. É o nome dado ao oitavo círculo, dividido em dez fossas (“bolsas”); em cada uma delas é punido um diferente tipo de fraude.

[3] “Inficionado”: “infecto”. No centro do plano do oitavo círculo há um grande poço. Em torno desse poço, há as dez fossas concêntricas que constituem Malebolge. Essas fossas, circundando um poço, descendem gradualmente.

[4] No original: como o aspecto de um terreno no qual se encontram muitos fossos para proteger os muros dos castelos.

Por isso, dobrados provavelmente tem o sentido de “muitos”, como muitas são as fossas de Malebolge.

Os particulares “cauteloso, / “Se apercebendo” e do “imigo poderoso” são acréscimos da tradução.

[5] No original: não no fundo do vale, mas “na base da rocha” que circunda o oitavo círculo.

[6] Caminhos de pedras atravessam as fossas, desde a base da parede (que circunda Malebolge) até o poço que está ao centro (sendo semelhantes às pontes levadiças das fortificações).

[7] Gerião.

[8] Esquerda.

[9] Tendo chegado ao oitavo círculo, os poetas iniciam o caminho à esquerda, ao longo da parede que circunda Malebolge. Isso significa que a parede está à sua esquerda e as fossas estão à sua direita.

[10] Dante e Virgílio estão caminhando ao longo da primeira fossa, entre a sua margem externa e a parede que circunda Malebolge. Ao fundo da fossa, o terreno se divide em duas estradas. De um lado vão os rufiões; do outro, os sedutores.

“Do meio contra nós muitos caminham”: na estrada cuja largura vai da metade do terreno à margem externa (ao longo da qual caminham os poetas), os pecadores vão em direção contrária à dos poetas (são os rufiões).

“Outros conosco”: na outra estrada (que confina com a margem interna), os pecadores vão na mesma direção (são os sedutores).

“Em passos já maiores”: em passos mais velozes.

[11] Como em Roma, no Jubileu de 1300.

Em tal ocasião, Roma recebeu um enorme número de peregrinos e, por isso, foi criado um sistema que permitisse a passagem ordenada de tantas pessoas sobre a Ponte Sant’Angelo (era então a única ponte que atravessava o rio Tibre, permitindo o acesso a São Pedro). A ponte foi dividida em duas partes: de um lado, caminhavam aqueles que iam em direção ao Castel Sant’Angelo (para chegar a São Pedro); do outro lado, aqueles que estavam voltando de São Pedro, em direção ao Monte Giordano, na margem oposta do Tibre.

[12] Com chifres.

[13] Venedico Caccianemico dell’Orso, de Bolonha: personagem muito famoso na época, pertencente a uma potente família guelfa. Teve importantes cargos públicos. Ao que parece, morreu em 1302, mas Dante o considera já morto em 1300.

[14] O termo empregado no original, *salse*, permite um duplo sentido. De fato, *salse* era o nome de um lugar, na periferia de Bolonha, onde eram jogados os cadáveres dos justiçados, suicidas e excomungados. Se tal referência existe no texto, ela ajuda a criar certa atmosfera de sarcasmo que perpassa a cena.

[15] No original, “mundo antigo”, sem conotação negativa.

[16] Irmã de Venedico, cujo nome era, na verdade, Ghisolabella. Sobre ela, não se

sabe muito.

[17] Marquês: Obizzo II d'Este (segundo outros, Azzo VIII). Obizzo é nomeado entre os tiranos em "Inferno" XII, 111. Sobre o fato aqui mencionado (que Venedico levou a irmã a se submeter aos desejos do marquês), não há outras notícias precisas.

[18] Não importa o que contem sobre essa história.

[19] Que não restaram tantos bolonheses na própria cidade de Bolonha.

De dizer *sipa*: *sipa* era termo do antigo dialeto bolonhês. Dizer *sipa* significa falar segundo o modo bolonhês.

Savena e Reno: rios que marcam os confins de Bolonha, respectivamente a oriente e a ocidente.

[20] Se queres uma prova de tal fato, basta pensar na avidez de dinheiro, que acomete os bolonheses." A avidez de dinheiro está, de fato, na origem do pecado dos rufiões.

[21] Essa é uma das interpretações do verso. Outra interpretação é "aqui não é mulher que tu possas enganar". A primeira interpretação parece mais condizente com os versos anteriores, que fala da avidez dos bolonheses. A segunda convém melhor ao pecado punido em Malebolge, que é a fraude.

[22] Trata-se do "rochedo" que serve de ponte para passar sobre as fossas.

Riba: ribanceira, margem.

[23] Pois a fossa estava à direita.

[24] A parede rochosa ao redor de Malebolge.

[25] Onde se forma um vão sob a ponte arqueada, no qual passam os danados.

[26] São os sedutores, que se moviam na mesma direção dos poetas (e, por isso, Dante não podia ver os seus rostos).

[27] Jasão: herói mítico da expedição dos Argonautas, que, com coragem (força) e astúcia (manha), conseguiu conquistar o Velocino de Ouro na Cólquida.

[28] Segundo o mito, as mulheres de Lemnos, desprezadas pelos maridos (por causa de uma punição por parte da deusa Vênus, a grega Afrodite), vingaram-se matando violentamente todos os homens da ilha (maridos, pais, filhos, irmãos).

[29] De dois filhos, Euneu e Toante.

[30] Medeia: filha do rei da Cólquida, ajudou Jasão a conquistar o Velocino e, depois de ter fugido com o herói, foi trocada por outra mulher.

[31] Os sedutores.

[32] “Estreita vereda”: o estreito caminho que forma a “ponte”.

“Borda segunda”: a borda entre a primeira e a segunda fossa.

A interseção entre o caminho rochoso e a nova margem sustenta a formação de uma nova ponte.

[33] No original: “se batia”.

[34] A cava é tão profunda e estreita que o seu fundo só pode ser visto por quem está no ponto mais alto da ponte (que forma um arco) e não à margem.

[35] Privada.

[36] Suja.

[37] Se tinha ou não a tonsura, que distinguia os religiosos.

[38] Por que Dante o olha com tanta intensidade.

[39] Alessio Interminei: Alessio Interminelli, de nobre família guelfa branca de Luca. Não se sabe muito sobre esse personagem.

[40] Trata-se, portanto, dos bajuladores.

[41] No original: “suja”. Todo o trecho é constituído, no original, por vocabulário mais baixo e violento do que na tradução.

[42] Taís: personagem da comédia *O Eunuco*, de Terêncio.

[43] “Devo-te gratidão?”: na verdade, segundo o original, “gozo da gratidão tua?” (isto é, não te devo gratidão?, mas deves-me gratidão?).

A primeira fala é aqui atribuída ao amante, enquanto a segunda é atribuída a Taís. Entretanto, no texto de Terêncio (III, I), o diálogo é entre o amante de Taís, Traso, e Gnato, ao qual Traso pergunta se Taís era grata pelo presente que ele havia lhe enviado. É provável que Dante, mesmo conhecendo o texto de Terêncio, tenha derivado esse diálogo de uma referência feita por Cícero no tratado *De amicitia*, em que o diálogo é citado como exemplo de adulação, sem o nome dos personagens.

CANTO XIX

Descem os poetas à terceira cava, onde são punidos os simoníacos. Consiste a pena desses pecadores em permanecerem de cabeça para baixo em furos ou cavidades estreitas e circulares, aparecendo somente as pernas do derradeiro dos condenados, cujas plantas ardem em chamas. Em um dos furos depara-se a Dante o papa Nicolau III, cujos atos, assim como os de outros pontífices, censura. Passa depois ao arco correspondente à quarta cava.

Malebolge, terceira fossa: simoníacos. Virgílio desce com Dante para a fossa, onde Dante fala com o papa Nicolau III, que prevê a descida dos papas Bonifácio VIII e Clemente V. Dante faz uma dura invectiva contra a cobiça dos papas.

1 Ó Simão Mago,[1] ó míseros sequazes[2]
Por quem de Deus os dons só prometidos
A virtude, em rapina contumazes.[3]
2 Por ouro e prata estão prostituídos!
Por vós tange ora a tuba sonorosa:[4]
jazeis na tércia cava subvertidos.
3 A outra tumba[5] chegamos temerosa,
Da rocha nos subindo àquela parte,
Que, a prumo ao centro, eleva-se alterosa.[6]
4 Saber supremo! Que inefável arte
Mostras no céu, na terra e infernal mundo!
Oh! teu poder quão justo se reparte!
5 Por toda a cava, aos lados e no fundo
Furos na pedra lívida se abriam,
De igual largura e cada qual rotundo.
6 Semelhar na grandeza pareciam
Aos que em meu São João,[7] belo e esplendente,
Para batismo ministrar serviam.[8]
7 Quebrei um, não há muito, mas somente
Para infante salvar, que ali morria:
Fique a verdade a todos bem patente.[9]
8 De cada orifício eu sair via
Os pés, até das pernas a grossura,[10]
De um pecador: o resto se sumia.
9 ’Stavam ardendo as plantas na tortura,
E tanto as juntas rijo se estorciam,
Que romperiam a prisão mais dura.
10 Do calcanhar aos dedos percorriam
As chamas, como a superfície inteira
Em corpo de óleo ungido morderiam.
11 — “Quem padece” — disse eu — “por tal maneira,
Que mais que os sócios estorcer-se vejo

Em mais rúbida flama e mais ligeira?”[11]
12 “Se ao fundo eu te levar,[12] por teu desejo,
Por declive, que jaz mais inclinado,[13]
De ouvir-lhe o nome e os crimes dou-te ensejo.”
13 “Aceito o que te praz, muito a meu grado:
Senhor do meu querer, és quem conhece
Quanto hei mister e a mente há reservado.”[14]
14 Passando à quarta borda,[15] ali se desce
Para a esquerda voltando, até chegar-se
Lá onde tanto furo se oferece.
15 De mim não quis o Mestre aligeirar-se[16]
Senão quando daquele, que gemia
Pelos pés, conseguiu apropinquar-se.[17]
16 — “Tu, que és assim voltada”[18] — eu lhe dizia —
“Como estaca plantada, ó alma opressa,
Responder-me possível te seria?”
17 Eu ’stava ali, qual monge, que confessa
Assassino, que em cova já fincado
O chama, pois, em tanto, a pena cessa.[19]
18 — “Já tens” — gritou: já tens aqui chegado?
Já, Bonifácio, como tens descido?
Em anos muitos tenho a conta errado.[20]
19 “Tão depressa desse ouro te hás enchido,
Pelo qual, bela esposa atraiçoando,
A tens por tantos crimes afligido?”[21]
20 Eu fiquei como quem, não penetrando
No sentido do que outro respondera,
Enleado e corrido[22] fica olhando.
21 Mas Virgílio: — “Depressa lhe assevera:
Eu não sou, eu não sou quem tu cogitas” —
Respondi como o Vate prescrevera.
22 Ouvindo, as plantas[23] estorceu malditas;

Depois a suspirar, com voz de pranto
— “Por que” — disse — “a falar assim me excitas?[24]
23 “Se conhecer quem sou anelas tanto,
Que assim baixaste ao vale tenebroso,[25]
De Papa sabe que hei vestido o manto.
24 “Filho de Ursa, cobiçoso
Em bolsa tudo pus por meus Ursinhos,
Lá ouro, aqui o esp’rito criminoso.[26]
25 “Sob a cabeça minha estão vizinhos,
Em simonia os que me antecederam,
Sobrepondo-se um, no outro esses mesquinhos.
26 “Hei de ao fundo descer, como desceram,
Logo em chegando aquele, que eu cuidara
Seres tu, quando as vozes me romperam.[27]
27 “Mas, ardendo-me os pés se me depara
Intervalo mais longo, assim voltado,
Do que em tormento igual se lhe prepara.
28 “Virá de mores culpas outro inçado,
Pastor sem lei das partes do ocidente,
Que há de ser sobre nós depositado.[28]
29 “Jasão novo será:[29] condescendente
Teve o outro o seu rei, diz a Escritura;
Da França este o senhor terá potente.”[30]
30 Não sei se ousado fui e se foi dura
A resposta que dei ao condenado.
— “Tesouros exigira porventura
31 “Nosso Senhor de Pedro, ao seu cuidado
E zelo quando as chaves cometia?
— Segue-me — apenas lhe há recomendado.[31]
32 “Dinheiro não tomaram de Matia
Pedro e os outros, por ser o preferido
Ao lugar, que o traidor perdido havia.[32]
33 “Pena, pois: mereceste ser punido;

E guarda a que extorquiste vil moeda,
Que te fez contra Carlos atrevido.[33]

34 “Não fora a reverência, que me veda,
Das santas chaves, que empunhaste outrora,
No tempo, em que fruíste a vida leda,

35 “Voz mais severa eu levantara agora
Contra a avidez, que o mundo assaz contrista,
Que os bons oprime, o vício exalta e adora.

36 “A vós vos figurava o Evangelista,
Quando a que é sobre as águas assentada
Prostituir-se aos Reis foi dele vista:[34]

37 “Nascera de cabeças sete ornada,
E o valor nos dez cornos possuía,
Enquanto ao esposo seu virtude agrada.[35]

38 “De ouro a vossa cobiça um Deus fazia:
Por um dos que os gentios adoraram
Abrange cento[36] a vossa idolatria.

39 “Constantino! Ah! que males derivaram,
Não do batismo teu, mas da riqueza
Que deste a um Papa e a que outras se juntaram!”[37]

40 Sentindo destas notas a aspereza,
Ele tomado de remorso ou de ira,
Agitava os dois pés com mor braveza.

41 Virgílio, creio, com prazer me ouvira:
Aplaudir seu semblante revelava
Verdades que eu, sincero, proferira.

42 Jubiloso nos braços me levava,
Depois que me apertara contra o peito.
Por onde descendera, se tornava.

43 Sempre cingido desse abraço estreito,
Do arco ao cimo transportou-me o Guia:
Caminho à quinta cava era direito.

44 Ali suavemente me descia[38]

Em rochedo tão íngreme e empinado,
Que às cabras ínvio ser me parecia.[39]
De lá foi-me outro val descortinado.

---

[1] Simão Mago: Simão, mago da Samaria. Nos Atos dos Apóstolos (8, 9-20), narra-se que ele pediu a Pedro que lhe vendesse o poder de comunicar o Espírito Santo com as mãos (como faziam os apóstolos). Por isso, é chamado de "simonia" o pecado de traficar coisas sagradas, punido na terceira fossa.

[2] Praticantes da simonia.

[3] Refere-se aos míseros sequazes, que, em rapina contumazes, prostituem por ouro e prata os dons de Deus, só prometidos à virtude.

[4] A trombeta do arauto, que lia na praça as sentenças e os decretos do juiz. Entretanto, pode se referir também à trombeta do Juízo Final.

[5] Fossa.

[6] "Rocha": ponte.

"Àquela parte, / que, a prumo ao centro, eleva-se alterosa": o centro da ponte, perpendicular ao fundo da fossa (eleva-se a prumo).

[7] O Batistério de Florença.

[8] O texto original permite duas explicações, que parecem conviver na tradução. Primeira explicação: lugares em que se colocavam os padres que ministravam o batismo, nos quais os padres podiam se proteger da grande multidão (já que na época os batismos eram celebrados apenas duas vezes ao ano, no Sábado Santo e em Pentecostes). Segunda explicação: lugares nos quais eram imersos aqueles que se batizavam.

[9] Particular autobiográfico de Dante, do qual não se conhecem muitas informações (embora alguns comentadores antigos deem até o nome da criança).

"Que ali morria": o texto original permite entender "que se afogava" ou "que sufocava". A escolha dependerá também da interpretação do verso 18.

"Fique a verdade a todos bem patente": que isso acabe com boatos. Dante parece esclarecer a verdade de um fato conhecido por seus contemporâneos, o qual

parece ter gerado controvérsias e boatos, cuja extensão não se conhece hoje.

[10] As coxas.

[11] “Sócios”: companheiros de punição.

Mais ligeira: mais ágil em executar a pena.

[12] Literalmente carregar nos braços.

[13] Declive que jaz mais inclinado: o declive mais baixo, isto é, o dorso da fossa mais próximo do centro. Recorde-se que, como explicado no canto anterior, as fossas de Malebolge são círculos que declinam gradualmente em direção ao centro, que é um poço profundo. Logo, em cada fossa a margem voltada para o exterior são mais altas do que as margens voltadas para o centro.

[14] Senhor do meu querer: a vontade de Dante se harmoniza com aquela de Virgílio.

“És quem…”: és quem conhece quanto hei mister e quanto a mente há reservado (isto é, aquilo que eu não digo e reservo só à minha mente).

[15] A borda entre a terceira e a quarta fossa.

[16] Não quis colocar Dante no chão.

[17] Aproximar-se.

[18] De pernas para o ar.

[19] Alusão ao suplício aplicado àqueles que matavam por dinheiro: o assassino era colocado de cabeça para baixo em um buraco, no qual se colocava terra, até que ele morresse sufocado.

Dante assume aqui a posição do eclesiástico que confessa tal assassino, representado pelo danado. A comparação se torna ainda mais dura quando se descobre que o danado foi um papa, o que cria uma inversão de papéis na cena.

A pena cessa: adia a morte, ainda que em pouco tempo.

[20] Bonifácio: Benedetto Caetani, papa (de 1294 a 1303) Bonifácio VIII, ao qual Dante atribui responsabilidade pelo seu exílio. Entretanto, para além de qualquer questão pessoal, Dante o considerou o maior representante da corrupção moral da Igreja, aquele que encarnava o desejo de riquezas e poder.

Em muitos anos tenho a conta errado: “tu, Bonifácio, vieste antes do que eu

havia previsto”.

“Muitos anos”: três anos, já que Bonifácio morreu em 1303 e a viagem se passa em 1300.

[21] “Já te saciaste daqueles bens terrenos (ouro), pelos quais enganaste a Igreja (a bela esposa de Cristo) e a prostituíste com a simonia (a tens por tantos crimes afligido)?” Dura ironia, já que teria sido a morte que o teria separado dos bens terrenos, não a saciedade.

“Atraiçoando”: seria uma alusão ao engano operado por Bonifácio para se tornar papa. Era opinião corrente que Benedetto Caetani teria induzido Celestino V a renunciar, para se tornar papa com a ajuda de Carlo II d’Anjou.

Tantos crimes: alusão a acordos entre Bonifácio e poderosos da época.

[22] “Vexado”.

[23] Dos pés.

[24] “Se não és aquele que espero, o que queres de mim?”

[25] A fossa.

[26] Trata-se de Giovanni Gaetano Orsini, papa Nicolau III, do ano 1277 ao ano 1280. Filho de Ursa: da família dos Orsini (chamados, nos documentos da época, “filhos da Ursa”).

“Deveras”: o urso era considerado animal especialmente ávido e muito apegado à prole. Por isso, o papa diz que foi “urso” de fato, e não apenas pela família. De fato, em seguida ele fala que em bolsa tudo pôs por seus Ursinhos: foi cobiçoso, para poder aumentar a potência de sua família.

“Lá ouro, aqui o esp’rito criminoso”: pela família, ele colocou realmente tudo na bolsa: na terra, colocou riquezas; no Inferno, colocou ele mesmo na “bolsa” que é o buraco onde ele se encontra.

[27] “Aquele”: Bonifácio VIII.

Nesses versos, Nicolau III explica a pena dos simoníacos: sob a cabeça dele se encontram, amontoados, outros na mesma posição (com a cabeça virada para o fundo do buraco). Quando chegar um novo danado (que já se sabe que será Bonifácio VIII), Nicolau III será empurrado para baixo, e Bonifácio ficará com as pernas para fora do buraco.

[28] Recorde-se que aquele danado que está fora do buraco tem seus pés queimados por uma chama. Logo, Nicolau está dizendo que Bonifácio sofrerá por menos tempo a pena de ter os pés queimados, pois em pouco tempo descerá mais um danado, que empurrará Bonifácio para baixo. Trata-se do papa Clemente V.

Nicolau III morreu em 1280; Bonifácio morreu em 1303. Logo, a espera de Nicolau foi de 23 anos. Já Clemente V morreu em 1314, e a espera de Bonifácio foi de 11 anos.

“Pastor”: Bertrand de Got, papa Clemente V.

“Das partes do ocidente”: originário de Villandraut (França), um lugar mais a ocidente, em relação a Roma.

[29] Jasão: no Segundo Livro dos Macabeus (4, 7-8), narra-se que Jasão, irmão do sumo sacerdote Onias III, comprou o favor de Antíoco IV Epifânio (rei da Síria), de modo a se tornar sumo sacerdote no lugar do irmão. Do mesmo modo, conta-se que Bertrand de Got (nome de Clemente V) deu dinheiro a Felipe o Belo (rei da França), em troca da sua ajuda na eleição para o papado.

[30] Jasão (o outro) teve condescendente o seu rei (Antíoco). Clemente (este) terá condescendente Felipe (o senhor da França).

[31] “Nosso Senhor por acaso exigiu alguma riqueza de Pedro, quando lhe confiou as chaves (da autoridade papal)? Disse-lhe apenas: — ‘Segue-me’.”

[32] Matia: Matias, o novo apóstolo que foi escolhido, por sorteio, para ocupar o lugar de Judas (o traidor). Cf. Atos dos Apóstolos 1, 13-26.

[33] Guarda o que extorquiste: forte sarcasmo.

“Vil moeda”: as riquezas acumuladas de modo desonesto, que permitiram que Nicolau III se opusesse a Carlos II d’Anjou, rei da Sicília, contra o qual sempre adotou uma política hostil.

[34] Alusão ao livro do Apocalipse, escrito por São João Evangelista, no qual (17) o autor diz ter visto a grande meretriz sobre as águas, prostituindo-se para os grandes reis. Muitos na época de Dante viam, na “grande meretriz” do Apocalipse, Roma e o papado corrupto. A prostituição se refere especificamente à relação entre o papado e o rei da França, Felipe, o Belo, relação à qual se acenará novamente no poema.

Dele: por ele.

[35] Tais características pertencem, no texto de São João, à besta, sobre a qual se senta a meretriz. Aqui, Dante funde ambas em uma mesma imagem.

Se a meretriz representa a Roma cristã, as sete cabeças serão provavelmente os sete dons do Espírito Santo; já os dez cornos serão os dez mandamentos.

“Enquanto ao esposo seu virtude agrada”: ela seguiu os dez mandamentos (teve o valor dos dez cornos), enquanto o seu esposo (o papa) foi virtuoso.

[36] “Cento”: número indeterminado. Os papas simoníacos adoram inúmeros ídolos, correspondentes a todas as formas materiais de riqueza.

[37] Para Dante, a origem de tais males foi a chamada “doação de Constantino”: narrava-se que o imperador Constantino, curado da lepra pelo papa Silvestre I, havia se convertido ao cristianismo, doando ao papa a cidade de Roma, que se tornou o centro do poder temporal da Igreja. Foi demonstrada a falsidade do documento da doação, no qual se acreditava no tempo de Dante.

[38] “Me colocava”.

[39] “Que parecia caminho impraticável (ínvio) mesmo para as cabras”.

CANTO XX

Menciona-se neste canto os que padecem na cava quarta: são os que no mundo se deram por adivinhos ou mágicos. Um desses condenados é Manto, a quem se atribui a origem de Mântua. Sua peregrinação até a Itália.

Malebolge, quarta fossa: magos e adivinhos. Virgílio mostra algumas almas para Dante e fala sobre a origem de Mântua. Os poetas continuam o caminho.

1 Nova pena convém dizer em versos
E dar matéria ao meu vinteno[1] canto,
Cântico[2] onde se punem os perversos.
2 Eu era já disposto tanto, quanto
Fora preciso para ver o fundo
Da cava,[3] que banhava amargo pranto.
3 De almas vi turba,[4] pelo val rotundo,
Que taciturna vinha e lacrimosa
Ao passo usado em procissões no mundo.[5]
4 Mirei mais baixo e cada desditosa
Notei que fora o mento[6] retorcido
Do colo ao começar: coisa espantosa!
5 Para o dorso era o rosto seu volvido:
Só recuando caminhar podia;
Que em frente olhar estava-lhe tolhido[7]
6 Talvez por força de paralisia
De alguém o corpo ao todo se torcesse,
Não vi: crê-lo difícil me seria.
7 Que te seja, Leitor, a Deus prouvesse
Proveitosa a lição![8] Pensa, atilado,
Quanto em mim, vendo, a compaixão crescesse,
8 O parecer humano tão mudado,
Que o pranto, que dos olhos derivava,
Banhava o tergo a cada condenado.[9]
9 Do rochedo eu a um ângulo chorava
Com tanta dor, que o Mestre de repente
— "Insensato és também?" — me interrogava.
10 "Aqui piedade é morta em toda mente:
Quando Deus condenou, quem mais malvado
Do que esse, que ternura por maus sente?[10]
11 "Alça a fronte, alça, atento ao condenado,
Que ante os tebanos se abismou na terra.

Gritavam-lhe: — Como andas apressado,
12 “Anfiarau?[11] Como assim foges da guerra? —
Ele tombava em tanto, ao val descendo,
Onde Minos os réprobos aferra.
13 “Pelo futuro penetrar querendo,
Tem o dorso adiante em vez do peito,
E a recuar caminha, atrás só vendo.
14 “Eis Tirésias,[12] o que mudara o aspeito,
Femíneas formas e feições tomara,
Sendo-lhe o que era varonil desfeito.
15 “Ao sexo seu tornou, quando encontrara,
Inda uma vez, travadas serpes duas
E outra vez com bordão as separara.
16 “Volta-lhe Arons ao ventre as costas nuas:[13]
De Luni em monte, aos agros iminente;
Onde Carrara ergueu moradas suas,[14]
17 “Teve em gruta marmórea[15] permanente
Estância, donde contemplar podia
As estrelas, as ondas livremente.
18 “Essa mulher” — continuou meu Guia —
“Que o seio oculta em trança flutuante
E de velos a pele tem sombria,[16]
19 “Foi Manto, que vagara incerta e errante
Até pousar na terra, em que hei nascido.[17]
No que ora digo irei um pouco avante.
20 “Vendo o pai já da vida despedido
E a cidade de Baco em jugo triste,[18]
O mundo largo tempo há percorrido.
21 “Junto aos Alpes na bela Itália existe,
Além Tirol, já perto da Alemanha,
Um lago, que chamar Benaco[19] ouviste.
22 “Veia de fontes mil, que a plaga banha
Entre Garda, Camônica e Apenino,

De águas conduz ao lago cópia manha.[20]
23 “Ilha há, no meio, em que o Pastor trentino,[21]
E com eles os de Bréscia e de Verona,
Possuem de benzer juro divino.
24 “Onde é mais baixa do Benaco a zona,
A Bérgamo fazendo e a Bréscia frente,
Peschiera, forte em bastiões, se entona.[22]
25 “É dali que das águas o excedente,
Que ter em si não pode o lago, brota
Em rio e cobre os prados largamente.[23]
26 “Quando prossegue, outro apelido adota,
Chama-se Míncio, perde o nome antigo:
No Pó junto a Governo, há fim sua rota.[24]
27 “No verão à saúde traz perigo;
Em vasto plaino o álveo dilatando,
Forma paul, das infecções amigo.[25]
28 “Manto, a virgem selvagem ’li passando,
Terreno viu desabitado, inculto
Naquele pantanal, que o está cercando.
29 “Esquiva a humano trato e estranho vulto,
Fez ali de suas artes oficina
E viveu té sofrer da morte o insulto.
30 “Povo, ao diante, para ali se inclina,
Em torno esparso, e abrigo o julga forte:
De águas cercado com pauis confina.[26]
31 “Onde[27] quem o elegeu colhera a morte,
A cidade erigiram, que chamaram
Mântua, do nome seu sem tirar sorte.[28]
32 “Os habitantes lá mais avultaram,
Quando ainda os ardis de Pinamonte
De Casalodi a insânia não fraudaram.[29]
33 “Ciente fica, pois: se de outra fonte

A pátria minha originar quiserem,[30]
A mentira à verdade nunca afronte.” —
34 “As coisas, que tuas vozes me referem,
Tão certas são” — disse eu — “que me parece
Carvão extinto o que outros me disserem.
35 “Mas dize, ó Mestre: acaso não merece
Dos que avançam nenhum reparo ou nota?[31]
Na mente de o saber desejo cresce.” —
36 “Aquele, a quem do mento ao dorso brota
Barba esquálida, um áugur se dizia,
Quando de homens a Grécia tal derrota
37 Teve, que infantes só no berço havia.[32]
Em Áulide com Calchas indicara
Tempo, em que a frota desferrar devia.[33]
38 “Eurípilo chamou-se: assim narrara
Num dos seus cantos, a tragédia[34] minha,
Bem sabes, pois tua mente a arrecadara.
39 “Esse, que, tão delgado, se avizinha,
Miguel Escoto[35] foi, que, certamente,
Perícia em fraudes da magia tinha.
40 “Olha Guido Bonati,[36] encara Asdente[37]
Que cuidar só devera da sovela:[38]
Arrepende-se agora inutilmente.
41 “Das tristes ora a turba se revela,
Que, desdenhando a agulha, a horrível arte
De encantos infernais acharam bela.[39]
42 “Mas no limite, que hemisférios parte,
É Caim com seu fardo, o mar tocando,
Lá de Sevilha além do baluarte.[40]
43 “A lua, a face plena já mostrando
(Lembras-te?) ontem tu viste na sombria
Selva, em que te ajudou seu fulgor brando.”

Assim falando, a passo igual seguia.

---

[1] Vigésimo.

[2] O Inferno.

[3] Quarta fossa.

[4] Magos e adivinhos.

[5] Isto é: lentamente.

[6] Queixo.

[7] Com uma torção no pescoço, cada um tinha o rosto virado para trás (para o dorso). Por isso, eles caminhavam para trás, isto é na direção em que estava voltado o rosto.

[8] “Leitura”.

[9] No original, a imagem é mais forte: o pranto banhava a separação entre as nádegas.

[10] “Quem mais malvado do que aquele que sente ternura pelos maus, condenados por Deus?”

[11] Anfiarau: um dos reis que atacaram Tebas. Com sua arte divinatória, havia previsto a sua morte em Tebas. Por isso, escondeu-se em um lugar, conhecido apenas por sua mulher, Erifila. Esta, tendo recebido um presente (o colar da harmonia), revelou a Polinices o esconderijo de Anfiarau, que teve de partir para o assalto contra Tebas, onde foi engolido pela terra, descendo armado até a presença de Minos, no Averno.

[12] Tirésias: famoso adivinho de Tebas. Tendo batido com um bastão em duas serpentes em acasalamento, transformou-se em mulher. Apenas sete anos depois, batendo nas mesmas serpentes novamente em acasalamento, conseguiu se transformar em homem.

[13] Arons segue Tirésias, dirigindo as suas costas ao ventre de Tirésias.

Arons: adivinho etrusco. Tendo sido chamado a Roma, previu a guerra civil e a vitória de César sobre Pompeu.

[14] Carrara: os habitantes de Carrara.

Onde: refere-se aos agros, que ficam aos pés do monte.

[15] O lugar é, de fato, famoso pelo mármore.

[16] No original: “que oculta os seios, que não vês, com as tranças soltas, e tem do lado de lá a pele coberta de pelos”.

Oculta os seios, que não vês, com tranças soltas: o seu rosto está voltado para as costas; logo, os cabelos cobrem os seios. Os danados caminham com o rosto na direção de Dante. Por isso, ele não vê os seus seios cobertos pelos seus cabelos.

Tem do lado de lá a pele coberta de pelos: imagem crua para sublinhar a torção: a parte anterior de seu corpo (com a pele coberta de pelos) está voltada para o outro lado, não podendo ser vista por Dante.

[17] Manto: maga, filha de Tirésias.

Na terra, em que hei nascido: Mântua, cidade de Virgílio.

[18] Pai: Tirésias.

“Cidade de Baco”: Tebas, consagrada ao deus Baco (o grego Dionísio). Depois da morte dos dois irmãos que disputavam o trono (Etéocles e Polinices), o tirano Creonte tomou o poder.

[19] “Aos pés das montanhas que marcam os confins da Alemanha, acima do castelo dos Tiralli (Tirol), existe um lago”.

Benaco: Lago de Garda.

[20] “A plaga”: o lugar entre Garda, Camônica e Apenino. Garda fica a leste do lago; Camônica fica a oeste; o Apenino fica ao norte.

O lugar entre Garda, Camônica e Apenino é banhado pelas águas de mil nascentes, que se juntam no lago.

Outra interpretação (não seguida pela tradução): a parte da cadeia montanhosa do Apenino que, ao norte, está entre Garda e Camônica é banhada por mil nascentes, que depois se juntam no lago.

[21] “No meio do lago há um lugar em que os bispos de Trento, de Bréscia e de Verona poderiam dar a sua bênção”.

O problema é a identificação de tal lugar. As principais hipóteses são: a *isola dei Frati* (hoje chamada *isola Lechi*), cuja igreja estava sob as três dioceses (essa é a

interpretação seguida por Xavier Pinheiro, que emprega o termo ilha); o território de Campione, também sob a autoridade das três dioceses; um lugar ideal no meio do lago (isto é, na água), onde os poderes das três dioceses se encontram.

22 “Onde a margem do Benaco é mais baixa (ao sul), encontra-se Peschiera, a bela fortaleza que faz frente a Bérgamo e a Bréscia”. A fortaleza, de fato, havia sido construída para fazer frente aos ataques de Bérgamo e de Bréscia.

23 Dali: da margem mais baixa.

Rio: Míncio.

24 Perto de Governol (Governo), o Míncio perde o seu nome, desaguando no rio Pó.

25 A descrição torna a falar do Míncio, no começo da sua corrente, depois de sair do lago.

“Em vasto plaino o álveo dilatando / forma paul”: o rio encontra um plaino no qual o seu álveo se dilata, formando um pântano.

No verão à saúde traz perigo: essa é uma das interpretações possíveis. A outra, talvez mais apropriada, é: no verão, essa palude tem poucas águas, tendo por vezes alguns lugares secos. Alguns unem ambas as interpretações: insalubre, porque tem pouca água.

26 Forte abrigo, porque cercado pelo pântano, que criava uma defesa natural.

27 Onde Manto morrera.

28 Sem recorrer a rituais de magia, como se costumava fazer para nomear as novas cidades.

29 Antes que Casalodi fosse enganado pelos ardis de Pinamonte.

O guelfo Alberto da Casoldi, senhor de Mântua, acatou, insanamente, o conselho do gibelino Pinamonte dei Bonacolsi, exilando um grande número de famílias nobres, para ganhar a amizade do povo. O resultado foi que ele ficou sem apoios na cidade, sendo expulso por Bonacolsi, que, tornando-se senhor, exilou as famílias nobres restantes, exterminando muitas delas e despovoando a cidade.

30 Existiam muitas versões sobre a origem de Mântua. Uma delas está na própria *Eneida* (livro X). Virgílio, com essa explicação, está contradizendo todas as outras versões, fazendo uma crítica velada às lendas que associavam as artes

divinatórias à fundação das cidades (recorde-se que aqui são punidos justamente os adivinhos).

[31] “Dos danados que caminham na fossa, há algum digno de nota?”

[32] Trata-se de Eurípilo, como Virgílio dirá a seguir.

Áugur: o áugure era o intérprete da vontade divina, através de diversos sinais.

“Quando de homens a Grécia…”: durante a guerra de Troia, quando a Grécia ficou tão esvaziada de homens que os únicos restantes foram as crianças do sexo masculino.

[33] Indicou, com Calchas, famoso áugure grego, o momento propício para que as frotas partissem para Troia.

Áulide: porto do qual partiram as frotas gregas.

[34] Tragédia: a *Eneida*, assim chamada por ser um poema de argumento e de estilo elevados (como convinha às tragédias).

Num de seus cantos: no livro II da *Eneida*.

Na verdade, a *Eneida* não diz que Eurípilo era um áugure nem que ele indicou o momento propício para a partida dos gregos.

[35] Miguel Escoto: famoso astrólogo do período, que viveu na corte de Federico II.

[36] Guido Bonati: Guido Bonatti, famoso astrólogo de Forli, morreu no final do século XIII. Segundo algumas histórias, também ele teria indicado, com sua arte, os momentos propícios para questões de guerra.

[37] Asdente: apelido de Benvenuto (segunda metade do século XIII), sapateiro de Parma que passou e se dedicar às artes da predição.

[38] Instrumento para a confecção de sapatos.

[39] Trata-se das feiticeiras e bruxas.

Desdenhando a agulha: desdenhando as tarefas que, como a costura, eram desempenhadas por mulheres.

[40] “*Caim com seu fardo*”: a Lua. Segundo uma crença popular, as manchas da Lua representariam a figura de Caim levando sobre as costas um maço de espinhos.

Logo, os versos dizem: a Lua já alcançou o limite entre os hemisférios (o horizonte), tocando o mar em Sevilha.

A indicação tem como referência Jerusalém, centro da terra habitada (sempre na concepção seguida por Dante); e o Inferno segue o horário de Jerusalém. Sevilha era o confim ocidental da terra habitada, estando a noventa graus a oeste de Jerusalém.

A Lua, portanto, está se pondo em relação a Jerusalém. Recorde-se, além disso, que a viagem tem início no plenilúnio que coincide com o equinócio. No plenilúnio do equinócio, a Lua se põe por volta das seis da manhã.

Na viagem infernal, já se passou um dia desde o plenilúnio. Como a Lua retarda o seu curso diário a cada 24 horas, trata-se de um pouco depois das seis da manhã.

CANTO XXI

Descrição da quinta cava, destinada ao castigo dos barateiros (oficiais públicos peitados no exercício dos seus cargos) que estão mergulhados em lago de pez fervente. Guardam-nos os demônios, dos quais Virgílio, de primeiro, afasta Dante; mas, depois de praticar com eles, obtêm permissão para passarem avante. Seguem afinal o seu caminho, mas acompanhados.

Malebolge, quinta fossa: “corruptos”. Os demônios guardiões da fossa tentam se opor à viagem. Alguns deles acompanham Dante e Virgílio até a próxima ponte.

1 Assim, de ponte em ponte,[1] discursando
Do que nesta comédia se não cura,[2]
De outro arco acima nos subimos,[3] quando
2 Nos detemos por ver a cava escura,
Por ouvir de outros prantos vão sonido;
Com pasmo olhei-lhe a hórrida negrura.
3 No arsenal de Veneza,[4] derretido
Como referve o pez na estação fria[5]
Para reparo ao lenho combalido,[6]
4 Incapaz de vogar: qual com mestria
Baixel[7] novo constrói; qual alcatroa[8]
O que teve em viagens avaria.[9]
5 Qual pregos bate à popa, qual à proa,
Qual remos faz, qual linho torce ou parte;[10]
Qual mezena a artemão aperfeiçoa:[11]
6 Assim,[12] por fogo não, por divina arte
Betume espesso, ao fundo, refervia,
As bordas enviscando em toda a parte.[13]
7 Mas, no pez, só[14] na tona eu distinguia
Borbulhão, que a fervura levantava,
Que ora inchava, ora rápido abatia.[15]
8 No fundo enquanto os olhos eu fitava,
Exclamando Virgílio: — “Eia! Cuidado!”
Para si donde eu era me tirava.
9 Voltei-me então como homem, que apressado
É por saber o que fugir convenha,
De súbito pavor sendo atalhado,
10 Olha sem que por isso se detenha.
E logo atrás de nós eu vi correndo
Negro demônio sobre aquela penha.
11 Ah! Que aspecto feroz! Ah! Quanto horrendo
Nos meneios parece e temeroso,

Veloz nos pés e as asas estendendo!
12 No dorso agudo e enorme um criminoso,
Escarranchado,[16] em peso, carregava:
Dos pés prendia o nervo[17] ao desditoso.
13 — “Malebranche”![18] já perto ele bradava —
“Eis um dos anciões de Santa Zita![19]
Mergulhai-o, pois torno à gente prava,
14 “Que nessa terra em grande soma habita.[20]
Venais[21] todos lá são menos Bonturo.[22]
O *no*, por ouro, lá se muda em *ita*.”[23]
15 Ao pez o arroja, e pelo escolho duro
Se torna: após ladrão tanto apressado
Não vai mastim, que estava antes seguro.
16 O maldito afundou; surdiu curvado.[24]
Sob a ponte os demônios lhe gritaram:[25]
— “Não acharás aqui Vulto Sagrado,[26]
17 “Nem banhos, quais no Serchio[27] se deparam.
Se não queres no pez star imergido
A te espetar as fisgas se preparam.”[28] —
18 Com croques[29] cem mordendo esse descrido
— “Bailar” — disseram — “deves bem coberto;
Se puderes furtar, furta escondido.”[30] —
19 Tal ordena em cozinha o mestre experto
Aos ajudantes seus que na caldeira
Mergulhem naco à tona descoberto.[31]
20 — “Por que” — falou-me o Guia — “algum não queira
Molestar-te, em te vendo, busca abrigo:
Num recanto o acharás desta pedreira.
21 “Não temas que me ofenda o bando imigo;
Muito bem sei como o furor lhe afronte;
Já venci de outra vez igual perigo.”[32]
22 Até o extremo[33] então passou da ponte;

Mas, quando a sexta borda já subia,
Mister lhe foi mostrar serena fronte.
23 Qual fremente matilha, que se envia
Ao pobre quando para esbaforido
E pede alívio à fome que o crucia:
24 De baixo arremeteu-lhe o bando infido,
Aceso em ira, os croques seus brandindo.
Mas gritou-lhe: — “Nenhum seja atrevido!
25 “Os croques suspendei: até mim vindo
Me preste algum de vós atenção toda.
Feri, se ousais, porém antes me ouvindo.”
26 Clamaram todos: — “Ouça o Malacoda!”[34]
Enquanto os mais ficaram no seu posto,
— “Que queres?” — disse alguém que sai da roda.
27 “E o Mestre: — “És, Malacoda, a crer disposto
Que as ameaças vossas superasse
Para aqui vir, se por celeste gosto
28 E supremo querer não caminhasse?
Deixa-me ir; pois a lei divina ordena
Que eu nesta agra jornada outrem guiasse.”
29 De Malacoda o orgulho já serena;
Aos pés lhe cai o croque; aos mais voltado
Lhes disse: — “Este não pode sofrer pena.”
30 E o Mestre me falou: — “Tu, que abrigado
Estás entre os penedos cauteloso,
Volve a mim, do temor descativado.”
31 Corri para Virgílio pressuroso.
Eis os demônios todos investiram:
Roto o concerto, pois, cria ansioso.[35]
32 De Caprona[36] os soldados, que saíram
A partido[37] assim vi que estremeciam,
Quando envoltos de imigos se sentiram.
33 Nos sevos gestos seus se me prendiam

Os olhos, e, a Virgílio vinculado,
Os braços o meu corpo todo haviam.
34 Os croques inclinados: — “No costado
Fisguemo-lo” — entre si dois prorromperam.
E os outros: — “Oh! pois não Seja espetado!”[38]
35 Ao que o Mestre falava[39] desproveram
Palavras tais, e então bradou depressa:
“Sê quedo, Scarmiglione!”[40] — Emudeceram.
36 Depois assim nos disse: — “Andar por essa
Rocha[41] não podereis; jaz destruído
Todo arco sexto[42] sem restar-lhe peça.
37 “Se avante quereis ir, seja seguido
Desta borda[43] o caminho: não distante
Está rochedo ao passo apercebido.[44]
38 “Ontem, cinco horas mais do que este instante
Mil e duzentos com sessenta e seis
Anos[45] houve: é então a rocha hiante.[46]
39 “Dos sócios meus na companhia ireis;
Vão ver se alguém ao banho quer furtar-se.
Ide em paz; molestados não sereis.
40 “Calcabrina, Alichino vão juntar-se
Com Cagnazzo, a decúria comandando
Barbariccia! E não podem separar-se
41 “Draghinaz, Libicocco, deste bando!
Graffiacane, o dentudo Ciriatto,
Farfarel, Rubicante vão marchando![47]
42 “Na ronda cada qual se mostre exato!
Sejam a salvo os dois encaminhados
Da ponte[48] ao arco até agora intacto!”
43 “Que vejo, ó Mestre!” — eu disse — “Acompanhados!
Se sabes ir só, vamos prontamente;
De guias tais dispensam-se os cuidados.

44 “Se tu és, como sóis, Mestre, prudente,
Não vês que os dentes seus estão rangendo,
Que nos encaram com furor crescente?”
45 “Não temas” — disse o Mestre, respondendo —
“Ranger os dentes deixa-os a seu gosto:
É contra os que ardem lá no pez horrendo.”
46 À sestra os dez então fizeram rosto;[49]
Nos dentes cada qual mostra primeiro,
Por mofa, a língua[50] ao cabo[51] já disposto.
E ele trompa fazia do traseiro.[52]

---

[1] “Da ponte que passava sobre a quarta fossa para a ponte que passava sobre a quinta fossa”.

[2] Porque não tem relação direta com o argumento do qual a comédia trata.

[3] A parte mais alta da ponte sobre a quinta fossa, de onde se pode ver toda a fossa.

[4] O arsenal de Veneza, estaleiro construído em Veneza no ano de 1104 e ampliado no começo do século XIV, muito famoso em toda a Europa da época.

Essa longa comparação tem como finalidade principal a apresentação do aspecto da fossa. Nela, são descritas as diversas atividades realizadas nos estaleiros.

[5] No inverno, estação em que se faziam os reparos nos navios, já que não se navegava.

[6] Como ferve a pez, que é espalhada no casco desgastado dos navios.

[7] “Barco”.

[8] “Recobre as fendas”.

[9] “Falha”, “dano”.

[10] Para fazer o cordame, com o qual são manuseadas as velas.

[11] Mezena: vela do mastro da mezena, o mastro de ré.

Artemão: a vela mestra.

Aperfeiçoa: remenda.

[12] Retoma “como referve o pez”, do v. 8.

[13] Isso explica a hórrida negrura (v. 6) dessa fossa.

[14] Refere-se a borbulhão: “distinguia só borbulhão (e não os pecadores)”.

[15] Descrição do efeito das bolhas sobre a superfície do pez.

[16] Com as pernas abertas. Mas o texto original leva a crer que o danado esteja com ambas as pernas sobre um dos ombros do diabo, com a cabeça e o tronco sobre suas as costas.

[17] Nos tornozelos.

[18] Nome genérico dos diabos dessa fossa. Em italiano, o nome (“garras más”) é uma referência aos ganchos que os diabos usam na punição dos pecadores e às garras de suas mãos.

[19] Santa Zita: santa da cidade de Luca, que na época ainda não havia sido canonizada, mas que era popularmente considerada santa, pelos muitos milagres que lhe eram atribuídos. Designa aqui a cidade de Luca.

Anciões: componentes da magistratura de Luca.

Esse pecador foi identificado por alguns com Martino Bottaio, que, segundo alguns documentos, teria morrido no dia 9 de abril de 1300 (uma das datas possíveis para esse momento do poema). Entretanto, o anonimato também pode ser interessante nesse caso, pois indicaria que o pecado de corrupção era generalizado nas sedes do poder de Luca.

Nessa fossa, são punidos os chamados *barattieri*. Os *barattieri* aqui punidos seriam os corruptos nos cargos públicos (mas o termo tinha também sentido genérico de “impostor”, “golpista”).

[20] Ele torna para buscar outros pecadores naquela terra.

[21] Corruptos.

[22] Bonturo: Bonturo Dati, mercador de Luca, chefe do partido popular, chegou a conquistar grande autoridade, tendo participado do governo da cidade entre 1310 e 1314. Segundo contam autores da época, foi grande corrupto (considerado por muitos o maior corrupto da cidade). Por isso, a fala do diabo é irônica: não tinha

exceções a corrupção de Luca.

[23] “Pelo dinheiro, do ‘não’ se faz ‘sim’ em Luca.”

“*No*”: não.

“*Ita*”: termo latino, que indicava “sim” nos documentos públicos oficiais, que eram escritos em latim.

[24] “Surdiu”: apareceu.

“Curvado”: o texto original permite também interpretar “coberto (de pez)”, embora a interpretação seguida por Xavier Pinheiro pareça mais apropriada em relação aos versos seguintes.

[25] É com esses demônios que o diabo de antes falava; eles não são vistos por Dante e Virgílio logo no início porque estão sob a ponte.

[26] “Vulto Sagrado”: o Santo Volto, um crucifixo bizantino que ficava na Basílica di San Martino, em Luca. Os habitantes de Luca recorriam a ele para ajuda.

Os diabos estão dizendo que o danado não tem nenhuma possibilidade de ajuda.

Isso é provável referência à posição curvada do danado, que se assemelha a uma posição de súplica.

[27] Serchio: rio de Luca, no qual as pessoas tomavam banho durante o verão.

[28] Os diabos dilaceram (com os ganchos, as unhas ou os dentes) a pele dos danados que saem do pez.

[29] Varas com ganchos.

[30] “Bailar”: alusão ao movimento de sofrimento dos danados.

Furta escondido: “como fazias em vida”.

Toda a fala é perpassada por forte sarcasmo.

[31] “Caldeira”: recipiente grande usado para cozinhar.

“Naco à tona descoberto”: pedaço que boia (e por isso tem de ser mergulhado pelos ajudantes).

Os diabos fazem como os ajudantes do cozinheiro, que mergulham (com ganchos) a carne na panela.

[32] Referência à outra descida de Virgílio, mencionada em “Inferno”, IX, 22.

[33] Até a outra margem, entre a quinta e a sexta fossas.

[34] O chefe do bando de diabos que estão nessa fossa. O nome significa literalmente “cauda má”.

[35] “Acreditei que eles romperiam o acordo (de nada fazer contra nós)”.

[36] Em agosto de 1289, o castelo pisano de Caprona, dominado pelos gibelinos, foi atacado pelos guelfos, após a vitória dos guelfos de Florença sobre os gibelinos de Arezzo na batalha de Campaldino. É provável que Dante tenha participado desse evento.

[37] Após terem estabelecido um pacto de rendição, para não perderem a vida. Dante se sentiu como aqueles que, tendo se rendido para não perderem a vida (nesse caso, os gibelinos), temem quando finalmente se encontram em meio aos inimigos (os guelfos).

[38] No original, as falas dos demônios têm estilo mais baixo.

[39] A Malacoda.

[40] Nome de outro diabo. O nome deriva de *scarmigliare*, *scarmigliato* (“desgrenhar”, “desgrenhado”).

[41] A rocha que cria as pontes que passam sobre as fossas.

[42] Que passa sobre a sexta fossa.

[43] A margem rochosa entre a quinta e a sexta fossas.

[44] Rochedo que permite a passagem sobre a sexta fossa.

[45] “Ontem, cinco horas mais tarde do que a presente hora, fez mil duzentos e sessenta seis anos…” Alusão ao terremoto ocorrido depois da morte de Cristo e indicação para a datação da viagem de Dante.

No Convívio (IV, xxiii, 10-11), Dante afirma que Cristo morreu 34 anos depois da Encarnação, na sexta hora do dia (isto é, ao meio-dia). Malacoda diz que “ontem” fez 1266 anos que ocorreu aquele terremoto: isso significa que estamos no ano de 1300 e que “ontem” foi o “aniversário” da morte de Cristo. Recorde-se que este é já o segundo dia de viagem: logo, a viagem teve início no aniversário da morte de Cristo. Já a indicação cinco horas mais do que este instante significa que agora são sete da manhã (cinco horas antes do meio-dia).

Embora a indicação seja precisa, os críticos não concordam sobre a datação

exata da viagem. Duas são as principais hipóteses: o aniversário “histórico” da morte de Cristo, que seria no dia 25 de março (logo, agora seriam 7 horas do dia 26 de março); a Sexta-Feira Santa do ano de 1300, que foi no dia 8 de abril (e agora seriam 7 horas do Sábado Santo, dia 9 de abril).

O horário da morte de Cristo diverge daquele apresentado nos Evangelhos de Mateus e Marcos (que falam da nona hora do dia: por volta das três horas da tarde). Mas, como dito anteriormente, Dante acreditava que a morte de Cristo tivesse ocorrido ao meio-dia, dizendo sustentar sua afirmação sobre o Evangelho de Lucas.

[46] “Fendida”.

[47] Esse conjunto de nomes carrega o caráter grotesco e fantasioso próprio dos diabos no imaginário popular, contribuindo para a criação da atmosfera “cômica” que envolve a cena. É provável que Dante os tenha derivado de sobrenomes da época. Alguns desses nomes têm um significado preciso; outros são interpretados de diferentes modos pelos críticos.

Calcabrina: o significado não é claro; os antigos interpretavam como “aquele que pisa (calca) no orvalho (brina)”, isto é na “graça”, interpretação pouco convincente. Alichino: deriva provavelmente do francês antigo *Hallequin*, nome típico do diabo nos teatros medievais.

Cagnazzo: cachorro grande.

Barbariccia: barba enrolada.

Draghinaz: Draghignazzo, provável junção entre os termos *drago* (“dragão”) e *sghignazzo* (“sorriso de zombaria”).

Libicocco: pouco claro. Pode ser união entre *libeccio* e *scirocco*, nomes de ventos que poderiam indicar tempestuosidade.

Graffiacane: junção entre *graffia* (“arranha”) e *cane* (“cão”).

Ciriatto: referência não muito clara. Provavelmente “porco de presas afiadas”.

Farfarel: Farfarello; parece derivar do francês *farfadet* (“duende", “gnomo”).

Rubicante: avermelhado. Entretanto, como os diabos são pretos, alguns críticos sugerem o nome Rabicante (“raivoso”).

[48] A ponte que, diz o diabo, está intacta (diferentemente daquela que foi destruída pelo terremoto).

[49] Viraram-se para a esquerda.

[50] Segundo o original: colocam a língua entre os dentes, como sinal de estarem prontos para a nova tarefa.

[51] A Barbariccia, que é designado chefe do bando.

[52] O sinal de partida conveniente para tal bando.

CANTO XXII

Trata-se, neste canto, dos que, valendo com os poderosos, traficavam com os seus favores. Descreve-se a punição dos condenados. Menciona-se em especial um que dá notícia de outros e refere-se à astúcia de que usou para enganar todos os malebranches da escolta.

Malebolge, quinta fossa: corruptos. Dante e Virgílio são acompanhados pelo grupo de dez diabos. Surge um danado, que fala com Virgílio e depois engana os diabos, o que gera uma grande confusão entre eles. Dante e Virgílio se afastam, continuando o caminho.

1 Marchar vi cavaleiros à peleja,
Travar luta, enlear-se no combate
E até pedir à fuga que os proteja;
2 Em vossa terra esquadras dar rebate[1]
Vi, aretinos;vi as cavalgadas,[2]
Torneios, justas[3] no mavórtico[4] embate,
3 De tubas ao clangor, às badaladas,[5]
Com sinais de castelos,[6] de tambores,
Com artes novas[7] ou entre nós usadas.
4 Não[8] vi mover peões, nem corredores,
Nem baixéis, que regula a terra ou estrela,[9]
De igual clarim aos sons atroadores.[10]
5 Com dez demônios (que companha bela!)
Partimo-nos, porém rezar com santo,
Urrar com lobos discrição revela.
6 Minha atenção no pez se engolfa, entanto,
Por saber quanto encerra a negra cava,
Ali quem pena, quem derrama pranto.
7 Como o delfim, que da tormenta brava
O nauta avisa, o dorso recurvando,
Presságio do mau tempo, que se agrava,[11]
8 Um lenitivo à pena, assim, buscando,
Mostrava o tergo algum dos condenados,
Qual relâmpago, logo se esquivando.
9 Como à borda de charcos enlodados
A fronte deixa a rã ver da água fora,
Pernas e corpo tendo resguardados:
10 Assim no pez a gente pecadora.
Mas Barbariccia próximo já sendo,
Na resina se esconde abrasadora.
11 Eu vi (e ainda agora estou tremendo!)
Em cima retardar-se um desditoso,

Qual rã, que fica, as mais desparecendo.
12 Perto ali estava Graffiacane iroso;
Fisgou-o na enviscada cabeleira,
E alçou, qual lontra,[12] ao ar o criminoso.
13 Sabia os nomes da caterva[13] inteira;
Ouvindo-os, atentei nos escolhidos:[14]
Distingui-los podia de carreira.
14 “Eia! Depressa os teus ferrões compridos
No costado lhe crava, ó Rubicante!”
Os demônios gritaram-lhe incendidos.
15 “Ó Mestre” — disse — “inquire insinuante[15]
Quem seja aquele mísero e mesquinho
Que em mãos caiu da turba petulante.”
16 Moveu-se o Mestre e, à cava já vizinho,
Perguntou-lhe em que terra ele nascera.
— “Em Navarra” — tornou-lhe — “eu tive o ninho.[16]
17 “De um fidalgo ao serviço me pusera
Minha mãe, quando o pai meu devastara
Fazenda e a própria vida com mão fera.[17]
18 “D’El-Rei Tebaldo eu na privança entrara:[18]
Vendia os seus favores[19] fraudulento;
Sofro a pena do mal que praticara.”
19 Então os dentes lhe cravou cruento,
De javardo quais presas,[20] Ciriatto:
Armam-lhe a boca, servem de instrumento.[21]
20 Nas mãos de imigo seu caíra o rato:[22]
Barbariccia, entre os braços o[23] estreitando,
— “Alto!” — lhe diz — “A mim cabe o seu trato.”
21 E o rosto para o Mestre meu voltando,
Falou: — “Pergunta, se ainda mais desejas
Antes que o tenha lacerado o bando.”
22 “Algum dos pecadores, com quem ’stejas”

Virgílio interrogou — “latino[24] há sido?”
Tornou: — “Vou contentar-te no que almejas.
23 No pez deixei alguém por tal havido…[25]
Ah! não temera, estando lá coberto,
Ser de unhas e farpões ora ferido.”
24 “É demais!” — Libicocco diz, que perto
Estava; e um braço ao triste dilacera,
Do croque ao golpe, aquele algoz experto.
25 Às pernas Draghinaz também quisera
Do mísero investir: o cabo iroso[26]
Acesos olhos volve[27] e os dois modera.
26 Cessa um pouco o rumor e pressuroso
Pergunta o Mestre àquela sombra aflita,
Que do golpe olha o efeito doloroso:
27 “Quem foi essa alma, como tu precita,[28]
Que, por vires à tona, hás lá deixado?”
Responde o pecador: — “Foi Frei Gomita[29]
28 “De Galura,[30] nas fraudes consumado
Que do seu amo a imigos poupou dano,
E, traidor, foi por eles premiado.
29 “Por ouro os deixou ir, como de plano
Confessa; e em tudo o mais provou ter foro[31]
Nas tretas, ser nos dolos[32] soberano.
30 “Miguel Zanche, o juiz de Logodoro,[33]
Com ele ostenta, em práticas frequentes
De crimes, em Sardenha, o seu tesouro.
31 “Ai! vede como esse outro[34] range os dentes!
Iria por diante; mas receio
Na pele a fúria dos ferrões pungentes.”
32 Atenta o cabo de olhos no meneio
Com que a ferir se apresta Farfarello.[35]
“Vai daí!” — lhe gritou — “pássaro feio!”

33 “Se toscanos, lombardos[36] tens anelo
De ver e ouvir” — o triste prosseguia —
“Traça darei, com que satisfazê-lo.
34 “Suspendam Malebranche essa porfia;[37]
Não temam sócios meus dura vingança,[38]
Que eu, sentado, um só não, muitos faria
35 “De lá surdir, segundo a nossa usança,
Ao sinal de assovio, que de ausente
Perigo ao vir à tona dá fiança.”[39]
36 Cagnazzo alça o focinho[40] de repente
E, abanando a cabeça, diz: — “Cuidado!
Astúcia é por lançar-se ao pez fervente.”[41]
37 Ele, que em cópia[42] ardis tinha guardado,
Tornou: — “Sutil astúcia, na verdade,
Causar aos meus tormento redobrado!”[43]
38 Dos outros contra o aviso, por vaidade,
Alichino lhe disse:[44] — “Se abalares,
Não provarei de pés agilidade:
39 “Hei de, voando, te agarrar nos ares.
Vamos do cimo e à riba retiremos:[45]
Maravilha, se a tantos enganares!”
40 Leitor, logração nova[46] contemplemos.
Já todos volvem de outro lado a vista:[47]
Quem mais avesso assim primeiro vemos.[48]
41 O navarro estudara-o, como invista;
E arrancando, de súbito, ao betume
Se arroja e a liberdade então conquista.
42 Da afronta sentem todos o azedume,
Ainda mais quem motivo dera ao feito.[49]
Gritando: — “Preso estás!” — salta do cume.
43 Porém do medo se avantaja o efeito
Ao das asas:[50] um baixa ao fundo presto,

No ar sustém-se o outro, alçando o peito.[51]

44 Assim mergulha o pato na água lesto,
Quando avista o falcão: perdida a presa,
Se torna o caçador cansado e mesto.

45 Calcabrina, da raiva na braveza,
Após o sócio voa, por ter briga,[52]
Se a alma, como deseja, vence empresa.

46 Vendo que ao fundo o malfeitor se abriga,
As garras volta contra o companheiro:[53]
Furor à luta sobre o lago o instiga.

47 As unhas o outro, gavião ligeiro,
Lhe crava, e, entrelaçando-se espantosos,
Tombam ambos no pez, de corpo inteiro.

48 Separa grã fervor[54] os dois raivosos;
Em vão, porém, subir-se pretenderam,
Que as asas prendem borbulhões viscosos.

49 Os outros vendo o caso, se doeram:
Envia quatro o cabo diligente;
E de croques armados acorreram.

50 De um lado e de outro chegam velozmente.[55]
Tendem farpões aos sócios enviscados,
Cozidos já naquela crusta ardente.
E destarte os deixamos atalhados.[56]

---

[1] “Atacar”, no sentido de “saquear”.

[2] Em Arezzo.

“Vi”: provável alusão autobiográfica à batalha de Campaldino (1289), como no canto anterior se falou do ataque a Caprona (vv. 94-96). Nessa ocasião, Dante pôde ver os vencedores, dos quais ele fazia parte, saquearem Arezzo.

[3] Justas: combate entre dois cavaleiros.

O elenco abrange ações belicosas e ações pacíficas, como modo de considerar todas as possíveis ações ligadas à cavalaria.

[4] “Aguerrido”.

[5] Os sinos eram colocados sobre os carros de guerra.

[6] Fumaça durante o dia e fogo durante a noite, sobre as torres dos castelos (como sobre as torres da cidade de Dite, no canto VIII, 1-5).

[7] Artes estrangeiras, usadas por outros povos.

Também esse elenco (vv. 7-9) quer abranger todo elemento possível, nesse caso em relação aos sinais que podem acompanhar as ações militares elencadas nos seis primeiros versos.

[8] Em oposição em relação aos primeiros versos.

[9] Naves que se movem por indicações que vêm da terra ou por indicações que, de noite, são dadas pelas estrelas.

[10] Aos sons de um sinal como aquele dado por Barbariccia ao final do canto anterior (E ele trompa fazia do traseiro, v. 139).

A comparação, desenvolvida pelos primeiros versos do canto, quer sublinhar a total bizarria daquele sinal de Barbariccia, nunca visto na terra.

[11] Acreditava-se que os golfinhos, aproximando-se das naves e emergindo com o dorso, prenunciassem uma tempestade.

[12] Como a lontra é levantada pelo caçador.

[13] “Bando”.

[14] Quando eles foram escolhidos por Malacoda, chamados pelo nome (canto anterior: 118-123).

[15] Acréscimo da tradução.

[16] Os comentadores antigos dizem que o personagem se chama Ciampolo (Giampaolo), do qual não há notícias além daquelas fornecidas por Dante e pelos comentadores. Na época, a Navarra se estendia para além dos Pireneus.

[17] O pai, dissipador e suicida, deixou Ciampolo na pobreza.

“Fazenda” é empregado no sentido de “bens”.

[18] Primeiro, Ciampolo foi servo de um fidalgo. Depois, entrou para a corte do rei.

Tebaldo: provavelmente Thibaut II, V conde de Champagne, rei de Navarra de 1253 a 1270. No original, é chamado de “bom”, adjetivo atribuído a governantes considerados justos.

[19] Vendia favores e cargos.

[20] Como sugere o próprio nome de Ciriatto, explicado nas notas do canto anterior.

[21] Instrumento para atormentar os danados.

[22] Provérbio para dizer que o danado caíra em más mãos.

[23] Ciampolo.

[24] “Italiano”.

[25] No original: “alguém de lá vizinho”, de uma região perto da Itália. Trata-se da Sardenha, que então não era considerada parte da Itália.

[26] Barbariccia.

[27] Em ato de ameaça.

[28] “Renegada”.

[29] Frei Gomita: frade da Sardenha, prelado do juiz Nino Visconti (amigo de Dante, encontrado no canto VIII do “Purgatório”), de 1275 a 1296. Os comentadores antigos do poema não dão muitas informações sobre o personagem: embora fosse da confiança de Visconti, teria sido grande corrupto, que chegou até a libertar inimigos do juiz em troca de dinheiro. Visconti, então, teria mandado enforcá-lo.

[30] Galura: Gallura, um dos quatro juizados nos quais a Sardenha havia sido dividia.

[31] “Provou ter competência nas ações enganosas”.

[32] “Nas fraudes”.

[33] Miguel Zanche: Michel Zanche, do juizado de Logudoro, também na Sardenha. Poucas e incertas são as informações sobre esse personagem: teria sido governador do juizado, em nome de Enzo (filho de Federico II), casado com

Adelasia Torres, senhora da região. Ao que parece, Michel Zanche teria usurpado o governo do juizado (talvez por meio do matrimônio com Adelasia, depois de desfazer o seu casamento com Enzo).

[34] Outro demônio.

[35] É o demônio que “range os dentes” no v. 91.

[36] Os “italianos” dos quais Virgílio queria saber informações. Entretanto, Ciampolo faz referência também às regiões de seus interlocutores (Dante é toscano e Virgílio é lombardo), tendo reconhecido a proveniência de seus sotaques.

[37] “Suspendam os demônios (Malebranche) essa insistente disputa (afastando-se um pouco)”.

[38] Dos demônios.

[39] Pois eu, sentado, farei surgir não apenas um, mas muitos danados, quando der o sinal (o assovio) que avisa que o perigo está ausente e, por isso, dá confiança para que os danados subam à superfície.

[40] Como faz o cão farejador.

[41] A regra da fossa é: quando um danado sai do pez, ele é atormentado pelos diabos (que usam os ganchos, as unhas e os dentes). Logo, Cagnazzo pensa que este seja um engano de Ciampolo, que quer voltar para o pez, sem ser atormentado pelos diabos.

[42] “Em abundância”.

[43] Ironia: seria, realmente, uma grande astúcia causar danos aos meus companheiros. Tal ironia é, na verdade, mais uma astúcia por parte de Ciampolo.

[44] Alichino, vaidoso e indo contra o parecer dos outros diabos, não resiste à vontade de aceitar o desafio posto por Ciampolo. Por isso, ele diz: mesmo que tu, Ciampolo, estejas nos enganando só para mergulhar no pez sem sofrer outros tormentos, eu vou conseguir te alcançar, pois não vou te seguir correndo, e sim voando. Isto é, Ciampolo não pode se valer de nenhum ardil contra Alichino.

[45] Saiamos da parte alta da borda, descendo um pouco (em direção à sexta fossa): Alichino propõe que os diabos se escondam por trás da borda rochosa que separa a quinta e a sexta fossas, de modo que os danados não os vejam.

[46] No original, “novo jogo”.

[47] “Volvem de outro lado a vista”: voltam-se para a parede divisória entre a quinta e a sexta fossas.

[48] O primeiro a fazer isso é aquele que era mais avesso: Cagnazzo, que mostrou abertamente sua desconfiança.

[49] Alichino.

[50] O efeito do medo (em Ciampolo) supera o efeito das asas (em Alichino).

[51] Descreve o movimento do diabo que, depois de descer até quase tocar a superfície do pez, tem que recuperar o voo, alçando o peito (para não cair no pez).

[52] Calcabrina voa atrás de Alichino, desejando que Ciampolo se salve (“vence empresa”), para ter um pretexto para brigar com Alichino.

[53] Alichino.

[54] A alta temperatura do pez.

[55] Com a luta entre dois diabos, restaram oito. Barbariccia os separa em duas esquadras de quatro diabos e cada uma se coloca de um lado da fossa.

[56] Referido ao pronome “os” (os diabos): impedidos, confusos.

CANTO XXIII

Na sexta cava apresentam-se os hipócritas, que andam revestidos de capas e capuzes de chumbo e exteriormente dourados. Fala o Poeta com Loderigo e Catalano, frades bolonheses. Antes de entrarem na cava, Dante e Virgílio são perseguidos pelos malebranches; mas Virgílio salva do perigo o seu companheiro.

Malebolge, sexta fossa: hipócritas. Dante e Virgílio falam com Catalano dei Malavolti e Loderingo degli Andalò. Virgílio descobre ter sido enganado por um dos diabos. Os poetas prosseguem o caminho.

1 Em silêncio, a companha má deixada,
Seguíamos, após um do outro andando,
Como frades menores em jornada.[1]
2 Meu pensamento à rixa se voltando,
A fábula de Esopo[2] relembrava,
Em que ao rato arma a rã laço nefando.
3 Se aqueles casos dois eu confrontava,
Como *issa* e *mo*, iguais me pareciam
Quando o princípio e fim seus recordava.[3]
4 E, como os pensamentos se associam,
Outros logo daquele me brotaram,
Que em dobrado temor a alma envolviam.
5 Pensava: — esses demônios que passaram,
Por causa nossa, tal vergonha e dano,
Do fato certamente se enojaram.[4]
6 Se a maldade agravar rancor insano,[5]
Eles no encalço nos virão ferozes,
Qual cão, que a lebre aboca enfim no plano.
7 Aguardando os horríficos algozes,
Arrepiam-se as carnes e o cabelo.
— "Ó Mestre meu, as garras temo atrozes!"
8 Exclamo: — "Ache depressa o teu desvelo
Para nós contra o bando amparo e abrigo.
Após os passos nossos cuido vê-lo."[6]
9 "Se espelho eu fora, a imagem tua, amigo,
Tanto não refletira claramente,
Quanto as ideias na tua alma sigo.[7]
10 "Agora iguais me estão surgindo à mente,
Concordes tanto nas feições, em tudo,
Que um parecer[8] entre ambos há somente.
11 "À destra inclina a encosta, ou eu me iludo:
Por lá baixando à mais vizinha cava,
Teremos contra assaltos seus escudo."[9]

12 Não acabava, quando a turba prava
Assoma: de asas pandas se enviando
Contra nós, não mui longe a divisava.
13 De súbito nos braços me tomando,
Qual mãe, que, ao despertar, se vê cercada
De furiosas flamas, e, apertando
14 Ao seio o filho, foge acelerada,
E ao pudor véus esquece angustiosa,[10]
Só por salvar aquela prenda amada:
15 Lá do cimo da riba alta e fragosa
Resvala o Mestre pela penha dura,
Muralha de outra cava tenebrosa.[11]
16 Água não corre mais veloz da altura
Por canal a impulsar de engenho a roda,
Quando, vizinha aos cubos, se apressura,[12]
17 Do que a descer o Guia meu se açoda,
Como a filho estreitando-me ao seu peito,
Não como a companheiro a quem se engoda;[13]
18 Da cava apenas atingira o leito,
Quando ao cimo os demônios se mostraram:
Mas de iras suas malogrou-se o efeito.
19 Por lei da providência terminaram
Funções, que exercem na caverna quinta,
Toda a vez que o recinto seu deixaram.[14]
20 Gente, que de brilhante cor se pinta,[15]
Vemos que a tardo passo em torno andava:
Chorava e em força parecia extinta.
21 Capa e capuz trazia, que ocultava
Seus olhos,[16] dessa forma de vestidos
De Colônia entre os monges mais se usava.[17]
22 De ouro por fora, dentro guarnecidos
De chumbo:[18] comparando a peso tanto,[19]
De palha os de Fred’rico eram tecidos.

23 Por toda a eternidade, o duro manto!
Com tais almas, à sestra, caminhamos,
Atentos escutando o triste pranto.
24 Tanto as oprime o peso, que as passamos
No lento caminhar; e a cada instante
De nova companhia ao lado estamos.[20]
25 “Mostra-me” — eu disse ao Guia, suplicante
“Algum por nome ou feitos afamado;
Busca, sem te deter, Mestre prestante!”
26 Tendo vozes toscanas[21] escutado,
Um atrás nos gritou: — “Cessai da pressa,
Com que ides a correr[22] pelo ar cerrado!
27 “Coisa talvez direi, que te interessa.”
Volta-se o Mestre e diz-me: — “Agora espera;
Para o passo igualar-lhes, não te apressa.
28 Cessando, vejo um par que se acelera;[23]
Seus gestos dizem que acercar-se aspiram,
Malgrado a estrada e o peso que onera.
29 Aqueles dois, já próximos, remiram
Com vesgos olhos,[24] sem falar, meu rosto;
Depois entre eles vozes tais se ouviram:
30 “O que respira ainda em vida é posto?
Se mortos ambos são, por que motivo
Da plúmbea capa evadem-se ao desgosto?”[25]
31 E disseram: — “Toscano, que, inda vivo,
Vens de hipócritas ver o grêmio triste,
Dizer quem sejas não recusa esquivo.
32 “Nasci na grã cidade,[26] à qual assiste
Com suas belas margens o Arno ameno,
E o corpo, em que hei crescido, cá persiste.
33 “Quem sois que da aflição tanto veneno
Na face amargo pranto denuncia?
Qual penar tendes de esplendor[27] tão pleno?”

34 “Tanto chumbo se encobre” — um me dizia —
“Destas capas sob o ouro, que oscilamos,
Qual balança, que ao peso hesitaria.
35 “De Bolonha e Godente,[28] nos chamamos
Um Loderigo[29] e o outro Catalano:[30]
Juntos ambos Florença governamos,
36 “Por que ficasse a paz livre de dano,
Em vez de um regedor;[31] do que hemos sido
O Gardingo[32] dá prova e desengano:”
37 “Ó irmãos” — comecei — “o mal nascido…”
Atalhei-me: jazendo um condenado
Com puas três[33] em cruz via estendido.
38 Em me vendo, estorceu-se angustiado,
Altos suspiros arrancou do peito.
Catalano acercou-se apressurado.[34]
39 “Este” — disse — “que geme em duro leito,
Que a um homem dessem morte aconselhara
Aos fariseus, do povo por proveito.[35]
40 “Através do caminho[36] é nu, repara:
De quem passa, destarte, ele conhece
O peso, quando por calcá-lo para.
41 “Igual martírio o sogro seu padece,
Assim como cada um desse concílio,
Semente pr’os judeus de horrenda messe.”[37]
42 Maravilhar-se então mostrou Virgílio,[38]
Posto em cruz o precito contemplando
Com tanto opróbrio lá no eterno exílio.
43 Voltou-se a Catalano assim falando:
“Dizei, se assim vos praz e é permitido,
Se à direita há vereda, onde, passando,
44 Deste recinto vamo-nos temido,
Sem que os anjos perversos obriguemos[39]

Caminho a nos mostrar não conhecido.”
45 Tornou: — “Mais perto do que julgas temos
Rochedo, que, do muro se estendendo,
Dá ponte a cada val, em que gememos.[40]
46 “Este não cobre, outrora se rompendo;
Mas subir podereis pela ruína,[41]
Que do declive ao fundo se está vendo.”
47 Ouvindo, o Guia um pouco a fronte inclina
E diz: — “Bem más explicações nos dava
Quem tanto os pecadores amofina.”[42]
48 Logo o frade: “Em Bolonha[43] me constava
Que o demônio, entre os vícios com que ’stenta,
De ser pai da mentira se ufanava.”
49 A passo largo o Mestre já se ausenta;
Ira ressumbra o rosto carregado.
Deixo a turba, que em capas se atormenta,
As pegadas seguindo-lhe apressado.

---

[1] Como os franciscanos (frades menores): no início da ordem, era costume que os frades caminhassem um atrás do outro; o que ia à frente era aquele que tinha mais autoridade (como aqui Virgílio). A comparação se estende também ao modo silencioso dos poetas.

[2] Esopo: autor grego de fábulas morais.

Fábula: um rato pediu ajuda a uma rã para atravessar o rio. A rã, fingindo ajudá-lo, uniu uma pata do rato a uma perna sua. Chegando ao meio do rio, a rã mergulha, para afogá-lo. Entretanto, um gavião vê, do alto, o rato na superfície do rio e desce para agarrá-lo, capturando também a rã.

[3] “Se eu confrontava aqueles dois casos (o episódio dos diabos e a fábula), recordando o modo como iniciaram e o modo como terminaram, me pareciam iguais”.

Issa e *mo*: dois termos que têm o mesmo significado, “agora”. O episódio e a

fábula se assemelhavam tanto quanto se assemelham substancialmente duas palavras que têm o mesmo significado.

A semelhança entre os dois casos foi interpretada de diversos modos. Segundo uma das interpretações mais plausíveis, o princípio é semelhante por causa da intenção maliciosa de Calcabrina em relação a Alichino (ele finge que ajudará Alichino, mas na verdade quer brigar com ele), que seria comparável à intenção da rã em relação ao rato. O final seria semelhante por causa da má intenção que resulta em dano para ambos os personagens; nesse caso, a função do pez seria semelhante à função do gavião.

[4] “Se incomodaram”, “se aborreceram”.

[5] “Se o rancor insano que eles sentem agora agravar a maldade que é própria da natureza deles (já que são diabos)”.

[6] Dante está com tanto medo que a sua imaginação já cuida ver o bando atrás deles.

[7] Isto é, a minha mente reflete as tuas ideias mais claramente do que um espelho refletiria a tua imagem.

[8] “Uma decisão”.

[9] Dante e Virgílio caminham sobre a rocha que separa a quinta fossa da sexta, e esta se encontra do seu lado direito. Logo, o plano de Virgílio é descer a encosta do lado direito, a qual conduz ao fundo da sexta cava.

[10] A mãe corre nua, como as pessoas costumavam dormir na época.

[11] Que forma uma das paredes da sexta fossa.

[12] Descrição do mecanismo do moinho cuja roda era movida pela água que descia por um canal artificial.

“Cubos”: parte do moinho que recebe a água que desce pelo canal. Logo, o terceiro verso significa: quando a água, já perto do moinho, está na sua velocidade máxima (se apressura).

[13] Acréscimo da tradução, talvez para sublinhar a total sinceridade da atitude de Virgílio (que age como se Dante fosse seu filho).

[14] A lei da Providência determinou que esses diabos seriam guardiões da quinta fossa; e isso os impede de se afastar dessa fossa (pois eles perdem a sua

“função” se saem da quinta fossa).

[15] Hipócritas.

[16] Traço típico dos hipócritas.

[17] “Como se vestiam os monges de Colônia”: segundo alguns comentadores antigos, os monges do mosteiro de Colônia, na Alemanha, tinham vestes muito amplas.

Esse é o texto de edições mais antigas, seguido por Xavier Pinheiro na sua tradução. Em edições mais modernas, o texto diz Cluny (isto é, Clugnì e não Cologna), que talvez seja mais plausível. Nesse caso, a referência seria ao famoso mosteiro beneditino da cidade de Cluny, na Borgonha. Os monges de Cluny, censurados em uma carta de São Bernardo, tinham vestes com longas mangas e um largo capuz.

O fato de os hipócritas estarem vestidos como monges sublinha o tipo mais grave de hipocrisia: aquela dos homens da Igreja.

[18] De ouro por fora: por isso, o v. 58 disse “Gente, que de brilhante cor se pinta”.

“De ouro por fora, dentro guarnecidos / De chumbo”: outro traço típico dos hipócritas, que parecem ser algo muito diferente do que são de fato.

[19] “Se comparadas com as vestes de chumbo carregadas pelos hipócritas, as vestes de Federico pareceriam de palha”.

Fred’rico: alusão à pena estabelecida por Federico II para os acusados de lesa-majestade: eles tinham de vestir uma capa de chumbo, sendo colocados dentro de uma caldeira sobre o fogo. Tal pena não é efetivamente documentada, mas é mencionada pelos antigos comentadores do poema; podia ser, portanto, apenas uma lenda a respeito de Federico II (uma lenda talvez criada pelos guelfos).

[20] Como as almas caminham muito mais lentamente do que os poetas, estes, a cada instante (a cada passo), veem novas almas a seu lado.

[21] “O modo de falar toscano”.

[22] Os poetas, caminhando em velocidade normal, parecem correr paras as almas, que caminham muito lentamente.

[23] Que quer se acelerar, mas não consegue de fato, como os dois versos seguintes explicam.

[24] Por causa do capuz, que impedia que eles olhassem diretamente para Dante. Isso também pode ser interpretado como referência ao olhar oblíquo dos hipócritas.

[25] “Por que estão livres de ter de carregar a capa de chumbo (plúmbea capa)?”

[26] Florença.

[27] Recorde-se que as capas são douradas por fora. Dante personagem não sabe ainda que as capas são de chumbo.

[28] Bolonha indica a cidade onde nasceram os personagens. Godente indica a ordem da qual participaram: Cavalieri Gaudenti (ou Cavalieri della Beata Maria Vergine Gloriosa) eram chamados os membros da Milizia della Beata Maria Vergine, ordem religiosa formada por clérigos e laicos, cuja tarefa era lutar contra as heresias e manter a paz na sociedade civil, sempre defendendo os valores cristãos e os interesses eclesiásticos.

Tais membros eram mais comumente chamados *frati godenti*, como no original do poema. E, segundo alguns, o termo *godenti* era muitas vezes usado de modo pejorativo, indicando as frequentes preocupações mundanas desses cavaleiros, diferentes de seus primeiros propósitos.

[29] Loderigo: Loderingo degli Andalò (morto em 1293), de família gibelina bolonhesa, um dos fundadores da ordem.

[30] Catalano: Catalano dei Malavolti (morto em 1285), guelfo bolonhês, um dos primeiros membros da ordem.

[31] Em 1266 (ano difícil em Florença), foram escolhidos juntos como magistrados de Florença, cargo que habitualmente era exercido por apenas um homem (em vez de um regedor).

Entretanto, era vetado aos membros da Milizia ocupar cargos públicos, e isso é já um sinal importante da hipocrisia dos personagens aqui encontrados.

[32] Gardingo: localidade onde se encontravam as casas dos gibelinos Uberti. Os Uberti foram exilados e suas casas foram destruídas pelos guelfos durante o governo de Loderigo e Catalano. Na verdade, a questão foi mais complexa e envolveu mais fatores (como a intervenção do papa Clemente IV) do que apenas a suposta hipocrisia por parte dos governantes. Entretanto, interessa a Dante denunciar o verdadeiro resultado das intenções inicialmente pacíficas dos governantes.

[33] Com três estacas: duas para as mãos e uma para os pés sobrepostos.

[34] O original diz “apercebeu-se” (por causa da interrupção do discurso de Dante e do comportamento do condenado que está deitado em forma de cruz).

[35] Caifás, o sumo sacerdote que defendeu (no conselho entre os fariseus) a morte de Cristo, alegando que era melhor sacrificar apenas um homem do que arriscar um problema para todo o povo (João, 11, 47-53). A hipocrisia está no pretexto usado por Caifás (utilidade pública) para cobrir o seu interesse pessoal de matar Jesus.

[36] Ocupando todo o caminho.

[37] O sogro seu: Anás, também sumo sacerdote.

Assim como cada um desse concílio: e todos os outros que participaram do conselho que decidiu a morte de Jesus.

Semente para os judeus de horrenda messe: causa da destruição do templo de Jerusalém e da diáspora dos judeus.

[38] Pois, na sua primeira descida pelo Inferno, ainda não havia a pena daqueles deitados em forma de cruz (pois a sua primeira descida foi antes da morte de Jesus).

[39] Os anjos perversos: os demônios.

Obriguemos: pela vontade divina, que guia a viagem de Dante.

[40] Um rochedo que, saindo do muro externo de Malebolge, serve como ponte que atravessa cada fossa.

[41] Os pedaços da ponte que se rompeu formam uma espécie de “escada” ao longo do declive, possibilitando o caminho para a margem entre as fossas.

[42] No canto XXI (106-111), Malacoda diz a Virgílio que a ponte que atravessa a sexta fossa se rompeu, afirmando que mais adiante ele encontrará outra ponte que possibilitará o caminho. Aqui Virgílio descobre que Malacoda mentiu, pois essa segunda ponte também se rompera.

[43] Bolonha era a cidade de Catalano (o frade) e, além disso, era uma cidade universitária, na qual se encontravam escolas de teologia. Sua frase é sarcástica: não é preciso estudar para saber que o diabo é pai da mentira.

CANTO XXIV

Dante sai dificilmente da cava sexta acompanhando Virgílio. Entram na sétima, onde os ladrões padecem atormentados por serpentes. Um dos condenados é Vanni Fucci de Pistoia, o qual vaticina infortúnios de Pistoia e Florença.

Dante e Virgílio saem da sexta fossa. Malebolge, sétima fossa: ladrões. Dante fala com Vanni Fucci, que profetiza a derrota dos guelfos brancos.

1 Naquela parte do ano incipiente,
Em que as comas do Sol se fortalecem
No Aquário e a noite iguala o dia ausente,[1]
2 Quando as geadas matinais parecem
Da alva irmã figurar a imagem pura,
Mas tais feições em breve se esvaecem;[2]
3 Campino,[3] que a indigência já tortura,[4]
Ergue-se, e vendo o prado embranquecido,
No coração calar sente a amargura.
4 Torna ao tugúrio[5] e carpe-se[6] abatido,
Como quem toda a esperança já perdera;
Mas, vendo em breve o campo estar despido
5 Do triste manto,[7] o alento recupera.
Revigorado então, corre ao cajado
E ao pascigo as ovelhas acelera.
6 De temor me senti, dessarte, entrado
Do Mestre merencório[8] ante o semblante;
Mas logo ao mal foi bálsamo aplicado.[9]
7 À ruína[10] chegamos: nesse instante
Virgílio volve aquele doce gesto
Que eu da colina ao pé vira ofegante.[11]
8 Reflete um pouco, o estado manifesto
Da rocha examinando: eis-me, estendendo
Os braços, resoluto ergueu-me presto.
9 Como aquele que, uma obra entre mãos tendo,
Logo noutra tarefa põe o intento,
Num rochedo Virgílio me sustendo,
10 Já de outro acima me avisava atento.
“Mais alto agora sobe” — me dizia —
“Vê se a rocha[12] está firme! Toma tento!”
11 De capa ali ninguém transitaria;[13]
Pois nós, leve e eu sempre transportado,[14]

Subíamos a custo a penedia.
12 Se mais alto o declive do outro lado
Não fora do que esse outro, em que ora estamos,
— Dele não sei — ficara eu lá prostrado.[15]
13 Que Malebolge inclina-se notamos
À boca enorme do profundo poço;
As encostas, são tais — exp'rimentamos —
14 Que uma é baixa, outra excelsa em cada fosso.[16]
Vimos, enfim, do topo à roca extrema,
Dessa ruína ao último destroço.[17]
15 Lá chegado, afã tanto o peito prema,
Que avante um passo dar eu mais não pude;
Sentei-me então na inanição suprema.
16 "Eia! toda a fraqueza em ti se mude!
Em ócio" — disse o Mestre — "ou sobre a pluma
Prêmios ninguém conquista da virtude.
17 "Aquele que a existência assim consuma,
Tal vestígio de si, deixa na terra,
Como o fumo no ar e na água a espuma.
18 "Ergue-te, pois! Torpor de ti desterra!
Recobra o esforço que os perigos vence!
Impere alma no corpo em que se encerra!
19 "Que vais subir muito alto a mente pense;[18]
Desse abismo não basta haver saído.[19]
Será teu prol,[20] se a minha voz convence."
20 Alço-me então, mostrando-me impelido
De alento, que não tinha;[21] e ao Mestre digo:
"Avante! Forte já me sinto e ardido."
21 Pela rocha[22] asperíssima prossigo
Mais estreita, inda menos acessível
Que a outra; os passos de Virgílio sigo.
22 Por provar-me às fadigas insensível
Falando andava.[23] Eis ouço de outra cava[24]

Ressoar voz bem pouco perceptível.[25]
23 O que disse não sei, posto me achava
Da ponte sobre a parte culminante;[26]
Mas parecia iroso quem falava.[27]
24 Curvei-me para ver no fosso hiante,
Mas alcançar não pude o fundo escuro.
Ao Mestre disse então: “Se apraz-te, avante
25 “Passando,[28] desceremos deste muro;
Daqui ouço uma voz, mas não a entendo;
Fito os olhos, mas nada me afiguro.”
26 “Respondo aos teus desejos, acedendo;
Que o pedido discreto assim declaro
Se cumpre, não falando, mas fazendo.”[29]
27 Fomos da ponte à parte, donde é claro
Que se vai ter à ribanceira oitava:[30]
Ficou patente a cava ao meu reparo.[31]
28 De serpes tal cardume se enroscava,
Horríficas na infinda variedade,
Que ao sangue, inda ao lembrar, terror me trava.
29 Não tenha a Líbia de criar vaidade[32]
De quersos, fares, cêncris no seu seio
E anfisbenas tamanha quantidade.[33]
30 Nem do mar Roxo em plagas, nem no meio
Da Etiópia tropel tão pavoroso
De flagelos jamais a lume veio:[34]
31 Por entre o enxame[35] atroce e temeroso
Almas[36] corriam nuas e transidas,
Heliotrópia[37] não esperando ou pouso.
32 Atrás as mãos por serpes são tolhidas,
Que traspassando os rins, cauda e cabeça
Lhes tinham por diante em laço unidas.[38]
33 Eis uma de repente se arremessa

Ao precito, que perto nos demora:[39]
O colo morde-lhe onde a espádua cessa.
34 Um O traçar ou I mais custa agora[40]
Do que ser o mesquinho incendiado:
Em cinzas cai o pecador, que chora.[41]
35 Estando em terra destarte derribado,
Juntou-se a cinza e então se reformou,
Como de antes, o triste condenado.
36 Dos sábios a escritura já narrou
Que a Fênix[42] morre e logo após renasce,
Quando aos anos quinhentos se acercou.
37 Viva, já nunca em cibo ela se pasce,[43]
Em lágrimas, porém, de incenso e amomo;[44]
De nardo e mirra em ninho extremo apraz-se[45]
38 Como aquele, que cai sem saber como,
Do demônio ao poder,[46] que à terra o tira,
Ou de outra opilação[47] sentindo o assomo;
39 Levantando-se em torno a si remira,
Da angústia inda aturdido, que o mordera,
E, em seu soçobro, pávido suspira:
40 Assim parece o pecador que ardera.
Contra os pecados na final vingança,
Ó justiça de Deus, quanto és severa!
41 Quem fora inquire o Mestre, e dele alcança
Estas vozes: — “Há pouco, da Toscana
Chovi no abismo, onde ninguém descansa.
42 “Vida brutal vivi, não vida humana.
Chamei-me Vanni Fucci,[48] híbrida besta;[49]
Pistoia, meu covil, de mim se ufana.”
43 Ao Mestre eu disse: — “Referir-nos resta
O crime, que deu causa à morte sua:
Sei que em sangue banhara a mão funesta.”[50]

44 O pecador, que me ouve, não se amua:[51]
Voltou-me presto a cara, em que a tristeza
Com sinais de vergonha se insinua
45 E diz: — “Sinto da dor mais a aspereza,
Porque em miséria tanta me vês posto,
Do que quando da morte hei sido a presa.
46 “Ao que exiges respondo com desgosto:
Por ter roubado alfaias e ornamento[52]
Da Igreja, aqui estou, sendo meu gosto
47 “Que pelo crime houvesse outro o tormento.[53]
Se deste antro saíres algum dia,
Por que não sejas do meu mal contento,[54]
48 “Ouve bem o que a voz minha anuncia:
De si Pistoia os Negros expulsando,[55]
Povo, modos Florença então cambia.[56]
49 “Vapor de Val de Magra Marte alçando,
O traz em torvas nuvens envolvido;
E, enquanto a tempestade está raivando,
50 “No campo de Picén será ferido
Combate; a névoa logo se esvaece;
Dos Brancos cada qual será batido.[57]
“Sabe-o, pois: certo, a nova te entristece.”[58]

---

[1] “Naquela parte do começo do ano (ano incipiente), em que o sol se encontra em Aquário e a duração da noite começa a se aproximar daquela do dia…”

“Em que as comas do Sol se fortalecem / No Aquário”: quando o Sol está na constelação de Aquário, entre o dia 21 de janeiro e o dia 21 de fevereiro. No hemisfério norte, nesse período os raios do Sol começam a recobrar lentamente o seu vigor (“As comas do Sol se fortalecem”), após o primeiro mês de inverno (o solstício é no dia 21 de dezembro).

“a noite iguala o dia ausente”: o texto original é mais preciso e diz: “a noite se

aproxima da metade do dia". Nesse período do ano, a noite começa a diminuir a sua duração (que é mais longa durante o inverno), aproximando-se da duração de 12 horas (que ocorrerá só no equinócio de primavera).

[2] "Quando as geadas parecem neve (a alva irmã), mas por pouco tempo".

De fato, as geadas duram pouco tempo, pois, quando surge o Sol, elas esvaecem (tais feições em breve se esvaecem).

[3] "Camponês".

[4] Pela falta de forragem para o rebanho.

[5] "Casebre".

[6] "Lamenta".

[7] Da geada, que parecia neve.

[8] "Perturbado".

[9] A longa comparação inicial descreve os diferentes estados de ânimo de Dante, ao ver as mudanças no rosto de Virgílio (como o camponês vê as mudanças no campo).

[10] Às ruínas da ponte que havia desabado.

[11] Ao pé da colina que se encontrava na selva escura, no primeiro canto do poema.

[12] O outro rochedo que está acima (28): "vê se esse rochedo está firme o suficiente para te sustentar".

[13] Alusão aos danados punidos naquela fossa, que vestiam capas de chumbo: ninguém, vestindo aquela capa, conseguiria sair da sexta fossa.

[14] "Leve": Virgílio, que não tem o peso do corpo.

Transportado: empurrado por Virgílio.

[15] "Se mais alto […] em que ora estamos": "Se não fosse que esse declive é mais baixo do que aquele do outro lado…": se nós tivéssemos subido um declive tão alto quanto aquele do outro lado, eu não teria aguentado.

— Dele não sei — ficaria eu lá prostrado: "Não sei Virgílio, mas eu ficaria prostrado".

Cada fossa é encerrada por dois declives, sendo que um é sempre mais baixo do que o outro. Isso será explicado nos versos seguintes.

16 Malebolge, como já explicado, é constituído por dez círculos concêntricos. No centro, há um profundo poço; e os círculos degradam em direção ao poço, criando uma inclinação. Por isso, em cada fossa, a parede externa é sempre mais alta do que a interna (mais próxima do poço).

17 Ao último fragmento da ponte.

18 Alusão ao altíssimo monte do Purgatório, que Dante terá de subir depois que sair do Inferno.

19 "Não basta sair do Inferno": é preciso também fazer o caminho da purificação.

20 "Se minhas palavras te convencem, isso será do teu proveito (pois tu vencerás o cansaço e continuarás a viagem)".

21 A exortação de Virgílio leva Dante a vencer a falta de alento, a agir mesmo sem alento.

22 A "rocha" que serve de ponte.

23 "Falava enquanto andava para não parecer fraco (a ponto de ficar sem fôlego)".

24 Da nova fossa: a sétima.

25 "Compreensível".

26 "Ainda que eu me encontrasse sobre a parte mais alta da ponte (aquela parte de onde se vê toda a fossa)".

27 Esse é o texto de edições mais antigas. As edições mais modernas dizem: "quem falava parecia estar em movimento".

Ainda hoje existem divergências sobre a questão.

28 Chegando à borda que separa a sétima da oitava fossa.

29 Um pedido discreto (justo) como esse deve ser cumprido por atos, não por palavras.

30 À parte da ponte (isto é, a extremidade) que se junta com a ribanceira da oitava fossa.

[31] Porque essa margem é mais baixa, mais próxima do fundo da cava.

[32] “Que a Líbia não seja mais vaidosa pela grande diversidade de serpentes que abriga”.

O deserto da Líbia era conhecido, através da literatura clássica, como lugar infestado por grande diversidade de serpentes. A principal fonte de Dante aqui é o momento da *Farsália* no qual Lucano fala do deserto da Líbia e no qual se encontram os nomes de serpentes que serão elencados nos próximos versos (IX, 708-721).

[33] “Não tenha a Líbia a vaidade de criar tamanha quantidade de…”

No trecho mencionado da *Farsália*, são apresentadas características para cada uma das espécies.

[34] “Mar Roxo”: mar Vermelho (talvez traduzido como Roxo por questões métricas). “plagas do mar Roxo”: regiões perto do mar Vermelho: talvez o deserto da Arábia, conhecido, como a Etiópia, pela sua grande quantidade de serpentes.

[35] O tropel de serpentes.

[36] Ladrões.

[37] Heliotrópia: heliotrópio, pedra verde manchada de vermelho que, segundo se acreditava, tinha poder de cura contra a mordida de serpentes e tornava invisível às serpentes aquele que a carregava.

[38] As mãos dos danados são amarradas atrás pela parte central do corpo das serpentes. A cauda e a cabeça delas passam pelos rins dos danados (uma de cada lado), encontrando-se sobre o ventre, onde fazem um nó.

[39] “Que está perto de nós”.

[40] Em pouquíssimo tempo; em menos tempo do que o necessário para escrever as letras O ou I.

[41] Acréscimo da tradução.

[42] Fênix: pássaro mítico que morria queimado a cada quinhentos anos e imediatamente renascia de suas cinzas.

[43] Não se nutre dos alimentos dos quais os outros pássaros normalmente se nutrem.

[44] “Ela se alimenta do líquido que sai do incenso e do amomo”.

Amomo: tipo de planta aromática.

[45] “Nardo” e “mirra” são as substâncias aromáticas que constituem o ninho sobre o qual a Fênix morre.

[46] Possesso.

[47] “Opilação”: obstrução dos espíritos vitais (acreditava-se que esta fosse a explicação para a crise epiléptica).

[48] Vanni Fucci: guelfo negro, da cidade de Pistoia, como diz no verso seguinte. Descrito, pelos autores da época, como homem extremamente violento, foi condenado em 1295 como homicida e ladrão. Em 1292 serviu Florença contra Pisa; talvez nessa ocasião tenha conhecido pessoalmente Dante. Os documentos apresentam notícias suas até o ano de 1295, devendo ter morrido pouco depois disso, já que o poema se passa em 1300. Por isso, diz “Há pouco, da Toscana / chovi no abismo” (vv. 122-123).

[49] Porque filho bastardo do nobre Fuccio dei Lazzari.

[50] Dante quer saber por causa de qual crime Vanni Fucci está entre os ladrões e não entre os homicidas.

[51] Na verdade, o original diz: “não dissimulou” ou “não hesitou”.

[52] Trata-se do roubo realizado (provavelmente em 1293) na sacristia da igreja de S. Iacopo, em Pistoia.

[53] Provável referência a Rampino Foresi, um dos condenados pelo crime, o qual foi quase enforcado.

Ao que parece, em 1295/1296 foi preso um dos verdadeiros culpados, que revelou o nome dos outros culpados, entre eles Vanni Fucci.

[54] “Para que tu não gozes do meu mal”.

[55] Em 1301, os guelfos negros foram expulsos de Pistoia, com ajuda dos florentinos.

[56] Florença mudará o seu governo e outras famílias ficarão no poder: alusão à vitória dos negros em Florença e à expulsão dos brancos (entre os quais Dante) em 1302.

[57] Linguagem velada, própria dos momentos proféticos do poema.

Provável interpretação: Marte (o deus da guerra) trará de Val de Magra um raio (vapor ígneo, segundo a ciência do tempo), envolto em turvas nuvens; será travado um combate em Campo Piceno e o raio destruirá toda névoa, abatendo os brancos.

O raio é Moroello Malaspina, senhor da Lunigiana (Val di Magra), que combateu contra os guelfos brancos de Pistoia (mas a derrota atingiu também os brancos florentinos, que tinham em Pistoia um apoio).

Campo piceno: o território de Pistoia.

Não se sabe com certeza a qual fato histórico Vanni Fucci está aludindo: à expedição dos negros contra Pistoia em 1302, que resultou na tomada de Serravale; à tomada de Pistoia pelos negros em 1305/1306. De qualquer forma, parece tratar-se de um evento que teve efeito direto sobre a vida de Dante.

[58] No original, o verso tem tom mais violento, mostrando que Vanni Fucci realiza a profecia para ferir Dante e se vingar do fato de ter sido visto por ele no Inferno.

CANTO XXV

Vanni Fucci, depois de vociferar contra Dante, blasfema a Deus e foge. Apresenta-se Caco sob a forma de centauro, trazendo às costas e espáduas inumeráveis serpentes e um dragão. Pouco depois avista-se o Poeta com três florentinos, cujas maravilhosas transformações presencia.

Malebolge, sétima fossa: ladrões. Vanni Fucci faz um gesto sacrílego. O narrador faz uma invectiva contra Pistoia. Dante e Virgílio veem o centauro Caco. Três florentinos se aproximam. Dante e Virgílio presenciam as metamorfoses dos danados e veem mais um florentino.

1 Assim dizia o roubador e, alçando
Ambas as mãos, que figuravam figas[1]
“Toma, ó Deus” exclamou “o que eu te mando.”
2 Serpes me foram desde então amigas:
Porque logo uma ao colo se enroscava,
Como a dizer: — “Não quero que prossigas!”
3 Tolhendo-lhe outra os braços, se enlaçava
Diante sobre o peito e o movimento
Com rebatido vínculo[2] atalhava.
4 Ah! Pistoia! Ah! Pistoia! o incendimento
Teu decreta, extinguindo nome impuro,
Pois dás da estirpe tua[3] ao vício aumento!
5 Tão soberbo não vi no abismo escuro,
Contra Deus outro esp’ rito; nem o ousado,[4]
Que de Tebas caiu morto do muro.
6 Sem mais dizer fugira o condenado.
Eis rábido, centauro vi correndo
A gritar: — “Onde está o celerado?”[5]
7 Não tem Maremma[6] de répteis horrendo
Bando igual ao que o dorso carregava
Té onde a humana forma está se vendo.[7]
8 Na espádua, abaixo da cerviz pousava,
As asas estendendo, atroce drago,
Que fogo a quanto encontra[8] arremessava.
9 “É Caco” [9] — O Mestre diz — “que a imane estrago
Afeito, do Aventino se aprazia,
Sob as penhas de sangue em fazer lago.[10]
10 “Dos seus irmãos[11] não segue a companhia,
Por haver depredado, fraudulento,[12]
Armentio,[13] que próximo[14] pascia.
11 “Tiveram fim seus crimes: golpes cento
Sobre ele desfechou de Alcide[15] a clava:

Aos dez[16] perdera já da vida o alento.”
12 Foi-se o centauro enquanto assim falava.[17]
Abaixo eis três espíritos chegando,
Nos quais nenhum de nós inda atentava,
13 “Quem sois?” — romperam súbito bradando.
A narração então suspende o Guia;
E só deles curamos, escutando.
14 Nenhum dessa companha eu conhecia;
Mas então, como às vezes acontece,
Um, chamando por outro, assim dizia:
15 “Onde é Cianfa,[18] que assim desaparece?”
Dedo nos lábios fiz nesse momento
A Virgílio sinal, por que atendesse.[19]
16 Em crer o que eu contar se fores lento,[20]
Não há de ser, leitor, para estranhado;
Quase o que eu vi descrê meu pensamento.[21]
17 Quando eu dos três na vista era engolfado,
Sobre seis pés se via uma serpente
Contra um deles e o tem todo enlaçado.
18 Abraçam-lhe os do meio[22] rijamente
O ventre; aos braços os de cima rendem,
Ambas as faces[23] morde-lhe furente.
19 Os de baixo nas coxas, já se estendem,
Interpondo-se a cauda que, subindo
Por detrás, voltas dá que os rins lhe prendem.[24]
20 Hera, de árvore os ramos recingindo,
Não os enleia tanto, como a fera
Alheios membros ao seu corpo unindo.
21 Fundiram-se depois, de quente cera
Como feitos; travando[25] as suas cores,
Um nem outro parece o que antes era:
22 Como em papel, do fogo ante os ardores

Procede escura cor; inda não sendo
Negro, vão fenecendo os seus albores.[26]
23 Os dois, a maravilha percebendo,
Gritavam-lhe: — "Ai! Agnel,[27] quanto hás mudado!
Um já não és, mas dois ser não podendo!"
24 Numa cabeça as duas se hão tornado;
Confundidos estavam dois semblantes
Num rosto em que se haviam misturado.
25 São dois os braços, que eram quatro de antes,
Foram coxas e pernas, ventre e peito[28]
Membros que nunca hão tido semelhantes.
26 Perdeu-se assim todo o primeiro aspeito;
Seres dois e nenhum nessa figura
Se via; e o monstro foi-se a passo estreito.
27 Quando o fervor canicular[29] se apura,
Cruza o lagarto, como o raio, a estrada,
E uma moita deixando, outra procura:[30]
28 Tal menor serpe, lívida, inflamada,
Negrejando, qual bago de pimenta,
Aos outros dois se arroja acelerada.
29 E na parte, por onde se alimenta[31]
Primeiro a vida nossa, um dos dois fere
E ante ele tomba em queda violenta.
30 Olha o ferido, mas nem voz profere;
E sobre os pés imóvel bocejava,
Como quem sono prenda ou febre onere
31 Fitava olhos na serpe, e esta o encarava;
A chaga de um eu via, do outro a boca
Fumegar; e o seu fumo se encontrava.
32 Emudeça Lucano, quando toca
Em Sabelo infeliz mais em Nassídio.[32]
Escute; mor portento ora se evoca.
33 De Cadmo e Aretusa cale Ovídio:

Se fonte a esta, àquele fez serpente,[33]
Não o invejo: aqui há pior excídio.
34 Não converteu dois seres frente a frente,
Tanto que permutasse formas duas
Sua própria matéria de repente.[34]
35 Desta sorte compõem-se as partes suas:
A cauda à serpe fende-se em forquilha,[35]
Cerra o ferido em uma as plantas[36] nuas.
36 Tal prisão coxas, pernas envencilha
Que em breve nem vestígio há de juntura,
Sinal, ou numa ou noutra, de partilha.
37 Fendida a cauda assume essa figura
Que perde o homem;[37] numa é tão macia
A pele, quanto noutro se fez dura.[38]
38 Entrar os braços nas axilas via;[39]
Tanto estendia os curtos pés a fera,[40]
Quanto o outro os seus braços encolhia.
39 Os pés o drago extremos retorcera,
Na parte, que se esconde, se mudando,
Que em duas no mesquinho se fendera.[41]
40 Enquanto o fumo os dois ia velando
De nova cor e à serpe o pelo empresta,
Que em todo perde o pecador nefando,
41 Ergue-se um, cai o outro e no chão resta,
Os ímpios olhos[42] sem torcer, que viram,
Dos gestos seus a conversão funesta.
42 Ao que era em pé às fontes lhe subiram
Do rosto as sobras: cada face afeita
Uma orelha, de duas[43] que saíram.
43 Quanto de mais ficara então se ajeita,
O nariz conformando-lhe na cara
E de lábios lhe ornando a boca estreita.

44 A beiça o que jazia dilatara,[44]
Qual caramujo, que as antenas cerra,
À cabeça as orelhas retirara.
45 A língua unida e no falar não perra[45]
Partiu-se, enquanto a do outro, forquilhada,
Uniu-se; o fumo desde então se encerra.
46 Essa alma, que era em réptil mudada,
Pelo vale arremete sibilando;
Falando, a outra escarra[46] e a segue irada.
47 Depois, seu novo dorso lhe voltando,
Disse à terceira sombra: “Corra o Buoso,[47]
Como eu, por esta senda rastejando.”
48 Assim vi no antro sétimo espantoso
Mútuas transformações: tanta estranheza
Desculpe[48] o canto rude e descuidoso.
49 Posto empanar dos olhos a clareza
E entrar o assombro no ânimo eu sentisse,
Não fugiram com tanta sutileza,
50 Nem tão prestes, que eu bem não discernisse
Puccio Sciancato,[49] que dos três somente
Fora o que transmudado se não visse;
Deu-te o outro,[50] Gavili, dor pungente.

---

[1] Gesto ofensivo. Consiste em colocar o polegar entre o indicador e o dedo médio dobrados e dirigir a mão fechada para a pessoa que se quer ofender.

[2] “Forte vínculo”.

[3] Alusão à lenda segundo a qual Pistoia teria sido fundada por membros do exército derrotado de Catilina. Pistoia é capaz de aumentar o vício da sua estirpe (os soldados de Catilina).

[4] Capaneu, encontrado no canto XIV do “Inferno” (vv. 46-72).

[5] Pode-se deduzir que o centauro, tendo função de guardião da fossa, queira punir o gesto sacrílego de Vanni Fucci.

[6] Maremma: região da Toscana que, no tempo de Dante, era pantanosa e infestada de serpentes.

[7] Até onde começa a parte humana do corpo do centauro.

[8] “A quem se encontrava com ele”.

[9] Caco: monstruoso filho do deus Vulcano (o grego Hefesto), que expelia fogo pela boca. Morava em uma caverna no Monte Aventino e era extremamente cruel. Roubou de Hércules quatro bois e quatro vacas excepcionalmente belos, que faziam parte do gado que Hércules tomara ao rei Gerião. Ao descobrir isso, Hércules, segundo a narrativa da *Eneida*, mata Caco sufocando-o.

Dante, contudo, realiza algumas variações em relação à fonte virgiliana, fazendo de Caco um centauro e dizendo que Hércules o matou com sua clava (detalhe presente em Ovídio).

[10] “Se aprazia, sob as penhas do Aventino, em fazer lago de sangue”.

[11] Os centauros, que estão no círculo dos violentos.

[12] Para conduzir os animais à sua caverna, Caco puxou-os pela cauda. Desse modo, os animais deixaram pegadas ao contrário, o que impedia Hércules de descobrir aonde haviam ido.

[13] “Armento”, “gado”.

[14] Hércules, quando conduzia o gado, havia parado perto do Monte Aventino.

[15] Alcide: Hércules (patronímico de Hércules, por causa do avô Alceu).

[16] Golpes.

[17] Enquanto assim falava Virgílio.

[18] Cianfa: seria Cianfa Donati, importante família de Florença. Segundo os documentos, estava morto em 1289. Não se sabe muito sobre o personagem.

[19] Dante entende que está diante de florentinos.

[20] “Se fores relutante em acreditar no que eu contar”.

[21] “O meu pensamento quase nega o que eu vi”. Dante diz ao leitor: o que vi é

tão incrível que o meu pensamento mal consegue acreditar; por isso, não será estranho se tu, leitor, não acreditares.

[22] Os pés do meio.

[23] Ambos os lados da face.

[24] A serpente ataca o danado frontalmente: ela morde os lados de seu rosto; suas patas dianteiras agarram os braços do danado; as patas do meio agarram o ventre; as patas traseiras agarram as coxas; sua cauda passa entre as coxas do danado e, por trás, envolvem os seus rins.

[25] “Unindo”.

[26] Quando se coloca fogo de um lado do papel, diante da fama avança uma parte de cor escura, que não é negra como a parte já queimada, mas não é branca como o papel.

[27] Agnel: seria Agnello ou Agnolo dei Brunelleschi, nobre família gibelina (ligada primeiro aos brancos e depois aos negros). Não há notícias sobre ele nos documentos.

[28] As coxas do homem com as pernas da serpente; o ventre do homem com o peito da serpente.

[29] Nos dias da canícula, que no hemisfério norte são os dias mais quentes do ano (julho e agosto).

[30] As moitas que estão nas beiras da estrada.

[31] O umbigo, mediante o qual o feto se alimenta no ventre da mãe.

[32] Na *Farsália* (IX, 761-804), Lucano fala sobre os soldados do exército de Catão que atravessam o deserto da Líbia e são mordidos por cobras venenosas. Sabelo, ao ser mordido, dissolve-se em cinzas. Nassídio, por sua vez, incha até perder o seu aspecto humano.

[33] A transformação de Cadmo, fundador de Tebas, em serpente e a transformação da ninfa Aretusa em fonte são duas das inúmeras metamorfoses narradas no poema de Ovídio (*Metamorfoses*, IV, 563-603; V, 572-671).

[34] Ovídio narrou transformações de uma natureza em outra, mas não narrou a troca recíproca e contemporânea de duas naturezas, que é o que Dante descreverá agora.

[35] A cauda da serpente se fende em duas, de modo a formar as pernas.

[36] Os pés.

[37] A cauda bipartida da serpente assume a figura das pernas, a qual se perde no homem que está diante dela.

[38] Na serpente, a pele se faz macia como a do homem; no homem a pele se faz dura como a da serpente.

[39] De modo a formar as patas dianteiras da serpente.

[40] Estendia as patas anteriores, para formar os braços.

[41] Os pés extremos: as patas traseiras (esta serpente tem quatro patas).

A serpente (“drago”) retorce os pés, que se tornam a parte que se esconde (isto é, o membro viril). Essa parte se fende em duas no homem, de modo a formar as patas traseiras da nova serpente.

[42] Os olhos dos danados envolvidos na metamorfose, os quais se fixam mutuamente durante todo o processo.

[43] “Cada lado da face se adorna (afeita) com uma orelha, das duas que saíram”.

[44] Aquele que jazia alonga o rosto, de modo a formar o focinho da serpente.

[45] Não perra: desimpedida.

[46] Gesto interpretado de diversos modos. Alguns veem “cuspir” como uma afirmação fisiológica da natureza humana, como o “falar”. Outros pensam que se trate de uma dificuldade inicial em articular as palavras; outros, que se trate de um gesto de desprezo pelo companheiro que se tornou serpente (a isso se uniria a crença popular de que a saliva humana era prejudicial para as serpentes). Essa é a interpretação seguida por Xavier Pinheiro.

[47] Buoso: alguns acreditam que se trate de um membro da família Abati; outros, da família Donati. A segunda identificação parece a mais segura para os estudiosos. Nesse caso, o personagem teria morrido em 1285; seria tio dos irmãos Corso, Piccarda e Forese Donati, que Dante conheceu bem.

[48] “Justifique”.

[49] Puccio Sciancato: Puccio dei Galicai, de nobre família gibelina, dito Sciancato (“manco”). Não há muitas informações a seu respeito.

[50] O outro é a serpente que se transformou em homem. Personagem não identificado com certeza, mas provavelmente um membro da família Cavalcanti. Teria sido assassinado pelos habitantes de Gaville, contra os quais teriam se vingado seus familiares.

CANTO XXVI

Na oitava cava os poetas veem inumeráveis chamas. Virgílio mostra a Dante que cada uma contém um conselheiro fraudulento. Em uma, que se bipartia, estavam Ulisses e Diomedes. Narra o primeiro o seu desastroso fim.

Malebolge, oitava fossa: conselheiros de fraude. O narrador faz uma invectiva contra Florença. Dante e Virgílio veem a chama onde ardem Ulisses e Diomedes. A pedido de Virgílio, Ulisses conta como e onde morreu.

1 Folga, ó Florença! A fama tens tão grande,
Que asas bates por terra e mar, vaidosa!
Até no Inferno o nome teu se expande!
2 Entre os ladrões, coisa vergonhosa,
Principais cinco[1] achei, que em ti nasceram:
Serás por honra tal, vangloriosa?
3 Se os veros sonhos por manhã se geram,[2]
Em breve hás de sentir o que os de Prato,[3]
Quanto mais outros, por teu dano esperam.
4 Presto que venha, será tardo o fato;[4]
Se o mal tem de ferir, fira apressado:
Mais velho me há de ser mais grave e ingrato.
5 Partimos: do rochedo alcantilado
Os degraus, em que havíamos descido,[5]
Sobe o Mestre e por ele eu fui levado.
6 Em nosso ermo caminho e desabrido
Prosseguimos por entre agras fraguras,
Pelas mãos sendo o pé favorecido.[6]
7 Inda n'alma exacerbam-se amarguras,
Do que hei visto lembranças avivando;
E, quanto posso, o coração nas puras
8 Veredas da virtude vou guiando,
Por que o bem, por bom astro ou Deus doado,[7]
Eu próprio não converta em mal nefando.
9 O rústico, no outeiro reclinado,
Na estação, em que o Sol o mundo aclara,[8]
Mais lhe mostrando o seu semblante amado,
10 Já quando a mosca o sucessor depara,[9]
Pirilampos[10] não vê tão numerosos
No vale, onde vindima, ou ceifa ou ara,[11]
11 Quanto, no fosso oitavo, os temerosos
Fogos, que avisto, dês que, ao cimo alçado,[12]

Fito no fundo os olhos, curiosos.
12 Como aquele que de ursos foi vingado,
Quando de Elias voou o carro ardente,
Ao céu por frisões ígneos transportado,[13]
13 Seguiu co’ a vista o lume, que somente
Dos ares na extensão aparecia,
Qual nuvem se elevando velozmente;[14]
14 Assim naquele abismo se agitando
As flamas via;[15] em cada qual estava
Uma alma,[16] em seus fulgores se ocultando.
15 Para ver, lá da ponte, me inclinava:
Se amparado da rocha eu não ’stivesse,
Tombara ao fundo dessa hiante cava.
16 O Mestre, ao ver que a mente se embevece,
“Em cada fogo” — diz-me — “um condenado,
Como em hábito envolto, arde e padece.”
17 “Sou te ouvindo” — tornei — “certificado
Do que era, há pouco, em mim simples suspeita.
Pretendia inquirir, maravilhado,
18 “Que significa o fogo que endireita
A nós e, se partindo, iguala a pira,
Para imigos irmãos outrora feita.”[17]
19 — “Estão lá dentro dessa flama dira[18]
Diomedes e Ulisses:[19] em castigo
Sócios são, como outrora hão sido em ira.[20]
20 “Lá dentro geme o pérfido inimigo,[21]
Inventor do cavalo, que foi porta,
Por onde a Roma veio o; início antigo;[22]
21 “Chora-se a fraude[23] que Deidâmia morta,[24]
Ainda exprobra a Aquiles, ressentida;
Pelo Paládio[25] a pena se suporta.”
22 “Se à labareda, ó Mestre, é permitida

A fala” — eu disse — “te suplico e rogo
Com instância, mil vezes repetida,
23 “Aguardar me concedas esse fogo
Que, bipartido, para nós caminha.
Vês meu anelo: ah! dá-lhe o desafogo!”
24 “Merece toda a complacência minha
Teu rogo: eu de bom grado o atendo e aceito.
Mas cala, que hás de ser contente asinha.[26]
25 “Falar me deixa; sei qual teu conceito.
Talvez que desses gregos na alma esquiva
Produza o teu dizer ingrato efeito.”[27]
26 Propínqua estando a nós a flama viva,
E, azado ao Mestre parecendo o ensejo,
Nesta linguagem disse persuasiva:
27 “Ó vós, que nesse fogo eu juntos vejo,
Se por serviços meus, quando vivia,
Revelei de aprazer-vos o desejo,
28 “Nos sonoros versos, que escrevia,[28]
Detende-vos: benévolo um nos diga
Onde viu fenecer o extremo dia.”[29]
29 A parte superior da flama antiga
A tremular começa murmurando,
Como a que o vento lhe assoprando instiga.[30]
30 E a um lado e a outro o cimo meneando,
Como se língua fora, que falasse,
Estas vozes profere, e diz-nos: “Quando
31 “De Circe a encantos me esquivei fugace,[31]
Em que um ano passei junto à Gaeta,[32]
Antes que assim Eneias a chamasse,
32 “A saudade do filho, a mui dileta
Velhice de meu pai, da alta consorte
Santo amor, em que ardia sempre inquieta,[33]
33 “Não dominaram esse anelo forte

Que me impulsava a ser do mundo experto,[34]
Das manhãs das nações, da humana sorte.[35]
34 “Lancei-me às vagas do alto-mar aberto,
Sobre um só lenho me seguiu companha
De poucos, mas de afoito peito e certo.
35 “As ondas perlustrando, hei visto a Espanha,
Marrocos,[36] logo a ínsula dos sardos
E as outras que o cerúleo pego banha.[37]
36 Já da velhice nos sentindo tardos,
Alfim chegamos ao famoso estreito.
Onde Alcides aos nautas pôs resguardos,
37 “Que devem respeitar por seu proveito.[38]
Deixei Septa, que jaz ao esquerdo lado,
E Sevilha, que ao lado está direito.[39]
38 “Perigos mil vencendo o avesso fado,
Lhes disse — irmãos, chegastes ao Ponente!
Da existência este resto já minguado
39 “Razão não seja, que vos tolha a mente
De, além do Sol,[40] tentar nobre aventura,
E o mundo ver, que jaz órfão de gente.
40 “Da vossa raça refleti na altura!
Viver quais brutos veda-o vossa origem![41]
De glória vos impele ambição pura!
41 “Com tanto esforço os ânimos se erigem,
Falar me ouvindo assim, que ir por diante,
De entusiasmo sôfregos, exigem.
42 “Já, com popa ao Nascente[42] flamejante,
Asas os remos são na empresa ousada,
E o lenho sempre à esquerda[43] voga avante.
43 “Já do outro polo a noite levantada,
Brilhar os astros via:[44] o nosso,[45] entanto,
Na planície imergia-se salgada:

44 “Cinco vezes a luz no etéreo manto
A lua difundira e após minguara,[46]
Depois que arrosto[47] do oceano o espanto,
45 “Quando imensa montanha se depara:
Envolta em cerração, longe aparece;
Na altiveza outra igual nunca avistara.
46 “O prazer[48] nosso em pranto se esvaece:
Da nova terra eis súbito irrompendo
Contra o lenho um tufão medonho cresce.
47 “Vezes três em voragens o torcendo,
À quarta a popa levantou-lhe ao alto,
E a proa, ao querer de outrem,[49] foi descendo.
Cerrou-se o pego[50] sobre nós de salto.”

---

[1] São os cinco personagens vistos na fossa dos ladrões, no canto anterior. Todos eles pertenciam a famílias nobres de Florença.

[2] Acreditava-se que os sonhos que ocorriam no final da noite (próximos do momento da alvorada) fossem mais verídicos.

[3] Significado obscuro, como são normalmente os trechos proféticos do poema.

Prato era uma pequena cidade, submetida ao poder de Florença. Por isso, alguns pensam que o termo seja aqui empregado com sentido genérico.

Outros consideram que o nome da cidade traga um significado preciso para a profecia. Uma hipótese é que se trate da rebelião de Prato, que mostrava a resistência da pequena cidade a Florença. Outra hipótese é que se trate da eleição de Arrigo VII em 1308, que levaria a uma restauração gibelina e a uma consequente queda de Florença, que era guelfa.

De qualquer modo, o trecho diz que a corrupção de Florença levará ao seu próprio fim, já que as cidades próximas, grandes ou pequenas, querem a sua ruína.

[4] “Por mais que isso aconteça logo, será já tarde demais”.

[5] Outras edições da *Divina Comédia* em língua original trazem outro texto: “o Mestre sobe e me leva consigo pelo rochedo alcantilado cuja descida nos havia feito empalidecer”.

[6] Pois era difícil subir usando apenas os pés.

[7] O bem, dado pelas estrelas (mais precisamente, pela constelação de Gêmeos, que é o signo de Dante), ou, mais importante do que isso, o bem dado pela graça divina.

[8] O verão.

[9] Ao anoitecer, quando a mosca cede lugar ao mosquito (sucessor). Isso é um fenômeno recorrente (moscas de dia e mosquitos de noite) em lugares do centro da Itália, durante o verão.

[10] Vaga-lumes.

[11] No campo onde o camponês realiza o seu trabalho.

[12] Na parte mais alta da ponte.

[13] Como Eliseu viu o arrebatamento do profeta Elias no carro de fogo (episódio narrado na Bíblia, em 4 Reis 2, 11-12).

“Aquele que de ursos foi vingado”: Eliseu, para se vingar de um grupo de meninos que zombavam dele, invocou a maldição divina sobre eles. Então, saíram dois ursos de um bosque e atacaram quarenta e dois desses meninos (4 Reis 2, 23-24). Por isso, Eliseu foi vingado pelos ursos.

Frisões: cavalos.

[14] Eliseu, tentando seguir com os olhos o carro de fogo que subia ao céu, via apenas uma chama que subia como uma nuvem (isto é, sem distinguir os cavalos e Elias).

Isso é particular acrescentado por Dante à cena bíblica.

Aparecia: termo sem rima, que não participa da série de rimas com “agitando” e “ocultando”.

[15] Logo, as chamas da oitava fossa não mostram o que há dentro delas, como a chama vista por Eliseu.

[16] São as almas dos “conselheiros fraudulentos”.

[17] Trata-se de uma chama cuja ponta se bifurca, como a pira de Etéocles e Polinices (“imigos irmãos”), filhos de Édipo. Segundo o mito, os irmãos, disputando o governo de Tebas, acabaram se matando reciprocamente. Quando colocados juntos na pira funerária, a chama se dividiu em duas, mostrando que o ódio recíproco permanecia mesmo depois da morte.

[18] “Cruel”.

[19] Dois dos mais famosos heróis gregos que combateram na Guerra de Troia.

Diomedes: rei de Argos, famoso por sua valentia.

Ulisses: rei de Ítaca, famoso por sua grande astúcia e por seus ardis, herói da *Odisseia* de Homero.

[20] Segundo o original, “são sócios no castigo como outrora foram sócios na ira [divina]”.

[21] Acréscimo da tradução, justificado talvez pelo fato de ser Virgílio quem fala: os heróis gregos foram inimigos dos troianos, que deram origem aos romanos (segundo a narrativa da *Eneida*).

[22] Alusão ao famoso estratagema do Cavalo de Troia, responsável pela queda de Troia e pela fuga de Eneias (início antigo), que fundou Roma.

A história do Cavalo de Troia é contada no segundo livro da *Eneida*: os gregos construíram um cavalo de madeira e se esconderam dentro dele. O grego Sínon convenceu os troianos a introduzirem o cavalo na cidade e, de noite, os gregos atacaram-na.

Na *Eneida*, não se diz explicitamente que a ideia tenha sido de Ulisses, embora o troiano Laocoonte expresse uma suspeita nesse sentido (*Eneida,* II, 44).

“Que foi porta”: Xavier Pinheiro segue de perto o texto original, e a expressão deve ser entendida, provavelmente, no sentido metafórico de “que foi a causa”.

[23] A mãe de Aquiles, Tétis, sabendo que ele morreria na Guerra de Troia, escondeu o filho, vestido de mulher, na corte do rei Licomedes. Isso foi descoberto por Ulisses, que levou Aquiles para Troia, onde ele morreu.

Deidâmia era filha do rei Licomedes e se apaixona por Aquiles, tendo sido abandonada por culpa de Ulisses.

[24] No sentido concessivo: Deidâmia, mesmo morta, ainda lamenta o abandono de Aquiles.

[25] Estátua da deusa Atena, que protegia a cidade de Troia e garantia a sua invulnerabilidade. Ulisses e Diomedes, de modo fraudulento, conseguiram entrar na fortaleza onde estava a estátua e, matando os seus guardiões, roubaram-na.

[26] “Que o teu desejo será logo (asinha) satisfeito”.

[27] Os gregos eram proverbialmente considerados soberbos e arrogantes. Sobre a mediação realizada por Virgílio, muitas interpretações foram realizadas. Entretanto, o principal é reconhecer aqui uma espécie de reverência ao mundo clássico grego.

[28] Na *Eneida*, que fala em muitos momentos dos dois heróis.

[29] “Onde veio a morrer”.

[30] Começa a tremular, com a flama instigada pelo vento.

[31] Entende-se, com isso, que quem fala é Ulisses.

Circe: a ilha onde morava a maga Circe foi uma das etapas da aventurosa viagem que Ulisses empreendeu quando voltou de Troia. A maga o fez permanecer na ilha por um ano.

[32] Perto do lugar que Eneias veio a chamar Gaeta (a viagem de Ulisses é, de fato, anterior à viagem de Eneias). Narra-se, no sétimo livro da *Eneida*, que Eneias escolheu esse nome em homenagem à sua ama Caieta, que ali havia morrido.

[33] Filho: Telêmaco.

Pai: Laertes.

Consorte: Penélope, a famosa esposa de Ulisses, que esperou fielmente o retorno do marido.

[34] Conhecer o mundo por experiência.

[35] No original: “dos vícios e do valor humano”.

[36] Ulisses viaja no Mediterrâneo em direção ao ocidente. A Espanha marca o limite ocidental na parte da Europa; o Marrocos marca o limite ocidental na parte da África.

[37] Deve-se subentender “hei visto”: Ulisses viu essas ilhas na sua viagem pelo Mediterrâneo, antes de chegar aos seus extremos ocidentais.

Ínsula dos Sardos: Sardenha.

Outras: provavelmente a Córsega, as Baleares e talvez também a Sicília.

Cerúleo: azul.

[38] Hoje chamado Estreito de Gibraltar, que marca o limite ocidental do Mediterrâneo, que em seguida se abre para o oceano. Trata-se, portanto, do limite do mundo conhecido na época.

Segundo o mito, Hércules (Alcides) havia colocado no estreito as montanhas de Calpe (Europa) e Abília (África), as chamadas "colunas de Hércules", escrevendo nelas uma advertência, para que os navegadores não as ultrapassassem.

[39] Septa: Ceuta, que fica na costa africana.

Os nomes são aqui empregados como os limites extremos do mundo conhecido, assinalando a passagem pelo estreito.

[40] "Além do Sol": além do limite onde o vemos se pôr.

O texto original permite outra interpretação: "seguindo o caminho do Sol", que se move em direção ao ocidente.

[41] A origem humana não permite que os homens vivam como brutos.

[42] A nave de Ulisses se dirigia para o ocidente.

[43] Logo, a sudoeste. A montanha que será (v. 133) vista por Ulisses é a montanha do Purgatório (segundo Dante, a montanha está a 90 graus a oeste de Gibraltar e a 32 graus a sul do Equador).

[44] Ulisses via as estrelas do outro polo: logo, já havia ultrapassado o Equador.

[45] O polo setentrional.

[46] Passaram-se cinco meses.

[47] "Enfrento".

[48] O prazer de ter finalmente visto terra firme.

[49] Outrem: Deus.

[50] Pego: pélago.

CANTO XXVII

Continua neste canto o castigo dos conselheiros fraudulentos. Em outra flama apresenta-se Guido de Montefeltro, que declara a Dante a causa por que foi condenado àquele tormento.

Malebolge, oitava fossa: conselheiros de fraude. Aproxima-se a chama onde está Guido da Montefeltro, que pede notícias da terra. Dante responde e, por sua vez, pergunta quem ele é. Guido da Montefeltro conta por que foi condenado. Dante e Virgílio continuam o caminho, chegando à ponte da nona fossa.

1 A flama já se erguia e estava quieta,
Não mais falando, e já se retirava
Com permissão do meu gentil Poeta,
2 Quando outra, que de perto caminhava,
Pelos confusos sons, que desprendia,
Olhar nos fez seu cimo, que oscilava.
3 Como o síciulo touro,[1] que mugia
A vez primeira, o pranto ressoando
Do inventor,[2] que o seu prêmio recebia;
4 Berrava pela voz do miserando,
Na brônzea forma, em dor tanto pungente,
Que parecia vivo estar penando:
5 Assim se convertia o som plangente
De flama no rumor, lhe falecendo
Caminho, em que irrompesse prontamente.[3]
6 Mas, se exalar pelo ápice em podendo,
Dar-lhe impulso por ter já conseguido
Desse mesquinho a língua, se movendo,[4]
7 "Tu, a quem me dirijo" — hemos ouvido —
"Que, inda há pouco, dizias em lombardo:
Podes ir, tens assaz já respondido.[5]
8 "Posto em chegar um tanto eu fosse tardo,
De ouvir-me não despraza-te a demora;
Bem vês, me não despraz; entanto eu ardo.
9 "Se a este abismo tenebroso agora
Tombas saudoso dessa doce terra
Latina,[6] onde hei pecado tanto outrora,
10 "Se os romanhóis têm paz, diz-me, se guerra,
Pois eu fui lá dos montes, entre Urbino
E essa, origem do Tibre, altiva serra."[7]
11 Para escutar atento a fronte inclino.
Eis, tocando-me a um lado, diz meu Guia:
"Podes ora falar, que este é latino."[8]

Eu, que já prestes a resposta havia,
Tornei ao pecador incontinente:
“Alma, que o fogo assim veste e crucia,
“Tua Romanha em guerra permanente
Sempre é no coração dos seus tiranos:[9]
Porém nenhuma agora tem patente.
“Hoje é Ravena[10] o que era: há longos anos,
De Polenta a águia forte ali se aninha;
Com largas asas cobre à Cérvia os planos.
“A terra, que no tardo assédio tinha
Pelo sangue francês sido inundada,
Sob verde leão sofre mesquinha.[11]
“Dos Mastins de Verrucchio[12] a subjugada
Gente os dentes cruéis inda sentia:
Morte a Montagna deram desapiedada.[13]
“Em Lamone, em Santerno inda regia
Do alvo ninho o leão, se convertendo
De um para outro partido cada dia.[14]
“A cidade[15] que o Sávio banha, sendo
Entre o plaino e a montanha, em liberdade
Ou vive ou sob o jugo vai sofrendo.
“Ora nos diz quem foste na verdade;
Condescendente sê, como hemos sido:
No mundo haja o teu nome longa idade.”
O fogo rumoreja e comovido
De um lado a outro a ponta aguda agita;
Depois emite a voz neste sentido:
“Se esta resposta minha fosse dita
A quem do mundo à luz daqui voltasse,[16]
Queda ficara a minha língua aflita.
“Mas como é certo que jamais tornasse
Quem no Inferno caiu, se não me engano,
De falar não hei medo, que embarace.[17]

23 “Homem de armas, depois fui franciscano,
Crendo pelo cordão ser emendado:[18]
Por crê-lo, certo, me esquivara ao dano,
24 “Se o Papa (todo o mal seja-lhe dado!)
Não me volvesse à primitiva estrada,
Como e por que te fique declarado.
25 “Enquanto a humana[19] forma era habitada
Por mim, não provei ser leão por feitos,
Mas raposa,[20] por astúcia abalizada.
26 “Estratégia sutil, ardis perfeitos
Tantos soube, que os âmbitos da terra
Eram à fama de meu nome estreitos.
27 “Da existência na quadra,[21] em que muito erra
Quem, de surgir no porto esperançado,
Nem colhe os cabos nem as velas ferra,
28 “Odiei quanto houvera mais amado[22]
E humildei-me[23] confesso e arrependido…
E o perdão, ai de mim! fora[24] alcançado…
29 “Dos novos fariseus Príncipe infido[25]
Em Latrão[26] guerra crua declarara,
Não contra mouro, nem judeu[27] descrido,
30 “Contra cristãos as iras ateara:
Nenhum traidor contra Acre combatera[28]
Ou do Soldão na terra traficara.[29]
31 “Sacras ordens[30] em si não considera,
Nem cargo excelso, em mim o da humildade
Cordão, que os penitentes seus macera.[31]
32 Como foi de Siratti à soledade
Constantino a Silvestre pedir cura[32]
Da lepra: assim também à enfermidade
33 “Do seu febril orgulho[33] este procura
Remédio em meu conselho. Escrupuloso

Calei-me: de ébrio vi nele a loucura.
34 “Fala”[34] — insistiu — “não sejas temeroso!
Absolto és desde já, se Palestrino[35]
A vencer me ensinares ardiloso.
35 “Eu abro e fecho o céu:[36] poder divino
As duas chaves têm, a que há negado
O meu antecessor[37] preço condigno.”
36 Já destas razões graves abalado,
Pior partido no silêncio vendo,[38]
Tornei-lhe: — “Padre Santo, se o pecado,
37 “Em que ora vou cair, estás-me absolvendo,
Darás ao sólio teu glória e conforto
Prometendo demais, pouco fazendo.[39]
38 “Francisco[40] me acudiu, quando fui morto;
Mas clamou anjo negro[41] apressurado:
— Não mo tomes; que assim me causas torto!
39 “Lugar foi-lhe entre os meus assinalado:
Dês que há dado o conselho fementido,[42]
Ficou pelos cabelos agarrado.
40 “Perdão só tem quem geme arrependido;
Pecado à penitência não se amanha.
Não pode aquele andar a esta unido.
41 “Ai! qual foi meu pavor, quando, com sanha
Empolgando-me,[43] disse: — Creste acaso
Que me falta de lógico arte e manha?
42 “A Minos[44] me arrastou, que sem mais prazo
Da cauda em voltas oito o dorso enreda;
Raivoso morde-a[45] e diz: — É neste caso
43 “Que aos maus prisão se dá na labareda.[46]
Assim onde me vês, fiquei perdido;
Vou chorando, em tais vestes,[47] minha queda.”
44 Tendo, pois, desta sorte concluído,

Aquela flama se partiu gemendo
E agitando o seu vértice estorcido.
Eu e Virgílio então, seguido havendo
Pelo rochedo, ao arco nós subimos,
Que o nono fosso cobre, onde sofrendo
Os que cizânia semearam[48] vimos.

---

[1] "Síciulo touro": o touro siciliano. Conta-se que o artesão ateniense Perilo havia construído para Fálaris, tirano de Agrigento, um touro de bronze como instrumento de tortura. Os condenados eram colocados no ventre do touro aquecido; e o touro havia sido fabricado de modo que os gritos dos condenados saíssem da sua boca com som de mugidos. Entretanto, o primeiro a experimentar tal suplício foi o próprio artesão.

[2] Perilo.

[3] Do mesmo modo o som plangente (do condenado dentro da chama) se convertia no rumor da chama, já que a voz não encontrava um caminho (na chama) pelo qual pudesse irromper prontamente.

[4] "Mas, depois que as palavras conseguiram sair pela ponta da chama, que se movia seguindo o impulso da língua do danado, ouvimos…"

[5] Virgílio, quando deu a permissão para que Ulisses se retirasse, falou segundo o seu modo natural de falar, que era lombardo.

[6] Segundo alguns, a Itália em geral. Segundo outros, a região da Romanha.

[7] O personagem foi do contado de Montefeltro, que fica na região montanhosa entre Urbino e a cadeia onde nasce o rio Tibre (o rio nasce no monte Coronaro).

[8] Diferentemente de Ulisses e Diomedes.

[9] Os senhores da Valle Padana. O termo tiranos é empregado com valor negativo, indicando pessoas que se apossam do poder ilicitamente.

[10] Tem início aqui o elenco de algumas cidades da Romanha.

Hoje é Ravena o que era há longos anos: Ravena tem, há muito tempo, o mesmo

governo. A cidade era governada por Guido il Vecchio da Polenta (pai de Francesca, do canto V) desde 1275. O brasão da família Da Polenta era uma águia, que, diz Dante, abriga a cidade no seu ninho; e suas asas chegam a cobrir até mesmo a Cérvia, pequena e rica cidade perto de Ravena.

[11] Forli, reduto dos gibelinos na Romanha, foi assediada, de 1281 a 1283, por guelfos e franceses, rendendo-se ao final.

“Tardo assédio”: demorado.

“Verde leão”: brasão dos Ordelaffi. Scarpetta degli Ordelaffi era senhor de Forli desde 1296. Dante está apenas dizendo que, em 1300, Forli ainda está sob o mesmo governo: “sofre mesquinha” é acréscimo da tradução.

O assédio a Forli teve como protagonista Guido da Montefeltro, que é o interlocutor de Dante, embora este não o saiba: Guido da Montefeltro era o comandante dos gibelinos e, com admirável estratégia militar, conseguiu abater um grande número de franceses.

[12] Fala-se aqui de Rimini.

Mastins de Verrucchio: os Malatesta, pai (Malatesta il Vecchio) e filho (Malatestino). Malatesta il Vecchio era pai também de Gianciotto e Paolo, marido e cunhado de Francesca. Verrucchio era um castelo perto de Rimini, dado a Malatesta il Vecchio.

O termo mastins se refere provavelmente à crueldade dos Malatesta, embora alguns digam que o “mastins” fazia parte do brasão de um dos ramos da família.

Malatesta il Vecchio tomou o poder da cidade em 1295, após a expulsão dos gibelinos; o filho o sucedeu em 1312.

“Morte a Montagna deram desapiedada”: Montagna dei Parciati era a primeira família gibelina de Rimini. Quando os gibelinos deixaram a cidade, a família ficou nas mãos dos Malatesta, que a mataram cruelmente.

[13] Verso aparentemente hipérmetro. Uma solução seria ler “dão” em vez de “deram”.

[14] As cidades aqui são Faenza, banhada pelo rio Lamone, e Imola, perto do rio Santerno.

Do alvo ninho o leão: o leão (azul) em campo branco estava no brasão de Maghinardo dei Pagani da Susinana, que governava as cidades.

“Se convertendo / De um para outro partido cada dia”: Maghinardo era gibelino de família, mas se comportava como gibelino na Romanha, enquanto se comportava como guelfo na Toscana. Dizem até que seu comportamento era incoerente dentro da própria Romanha.

[15] Cesena, banhada pelo rio Sávio.

Do mesmo modo como a cidade se situa entre o plano e a montanha, sua situação política está entre a liberdade e a tirania. Cesena não era governada por uma dinastia; de 1296 a 1300, foi governada por Galasso da Montefeltro, primo de Guido, que deixava a cidade em aparente estado de liberdade.

[16] O personagem não sabe que está falando com um homem vivo, como se podia perceber já nos vv. 25-27.

[17] O personagem teme a infâmia em que cairá, se o mundo souber a história que contará.

[18] O personagem que fala é Guido da Montefeltro, morto em 1298, um dos mais importantes chefes gibelinos do período, famoso nas empresas militares. Em 1296, tornou-se frade franciscano, e é por isso que ele não quer que a história que contará seja conhecida. De fato, a conversão no final da vida teria sido um motivo para a sua salvação, se não fosse por esse fato, desconhecido por muitas pessoas. Guido, portanto, não quer que as pessoas conheçam a sua culpa e mudem de ideia a seu respeito.

[19] O corpo.

[20] A força é própria do leão, enquanto a astúcia é própria da raposa. Guido da Montefeltro era famoso por sua valentia em guerra, mas também era famoso por sua extrema astúcia, que superava aquela e que é o motivo pelo qual ele se encontra entre os fraudulentos, no oitavo círculo.

[21] Na velhice, época (quadra) da vida em que o homem, aproximando-se do porto, tem de colher os cabos e ferrar as velas da sua nave.

[22] O uso da fraude.

[23] “Submeti-me”: pode ser referência à sua entrada na ordem religiosa ou referência ao seu arrependimento e à sua total submissão a Deus.

[24] Teria sido.

[25] O Príncipe infido dos novos fariseus é Bonifácio VIII, mencionado no v. 70.

Os novos fariseus são os sacerdotes, hipócritas como os fariseus antigos.

[26] O palácio de Laterano era, na época, sede do papa e da cúria. A família Colonna, inimiga do papa, vivia perto do palácio. A “guerra crua” se refere provavelmente a essa inimizade. Mas a expressão pode referir especificamente à inimizade do papa aos cardinais Piero e Iacopo Colonna, como ficará mais claro adiante na narração. De qualquer modo, Latrão indica uma guerra no coração da Igreja, uma guerra entre cristãos.

[27] Mouro e judeu: os infiéis em geral.

[28] E nenhum desses cristãos mereceu a guerra, por ter sido traidor.

Acre: São João D’Acre, último baluarte cristão na Palestina depois das Cruzadas, tomado em 1291. Guido, portanto, diz: nenhum desses cristãos foi um traidor (como teria sido aquele que participou da tomada de São João D’Acre).

[29] Era vedado aos cristãos vender suas mercadorias em terras muçulmanas. Guido diz, portanto: nenhum desses cristãos foi desobediente.

[30] Sacras ordens: o sacerdócio. Cargo excelso: o supremo cargo de pontífice.

[31] O cordão franciscano (o cordão da humildade), que deveria mortificar os seus penitentes. O texto original diz que o cordão “costumava tornar magros (pela abstinência) aqueles que se cingiam dele”, aludindo à corrupção da ordem franciscana. Bonifácio VIII, portanto, não respeitou nem os seus próprios vínculos sagrados nem aqueles de Guido.

[32] Dizia-se que o imperador Constantino, com lepra, havia mandado chamar o papa Silvestre I, que se escondia em uma gruta no monte Soratte (Siratti), para se proteger das perseguições. O papa batizou o imperador, que imediatamente ficou curado. A essa lenda já aludiram os vv. 115-117 do canto XIX do “Inferno”. A tradução diz que o imperador foi ao encontro do papa, talvez por causa de um termo empregado no italiano, que pode levar a entender o texto desse modo.

[33] A avidez de Bonifácio pelo poder.

[34] Bonifácio pensa que Guido se cala por medo.

[35] Palestrina, fortaleza dos Colonna.

Era já antiga a rivalidade dos Colonna e dos Caetani (família do papa). Entretanto, essa rivalidade se agravou quando, em 1297, os cardinais Piero e Iacopo Colonna declararam inválida a abdicação do papa Celestino V e,

consequentemente, a eleição de Bonifácio VIII. Este os excomungou e exigiu que reconhecessem a sua autoridade. Os cardinais se recusaram a fazer isso e se refugiaram em Palestrina, fazendo frente aos ataques do papa, até que este, seguindo o conselho de Guido, conseguiu abater a fortaleza.

[36] Absolvendo e condenando.

[37] Celestino V, que havia renunciado ao papado. Há certa malícia na expressão, pois, dizia-se, Bonifácio havia induzido Celestino à renúncia.

[38] Duas são as principais interpretações: o silêncio (a desobediência ao papa) poderia ter sido um pecado pior do que a fraude; o silêncio poderia ter sido uma situação pior, pois poderia despertar a ira de Bonifácio, que poderia ser mais temível do que o pecado. Além disso, Guido pode ter pensado que o seu silêncio teria resultado na sua excomunhão.

[39] “Triunfarás, dando glória ao sólio, prometendo muito, mas mantendo pouco”.

O conselho de Montefeltro é não insistir na guerra (pois os Colonna eram fortes e Palestrina era inexpugnável), mas fazer pactos, sem cumpri-los. Bonifácio ofereceu um acordo aos inimigos, que pediram perdão. Além disso, disse que anularia a excomunhão e restituiria os cargos dos cardinais, em troca da rendição de Palestrina. Tendo a fortaleza sob seu poder, Bonifácio VIII a destruiu, tornando a perseguir seus rivais.

Sólio: o trono pontifício.

[40] São Francisco.

[41] Diabo.

[42] “Enganoso”, “desleal”.

[43] “Agarrando-me”.

[44] O juiz infernal.

[45] Minos pode ser considerado reflexo da alma dos danados. Seu gesto, aqui, pode ser interpretado como a consciência de Guido ou a sua raiva, por ter atendido ao pedido de Bonifácio VIII.

[46] Na oitava fossa de Malebolge.

[47] A chama.

[48] Os semeadores de discórdia, punidos na oitava fossa.

CANTO XXVIII

Estão na cava nona atormentados os causadores de escândalos, cismas e heresias: consiste a pena dos condenados na mutilação. Apresentam-se Maomé, Bertram de Born e outros.

Malebolge, nona fossa: semeadores de escândalo e cisma. Maomé, Pier da Medicina, Mosca dei Lamberti e Bertran de Born falam com Dante, mostrando-lhe outros.

1 Dizer o sangue e as chagas espantosas,
Que eu vi neste lugar,[1] quem poderia,
Em livre prosa e em vezes numerosas?[2]
2 Nenhuma língua, certo, bastaria;
Fraca a palavra, inábil nossa mente
Para horror tanto compreender seria.
3 Quando junta estivesse[3] toda a gente,
Que lá da Apúlia na infelice terra,
Perdera o sangue seu na luta ingente
4 Dos romanos[4] por mãos; e em crua guerra[5]
A que tantos de anéis deixou vencida,
Como refere Lívio, que não erra;
5 E a que[6] fora por golpes abatida,
Quando a Roberto Guiscardo[7] resistia;
E a que tem[8] sua ossada inda espargida
6 De Ceperã no campo, onde traía
Cada apulhês; e que no Tagliacozzo
O velho Alard sem combater vencia:[9]
7 Das feridas o aspecto lastimoso
Não fora qual no fosso nono imundo
Apresentava o bando criminoso.
8 Qual tonel, que aduelas[10] perde ao fundo,
Estava um pecador[11] que roto eu via
Das fauces ao lugar que é menos mundo.
9 As entranhas pendiam-lhe; trazia
Patentes os pulmões[12] e o saco[13] feio
Onde o alimento de feição varia.
10 A contemplá-lo estava de horror cheio.
Eis me encara e me diz, abrindo o peito:
“Vê como eu tenho lacerado o seio!
11 “Mafoma[14] sou, quase pedaços feito;
Antecede-me Ali,[15] que se lamenta:

Do mento à testa o rosto lhe é desfeito.
12 “Todos, que a dor aqui tanto atormenta
De escândalos, de cismas inventores,[16]
Fendidos têm, qual vês, pena cruenta.
13 “Demônio deixo atrás, que os pecadores
Aos fios passa de cruel espada.
Da multidão nenhum aos seus furores
14 “No giro escapa da afrontosa estrada.[17]
Cerra-se em todo cada golpe horrendo
Antes que torne a olhar-lhe a face irada.
15 “Mas quem és que, na rocha te detendo,
Estás dessarte a dilatar a pena.
Que Minos te aplicou, teus crimes vendo?”[18]
16 “Não é morto; sentença o não condena”
Torna o Mestre — “não vem por seu castigo,
Mas para ter experiência plena.
17 “Descendo ao mais profundo vai comigo,
Que morto sou, dos círculos temidos:
Tão certo[19] é como falo ora contigo.”
18 Ouvindo mais de cento dos punidos,
De espanto a me encarar se demoraram,
Dos seus próprios tormentos esquecidos.
19 “A Frei Dolcino[20] diz, pois não findaram
Teus dias e hás de ao sol tornar em breve,
Se desejos de ver-me o não tomaram,[21]
20 “Que se aperceba;[22] pois, cercando-o a neve,
Dará triunfo à gente de Novara,
A quem vencê-lo assim há de ser leve.”
21 Para partir um pé Mafoma alçara
Ao tempo em que palavras tais dizia.
Baixou-o e foi-se, apenas rematara.
22 De goela golpeada[23] outro acorria;
Té as celhas[24] nariz tendo truncado,

Uma orelha somente possuía.
23 Como os mais, contemplando-me pasmado,
Aos mais se antecipou e, escancarando
O canal,[25] que de sangue era inundado,
24 “Ó tu” — falou-me — “que não estás penando,
Que outrora hei visto em região latina,
Se eu não erro aparências aceitando,
25 “Recorda-te de Pier de Medicina[26]
Se tornar-te for dado ao belo plano,
Que de Vircello a Marcabó se inclina.[27]
26 “E aos dois nobres varões dize de Fano,
Misser Angiolello e Misser Guido[28]
Se, o futuro antevendo, eu não me engano,
27 “Que do baixel,[29] que os haja conduzido,
De Católica ao pé, ao mar lançados
Serão por ordem de um tirano infido.
28 “Por gregos, por piratas perpetrados,
Entre Chipre e Maiorca, ao infame feito
Não viu Netuno crimes igualados.[30]
29 “Ao traidor, que de um olho tem defeito,[31]
Dessa terra opressor, que um companheiro
Meu tivera em não vê-la mor proveito,[32]
30 “Irão a seu convite prazenteiro
Para acordo; mas votos de Focara[33]
Não fará por temer vento ponteiro.
31 “Revela-me” — tornei-lhe — “e me declara,
Desse favor[34] que deprecaste, em troca,
Quem[35] de ver essa terra se pesara.”
32 As mãos de um pecador alçando à boca[36]
Escancarou-a e disse-me gritando:
— “É este; a voz, porém, se lhe sufoca.
33 “Exulado, ele foi quem, dissipando

Hesitações de César, lhe afirmava,
Que a ocasião perdia demorando”.[37]

34 Oh! Quão pávido Cúrio se mostrava,
Tendo cortada a língua na garganta,
Que outrora tanta audácia aconselhava!

35 Dos decepados braços alevanta
Outro os cotos ao ar caliginoso:
Banha-lhe o sangue[38] a face, que me espanta.

36 Gritou: — “Memora Mosca[39] desditoso!
Fui quem disse: — O seu fim tem coisa feita[40]
Fatal dito: à Toscana, ai! bem danoso!”

37 “E à tua raça,[41] que à morte foi sujeita!” —
Atalhei. Sobre a dor, se acendendo
Em desesp’ rança se partiu desfeita.

38 Aquela multidão ’stava[42] atendendo,
Coisa assombrosa eis vejo, que inda hesito
Em narrar, provas[43] outras eu não tendo.

39 Da consciência já me alenta o grito,
Sócia fiel, que o homem torna forte,
Sob o arnês da verdade, sempre invicto.

40 Eu via, e cuido ver na mesma sorte,
Apropinquar-se um corpo sem cabeça,
Por entre os outros da infeliz coorte;

41 Caminha, alçando-a pela coma espessa,
Da mão pendente a modo de lanterna:
Gemendo, os olhos seus nos endereça.

42 Servia ele a si próprio de luzerna.
Eram duas em um, era um em duas:[44]
Como ser pode, sabe-o quem governa.[45]

43 Chegado ao pé da ponte, das mãos suas
Uma ao alto a cabeça levantava
Para lhe ouvirmos as palavras cruas.

44 “Vê meu duro castigo!” — assim falava —

“Tu, que os mortos visitas, sendo em vida:
Outro já viste igual ao que me agrava?
45 “Eu sou — faz minha história conhecida
Voltando à luz — Bertram de Born,[46] que há dado
Ao jovem rei consulta, em mal tecida.
46 “Pai e filho inimigos hei tornado:
As iras de Absalão mais não movera,
Contra David Achitofel malvado.[47]
47 “Laços tais como eu, pérfido, rompera,
Meu cérebro assim levo desunido
Desse princípio, que no corpo impera.
Por lei sou, pois, de talião punido.”[48]

---

[1] Nona fossa.

[2] Sentido concessivo: mesmo narrando em prosa e numerosas vezes, de modo a completar o quadro.

[3] Inicia-se aqui um elenco de várias batalhas antigas e modernas, para dizer: se toda a gente ferida em batalhas antigas e modernas se juntasse, não se igualaria o aspecto da nona fossa.

[4] O texto original diz “troianos”. Ainda hoje não se sabe com certeza a que luta o texto se refere.

Na época, a Apúlia correspondia ao reino da Sicília continental, podendo indicar, em geral, a Itália meridional. Se “troianos” do texto original é entendido como o grupo comandado por Eneias, e se a Apúlia é tomada de modo a abranger também o Lácio (onde está Roma), essa luta pode ser entendida como aquela realizada pelos troianos para se estabelecerem na Itália.

Outros, interpretando “troianos” como “romanos”, pensam que se trate das Guerras Samnitas.

Outros, também interpretando “troianos” como “romanos”, pensam que seja uma antecipação da guerra mencionada logo a seguir, referindo-se todo o trecho à segunda Guerra Púnica.

[5] Referência à batalha de Canas (na Apúlia), durante a segunda Guerra Púnica.

Segundo o historiador romano Tito Lívio, Aníbal recolheu uma imensa quantidade de anéis, que pertenciam aos romanos mortos na batalha.

Que não erra: que é digno de fé.

[6] “A gente que”, como no v. 7.

[7] Roberto Guiscardo: normando, nomeado duque da Apúlia em 1059, conquistou o território da Apúlia depois de longa batalha.

[8] Aqueles que caíram nas batalhas travadas por Carlos I d’Anjou para dominar a Itália meridional, quando entrou no Reino da Apúlia, opondo-se ao rei Manfredi (filho de Federico II), que morreu na batalha de Benevento, em 1266. Tais batalhas eram recentes; por isso, Dante diz que os ossos dos cadáveres insepultos inda espargem o solo.

Ceperã: a pequena cidade de Ceprano era como uma porta de entrada para o Reino da Apúlia. Dizia-se que Manfredi havia deixado barões da Apúlia como guardiões da cidade, mas estes o traíram deixando entrar as tropas de Carlos d’Anjou. Por isso, o texto diz “onde traía / Cada apulhês”. A grande batalha não ocorreu efetivamente em Ceprano; a cidade é mencionada para sublinhar a traição que estava na origem de tantas mortes.

Tagliacozzo: perto de Tegliacozzo, em 1268, ocorreu outra batalha, na qual Corradino (o último dos Hohenstaufen, dinastia de Federico II) foi vencido por Carlos d’Anjou. Essa batalha determinou o domínio de Carlos d’Anjou sobre o sul da Itália.

[9] Corradino pensava ter vencido a batalha, mas, quando estava repousando, foi surpreendido por uma nova frota francesa. Isso ocorreu por conselho do velho cavaleiro Erard de Valéry, que, portanto, venceu a batalha não combatendo, mas dando um conselho.

[10] Tábuas de madeira que formam o corpo do tonel. Para total compreensão da comparação, é melhor entender: que aduelas perde até o fundo, o que cria uma abertura ao longo de todo o tonel.

[11] Um pecador rasgado do queixo (fauces: garganta) ao ânus (o lugar que é menos limpo).

[12] No original, emprega-se termo que designa o coração, os pulmões e o fígado.

[13] Estômago. Os termos usados no original são muito mais baixos e violentos.

[14] Maomé, o fundador do islamismo. Na Idade Média, acreditava-se que Maomé tivesse sido um padre cristão, desviando-se para o cisma por influência de um prelado que não tinha conseguido se eleger para o papado. Segundo algumas fontes, esse prelado seria o próprio Maomé. Por isso, ele é colocado entre os cismáticos e não entre os hereges.

[15] Ali: primo e genro de Maomé e seu fiel discípulo. Criou, por sua vez, um cisma dentro do islamismo. Mas a sua presença na nona fossa se deve provavelmente ao fato de ter continuado a obra cismática de Maomé. De fato, o rasgo no corpo de Maomé é completado pelo rasgo no rosto de seu primo.

[16] Cisma tem o sentido especificamente religioso, enquanto escândalo se refere ao âmbito moral e civil.

[17] Quando acaba de dar a volta na fossa.

[18] Ele pensa, como outros, que Dante seja um danado que acabou de chegar ao Inferno.

[19] “Isso que estou te dizendo é tão verdadeiro…”

[20] Frei Dolcino: Dolcino Tornielli di Novara, popularmente chamado *fra* Dolcino. Componente da seita dos Apostólicos, fundada por Gerardo Segarelli. Depois da prisão deste e da sua condenação à fogueira (1300), Dolcino assumiu a chefia da seita, sobre a qual não há muitas informações.

Clemente V proclamou uma cruzada contra os Apostólicos. Em 1306, depois de alguns anos de resistência, Dolcino se refugiou com seus seguidores no monte Zebello, entre Novara e Vercelli, cujos habitantes os perseguiam. Entretanto, a neve e a falta de comida os levou à rendição e Dolcino foi condenado à fogueira em 1307.

[21] Se ele não quiser morrer daqui a pouco tempo, descendo à nona fossa.

[22] “Que se abasteça de mantimentos”.

[23] Ferida, aberta.

[24] As pálpebras.

[25] A garganta, de onde saía o som das palavras.

[26] Pier de Medicina: Pier da Medicina, não identificado com certeza pelos

estudiosos, pois os documentos do século XIII registram mais de um Pier entre os senhores de Medicina, entre Bolonha e Ímola. Segundo autores antigos, tratar-se-ia de um incitador de discórdias na Romanha. Diz-se também que ele teria criado discórdias entre Guido da Polenta, senhor de Ravena, e Malatesta, senhor de Rimini.

[27] Belo plano: a chamada *pianura Padana*, que desce brandamente de Vercelli em direção a Marcabó, castelo construído perto do que era a foz do Po di Primaro.

[28] Angiolello da Carignano (gibelino) e Guido del Cassero (guelfo), de duas famílias nobres de Fano.

[29] Fato do qual não se tem notícias: Malatestino, senhor de Rimini ("tirano infido"), teria convidado os dois nobres a Católica (cidade voltada para o Adriático), para conversarem e acordarem a paz entre as cidades. Entretanto, quando estavam de caminho de Católica, ambos teriam sido jogados do barco, amarrados a grandes pedras.

[30] Gregos: os gregos antigos.

Entre Chipre e Maiorca: em todo o Mediterrâneo, cujos limites são marcados pela ilhas Maiorca (ocidente) e Chipre (oriente).

Netuno: correspondente ao grego Posêidon, deus do mar. Aqui é a própria personificação do mar.

Logo, os versos significam: o Mediterrâneo nunca viu um feito tão infame quanto esse.

[31] Malatestino tinha apenas um olho.

[32] Opressor dessa terra: senhor de Rimini.

"Que um companheiro…": cidade que um dos danados da nona fossa (um companheiro meu) gostaria de nunca ter visto. Mais adiante será revelado de quem se trata.

[33] Soprava de Focara um vento muito forte, que colocava em risco as navegações. Por isso, conta-se que, passando diante de Focara, os navegantes faziam votos e orações. Logo, a frase diz: não chegarão a fazer votos, por temer o vento de Focara (pois estarão mortos antes disso).

[34] Pier da Medicina havia pedido a Dante que se recordasse dele, quando

voltasse para a terra.

[35] Alusão ao companheiro dos vv. 85-87.

[36] “Alçando as mãos à boca de um pecador”.

[37] Caio Curião, tribuno da plebe, exilado de Roma porque defensor do partido de Júlio César. Juntou-se a Júlio César em Ravena (49 a.C.), mediando a sua troca de cartas com o Senado. Levou a Júlio César a ordem do Senado de dispensar as tropas (caso contrário, ele seria declarado inimigo da pátria). Vendo a hesitação de César, aconselhou-o a aproveitar a ocasião para atravessar o rio Rubicão e marchar contra Roma. Isso determinou o início da guerra civil. Dante segue aqui o que narra Lucano no primeiro livro da *Farsália*.

Dante não condena a atitude de César, que foi determinante para o estabelecimento do Império. O que ele condena é a intenção de Curião, que aproveitou a ocasião para fazer nascer uma guerra.

[38] O sangue que cai dos braços.

[39] Mosca: Mosca dei Lamberti (morto em 1242), uma das mais famosas famílias gibelinas de Florença. Dante pergunta por ele no diálogo com Ciacco (canto VI do “Inferno”), mencionando-o com outros personagens importantes florentinos, como Farinata.

Fala-se aqui de um fato ocorrido em 1216: Buondelmonte dei Buondelmonti estava prometido a uma integrante da família Amidei, mas ele não cumpriu a promessa e se casou com uma Donati. Diante disso, os Amidei se reuniram em conselho com seus aliados (dentre os quais os Lamberti) e Mosca sugeriu que Buondelmonte fosse morto. O assassinado de Buondelmonte deu início à rivalidade entre guelfos e gibelinos em Florença.

[40] A frase significa: quando a coisa é feita (completa), ela tem um fim, um objetivo, sendo segura. Já as coisas feitas pela metade não podem dar segurança sobre aquilo que seguirá.

[41] Os Lamberti, que foram exilados definitivamente de Florença em 1268.

[42] Sujeito: eu.

[43] “Testemunhas”.

[44] Eram duas em um: duas partes formavam uma só pessoa.

Era um em duas: uma pessoa era dividida em duas partes.

[45] Deus.

[46] Bertram de Born: Bertran de Born, visconde de Hautefort, viveu na segunda metade do século XII e foi grande poeta provençal.

Contava-se que Bertran, súdito do rei da Inglaterra Henrique II, havia encorajado o primogênito do rei, também chamado Henrique, a se rebelar contra o pai.

Jovem rei: o filho, que, embora o pai estivesse vivo, já havia sido coroado.

[47] Aitofel era conselheiro do rei Davi e incitou o filho deste, Absalão, a ficar contra o pai (2 Reis 15-17).

[48] Lei de talião: na verdade, o original diz “contrapasso”, o princípio de analogia entre a pena e a culpa cometida. Trata-se da norma muitas vezes seguida no poema.

CANTO XXIX

Chegando à ponte superposta à décima e última cava, ouve Dante as lamentações e gemidos dos falsificadores e alquimistas ali atormentados; mas, como a escuridão não permite vê-los distintamente, desce até o fundo, e os vê afligidos de horrendas enfermidades. Apresentam-se Grifolino e Capocchio.

Depois de permanecer um pouco na nona fossa, os poetas se dirigem para a décima e última fossa de Malebolge. Malebolge, décima fossa: falsários. Dante e Virgílio veem as almas dos alquimistas (falsificadores de metais). Griffolino d'Arezzo e Capocchio falam com os poetas. Dante e Capocchio criticam os habitantes de Siena.

1 Meus olhos tanto inebriado haviam
A turba enorme e o seu cruel tormento,
Que alívio em pranto procurar queriam.
2 “Por que assim” — diz Virgílio — “estás atento?
Por que à vista dos tristes mutilados
Te prende ainda o duro sofrimento?
3 “Tal não fizeste em antros já passados.
Estão, se os resenhar é tenção tua,
Por milhas vinte e duas[1] derramados.
4 “Já sob os nossos pés evolve a lua;[2]
É-nos escasso o tempo concedido;
O que ainda hás de ver detença exclua.”
5 “Talvez se houveras” — torno — “conseguido
Ver o motivo por que eu tanto olhava,
Mais demora tivesses permitido.”
6 Já se partia; e eu logo caminhava,
Quando assim lhe falava em resposta,
Acrescentando: “Lá, naquela cava,
7 “Onde a vista cuidosa estava posta,
Da estirpe minha um esp’rito carpia
Por culpa, a que mor pena está disposta.”
8 “Não te confranjas mais” — responde o Guia —
“Nos males, que padece, cogitando.
De tal cuida; estar nesse antro merecia.[3]
9 “Ao pé da ponte o vi, te indicando,
O dedo alçava em cominante[4] gesto:
Geri del Bello[5] estavam-no chamando.
10 “Eras absorto no semblante mesto
Daquele que senhor foi de Altaforte:[6]
Quando atentaste, se ausentara presto.”
11 “Ó Mestre” — eu disse — “a violenta morte
Que ainda não puniu justa vingança
De quem naquela afronta era consorte,[7]

12 “Deu causa a usar, ao ver-me, essa esquivança
Talvez e ao seu silêncio: assim pensando
Maior piedade[8] do seu mal me alcança.”
13 Ao rochedo chegamos praticando,
Donde outro val divisa-se: o seu fundo
Todo se vira, a luz não lhe faltando.
14 Subidos do final claustro profundo
De Malebolge à ponte,[9] onde os conversos
Já distinguia do recinto imundo,
15 Lamentos e ais feriram-me diversos;
De mágoa[10] tanto o peito assetearam,
Que os ouvidos tapei aos sons adversos.
16 Tão penetrante dor denunciaram,
Como se da Maremma e da Sardenha
Enfermos no verão se incorporaram.[11]
17 De outros à turba, que remédio venha
Nos hospitais buscar de Valdichiana.
Odor surdia, igual ao que já tenha
18 Corrupto corpo, se gangrena o dana.
Baixando à sestra até a riva[12] extrema,
Mais claramente da caverna insana
19 Então vimos o fundo, onde a Suprema
Infalível justiça a raça impia
Dos falsários em pena infinda prema.[13]
20 De Egina[14] quando o povo adoecia
E o ar maligno, aos animais a morte
Trazendo, os próprios vermes extinguia,
21 Deserta sendo a terra de tal sorte
Que às formigas (poetas o afirmavam)[15]
Deveu a antiga gente o alento forte:
22 Cenas tais mais tristeza não causavam
Do que almas ver, que essa prisão sombria
Em rumas várias lânguidas juncavam.[16]

23 Qual sobre a espalda de outro se estendia,
Qual sobre o ventre seu, qual, se arrastando
Na dolorosa estrada, se estorcia.
24 Silentes, passo a passo, caminhando,
Vemos, ouvimos míseros prostrados,
Em vão para se erguerem se esforçando.
25 Sentados dois, um no outro recostados,
Quais torteiras que juntas se aquecessem,[17]
Vi do alto aos pés de pústulas[18] manchados,
26 Os criados, que os amos seus apressem,
Ou que estejam velando de mau grado,[19]
Almofaça[20] não vi que assim movessem
27 Como cada um se agita acelerado,
Com implacáveis unhas se mordendo,
De raivoso prurido atormentado;
28 Iam da pele as crostas abatendo,
Como a faca do sargo[21] arranca a escama
Ou de peixe, na casca mais horrendo.
29 "Ó tu", contra um dos dois Virgílio exclama,
"Que os dedos teus convertes em tenazes
Por desmalhar do corpo a extrema trama,
30 "Dize se entre estas almas contumazes
Existe algum latino: eternamente
Sejam-te as unhas de servir capazes!"
31 "Latinos somos" — torna diligente
Um dos dois padecentes lacrimoso,
"Mas tu quem és? Em declarar consente."
32 "Eu sou quem" — diz Virgílio ao desditoso
"De círc'lo em círc'lo este homem vivo guia
Por lhe mostrar o abismo pavoroso."
33 Já cessa o mútuo arrimo[22] que os unia:
A mim volveu-se cada qual tremendo;[23]
Turba imitou-os, que em redor ouvia.

34 Acercou-se-me o Guia assim dizendo:
“Quanto quiseres tu agora dize.”
Eu logo comecei lhe obedecendo:
35 “Nunca a memória vossa finalize![24]
Na primeira mansão[25] da humana raça!
Mas por sóis numerosos se abalize![26]
36 “Quem sois? E donde? De o dizer a graça
Fazei: a vossa pena, imunda é certo,
De responder-nos pejo vos não faça.”
37 “De Arezzo[27] fui”, disse um, “de Siena Alberto
Morte me deu nas chamas truculento
Por feito, a que não fora o Inferno aberto.[28]
38 “Dissera, em gracejar só pondo o intento:
‘Alçar-me aos ares posso velozmente.’
Essa arte, por ter curto o entendimento,
38 “Houve ele de saber desejo ardente.
Como o não fiz um Dédalo,[29] à fogueira
Mandou-me quem seu pai foi certamente.[30]
40 “Mas das cavas caí na derradeira
Por sentença de Minos rigorosa:
Foi meu crime a alquimia[31] traiçoeira.”
41 E ao Vate eu disse: “Nunca tão vaidosa[32]
Gente pôde alguém ver como a de Siena!
Nem a de França há sido tão sestrosa!”[33]
42 O segundo leproso então me acena
Dizendo: “Salvo Stricca, homem poupado,
Que todo o excesso em despender condena![34]
43 “Salvo Nicoló[35] aquele que inventado
Do cravo tinha a rica especiaria,
O seu uso deixando enraizado!
44 “Salvo Caccia de Ascian e a companhia,
Com quem vinhas e bosques esbanjava[36]

E o Abbagliato[37] as chanças esgrimia!
45 “Para que saibas quem destarte agrava
Contra os de Siena o teu severo asserto,
No meu triste semblante os olhos crava.
46 “De que ora vês Capocchio[38] já estás certo,
Que, alquimista, os metais falsificara.
Sabes como eu, se em recordar acerto,[39]
Natura, hábil bugio,[40] arremedara.”

---

[1] A fossa realiza um giro de 22 milhas.

[2] Recorde-se que o Inferno está no meridiano de Jerusalém. No plenilúnio, o Sol se encontra no zenite (ponto perpendicular em relação ao observador: o ponto mais alto) quando a Lua se encontra sob os pés dos poetas (no ponto diametralmente oposto). Passaram-se dois dias desde o plenilúnio, e a cada 24 horas a Lua retarda o seu curso em 50 minutos. No dia do plenilúnio, o horário indicado corresponderia ao meio-dia; por causa do retardamento da Lua, agora são mais ou menos uma e meia da tarde.

[3] No original: “cuida de outra coisa, e ele que fique lá”.

Verso aparentemente hipérmetro.

[4] “Ameaçante”.

[5] Geri del Bello: filho de Bello di Alighiero I, primo do pai de Dante. Como toda a família, era guelfo, tendo sido exilado depois de 1260. Existem poucas informações a seu respeito. Segundo os filhos de Dante, teria sido assassinado por um membro da família Sacchetti.

[6] Bertran de Born, que havia sido senhor de Hautefort.

[7] Na época de Dante, a vingança pessoal era não apenas um direito reconhecido, mas era considerada um dever na esfera dos costumes. Em 1300, a morte de Geri del Bello ainda não havia sido vingada; isso só veio a ocorrer por volta de 1310, por mão de outro membro da família Alighieri.

“Vingança / De quem naquela afronta era consorte”: vingança por parte de um

membro da família, por parte de alguém que, pelo vínculo de sangue, participava necessariamente da afronta sofrida.

[8] Pois à pena de Geri se soma a sua indignação por não ter sido vingado.

[9] “Subidos à ponte do final claustro profundo de Malebolge”.

“Final claustro profundo”: última fossa de Malebolge, designada pelo termo “claustro”, usado normalmente para os monastérios.

Conversos: os danados da fossa, designados também por termo ligado aos monastérios (para indicar os frades).

Xavier Pinheiro mantém, exatamente com as mesmas palavras, a metáfora que está no texto original.

[10] Piedade.

[11] “Como se enfermos da Maremma e da Sardenha tivessem se incorporado à turba de outros, que remédio vão buscar nos hospitais de Valdichiana.”

A Maremma toscana, a Sardenha e Valdichiana (zona da Toscana meridional) eram lugares conhecidos pela grande infestação de malária, que se manifesta com mais intensidade no verão. Em Valdichiana haviam sido construídos muitos hospitais.

[12] Última parede de Malebolge: a margem interna (mais próxima ao poço que está ao centro) da última fossa de Malebolge.

[13] “Oprime”.

[14] Egina: ilha grega, cujo nome se devia à ninfa Egina, que lá habitava. Juno (a grega Hera), enciumada porque Júpiter (o grego Zeus) amava a ninfa, fez recair sobre a ilha uma peste que matou animais e homens. O único sobrevivente foi o rei Éaco, que pediu a Júpiter que repovoasse a ilha, transformando em homens as formigas que via a seus pés, estando sentado sob um carvalho.

[15] Dante segue aqui a narração de Ovídio, em *Metamorfoses*, VII, 523-660.

[16] “Que cobriam (juncavam) a prisão, separadas em várias e lânguidas rumas”.

[17] Procedimento usado para esquentar os recipientes de comida: duas torteiras eram apoiadas uma à outra, de modo a ocupar menos espaço na lareira e aproveitar melhor o calor.

[18] “Crostas”.

[19] Que, trabalhando tarde da noite, deseja terminar rapidamente o trabalho.

[20] Instrumento utilizado para limpar os pelos do cavalo.

[21] Espécie de peixe.

[22] “Encosto”.

[23] Ou porque assustados, pelo evento que evidentemente se devia à ação divina, ou porque não tinham forças para se sustentar sem o apoio do outro.

[24] “Nunca a memória vossa se esvaeça”.

[25] “No mundo”.

[26] “Se sobressaia”.

[27] Trata-se de Griffolino d’Arezzo, que morreu na fogueira, condenado por heresia, antes de 1272. Os comentadores antigos dizem que ele vivia em Siena e era alquimista.

Alberto de Siena: Albero, ou Alberto, homem de família nobre e rica, protegido pelo bispo de Siena (segundo alguns, era filho do bispo). Griffolino disse um dia, por divertimento, que era capaz de voar; o tolo Alberto acreditou e pediu que Griffolino lhe ensinasse tal arte. Com o tempo, Alberto, descobrindo a mentira, irritou-se e denunciou Griffolino ao bispo.

[28] Na terra, Griffolino foi condenado por uma culpa que não é aquela que o conduziu ao Inferno: na terra, ele foi acusado de heresia; no Inferno, ele é punido por ter sido falsário.

[29] Personagem da mitologia, que voou com seu filho Ícaro. A história de Dédalo e Ícaro foi mencionada em Inferno, XVII, 109-111 e explicada na nota aos respectivos versos.

[30] O bispo de Siena.

[31] Muito praticada no tempo de Dante, a alquimia era, em sua origem, a arte de transformar em ouro metais vis e baratos. Com o tempo, a alquimia passou a indicar a manipulação e falsificação de metais, vindo a ser condenada pela Igreja.

[32] Vaidosa, leviana, como Alberto, que queria aprender a voar. A exclamação de Dante tem o tom de um dito proverbial, talvez corrente no tempo de Dante.

[33] “Caprichosa”. Os franceses eram famosos pela vaidade.

[34] Tem início um elenco de homens de Siena conhecidos pela sua vaidade. A exceção indicada em “Salvo” é irônica, assim como toda a frase que segue (“homem poupado, / que todo o excesso em despender condena!”). Stricca: segundo alguns, filho de Giovanni de’ Salimbeni; segundo outros, Stricca dei Tolomei. Dizem os comentadores antigos que ele dissipou o seu patrimônio.

[35] Niccolò era, segundo alguns, irmão de Stricca dei Salimbeni e, segundo outros, era membro da família Buonsignori. O personagem, sempre buscando novos costumes refinados, teria introduzido (inventado) na sociedade o costume de usar o cravo (especiaria oriental muito cara) como tempero.

[36] “Companhia”: a chamada *brigata spendereccia* (ou *godereccia*), grupo de Siena formado por doze jovens riquíssimos que dilapidaram os seus bens; dela fazia parte Caccia d’Ascian.

Caccia de Ascian: Caccia d’Ascian, Caccianemico degli Scialenghi di Asciano, proprietário de vinhas e terrenos em Asciano, dilapidou seus bens.

“Vinhas e bosques”: Xavier Pinheiro traduz com precisão os termos da edição italiana seguida por ele. Em outras edições, hoje mais seguidas pelos estudiosos, o texto dá espaço a duas leituras: “vinhas e terrenos (arados, diferentemente das vinhas)” ou “as vinhas e a bolsa”, no sentido de que Caccia d’Ascian esbanjou todos os seus bens.

[37] Abbagliato: Bartolomeo dei Folcacchieri, chamado Abbagliato, personagem de relevo na política de Siena.

Chanças: vaidades, prepotências.

O original diz “demonstrou seu juízo”, em sentido irônico.

[38] Capocchio: segundo alguns, de Florença; segundo outros, de Siena. Morreu na fogueira em 1293, condenado por alquimia. Alguns comentadores antigos afirmam que foi companheiro de estudos de Dante, nos estudos de filosofia natural. Ao que parece, tinha grande habilidade na falsificação.

[39] “Se de fato reconheço quem és”.

[40] “Macaco” (termo também empregado no original).

Capocchio arremedou a natureza (falsificando) como o macaco (exemplo clássico da imitação) imita o homem.

CANTO XXX

Apresentam-se neste canto mais três espécies de falsificadores. Discussão entre mestre Adão e o grego Sínon.

Malebolge, décima fossa: falsários. Dante vê os falsificadores de pessoas e os falsificadores de moedas, entre os quais mestre Adão. Em seguida, Dante vê os falsificadores da palavra e acompanha atentamente uma altercação entre mestre Adão e o grego Sínon. Virgílio o repreende, perdoando-o em seguida.

1 Quando Juno, de Sêmele ciosa,[1]
Contra o sangue tebano se inflamava,
Como o provou por vezes impiedosa,
2 Tanta insânia Atamante[2] perturbava,
Que a esposa ao ver, ao colo seu trazendo
Os filhos dois, que a ele encaminhava,
3 Gritou: “Redes tendamos! Já estou vendo
Leoa e leõesinhos da emboscada!”
Disse, e, raivoso, os braços estendendo
4 De um, Learco, travava e de pancada
Rodou-o e o percutiu em penedia.
Ao mar lançou-se a mãe co’ outro abraçada,
5 Quando a fortuna a cinzas reduzia
A pujança de Troia, em tudo altiva,
E com seu reino o morto rei[3] jazia,
6 Hécuba[4] triste, mísera, cativa,
Depois[5] que morta Polixena vira,
Do Polidoro seu em plaga esquiva
7 Súbito quando o corpo descobrira,
Uivou qual cão, de angústia possuída.
Tanto a pungente dor n’alma a ferira!
8 Mas em Tebas ou Troia destruída
Homens ou feras[6] nunca revelaram
Raiva, em tantos extremos desmedida,
9 Como almas duas lívidas, que entraram
Nuas correndo, os dentes amostrando,
Quais cerdos, que à pocilga se esquivaram.
10 Uma alcançou Capocchio e, lhe cravando
No colo as presas, rábida, arrastava
Sobre o ventre[7] na rocha o miserando.
11 Mas o de Arezzo,[8] que tremendo[9] estava,
“É Gianni Schicchi”[10] — disse — “esse raivoso,[11]
De outros a pena o seu furor agrava!”

12 “Possas livrar-te do outro esp’rito iroso!”[12]
Falei — “Se não te causa assim fadiga,
Dize quem seja, antes de ir-se o furioso.”
13 “Aquele é” — respondeu — “uma alma antiga;
É Mirra[13] infame, que paixão impia
Instigou ser do pai a sua amiga.
14 “Para o seu crime consumar fingia
De outra pessoa as formas e o semblante.
Igual ardil usara Schicchi um dia:[14]
15 “Para em prêmio alcançar égua, farfante
Contrafez[15] Buoso morto e ao testamento
Falso a norma legal[16] deu, que é prestante.”
16 Aos dois raivosos estivera atento
Até que de ante os olhos se apartaram;
De outros volvi-me ao cru padecimento.
17 Num do alaúde as formas se notaram
Se as pernas lhe tivessem cerceado
Na parte em que do tronco se separam.[17]
18 Da grave hidropisia[18] molestado,
Que tanto o humor vicia e tanto ofende,[19]
Que o rosto estreita e faz o ventre inchado,[20]
19 A boca ter cerrada em vão pretende,[21]
Qual héctico[22] de sede ressequido,
A quem um lábio se alça e o outro pende.[23]
20 “Ó vós, que ao negro abismo haveis descido
(Não sei por que razão) de pena isentos,
Olhai” — disse — “prestando atento ouvido,
21 “De mestre Adão[24] miséria e sofrimentos
Tive[25] abastança; agora, ai! desejando
De água uma gota, passo mil tormentos.
22 “Dos ribeiros, que ao Arno, murmurando,
Do Casentino[26] lá na verde encosta

Se vão, por moles álveos inclinando,
23 “Na mente a imagem sempre tenho posta.
Não em vão: mais me seca e me fustiga
Que o mal, de que esta face é descomposta.
24 “Quer justiça, que austera me castiga,
Que o teatro onde hei crimes cometido,[27]
Mais me acendendo anelos, me persiga.
25 “Lá demora Romena,[28] onde hei fingido
Em falso cunho a imagem do Batista;[29]
Assim meu corpo o fogo há consumido.[30]
26 “Se a sombra achasse aqui,[31] se aqui já exista,
De Guido ou de Alexandre ou seu germano!
Fonte-Branda esquecera ante essa vista.
27 “Mas um já veio, se induzir-me a engano
Os raivosos[32] que giram não quiseram.
Que importa? Para andar em vão me afano.
28 “Se os meus pés transportar-me inda puderam,[33]
De um séc’lo ao cabo, espaço de uma linha,
Já postos a caminho se moveram,
29 “A fim de o ver na multidão mesquinha
Do val, que milhas onze em torno amplia,
Com largura, que de uma se avizinha.[34]
30 ’Star lhes[35] devo em tão triste companhia:
Florins cunhei, aos três obedecendo,
Nos quais quilates três de liga havia.”[36]
31 “Quem são” — lhe disse — “os dois[37] que ora estou vendo?
Quais no inverno mãos úmidas fumegam,
À destra tua próximos jazendo.”
32 “Já ’stavam quando vim: eles se entregam,
Dês que desci, a quietação completa;
E creio, assim a eternidade empregam.
33 “Uma acusou José,[38] falsária abjeta:

Outro é Sínon,[39] de Troia o grego tredo:
Lançam por febre[40] essa fumaça infecta.”
34 Anojado um[41] do par, que estava quedo,
Por ver em vozes tais afronta e ofensa,
À pança o punho lhe vibrou sem medo;
35 Soou, qual de zabumba a pele tensa.
O braço Mestre Adão lhe envia à face
E assim lhe dá condigna recompensa.
36 “Inda que” — disse — “os membros meus enlace
Moléstia, que me tolhe o movimento,
Presteza a destra[42] tem, com que rechace.”
37 “Foste” — o outro tornava — “mais que lento[43]
Quando forçado o fogo caminhavas.
Só presto eras no ofício fraudulento.”[44]
38 “É certo; mas verdade não falavas”
O hidrópico diz — “quando exigiram
Em Troia[45] essa verdade, que ocultavas.”
39 “Se os lábios meus perjúrio proferiram,
Tu falsaste moeda: eu fiz um crime,
Aos teus nunca em demônio iguais se viram.”
40 “Do cavalo a façanha inda te oprime”
Responde o que a barriga tinha inchada,
“Sobre o teu nome infâmia o mundo imprime.
41 “Arda em sede tua língua já gretada!”[46]
Grita o grego — “Hajas de água saniosa[47]
O ventre impando,[48] a vista embaraçada!”[49]
42 “Escancaras a boca venenosa”
O moedeiro diz — “por mal[50] somente;
Se sede eu tenho e a pança volumosa,
43 “Ardes tu e a cabeça tens fervente.
Por lamberes o espelho de Narciso[51]
A um aceno correras de repente.”

44 Atento estava aos dois mais do preciso,
Eis Virgílio me fala: — “Oh! toma tento!
Quase que eu contra ti me encolerizo!”
45 Iroso assim falar neste momento
O Mestre ouvindo, volto-me corrido:[52]
Ainda sinto rubor em pensamento.
46 Como quem sonha danos ter sofrido,
Que em sonho espera que sonhando esteja
E anela que o que é já não tenha sido,[53]
47 A mente, sem dizer, falar deseja,
Desculpas aspirando à falta sua;
’Stá desculpada e cuida que o não seja.[54]
48 “Menos rubor[55] lavara a culpa tua”
Disse o Mestre — “se houvera mor graveza:
Fique-te a mente de tristeza nua.
49 “E quando queira o acaso que à torpeza
De iguais debates se ofereça ensejo,
De que eu esteja ao teu lado faz certeza,
Que[56] é ter, querendo ouvi-los, vil desejo.”

---

[1] Juno, com ciúmes de Sêmele (filha de Cadmo, fundador de Tebas), pela qual Júpiter se apaixonara, inflamou-se de ira contra Tebas.

[2] Atamante: rei de Orcómeno, marido de Ino, irmã de Sêmele. Por obra de Juno, Atamante enlouqueceu e, vendo a mulher com os filhos, acreditou ver uma leoa com seus filhotes e os perseguiu. Matou o filho Learco contra uma rocha; Ino, desesperada, lançou-se ao mar com o outro filho.

[3] Príamo, morto quando Troia foi tomada pelos gregos.

[4] Hécuba: mulher do rei Príamo, tomada como prisioneira dos gregos na queda de Troia. Viu o sacrifício da filha Polixena sobre a tumba de Aquiles e viu o cadáver do filho Polidoro na costa da Trácia (morto por Polimestor, seu cunhado). O poeta Ovídio, narrando o mito (*Metamorfoses*, XIII, 481-568), diz

que Hécuba, ao ver o cadáver de Polidoro, enlouqueceu, transformando-se em uma cadela.

[5] “Hécuba, depois que vira Polixena morta, uivou qual cão súbito quando o corpo descobrira do Polidoro seu em plaga esquiva.”

[6] Atamante e Hécuba (fera, porque transformada em cadela). Entretanto, o original diz: nem a ira de tebanos nem a ira de troianos foram tão cruéis contra feras e humanos. Feras diz respeito ao caso de Atamante, que pensava perseguir animais. Humanos diz respeito a Hécuba, que, enlouquecida, arrancou os olhos de Polimestor, que era seu genro.

[7] Arrastava Capocchio, virando com a barriga para baixo, sobre o solo rochoso da fossa.

[8] Griffolino.

[9] Ou porque amedrontado ou porque não conseguia se sustentar sem o apoio de Capocchio (questão já comentada a respeito dos versos 97-99 do canto anterior).

[10] Gianni Schicchi: Gianni Schicchi de’ Cavalcanti, florentino, já morto em 1280, famoso por sua grande habilidade em se passar por outras pessoas.

[11] Isso mostra uma diferença no tratamento dos diversos tipos de pecadores dessa fossa. Os alquimistas são leprosos, como diz o canto XXIX. Os que correm raivosos (provavelmente por acessos de hidrofobia) são os falsificadores de pessoas.

[12] Pois são duas as almas lívidas que correm (v. 25).

[13] Mirra: personagem mitológica, filha de Cíniras, rei de Chipre. Apaixonando-se pelo próprio pai, conseguiu, com ajuda da ama e aproveitando a escuridão, deitar-se com ele, passando-se por outra mulher. Do incesto nasceu Adônis. Tendo sido descoberta pelo pai, fugiu para a Arábia, transformando-se na planta da qual se extrai a mirra.

[14] Sobre Gianni Scricchi, conta-se que ele, a pedido de Simone Donati, teria se passado por Buoso Donati (tio de Simone) no leito de morte, para fazer um testamento favorável para Simone. Além disso, ele teria se aproveitado da ocasião para deixar para si uma égua de grande valor (e, segundo algumas versões da história, ele teria deixado para si também uma boa quantia de dinheiro).

[15] “Fingiu ser”.

[16] Comportou-se de modo a conferir ao falso testamento a forma legal que é prescrita.

[17] Um teria as formas como as do alaúde, se as suas pernas tivessem sido cortadas (cerceado) e separadas do tronco. Ele seria semelhante ao alaúde por causa da desproporção entre o a cabeça e o ventre, que é semelhante à caixa harmônica do instrumento.

[18] A doença faz o ventre do danado inchar por causa da retenção de líquido.

[19] Descrição técnica da doença, segundo se acreditava na época: a doença vicia os humores (líquidos) do corpo, não os convertendo em boas substâncias.

[20] Consecutiva em relação ao verso anterior: “tanto o humor vicia que estreita o rosto”.

[21] A doença causa uma forte sede e o danado em vão deseja manter a boca fechada.

[22] Tísico.

[23] Descrição realista e precisa da abertura da boca.

[24] Mestre Adão: provavelmente nascido na Inglaterra (e “mestre” designa um título acadêmico). Teria vivido em Bolonha por volta de 1270. Conta-se que os condes Guidi di Romena o levaram a falsificar o florim de Florença, e Mestre Adão, descoberto em Florença, foi condenado à fogueira como falsário (talvez em 1281).

O personagem faz parte do terceiro tipo de falsários: os falsificadores de moedas.

[25] Isto é, durante a vida, em contraste com o seu presente estado.

[26] Região da Toscana que, na época, estava sob o domínio dos condes Guidi.

[27] Isto é, na região do Casentino, onde mestre Adão cometeu os seus pecados.

[28] Castelo dos condes Guidi.

[29] O florim de ouro, moeda que de um lado tinha a flor-de-lis de Florença e do outro a imagem do patrono da cidade, São João Batista.

[30] Pela condenação como falsário.

[31] “Se eu visse aqui aqueles que me induziram a pecar, esqueceria toda a água que se encontra em Fonte-Branda”. Trata-se de Guido II, Alessandro e Aghinolfo (seu “germano”, isto é, irmão), filhos de Guido I di Romena.

Fonte-Branda: os comentadores não estão de acordo quanto à identificação da fonte. Segundo alguns, trata-se da famosa fonte de Siena; segundo outros, trata-se de fonte (hoje seca) perto de Romena.

[32] Os falsificadores de pessoas, que correm pela fossa.

[33] “Se os meus pés pudessem me fazer percorrer uma linha em um século, eu já estaria procurando Guido, embora a fossa faça uma volta de onze milhas”. Modo hiperbólico para expressar o desejo ardente de vingança.

[34] No original: não tem menos de meia milha de largura.

A cifra de onze milhas tem valor de precisão realista, muito cara à narrativa infernal. O fato de a nona fossa ter uma circunferência de vinte e duas milhas (“Inferno”, XXIX, 9) indica que as fossas são de circunferências cada vez menores, como já havia sido explicado na descrição geral de Malebolge, no canto XVIII. Entretanto, os dados não autorizam a fazer suposições sobre as dimensões das outras fossas ou do Inferno de modo geral.

[35] Aos três irmãos anteriormente citados.

[36] O florim tinha 24 quilates de ouro puro. Nos florins de mestre Adão, três quilates eram liga de metais mais baratos.

[37] Quarto tipo de falsários: falsificadores da palavra, caluniadores.

[38] A mulher de Putifar, que, tentando em vão seduzir José (filho de Jacó), vingou-se dele, acusando-o de ter tentado violentá-la (Gênesis, 39, 6-20).

[39] Sínon: grego mencionado na *Eneida* (livro II). Contou uma história falsa para ganhar a confiança dos troianos e para fazer com que eles introduzissem na cidade o cavalo de madeira, dentro do qual se encontravam inúmeros gregos armados, que, de noite, saíram do cavalo e atacaram a cidade.

Tredo: traidor.

De Troia o grego tredo: expressão irônica, que alude ao fato de Sínon ter fingido trair os gregos, tornando-se troiano (*Eneida*, II, 148-149).

[40] Trata-se de uma febre específica, e não sintoma genérico, chamada febbre aguta, que seria, segundo a ciência da época, a febre no próprio sangue. Por isso,

Dante disse “Quais no inverno mãos úmidas fumegam” (v. 92): nos danados, o fenômeno é causado pelo suor provocado pela febre.

[41] O grego.

[42] O braço.

[43] Pois os condenados iam ao suplício com as mãos amarradas atrás das costas.

[44] De falsificar moedas.

[45] “Quando Príamo te perguntou a verdade sobre o cavalo de madeira”.

[46] “Rachada”.

[47] “Purulenta”, “fétida”.

[48] “Enchendo”.

[49] Embaraçada pelo ventre, tão volumoso a ponto de ser um obstáculo para a vista.

[50] Duas interpretações possíveis: “abres a boca só para dizer o mal”; “abres a boca por causa da tua febre (mal)”, por causa do ardor criado pela febre.

[51] A água, onde se refletiu a imagem de Narciso, que se apaixonou pelo próprio reflexo (mito narrado em *Metamorfoses*, III, 407-510).

[52] “Envergonhado”.

[53] Espera que o que acontece no sonho não seja realidade (sem saber que, de fato, não é realidade).

[54] O silêncio de Dante, a sua falta de palavras, é já um modo de se desculpar. Por isso, ele está já desculpado, embora não o saiba (como aquele que sonha não sabe que a realidade é aquilo que deseja).

[55] “Uma vergonha menor (do que aquela que expressas) teria sido suficiente para lavar uma culpa maior (do que aquela cometida por ti)”.

[56] Refere-se a “debates”.

CANTO XXXI

Entram os poetas no círculo nono, o qual se reparte em quatro divisões. À entrada estão os gigantes. Por intervenção de Anteu baixam ao fundo do poço central.

Saindo da décima fossa de Malebolge, os poetas se encaminham para o poço central, circundado por gigantes. Virgílio fala sobre alguns gigantes. Com a ajuda de Anteu, eles descem para o nono círculo.

1 A língua,[1] que me havia vulnerado
E a vergonha nas faces me acendera,
O bálsamo aplicava ao mal causado:
2 Assim de Aquiles e seu pai fizera,
Dizem, outrora a lança[2] portentosa:
Sarava o corpo que cruel rompera.
3 Damos costas à estância desditosa,
Sem proferir palavra atravessando
Sobre a borda,[3] que em torno jaz fragosa.
4 Noite não sendo e dia não reinando,[4]
Pouco distante eu divisar podia,
Eis som de trompa escuto, retumbando
5 Tão alto, que o trovão transcenderia.
Donde irrompera contra a parte andava[5]
E sôfrego a um só ponto olhos prendia.
6 A de Orlando[6] tão forte não soava
Na derrota fatal, que à santa empresa
De Carlos Magno o desbarato dava.
7 Já assim por diante:[7] eis a grandeza
De muitas e altas torres me aparece.
"Qual é" digo "essa vasta fortaleza?"
8 "Pois de tão longe e em trevas te apetece
Julgar" — Virgílio diz — "um erro agora[8]
Imaginando estejas acontece.
9 "Verás ali chegado, sem demora,
Quanto à distância a vista nos engana:
O passo acelerar convém por ora."
10 Da mão travou-me e em voz suave e lhana
O Mestre prosseguiu: "Antes que avante
Passes, dessa ilusão te desengana.
11 "O que a torre imaginas é gigante.[9]
Da cinta aos pés imergem-se no poço,

E alçam bustos em torno ao espaço hiante.”[10]
12 Quando o sol gasta o nevoeiro grosso,
Pouco a pouco se mostra e é discernido
Quanto oculta o vapor ao olhar nosso:
13 Vendo assim por esse ar escurecido,
Da borda mais e mais me apropinquando,
Fugiu o erro,[11] o horror tinha crescido.
14 Como torres em roda se elevando,
Montereggion[12] guarnecem de coroa:
Assim do poço a margem circundando,
15 Torreiam[13] com metade da pessoa
Os horríveis gigantes, que ameaça
Do Céu ainda Jove,[14] quando troa.
16 Distingo a cara de um (e me traspassa
O medo),[15] logo os braços, peito e parte
Do ventre, que da borda a altura passa.
17 Bem fez a natureza, quando essa arte
De tais monstros criar há descurado,
De iguais agentes desarmando Marte.[16]
18 Se ainda a selva e mar tem povoado
Do elefante e baleia, sutilmente
Quem pensa justa e sábia a tem julgado.[17]
19 Mal seria aos humanos permanente,
Se perspicaz engenho encaminhasse
Maligno instinto em robustez ingente.[18]
20 Larga e comprida pareceu-me a face,
Qual de São Pedro, em Roma, a brônzea pinha;[19]
A proporção nas outras partes dá-se.
21 O corpo, que da borda acima vinha,
Tanto ao ar elevava a grã figura,
Que três frisões,[20] por lhe atingir a linha
22 Da cerviz, não fariam tanta altura,

Porquanto eu ’smava em trinta grandes palmos
Do colo ao poço[21] a válida estatura.
23 *Rafel mai amecche zabi almos*[22]
A pavorosa boca assim bradava;
Não podia entoar mais doces salmos.[23]
24 Disse-lhe o Mestre: “Ó alma bruta e brava!
Tange a trompa, se queres lenitivo
À paixão que te acende ardente lava.
25 “À roda busca do pescoço altivo
O loro,[24] a que se prende, alma confusa!
Vê que te cruza o vasto peito esquivo.”[25]
26 Depois a mim: “De quanto fez se acusa,[26]
É Nemrod;[27] por tomar estulta empresa,
O mundo uma linguagem só não usa.[28]
27 “Deixemo-lo: falar-lhe é vã despesa.
Como idioma de outros não compreende,
A quem o escuta o seu move estranheza.”[29]
28 Vamos então caminho, que se estende
À sestra.[30] Outro, de besta[31] quase a tiro,
Está mais fero, o ar mais alto fende.
29 Que mão cativa[32] o monstro, que admiro,
Dizer não sei: o seu direito braço
Ao dorso preso vi, e ao peito diro
30 O outro, de grilhão no estreito laço,
Que com círculos cinco lhe cercava
Do enorme corpo o descoberto espaço.
31 “Esse réprobo” — diz Virgílio — “ousava
Medir forças com Jove soberano:
Eis o fruto do orgulho que o danava!
32 “Era Efialto:[33] executou seu plano,
Quando aos Deuses gigantes aterraram.
Jamais os braços mover pode o insano.”

33 “Os meus olhos, ó Mestre, assaz folgaram,
De Briareu[34] se vissem desmarcado[35]
As formas” — vozes minhas lhe tornaram.
34 “Anteu[36] verás” — me diz — “muito afamado:
Está solto, fala e nos demora perto:[37]
Há de ao fundo levar-nos de bom grado.
35 “Remoto esse outro[38] fica, e tem por certo
Que em grilhões e estatura àquele iguala:
Mais fero em vulto, em mal é mais experto.”
36 Jamais um terremoto a torre abala
Em convulsões tão rápido, tão forte,
Como Efialto a mover-se. Eu já sem fala
37 Assombrado, cuidei ter perto a morte;
E de pavor sem dúvida expirara,
Se ele preso não fosse, e de tal sorte.
38 Presto ao lugar seguimos, onde para
Anteu: fora a cabeça,[39] em cinco braças
À borda sobreleva o que separa.
39 “Tu, que no val feliz,[40] aonde as graças
E as palmas Cipião[41] colheu da glória,
Quando Aníbal vexavam só desgraças,
40 “Mil leões apresaste por memória;[42]
Que, aos irmãos se ajudaras na alta guerra,[43]
Se crê triunfo registrasse a história
41 “Dos fortes filhos da fecunda Terra!
Ao fundo transportar-nos sê servido,
Onde ao Cocito o frio as águas cerra:[44]
42 “Te hemos a Tifo e a Tício[45] preferido.
Dar pode este varão o que mais se ama:[46]
Curvando-te compraz ao seu pedido.
43 “No mundo pode restaurar-te a fama,
Pois vive e ainda longa vida espera,

Salvo se a Graça antes do tempo o chama.”

44 Falara o Mestre. Anteu não considera:[47]
Toma-o logo nas mãos, que lesto of ’rece
E a que sentira Alcide a força fera.[48]

45 Quando entre os dedos seus Virgílio vê-se,
Diz-me: — “Faze-te prestes, que eu te abrace!”
Ao Mestre o meu querer pronto obedece.

46 Quem Carisenda[49] em seu pendor olhasse,
Cuidara, ao passar nuvem, que iminente
Ruína ao lado oposto ameaçasse:

47 Tal Anteu parecia de repente
Do corpo ao menear, quando o inclinava.
Estrada eu preferia diferente.

48 Mas de leve no fundo nos pousava,
De Judas e de Lúcifer assento.[50]
A postura deixando, que o dobrava,
Qual mastro empertigou-se num momento.

---

[1] A língua de Virgílio, que primeiro repreendeu Dante (“me havia vulnerado”) e depois o perdoou (“o bálsamo aplicava”).

[2] A lança de Aquiles, que antes era de seu pai, Peleu, e que tinha o poder de curar as feridas provocadas por ela mesma (*Metamorfoses*, XIII, 171-172).

[3] É a borda entre a décima fossa e o poço que fica no centro dos círculos que formam Malebolge, como explicado no canto XVIII. Essa borda, marcando o confim entre o oitavo e o poço central, é muito mais larga do que as outras. Por isso, os poetas a atravessam de modo a se dirigir para o centro, onde fica o poço.

[4] Não tão escuro como a noite e não tão claro como o dia.

[5] Sujeito: eu. “Eu andava contra a parte de onde irrompera o som e, sôfrego, direcionei os olhos a um só ponto (justamente aquele de onde saíra o som)”.

[6] A trompa de Orlando. Alusão à derrota de Roncesvales. Em 778, a retaguarda

do exército de Carlos Magno, comandada por Orlando, foi atacada à traição pelos sarracenos. Orlando tocou a trompa, como sinal de aviso para Carlos Magno. Mas, quando este chegou, encontrou todos mortos. Isso é narrado pelo poema épico francês *Chanson de Roland*.

“Santa empresa”: santa porque defendia a cristandade. “Empresa” é uma das possíveis traduções do termo “gesta”, que pode ser entendido também como o grupo dos valorosos paladinos de Carlos Magno.

[7] Continuando o caminho em direção ao som.

[8] “Acontece que agora a tua imaginação está incorrendo em erro”.

[9] Gigante: os gigantes são personagens da mitologia, que, na sua soberba, tentaram realizar uma escalada para chegar ao céu, mas foram derrotados por Júpiter e outros deuses (episódio mencionado por Capaneu, em “Inferno”, XIV, 55-58).

[10] Estão em torno do poço central, que é, na verdade, o nono e último círculo do Inferno, aparecendo da cintura para cima (pois os pés se apoiam em uma espécie de degrau presente no fundo do nono círculo).

[11] De pensar que os gigantes fossem torres.

[12] Montereggion: castelo na Val d’Elsa, construído para vigiar a estrada entre Florença e Siena, em 1213. O castelo era circundado por um muro que tinha 14 torres imponentes.

[13] “Dominam como torres”.

[14] Júpiter.

[15] Acréscimo da tradução.

[16] Marte: o deus da guerra (o grego Ares).

[17] “Quem pensa sutilmente a tem julgado justa e sábia”.

[18] Esta é a diferença dos gigantes em relação aos elefantes e baleias: os gigantes têm intelecto; neles, o intelecto (perspicaz engenho) se junta à vontade do mal (“maligno instinto”) e à extrema robustez física.

[19] Uma grande pinha de bronze tirada do Mausoléu de Adriano (ou do Pantheon, segundo alguns), que na época de Dante ficava diante da Basílica de São Pedro (hoje, fica no jardim dos Museus Vaticanos, no chamado Cortile della Pigna). Ao

que parece, tinha, na época de Dante, aproximadamente 3,5 metros de altura. Hoje, após restauração, tem 4,23 metros.

[20] Os habitantes da Frísia eram considerados os mais altos entre os homens: três frisões, um em pé sobre o outro, não teriam tocado a nuca (no original, os cabelos) do gigante.

[21] Ao ventre, circundado pela margem do poço.

[22] Nas edições hoje seguidas: *Raphèl maì amècche zabì almi*.

Trata-se de mais um caso de palavras aparentemente incompreensíveis, como aquelas de Pluto no primeiro verso do canto VII do "Inferno". Sobre o seu significado, podem ser formuladas algumas hipóteses, renunciando contudo à busca por uma certeza absoluta (já que o verso seria uma forma de concretizar a confusão babélica, diretamente ligada ao gigante que aqui fala). A hipótese mais provável é que as palavras sejam distorções de certos termos hebraicos conhecidos pela Vulgata (a tradução latina da Bíblia). A tradução seria: "gigantes! o que é isso? pessoas tocam a santa residência".

[23] Ironia.

[24] Tira de couro, que envolve o pescoço do gigante e da qual pende a trompa.

[25] Virgílio ainda está falando com o gigante: "Ó alma confusa, busca ao redor do teu pescoço o loro, a que se prende a trompa. Vê que ela (a trompa) cruza o teu peito".

[26] Pela frase incompreensível anteriormente enunciada.

[27] Nemrod: o rei da Babilônia ao qual se atribui a construção da Torre de Babel, que resultou na confusão das línguas (Gênesis, 10, 8; 11, 1-9). Note-se que aqui Dante une um personagem bíblico a personagens da mitologia clássica, fazendo dele um gigante. Isso sublinha a semelhança entre a empresa soberba dos gigantes e a construção da Torre de Babel (considerada, na *Divina Comédia*, um dos maiores exemplos da soberba do homem contra Deus).

[28] Segundo a tradição, baseada na Bíblia, todos os homens falavam a mesma língua, até a construção da Torre de Babel.

[29] Nenhum outro homem conhece a língua de Nemrod (por isso, é vã a tentativa de dar uma interpretação exata para o verso 67).

[30] Os poetas, estando diante de Nemrod, chegaram ao poço central. Agora, eles

se viram para a esquerda para circundar o poço, até encontrar um modo de descer para o próximo círculo.

[31] Balestra, arma feita para atirar flechas ou pelouros.

[32] O gigante está acorrentado, com o braço esquerdo à frente do corpo e com o braço direito às costas (e o poeta não sabe dizer quem teria sido o responsável por isso). A corrente dá cinco voltas ao redor da parte visível do seu corpo (recorde-se que Dante vê os gigantes até a cintura, mais ou menos).

[33] Efialto: Efialtes, um dos gigantes mais audaciosos na tentativa de escalar o Olimpo, sobrepondo o monte Ossa ao monte Pélio.

[34] Briareu: filho de Urano e da Terra, tinha cinquenta cabeças e cem braços na tradição clássica (*Eneida*, X, 565-568). Aqui, tem a forma de homem desmesurado, como todos os gigantes infernais.

[35] “Desmedido”, “imenso”: “se vissem as formas do imenso Briareu”.

[36] Anteu: filho de Netuno e da Terra, morto por Hércules.

[37] Fala, diferentemente de Nemrod; está solto, diferentemente de Efialtes, podendo levar os poetas para o nono círculo. Ele não está acorrentado porque não participou da empresa dos gigantes contra os deuses.

[38] Briareu, que Dante queria ver. Eles não verão Briareu, porque ele está muito longe e porque, acorrentado, não poderá levar os poetas para o nono círculo. Virgílio, para satisfazer à curiosidade de Dante, diz que ele está acorrentado como Efialtes (“aquele”), tem a sua mesma estatura, porém tem o rosto mais feroz.

[39] O tronco de Anteu: a parte do seu corpo que se eleva sobre a borda do poço, com exceção da cabeça (“fora a cabeça”).

Cinco braças: no original, *cinco alle*. A *alla*, em francês *halle*, era uma medida usada em Flandres; cinco *alle* são aproximadamente sete metros.

[40] O vale do rio Bagrada, perto de Zama, onde vivia o gigante Anteu.

[41] Alusão à batalha de Zama, ocorrida em 202 a.C.: nela, Cipião derrotou Aníbal, fazendo com que os romanos vencessem, decidindo a vitória dos romanos na segunda Guerra Púnica.

[42] Segundo a narrativa de Lucano (*Farsália*, IV, 601-602), Anteu capturava e

devorava leões.

[43] “Tu, que, se tivesses ajudado teus irmãos na alta guerra, terias conquistado o triunfo, segundo acredita a história”.

Irmãos: os gigantes que escalaram contra os deuses eram filhos da Terra. Por isso, são chamados fortes filhos da fecunda terra.

“Alta guerra”: a guerra dos gigantes contra os deuses.

“Registrasse a história”: Virgílio está reportando a opinião expressa nos versos de Lucano (*Farsália,* IV, 595-596).

[44] Nono círculo, “onde o frio congela (‘cerra’) as águas do Cocito (último rio infernal).

[45] Tifo e Tício: Tifeu e Tício, o primeiro fulminado por Júpiter e o segundo por Apolo. Os versos de Lucano (*Farsália*, IV, 595-596) dizem que são inferiores a Anteu.

[46] “Dante (este varão) pode aumentar a tua fama na terra”.

“O que mais se ama”: a fama, que é o que os habitantes do Inferno mais apreciam.

[47] Age prontamente.

[48] As mãos cuja força sentira Hércules (Alcide). Alusão ao duelo entre Hércules e Anteu, vencido pelo primeiro (*Farsália*, IV, 617).

[49] “Como parece a alguém que olha a pendência da Garisenda, quando passa sobre ela uma nuvem em direção oposta à inclinação…”: a pessoa em tal situação, estando sob o lado inclinado da torre, tem a impressão de que a torre desabará sobre ela.

Para total exatidão entre o texto original e a tradução, é preciso entender que “quem em seu pendor olhasse” se refere a uma pessoa sob a inclinação da torre e que “ao lado oposto” significa que a nuvem passa na direção contrária à pendência: a nuvem passa e parece que a torre desabará no lado oposto, que é aquele onde se encontra o observador.

Carisenda: torre pendente erigida em 1110 pela família dos Garisendi, na cidade de Bolonha.

[50] “no fundo”: o lugar onde se encontram Judas e Lúcifer, o nono círculo.

CANTO XXXII

Trata-se neste canto da primeira e de parte da segunda das quatro divisões em que se reparte o nono e último círculo. A primeira, que se chama Caína, encerra os que atraiçoaram os próprios parentes. Na segunda, Antenora, estão os traidores à pátria.

Nono círculo: traidores. Dante e Virgílio veem a primeira zona do círculo, chamada Caína. Camicione dei Pazzi fala com Dante. Dante e Virgílio prosseguem o caminho, chegando à segunda zona do círculo, chamada Antenora. Dante tem um violento encontro com Bocca degli Abati. Os poetas prosseguem o caminho e Dante pergunta a dois danados quem são eles.

1 Se usasse rimas ásperas, rouquenhas,
Próprias do poço[1] lôbrego e tristonho,
Que do Inferno sustém as outras penhas,[2]
2 Melhor ideia do lugar medonho
Dera; mas tal vantagem me falece:
O meu conceito, pois, tímido[3] exponho.
3 É árdua empresa, em que o ânimo esmorece,
O centro descrever do mundo inteiro:[4]
Para empenho infantil[5] ser não parece.
4 Das Musas se ajudar poder fagueiro,[6]
Como a Anfião em Tebas o mostraram,[7]
Fiel serei dizendo o verdadeiro.[8]
5 Ó malfadada turba, a quem tocaram
Deste abismo os castigos, bruto gado[9]
Sendo, fados melhores te aguardaram.
6 Descidos nós ao poço negregado
Das plantas muito abaixo do gigante,[10]
O alto muro mirava-lhe espantado,
7 Quando ouvi: “Tem cuidado, ó caminhante!
Não calques de irmãos teus desventurados
As frontes.” Eu, voltando-me, adiante
8 E sob os pés, de um lago vi gelados
Os planos tanto,[11] que os dizer podia,
Não de água, de cristal, porém, formados.
9 Do Danúbio a corrente não seria
Tanto em Áustria no inverno enrijecida
Nem do Tanais,[12] na zona sempre fria.
10 Do lago sobre a face empedernida
Caísse ou Tambernich ou Pietrapana:[13]
Não fora ao peso enorme combalida.[14]
11 Qual rã, que no paul coaxando, ufana
Um pouco emerge, enquanto a camponesa

Sonhando está que a respigar se afana:[15]
12 Tais gemiam as sombras na frieza
Té cintura lívidas,[16] batendo,
Como a cegonha,[17] os queixos com presteza.
13 Para o seio a cabeça lhes pendendo,
Do frio a boca indícios claro dava,[18]
Nos olhos[19] a tristeza está se vendo:
14 Quando atentei no quanto em roda estava,
Duas vi aos meus pés, em tal abraço,
Que, travado, o cabelo se enleava.
15 "Quem sois que os peitos nesse estreito laço
Apertais?" — perguntei. Então, voltando
Os colos para trás, um curto espaço
16 Me encararam; porém dos olhos quando
Lhes brotavam as lágrimas, a neve
Cerrou-os entre os cílios as coalhando.[20]
17 Nunca dois lenhos tanto unidos teve
Cavilha:[21] eles, de irados, se investiram,
Quais capros, que a marrar[22] o furor leve.
18 Terceiro, a quem geladas lhe caíram
As orelhas, com rosto baixo fala:
"Por que teus olhos sôfregos nos miram?[23]
19 "O par desejas conhecer, que cala?
Próprio lhes fora e ao genitor Alberto[24]
O vale, onde o Bisênzio faz escala.[25]
20 "De um só ventre nasceram: tu, por certo,
Não acharás mais dignos em Caína,[26]
De ter de gelo o vulto seu coberto,
21 "Nem esse, a quem de Artur destra assassina[27]
De um bote o peito e a sombra traspassara;
Nem Focacia[28] e o que a fronte agora inclina,
22 "A vista me tolhendo, e se chamara

Mascheroni Sassol,[29] bem conhecido:
Se és toscano, esse nome te bastara.[30]
23 “Fique, por vozes escusar,[31] sabido
Que Pazzi[32] eu sou o que, em Carlin chegando,
Serei por menos criminoso havido.”
24 Mil outros via roxos tiritando:
Desde então de arrepios sou tomado
Ante gélidos vaus, este lembrando.
25 E o centro demandando, em que firmado
Do universo gravita todo o peso,
Trêmulo havia a treva eterna entrado,
26 Eis, sem querer, por sorte ou por desprezo,[33]
Entre tantas cabeças caminhando,
A face de um calquei no gelo preso.
27 “Por que me pisas?”, reclamou chorando,
“De Monte Aperti ao feito por vingança[34]
Inda me estás destarte molestando?”
28 “Mestre, espera-me aqui” — disse — “Me lança
em dúvida[35] este mau: solvê-la quero.
Eu depois correrei, se houver tardança.”
29 Parou; e ao pecador falei, que, fero,
Duras blasfêmias proferia agora:
“Quem és tu, que me increpas[36] tão severo?”
30 “E tu mesmo quem és, que na Antenora”[37] —
Tornou — “dessarte as faces me espezinhas?
Um vivo, certo, menos cru me fora.”[38]
31 “Sou vivo e posso entre as memórias minhas
Do nome teu apregoar a fama” —
Respondi — “se te aprazem louvaminhas.”
32 “Só quer o olvido quem te fala” — exclama.
“Vai-te! De sobra já me estás molesto.
Aqui não cabe da lisonja a trama.”

33 Travei da nuca ao pecador infesto
E disse: — “Ou perderás todo o cabelo,
Ou quem tu foste me declara presto!”
34 “Mil vezes podes arrancar-me o pelo,
De ver-me a face não terás o gosto
E de saber qual foi meu nome e apelo.”
35 As mãos lhe havia no cabelo posto;
Da guedelha uma parte arrepelara:
Ganindo, ele abaixava sempre o rosto,
36 Quando outro brada: “Ó Boca,[39] isso não para?”
Pois os queixos bater não te é bastante?
Já lates! Que demônio em ti dispara?
37 “Não mais, ímpio traidor” — no mesmo instante
Respondo — “exijo: o que de ti estou vendo
Contarei por te ser mais infamante.”
38 “Vai! Se saíres deste abismo horrendo,
Quanto queiras refere, do apressado,
Que de língua assim foi,[40] não te esquecendo.
39 “Ouro[41] chora, que a França lhe há doado.
Eu vi — podes dizer — Boso Duera[42]
De outros muitos no gelo acompanhado.
40 “Se perguntarem quem aqui mais era,
Olha e terás ao lado Beccaria,[43]
A quem Florença degolar fizera.
41 “Gian[44] del Soldanier,[45] há pouco eu via
Além com Ganelão[46] e Tribaldelo,[47]
Que abriu Faenza, enquanto se dormia.”
42 Deixamo-lo; mas súbito de gelo
Postos em furna[48] vi dois condenados:
Cabeça de um à de outro era capelo.[49]
43 Como a pão se agarrando os esfaimados,
Por cima um no outro os dentes aferrava
Onde a cerviz e o crânio estão ligados.

44 Qual Tideu,[50] que a dentadas lacerava
De Menalippo a fronte enraivecido,
Ele o cérebro e os ossos mastigava.
45 “Tu, que, de ódio tão sevo possuído,
Te encarniças feroce no inimigo,
Dize — exclamo — por que foi produzido.[51]
46 “Se eu souber que a justiça está contigo
E houver da culpa e réu conhecimento,
No mundo a compensar-te ora me obrigo,
Se não perder a língua o movimento.”[52]

---

[1] O nono círculo, que é um poço no centro dos círculos que formam Malebolge.

[2] Já que o poço é o lugar central e mais baixo do Inferno, que tem forma de funil.

[3] “Temeroso”, “receoso”.

[4] No original: descrever o centro de todo o universo. A concepção de Dante é geocêntrica: o fundo do Inferno, estando no centro da terra, está no centro do universo.

[5] A tarefa de descrever o centro do universo não deve ser empreendida por alguém que tenha pouca técnica e pouca experiência no uso da língua, como as crianças.

[6] “Favorável”.

[7] Segundo o mito, o poeta Anfião, apenas com o doce som de sua cítara, fez as pedras descerem do monte Citerão e construírem os muros da cidade de Tebas.

[8] Dizendo o verdadeiro sobre a realidade que o poeta quer narrar.

[9] Teria sido melhor se vós tivésseis sido um bruto gado (pois um fado melhor vos teria aguardado).

[10] O nono círculo realiza uma inclinação em direção ao centro, onde está Lúcifer. Por isso, os poetas estão em posição mais baixa do que os pés dos gigantes. Mas é provável que haja também uma espécie de degrau, sobre o qual os gigantes

apoiam os pés.

[11] O lago é o último rio infernal, o Cocito, que constitui, como lago congelado, o nono círculo.

Também o Cocito se encontra no Averno pagão (*Eneida*, VI, 296-297; 323). O fato de o rio estar congelado parece ser invenção de Dante. Nesse lago congelado, são punidos os traidores. O gelo pode ser entendido como o ódio no coração dos traidores, oposto ao fogo da caridade. Além disso, é notável que o Cocito quase petrifica os danados que estão dentro dele: o pecado mais grave do Inferno seria aquele que mais faz o homem perder a sua humanidade, tornando-o quase uma pedra.

[12] O rio Don. O Danúbio e o Don eram os rios mais famosos do norte.

Zona sempre fria: o norte, na Rússia.

[13] Tambernich: difícil a identificação. Talvez um monte na Eslavônia. Entretanto, os comentadores mais recentes tendem a identificar com o Monte Tambura, nos Alpes Apuanos, onde também está o Pania della Croce (Pietrapana).

[14] A face empedernida do lago.

[15] No começo do verão, quando a camponesa sonha com as atividades que realiza durante o dia (a atividade de colher as espigas, “respigar”, era realizada no verão).

[16] O original diz “até onde aparece a vergonha”. Xavier interpreta “até a cintura”, antes dos órgãos genitais. Entretanto, a conveniência com a comparação anterior pede que se interprete “até o rosto”, onde se manifesta a vergonha (com o rubor).

[17] Como a cegonha bate o bico.

[18] Com o bater dos dentes.

[19] Ou pelo pranto ou pelo fato de os danados estarem com os olhos voltados para baixo.

[20] Quando inclinaram o pescoço e elevaram o olhar para Dante, o frio (“neve”) congelou as lágrimas entre as pálpebras, fechando os seus olhos (“cerrou-os entre os cílios”).

[21] Pino que une peças de madeira.

[22] Encontrar-se frente a frente, às vezes com o chifre.

[23] O danado, estando com os olhos voltados para baixo, provavelmente percebeu isso pelo reflexo do rosto de Dante sobre o gelo.

[24] São os irmãos Napoleone e Alessandro degli Alberti, condes de Mangona, filhos do conde Alberto. O primeiro era gibelino e o segundo era guelfo e, segundo os autores antigos, odiavam-se por interesses não só políticos. Ao que parece, o ódio chegou a tal ponto que os irmãos se mataram reciprocamente (fato ocorrido entre 1282 e 1286). Trata-se de caso semelhante ao mito de Etéocles e Polinices, sobre o qual já se falou na nota aos versos 53-54 do canto XXVI do "Inferno".

[25] O vale de onde o rio Bisênzio desce em direção ao Arno. Nesse vale se encontravam os castelos de Vernio e Cerbaia, pelos quais os irmãos brigaram.

[26] Caína: primeira zona do nono círculo (já citada por Francesca em "Inferno", V ,106-108), onde se encontram os traidores dos parentes. O nome deriva do nome de Caim, que matou à traição seu irmão Abel (Gênesis, 4, 8).

[27] Mordret, filho (ou sobrinho) do rei Artur. Tentou matar o rei à traição para se apossar do reino, mas Artur o transpassou com uma lança. Quando tirou a lança, um raio de Sol passou pela ferida, rompendo a sombra do corpo. Por isso, o verso seguinte "a sombra traspassara".

[28] Vanni dei Cancellieri di Pistoia, chamado Focaccia, guelfo branco. Muitos autores do tempo falam sobre vários delitos seus, entre os quais o assassinato à traição de seu primo Detto dei Cancellieri, guelfo negro. Alguns dizem que ele teria matado até o pai ou o tio.

[29] Mascheroni Sassol: Sassolo Mascheroni, da nobre família florentina dos Toschi. Teria matado à traição o filho do tio, para ganhar a sua herança. Entretanto, o fato é narrado com muitas variantes: alguns dizem que teria matado o próprio tio, o filho de um irmão etc.

[30] O seu delito é tão famoso que basta dizer o seu nome.

[31] Para que me dispenses de outras palavras.

[32] Pazzi: Alberto, chamado Camicione dei Pazzi di Valdarno. Matou um parente, Ubertino, por causa de algumas fortalezas que tinham em comum.

Carlin: Carlino dei Pazzi di Valdarno, guelfo branco, vendeu o castelo de

Piantravigne (que mantinha para os brancos exilados) aos negros que o assediaram. Com isso, conseguiu retornar para a cidade, enquanto muitos outros brancos foram assassinados. Isso ocorreu em 1302, ano do exílio dos brancos, entre os quais Dante. Quando Carlino chegar ao nono círculo, cobrirá com a sua grave culpa a culpa de Camicione.

[33] No original: “não sei se por vontade minha, da Providência ou da fortuna”. A vontade de Dante seria um impulso instintivo, inconsciente. Nesse caso, seria na verdade uma coincidência entre as três vontades.

Outros interpretam como “não sei se por vontade da Providência ou da fortuna”.

[34] “Punição (vingança) pelo meu feito na batalha de Montaperti”.

[35] Se foi ele o traidor da batalha de Montaperti.

[36] “Repreendes”.

[37] A segunda zona do nono círculo, onde se encontram os traidores políticos. O nome deriva de Antenor, troiano que, segundo tradição não homérica, teria entregado Troia aos gregos, abrindo o cavalo de madeira.

[38] “Se tu estivesses vivo, o golpe não teria sido tão forte”. Outros interpretam o verso original como “se eu estivesse vivo, teria sido ofensa muito grave para ser suportada”.

[39] Boca: Bocca degli Abati, nobre florentino guelfo, participou da batalha de Montaperti. Narra-se que, enquanto os guelfos florentinos estavam sendo atacados pelas tropas de Manfredi (filho de Federico II), Bocca teria ferido o porta-estandarte florentino Jacopo de’ Pazzi e teria cortado a sua mão. Quando os cavaleiros florentinos viram o estandarte cair, temeram o ataque e fugiram, sendo gravemente derrotados. Quando os gibelinos voltaram para Florença, Bocca os ajudou e, quando, em 1266, os guelfos tomaram novamente o governo da cidade, Bocca foi exilado.

[40] Aquele que nomeou Bocca.

[41] No original, “prata”. De qualquer forma, significa a recompensa dada pelos Franceses, em troca da sua traição.

[42] Boso da Duera, senhor de Cremona, Em 1265, foi encarregado, por Manfredi e pelos gibelinos lombardos, de resistir, perto de Parma, ao exército de Carlos d’Anjou. Entretanto, deixou os franceses passarem em troca de dinheiro.

[43] Beccaria: Tesauro dei Beccheria, de nobre família florentina. Abade de Vallombrosa, foi legado do papa Alessandro IV na Toscana. Em 1258, foi decapitado em Florença, condenado por traição, por ter sido acusado de ter negociado o retorno dos gibelinos à cidade, após o seu exílio.

[44] Gian del Soldanier: Gianni de' Soldanier, de nobre família gibelina. Em 1266, depois da morte de Manfredi, os guelfos florentinos elevaram um tumulto contra os gibelinos, sendo chefiados por Gianni, que, portanto, traiu a sua parte.

[45] No original: "penso que esteja".

[46] Ganelão: o traidor que, na *Chanson de Roland*, tendo sido enviado aos sarracenos como embaixador, entrou em acordo com Marsílio, rei dos mouros, possibilitando a derrota dos franceses em Roncesvales (da qual se falou em "Inferno", XXXI, 16-18).

[47] Tribaldelo: Tebaldello degli Zambrasi di Faenza, gibelino. Querendo se vingar de uma provocação dos Lambertazzi (bolonheses exilados, refugiados em Faenza), entregou a própria cidade aos Geremei, guelfos bolonheses, abrindo as suas portas. Isso aconteceu em novembro de 1280. Era famosa a rivalidade entre Lambertazzi e Geremei.

[48] Em um único buraco no gelo.

[49] A cabeça de um era como um chapéu em relação à cabeça do outro, pois uma cabeça estava sobreposta à outra.

[50] Tideu: um dos sete reis que atacaram Tebas. Ferido mortalmente por Melanipo, Tideu consegue, mesmo assim, feri-lo e matá-lo. Tendo pedido a seus companheiros que lhe levassem a cabeça de seu adversário, pôs-se a mordê-la com fúria. Isso é narrado por Estácio em *Tebaida*, VIII, 751-761.

[51] O ódio do verso 133.

[52] Fórmula de confirmação da promessa feita.

CANTO XXXIII

Episódio do conde Ugolino e seus filhos. Ptolomeia, onde estão punidos os traidores: continuação do canto anterior.

O conde Ugolino conta a história de sua morte. O narrador faz uma invectiva contra Pisa. Dante e Virgílio continuam o caminho e chegam à terceira zona do nono círculo: Ptolomeia, onde são punidos os traidores dos hóspedes. Alberigo dei Manfredi fala com Dante. O narrador faz uma invectiva contra Gênova.

1 Do fero cevo[1] os lábios desprendendo,
Na coma o pecador os enxugava
Desse crânio, a que estava atrás roendo.
2 “Queres de infanda mágoa” — começava —
“Renove a dor, que, só pensando a mente,
Antes que fale, o coração me agrava.
3 “Mas se a voz minha deve ser semente,
Que ao traidor que eu devoro, a infâmia brote,[2]
Falar, chorar verás conjuntamente.
4 “Não sei quem sejas, não sei como note
Tua presença aqui; por florentino.
Te ouvindo a língua, é força que te adote.
5 “Saber deves que fui conde Ugolino,[3]
Que arcebispo Rogério[4] aquele há sido:
Direi qual nos juntou cruel destino.
6 “Contar não hei mister como iludido
Por minha confiança, em cárcere posto,
Fui morto por maldade deste infido.
7 “Não conheces, porém, que atroz desgosto
O meu fim precedera: atenção presta,
Quanto ofendido fui verás exposto.
8 “Por vezes da prisão por breve fresta,
Torre da fome[5] após o meu tormento,
Que há de a outros ainda ser funesta,
9 “Brilhava a lua em pleno crescimento,[6]
Quando o véu do futuro horrível sonho
Rasgou, do exício[7] meu pressentimento.
10 “Este,[8] como senhor, então suponho[9]
Ao monte,[10] que ver Luca a Pisa obstava,
Lobo e pequenos[11] seus correr medonho.[12]
11 “Magros cães, destros, feros açulava
Dos Galandis, Sismondis e Lanfrancos[13]

A companha que à frente cavalgava.
12 “Em breve o pai e os filhos,[14] lassos, mancos,
Já dos famintos galgos mal feridos,
Dar pareciam últimos arrancos.
13 “Desperto ao primo alvor; dos meus queridos
Filhos, que eram comigo, o choro soa:
Pedem pão, estando ainda adormecidos.
14 “És cruel, se a tua alma não magoa
O prenúncio da dor que me aguardava:
Se não choras, que pena há que te doa?
15 “Despertaram; e a hora já chegava
Em que alimento escasso nos traziam:
O sonho a cada qual nos aterrava.[15]
16 “Da horrível torre à porta então se ouviam
Martelos cravejar:[16] eu, mudo e quedo
Nos filhos encarei, que esmoreciam.
17 “Não chorava; era o peito qual penedo.[17]
Choravam eles, e Anselmuccio[18] disse:
— ‘Assim nos olhas, pai? Do que hás tu medo?’ —
18 “Nem lágrimas, nem voz dei, que se ouvisse,
No dia e noite, que se seguiu lenta,
Até que ao mundo novo sol surgisse.
19 “Quando a luz inda escassa se apresenta
No doloroso cárcere, meu semblante
Nos quatro rostos seus se representa.[19]
20 “Mordi-me as mãos de angústia delirante.
Eles, cuidando ser da fome o efeito,
De súbito e com gesto suplicante,
21 “Disseram: ‘Menos mal nos será feito
Nutrindo-te de nós, pai; nos vestiste
Desta carne: ora sirva em teu proveito’.
22 “Contendo-me, evitei lance mais triste.
Em silêncio dois dias se passaram…

Ah! por que, terra esquiva, não te abriste?
23 “Do quarto dia os lumes clarearam:
Gado[20] caiu-me aos pés desfalecido
‘Pai, me acode!’, os seus lábios murmuraram.
24 “Morreu; e, qual me vês,[21] eu vi, perdido
O siso, os três, ao quinto e ao sexto dia,
Um por um se extinguir exinanido.[22]
25 “Apalpando os busquei — cego os não via
Dois dias, os seus nomes repetindo:
Da fome mais que a dor, pôde a agonia.”[23]
26 Calou-se e, os torvos olhos retorquindo,
Como de antes cravou no crânio dentes.
E os ossos, qual mastim, foi destruindo.
27 Ah! Pisa opróbrio aos povos, residentes
Na bela terra, em que o *si* ressona![24]
Pois te não vêm punir vizinhas gentes,
28 Presto a Capraia[25] mova-se e a Gorgona
Do Arno à foz, entupindo-lhe a saída!
Teu povo assim pereça, que se entona.[26]
29 E se foi a Ugolino atribuída
De entregar teus castelos[27] à maldade,
Por que à prole em tal cruz tirar a vida?
30 Tebas[28] moderna! Pela tenra idade
Uguccione e Brigata[29] insontes eram
E os irmãos, em que usaste a feridade.
31 Seguindo além aos olhos se of’receram
Outros,[30] que em gelo têm duro tormento:
Destes os rostos para trás penderam.[31]
32 Pranto ao pranto lhes causa impedimento;[32]
E a dor, que desafogo em vão procura,
Cresce-lhes, recalcada, o sofrimento.
33 As lágrimas, coalhando em neve dura,

Formam nos olhos seus vítrea viseira,[33]
E todo o espaço interior se obtura.
34 Conquanto quase a faculdade inteira
De sentir no meu rosto se embotasse
Dês que era nessa perenal geleira,[34]
35 Cuidei que um sopro me tocara a face.
"Do que este sopro" — inquiro — "se origina?
Se aqui não há vapor,[35] donde ele nasce?"
36 E o Mestre: "Irás aonde a resposta digna
Os teus olhos darão; e ali chegando
O que virem do sopro a causa ensina."
37 Dos tristes padecentes um gritando,
Nos disse: "Almas cruéis, almas danadas
(Pois que no extremo abismo estais penando),[36]
38 "Tirai-me aos olhos gélidas camadas,
Por desafogo dar-me ao peito aflito,
Antes de eu ter as lágrimas coalhadas."
39 "Se o lenitivo queres, que tens dito,
Teu nome diz: se não me desobrigo,
Desça eu do gelo ao pélago maldito."[37]
40 Respondeu logo: "Eu sou frei Alberigo,[38]
Pelos pomos famoso do mau horto:
Aqui recebo tâmara por figo."[39]
41 "Oh!" — disse — "porventura tu estás morto?"[40]
"Não sei como é meu corpo lá no mundo"
Tornou — "e se vivendo tem conforto.
42 "Este condão possui sem ter segundo
Ptolomeia:[41] aqui estar alma é frequente
Antes que a mande Átropos[42] ao profundo.
43 "E por que mais de grado e prontamente
Estas vidradas lágrimas removas,
Sabe que apenas de traição a mente

44 “Inquina-se, como eu, por funções novas
Passa o corpo a demônio que o governa
Té completar da vida últimas provas:
45 “Rui a alma, em tanto, à lôbrega cisterna;
Talvez na terra folgue o corpo ledo,
Cuja sombra após mim trêmula inverna.[43]
46 “Se és recém-vindo, sabe que esse tredo
É Branca d’Oria:[44] há prolongados anos
Jaz enleado no infernal enredo.”
47 “Este é” — tornei — “mais um dos teus enganos:
Desfruta alegre Branca d’Oria a vida
E come e bebe e dorme e veste panos.”
48 “Dos Malebranche em cava denegrida[45]
Não era” — disse ainda — “em pez viscoso
Alma de Miguel Zanche submergida,
49 “E um demônio esse infame criminoso
Deixou no corpo; o mesmo um seu parente,[46]
Que de traição foi sócio proveitoso.
50 “Das mãos auxílio presta ora clemente,
Me abrindo os olhos!” Tal não fiz; que errara
Com tal vilão me havendo[47] cortesmente.
51 Ah! genoveses! raça impura e avara,[48]
Que nos costumes tem mancha tamanha!
Quem da face da terra vos lançara![49]
52 Junto ao pior esp’rito da Romanha[50]
De entre vós um traidor[51] vi tanto imundo,
Que a alma sua em Cocito já se banha,
Enquanto o corpo vida finge ao mundo.

---

[1] “Alimento”, “refeição”.

[2] Verso aparentemente hipérmetro.

[3] Ugolino: Ugolino della Gherardesca, conde de Donoratico. Era de antiga e nobre família, de tradição gibelina. Entretanto, fez em 1275 um acordo com o genro, Giovanni Visconti, chefe guelfo, para que eles pudessem proteger juntos os feudos que tinham na Sardenha. Tornou-se senhor de Pisa em 1284 e, em 1285, a ele se associou seu neto Nino Visconti, que era guelfo como o pai, Giovanni. Em 1288, foi condenado por traição, por obra do arcebispo Ruggieri degli Ubaldini (o arcebispo Rogério), que comandava os gibelinos, e de outras famílias poderosas da cidade. Não se conhece bem o desenvolvimento dos fatos, mas parece que isso se deveu às muitas concessões de Ugolino aos guelfos. Segundo a versão seguida por Dante, Ruggieri, aproveitando-se de um momento em que Ugolino não estava na cidade, teria conseguido expulsar Nino. Ugolino, contudo, não ajudou o neto, mas tentou fazer um acordo com o arcebispo, conseguindo voltar para a cidade. Entretanto, foi traído pelo arcebispo, que fez com que ele fosse preso, sob acusação de traição, na Torre dei Gualandi, junto com dois filhos e dois netos. Eles foram mantidos presos de julho de 1288 a março de 1289, quando a porta da torre foi trancada e eles foram abandonados, até morrerem de fome. No texto de Dante, são todos chamados, por extensão, filhos de Ugolino. O fato era bastante conhecido na época e a história de Ugolino é uma das mais famosas de todo o poema.

[4] Arcebispo Rogério: Ruggieri degli Ubaldini, nomeado arcebispo de Pisa em 1278. Após ter derrotado Ugolino e Nino, conquistou o poder de Pisa. É acusado como traidor político por causa do modo como agiu em relação a Ugolino, fingindo-se amigo. Entretanto, foi obrigado a renunciar, não resistindo à dura oposição de Nino Visconti, que Dante encontra no canto VIII do “Purgatório”, tirando dele qualquer responsabilidade pelos eventos relativos a Ugolino e Ruggieri.

[5] Após a história de Ugolino, a torre ficou conhecida por esse nome.

[6] Retoma o verso 22. No original: “a breve fresta havia me mostrado várias luas”, isto é, alguns meses eram já passados.

[7] “Perdição”.

[8] Ruggieri.

[9] “Vejo pelo sonho”.

[10] O moente San Giuliano, localizado entre Pisa e Luca, cidades muito próximas.

[11] Os filhotes do lobo.

[12] “Fazer correr”, “perseguir”, referido a “Este”, bem como “medonho”.

[13] As famílias Gualandi, Sismondi e Lanfranchi eram as principais famílias gibelinas de Pisa.

[14] O lobo e seus filhotes, humanizados por Ugolino, que vê neles a sua própria pessoa e aquela de seus filhos.

[15] Também os filhos tiveram sonhos pressagos. Por isso, choravam e pediam pão enquanto dormiam (versos 37-39).

[16] Isto é, estavam fechando definitivamente a porta da torre.

[17] Ugolino era petrificado pela dor.

[18] O neto mais jovem de Ugolino, entre os dois que se encontravam na torre.

[19] Ugolino viu, pelos quatro rostos, o aspecto que devia apresentar o seu próprio rosto.

[20] Gaddo, um dos filhos de Ugolino.

[21] “Com a mesma realidade com a qual agora me vês”.

[22] Enfraquecido.

[23] No original: “então, mais do que a dor, pôde a fome”, verso velado, que sempre deu margem a duas interpretações principais (uma muito mais terrível do que a outra). As controvérsias entre os críticos mostram que não convém insistir muito sobre uma das interpretações. Se uma delas é mais natural e convém melhor à piedade que a história suscita, a outra permanece como sugestão nas entrelinhas do texto, e pode estar ligada a diversos elementos textuais. O melhor a se fazer é deixar a interpretação ao leitor, que deve escolher aquela que lhe parece mais plausível.

[24] A Itália, onde o *sí* é empregado como termo afirmativo. A língua italiana era de fato chamada *volgare di sì*, como o provençal era chamado língua d’oc e o francês, *língua d’oil*.

[25] Capraia e Gorgona: duas ilhas do mar Tirreno, que estavam sob o domínio de Pisa.

[26] Acréscimo da tradução.

[27] Teus castelos: Ugolino, vendo que Gênova, Florença e Luca tinham se juntado contra Pisa, teria cedido alguns castelos a Florença e a Luca, de modo a fazer pactos com as duas cidades.

À maldade: acréscimo da tradução.

[28] Pisa é chamada Tebas moderna, por renovar o ódio e a crueldade que a antiguidade associava à cidade. Muitos mitos que manifestam a crueldade ligada à cidade são citados no poema.

[29] Uguccione: Uguiccione, filho de Ugolino.

Brigata: Ugolino ou Nino, chamado Brigata, neto de Ugolino. Com isso, são nomeados todos aqueles que morreram com Ugolino.

Insontes: “inocentes”.

[30] Uma nova categoria de traidores.

[31] Em vez de terem o rosto virado para baixo, eles têm o rosto voltado para cima, inclinando a cabeça para trás.

[32] O próprio pranto impede que eles chorem: assim que saem, as lágrimas se congelam e impedem a saída das outras lágrimas. Por isso, o fato de ter o rosto voltado para cima agrava a pena.

[33] Parte móvel do elmo que cobria os olhos.

[34] Por causa do frio.

[35] Vapor é aqui empregado, como no original, no sentido de “vento”: no Inferno, não há mudanças atmosféricas e, portanto, não há vento.

[36] O danado está na terceira zona do nono círculo e pensa que Dante e Virgílio são danados que se encaminham para a quarta e última zona do nono círculo, o lugar extremo do Inferno.

[37] “Ao fundo do Inferno”. Trata-se de uma fórmula para garantir aquilo que se promete. Mas, nesse caso, Dante irá de fato até o fundo do Inferno. Logo, ele está enganando o danado que lhe fez o pedido.

[38] Frei Alberigo: Alberigo dei Manfredi, frate godente (como explicado no verso 103 do canto XXIII, um dos chefes guelfos em Faenza. Por causa de uma

discórdia que tinha com parentes seus (Manfredo e Alberghetto dei Manfredi), chamou-os para almoçar, sob pretexto de pacificar as relações, e os assassinou. Depois que comeram, Alberigo disse a seus serviçais que levassem as frutas. Esse, na verdade, era o sinal para que seus serviçais praticassem o crime. Ao que parece, esse fato (ocorrido em 1285) teria dado origem à frase proverbial “fruta de frei Alberigo”. É a essa frase que o personagem se refere no verso seguinte: “Pelos pomos famoso do mau horto”.

[39] A tâmara era fruta mais preciosa do que o figo. Alberigo quer dizer que recebe uma punição ainda mais grave do que a culpa.

[40] “Já estás morto?” De fato, Alberigo ainda estava vivo em 1300 e Dante sabia disso.

[41] Ptolomeia: nome dado à terceira zona do nono círculo, destinada aos traidores dos hóspedes. O nome deriva provavelmente do personagem bíblico Ptolomeu, que mandou matar à traição o sogro Simão Macabeu e seus filhos Matatias e Judas, que ele havia convidado para um banquete (1 Macabeus 16, 11-16). Contudo, o nome pode se dever também a Ptolomeu, rei do Egito, que matou Pompeu, o qual havia hospedado depois da batalha de Farsalo.

[42] “Antes que Átropos permita que a alma deixe o corpo”, isto é, antes da morte. Átropos era a parca encarregada de cortar o fio da vida do homem.

[43] Tão logo uma pessoa comete uma traição de tipo tão grave como aquela de Alberigo, um demônio toma conta do seu corpo até o momento da sua morte, enquanto a alma desce para o Inferno.

Inverna: “passa o inverno”. Entretanto, o termo empregado no original pode ser também alusão ao canto dos pássaros durante a primavera. Nesse caso, seria alusão muito irônica ao bater de dentes do personagem.

[44] Branca d’Oria: Branca Doria, de uma família nobre de Gênova. Foi personagem de relevo na política. Querendo se apossar de Logudoro, cujo senhor era seu sogro, Michele Zanche, convidou-o para jantar e o matou. Tal episódio, contudo, não é documentado.

[45] Na quinta fossa de Malebolge, cujos guardiões são os diabos chamados Malebranche. Lá se encontra Michele Zanche, mencionado em “Inferno”, XXII, 88-90. A frase mostra a instantaneidade do fenômeno: a alma de Michele Zanche nem havia chegado ao Inferno e a alma de Branca Doria já tinha deixado o seu corpo.

[46] O parente não é nomeado nem historicamente identificado.

[47] “Comportando-me”: “teria errado se tivesse me comportado cortesmente com uma pessoa vil como essa”.

[48] No original: “alheia a todo bom costume”.

[49] “Eliminara”.

[50] Frei Alberigo.

[51] Branca Doria.

CANTO XXXIV

Neste último canto do primeiro cântico vê-se a Judeca, quarta e final divisão do círculo nono. Ali penam os traidores aos seus benfeitores. No centro demora Lúcifer. Os poetas saem do Inferno e tornam a ver as estrelas.

Os poetas entram na quarta e última zona do nono círculo, a Judeca, e, por fim, veem Lúcifer. Eles descem para sair do Inferno. Virgílio esclarece dúvidas de Dante. Ambos prosseguem o caminho, até verem as estrelas.

1 *“Vexilla regis prodeunt inferni*
Contra nós; para diante os olhos tende”[1]
— Disse o Mestre — “se a vista já discerne.”
2 Como quando no ar névoa se estende,
Ou ao nosso hemisfério a noite desce,
Um moinho distante a atenção prende:
3 Um edifício igual verme parece.
Tanto era o vento, que eu busquei guarida
Atrás do Mestre, que outra[2] não se of’rece.
4 À parte era chegado, onde imergida
Cada alma em gelo está[3] (tremo escrevendo),
Bem como aresta[4] no cristal contida.
5 Erguidas umas estão, outras jazendo,
Qual sobre a fronte ou sobre os pés firmada,[5]
Qual com seus pés e rosto arco fazendo.[6]
6 Quando distância tal foi superada,
Que aprouve ao Mestre me tornar patente
A criatura bela ao ser formada,[7]
7 Se afastando de mim, disse: “Detém-te!
Eis Satanás! Eis o lugar horrendo
Em que deves te armar de esforço[8] ingente!”
8 Quanto assombrei-me aquele aspecto vendo
Não inquiras, leitor: não te expressara
Com verbo humano o que encarei tremendo.
9 Não morto, porém vivo não ficara.
Qual me achava te pinte a fantasia,
Se morte ou vida em mim se não depara!
10 Do aflito reino o imperador eu via:
Do gelo acima o seio levantava.
A um gigante igualar eu poderia,[9]
11 Se um gigante a um seu braço eu comparava!
De todo vede a proporção qual fora,

Quando tão vasta a parte[10] se ostentava!
12 Quem foi tão belo, quanto é feio agora,
Contra o seu Criador a fronte[11] alçando,
Vera causa é do mal, que o mundo chora.
13 Qual meu espanto há sido em contemplando
Três faces na estranhíssima figura![12]
Rubra cor na da frente está mostrando;
14 Das outras cada qual,[13] da espádua escura
Surdindo, às mais ajunta-se e se ajeita
Sobre o crânio da infanda criatura.
15 Entre amarela e branca era a direita;
A cor a esquerda tem que enluta a gente,
Do Nilo às margens a viver afeita.[14]
16 Via asas duas, baixo cada frente,[15]
Tão vastas, quanto em ave tal[16] convinham:
Velas iguais não abre nau potente.
17 Plumas, como em morcego, elas não tinham;
De contínuo agitadas produziam
Os três gélidos ventos, que mantinham
18 Os frios, que o Cocito enrijeciam.[17]
Chorava por seis olhos, por três mentos[18]
Pranto e sanguínea espuma se espargiam.
19 Qual moinho, com dentes truculentos
Cada boca um precito[19] lacerava:
Padecem três a um tempo assim tormentos.
20 Mas ao da frente a pena se agravava,
Porque das garras o furor constante
Do dorso a pele ao pecador rasgava.
21 “O que esperneia em dor mais cruciante”
O Mestre disse: “É Juda Iscariote:[20]
Prende a cabeça a boca devorante.[21]
22 “Dos dois, que estão pendendo,[22] coube em dote

À negra face Bruto:[23] sem gemido
Se estorce da dentuça a cada bote.
23 “O outro é Cássio,[24] de membros bem fornido.
Mas a partir a noite insta, assomando:[25]
Aqui já tudo havemos conhecido.”
24 Do Mestre o colo enlaço por seu mando.
Ele, em lugar e tempo apropriado,
De Lúcifer as asas se alargando,
25 Ao peito hirsuto havia-se agarrado;
Depois de velo em velo descendia
Entre os ilhais e o lago congelado.[26]
26 Chegado àquela parte, em que se unia
Da coxa o extremo dos quadris à altura,
Com grande ofego e mor abalo o Guia
27 Pôr a fronte onde os pés firmou procura,[27]
Como quem sobe às crinas agarrado:
Assim tornar cuidei do Inferno à agrura.
28 “Segura-te! Por tais degraus alado”[28]
Lasso Virgílio já disse anelante,
“Deste Império do Mal serás tirado.”[29]
29 De uma rocha então sai por fresta hiante;[30]
Sobre a borda me assenta cauteloso;
Depois a mim se acerca vigilante.
30 Olhos alcei julgando[31] curioso
Ver Lúcifer, qual de antes o deixara;
De pernas para o ar vi-o em seu pouso!
31 De que enleio a minha alma se tomara,
Deixo ao vulgo pensar pouco instruído,
Que o ponto[32] não compreende, em que eu passara.
32 “Eia! Vamos!”, o Mestre diz querido,
“Longa jornada e mau[33] caminho temos;
E a meia terça[34] o Sol já tem corrido.”

33 De paço em salas nós de andar não temos;[35]
Mas de antro natural em solo duro[36]
Os passos nossos dirigir devemos.
34 “Antes que eu deixe em todo o abismo escuro,
Erro, em que estou, meu Mestre, desvanece”,
Disse erguendo-me um pouco mais seguro.
35 “Onde o gelo? Por que nos aparece
Assim Lúcifer posto? E já tão presto,
Cessando a noite, o sol nos esclarece?”[37]
36 “Tu cuidas ser, do que ouço é manifesto,
Lá no centro,onde ao pelo me prendera[38]
Do que atravessa o mundo, verme infesto.
37 “Ali[39] estiveste, enquanto[40] eu descendera.
Ao voltar-me do ponto além tens sido,
Que o peso atrai na terreal esfera.[41]
38 “Foste àquele hemisfério transferido,
Que se opõe ao que à terra está lançado,
Em cujo excelso cume há padecido
39 “Quem nasceu, quem viveu sem ter pecado.[42]
Sobre uma esfera estreita os pés agora,
Da Judeca ao reverso, tens firmado.[43]
40 “É noite lá; nós temos luz nesta hora;
E o que nos velos seus nos deu a escada
Na postura se firma, em que antes fora.[44]
41 “Caiu aqui da altura sublimada,[45]
E a terra, que se alçava entumescente,
Do mar fez véu e veio de enfiada
42 “Para o nosso hemisfério de repente.
Também fugiu de medo, a que se avista;
Vácuo deixando aqui, fez monte ingente.”[46]
43 Lá no profundo há um lugar, que dista
Tanto de Belzebu, quanto se estende

Seu sepulcro:[47] ali não penetra a vista.
44 Revela-o som[48] de arroio,[49] que descende
Por brecha do rochedo, que escavara,
Em torno serpeando, e pouco pende.[50]
45 Para voltar do mundo à face clara
Nessa vereda escusa[51] penetramos:
De nós nenhum de repousar cuidara.
46 Virgílio e eu, logo após, nos elevamos,
Té que do ledo Céu as coisas belas
Por circular aberta[52] divisamos:
Saindo a ver tornamos as estrelas.

---

[1] "Adiantam-se os estandartes do rei do Inferno". Os termos *vexilla regis proderunt* ("adiantam-se os estandartes do rei") constituem o primeiro verso de um hino de Venâncio Fortunato (século VI) à cruz de Cristo, que ainda hoje se canta na Sexta-Feira Santa. Os "estandartes" são de fato a cruz, como o "rei" por excelência é Cristo. Aqui, o acréscimo da especificação "do Inferno" faz com que a frase se refira a Lúcifer, o rei do Inferno. Os seus "estandartes" são a sua própria figura, como se ele fosse a sua própria cruz. O termo "adiantam-se" (*prodeunt*) não deve ser tomado literalmente: Virgílio quer dizer que eles estão se aproximando de Lúcifer (que permanece no mesmo lugar).

"Contra nós:" na nossa direção.

[2] Refere-se a "guarida".

[3] Nova condição dos pecadores: isso indica que os poetas entraram na quarta e última zona do nono círculo.

[4] Barba, espécie de palha, que sai das espigas.

[5] Dito em relação às que estão erguidas (isto é, em posição vertical).

[6] Fazendo um arco com o corpo.

[7] Lúcifer: a criatura criada para a beleza, aquela que, antes da sua queda, havia sido a mais bela criatura.

[8] “Coragem”.

[9] “A diferença entre mim e um gigante é a mesma que entre um gigante e um braço seu”. A ideia expressa pelo original é mais hiperbólica: “Existe menos desproporção entre mim e um gigante do que entre um gigante e um braço seu”.

[10] O braço.

[11] Em gesto de soberba.

[12] A cabeça tinha três faces, em provável antítese à Trindade una e trina.

[13] Das outras duas faces, cada uma ficava sobre um dos ombros. No topo da cabeça juntavam-se as três faces.

[14] No original: “a esquerda era da cor daqueles que vêm da região onde o Nilo desce para a planície”. A região é a Etiópia e a cor é o preto.

Muitas são as interpretações atribuídas a essas três faces. Segundo alguns, elas seriam expressão das paixões opostas à Trindade. A Trindade é Potência, Sapiência e Amor. Logo, as faces seriam “impotência”, “ignorância” e “ódio”. Segundo outros, elas representariam as três disposições punidas no Inferno: incontinência, bestialidade e malícia. Os comentadores divergem também na atribuição das cores a cada significado. Segundo alguns, o vermelho seria a impotência, o preto a ignorância e o amarelo o ódio ou a inveja. Segundo outros, o amarelo seria a impotência, o preto a ignorância e o vermelho o ódio ou a inveja. Existem, contudo, muitas outras interpretações.

[15] “Face”. Logo, as asas são seis.

[16] Em uma ave com tais dimensões.

[17] O congelamento do Cocito se devia, portanto, aos ventos produzidos pelas asas em movimento.

[18] “Queixos”.

[19] “Condenado”.

[20] O grande traidor, o traidor por excelência, o apóstolo que traiu Jesus (Mateus, 26, 14-16; Marcos, 14, 10-11; Lucas, 22, 3-6). Ele ocupa o lugar extremo do Inferno, sendo o pior não só entre os traidores, mas entre todos os pecadores. A ele se refere a quarta e última zona do Inferno, a Judeca, onde estão os traidores dos “benfeitores” (segundo interpretação corrente). Segundo outros, nessa zona

estão os traidores das autoridades divinas e humanas.

[21] Ele está com a cabeça voltada para dentro e as pernas para fora.

[22] A posição dos outros dois é diferente daquela de Judas: eles estão com a cabeça pendente para fora.

[23] Bruto: Marco Júnio Bruto, que participou da conspiração contra Júlio César e do seu assassinato.

[24] Cássio: Caio Cássio Longino, outro conspirador que participou do assassinado de Júlio César, amigo de Bruto.

O nono círculo é organizado segundo o objeto da traição: traidores de familiares, traidores da pátria, traidores dos hóspedes e traidores dos "benfeitores" (segundo a leitura mais comum). Contudo, Bruto e Cássio estão ao lado de Judas principalmente por causa daquele que traíram: traindo César, os personagens traíram o Império, que, na visão de Dante, era a suprema autoridade terrena concedida por Deus para a condução da humanidade.

[25] A viagem havia iniciado no anoitecer do dia anterior ("Inferno", II, 1-3). Logo, a viagem infernal durou mais ou menos 24 horas.

[26] O gelo que estava em volta do corpo de Lúcifer, na altura do peito.

[27] Nesse ponto, Virgílio muda a direção, girando-se.

Embora a tradução de Xavier Pinheiro seja um dos possíveis modos de ler o texto italiano, a interpretação exata do texto original é, provavelmente: "Virgílio girou a cabeça para onde [Lúcifer] tinha as pernas". O sentido, substancialmente, não muda: Virgílio estava descendo pelo corpo de Lúcifer, tendo as pernas na mesma direção que as pernas de Lúcifer. Agora, Virgílio gira, direcionando a cabeça para as pernas de Lúcifer, ficando como que de ponta-cabeça.

Esse ponto, à altura do quadril de Lúcifer, é o centro da terra. Virgílio primeiro descia pelo hemisfério boreal até o centro da terra; agora, para subir pelo hemisfério austral, tem que mudar de posição. Por isso, ele fica como quem sobe às crinas agarrado, criando em Dante a impressão de subir de volta para o Inferno, do qual, na verdade, eles estão se afastando. Acreditava-se, na época, que a força da gravidade era mais forte quanto mais perto do centro da terra. Por isso, Virgílio muda de direção "com grande ofego e mor abalo". O termo abalo, diferentemente de ofego, tem conotação mais moral do que física. Nisso, Xavier Pinheiro traduz com muita exatidão os termos empregados no texto original: de

fato, a mudança de direção não é apenas um evento físico, mas também moral, representando a conversão do coração do homem, que se encaminha do mal para o bem. O abalo de Virgílio se deve também à sua tarefa moral de conduzir Dante por essa mudança.

[28] Alado: acréscimo da tradução.

[29] “É por tais degraus (tão terríveis: o próprio corpo de Lúcifer) que convém deixar o reino do mal.”

[30] Não há mais o gelo: Virgílio sobe por um espaço entre Lúcifer e a rocha. A um certo ponto, a rocha se abre em uma espécie de caverna. Virgílio, então, deixa Dante sobre a beira da abertura. Em seguida, ele próprio solta os pelos de Lúcifer, dando um passo cauteloso para o mesmo lugar.

[31] Dante pensava estar retornando para o Inferno, já que Virgílio havia começado a subir utilizando os pelos de Lúcifer. Por isso, ele agora eleva os olhos, pensando que verá Lúcifer em posição ereta (qual de antes o deixara: na mesma posição em que o havia visto, quando iniciou a descida). Entretanto, ele olha para cima e vê, como se Lúcifer estivesse de ponta-cabeça, a parte das pernas não percorrida por eles (isto é: a parte final das pernas).

[32] O centro da terra.

[33] “Difícil”.

[34] No horário litúrgico, terça era o período entre as seis e as nove da manhã, denominado pela última hora (as nove), chamada “terça”. A meia terça significa, então, a metade desse período: sete e meia.

No outro hemisfério, estava anoitecendo (vv. 68-69); neste, o dia está começando.

[35] Observação do narrador: o caminho não era como salas de palácios (paço).

[36] “Rochoso”, “difícil”, “irregular”.

[37] “Como há pouco estava anoitecendo e agora já é de manhã?”

[38] No original: “antes do centro”, onde efetivamente Virgílio se agarrou aos pelos de Lúcifer.

Onde ao pelo…: “onde me prendera ao pelo do verme infesto que atravessa o mundo” (pois está no seu centro).

[39] Do outro lado do centro, no outro hemisfério.

[40] “Enquanto eu desci”.

[41] “Quando me voltei, passaste pelo ponto que atrai o peso na esfera terrestre (o centro da terra)”.

[42] “Agora estás sob o hemisfério celeste oposto àquele que cobre a terra [habitada] e sob cujo centro padeceu Jesus”.

Acreditava-se que a terra habitada estivesse toda no hemisfério norte, tendo ao centro Jerusalém, e que o outro hemisfério tivesse apenas água.

“Em cujo excelso cume há padecido / Quem nasceu, quem viveu sem ter pecado”: em cujo centro (isto é, sob o ponto mais alto do hemisfério celeste), Jesus morreu. Logo, a expressão indica que Jerusalém está sob a parte mais alta do hemisfério celeste boreal.

[43] “Esfera estreita”: espaço circular, em volta dos pés de Lúcifer, oposto ao espaço circular que está em volta do peito de Lúcifer e que constitui, no outro hemisfério, a Judeca.

[44] Lúcifer não mudou de posição.

[45] Lúcifer, quando foi expulso do céu, caiu (Isaías, 14, 12; Lucas, 10, 18) no hemisfério antártico (aqui). A terra, que antes também estava no hemisfério sul, cobriu-se com o mar e surgiu no hemisfério norte (nosso hemisfério), como que com medo do contato com Lúcifer.

[46] “A que se avista”: a terra que se avista aqui nesse hemisfério (sempre o hemisfério sul): a ilha sobre a qual está o monte do Purgatório, em cujo cume está o paraíso terrestre.

A caverna onde se encontram Dante e Virgílio é formada pelo espaço que a terra deixou em volta de Lúcifer (vácuo). Nessa ocasião, a terra correu para o alto e formou a montanha que está no meio do mar.

[47] A caverna em volta de Lúcifer. O lugar dista de Lúcifer tanto quanto se estende a caverna: ele está, portanto, o mais distante possível de Lúcifer, na margem extrema da caverna.

[48] Chega-se ao lugar não pela vista (já que não há luz), mas pelo som do arroio.

[49] Provavelmente o Letes, rio que corre no paraíso terrestre, no alto da montanha

do Purgatório, descendo para o Inferno. Antes de subir para o céu, as almas têm de mergulhar no Letes, para deixar nele a memória do pecado, que desce, portanto, para o Inferno.

50 Pouco pende justamente porque desce de modo sinuoso (“em torno serpeando”).

51 Por aquele lugar na margem da caverna. Escusa: escondida.

52 “Por circular abertura”.

PARTE II

PURGATÓRIO

CANTO I

Avistam-se os poetas com Catão de Útica, que lhes ensina como se devem conduzir. Encaminham-se para a banda do mar.

Prólogo ao “Purgatório”: proposição do tema e invocação às musas. Os poetas se encontram na ilha onde está a montanha do purgatório. Aparece Catão de Útica. Virgílio purifica Dante.

1 Do engenho meu a barca as velas solta
Para correr agora em mar jucundo,
E ao despiedoso pego a popa volta.[1]
2 Aquele reino cantarei segundo,[2]
Onde pela alma a dita é merecida
De ir ao céu livre do pecado imundo.
3 Ressurja ora a poesia amortecida,[3]
Ó Santas Musas,[4] a quem sou votado.
Unir ao canto meu seja servida
4 Calíope[5] o som alto e sublimado,
Que às Pegas[6] esperar não permitira
Lhes fosse o atrevimento perdoado.
5 Suave cor de oriental safira,[7]
Que se esparzia no sereno aspeito
Do ar té onde o céu primeiro gira,[8]
6 Recreia a vista; e eu ledo me deleito
Em surdindo[9] da estância tenebrosa
Que tanto os olhos contristara e o peito.
7 A bela estrela, a amor auspiciosa[10]
Sorrir alegre faz todo o Oriente,
Vela os Peixes,[11] que a seguem luminosa.
8 Ao outro polo endereçando a mente,
Volto-me à destra,[12] e os astros quatro vejo,
Que vira só a primitiva gente.[13]
9 Folgar[14] o céu parece ao seu lampejo.
Do Norte, ó região, viúva[15] hás sido,
De os contemplar te não foi dado ensejo.
10 Depois de os remirar, já dirigido
Olhos havia para o polo oposto,[16]
Donde a Carroça[17] havia-se partido,
11 Eis noto um velho,[18] perto de mim posto,
Que reverência tanta merecia,

Que mais do pai não deve o filho ao rosto.
12 Nas longas barbas nívea cor saía
Sendo na coma sua semelhante,
Que em dupla trança[19] ao peito lhe caía.
13 A luz dos santos astros[20] rutilante
De fulgor tanto lhe aclarava o gesto,
Que o vi, como se o sol lhe fosse adiante.[21]
14 “Quem sois que em contra o rio[22] escuro e mesto
Do eterno cárcere heis fugido os laços?” —
Movendo as nobres plumas,[23] disse presto.
15 “Quem vos guiou, alumiando os passos
Para a profunda noite haver deixado,
Que enluta sempre os infernais espaços?
16 “As leis do abismo acaso se hão quebrado?
O céu dá,[24] seus decretos revogando,
Que dos maus seja o meu domínio entrado?” —
17 Travou de mim Virgílio, me exortando
Por voz, aceno e mãos: como queria
Os joelhos curvei, olhos baixando.
18 “De moto meu não vim”[25] — lhe respondia —
“De Dama aos rogos, que do céu descera,
Socorro este homem, sirvo-lhe de guia.[26]
19 “Pois que é desejo teu que a nossa vera
Condição definida mais te seja,
Prestar me cumpre explicação sincera.
20 “Aura da vida este homem inda bafeja,
Mas tanto, de imprudente, se arriscara,
Que é maravilha vivo ainda esteja.[27]
21 “Disse como a salvá-lo me apressara:
Por onde os passos dirigir pudesse
Essa vereda só se deparara.[28]
22 “Mostrei-lhe a gente, que por má padece;[29]

Mostrar-lhe intento os que ora estão purgando
Pecados no lugar, que te obedece.[30]
23 “Longo seria como o vou guiando
Dizer-te: é força do alto a que me impele,
Para te ver e ouvir o encaminhando.
24 “Digna-te, pois, benigno ser com ele:
A liberdade anela, que é tão cara:
Sabe-o bem quem por ela a vida expele.
25 “Por ela a morte não te há sido amara
Em Útica, onde a veste foi deixada,
Que em Juízo há de ser de luz tão clara.[31]
26 “Por nós eterna lei não é violada:
Ele inda vive; Minos[32] não me empece;
No círc’lo estou, onde se acha encerrada
27 “Tua Márcia,[33] que em casto olhar parece
Rogar-te ainda que por aia a tenhas:
Lembrando-a em favor nosso te enternece.
28 “Ir deixa aos reinos teus, não nos retenhas;
Hei de a Márcia dizê-lo agradecido,
Se lá[34] de ti falar-se não desdenhas.”
29 “Márcia a meus olhos tão jucunda há sido
Que” — tornou-lhe Catão — “eu de bom grado
No mundo quanto quis lhe hei concedido.
30 “Estando além do rio detestado,
Mover-me ora não pode: este preceito
Me foi, deixando o Limbo,[35] decretado.
31 “Se por dama celeste hás sido eleito,
Como disseste, é vã lisonja[36] agora.
O que requeres em seu nome aceito.
32 “Vai, pois: cingindo este homem sem demora
De liso junco, lava-lhe o semblante;
Toda a impureza seja posta fora.
33 Cumpre que, quando ele estiver perante

O anjo, que do céu vier primeiro,[37]
Névoa nenhuma os olhos lhe quebrante.
34 “Lá onde baixa o ponto derradeiro
Do mar batido,[38] esta ilha tem viçoso
Juncal que alastra todo o seu nateiro.
35 “Não pode vegetal rijo ou frondoso[39]
Ter vida ali; porque não dobraria
Ao embate das ondas caprichoso.
36 “Aqui tornar inútil vos seria.
Vereis ao sol que surge,[40] o melhor passo
Para subir do monte à penedia.”
37 Sumiu-se. Ergui-me, então, sem mais espaço,
E em silêncio; olhos fitos no semblante
De Virgílio, amparei-me com seu braço.
38 “Comigo, ó filho” — diz-me — “segue avante.
Atrás voltemos; pois daqui se inclina
O plano para o mar, que jaz distante.”
39 Fugia ante a alva a sombra matutina;[41]
Já nos ficava aos olhos descoberta,
Posto[42] remota, a oscilação marina.
40 Pela planície andávamos deserta,
Como quem trilha a estrada que perdera,
E teme não achar vereda certa.
41 Chegando à parte,[43] onde não pudera
Do rocio triunfar o sol nascente,
Porque à sombra o frescor pouco modera,
42 Sobre a relva meu Mestre brandamente
As mãos ambas abria: o movimento
Lhe noto e, o compreendendo, diligente,
43 As lacrimosas[44] faces lhe apresento.
Virgílio as cores restaurou-me ao gesto,
Que desbotara o Inferno nevoento.
44 Vimos à erma praia a passo lesto:[45]

Nunca sobre águas suas navegara
Homem[46] que o mundo torne a ver molesto.[47]
45 Cingido fui, como Catão mandara.
Portento! A humilde planta renascida,
Qual antes vi no solo, onde a arrancara,
Sem dif'rença, de súbito crescida.

---

[1] Isto é, deixa atrás de si o despiedoso pego, que é a matéria tratada no "Inferno".

[2] Proposição do tema, que faz parte do esquema clássico do prólogo, como já foi dito a respeito do prólogo ao "Inferno" (no canto II do "Inferno").

Reino segundo: Purgatório.

[3] A poesia morta que cantou o Inferno.

[4] Invocação, outro elemento do prólogo.

[5] Calíope: a musa da poesia épica, principal filha de Piério, entre as musas.

[6] Pegas: alusão ao mito das Piérides, rei da Tessália. Tinham uma belíssima voz e, por isso, desafiaram as Musas no canto. Foram derrotadas por Calíope e, como punição, foram transformadas em pegas, aves da família dos corvídeos. Logo, os versos dizem que Calíope cantou de tal modo que as Piérides não puderam nem mesmo ter a esperança de ser perdoadas. O episódio é narrado em *Metamorfoses*, V, 294-678.

[7] Início da narrativa.

Oriental safira: a safira é pedra preciosa de cor azul. A safira oriental era o tipo de safira mais apreciado, devido à sua cor mais viva.

[8] O primeiro céu é precisamente o céu da Lua. Entretanto, diversas questões levam a crer que o original trate não "do primeiro céu" efetivamente, que não pode ser visto pelo homem sobre a terra, mas sim do horizonte, que é "o primeiro entre os círculos da esfera", aquele visto pelo homem. Essa leitura é possibilitada também pela tradução. Nesse caso, entende-se: "no sereno aspeito do ar até o horizonte", isto é, por todo o céu visível.

[9] “Saindo”, “emergindo”.

[10] O planeta Vênus, cuja influência é a inclinação ao amor.

[11] Vênus guia a constelação de Peixes e a vela com o seu esplendor. Isso significa que a constelação de Peixes se encontra em conjunção com Vênus.

Recorde-se que, no tempo da viagem de Dante, o Sol se encontra em Áries, constelação que vem depois de Peixes. Se a constelação de Peixes se encontra no oriente, isso significa que o nascer do Sol (com Áries) está próximo.

A viagem pelo Purgatório começa no início do dia (diferentemente da viagem infernal), momento que indica esperança e renascimento. E a primeira indicação desse momento é a aparição luminosa de Vênus, que é o planeta do amor.

[12] Dante estava olhando para o oriente. Se ele vira para a direita, ele passa a olhar para o sul. O outro polo é o antártico, oposto ao polo ártico, visível no hemisfério das “terras habitadas”.

[13] Primitiva gente: Adão e Eva, quando viveram no Paraíso Terrestre, que fica justamente no alto da montanha do Purgatório.

Astros quatro: segundo a maior parte dos intérpretes, as quatro estrelas representam as quatro virtudes cardinais (prudência, justiça, fortaleza e temperança), próprias, segundo a teologia, da natureza humana em sua perfeição. O fato de elas terem sido vistas só por Adão e Eva tem também significado moral, já que eles representam a perfeição do homem logo depois de ter sido criado por Deus, antes da expulsão do Paraíso Terrestre. Muitos foram os debates para estabelecer se essas estrelas são apenas elemento alegórico ou se correspondem a estrelas reais. Com relação à segunda possibilidade, que parece provável, muitos são os debates para estabelecer quais são essas estrelas. É provável que Dante se refira a estrelas indeterminadas, que, contudo, ele sabia que existiam no outro polo. Alguns estudiosos dizem que, se fossem verdadeiras, Dante não poderia ter dito que elas foram vistas só por Adão e Eva. Mas essa especificação tem significado sobretudo simbólico, alusivo ao fato de essas estrelas aparecerem na parte desabitada do mundo, sendo a sua luz desconhecida aos homens.

[14] “Ter prazer”.

[15] Viúva em relação à luz dessas quatro estrelas. O significado moral é de que as virtudes cardinais não são mais conaturais ao homem, como foram a Adão e

Eva. Por isso, o hemisfério norte (a região habitada) está privado da luz dessas estrelas.

[16] O polo ártico.

[17] Carroça: a constelação da Ursa Maior, visível no hemisfério norte. “Donde a Carroça havia-se partido” é indicação de lugar: os poetas ultrapassaram tanto a linha do Equador que não podem mais ver a Ursa Maior.

[18] O velho é Marco Pórcio Catão Uticense, conhecido como Catão de Útica ou Catão, o Jovem (95 a.C.-46 a.C.). Tendo sido enérgico defensor da República em Roma e tendo seguido Pompeu, cometeu suicídio em Útica após a vitória de César, por não querer se submeter a ele. Figura muito admirada pelos antigos, que viam nele um exemplo eminente de valor moral e, no seu suicídio, o ato supremo pela liberdade.

Na *Divina Comédia*, Catão aparece como o guardião do Purgatório. Pode parecer estranho tamanho relevo conferido a um personagem pagão e, ainda por cima, suicida. Entretanto, deve-se considerar que Dante reconhece em Catão a plena virtude moral que os antigos já lhe atribuíam e vê no seu suicídio o valor simbólico de ato cometido em nome da liberdade moral. Catão foi aquele que seguiu as leis morais e que, depois de morto, observa rigorosamente as leis divinas, guardando o Purgatório.

[19] O texto original fala de “dupla listra”: os cabelos caíam sobre o peito como duas listras, aos lados do rosto.

[20] Os quatro astros que brilham diante do rosto de Catão, personagem que, na Antiguidade, foi mais iluminado pelas virtudes cardinais.

[21] O texto original permite duas interpretações. A primeira, e mais frequentemente seguida, é esta seguida por Xavier Pinheiro. A segunda é: tanto lhe aclarava o gesto que o vi como se o próprio Sol estivesse diante de mim.

[22] Em direção contrária ao curso do rio que desce até o centro da terra. Recorde-se que Dante e Virgílio saíram do Inferno seguindo o canal desse rio (“Inferno”, XXXIV, 127-134).

[23] Os pelos da barba.

[24] “Permite”, “concede”.

[25] Virgílio não saiu do Inferno sozinho, por suas próprias forças.

[26] Alusão à descida de Beatriz ao Inferno, narrada por Virgílio em “Inferno”, II, 52-117.

[27] “Que ele, embora vivo, chegou perto da morte espiritual”. Alusão à situação inicial do Inferno. Com isso, o verso “Aura da vida este homem inda bafeja” é iluminado retrospectivamente por um novo sentido: Dante ainda está vivo, não só materialmente, mas também espiritualmente.

[28] Esse era o único meio para a sua salvação.

[29] Os danados.

[30] Purgatório.

[31] O corpo, que resplenderá no dia do Juízo Final. Isso dá a entender que Catão será salvo.

Útica: cidade ao norte de Cartago. Nessa região, os seguidores de Pompeu opuseram as últimas resistências a Júlio César, tendo sido definitivamente derrotados. Catão, um dos comandantes, cometeu suicídio quando viu a vitória definitiva de Júlio César.

[32] Virgílio é uma alma do Limbo, que é o primeiro círculo do Inferno. Minos, de fato, julga os danados a partir do segundo círculo. Logo, Virgílio não está sob a sua autoridade.

[33] A mulher de Catão, que se encontra no Limbo (“Inferno”, IV, 127-129). Segundo um costume romano, foi concedida por Catão ao amigo Hortêncio. Mas, depois da morte deste, voltou a ser esposa de Catão (depois de ter pedido que ele a aceitasse novamente). Isso é narrado em *Farsália*, II, 326-349. Virgílio aqui diz que Márcia, no Limbo, parece ainda pedir que Catão a considere sua mulher.

[34] No Limbo.

[35] Catão morreu em 46 a.C.: deve-se entender que ele, depois de sua morte, permanecera no Limbo até a descida de Jesus para libertar os justos do Antigo Testamento. A partir de então, foi estabelecida uma separação entre Catão e as almas do Limbo.

Rio detestado: Aqueronte.

[36] É suficiente dizer que a dama celeste está guiando a viagem. Qualquer outro argumento é vã lisonja.

[37] Provavelmente, o anjo que está diante da porta do Purgatório. Segundo outros, trata-se do anjo que aparecerá no próximo canto, encarregado de levar as almas para o Purgatório.

[38] O ponto mais baixo da ilha, onde o bate o mar.

“Nateiro”: terra úmida, por causa do contato com as águas do mar.

[39] Oposto ao junco, liso e flexível. Isso pode representar também a humildade necessária às almas do Purgatório.

[40] O Sol mostrará o melhor caminho

[41] “Alva”: aurora.

“Sombra matutina”: as últimas sombras da noite. Entretanto, o texto original permite também ler não “sombra matutina”, mas “hora matutina”, isto é, a última parte da noite (hora matutina era também chamada a última das horas canônicas noturnas).

[42] “Posto que”.

[43] Onde o orvalho (“rocio”) resiste ao Sol, porque a sombra o faz evaporar mais lentamente (“o frescor pouco modera”).

Sombra: o termo empregado no original permite ler também como “brisa marinha”.

[44] “Lacrimosas”: marcadas pelas lágrimas derramadas no Inferno.

[45] Acréscimo da tradução.

[46] Alusão a Ulisses (“Inferno”, XXVI), que navegou sobre aquelas águas.

[47] Acréscimo da tradução.

CANTO II

Chegam em barca dirigida por um anjo muitas almas, que se encaminham para o Purgatório: entre elas está Casella, abalizado músico, amigo de Dante. Enquanto Casella canta, rodeiam-no outras almas. Apresenta-se Catão e censura a demora e negligência.

Dante e Virgílio veem chegar a barca com as almas que vão para o Purgatório. Dentre elas, Dante encontra Casella, que começa a cantar. Catão censura a demora das almas, que começam a correr.

1 Resplandecia o sol já no horizonte
Que tem meridiano, onde iminente
O zênite fica de Solima ao monte.[1]
2 Na parte oposta a noite diligente
Do Ganges co’as Balanças se elevava,
Que lhe caem da mão, quando é excedente.[2]
3 Já nesse tempo a idade transformava
A branca e rósea cor da bela Aurora
Noutra, que a de áureos pomos simulava.[3]
4 Do mar ao longo inda éramos nessa hora,
Como quem, na jornada embevecido,
Se apressa em mente, o pé, porém, demora:
5 Eis, qual sobre manhã, enrubescido,
Das névoas através, Marte chameja
No poente das ondas refletido;
6 Uma luz (praza a Deus de novo a veja!)[4]
Tão veloz pelo mar vi deslizando;
Que não há voo de ave, que igual seja.
7 Maior mostrou-se e mais fulgente, quando,
Depois de ter-me ao Guia meu voltado,
De novo olhei seu brilho contemplando.[5]
8 Nívea forma também, a cada lado,
Lhe divisei; abaixo aparecia
De igual cor outro vulto assinalado.
9 Té asas[6] discernir permanecia
O sábio Mestre meu silencioso.
Mas então, como o nauta conhecia,
10 Bradou: “Curva os joelhos respeitoso,
Junta as mãos: eis de Deus um mensageiro![7]
De ora avante hás de ver outros[8] ditoso.
11 “Vê que, aos humanos meios sobranceiro,
Para vir de tão longe velas, remos[9]
Possui das asas no volver ligeiro.

12 “Como ele as alça para o céu já vemos,
Eternas plumas suas agitando;
Não mudam como dos mortais[10] sabemos.”
13 Entanto, mais e mais se apropinquando,
Mais clara sobressai a ave divina:
Olhos abaixo, a luz me deslumbrando.
14 O anjo logo à riba a nave inclina,
Tão rápida, tão leve, que parece
Voar somente na amplidão marina.
15 Na popa erguido o nauta resplandece:
Feliz quanto é, lhe está na fronte escrito;[11]
Das almas turba ao mando lhe obedece.
16 *In exitu Israel de Egypto*[12]
A uma voz cantavam juntamente
E o mais, que foi no santo salmo dito.
17 Sinal da Cruz lhes fez[13] devotamente:
Todos então à riba se lançaram
E tornou, como veio, incontinente.
18 Em volta remirando, os que ficaram
Pareciam de espanto apoderados,
Como quem a estranhezas se acercaram.
19 O sol frechava os lumes seus dourados,
Lá do meio do céu tendo expelido
O Capricórnio a tiros reiterados,[14]
20 Quando as almas, que haviam descendido,
Nos perguntam: — “Sabeis, para indicar-nos,
Por onde o monte pode ser subido?”
21 Tornou Virgílio: — “Vos apraz julgar-nos
Do lugar sabedores; mas viandantes,
Como sois vós, deveis considerar-nos.
22 “Chegáramos aqui, de vós, pouco antes,
Por estrada tão árdua e temerosa,
Que esta subida a par, jogo é de infantes.[15]”

23 Notando aquela turba, curiosa,
Que eu, pelo respirar, era homem vivo,
Enfiou[16] ante a vista portentosa.
24 E como, a quem da paz ramo expressivo[17]
Presenta, o povo acerca-se cuidoso
Em tropel, de notícias por motivo:
25 O bando assim das almas venturoso
Em meu rosto atentava alvoroçado,
Quase esquecido de ir a ser formoso.[18]
26 Uma, tendo-se às mais adiantado,
A me abraçar correu com tanto afeito,
Que fui de impulso igual arrebatado.
27 Sombras vãs, verdadeiras[19] só no aspeito!
Três vezes quis nos braços estreitá-la,
Só as três vezes estreitei ao peito.
28 Ante o espanto, que o gesto me assinala,
Sorriu-se; e, como já se retirasse,
Avançando, eu tentei acompanhá-la.
29 Suavemente disse que eu parasse.
Pedi-lhe, com certeza a conhecendo,
Que um pouco a praticar se demorasse:
30 — "Como te amei" — me respondeu — "vivendo,
No mortal corpo, assim eu te amo agora.
Por que vais? Dize: ao teu desejo[20] atendo."
31 "Caro Casela"[21] — disse-lhe — "hei de embora
Tornar, ao fim desta jornada, à vida.[22]
Por que de vir hás delongado a hora?"[23] —
32 "Se me negou passagem requerida
Anjo, que as almas, quando apraz-lhe, guia,
Ofensa não me fez imerecida;
33 "Pois a justo querer obedecia.[24]
Na barca em paz, três meses há somente,

A todos dá a entrada[25] apetecida.[26]
34 “Eu, que na plaga então era presente,
Onde[27] no mar o Tibre as águas deita,
Por ele aceito fui benignamente.
35 “A essa foz seus voos endireita;
Pois sempre ali, grei está reunida,
Às penas do Aqueronte não sujeita.”[28] —
36 “Se não é por lei nova proibida
Memória e usança do amoroso canto,
Que as mágoas todas me adoçou da vida,
37 “Praza-te, amigo, confortar um tanto
Minha alma, que molesta, que amofina
Estar envolta no corpóreo manto.” —
38 —“*Amor que em minha mente raciocina*”[29] —
Entoou ele então com tal doçura,
Que o som donoso, inda alma me domina.
39 Ao Mestre, a mim, a todos a brandura
Do saudoso cantar tanto enlevava,
Que de al[30] a mente nossa então não cura.
40 Na toada, absorvida, se engolfava,
Eis de repente o velho venerando:[31]
— “Que fazeis, descuidosos?” — nos bradava.
41 “Pois estais na indolência assim ficando?
Ide ao monte, a despir essa impureza,
Que a vista vos está de Deus vedando!
42 Quais pombos, que dos agros na largueza,
Em desejado pascigo embebidos,
Como olvidada a natural braveza,[32]
43 Súbito arrancam, de temor pungidos,
Se algum mal iminente lhes parece,
De cuidados maiores possuídos:
44 Tal a recente[33] grei o canto esquece,
E, como homem, que vai sem ter roteiro,

Corre à costa,[34] que aos olhos se oferece;
Não foi nosso partir menos ligeiro.

---

[1] Para compreender essa longa perífrase inicial, é necessário conhecer a concepção geográfica do tempo de Dante e da *Divina Comédia*. A terra habitada ocupava a extensão de 180 graus no hemisfério norte, tendo ao seu centro Jerusalém. O seu extremo oriental é o Ganges; já seu extremo ocidental é Cádis.

O meridiano é determinado pelo lugar que ele domina com o seu ponto mais alto ("zênite"): o meridiano que, no zênite, cobre Jerusalém é o meridiano de Jerusalém. Do mesmo modo, o horizonte astronômico é determinado pelo meridiano: o horizonte cujo meridiano é o de Jerusalém é o horizonte de Jerusalém.

Logo, os três primeiros versos dizem: o sol já tocava o horizonte ocidental do céu de Jerusalém ("de Solima ao monte"), isto é, em Jerusalém o sol estava se pondo.

Este verso é aparentemente hipérmetro.

[2] "A noite, que envolve a terra na parte oposta ao sol, surgia ao horizonte oriental (sobre o Ganges), em junção com a constelação de Libra ('co'as Balanças se elevava')". Acreditava-se que o Ganges estivesse a 90 graus a leste de Jerusalém. Libra é a constelação oposta a Áries, na qual se encontra o sol nesse momento (logo depois do equinócio de primavera no hemisfério norte): o sol está em Áries, a "noite" surge com Libra.

"Que lhe caem da mão, quando é excedente": para indicar a noite com a constelação de Libra, Dante fala que a noite segura as balanças. Libra é, no hemisfério norte, uma constelação noturna até o equinócio de outono, quando a noite passa a durar mais do que o dia ("quando é excedente"). No equinócio de outono, o sol entra em Libra, que não é mais visível (já que passa a ser constelação diurna e não noturna).

Logo, retomando, os seis primeiros versos dizem: em Jerusalém, o sol estava se pondo a oeste e a noite já surgia a leste.

[3] Dante, nos seis primeiros versos, estava falando do céu de Jerusalém. Agora, nesses três versos, ele está falando do Purgatório. É preciso esclarecer que a

montanha do Purgatório é imaginada como antípoda de Jerusalém: logo, se em Jerusalém o sol se põe, no Purgatório ele nasce.

Os três versos mostram a gradação de cores no céu da aurora: com a alba, o céu é branco; com o aproximar-se do Sol, o céu torna-se vermelho vivo, até que nasce o sol e o céu se faz amarelo-ouro.

São mais ou menos seis da manhã.

[4] Dante tem a esperança de ser salvo e de voltar a ver essa luz que agora está descrevendo.

[5] Isso mostra a velocidade dessa luz que se aproxima: no breve instante em que Dante se volta para Virgílio, ela já aparece maior e mais fulgente.

[6] Cada asa é uma nívea forma divisada de cada lado.

[7] Um anjo de Deus. A parte branca que se via abaixo (vv. 23-24) é provavelmente a veste do anjo.

[8] Outros anjos: muitos anjos serão vistos no Purgatório.

[9] Em vez de usar os meios humanos, usa apenas as próprias asas, dando a elas a função de velas e remos.

[10] As plumas dos anjos são eternas e não sofrem mudanças, como as plumas e pelos do seres mortais.

[11] Xavier Pinheiro traduz o texto seguido por muitas edições do poema. Outras edições modernas dizem: “[o anjo] é tal que apenas a sua descrição tornaria feliz aquele que a ouvisse”.

[12] “Na saída de Israel do Egito”: início do salmo 113, o qual fala do êxodo, da libertação dos hebreus da escravidão no Egito. Na tradição cristã, tal acontecimento, além de ser tomado em seu sentido literal, é visto também como figura da redenção operada por Cristo e da libertação da alma da escravidão do mundo e do pecado. Por isso, esse é o canto das almas que chegam ao Purgatório, significando a sua libertação que resultará, após a purificação, na beatitude.

[13] O anjo.

[14] O sol, com seus dardos, havia expulsado Capricórnio do centro do céu. Como se sabe, o sol se encontra em Áries, do qual Capricórnio está a 90 graus. Logo,

quando nasce o sol, Capricórnio está no meio do céu, no meridiano. Se Capricórnio saiu do meio do céu, isso significa que o sol já avançou em sua subida.

15 A subida por essa montanha, comparada a uma estrada tão árdua e temerosa, será tão agradável quanto um jogo.

16 “Turbou-se”.

17 O ramo da paz é o ramo de oliveira, que, no tempo de Dante, era trazido pelo mensageiro em sinal de boas notícias.

O primeiro termo da comparação fala das pessoas que vão ao encontro do mensageiro com o ramo de oliveira, aglomerando-se para ouvir as notícias.

18 “Ir a ser formoso”: purificar-se.

19 As almas não têm consistência corpórea, mas parecem consistentes à vista, no seu aspecto (“aspeito”).

20 Dante havia pedido que a alma parasse um pouco, para que pudessem conversar.

21 Casela: Casella. Segundo alguns comentadores antigos, era um músico florentino. Não há notícias certas a seu respeito, mas um manuscrito atesta que um Casella teria musicado os versos de um poeta toscano, no final do século XIII.

22 No original: “faço essa viagem para voltar para cá (isto é, para o Purgatório)”. Dante quer dizer que faz essa viagem para conquistar a salvação.

23 Dante dá a entender que já teria se passado certo tempo desde a morte de Casella e pergunta por que ele demorou para chegar ao Purgatório.

24 O anjo escolhe as almas que transportará, seguindo a vontade divina, que é sempre justa.

25 Antes, o anjo escolhia quem entraria na barca, mas, há três meses, ele passou a permitir a entrada de qualquer alma que lhe fizesse o pedido.

Os três meses indicam o início do Jubileu, promulgado por Bonifácio VIII em 22 de fevereiro de 1300, mas que valia desde o Natal de 1299. No poema, a indulgência seria aplicada ao tempo que as almas têm de esperar para entrar no Purgatório e começar o processo de purificação.

O anjo que nega a algumas almas que subam na barca lembra o Caronte virgiliano, que atravessa com sua barca o Aqueronte. Também ele nega que algumas almas entrem na sua barca, como Palinuro (“Eneida”, VI, 313-316).

[26] Segundo o esquema de rimas da *Divina Comédia*, “apetecida” deveria estar em rima perfeita com “guia” e “obedecia”. Entretanto, ocorre apenas uma assonância, e o termo rima perfeitamente com “vida”, “requerida” e “imerecida”.

[27] As almas esperam, portanto, na foz do Tibre, o rio que banha Roma.

[28] Todos aqueles que foram salvos.

[29] *Amor che ne la mente mi ragiona*, primeiro verso de uma importante canção de Dante, que abre o livro III do *Convívio*.

[30] “De outra coisa”, “de mais”.

[31] Catão.

[32] Os pombos caminham como se estivessem estufando o peito, mas deixam essa postura quando abaixam a cabeça para bicar.

[33] Recente, porque havia acabado de chegar.

[34] A encosta do monte.

CANTO III

Os poetas metem-se a caminho para subir a montanha. Sobrevém uma multidão de espíritos que os guia para a vereda, por onde se tem de passar. Em sua companhia vão seguindo. Um deles declara ser Manfredo, rei da Apúlia e Sicília.

Virgílio faz uma advertência contra a presunção dos homens. Os poetas procuram um lugar por onde possam subir a montanha. Eles encontram um grupo de almas. Manfredi fala com Dante.

1 Enquanto aquela fuga repentina
Pela planície as sombras impelia
Ao monte, que a razão a amar ensina,[1]
2 Ao sócio meu fiel eu me cingia.
Como sem ele houvera prosseguido?
Quem para alçar-me esforço me daria?
3 De remorsos parece possuído.
Ó consciência pura e sublimada!
Leve falta pesar te dá subido!
4 Quando atalhava a pressa,[2] que é vedada
A quem dos atos no decoro atente,
Eu, que sentira a mente angustiada,[3]
5 Tornando ao meu intento,[4] afoitamente
Os olhos à eminência[5] levantava,
Que para o céu mais alto eleva a frente.
6 Nas espaldas o sol nos dardejava
Rubra luz, que o meu corpo interrompia,[6]
Pois aos seus raios óbice formava.
7 Escuro ante mim só aparecia
O solo:[7] eu, de abandono receoso,
Voltei-me ao lado onde era o sábio Guia.
8 Virgílio então me encara. — “Suspeitoso
Te mostras?” — diz — “Cuidavas, porventura,
Que eu não mais te acompanhe cuidadoso?
9 “Surge Vésper[8] lá onde a sepultura
Guarda o corpo em que sombra já fizera.
Tomando-o a Brindes, Nápole o assegura.[9]
10 “Se ante mim não a[10] vês, não te devera
Dar pasmo, como lá no firmamento
Se a luz a luz não tolhe,[11] o[12] não movera.
11 “Para calma sentir, frio ou tormento
Dispôs-nos corpo a suma Potestade;[13]

Como o fez? Não nos deu conhecimento.
12 “Fátuo é quem julga à humana faculdade
Franco o infindo caminho e sempiterno,
Por onde segue o Ente Uno em Trindade.[14]
13 “Homens, vos baste o *quia*: se ao superno
Saber alevantar-vos fosse dado,
Da Virgem ao seio não baixara o Eterno,[15]
14 “Já viste porfiar sem resultado
Os que, cevar podendo o seu desejo,
Em perpétua aflição o têm tornado.
15 “De Aristóteles falo neste ensejo,
De Platão,[16] de outros mais.” — Baixando a fronte,
Calou; mostrava torvação e pejo.
16 Chegamos nós em tanto ao pé do monte
Onde era a rocha de tal modo erguida,
Que de subir capaz ninguém se conte.
17 A vereda mais erma e desabrida,
Que de Leria a Túrbia se encaminha,[17]
Dá, confrontada,[18] cômoda subida.
18 E o Mestre, assim falando, os pés detinha:
“Quem sabe onde a este monte o passo ascende?
Como aqui sem ter asas se caminha?”
19 Enquanto, baixo o rosto, o Mestre entende
Na jornada, em sua mente interrogando,
E pela altura a vista se me estende,
20 Divisei turba a nós endireitando
Da mão sestra; o seu passo era tão lento,
Que não me parecia estar andando.
21 — “Aos que vêm” — disse ao Mestre — “mira atento;
Por eles pode ser conselho dado,
Se não to of ’rece o próprio pensamento…”
22 Olhou-me, e com semblante asserenado
— “À turba vagarosa” — tornou — “vamos,

E a esperança te esforce, ó filho amado!”
23 Passos mil para a grei nós caminhamos
E de tiro de pedra inda à distância,
Por mão destra arrojada,[19] nós chamamos
24 Quando aqueles espíritos estância
Junto aos penhascos vi fazer, cerrados,
Qual transviado da incerteza em ânsia.
25 “Vós, eleitos ao bem, no bem finados” —
Disse Virgílio — “pela paz ditosa,
Em que sois todos, creio, esperançados,
26 “Dizei-me onde a montanha alta e fragosa
Subir permite, um pouco se inclinando:
Do tempo a perda ao sábio é desgostosa.”[20]
27 Como as ovelhas o redil deixando
A uma, duas, três e, a cerviz tendo
Baixa, as outras vão tímidas ficando;
28 Todas como a primeira, se movendo
Conchegam-se-lhe ao dorso, se ela para,
O porquê simples, quietas não sabendo;[21]
29 Assim a demandar-nos se apressara
A venturosa grei,[22] que no meneio
Traz a modéstia e o pudor na cara.
30 Tomada foi, porém, de tanto enleio,
Por minha sombra em vendo a luz cortada[23]
À destra, em direção da rocha ao seio,
31 Que a vanguarda parou, como torvada:
Pelos mais sem detença foi seguida,
Mas sem lhes estar a causa revelada.
32 — “A explicação previno apetecida:
Que um vivo corpo vedes vos confesso
E a luz do Sol por ele interrompida.
33 “Não haja em vós de maravilha excesso;
Do céu pela virtude socorrido,

Da montanha atingir quer o cabeço” —
34 Disse Virgílio. E foi-lhe respondido:
— “Voltai-vos; caminhai de nós diante.” —
E o lugar indicavam referido.
35 — “Sem que um momento deixes de ir avante
Quem quer que sejas, olha-me e declara,” —
Disse um deles — “se hás visto o meu semblante.” —
36 Volvi-me, olhos fitando em quem falara.
Formoso e louro, tinha heroico aspeito;
Um golpe o seu sobrolho separara.
37 Tornei-lhe — “Não” — tomado de respeito.
— “Olha!” — falou a sombra me indicando
Larga ferida no alto do seu peito.
38 “Vês Manfredo[24] — sorriu-se me falando —
Que neto foi da Imperatriz Constança.[25]
A minha bela filha[26] diz, voltando,
39 (Mãe daqueles por quem tanta honra alcança
Aragão com Sicília) o que hás sabido,
Qual a verdade seja lhe afiança.
40 “Depois que foi o corpo meu ferido
De golpes dois mortais,[27] a Deus piedoso
Alma entreguei, chorando arrependido.
41 “Fui de horrendos pecados criminoso,[28]
Mas a Bondade Infinda acolhe e abraça
Quem perdão lhe suplica pesaroso.
42 “Se o Bispo[29] que enviou Clemente à caça
Do meu cadáver, respeitado houvesse
Esse preceito da Divina Graça,[30]
43 “Do corpo meu os ossos, me parece,
Que em frente à ponte, ao pé de Benevento,
Em guarda o grave acervo inda tivesse.[31]
44 “Agora os banha a chuva e açoita o vento,
Do reino meu distantes, junto ao Verde,[32]

Onde os lançou sem luz, sem saimento.
45 Mas anátema[33] tanto alma não perde
Que, quando verde a esp'rança lhe floresce,
Do eterno amor do Criador deserde.
46 "Por certo, em contumácia o que fenece[34]
Contra a Igreja, ainda quando se arrependa
Na hora extrema sua, aqui padece
47 "Tempo, que trinta vezes compreenda
Da impenitência o espaço, se ao decreto
Preces não trazem benfazeja emenda.
48 "Vês, pois, que podes me tornar quieto:
Revelando à piedade de Constança[35]
Que interdito me hás visto e ainda exceto.
Pelas preces de lá muito se alcança."

---

[1] No original: onde a justiça divina (chamada "razão") nos pune.

[2] Em sinal de que havia passado a perturbação de Virgílio por causa do episódio narrado no final do canto anterior.

[3] Angustiada no sentido de que atenta a apenas um pensamento.

[4] "Atenção".

[5] A montanha.

[6] O corpo de Dante era um obstáculo à luz do Sol, o que o diferenciava das almas lá presentes.

[7] Dante vê apenas uma sombra diante de si e teme ter sido abandonado por Virgílio, sem perceber que Virgílio, não tendo consistência corpórea, não podia fazer sombra.

[8] O entardecer, a hora da véspera (período de tempo entre as três e as seis da tarde).

Considerava-se que a Itália estivesse a 45 graus de Jerusalém: se no Purgatório o

Sol nasceu há algum tempo, a Itália está no fim da tarde.

[9] Virgílio havia morrido na cidade de Bríndisi (Brindes), mas Augusto fez com que seu corpo fosse sepultado em Nápoles.

[10] A sombra.

[11] Se um céu não impede a passagem de luz de outro céu. De fato, acreditava-se que os céus fossem diáfanos, constituídos pela chamada quinta essência. Virgílio dá a entender que também as almas são constituídas por essa essência.

Logo, Virgílio diz: “não deves pasmar se eu não faço sombra, assim como não deves pasmar se os céus não impedem a passagem da luz dos outros céus”.

[12] Referido a pasmo.

[13] A Suma Potestade dispôs a alma (o corpo diáfano) a sofrer tormentos físicos, mas não revelou como isso é possível.

Calma: o termo parece estranho no contexto, e o texto original italiano diz “para sofrer tormentos, calor e frio”. É possível que tenha ocorrido alguma alteração no texto original da tradução. Nesse caso, só é possível fazer conjecturas. Uma possibilidade é que o termo empregado seja “alma”, não calma.

[14] Quem pensa que a razão humana seja capaz de compreender o infinito caminho seguido por Deus (“Ente Uno em Trindade”) no seu operar.

Ente Uno em Trindade: a própria definição de Deus corresponde a um mistério insondável.

[15] *Quia*: no latim escolástico (e, em geral, no latim medieval), o termo era empregado para introduzir proposições assertivas, contrapondo-se ao “por quê?”. Virgílio diz: os homens devem se limitar a saber que (*quia*) as coisas são (a sua existência), sem julgar que podem entender por que ou como elas são (a sua essência).

Da Virgem ao seio não baixara o Eterno: se o homem fosse capaz de entender as verdades supremas, a encarnação (a vinda de Jesus) não teria sido necessária. Duas são as principais explicações para a frase de Virgílio. A primeira é: se o homem fosse capaz de compreender tudo, não teria pecado e não teria tido necessidade da redenção operada por Jesus. A segunda é: se o homem fosse capaz de compreender tudo, não teria sido necessário que Jesus viesse para lhe revelar verdades divinas.

[16] Aristóteles e Platão são tomados como exemplos do máximo engenho humano. Virgílio diz: já desejaram conhecer as verdades do universo homens de tal inteligência (como Aristóteles, Platão e outros antigos), que eles teriam chegado a conhecer tudo, se isso fosse possível. Mas isso não é possível nem ao mais inteligente dos homens, e aquele desejo dos antigos, que nunca será satisfeito, converteu-se na eterna aflição do Limbo. No Limbo, de fato, não há pena física; a pena das almas é eterna suspensão na qual se encontram, o eterno desejo que não pode ser satisfeito: “a pena é a desesp’rança / Desejos que para sempre se frustraram” (“Inferno”, IV, 41-42).

Baixando a fronte, / “calou”; mostrava torvação e pejo: Virgílio se reconhece entre os outros.

[17] Leria e Túrbia: os confins, a oriente e a ocidente, da montuosa costa da Ligúria, de difícil acesso.

[18] Em comparação à parede rochosa do monte.

[19] Depois de mil passos, os poetas se encontram à distância de um tiro de pedra, realizado por mão ágil.

[20] Verso de tom proverbial, que exprime um motivo muito comum no “Inferno” e no “Purgatório”: o valor do tempo, que não deve ser desperdiçado. A frase não deve ser tomada como presunção de Virgílio, que estaria se chamando de sábio.

[21] Não sabendo por que a primeira parou.

[22] Segundo o original, as primeiras almas (aquelas que estava à frente) da venturosa grei.

[23] Dante e Virgílio estavam de frente para o monte e o grupo de almas surgiu à sua esquerda. Eles se viram para a esquerda, para falar com o grupo, ficando com o monte à direita e o mar à esquerda. O Sol nasceu sobre o mar, logo ele está à esquerda dos poetas, projetando a sombra à direita de Dante, em direção à parede do monte (em direção da rocha ao seio).

A sombra, como já foi dito, indica que Dante tem consistência corpórea, o que causa o espanto das primeiras almas do grupo.

[24] Manfredo: Manfredi (1232-1266), filho de Federico II, morto na batalha de Benevento, contra Carlos d’Anjou. Morto seu pai e seu irmão Corrado IV, foi coroado rei em Palermo em 1258. Foi considerado um usurpador por parte da Igreja e excomungado mais de uma vez. Seu projeto era reunir as forças

gibelinas e expandir o seu poder pela Península. A Igreja travou lutas constantes contra ele, e o papa Urbano IV, temendo o crescente poder de Manfredi, chamou Carlos d'Anjou para a Itália, que derrotou Manfredi na batalha de Benevento, matando-o. Federico II se encontra no Inferno, entre os heréticos ("Inferno", X). Manfredi, embora tenha morrido excomungado, foi salvo por ter se arrependido no momento extremo de sua vida. A excomunhão era motivo para considerá-lo danado; por isso, ele pede que Dante diga à sua filha a verdade.

[25] Imperatriz Constança: Constança de Altavilla, mãe de Federico II, mulher de Henrique VI, ao qual deu em dote o reino da Sicília.

[26] Constança de Hohenstaufen (Constança II da Sicília), casada com Pedro III de Aragão, mãe de Jaime, rei de Aragão, e Federico, rei da Sicília.

[27] As duas feridas que Manfredi mostra a Dante.

[28] A propaganda guelfa acusou Manfredi de crimes terríveis, como já havia feito graves acusações contra seu pai. Difícil saber se aqui Dante dá crédito a essas acusações, ou se ele se refere apenas à rebelião de Manfredi contra a Igreja, à sua falta de fé e à luxúria que era frequentemente atribuída ao jovem rei. A segunda hipótese parece mais plausível, dada a simpatia que Dante manifesta pelo rei não só na *Divina Comédia*. Entretanto, a expressão empregada no poema parece deliberadamente velada, como modo de manter a incerteza a respeito da questão.

[29] Bispo: Bartolomeo Pignatelli, o arcebispo de Consenza de 1254 a 1266, mandado por Clemente IV para apoiar Carlos d'Anjou.

"À caça / Do meu cadáver": a perseguição da Igreja foi tão intensa que continuou mesmo depois da morte de Manfredi.

[30] "Tivesse reconhecido esse aspecto de Deus", isto é, a sua misericórdia.

[31] "Os meus ossos ainda estariam à frente da ponte, perto de Benevento, sob o peso da grande quantidade de pedras". Carlos d'Anjou providenciou uma sepultura para o corpo de Manfredi, sobre o qual foi jogada uma grande quantidade de pedras. A ponte seria a San Germano, perto de Benevento.

[32] Reino meu: a Sicília.

"Verde": hoje Garigliano, confim do reino de Nápoles e Sicília.

Sem luz, sem saimento: segundo o rito reservado aos hereges e excomungados.

O gesto, que não é documentado, seria um modo de tirar Manfredi, ainda que morto, do reino que ele reivindicava como seu.

[33] A excomunhão de Manfredi de 1259 foi, de fato, acompanhada por anátema.

[34] Isso leva a crer que Manfredi faz parte de um grupo de almas excomungadas, que no final da vida se voltaram a Deus.

[35] Sua filha.

CANTO IV

As almas da companha de Manfredo mostram uma estreita vereda, por onde sobem Virgílio e Dante. Na encosta avistaram-se com outras, que, enquanto vivas, foram remissas na impenitência. Entre elas estava Belacqua.

Dante e Virgílio sobem um pouco a montanha e se sentam. Virgílio faz uma explicação sobre a localização geográfica do Purgatório e sobre o curso do Sol. Dante e Virgílio veem um novo grupo de almas. Dante encontra Belacqua.

1 Quando ou pelo prazer ou por desgosto
Das faculdades uma é possuída,[1]
Concentrando-se, o espírito indisposto
2 Se mostra à ação, de outra qualquer[2] nascida,
Verdade, que refuta a crença errada
Que em nós uma alma está noutra acendida.[3]
3 E, pois, se, vendo, ouvindo, alma engolfada
Se lia[4] à coisa, que a atenção cativa,
Sem sentir vai-lhe o tempo à desfilada.[5]
4 Pois faculdade só no ouvir ativa
Difere dessa em que a alma se domina:[6]
Uma presa, outra a vínculos se esquiva,
5 Experiência ao claro isto me ensina.
Aquela sombra atônito escutando.
Já com cinquenta graus o Sol se empina,[7]
6 Sem que eu me apercebido houvesse, quando
Ao ponto fomos, onde a turba, unida,
— “Haveis o que anelais!”[8] — disse, bradando.
7 Estando a vinha já madurecida,
Pelo aldeão de espinhos com braçada
Da sebe a estreita aberta é defendida,
8 Mais larga é que a vereda alcantilada[9]
Por onde fui subindo após meu Guia
Quando a grei nos deixou abençoada.
9 A Noli e a Sanleo por árdua via
Com pés se vai, Bismântua assim se alcança;[10]
Ter asas de ave aqui mister seria;[11]
10 Ou asas de um desejo que não cansa,[12]
Para o vate seguir que, desvelado,
Me servia de luz, me dava esp’ rança.
11 Por carreiro entre penhas escavado,
Sempre de agudas pontas empecido,

Pelas mãos cada passo era ajudado.
12 Chegados da alta escarpa ao topo erguido[13]
À eminência do dorso descoberto,
— “Por onde ir” — disse então — “Mestre querido?”
13 — “Eia!” — tornou — “Não dês um passo incerto!
Vai subindo após mim pela montanha;
Guia acharemos no caminho experto.”
14 Não mede a vista elevação tamanha:
Linha que o centro corte de um quadrante,
Por certo a ingrimidez não lhe acompanha.[14]
15 Sem forças já, falei-lhe titubante:
— “Volve a face, pai meu: olha piedoso
Que só me deixas, indo por diante.”
16 — “Para ali, filho” — diz — “te alça animoso!”
E o seu braço indicava uma planura,
Que torneia o declive temeroso.
17 Dessas vozes esforça-me a doçura
Tanto, que a rastos[15] lhe seguia o passo
Até meus pés tocarem nessa altura.[16]
18 Sentamo-nos a par, então, de espaço,
Ao nascente voltados, qual viageiro
A estrada olhando, que calcara lasso.
19 Abaixo os olhos dirigi primeiro.
Ao sol voltei depois; notei pasmado
Da esquerda o lume vir desse luzeiro.[17]
20 Disse Virgílio ao ver quanto enleado
Estava, o carro da luz[18] considerando
Que era entre nós e o Aquilão[19] entrado:
21 — “Se um e outro hemisfério alumiando,
Cástor e Pólux[20] junto a si tivera
O vasto espelho, que ora está brilhando,
22 “Da Ursa ainda mais propínqua à esfera,
A roda do Zodíaco observaras;[21]

Se a costumada estrada não perdera.
23 “Meditando, a verdade logo acharas,
Se colocados de Sião[22] o monte,
E este outro na terra imaginaras,
24 “Ambos guardando idêntico horizonte
E hemisférios[23] diversos, onde passa
Estrada, em que tão mal correu Faetonte.[24]
25 “E se a razão em ti não for escassa,
Verás que, enquanto a um vai por um lado,
Ao outro pelo oposto o Sol perpassa.”[25]
26 — “Tanto ao claro jamais, ó Mestre amado,
Como ora, o meu esp’rito compreendera,
Quando estava por dúvida nublado.
27 “Que o círc’lo médio da mais alta esfera,
Que sempre — Equador chama-se em certa arte —[26]
Entre o inverno e o Sol se considera,
28 “Deve,[27] se pude a mente penetrar-te,
Para o norte volver-se,[28] e, no entretanto,
Viam-no Hebreus[29] do Austro pela parte.
29 “Agora, se te apraz, dize-me quanto
Hemos de andar; que os olhos, da eminência[30]
Não atingindo o fim, se enchem de espanto.”
30 “Da montanha” — responde — “é a excelência
Fadiga no começo causar grave;
Quem mais sobe acha menos resistência.
31 “Ao tempo, em que te parecer suave
Tanto, que a subas ágil e ligeiro,
Como descendo da água o curso a nave,[31]
32 “No termo te acharás deste carreiro:
Após afã desfrutarás repouso.
Quanto digo hás de ver que é verdadeiro.”
33 Mal acabando o Mestre carinhoso,

Perto soa uma voz: — “Talvez te seja,
Antes de lá chegar, preciso um pouso.”
34 Volveu-se cada qual para que veja
Quem falara, alta penha deparamos;
Então só[32] vemos que à mão sestra esteja.
35 Multidão,[33] acercando-nos, achamos
Que à sombra demorava quietamente;
Por desídia[34] detidos os julgamos.
36 Mostra-se um mais que os outros negligente:
Sentado abraça as pernas, tendo o rosto
Recostado aos joelhos, qual dormente.
37 Disse então: — “Vê, senhor, quanto disposto
É à inércia o que ali está parecendo.
Como irmão da preguiça fica posto.”
38 Ele um pouco voltou-se, olhos movendo
Para o meu lado, sem mudar postura,
— “Pois vai tu, que és valente!” — me dizendo.
39 Reconheci quem era. Inda me dura
Da agra ascensão em parte o grande ofego;
Mas endereço os passos à figura.
40 A fronte mal ergueu, quando me achego.
— “Como conduz o sol o carro à esquerda,
Tens reparado?” — disse com sossego.
41 Por meneio tão lento e voz tão lerda
Fui algum tanto a riso provocado:
— “Belacqua”[35] — disse — “eu mais a tua perda
42 “Não choro.[36] Por que estás aqui sentado?
Esperas guia? Acaso, como outrora,
Da preguiça te sentes cativado?”
43 Tornou-me: — “Irmão, subir que importa agora?
De Deus o anjo[37] que defende a entrada,
Me deixaria dos martírios fora.[38]
44 “Tanto a porta me tem de ser vedada,

Quanto no mundo me durara a vida:
Pesei-me[39] só a morte ao ver chegada.
45 “Mas antes ser me pode permitida
Pela oração de quem da Graça goza,
Que val outra,[40] do céu desatendida?”
46 Mas o Vate seguia na penosa
Jornada. — “Vem!” — dizia — “Resplandece
O sol no meio-dia; e tenebrosa
Sobre Marrocos[41] ora a noite desce.”

---

[1] Uma das faculdades da alma.

[2] De qualquer outra das faculdades da alma.

O sentido dos quatro primeiros versos é: quando uma faculdade da alma tem uma forte sensação (prazerosa ou não), a alma se concentra totalmente sobre essa única faculdade e não exercita as suas outras funções.

[3] O fenômeno acima descrito, o qual pode ser experimentado por qualquer pessoa, é uma verdade que refuta a opinião de que o homem tem mais de uma alma e que elas operam independentemente.

Essa opinião se encontra no *Timeu* (69 E) de Platão, segundo o qual o homem tem três princípios vitais distintos. Essa doutrina foi refutada por Aristóteles (*De anima,* II), segundo o qual esses três princípios são, na verdade, diversas funções da mesma alma.

Que em nós uma alma está noutra acendida: que uma alma se sobrepõe a outra.

[4] “Liga-se”.

[5] Se a alma, vendo, ouvindo, liga-se fortemente a algo, o tempo passa sem ser percebido.

[6] No original: pois a faculdade que ouve a passagem do tempo (a faculdade intelectiva) difere da faculdade que, momentaneamente, domina toda a alma (a faculdade sensitiva, ligada à visão e à audição). Uma das faculdades (sensitiva) está presa, por causa da grande concentração; a outra (intelectiva) está livre de

operar e, por isso, está inativa.

[7] O Sol percorre 15 graus em uma hora. Logo, passaram-se três horas e vinte minutos. Se o Sol nasceu por voltas das seis da manhã, agora são nove e vinte da manhã.

[8] Isto é, o lugar por onde eles podem subir a montanha.

[9] É mais larga a abertura que se encontra na sabe (e que o aldeão fecha com espinhos para proteger a vinha, já madura, de ladrões) do que a passagem pela qual nós subimos.

[10] Noli: pequena cidade da Ligúria, cujo acesso era difícil, por causa dos montes que a circundavam.

Sanleo: San Leo, pequena cidade situada no alto de um monte.

Bismântua: monte com paredes íngremes e plano no seu cume, situado no território de Reggio Emilia.

Assim se alcança: o texto italiano seguido por Xavier Pinheiro diz “chega-se ao topo” (*in cacume*). Entretanto, outras edições importantes do poema leem Cacume, que é um monte no Lácio.

[11] Aos lugares citados o homem pode chegar usando apenas os pés, ainda que encontre dificuldades.

Aqui, contudo, é necessário ter asas.

[12] Não necessariamente asas reais, mas as asas do desejo.

[13] À extremidade superior da parede que forma a base da montanha. Trata-se da saída da abertura pela qual eles estraram. A partir de agora, o caminho é descoberto (“dorso descoberto”) e a inclinação é mais branda.

[14] A pendência era de mais de 45 graus.

O quadrante é um quarto do círculo, medindo, portanto 90 graus. A linha que, partindo do centro, divide o quadrante na metade tem uma inclinação de 45 graus. Existe também outro modo de explicar o texto original: quadrante seria não a figura geométrica, mas o instrumento astronômico (na forma de um quadrante). A linha seria a alidade, fixa no centro do instrumento. O sentido não muda.

[15] Com as mãos e os pés.

[16] A planura.

[17] Na Europa, quem olha para o oriente vê o sol subindo à sua direita (em direção ao sul). Essa era a visão com a qual estava acostumado Dante. Entretanto, agora ele vê o sol subindo à sua esquerda (em direção ao norte) e por isso se maravilha.

[18] O Sol (figura mitológica).

[19] O norte. Aquilão é o vento do norte.

[20] Cástor e Pólux: a constelação de Gêmeos.

O vasto espelho: o Sol.

[21] Ursa: a constelação está aqui para indicar o norte.

“A roda do Zodíaco”: onde se encontra o Sol.

Recorde-se, mais uma vez, que a viagem se passa logo depois do equinócio, quando o Sol está em Áries. O Sol está em Gêmeos no solstício de verão do hemisfério norte.

Os cinco versos querem dizer: se nós estivéssemos perto do solstício, tu verias o Sol ainda mais para o norte (isto é, ainda mais para a esquerda). Isso porque, no equinócio, ele ainda está mais próximo do Equador, mas no solstício ele está mais próximo do trópico.

“Se a costumada estrada não perdera”: hipótese absurda, mas talvez alusão ao mito de Faetonte, quando o carro do Sol se desviou de seu curso.

[22] Sião: Jerusalém.

[23] Jerusalém e o Purgatório são antípodas: ambos têm o mesmo horizonte, mas se encontram em hemisférios diferentes.

[24] O percurso do Sol, estrada que Faetonte não conseguiu percorrer com o carro do pai (o mito já foi mencionado em “Inferno”, XVII, 106-108).

[25] Verás que o Sol passa por lados opostos em Jerusalém e no Purgatório. Virgílio deduz que Dante saiba a latitude de Jerusalém (ao norte do Trópico de Câncer), o que permite que ele compreenda que o Purgatório, portanto, está ao sul do Trópico de Capricórnio (condição que faz com que o sol apareça de lados opostos perto do solstício).

[26] O círculo médio do mais alto céu (mais alta esfera). O mais alto céu é o

chamado Primo Móbile, que faz girar todos os outros céus ao redor da terra, que permanece fixa.

“Equador chama-se em certa arte”: o círculo médio se chama equador celeste na arte da astronomia.

“Que sempre […] Entre o inverno e o Sol se considera”: o equador está sempre entre o Sol e a parte da Terra que está no inverno.

[27] O sujeito é o equador.

[28] Em relação a quem está no Purgatório.

[29] Os hebreus que viviam em Jerusalém o viam para o sul (“Austro”).

O texto original do poema diz: o equador se distancia daqui em direção ao norte tanto quanto se distancia de Jerusalém em direção ao sul. Isso mostra que Dante entendeu com precisão que o Purgatório é antípoda de Jerusalém.

[30] Subentende-se: da montanha.

[31] “Como a nave que vai segundo a corrente”.

[32] “Só nesse momento percebemos o que está ao nosso lado”.

[33] Outro grupo de almas encontrado por Dante e Virgílio: provavelmente, são aqueles que se arrependeram no final da vida e, por negligência, demoraram para praticar a virtude.

[34] “Negligência”, “preguiça”.

[35] Belacqua: segundo a identificação mais provável, Belacqua é o apelido de Duccio di Bonavia, luthier florentino que morava perto da casa dos Alighieri, que teria morrido pouco antes da viagem de Dante. Há poucas notícias a seu respeito. Os antigos comentadores da *Divina Comédia* dizem que era amigo de Dante e conhecido pela sua preguiça.

[36] Dante agora entendeu que o amigo foi salvo.

[37] O anjo que está na porta do Purgatório e que aparecerá no canto X.

[38] Fora dos martírios do Purgatório.

[39] “Arrependi-me”.

[40] A oração de quem não goza da graça.

[41] Marrocos é aqui o extremo ocidental da terra habitada, a 90 graus de Jerusalém. É meio-dia no Purgatório e sobre Marrocos desce a noite: são mais ou menos seis horas em Marrocos.

CANTO V

Almas dos que, arrependendo-se dos seus pecados à hora da morte, conseguiram salvar-se. Distingue Dante alguns pelos seus nomes e pela sua história: Jacopo del Cassero, Buonconte, Pia dei Tolomei.

Depois de uma exortação de Virgílio, os poetas prosseguem o caminho e encontram um novo grupo de almas. Iacopo del Cassero, Buonconte da Montefeltro e Pia falam com Dante.

1 Os passos do meu Guia acompanhando
Dessas almas um pouco era distante,
Quando uma, atrás de nós, o dedo alçando,
2 — “Vede! A luz” — exclamou — “não é brilhante
À sestra do que vai mais demorado;[1]
Pelo meneio a um vivo é semelhante.”
3 Olhos volvi daquela voz ao brado,
E as vi notar, de maravilha cheias,
Como eu, andando, a sombra tinha ao lado.
4 “Por que tanto, ó meu filho, assim te enleias?”
Disse o Mestre. — “Por que deténs o passo?
Acaso o murmurar daqui receias?
5 “Segue-me: a vozes vãs, ouvido escasso!
Qual torre, inabalável sê, dos ventos
À fúria opondo válido embaraço.
6 “Quem firmeza não tem nos pensamentos
Do fim[2] se aparta, a que alma se endereça
E, assim malogra, instável, seus intentos.”
7 — “Sigo-te!” — ao Mestre meu tornei depressa.
Cumpria assim falar; meu voto incende
O rubor, que ao perdão a falta apressa.[3]
8 Entanto por atalho[4] a costa ascende
Adiante de nós turba cantando
Devota *Miserere*,[5] e ao cimo tende.[6]
9 Ao ver que estava o corpo meu[7] vedando
Dos luminosos raios, a passagem,
O canto suspendeu, rouco — oh! — soltando.
10 E dois dos seus em forma de mensagem[8]
Correndo contra nós assim falaram:
“Quem sois, que assim fazeis esta viagem?”
11 Disse Virgílio: — “Aos que vos enviaram
Tornai que ao corpo do homem que estais vendo
Vitais alentos inda não deixaram.

12 “Se os passos, como cuido, estão detendo,[9]
Por ver-lhe a sombra, a causa é conhecida.
Terão proveito, as honras lhe fazendo.”[10]
13 Mais prontos que os vapores,[11] à descida
Da noite, o ar sereno alumiando
Ou névoa, ao pôr do sol, do céu varrida,
14 Partem, à grei de novo se ajuntando;
Como esquadrão que corre à desfilada,
Voltam todos, a nós se arremessando.[12]
15 “Ao nosso encontro vem turba avultada;
Pretensões todos têm”[13] — disse-me o Guia —
“Andando, os ouve; não convém parada.”
16 — “Ó alma, que do céu vais à alegria
No próprio corpo em que feliz nasceste,
Demora o passo um pouco” — a grei dizia —
17 “De entre nós vê se alguém reconheceste
Para ao mundo levares a notícia…
Por que deter-te ainda não quiseste?
18 “Morte a todos causou cruel nequícia;[14]
Pecamos sempre até que à final hora
Do céu a luz se nos mostrou propícia.[15]
19 “Assim, contritos, perdoando,[16] fora
Fomos da vida, a paz com Deus já feita.
De o ver desejo nos acende agora.”
20 — “A feição vossa” — eu disse — “é tão desfeita,[17]
Que nenhum reconheço; mas, se acaso
Ser útil posso no que a vós respeita,
21 “Pela paz, a servir-vos já me emprazo,
Que busco,[18] deste sábio acompanhado
De mundo em mundo, no mais breve prazo.”
22 “Cada qual” — me tornou — “está confiado
Em ti, mister não há teu juramento,

Se não faltar poder ao teu bom grado.[19]
23 “Aos outros me antecipo:[20] ao rogo atento,
Tu se fores à terra que demora
Entre a Romanha e a que é de Carlo assento,[21]
24 “Aos meus em Fano compassivo exora
Que com preces sufraguem-me piedosos
Para o mal expurgar que fiz outrora.[22]
25 “Nasci lá,[23] sofri golpes espantosos,
Que me cortaram a existência cara,
De Antenórios nos planos pantanosos,[24]
26 “Onde o funesto fim nunca esperara.
Assim o quis do Marquês d’Este[25] a ira,
Que o exício meu injusto aparelhara.
27 “Ah! se, fugindo, me acolhesse a Mira[26]
Quando então me alcançara de Oriais perto,
Eu fora inda hoje onde se respira.
28 “Mas, correndo ao paul, sem rumo certo,
Caí, no ceno e juncos enleado:
De sangue um lago fez meu peito aberto”.
29 “Se for” — outro então disse — “executado
Desejo que te impele ao alto monte,[27]
Sê por mim de piedade impressionado.
30 “De Montefeltro fui e fui Buonconte;[28]
De mim[29] Joana e ninguém mais não cura;
Entre todos por isso abaixo a fronte.”[30]
31 “Que força” — respondi — “que má ventura[31]
Tão longe te arrastou de Campaldino,
Que se ignora onde tens a sepultura?”
32 — “Oh!” — replicou-me — “Ao pé de Casentino[32]
Um rio passa que se chama Arquiano,
Nascido lá sobre o Ermo, no Apenino.
33 “De dor lá onde perde o nome,[33] insano,

Cheguei: a pé fugia, e, traspassado,
O colo meu ensanguentava o plano.
34 “Da vista e fala ao ser desamparado,
No suspiro final bradei — Maria! —
E o corpo meu tombou, da alma deixado.
35 “Direi verdade: aos vivos o anuncia.
De Deus anjo tomando-me, o do Inferno[34]
— `Servo do Céu, mo tomas?' — lhe bramia —
36 “Dele me usurpas o princípio eterno[35]
Por uma tênue lágrima fingida;[36]
Mas do seu corpo cabe-me o governo.'
37 “Bem sabes que nos ares recolhida
Vaporosa umidade em chuva desce,
Quando é do frio às regiões subida.[37]
38 “Como quem com maldade o engenho tece,[38]
Névoas e vento acumulava, usando
Da pujança infernal que lhe obedece.
39 “Depois, o dia terminado estando,
Do Pratomagno à serra, o vale[39] envolve
Em treva, ao céu a abóbada enlutando,
40 “Túmido o ar, em catadupas[40] volve,
E a água que na terra não se entranha,[41]
Espumosa em torrentes se revolve.
41 “Veloz os álveos aos arroios ganha,
E para o régio rio[42] se arrojando,
Os óbices abate, que se assanha.
42 “Junto à foz meu cadáver encontrando,
Levanta-o Arquiano impetuoso,
Ao Arno o impele, os braços desligando
43 “Da cruz que fiz no transe doloroso.[43]
Por fundo e margens rola-o, sepultado
Na areia[44] o deixa, que arrastara iroso.”

44 — “Ah! quando à luz do mundo hajas tornado,
Quando repouses da jornada extensa” —
Foi por terceiro espírito impetrado:
45 “De Pia[45] recordando-te, em mim pensa;
Siena fizera o que[46] desfez Marema.
Sabe-o quem me esposara e em recompensa[47]
No dedo pôs-me anel com rica gema.”

---

[1] Quando os poetas estavam voltados para o oriente, o sol estava à sua esquerda. Agora, que eles voltaram as costas para o oriente, o sol está à sua direita e Dante faz sombra à esquerda. Por isso, não há luz à esquerda de Dante.

O que vai mais demorado é Dante, que está atrás de Virgílio.

[2] “Do objetivo”.

[3] Que faz com que a falta chegue mais rapidamente ao perdão.

[4] Outro caminho plano que circunda o monte (a costa), que está um pouco acima do ponto onde se encontram os poetas (os quais estão subindo a encosta do monte).

[5] O salmo 50, que invoca a misericórdia divina e expressa o arrependimento pelo pecado cometido.

[6] Acréscimo da tradução.

[7] Mais uma vez se alude à sombra projetada pelo corpo de Dante.

[8] “Em função de mensageiros”.

[9] “Se, como penso, detêm os passos por terem visto a sua sombra, agora já conhecem a sua causa”.

[10] “Terão proveito”: pois Dante está vivo e pode rezar por eles na terra ou pode fazer com que outros vivos rezem por eles. A oração dos vivos é fundamental para as almas do Purgatório, como Manfredi já deu a entender.

“As honras lhe fazendo”: tratando-o com cortesia.

[11] Os vapores que iluminam o ar sereno quando desce a noite ou iluminam as nuvens ao pôr do sol. No primeiro caso, os vapores são as estrelas cadentes. No segundo caso, os vapores são os clarões que se veem no céu durante o verão, ao pôr do sol. Ambos os fenômenos são chamados de vapores, porque, segundo a ciência medieval, eles eram causados por vapores que se inflamavam.

[12] Todo o grupo de almas desce rapidamente para o lugar onde se encontram os poetas.

[13] Todos farão algum pedido.

[14] Esse é o terceiro grupo de almas que se arrependeram no último momento da vida. O primeiro grupo é aquele de Manfredi, composto de excomungados. O segundo grupo é o de Belacqua, composto de negligentes. Já o terceiro grupo é composto de pessoas que morreram de morte violenta.

“Cruel nequícia” é sujeito de “causou”.

[15] A consciência que leva ao arrependimento é, portanto, fruto da graça divina.

[16] Perdoando aqueles que os mataram.

[17] Acréscimo da tradução. Dante diz simplesmente: “por mais que eu vos olhe com atenção, não reconheço ninguém”.

[18] “Que busco…”: refere-se a paz: a “paz” que Dante busca, peregrinando (guiado por Virgílio) de mundo em mundo.

[19] “Se a impossibilidade não impedir a tua boa vontade”: as almas já conhecem a boa vontade de Dante e sabem que ele só não lhes fará o favor se tiver algum tipo de impedimento material.

[20] Quem fala é Iacopo del Cassero, de importante família guelfa. Exerceu funções políticas e militares de relevo. Em 1296, tornou-se podestade de Bolonha e se opôs aos projetos de Azzo VIII d’Este, senhor de Ferrara. Em 1298 foi chamado para ser podestade em Milão e, para evitar o território de domínio de Azzo, viajou por mar até Veneza, para depois atravessar Pádua e chegar a Milão. Mas foi assassinado por homens enviados por Azzo (e que talvez tenham entrado em algum tipo de acordo com os habitantes de Pádua).

[21] Terra: Marca Anconetana, entre a Romanha (ao norte) e o reino de Nápoles (ao sul), cujo rei, em 1300, era de Carlos II d’Anjou.

[22] “Para que eu possa finalmente entrar no Purgatório e expurgar o mal que fiz

outrora”. Recorde-se que as almas que Dante encontrou até agora não entraram ainda no Purgatório, pois têm de cumprir um tipo de punição por terem retardado o seu arrependimento.

[23] Em Fano.

[24] Nos planos pantanosos de Antenórios: no território de Pádua. Segundo a lenda, Pádua teria sido fundada pelo troiano Antenor.

Antenórios: os habitantes de Pádua. Recorde-se que “Antenora” é a zona do Inferno destinada aos traidores da pátria. Antenor era o protótipo dos traidores para Dante.

[25] Injusto porque respondera de modo desproporcional às ofensas de Iacopo.

[26] Mira: pequena cidade na estrada entre Veneza e Pádua, perto de Oriago (Orias). Iacopo, percorrendo essa estrada, em vez de ir a Mira, julgou mais seguro ir para um pântano perto de Oriago, onde foi assassinado.

Onde se respira: no mundo dos vivos.

[27] “Executado”: plenamente realizado.

Desejo: o desejo pela beatitude.

[28] Buonconte da Montefeltro, filho de Guido da Montefeltro, que Dante encontrou no canto XXVII do “Inferno”, entre os conselheiros fraudulentos. A história de sua salvação se desenvolverá como o oposto da história da perdição do pai.

Buonconte foi, como o pai, famoso em suas empresas militares. Foi um dos comandantes gibelinos na famosa batalha de Campaldino (1289), na qual morreu. Seu cadáver nunca foi encontrado. Dante também participou da batalha de Campaldino, entre os guelfos florentinos.

[29] “Ninguém, nem mesmo Joana, está preocupado comigo”.

Joana: mulher de Buonconte.

Ninguém mais: seus parentes mais próximos são a filha Manentessa e o irmão Federico.

[30] Buonconte abaixa a fronte diante de seus companheiros do Purgatório por vergonha e talvez pela dor de ter sido esquecido pelos familiares.

[31] Força: violência (ou vontade, humana ou divina).

Ventura: acaso.

[32] Ao pé do Casentino: no confim meridional de Casentino, que, no tempo de Dante, era região da Toscana no vale do Arno superior que provavelmente se estendia até Bibbiena. A expressão pode também significar “ao pé dos montes de Casentino”.

Arquiano: afluente do rio Arno, onde deságua perto de Bibbiena, depois de atravessar Casentino.

Ermo: o Eremo di Camaldoli, fundado por São Romualdo no século XI, no Apenino.

[33] Onde o Arquiano perde o seu nome, isto é, quando deságua no Arno.

[34] O anjo do Inferno é o diabo. Desenvolve-se aqui cena paralela àquela descrita por Guido da Montefeltro em “Inferno”, XXVI, 112-123.

[35] O princípio eterno: a alma.

[36] A lágrima expressa o arrependimento no momento extremo.

Mas do seu corpo cabe-me o governo: o diabo, vendo que o anjo tomou a alma de Buonconte, quer destinar ao seu corpo um tratamento bem diferente (o diabo quer se vingar sobre o corpo de Buonconte).

[37] “Quando chega à zona fria da atmosfera”.

Os três versos realizam uma explicação científica (baseada sobre a doutrina de Aristóteles), que é um prelúdio à descrição do temporal ocorrido na noite depois da batalha. O temporal, ao que parece, é um fato histórico.

[38] Unindo o engenho à vontade de fazer o mal.

Névoas: o vapor áqueo.

“Usando / Da pujança…”: segundo São Tomás de Aquino, os demônios têm poder de influenciar as forças da natureza.

[39] Vale: a planície de Campaldino, que está entre uma parte do Apenino (a serra, à esquerda do Arno) e Pratomagno (cadeia do Subapenino, à direita do Arno).

[40] Grande quantidade de água.

[41] Tanta era a água que a terra não a suportou.

[42] O Arno.

[43] Ao morrer, Buonconte fez, em sinal de arrependimento e para invocar perdão, uma cruz com os braços sobre o peito.

[44] Nos detritos que o rio arrastara consigo.

[45] Difícil a identificação da personagem. Segundo grande parte dos comentadores antigos, teria sido da família dos Tolomei di Siena (e talvez seu nome tenha sido Sapia). Casou-se com Nello dei Pannocchieschi, que a matou jogando-a de uma janela do seu castelo em Maremma. Ele teria feito isso por ciúmes ou para poder se casar novamente.

[46] Refere-se à vida de Pia, nascida em Siena e morta em Maremma.

[47] Na verdade, o anel fazia parte da cerimônia do casamento.

CANTO VI

As almas pedem a Dante orações que lhes abreviem o tempo da expiação. Avista-se com Sordello. Imprecações contra a Itália em geral e contra Florença em especial.

Elenco de algumas almas encontradas. Virgílio esclarece uma dúvida de Dante. Os poetas encontram Sordello. O narrador faz uma longa invectiva política.

1 Quando o jogo da *zara*[1] é terminado
Na amargura, o que perde, só ficando,
Os bons lances ensaia contristado.[2]
2 A turba o vencedor acompanhando,
Qual vai diante qual por trás o prende,
Ao lado qual se está recomendando:
3 A este e àquele sem deter-se atende;
O que lhe alcança a mão[3] parte sem pressa,
De importunos desta arte se defende.
4 Cerca-me assim a multidão espessa,
Ora a uns ora a outros, me volvendo,
De cada qual me livro por promessa.
5 O Aretino[4] aqui estava: golpe horrendo,
De Ghin Tacco por mão, cortou-lhe a vida,
E o que na fuga se afogou,[5] morrendo.
6 Rogou-me aqui, em súplica sentida,
Frederico Novello[6] e esse Pisano[7]
Por quem Marzucco ação fez tão subida.[8]
7 Vi o Conde Orso[9] e aquele, que o seu dano
Mortal, pelo ódio e inveja, recebera,
Como dizia, não por feito insano.[10]
8 Aludo a Pedro Brosse.[11] A que[12] ora impera,
De Brabante, se apresse a ter cautela,
Senão da grei maldita a estância a espera.
9 Quando pude esquivar-me enfim àquela
Turba, que preces sôfrega pedia
Para a entrada apressar na mansão bela,
10 — “Em texto expresso” — eu disse — “ó douto Guia,
Do teu livro afirmaste que a vontade
Do céu por orações não se movia.[13]
11 “Mas pede-as essa grei com ansiedade:
Seria acaso vã sua esperança?

Ou compreender não pude essa verdade?”[14]
12 “Seu sentido a tua mente” — disse — “alcança;[15]
Por vã essa esperança não falece;
Quanto é certa a razão no-lo afiança:
13 “A Justiça do céu não desfalece,
Porque flama de amor num só momento
O devedor redime, que padece.[16]
14 “Lá onde expus aquele pensamento
Não podia oração solver pecado,
Pois distante de Deus estava o intento.[17]
15 “Porém neste problema sublimado
À mente por quem há suma ciência
Te será puro lume revelado.[18]
16 “Por quem? Por Beatriz. A continência[19]
Feliz ridente lhe verás, ao viso[20]
Quando houveres subido da eminência.”
17 Tornei: — “Andar mais presto ora é preciso;
Como de antes, não sinto mor fadiga,
E da montanha a sombra já diviso.”[21]
18 —“Como podemos, é mister prossiga
O passo, enquanto o dia não se finda;
Mas te engana o desejo que te instiga.[22]
19 “Antes do cimo aguardarás a vinda
Desse astro oculto agora pela encosta;
Não refranges os raios seus ainda.[23]
20 “Aquela sombra vê, de parte posta,
Que, em soledade, atenta nos esguarda:[24]
A vereda dirá melhor disposta.”[25]
21 Chegamo-nos. Ó nobre alma lombarda,
Como estavas altiva e desdenhosa,
Dos olhos no meneio grave e tarda!
22 Ela em nós encarou silenciosa,

Mas deixava-nos vir, nos observando,
Qual leão no repouso, majestosa.
23 Virgílio apropinquou-se, lhe rogando
Nos mostrasse a mais cômoda subida:
Respondeu-lhe, somente perguntando
24 Qual fora a pátria nossa e a nossa vida.
A falar o meu Guia começava
"Em Mântua…" quando a sombra, comovida,
25 A ele se enviou donde se achava,
"Sordello[26] sou" — dizendo — "em Mântua amada
Nasci também." — E amplexo os estreitava.
26 Ah! serva Itália da aflição morada!
Nau sem piloto em pego tormentoso![27]
Rainha outrora[28] em lupanar tornada!
27 Esse espírito nobre e deleitoso,
Nome escutando só da doce terra,
Logo o patrício[29] acolhe carinhoso:
28 Os vivos raivam[30] no teu solo em guerra;
Se encarniça um no outro ferozmente
Os que um só muro, uma só cava encerra.[31]
29 Busca, ó mísera Itália, diligente
No marítimo teu, busca em teu seio:[32]
Onde acha paz a tua infausta gente?
30 Justiniano[33] em vão te ajeitar veio
A brida; a sela fica abandonada:
Maior vergonha te há causado o freio.[34]
31 Ah! Cúria! Aos teus deveres dedicada
Deixar-te cumpre a César todo o mando,
Como a lei quer por Cristo decretada![35]
32 Vê como, aos maus instintos se entregando,
Ira-se a fera por faltar-lhe espora,
Depois que inábil mão 'stá governando.[36]

33 Alberto de Germânia![37] Atente agora
Que se há tornado indômita e bravia:
Cavalgado a deveras ter outrora!
34 Do céu justo castigo deveria
Os teus ferir[38] — tão novo e tão sabido,
Que espante o sucessor[39] da monarquia!
35 Tu e o teu genitor heis consentido,
Distantes, por cobiça, em terra estranha,[40]
Que do Império o jardim[41] ’steja esquecido.
36 Vê, descuidoso, na aflição tamanha
Capelletti e Montecchi[42] entristecidos.
Monaldi e Filippeschi,[43] alvo de sanha.
37 Vem, cruel, ver fiéis[44] teus oprimidos:
De tanto opróbrio seu toma vingança.
Vê como em Santafior[45] estão regidos.
38 Vem ver tua Roma![46] De carpir não cansa!
Viúva e só a todo o instante clama:
Vem César! Vem! Não mates minha esp’rança!
39 Vem ver como a si próprio o povo se ama![47]
E se por nós piedade não te move,
Mova-te o zelo pela tua fama!
40 Se me é dado dizer, Supremo Jove,[48]
Dos homens por amor sacrificado,
Mal tanto a nos olhar não te comove?
41 Ou tens ao nosso mal aparelhado,
Lá dos conselhos teus no abismo imenso,
Algum bem, ao saber nosso vedado?[49]
42 As cidades de Itália um tropel denso
De tiranos[50] subjuga e, qual Marcelo[51]
Se aclama o faccioso, à pátria infenso.
43 Hás de, Florença minha,[52] haver por belo
Este episódio a ti não referente,

Mercê do povo teu, de outros modelo.

44 Muitos, justiça tendo em peito e mente,
Por desfechar seu arco ensejo aguardam:
Teu povo a tem nos lábios permanente.[53]

45 Muitos de encargos públicos se guardam;
Mas teu povo solícito se of ’rece,
Gritando: — “Pronto estou! em dar-mos tardam!”

46 Exulta! A causa o mundo bem conhece:
Tens prudência, tens paz, possuis riqueza.
Falo a verdade, e o efeito transparece.

47 Atenas,[54] Sparta, que a tão suma alteza
Por leis e instituições se sublimaram,
Sem governo viveram na incerteza,

48 Se, Florença, contigo se comparam,
Que em novembro tens visto revogadas
Leis sutis que em outubro se forjaram.

49 Quantas vezes[55] hão sido transformadas,
Em breve tempo, lei, moeda, usança?
Quantas índoles forma renovadas?

50 Se vês ao claro e tens viva a lembrança,
Ao enfermo hás de achar que és semelhante,
Que, no leito jazendo, não descansa;
Em vão se agita, a dor vai por diante.

---

[1] Espécie de jogo de azar, que se fazia com três dados.

[2] “Tenta aprender, contristado, os bons lances”.

[3] Aquele a quem o vencedor dá um pouco do dinheiro que ganhou.

[4] O Aretino: Benincasa da Laterina, perto de Arezzo. Quando foi magistrado de Siena, condenou à morte dois parentes de Ghino di Tacco, por causa de roubos realizados por eles. Ghino di Tacco, para se vingar, matou Benincasa quando

este passou a trabalhar em Roma.

Ghin Tacco: Ghino di Tacco, nobre de Siena. Depois de ter sido expulso da cidade, tornou-se salteador.

[5] Segundo os comentadores antigos, trata-se de Guccio dei Tarlati di Pietramala, chefe dos gibelinos em Arezzo. Segundo alguns, ele morreu afogado no Arno quando perseguia os Bostoli, seus inimigos guelfos. Segundo outros, ele morreu afogado quando era perseguido pelos inimigos na batalha de Campaldino. O texto original permite ambas as interpretações, mas a tradução de Xavier Pinheiro segue a segunda.

[6] Frederico Novello: Federigo Novello, assassinado por um dos Bostoli perto de Bibbiena (em 1289 ou 1291), aonde tinha ido para ajudar os Tarlati di Pietramala.

[7] O Pisano seria Gano, filho de Marzucco degli Scornigiani, de Pisa. Foi morto pelo conde Ugolino (“Inferno”, XXXIII), no período das lutas internas pelo domínio de Pisa.

[8] Marzucco: personagem muito importante em Pisa. Depois de assumir importantes funções públicas, tornou-se frade franciscano, em 1286.

“Por quem Marzucco ação fez tão subida”: segundo muitos comentadores antigos, Marzucco suportou a morte do filho com grande força e paciência, sem ira contra os adversários e renunciando à vingança.

[9] “Aquele que, como dizia, recebeu a morte (dano mortal) por ódio e inveja, não por um mal feito”.

[10] Conde Orso: filho de Napoleone degli Alberti di Mangona, que se encontra na Caína com seu irmão Alessandro, porque os dois se mataram reciprocamente (“Inferno”, XXXII, 55-60). Orso foi assassinado por seu primo Alberto, filho de Alessandro. Diversos episódios de vingança e violência marcavam essa família.

[11] Pedro Brosse: Pierre de la Brosse, camareiro de Felipe III da França. Em 1276, morreu o primogênito do rei e Pierre acusou Maria de Brabante, segunda mulher do rei, de ter envenenado o enteado, para passar a sucessão para os seus filhos. Por ódio, a rainha o acusou de traição, fazendo com que o rei o mandasse enforcar em 1278.

[12] “Que a senhora de Brabante se previna (com a penitência) enquanto está viva, para não fazer parte do grupo dos danados”.

A que ora impera, / De Brabante: Maria de Brabante.

[13] Alusão a uma fala da Sibila em *Eneida*, VI, 376. A alma de Palinuro (cujo corpo estava insepulto) pede para ser transportada pelo Aqueronte, contra as leis que só permitiam a passagem das almas dos insepultos depois de cem anos de espera. A Sibila então responde: “não esperes mudar, com teus pedidos, os decretos fatais dos deuses”.

[14] “Ou não compreendi bem o teu texto?”

[15] “Compreendeste bem o sentido do meu texto”.

[16] O decreto divino de fato não muda: o que acontece é que a oração dos vivos paga, com o amor, aquilo que o pecador teria de pagar com o tempo de espera.

[17] A oração estava distante de Deus, pois era feita por pagãos, antes da obra de redenção de Cristo. Logo, a frase da *Eneida* era, naquele momento e naquelas circunstâncias, verdadeira.

[18] A verdadeira explicação para esse árduo problema.

[19] “O aspecto”, “a disposição”.

[20] “Ao alto”.

[21] Início da tarde: o sol, indo em direção ao ocidente, já ultrapassou a montanha, que projeta sombra do seu lado oriental, onde estão os poetas.

[22] Virgílio entende o pensamento de Dante: ele pensa que eles chegarão ao cume do monte nesse mesmo dia.

[23] Antes de chegar ao cume, o sol deverá voltar (e mais de uma vez): Dante deverá esperar mais de um dia, para chegar ao cume da montanha.

Astro oculto agora pela encosta: o sol agora se oculta atrás do monte, de modo que o corpo de Dante não impede mais a passagem de seus raios.

[24] “Olha”.

[25] “O melhor caminho a seguir”.

[26] Sordello: o mais ilustre trovador italiano, nascido em Goito, perto de Mântua. Membro de família nobre, mas empobrecida, viveu, desde a juventude, em diversas cortes no norte da Itália e depois na Provença, onde ficou a serviço de Carlos d’Anjou. Voltou para a Itália como conselheiro de Carlos d’Anjou e

permaneceu na sua corte em Nápoles provavelmente até a morte. Da sua obra poética, são conhecidas poesias de amor, algumas composições de conteúdo político e moral e uma poesia que deplora os grandes senhores da Europa na época. Essa última composição era muito conhecida na Itália e pode ser considerada a obra determinante para o modo como Sordello é apresentado na *Divina Comédia*.

[27] Estado sem governo, porque sem um imperador.

[28] Na Antiguidade.

[29] “Conterrâneo”.

[30] “Enfurecem-se”.

[31] Os habitantes de uma mesma cidade, encerrados pelos mesmos muros e fossados.

[32] No marítimo teu e no teu seio: em todo o teu território.

[33] Alusão ao *Corpus iuris civilis* do imperador Justiniano, que é a suma do direito romano. O narrador diz: “Em vão Justiniano quis organizar as leis (ajeitar a brida), se não há quem as observe (a sela fica abandonada)”.

Subentende-se aqui a metáfora do estado como cavalo: Justiniano ajustou o freio, com as leis, mas a sela está vazia, pois não há um imperador.

[34] “Sem as leis, a vergonha seria menor”: a maior vergonha é o fato de essas leis existirem, mas não serem aplicadas.

[35] Alusão a dois momentos dos Evangelhos: a famosa frase “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mateus, 22, 21) e a declaração de Jesus “O meu reino não é deste mundo” (João, 18, 36). Dante defendia a ideia de separação entre os poderes e de deixar ao império o poder temporal.

[36] Continua a metáfora do estado como cavalo: o único que pode se sentar sobre a sela é o imperador. Na falta dele, a cúria tenta puxar o cavalo pelas rédeas, mas o cavalo se rebela.

[37] Alberto de Germânia: Alberto I da Áustria, filho de Rodolfo de Habsburgo, eleito imperador em 1298. Como o pai, não se preocupou com a Itália.

De Germânia: Alberto é chamado desse modo provavelmente porque se preocupou somente com a Alemanha e não com a Itália.

Depois da morte de Federico II, os imperadores não se preocuparam com a Itália e, por isso, Dante fala da falta de um imperador.

[38] Alberto foi morto à traição em 1308 e seu primogênito Rodolfo morreu muito jovem, em 1307. Nesses versos, o narrador se refere provavelmente a um dos eventos ou a ambos.

[39] Henrique VII de Luxemburgo. Não se sabe se, quando Dante escreveu esse canto, Henrique já havia sido nomeado imperador. De qualquer forma, ele ainda não havia manifestado a sua intenção de ir para a Itália.

[40] Na Alemanha.

[41] O jardim do Império: a Itália, a região mais bela de todo o império.

[42] Capelletti e Montecchi: duas famílias, a primeira de Cremona e a segunda de Verona. As famílias deram nome a duas facções, a primeira guelfa e a segunda gibelina. As lutas entre ambas abalaram toda a Lombardia.

Entristecidos: na metade do século XIII as facções já haviam sido abatidas e já não tinham mais influência política.

[43] Monaldi e Filippeschi: as facções gibelina e guelfa que lutavam em Orvieto.

[44] Os nobres que governavam os feudos para o imperador e cujo poder estava diminuindo.

[45] Santafior: o condado de Santafiora, feudo dos Aldobrandeschi. Era um dos feudos mais importantes da Itália, mas, depois de lutas contra Siena, perdeu grande parte de seu território. Santafiora é aqui citado como exemplo da decadência das famílias feudais.

[46] Que deveria ser a sede do imperador.

[47] Irônico.

[48] A invectiva de Dante se dirige agora a Deus.

Supremo Jove: dirigir-se a Deus com nome pagão é contaminação, normal na Idade Média, entre os mundos pagão e cristão.

[49] “Ou esses males são a preparação, no insondável abismo da tua mente, para um bem que somos incapazes de prever e de compreender?”

[50] Aqueles que detinham o poder ilegitimamente.

[51] Provavelmente o cônsul Cláudio Marcelo, adversário de César, sobre o qual fala Lucano na *Farsália* (I, 313).

Dante diz: “qualquer homem, entrando em uma facção, opõe-se soberbamente à autoridade imperial, como Marcelo”. Parece ser a interpretação seguida por Xavier Pinheiro, que diz à pátria infenso.

Pode ser que se trate também do mais famoso Cláudio Marcelo, considerado salvador da pátria, do qual fala a *Eneida* (VI, 855). Nesse caso, os versos querem dizer: “qualquer um que entra em uma facção se comporta como se fosse um salvador da pátria”.

[52] A invectiva agora se volta contra Florença e passa a assumir tom irônico.

[53] Muitos têm a justiça na mente, mas demoram para manifestá-la (aguardam ensejo por desfechar seu arco), por excesso de prudência. Já o povo florentino tem sempre a justiça na boca: fala dela, mas não a aplica.

[54] Atenas e Esparta eram consideradas a fonte do direito civil, por causa de seus importantes legisladores, Sólon e Licurgo, respectivamente.

Também esses versos são carregados de ironia: a vida civil de Atenas e Esparta não é nada, comparada à vida civil de Florença.

[55] Referência às inúmeras mudanças ocorridas na vida pública de Florença, na metade do século XIII.

CANTO VII

Guiados Por Sordello, os poetas encaminham-se para um ameno vale, onde teriam de ficar até o dia seguinte, interrompendo a sua jornada. Estanceiam ali as almas daqueles que demoraram a hora do arrependimento, sorvidos nos cuidados do poder. São indicados a Dante vários príncipes e potentados.

Virgílio revela seu nome a Sordello. Este, explicando uma regra do Purgatório aos poetas, guia-os para perto de um vale, onde veem um novo grupo de almas. Sordello nomeia algumas delas.

1 De doce afeito as mútuas mostras sendo
Por três e quatro vezes reiterado,
— “Quem sois?” — Sordel se retraiu, dizendo.
2 “Tinha Otávio[1] os meus ossos sepultado
Já quando a este monte se elevaram
Almas que ao bem havia Deus chamado.[2]
3 “Virgílio sou: do céu não me afastaram
Pecados; me faltava a fé somente.”
Do meu Guia estas vozes lhe tornaram.
4 Como quem ante si vê de repente
Maravilha: ora crê, ora duvida,
E diz: — É certo ou minha vista mente? —
5 Assim essa alma. Dobra a fronte erguida
Humildemente, ao Vate se avizinha
E lhe abraça ao joelhos comovida.[3]
6 — “Ó glória dos Latinos!” — disse asinha —
Que ergueste a língua nossa a tanta altura!
Honra eterna da amada pátria minha![4]
7 “De ver-te o que me dá graça e ventura?
Dize, se digno de te ouvir hei sido,
De qual círculo vens da estância escura.”
8 — “Tenho até aqui” — Virgílio diz — “subido,
Do triste reino os cír’clos visitando.
Sou do céu por virtude conduzido.
9 “Não por fazer, mas de fazer deixando,[5]
Ver o sol, que desejas, me é vedado:
Conheci-o já tarde — ai miserando![6]
10 “Lá embaixo um lugar[7] foi destinado
Não a martírio, à treva onde há somente
Suspiros, não gemer de angustiado.
11 “Ali estou eu, no meio da inocente
Grei que a morte cruel mordeu, enquanto
Da culpa humana inda era dependente.[8]

12 “Com aqueles[9] ’stou eu, em quem seu manto
Três celestes virtudes não lançaram,
Lhes dando à vida o mais suave encanto.
13 “Mas sabes se veredas se deparam
Que ao Purgatório a entrada facilitem?[10]
Os indícios nos diz, se te constaram.”
14 Tornou: — “Lugar não há, que almas habitem
Aqui;[11] na direção vou, que me agrada;
Guiarei quanto os passos me permitem.[12]
15 “Mas vê: declina o dia; na jornada
Que fazeis, caminhar a noite veda.[13]
Busquemos sítio à cômoda pousada.
16 “À destra e à parte multidão está queda:
Iremos até lá, se acaso o queres,
Talvez te seja a sua vista leda.”
17 E o mestre: — “Como? Pelo que proferes
Impossível será subir sem dia?
Ou a alguém[14] que o proíba te referes?”
18 Com seu dedo Sordel linha fazia
No chão e disse: — “Além ninguém passara
Se, ausente o sol, a noite principia.
19 “Mas óbice[15] qualquer não deparara
Quem caminhar, subindo, pretendesse:
Para tolhê-lo a noite já bastara.
20 “Bem pudera baixar, se lhe aprouvesse,
Pelo declive em volta da montanha,
Enquanto o sol sob o horizonte desce.”[16]
21 Torna Virgílio então, que ouvindo estranha:[17]
— “Ao lugar que nos dizes, pois, nos guia,
Onde a demora o júbilo acompanha.”
22 Pouco longe dali notei que havia
Depressão na montanha, semelhante
À que na terra um vale formaria.

23 “Iremos” — disse a sombra — “um pouco avante
Té onde a encosta encurva, se escavando:[18]
De lá voltar vereis a luz brilhante.”
24 Entre a escarpa e o plano se inclinando
Trilha ao vale conduz obliquamente,
O pendor mais que ao meio se adoçando.[19]
25 Prata, alvaiade, grã, ouro fulgente,[20]
Índico lenho límpido e lustroso,[21]
Pura esmeralda, ao lapidar luzente,
26 Por flores e ervas desse val formoso
Se achariam na cor escurecidos
Como cede o mais fraco ao mais forçoso.[22]
27 Aos donosos matizes espargidos
Mil suaves aromas se ajuntavam,
Em peregrino[23] muito reunidos.
28 Sobre a relva entre as flores entoavam
Salve Regina,[24] as almas,[25] que da vista[26]
Externa no recinto se ocultavam.
29 — “Do sol enquanto a luz inda persista” —
O Mantuano[27] disse, que nos guia —
“Ir não queiras à grei que de nós dista.
30 “Gestos e vultos seus conheceria
Qualquer de vós daqui mais claramente
Do que, de perto os vendo, o poderia.
31 “O que parece aos outros eminente,[28]
Da quebra em seus deveres pesaroso[29]
E a geral melodia ouve silente,[30]
32 “É Rodolfo[31] que fora poderoso.
Contra o mal que já tem a Itália morta:[32]
Quem lhe dará porvir esperançoso?[33]
33 “O que com seu semblante ora o conforta
Governava esse reino onde a água brota,

Que o Molta ao Álbia, o Álbia ao mar transporta.

34 “É Ottokar:[34] na infância melhor nota[35]
Teve que o filho Venceslau, barbudo,
Na luxúria e preguiça a vida esgota.

35 “Morrendo, o que não tem nariz agudo[36]
E fala a esse outro[37] de benino aspeito
Deixou dos lises deslustrado o escudo.[38]

36 “Atentai: como bate ele[39] no peito!
Vede aquele que ao ar suspiros lança
Da mão fazendo à sua face um leito.

37 “Sogro e pai do flagelo[40] são da França,
Cientes do viver seu vergonhoso,
Dor ’stão sentindo, que ora não descansa.

38 “Esse membrudo,[41] que o canto piedoso
Segue do que nariz tem desmarcado,[42]
Das virtudes no culto foi zeloso.

39 “Se o mancebo,[43] ora atrás dele assentado,
Ao trono sucedera-lhe, subira
Valor de um Rei; por outro fora herdado.

40 “Dos maus herdeiros qual pôs nisso[44] a mira?
Jaime, Fred’ rico havendo os reinos tido
Nenhum a melhor parte[45] possuíra.

41 “Rara vez tem nas ramas ressurgido
Primor alto da estirpe; assim o ordena
Aquele a quem ser deve o bem pedido.[46]

42 “Ao narigudo[47] aplicação tem plena
Meu dito e a Pedro, que ao seu lado canta:
Apúlia com Provença, geme e pena.[48]

43 “Tanto ao seu fruto excede em preço a planta,
Quanto, mais que Beatriz e Margarida,
Constança ações do esposo seu decanta.[49]

44 “Ali vedes o Rei de simples vida

Sentado à parte, Henrique de Inglaterra:[50]
Teve este em ramos seus melhor saída
45 “Mais abaixo notai sentado em terra
Marquês Guilherme,[51] para o alto olhando,
Por quem, sofrendo Alexandria guerra,
Montferrat, Canavese estão chorando.”

---

[1] O imperador Otávio Augusto, que mandou sepultar o corpo de Virgílio.

[2] Virgílio quer dizer que morreu antes da morte de Cristo, pois só depois da redenção as almas salvas puderam ir ao Purgatório (este monte) para expiar os seus pecados.

[3] O texto original não indica com precisão qual seria a altura do abraço de Sordello. É, de qualquer modo, um gesto de reverência, diferente do abraço de antes, que conotava um tratamento de igual para igual.

[4] Mântua.

[5] Não por ter pecado (não por fazer), mas por não ter adorado o verdadeiro Deus (deixando de fazer).

[6] Já tarde: depois da morte.

Ai miserando!: acréscimo da tradução.

[7] O Limbo, onde não há tormentos físicos (martírio), mas somente trevas, e onde não há gritos de dor, mas suspiros.

[8] As crianças que morreram antes de serem batizadas e libertadas do pecado original.

[9] Os que não praticaram as três virtudes teologais (fé, esperança e caridade), que são de origem divina, mas praticaram as virtudes humanas (morais e intelectuais).

[10] Virgílio já sabe que eles se encontram em um lugar de espera (o chamado Antipurgatório), antes da entrada efetiva do Purgatório.

[11] No Antipurgatório, não há um lugar fixo imposto às almas e, portanto,

Sordello pode acompanhar os poetas.

[12] Por todo o espaço por onde é permitido que Sordello caminhe.

[13] Trata-se de uma lei do Purgatório: não se pode subir durante a noite. O significado alegórico disso é bastante claro: a alma não pode progredir em seu aperfeiçoamento sem a luz da graça divina.

[14] Isso acontece porque alguém impede a subida durante a noite ou por algum outro tipo de força?

[15] “Impedimento”: não há nenhum impedimento efetivo, a não ser a escuridão, que, impossibilitando a subida, faz com que as almas não desejem prosseguir o caminho sem a luz do dia.

[16] Logo, as almas podem se mover durante a noite, desde que não avancem no seu caminho.

[17] “Fica admirado”.

[18] “Até onde a encosta do monte forma um vale”.

[19] No ponto mais baixo da margem do vale: nesse ponto, a altura da margem está abaixo da metade da encosta do vale.

[20] Alvaiade: substância de cor branca empregada na pintura.

Grã: vermelho.

É provável que todos os termos desse verso sejam empregados em relação à técnica pictórica. Com isso, “prata” e “ouro” não seriam os metais, mas os pós que formavam as cores usadas pelos pintores.

[21] Verso de interpretação difícil e controversa, mas traduzido de modo muito próximo do original, o que facilita na apresentação das diferentes possibilidades de interpretação.

Índico (“índigo”) é um azul muito vivo, também empregado por pintores.

O problema colocado pelo verso é se “lenho límpido e lustroso” tem de ser considerado junto com “Índico” ou não. Considerando o verso como unidade, pode-se pensar na planta do índigo (“Índico lenho”), límpida (como o céu) e lustrosa. Alguns pensam que “índico lenho” indica o ébano. Outros, seguindo essa interpretação, separam “índico lenho” (“ébano”) e “límpido e lustroso”, que indicaria o azul do céu.

Já considerar “índico” e “lenho” como duas cores diferentes oferece diferentes possibilidades de interpretação, que dependem de como se explica a expressão “lenho límpido e lustroso”. Alguns a entendem como “madeira trabalhada e polida”; outros pensam que lenho se refere à pedra preciosa *lychnite* (chamada também *lignus*: nesse caso, pode-se considerar também que índico seja um qualificativo da pedra, proveniente da Índia).

[22] Todas as cores elencadas anteriormente seriam vencidas pelas flores e ervas do vale, como o mais fraco é vencido pelo mais forte.

[23] Em um aroma indistinto e, por isso, desconhecido.

[24] Que não podiam ser vistas por quem estava fora do vale (recinto).

[25] São as almas de príncipes que negligenciaram deveres em vida.

[26] A oração da “Salve Rainha” diz: “A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. […] E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto de vosso ventre”, texto que convém a todas as almas do Purgatório, que estão como que exiladas do Paraíso.

[27] Sordello.

[28] O lugar mais alto é destinado àquele que teve na terra a máxima autoridade, o imperador.

[29] Pesaroso pela falha cometida em seus deveres: isto é, por não ter ido à Itália, o que era um dever do imperador.

[30] Ouve silente porque pesaroso.

[31] Rodolfo I de Habsburgo (1273-1291), eleito rei em 1273. Nunca foi à Itália para ser efetivamente coroado imperador, tendo se preocupado sobretudo com questões relativas à Alemanha.

[32] A intervenção do imperador poderia ter sanado os problemas na Itália (“fora” deve ser entendido no sentido de “teria sido”).

[33] Muitos pensam que a frase seja uma alusão à tentativa posterior de Henrique VII de ir à Itália e ao fracasso dessa tentativa (ao qual o poema alude em outros momentos). Mas o canto, muito provavelmente, foi escrito antes de tal acontecimento. Por isso, para aceitar tal hipótese interpretativa, é necessário pensar que esse verso seja uma intervenção posterior do poeta.

[34] Ottokar: Otacar II da Boêmia reinou de 1253 a 1278. Foi em vida feroz adversário de Rodolfo. Por isso, é significativo que agora ambos estejam lado a lado, a indicar a reconciliação depois da morte.

Esse reino onde a água brota, / Que o Molta ao Álbia, o Álbia ao mar transporta: a Boêmia, região onde nascem as águas que o Moldava leva ao Elba, que, por sua vez, leva ao mar.

[35] Otacar, na infância, era já melhor que o filho, Venceslau. Este, adulto, esgota a sua vida com a luxúria e a preguiça.

Venceslau: Venceslau II, que sucedeu o pai. Nomeado rei da Polônia em 1300, morreu em 1305, ainda jovem. Os comentadores antigos também lhe atribuíam os vícios aqui mencionados.

[36] "O que tem o nariz pequeno": Felipe III, o Ousado, rei da França de 1270 a 1285, pai de Felipe, o Belo, e de Carlos de Valois.

Moveu guerra, por mar e por terra, contra Pedro III de Aragão. Contudo, a frota francesa foi destruída e o exército foi dizimado por uma epidemia. O rei se retirou, morrendo em 1285, também vítima da epidemia.

[37] Como se compreenderá no verso 109, trata-se de Henrique I de Navarra (sogro de Felipe, o Belo), sucessor do irmão Tebaldo II. Sua filha Joana se casou com Felipe, o Belo.

[38] Alusão à morte de Felipe, que morreu tirando lírios do escudo da França. Recorde-se que a flor-de-lis fazia parte do brasão da França. Isso pode ser entendido de modo negativo, no sentido de que a fuga de Felipe desonrou a França.

[39] Ele: Felipe III.

Aquele: Henrique I.

[40] Flagelo da França: Felipe IV, o Belo, duramente condenado em diversos momentos do poema. Esse é o motivo da dor de Felipe III e de Henrique I.

[41] Pedro III de Aragão, coroado rei em 1276. Casou-se com Constança, filha de Manfredi, e, por isso, reivindicava o reino da Sicília, obtido depois das Vésperas Sicilianas, em 1282. Com isso, esteve em guerra também com Carlos d'Anjou. Ambos morreram em 1285, como Felipe III, que participou do conflito (para ajudar Carlos d'Anjou).

[42] Carlos d'Anjou: filho de Luís VIII de França, irmão de Luís IX e, portanto, tio de Felipe III. Em 1265, foi chamado à Itália pelo papa Clemente IV para se opor a Manfredi, conquistando o reino de Nápoles. O fato de ele estar ao lado de Pedro III de Aragão (que lhe tomou o reino da Sicília) corresponde a mais um caso de reconciliação entre dois inimigos.

[43] Pedro III de Aragão teve quatro filhos. O primeiro, Afonso, sucedeu o pai de 1285 a 1291 e morreu jovem, com apenas 27 anos. O segundo, Jaime, foi sucessor do irmão. O terceiro, Frederico, herdou o reino da Sicília. O quarto, Pedro, morreu antes do pai.

Os comentadores não concordam a respeito da identificação do mancebo. Alguns dizem que se trata de Pedro, que não chegou ao trono. Entretanto, Pedro morreu muito jovem e, segundo alguns comentadores, parece estranho que o texto afirme com tanta convicção o seu valor. Por isso, alguns pensam que se trate do primogênito Afonso III e interpretam o texto no sentido de "se o mancebo tivesse sido rei, por tempo suficiente, depois do pai…"

[44] No verdadeiro valor de um rei.

[45] Jaime e Frederico herdaram reinos, mas não o verdadeiro valor de um rei.

[46] "Raras vezes a virtude do pai se encontra também nos filhos ('nas ramas'); e essa é a vontade de Deus ('Aquele'), a quem esse bem deve ser pedido". Isto é, a virtude é um dom de Deus e não da natureza; além disso, ela é dada ao indivíduo, não à estirpe.

[47] Carlos d'Anjou.

[48] O verso explica por que o dito de Sordello se aplica não só a Pedro III, mas também a Carlos d'Anjou: o reino da Apúlia (da Itália meridional) e o condado da Provença já sofrem sob o governo de seu filho e sucessor Carlos II d'Anjou.

[49] "Carlos I ('planta') é tão superior a Carlos II ('fruto') quanto Pedro III é superior a Carlos I". Constança era a esposa de Pedro III; Beatriz e Margarida foram, respectivamente, a primeira e segunda esposas de Carlos I.

[50] Henrique III de Inglaterra, rei de 1216 e 1272.

Teve este em ramos seus melhor saída: alusão a Eduardo I, sucessor do pai. Era considerado muito justo e sábio.

[51] Guilherme VII, marquês de Monferrato de 1254 a 1292. Foi feito prisioneiro

em Alexandria (Itália), durante uma rebelião da cidade, onde permaneceu até a morte. Seu filho Giovanni moveu uma longa guerra contra a cidade, que gerou muitos danos para Monferrato e Canavese, as regiões que constituíam o marquesado.

CANTO VIII

Aparecem dois anjos para guardar o vale. Os poetas, acompanhados de Sordello, avistam-se com a sombra de Nino dei Visconti. Prática de Dante com Conrado Malaspina, que prenuncia o seu destino.

Dois anjos descem sobre o vale. Dante, Virgílio e Sordello se dirigem para o fundo do vale. Dante encontra Nino Visconti. Surge uma serpente, que foge dos anjos. Corrado Malaspina fala com Dante e realiza uma profecia sobre o seu futuro.

1 Era o tempo em que mais saudade sente[1]
Do navegante o coração no dia[2]
Do adeus a amigos, que relembra ausente;
2 E ao novel peregrino[3] amor crucia,[4]
Distante a voz do campanário[5] ouvindo,
Que ao dia a morte, flébil, denuncia.
3 Não mais[6] ouvia. Os olhos dirigindo,
Perto um esp'rito vi que levantado,
Acenava, que ouvissem-no pedindo.
4 E, havendo as duas mãos juntas alçado,
Parecia, olhos fitos no Oriente,[7]
A Deus dizer: És todo o meu cuidado!
5 *Te lucis*[8] entoou devotamente
Com tão suave, tão piedoso canto,
Que me enlevava em êxtases a mente.
6 Com igual devoção e igual encanto,
Nas supernas esferas[9] engolfados,
Repetiram os outros o hino santo.
7 Leitor, tem da alma os olhos afiados
Para os véus da verdade penetrares:
Fácil é, tão sutis são, tão delgados.[10]
8 A nobre turba, após os seus cantares
Calou-se: então notei que, como à espera,
Pálida e humilde a vista erguia aos ares.
9 E vi sair descendo da alta esfera
Anjos dois, empunhando flamejantes
Gládios a que troncada a ponta era.[11]
10 Verdes quais folhas novas vicejantes,
As vestes suas são, as agitando
As plumas das suas asas[12] viridantes.
11 Um acima de nós se colocando,
Baixara o outro sobre o lado oposto,

Desta arte as almas de permeio estando.
12 A flava[13] coma via-lhes; seu rosto
Contemplar impossível me seria:
Confunde a vista o lúcido composto.[14]
13 “Do sólio ambos descendem de Maria”[15]
Sordello diz do vale por amparo,
“Onde a serpente vai chegar impia.”
14 Por onde ela viesse estando ignaro,
Em torno olhei e, de terror tomado,
Busquei refúgio ao pé do amigo caro.
15 Sordel prossegue: — “É de falar chegado
Àqueles grandes esp’ritos o instante:
Ledos serão de ver-vos ao seu lado.”
16 Para baixar ao val me foi bastante
Três passos dar:[16] um espírito fitava
Perscrutadora vista em meu semblante.
17 Já de sombra o ar se carregava;[17]
Mas aos seus e aos meus olhos embaraço
Não era para ver-se o que ali estava.
18 A mim vem, eu para ele aperto passo.
Nino[18] exímio juiz quanto me agrada
Ver-te liberto do infernal regaço!
19 De afeto após a mostra reiterada,
Inquiriu: — “Por longínquas águas quando
Chegaste ao pé da altura alcantilada?”[19]
20 — “Oh!” — lhe tornei — “esta manhã, passando
Pela triste mansão:[20] ainda a vida
Primeira gozo e a outra[21] vou buscando.”
21 Mal fora esta resposta proferida,
Nino e Sordel,[22] de pasmo, recuaram
Como se fora maravilha ouvida.
22 Ao Vate este volveu-se; e se escutaram

Vozes de Nino a outro: — “Vem Conrado,[23]
De Deus ver o que as leis determinaram!”
23 — “Por essa gratidão” — a mim voltado
Disse — “que ao Ente deves invisível,[24]
Cuja ação compreender nos é vedado,
24 “Imploro-te: em passando o mar temível,[25]
Digas à filha minha[26] que suplique
Por mim: Deus à inocência é tão sensível!
25 “Não creio que em prol meu a mãe[27] se aplique,
Depois que os brancos véus[28] trocou demente:
Dor terá infeliz! — que mortifique.[29]
26 “Se conhece, por ela, facilmente
Quanto em mulher de amor fogo perdura[30]
Se o carinho falece e o olhar frequente.
27 “Não lhe fará tão bela sepultura
A víbora com que Milão se ostenta,
Como a fizera o galo de Galura.”[31]
28 Assim dizia Nino. Ainda o alenta
O justo zelo,[32] que transluz no rosto,
Que, brando ardendo, o ânimo aviventa.
29 Ávido os olhos tinha eu no céu posto,
À parte em que os luzeiros são mais lentos,[33]
Qual roda onde o seu eixo está disposto.
30 E o Mestre: — “Os olhos ao que tens atentos?”
Respondi-lhe: — “Aos três astros luminosos[34]
Que o polo acendem, célicos[35] portentos.”
31 — “As quatro estrelas” — me tornou — “formosas,
Que por manhã já vimos, se ocultaram.
Aí mesmo estas surgem fulgurosas.”[36]
32 Sordel, quando estas vozes me voaram,
O tira a si dizendo: — “eis o inimigo!”[37]
Os olhos o seu dedo acompanharam.

33 Do val na parte exposta[38] ver consigo
Uma serpe, que a rastos coleava:[39]
Talvez o pomo deu, de Eva perigo.[40]
34 Entre as ervas e flores avançava,
A um lado e outro a fronte volteando;
Lambendo o dorso a língua dilatava.
35 Não pude ver como ao réptil nefando
Os celestes açores[41] se enviaram;
Mas atônito os vi ambos pairando.
36 O sussurro que as asas no ar formaram,
Em sentindo, fugiu presto a serpente:
Os anjos logo aos postos seus tornaram.
37 A sombra, que viera incontinente
Do juiz ao chamado[42] enquanto o assalto
Durou, me estava olhando atentamente.
38 "Tenha o fanal, que te conduz ao alto,
No teu desejo válido alimento![43]
De luz para subir não sejas falto!
39 "Mas se houveste" — me diz — "conhecimento
De Val di Magra ou terra[44] que confina,
Declara: eu de poder lá tive aumento.
40 "Chamado fui Conrado Malaspina;[45]
Não o antigo,[46] porém seu descendente;
Amor que tive aos meus aqui se afina."[47]
41 — "Lá não fui"— respondi-lhe reverente —
"Mas da Europa em que parte a excelsa fama
Dos feitos vossos não tem eco ingente?
42 "A glória que o solar vosso proclama,
Honra o domínio, honra os seus senhores.
Quem nunca os viu louvores seus aclama.
43 "Juro, e tão certo eu veja os esplendores
Do céu, que a vossa raça guarda intactos

Da opulência e bravura altos primores.[48]
44 “Por sua índole egrégia, por seus atos,
Enquanto ao mundo um chefe mau transvia,[49]
Só ela segue o bem e o prova em fatos.” —
45 — “Vai!” — disse — “Antes que o belo astro do dia
Sete vezes penetre nesse espaço,[50]
Que o Áries cobre na celeste via,
46 “Tão boa opinião com fundo traço
Melhor será na tua fronte impressa
Do que de outro por voz a cada passo,
Se do Sumo Querer ordem não cessa.”[51]

---

[1] Os primeiros versos desse canto realizam uma perífrase temporal e indicam o início da noite.

[2] É a primeira noite de viagem, momento em que é mais forte para o viajante a nostalgia.

[3] Isto é, o peregrino que acabou de começar a sua viagem.

[4] Aflige com amor o coração do viajante.

[5] É provável que o verso se refira às badaladas que anunciam a hora canônica das Completas, a última hora canônica. Entretanto, segundo alguns, trata-se das badaladas do Angelus, que, no pôr do sol, convidam os fiéis a rezarem a ave-maria. Mas

é difícil dizer se esse já era um costume na Itália no tempo de Dante.

[6] Não mais ouvia as palavras de Sordello.

[7] Segundo o costume cristão de rezar em direção ao oriente.

[8] Primeiras palavras de um hino cantado na hora das Completas, com o qual se pede proteção a Deus contra as tentações e os perigos da noite.

O hino é atribuído a Santo Ambrósio e se inicia deste modo: “antes do fim da luz, nós te invocamos, criador do mundo, para que, pela tua clemência, tu sejas a

nossa defesa e proteção”.

[9] “No céu”. “Supernas esferas” são as esferas celestes que, segundo a concepção seguida por Dante, rodavam em volta da terra.

[10] Dante convida o leitor a prestar atenção à cena que se desenvolverá, de modo a conseguir compreender o sentido que está por trás do véu alegórico da cena.

A serpente e os anjos que aparecerão representarão uma cena de derrota das tentações. As almas do Purgatório não estão mais sujeitas à tentação, mas essa cena realiza como que uma advertência às almas, mostrando o perigo da tentação e a fraqueza do homem diante dela. E esse perigo parece ser ainda maior para os príncipes e governantes (as almas aqui presentes), que mais frequentemente se expõem às tentações e se submetem a elas.

Fácil é, tão sutis são, tão delgados: Xavier Pinheiro segue uma das interpretações possíveis, que entende que é fácil compreender o sentido por trás da cena. Outros entendem: o véu é tão sutil que é fácil passar por ele sem compreender o seu verdadeiro significado.

[11] As espadas de fogo são alusão ao Querubim que empunha uma espada de fogo na entrada do Éden, depois da expulsão de Adão e Eva, para impedir a entrada do homem (Gênesis, 3, 24). Já o fato de as espadas não terem ponta é explicado de diversos modos. Segundo alguns, é porque, depois da morte de Cristo, a serpente foi definitivamente derrotada, de modo que bastam, para afastá-la, espadas simbólicas. Segundo outros, a espada representa a justiça divina e a ponta troncada representa a misericórdia divina. Outros dizem que a espada não tem ponta porque, depois da morte de Jesus, o Paraíso foi aberto ao homem.

[12] Viridantes: “verdes”. O verde é cor frequentemente associada à esperança.

[13] “Loira”.

[14] Do rosto emanava uma luz tão forte que confundia a vista.

[15] Pode-se entender que os anjos são uma resposta à oração da “Salve Rainha”, recitada no canto anterior.

[16] Porque os três poetas se encontravam no ponto mais baixo da margem do vale (isto é, o ponto mais próximo do fundo), como dito no canto anterior (70-72).

[17] Estava começando a escurecer, mas não tanto que não fosse possível o reconhecimento entre Dante e a alma que olha para ele.

[18] Ugolino (Nino) Visconti, neto do conde Ugolino della Gherardesca (“Inferno” XXXIII), morto em 1296. Senhor do juizado de Gallura na Sardenha. Guelfo, governou Pisa junto com o avô, que era gibelino. Foi exilado de Pisa, talvez por um acordo entre o avô e o arcebispo Ruggieri. Depois da morte do avô, participou das lutas contra Pisa até se tornar chefe da chamada Taglia guelfa di Toscana. Nesse período, teve de viajar várias vezes para Florença, onde teria iniciado sua amizade com Dante.

[19] Como já está escuro, é mais difícil para Nino perceber que Dante ainda está vivo. Por isso, ele imagina que Dante tenha chegado ao monte como qualquer outra alma, isto é, por longínquas águas.

[20] Pelo Inferno.

[21] A segunda vida, isto é, a salvação.

[22] Sordello também não sabia que Dante está vivo.

[23] Conrado: Corrado Malaspina, sobre o qual se falará mais adiante (v. 118).

[24] “Pela gratidão que deves a Deus (o Ente cuja ação compreender nos é vedado) por essa tão excepcional graça…”

[25] As longínquas águas do verso 56: “quando tornares ao mundo dos vivos”.

[26] Giovanna, a única filha de Nino Visconti que, em 1300, tinha 9 anos.

[27] Beatrice d’Este, filha de Obizzo II, mulher de Nino Visconti. Depois da morte de Nino, retornou para Ferrara com Giovanna. Casou-se com Galeazzo Visconti, senhor de Milão, em 1300. Em 1302, os Visconti foram exilados de Milão e Beatriz acompanhou o marido no exílio, vivendo com ele em pobreza.

[28] As mulheres casadas usavam faixas em volta da cabeça. As mulheres viúvas as usavam brancas.

[29] Alusão às difíceis condições do exílio de Galeazzo.

[30] A inconstância feminina era lugar comum na literatura medieval, que se apoiava sobre uma tradição que abrangia desde os poetas clássicos até os pais da Igreja.

[31] A víbora compunha o brasão dos Visconti de Milão (família do segundo marido de Beatrice). Já o galo compunha o brasão dos Visconti de Gallura, família de Nino. Com essa frase, é pouco provável que Nino esteja expressando

um juízo político negativo a respeito dos Visconti de Milão.

Nino pode estar se referindo à maior nobreza de sua família. Outra possibilidade é que ele esteja simplesmente dizendo que sobre a tumba de Beatrice teria sido mais honroso o sinal da fidelidade ao primeiro marido.

[32] Despeito moderado.

[33] Luzeiros: estrelas.

À parte…: em direção ao polo, onde as estrelas, percorrendo um espaço muito menor do que aquelas distantes do polo, rodam mais lentamente, como uma roda gira mais lentamente em um ponto mais próximo do seu eixo.

[34] Os comentadores concordam em afirmar que, como as quatro estrelas do canto I simbolizam as quatro virtudes cardinais, as três estrelas agora vistas simbolizam as três virtudes teologais (fé, esperança e caridade). As virtudes cardinais são próprias da natureza humana; as virtudes teologais são próprias do cristão, dadas pela graça divina. Também a respeito dessas três estrelas, existem discussões para saber se seriam estrelas reais ou não.

“Luminosos” forma rima imperfeita com os outros termos da série, “formosas” e “fulgurosas”.

[35] “Celestes”.

[36] O fato de as três estrelas aparecerem quando as outras desaparecem é explicado de diferentes modos. Segundo alguns, as quatro estrelas (virtudes cardinais) representam o tempo pré-cristão, em que o homem podia apenas alcançar a perfeição segundo a natureza humana (representada por Catão); já as três estrelas (virtudes teologais) representam o tempo cristão e a vida sobrenatural da graça. Outros dizem que o dia, no Purgatório, simboliza a vida ativa, enquanto a noite simboliza a vida passiva.

[37] O diabo, segundo o modo de dizer bíblico.

[38] No ponto onde o vale não é fechado pela margem rochosa. Isso significa que a tentação se insinua onde o homem é mais frágil, buscando os caminhos mais fáceis.

[39] “Serpeava”.

[40] O texto original pode ser entendido de duas maneiras: talvez a mesma que o pomo deu (interpretação seguida por Xavier Pinheiro); talvez semelhante àquela

que o pomo deu.

O pomo: o fruto da árvore do bem e do mal (Gênesis, 3, 1-5).

[41] Espécie de ave de rapina.

[42] A intervenção dos anjos.

[43] “Que a graça divina, que te conduz ao alto, encontre sempre alimento no teu desejo, de modo que não sejas falto de graça.”

[44] Valdimagra: vale do rio Magra na Lunigiana, onde estava o castelo de Villafranca, residência de parte da família à qual pertencia Corrado.

[45] Corrado Malaspina, filho de Federico I, marquês de Villafranca, neto de Corrado il Vecchio, precursor dos Malaspina de Lunigiana. Morreu provavelmente em 1294.

[46] Não Corrado Malaspina il Vecchio.

[47] Corrado está purificando ao amor que teve pelos seus: ele se preocupou tanto com as questões terrenas ligadas à sua família e ao seu poder que negligenciou a própria alma e o amor que deveria dirigir a Deus.

[48] Da liberalidade e do valor em guerra, duas virtudes próprias da verdadeira nobreza.

[49] O chefe mau é interpretado de diversos modos: Roma, o papa, o imperador etc.

O texto original permite entender também: “enquanto o mundo se transvia para o mau caminho”.

[50] Antes que o Sol entre sete vezes na região do céu onde se encontra a constelação de Áries: antes que se passem sete anos.

[51] “Se não mudam os eventos estabelecidos pela vontade divina, daqui a menos de sete anos estarás ainda mais convencido [das qualidades da minha família], com provas mais fortes do que as palavras de terceiros”: Dante conhecerá as qualidades da família por experiência própria (“com fundo traço”), que contarão ainda mais do que aquilo que ele ouviu falar. Trata-se de alusão ao exílio de Dante, que encontrou refúgio com os Malaspina em Lunigiana.

Isso é comprovado por diversos textos, entre os quais um documento de 1306.

CANTO IX

Dante adormece no vale. Visão. Desperta e acha-se à porta do Purgatório. Um anjo permite a Dante a entrada depois de lhe ter aberto, à ponta de espada, sete PP na testa, símbolos dos sete pecados mortais.

Dante adormece, tem um sonho e acorda perto da entrada do Purgatório. Virgílio lhe explica o que aconteceu durante o seu sono. Dante e Virgílio vão para a entrada do Purgatório e falam com o anjo que guarda a porta. Depois de um rito, o anjo permite que Dante entre. Dante ouve um canto.

1 Já clareava de Titão antigo
A concubina as fímbrias do oriente,
Deixando os braços do seu doce amigo;[1]
2 Era-lhe a fronte de astros refulgente,
Figura do animal frio formando,
Que vibra a cauda contra a humana gente.[2]
3 No lugar em que estávamos, se alçando,
Dois passos seus havia a Noite andado,
E o terceiro ia as asas inclinando,[3]
4 Quando eu, tendo o que Adão nos há legado,[4]
De sono sobre a relva fui vencido,
Lá onde junto aos quatro[5] era sentado.
5 Antemanhã na hora, em que gemido
Triste a andorinha a soluçar começa,
Talvez na antiga dor pondo o sentido;[6]
6 Já não ’stando da carne mais opressa
A mente e livre do pensar terreno,[7]
Quase divina por visões pareça,
7 Pairar sonhei que via no ar sereno
De áureas plumas uma águia que mostrava
Querer baixar, das asas pelo aceno.
8 Estar eu na montanha imaginava,
Onde os seus Ganímede[8] abandonara,
Alado à corte excelsa, que o esperava.
9 E eu pensava: talvez esta ave rara,
Caçar aqui soendo, a nédia preia[9]
Fazer noutros lugares desdenhara.
10 A traçar giros vários avistei-a:
Eis, terrível, qual raio, a mim se envia,
E lá do fogo à região me alteia.[10]
11 Esta águia, então julguei, comigo ardia
Tanto, que foi o sonho meu quebrado

Pelo fingido incêndio, que eu sentia.
Como, acordando, Aquiles espantado[11]
Ficou por não saber onde se achava
No lugar aos seus olhos devassado,
Quando a mãe que a Quíron o arrebatava,
O transportou a Sciro adormecido,
Donde astúcia[12] depois lho retirava:
Assim fiquei ao ser desvanecido
Das pálpebras o sono, semelhante[13]
A quem desmaia em cor de horror transido.
Junto a mim eu só vi naquele instante
Virgílio; o sol duas horas já media;
Ao mar tinha eu voltado inda o semblante.
— “Não temas!” — tais palavras proferia —
“Sê tranquilo, o bom porto não mais dista,
Alarga[14] o coração, não entibia.
“O Purgatório já daqui se avista.[15]
Onde a rocha[16] é fendida está a entrada,
A rocha o cinge e tolhe o aspecto à vista.
“Ao romper da alva ao dia antecipada,
Quando no vale em sono eras jazendo
Sobre a ervinha de flores esmaltada,[17]
“Eis mostrou-se uma Dama nos dizendo:
— Sou Luzia;[18] pois dorme, vou trazê-lo,
Leve assim a jornada lhe fazendo —
“Ficando as nobres almas[19] com Sordello,
Tomou-te; e como já raiasse o dia
Subiu: segui seus passos com desvelo.
“Depôs-te; e por seus olhos me dizia
Que próxima ali estava a entrada aberta.
Ela se foi e o sono te fugia.”
Como quem ’stando em dúvida, se acerta,
Converte o seu temor em confiança,

Logo em sendo a verdade descoberta:
23 Assim me achei mudado. Ele que alcança
Que esforçado já ’stou, vai por diante
Pela altura; o meu passo após avança.
24 Vês, leitor, que o assunto[20] altissonante
Se faz; e não me estranhes se mais arte
Mor lustre lhe acrescenta de ora avante.
25 Acercamo-nos, pois, da rocha à parte,
Onde eu antes rotura divisava,
Como em muralha fenda que reparte.
26 Ora uma porta e degraus três notava
Para entrar, cada qual de cor dif’rente,
E um porteiro[21] que tácito ficava.
27 E, de mais perto olhando, claramente
No mais alto degrau o vi sentado:
Ofuscava-me a face refulgente.
28 Na destra um gládio[22] tinha empunhado,
Que tão vivos lampejos refletia,[23]
Que em vão fitava os olhos deslumbrado.
29 — “Parai e respondei-me” — principia —
“Que intentais? Quem vos guia na jornada?
Efeitos não temeis dessa ousadia?”
30 — “Dama do céu, de tudo isso inteirada”
— Falou Virgílio — “disse-nos: — Avante!
Não longe fica a porta desejada.”
31 — “Seja ela aos vossos passos luz brilhante”
— Logo benigno o anjo nos tornava —
“Aos degraus nossos vinde por diante.”
32 Chegamos: o degrau[24] primeiro estava
De alvo mármor tão terso, tão polido,
Que a minha imagem nele se espelhava.
33 Era escuro o segundo e não brunido,
Tosca pedra o formava e calcinada;[25]

Ao longo o via e de través fendido.
34 De pórfiro[26] o terceiro e carregada
Tinha a cor de vermelho flamejante,
Qual sangue, que da veia flui rasgada.
35 Neste firmava o anjo rutilante
Os pés, ao limiar sentado estando,
Que ser me pareceu de um só diamante.[27]
36 Tirado por Virgílio vou me alçando
Jubiloso. Ele disse: — "Humildemente
Requer, que te abra a porta deprecando."
37 Aos sacros pés dobrei devoto a frente;
Misericórdia, vezes três batendo
Nos peitos, para abrir pedi fervente.
38 Da espada a ponta sete PP[28] me havendo
Na testa aberto, disse o anjo: — "Lava
Lá dentro estes sinais te arrependendo."
39 Chaves duas tomou quando acabava,
De sob as vestes,[29] onde a cor, atento,
De terra seca ou cinzas observava.
40 Uma era de ouro, a outra era de argento.[30]
Primeiro a branca, após a flava aplica
À porta: foi completo o meu contento.
41 — "Se emperrada das duas uma fica
E não dá volta" — disse — "à fechadura,
Isto entrada defesa significa.[31]
42 "Se mais preço uma tem, noutra se apura[32]
Mais arte para abrir e mais engenho:
Das molas cede-lhe a prisão mais dura.
43 "Mandou Pedro, de quem as chaves tenho,
Que em abri-la antes erre que em cerrá-la
Aos que a exoram com ardente empenho."[33]
44 Tocando a santa entrada, inda nos fala:
— "Penetrai; mas, de agora, vos previno,

Quem olha para trás, pra fora abala.”[34]

45 Os portões já se movem do divino
Recinto, e os espigões, rangendo, giram
Nos gonzos de metal sonoro e fino.

46 Quando, vãos de Metello esforços, viram
Roubado o erário, com estrondo tanto
As portas de Tarpeia[35] não se abriram.

47 Aos rumores atento, doce canto —
Te Deum laudamus[36] escutar julgava,
De conceitos unido ao meigo encanto.

48 Ouvindo, em mim a sensação calava,
Que a voz bem modulada nos motiva,
Quando com ternos sons de órgão se trava;
Que uma voz emudece, outra se esquiva.[37]

---

[1] “A concubina de Titão antigo já clareava as fímbrias (os extremos) do oriente, deixando os braços do seu doce amigo”.

Os nove primeiros versos do canto formam uma complexa perífrase astronômica, interpretada de muitos modos pelos críticos.

Concubina de Titão antigo: a Aurora, que, segundo a mitologia clássica, havia se apaixonado por Titão, raptando-o e se casando com ele. Ela pediu a Júpiter o dom da imortalidade para Titão, mas se esqueceu de pedir a eterna juventude, de modo que seu marido envelheceu continuamente, ao contrário dos deuses. Por isso, ele é aqui chamado “antigo”.

[2] Esses três versos são interpretados de diferentes modos.

O mais provável é que “fronte” signifique aquilo que está diante da Aurora, isto é, a parte ocidental do céu. Já a figura do animal frio “que vibra a cauda contra a humana gente” é provavelmente a constelação de Escorpião, que era considerado animal “frio”. Recorde-se, mais uma vez, que o Sol se encontrava em Áries. No momento da aurora, Áries se encontra, com o Sol, um pouco abaixo do horizonte oriental. A constelação diametralmente oposta, Libra, aparece um pouco acima

do horizonte ocidental. Escorpião aparece, portanto, um pouco acima de Libra, na parte ocidental do céu. Alguns entendem fronte como a extremidade superior da luz emanada pela Aurora: deve-se pensar que o Sol está para nascer e que a luz da aurora se estende pelo céu além do meridiano. Outros comentadores, entendendo "fronte" como o rosto da Aurora personificada, objetam que, como nessa época do ano a aurora não podia se ornar com as estrelas de Escorpião, deve-se entender que a figura do animal se refere à constelação de Peixes, que, nessa época do ano, acompanha a aurora (que precede o Sol, que está em Áries). Entretanto, a característica de vibrar a cauda contra a humana gente qualifica melhor o escorpião do que o peixe.

[3] Os passos da noite são normalmente interpretados como as horas: a noite sobe por seis horas até o ponto mais alto, meia-noite, e depois desce por mais seis horas. A noite, elevando-se, já havia completado dois passos e estava completando o terceiro: são, portanto, quase nove horas da noite.

Segundo interpretação frequentemente seguida pelos comentadores, a Aurora e a Noite dizem respeito a dois lugares diferentes da terra, sendo o segundo deles o purgatório (o lugar em que estávamos). E, segundo muitos, a indicação da aurora diz respeito à Itália, lugar onde o poeta está escrevendo. São quase nove horas da noite no Purgatório; portanto, são quase nove horas da manhã em Jerusalém. Há uma diferença de mais ou menos três horas entre Jerusalém e a Itália, onde está despontando a aurora (pouco antes das seis da manhã).

Todavia, há alguns comentadores, sobretudo antigos, que interpretam a concubina de Titão não como a Aurora, mas sim como a aurora lunar, que, naquele momento, surgia no Purgatório com a constelação de Escorpião. Isso porque, na mitologia, a Aurora era esposa de Titão, não sua amante. Entretanto, não há indicações literárias anteriores a Dante que justifiquem identificar a "amante" de Titão com a aurora lunar e parece estranho que Dante fosse empregar um elemento totalmente novo em uma perífrase de tamanha complexidade. De fato, o costume de Dante é empregar elementos clássicos, que criam referências imediatas na leitura. Além disso, o termo concubina (empregado também no original) pode indicar simplesmente "aquela que se deita com Titão", isto é, a Aurora, sua esposa. Por fim, é procedimento seguido por Dante em outros momentos do poema realizar indicações temporais binárias, que, para falar do céu diurno e do céu noturno, têm de assumir como ponto de referência dois lugares distintos.

[4] O corpo.

[5] Os quatro são Virgílio, Sordello, Nino Visconti e Corrado Malaspina.

[6] Na hora que precede o dia, quando a andorinha matutina inicia seu canto lamentoso, talvez lembrando seus antigos infortúnios. Trata-se de uma alusão ao mito das irmãs Procne e Filomela. Tereu, marido de Procne, violentou Filomela, e Procne, para se vingar, deu para o marido, como comida, a carne do filho deles. Quando Tereu descobriu, tentou matar as irmãs, que, fugindo, foram transformadas uma em rouxinol e a outra em andorinha. As fontes de Dante são as *Metamorfoses* de Ovídio (VI, 412) e as *Éclogas* e *Bucólicas* de Virgílio (VI, 78-81; IV, 511-515). Segundo a versão mais comum do mito, Filomela se transformou em rouxinol, e Procne, em andorinha. Entretanto, Dante segue outra versão, segundo a qual Filomela é a andorinha.

[7] Quando, por causa do sono, a mente está livre em relação ao corpo e não se ocupa tanto com as preocupações terrenas.

Quase divina por visões pareça: quando a mente humana é quase profética. Acreditava-se que os sonhos tidos perto do amanhecer fossem verdadeiros, como já se explicou na nota a “Inferno”, XXVI, 7-9.

Logo, os seis versos (13-18) querem dizer: no momento que precede o amanhecer, quando a andorinha começa a cantar e quando a nossa mente, ainda mais livre do corpo e das preocupações terrenas, é quase uma profetisa.

[8] Montanha: monte Ida na Trôade, onde Ganímedes foi raptado por uma águia e foi conduzido para a corte dos deuses (“corte excelsa”). Ganímedes era um belíssimo jovem que foi raptado enquanto caçava com seus companheiros no monte Ida, para ser copeiro dos deuses. Fala-se do mito na *Eneida* (V, 254-255) e nas *Metamorfoses* (X, 155-161).

[9] A luzente presa.

[10] À região do fogo: além da atmosfera. Acreditava-se que a esfera do fogo estivesse entre a terra e o primeiro céu, o céu da Lua.

[11] Narra-se que Tétis, mãe de Aquiles, transportou o filho, enquanto ele dormia, da Tessália (onde Aquiles estava sob os cuidados do centauro Quíron) para a ilha de Esquiro, de modo a impedir que o filho partisse para a Guerra de Troia, onde encontraria a morte. O despertar de Aquiles é descrito no primeiro livro da *Aquileida* de Estácio.

[12] A astúcia de Ulisses, que conseguiu conduzir Aquiles para a Guerra de Troia (como já mencionado em “Inferno”, XXVI, 61-62).

[13] O original diz que o Sol já tinha subido mais de duas horas: são mais de oito horas da manhã.

Ao mar tinha eu voltado inda o semblante: Dante está voltado para o oriente, e recebe os raios do Sol.

[14] “Alarga” e “entibia” devem ser entendidos como verbos referidos a “bom porto”.

[15] Os poetas estão próximos da entrada do Purgatório propriamente dito, onde as almas purgam os seus pecados. Antes disso há um vestíbulo, o Antipurgatório, onde as almas esperam para entrar no Purgatório.

[16] A parede rochosa que cinge o Purgatório, interrompida por uma abertura, que constitui a entrada.

[17] No vale onde se encontravam os príncipes e governantes.

[18] Santa Luzia, uma das três mulheres que no céu intervieram para a salvação de Dante e tornaram a sua viagem possível, como já se explicou em “Inferno”, II, 97-99 (e nota). Ela é figurada no sonho de Dante pela águia e representa, no poema, a graça iluminante. Santa Luzia intervém em dois momentos particularmente difíceis do poema: no primeiro, ela pede que Beatriz socorra Dante, que se encontra na selva escura; agora, ela mesma leva Dante para a porta do Purgatório, onde tem início o verdadeiro caminho da expiação. Muitas são as explicações e os significados simbólicos atribuídos a essa intervenção, à função de Santa Luzia na salvação de Dante e à sua figuração na águia, que era símbolo típico do império.

[19] As almas do vale.

[20] O narrador adverte que a matéria do canto está se elevando, sendo acompanhada pelo estilo, que também tem de se elevar. Esse apelo ao leitor mostra como a entrada no Purgatório é um evento decisivo no poema.

[21] O anjo que guarda o Purgatório.

[22] A cena que se desenvolverá entre Dante e o anjo será figura do rito da confissão. Os comentadores interpretam a espada de diversos modos. Mas essas diferentes interpretações convergem sobre a ideia da justiça divina. Alguns,

seguindo o texto da Carta de São Paulo aos Hebreus (4, 12), associam a espada à palavra de Deus, que penetra a alma humana.

[23] Segundo os comentadores, a espada reflete a luz da face do anjo, a luz do Sol ou se ilumina de luz própria.

[24] Os degraus são normalmente interpretados como as três partes do sacramento da confissão: a contrição, a confissão e a satisfação com boas obras. Outros, sempre levando em conta o sacramento da confissão, mas buscando significados mais adequados às cores dos degraus, interpretam o primeiro como o exame de consciência, o segundo como a contrição e o terceiro como a caridade que emenda a culpa. Há também outras possibilidades de interpretação.

[25] "Queimada".

[26] Pórfiro: pedra dura e vermelha.

[27] O diamante é normalmente associado a constância e firmeza, que, segundo alguns, qualificam o confessor ou a sua autoridade.

[28] Os sete PP são os sete pecados capitais, que serão eliminados um por um da testa de Dante ao longo do caminho pelo Purgatório.

[29] A cor cinza das vestes se associa à penitência, embora seja interpretada de diferentes modos pelos comentadores.

[30] A chave de ouro é símbolo da autoridade para absolver os pecados. Já a chave de prata é símbolo da sabedoria necessária para julgar as culpas. Trata-se de referência às chaves dadas por Cristo a Pedro (Mateus, 16, 19).

[31] Defesa: "impedida".

Se falta a autoridade ou se falha a sabedoria do confessor, não é válida a absolvição, figurada pela entrada no Purgatório.

[32] A chave que tem mais preço é a de ouro (da autoridade). A outra é a de prata (da sabedoria), que tem de entrar na consciência do pecador e julgar com discernimento. Por isso, a essa chave cede a prisão mais dura.

[33] São Pedro disse ao anjo que errasse mais por indulgência do que por rigor, desde que o pecador peça perdão com humildade.

[34] Trata-se de tema clássico (mito de Orfeu) e bíblico (história da mulher de Loth, Gênesis, 19, 26), mencionado também no Evangelho (Lucas, IX, 62). Aqui

significa que a absolvição se torna vã se o homem torna a pecar ou se ele volta a se apegar aos bens terrenos.

[35] Quando, depois de atravessar o Rubicão, César chegou a Roma, ele quis se apossar do tesouro público, guardado no templo de Saturno, sobre a rocha Tarpeia. A ele tentou se opor o tribuno Metello, que se colocou diante da porta. Isso é reminiscência de versos de Lucano (*Farsália*, III, 153-168).

[36] *Te Deum laudamus*: hino solene de agradecimento, talvez do século V. Alguns elementos do "Purgatório" dão a entender que o hino seja entoado por todas as almas toda vez que uma nova alma entra no Purgatório.

[37] Há dois modos principais de entender o verso. A interpretação mais comum é: canto acompanhado pelo órgão (ou em alternância com o órgão), que parece ser a interpretação seguida por Xavier Pinheiro. Entretanto, alguns estudiosos dizem que se trata do canto a diversas vozes, polifônico (esse era o sentido de *organum* em diversos textos).

"Que uma voz emudece, outra se esquiva": "voz" é empregado no sentido de "palavra", e o verso significa que as palavras se alternam com o órgão ou o som do órgão encobre, por vezes, as palavras.

Seguindo a interpretação do canto a diversas vozes, pode-se entender que a própria harmonização das vozes encobre as palavras.

CANTO X

Primeiro círculo. Imagens entalhadas na rocha, que representam exemplos de humildade. Contrastam com as que figuram atos de soberba. Expiação dos que se inquinaram nesse pecado mortal.

Primeiro círculo: soberbos. Dante e Virgílio veem exemplos de humildade entalhados na rocha. Aparecem as almas dos soberbos. O narrador faz uma apóstrofe e descreve a pena dos soberbos.

1 Passado estando o limiar da porta,
Das paixões pelo excesso desusada,
Que reta faz supor a estrada torta,[1]
2 Pelo estrondo senti que era cerrada.
Se atrás volvesse os olhos, qual seria
A desculpa da falta perpetrada?[2]
3 Subíamos por fenda que se abria
Na rocha, a um lado e ao outro serpeando,
Qual onda, que ora acerca, ora desvia.
4 "Aqui ser destro cumpre, acompanhando" —
Disse o Mestre — "o caminho árduo, fragoso,
Que as sinuosas voltas vai formando."
5 A passo íamos, pois, tão vagaroso,
Que da lua o crescente reclinado
Era já no seu leito de repouso,[3]
6 Quando aquela estreiteza hemos deixado.
Espaços livres alcançando e abertos,
Onde o monte para trás era inclinado;[4]
7 Eu inanido e ambos nós incertos
Da vereda, em planura enfim paramos,
Mais solitária que áridos desertos.
8 Do precipício a borda calculamos
Distar da oposta, em que o rochedo alteia,
Comprimento que em homens três achamos.[5]
9 Na extensão que ante mim se patenteia,
Da direita ou da esquerda igual largura
Nessa cornija aos olhos se franqueia.
10 Não déramos um passo na planura,
Quando notei que a escarpa sobranceira,
Que ascender não permite a sua altura,[6]
11 Era alvo mármor, tendo a face inteira
Talhada com primor que a Policleto
Tomara e à natureza a dianteira.[7]

12 O anjo que da paz trouxe o decreto[8]
Tantos séc'los com lágrimas pedido,
Que o céu abriu, donde o homem 'stava exceto,
13 Ao vivo ali se mostrava insculpido,
No gesto e no meneio tão suave,
Que em pedra não parece estar fingido.
14 Quem não jurara que profere o *Ave*,
Pois juntamente figurada estava
Quem do supremo amor volvera a chave?[9]
15 Seu semblante estas vozes expressava
Ecce ancilla Dei[10] tão propriamente,
Como na cera imagem, que se grava.
16 — "Num ponto só não prendas tanto a mente" —
Virgílio me falou, tendo-me ao lado,
Aonde o coração bater se sente.
17 Para mais longe olhei: maravilhado
Após Maria então vi que disposta,
Da parte em que era o Mestre colocado,
18 Fora outra história em mármore composta.[11]
Ao sábio adiantei-me: de mais perto
Aos meus olhos melhor ficara exposta.
19 O carro com seus bois na rocha aberto
E a arca santa[12] que conduz, mirava:
Lembra aos profanos o castigo certo.[13]
20 Em coros sete o povo ali cantava:[14]
Do olhar em mim o ouvido dissentia,
Pois se um dizia sim, outro negava;[15]
21 De igual modo na pedra percebia
Ao ar o fumo se elevar do incenso:
Da vista o asserto o olfato desmentia.[16]
22 Da Arca adiante, com fervor imenso,
Dançando humilde via-se o Salmista,[17]

Mais e menos que um Rei no zelo intenso.[18]
23 Micol,[19] do régio paço, em frente, a vista
No Rei fitava, o ato lhe estranhando,
Que lhe move desgosto e que a contrista.
24 Desse lugar depois eu me afastando,
De perto contemplar fui outra história,
Que além um pouco, estava branquejando.[20]
25 Aqui brilhava a preeminente glória
Desse famoso Imperador romano,
Por quem Gregório obteve alta vitória.
26 Ao natural tirado era Trajano:[21]
Do freio do corcel mulher travava;
Dizia o pranto sua dor, seu dano.
27 De cavalheiros tropa se apinhava,
E nas bandeiras a águia de ouro[22] alçada
Acima dele aos ventos tremulava.
28 A infeliz, dos guerreiros rodeada,
Parecia dizer: — "Senhor, vingança!
Morto é meu filho e eu gemo atribulada;"
29 E Trajano tornar: — "Toma esperança,
Até que eu volte." — E a mísera pungida
Da dor que, em mãe, a tudo se abalança:
30 — "Senhor, se não voltares?" — "Deferida
Serás do herdeiro meu." — "Bem que outro faça
Que val, se a obrigação tens esquecida?"[23]
31 E ele: — "Ânimo esforça na desgraça.
Meu dever cumprirei sem mais espera,
Justiça o exige, compaixão me enlaça."
32 Quem novas coisas nunca vê, fizera
Visível sobre a pedra esta linguagem:
Arte não sobe a tão sublime esfera.[24]
33 Enquanto me enlevava em cada imagem,
Em que há dado aos extremos da humildade[25]

Do operário a perícia mor vantagem,
— “Eis almas lentamente em quantidade
Acercam-se; a mais alta” — disse o Guia —
“Nos pode encaminhar sua bondade.”[26]
A vista, que em portentos se embebia,
De olhar outros sôfrega, volvendo,
Atentei no que o Mestre me advertia.
Mas, leitor, que esmoreças não pretendo,
Nem que os bons pensamentos te faleçam,
Como os pecados pune Deus sabendo,
Nem os martírios nímios[27] te pareçam;
Pensa bem no porvir;[28] pois, em chegando,
O grão juízo, em caso extremo, cessam.[29]
E eu disse: — “O que ora a nós vem caminhando
Não creio sombras ser: o que é, portanto?
Não sei, a percepção turbada estando.”
— “Do seu tormento, que te move espanto,
É condição à terra irem curvados:
Também a vista duvidou-me um tanto.
“Olhos fita; imagina levantados
Os que vêm dessas pedras oprimidos:
Já vês quanto eles são atormentados.”
Cristãos soberbos,[30] míseros, perdidos,
Cegos da alma, que haveis pra trás andado,
De tanta confiança possuídos,[31]
Que vermes somos não vos ’stá provado,
De que surge a celeste borboleta,
Que incerta voa ao tribunal sagrado?[32]
Por que do orgulho assim passais a meta,
Se sois insetos no embrião somente,
Vermes de formação inda incompleta?
A modo de pilar ver-se é frequente,
Joelhos, peito unindo, uma figura[33]

Cornija ou teto a sustentar ingente.
Da dor mera ficção move tristura
Em quem olha: senti então notando
Das almas penitentes a postura.
Mais umas, outras menos, se dobrando
Iam, segundo o fardo que traziam;
E as que eram mais sofridas,[34] pranteando,
“Não posso mais!” — dizer me pareciam.

---

[1] Por causa dos pecados humanos, que fazem o mal (“estrada torta”) parecer um bem (“reta”), a porta é raramente aberta.

[2] Pois não haveria uma desculpa digna para tamanha falta, já que o anjo tinha acabado de fazer a advertência.

[3] “Que a parte minguante da Lua já havia tocado o horizonte (‘seu leito de repouso’)”. Já se passaram quatro dias desde o plenilúnio: logo, a Lua já está começando a minguar (e é justamente a parte não iluminada que toca o poente). No plenilúnio, a Lua se põe quando nasce o Sol. Todos os dias seu curso atrasa 50 minutos em relação ao curso do Sol. Nesse momento (considerando-se também outros movimentos da Lua na época do equinócio), ela se põe mais ou menos quatro horas depois do Sol: são mais ou menos dez horas da manhã.

[4] Onde a costa do monte, retirando-se para trás, deixa um espaço plano que circunda o monte, uma espécie de terraço.

[5] O espaço entre a margem externa e a margem interna (que é a parede do monte) corresponde à medida de três homens. A largura da planura corresponde ao triplo da medida do homem.

[6] Que ascender não permite a sua altura: esse é um dos modos de interpretar o texto italiano. Entretanto, é provável que a face de mármore ocupe apenas a parte inferior da escarpa, parte não tão íngreme como o restante da parede rochosa. Por isso, muitos intérpretes entendem: aquela parte da escarpa que menos ascende em altura, isto é, que é menos íngreme.

[7] Policleto: famoso escultor grego do século V a.C., mencionado em diversos

textos latinos como exemplo de perfeição artística.

O mármore era talhado com tal primor que superava não só a arte de Policleto, mas a própria realidade. A arte era considerada imitação da natureza. Mas as esculturas aqui encontradas têm tamanha evidência que parecem mais reais do que a própria natureza. Será explicado mais adiante como isso pode ser possível.

[8] Inicia a descrição da primeira cena representada no mármore.

“O anjo…”: Gabriel, o arcanjo da anunciação a Maria.

“O decreto”: a Encarnação foi como o decreto de reconciliação entre Deus e o homem, que permitiu a entrada do homem no Paraíso depois de longo tempo de exílio (desde a expulsão de Adão do Éden). Por isso, o homem desejou por tanto tempo tal decreto.

[9] Ave: a saudação do anjo, segundo o Evangelho (Lucas, 1, 28).

Quem do supremo amor volvera a chave: a Virgem Maria, que abriu o amor de Deus para os homens.

[10] *Ecce ancilla Dei*: “eis a serva do Senhor”, a resposta de Maria ao anjo (Lucas, 1, 38). A representação é tão primorosa que os personagens parecem falar: a resposta de Maria está impressa em seu próprio ato, do mesmo modo como uma imagem se imprime na cera.

[11] Com isso, compreende-se a disposição dos personagens: Maria está à direita do anjo, e a nova cena está à direita de Maria.

Da parte em que era o Mestre colocado: à direita de Dante.

[12] A segunda cena representa o traslado da Arca Santa, de Epata a Jerusalém, e a dança do rei Davi diante dela. A cena, na verdade, sintetiza o que, na Bíblia, é narrado em dois tempos: a viagem e a chegada a Jerusalém.

[13] Refere-se à arca. Trata-se de uma alusão ao ato de Oza, que conduzia o carro: ele tocou a Arca para evitar que ela caísse, mas foi imediatamente fulminado por um raio, pois só os sacerdotes podiam tocar a Arca.

[14] Segundo o texto bíblico.

[15] O olhar dizia que o povo cantava, mas o ouvido contradizia, pois não ouvia o canto.

[16] Do mesmo modo, a vista afirma que a fumaça do incenso sobe ao ar, mas o

olfato não sente o cheiro do incenso. Os incensos, que, presumivelmente, ardem diante da Arca, são acréscimo de Dante ao texto bíblico. De qualquer modo, o incenso é elemento próprio das cerimônias sacras.

[17] O autor dos Salmos: o rei Davi, chamado humilde pelo ato de dançar diante da Arca, embora fosse um rei.

[18] Parecia menos que um rei porque dançava como um homem do povo. Parecia mais que um rei por causa de seu ato de humildade diante de Deus, que lhe dava mais dignidade espiritual do que qualquer título terreno. Segundo outros, parecia mais do que um rei porque tinha vestes sacerdotais.

[19] Micol: filha de Saul e mulher de Davi, que o observava do palácio. O desprezo da rainha pela humilhação de Davi está presente no texto bíblico.

[20] Porque representada em alvo mármore (verso 31).

[21] Trajano: imperador romano de 98 a 117 d.C., famoso por seu grande valor militar e por sua sabedoria nas questões civis, a quem a lenda atribuiu, desde muito cedo, grande justiça e clemência.

A cena que será aqui representada (entre Trajano e a viúva) era uma lenda narrada em textos muito difundidos na Idade Média. E, segundo essa lenda, o papa Gregório Magno, comovido pela grande piedade demonstrada por Trajano, rezou fervorosamente pela salvação do imperador. Em sonho, o papa veio a saber que suas preces haviam sido atendidas, e isso foi a alta vitória de Gregório.

[22] O texto italiano seguido por Xavier Pinheiro diz “águia de ouro”. Entretanto, hoje parece mais plausível o texto “águia no ouro”: no tempo de Dante, a bandeira imperial representava uma águia em campo dourado (enquanto a insígnia romana correspondia a uma águia de ouro ou outro metal, colocada sobre uma haste). De qualquer modo, o importante aqui é reconhecer que a águia é insígnia imperial.

[23] “Que te vale um bem realizado por outro, se tu negligencias o teu dever?”

[24] Nesses versos explica-se como as estátuas são capazes de superar a própria natureza: elas foram feitas diretamente por Deus (Quem novas coisas nunca vê).

Fizera visível sobre a pedra esta linguagem: a linguagem visível traduz o grande prodígio dessas estátuas, que, apenas em uma representação visiva, são capazes de expressar não só frases, mas um diálogo inteiro (algo desconhecido à arte humana).

[25] Isso mostra o que as três cenas têm em comum: elas representam grandes exemplos de humildade.

[26] “Eles nos darão indicações que nos ajudaram a continuar subindo a montanha”.

[27] “Excessivos”.

[28] Naquilo que virá depois da punição: a glória.

[29] No pior dos casos, os martírios não podem continuar além do Juízo Final. Isto é, a pena do Purgatório tem um limite.

[30] Soberbos: as primeiras almas punidas no Purgatório são as dos soberbos. Por isso, antes os poetas haviam visto exemplos de humildade, virtude oposta à soberba. Esses exemplos estão esculpidos na base da parede rochosa para serem vistos pelos soberbos, que caminham curvados.

[31] Tão soberbos que, intelectualmente cegos, acreditam apenas em si mesmos e caminham para trás, pensando avançar.

[32] Imagem cristã do homem, destinado à vida eterna.

Incerta: parece termo inadequado ao contexto. Talvez o correto seja “certa”, não incerta.

[33] A cariátide, espécie de coluna em forma de pessoa, para sustentar tetos e arquitraves, muito frequente na arquitetura românica e gótica. Algumas são, de fato, representadas com muito realismo: a figura humana aparece agachada, unindo os joelhos ao peito, mostrando o peso que tem sobre os ombros. É particularmente a essas que Dante se refere.

[34] O original diz: “aquelas que pareciam ter mais paciência”, o que não significa necessariamente “as que tinham maior pena”, mas pode significar “as que suportavam com mais paciência”. Essa segunda interpretação torna mais forte a declaração final do canto.

CANTO XI

Oração das almas a Deus. Dante reconhece Oderisi de Gubbio, pintor de miniaturas. Prática em que se demoram.

Primeiro círculo: soberbos. As almas fazem uma oração. Umberto Aldobrandeschi fala com Dante, que, em seguida, reconhece Oderisi da Gubbio, que fala com ele.

1 “Vós, que nos céus estais, ó Padre nosso,[1]
Não circunscrito, mas porque haveis dado
Mais aos primeiros seres o amor vosso,[2]
2 “Vosso nome e poder seja louvado!
Graças a criatura jubilosa
Ao saber vosso renda sublimado![3]
3 “Do reino vosso a paz venha ditosa!
Que vão de havê-la o empenho nos seria,
Se não vier da vossa mão piedosa.[4]
4 “Como a vós a vontade se humilha
Dos vossos anjos, entoando hosana,
Façam assim os homens cada dia![5]
5 “A substância nos dai quotidiana
Hoje: sem ela em áspero deserto[6]
Se atrasa quem por ir além se afana!
6 “E como a quem nos faz mal descoberto
Damos perdão, nos perdoai[7] clemente,
Indignos sendo nós, Senhor, por certo.
7 “Oh! não deixeis cair a defidente
Virtude nossa em tentação do imigo!
Livrai-nos dele, em nos pungir ardente!
8 “Não mais somos, Senhor, nesse perigo,
Em que precisa esta oração nos seja;
Mas não os que hão mister na terra abrigo.”[8]
9 Ao céu rogando que ao seu bem proveja
E ao nosso, as almas sob o peso andavam,
Como o que oprime a quem sonhando esteja.[9]
10 Com desigual gravame se arrastavam
Ofegantes no círculo primeiro,
E do pecado as névoas expurgavam.
11 Se em bem nosso com zelo verdadeiro,
Oram, como em seu prol fará no mundo

Quem tem no bem querer seu peito useiro?[10]
12 Ajudemo-las, pois, vestígio imundo
A lavar, por que leves, puras sejam,
Do céu se alando ao brilho sem segundo.
13 “Ah! compaixão, justiça vos consigam
Presto alívio, e possais, o voo erguendo,
Ir té onde os desejos vos instigam!
14 “Valei-nos a vereda nos dizendo
Mais curta ou a que é menos escarpada,
Mais de um caminho a se ascender havendo.
15 “Ao companheiro meu assaz pesada
É a carne de Adão, que inda o reveste:
Por mais que esforce, o afana esta jornada.”
16 A voz que respondeu ao Mestre a este
Dizer, não sei a que alma pertencia,
Por indício qualquer que o manifeste:
17 “Vinde à direita em nossa companhia
Pela encosta, e vereis o passo estreito,
Que uma pessoa viva subiria.
18 “Se este penedo não tolhesse o jeito,
A cerviz orgulhosa me domando
E obrigando a juntar o rosto ao peito,
19 “Deste homem para a face, atento olhando,
(Não sei quem é) talvez o conhecera.
E assim me fora compassivo e brando.
20 “Toscano fui, ilustre pai tivera.
Guilherme Aldobrandeschi[11] se chamava:
O nome seu algum de vós soubera?
21 “Tanta arrogância a glória me inspirava
Do meu solar[12] e os feitos valorosos,
Que em nossa mãe comum[13] não mais pensava,
22 “Olhos volvendo a todos desdenhosos.
Perdi-me assim;[14] os atos meus em Siena[15]

Foram em Campagnatico famosos.
23 “Chamei-me Umberto da soberba a pena
A mim não coube só: de igual desgraça
Vem a causa que aos meus todos condena.
24 “Este fardo que os passos me embaraça
Mereço, por cumprir-se a lei divina:
Vivo o não fiz, é justo que ora o faça.”
25 Enquanto, ouvindo a fronte se me inclina,
Uma das almas (não a que falava)
Sob o peso se torce, que a amofina.
26 E viu-me e, conhecendo-me chamava,
Os olhos seus fitando esbaforida
Em mim, que recurvado acompanhava.
27 — “Oderisi[16] não foste” — eu disse — “em vida,
Honra de Agubbio, honra daquela arte
Que *iluminar* Paris ora apelida?” —
28 — Tornou-me: — “Hoje o pincel (cumpre informar-te)
De Franco de Bolonha[17] mais a grada:
A honra é toda sua, minha em parte.
29 “Por mim não fora em vida proclamada
Esta verdade, quando esta alma ardia
Na ambição de primar nessa arte amada.
30 “Aqui de tal soberba o mal se expia;
estaria alhures;[18] mas a Deus eu pude
Mostrar que de pecar me arrependia.
31 “Quanto a vaidade o peito humano ilude!
Dessa flor como esvai-se a formosura,
Se não seguir-se um séc’ lo inculto e rude![19]
32 “Cimabue[20] cuidou ter na pintura
A liça dominado, mas vencido
Ficou: a glória Giotto[21] fez-lhe escura.
33 “Assim do estilo na arte cede um Guido[22]
A palma a outro: agora é bem provável

Seja de ambos o mestre já nascido.[23]
34 “Rumor mundano é como vento instável
Que a direção varia de repente;
Conforme o lado, o nome tem mudável.[24]
35 “De ti que fama ficará manente,
Se da velhice cais no extremo passo,
Ou se findas na infância inconsciente
36 “De hoje a mil anos,[25] tempo mais escasso,
Da eternidade em face, que é um momento
Ante a esfera mais tarda lá no espaço?
37 “Quem me precede e vai assim tão lento
Na Toscana entre todos foi famoso:
Apenas salvo está do esquecimento.[26]
38 “Em Siena que há regido poderoso,
Quando perdeu-se a raiva florentina
Soberba então, objeto hoje asqueroso.[27]
39 “A fama vossa iguala-se à bonina,
Que flore e morre: o sol, por quem nascera
Na terra a prostra e a cor cresta à mofina.”
40 Respondi-lhe: — “O dizer teu em mim gera
Saudável humildade e o orgulho mata.
Esse, que apontas, conta-me quem era.”
41 — “De Provenzan Salvani”[28] — diz — “se trata:
Aqui está, porque Siena ele cuidara
Ter nas mãos — presunção de alma insensata!
42 “Caminha assim curvado, e nunca para
Dês que a vida perdeu: eis o castigo
De quem tanto à soberba se entregara!”
43 — “Se o que demora até final perigo
À penitência” — eu disse — “e errado corre,
Subir não pode e aqui não acha abrigo,
44 “Se uma oração piedosa o não socorre,
Durante prazo igual ao da existência,

Como ao martírio Provenzan concorre?”[29]
45 — “Quando era” — torna — “no auge da influência,
Sobre a praça[30] de Siena, suplicando,
Teve ante o povo humilde continência.
46 “De um amigo o resgate procurando,[31]
Que era por Carlos em prisão detido,
Tremeu angustiado e miserando.
47 “Não mais: não sou, de obscuro, compreendido,
Mas te há de ser em breve isto explicado
Por filhos dessa terra em que hás nascido.
“Por tão bom feito o ingresso lhe foi dado.”[32]

---

[1] O canto se abre com uma paráfrase do pai-nosso, adaptada à condição daqueles que a recitam. Na oração, há diversos ensinamentos de humildade, aprendidos pelas almas dos soberbos aqui presentes.

[2] Dizer que Deus está nos céus não significa dizer que ele está circunscrito (pois, de fato, ele está presente em todos os lugares). Isso significa que ele tem mais amor pelos primeiros seres criados por ele, os anjos e os céus, estando mais presente nos céus.

[3] Xavier Pinheiro traduz como “saber” o termo *vapore* (“vapor”) do original.

Muitos críticos viram nos três termos empregados nessa tercina (nome, poder e “vapor”) as três pessoas da Trindade: o nome é o Verbo, o poder é o Pai e o “vapor” é o Espírito Santo. Entretanto, muitos observaram que é ao Pai que a oração se dirige e que é a ele que os três termos devem se referir. Nesse caso, o “vapor” seria a efusão da potência divina entre os homens, isto é, a sua sabedoria: “[a sabedoria] é emanação do poder de Deus” (Sabedoria, 7, 25). Xavier Pinheiro, empregando o termo “saber”, opta pela segunda interpretação, que parece a mais plausível.

[4] Os soberbos reconhecem que, mesmo com todo o seu empenho, não podem alcançar o bem máximo (a paz do reino de Deus), sem a ajuda da graça divina.

[5] Os três versos explanam o sentido da frase “seja feita a vossa vontade, assim na

terra como no céu”.

Hosana: aclamação hebraica, presente na liturgia latina e em textos sacros como expressão de louvor. A aclamação é dirigida a Jesus no Evangelho segundo Mateus (21, 9).

Humilha: rima perfeita com “seria” e “dia”.

[6] Há aqui uma alusão ao deserto percorrido pelos hebreus, que pode ser tomado como figura da vida do homem no mundo ou como figura do caminho da alma no Purgatório.

[7] O termo normalmente é entendido como relativo aos vivos, já que as almas do Purgatório já foram perdoadas. Mas é possível que as almas estejam pedindo também um perdão em relação à pena que têm de cumprir, de modo a poderem subir ao Paraíso.

[8] Nesse perigo: no perigo da tentação.

Esses versos explicam que a última parte da oração (“e não nos deixeis cair em tentação”) é relativa apenas aos vivos, pois as almas do Purgatório não podem mais cair em tentação. Alguns intérpretes entendem que essa correção se refere não apenas aos versos 19-21, mas aos versos 13-21, que podem apresentar algumas congruências em relação à condição das almas do Purgatório.

[9] O peso é semelhante à opressão sentida durante um pesadelo, da qual não se consegue sair.

[10] “Se no Purgatório as almas rezam pelos vivos, o que as boas pessoas na terra podem fazer pelas almas do Purgatório?”

[11] Quem fala é Umberto Aldobrandeschi (morto em 1259), filho de Guiglielmo Aldobrandeshi (morto em 1254), de família nobre e antiga, feudatária de vasto território na Toscana. O irmão de Guiglielmo, Bonifazio, deu origem aos condes de Santafiora, sobre a qual se fala no canto VI (versos 109-111). Umberto foi senhor de Campagnatico e foi feroz inimigo de Siena, como seu pai.

[12] “Origem”.

[13] A origem comum a todos os homens. Alguns pensam que se trata da terra, com a qual Deus fez Adão; outros pensam que se trata de Eva. De qualquer modo, o sentido não muda: todos os homens são iguais, têm a mesma origem.

[14] Existem duas versões sobre a morte de Umberto. Segundo alguns, ele foi

sufocado em sua cama por homens que receberam dinheiro de Siena. Segundo outros, ele foi atacado por milícias, morrendo em batalha, perto de Campagnatico.

[15] O texto original diz: “perdi-me assim, como sabem aqueles de Siena e até as crianças de Campagnatico”. Esse texto deixa mais sugestivas as circunstâncias incertas da morte de Umberto.

[16] Oderisi: famoso iluminador, nascido em Gubbio (Agubbio), morto em 1299. Nenhuma obra é atribuída com certeza a Oderisi, mas é possível reconhecer em muitos códices a maneira da “escola de Oderisi". O que parece certo é que Oderisi foi um mestre em sua arte e representa aqui a corrente tradicional das iluminuras, relacionada ao estilo bizantino.

[17] Franco Bolognese, outro importante mestre das iluminuras, que viveu no final do século XIII e no início do século XIV. Franco, diferentemente de Oderisi, faria parte da corrente inovadora na arte, marcada por influências góticas e francesas.

[18] No Antipurgatório.

[19] A glória decorrente de uma obra de arte dura muito pouco, se não é seguida por tempos de decadência, pois a excelência de um novo artista rapidamente se sobrepõe àquela do artista anterior. Forte invectiva contra a vanglória dos artistas, como o próprio Oderisi.

[20] Cimabue: Giovanni di Pepo, chamado Cimabue, famoso pintor florentino, morto no início do século XIV. Iniciou um novo estilo de pintura, com maior liberdade em relação aos modos bizantinos.

[21] Giotto: Giotto di Bondone (1266-1337), pintor florentino amigo de Dante. Foi discípulo de Cimabue e deu início à “nova pintura toscana”, tendo sido admirado por grandes pintores do Renascimento.

[22] “Na poesia um Guido cede a palma a outro Guido”. O primeiro é Guido Guinizzelli, considerado “pai” da nova poesia de amor de Dante e outros poetas. Ele aparecerá no canto XXVI do “Purgatório”. O segundo é Guido Cavalcanti, sobre o qual já se falou em “Inferno”, X. São considerados os maiores poetas líricos italianos do século XIII.

[23] “Guido Guinizzelli cedeu a palma a Guido Cavalcanti, mas talvez já tenha nascido quem superará a arte de ambos”. Oderisi é superado por Franco;

Cimabue é superado por Giotto; Guinizzelli é superado por Cavalcanti e ambos talvez sejam superados por um novo nome. Os comentadores sempre reconheceram nessas palavras uma alusão ao próprio Dante. Entretanto, muitos intérpretes leem essa frase em sentido genérico, para não atribuir a Dante um ato de soberba. Entretanto, não é um problema que Dante pense aqui em si mesmo, pois esse é exatamente o momento que fala da vanidade da glória humana.

[24] O vento muda de nome segundo a direção da qual sopra. Do mesmo modo, a fama ("rumor mundano") muda de nome segundo a pessoa que celebra.

[25] "Daqui a mil anos, que diferença fará para a tua fama se tu morreres velho ou se morreres criança? E mil anos, diante da eternidade, são menos que um brevíssimo momento diante do céu que tem o movimento mais lento". Não importa com quantos anos uma pessoa morra: em mil anos, a sua fama terá esvaecido. E mil anos não são nada em comparação à eternidade.

Esfera mais tarda lá no espaço: segundo a concepção dantesca, trata-se do oitavo céu, o céu das estrelas fixas.

[26] "Já foi quase esquecido".

[27] Na época da batalha de Montaperti, quando foi abatida a raiva de Florença, que então era soberba, enquanto agora é vendida e deseja só dinheiro (por isso, objeto asqueroso).

[28] Provenzan Salvani: gibelino de grande autoridade em Siena, foi capitão dos habitantes de Siena durante a batalha de Montaperti (1260). Depois da batalha, durante o conselho de Êmpoli, foi um daqueles que quiseram a destruição de Florença, contra a qual se opôs Farinata ("Inferno", X, 91-93). Morreu na batalha de Colle di Valdelsa, vencida pelos guelfos florentinos, em 1269.

[29] "Se aquele que se arrepende apenas no final da vida tem de permanecer no Antipurgatório durante um tempo igual ao de sua vida (se a oração de vivos piedosos não diminui esse tempo), como Provenzano já entrou no Purgatório?"

[30] A chamada Piazza del Campo.

[31] Depois da batalha de Tagliacozzo, um amigo de Provenzano ficou prisioneiro de Carlos d'Anjou, que pediu como resgate a grande quantia de dez mil florins de ouro. Provenzano, para resgatar o amigo, pôs-se a pedir dinheiro na praça.

Existem diferentes identificações para esse amigo. Trata-se, provavelmente, de Bartolomeu Saracini. Ele foi feito prisioneiro na batalha de Tagliacozzo e para

ele foi pedido um resgate de dez mil florins.

[32] Obscuro: refere-se ao verso anteriormente enunciado: “Tremeu angustiado e miserando”. Trata-se de nova alusão ao exílio de Dante: os concidadãos de Dante o farão entender por experiência própria o sentido daquelas palavras, pois também ele, sendo exilado, terá de mendigar, tremendo angustiado e miserando.

Ingresso: no Purgatório.

CANTO XII

Imagens entalhadas sobre a estrada: representam exemplos de soberba. Mostra um anjo aos poetas o passo, por onde se sobe ao segundo círculo, onde se expia o pecado da inveja.

Primeiro círculo: soberbos. Dante e Virgílio prosseguem e veem vários exemplos de soberba punida. Eles encontram um anjo que indica por onde podem subir ao segundo círculo.

1 A par, como dois bois que o jugo unira,
Eu com essa alma opressa e titubeante
Ia, enquanto Virgílio permitira.
2 Eis disse-me: — “Deixando-a, segue avante:
Deve fazer de vela e remos força
Quem quer à barca impulso dar constante.”
3 A caminhar dispus-me à voz, que esforça,[1]
Erguendo logo o corpo, inda que a mente
Na humildade a modéstia acurve e estorça.
4 Já os pés acelero e facilmente
A Virgílio acompanho: de porfia,
Se mostra cada qual mais diligente.
5 — “À terra olhos inclina” — então dizia
“Para a jornada aligeirar atenta
No solo, onde o meu passo aos teus é guia.”
6 Assim como na campa[2] se aviventa
A memória dos mortos, insculpindo
Imagem que a existência representa,
7 Que de saudade os corações ferindo,
À piedade propensos e à ternura,
Os vai ao pranto muita vez pungindo:
8 Assim, com perfeição sublime e pura,
Figuras[3] via sobre aquela estrada,
Que sobe, serpeando, pela altura.[4]
9 Via,[5] a um lado, dos céus precipitada
Das criaturas a mais bela e nobre,[6]
Qual raio, pelo espaço arremessada.[7]
10 A vista, o outro, Briareu[8] descobre
De projétil celeste traspassado:
Gélido a terra desmedido cobre.
11 Com Marte e Palas estava figurado
Timbreu,[9] em torno ao pai, de armas fornidos,
Vendo o campo de imigos alastrado.

12 Nemrod[10] olhos volvia espavoridos,
Junto à feitura imensa, aos companheiros
Que o seguiram a Senaar, descridos.
13 Ó Níobe,[11] com braços verdadeiros
Que dor nos olhos teus aparecia,
Os filhos mortos vendo, quais cordeiros![12]
14 Saul,[13] a própria espada te extinguia
Sobre a montanha, Gelboé — maldita,
Orvalho ou chuva ali não mais caía.
15 Ó louca Aracne[14] tua face aflita,
De aranha parte entre os destroços ’stava
Da teia, origem da fatal desdita.
16 Não mais a tua imagem ameaçava,[15]
Num carro foges, Roboão[16] cruento,
À fúria popular, que te assombrava.
17 Mostrava ainda o duro pavimento
Como fez Alcméon pagar tão caro
A mãe o funestíssimo ornamento.[17]
18 Mostrava mais como flagício raro
Sennacherib[18] no templo assassinado
Por filhos que deveram ser-lhe amparo.
19 Mostrava também Ciro[19] degolado
E Tamíris dizendo acesa em ira
— Sede tinhas de sangue, sê saciado! —
20 A multidão de Assírios que fugira,
Mostrava ao verem de Holoferne[20] a morte,
E o castigo que os passos lhes seguira.
21 Via no pó, nas cinzas Troia forte:[21]
Ó soberba Ílio, a pedra dura
Mostrava a tua lamentável sorte!
22 Que mestre no pincel ou na escultura
Posturas, sombras tais traçar pudera,

Pasmo ao gênio que atinja a suma altura?[22]
23 Real ou morte ou vida aos olhos era:[23]
A verdade não viu na própria cena
Melhor que eu quando a efígie a olhar ’stivera.
24 A fronte entonai,pois, de orgulho plena,
Ó filhos de Eva, os olhos não baixando[24]
Ao caminho onde achais devida pena.
25 Mas íamos no monte caminhando,
E no seu giro o sol mais avançara
Do que eu cuidava, absorto contemplando,
26 Quando aquele, que sempre me guiara
Desvelado, me disse: — “Alça a cabeça
Não te engolfes! atento sê! repara!
27 “Olha aquele anjo que caminha à pressa
Ao nosso encontro: acaba a serva sexta
Do dia o lavor certo e outra começa.[25]
28 “Reverência em teu gesto manifesta
Para o anjo à viagem ser propício,
Não volta o dia de que pouco resta.”
29 Aproveitar do tempo o benefício
Era do Mestre a regra;[26] e, pois, naquela
Matéria não lhe achei de obscuro o indício.
30 Já nos demanda a criatura bela:
Trajava branco, a face resplendia,
Qual, tremulando, matutina estrela.
31 Braços abria e asas estendia,
Dizendo: — “Vinde que os degraus ’stão perto:
A jornada já fácil se anuncia.”
32 Raros escutam essa voz, por certo:
Ó gente humana, para o céu nascida,
Por que decais do vento a um sopro incerto?[27]
33 Imos à rocha, por degraus partida:
De uma das asas me tocou na fronte,[28]

Prometendo-me próspera subida.
34 Como à direita quem se erguer ao monte,
Donde se avista a igreja que domina
A bem regida ao pé de Rubaconte,[29]
35 Sente que aos pés a ingremidade inclina
Pela escada talhada antes que houvesse
Em livros e medidas a rapina;[30]
36 Adoça-se o pendor assim; pois desce
De um círc'lo a outro a rocha que alterosa[31]
A um lado e ao outro augusto passo of 'rece.
37 Subindo em melodia tão donosa
Beati Pauperes spiritu[32] escutamos,
Que a voz, que o diga, é pouco vigorosa.
38 Quão dif'rentes os áditos[33] que entramos,
Dos infernais! Aqui suave canto,
Lá gritos de ira ouvindo caminhamos.
39 Vencendo esses degraus do monte santo
Mais ágil me sentia: lá no plano[34]
Fácil nunca a jornada fora tanto.
40 Eu disse: — "Ó Mestre, de que peso insano
Sinto-me livre, pois no estreito passo,
Como de antes agora não me afano!"[35]
41 "Quando os PP que inda tens em vivo traço
Sobre a fronte" — tornou-me — "se apagarem,
Como não hás de ter mais embaraço,
42 "Segundo o teu desejo os pés andarem
Sentirás sem fadiga, e até gozando
Deleite, para a altura ao caminharem."
43 Como o que traz, na praça passeando,[36]
Coisa que ignora, na cabeça posta,
E, por ver sinais de outrem, suspeitando,
44 À mão pede socorro; ela, em resposta,
Procura, acha, um serviço assim rendendo,

A que a vista não pode ser disposta:
Assim, da destra os dedos estendendo,
Conheci que, das letras que o anjo abrira,
’Stavam somente seis remanescendo.
Sorriu-se o Mestre, que o meu gesto vira.

---

[1] Embora Dante tenha levantado o corpo, é como se a sua alma continuasse a se submeter à pena dos soberbos, permanecendo humilde.

[2] “Campa”: pedra que cobre a sepultura.

Imagem que a existência representa: a imagem da pessoa quando viva.

[3] Porque o artífice é Deus.

[4] A estrada por onde andam as almas e os poetas sobe, de fato, serpeando pela altura. Mas, nesse caso, trata-se especificamente da estrada desse círculo do Purgatório.

[5] Tem início aqui a apresentação de treze exemplos de soberba punida, alternados entre a tradição bíblica e a tradição clássica. A apresentação segue o seguinte esquema: cada tercina apresenta um exemplo. Quatro tercinas se iniciam com o termo *Vedea* (“via”); quatro tercinas se iniciam com a interjeição *O*; quatro tercinas se iniciam com o termo *Mostrava* (“mostrava”). Na última tercina, cada verso inicia com cada uma dessas palavras, nessa mesma ordem. Tal disposição das palavras iniciais forma um acróstico: VOM, que, segundo a grafia do tempo, pode ser lido como *uom*, que significa “homem”. Esse fato pode ter diferentes interpretações (considerando que fosse da vontade de Dante fazer de fato um acróstico): a soberba é culpa fundamental do homem; o homem é o maior exemplo de soberba punida etc.

[6] O primeiro exemplo é o de Lúcifer, o primeiro soberbo da história, que se rebelou contra seu criador.

[7] Reminiscência bíblica: “Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago” (Lucas, 10, 18).

[8] Briareu: um dos gigantes que quiseram fazer guerra aos deuses. Foi atingido

por um raio de Júpiter. Sobre ele já se falou em “Inferno”, XXXI, 97-99.

[9] Marte: o grego Ares.

Palas: Minerva, a grega Atena.

Timbreu: Apolo, assim chamado por causa de um templo dedicado a ele em Tímbria, na Trôade.

Pai: Júpiter, o grego Zeus.

Essa tercina amplia o quadro da precedente: os deuses olham os corpos dos gigantes espalhados pelo campo de Flegra (onde ocorreu o episódio).

[10] Segundo a tradição, Nemrod foi o construtor da Torre de Babel (a “feitura imensa”). Sobre ele, já se falou em “Inferno”, XXXI, 76-78.

Olhos volvia espavorido: por causa da confusão das línguas.

Senaar: planície perto da Babilônia, lugar onde foi construída a Torre.

Descridos: “ímpios”, “infiéis”.

[11] Níobe: mulher de Anfião, rei de Tebas, mãe de sete filhos e sete filhas. Orgulhosa por sua fecundidade e por sua origem, quis que os tebanos a venerassem, em vez de venerar Latona, que tinha apenas dois filhos (Apolo e Diana, a grega Ártemis). Latona, como punição, fez com que Apolo e Diana matassem, com suas flechas, os filhos de Níobe.

[12] Acréscimo da tradução.

[13] Saul: primeiro rei de Israel, despertou a ira divina por causa de sua grande soberba. Derrotado pelos filisteus na batalha de Gilboa, cometeu suicídio, deixando-se cair sobre sua própria espada. A história é narrada em 1 Samuel 31, 1-4.

Orvalho ou chuva ali não mais caía: Davi, quando lamenta a morte de Saul, lança uma maldição contra Gilboa, dizendo “Ó Gilboa, que nem o orvalho nem a chuva caiam sobre vós” (2 Samuel 1, 21).

[14] Aracne: personagem lídia que, orgulhosa por sua grande habilidade em tecer, desafiou Minerva nessa arte. A deusa destruiu a tela feita por Aracne e a transformou em aranha. O episódio é narrado em *Metamorfoses*, VI, 5-145 e a personagem é mencionada em “Inferno”, XVII, 18.

[15] “Ameaçava”.

[16] Roboão: filho do rei Salomão e seu sucessor no trono de Israel. Respondeu de modo desdenhoso e ameaçador às tribos do norte, que pediram redução dos tributos impostos por seu pai. Com isso, as tribos do norte se rebelaram e Roboão fugiu para Jerusalém. Isso é narrado em 1 Reis 12, 1-19.

[17] O adivinho Anfiarau, prevendo sua morte em Tebas, decidiu se esconder para não ter de partir para a expedição. Porém, sua mulher, Erífile, revelou seu esconderijo, para ganhar em recompensa o colar de Harmonia, feito pelo deus Vulcano. O filho do casal, Alcméon, matou a mãe, para vingar a morte do pai, fulminado em Tebas. O episódio, mencionado em "Inferno", XX, 31-36, é narrado por Estácio (*Tebaida*, II 265 e IV 187), sendo recordado também por Ovídio (*Metamorfoses*, IX, 406-408) e Virgílio (*Eneida*, VI, 445-446).

"Funestíssimo ornamento": o colar foi um presente de Vênus a sua filha Harmonia, por ocasião de seu casamento com Cadmo, mas causou infortúnios a todas aquelas que o usaram: Sêmele, Jocasta e Argia.

A soberba de Erífile está provavelmente no fato de ela ter desejado o colar divino.

[18] Senaqueribe, rei da Assíria, moveu guerra contra Ezequias, rei de Judá, zombando de Ezequias por sua confiança no Deus de Israel. Durante a noite, um anjo exterminou o exército dos Assírios. Senaqueribe, derrotado, voltou para sua pátria e foi assassinado por dois de seus filhos enquanto rezava no templo. Isso é narrado em 2 Reis 18-19 e em Isaías 36-37.

[19] Ciro: rei dos persas. Tendo o filho da rainha Tômiris como prisioneiro, desprezou soberbamente as queixas da mãe e o matou. Tômiris moveu guerra contra os persas e, vencendo-os, degolou Ciro, mergulhando sua cabeça em um odre cheio de sangue e pronunciando as palavras reportadas pelo verso. Isso é narrado por Heródoto, por Justino e pelo historiador romano Paulo Orósio, fonte de Dante, que apresenta as palavras aqui atribuídas a Tômiris.

[20] Judite, para salvar o seu povo, assediado pelos assírios, entrou de noite na tenda do soberbo general assírio Holofernes e o decapitou, o que ocasionou a derrota dos assírios. Isso é narrado em Judite, 7-15.

[21] O último exemplo é a tomada e destruição da soberba e rica cidade de Troia.

Ílio: é, especificamente, a fortaleza da cidade, mas aqui o termo indica toda a cidade.

[22] As representações do Purgatório causariam pasmo até ao mais perspicaz entendedor de arte.

[23] A grande evidência se manifestava nos personagens vivos e nos mortos.

“A verdade não viu na própria cena / Melhor que eu quando a efígie a olhar ’stivera”: aquele que presenciou as cenas não viu melhor do que eu vi naquelas representações.

[24] “Entonai”: “erguei”.

A apóstrofe aos filhos de Eva é marcada por sarcasmo.

“Filhos de Eva”: a designação pode se dever ao fato de ter sido Eva a primeira criatura humana que cometeu o pecado de soberba. Isso pode ser também referência à mãe comum dos homens (“Purgatório”, XI, 63): os homens, tendo todos a mesma origem, não deveriam ser soberbos.

“Os olhos não baixando”: não baixando os olhos para reconhecer o caminho errado que está sendo trilhado. Baixar os olhos representa aqui um ato de humildade.

[25] A sexta serva do dia é a sexta hora do dia: é um pouco depois do meio-dia (já que aqui o dia começa às seis da manhã).

[26] De fato, muitas vezes Virgílio fala sobre a necessidade de não se perder tempo. O indício: a indicação.

[27] Em outras edições do poema, esses versos fazem parte da fala do anjo.

[28] Apagando um dos PP da testa de Dante.

[29] Monte: ao sul de Florença, à margem esquerda do Arno, hoje chamado Monte alle Croci.

Igreja: a basílica de San Miniato al Monte, do século XI, que se eleva, do alto do monte, sobre toda a cidade.

A bem regida: modo irônico de designar Florença pelo seu mau governo. Na época em que Dante estava escrevendo, Florença estava sob o poder dos guelfos negros.

Ao pé de Rubaconte: A igreja se eleva praticamente sobre a ponte de Rubaconte (hoje chamada Ponte alle Grazie).

[30] Alusão a dois episódios de corrupção em Florença. O primeiro diz respeito a

livros: em 1299, o prior Nicola Acciaioli, em acordo com Bal Aguglioni, conseguiu tirar do caderno de registros notariais a página onde estava um grave registro contra ele. O notário, desconfiado, descobriu o delito.

O segundo diz respeito a medidas: em 1283, Donati dei Chiaramontesi, responsável pela venda do sal, recebia o sal com a medida regular, mas o vendia em um alqueire com uma ripa a menos (de capacidade menor, portanto), tendo grandes lucros com isso. “Antes que houvesse / Em livros e medidas a rapina” significa, portanto: nos bons tempos.

[31] Cada círculo do purgatório é uma espécie de plano que circunda o monte: de um lado, há um precipício, do outro há a parede rochosa, que desce do precipício do círculo superior. Essa parede é muito íngreme, mas seu pendor se atenua com os degraus, como ocorre no Monte alle Croci. Mas essa escada para o círculo superior é muito estreita (a um lado e ao outro augusto passo oferece).

[32] Essa é a primeira beatitude do Sermão da Montanha (Mateus, 5, 3): “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. Essa beatitude era tradicionalmente interpretada como elogio da humildade.

[33] “Entradas”.

[34] No plano do primeiro círculo.

[35] Dante ainda tem seis PP impressos na testa, pois a asa do anjo apagou um deles.

[36] Acréscimo da tradução, que reforça a ideia de que se trata de uma cena corriqueira.

CANTO XIII

Expiação das almas que pecaram por inveja; palavras que preceituam caridade. Os pecadores têm as pálpebras unidas por fio de ferro. Dante pratica com Sápia, fidalga de Siena.

Segundo círculo: invejosos. Os poetas ouvem exemplos de caridade e veem as almas. Sápia fala com Dante.

1 Da escada ao topo havíamos chegado,
Onde, outra vez cortado,[1] o monte estreita,
Que alma sobe, expiando o seu pecado.
2 Como a primeira, outra cornija feita
Circundava a colina, só dif'rente
Em que a um arco menor ela se ajeita.[2]
3 Relevo, formas, como a precedente,
Não mostra: e, lisa sobre a escarpa a entrada,
Lívida[3] cor a pedra tem somente.
4 — "Se a presença de alguém fosse esperada,
Que nos preste conselho" — diz meu Guia —
"Temo que fique a escolha[4] retardada."
5 Os olhos para o sol depois erguia,
E, sobre o pé direito se firmando,
Para a esquerda girava e se volvia.[5]
6 — "Tu, de quem tudo fio, ó lume brando,
No caminho conduz-nos que se of 'rece
Como exige o lugar"[6] — disse — "guiando!
7 "Raiando, o teu calor o mundo aquece:
Se motivo não surge de embaraço,
De conduzir-nos teu fulgor não cesse!"
8 Vencido em breve tínhamos espaço,
Que por milha na terra calculamos,
Porque o desejo estimulava o passo:
9 Em direitura a nós voar julgamos
Invisíveis espíritos, chamando
De amor à mesa em lépidos reclamos.[7]
10 A voz primeira que passou voando,
Vinum non habent [8] proferiu sonora
E ainda muito além foi reiterando.
11 Mas antes de perder-se pelo ar fora,
Outra acercou-se. — "Oreste[9] sou!" — dizia;
E apartou-se igualmente sem demora.

12 — “Que vozes estas são, Mestre?” — inquiria.
Mas, apenas falara, eis vem terceira:
— “Amai imigos vossos!”[10] — se lhe ouvia.
13 — “Pune este círc’lo, a culpa traiçoeira” —
O Mestre diz — “da inveja; o açoite aplica
O amor, que os rigores lhe aligeira.
14 “Contrário som, porém, o freio indica.[11]
Antes que atinjas do perdão a entrada,
Terás de ouvi-lo; e disto certo fica.
15 “Tem ora a vista para além fitada;
De espíritos, ao longo do alto muro,
Assentados verás soma avultada.”
16 Mais que de antes então a vista apuro;
Almas distingo, que envolviam mantos,
Que a cor imitam do penhasco duro.
17 Um pouco avante ouvi de esp’ritos tantos
A voz bradar: — “Por nós orai, Maria,
Pedro, Miguel e todos os mais santos![12]
18 Na terra homem tão fero não seria,
Que não sentisse o coração pungido
Em vendo o que aos meus olhos se of ’recia.
19 Acerquei-me por ser mais distinguido
De cada sombra o menear e o gesto;
Pelos olhos à dor alívio hei tido.
20 Então foi claramente manifesto
Que entre si, uns aos outros se arrimavam.[13]
Todos, à pedra, em seu cilício mesto.[14]
21 Assim os pobres cegos mendigavam:
Nos dias de Perdão[15] da igreja à porta,
Mutuamente as cabeças encostavam;
22 Pois a piedade o coração nos corta,
Quando ao som das palavras se acrescenta
Da vista a ação que o peito desconforta.

23 E como o sol aos cegos não se ostenta,
Assim também às sombras que alivia,
Não mais do céu a luz olhos alenta.
24 Fio de ferro as pálpebras prendia
A todas, como ao gavião selvagem
Para domar-lhe a condição bravia.[16]
25 Cuidei, se andasse, lhes fazer ultraje,
Lhes vendo as faces e ocultando a minha;
E o Mestre olhei em tácita linguagem.
26 E o Mestre, bem sabendo que convinha,
Antecipou-se logo ao meu desejo
E disse: — "Arguto sê, e fala asinha."
27 Virgílio caminhava neste ensejo
Do lado, onde à cornija falta amparo;
Dali cair se pode e o risco eu vejo.
28 As almas do outro lado eram; reparo
Que dos olhos a hórrida costura
Provoca pranto copioso e amaro.
29 Voltei-me e disse: — "Ó almas, que a ventura
De ver tereis ao certo o excelso Lume,
De que somente o vosso anelo cura,
30 "Dissolva a Graça em vós todo o negrume
Da consciência e nela manar faça
Da mente o rio[17] em límpido corrume!
31 "Concedei-me o que mais me satisfaça:
Dizei-me qual de vós latina há sido;
De eu sabê-lo algum bem talvez lhe nasça."
32 — "Por pátria, irmão, só hemos conhecido
A cidade de Deus: dizer quiseste
Peregrina na Itália haja vivido."[18]
33 De mim remota a voz parece deste,
Que assim disse; e portanto, passo avante
Por saber certo a quem atenção preste.

34 E uma sombra entre as mais vi, que distante,
Aguardava-me. E como eu distinguia-a?
Qual cego, alçava o mento para diante.
35 — “Tu, que para subir penas” — dizia —
“Quem foste, onde nasceste diz: te imploro,
Se é tua voz que, há pouco, respondia.
36 “Fui de Siena” — tornou — “com estes choro
Os graves erros de perversa vida,
E a Deus que se nos dê, clemente, exoro.
37 “Chamei-me Sápia,[19] mas não fui sabida.
Mais deleite me deu o alheio dano
Do que a dita a mim própria concedida.
38 “E por que não presumas que te engano,
Se fui louca verás pelo que digo.
Já no declínio do viver humano
39 “Eu era, quando a rebater o imigo
Em Cole[20] os meus patrícios campearam.
A Deus roguei que lhes não fosse amigo.
40 “Destroçados, à fuga se lançaram,
E a mim, que estava aquele transe vendo,
Indizíveis prazeres me tomaram,
41 “Em modo que, atrevida, olhos erguendo,
— ‘Não mais Deus temo!’ — contra o céu gritava
Qual melro, instantes de bonança tendo.[21]
42 “Com Deus quis paz, mas quando já tocava
Da vida o termo; e ainda não pudera
A dívida solver, que me onerava,
43 “Se Pedro[22] Pettinagno não se houvera
Nas santas orações, de mim lembrado:
Em prol meu caridade o comovera.
44 “Mas quem és, que nos tens interrogado,
Que estando, creio, de olhos não tolhidos
E respirando indagas nosso estado?”

45 — “Olhos” — disse — “terei também cerzidos.
Porém por pouco tempo; que da inveja
No mundo hão sido rara vez torcidos.[23]
“Maior receio o peito me dardeja
46 De outro tormento; e tanto me angustia,
Que o seu fardo a sentir cuido já esteja.”[24]
47 “Mas quem ao monte — me tornou — “te guia,
Pois de voltar ao mundo tens certeza?”
— “Quem tenho ao lado e voz não pronuncia.
48 “Inda vivo; e, pois, fala com franqueza,
Alma eleita, se queres que os pés mova
Em prol teu lá na terra com presteza.”
49 — “O que dizendo estás coisa é tão nova
Que por mim rogues fervorosa peço,
Pois da divina dileção dás prova.
50 “E pelo que te merecer mais preço
Suplico-te: ao pisar terra toscana
Ao meu nome entre os meus aviva o apreço.
51 “Terás de vê-los entre a gente insana,
Que espera em Talamone, mas como antes,
Quando buscava as águas do Diana:
“Mor engano há de ser dos almirantes.”[25]

---

[1] Trata-se do segundo círculo do Purgatório, constituído por um plano que circunda toda a montanha.

[2] Os círculos do Purgatório têm a circunferência cada vez menor.

[3] Lívida é, segundo alguns, a cor própria da inveja, que também era chamada “livor”.

[4] A escolha do caminho a seguir.

[5] Na verdade, Virgílio, firmando o pé direito como eixo, gira o lado esquerdo do

corpo, o que significa que ele vira para a direita. De fato, o Sol passou do meio-dia e, portanto, ilumina os poetas do lado direito.

[6] “Como é necessário conduzir neste lugar, no Purgatório”.

[7] Têm início os exemplos de amor ao próximo, sentimento contrário à inveja.

[8] “Não têm vinho”: palavras de Maria nas bodas de Caná. Maria, percebendo que o vinho tinha acabado, pediu a Jesus que ajudasse os noivos. Jesus transformou a água em vinho, realizando o seu primeiro milagre (João, 2, 1-11). Essas palavras mostram a solicitude de Maria.

[9] Oreste: Orestes, filho de Agamêmnon e Cliteminestra, foi com seu amigo Pílades a Micenas, para matar Egisto, que tinha usurpado o reino, e vingar a morte do pai. Descoberta a conjuração, foi condenado à morte. Como não se sabia quem dos dois era Orestes, Pílades, para salvar a vida do amigo, pronunciou a frase “Eu sou Orestes”, mas foi desmentido pelo próprio Orestes. A amizade entre ambos era muito famosa entre os antigos.

[10] O terceiro exemplo corresponde às palavras de Cristo: “Amai os vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem” (Mateus, 5, 43-44; Lucas, 6, 27-29). Tais palavras trazem o exemplo máximo de amor ao próximo, que supera a moral antiga, representada pelo exemplo anterior.

[11] O contrário som corresponde aos exemplos de inveja punida, que serão ouvidos antes da passagem para o próximo círculo (a entrada do perdão). Virgílio supõe corretamente, com base na organização do primeiro círculo.

O açoite corresponde aos exemplos de amor, pois devem agir como estímulos. O freio corresponde aos exemplos de inveja punida porque têm de conter o pecado.

[12] As almas dos invejosos recitam a ladainha, que celebra a “comunhão dos santos”.

[13] “Se apoiavam”: o gesto é contrapasso da atitude dos invejosos na terra.

[14] Todos, à pedra: subentende-se “todos se apoiavam à pedra”. Cilício: tecido com pontas, usado como mortificação.

[15] Dias de Perdão: dias das solenidades nas quais se conseguiam as indulgências, quando muitas pessoas iam às igrejas.

[16] Era costume costurar por pouco tempo as pálpebras dos gaviões selvagens, como modo de domá-los.

[17] “Que a graça dissolva todas as impurezas da vossa consciência, de modo que o rio da vossa mente possa correr límpido, sem a memória dos males praticados no passado”. Trata-se, provavelmente, de alusão ao que ocorre no alto do monte do Purgatório, onde as almas mergulham no rio Letes, de modo a esquecer os pecados cometidos.

[18] A alma faz uma correção: todas as almas têm como pátria apenas a cidade de Deus. Dante, ao falar de almas latinas (“italianas”), só pode se referir às almas que, em sua vida terrena (peregrina: vida de exílio em relação à vida divina), viveram na Itália.

[19] O texto original diz “não fui sábia, embora tenha me chamado Sápia”. Trata-se de jogo de palavra entre *savia* (“sábia”) e o nome Sapia, que derivam do verbo *sapere* (“saber”). Sápia: mulher nobre de Siena, da família Salvani, tia de Provenzano Salvani, encontrado no canto XI. Foi esposa de Ghinibaldo Saracini, que tinha um castelo perto de Colle Val d’Elsa. Não são conhecidos os motivos de sua inveja contra seus concidadãos e contra seu sobrinho, nem parece razoável procurar hipóteses para ela.

[20] Em 1269, os florentinos guelfos lutaram contra os habitantes de Siena e outros gibelinos (comandados por Provenzano Salvani) em Colle Val d’Elsa, perto de Siena. Nessa batalha, os habitantes de Siena foram derrotados e Provenzano morreu.

[21] Alusão a uma fábula popular. O melro, vendo um pouco de bonança, pensa que o inverno já tenha acabado e sai cantando e dizendo: “já não te temo, senhor, porque saí do inverno”.

[22] Pedro Pettignano: Pier Pettinaio, personagem muito famoso em Siena, pela santidade de sua vida. Talvez tenha nascido em Campi nel Chianti. Viveu em Siena como vendedor de pentes (provavelmente para tecelões) e, depois de sua morte (em 1289), foi venerado como santo. Falava-se que ele sempre rezava pelos pecadores, para que Deus tivesse misericórdia deles. Sobre ele, há informações divergentes.

[23] Dante diz que, depois da morte, também terá que expiar a inveja, mas por pouco tempo, pois pouca foi a sua culpa de inveja (poucas vezes a inveja torceu seus olhos).

[24] O fardo alude às pedras que os soberbos têm de carregar sobre as costas. Dante, embora reconheça não ter pecado muito com inveja, confessa a própria

soberba, que aqui é o pecado mais grave do Purgatório.

25 Trata-se dos habitantes de Siena. Recorde-se que, já no canto XXIX do “Inferno”, é mencionada a fatuidade dos habitantes de Siena.

Talamone: porto da Toscana meridional, comprado por Siena, que desejava uma saída para o mar como incentivo ao comércio. Entretanto, os grandes gastos na compra do porto e nas obras de saneamento da malária (que infestava o lugar) não possibilitaram os resultados esperados.

Diana: acreditava-se que corresse um rio sob a cidade de Siena, ao qual foi dado o nome de Diana. A cidade gastou grandes quantias de dinheiro para procurar esse rio.

Almirantes: provavelmente se refere àqueles que se iludiam com as futuras frotas de Siena. O termo italiano empregado permite interpretar também como “aqueles que empreenderam os trabalhos para a construção do porto”, embora essa seja interpretação menos plausível.

CANTO XIV

No mesmo círculo dos invejosos ouvem os poetas a Cuido del Duca e Rinieri de' Cabboli. Vozes que lembram os efeitos funestos da inveja.

Segundo círculo: invejosos. Dante fala com Guido del Duca e Rinieri da Calboli. Guido del Duca lamenta a decadência dos antigos costumes. Dante e Virgílio prosseguem o caminho e ouvem exemplos de inveja punida. Virgílio faz uma solene exortação.

1 “Este quem é, ao nosso monte vindo,
Sem ter-lhe a morte as asas desatado,
Os olhos, quando quer, fechando e abrindo?”
2 — “Ignoro; mas vem de outro acompanhado.
Tu, que és mais perto, a perguntar começa,
E, para nos falar, mostra-lhe agrado.”
3 De dois esp’ritos juntos se endereça
A mim desta arte a voz: ’stão-me a direita,
Cada um para trás alça a cabeça.
4 — “Ó alma” — disse-me uma — “que, na estreita
Prisão corpórea ainda, aos céus ascende,
Dá-nos consolo, à caridade afeita.
5 “Quem és e donde vens? Porque nos prende
Pasmo notando a Graça, que te ampara,
Portanto que ninguém viu, nem compreende.”
6 Tornei-lhe: — “Na Toscana se depara
Rio que brota em Falterona escasso[1]
E nunca, milhas cem correndo, para:
7 “Este corpo dali conduzo lasso.
Dizer quem sou discurso vão seria:
Meu nome inda não soa em largo espaço.”
8 — “Se bem te entendo” — assim me respondia
A sombra, que antes de outra eu tinha ouvido —
“Ao Arno o dizer teu se referia.”
9 — “Por que” — lhe atalha a outra — “ele escondido[2]
Nos tem do rio o nome verdadeiro?
Coisa horrível se encerra em seu sentido?”
10 Disse-lhe a sombra, que falou primeiro:
— “Não sei; mas fora bem feliz o instante,
Em que o nome pereça ao vale inteiro:[3]
11 “Dês que nasce lá onde é redundante
De águas a serra que o Peloro unira,
Noutras partes, porém, pouco abundante,

12 “Até que o mar do seu tributo aufira
Reparo ao que no seio o céu lhe suga,
E vida assim para novos rios tira,[4]
13 “Todos ali virtude hão posto em fuga,
Qual víbora inimiga, ou por efeito
Do clima, ou por moral, que o bem refuga.[5]
14 “Natureza por vícios se há desfeito
Na gente fera desse vale impuro,
Como de Circe apascentada a jeito.[6]
15 “Cava o rio primeiro o leito escuro
Entre porcos mais dignos de boleta
Do que de cibo em que haja humano apuro.[7]
16 “Baixando, acha de gozos mó abjeta,
Em que o furor à força não se iguala,
E, como por desdém, busca outra meta.[8]
17 “Essa maldita e desgraçada vala
Tantos mais cães em lobos vê tornados
Quanto mais corre e mais caudal resvala.[9]
18 “Imerge em precipícios mais rasgados,
Onde encontra raposas tão manhosas
Que os laços mais sutis ficam frustrados.[10]
19 “Do porvir direi coisas espantosas,
E quem me ouvir[11] conserve na lembrança
Verdades que há de ver bem dolorosas.
20 “Teu neto[12] os lobos a caçar se lança
Desse rio maldito sobre a riva:
Enquanto os não destroça não descansa.
21 “A carne sua vende, estando viva.[13]
Como reses depois mata-os cruento;
Muitos da vida e a si da glória priva.
22 “Da triste selva[14] sai sanguinolento
E a deixa tal que ainda após mil anos

Tornar não há de ao primitivo assento.”
23 Como, ao presságio de futuros danos,
Merencório se mostra o interessado,
Onde quer que a fortuna urda os enganos;[15]
24 Assim o outro espírito: voltado
Para escutar se havendo, se entristece,
Depois que teve o sócio terminado.
25 Como saber seus nomes eu quisesse,
Ouvindo aquele, ao outro o gesto vendo,
A pergunta entre rogos se oferece.
26 O que falara respondeu dizendo:
“Pedes que eu, pronto, quanto anelas faça,
A instância minha em pouco apreço tendo.[16]
27 “Mas como em ti de Deus transluz a Graça,
Não te há de ser Guido del Duca[17] esquivo
Tanto, que o teu querer não satisfaça.
28 “Da inveja o fogo ardeu em mim tão vivo,
Que ao ver sorriso de outrem no semblante,
Em meu rosto o livor era expressivo.
29 “Semeei: colho o fruto repugnante.
Oh! por que, raça humana, o que repele
Qualquer partilha almejas ofegante?[18]
30 “Este foi Rinieri:[19] estava nele
Dos Calboli o primor; ao nome honrado
Herdeiro não deixou que a glória zele.
31 “Não só à prole sua tem faltado,
Entre o Pó e a montanha, o mar e o Reno,
O bem para a verdade e o prazer dado;[20]
32 “Pela extensa amplidão desse terreno
Alastram tudo abrolhos[21] perigosos:
Quando extirpar se pode um tal veneno?
33 “Onde Mainardi e Lizio[22] estão famosos?
Qual de Carpigna e Traversaro[23] o fado?

Ó Romanhóis, bastardos desbriosos!
34 “Quando um Fabbro se tem nobilitado,[24]
Como em Faenza um Fosco Bernardino,[25]
Varas gentis de tronco definhado![26]
35 “O pranto meu não julgues pouco digno,
Se com Guido de Prata rememoro
O companheiro nosso, Azzo Ugolino;[27]
36 “Se Fred’rico Tignoso e a prole choro;
Solares de Anastagi e Traversara,
Sem herdeiros extintos, se eu deploro,[28]
37 “Cavaleiros e damas, glória rara,
Que inspiravam amor e cortesia,
Na terra[29] que a virtude desampara!
38 “Cai em ruínas, Brettinoro[30] ímpia!
Em ti viver tua gente não quisera;
Com mais outras, temendo o mal, fugia.[31]
39 “Bem faz Bagnacaval: prole não gera.
Castrocaro faz mal e pior Cônio
Que a tais condes da vida o lume dera.[32]
40 “Os Pagani irão bem, quando o Demônio
Deixá-los; mais não podem nome puro
Já nunca possuir no solo ausônio.”[33]
41 Ugolin Fantolin, ficou seguro
Da fama tua o lustre; pois já agora
Não terás filhos pra torná-lo escuro.[34]
42 “Podes Toscano, prosseguir embora:
Pranto, mais que discursos, me deleita;
Lembrando a pátria, o coração me chora.”
43 O passo as almas na vereda estreita
Ouviam-nos: silêncio elas guardando,
Era a jornada com certeza feita.[35]
44 Já ficáramos sós, avante andando,

Eis brada voz nos ares de repente;
Veloz, qual raio, vinha a nós clamando:
45 — “Quem me encontrar me mate incontinente”[36] —
E fugiu qual trovão que distancia,
Se o vento a nuvem rasga de repente.[37]
46 O terrível clamor cessado havia,
Com medonho fracasso eis outra brada,
Como um trovão que a outro sucedia:
47 — “Aglauro sou, em rocha transformada” —
E a Virgílio acercar-me então querendo,
Dei, não avante, um passo atrás na estrada.[38]
48 Tranquilo o ar por toda a parte vendo,
— “Este é” — falou-me o Mestre — “o duro freio,
Que os homens deve estar sempre contendo.
49 “Mas vós mordeis a isca em triste enleio
E o prístino inimigo do anzol tira:
De conter ou pungir que vale o meio?[39]
50 “O céu vos chama, em torno de vós gira,
Esplendores eternos vos mostrando;
Mas a vista, enlevada, a terra mira,
E quem vê tudo então vai castigando.”

---

[1] Rio: o Arno, que nasce perto do Monte Falterona.

[2] Dante escondeu o nome do Arno mediante a perífrase “Rio que brota em Falterona escasso”.

[3] Todo o vale do rio Arno.

[4] A longa perífrase significa simplesmente “da sua nascente até a sua foz”, isto é, por todo o curso do Arno.

“Onde é redundante / De águas a serra que o Peloro unira / Noutras partes, porém, pouco abundante”: onde o Apenino (“serra”), do qual se separou o

Peloro, é mais abundante de águas do que em qualquer outra parte sua. Isso indica a nascente do Arno.

É redundante de águas: o texto original permite também outra interpretação: onde o Apenino é mais alto ou mais espesso do que em outros lugares, formando o Falterona.

A serra que o Peloro unira: os Montes Peloritanos, na Sicília (antes unida à península), são a continuação do Apenino depois do estreito de Messina. Peloro é o extremo oriental da Sicília, de frente para a Calábria.

Até que o mar do seu tributo aufira…: até a sua foz, quando o rio devolve para o mar uma compensação por aquelas águas que o céu (com o calor do sol) tirou do mar para que elas constituíssem (por chuva ou neve) o curso de outros rios.

[5] "Ou por efeito / Do clima, ou por moral": o texto original diz "ou por desventura ou por mau hábito".

[6] A natureza dos habitantes desse vale mudou de tal forma que parece que eles estão sob os cuidados de Circe, é a famosa maga que transformava os homens em animais. O mito se encontra já na *Odisseia*, mas é mencionado também por autores latinos lidos por Dante, como Virgílio (*Eneida,* VII, 10-20).

[7] Tem início o elenco dos habitantes da Toscana, segundo o curso do Arno. O rio passa primeiro entre porcos que são mais dignos de bolotas ("boleta") do que de comida feita para o homem ("cibo em que haja humano apuro"). Os porcos são os habitantes do alto Casentino. Talvez isso seja referência direta ao castelo de Porciano, que era um dos feudos da família dos condes Guidi.

[8] "De gozos mó abjeta": um grupo ("mó") abjeto de pequenos cães ("gozos"). Gozos são os habitantes de Arezzo, que se encontra diante do Arno, quando este desce do Casentino. O apelativo de gozos pode ser devido ao brasão de Arezzo, que dizia "muitas vezes o javali é capturado por um pequeno cão".

Em que furor à força não se iguala: o furor dos cães é desproporcional à sua força.

Busca outra meta: o Arno faz uma brusca curva antes de alcançar Arezzo. Esse movimento é aqui interpretado como gesto de desdém.

[9] O Arno ("essa maldita e desgraçada vala"), continuando a sua descida, e recebendo diversos afluentes ("mais caudal resvala"), vê os cães de Arezzo se transformarem em lobos, que são os florentinos. Os habitantes de Florença são

chamados lobos por causa de sua grande avidez por dinheiro, segundo o significado frequentemente atribuído no poema à figura da loba (como, por exemplo, em “Inferno”, I, 49-51).

[10] Depois de caminhos tortuosos, o Arno finalmente sai em planície e vê raposas tão maliciosas que não precisam temer artimanhas ou armadilhas contra elas. As raposas são os habitantes de Pisa, assim chamados por sua malícia e astúcia.

[11] “Quem me ouvir”: refere-se a Dante.

[12] O personagem que fala se dirige ao seu companheiro de pena.

“Teu neto”: Fulcieri da Calboli, sobrinho do interlocutor do personagem que fala (a tradução neto se deve ao fato de “sobrinho” e “neto” serem designados pelo mesmo termo em italiano). Em 1303, foi podestade de Florença e, a serviço dos negros, perseguiu com violência os florentinos brancos, aos quais se refere especificamente o termo “lobos”.

[13] Isto é, Fulcieri negociou o preço pelas perseguições realizadas contra os brancos.

[14] A triste selva é Florença. Os versos dizem que a ação de Fulcieri será tão devastadora que, mesmo depois de mil anos, a cidade não tornará ao seu primitivo estado.

[15] “Independentemente da origem dos danos prenunciados”.

[16] Dante pergunta os nomes de seus interlocutores, mesmo sem ter revelado o seu, como eles haviam pedido (vv. 13-21).

[17] Guido del Duca: provavelmente, membro da família dos Onesti di Ravenna. Gibelino, foi juiz em algumas cidades da Romanha e viveu por muitos anos em Bertinoro. Sobre ele não há muitas notícias.

[18] “Por que os homens desejam apenas aqueles bens que não podem ser divididos?” Esses bens são os bens terrenos, que diminuem quando são partilhados e cria avidez e inveja entre os homens. Diferentes são os bens espirituais.

[19] Rinieri: Rinieri dei Paolucci da Calboli, tio de Fulcieri da Calboli, de importante família de Forli. Rinieri foi personagem de relevo nos acontecimentos políticos e militares de sua época, participando das disputas internas na Romanha no século XIII. Morreu em 1296, em uma tentativa

fracassada de reconquistar Forli, contra os gibelinos da cidade.

[20] “Entre o Pó e a montanha, o mar e o Reno”: a Romanha, definida por seus confins geográficos: o Pó ao norte, o Apenino (montanha) ao sul, o mar Adriático a leste e o Reno a oeste.

“O bem para a verdade e o prazer dado”: as virtudes necessárias para o conhecimento da verdade e para o deleite, para o bem-estar.

[21] Os abrolhos são a descendência degenerada das famílias da Romanha ou os maus costumes que corromperam essas famílias.

[22] Tem início aqui o elenco de grandes nomes do passado da Romanha e o lamento pela perda dos bons valores associados a esses nomes.

Mainardi: Arrigo Mainardi, dos senhores de Bertinoro, grande amigo de Guido del Duca, celebrado pelos autores da época por sua liberalidade.

Lizio: senhor de Valbona, guelfo, foi podestade em Florença. Ajudou Rinieri contra os gibelinos de Forli. Também foi conhecido por seus bons valores.

[23] Carpigna: Guido di Carpigna, dos condes de Carpigna em Montefeltro, guelfo, foi podestade de Ravena em 1251.

Traversaro: Pier Traversaro, gibelino de nobre família. Na primeira metade do século XIII, foi senhor de Ravena.

[24] “Quando aparecerá um nobre e digno como Fabbro?”

Fabbro: Fabbro dei Lambertazzi, chefe dos gibelinos de Bolonha e da Romanha. Foi podestade em diversos lugares e homem de relevo em questões políticas e militares. Após sua morte, em 1259, entraram em declínio os gibelinos de Bolonha.

[25] “Quando em Faenza aparecerá um homem como Fosco Bernardino?”

Fosco Bernardino: Bernardin di Fosco, homem de grande prestígio em Faenza, embora de família humilde. Em 1240, defendeu a cidade contra Federico II e foi podestade de Pisa e Siena.

[26] No original, o verso se refere apenas a Bernardin di Fosco, aludindo a sua origem humilde.

[27] Guido de Prata: Guido da Prata ou Prada, localidade perto de Faenza. Viveu no final do século XII e na primeira metade do século XIII.

Azzo Ugolino: Ugolino d’Azzo, da família toscana dos Ubaldini. Teria vivido na Romanha. Morreu em 1293. Segundo outros, trata-se de Ugolino cônsul de Faenza em 1170, amigo de Guido da Prata.

[28] Frederico Tignoso: provavelmente de Rímini. A prole se refere, na verdade, ao grupo de homens valorosos que se reuniam em sua casa.

Anastagi e Traversara: duas das famílias mais antigas de Ravena, extintas já no tempo de Dante. Um dos membros mais famosos da família Traversara era Pietro, citado nos versos 97-99.

[29] A terra agora desamparada pela virtude é a Romanha.

[30] Brettinoro: Bertinoro, castelo da Romanha, cujos senhores tinham sido famosos por sua grande cortesia. Arrigo Mainardi havia sido senhor do castelo, no qual moraram também Guido di Carpegna e Guido del Duca.

[31] Sobre o sentido de tua gente, não há consenso. Pode se referir aos antigos condes de Bertinoro, extintos em 1177, à família dos Mainardi, expulsos em 1200, ou pode ter sentido genérico, referindo-se àquela geração de pessoas valorosas da qual fala o discurso.

Com mais outras, temendo o mal, fugia: e muitos outros nobres foram embora, para não se tornarem maus ou por não se adaptarem ao novo clima de maldade.

[32] Bagnacaval: Bagnacavallo, burgo e castelo perto de Ravena. Os senhores de Bagnacavallo eram os condes Malvicini, dos quais restavam, no tempo de Dante, apenas três mulheres.

Castrocaro e Cônio: dois castelos. O primeiro, no vale Montone, era de um ramo dos condes Orleaffi de Forli; o segundo, perto de Ímola, era dos condes de Barbiano.

[33] Pagani: senhores de Faenza. O chefe da família era Maghinardo di Susinana (mencionado em “Inferno”, XXVII, 49-51), aqui chamado Demônio. Após a sua morte, em 1302, acabou a família.

Ausônio: “itálico”.

[34] Ugolin Fantolin: Ugolino dei Fantolini di Faenza, senhor de vários castelos. Teve dois filhos, que morreram sem herdeiros antes de 1300.

[35] As almas podiam ouvir os passos de Dante e Virgílio. O silêncio delas assegurava os poetas de que eles estavam na estrada justa (pois, caso contrário,

elas teriam avisado).

[36] “Aquele que me surpreender me matará”. Essa é a resposta de Caim à maldição que Deus lhe dirigiu por ter matado seu irmão Abel (Gênesis, 4). Aqui começam os exemplos de inveja punida, apresentados do mesmo modo como os exemplos de amor ao próximo, ouvidos na entrada no círculo.

[37] Segundo a ciência do tempo, o som do trovão era causado por um vapor ígneo que, dilatado, liberava-se rompendo as nuvens.

[38] Aglauro: filha de Cécrope, rei de Atenas. Por inveja do amor do deus Mercúrio por sua irmã Herse, tentou impedir que o deus entrasse no quarto. Por isso, ele a transformou em pedra. Isso é narrado em *Metamorfoses*, II, 708-832.

“Dei […] um passo atrás”: as edições hoje seguidas dizem que Dante se moveu para a direita, onde se encontrava Virgílio.

[39] Conter diz respeito aos exemplos de inveja punida, que deveriam funcionar como um freio. Pungir diz respeito aos exemplos de amor ao próximo, que deveriam exortar ao bem.

CANTO XV

Caminho que conduz ao terceiro círculo, onde se expia o pecado da ira. Prática de Dante e Virgílio. Exemplos de mansidão à entrada do círculo, apresentados a Dante em visão. Espesso fumo que tolhe a vista dos objetos.

Os poetas se dirigem à passagem entre o segundo e o terceiro círculos e sobem a escada. Virgílio esclarece uma dúvida de Dante. Terceiro círculo: iracundos. Dante tem visões extáticas de exemplos de mansuetude. Virgílio faz uma exortação.

1 Quanto caminho faz da tércia hora,
No giro seu, a luminosa esfera,
— Sempre a mover-se qual criança — à aurora,
2 Tanto, para acabar o curso, espera
O Sol, e para dar à tarde entrada:
Lá vésperas, aqui meia-noite era.[1]
3 De luz me estava a face então banhada;
Porque, em torno à montanha prosseguindo,
Do ocaso[2] em direção ia a jornada,
4 Quando, mais vivo resplendor fulgindo,
Ofuscado fiquei mais do que dantes:
Desse portento a ação pasmei sentindo.
5 Acima de meus olhos, por instantes,
As mãos alcei, sombreiro, que antepara
O mor excesso aos raios deslumbrantes.
6 Assim como de espelho ou linfa clara
Ressalta a luz de encontro à oposta parte,
Subindo logo após, como baixara;
7 Da linha vertical não se disparte,
Uma distância igual sempre mantendo,
Como nos mostra experiência e arte:[3]
8 Em frente a luz, assim, se refrangendo,[4]
Tão penetrante a vista me feria,
Que a dirigi a um lado, olhos volvendo.
9 — “Qual é” — ao Mestre amado então dizia —
“Aquele objeto que me ofusca tanto
E ao nosso encontro, ao parecer, se envia?”
10 — “Que inda te ofusque não te mova espanto
A celeste família” — me há tornado:
“Falar-te vem um mensageiro santo.[5]
11 “A veres com delícia aparelhado
Serás em breve um lume refulgente,
Quanto ser pode ao ente humano dado.”[6]

12 Acercados ao anjo, alegremente
Nos disse: — “Aqui passai, menos penosa
Subida nesta escada está patente.”
13 Andando, atrás cantar em voz donosa
Beati Misericordes[7] nós ouvimos
E “Exulta na vitória gloriosa.”[8]
14 Para cima, portanto, nós subimos;
E eu das vozes do Vate cogitava
Colher proveito, enquanto sós nos imos.
15 E me voltando, assim lhe perguntava:
“O que Guido del Duca nos dizia,
Quando em bens não partíveis nos falava?”[9]
16 — “Do seu vício pior” — tornou — “sabia
Os danos; não se estranhe, se o acusando,
Do mal que fazer possa prevenia;[10]
17 “Porque, do mundo os bens vós desejando,
A que partilha todo o apreço tira,
Arde a inveja, suspiros provocando.[11]
18 “Mas, se à esfera imortal vossa alma aspira,
Levantando-se o anelo àquela altura,
Esse temor no peito vos expira.[12]
19 “Tanto mais lá cada um goza ventura,
Quanto por muitos ela mais se estende,
Quanto mais caridade lá se apura.”[13]
20 — “O entendimento” — eu digo — “ora compreende
Menos do que antes de eu te haver falado;
À mente ora mor dúvida descende.
21 “Como um bem, que é de muitos partilhado,
A cada possessor dá mais riqueza
Do que se a poucos fora apropriado?”
22 — “Teu espírito” — replica — “na rudeza
Das coisas terreais ’stando imergido,
Vê trevas onde a luz tem mais clareza.

23 “Esse inefável bem, no céu fruído,
Infindo, para o amor correndo desce,
Qual raio a corpo lúcido e polido.[14]
24 “Se ardor acha mais vivo, mais se of ’rece;
Quanto mais caridade está fulgindo,
Virtude eterna mais sobre ela cresce.[15]
25 “Quanto mais vai a multidão subindo,
Mais amar podem, mais a amor se aplicam,
Bem como espelho, um no outro refletindo.[16]
26 “Se persistindo as dúvidas te ficam,
Hás de ver Beatriz: da sábia mente
Razões escutarás, que tudo explicam.
27 “Para apagares, pois, sê diligente,
As chagas cinco,[17] que inda em ti estou vendo:
Há de cerrá-las contrição pungente.”
28 Quando eu ia dizer “Mestre, compreendo”
No círculo eis penetro imediato:
Calei-me, a vista alucinada tendo.
29 Julgava então, de uma visão no rapto,
Extático, que em templo se mostrava
Multidão grande, de oração no ato.
30 Com piedoso semblante, à entrada estava
Meiga matrona. — “Ó filho meu querido,
Por que assim procedeste?” — interrogava.
31 “Eu e teu pai, com ânimo dorido,
Te buscamos.” — E como se calara,
Logo a visão fugiu-me do sentido.[18]
32 Depois de outra[19] no rosto se depara
Pranto acerbo, que mágoas anuncia
De quem de ira no incêndio se inflamara.
33 “Se mandas na cidade” — assim dizia —
“Por cujo nome os Deuses contenderam[20]
E onde a luz da ciência se irradia,[21]

34 “Pune os braços, que ímpios, se atreveram,
Pisístrato, a estreitar a filha tua!”
Ele, a quem vozes tais não comoveram,
35 Tranquilo respondia à esposa sua:
“O que faremos a quem mal nos queira,
Se ira ao amor corresponder tão crua?”
36 Vi depois multidão, que a raiva aceira:
A pedradas mancebo[22] assassinava,
Bradando “morra! morra!” carniceira.
37 A dolorida fronte debruçava,
Já mal ferido, o mártir para a terra:
Portas ao céu os olhos seus tornava,
38 Pedindo a Deus, naquela horrível guerra,
Que aos seus perseguidores perdoasse:
Riso piedoso os olhos lhe descerra.
39 Quando em minha alma o êxtase desfaz-se,
Conheci que no sonho aparecia,
Não da ficção, mas da verdade a face.
40 Virgílio, a quem talvez eu parecia
Homem, que o sono deixa de repente,
— “Por que estás vacilante?” — me inquiria.
41 “Tens meia légua andado certamente
Com titubante pé, de olhos caídos,
Como quem desse ao vinho ou sono a mente.”
42 — “Vou expor, meu bom Mestre, aos teus ouvidos” —
Tornei — “quanto os meus olhos contemplaram,
Quando os joelhos tinha enfraquecidos.”
43 — “Se másc’ras cento a face te ocultaram” —
Disse Virgílio — “ocultos não seriam
Pensamentos, que, há pouco, te enlevaram.
44 “As imagens que hás visto te induziam
Águas da paz a receber no peito,
Que as fontes perenais dos céus enviam.

45 “Não perguntara, como quem de feito
Somente vê por olhos obcecados
Quando o corpo da morte jaz no leito;[23]
46 “Mas por serem teus pés mais apressados:
Excitar assim cumpre os preguiçosos,
Que se esquivam à ação ’stando acordados.”
47 Nas horas vespertinas pressurosos
Andávamos, os olhos alongando,
Do sol cadente aos raios luminosos,
48 Eis pouco a pouco, um fumo[24] se elevando
Se condensa ante nós, qual noite, escuro,
Abrigo ali de todo nos faltando.
A vista nos tolheu, tolhendo o ar puro.

---

[1] “Quanto percorre o sol da aurora até a terceira hora do dia, tanto faltava percorrer para acabar seu curso”.

O espaço percorrido pelo sol da aurora (seis da manhã) até a terça hora (nove da manhã) corresponde a três horas de seu curso. Logo, nesse momento da viagem, o sol tem de percorrer, antes de se pôr, um espaço também correspondente a três horas. Se ele se põe às seis da tarde nessa época, agora são três da tarde no Purgatório.

“A luminosa esfera, / — Sempre a mover-se qual criança”: a perífrase indica o Sol. A caracterização “mover-se qual criança” diz respeito ao percurso singular e aparentemente inconstante do sol, que parece se movimentar em espiral.

“Lá vésperas, aqui meia-noite era”: “aqui” se refere à Itália, onde o poeta escreve. Na Itália era meia-noite, em Jerusalém eram três da manhã e no Purgatório eram três da tarde (“vésperas”).

[2] Os poetas caminham em direção ao poente, por isso os raios do sol iluminam a face de Dante. Entretanto, às três da tarde o sol ainda está um pouco alto no céu. Por isso, deve-se entender que os versos querem apenas indicar que os poetas já circundaram a montanha o suficiente para estar na direção aproximada do poente

(e não mais do oriente, como antes).

[3] Como quando um raio de luz é refletido (por um espelho ou pela água límpida), subindo na direção oposta àquela em que desceu, mas com a mesma inclinação em relação à perpendicular (formando o mesmo ângulo), como mostra a experiência e a ciência (“arte”).

[4] “Se refrangendo”: “se refletindo”. Xavier Pinheiro traduz com exatidão o termo empregado no original, referido sempre ao fenômeno da reflexão (e não ao fenômeno hoje conhecido como refração).

Dante não sabe dizer de onde vem a luz que fere seus olhos (não pode ser a luz do sol, já que ele protegeu a parte de cima dos olhos). Por isso, ele pensa que a luz seja refletida, sem saber de que modo isso ocorre. Alguns comentadores defendem que a luz seja refletida no solo do caminho percorrido, ferindo os olhos de Dante por baixo (que, por cima, estão protegidos da luz do sol).

[5] O anjo que fica na passagem entre o segundo e o terceiro círculos.

[6] Quando Dante estiver purificado, ele sentirá deleite ao ver uma luz refulgente como essa (dentro das possibilidades da natureza humana).

[7] Esta é a quinta bem-aventurança: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque obterão a misericórdia” (Mateus, 5, 7). A misericórdia se opõe à inveja e, por isso, essa é a bem-aventurança proclamada na saída do segundo círculo.

[8] Essa frase não tem correspondência exata no texto evangélico. Pode ser uma referência à frase conclusiva do discurso das bem-aventuranças, que diz: “Alegrai e exultai, pois grande será a vossa recompensa nos céus”. Aqui, a frase pode ser entendida como referida aos que vencem os pecados ou, mais especificamente, àqueles que venceram o pecado da inveja ou aos misericordiosos.

[9] Referência aos versos 86-87 do canto anterior: “Oh! por que, raça humana, o que repele / Qualquer partilha almejas ofegante?”.

[10] Conhecendo os danos da inveja (“seu vício pior”), admoesta os homens para que estes se previnam dos males que a inveja pode causar.

[11] A inveja nasce e provoca os suspiros dos homens porque estes desejam bens terrenos, ou seja, bens que, se possuídos por muitos, diminuem na parte destinada a cada um. Isto é, quanto mais pessoas o partilham, menor será, naturalmente, a parte destinada a cada uma.

[12] “Esfera imortal”: o Empíreo, o mais alto dos céus, onde está Deus.

“Temor”: o temor da inveja, que faz com que os homens não queiram dividir os bens terrenos.

[13] O bem celeste é o oposto dos bens terrenos: quanto mais almas gozam do bem celeste, maior é o bem destinado a cada uma, e maior é o amor que arde em cada uma das almas. No céu, a partilha do bem aumenta a porção destinada a cada alma e gera não a inveja, mas a caridade.

[14] Deus se dirige imediatamente a quem o ama, como o raio de luz se dirige prontamente aos corpos dispostos a recebê-lo, isto é, os corpos lúcidos (segundo acreditava a ciência do tempo).

[15] Quanto maior o amor (“ardor”) que encontra na alma, mais Deus de concede a ela. Por isso, quanto maior é a caridade da alma, maior é o bem (“virtude eterna”) que se difunde sobre ela.

[16] Quanto mais almas há no céu, maior a quantidade de bem que podem amar (pois o bem concedido é proporcional ao número de almas que gozam dele) e maior é a sua beatitude. E, como espelhos, cada alma recebe a beatitude das outras e verte sobre as outras a própria beatitude.

[17] Os PP na testa de Dante (dois já foram apagados).

[18] O terceiro círculo purga o pecado da ira. Por isso, no começo do círculo são apresentados exemplos de mansuetude. Dessa vez, os exemplos são apresentados em visão extática, isto é, visão alheia aos sentidos materiais. O primeiro exemplo é o encontro do menino Jesus no templo. Quando Jesus tinha doze anos, Maria e José foram com ele para a festa em Jerusalém e o perderam na multidão. Encontraram-no três dias depois, no templo entre os doutores da lei. Quando encontram Jesus, Maria dirige a Jesus as palavras aqui citadas (Lucas, 2, 41-48).

[19] O segundo exemplo se refere a um episódio narrado por Valério Máximo (*Feitos e dizeres memoráveis*, V, 1, 2). Um jovem de Atenas, apaixonado pela filha de Pisístrato (tirano de Atenas), beijou-a publicamente. A mulher de Pisístrato, indignada pelo fato, pediu que o marido matasse o jovem. Entretanto, Pisístrato respondeu as palavras aqui citadas: “Se matamos aqueles que nos amam, o que faremos àqueles que nos odeiam?”.

[20] Para decidir o nome da cidade de Atenas, houve um duelo entre os deuses Poseidon e Atena, vencido por esta última.

[21] Era corrente a ideia de Atenas como cidade que difundiu toda arte e saber.

[22] O terceiro exemplo é o apedrejamento de Estêvão, o primeiro mártir cristão. Os judeus, irritados por causa da pregação realizada por Estêvão, expulsaram-no da cidade e o apedrejaram. Estêvão, caindo, rezava para que Deus perdoasse aqueles que o matavam. Isso é narrado em Atos dos Apóstolos, 7, 55-60.

[23] Por olhos corpóreos, que, depois da morte, ficam ofuscados ("obcecados"). Essa é uma das interpretações possíveis do texto original, que pode ser lido também da seguinte forma: "olhos que não veem o motivo pelo qual um corpo jaz desanimado". De qualquer forma, o sentido geral é o mesmo: Virgílio não vê com os olhos do corpo, que não são capazes de ver os pensamentos de outra pessoa.

[24] O fumo faz parte da pena dos iracundos, funcionando como um contrapasso: o fogo da ira gera um fumo obscuro que turva a vista do intelecto.

CANTO XVI

Os pecadores incursos no pecado da ira cantam o hino da misericórdia. Em prática com Dante, Marco Lombardo mostra o erro dos que acreditam na influência dos astros sobre as ações dos homens.

Terceiro círculo: iracundos. Dante e Virgílio caminham em meio ao fumo e Marco Lombardo interpela Dante. Marco Lombardo esclarece uma dúvida de Dante, fazendo um discurso sobre o livre-arbítrio e sobre o mau governo do mundo, falando da decadência dos bons costumes.

1 Sombra de inferno e noite carregada,
Em que o céu de um só astro não se aclara,
De nuvens, quanto o pode ser, toldada,
2 Véu tão grosso ao meu rosto não lançara,
Nem, ao contato, fora tão pungente,[1]
Como o fumo que ali nos rodeara.
3 Fechados tinha os olhos totalmente:
Fiel o sábio sócio, me acudindo,
Deu-me em seu ombro arrimo diligente.
4 Qual cego, que ao seu guia vai seguindo
Por se não transviar, correr perigo,
Ou sofrer morte, de encontrão caindo,
5 Tal eu por aquele ar escuro sigo,
Atento ao Mestre meu, que repetia:
— "Cuidado! Não te afastes! Vem comigo!"
6 Então vozes ouvi; me parecia,
Que paz, misericórdia suplicavam
Ao Cordeiro, que as culpas alivia.
7 Por *Agnus Dei*[2] suaves começavam,
A letra era uma só como a toada,
Consonância entre si todas guardavam.
8 "Por quem esta oração, que ouço, é cantada?" —
Perguntei. Disse o Mestre: — "É bom que o aprendas:
Assim da ira a culpa é mitigada."
9 "Quem és, para que a névoa nossa fendas
E assim fales, qual viva criatura,
Que inda o tempo calcula por calendas?"[3]
10 Disse uma voz do fumo na negrura.
E Virgílio falou: — "Responde e exora
Se por aqui se sobe para a altura."
11 — "Ó alma, que" — disse eu — "a graça implora
De ir a Quem te criou mais pura e bela,
Maravilha ouvirás: segue-me embora."

12 — “Até onde for dado” — tornou-me ela —
“Irei, e, se te ver não deixa o fumo,
Nos tornará propínquos a loquela.”[4]
13 — “Nas mantilhas, que a morte acaba,[5] ao sumo
Assento” — comecei — “ora me alteio,
Do Inferno tendo vindo pelo rumo.
14 “Se Deus permite, de bondade cheio,
Que a dita eu goze de lhe ver a corte,
Por este, hoje de todo estranho, meio,[6]
15 “Revela-me quem foste antes da morte
E qual nos deva ser a melhor via:
Guiarás nossos passos desta sorte.”
16 — “Fui Lombardo e de Marco o nome havia;[7]
O mundo exp’rimentei, feitos[8] amando,
Pelos quais ninguém mais hoje porfia.
17 “A subir bom caminho vais trilhando.”
Falou-me assim e acrescentou: — “E rogo
Intercedas por mim, ao céu chegando.”
18 — “Quanto me pedes” — lhe replico logo —
“Juro fazer, mas acho-me oprimido
Por dúvida a que anelo desafogo.
19 “Era simples; te ouvindo, tem subido
A duplo grau, e assim me torna certo
Do que hei aqui e noutra parte ouvido.[9]
20 “O mundo de virtude está deserto:
Tens sobeja razão, quando o lamentas.
Impa[10] de mal, de vícios é coberto.
21 “Dize-me a causa, se na causa atentas:
Sabendo-a, aos outros revelá-la quero.
Virá do céu ou lá na terra a assentas?[11]
22 “Suspiro em que se exprime dó sincero
Com *hui*, do peito exala. — Irmão — prossegue
Que o mundo é cego em ti bem considero.[12]

23 — “Vós, os vivos, julgais ao céu entregue
De tudo a causa, a tudo assim movendo
Por necessária lei que o mundo segue.[13]
24 “Destarte o livre-arbítrio fenecendo,
Ao homem não coubera o que merece,
No bem prazer, no mal dor recebendo.[14]
25 “Primeira inspiração aos atos desce
Do alto; a todos não; mas, quando o diga,
No mal, no bem, a luz não vos falece.[15]
26 “Livre sendo o querer, quem se afadiga
E a primeira vitória do céu goza,
Vencerá tudo, se em querer prossiga.[16]
27 “Natureza melhor, mais poderosa
Vos sujeita, a que cria e vos concede
Mente, que ao céu não se prende humildosa.[17]
28 “Se a causa, que do bom caminho arrede
O mundo, em vós a tendes persistente,
Explorarei, fiel, o que sucede.[18]
29 “Alma surge das mãos do Onipotente[19]
Que, inda antes de nascida, lhe sorria
Qual menina, que ri, chora, inocente
30 “Ingênua e simples, ela só sabia
De um Deus benigno ser meiga feitura,
E a tudo que a deleita, se volvia.
31 “Dos mais frívolos bens prende-a a doçura,[20]
E, deles namorada, após lhe corre,
Se guia ou freio o amor lhe não segura.
32 “Nas leis consiste o freio, que a socorre;
Rei foi mister que, ao menos, acertasse
Da cidade de Deus em ver a torre.[21]
33 “Leis há, mas não quem leis executasse;[22]
Rumina esse pastor que os mais precede,

Mas a unha fendida não lhe nasce.[23]
34 “E vendo a grei que o próprio guia a excede
Em almejar os bens[24] que mais deseja,
Nestes se engolfa, e mais nem quer, nem pede.
35 “Portanto, porque mau governo veja,
Fica o mundo de culpas inquinado,
Não porque em vós a corrupção esteja.[25]
36 “Bens sobre o mundo havendo derramado,
Tinha Roma dois sóis, que alumiaram
O caminho de Deus e o do Estado.[26]
37 “Um ao outro apagou, e se ajuntaram
Do Bispo o bago e do guerreiro a espada:
Por viva força unidos, mal andaram.[27]
38 “Não mais se temem na junção forçada;[28]
Vê a espiga que prova estes efeitos;
Pela semente é a planta avaliada.[29]
39 “Valor e cortesia altos proveitos
Deram na terra que Ádige e Pó lavam,[30]
Antes que visse de Fred’rico os feitos.[31]
40 “Por ali os que outrora se pejavam
De entrar dos bons na prática e na liga,
Livres passam do quanto receavam.[32]
41 “Só três velhos opõe a idade antiga,
Como censura à nova: é-lhes já tardo
Que Deus os chame dessa terra imiga:[33]
42 “Conrado de Palazzo, o bom Gherardo
E Guido de Castel, que foi chamado,
Ao estilo francês, simples Lombardo.[34]
43 “De Roma a Igreja, fique proclamado,
Cai no ceno os poderes confundindo,
Se enloda a si e o fardo seu pesado.”
44 — “Tuas sábias razões, Marco, ouvindo,

Vejo” — disse — “por que a Lei da herança
Partiu, de Levi os filhos excluindo.[35]
45 “Mas qual Gherardo trazes à lembrança,
Como glória e brasão da antiga gente,
Que censura a este séc’lo impuro lança?” —
46 — “Queres” — tornou — “tentar-me ou certamente
Iludir-me? Em toscano me falando
Do bom Gherardo dizes-te insciente?[36]
47 “Sobrenome de todo lhe ignorando,
Dou-lhe o de Gaia, sua filha cara.[37]
Guarde-vos Deus, que eu me vou, vos deixando.
48 “Do fumo a densidão se torna rara,
Branqueja o dia:[38] devo já partir-me,
Que a apresentar-se o anjo se prepara.”[39]
Assim falando, mais não quis ouvir-me

---

[1] Aos olhos.

[2] As almas dos iracundos recitam a oração do “Cordeiro de Deus”, que faz parte da liturgia romana: “Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós. Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós. Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz”. Por isso, o narrador diz que as almas suplicavam paz e misericórdia.

Cordeiro: Jesus, cujo sacrifício libertou o homem do pecado (João, 1, 29).

Por *Agnus Dei* suaves começaram: na oração, a invocação “Cordeiro de Deus” (*Agnus Dei*) é repetida três vezes. Por isso, o texto diz “suaves”.

A letra era uma só: todos entoavam as mesmas palavras.

[3] “Que ainda divide o tempo em meses”.

Calendas: indicavam o primeiro dia do mês no calendário romano.

Muitos observaram que a expressão não é coerente, pois também no Purgatório o tempo é contado, já que as penas do Purgatório não são eternas. Entretanto, a

expressão diferencia, de modo geral, os vivos dos mortos: enquanto os mortos estão na eternidade, os vivos estão no tempo.

[4] Propínquos: próximos.

Loquela: fala.

[5] “No corpo”.

[6] “Deste modo, que hoje é totalmente estranho”: Dante diz hoje porque, no passado, essa mesma graça havia sido concedida a São Paulo.

[7] Marco: são poucas as informações a respeito desse personagem. Entretanto, ao que tudo indica, trata-se de um sábio homem de corte, famoso em sua época. Viveu nas cortes do norte da Itália e provavelmente esteve a serviço de Gherardo da Camino.

[8] “Feitos” ligados às virtudes da corte e aos bons costumes civis, pelos quais os homens não se interessam mais.

[9] Dante se refere à afirmação da decadência do mundo, já realizada por Guido del Duca (“Purgatório”, XIV, 37-39): depois das palavras de Guido, essa dúvida era única (“simples”); agora, depois das palavras de Marco, essa dúvida se duplicou, confirmando, para Dante, a verdade do fato afirmado (a decadência do mundo).

[10] “Está repleto”.

[11] “Isso se deve à influência dos astros celestes ou à vontade do homem?”

[12] “Com *hui*, do peito exala”: o suspiro termina em um gemido de dor e comiseração (*hui*).

“Que o mundo é cego em ti bem considero”: a pergunta de Dante mostra que ele (e o mundo dos mortais) tem o intelecto cego, não conhecendo a verdade.

[13] Os homens atribuem ao céu a causa de tudo o que acontece na terra, como se tudo fosse determinado necessariamente pelos influxos celestes.

[14] Se tudo fosse causado necessariamente pelo céu, não existiria o livre-arbítrio. E, se não existisse o livre-arbítrio, não haveria mérito ou demérito nas ações humanas e não seria justo que o homem recebesse recompensa pelas suas boas ações e castigo pelas suas más ações.

[15] Os influxos celestes criam uma inclinação, dando um primeiro impulso às

ações humanas, mas não todas. Mas, mesmo que os influxos celestes dessem impulso a todas as ações humanas (“quando o diga”), ainda assim o homem tem também a razão (“luz”), apta a distinguir o bem do mal. De fato, os influxos celestes, na concepção de Dante, têm influência sobre a parte física do homem, sobre os instintos, sobre os quais deve prevalecer a razão, que não se submete aos influxos celestes.

16 A vontade do homem é livre e pode seguir os julgamentos da razão. A livre vontade do homem, enfrentando dificuldades em seu primeiro confronto com suas más inclinações, é capaz de vencer os sucessivos confrontos, se persevera no bem querer e na virtude.

17 O homem, mesmo sendo livre, está sujeito a uma natureza superior àquela dos céus: a Deus, que cria a alma racional do homem, sobre a qual o céu não pode exercer sua influência. A alma racional depende diretamente de Deus e por isso não se submete aos influxos celestes.

O fato de o homem estar sujeito a Deus não elimina a sua liberdade, mas é a própria condição para ela: isso subtrai o homem de qualquer outra influência e de qualquer determinismo.

“Mente, que ao céu não se prenda humildosa”: verso aparentemente hipérmetro, a não ser que se leia “mente, que ao céu não prende-se humildosa”.

18 Marco agora explicará como é possível que a liberdade do homem se desvie do caminho justo, fazendo com que “o mundo do bom caminho arrede”.

19 Marco explica, ao longo dos próximos versos, como ocorre a criação da alma humana.

Inda antes de nascida: Deus contempla a alma humana em seu pensamento eterno, antes mesmo que ela seja criada no tempo, sendo infundida no corpo.

20 A alma, logo no começo da vida humana, tendo sido criada pelo sumo bem, move-se em direção a tudo aquilo que a pode deleitar, sempre buscando o sumo bem. Entretanto, como ela ainda não tem conhecimentos, pensa que qualquer bem (até mesmo o mais frívolo) pode ser o sumo bem e, por isso, pode errar facilmente. Logo, é necessário um freio ou guia, para conduzir o amor do homem ao verdadeiro bem. Essa doutrina é exposta por Dante em *Convívio*, IV, XII.

21 Por isso, foram necessárias as leis (“freio”) e um rei (“guia”), capaz de divisar

a torre da cidade para qual as pessoas têm de se dirigir. A “cidade de Deus” não é o Paraíso, mas a meta do homem na terra.

[22] As leis existem, mas falta aquele que as execute, o imperador.

[23] Alusão à lei mosaica, que proibia que os hebreus comessem carne de animais não ruminantes e que não tivessem o casco fendido (Levítico, 3, 11). Na exegese cristã, esses dois elementos eram respectivamente interpretados como: o conhecimento da palavra divina e a meditação sobre ela; o discernimento entre o bem e o mal. Aqui, parece que ao segundo elemento é atribuído o sentido mais específico de saber diferenciar o espiritual do temporal. A frase significa, portanto: o papa (“esse pastor que os mais precede”) pode conhecer muito bem a palavra divina, mas não pode agir como guia temporal.

[24] Os bens mundanos.

[25] Conclusão: o mundo se desvia do bom caminho porque é mal governado, não porque o homem foi corrompido pelos influxos celestes.

[26] “Bens sobre o mundo havendo derramado”: alude à Roma pagã, que, com seu império universal e suas leis, havia preparado o mundo para o advento do cristianismo, segundo o pensamento de Dante.

Dois sóis: dois guias, que iluminavam dois caminhos: o de Deus e o do Estado. Isso, naturalmente, já se refere à Roma cristã.

[27] A autoridade do papa apagou aquela do imperador. O báculo (“bago”) e a espada representam ambos os poderes.

[28] Os poderes, unidos nas mãos da mesma pessoa, não respeitam mais o âmbito um do outro.

[29] Citação de Lucas, 6, 44.

[30] A região que na época se chamava Lombardia, banhada pelos rios Ádige e Pó. O Ádige indica a Marca Trevigiana. O Pó indica a moderna Lombardia e a Emília.

[31] Antes que Federico II entrasse em conflito com os papas. Com as guerras entre Federico e a Igreja, tiveram início as divisões nas cidades italianas.

[32] Antes a Lombardia era lugar de valor e cortesia. Mas agora podem tranquilamente passar por lá aqueles que antes evitavam o lugar, por vergonha de se aproximar dos bons. Isto é, agora na Lombardia não há mais pessoas boas.

Por isso, os maus (que querem evitar as boas pessoas) podem passar pela Lombardia sem medo.

[33] A própria existência desses velhos é uma forma de censura à nova geração.

[34] Conrado de Palazzo: Corrado dei conti di Palazzo di Brescia, foi podestade de Florença em 1276 e capitão dos guelfos em 1277.

Gherardo: Gherardo da Camino di Treviso, guelfo, capitão geral de Treviso de 1283 ao ano de sua morte (1306). Homem famoso por sua cortesia e hospitalidade.

Guido de Castel: Guido da Castello, da família dos Roberti, de Reggio Emilia.

Simples Lombardo: a liberalidade e a hospitalidade de Guido foram experimentadas sobretudo pelos franceses que, para voltar à pátria, tinham de passar pela sua terra. Por isso, os franceses o chamaram de “simples Lombardo”, no sentido de “leal”, “modesto”. Trata-se de acepção positiva do termo “simples”, segundo o significado do termo *simple* em francês. O termo “simples” em italiano (*semplice*) tinha acepção sobretudo negativa (“inepto”). Por isso, Marco Lombardo acrescenta: “ao estilo francês”.

[35] Vejo por que os membros da tribo de Levi (os sacerdotes do povo de Israel) não herdaram terras de Canaã e bens temporais (Números, 18, 20).

[36] “Em toscano me falando / Do bom Gherardo dizes-te insciente”?: Gherardo era famoso em Florença e em toda a Toscana, por causa de suas relações com os toscanos e por ter apoiado Corso Donati e Florença. Por isso, Marco se admira do fato de um toscano não saber de quem se trate.

[37] “Sobrenome” tem o sentido de “apelativo”. Marco, de fato, chama-o “bom Gherardo”.

“Dou-lhe o de Gaia”: Gaia da Camino. Não se sabe o que a frase significa. Segundo alguns, Gaia era exemplo de corrupção: nesse caso, a frase seria irônica. Segundo outros, Gaia era exemplo de virtude: nesse caso, a frase seria um novo elogio.

[38] É possível ver a luz do dia em declínio, porque a densidão do fumo se torna rara.

[39] Marco deve voltar, porque, se continuar caminhando, sairá do fumo, onde se encontra o anjo que fica na passagem entre o terceiro e o quarto círculos.

CANTO XVII

Desvanecida a cerração, apresentam-se na imaginação de Dante vários exemplos de ira e violência. Um anjo conduz os poetas ao círculo quarto, onde estão os preguiçosos. Explicações de Virgílio.

Os poetas saem do fumo e Dante vê exemplos de ira punida. Os poetas sobem para o próximo círculo. Quarto círculo: acidiosos. Virgílio explica a organização moral do Purgatório.

1 Leitor, se lá na alpina cordilheira
Te colheu névoa que de ver tolhia,
Como se olhos tivemos de toupeira,[1]
2 Lembra que, quando a úmida e sombria
Cortina a delgaçar começa, a esfera
Do Sol escassa luz ao ar envia.
3 E mal tua mente imaginar pudera[2]
Como de novo à vista se mostrava
O Sol, que ao seu poente descendera.
4 Ao lume, que nos planos se finava,
Do Mestre os passos fido acompanhando
Saí da cerração, que me cercava.
5 Fantasia[3] que, o espírito enlevando,
Tanto o homem dominas, que não sente
Clangor de tubas mil, juntas soando,
6 O que te move, estando o siso ausente?
Luz que desce por si, no céu formada,
Ou por querer do céu onipotente.
7 Cuidei súbito ver a que mudada,[4]
Dos crimes seus em pena, foi nessa ave,
Que em trinar mais se mostra deleitada.
8 Tanto minha alma, na visão suave,
Extática ficou, que não sentia
Outra impressão qualquer que a prenda e trave.
9 Naquele êxtase logo após eu via
Em cruz um homem de feroz semblante.
Nem a morte a arrogância lhe abatia:
10 Estava o grande Assuero não distante,
Ester, a esposa e Mardoqueu prudente,
Justo nos feitos, no dizer prestante.[5]
11 E fugiu-me esta imagem prontamente,
Como a bolha, que de água se formara
E à falta de água esvai-se de repente.[6]

12 Donzela[7] eis na visão se me depara
Que em prantos exclamava: — “Ó mãe querida
Por que tomaste irosa a morte amara?
13 “Perdes, por não perder Lavínia, a vida,
E perdida me tens: teu fim deplora,
Mas não o de outro, a filha dolorida.”[8]
14 Como se rompe o sono, se de fora
Luz repentina às pálpebras nos desce;
Não morre logo, em luta se demora:
15 Minha visão assim se desvanece,
Quando as faces clarão tão vivo lava,
Que na terra outro igual nunca esclarece.
16 Volvi-me para ver onde me achava;
Mas, ouvindo uma voz — “Sobe esta escada” —,
De qualquer outro intento me apartava.
17 Por saber quem falara foi tomada
Minha alma de um desejo tão veemente,
Que fora, se o não visse, conturbada.
18 Como ao sol, que deslumbra em dia ardente,
Sendo-lhe véu seu lume flamejante,
Senti perdida a força incontinente.
19 — “Espírito é celeste:[9] vigilante,
Sem rogos, o caminho nos indica:
O próprio brilho esconde-o fulgurante.
20 “Como o homem consigo, assim pratica;
Quem, mal extremo vendo, só rogado
Acode, esquivo ser já significa.[10]
21 “A tal convite o pé seja apressado!
Antes da noite rápidos subamos;
Depois, somente quando o sol for nado” —
22 Disse o meu Guia; e logo encaminhamos
Os passos, de uma escada em direitura.
Ao primeiro degrau quando chegamos

23 Mover de asas ao perto se afigura,
Bafejo sinto; e ouço: — “É venturoso
Quem ama a paz, isento de ira impura!”[11]
24 Já no alto do céu o luminoso
Rasto, da noite precursor, surgira.[12]
De astros assoma o exército formoso.
25 “Ai de mim! Por que a força minha expira?”
Disse, entre mim, sentindo que, esgotada,
Súbito às pernas o vigor fugira.[13]
26 Tendo alcançado o topo já da escada,
Imóveis nos quedamos, imitando
A nau, que aferra a praia desejada.
27 A escutar ’stive um pouco, interrogando
Daquele novo círc’lo algum sonido;
Depois ao Mestre me voltei falando:
28 — “No lugar em que estamos, pai querido,
Que pecado recebe a pena sua?
Parando os pés, teu verbo seja ouvido.”
29 Tornou-me: — “Se do bem o amor recua
No seu dever, aqui se retempera;
Sobre o remisso a expiação atua.[14]
30 “Por melhor compreenderes, considera
No que digo: a detença, porventura,
Dará o fruto que tua mente espera.
31 “Ao Criador, meu filho, e à criatura
Nunca falece amor — tens já sabido —,
Ou venha da alma[15] ou venha da natura
32 “O natural amor de erro é despido;
Pode pecar o outro pelo objeto,
Por nímio ardor, por ’star arrefecido.[16]
33 “Quando aos bens principais ele é direto
E nos bens secundários moderado,
Causar não pode criminoso afeto.[17]

34 “Se ao mal, porém, se torce ou, desregrado,
De menos ou de mais ao bem se move,
Ofende ao Criador quem foi criado.[18]
35 “Tens, pois, o necessário, que te prove
Que amor em vós semente é de virtude,
Como é dos feitos que o céu mais reprove.
36 “E como o amor o bem somente estude
Do seu sujeito, quando o amor domina,
Não pode ser que em ódio a si se mude.[19]
37 “E porque nenhum ente se imagina
Sem ter no que criou a causa sua,
Ódio em nenhum contra este se origina:[20]
38 “Contra o próximo é, pois, que se insinua
Do mal o amor, amor pecaminoso.
No humano limo em modos três atua.[21]
39 “Qual, da grandeza e glória cobiçoso,
As espera em ruína de outro, e anela
Vê-lo em terra prostrado e desditoso;[22]
40 “Qual temor de perder, triste, revela
Valia, honra e poder, se outro os partilha
E em querer-lhe o contrário se desvela;[23]
41 “Mágoa sentindo de uma injúria filha,
Qual porfia em vingar-se, e, de ira ardendo,
De mal fazer os meios esmerilha.[24]
42 “Do mal este amor tríplice nascendo,
Lá embaixo se expia; mas atende
Ao que vai desregrado, ao bem[25] correndo.
43 “Confusamente cada qual se acende
Por certo bem e sôfrego o deseja:
Por ter-lhe a posse, afana-se e contende.[26]
44 “O que do bem no amor inerte seja,
Depois que do pesar sofrera agrura,

É justo que em martírio aqui se veja.[27]
45 “Há outro bem; não dá, porém, ventura.
Felicidade não é, não é a essência
De todo o bem, o fruto, a raiz pura.[28]
46 “O amor, que a tal bem vota a existência,
Acima em círc’los três há seu tormento:[29]
Porque assim se divide, a inteligência,
Sem te eu dizer, dar-te-á conhecimento.”

---

[1] Por causa da membrana que, acreditava-se, cobria completamente os olhos da toupeira.

[2] “Mal tua mente imaginar pudera”: uma das interpretações possíveis. O texto original permite outra interpretação, hoje mais seguida: “tua mente rapidamente poderá imaginar”.

[3] “Fantasia”, ou também “imaginativa”, era o nome dado à faculdade da alma que recebe e conserva as imagens apresentadas pelos sentidos. Um “sentido interno” da alma, portanto.

Mas às vezes a fantasia apresenta imagens que não são oferecidas pelos sentidos: é o caso das visões extáticas, que, embora representem imagens que não são oferecidas pelos sentidos, arrebatam totalmente a alma.

É justamente a ocorrência das visões extáticas que leva o narrador a realizar a interrogação. Ele se pergunta: na ausência de imagens percebidas pelos sentidos, o que move a fantasia? (O termo “siso” tem de ser aqui entendido como “sentido”.) E ele mesmo responde: nesses casos, as visões se formam por uma luz que provém do céu, que pode se formar naturalmente (pelos influxos astrais) ou pela vontade divina.

[4] Têm início aqui os exemplos de ira punida. O primeiro exemplo é o mito de Procne. Como já comentado na nota aos versos 13-15 do canto IX do “Purgatório”, Tereu, o marido de Progne, havia violentado sua irmã Filomela. Progne, para se vingar, matou seu filho e deu sua carne como comida para Tereu. Progne foi, então, transformada em rouxinol (a ave “que em trinar mais se

mostra deleitada”).

[5] O segundo exemplo de ira punida é Amã, ministro de Assuero, rei persa. Segundo a leitura que Dante fez da narração bíblica, Amã, irritado porque Mardoqueu não o adorava como ele queria, quis crucificá-lo e exterminar todos os hebreus do reino. A rainha Ester, sobrinha de Mardoqueu, revelou o projeto a Assuero, que ordenou que Amã fosse crucificado na cruz que ele mesmo havia mandado fazer para Mardoqueu. A história é narrada em Ester, 3-7.

[6] Como a bolha de ar, que, tendo se formado na água, desfaz-se quando chega à superfície, porque falta o invólucro de água que a envolvia.

[7] A “donzela” é Lavínia e o terceiro exemplo de ira punida diz respeito a sua mãe, Amata, mulher de Latino, rei do Lácio. Lavínia, tendo sido primeiro prometida a Turno, rei dos rútulos, foi concedida por seu pai a Eneias. Amata se opôs violentamente ao matrimônio de Lavínia com Eneias e, acreditando que Turno já tivesse morrido na batalha entre rútulos e troianos, ela se matou, depois de um acesso de fúria. A história é narrada no livro XII da *Eneida*.

[8] “Perdes, por não perder Lavínia, a vida”: segundo pensa Lavínia, Amata cometeu suicídio porque não queria perder a filha, vendo-a casada com um estrangeiro.

“Mas não o de outro”: o de Turno.

[9] É o anjo que está na passagem entre os círculos.

[10] O anjo ajuda os poetas sem que eles tenham de formular um pedido, como faz um homem em relação às suas próprias necessidades. Aquele que, comportando-se de modo diferente, vê a necessidade do próximo, mas espera um pedido de ajuda, age como se já tivesse negado a própria ajuda.

[11] O mover de asas apaga um P da testa de Dante.

“É venturoso / Quem ama a paz”: a sétima beatitude, “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus” (Mateus, 5, 9), aqui apresentada como oposta ao pecado da ira.

“Isento de ira impura”: Dante segue a distinção entre a “ira boa” e a “ira ruim”, afirmada por São Tomás de Aquino (*Suma Teológica*, II, II, q. 158, a. 1-3). A "ira boa” corresponde à justa indignação perante o mal.

[12] O “rasto” corresponde aos raios do sol, que, estando já baixo no horizonte,

ilumina só a parte mais alta da montanha.

[13] Recorde-se a regra enunciada por Sordello em “Purgatório”, VII, 52-57, segundo a qual só se pode subir a montanha durante o dia.

[14] O quarto círculo do Purgatório é destinado, portanto, ao pecado da preguiça, acídia.

“Se do bem o amor recua / No seu dever”: essa é a definição do pecado aqui punido. A acídia é o amor voltado para o bem, mas insuficiente em relação àquilo que deveria ser (o “seu dever”). Isto é, um amor menor (e por isso lento, demorado) do que o bem que se ama.

[15] Tem início aqui um dos discursos mais importantes de toda a *Divina Comédia*. Ele apresenta o amor como causa primeira das virtudes e dos vícios, segundo o sentido moral que o termo reveste no poema. Esse mesmo sentido já aparece na definição da acídia acima apresentada: “se do bem o amor recua…”

“Ao Criador e à criatura nunca falece amor”: o amor é próprio do Criador e das criaturas. No pensamento cristão, Deus é o amor por essência (1 João: “Deus é amor”) e tal ideia é repetida inúmeras vezes ao longo da *Divina Comédia*.

“Ou venha da alma ou venha da natura”: essa distinção entre dois tipos de amor diz respeito apenas às criaturas. O amor natural é o instinto. O amor da alma é o amor por escolha, próprio das criaturas dotadas de razão.

[16] O instinto não pode falhar, pois é dado pela natureza e guia as criaturas a seu próprio fim. Já o amor da alma, dependendo da livre escolha do homem, pode errar de três modos: por ter um mau objeto (em vez de se dirigir a um bem), por se dirigir a um bem com ardor excessivo, ou por se dirigir a um bem com ardor insuficiente. A primeira falha diz respeito ao objeto; a segunda e a terceira dizem respeito ao ardor, desproporcional em relação ao bem que se ama.

[17] Quando o amor da alma se dirige aos bens celestes (“bens principais”) e se dirige de forma moderada aos bens terrenos (“bens secundários”), não pode causar o pecado.

[18] Aqui são apresentados, novamente, os três modos pelos quais o amor da alma pode pecar, ofendendo a Deus. Entretanto, aqui se torna clara, por causa da afirmação dos versos anteriores, uma distinção fundamental. O excessivo ardor gera pecado quando se volta aos bens terrenos (“bens secundários”). Já o ardor insuficiente gera pecado quando se volta ao bem supremo, Deus (“bens

principais”).

19 Como o amor não pode deixar de desejar o bem do próprio sujeito do amor, as criaturas não podem odiar a si mesmas.

20 Toda criatura é originada em Deus e não pode ser considerada como separada Dele, autônoma em relação a seu criador. Com isso, nenhuma criatura odeia naturalmente a Deus, pois isso seria como odiar uma parte de si mesma.

21 Logo, o homem só pode amar o mal se for em relação ao próximo. E isso pode ocorrer em três modos diversos.

22 Aqui tem início a descrição dos três modos pelos quais o homem pode amar o mal do próximo.

O primeiro modo corresponde à soberba, pecado cometido por aquele que, aspirando à própria grandeza, deseja estar acima dos outros (o que, de certo modo, é desejar o mal do próximo).

23 O segundo modo corresponde à inveja: o invejoso, temendo perder seus bens pelo fato de outro homem ter se elevado em seus bens, fica tão aflito que passa a desejar para o seu próximo o contrário daquilo que ele deseja para si mesmo.

24 O terceiro modo corresponde à ira, pela qual um homem, tendo sofrido uma injúria, aspira à vingança, desejando, portanto, o mal do próximo.

25 Os três modos de amar o mal do próximo são purgados nos três primeiros círculos do Purgatório (“lá embaixo”, porque os poetas já se encontram no quarto círculo).

“Mas atende / Ao que vai desregrado, ao bem correndo”: agora serão descritos os modos pelos quais o homem pode pecar, amando o bem.

26 Cada um concebe uma ideia vaga de um bem supremo, no qual a sua alma possa encontrar total satisfação, e deseja juntar-se a esse bem. Trata-se de uma inclinação natural do homem.

27 A inércia no amor pelo bem supremo (do qual se falou nos versos anteriores) constitui a acídia, que, se tiver sido objeto de arrependimento, é punida no quarto círculo do Purgatório (“aqui”).

28 Além do bem supremo, há outros bens, que são, contudo, imperfeitos, pois não são a verdadeira essência do bem, seu início e fim. Por isso, não podem proporcionar verdadeira felicidade.

[29] O amor excessivo por aqueles bens imperfeitos, os bens terrenos, é punido nos três últimos círculos do Purgatório. Com isso, são elencados todos os pecados punidos no Purgatório. Os três primeiros têm mau objeto (soberba, inveja e ira); o quarto tem bom objeto, mas pouco vigor (acídia); os três últimos têm bom objeto, mas excessivo vigor (como se verá, são a avareza, a gula e a luxúria).

CANTO XVIII

Continua Virgílio a discorrer sobre o amor. Exemplos de celeridade contra o pecado da preguiça. Meditação e sonho de Dante.

Quarto círculo: acidiosos. Virgílio faz nova explicação, a respeito do amor e do livre-arbítrio. Um grupo de almas se aproxima, proclamando exemplos de solicitude. Uma alma fala com Dante. O grupo de almas se afasta proclamando exemplos de acídia punida. Dante adormece.

1 Palavras tais já proferido havia
O Vate excelso e, atento, me observava
Por ver se eu satisfeito parecia;
2 E eu, que em maior sede me inflamava,
Calando-me, entre mim dizia: “O excesso,
Que nas perguntas há, talvez o agrava.”
3 Mas o sincero pai, sempre indefesso,
Meu silêncio notando e o que o motiva
Logo me anima a lho fazer expresso.
4 — “Minha vista” — falei — “tanto se aviva
À luz do verbo teu, Mestre, que ao claro
Vejo o que da razão tua deriva.
5 “Rogo-te, pois, ó pai benigno e caro,
Me ensines esse amor, de que descende
Todo o mal, todo o bem ao mundo ignaro.”
6 — “Volve a mim” — disse — “a luz, que mais se acende
No esp’rito e há de ser-te bem patente
Quanto erra o cego que guiar pretende.[1]
7 “Alma, criada para amar ardente,
A tudo corre, que lhe dá contento,
Se despertada do prazer se sente.[2]
8 “Do que é real o vosso entendimento
Colhe imagens que em modo tal desprega,
Que alma pra elas sente atraimento.[3]
9 “Se alma, enlevada, ao seu pendor se entrega,
Esse efeito é amor, própria natura,
Em que o prazer novo liame emprega.[4]
10 “E, como o fogo se ala para a altura
Por sua forma, que a elevar-se tende
Ao foco, onde o elemento seu mais dura,
11 Assim pelo desejo a alma se acende,
Ação espiritual que não se aquieta,
Se não consegue a posse, que pretende.[5]

12 “Vê, pois, que da verdade excede a meta
Quem acredita e aos outros assevera
Que todo o amor de si é coisa reta.
13 “Em gênero talvez se considera
O amor sempre bom; mas todo o selo
É bom, ainda que seja boa a cera?[6]
14 — “Se, te ouvindo,” — tornei — “com mor desvelo
Do que ser pode o amor fico inteirado,
Dúvidas hei, que esclarecer anelo.
15 “Pois que amor é de fora derivado,
Pois que a alma de outra sorte não procede,
No bem, no mal o mérito é frustrado.”[7]
16 — “Dizer-te posso o que a razão concede”
Tornou — “do mais a Beatriz somente,
Por ser ato de fé, solução pede.
17 “Forma substancial, não dependente
Da matéria, porém com ela unida,
’Específica virtude tem latente.[8]
18 “Só quando atua pode ser sentida;
Denúncia do que seja dá no efeito,
Como em planta a verdura indica vida.[9]
19 “Das primeiras noções onde o conceito
Nasceu? Donde apetites vêm primeiros,
A que o homem no mundo está sujeito?
20 “Como o instinto do mel na abelha, inteiros
Em vós estão, louvor não merecendo,
Nem censura também, ínscios obreiros.[10]
21 “Tudo desses pendores dependendo,
Inata a faculdade é que aconselha,
A porta do consenso em guarda tendo.
22 “Em tal princípio a causa se aparelha,
De que procede em vós merecimento:
Repele o mau amor, no bom se espelha.[11]

23 “Os sábios, estudando o fundamento
Das coisas, vendo inata a liberdade,
Da moral vos tem dado o ensinamento.[12]
24 “E, supondo que por necessidade
Nascesse todo o amor, que vos incende,
Tendes para contê-lo potestade.[13]
25 “Nobre virtude ser Beatriz entende
O livre-arbítrio;[14] e, quando lhe falares,
A isto mesmo a memória atento prende.”
26 Como alcanzia a flamejar nos ares,
A lua à meia-noite já tardia,
Escurecia os outros luminares;[15]
27 E contra o céu, caminho percorria,
Por onde o sol vai pôr-se, quando a Roma,
Entre Sardenha e Córsega alumia;[16]
28 Havia a sombra ilustre, por quem toma
A fama Ande à cidade mantuana,
Do peso meu aliviado a soma:[17]
29 Quando eu, que explicação lúcida e plana
Sobre as minhas questões tinha alcançado,
Sinto que a mente sonolência empana.
30 Desse quebranto súbito arrancado
Por turba fui, que, após se encaminhando,
A nós vinha com passo acelerado.
31 E como o Ismeno e Asopo, outrora, em bando
Correr viam Tebanos ofegantes,
Por noite Baco em alta voz cantando,[18]
32 A multidão, assim, dos caminhantes,
De bom querer e justo amor tocados,
Pelo círc’lo apressavam-se anelantes.
33 E, pois, tinham-se em breve apropinquado;[19]
Na carreira chorando afadigosa,
Assim gritavam dois mais avançados:

34 — “Maria corre ao monte pressurosa;[20]
César rende Marselha, e contra Ilerda
Rápido voa à Espanha revoltosa.[21] —
35 “Pressa! pressa! De tempo já sem perda!
Pouco zelo não haja!” — outros clamaram —
“Não refloresce a Graça n’alma lerda!”
36 — “Vós, em quem tais fervores se deparam,
Que talvez negligência ides remindo
Dos tempos que no bem não se empregaram,
37 “Dizei a um vivo (estais verdade ouvindo),
Que partir-se pretende à nova aurora,
Se é perto a entrada, donde vá subindo.”
38 A voz do Mestre meu desta arte exora.
Dos espíritos um lhe respondia:
— “Vem conosco: não longe ela demora.”
39 — “Anelo de ir avante nos desvia
De detença: perdoa, por bondade,
Se há, cumprindo um dever, descortesia.
40 “De São Zeno em Verona fui abade
De Barba-roxa, o bom sob o reinado
De quem Milão se lembra sem saudade.[22]
41 “Alguém que à sepultura está curvado[23]
Há de em breve chorar esse mosteiro
E o poder, com que o tinha dominado;
42 “Pois, em dano ao pastor seu verdadeiro,
Ao filho em mal nascido, o cometera,
No corpo horrendo, na maldade useiro.”[24]
43 Não sei se ainda falou, se emudecera,
De nós já velozmente se alongara,
Mas ouvi-lo e notá-lo me aprazera.
44 Então me disse quem me guia e ampara:
— “Volve-te, atenta nestes dois: correndo
Nos lentos mordem com censura amara.”

45 — “Avante!” — os dois no couce[25] vêm dizendo —
Os que se abrir o mar viram, morreram,
A herança do Jordão não recebendo.[26]
46 “E os que o filho de Anquises não quiseram
Seguir até seu fim na árdua jornada
Fama e glória por gosto seu perderam.”[27]
47 Depois, aquela grei ’stando afastada
Tanto, que eu divisá-la não podia,
De nova ideia a mente foi tomada,
48 Outras surgindo após de romaria;
E tanto de uma em outra vagueava,
Que pouco a pouco o sono me invadia,
E o pensamento em sonho se mudava.

---

[1] Alusão àqueles que não conhecem a verdade, mas querem ser mestres dos outros. Como se verá mais adiante, isso se refere especificamente àqueles que pensam que o amor seja em si algo sempre bom (v. 36).

[2] A alma é criada com uma disposição natural para amar (o amor em potência); e ela se move prontamente a tudo o que a pode deleitar, tão logo o prazer a faça traduzir aquela disposição em ato. O “prazer” é o estímulo provocado pelo objeto que deleita a alma. O objeto aprazente faz com que a alma traduza em ato aquela disposição inata para o amor, fazendo com que a alma se mova prontamente em direção àquilo que lhe apraz.

[3] Nesses versos 22-27, descreve-se a passagem do amor de disposição a ato. A primeira fase é cognoscitiva: o entendimento do homem (sua faculdade cognoscitiva) extrai imagens dos objetos reais e estende essas imagens dentro da mente, fazendo com que a alma concentre sua atenção nessas imagens internas.

[4] E, se a alma é atraída pela imagem interna (porque reconhece nela um bem), essa atração se chama amor, que é a disposição natural, tornada ato pelo objeto aprazente, que se vincula à alma. O amor, em seu primeiro estágio como ato, é uma atração pela imagem de determinado objeto real, que é reconhecido como

bem.

[5] Acreditava-se que os elementos tendessem em direção ao seu “lugar natural”, que tinha a propriedade de conservar os elementos por mais tempo. Sendo o “lugar natural” do fogo a esfera do fogo (que estaria acima da atmosfera), o fogo tende para o alto. Logo, os três primeiros versos devem ser entendidos da seguinte forma: “como o fogo se dirige ao alto, por sua própria essência, que tende a subir ao lugar onde ele dura por mais tempo (a esfera do fogo)…” Esse movimento material do fogo é empregado para ilustrar o movimento espiritual da alma, quando sente amor. Trata-se do segundo estágio do amor: a atração inicial se torna movimento espiritual em direção ao objeto amado.

Por isso os seis versos devem ser entendidos da seguinte forma: “como o fogo, por sua natureza, realiza um movimento em direção ao alto, do mesmo modo a alma, quando passa a sentir amor, sente desejo, que cria um movimento espiritual que não cessa enquanto não alcança o objeto amado”.

[6] Pela exposição realizada, pode-se concluir que é errado considerar o amor algo sempre bom. O amor só pode ser considerado sempre bom enquanto potência, enquanto disposição natural (“em gênero”). Mas isso não significa que todas as suas atualizações serão necessariamente boas: a disposição inata ao amor é boa, mas não necessariamente os modos individuais pelos quais essa disposição se realiza. Do mesmo modo, uma cera pode ser sempre boa, mas não por isso serão bons todos os selos estampados sobre ela.

[7] A nova dúvida de Dante é: se o amor é provocado por objetos que estão fora do homem, e se a alma não pode se furtar ao impulso criado pela sua disposição natural ao amor, o homem não pode ter nenhum mérito ou demérito. Se é assim, como o homem pode ser responsabilizado por suas virtudes e vícios (que, segundo o discurso do canto precedente, nascem do amor)?

[8] “Forma substancial, não dependente / Da matéria, porém com ela unida”: essa é a definição da alma humana. “Forma substancial” é um princípio autônomo, que subsiste por si mesmo. No homem, esse princípio é a alma intelectiva, que, embora esteja unida à matéria (o corpo), permanece distinta dela (pois pode subsistir independentemente do corpo).

Os três versos significam, portanto: a alma humana tem uma virtude, potência, específica, própria do homem.

[9] Essa virtude não é percebida senão por atos (por isso, ela é “latente”) e não se

manifesta senão em seus efeitos, como a vida de uma planta se manifesta no verde de suas folhas.

[10] O homem possui uma virtude específica, percebida por ele apenas em atos. Por isso, ele não sabe de onde vem o seu conhecimento das noções primordiais sobre as quais se funda o raciocínio; do mesmo modo, ele não sabe a origem do amor pelos bens que provocam suas primeiras e naturais inclinações. Esse amor primário está no homem como na abelha está a inclinação a fazer o mel e, sendo uma disposição natural, não merece censura ou louvor.

[11] No homem, a sua disposição natural não merece censura ou louvor. Entretanto, para as suas outras vontades, que, embora derivem daquela disposição natural, podem acertar ou errar, há no homem uma faculdade que julga, que deve fazer com que ele aceite apenas as boas vontades. E é dessa faculdade que deriva o mérito ou demérito do homem.

[12] Os “sábios” são os sábios antigos, que, tendo reconhecido a existência da liberdade inata (a faculdade que aconselha), deixaram ao mundo a doutrina moral.

[13] Logo, mesmo que todo amor do homem seja necessário em sua origem (não seja fruto da escolha do homem), o homem tem poder de contê-lo. Esse poder é dado pela sua liberdade inata.

[14] Aquela nobre virtude, a liberdade inata, é chamada, na teologia cristã, de livre-arbítrio.

[15] Já passou de meia-noite e a luz da Lua ofusca a luz das estrelas.

“Como alcanzia a flamejar nos ares”: o termo “alcanzia” é aqui empregado no sentido de recipiente côncavo, ao qual o formato da Lua é comparado. Como já se passaram cinco dias desde o plenilúnio, há uma parte da Lua que já não é mais visível, o que faz com que ela se pareça com uma “alcanzia”.

“A lua à meia-noite já tardia”: o texto original pode ser entendido de diferentes formas, além daquela apresentada (que parece a mais próxima da tradução). Outros modos de entender: a Lua já surgia perto de meia-noite (na verdade, nesse dia ela teria surgido por volta das dez da noite); a Lua já se elevava no céu, e era quase meia-noite.

[16] “Contra o céu”: a Lua se move por um caminho contrário ao movimento aparente do céu.

“Por onde o sol vai pôr-se, quando a Roma, / Entre Sardenha e Córsega alumia”: a Lua se move pela mesma região do céu que o Sol ocupa quando os habitantes de Roma o veem se pôr entre a Sardenha e a Córsega. Isso acontece no final de novembro, quando o Sol está em Sagitário, constelação na qual a Lua se encontra nesse momento do seu percurso mensal. No plenilúnio, a Lua estava em Libra, constelação diametralmente oposta a Áries, onde se encontra o Sol. A Lua se desloca por volta de 13 graus por dia. Já que se passaram cinco dias, ela se deslocou 65 graus a leste, o que significa que ela já está a duas constelações de distância (cada constelação ocupa 30 graus): em Sagitário, portanto.

17 Virgílio havia tirado as dúvidas de Dante.

Ande: hoje Piétole, pátria de Virgílio, perto de Mântua.

Xavier Pinheiro segue uma das interpretações possíveis. Outro modo de entender é: a sombra ilustre, por quem Ande é mais famosa do que qualquer outra vila mantuana.

18 A corrida dos preguiçosos é comparada às corridas orgiásticas dos tebanos, realizadas ao deus Baco, patrono da cidade, ao longo dos rios da Beócia, Ismeno e Asopo.

19 “Aproprinquado” está em rima imperfeita com “tocados” e “avançados”.

20 Nesse círculo, os exemplos de solicitude são gritados por duas almas. O primeiro exemplo é, como sempre, Maria. Depois que o Anjo revelou que sua prima Isabel, já em idade avançada, estava grávida, Maria se apressou para encontrá-la na região montanhosa do Hebrom e oferecer ajuda. Isso é narrado em Lucas, 1.

21 Durante a guerra civil, César, depois de ter iniciado o assédio a Marselha, deixou-a aos cuidados de Bruto e foi rapidamente para a Espanha, onde derrotou, perto de Ilerda, as forças pompeianas que lá haviam se reunido.

Ilerda: hoje Lérida, centro, como Marselha, de forças pompeianas.

Em algumas edições do texto original, o segundo exemplo é proclamado por outra alma.

22 Abade de São Zeno em Verona: provavelmente Gherardo II, que foi abade no tempo de Barba Ruiva e morreu em 1187. Sobre ele não há notícias.

Barba-roxa: Barba Ruiva, Federico I.

De quem Milão se lembra sem saudade: em 1162, Federico I destruiu a cidade de Milão, por causa de sua rebeldia.

[23] Alberto della Scala, senhor de Verona, morto em 1301. Por causa de seu poder, colocou seu filho ilegítimo Giuseppe como abade do monastério. Giuseppe era coxo e, segundo autores do tempo de Dante, tinha a alma corrompida.

[24] "Filho em mal nascido": filho ilegítimo. Não era permitido que filhos ilegítimos exercessem funções eclesiásticas.

[25] "Na parte de trás do grupo".

[26] Também os exemplos de acídia punida são gritados por dois espíritos.

O primeiro exemplo é o dos hebreus, povo diante do qual se abriu o Mar Vermelho. Os hebreus, rebelando-se contra Moisés e não querendo segui-lo, morreram no deserto, antes de ver a Terra Prometida (a Palestina, onde corre o rio Jordão). Isso é mencionado em Números, 14, 1-38; Deuteronômio, 1, 26-36.

[27] O segundo exemplo corresponde aos troianos que não quiseram seguir Eneias até o fim de sua jornada, mas preferiram ficar na Sicília. Por isso, eles não participaram da fundação de Roma e, por isso, perderam fama e glória. Isso é narrado em *Eneida*, V.

Em outras edições do poema, os exemplos são proclamados por almas diferentes.

CANTO XIX

A visão de Dante. Os poetas entram no quinto círculo, onde fazem penitência os avarentos. Avistam-se com o papa Adriano V.

Dante tem um sonho. Depois de acordar, continua o caminho com Virgílio. Os poetas sobem para o quinto círculo. Quinto círculo: avaros. Dante fala com o papa Adriano V.

1 Chegada essa hora, em que o calor diurno
Não mais da Lua a frigidez aquece,
Pela terra vencido ou por Saturno,[1]
2 Quando ao geomante fúlgida aparece
A Fortuna Maior lá no Oriente,
Donde rápida a noite se esvaece,[2]
3 Sonhando vi mulher balbuciente,
Que vesga era nos olhos, nos pés torta,
De mãos troncadas[3] e de tez palente.
4 Eu a encarava; e como o Sol conforta
Os membros a que a noite o frio agrava,
Ao meu olhar assim a quase morta
5 Língua movia; o corpo já se alçava,
E no terreno e lívido semblante
A cor, que amor estima se mostrava.[4]
6 Soltando a voz, há pouco titubante,
Doce canto entoava tão donosa,
Que me absorvia o enlevo inebriante.
7 — “Sereia sou” — cantava — “deleitosa;
Que da rota desvio os mareantes,
Tanto prazer lhes movo poderosa.
8 “Detiveram meus cantos fascinantes
Ulisses vago; e raros me deixaram.
A todos prende o som dos meus descantes.”[5]
9 Junto a mim, mal seus lábios se fecharam,
Eis se mostrava dama santa e presta:[6]
A sereia os seus olhos conturbaram.
10 — “Dize, ó Virgílio: que mulher é esta?” —
Bradava irosa; e o Vate lhe acorria,
Respeitoso ante aquela face honesta.
11 Dela a dama travava e prosseguia,
Seus véus rasgava, o ventre desnudando:
Desperto ao cheiro infando que saía.

12 Olhos abri. Virgílio, me falando,
— “Três vezes te chamei” — disse — “eia! asinha
Vamos, o passo onde entres procurando.”
13 Ergui-me logo. Alumiados tinha
O dia os círc’los todos do alto monte;
Pelas costas surgindo o sol nos vinha.[7]
14 Após o Mestre se me inclina a fronte,
Como a quem, de cuidados oprimido,
Curva a cerviz, similha arco de ponte.
15 — “Aqui se passa: vinde!” — proferido
Foi por voz tão suave, tão benigna,
Que não fora igual som na terra ouvido.
16 Da rocha entre os dois muros nos designa,
Quem falara, o caminho, asas abrindo,
Que tem do cisne a alvura purpurina.
17 Depois as níveas plumas sacudindo,
— “Os que choram” — bradou — “são venturosos,
De consolo a esperança possuindo!”[8]
18 — “Por que os olhos no chão fitas cuidosos?” —
O Mestre perguntou, depois que alçou-se
Voando o anjo aos ares luminosos.[9]
19 — “Em recente visão, Senhor, mostrou-se
Imagem” — respondi — “que tanto instiga
Que ainda a sua impressão não mitigou-se.”
20 — “A mágica” — me disse — “viste antiga,
Que lá mais alto tanta dor motiva?
Como o homem viste dela se desliga?[10]
21 “Não mais! Avante segue, o alento aviva!
Olhos volve ao reclamo, com que gira
Do Rei Eterno cada esfera altiva.”[11]
22 Como faz o falcão, que os pés remira,
Depois ao grito acode e, acelerado,
Contra a ralé, que avista, ao ar se atira:

23 Assim eu; e por onde era cortado,
Para trânsito dar, o monte erguido,
Corri té outro círculo, apressado.[12]
24 Tendo ao círculo quinto já subido,
Jazer vi turba inúmera em lamento:
Para baixo era o rosto seu volvido.
25 "*Adhaesit anima mea pavimento*"[13] —
Com tanta dor diziam suspirando,
Que da voz mal caí no entendimento.
26 — "Dizei, de Deus eleitos, que, penando,
Colheis alívio na justiça e esp'rança,
Por onde ao cimo iremos caminhando." —
27 — "Se a nossa punição não vos alcança
E mais pronta quereis ter a subida,
À direita e por fora que se avança."[14]
28 Do meu Guia a pergunta respondida
Foi por uma alma, que adiante estava:
Ser outra ideia eu cri nisso escondida.[15]
29 Então, olhos voltando, interrogava
Virgílio, que aprovou com ledo gesto
O desejo, que o rosto denotava.
30 Da permissão do Mestre usando presto,
Daquele ente acerquei-me doloroso,
Que se fez por palavras manifesto.
31 — "Tu, que, expiando as culpas lacrimoso,
Apressas de te erguer à glória o dia,
Por mim para em teu pranto fervoroso.
32 — "Quem foste? Por que assim jazeis?" — dizia —
"No mundo, donde venho vivo, impetre
Por teu bem queres coisa, de valia?"
33 — "Convém que o teu espírito penetre
Desta pena a razão; porém primeiro
Scias quod ego fui successor Petri.[16]

34 “Do meu solar o título altaneiro
Origem teve nesse rio belo,
Que entre Chiaveri e Siestre flui ligeiro.[17]
35 “Em pouco mais de um mês vi que desvelo
Custa guardar o grande manto puro:[18]
Todo outro fardo é pluma em paralelo.
36 “Quanto — ai de mim! — de converter[19] fui duro!
Mas, apenas pastor em Roma eleito,
Eu soube quanto mente o mundo impuro.[20]
37 “Não gozou paz, nem quietação meu peito;
Mais alto já subir se não pudera:
Então da vida eterna ardi no afeito.
38 “Minha alma, triste e mísera, perdera
De Deus o amor em sórdida avareza:
Esta pena, que vês, bem merecera.
39 “De tal pecado mostra-se a graveza
Aqui pelo castigo em que se expia:
No monte outro não há de mor asp’reza.[21]
40 “Como ao céu nossa vista não se erguia,
Nas coisas terreais embevecida,
Assim justiça à terra a prende e lia.
41 “Como a avareza em nós tinha extinguida
A propensão ao bem, aos santos feitos,
Assim nos tem justiça a ação tolhida.
42 “Pés e mãos ata em vínculos estreitos:
Enquanto a Deus prouver, nós, estendidos,
Imóveis estaremos nesses leitos.”
43 De joelhos e de olhos abatidos
Quis falar-lhe; mas ele, conhecendo
Esse meu ato só pelos ouvidos,
44 — “Por que te curvas?” — me atalhou dizendo.
— “Em reverência à vossa dignidade:
Cumpro um dever desta arte procedendo.”

45 — “Ergue-te, irmão! Não erres![22] Em verdade,
Eu como tu, e o universo inteiro
A lei seguimos de uma só vontade.
46 “Do Evangelho o sentido verdadeiro,
Que disse — *neque*, *nubent* —, se entendeste,
Verás o meu pensar quanto é certeiro.[23]
47 “Vai-te agora, demais te detiveste.
Saudável pranto empece a tua estada:
Perdão apressam lágrimas, disseste.[24]
48 “Sobrinha tenho, Alágia foi chamada:[25]
É boa, se da raça tão funesta
Não pervertê-la a tradição danada.
Somente esta no mundo ora me resta.”

---

[1] Os seis primeiros versos do canto realizam uma perífrase que indicam a última hora da noite, aquela que precede a aurora e em que o frio atinge o seu máximo.

Os três primeiros versos dizem: na hora em que o calor (que havia sido acumulado durante o dia na terra e na atmosfera), sendo vencido pelo frio natural da terra e às vezes pelo frio de Saturno, não consegue mitigar o frio da Lua. Acreditava-se que os raios da Lua difundissem frio sobre a terra e que Saturno fosse um planeta frio.

[2] Esses três versos indicam indiretamente também a estação do ano.

“Geomante”: adivinho que realizava seus prognósticos a partir de figuras desenhadas casualmente na terra, relacionando-as a figuras formadas pelas constelações.

“Fortuna Maior”: era a figura relacionada a algumas estrelas da constelação de Peixes (segundo outros, relacionada a algumas estrelas de Aquário e a outras de Peixes).

“Donde rápida a noite se esvaece”: no horizonte oriental, parte do céu que permanece escura por pouco tempo, porque o Sol está para nascer. Recorde-se que o Sol está em Áries; antes do nascer do Sol, a constelação que aparece no

horizonte oriental é justamente Peixes.

[3] Alguns entendem o texto original como “sem mãos”, outros como “sem os dedos das mãos”, outros como “com as mãos contraídas”.

[4] “Terreno”: da cor da terra (amarelo pálido).

“A cor que amor estima”: a cor que acende o amor em outra pessoa. Essa é uma das interpretações possíveis do texto original. Outra interpretação: a cor que é efeito do amor (como o rubor, por exemplo).

Essa mulher do sonho de Dante tem um significado alegórico. Trata-se de mulher deforme, mas que se torna bela e sedutora aos olhos do poeta. É comum associá-la aos três pecados que serão punidos nos próximos círculos: avareza, gula e luxúria, todos caracterizados pelo apego a bens terrenos. Ela representaria, nesse caso, a enganadora sedução desses bens.

[5] As sereias eram monstros marinhos, belíssimas mulheres até a cintura e pássaros ou peixes no restante do corpo. Seduziam com seu doce canto os marinheiros que passavam, para depois fazê-los morrer.

“Detiveram meus cantos fascinantes / Ulisses vago”: é muito famoso o episódio de Ulisses e as sereias, narrado no livro XII da *Odisseia*: Ulisses escutou o canto das sereias amarrado a um mastro da nave, de modo a não se perder pela sedução do canto, enquanto seus companheiros permaneceram com cera nos ouvidos. Os comentadores apontam uma incongruência entre o texto de Dante (que diz que o canto conseguiu deter Ulisses) e o texto da *Odisseia*, no qual Ulisses vence o canto das sereias. Dante não conheceu os textos homéricos senão por menções que podia encontrar em textos latinos. Isso pode ter sido a fonte da sua compreensão equívoca a respeito do episódio. Entretanto, alguns consideram inadmissível tal equívoco, dada a grande fama do episódio, a despeito da falta de difusão dos textos homéricos no contexto em que Dante se encontrava. Por isso, esses comentadores pensam tratar-se de uma alusão à maga Circe, em cuja ilha Ulisses ficou por mais de um ano. Nesse caso, a sereia representaria o mesmo que Circe, ou Dante teria acreditado que Circe fosse também uma sereia. Existe também a hipótese de que a referência não diga respeito à *Odisseia*, mas a uma fonte medieval hoje desconhecida. Por fim, alguns observam que o texto dantesco não diz que o canto fez com que Ulisses deixasse o seu caminho, mas apenas que o canto atraiu a sua atenção. O termo “detiveram”, empregado na tradução, também pode ser lido desse modo: os cantos da sereia detiveram a atenção de Ulisses, mas não o detiveram fisicamente.

[6] A “dama santa e presta” foi identificada de diferentes modos. É improvável que seja Beatriz. Também não deve ser a Razão, normalmente associada a Virgílio. Para alguns, trata-se da temperança, oposta à avidez pelos bens terrenos. Como se trata de intervenção celeste (a dama é santa), pode ser que seja Luzia, que já interveio em outros momentos, ou que seja a graça, que ilumina a razão.

[7] O Sol já estava alto o suficiente para iluminar todo o monte.

Os poetas estão virados para o ocidentes, estando de costas para o Sol.

[8] O anjo, depois de apagar um P da testa de Dante (movendo as asas), proclama uma bem-aventurança: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (Mateus, 5, 5). Entretanto, é difícil compreender qual é a relação entre essa bem-aventurança e o pecado da acídia. Segundo alguns, Dante quer apenas preservar o esquema geral do purgatório, proclamando uma bem-aventurança que não se ajusta totalmente ao contexto. Outros apresentaram diferentes explicações: aos acidiosos faltou a força de vontade para enfrentar as dores e as aflições; os aflitos são aqueles que se voltam com mais fervor para Deus, opondo-se aos acidiosos. Os teólogos às vezes definiam a acídia como uma “tristeza” que impede a ação. Por isso, alguns entendem: bem-aventurados os que choram não por acídia, mas pelas próprias culpas, dirigindo-se fervorosamente a Deus.

[9] “Depois que alçou-se / Voando o anjo aos ares luminosos”: esse é um modo de entender o texto original. Mas é preferível entender: “depois que nós, subindo, já havíamos ultrapassado o anjo”.

[10] “Que lá mais alto tanta dor motiva”: “mais alto” se refere aos três círculos que os poetas ainda têm de percorrer, nos quais são purgadas a avareza, a gula e a luxúria (por isso, a maga causa “tanta dor” nesses círculos).

“Como o homem viste dela se desliga”: o homem se livra dela por meio da razão, ajudada por uma virtude superior.

[11] Deus chama, atrai o homem por meio da beleza das esferas celestes, que giram no céu.

“Reclamo”: tem o sentido concreto do instrumento que imita o som de pássaros, para atrair outras aves.

[12] O texto original não fala propriamente “corri”. Por isso, o termo deve ser entendido como “corri, segundo permitia o caminho cortado na rocha do monte”.

[13] "*Adhaesit pavimento anima mea; vivifica me secundum verbum tuum*": "Minha alma está agarrada à terra; dá-me a vida segundo a tua palavra" (Salmos, 119 [118], 25). Essa é a oração recitada pelas almas dos avaros (e pródigos).

[14] "Se a nossa punição não vos alcança": se aos poetas não cabe a punição dos avaros.

"À direita e por fora": tendo o lado direito em direção à parte externa do monte.

[15] O verso original é objeto de controvérsias entre os comentadores, tendo gerado duas interpretações principais. A primeira é aquela seguida pela tradução: Dante reconheceu na fala alguma ideia oculta. Essa ideia é identificada de diferentes modos: a alma quer saber por que os poetas não devem sofrer a pena destinada aos avaros ou quem são seus interlocutores; a alma entendeu que um deles está vivo ou pensa que ambos estejam vivos; etc. Entretanto, essas leituras não se ajustam plenamente ao contexto. A segunda interpretação é: enquanto a alma falava, Dante conseguiu reconhecer aquilo que estava escondido, isto é, o rosto do personagem.

[16] "Sabe que eu fui sucessor de Pedro", isto é, papa. A formulação em latim confere solenidade à declaração. Quem fala é o papa Adriano V, Ottobono Fieschi, da nobre família genovesa dos condes de Lavagna. Nascido no início do século XIII, tornou-se cardeal por ação do tio Inocêncio IV, exerceu importantes funções diplomáticas, que interessavam à política da Igreja. Tornou-se papa em 1276, mas exerceu a função por pouco mais de um mês. O papa representa aqui o excessivo desejo de poder, o que denuncia demasiado apego a bens terrenos.

[17] Sestri Levante e Chiaveri eram cidades da Riviera Lígure de Levante, que faziam parte do condado de Lavagna. O "rio belo" é a torrente chamada Lavagna.

[18] "Como é difícil preservar o manto papal da mancha do pecado".

[19] A conversão aqui é o fato de ele ter deixado os bens terrenos e ter se voltado ao verdadeiro bem, Deus.

A narração da conversão de Adriano V se aproxima muito de palavras presentes no *Policraticus* de João de Salisbury, que se referem, contudo, ao papa Adriano IV. Pode ser que Dante tenha adaptado as palavras ao seu personagem, estando consciente de que elas se referiam a outro. Ou pode ser que, pela interferência de outras fontes, ele tenha confundido os dois papas.

[20] Tendo experimentado o máximo poder sobre a terra, Adriano V entendeu como são mentirosas as promessas feitas pelos bens do mundo.

[21] Talvez porque essa seja a pena mais humilhante do Purgatório, ainda que não a mais difícil.

[22] Essas palavras são reminiscência do texto de Apocalipse, 19, 10.

[23] Quando os saduceus perguntaram de quem teria sido esposa depois da ressurreição uma mulher que havia se casado sete vezes, Jesus respondeu: “Na ressurreição nenhum se casará [*neque nubent*] e nenhuma se dará em casamento, mas todos serão como os anjos de Deus no céu”. (Mateus, 22, 23-33). Essa ideia é aqui referida ao sacerdócio, podendo estar associada à ideia do papa como esposo da Igreja.

[24] Dante disse isso no v. 32.

[25] Resposta à terceira pergunta de Dante: se Adriano quer que ele peça a alguém que reze por ele.

Alágia: filha do irmão de Adriano, Niccolò Fieschi, e mulher de Moroello Malaspina, que hospedou Dante em seu exílio.

“Raça tão funesta”: os comentadores antigos falam sobre a corrupção da família Fieschi, e o próprio Dante fala de alguns membros corruptos da família ao longo de suas obras.

CANTO XX

Ouvem os poetas uma voz, que refere exemplos de pobreza, liberalidade e avareza: é a alma de Hugo Capeto, que logo após narra os crimes da sua posteridade. Treme a montanha: todas as almas glorificam a Deus.

Quinto círculo: avaros. O narrador faz uma breve invectiva contra a avareza. Os poetas ouvem exemplos de desapego dos bens terrenos. Dante fala com Hugo Capeto, que faz forte censura à casa real francesa. Hugo Capeto menciona os exemplos de avareza e avidez pelos bens terrenos. Dante e Virgílio continuam o caminho. Acontece um terremoto e as almas entoam um canto. Dante quer entender o que aconteceu.

1 Em luta, o bem querer ao mau se alteia.[1]
Por contentar essa alma, eu, descontente,
Da água tirei a esponja, ainda não cheia.
2 Sigo os passos do Guia diligente,
Do monte à extrema borda caminhando,
Como em muro entre ameias, cautamente.[2]
3 E o espaço mais largo enchia o bando,
Que a avareza, do mundo atroz imiga,
Expurga, pranto em fio derramando.
4 Maldita sempre sejas, Loba[3] antiga,
Mais do que as outras feras cobiçosa!
Jamais a fome tua se mitiga!
5 O céu, cuja carreira portentosa
As condições se crê reger da vida,[4]
Quando virá quem lance a besta ascosa?
6 A passo lento e escasso era a subida,[5]
Atento eu indo à turba, que exprimia
Por carpir lamentoso a dor sentida.
7 Eis ante nós dizer: — “Doce Maria!”
Uma voz escutei no amargo pranto
Qual mulher que no parto a dor crucia.
8 E acrescentou: — “Bem pobre foste e tanto,
Que à luz trouxeste lá no humilde hospício
Do seio virginal o fruto santo.”[6]
9 E logo após ainda: — “Ó bom Fabrício,
Com virtude antes pobre ser quiseste
Do que a opulência possuir com vício.”[7]
10 De tal prazer meu coração se veste
Ouvindo, que avançava pressuroso
Por que ao perto, maior atenção preste.
11 Também contava esse ato generoso,
Que em prol das virgens Nicolau fizera
Para guardar-lhes puro o estado honroso.[8]

12 — “Alma, que tão bem falas, diz, sincera,
Quem foste?” — disse-lhe eu — “Por que somente
A tua voz a virtude aqui venera?
13 “Se eu à vida tornar, que brevemente
Levar-me deve ao suspirado porto,
Em te ser grato ficarei contente.”
14 E ele: — “Falarei, não por conforto
Lá do mundo esperar, mas porque tanta
Graça refulge em ti antes de morto.
15 “Estirpe fui dessa maligna planta
Que o solo esteriliza à cristandade:
Se frutos bons produz, fato é que espanta.[9]
16 “A vingança, se houvessem faculdade,
Lila, Bruges, Donai, Grandja tomaram.
Férvido a peço à Suma Potestade.[10]
17 “Na terra Hugo Capeto me chamaram:
Dos Filipes fui tronco e dos Luíses,
Que novamente a França dominaram.[11]
18 “Foi meu pai carniceiro.[12] Os infelizes
Antigos reis progênie não deixando,
Exceto um monge, às minhas mãos felizes,
19 “Parar daquele reino veio o mando.[13]
Tanto prestígio tinha, e tal pujança
Dos povos na vontade fui ganhando,
20 “Que a c’roa o meu querer cingir alcança
Do filho meu à fronte, em quem começa
A prole ungida desses reis de França.[14]
21 “O provençal grã dote havendo, cessa
Na raça minha a prístina vergonha:
Somenos, mas aos bons não fora avessa.[15]
22 “Rapinas pela força e ardis, que sonha,
Começando, invadiu por penitência
Pontois, com a Normandia e com Gasconha.[16]

23 “Carlos, Itália entrando, em penitência
Vitimou Conradino; e triunfante
Ao céu mandou Tomás,[17] por penitência.
24 “Em tempo, do presente não distante,
Ainda outro Carlos vir de França vejo
E fama a si e aos seus dar mais sonante.[18]
25 “Sai sem armas; traz só naquele ensejo
Lança de Judas, que a Florença aponta:
Rasga-lhe o peito, como é seu desejo.[19]
26 “Terá, não terras, mas pecado e afronta,
Que se lhe há de tornar tanto mais grave,
Quanto ele a tem de pouco preço em conta.[20]
27 “Outro, que preso sai da própria nave,
Vejo a filha vender, como fizera
Aos escravos pirata: ó pai suave![21]
28 “Avareza! o que mais de ti se espera,
Se o meu sangue a tal raiva hás arrastado,
Que te deu sua carne em pasto, ó fera?
29 “Para o mal igualar, porvir, passado,
Entrando Alagni flor-de-lis se ostenta,
E Cristo em seu vigário é cativado.[22]
30 “Injúrias vejo novas que exp’rimenta,
Fel, vinagre sorver o vejo ainda,
E entre vivos ladrões ter morte lenta.[23]
31 “Vejo o novo Pilatos, que não finda
A sanha sua, sem decreto assalta
O Templo aceso na cobiça infinda.[24]
32 “Senhor meu! Pois que excesso nenhum falta,
Quando ante a punição serei ditoso,
Que, oculta, o teu juízo adoça e exalta?
33 “Quanto ao que me inquiriste curioso,
As palavras que há pouco eu dirigia
Do Esp’rito Santo à Esposa fervoroso,[25]

34 “São nossas orações enquanto é dia.[26]
Mas contrários exemplos invocamos,
Quando a sombra da noite principia.
35 Então Pigmalião[27] nós recordamos
Que foi traidor, ladrão e parricida.
A sua sede de ouro condenamos.
36 “E a miserável condição de Mida,
Do rogo seu estulto resultado,
Sempre do mundo inteiro escarnecida.[28]
37 “De Acani o louco feito é memorado,
Que os despojos roubara, e ainda a ira
De Josué receia amedrontado.[29]
38 “Com seu marido acusa-se Safira[30]
E louva-se mau fim de Heliodoro.[31]
Por todo o monte imenso brado gira.
39 “Contra o que tirou vida a Polidoro.[32]
— Dize do ouro o sabor, Crasso avarento![33] —
Também clamamos todos nós em coro.
40 “Qual murmura, qual grita em seu lamento,
Segundo o afeto que o estimula e agita,
Segundo é fraco ou forte o sentimento.
41 “Eu único não era, pois que em grita
O bem, que ao dia é próprio, ia dizendo:
Não alçava outro perto a voz bendita.”
42 Essa alma já deixáramos, fazendo
Esforço por vencer a altura[34] ingente,
Que adiante se estava oferecendo,
43 Eis tremer sinto o monte de repente.
O coração no peito se me esfria,
Qual réu, que à morte arrasta-se palente.
44 Delos, por certo, assim não se movia,
Quando por ninho a preferiu Latona,

Que os dois olhos do céu parir queria.[35]
45 De toda a parte um brado então ressona
Tanto, que o Mestre, para mim voltado,
— “Não há risco” — me diz — “teu Guia o abona!”
46 *Gloria in excelsis Deo*[36] — era entoado,
Quanto à voz perceber foi permitido
Do ponto, a que o rumor me foi levado.
47 Quedos, como os pastores tendo ouvido
À vez primeira outrora aquele canto,
Ficamos té findar moto e soído.[37]
48 Depois seguimos no caminho santo,
Vendo as almas prostradas sobre a terra,
Sempre a verter o costumado pranto.[38]
49 E se a memória nisto em mim não erra,
Jamais desejo, que a ignorância acende,
Na mente me excitara tanta guerra,
50 Quanto naquele instante em mim contende.
Nem pela pressa, eu perguntar ousava,
Nem o que ouvia o espírito compreende.
Tímido assim e pensativo andava.

---

[1] O texto original não apresenta a ideia negativa contida em “mau”, dizendo simplesmente que contra uma boa vontade mal pode lutar uma vontade qualquer. Isso diz respeito à situação final do canto anterior: Dante queria continuar o diálogo com Adriano V, mas esse desejo não podia resistir ao desejo mais nobre de Adriano, que era a purificação.

[2] “Do monte à extrema borda caminhando”: não ao longo da borda externa do monte, mas ao lado da rocha, que é a margem interna do caminho. As almas ocupam todo o caminho, deixando apenas um pequeno espaço perto da rocha.

Alusão às rondas realizadas no alto dos muros dos castelos: o caminho para a ronda era estreito e o caminhante tinha de se aproximar das ameias para não cair.

[3] Representa, como em outros momentos do poema (“Inferno”, I, 49-51), a avareza, a avidez por bens terrenos.

[4] “Cuja carreira portentosa / As condições se crê reger da vida”: os homens pensam (talvez mais do que deveriam) que o movimento dos céus determine os eventos da terra.

[5] O texto original não fala de “subida”.

[6] O primeiro exemplo de pobreza, desapego dos bens terrenos, é Maria, que deu à luz o menino Jesus em uma estrebaria (“humilde hospício”) em Belém e, em seguida, colocou-o em uma manjedoura (“Lucas”, 2, 7).

[7] Caio Fabrício Luscino, cônsul romano. Em 282 a.C. e em 280 a.C., recusou grandes dons oferecidos respectivamente pelos samnitas e por Pirro, preferindo a pobreza a trair a própria pátria.

[8] Trata-se de São Nicolau de Mira (século III - século IV) e o exemplo se refere a uma das tantas lendas vinculadas ao santo: o jovem Nicolau, sabendo que um homem, por ter caído em extrema pobreza, viu-se obrigado a prostituir as três filhas, levou à casa do homem, por três noites, uma sacola cheia da moedas, suficientes para o dote das três filhas. Esse exemplo mostra que a virtude aqui proclamada não é tanto a pobreza quanto o desapego dos bens terrenos.

[9] A maligna planta era a dinastia capetiana, casa real francesa. O personagem que fala é Hugo Capeto, primeiro rei da casa real, primeiro rei da dinastia, que governou entre 987 e 996, depois do fim da dinastia carolíngia. No texto original, o personagem diz ter sido raiz da “maligna planta”, mas a origem da família foi, na verdade, seu pai, Hugo I, o Grande, duque de França, Borgonha e Aquitânia. Dante confunde ambos os personagens, por causa também das fontes históricas que, a respeito desses fatos, eram muito escassas e incertas.

“Se frutos bons produz, fato é que espanta”: é por isso que, nos versos anteriores, Hugo diz não esperar conforto do mundo: ele não tem nenhum descendente que quererá rezar por ele.

[10] Lila, Bruges, Donai, Grandja: são as cidades Lille, Bruges, Douai e Grand, que indicam toda a região de Flandres (Douai e Lille ficam na Flandres francesa; Grand e Bruges ficam na Flandres belga). Durante a segunda guerra entre franceses e flamengos (1297-1299), o rei da França, Felipe IV, o Belo, prometeu ao conde de Flandres a liberdade em troca da rendição. O conde se rendeu, mas

foi conduzido como prisioneiro a Paris junto com seus filhos. Em 1302, os flamengos se rebelaram e derrotaram clamorosamente os franceses em Courtrai. Essa é a vingança, que, na época da viagem de Dante (1300), é ainda um desejo de Hugo Capeto.

[11] Com exceção do filho e do neto de Hugo, Roberto e Henrique, todos os outros reis capetianos até o tempo de Dante se chamaram ou Luís ou Felipe.

“Novamente”: “nos últimos anos”.

[12] Nem Hugo nem seu pai foram filhos de carniceiro ou tiverem origens humildes.

Trata-se, provavelmente, de uma lenda difusa na época.

[13] “Antigos reis”: a dinastia carolíngia, extinta com a morte de Ludovico V.

“Exceto um monge”: outra lenda. Após a morte de Ludovico, restava ainda seu tio, Carlos, duque de Lorena. Ele tentou se opor à eleição de Hugo, mas foi capturado e mantido na prisão até sua morte. Há diversas hipóteses para a confusão de Dante a respeito desse particular.

[14] Isso corresponde historicamente não a Hugo Capeto, mas a seu pai, já que o próprio Hugo foi o primeiro rei capetiano e não seu filho. Da fato, o filho de Hugo, Roberto I, foi associado ao reino seis meses depois da eleição de Hugo, como modo de garantir a sucessão. “Prole ungida”: os reis capetianos eram consagrados na catedral de Reims, durante a coroação. A expressão pode ser também de tom irônico.

[15] “Grã dote”: provavelmente o condado de Provença, dote de Beatriz, filha de Raimundo IV Berengário, quando se casou com Carlos I d’Anjou (irmão do rei Luís IX), em 1245. “A prístina vergonha”: o casamento aconteceu, mediante fraudes e negociações secretas de Carlos não obstante Beatriz estivesse prometida a Raimundo de Toulouse. Além disso, para que o casamento acontecesse, a Provença foi invadida por tropas francesas. Isso marcou o “fim dos escrúpulos” da dinastia.

“Somenos, mas aos bons não fora avessa”: até então a dinastia era irrelevante, mas ao menos não fazia o mal.

[16] O dote de Provença deu início às conquistas ilegítimas francesas (“rapinas”).

“Por penitência”: por expiação ao mal cometido anteriormente, forte ironia.

Ponthieu (Pontois), Normandia e Guasconha: feudos que a Inglaterra governava. Ponthieu e Guasconha foram tomados por Felipe IV em 1294. A Normandia havia sido tomada por Felipe II em 1204 (mas as lutas pela região continuaram). Pode ser que Dante não conhecesse a data precisa da tomada da Normandia ou que ele tenha elencado as três conquistas enquanto fatos semelhantes, independentemente da data.

17 Carlos: Carlos d'Anjou, que, em 1265, foi à Itália para lutar contra Manfredi e tomar o reino da Sicília. Após a morte de Manfredi, em 1266, Conradino tentou reconquistar o reino, mas foi derrotado e capturado por Carlos, que determinou a sua decapitação em Nápoles, em 1268, quando ele tinha apenas 16 anos.

"Ao céu mandou Tomás": provocou a morte de São Tomás de Aquino. Dizia-se que Carlos havia mandado envenenar Tomás, enquanto este se dirigia ao Concílio de Lyon, em 1274. Carlo teria feito isso por medo do que Tomás poderia ter dito sobre ele no concílio ou porque o santo teria repreendido alguma ação. Hoje se sabe que a história do envenenamento é falsa.

"Por penitência": a tripla ocorrência da mesma expressão em rima está presente no texto original do poema e sublinha com forte sarcasmo todo o trecho.

18 "Outro Carlos": Carlos de Valois, irmão de Felipe, o Belo. Em 1301, foi à Itália, para reconquistar a Sicília, que a casa de Anjou havia perdido. Dirigindo-se ao papa Bonifácio VIII para ganhar apoio da Igreja, foi enviado pelo papa a Florença, sob o pretexto de promover a paz. Na verdade, sua ação em Florença favoreceu os guelfos negros e provocou o exílio dos brancos, entre eles Dante.

19 "Sai sem armas": Carlos não levou consigo um exército propriamente dito.

"Lança de Judas": a arma da traição, usada contra os florentinos.

20 Carlos de Valois era chamado "sem-terra", porque não tinha nenhum terreno para governar. Sua empresa para reconquistar a Sicília também falhou e sua viagem à Itália resultou apenas em pecado e afronta.

"Que se lhe há… em conta": o pecado e a afronta serão tanto mais graves quanto menos valor ele der a eles.

21 "Outro": Carlos II d'Anjou (1248-1309), filho de Carlos d'Anjo.

"Que preso sai da própria nave": na batalha naval do Golfo de Nápoles, Carlos foi derrotado pelos aragoneses e foi capturado, saindo preso de sua própria nave.

"A filha vender": em 1305, Carlos deu a filha, ainda muito jovem, em casamento

a Azzo VIII d’Este. Ao que parece, Carlos teria obtido com isso uma grande quantia em de dinheiro.

[22] Alagni: Agnani. Flor-de-lis: insígnia da casa real francesa.

“E Cristo em seu vigário é cativado”: Cristo é cativado na pessoa de seu vigário, o papa.

Os versos aludem ao famoso “ultraje de Agnani”, conclusão dos longos conflitos entre o papa Bonifácio VIII e Felipe, o Belo. Em 1303, Guilherme de Nogaret, ministro de Felipe, e Sciarra Colonna (família inimiga da família do papa, os Caetani), entraram à força no palácio pontifício de Agnani. O papa, que estava com suas vestes pontifícias, foi insultado e declarado prisioneiro. Alguns dias depois, ele foi libertado e pôde tornar a Roma, graças a uma insurreição popular.

[23] Cristo sofrerá novas ofensas, dessa vez na pessoa do papa. Bonifácio morreu um mês depois do episódio. Os “ladrões” são aqui Guilherme e Colonna, que, contudo, permaneceram vivos.

[24] “Novo Pilatos”: Felipe, o Belo, que declarou não ter tido responsabilidade no ocorrido em Agnani. Felipe deixou o papa nas mãos de seus adversários, os Colonna.

“Sem decreto assalta / O Templo”: alusão à supressão da Ordem dos Templários, realizada por Felipe para se apossar de seus bens (além disso, o rei tinha muitas dívidas com a ordem). A ordem havia sido criada após a primeira cruzada, para defender o reino de Jerusalém, e havia se difundido por toda a Europa, conquistando muitas riquezas. Em 1307, ele acusou a ordem de heresia e outros delitos, fez com que membros seus fossem presos, processados e supliciados. Entretanto, isso foi realizado sem seguir a condenação regular da Igreja (“sem decreto”), que era a única que tinha o poder de julgar a ordem, que dependia diretamente da Santa Sé. A supressão oficial saiu apenas em 1312, depois que Felipe pressionou o papa Clemente V. O papa havia determinado que os bens passassem para a ordem dos Hospitalários, mas Felipe continuou a receber os rendimentos dos bens imóveis, não pagou suas dívidas e não devolveu o dinheiro que já havia pegado.

[25] “A Esposa do Espírito Santo”: Maria. Agora Hugo responde à segunda pergunta de Dante, referente aos exemplos proclamados.

[26] Na verdade, o original diz que os exemplos de virtude são alternados às orações realizadas (como o salmo citado no canto anterior), de modo semelhante

ao responso litúrgico, durante o dia. Pode ser que Xavier Pinheiro tenha seguido outra edição, segundo a qual os exemplos proclamados são prescritos às orações (sendo também eles uma forma de oração) que os penitentes têm de fazer durante o dia.

[27] Hugo cita os exemplos de avareza punida, proclamados durante a noite.

Pigmalião: rei de Tiro, irmão de Dido (rainha de Cartago). Pigmalião matou a traição o tio Siqueu (por isso é chamado "parricida"), marido de Dido, para tomar suas riquezas. Isso é narrado em *Eneida*, I, (340-364).

[28] Midas, rei da Frígia, havia pedido ao deus Baco o dom de transformar em ouro tudo o que tocasse. Mas, por causa disso, transformavam-se também as comidas e bebidas, o que levou o rei a pedir que Baco o livrasse desse dom. Isso é narrado em *Metamorfoses*, XI, 85-145.

[29] Acã, contra as ordens de Josué, roubou parte dos despojos tomados a Jericó, os quais haviam sido consagrados a Deus. Quando o delito foi descoberto, Acã foi apedrejado com sua família. Isso é narrado em Josué, 6, 17-19; 7, 1-26.

[30] Os primeiros cristãos viviam em comunidade e aqueles que tinham propriedades vendiam-nas, davam o dinheiro para o uso comum e esse dinheiro era distribuído. Safira e seu marido Ananias, tendo se convertido ao cristianismo, aceitaram esse costume, mas entregaram apenas metade do dinheiro recebido. Foram desmascarados por São Pedro, mentiram e foram fulminados por Deus. Isso é narrado em Atos dos Apóstolos, 5, 1-11.

[31] O rei da Síria, Seleuco IV, mandou que Heliodoro fosse ao templo de Jerusalém, para tomar o seu tesouro. Mas, quando entrou no templo, foi impedido por um terrível cavaleiro, que o atacou junto com outros dois jovens. "Mau fim" se refere aqui ao ataque que Heliodoro sofreu, já que, depois disso, ele se converteu ao Deus de Israel. Isso é narrado em 2 Macabeus 3, 7-40.

[32] Príamo, rei de Troia, enviara o filho Polidoro aos cuidados do genro Polimestor, para salvá-lo dos perigos da guerra de Troia. Polimestor, contudo, matou Polidoro, para se apossar de suas riquezas. A história, já citada em "Inferno", XXX, é narrada em *Eneida*, III, 19-68 e *Metamorfoses*, XIII, 429-575.

[33] Marco Licínio Crasso, triúnviro com César e Pompeu, conhecido por suas riquezas e por sua cobiça. Foi derrotado pelos partas e decapitado. Sua cabeça foi levada ao rei Orodes, que colocou em sua boca ouro derretido, por conhecer sua grande cupidez.

[34] O texto não fala de “altura”.

[35] O deus Netuno fez surgir sobre as águas a ilha de Delos, para que Latona pudesse dar à luz os deuses Apolo e Diana, longe da ciumenta Juno. A ilha, inicialmente, vagava pelo mar, mas Apolo a fixou como recompensa pelo refúgio oferecido à mãe. Os comentadores não sabem se a menção a Delos seja referência a essa sua característica primitiva ou referência a uma lenda segundo a qual a ilha teria sido afetada por violentos terremotos no passado.

“Os dois olhos do céu”: Apolo e Diana, que são o Sol e a Lua.

[36] “Glória a Deus nas alturas”: palavras cantadas pelos anjos após o nascimento de Jesus (Lucas, 2, 14).

[37] “Como os pastores”: como os pastores de Belém.

“Té findar moto e soído”: até cessarem o movimento da montanha e o canto. É plausível que o canto se conclua segundo a narrativa evangélica, com o versículo “e paz na terra aos homens de boa vontade”.

[38] Isto é, depois do canto de glória, entoado por todos.

CANTO XXI

Apresenta-se aos poetas a sombra de Estácio, que, expiados os seus pecados, subia em demanda do Paraíso. Causa e ocasião do terremoto e do clamor que se lhe seguira.

Enquanto Dante e Virgílio caminham, aparece a alma de Estácio, que fala com eles e explica o motivo do terremoto e do canto. Estácio revela sua grande admiração por Virgílio.

1 A sede natural, que não sacia
Senão a água, que, súplice, implorava
Ao Senhor a mulher de Samaria,[1]
2 Molestando-me, os passos me apressava
Após meu Guia na impedida estrada,
E do justo castigo o dó me entrava.[2]
3 Eis, como escreve Lucas na sagrada
História, que Jesus aparecera,
Ressurgido, aos dois sócios na jornada,[3]
4 Uma sombra surgiu; trás nós viera.
Andando, aquela turba contemplava:
Dela fé nem o Mestre, nem eu dera.[4]
5 — "Deus vos dê paz, irmãos!"[5] — assim falava.
Voltamo-nos de súbito, e Virgílio,
Cortês no gesto, à saudação tornava,
6 Logo dizendo: — "Do feliz concílio
Te receba na paz a santa corte,
Que a mim me desterrou no eterno exílio!"
7 — "Como andais" — respondeu — "com passo forte,[6]
Se Deus no céu vos não permite a entrada?
Quem vos conduz na altura desta sorte?"
8 — "Os sinais de que a fronte está marcada
Deste homem por um anjo" — diz meu Guia —
"To mostram digno da eternal morada.[7]
9 "Mas, como aquela que incessante fia,
Não lhe havia ainda a estriga consumido,
Que impõe Cloto ao que a vida principia,[8]
10 "Subir só não teria ao céu podido
A sua alma, irmã tua, como é minha,
Pois não há, como nós, ver conseguido.[9]
11 "Do Inferno às fauces fui tirado asinha
Para guiá-lo, e o guiarei contente
No que do meu saber não passe à linha.

12 “Se puderes, me diz por que o eminente
Monte, há pouco, tremeu, e desde a c’roa
À base retumbou clamor ingente.”[10]
13 “A pergunta ao desejo tão bem soa,
Que ouvi-la a sede ardente me alivia;
Somente uma esperança mitigou-a.[11]
14 “Quanto hás notado” — a sombra respondia —
“Em nada os ritos da montanha altera:
De estranheza motivo não seria.[12]
15 “Mudança aqui supor se não pudera:
Subindo ao céu quem pertencer-lhe deve,
A causa dá-se que esse efeito opera.[13]
16 “Nunca saraiva, chuva, orvalho ou neve
Nesta montanha cai, passando a altura
Dos três degraus que estão na escada breve.[14]
17 “Aqui não se vê nuvem clara ou escura,
Relâmpago não luz, nem de Taumante
Mostra-se a filha, que tão pouco dura.[15]
18 “Jamais daqueles três degraus avante,
Em que de Pedro o sucessor domina,
Seco vapor se eleva um só instante.[16]
19 “Tremor talvez a sua base inclina;
Mas não atua no alto oculto vento,
Que, não sei como dentro se amotina.[17]
20 “Quando já de estar puro o sentimento
Uma alma tem e se ala ao céu, que a chama,
Segue o tremor e o grito ao movimento.[18]
21 “Seu querer a pureza lhe proclama,
Prova que tem de alçar-se a liberdade
Por força do desejo, em que se inflama.[19]
22 “Antes o tem; mas contra essa vontade
A divina justiça ardor lhe inspira

Por pena, como o teve por maldade.[20]
23 “Eu que em martírio decorridos vira
Anos quinhentos, à melhor morada,
Momentos poucos há, pus livre a mira.[21]
24 “Eis do tremor a causa declarada!
Do Senhor eis por que, louvor cantando,
Rogou cada alma em breve ser chamada!”[22]
25 Calou-se. E como, tanto mais gozando
Está quem bebe quanto é mor a sede,
Indizível prazer tive escutando.
26 — “Vejo” — disse Virgílio — “agora a rede,
Que vos prende e depois dá liberdade,
Donde o tremor e o júbilo procede.
27 “Explicar-me te praza ainda, em verdade,
Quem tu foste e a razão por que hás jazido
Séc’los tantos em tanta asperidade.” —
28 — “No tempo em que o bom Tito, protegido
Por Deus, vingou as chagas que verteram[23]
Sangue, por Judas” — replicou — “vendido,
29 “Na terra o nobre título me deram,
Que mais honra perdura, e fui famoso:
Ainda os lumes da fé me não vieram.[24]
30 “Dos meus cantos o som foi tão donoso,
Que de Tolosa a si me atraiu Roma:
C’roas me deu de mirto glorioso.[25]
31 “De Estácio o nome ainda o tempo doma;
Tebas cantei e Aquiles esforçado:
Este das forças me exauriu a soma.[26]
32 “Do vivo ardor, que a mente me há tomado,
Na flama divinal a causa estava,
Que em milhares de engenhos há brilhado.
33 “Mãe e nutriz a Eneida me alentava;
Estro bebi caudal no seio puro;

Quanto vali da Eneida derivava.[27]
34 “Para viver no tempo (te asseguro)
Em que existiu Virgílio, mais um ano
Passara no, que deixo, exílio duro.”[28]
35 Estas vozes ouvindo, o Mantuano
Olhou-me. — Cala-te! — sem falar dizia.[29]
Mas a vontade está sujeita a engano:
36 Ou no pranto ou no riso se anuncia
Tão rápida a paixão, quando se acende,
Que o querer nos sinceros prende e lia.[30]
37 Sorri-me como quem sagaz compreende.
Calou-se o esp’rito; e me encarava atento
Nos olhos onde a mente mais se entende.[31]
38 — “Sejas” — disse — “feliz no excelso intento![32]
Explica-me, porém, por que em teu rosto
Lampejar vi sorriso de momento.”
39 Entre os extremos dois estava eu posto:
Um diz — silêncio! — outro a falar me instiga.
Suspiro, e o Mestre atenta em meu desgosto.
40 — “Responde, que ao silêncio nada obriga.
Fique” — disse — “a verdade bem patente,
O que anela saber ele consiga.”
41 — “Maravilha causou provavelmente” —
Tornei-lhe — “antigo espírito, o meu riso;
Maior será me ouvindo, certamente.
42 “Virgílio é quem me guia ao Paraíso:
Para deuses e heróis cantar tiveste
Por ele o esforço que te foi preciso.
43 “Se outra causa em meu riso supuseste,
Te enganaste: o motivo declarado
Nas palavras está que lhe disseste.”
44 Quer os pés abraçar do Mestre amado,
E o Mestre: — “Irmão, que fazes?” — lhe dizia —

“Vê que és sombra e de sombra estás ao lado!” —
Erguendo-se ele: — “Tanto me extasia
O amor” — disse — “em que por ti me acendo,
Que da nossa vaidade[33] me esquecia,
Tratar sombras quais corpos pretendendo.”

---

[1] “A sede natural”: o desejo de saber, inerente ao homem.

“A mulher de Samaria”: Jesus, encontrando uma mulher da Samaria no poço de Jacó, fala sobre uma “água viva”, que, diferentemente da água do poço, sacia a sede para sempre. A mulher, então, pede essa água a Jesus. Isso é narrado em João, 4, 5-15. Na exegese bíblica, a água viva é a graça divina.

[2] “Molestando-me”: pois Dante queria conhecer a causa do terremoto e do canto.

[3] No Evangelho segundo Lucas (24, 13-17), narra-se que Jesus, ressuscitado, apareceu a dois discípulos que caminhavam em direção a Emaús.

[4] No original, o termo correspondente a “contemplava” pode ser referido à “sombra”, mas o mais lógico é que se refira aos poetas, que não notam a aproximação da alma.

Na tradução, o termo pode ser entendido como referido à sombra ou como referido a Dante (e, por extensão, a Virgílio).

[5] Saudação de Jesus ressuscitado a seus discípulos, em diversos momentos dos Evangelhos (Lucas, 24, 36; João, 20, 19 e 26).

[6] No texto original, “com passo forte” é intervenção do narrador, que diz que, enquanto a alma falava, eles caminhavam rapidamente.

[7] Segundo alguns comentadores, essa fala de Virgílio seria um indício de que todas as almas do Purgatório têm os PP gravados na testa (nesse momento, Dante já apresenta três PP, estando no quinto círculo).

[8] A perífrase, baseada no mito das Parcas, significa que Dante ainda está vivo.

“Estriga”: porção de filamentos, colocada sobre a roca para a fiação.

As Parcas são as deusas que fiam o destino dos homens: Cloto coloca a estriga

sobre a roca no começo da vida do homem; Láquesis fia (“aquela que incessantemente fia”); Átropos, no momento da morte, corta o fio.

[9] A alma de Dante, estando unida ao corpo, não vê a verdade com a mesma clareza com a qual veem os puros espíritos, como Virgílio e seu interlocutor.

[10] “Desde a c’roa / À base”: em todo o monte.

[11] Virgílio finalmente perguntou sobre aquilo que Dante desejava ardentemente saber. E só a formulação da pergunta e a esperança de resposta aliviam o desejo de Dante.

[12] No original, o personagem diz que nada ocorre no monte sem uma ordem preestabelecida ou fora da sua norma.

[13] “Mudança”: alterações devidas a fenômenos naturais.

“Subindo ao céu quem pertencer-lhe deve, / A causa dá-se que esse efeito opera”: a tradução antecipa o motivo do terremoto: ele ocorreu não por um fenômeno natural, mas porque uma alma, tendo purgado seus pecados, está subindo ao céu. Esse é, de fato, o motivo do terremoto. Mas, no texto original, nesses versos o personagem está ainda introduzindo a sua resposta, dizendo: “aqui não há mudanças devidas a fenômenos naturais; a causa das aparentes alterações que ocorrem no Purgatório não podem derivar senão do céu”. Isto é, aquilo que ocorre no Purgatório não tem causa física ou natural, mas depende diretamente dos céus, em sua autonomia em relação à terra.

[14] Os três degraus que estão na entrada efetiva do Purgatório. Logo, o Antipurgatório está sujeito aos fenômenos naturais.

[15] “A filha de Taumante”: Íris, filha de Taumante e de Electra, mensageira dos deuses e personificação do arco-íris.

“Que tão pouco dura”: subentende-se: no mesmo lugar. O arco-íris, de fato, muda constantemente de lugar, porque está sempre oposto ao Sol.

[16] “O sucessor de Pedro”: o anjo que está diante da porta do Purgatório (“Purgatório”, IX 103-104).

“Seco vapor”: segundo a ciência do tempo, que seguia Aristóteles, as alterações terrestres eram causadas por vapores. Os vapores úmidos causavam as precipitações; os vapores secos e finos causavam os ventos; os vapores secos e densos, estando aprisionados na terra, causavam os terremotos.

[17] Talvez ocorram terremotos naturais na base da montanha (no Antipurgatório), mas esse tremor não chega ao alto da montanha (ao Purgatório).

“Oculto vento”: o vapor seco e denso que, dentro da terra, causa o terremoto.

“Não sei como”: aqui, parece que a expressão é referida ao modo como os terremotos ocorrem. Entretanto, o mais provável é que a expressão se refira a “mas não atua no alto”. O personagem está dizendo que, mesmo que terremotos naturais ocorram na base da montanha, eles não atingem o alto da montanha. Ele fala pela própria experiência e não necessariamente conhece todos os motivos de tal fenômeno.

[18] O terremoto e o canto ocorrem quando uma alma, sentindo-se purificada, sobe para o céu.

[19] A alma sabe que está purificada quando sente a vontade de subir e a liberdade para fazê-lo; e a realização dessa vontade proporciona prazer à alma, provocando nela ardente desejo.

[20] Esses versos esclarecem os anteriores. As almas sempre têm a vontade de subir ao céu, mas, antes da purificação, elas não têm liberdade, pois a divina justiça inspira nelas o desejo pela punição, como, na terra, essas almas tiveram o desejo pelo pecado (“como o teve por maldade”). Após a purificação, as almas se tornam livres, podendo realizar sua vontade de subir ao céu. E é por isso que é só nesse momento que a vontade de subir lhes proporciona prazer e acende nelas o desejo de realizar tal vontade: antes, a vontade era detida pelo desejo de purificação; terminada a purificação, a vontade está livre.

Segundo grande parte dos comentadores, há aqui uma distinção tomística entre a “vontade absoluta” e a “vontade relativa”: a vontade absoluta é aquela de subir ao céu; a vontade relativa (condicionada) era, na terra, a vontade do pecado, enquanto no purgatório é a vontade da expiação. Segundo outros, trata-se da distinção entre vontade (subir ao céu) e desejo instintivo (pecar; expiar), que, diferentemente da vontade, pode ser irracional.

[21] “Que em martírio decorridos vira / Anos quinhentos”: no original, o personagem diz que sofreu, por mais de quinhentos anos, apenas o martírio do quinto círculo. De fato, como se verá, a sua expiação durou muito mais do que quinhentos anos, distribuída entre diversas penas, das quais a mais longa foi a do quinto círculo.

“Melhor morada”: o paraíso.

[22] Na verdade, as almas cantaram um hino de louvor a Deus por causa da libertação de uma alma, não para pedir a própria libertação. A esperança de que essas almas sejam logo libertadas é subentendida no texto, podendo se referir seja às próprias almas, seja, mais provavelmente, ao personagem que aqui fala (ele, como gratidão pelo canto realizado pela sua libertação, deseja que logo essas almas também sejam libertadas).

[23] "No tempo em que Tito, com a ajuda de Deus, vingou a morte de Jesus…" Alusão à destruição de Jerusalém por obra de Tito, em 70 d.C. Dante interpreta esse evento como uma justa punição (determinada pela Providência Divina e realizada pelo império) contra o povo hebreu, por causa da morte de Jesus. No ano 70, era imperador o pai de Tito, Vespasiano.

O personagem que aqui se apresentará é Públio Papínio Estácio (45-96 d.C.), poeta latino épico e lírico, muito conhecido na Idade Média. O nome de Estácio se soma ao elenco dos maiores poetas antigos apresentado no Limbo ("Inferno", IV). Muitos são os significados atribuídos à figura de Estácio no poema: alguns o consideram a filosofia moral (como Virgílio seria a filosofia racional), outros a ciência especulativa, outros um completamento de Virgílio (já que, segundo Dante, ele teria se convertido ao cristianismo).

[24] "O nobre título que mais honra perdura": o título de poeta.

"Ainda os lumes da fé me não vieram": Estácio era ainda pagão.

[25] Na verdade, Estácio nasceu em Nápoles, não em Tolosa, como ele mesmo afirma em sua obra *Silvae* (III, 5), desconhecida na Idade Média. O erro, que se tornou corrente na época de Dante, é devido à confusão com Lúcio Estácio Úrsulo, nascido em Tolosa.

[26] Tebas e Aquiles: indicam os dois poemas épicos de Estácio: a *Tebaida*, que narra, em doze livros, a guerra dos Sete contra Tebas, e a *Aquileida*, poema que deveria narrar toda a vida de Aquiles, mas que permaneceu incompleto por causa da morte do poeta. Estácio escreveu ainda as *Silvae*, conjunto de poesias de amor, obra desconhecida na Idade Média.

[27] O ardor poético de Estácio teve origem na divina chama que já acendera o ardor de muitos outros poetas. Essa chama é a *Eneida*. O termo "divina" ("divinal") atribuído à *Eneida* deriva diretamente da *Tebaida* (XII, 816-817).

"Estro caudal": copiosa inspiração poética.

[28] Estácio afirma que, para ter vivido na época em que viveu Virgílio, teria aceitado mais um ano de pena no Purgatório (“exílio duro”).

[29] Verso aparentemente hipérmetro.

[30] O riso e o pranto seguem tão instintivamente ao sentimento (“paixão”) do qual nascem que eles estão menos sujeitos à vontade nas pessoas mais sinceras. Quanto mais sincera uma pessoa é, menos ela consegue dissimular os próprios sentimentos, independentemente da sua vontade.

[31] Nos olhos, onde o sentimento interno da alma é mais evidente.

[32] “Excelso intento”: a viagem de Dante.

[33] “Vaidade” aqui significa a inconsistência corpórea de Estácio e Virgílio.

CANTO XXII

Virgílio, Dante e Estácio sobem ao sexto círculo, onde se expia o pecado da gula. Narra Estácio como se convertera ao cristianismo. Árvore carregada de frutos e água cristalina que espadana da rocha. Exemplos de temperança.

Dante, Estácio e Virgílio sobem para o sexto círculo. Durante a subida, Estácio explica a verdadeira natureza do pecado que purgou no quinto círculo e conta como se arrependeu e como se converteu ao cristianismo. A pedido de Estácio, Virgílio fala de alguns personagens que estão com ele no Limbo. Sexto círculo: gulosos. Os poetas veem uma árvore e uma fonte. Uma voz proclama exemplos de temperança.

1 O anjo atrás já tínhamos deixado,
Que para o sexto círc'lo nos guiava,
Um P na fronte havendo-me apagado,
2 E a turba, que a justiça desejava,
Tinha dito *Beati* docemente
Com *sítio* e, após tais vozes, se calava.[1]
3 Mais que em toda a jornada antecedente
Eu, ligeiro,[2] seguia sem fadiga
Os vates, que subiam velozmente.
4 "Aquele amor, com que virtude instiga,
Reproduz" — disse o Mestre — "a própria chama,
Mostras de si apenas dar consiga.[3]
5 "Dês que, da vida terminada a trama,
Do inferno ao limbo Juvenal descendo,
Saber me fez o afeto que te inflama,[4]
6 "Tão vivo bem-querer, sabe, te rendo,
Quanto haver pode a incógnita pessoa,[5]
Contigo ora suave andar me sendo.
7 "Mas dize (e como amigo[6] me perdoa,
Se em meu falar há nímia confiança
E em prática amigável arrazoa):
8 "'Como avareza fez em ti liança
Com ciência, que o estudo te alcançava,
E em que punhas cuidados e esperança?"[7]
9 Às palavras do Mestre pronto estava
Estácio, e lhe sorrindo: — "O que me hás dito
Penhor caro é de afeto" — lhe tornava.
10 "Muitas vezes da dúvida o conflito
Por aparência errônea é suscitado,
Até que a exata causa surja ao esp'rito.
11 "Fica em tua pergunta declarado
Creres que eu fora avaro noutra vida,
Por ser no círc'lo a avaros destinado.

12 “Pois sabe que a avareza repelida
Por mim foi nimiamente, e a demasia
De luas em milhares foi punida.[8]
13 “Minha alma eterno fardo volveria,[9]
Se atenção tanta em mim não despertasse
A indignação, que nos teus versos via,
14 “Quando lançaste dos mortais à face:
— “A que extremos impeles os humanos,
“Fome de ouro sacrílega e rapace!”[10] —
15 “Então do excesso em despender os danos
Aprender pude, agro pesar sentindo
Desse pecado e de outros tanto insanos.
16 “Chorarão, tosquiados ressurgindo,
Quantos não têm sabido à penitência
Dar-se em vida ou sua hora extrema em vindo![11]
17 “Cada culpa e a que tem contrária essência
Aqui a pena dão conjuntamente
No martírio expurgando a virulência.[12]
18 “Estive entre essa turba penitente,
Que o desvario chora da avareza
Por ter sido no oposto renitente.”
19 — “Quando cantaste de armas a crueza,
Que duplamente molestou Jocasta” —
Disse o cantor da pastoril simpleza[13] —
20 “Pois que de Clio então o ardor te arrasta,
Ainda o fervor da fé não te incendia,
E o bem sem fé para salvar não basta:[14]
21 “Que sol, que estrela em treva tão sombria
Te aclarou e dessa arte alçar pudeste
Velas após o pescador que se ia?”[15]
22 — “Primeiro” — disse Estácio — “tu me deste
Do Parnaso a beber na doce fonte
E de Deus santa luz ver me fizeste.[16]

23 “Hás sido como à noite o guia insonte,
Que leva a luz, mas o seu bem não prova,
E aqueles serve, de quem vai na fronte,
24 “Quando disseste — ‘O séc’lo se renova,
Volta a justiça, volta a idade de ouro,
E progênie do céu descende nova’.[17]
25 “Por ti ganhei a fé, de vate o louro:[18]
Isto deve, porém, ser-te explicado;
Dê ao desenho a cor de claro o foro.
26 “Já estava o mundo inteiro alumiado
Da vera crença que do reino eterno
Os mensageiros tinham propagado.[19]
27 “O vaticínio teu, Mestre superno,
Aos predicantes novos se adaptava;
Por isso, os frequentando, o bem discerno.
28 “Tanto a virtude sua me enlevava,
Que, quando os perseguiu Domiciano,[20]
Ao pranto seu meu pranto acompanhava.
29 “Enquanto estive no viver humano,
Dei-lhes socorro e o seu exemplo austero
Ódio inspirou-me às seitas do erro insano.
30 “Antes já de cantar o cerco fero
De Tebas, no batismo renascera:
Mas, de medo, ocultei meu crer sincero.[21]
31 “Gentio largo tempo eu parecera;
Por isso hei tantos séc’los padecido
No círc’lo quarto; a pena merecera.[22]
32 “Tu a quem devo, pois, ter conseguido
O véu rasgar, que tanto bem cobria,
Pois que tempo em subir é concedido,[23]
33 “Onde, me diz, Terêncio ora estancia?
Onde está Plauto Varro com Cecílio
A qual parte do Inferno a culpa os lia?”[24]

34 — “Aqueles, Pérsio e eu” — tornou Virgílio
“E os outros mais, o Grego acompanhamos
Predileto, das musas;[25] lá no exílio
35 “Do círculo primeiro demoramos.
Vezes frequentes do famoso monte,
Das Camenas assento, praticamos.[26]
36 “Eurípide é conosco e Anacreonte,
Simônide, Ágaton e outros ainda
Gregos que cingem de laurel a fronte.[27]
37 “’Stão heroínas que cantaste: a linda
Antígona, Deifile com Argia,
Ismênia, em quem tristeza nunca finda.[28]
38 “Vê-se também a que mostrou Langia,
Tétis se vê e de Tirésia a filha,
E das irmãs Deidama em companhia.”[29]
39 Os dois, da poesia maravilha,
Calaram-se, a que os cerca atentos ’stando,
Vencida sendo da subida a trilha.[30]
40 Das ancilas do dia atrás ficando
A quarta, logo a quinta se jungia
Ao carro ardente, ao alto o encaminhando,[31]
41 Quando o Mestre — “Eu suponho” — nos dizia —
“Que nós à destra caminhar devemos,
Volteando, como antes se fazia.”[32]
42 Destarte na exp’riência a mestra havemos,
E no andar prosseguimos confiados,
Porque de Estácio o assenso recebemos.
43 Iam diante os vates afamados,
E eu logo após, nas vozes escutando
Arcanos da poesia sublimados,
44 Eis rompe esse colóquio doce e brando
Uma árvore, que à estrada em meio achamos:
Lindos pomos na fronde estão cheirando.

45 Vão para cima decrescendo os ramos
De abeto; estes descendo diminuem:
Para alguém não subir — acreditamos.[33]
46 Límpidos jorros do penedo ruem
Da parte em que a montanha a estrada mura;
Sobre as folhas em rocio as gotas fluem.[34]
47 Estácio com Virgílio se apressura
Para essa árvore, quando voz da fronde,
Gritou: — "Não gozareis desta doçura!
48 "Maria (e o seu desejo não se esconde)
Atende mais das bodas à grandeza
Que ao seu gosto; e por vós ora responde.[35]
49 "Das romanas à antiga singeleza
Água bastava;[36] e Daniel ciência
Logrou, tendo em desprezo a régia mesa.[37]
50 "Chamou-se de ouro a idade da inocência;
Fez as glandes a fome saborosas;
Água em néctar tornou da sede a ardência.[38]
51 "Ao Batista iguarias bem gostosas
Mel, gafanhotos foram no deserto:
Assim fez grandes obras gloriosas,
Como pelo Evangelho ficou certo."[39]

---

[1] Quem proclama a bem-aventurança é o anjo, chamando beatos aqueles que desejam a justiça. Trata-se da quarta beatitude: *Beati qui esuriunt et sitiunt iustitiam* ("bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça", Mateus, 5, 6). Entretanto, o narrador diz que o anjo proclama a beatitude apenas com o termo *sitiunt* ("têm sede"; na tradução, "sítio", talvez para efeitos de métrica). Logo, o anjo diz apenas "bem-aventurados os que têm sede de justiça", adaptando a frase à situação dos avaros. Desse modo, a frase significa: bem-aventurados os que têm sede não de riquezas, mas de justiça.

[2] Na viagem pelo Purgatório, Dante se sente cada vez mais leve, livrando-se gradualmente do peso dos pecados (simbolizados pelos PP em sua testa).

[3] O amor gerado pela virtude (isto é, o bom amor) sempre cria outro amor (na pessoa amada), tão logo se manifeste externamente.

[4] Juvenal: Décimo Júnio Juvenal (c. 47-130 d.C.), poeta satírico romano, cujas obras eram muito apreciadas na Idade Média. Contemporâneo e admirador de Estácio.

[5] Bem-querer tão vivo quanto é possível ser nutrido por uma pessoa desconhecida.

[6] Refere-se provavelmente a Virgílio.

[7] Virgílio quer saber como é possível que Estácio, um poeta, tenha cometido um pecado tão mesquinho com a avareza. Os poetas eram considerados sábios e Virgílio considera a sabedoria deles incompatível com a avareza.

[8] De fato, Estácio não cometeu a avareza, mas o contrário: a prodigalidade.

“Nimiamente”: excessivamente.

“E a demasia / De luas em milhares foi punida”: e o excesso cometido foi punido por milhares de meses. “Lua” indica mês. Estácio ficou no quinto círculo por mais de quinhentos anos, ou seja, mais de seis mil meses.

[9] Alusão à pena dos avaros e pródigos, no quarto círculo do Inferno.

[10] Tradução dos versos “*Quid non mortalia pectora cogis / Auri sacra fames*?” (*Eneida*, III, 56-57) Na *Eneida*, essa frase é formulada pelo próprio narrador, como comentário ao episódio de Polidoro, assassinado por seu cunhado Polimestor, que desejava se apossar de suas riquezas (citado em “Purgatório”, XX, 115-117). A tradução realizada por Dante no texto italiano deu origem a muitas controvérsias entre os comentadores. Segundo alguns, ela pode ser interpretada como tradução exata das palavras de Virgílio. Segundo outros, a tradução que Dante faz no original italiano consiste em uma adaptação do texto latino à situação da prodigalidade (tais adaptações eram comuns na Idade Média). Entretanto, Xavier Pinheiro realiza uma tradução direta e precisa dos próprios versos virgilianos (em vez de traduzir os versos de Dante). Por isso, no texto de Xavier Pinheiro, deve-se entender a “sacrílega e rapace fome de ouro” como origem comum da avareza e da prodigalidade.

[11] “Tosquiados”: alusão ao modo como os danados por prodigalidade ressurgirão no Juízo Final, como dito em “Inferno”, VII, 55-57.

[12] Os críticos discutem se essa regra seria relativa a todo o Purgatório ou apenas a esse círculo, já que em nenhum outro momento a regra é mencionada.

[13] “Quando cantaste […] Jocasta”: quando Estácio estava compondo a Tebaida, que fala da guerra pelo domínio de Tebas entre os irmãos Etéocles e Polinices, filhos de Jocasta.

“O cantor da pastoril simpleza”: Virgílio, aqui designado pelas suas composições bucólicas, as *Éclogas*.

[14] Clio: musa da história, frequentemente invocada por Estácio na *Tebaida*. Entretanto, no original Virgílio não deduz que Estácio ainda fosse pagão só porque ele invocava Clio: Dante é um poeta cristão e frequentemente faz invocações às musas e a deuses pagãos. Na verdade, Virgílio diz: pela sua narração (realizada com a ajuda de Clio), não parece que você já fosse cristão.

[15] “Que sol, que estrela”: que iluminação divina ou que ensinamento humano.

“Pescador”: São Pedro, pescador por profissão, designado por Jesus “pescador de homens” (Lucas, 5, 10).

[16] Virgílio foi responsável não só pelo fato de Estácio ter se tornado poeta, mas também pelo fato de ele ter se convertido ao verdadeiro Deus.

“Do Parnaso a beber na doce fonte”: o Parnaso é o monte das Musas, no qual nasce a fonte Castália (símbolo da inspiração poética), cujas águas os poetas bebiam.

[17] Os versos são uma tradução/paráfrase dos versos 5-7 da Écloga IV de Virgílio, que celebra o nascimento de um menino (talvez o filho de Asínio Polião) como o retorno da idade de ouro. Os versos, desde o início da era cristã, foram sempre interpretados como profecia do nascimento de Cristo, o que intensificava a grande admiração que a Idade Média devotava a Virgílio.

[18] Por causa de Virgílio, Estácio se tornou poeta e cristão. A conversão de Estácio ao cristianismo, por causa da écloga de Virgílio, é lenda provavelmente criada por Dante, segundo o modelo de muitas lendas medievais.

[19] “Vera crença”: cristianismo.

“Mensageiros”: apóstolos.

[20] Tito Flávio Domiciano, imperador de 81 d.C. a 96 d.C. Segundo historiadores e autores do início da era cristã, realizou uma cruel perseguição aos cristãos. Hoje, essa perseguição não é reconhecida pelos historiadores.

[21] No livro IX da *Tebaida*, narra-se a chegada do exército grego, aliado a Polinices, aos rios de Tebas. Logo, Estácio quer dizer que foi batizado antes de escrever a *Tebaida*, antes de escrever o livro IX ou antes de terminar a *Tebaida*.

[22] Estácio, por ter ocultado o seu cristianismo por muito tempo, mereceu pena no círculo dos acidiosos (“circ’lo quarto”). No original, ele diz que ficou por mais de quatrocentos anos no quarto círculo.

[23] “Tanto bem”: a fé cristã.

“Pois que tempo em subir é concedido”: o diálogo ocorre na subida do quinto círculo ao sexto.

[24] Terêncio: Públio Terêncio Afro (192-159 a.C.), poeta latino, cujas comédias eram muito famosas na Idade Média.

Plauto: Tito Mácio Plauto (c. 254-184 a.C.), o mais famoso autor latino de comédias. Na Idade Média, eram conhecidos fragmentos de suas comédias.

Varro: pode se referir a um Varrão (o erudito Marco Terêncio Reatino ou o poeta Públio Terêncio Atacino). Entretanto, o mais provável é que se trate de Lúcio Vário Rufo, poeta amigo de Horácio e Virgílio.

Cecílio: Cecílio Estácio (220-166 a.C.), poeta cômico, cuja obra já havia sido perdida na Idade Média. Dante conhecia seu nome por citações encontradas em textos latinos.

[25] Pérsio: Aulo Pérsio Flaco (34-62 d.C.), poeta satírico, cuja obra era muito conhecida da Idade Média.

“O Grego predileto das musas”: Homero.

[26] “Círculo primeiro”: Limbo.

“O famoso monte”: o Parnaso.

“Camenas”: Musas.

Logo, os poetas do Limbo falam frequentemente sobre poesia.

[27] Eurípide: Eurípides (480-406 a.C.), um dos mais importantes poetas trágicos gregos.

Anacreonte: o texto original italiano fala, na verdade, de Antifonte, sendo Anacreonte uma variante tardia. Anacreonte foi poeta lírico grego. Já Antifonte foi poeta trágico grego do século IV a.C. Suas obras não foram conservadas, sendo conhecidos apenas títulos e fragmentos.

Simônide: Simônides (556-467 a.C.), poeta lírico.

Ágaton: poeta trágico do século V a.C., cujas obras não foram conservadas.

“Cingem de laurel a fronte”: pois são poetas.

Dante não conheceu diretamente as obras desses autores gregos, mas conheceu seus nomes graças a menções feitas em textos latinos ou em textos de Aristóteles traduzidos para o latim.

[28] Antígona: filha de Édipo, condenada à morte pelo tirano Creonte porque, desobedecendo à sua ordem, deu sepultura ao irmão Polinices.

Deifile: mulher de Tideu, um dos reis que atacaram Tebas.

Argia: irmã de Deifile e mulher de Polinices, uma das mulheres que possuíram o colar de Harmonia.

Ismênia: condenada à morte junto com a irmã Antígona. Viu a morte de toda a sua família e de seu noivo. Por isso, Virgílio fala de sua tristeza.

[29] “A que mostrou Langia”: Hipsípile, que mostrou aos reis gregos que marchavam contra Tebas a fonte Langia.

Tétis: ninfa marinha, mulher de Peleu, mãe de Aquiles.

“De Tirésia a filha”: a filha de Tirésias por antonomásia é Manto, a única citada nos poemas de Estácio. Entretanto, Manto não está no Limbo e sim em Malebolge. A ela é dedicado um longo trecho do canto XX do “Inferno”. Por isso, é pouco provável que Dante tenha esquecido, enquanto escrevia o “Purgatório”, o trecho do “Inferno” dedicado a Manto. Segundo alguns, o trecho sobre Manto teria sido um acréscimo tardio ao “Inferno”. Com isso, o esquecimento seria em relação ao trecho do “Purgatório”, menos relevante do que aquele do “Inferno”. Segundo outros, nesse momento Virgílio se refere não ao Limbo, mas ao Inferno em geral. Segundo outros ainda, o texto se refere a outra filha de Tirésias, mas Estácio não menciona em seus textos nenhuma outra filha de Tirésias. Além disso, parece provável que Dante conhecesse apenas uma filha de Tirésias. Finalmente, alguns pensam em uma corrupção do texto, que originalmente diria “a filha de Nereu, Tétis” (e não, como diz o texto italiano “a

filha de Tirésias, e Tétis").

Deidama: Deidamia, uma das filhas de Licomedes, rei de Esquiro. Foi amante de Aquiles, que a abandonou para ir à guerra de Troia.

[30] Sexto círculo, destinado aos gulosos.

[31] As servas ("ancilas") do dia são as horas. Os versos indicam que já se passaram quatro horas desde o nascer do sol e a quinta hora já se uniu ao carro do sol. O horário indicado está entre as dez e as onze da manhã.

"Ao alto o encaminhando": o carro do sol se eleva no céu até o meio-dia.

[32] Virgílio supõe que o melhor seja virar à direita e prosseguir com o lado direito voltado para a margem externa, como os poetas sempre fizeram no Purgatório.

[33] Os ramos dessa árvore, diminuindo de alto a baixo, formam uma figura oposta àquela dos ramos do abeto. Os comentadores ainda discutem se isso é dito somente em relação aos ramos ou se é dito em relação à árvore como um todo. Muitos comentadores antigos (e, por causa deles, alguns modernos) pensavam que se tratasse de uma árvore com as folhas voltadas para baixo e as raízes para cima.

[34] A "parte em que a montanha a estrada mura" é a parede rochosa que constitui a margem interna do círculo.

"Sobre as folhas em rocio as gotas fluem": segundo alguns comentadores, sobretudo antigos, a água sobe pelas folhas.

[35] O primeiro exemplo de temperança é Maria e se refere novamente ao milagre das Bodas de Caná, dizendo: Maria, ao dizer a Jesus que o vinho tinha acabado, preocupava-se com as bodas, e não com o prazer de beber vinho. O milagre é narrado em João, 2, 1-11 e mencionado em "Purgatório", XIII, 28-30.

"Responde": intercede.

[36] O segundo exemplo de temperança é aquele das antigas mulheres romanas, às quais bastava beber água. A fonte de Dante para esse exemplo é Valério Máximo (*Feitos e dizeres memoráveis*, II, 1, 5).

[37] Quando Nabucodonosor, rei da Babilônia, conquistou Jerusalém, acolheu um grupo de jovens hebreus e quis educá-los segundo a sua cultura. Daniel e outros três jovens recusaram, contudo, as comidas dos banquetes reais, nutrindo-se apenas de água e legumes. Em recompensa, Deus concedeu aos jovens a

sabedoria e, a Daniel em especial, a capacidade de compreender sonhos e visões. Isso é narrado em Daniel, 1, 1-20.

[38] Alusão à idade de ouro e à simplicidade da vida humana nessa época. A principal fonte de Dante para o mito da idade de ouro é Ovídio (*Metamorfoses*, I, 103-112).

[39] O Evangelho (Mateus, 3, 4; Marcos, 1, 6) narra que João Batista, no deserto, comia apenas mel e gafanhotos.

"Assim fez grandes obras gloriosas": Jesus afirma que João Batista é o maior entre os nascidos de mulher (Mateus, 11, 11; Lucas, 7, 28).

CANTO XXIII

Sombras macilentas que expiam o pecado da gula. Forese, amigo e com patriota de Dante. Desonestidade nos costumes em Florença.

Sexto círculo: gulosos. Os três poetas veem as almas dos gulosos. Dante encontra seu amigo Forese Donati, que depois faz um discurso contra os costumes das mulheres florentinas. Dante esclarece o motivo da sua presença no Purgatório.

1 Fitava os olhos sobre a rama verde,
Qual caçador, que, após um passarinho,
Correndo, parte da existência perde,[1]
2 Quando o que me era mais que pai: — “Filhinho,
O tempo” — disse — “que nos está marcado,
Quer mais útil emprego. Eia! a caminho!”
3 Voltando o rosto, a passo acelerado
Os sábios sigo e, atento ao que falavam,
Não me sentia, andando, fatigado,
4 Plangentes vozes súbito entoavam
Labia, Domine, mea por maneira,
Que piedade e prazer me provocavam.[2]
5 — “Do que ouço” — disse então — “ó Pai, me inteira”.
— “Almas” — tornou — “talvez que o meio tentam,
Que o peso à sua dívida aligeira”.
6 Peregrinos solícitos que atentam
Só na jornada, achando estranha gente,
Voltam-se apenas, mais o passo alentam:
7 Tal após nós vem turba diligente;
Em devoto silêncio se acercava;
Olhou-nos e afastou-se prestesmente.
8 Os olhos encovados nos mostrava,
Pálida a face e o rosto descarnado,
Sobre os ossos a pele se estirava.
9 Não creio que Erisicton devastado
Tanto da fome horrível estivesse
Quando se viu da força abandonado.[3]
10 Eu cogitava: — “O povo aqui padece,
Que Solima perdeu, quando Maria
Carnes comeu ao filho, que perece.”[4]
11 Cada olho anel sem pedra parecia:
O que na humana face lesse *omo*
Bem claro o M aqui distinguiria.[5]

12 Quem crer pudera, não sabendo como,
Efeito de desejo ser, nascido
Do frescor de água, junto a odor de pomo?[6]
13 Atônito inquiria o que haja sido
De tal fome a razão, não manifesta,
Que tal magreza tenha produzido,
14 Eis lá da profundez da sua testa
Uma alma olhos volvia e me encarava,
Gritando: — “Mereci graça como esta?”
15 Quem fora o gesto seu não me indicava;
Mas tive pela voz prova segura
Do que o aspeito seu não revelava.[7]
16 Foi súbito clarão em noite escura,
Do rosto avivou traços deformados:
Forese conheci nessa figura.[8]
17 — “Ai! não fiquem teus olhos assombrados”
— Dizia — “a lepra[9] ao ver que me descora,
E estes ossos mesquinhos, descarnados!
18 “Dize a verdade de ti próprio agora:
De quais almas te vejo companheiro?
Não haja, rogo, em responder demora.”
19 — “Como outrora, é meu dó tão verdadeiro,
Vendo-te o vulto que chorei já morto,
Tão dif’rente do que era de primeiro.
20 “Dize, por Deus, por que és tão sem conforto:
Tolhe-me a fala a vista, que me espanta;
Responder-te não posso, em mágoa absorto.”[10]
21 — “De tal poder” — tornou — “essa água e planta
Sabedoria eterna tem dotado,
Que consumpção em mim produziu tanta.[11]
22 “Os que o rosto, cantando, têm banhado
De pranto, havendo entregue à gula a vida,
Sobem, na fome e sede, ao santo estado.

23 “A fome, a sede sente-se incendida
Dos pomos pelo aroma e por frescura
Das águas, sobre as ramas espargida.
24 “Cada vez que giramos na fragura,
Revive nossa pena e mais se agrava:
Erro chamando pena o que é doçura.[12]
25 “Esse desejo ardente de nós trava,
Que fez Cristo dizer — Eli! — contente,
Quando o sangue em prol nosso na Cruz dava.”[13]
26 — “Forese” — hei respondido incontinente —
“Dês que deixaste a terreal morada
Passavam-se anos cinco escassamente.[14]
27 “Se a força de pecar ’stava esgotada
Antes de vir da dor bendita a hora,
Em que alma é com seu Deus conciliada,
28 “Como te vejo nesta altura agora?
Lá embaixo encontrar-te acreditara,
Onde o tempo com tempo se melhora.”[15]
29 — “Conduziu-me tão cedo Nela cara,
Por pranto, que incessante há derramado,
Do martírio a tragar doçura amara.[16]
30 “De orações e suspiros sufragado
Assim, me alcei da encosta, onde se espera,
E fui dos outros círc’los resgatado.[17]
31 “Tanto mais Deus com dileção esmera
Aquela, que extremoso amei na terra,
Quanto, só, em virtude ela é sincera.
32 “Pois a Barbágia de Sardenha encerra
Mulheres por pudor bem mais notadas,
Que a Barbágia, onde o vício acende guerra.[18]
33 “Queres tu, doce irmão, manifestadas
Ideias minhas? Pouco dista o dia
Das vozes nesta prática empregadas,

34 “Em que proíba o púlpito a ousadia
Das impudentes damas florentinas,
Que têm, mostrando os seios, ufania.[19]
35 “Morais ou quaisquer outras disciplinas
Hão mister para andarem bem cobertas
As mulheres pagãs ou marroquinas?[20]
36 “Mas, se tais despejadas foram certas
Do castigo, que lhes é iminente,
Bocas teriam para urrar abertas.
37 “E, se, antevendo, não me engana a mente,
Grande angústia hão de ter antes que nasça
Barba ao que em berço se embala[21] inocente.
38 “Ah! de dizer quem sejas[22] faz-me a graça!
Não por mim; mas a turba atenta mira
Teu corpo e a sombra, que com ele passa.”
39 — “Se agora à mente” — eu disse — “te surgira
O que outrora um para o outro havemos sido,
Desprazer ainda agudo te pungira.[23]
40 “Há pouco, me há do mundo conduzido
Quem me precede; havia então rotunda
A irmã do que vês aparecido.”
41 E o sol[24] mostrei — “Por noite a mais profunda
Dos verdadeiros mortos me há guiado,[25]
Quando a carne ainda os ossos me circunda.
42 “Tenho depois, por ele confortado,
Desta montanha pelos círc’los vindo,
Que em vós corrige o que trazeis errado.
43 “Quanto disse, acompanha-me, cumprindo
Té onde a Beatriz[26] veja o semblante:
Então sem ele avante irei seguindo.
44 “Ei-lo! É Virgílio o guia meu constante!
É, aquele outro, a sombra venturosa
Por quem o vosso reino, vacilante,

Tremeu, quando se fora jubilosa.”

---

[1] “Parte da existência perde”: perde inutilmente o seu tempo.

[2] “*Labia, Domine, mea*”: *Labia mea, Domine*, palavras do versículo 17 do *Miserere* (Salmo 50/51). O versículo inteiro diz: “Senhor, abrirás os meus lábios e a minha boca proclamará o teu louvor”.

“Que piedade e prazer provocavam”: piedade pela dor daqueles que cantam e prazer pela doçura do canto.

[3] Erisictão, tendo cortado um carvalho do bosque consagrado a Ceres, foi condenado à fome inextinguível. Para satisfazer sua fome, consumiu todos os seus bens, chegando ao ponto de se alimentar da própria carne. Ovídio fala disso nas *Metamorfoses* (VIII, 739-878).

[4] O narrador faz uma nova comparação para descrever o aspecto dos penitentes. Eles parecem os hebreus durante o assédio de Tito a Jerusalém (Solima). Sua fome foi tamanha que uma mulher, chamada Maria, comeu o próprio filho (*A Guerra Judaica*, VI, 3).

[5] Era ideia corrente na Idade Média que o homem tivesse escrita no rosto a palavra *omo* (“homem”). O “M”, gótico maiúsculo, corresponde à linha do nariz e ao arco da órbita do olho até a maçã do rosto. Cada “O" corresponde a um dos olhos. Deve-se imaginar que cada “O" se insere em cada espaço interno do “M”, como eram escritas as epígrafes. O penitentes têm os olhos fundos e sua magreza acentua os ossos, que formam a figura do “M”. Por isso, essa figura resulta muito evidente.

[6] “Quem acreditaria que tal condição das almas derivasse apenas do forte desejo despertado pela água e pelos frutos?”

[7] “Gesto”: aspecto, semblante.

“Do que o aspeito seu não revelava”: da sua identidade.

[8] Forese: filho de Simone Donati, irmão de Corso e de Piccarda (que Dante encontrará no Paraíso), da importante família Donati. Florentino contemporâneo de Dante, morreu em 1296. Amigo de Dante, trocou com ele, durante a juventude, sonetos burlescos, nos quais eles se ofendem reciprocamente,

lançando vis injúrias contra o outro. Nesses sonetos, Dante chama o amigo de guloso.

[9] A descamação da pele.

[10] Dante quer saber por que os gulosos têm o aspecto tão desfigurado. “Mágoa” deve ser entendida como tristeza nascida do espanto de Dante.

[11] As almas dos gulosos definham por causa de uma propriedade que Deus conferiu à árvore e à água vistas nesse círculo. Por causa dessa propriedade, as almas sentem fome e sede inextinguíveis.

[12] “Cada vez… se agrava”: na verdade, o texto original diz que, ao longo do círculo, a pena se renova. Isso dá a entender que ao longo do círculo há mais de uma árvore, mas a quantidade não é especificada. No canto XXIV, Dante vê outra árvore.

“Erro chamando pena o que é doçura”: na verdade, a pena é uma doçura, pois conduz à beatitude.

[13] O desejo que impele as almas à pena é análogo ao desejo que levou Cristo a morrer na cruz, contente por libertar o homem do pecado.

“Que fez Cristo dizer — Eli!”: quando estava para morrer na cruz, Cristo gritou as palavras “*Elì, Elì, lamma sabachtani*”, que significam: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mateus, 27, 46). A frase indica não só a morte de Jesus na cruz, mas também o sofrimento que ele suportou para libertar o homem.

[14] “Anos cinco escassamente”: de fato, menos de cinco anos.

[15] A dúvida de Dante é: se Forese se arrependeu no momento extremo da vida, quando já não tinha mais forças para pecar, e se ele morreu há menos de cinco anos, como é possível que já esteja no penúltimo círculo do Purgatório? Dante esperava encontrá-lo no Antipurgatório, onde o tempo que a alma levou para se arrepender em vida é recompensado pelo tempo que se espera antes da entrada no Purgatório.

[16] Nela: Nella, mulher de Forese. Sobre ela, não há notícias. Nos sonetos trocados com Forese, Dante fala de Nella como mulher contrariada porque negligenciada pelo marido. Já aqui Nella aparecerá como única virtuosa entre as florentinas e modelo da força da oração pelas almas do Purgatório. Trata-se de uma retratação pelo que Dante dissera em sua juventude a respeito da mulher do

amigo.

[17] “Encosta, onde se espera”: o Antipurgatório.

[18] Barbágia: região da Sardenha, conhecida por seus costumes ainda selvagens, que Dante associa à impudicícia.

“A Barbágia, onde o vício acende guerra”: Florença, a nova Barbágia. Os versos significam que a impudicícia das mulheres de Florença vence até mesmo a impudicícia dos povos conhecidos por seus costumes selvagens.

[19] Forese alude a uma proibição vinda da autoridade eclesiástica. É mais provável que isso se refira a decretos e não apenas a pregações, mesmo que hoje não exista nenhum documento, eclesiástico ou civil, que ateste algum decreto desse tipo proclamado em Florença por aqueles anos.

[20] “Pagãs ou marroquinas” são aqui as mulheres mais alheias aos bons costumes que Forese defende. Só as florentinas têm necessidade de decretos e sanções (“disciplinas”) para andarem cobertas.

[21] As mulheres florentinas terão grande angústia antes que o bebê, que agora é embalado no berço, entre na puberdade. A entrada na puberdade ocorre mais ou menos aos quinze anos. Logo, o infortúnio profetizado por Forese teria ocorrido antes de 1315, já que ele fala em 1300. Os críticos ainda hoje tentam identificar essa profecia com algum evento histórico, mas nenhuma hipótese pode ser totalmente confirmada pelo texto, que faz uma enunciação imprecisa. Segundo grande parte dos comentadores, a profecia de Forese prevê calamidades para Florença, por causa da oposição da cidade ao imperador Henrique VII, que havia ido à Itália em 1310-1312.

[22] Na verdade, Forese já sabe que está falando com Dante e quer saber como é possível que ele esteja vivo no Purgatório.

[23] Por causa do desencaminhamento moral em que viviam os dois amigos na juventude.

[24] “Quem me precede”: Virgílio.

“A irmã do que vês aparecido”: a lua, segundo a mitologia irmã do sol (indicado em seguida), que no início da viagem estava cheia (“rotunda”).

[25] “Pelo Inferno”.

[26] Forese, tendo sido amigo de Dante, conhecia a sua devoção por Beatriz.

CANTO XXIV

Pratica Dante com Bonagiunta acerca de poesia e estilo. Mais uma árvore carregada de frutos. Mais exemplos concernentes ao pecado da gula. Escada que conduz ao sétimo círculo.

Sexto círculo: gulosos. Dante continua seu diálogo com Forese. Este mostra outras almas do círculo, entre as quais Bonagiunta da Lucca, com o qual Dante fala sobre poesia. Forese realiza uma profecia. Dante, Estácio e Virgílio prosseguem o caminho, ouvem exemplos de gula punida e encontram o anjo que indica a passagem para o sétimo círculo.

1 Não era o passo e o praticar mais lento
Um do que outro; igualmente prosseguiam,
Qual nau servida por galerno[1] vento.
2 As sombras, que duas vezes pareciam
Mortas, nos cavos olhos grande espanto,
De estar eu vivo certas, exprimiam.[2]
3 Eu, a falar continuando, entanto,
Disse: — “Conosco para ir retarda
Sua ascensão essa alma ao reino santo.[3]
4 “Mas, rogo-te, declara: onde é Piccarda?[4]
Afamada por feitos há pessoa
Entre a gente, que sôfrega me esguarda?”
5 — “Tanto era minha irmã gentil e boa,
Que não sei qual foi mais: triunfa leda
No Olimpo, onde alcançou formosa c’roa.[5]
6 “Nomes dizer de mortos não se veda[6]
Aqui” — Forese torna; e logo ajunta:
“Tanto a fome as feições nossas depreda!”
7 “Este que vês de Luca é Bonagiunta;[7]
E aquela alma (seu dedo ia apontando),
Mais que todas desfeita, que lhe é junta,
8 “Foi de Tours; já na Igreja exerceu mando.
’Stá, por jejuns, anguilas de Bolsena,
Ver na ceia, afogadas, expurgando.”[8]
9 Muitos mais nomeou, que sofrem pena;
E todos demonstravam ’star contentes
De ouvir dizer Forese o que os condena.
10 Em vão de fome vi mover os dentes
Ubaldino de Pila e Bonifaço,
Que regeu com seu bago muitas gentes.[9]
11 Misser Marchese vi, que largo espaço
Com menos sede em Forli consumia

Em beber; mas julgava-o ainda escasso.[10]
12 Mas, como o que repara e que aprecia
Escolhendo, ao de Luca eu me inclinava,
Porque mais conhecer-me parecia.[11]
13 Submissa voz da boca lhe soava,
Causa do mal, que lhe trouxe o castigo:[12]
Gentucca ou não sei que pronunciava.
14 — "Ó alma" — disse — "que falar comigo
Queres, ao claro te explicar procura:
Satisfeita serás como eu contigo."
15 — "Mulher nasceu, mas inda é virgem pura,
Por quem" — torna — "hás de amar minha cidade,
Posto assunto haja sido de censura.[13]
16 "Este prenúncio levas da verdade;
Se por meu murmurar te hás enganado,
Trazer-te há de o porvir à claridade.
17 "Se vejo aquele, diz, que à luz há dado
Versos novos, que assim têm seu começo:
Damas que haveis de amor na mente entrado."[14]
18 — "Que vês em mim" — lhe respondi — "confesso
Quem 'screve o que somente Amor lhe inspira:
O que em meu peito diz falando expresso.[15]
19 "O óbice ora vejo que eu não vira
Que ao Notário a Guittone a mim tolhia
O doce estilo da moderna lira.[16]
20 "As vossas plumas vejo que à porfia
Seguem de perto o inspirador potente;
Tanto alcançar às nossas não cabia.
21 "Quem, por mais agradar, mais alto a mente
Erguer quer, não discerne um do outro estilo."[17]
Disse e calou-se de o dizer contente.
22 Como aves, que, no inverno o noto asilo
Buscando, ora num bando incorporadas,

Ora em fila apressadas vão-se ao Nilo,[18]
23 Essas almas assim já demoradas,
Volvendo o rosto rápidas fugiram,[19]
Da magreza e vontade auxiliadas,
24 Como aquele a quem forças se esvaíram
Correndo afrouxa os passos para o alento
Cobrar, enquanto os sócios se retiram;[20]
25 Forese assim que a passo andava lento
Deixou passar a santa grei dizendo:
— "Quando de ver-te ainda terei contento?"
26 — "Quanto haja de viver" — fui respondendo —
"Não sei; por menos que me dure a vida
Mais ao seu termo os meus desejos tendo.
27 "Que, onde[21] foi a existência concedida,
Mais escassa a virtude é cada dia:
Ruína espera triste e desmedida."
28 — "O que mor culpa tem" — me retorquia —
"À cauda de um corcel vejo arrastado
Ao vale, onde o pecado não se expia.[22]
29 "Vai sempre, sempre mais acelerado
Aquele bruto na carreira fera:
Fica vilmente o corpo lacerado.
30 "Não há de girar muito cada esfera
(Para o céu se voltava) antes que seja
Claro o que te explicar eu não pudera.
31 "Adeus, porém: quem neste reino esteja
Ao tempo dê seu preço verdadeiro;
O que eu perco ao teu lado já sobeja."
32 Como a campanha deixa um cavaleiro,
A galope veloz se arremessando,
Por ter na liça as honras de primeiro:[23]
33 Forese assim de nós foi se alongando.
Fiquei dos dois espíritos ao lado,

Que o mundo está por mestres proclamando.
34 Quando em distância tanta era apartado,
Que as vistas nesse andar o acompanharam,
Como a mente[24] ao que havia revelado,
35 Eis perto aos olhos meus, que se voltaram,
De outra árvore de pomos carregada
Os ramos vicejantes se mostraram.
36 As mãos alçava multidão cerrada
À fronde em brados, turba semelhava
De infantes, por desejos vãos turbada,
37 Um objeto implorando a quem negava,
E que o mostrando ainda mais acende
Desejo que a cobiça lhes agrava.
38 Foi-se porém, porque ninguém a atende.
Da grande árvore então nos acercamos,
Que a todo o rogo e pranto desatende.
39 Uma voz de entre as folhas escutamos:
— "Ide-vos logo; não chegueis ao perto!
Eva o fruto há mordido de outros ramos:
40 "'Stão longe.[25] Estes de lá provêm decerto." —
Então de lado os passos dirigimos,
Unidos no caminho, que era aberto.
41 — "Lembrai esses malditos" — ainda ouvimos —
"Filhos das nuvens, duplos na figura,
Que atacaram Teseu, ébrios cadimos;[26]
42 "E os que em beber acharam tal doçura,
Que os não quis Gedeão na companhia,
A Madiã marchando lá da altura."[27]
43 Por junto à borda o passo se volvia,
E as penas escutamos dos pecados
Mortais que outrora a gula cometia.
44 Já pela estrada solitária entrados,
Demos mais de mil passos ainda avante,

Contemplando, em silêncio mergulhados.
45 — “Em que cismais vós outros?” — retumbante
Soou voz. Fiquei logo ao sobressalto
Como o corcel de medo titubante.
46 Para ver levantei a fronte ao alto:
A olhos, em fusão no forno ardente,
Vidro ou metal não dera igual assalto,[28]
47 Como o anjo que eu vi resplendecente.
Dizia: — “A volta dai para a subida!
Quem quer paz, para aqui vai certamente.”
48 Daquele aspecto a vista foi tolhida:
Como quem pelo ouvido os passos guia,
Fui caminhando, aos vates em seguida.
49 E qual aura de maio,[29] que anuncia
A alvorada, das flores espalhando
E das ervas o aroma que extasia,
50 Tal sobre a fronte um sopro senti brando.
Senti mover-se a pluma:[30] então rescende
Odor celeste, o olfato me enlevando.
51 Dizer senti: — “Feliz o que se acende
Na Graça, o que, da gula desligado,
Ao sabor do apetite não se prende,
Comendo quanto é justo sem pecado!”[31]

---

[1] “Galerno”: brando.

[2] “Duas vezes pareciam / Mortas”: por causa de seu aspecto consumido.

[3] Dante continua a falar sobre Estácio, sobre quem falava no final do canto anterior.

[4] Piccarda: irmã de Forese. Dante se encontrará com ela no canto III do “Paraíso”.

[5] “Triunfa”: goza da beatitude.

Olimpo: monte na Tessália, onde viviam os deuses da mitologia grega. Aqui, está para o Paraíso ou, mais especificamente, para o Empíreo, onde estão Deus e os beatos.

“C’roa”: coroa, a glória da beatitude. “Triunfa” e “c’roa” fazem parte da mesma metáfora que caracteriza a beatitude como recompensa por uma luta empreendida em vida: os beatos conquistaram a beatitude.

[6] “Não se veda”: é necessário, pois, no sexto círculo, a fome mudou totalmente o aspecto das almas.

[7] Bonagiunta: Bonagiunta Orbicciani, de Luca, conhecido como Bonagiunta da Lucca. Poeta do século XIII, iniciou na Toscana a poesia segundo os modos sicilianos. Com o soneto “ *Voi che avete mutato la manera*”, Bonagiunta abriu uma polêmica com o poeta Guido Guinizzelli, censurando os novos modos de fazer poesia que estavam surgindo e que Dante, chamando Guinizzelli de “pai”, reconhecerá como seus.

[8] Trata-se de Simone de Brion, papa Martinho IV de 1281 a 1285, que foi tesoureiro da Catedral de Tours. Os autores da época contavam diversas histórias a respeito da gula do papa. Uma dessas histórias, mencionadas por diversos comentadores antigos da *Divina Comédia*, conta que o papa mandava tirar as enguias do lago de Bolsena e, em seguida, mandava mergulhá-las no vinho e assá-las.

[9] Ubaldino de Pila: Ubaldino degli Ubaldini, do ramo chamado della Pila da importante família gibelina dos Ubaldini. Pai do arcebispo Ruggieri, encontrado com Ugolino no canto XXXIII do “Inferno”; irmão do cardeal Ottaviano (“Inferno”, X) e de Ugolin d’Azzo (“Purgatório”, XIV). Sua gula era famosa na época.

Bonifaço: Bonifazio dei Fieschi dei conti di Lavagna, arcebispo de Ravena de 1274 a 1295. Sua gula era famosa na cidade.

“Que regeu com seu bago muitas gentes”: segundo alguns comentadores, essa frase tem duplo sentido. O primeiro é o mais evidente: foi pastor, com o báculo, de uma grande população. O segundo seria: alimentou seus cortesãos com as riquezas da diocese.

[10] Misser Marchese: Marchese degli Argugliosi, importante família de Forli, foi

podestade de Faenza em 1296. Conhecido por beber muito.

“Com menos sede”: do que aqui no Purgatório, forte ironia. Segundo outros, a frase significa não “com menos sede”, mas “com menos escassez”, o que também é irônico.

“Mas julgava-o ainda escasso”: mas não ficava satisfeito. Conta-se que um servidor dissera a Marchese que, na cidade, diziam que ele não fazia nada senão beber. Marchese teria respondido: “E por que não dizem que eu tenho sempre sede?”. Dante pode estar aludindo aqui a essa anedota.

[11] Segundo alguns, Bonagiunta parece querer notícias de Dante, como se diz na tradução. Segundo outros, Bonagiunta queria dar notícias a Dante.

[12] A “causa do mal” é a boca.

[13] Esses versos parecem explicar o termo “Gentucca” do verso 39. Na verdade, o termo “Gentucca” foi interpretado de diversos modos, mas hoje os comentadores tendem a defender que se trata de uma mulher, a mesma da qual se fala na profecia desses versos. Trata-se de uma mulher que, ainda em 1300, tornará grata a Dante a cidade de Luca, embora todos (e Dante em especial) falassem mal da cidade. A identificação mais provável é com Gentucca Morla, mulher de Bonaccorso di Lazzaro di Fondora, que teria hospedado Dante em Luca no tempo do seu exílio (Luca era hostil aos florentinos brancos exilados). Não é plausível que os versos aludam a uma possível relação amorosa entre Dante e Gentucca.

[14] Esses versos proclamam Dante como o iniciador da nova poesia de amor, com a famosa canção “*Donne ch’avete intelletto d’amore*” (“Damas que entendeis sobre o amor”, *Rimas*, XIV, Vida *Nova*, XIX).

[15] Esses versos mostram a “novidade” da poesia amorosa, introduzida na Toscana do século XIII: Dante, como outros poetas, é escriba fiel daquilo que dita Amor. Isso significa que a origem da poesia de amor não é mais uma circunstância externa, mas uma experiência interna. Entretanto, isso não significa que se trate de uma poética de sentimentos pessoais: o Amor é uma realidade objetiva e o poeta é um fiel escrivão, que transmite a realidade do Amor, deixando de lado a própria individualidade. No texto original, as palavras de Dante são mais modestas e ele diz ser “um dos poetas” que inauguraram essa nova forma de poesia.

[16] Notário: Jacopo da Lentini, notário e poeta na corte de Federico II. Foi o

criador da famosa forma soneto e o iniciador e o mais importante dos poetas da escola siciliana, primeiro grupo de poesia lírica escrita em língua vulgar italiana.

Guittone: Guittone d'Arezzo, precursor da poesia lírica na Toscana segundo os modelos provençais, no século XIII. Foi importante ponto de referência na poesia toscana em todo o século, até mesmo para Dante, que criticou duramente seu modo de fazer poesia, criando a "nova poesia" também como forma de se opor aos modos guittonianos.

Após a definição dos três versos anteriores, Bonagiunta diz finalmente ver o obstáculo ("óbice") que separava as poéticas anteriores em vulgar italiano da nova poética.

"Doce estilo da moderna lira": o texto original diz *dolce stil novo* ("doce estilo novo"), que passou a ser a denominação consagrada da nova poética que mudou a lírica amorosa na Toscana.

17 Quem quiser ir mais além na reflexão, verá que não há outra diferença entre os velhos e o novo estilo. A verdadeira diferença entre os estilos está naquela definição realizada por Dante.

18 As aves são os grous, que no outono migram em grupo para países mais quentes ("Nilo").

"Ora num bando […] ao Nilo": o texto original indica tempo: primeiro, as aves se reúnem em um grupo; em seguida, partem em fila.

19 Depois de olhar com admiração para Dante (vv. 4-6), as almas voltam o olhar para o seu caminho, apressando o passo.

20 "Ultrapassam-no".

21 Em Florença.

22 "O que mor culpa tem" é o próprio irmão de Forese, Corso Donati, chefe dos guelfos negros, considerado aqui o maior responsável pelas discórdias internas em Florença. Conhecido por seu caráter violento, raptou sua irmã Piccarda do claustro, para fazê-la se casar com Rossellino della Tosa. Foi um dos personagens mais importantes da cidade naqueles anos e exerceu importantes cargos em diversas cidades. Foi condenado à morte em contumácia, mas voltou para Florença em 1301, quando Carlos de Valois entrou na cidade. Nessa ocasião, vingou-se violentamente de seus inimigos. Quando os guelfos brancos foram exilados, tomou o poder da cidade. Entretanto, por causa de muitas

discórdias com seus próprios partidários, foi condenado em 1308 como traidor. Embora tenha fugido de Florença a cavalo, conseguiram alcançá-lo, assassinando-o em seguida. A sua morte é narrada com diferentes detalhes. Os comentadores antigos dizem que Corso, ao cair (ou se lançar) do cavalo, ficou com um pé preso, sendo arrastado pelo cavalo. Na época, uma das penas aplicadas à traição era amarrar o condenado ao rabo de um cavalo, que o arrastava.

Vale: o Inferno.

[23] Trata-se de costume militar medieval: um cavaleiro, cavalgando mais rapidamente do que o restante do grupo, separa-se do grupo para ter a honra de ser o primeiro a se confrontar com o inimigo.

[24] Quando a figura de Forese, já distante, tornou-se tão confusa aos olhos quanto era confusa a sua profecia à mente de Dante.

[25] Essa árvore deriva da árvore do bem e do mal, cujo fruto provou Eva. A árvore do bem e do mal, por sua vez, está no alto da montanha, no Paraíso terrestre (“estão longe”).

[26] Primeiro exemplo de gula punida. Os “filhos das nuvens” são os centauros, gerados por Íxion e uma nuvem com a forma de Juno. Na festa de casamento de Pirítoo e Hipodâmia, os centauros se embebedaram e tentaram violentar e raptar a noiva e outras mulheres da festa, sendo derrotados por Teseu. O episódio é narrado em *Metamorfoses*, XII, 210-535 e recordado em “Inferno”, XII.

“Duplos na figura”: meio homens, meio cavalos.

[27] Durante a guerra contra os madianitas, Deus aconselhou Gedeão a conduzir à água os dez mil israelitas que queriam combater. Gedeão escolheu apenas aqueles que beberam a água usando as mãos como conchas (que eram apenas trezentos), dispensando aqueles que se ajoelharam e se mostraram fracos, bebendo avidamente. Com esses poucos homens, ele conseguiu vencer o inimigo. Isso é narrado em Juízes, 7, 1-8.

“Lá da altura”: o exército dos madianitas estava em um vale.

[28] “Assalto”: alusão ao efeito da viva cor do metal ou do vidro em fusão.

[29] A aura primaveril.

[30] A asa do anjo apaga um P da testa de Dante.

[31] Paráfrase da quarta beatitude: “bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Mateus, 5, 6). Como visto anteriormente (“Purgatório”, XXII, 4-6), essa mesma beatitude foi adaptada aos avaros. Na verdade, Dante divide a beatitude, referindo parte dela aos avaros (que devem ter sede de justiça) e parte aos gulosos (que devem ter fome de justiça).

“Quanto é justo”: Xavier Pinheiro traduz com palavras idênticas a expressão empregada no original. Entretanto, com os termos “comendo” (que traduz o “tendo fome” do original) e “sem pecado”, parece seguir uma das interpretações possíveis do verso: bem-aventurados são aqueles que desejam comer com moderação (“quanto é justo”). Mas a interpretação mais plausível, porque mais próxima do texto evangélico, é: bem-aventurados aqueles que têm fome apenas de justiça (que corresponderia ao “quanto é justo” do original).

CANTO XXV

Chegando ao sétimo e último círculo, onde se expiam no fogo os pecados da carne, Dante pede explicações, que lhe são prestadas por Estácio. Reme moram exemplos de castidade alguns dos que fazem penitência no seio de chamas incandescentes.

Os três poetas sobem para o sétimo círculo. Enquanto isso, Dante expressa uma dúvida. Virgílio dá uma primeira resposta, mas pede que Estácio esclareça totalmente a dúvida de Dante. Estácio faz um longo discurso. Sétimo círculo: luxuriosos. O narrador descreve o círculo. As almas enunciam exemplos de castidade.

1 Para subir o tempo nos urgia
Meridiano ao Tauro o sol já dera,
Bem como a noite ao Escorpião cedia.[1]
2 Qual viajor, que o passo não modera,
Que em nada atenta e sempre segue avante,
Se em seu querer necessidade impera,
3 Nós penetramos no rochedo hiante,
Por escada estreitíssima subindo:
Que obriga um ir atrás, outro adiante.
4 Da cegonha o filhinho, asas abrindo,
Por voar logo, encolhe-as e não tenta
Deixar o ninho, esforço não sentindo:
5 Tal o desejo em mim ferve e arrefenta
De perguntar chegando quase ao ato
De quem para dizer se experimenta.
6 O Mestre, sem parar, pressente o fato:
— “Tens da palavra o arco” — diz — “tendido,
Deixa a seta partir; não sê coato”.[2]
7 De confiança então já possuído,
Falei: — “Como é possível fique magro
Quem não precisa mais de ser nutrido?”[3]
8 — “Se recordaras” — torna — “Meleagro
Que, em ardendo um tição se consumia,
Isso não fora de entender tão agro.[4]
9 “Também de fácil crença te seria,
Se no espelho notaras que o teu rosto,
Segundo te movesses, se movia.[5]
10 “Por dissipar-se a dúvida ao teu gosto,
Eis Estácio, a quem rogo fervoroso
Seja a dar-te o remédio bem disposto.”
11 “Se eu o eterno conselho explicar ouso”
— Disse Estácio — “quando és, Mestre, presente,
Ao teu querer me curvo respeitoso.[6]

12 “Se, filho, o que eu disser guardas na mente,
Hás de ter” — prosseguiu — “esclarecidas
Essas dúvidas tuas prontamente.
13 “Sangue puro, que as veias ressequidas
Não bebem, que de parte permanece
Quais viandas em mesas bem providas,
14 “Do coração tomou que lhe oferece
Virtude de que a forma aos membros veio,
Como o que as veias por fazê-los, desce[7]
15 “Ainda, elaborado, desce ao seio
De canal que não digo; após, unido
Em vaso é natural com sangue alheio.[8]
16 “É ali um com outro confundido,
Paciente sendo um, sendo outro ativo,
Pela perfeita sede, em que há nascido.[9]
17 “Trabalho então começa produtivo
Coagulando e depois vivificando
O condensado efeito primitivo:[10]
18 “Em alma a força ativa se tornando,
Como em planta, é, no entanto, diferente:
Para a planta; vai a alma caminhando.
19 “Prosseguindo, já move-se, já sente,
Como o fungo marinho; e logo empreende
Os sentidos, que em si tem qual semente.[11]
20 “Ora contrai-se, filho, ora se estende
A força genetriz, do peito vinda,
Donde natura em todo o corpo entende.[12]
21 “Mas, filho meu, não sabes certo ainda
Como a ser vem um ente cogitante:
É ponto, em que um mais sábio no erro finda;
22 “Pois, na doutrina sua extravagante,
Distinto da alma fez o entendimento
Possível, não lhe vendo órgão bastante.[13]

23 “Abre à luz da verdade o pensamento:
Vê que no feto os órgãos em chegando
Do cérebro ao perfeito acabamento,
24 “O Primeiro Motor, ledo encarando
Da natureza tal primor, lhe inspira
Esp’rito, em que virtudes estão brilhando,[14]
25 “E que ativo alimento dali tira
Para a própria substância; e alma se forma,
Que vive e sente e pensa e em si regira.[15]
26 “Com meu dizer tua mente se conforma,
Notando que do sol calor em vinho,
Da uva ao sumo unido, se transforma.[16]
27 “O esp’rito, se Laquésis não tem linho,
Deixa a carne, em virtude traz consigo
Dotes, que teve no corpóreo ninho.[17]
28 “Sobem de ponto no valor antigo
A memória, a vontade, o entendimento,
Da mudez o mais fica no jazigo.[18]
29 “Cai logo, de espontâneo movimento,
Por maravilha, numa ou noutra riba,
Onde há do rumo seu conhecimento.[19]
30 “Vindo a lugar, que o circunscreva e iniba,
Da força informativa é rodeado,
Como em membros que a morte nos derriba.[20]
31 “Bem como o ar de chuva carregado,
Se dos raios solares é ferido,
De cores várias mostra-se adornado,
32 “O ar vizinho assim fica inserido
Nessa forma, que desde logo amanha
Virtualmente o esp’rito ali contido.[21]
33 “E semelhante ao fogo, que acompanha
Labareda, com ele se movendo,
Cada alma segue aquela forma estranha.[22]

34 “Aparência de forma nela havendo,
Sombra se chama; e, após, ela organiza
Sentidos, o da vista compreendendo.[23]
35 “Fala, ri-se, ama, odeia ou simpatiza,
Exala dor, carpindo ou suspirando:
Neste monte já tens prova precisa.[24]
36 “Segundo está sofrendo ou desejando,
Da alma também altera-se a figura:
Vê, pois, o que a magreza está causando.”[25]
37 Voltando à mão direita, da tortura
Entramos pela estância derradeira:[26]
Então preocupou-nos outra cura.
38 Flamas brotava aqui a ribanceira,
Aura ativa da estrada respirava:
Subindo, às rechaçava sobranceira.[27]
39 Ao longe da árdua borda caminhava
Um por um: precipício temeroso
De um lado, e do outro o fogo eu receava.
40 Disse Virgílio: — “Aqui bem cauteloso
Deve aplicar aos olhos seus o freio
Quem não quiser dar passo perigoso.”[28]
41 *Summae clementiae Deus*[29] ’stavam no seio
Do grande incêndio as almas entoando,
E de voltar-me o ardor então me veio.
42 Vi nas chamas espíritos andando:
Aos movimentos seus, aos meus estava
Atento, a vista a uns e a outros dando.
43 E quando aquele cântico findava
Virum non cognosco[30] alto se ouvia,
E o cântico em tom baixo renovava.
44 E, terminado, o coro repetia:
“Diana expulsa da floresta Helice[31]
Que o veneno de amor tragado havia.”

45 Cantaram;[32] cada qual como antes, disse
Esposas e maridos que hão guardado
A fé, que Deus mandou sempre os unisse:
46 Este modo há de ser, creio, alternado,
Enquanto os rodear a chama ardente:
A chaga por tal bálsamo e cuidado
Há de ser guarnecida finalmente.

---

[1] Touro é a constelação que vem depois de Áries, na qual se encontra o sol. Libra é a constelação diametralmente oposta a Áries, sendo seguida por Escorpião. No hemisfério do Purgatório, o sol já havia deixado o meridiano ao Touro; no hemisfério oposto, a noite (no ponto diametralmente oposto ao sol, que passa pelo meridiano à meia-noite), acompanhada por Libra, já cedia espaço a Escorpião. A distância entre duas constelações é percorrida em aproximadamente duas horas. Se Touro está no meridiano, significa que são mais ou menos duas horas da tarde no Purgatório.

[2] O arco da palavra já se encontra na sua máxima tensão, basta que Dante deixe a seta partir, isto é, comece a falar.

"Coato": constrangido.

[3] A pergunta de Dante diz respeito à pena dos gulosos: como as almas podem emagrecer, se nem precisam mais comer?

[4] Quando Meleagro nasceu, as Parcas decidiram que sua vida duraria quanto duraria um tição, que elas jogaram ao fogo. A mãe de Meleagro tirou o tição do fogo e o escondeu. Já adulto, Meleagro matou os irmãos da mãe, que, enfurecida, jogou o tição ao fogo, e Meleagro morreu quando o tição se consumiu. Isso é narrado em *Metamorfoses*, VIII, 260-525. Com esse exemplo, Virgílio quer mostrar que o corpo pode se consumir por causas externas, independentemente da nutrição.

[5] Esse segundo exemplo mostra que o corpo fictício das almas reflete, assim como o espelho reflete um movimento externo, aquilo que acontece na alma. Os dois exemplos ajudam a ilustrar o fenômeno, mas não oferecem uma explicação

racional, que será realizada a seguir.

6 “O eterno conselho”: o misterioso proceder divino.

“Se eu… me curvo respeitoso”: se Estácio ousa fazer explicações quando Virgílio está presente, é porque ele não pode se negar a um pedido de Virgílio.

7 Estácio começa sua explicação falando sobre a geração do homem: a parte do sangue que não é absorvida pelas veias (e permanece intacta, como a comida que, por excesso, não é consumida nos banquetes) recebe, no coração, a capacidade de formar os membros de um novo ser, do mesmo modo como a parte do sangue que vai para as veias nutre os membros já formados do homem. A parte do sangue que vai para as veias nutre, por meio destas, os membros do homem; a outra parte recebe, no coração, a capacidade de dar origem aos membros de um novo homem.

8 O sangue destinado a formar outro ser passa por modificações (“elaborado”) e, tornando-se esperma, desce aos órgãos genitais masculinos (“seio / De canal que não digo”), de onde ele vai se unir, no útero (“vaso natural”), ao sangue feminino.

9 No útero, ambos os sangues se unem, sendo um paciente (o feminino) e outro ativo (o masculino), por causa da capacidade recebida no coração do homem (“perfeita sede”).

10 Ao unir-se o esperma ao sangue feminino, começa a atuar a sua capacidade de formar um novo ser, fazendo de ambos os sangues um coágulo e dando vida à matéria condensada, formada pelo coágulo.

11 A força ativa do sêmen se torna, primeiro, alma vegetativa (“como em planta”). Entretanto, a diferença é que a alma vegetativa é o resultado final nas plantas (“para a planta”), enquanto no homem ela ainda pode se desenvolver, até chegar à sua perfeição. Continuando o seu desenvolvimento, essa alma ganha capacidade de se mover e de sentir, como os animais inferiores, que estão no limite entre o reino vegetal e o reino animal (“fungo marinho”). Então, a força ativa passa a dar órgãos aos sentidos, os quais têm origem nela própria (“que em si tem qual semente”). Isto é, a própria força ativa dá origem aos sentidos no novo ser que se forma.

“Fungo marinho”: Xavier Pinheiro segue uma versão menos recente do texto original, que diz “fungo marinho”, em provável referência à água-viva. Os textos mais recentes dizem “esponja marinha”. No texto, ambos os termos têm mais ou

menos o mesmo sentido: aludem a um animal inferior, que estaria no limite entre o reino animal e o reino vegetal.

12 Quando se constituem os órgãos, dilata-se pelos membros a força ativa, oriunda do coração (“peito”) paterno.

“Donde”: no texto original, o termo (“onde”) permite mais de uma interpretação. Segundo alguns, refere-se ao novo ser que se forma; segundo outros, a “força”; segundo outros ainda, refere-se ao coração paterno (“peito”). Essa é a interpretação de Xavier Pinheiro, que traduz “donde”. O mais importante é considerar que, nesse processo, a natura predispõe à formação de todos os órgãos do corpo.

“Ora contrai-se, ora se estende”: o original diz “ora se alarga, ora se estende”. Não há motivos aparentes para traduzir o primeiro termo como “contrai-se”: ou Xavier Pinheiro deu ao verso um sentido diferente do usual, ou aconteceu algum equívoco em edições sucessivas da tradução, ou Xavier Pinheiro teve acesso a outro texto da *Divina Comédia* do qual não se tem notícia.

13 “Um mais sábio”: o árabe Averróis, que, por não encontrar um órgão correspondente ao intelecto possível (“o entendimento possível”), considerou que este fosse separado da alma. Em termos muito simples, o “intelecto possível” é aqui entendido como a faculdade intelectiva. Averróis, considerando que essa faculdade não está ligada a nenhum órgão (ao contrário dos sentidos, que correspondem a órgãos do corpo), concluiu que o intelecto possível é único e está fora da alma, sendo uma disposição que se comunica com a alma humana na operação intelectiva. Entre as consequências dessa doutrina de Averróis, está a negação da imortalidade da alma. Por isso, a doutrina foi combatida pela teologia cristã.

14 “O Primeiro Motor”: Deus.

“Espírito”: a alma racional, que Deus cria individualmente para cada novo ser humano que se forma e infunde diretamente no feto. Isso vem a ser a parte imortal e divina do homem.

15 A alma intelectiva tem a capacidade (“virtudes”) de assumir em sua própria substância aquilo que encontra de ativo no feto (isto é, a força ativa paterna, que se torna primeiramente vegetativa e depois sensitiva). Isso forma uma única alma, que conserva a potência vegetativa (“viva”), a sensitiva (“sente”), mas que tem a capacidade de refletir e tem consciência de si (“pensa e em si regira”), o

que é próprio da alma intelectiva.

16 Estácio acha que Dante pode se admirar pelo fato de um elemento de origem divina direta (a alma intelectiva) se unir a elementos materiais, como a alma do feto. Por isso, ele recorre à analogia do vinho, substância única formada por um elemento material (o sumo da uva) e um elemento imaterial (o calor do sol).

17 Quando o homem morre (quando a parca Láquesis não tem mais linho), a alma se separa do corpo, carregando consigo todas as suas faculdades, a vegetativa, a sensitiva e a intelectiva. Sobre as Parcas, v. “Purgatório”, XXI, 25-27 e nota.

18 As faculdades próprias da alma vegetativa e da alma sensitiva permanecem inoperantes. Já as faculdades próprias da alma racional (memória, vontade e entendimento) permanecem não só operantes, mas se tornam mais agudas, porque não são mais atrapalhadas pelo corpo.

19 Logo depois da morte, a alma vai imediatamente, por movimento próprio, para a margem do Aqueronte ou do Tibre, e conhece, então, o seu destino: se está no Aqueronte, é porque se perdeu, se está no Tibre é porque se salvou.

“Por maravilha”: alude ao movimento espontâneo da alma à margem do rio.

20 Quando, à margem do rio, a alma é circundada por um espaço de ar, a força ativa (proveniente do coração paterno e que formou a alma vegetativa e a sensitiva) irradia-se em torno da alma, agindo do mesmo modo como quando havia formado os membros humanos.

21 O ar vizinho assume a forma que o corpo possuía, a qual é irradiada pela alma.

“Virtualmente”: pode se referir à força (“virtude ativa”) ou pode se referir ao fato de a alma dar à forma aérea a virtude potencial da verdadeira forma do corpo real.

22 Como o fogo é seguido pela labareda, do mesmo modo a alma é seguida pela nova forma criada. Acreditava-se que o fogo fosse matéria sem forma, sendo a labareda a forma que o fogo imprime no ar. Desse modo, essa comparação é muito precisa.

23 A alma, tendo a sua aparência mediante o corpo aéreo, é chamada sombra, que, de fato, tem a forma do corpo, mas não a sua consistência. E, a partir do corpo aéreo, a alma dá órgãos a cada um dos sentidos.

[24] E é mediante o corpo aéreo que a alma exprime os seus sentimentos.

[25] Como o corpo real, o corpo aéreo se configura segundo aquilo que a alma prova.

Isso explica a magreza dos gulosos.

[26] Os poetas entraram no último círculo, destinado aos luxuriosos.

“Tortura”: pode ser entendido, como no original, como “tormento” ou como “curvatura”, isto é, círculo.

[27] A parede do monte (“ribanceira”) lança fogo para fora, por toda a largura da estrada. A margem externa do círculo (que forma o precipício), manda um vento para o alto, afastando o fogo em direção à parede. Isso cria um espaço, perto da margem externa do círculo, por onde os poetas podem passar.

[28] “Passo perigoso”: seja em relação ao precipício, seja em relação ao fogo.

As palavras de Virgílio carregam um sentido moral: os olhos eram, para Dante, o principal meio por onde entra o amor no homem. Diante da paixão amorosa e, principalmente, do pecado da luxúria (o fogo), os olhos têm de ser protegidos.

[29] *Summae Deus clementiae* (“Deus de suma clemência”), início do hino que se canta nas matinas do sábado. Nesse hino, a terceira estrofe fala da luxúria, pedindo que o fogo purifique do pecado o fígado e os lombos (sede, acreditava-se, da sensualidade).

Ao que tudo indica, *Summae Deus clementiae* eram as primeiras palavras do hino no tempo de Dante. Mas, depois, o início foi modificado para *Summae parens clementiae*.

[30] “Não conheço homem”. Primeiro exemplo de castidade. Como sempre, refere-se a Maria: trata-se da sua resposta ao anjo, quando ele anunciou que ela daria à luz uma criança. Maria perguntou como isso era possível, aludindo a seu estado virginal. Isso é narrado em Lucas, 1, 26-38.

[31] Diana, a grega Ártemis, vivia no bosque, para proteger sua castidade. Entretanto, expulsou do bosque a ninfa Helice (também chamada Calisto), que havia sido seduzida por Júpiter, para não contaminar a pureza do lugar onde vivia. A expulsão de Helice é narrado no livro II das *Metamorfoses*.

[32] Na verdade, “cantaram” se refere ao hino que as almas cantaram depois de gritar os exemplos de castidade. Depois de cantar, eles tornam a gritar novos

exemplos.

CANTO XXVI

Entre os penitentes, que expiam o pecado da luxúria, avista-se Dante com Guido Guinicelli, o poeta de Bolonha, e Arnaldo Daniel, o poeta provençal.

Resumo inicial. Sétimo círculo: luxuriosos. As almas gritam exemplos de luxúria punida. Dante encontra o poeta Guido Guinizzelli e, em seguida, o poeta Arnaut Daniel.

1 Enquanto imos a borda costeando,
Um após outro, o Mestre repetia:
“Eu te previno, vai com tento andando!”
2 O sol pela direita me feria,
Purpureava a luz todo o poente;
Do céu o azul de branco se tingia.[1]
3 Com a sombra minha ainda mais rubente
Parece a flama; e as almas que passavam,
Notando-a davam-me atenção ingente.
4 Nessa estranheza ensejo deparavam
Para, entre si, conversação travarem.
“Não é fictício[2] o corpo seu” — falavam.
5 Avançavam por mais certificarem,
Quanto podiam, mas tendo cuidado
O fogo expiatório em não deixarem.
6 “Tu, que vais após outros colocado,
Mostrando ser, não tardo, respeitoso,
Responde: em fogo e sede ardo, abrasado.
7 “Não sou eu só de ouvir-te desejoso:
Quantos vês da resposta sentem sede
Mais que etíope da água cobiçoso.[3]
8 “Dize-nos como o corpo teu parede
Oponha desta sorte à luz do dia:
Não te colheu da morte acaso a rede?” —
9 Uma sombra falou-me. Eu pretendia
Logo explicar; porém fui distraído
Pelo que então de novo aparecia.
10 Pelo caminho andando escandecido,
Outra grei ao encontro veio desta:
Atalhei-me, em mirar pondo o sentido.
11 De parte à parte se dirige presta
Uma alma a outra; osculam-se e em seguida
Vão-se, contentes dessa breve festa.[4]

12 Assim da negra legião saída,
Em marcha, toca em uma outra formiga,
Por saber do caminho ou sorte havida.[5]
13 Separando-se após a mostra amiga,
Antes que o giro sólito transcorra
Cada uma grei em brados se afadiga.
14 — “Sodoma!” — clama a última — “Gomorra!”
E a outra: — “Entrou Pasífae na vaca,
Por que à luxúria sua touro acorra.”[6]
15 Como os grous, de que um bando se destaca
Para os Rifeus e o outro pro deserto
Pois calor ali e frio aqui se aplaca,[7]
16 Uns se vão, outros vêm: voltando, ao perto
O hino se renova, e o pranto e o brado,
Que tem, qual mais convém, efeito certo.[8]
17 Os mesmos, que me haviam perguntado,
De mim como ainda há pouco, se acercaram:
’Stá desejo nos gestos desenhado.
18 Vendo ainda o que já manifestaram,[9]
— “Sabei vós, que tereis, de glória em dia,
Paz que os vossos martírios vos preparam,
19 “Que ainda não jaz meu corpo em terra fria;
Comigo vem na própria compostura;
Com seu sangue e seus membros” — lhes dizia.
20 “Minha cegueira aqui a luz procura:
Lá no céu santa Dama há conseguido
Que eu, vivo, por aqui me eleve à altura.[10]
21 “Dizei-me (e seja em breve concedido
Quanto anelais, no céu, que é de amor cheio
E em que espaço mais amplo está contido!)[11]
22 “Para que eu tenha de narrá-lo o meio,
Quem fostes e também que turba é aquela,
Que como hei visto ao vosso encontro veio.”

23 Se o pasmo seu o montanhês revela,
Quando, rude e boçal, vê de repente
Quanto pode encerrar cidade bela,
24 Na grei não foi o efeito diferente.
Tornando sobre si, porém, do espanto,
Que se esvai logo em peito preeminente,
25 — "Ditoso tu, que vendo o nosso pranto" —
Respondeu quem primeiro há perguntado[12]
"Alcanças ao viver ensino santo!
26 Inquinaram-se aqueles no pecado,
Por que César outrora, triunfando,
Rainha, em vitupério, foi chamado.[13]
27 "Eis por que se acusavam se apartando,
Contra si de "Sodoma!" alçando o brado,
Do fogo à pena o opróbrio acrescentando.
28 "Hermafrodito[14] foi nosso pecado;
Mas tendo as leis humanas transgredido,
De brutos no apetite desregrado,
29 "Por nossa injúria o nome é repetido,
Quando partimos, da mulher impura,[15]
Que em bestial figura besta há sido.
30 "Se queres, vendo a nossa nódoa escura,
Do nome de cada um ser instruído,
Não sei, nem tempo para tal nos dura.
31 "Mas o meu te farei bem conhecido.
Vês Guido Guinicelli:[16] o crime expia
Por se haver ainda a tempo arrependido."
32 Quais, ante a fúria em que Licurgo ardia,
Os filhos dois, achando a mãe, ficaram,
Tal senti, sem correr viva alegria,[17]
33 Quando o nome essas vozes declararam
Do pai meu e do pai de outros melhores,[18]
Que em doce metro amores decantaram.

34 Sem falar, sem ouvir, perscrutadores,
Longamente olhos meus o contemplaram:
Vedavam-me acercar do fogo ardores.
35 Depois que em remirá-lo se enlevaram,
Ao seu serviço declarei-me presto,
E solenes promessas o afirmaram.
36 “Imprimiu tal vestígio o teu protesto” —
Tornou — “no peito meu agradecido,
Que fora além do Letes manifesto.[19]
37 “Se hei de ti a verdade agora ouvido,
O que digno me fez do sentimento,
Que tens na voz, nos olhos insculpido?” —
38 E eu: — “Das rimas vossas o concento,
Enquanto usar-se do falar moderno,[20]
Salvas hão de viver do esquecimento.”
39 — “O que te indico, irmão” — tornou-me terno
(E seu dedo outra sombra me apontava)
“Mais primor teve no falar materno.[21]
40 “Nos versos, nos romances superava
A todos: ’stultos só dizer ousaram
Que o Limosin aquele avantajava.[22]
41 “Pelo rumor verdade desprezaram,
E, como arte e razão desconheceram,
Sem fundamento opinião formaram.
42 “Assim muitos outrora procederam
Com Guittone e o seu nome hão proclamado;
Mas verdade alfim todos conheceram.[23]
43 “E pois que o privilégio hás alcançado
De entrar nesse mosteiro portentoso,
Por Cristo, como abade, governado,[24]
44 “Um *Pater Noster* diz por mim piedoso;
Quanto mister havemos neste mundo,
Onde ato algum não há pecaminoso.”[25]

45 Por dar lugar ao espírito segundo,
Já próximo, no fogo desparece,
Qual peixe, quando imerge de água ao fundo.
46 Acerquei-me da sombra que aparece,
E disse que ao seu nome apercebia
Meu desejo o lugar que assaz merece.[26]
47 Logo assim livremente me dizia,
"Tão cortês vosso rogo é, que, escutando,
Me encobrir não quisera ou poderia.
48 "Arnaldo[27] sou, que choro e vou cantando,
Triste os erros passados meus lamento,
E o fausto dia estou ledo esperando.
49 "E peço-vos pelo alto valimento,[28]
Que da escada à eminência ora vos guia,
Que em tempo vos lembreis do meu tormento."
E, após, ao fogo apurador se envia.

---

[1] O sol já está descendo no ocidente e os seus raios já atingem o ombro de Dante. O fato de ser o ombro direito indica que os poetas caminham em direção ao sul.

"Do céu o azul de branco se tingia": a parte do céu onde se encontra o sol fica branca, enquanto o restante do céu fica azul. Por isso, agora a parte ocidental parece mais branca.

[2] "Inconsistente".

[3] A Etiópia era, na época, conhecida como um dos lugares mais quentes do mundo.

[4] "Osculam-se": beijam-se, em ato de paz e caridade, como era costume entre os cristãos. Esse beijo pode ser considerado também em sua oposição atos cometidos pelos luxuriosos em vida.

[5] "Para saber informações sobre o caminho ou sobre o lugar onde se encontra a

comida”. Essa comparação confere afeto às ações praticadas pelas formigas e se permite mesmo supor uma comunicação entre elas.

6 Cada grupo grita um exemplo de luxúria punida. O grupo que chegou depois grita “Sodoma e Gomorra”, as famosas cidades destruídas por Deus por causa do pecado contra natureza (chamado, por isso, “sodomia”) cometido por seus habitantes, como narrado em Gênesis 18, 20 - 19, 25. Já o primeiro grupo proclama o episódio mítico de Pasífae, mulher do rei Minos, que, apaixonada por um touro, pediu a Dédalo que construísse uma vaca de madeira, de modo a satisfazer sua luxúria. Dessa união nasceu o Minotauro. O episódio é mencionado em Inferno XII.

7 Essa comparação é puramente hipotética, pois grupos de grous não se separam para migrar para lugares opostos. De fato, todos migram para lugares mais quentes, de modo a aplacar o frio. Segundo alguns, o fato de Dante falar de algo que não acontece na natureza pode ser alusão à inaturalidade do pecado de uma parte das almas (aquelas que praticaram a sodomia).

Rifeus: os montes Rifeus ou Hiperbóreos, que, segundo a geografia antiga, ficavam no nordeste da Europa, em um lugar muito frio, sempre coberto pela neve.

8 O segundo grupo que havia chegado continua o seu caminho em direção oposta à dos poetas (“se vão”). O primeiro caminha na mesma direção (por isso, “vêm”). Depois da saudação, as almas voltam a chorar, a cantar o hino e a gritar exemplos (provavelmente, de caridade).

9 Isto é, o desejo de saber por que o corpo de Dante projetava sombra.

10 “Minha cegueira”: a cegueira da mente, obscurecida pelo pecado.

“Dama”: provavelmente, Beatriz. Segundo alguns, Maria.

11 “E seja em breve […] está contido”: fórmula de cortesia de Dante para aqueles a quem fará um pedido.

“Céu, que é de amor cheio / E em que espaço mais amplo está contido”: é o Empíreo, o mais alto dos céus (por isso, “espaço mais amplo”), onde se encontram Deus e os beatos.

12 Aquela alma que havia perguntado no verso 16.

13 A alma explica o pecado do outro grupo de almas: aquele grupo cometeu o

pecado pelo qual César, durante o seu triunfo, foi chamado de “Rainha”, em referência às suas relações com Nicomedes, rei da Bitínia. Isto é, as almas daquele grupo cometeram a sodomia. Conta Suetônio (*Vidas dos Césares* I, XLIX) que César teria sido chamado de “rainha” por seus inimigos e que, durante o seu triunfo, os soldados teriam entoado uma canção que fazia referência às suas relações com Nicomedes. Os versos não significam que Dante desse crédito à suposta sodomia de Júlio César, que está no Limbo. É provável que Dante use essa referência apenas para indicar o pecado, sem precisar nomeá-lo.

[14] Já o pecado do grupo ao qual pertence o interlocutor de Dante foi a luxúria heterossexual. “Hermafrodito”: nome, aqui empregado como adjetivo, do filho de Hermes e Afrodite (Mercúrio e Vênus), que se uniu à ninfa Salmacis, formando com ela um único corpo com atributos de ambos os sexos (mito narrado em *Metamorfoses*, IV, 288-388).

[15] Pasífae.

[16] Guido Guinizzelli, poeta bolonhês do século XIII, provavelmente já morto em 1276. Ele é apresentado, no canto XI do “Purgatório”, como o maior poeta em língua vulgar italiana (antes de Guido Cavalcanti). Ao que parece, Guinizzelli, começando segundo os modelos sicilianos e “guittonianos”, teria depois iniciado um novo modo de lírica amorosa, com a canção “*Al cor gentil rempaira sempre Amore*”, podendo ser considerado o precursor do chamado “doce estilo novo”. A novidade presente na canção foi tão evidente que despertou a polêmica de Bonagiunta da Lucca (questões já tratadas em nota aos vv. 19-21 do canto XXIV), contra a qual Guinizzelli se defendeu. Seus novos modos chamaram a atenção de poetas florentinos, como Guido Cavalcanti e Dante.

[17] Licurgo, rei de Nêmeas, havia deixado seu filho sob os cuidados de Hipsípile, sua escrava. Ela, para conduzir os gregos à fonte de Langia, deixou sozinha a criança, que, mordida por uma serpente, morreu. Licurgo condenou Hipsípile à morte, mas, no último momento, Hipsípile foi avistada pelos filhos, que correram para abraçá-la e salvá-la das tropas. Isso é narrado na *Tebaida* (livro V) e é recordado em “Purgatório”, XXII, 112-114. A comparação é entre o estado de ânimo de Dante e aquele dos filhos de Licurgo, mas não entre as suas ações: Dante, por causa do fogo, não chega a abraçar Guinizzelli.

[18] Alude provavelmente a Guido Cavalcanti e talvez a outros poetas, como Cino da Pistoia e Lapo Gianni.

[19] “Protesto”: o termo empregado na tradução dá a entender que essas palavras de Guinizzelli se referem às promessas que Dante acabou de fazer. Entretanto, é mais provável que Guinizzelli se refira aqui à graça extraordinária concedida a Dante.

“Letes”: na *Divina Comédia*, é o rio que corre no Paraíso terrestre e tira a memória do pecado. Mas Guinizzelli aqui o considera como “rio do esquecimento”, segundo a tradição clássica.

[20] “Concento”: harmonia, consonância.

“Moderno”: em língua vulgar.

[21] “Falar materno”: a língua vulgar aprendida desde o nascimento, diferentemente do latim, que era aprendido na escola. Entretanto, a língua materna desse novo poeta não é o italiano, mas o provençal: trata-se de Arnaut Daniel, com o qual Dante falará mais adiante.

[22] “Versos” indicam as poesias de amor escritas em provençal (língua d’oc) e talvez em francês e em italiano também; “romances” indicam as narrativas de amor e de aventura escritas em francês (língua *d’oïl*). Arnaut Daniel, escrevendo em língua materna (poesia provençal), superou todos os outros escritores. Alguns pensam que “nos romances” significa que Dante atribuísse também narrativas ao poeta. Mas, ao que parece, Arnaut não escreveu romances e Dante em nenhum momento de suas obras parece sugerir isso.

“O Limosin”: Giraut de Bornelh, famoso trovador que viveu entre os séculos XII e XIII. Uma biografia da época dizia que ele havia nascido em Limusino. Foi considerado o maior entre os poetas provençais. Era admirado por Dante, que, contudo, confere a primazia a Arnaut Daniel.

[23] Do mesmo modo, muitos da geração anterior à de Dante exaltaram Guittone (ver nota a “Purgatório”, XXIV, 55-57), sem reconhecer, por muito tempo, a superioridade da nova poesia que surgia.

[24] “Esse mosteiro portentoso, / Por Cristo, como abade, governado”: o Paraíso.

[25] Guinizzelli pede que Dante reze por ele quanto do pai-nosso é necessário para uma alma do Purgatório, que não pode mais pecar. Não é necessário rezar a parte final da oração (“e não nos deixeis cair em tentação”), pois ela não diz respeito às almas do Purgatório.

[26] “Apercebia”: preparava. Toda a perífrase significa o forte desejo de Dante em

saber o nome do novo espírito que encontra e que havia sido exaltado por Guinizzelli.

[27] Arnaut Daniel, famoso trovador provençal, cuja atividade poética teve início entre 1180 e 1210. Poeta muito admirado por Dante, foi mestre de uma arte poética extremamente difícil, com experimentações formais (às vezes virtuosísticas) e uma constante busca pelos melhores modos técnicos para traduzir diferentes estados de ânimo no âmbito da lírica. Dante o tomou claramente como exemplo em algumas poesias líricas suas.

No texto original, toda a fala de Arnaut Daniel é em provençal, caso único no poema.

[28] A graça divina.

CANTO XXVII

Animado por Virgílio, Dante atravessa as chamas. Uma voz guia os três poetas. Sobem os degraus de uma escada, onde Dante adormece. Visão. Virgílio lhe declara que ele não precisa mais dos seus conselhos, como até então.

Sétimo círculo: luxuriosos. Um anjo convida os poetas a ultrapassar a barreira de fogo. Dante, Estácio e Virgílio começam a subida para o Paraíso terrestre, mas param para descansar. Dante adormece e tem um sonho. Os poetas retomam a subida. Paraíso terrestre. Virgílio declara a liberdade de Dante.

1 Como, quando os primeiros raios vibra
Lá onde Cristo sangue derramara,
Sotopondo-se o Ebro à excelsa Libra,
2 E, ao meio-dia, o Gange aquece e aclara,
’Stava o sol;[1] declinando a luz já se ia;
Eis ledo o anjo de Deus se nos depara.
3 Fora da flama, à borda ele se erguia,
Beati mundo corde[2] modulando,
Em tom de voz, que a humana precedia.
4 “Para avante passar” — acrescentando —
“Apurai-vos no fogo, almas piedosas!
Entrai, de além nos hinos atentando.”[3]
5 Perto ouvindo-lhe as vozes sonorosas,
Soçobrei, como quem, perdido o alento,
Da tumba às trevas desce pavorosas.[4]
6 Mãos cruzadas, quedei sem movimento;
De olhos na chama, os vivos relembrava,
Que das fogueiras vira no tormento.[5]
7 A mim cada um dos vates se voltava.
“Não temas, filho! Aqui dor se padece,
Mas não morte” — Virgílio me exortava.
8 “Lembra! Lembra! Ou memória em ti falece?
Já sobre Gerião[6] levei-te a salvo:
De Deus mais perto, em mim virtude cresce.
9 “Se destas chamas, crê, tu foras alvo
Em todo o espaço de um milheiro de anos,
De um só cabelo não ficaras calvo.
10 “Se cuidas no que digo haver enganos,
Te acerca e por ti próprio experimenta,
Ao fogo expondo de tua veste os panos.
11 “O temor todo do ânimo afugenta!
Vem, pois! Mostra que tens peito seguro!”
Ouvi, mas o valor meu não se aumenta.

12 Vendo-me ainda pertinace e duro,
Merencório me disse: — “Ó filho amado,
De Beatriz a ti só este muro!” —
13 De Tisbe ao nome, Píramo, chegado
À morte, os olhos para vê-la abria,
Quando há seu sangue à amora cor mudado:[7]
14 A resistência minha assim cedia.
A Virgílio volvi-me, o nome ouvindo,
Que sempre o pensamento me alumia:
15 Então a fronte meneou; sorrindo,
Como a infante que um pomo há seduzido,
Disse: — “Aqui ficaremos persistindo?” —
16 Sou por ele no fogo antecedido;
Estácio, que antes sempre caminhara,
Depois de mim seguia a seu pedido.
17 Eu pelo fogo apenas penetrara,
Ardor tanto senti, que, pra recreio,
Em vidro derretido me lançara.[8]
18 De confortar-me procurando o meio,
De Beatriz Virgílio assim falava:
— “Seu gesto julgo ver de fulgor cheio.”
19 Voz peregrina ouvi, que ali cantava.
Fora saímos nós, dos sons guiados,
Na parte, onde a subida se mostrava.[9]
20 — “Vinde, ó vós de meu Pai abençoado[10]
Do seio de um luzeiro retinia,
Tal que olhos se cerraram ofuscados.
21 “Transmonta[11] o sol, a noite segue ao dia.
Não vos detende; a passo andai ligeiro,
Que o ponente já trevas anuncia.”
22 A trilha no penhasco sobranceiro
Direita sobe à parte em que tolhia
A sombra minha o lume derradeiro.[12]

23 Vencido apenas nosso passo havia
Alguns degraus. A sombra que fenece
Mostra que o sol já luz não difundia.
24 Antes que em todo apresentado houvesse
O imenso horizonte igual aspeito,
E a noite os seus véus todos estendesse,[13]
25 Um degrau cada qual tomou por leito;
Que nos tirara da montanha a agrura,
Mais que o desejo, de subir o jeito.[14]
26 Como as cabras das penhas sobre a altura,
Antes de fartas, rápidas e ardentes,
Têm, ruminando, mansidão, brandura;
27 Pousam à sombra, enquanto o sol candentes
Lumes despede, e as guarda o pegureiro
Com seu cajado e os olhos providentes;[15]
28 E como o guardador, que no terreiro
Quedo pernoita em sentinela aos gados,
Contra assaltos de lobo carniceiro:
29 Assim nós três estávamos pousados,
Eu como cabra, os vates quais pastores,
Da rocha a um lado e a outro conchegados.
30 Escassa aberta deixa ver fulgores
De estrelas, que do céu naquela parte,
Contemplava mais lúcidas, maiores.[16]
31 Nessa vista engolfei-me por tal arte,
Que o sono me prendeu, sono que à mente
Do que há de ser a previsão comparte.
32 Naquela hora em que Vênus do Oriente
Seus lumes sobre o monte difundia,
Parecendo de amor ’star sempre ardente,[17]
33 Jovem, formosa em sonho ver eu cria
Dama que em veiga amena passeando,
Flores colhendo, a modular dizia:

34 —“Quem meu nome pedir, vá me escutando:
Sou Lia[18] e uma grinalda, cuidadosa,
Co’ as minhas belas mãos a tecer ando.
35 “Mirar-me, hei de no espelho mais garbosa:
Do seu a mana Raquel se não separa,
Sentada o inteiro dia descuidosa.[19]
36 “De ver os belos olhos seus não para,
Como eu em me adornar sou diligente:
Ela contempla, eu trabalhar tornara!”
37 Já vem do dia o precursor ’splendente,
Que tanto alenta a esp’rança ao peregrino,
Quando o seu lar já próximo pressente.[20]
38 Fugia a treva ao lume matutino
E com ela o meu sono: ergui-me ativo,
Dos mestres tendo no exemplo o ensino.
39 — “O pomo, que é tão doce quanto esquivo,
Que a ambição dos mortais procura ansiosa,
Hoje à fome há de dar-te o lenitivo.”[21]
40 Estas palavras proferiu donosa
Do Mestre a voz: janeiras[22] não dariam
Jamais satisfação tão graciosa.
41 Tão vívidos anelos me pungiam
De alar-me ao cimo excelso, que julgava
Que asas o passo meu favoreciam.[23]
42 Quando a comprida escada terminava
E o pé firmamos no degrau superno,
Virgílio, me encarando, assim falava:
43 — “O fogo temporário e o fogo eterno
Tens visto, filho, e a altura hás atingido
Além de cuja extrema não discerno:[24]
44 “Te hei com engenho e arte conduzido:
Seja-te agora o teu querer o guia;
Angústias e fraguras tens vencido.[25]

45 “Olha: o semblante o sol já te alumia;[26]
Flores, ervinhas, árvores virentes
Vê que a terra espontânea brota e cria.
46 “Antes que os olhos[27] venham refulgentes,
Que em teu prol me enviaram por seu pranto,
Repousa, ou pelos prados vai florentes.
47 “Não mais te falo, nem te aceno,[28] entanto;
Possuis vontade livre, reta e boa,
Cumpre os ditames seus: a ti, portanto,
Pois de ti és senhor, dou mitra e c’roa.”

---

[1] Indicação do horário segundo os quatro pontos cardeais da geografia dantesca: Jerusalém (“onde Cristo sangue derramara”), a Espanha (“Ebro”), a Índia (“Gange”) e o Purgatório (ao qual se refere a expressão “estava o sol”). Recorde-se que o Purgatório é antípoda de Jerusalém. A Espanha (mais precisamente, Cádis) fica 90 graus a oeste de Jerusalém. O Ganges fica 90 graus a leste de Jerusalém.

Logo, os versos dizem: no Purgatório, o sol se encontrava naquela posição em que se encontra quando amanhece em Jerusalém (“os primeiros raios vibra”), é meia-noite na Espanha e é meio-dia sobre o Ganges. Logo, o sol está para se pôr no Purgatório. “Sotopondo-se o Ebro à excelsa Libra”: o rio Ebro está aqui para a Espanha (que, por sua vez, está para Cádis, ponto mais ocidental em relação a Jerusalém). A “excelsa Libra” significa que a constelação de Libra se encontra mais alta no céu. Nessa época do ano, Libra está diametralmente oposta ao sol, que se encontra em Áries. Logo, ela fica alta no céu à meia-noite.

[2] Trata-se da sexta beatitude, que, completa, diz: “Bem-aventurados os puros de coração (*beati mundo corde*), porque verão a Deus” (Mateus, 5, 8).

[3] Prestando atenção no canto que está do outro lado do fogo.

[4] Segundo alguns, a expressão quer dizer que Dante ficou igual a um cadáver. Segundo outros, quer dizer que ele ficou igual a um condenado à morte, colocado na fossa para ser sepultado vivo. Dante alude a esse suplício em

“Inferno”, XIX, 49-51.

[5] A condenação à fogueira, exibida publicamente, era muito frequente na época.

[6] Trata-se de um dos momentos mais perigosos da viagem de Dante, narrado em “Inferno”, XVII, 79-136.

[7] Píramo e Tisbe eram dois jovens que se amavam, contra a vontade de suas famílias. Decidindo fugir juntos, marcaram um encontro sob uma amoreira fora da cidade. Tisbe chegou primeiro, mas fugiu ao ver se aproximar uma leoa, que tinha o focinho sujo de sangue. Na fuga, Tisbe deixou cair seu véu, que a leoa estraçalhou e sujou de sangue. Quando Píramo chegou à amoreira e viu o véu de Tisbe, pensou que ela estivesse morta e se matou com a própria espada. Tisbe, retornando e vendo o amado caído, pôs-se a chorar e a dizer o próprio nome, exortando Píramo a abrir os olhos. Ao ouvir o nome, Píramo abriu os olhos, viu Tisbe e morreu. Em seguida, Tisbe se matou. O sangue de Píramo molhou a raiz da árvore e tingiu de vermelho as amoras, que até então eram brancas. O mito é narrado em *Metamorfoses*, IV, 55-166.

[8] “Lançaria”.

[9] Essa é a voz de outro anjo, que se encontra depois do fogo e cujo canto já havia sido preanunciado pelo anjo anteriormente encontrado (vv. 10-12). O seu canto conduz os poetas para a passagem entre o sétimo círculo e o Paraíso terrestre.

[10] O canto é constituído pelas palavras que serão dirigidas aos eleitos no Juízo Final: “Vinde, ó abençoados pelo meu pai; vinde tomar parte no reino que vos foi preparado desde a criação do mundo” (Mateus, 25, 34).

[11] “Transmonta”: põe-se.

[12] Isso significa que a subida é formada na direção do ocidente para o oriente. Recorde-se que, no início da subida (“Purgatório”, III, 16-18), os poetas têm de voltar as costas para o oriente. Se agora eles voltam as costas para o ocidente, isso significa que as subidas são opostas e que, ao longo de toda a viagem pelo Purgatório, eles percorreram metade da circunferência do monte.

[13] Isto é, antes que a noite ocupasse todo o céu.

[14] Recorde-se a lei natural do Purgatório: não é possível subir durante a noite, pois, com a escuridão, faltam os meios e a própria vontade de subir.

[15] “Enquanto o Sol candentes / Lumes despede": ao meio-dia.

“Pegureiro”: pastor.

[16] Os comentadores explicam o fenômeno ou pela rarefação do ar, que faz as estrelas parecerem maiores e mais intensas, ou pelo fato de que Dante acredita estar muito mais próximo das estrelas. Isso pode ter também algum sentido moral, relacionado ao fato de Dante estar concluindo a sua viagem pelo purgatório.

[17] No hora antelucana, quando Vênus, que precede o Sol, surge a oriente. Como é evidente em Purgatório I 19-21, Dante imagina que, na época de sua viagem, Vênus fosse um astro matutino, que surge pouco antes do Sol. Logo, esse sonho acontece no mesmo horário em que aconteceram os outros dois sonhos de Dante no purgatório (IX 13-19; XIX 1-7).

[18] Lia era filha de Labão e foi a primeira mulher de Jacó, que depois se casou com sua irmã Raquel (Gênesis 29). A primeira era fértil; a segunda era bela, mas estéril.

Na exegese tradicional, Lia é considerada símbolo da vida ativa, enquanto Raquel é considerada símbolo da vida contemplativa.

[19] “Espelho”: segundo alguns, simboliza Deus; segundo outros, simboliza a própria consciência. O ato de Raquel, que não para de olhar para o próprio espelho, é aqui claro símbolo da vida contemplativa.

[20] Isso cria uma analogia com a presente condição de Dante: também ele é um peregrino que se aproxima de sua verdadeira casa, o Paraíso.

“Do dia o precursor ’splendente”: a aurora.

[21] O “pomo” é a felicidade terrena, que Dante encontrará no Paraíso terrestre.

[22] “Janeiras”: o termo alude a cantigas populares cantadas no início do ano e pode ter também o significado de “presente de Ano-Novo”. Ele traduz o italiano *strenne*, que eram os presentes que os romanos davam às pessoas queridas no início de janeiro. Além disso, ambos os termos (italiano e português) podem ser entendidos, por extensão, como “boas notícias”.

[23] Virgílio (“Purgatório”, IV, 91-94; XII, 121-126) já dissera a Dante que, no final do caminho, ele subiria com muito mais leveza. Isso é sinal da purificação de Dante.

[24] “O Fogo temporário e o fogo eterno”: o Purgatório e o Inferno. Virgílio diz a

Dante que eles chegaram a um limite (o Paraíso terrestre), além do qual a razão humana não pode ir com suas próprias forças.

[25] Dante, portanto, está livre, tendo vencido as dificuldades (físicas, mas sobretudo morais) do seu caminho em direção ao bem.

[26] A primeira coisa que Dante vê, quando chega ao Paraíso terrestre, é o sol, que acabou de surgir. Sinal da presença divina nessa nova etapa da viagem.

[27] De Beatriz.

[28] Dante não precisa mais seguir as recomendações de Virgílio.

CANTO XXVIII

O Paraíso terreal e o rio Letes. À sua margem, Matilde colhe flores e canta. Acerca-se de Dante, que se acha do lado oposto. A rogo seu ela explica-lhe algumas dúvidas.

Dante passeia pelo Paraíso terrestre e vê uma dama, que lhe esclarece algumas dúvidas. Ela fala sobre a idade de ouro cantada pelos poetas clássicos.

1 Vagar já nos recessos desejando
Da selva divinal, vívida, espessa,
Que ao novo dia o lume faz mais brando,
2 Daquela encosta[1] a me afastar dou pressa.
Pela veiga me interno a passo lento,
Doce aroma sentindo, que não cessa.
3 Do ar, que circulava, o doce alento,
Mas sempre igual,[2] a fronte me afagando,
Tinha o bafejo de suave vento.
4 As folhas, molemente balouçando,
Do santo monte à parte se inclinavam,
A que a sombra primeira vai baixando.[3]
5 Mas, no meneio seu, não se acurvavam,
Em modo, que na rama aos passarinhos
Os hinos perturbassem, que entoavam.[4]
6 Pousados ledamente entre os raminhos,
Saudavam com seus cantos a alvorada,
Da fronde os acordando aos murmurinhos.
7 Assim de Chiassi no pinhal soada
De ramo em ramo corre, quando à amara
Prisão abre o mestre Éolo a entrada.[5]
8 Com demorado andar eu caminhara
Na selva antiga tanto, que não via
Mais o lugar, por onde penetrara.
9 Eis andar um ribeiro me tolhia,
Que, à sestra deslizando-se, beijava
A ervinha que às margens lhe crescia:[6]
10 O cristal dessa linfa superava
Da terra água a mais pura e transparente:
Quanto continha em si patente estava.
11 Entanto, pela sombra permanente,
Que luz da lua ou sol nunca atravessa,
Negreja aquela plácida corrente.[7]

12 O pé detenho, e a vista se arremessa
Além do humilde rio, contemplando
Primores, com que maio[8] se adereça.
13 Então se of ’rece aos olhos, como quando
De súbito um portento surge à mente,
De outro pensar qualquer a desviando,
14 Uma dama[9] sozinha de repente,
Que, cantando, escolhia de entre as flores,
Que o chão cobriam de matiz ridente.
15 — “Bela dama, que sentes os fervores
Do amor divino, se por teu semblante
Da tua alma julgar devo os ardores”
16 — Assim falei — “se caminhar avante
Até perto do rio te aprouvera,
Te entendera esse canto inebriante.
17 “Tão linda, em tal lugar, lembras qual era
Prosérpina, ao perdê-la a mãe querida
E ao perder também ela a primavera.”[10]
18 Qual menina, que em danças entretida,
Gira ligeira em terra deslizando,
Os passos troca e volve-se garrida,
19 Sobre o esmalte das flores se voltando,
A mim se dirigiu, como donzela
Que vai, modesta, os olhos abaixando.
20 Quanto o desejo meu sôfrego anela
Acercou-se e da angélica toada
Distinta pude ouvir a letra bela.
21 Logo em chegando à borda em que banhada
A erva era da linfa cristalina,
De olhar-me fez a graça assinalada.
22 Não creio que na vista peregrina
De Vênus lume tal resplandecesse
Ao feri-la de amor seta maligna.[11]

23 De fronte aos olhos a sorrir se of ’rece,
As mãos de lindas flores tendo plenas,
De que espontâneo o solo se guarnece.[12]
24 A nós três passos interpõem apenas:
O Helesponto que Xerxes transcendera,
— Lição em que há para os soberbos penas —
25 Em Leandro mais ódio não movera,
Quando entre Sesto e Ábidos nadava,[13]
Do que o rio que tanto estorvo me era.
26 — “Sois recém-vindos” — ela assim falava —
“Meu riso ao ver-vos no lugar eleito
À humana raça, quando à luz brotava,
27 “Talvez vos maravilhe por suspeito.[14]
Se lembrados o Salmo *Delectasti,*[15]
De todo o engano vos será desfeito.
28 “Tu, que estás adiante e me falaste,
Que mais ouvir desejas? Eis-me presta
Explicação a dar-te, quando baste.”
29 — “Esta água” — torno — “e o som desta floresta
Opõem-se à minha fé na maravilha
Que eu tinha ouvido e que é contrária a esta.”[16]
30 — “Eu te direi a causa, de que é filha
A razão que te move essa estranheza;
Terás, em vez de névoa, a luz que brilha.
31 — “O Bem, que em si somente se embeleza,
Apto ao bem fez o homem; em arras deu-lhe
De eterna paz a edênica riqueza.[17]
32 “A culpa sua este alto dom tolheu-lhe;
A culpa sua em prantos, em desgostos
Os prazeres, os risos converteu-lhe.
33 “A fim de que os efeitos, que compostos
São de eflúvios das águas e da terra,
Para o calor acompanhar dispostos,

34 “Ao homem não fizessem qualquer guerra,
Tão alta há-se elevado esta montanha,
Que é livre desde o ponto onde se encerra.[18]
35 “E porque todo o ar, por força manha,
Roda ao impulso do motor primeiro,[19]
Quando estorvo nenhum seu giro acanha,
36 “Este cimo elevado e sobranceiro
Pelo éter vivo ao moto é tão batido,
Que o denso bosque remurmura inteiro.
37 “E sendo em cada um tronco percutido,
A virtude transmite fecundante
Ao ar, que a esparge, em torno revolvido.
38 “A terra, como é apta, circunstante,
Por si ou por seu céu plantas concebe
De gênero e virtude variante.[20]
39 “E pois, já claramente se percebe
Como planta há viçosa e florescente,
Quando os germes a terra não recebe.
40 “Sabe que este jardim toda a semente
Do que a terra produz em si compreende
E contém fruto inoto à humana gente.
41 “Esta água de uma origem não depende,
Que alimente vapor que em chuva desça,
Como rio que seca ou que se estende.
42 “De fonte certa vem que nunca cessa,
Pois por querer de Deus tanta dimana,
Quanta aqui por canais dois se arremessa.
43 “A que neste álveo, que ora vês, se encana
Memória do pecado desvanece.
Aviva a outra a da virtude humana.
44 “É Letes, se por ela o mal se esquece,
Eunoé quando lembra: atuam quando
O gosto de um e de outro homem conhece.[21]

45 “Saber igual aos outros comparando
Não existe ao desta água.[22] Ao teu pedido
Satisfação hei dado assim falando.
46 “Corolário,[23] porém, lhe seja adido:
Não receio que assim te desagrade,
Indo além do que fora prometido.
47 “Poetas que cantavam de ouro a idade
E sua dita em Parnaso, certamente
Sonharam desta estância a f ’licidade.[24]
48 “Estirpe humana aqui fora inocente;
Eterna primavera aqui domina;
Foi este o néctar, que inventou sua mente.”[25]
49 Então a vista aos vates se me inclina.
Um sorriso em seus lábios se revela,
Esse conceito ouvindo, em que termina.
Rosto volvi depois à dama bela.

---

[1] A margem onde os poetas haviam ficado, no último degrau da escada.

[2] O ar é sempre igual, sem alterações de intensidade ou direção.

[3] As folhas se inclinavam docemente na mesma direção em que o monte projeta a sua primeira sombra pela manhã, isto é, em direção ao ocidente. Logo, o ar que o poeta sente vem do oriente, mais um sinal da presença divina na paisagem.

[4] As folhas não se inclinavam tanto a ponto de perturbar os cantos dos pássaros sobre os ramos. Tudo acontece em harmonia: o ar inclina levemente as folhas, o que não impede que os pássaros continuem a cantar.

[5] Chiassi: Classe, antigo porto romano perto de Ravena, no Adriático.

Éolo: segundo o mito, Éolo, o rei dos ventos, aprisionava todos os ventos em uma caverna da ilha Eólia, liberando-os um por vez.

O murmurinho das folhas no Paraíso terrestre é semelhante àquele que se ouve no pinhal de Classe, quando Éolo libera um dos ventos que mantém

aprisionados. O texto italiano fala especificamente do vento sudeste.

[6] Dante caminha em direção ao oriente. Se o rio desliza à esquerda, significa que ele se dirige para o norte, isto é, para o hemisfério habitado.

[7] A água é límpida não obstante esteja sob a sombra perene das árvores. Isso torna ainda mais admirável a sua limpidez.

[8] Aqui, “maio” é sinônimo de “primavera”. Entretanto, o texto italiano (“a grande variedade de frescos maios”) alude a um costume florentino: “mai” eram chamados ramos floridos, que as pessoas, no mês de maio, colocavam nas janelas das casas, em sinal de festa ou de amor.

[9] O canto XXXIII do “Purgatório” dirá que essa dama se chama Matelda. É difícil estabelecer o que ela simboliza, mas a maioria dos comentadores recentes vê na personagem a perfeita felicidade terrena, no estado de inocência próprio da criação do homem no Paraíso terrestre. Seria, portanto, a felicidade edênica, que é como premissa para a felicidade celeste. Há muitas tentativas de identificação da personagem com personalidades históricas, mas nenhuma é convincente. Alguns críticos defendem que se trata de uma das damas cantadas nas poesias da juventude de Dante. Matelda tem um ofício preciso no Paraíso terrestre, o qual será revelado mais adiante e poderá acrescentar elementos ao possível significado simbólico da personagem. Sua atitude nessa cena recorda aquela de Lia no sonho de Dante.

[10] Prosérpina: filha de Júpiter e Ceres. Quando colhia flores em um bosque, Prosérpina foi raptada pelo deus Plutão e levada ao Averno, do qual se tornou rainha.

“Perder também ela a primavera”: segundo alguns, significa que Prosérpina perdeu todas as flores que havia colhido. Segundo outros, que Prosérpina perdeu a eterna primavera que reinava no bosque Ena, onde colhia flores. O mito é narrado no livro V das *Metamorfoses*.

Os versos permitem estabelecer uma analogia entre ambas as figuras femininas: o mito de Prosérpina pode representar a perda da inocência primitiva do homem, que, em chave cristã, pode ser entendida como a perda do Paraíso terrestre, representado pela dama encontrada por Dante.

[11] Cupido, sem querer, acertou com uma de suas setas a deusa Vênus (sua mãe), a qual se apaixonou perdidamente por Adônis. A fonte, mais uma vez, é Ovídio (*Metamorfoses*, X, 525).

[12] Sobre o nascimento espontâneo das flores no Paraíso terrestre, Virgílio já havia falado no final do canto anterior (133-135). Trata-se de elemento que pode ser deduzido a respeito do Éden (Gênesis, 2, 9), mas que é também clássico, a respeito da idade de ouro (*Metamorfoses*, I, 108).

[13] A travessia do estreito do Helesponto é apresentada por dois episódios, um histórico, outro mítico.

Em 480 a.C., Xerxes atravessou o Helesponto com seu grande exército, para dominar a Grécia. Sendo derrotado, seu exército fugiu em desordem e destruiu a ponte que permitia a passagem. Xerxes conseguiu se salvar realizando a travessia em uma barca. O episódio, portanto, é uma advertência aos soberbos ("lição em que há para os soberbos penas").

Leandro: atravessava a nado o Helesponto todas as noites, para ver a amada Ero. A fonte é Ovídio (*Heroides*, XVIII) .

Sesto e Ábidos: cidades nas margens opostas do estreito. A primeira na Trácia; a segunda na Ásia Menor.

[14] Talvez os recém-chegados estranhem o riso no lugar que recorda a culpa do homem.

[15] Alusão aos versículos 5-6 do salmo 92 (91): "*Quia delectasti me domine in factura tua et in operibus manum tuarum exsultabo*. / *Quam magnificata sunt opera tua, Domine*", "Tu me deleitaste com teus feitos, senhor, e eu exultarei nas obras de tuas mãos. Como são grandes as tuas obras, senhor". Isso explica o riso de Matelda: trata-se da alegria (e também da gratidão) do homem diante das maravilhas da criação.

[16] Dante alude à explicação de Estácio (XXI, 40-57), segundo a qual não há nenhuma alteração meteorológica na montanha do Purgatório, mas apenas no Antipurgatório. Entretanto, a água (que implica a chuva) e o vento (que produz o som da floresta) parecem contradizer aquela explicação.

[17] "O Bem, que em si somente se embeleza": Deus, o Bem por excelência, que só encontra a perfeição do bem em si mesmo ("em si somente se embeleza").

"Em arras": como antecipação.

[18] Matelda complementa aquela explicação de Estácio. Recorde-se que, segundo a ciência do tempo (de derivação aristotélica), as perturbações atmosféricas eram causadas por vapores, úmidos e secos, que tendiam a subir em direção ao calor

do sol. Entretanto, os vapores não podiam subir além da segunda região do ar. Então, para que no Éden as mudanças atmosféricas não perturbassem o homem, a montanha se elevou na terceira região do ar, ficando livre, a partir da sua entrada, das mudanças atmosféricas. Isto é, o Antipurgatório ainda é sujeito às alterações; mas, a partir da porta ("ponto onde se encerra"), a montanha faz parte da terceira região.

19 Motor primeiro: refere-se aqui ao chamado Primo Móbile, o céu mais alto, que imprime movimento (de oriente a ocidente) a todos os outros céus. Logo, toda a atmosfera roda em torno da terra segundo o impulso do Primo Móbile (se nada atrapalha esse movimento); e esse movimento constante da atmosfera bate contra o alto da montanha (que está na terceira região, "éter vivo"), fazendo soar o bosque. Isto é, o Éden não é atingido pelos ventos da terra, que são mutáveis, mas sim pelo movimento constante dos céus.

20 Matelda agora explica a origem da vegetação terrestre. As plantas do Paraíso terrestre, percutidas, transmitem suas virtudes generativas ao ar, que as espalha sobre a terra humana, que, segundo condições de terreno e clima ("como é apta por si ou por seu céu"), gera diferentes espécies de plantas, derivadas daquelas do Paraíso terrestre.

21 Letes: um dos quatro rios do Averno (os outros três estão no Inferno dantesco). Segundo o livro VI da *Eneida*, as almas bebiam suas águas para esquecer a vida passada. Aqui, as águas do rio fazem as almas esquecerem, depois da purificação no Purgatório, os pecados cometidos. Como dito anteriormente, o Letes, ao que parece, corre para o norte, em direção ao hemisfério habitado. Como o rio leva a memória do pecado, alguns comentadores pensam que ele deságue na abertura do inferno, por onde saíram Dante e Virgílio. De fato, no canto XXXIV do "Inferno" os poetas caminham ao longo de um "arroio" (130).

Eunoé: nome criado por Dante a partir de duas palavras gregas, cujo significado é "memória do bem".

"Atuam quando / O gosto de um e de outro o homem conhece": os rios têm o efeito de completar a purificação do homem quando ele bebe de ambas as águas. Segundo outros, o texto original diz: o Eunoé só produz o seu efeito (a memória do bem) se o homem bebe primeiro a água do Letes.

22 Refere-se, provavelmente, ao Eunoé.

[23] Acréscimo. O termo significa consequência, não buscada, que surge a partir de uma demonstração.

[24] Parnaso: o monte habitado pelas Musas e por Apolo. Representa a inspiração poética.

Os poetas clássicos, cantando a idade de ouro, viram em sonho o Paraíso terrestre (“desta estância a f’licidade”). É um sinal do dom divino concedido aos poetas clássicos, que pressentiram, como em sonho, a verdade revelada nas escrituras.

[25] A água aqui presente é o néctar do qual falavam os poetas. Falava-se que, na idade de ouro, o néctar corria em rio. Esses três versos mostram coincidências entre a idade de ouro descrita pelos poetas e o Paraíso terrestre.

CANTO XXIX

Dante acompanha Matilde. Maravilhoso préstito da Igreja triunfante.

Dante acompanha Matelda e vê uma procissão.

1 As vozes que eu lhe ouvia, ela remata,
Qual dama namorada, assim cantando:
Beati quorum tecta sunt peccata.[1]
2 Como das ninfas o formoso bando,
Que nas umbrosas selvas sós andavam,
Qual ver, qual evitar o sol buscando:
3 Contra o ribeiro[2] os passos a levavam,
Sobre a margem seguindo lentamente;
E pelos seus os meus se regulavam.
4 Cinquenta assim andáramos somente,
Quando o álveo curvou a linfa pura,
E, pois, da banda achei-me do oriente.[3]
5 Pouco éramos avante na espessura,
Eis, voltando-se, a dama desta sorte
Falou-me: — “Escuta, irmão, e ver procura.”
6 Refulge de repente uma luz forte
Por todo o espaço imenso da floresta.
Relâmpago julguei, que os ares corte.
7 Mas luz após relâmpago não resta;
E o fulgor mais e mais resplendecia.
Disse entre mim: — “Que maravilha é esta?”
8 Pelo ar luminoso se esparzia
Dulcíssima harmonia: e, em zelo ardendo,
De Eva o feito imprudente eu repreendia.
9 Pois, céu e terra a Deus humildes vendo,
A mulher, só, que a vida começara,
Violava o preceito, os véus rompendo.[4]
10 Se fiel fora e as ordens respeitara,
Mais cedo e por mais tempo essa morada,
Em delícia inefável, eu gozara.
11 Prosseguia, tendo a alma transportada
Nas primícias da eterna f ’licidade,
Em desejos mais vivos abrasada,

12 Quando vimos de intensa claridade
Sob a rama tornar-se o ar brilhante
E o som tomou de um hino a suavidade.
13 Ó Musas, santas virgens, se constante
Fome, frio, vigílias hei sofrido,
Da mercê[5] vos rogar assoma o instante:
14 Das águas de Hipocrene bem provido,
Para em metro cantar ideia imensa,
De Urânia e das irmãs seja eu valido![6]
15 De ver, um tanto além, eu tive a crença
Árvores sete de ouro: era aparência,[7]
Emprestava a distância parecença.
16 Mas quando me acerquei, quando a evidência
Me provou quanto a semelhança engana,
Dando das coisas falsa inteligência,
17 A faculdade, que à razão aplana
O discurso, fez ver distintamente
Candelabros e ouvir no hino: Hosana![8]
18 Cada qual flamejava refulgente,
Mais que no azul do céu rebrilha a lua
Da noite em meio, em seu maior crescente.[9]
19 De pasmo que no espírito me atua,
A Virgílio me volto; ele me encara:
Também revela espanto a vista sua.
20 Tornei-me ao lampadário, que não para,
Prosseguindo, porém, solene e lento:
Noiva ao altar mais presta caminhara.
21 Eis a dama gritou-me: — “Por que atento
Às vivas luzes estás com tanto excesso,
Que desvias do mais o pensamento?”
22 Trajadas de alva cor a ver começo
Pessoas, que os luzeiros têm por guia:
Candor igual na terra não conheço.

23 Do rio a linfa à sestra resplendia:
Espelho, minha imagem, desse lado,
Oscilando, aos meus olhos refletia.
24 Dos lumes tanto estava apropinquado,
Que pelo rio só fiquei distante:
Parei, por ver melhor, maravilhado.
25 Esses clarões eu vi passar avante;
Trás si no ar matiz vário espalhavam,
A pendões desfraldados semelhante.[10]
26 Sete listras bem claras desenhavam.
As cores que contém de Délia o cinto
Ou ’stão do sol no arco figuravam.[11]
27 Cada estandarte, atrás — asas distinto,
Se perdia à vista; entre eles pareciam
Dez passos[12] se no cálculo não minto.
28 Por baixo de tão belo céu seguiam
Vinte e quatro anciões emparelhados:
Brancos lírios as frontes lhes cingiam.[13]
29 Todos cantavam juntos, compassados
— “Entre as filhas de Adão sejas bendita!
Benditos teus excelsos predicados”.[14] —
30 Quando da margem, bem defronte sita,
De fresca relva e flores guarnecida,
A grei se foi que alçava a santa grita,
31 Como no céu a luz de outro é seguida,[15]
Quatro animais após se apresentavam,[16]
Coroados de fronde entretecida.
32 A cada qual seis asas adornavam,
Cobertas de olhos tantos, quantos Argo
Tinha, quando os seus vida gozavam.[17]
33 De descrevê-los não me faço cargo,
Leitor; a tanto ora me falta ensejo:
Nem posso neste ponto ser mais largo.

34 Contenta Ezequiel o teu desejo:
Ele os viu, que, do norte se arrojando,
Vinham, com vento, nuvem, ígneo lampejo.
35 Como os pintou, estava-os contemplando:
Dif’rença quanto às asas há somente;
João eu sigo, Ezequiel deixando.[18]
36 Entre os quatro volvia resplendente
Com dupla roda um carro triunfante,
Por um grifo tirado altivamente,[19]
37 As asas estendendo ia pujante;
No meio às listras, três de cada lado,
Sem nenhuma empecer seguia avante.[20]
38 Não sobe a vista ao ponto sublimado
A que se erguem; são de ouro os membros de ave,
No mais o róseo e o níveo misturado.[21]
39 Roma um plaustro não viu tão belo e grave
Do Africano em triunfo ou no de Augusto;
O do Sol fora ante ele humilde trave;
40 Esse que, transviado, foi combusto,
Da Terra quando as súplicas bradaram
E em seus arcanos Júpiter foi justo.[22]
41 Dançando à destra aos olhos se mostraram
Três damas: tão rubente uma parece,
Que chamas se a cercassem a ocultaram.
42 A segunda tão verde resplandece,
Como composta de esmeralda bela;
A candura da neve outra escurece.[23]
43 A dança dirigindo, se desvela
Ora a branca, ora a rubra: o canto desta
Detém, apressa o passo ao querer dela.[24]
44 À sestra fazem outras quatro festa
De púrpura vestidas: uma guia
As outras e três olhos tem na testa.[25]

45 Dois anciões no couce depois via
Dif ’rentes no vestir; mas igualdade
Nos gestos seus e acatamento havia.[26]
46 Aluno um parecia na verdade
De Hipócrates sublime, que criado
Natura tem por bem da humanidade.[27]
47 Mostrava o companheiro outro cuidado
Trazendo espada tão aguda e clara,
Que onde eu estava de susto fui tomado.[28]
48 De humilde aspeito a vista me depara
Mais quatro: segue o velho, que distante,
Cerra os olhos, mas luz a face aclara.[29]
49 Os sete como os quatro de diante
Trajando a fronte sua têm cingida,
Não de c’roa de lírios alvejante,
50 Mas de purpúreas flores rubescida:[30]
Um tanto longe ao vê-los me parece,
Que a testa a cada qual ’stava incendida.
51 E, quando o carro em face me aparece,
Rompe um trovão e a santa companhia
Atendendo ao sinal pronta obedece:
Para o cortejo e quanto o antecedia.

---

[1] “Felizes aqueles cujos pecados são cobertos [pelo perdão]”. Início do salmo 32 (31), cujo primeiro versículo diz “*Beati quorum remissae sunt iniquitates / et quorum tecta sunt peccata*” (“Felizes aqueles cujas culpas foram absolvidas e cujos pecados foram cobertos”). O salmo anuncia a purificação de Dante, que ocorrerá no Paraíso terrestre.

[2] Em direção contrária à corrente.

[3] Dante, quando entra no Paraíso terrestre, caminha em direção ao oriente, encontrando o Letes à sua frente, que corre para a esquerda, em direção ao norte.

Ele caminha com Matelda contra a corrente, isto é, em direção ao sul, até encontrar uma mudança brusca no curso do rio, voltando-se novamente para o oriente (isto é, para a esquerda). Isso leva a crer que o rio nasce no oriente (como tudo o que provém de Deus), realizando depois um ângulo reto em direção ao norte, isto é, o hemisfério habitado.

4 "Mulher, só, que a vida começara": sendo mulher, deveria ter sido menos audaz; estando só, não tinha o encorajamento de outros; tendo acabado de começar a vida, não tinha ainda nenhuma experiência. Essas são três condições que deveriam ter estimulado a obediência.

"Os véus": podem significar a ignorância, pois Eva provou o fruto proibido para ter conhecimento do bem e do mal (Gênesis, 2, 17; 3, 5). Podem significar também obediência.

5 "Mercê" pode ser aqui entendido como "ajuda" ou "recompensa" pelos duros trabalhos do poeta.

6 Hipocrene: uma das fontes (a outra era Aganipe) que nasciam no Hélicon, cadeia montanhosa da Beócia, sede das Musas. As fontes efundiam inspiração poética. O original fala Hélicon, mas em referência às fontes que dava a inspiração poética.

Urânia: musa do conhecimento das coisas celestes. A invocação do seu nome em especial indica que o poeta está para falar de coisas celestes.

Irmãs: as outras Musas.

7 A distância faz com que os objetos pareçam sete árvores de ouro.

8 "A faculdade, que à razão aplana / O discurso": a faculdade perceptiva, que apreende os dados fornecidos pelos sentidos, dando à razão os elementos para operar o seu julgamento (chamado aqui o "discurso"). Essa faculdade, confrontando as sucessivas impressões de Dante, mediante o julgamento da razão, compreendeu que aqueles objetos que pareciam árvores são, na verdade, candelabros e que as palavras cantadas são "Hosana".

Candelabros: os sete candelabros são a primeira figura da longa procissão que aparecerá no Paraíso terrestre. Essa procissão representa a história da Igreja e da humanidade, antes e depois da Redenção. Entretanto, diferentes elementos da procissão podem ser interpretados de diferentes modos. Os comentadores concordam em ver, como fonte dos sete candelabros, o livro do Apocalipse, mas

atribuem aos objetos diferentes sentidos. A interpretação mais comum é ver nos candelabros os “sete espíritos de Deus” (Apocalipse, 4, 5).

Hosana: termo hebraico de aclamação com o qual Jesus foi saudado ao entrar em Jerusalém (Mateus, 21, 9).

9 “Da noite em meio”: à meia-noite.

“Em seu maior crescente”: quando a Lua está cheia.

10 Esse é um dos modos de entender a comparação empregada no original. Entretanto, há comentadores que entendem não “pendões”, mas “pincéis inclinados”. Ambas as imagens são possíveis.

11 As sete listras, que, derivando das chamas, ficam por cima da procissão, representam, provavelmente, os sete dons do Espírito Santo, que emanam do Espírito de Deus.

“As cores que contém de Délia o cinto / Ou estão do sol no arco”: as cores do halo da lua (o cinto de Délia) e do arco-íris (o arco do sol). Délia: a deusa Diana, identificada com a lua, nascida em Delos.

Não é claro se cada listra corresponde a uma cor do arco-íris ou se cada listra apresenta todas as cores do arco-íris.

12 Cada estandarte: cada listra.

As listras externas pareciam distar dez passos. O número dez é frequentemente interpretado como alusão aos dez mandamentos, que, com os dons do Espírito Santo, protegem a Igreja. Segundo outros, o número indica simplesmente perfeição: os dons do Espírito Santo iluminam com perfeição a Igreja.

13 Vinte e quatro anciões: elemento retomado de Apocalipse, 4, 4. Os anciões representam os vinte e quatro livros do Antigo Testamento. A coroa de lírios é provavelmente a fé no Cristo venturo.

14 Como o canto de Hosana se dirigia a Jesus, do mesmo modo as palavras desses versos se dirigem a Maria (segundo outros, a Beatriz). As palavras são uma paráfrase das palavras do anjo a Maria: “Bendita és tu entre as mulheres”, às quais se acrescenta o texto de Judite, 13, 18: “És mais bendita do que todas as mulheres sobre a terra”.

15 Como no céu uma constelação segue a outra.

16 Como o próprio narrador indicará, as fontes para os “quatro animais” são o

livro de Ezequiel e o Apocalipse. Segundo a tradição cristã, os quatro animais das escrituras simbolizam os quatro Evangelhos: o homem ou anjo é o de Mateus; o leão é o de Marcos; o boi é o de Lucas; e a águia é o de João.

Fronde: o verde indica provavelmente a esperança da salvação, anunciada pelos Evangelhos.

17 Segundo o texto de Isaías (6, 2-4), as seis asas são próprias dos serafins. Ezequiel atribui aos seus animais quatro asas, mas, nesse ponto, Dante segue o texto de João, que, de fato, atribui seis asas aos animais. O significado do número seis, contudo, não é claro. Segundo alguns, as seis asas simbolizam a velocidade da propagação do Evangelho.

Argo: mítico pastor de cem olhos, que vigiava a ninfa Io, amada por Júpiter e transformada em vaca (*Metamorfoses*, I, 568-746).

Os olhos significam, provavelmente, a compreensão de fatos passados e futuros.

18 Dante diz que os animais são exatamente iguais àqueles descritos por Ezequiel em Ezequiel, 1, 4-12, diferindo só no número das asas. Quanto a esse último elemento, Dante segue João, que, em Apocalipse, 4, 7-8, atribui aos animais seis asas, e não quatro, como Ezequiel.

“Ele os viu, que, do norte se arrojando, / Vinham, com vento, nuvem, ígneo lampejo”: citação quase literal de Ezequiel, 1, 4.

19 O carro triunfante simboliza, provavelmente, a Igreja, mas diversos significados foram atribuídos às duas rodas: o Antigo e o Novo Testamento, a antiga e a nova lei, a vida ativa e a vida contemplativa etc.

Grifo: animal com corpo de leão e cabeça e asa de águia. Simboliza Cristo, no qual se unem duas naturezas, a humana e a divina.

20 As asas elevadas do grifo passam ao redor da listra central, deixando três listras de cada lado. Esse elemento provavelmente tem um significado simbólico, para o qual foram defendidas diferentes hipóteses, não muito convincentes para a maior parte dos comentadores.

“Sem nenhuma empecer”: as asas do grifo não cortavam as listras, mas passavam ao lado delas.

21 O ouro representa a natureza divina; o róseo e o níveo representam a natureza humana.

[22] “Roma um plaustro […] Augusto”: Roma nunca honrou Africano ou Augusto com um carro triunfal tão belo. Africano: Públio Cornélio Cipião Africano, venceu Aníbal.

“O do Sol fora ante ele humilde trave”: nem mesmo o carro do Sol pode ser comparado ao carro que Dante agora vê no Paraíso terrestre.

“Esse que, transviando…”: alude ao mito de Faetonte, que, não conseguindo guiar o carro do Sol, foi fulminado por Júpiter para salvar a terra da destruição (o mito já foi mencionado em “Inferno”, XVII, 106-108).

“Em seus arcanos Júpiter foi justo”: talvez alusão a uma possível intervenção divina para punir aqueles que fazem desviar o carro da Igreja.

[23] As três damas à direita representam as virtudes teologais: a vermelha é a caridade, a verde é a esperança e a branca é a fé.

[24] A branca guia a dança porque da fé nascem as outras duas virtudes; a vermelha guia porque a caridade é a maior das três virtudes. Por isso, é ela que dá o ritmo da dança.

[25] As quatro à esquerda são as virtudes cardeais: prudência, justiça, fortaleza e temperança. “De púrpura vestidas”: significa que as virtudes cardeais têm de ser revestidas pela caridade.

“Uma guia”: a prudência, que guia as outras virtudes morais. Os três olhos significam a boa memória do que foi visto, o conhecimento do presente e a providência do futuro (segundo o próprio Dante, em *Convívio*, IV; XXVII, 5).

[26] Agora aparecerão os representantes dos livros do Novo Testamento, em ordem cronológica. Os dois anciões são, portanto, os Atos dos Apóstolos e as Epístolas de São Paulo.

[27] Aluno de Hipócrates: um médico. São Lucas, o autor dos Atos dos Apóstolos, era médico.

[28] Como dito anteriormente, representa as Epístolas de São Paulo, que, na iconografia cristã, é normalmente representado com uma espada, que significa a palavra de Deus (Efésios, 6, 17), difundida por ele.

[29] Os quatro de “humilde aspeito” são as Epístolas de Pedro, João, Tiago e Judas. Talvez sejam humildes porque esses livros têm menos relevância do que outros livros do Novo Testamento.

Velho: o Apocalipse. Os olhos fechados indicam o fato de o Apocalipse ser um livro de visões; a face aclarada indica o teor profético do livro.

30 “Como os quatro de diante”: na verdade, não como os quatro, mas como os vinte e quatro anciões que representavam os livros do Antigo Testamento. As coroas vermelhas indicam a caridade, própria do tempo cristão, como a fé (simbolizada pela coroa branca dos vinte e quatro anciões) era própria do tempo pré-cristão.

CANTO XXX

Aparece Beatriz rodeada de anjos. No ato de reconhecê-la Dante, Virgílio desaparece. Exprobrações de Beatriz a Dante.

Surge Beatriz e desaparece Virgílio. Beatriz repreende Dante.

1 Quando o setentrião do céu primeiro,
Que, jamais tendo ocaso nem nascente,
Da culpa só nublou-se em nevoeiro,[1]
2 E ali fazia cada qual ciente
Do dever seu, bem como o deste mundo
Do nauta ao porto é guia permanente,[2]
3 Parou, a santa grei, que ia em segundo
Lugar antes do Grifo, dirigia,
Como à paz sua, ao carro olhar profundo.[3]
4 Um, que do céu arauto parecia,
Veni, sponsa de Libano — cantando,
Três vezes disse, e a turba repetia.[4]
5 Como, ao soar o derradeiro bando,
Hão de os eleitos ressurgir ligeiros,
Com renovada voz aleluiando,[5]
6 Assim, da vida eterna mensageiros,
Cem anjos, *ad vocem tanti senis*
Elevaram-se ao carro sobranceiros.[6]
7 Diziam todos: — *Benedictus qui venis!*[7]
Modulavam, lançando em torno flores:
Manibus, oh, date lilia plenis![8]
8 Já vi do dia aos lúcidos albores
Em parte o céu de rosicler tingido,
Estando em parte azul e sem vapores,
9 E o Sol, nascendo em nuvens[9] envolvido,
Permitir que se encare em seu semblante,
Entre véus nebulosos escondido:
10 Tal, em nuvem de flores odorante,
Que de angélicas mãos sobe fagueira
E cai no carro e em torno a cada instante,
11 De véu níveo cingida e de oliveira,
Uma dama esguardei com verde manto

E veste em cor igual à da fogueira.[10]
12 E o espírito meu, que, tempo tanto
Havia já, não fora, ao seu conspeito,
Trêmulo, entrado de soçobro e espanto,
13 Antes que aos olhos se mostrasse o aspeito,
Sentiu, por força oculta que desprende,
Do antigo amor o poderoso efeito.
14 Quando essa alta influência em mim descende,
Que desde o alvor primeiro da existência[11]
Da alma as potências me avassala e rende,
15 A sestra me voltei com diligência,
Qual infante da mãe correndo ao seio,
Se dor ou medo assalta-lhe a inocência,
16 Por dizer a Virgílio: — "Neste enleio
Meu sangue em cada gota é convulsado.
De amor na antiga flama eu me incendeio."[12]
17 Mas ai! Virgílio havia-se ausentado,
Virgílio, o pai dulcíssimo e amoroso,
Virgílio, a quem por me salvar fui dado!
18 Quanto perdeu neste lugar formoso
Eva, não tolhe as lágrimas no rosto,
Que o rocio me lavara milagroso.[13]
19 — "Não haja por Virgílio ir-se desgosto;
Não te entregues ao pranto agora, ó Dante;[14]
Por dor mais viva ao pranto sê disposto."
20 Como em revista às naus sábio almirante
Nas manobras feroz a dura gente
E os corações esforça vigilante,
21 Do carro à borda, à esquerda,[15] incontinente,
Quando me volto ao nome proferido —
Que por ser dito aqui vem simplesmente —,[16]
22 A dama vi que tinha aparecido
Velada em meio da divina festa,

Tendo, além-rio, o gesto a mim volvido,
23 Conquanto o véu, que lhe cingia a testa,
Que de Minerva, fronde coroava,[17]
A face não deixasse manifesta
24 No régio continente que ostentava,
Desta arte prosseguiu; porém, dizendo,
O mais aceso para o fim guardava:[18]
25 — "Olha! Sou eu! Sim! Beatriz 'stás vendo!
Pois te hás dignado de ascender ao monte,
Ter aqui dita o homem já sabendo?"
26 Os olhos inclinando à pura fonte,
Vi minha imagem; logo os volto a um lado,
Tanta vergonha me acendia a fronte!
27 Qual mãe, que o filho increpa em tom magoado,
Pareceu-me: porque se torna amara,
A piedade que pune, ao castigado.[19]
28 Calou-se ela e dos anjos a voz clara
— "*In te, Domine, 'speravi*" — de repente
Entoa, mas em *pedes meos*[20] para.
29 Da terra italiana em serra ingente,
Da Esclavônia por ventos contraída,
Entre as selvas congela a neve algente;[21]
30 Depois liquesce e corre derretida
Ao quente sopro, que do sul procede,[22]
Como cera de flamas aquecida:
31 Tal o soçobro as lágrimas me impede,
Antes de ouvir a angélica toada,
Que o hino dos eternos orbes mede.[23]
32 Mas quando, em seus concentos expressada,
Compaixão vejo mais do que se houvessem
Dito: — "Senhora, por que és tanto irada?",
33 No peito meu os gelos se amolecem;
Dos lábios e dos olhos irrompendo,

Com lágrimas soluços aparecem.
34 Firme no carro, à destra se volvendo,
Ela aos pios espíritos dizia,
Do cântico às palavras respondendo:
35 — “Vigilantes estais no eterno dia.
Jamais por noite ou sono distraída,
Do tempo os passos vossa vista espia.[24]
36 “Minha resposta, pois, vai dirigida
Àquele, que ora ao pranto os olhos solta:
A culpa seja pela dor medida.
37 “Dos céus, não pela ação, na imensa volta,
Que para um fim conduz cada semente,
Segundo os astros, que lhe vão na escolta,
38 “Senão de graças por divina enchente,
Que chovem sobre nós dessa eminência,
A que se alar nem pode a nossa mente,
39 “Este homem foi na aurora da existência,
De tais dotes ornado, que pudera
Da virtude alcançar toda a excelência.[25]
40 “Se, porém, a incultura se apodera
Ou semente ruim do bom terreno,
Plantas malignas, peçonhentas gera.
41 “Conservou-se ante mim puro e sereno:
Meus olhos, em menina, o conduziram
Pelo caminho mais seguro e ameno.[26]
42 “Tanto que umbrais à vista se me abriram
Da idade segunda e desta vida,
Deixou-me; outros enlevos o atraíram.[27]
43 “Quando em esp’rito eu fora convertida
E beleza e virtude em mim crescera,
Em menos preço fui por ele havida.
44 “Por fraguras fugiu da estrada vera,
Em fingidas imagens enlevado,

De que jamais se alcança o que se espera.[28]
45 “Inspirações em vão hei-lhe impetrado
Em sonhos, em vigília o bem mostrando:
Cego, correu pelo caminho errado.[29]
46 “Já todo o esforço meu se malogrando,
Para salvá-lo do perigo eterno
Quis que baixasse ao reino miserando.
47 “Foi neste empenho que desci ao Inferno,
E à sombra, que de guia lhe há servido,
Fiz o meu rogo lacrimoso eterno.
48 “O preceito de Deus fora infringido,
Se ele do Letes transcendesse as águas,
Se lhe fosse prová-las permitido,
Sem seu preço pagar em pranto e mágoas.”

---

[1] Setentrião do céu primeiro: os sete candelabros, que conduzem a procissão.

Setentrião: com esse termo, os candelabros são comparados às sete estrelas da Ursa Maior, que eram usualmente indicadas pelo termo “setentrião”. As sete estrelas da Ursa eram vistas como bois que puxam um carro; do mesmo modo, os candelabros conduzem aqui a procissão.

Do primeiro céu: do Empíreo, sede de Deus e dos beatos.

“Jamais tendo ocaso nem nascente”: a Ursa Maior do Empíreo, isto é, os sete candelabros que representam o espírito de Deus, é eterna (não se põe e nasce, como as constelações).

“Da culpa só nublou-se em nevoeiro”: a Ursa do Empíreo, diferentemente das constelações, nunca é ofuscada por nevoeiro, mas apenas pela culpa humana.

[2] Na procissão, os candelabros exerciam função de guia, como na terra a Ursa (“o setentrião deste mundo”) guia os navegantes.

[3] “Parou” retoma “Quando o setentrião”. Quando os candelabros pararam, os vinte e quatro anciões (santa grei que ia antes do Grifo) dirigiam seu olhar para o

carro. Os livros do Antigo Testamento olham para a Igreja conduzida por Cristo (o carro e o Grifo), a qual foi preparada e esperada por eles.

[4] “Um”: o ancião que representa o Cântico dos cânticos, no qual se encontram as palavras “ *Veni, sponsa de Libano*” (4, 8). O texto bíblico diz: “Vem do Líbano, noiva minha. Vem do Líbano, vem”. Por isso, Dante diz “três vezes disse”. Na tradição cristã, a noiva é normalmente interpretada como a Igreja. Aqui, ela se identifica, provavelmente, com a “sabedoria divina”, como o próprio Dante diz em *Convívio* II; XIV, 20. E como a sabedoria divina é identificada, no poema, com Beatriz, essas palavras são provavelmente uma invocação a Beatriz, que logo aparecerá no Paraíso terrestre.

[5] “Ao soar do derradeiro bando”: no Juízo Final.

“Com renovada voz”: porque a alma estará novamente unida ao corpo.

[6] “Da vida eterna mensageiros”: refere-se aos anjos.

“Cem”: um grande número, indeterminado.

“*Ad vocem tanti senis*”: “à voz de tão venerando ancião”. Não é citação, mas apenas introdução de palavras latinas no texto.

[7] “Bendito, ó tu que vens”. Adaptação de “*Benedictus qui venit in nomine Domini*”: “Bendito aquele que vem em nome do Senhor”. São as palavras com as quais Jesus foi aclamado quando entrou em Jerusalém, ditas logo depois da aclamação “Hosana” (Mateus, 21, 9; Marcos, 11, 10; Lucas, 19, 38; João, 12, 13). A maioria dos comentadores defende que também essas palavras são dirigidas a Beatriz, que aparecerá na cena. O fato de o termo estar no masculino (“*Benedictus*”) fez alguns defenderem que se trata do Grifo ou de outros personagens masculinos. Entretanto, não há necessária contradição entre o masculino e a referência a Beatriz, até porque se trata aqui de uma fórmula litúrgica fixa.

[8] “Dai lírios a mancheias”. Citação direta da *Eneida* (VI, 883). O termo “oh” é um acréscimo de Dante, para formação do verso. Esse é um dos mais evidentes exemplos dos paralelismos e das relações que Dante cria entre as escrituras e textos clássicos pré-cristãos: para Dante, também a poesia clássica tinha a sua sacralidade.

[9] Na verdade, o texto fala não de nuvens, mas de “vapores”, que mitigam o esplendor do Sol, permitindo que a pessoa olhe para ele por mais tempo.

[10] A dama é Beatriz, vestida com as cores das virtudes teologais. Segundo alguns, a oliveira significa a paz (atingida pelo espírito mediante o conhecimento das coisas divinas); segundo outros, significa a sabedoria.

[11] Como ele próprio conta na *Vida nova* (II, 11), Dante se apaixonou por Beatriz quando tinha nove anos.

[12] O texto original diz “conheço os sinais da antiga chama”, tradução literal de *Eneida*, IV, 23.

[13] Nem todas as belezas do Éden (“quanto perdeu neste lugar formoso Eva”) foram suficientes para impedir que Dante chorasse pela partida de Virgílio.

“Rosto, que o rocio me lavara milagroso”: alusão ao rito de purificação realizado no início do “Purgatório”, quando Virgílio lavou o rosto de Dante com o orvalho (I, 121-129).

[14] Única ocorrência do nome em todo o poema.

[15] O lado que fica de frente para Dante.

[16] Dante escreveu o próprio nome só para transcrever as exatas palavras de Beatriz.

[17] “A fronde de Minerva”: as folhas de oliveira, planta consagrada à deusa Minerva.

[18] “O mais aceso para o fim guardava”: deixava para o final a parte mais importante e veemente do discurso.

[19] “Piedade” tem aqui o sentido de “afeto”: o afeto materno, quando pune, parece amargo ao filho.

[20] “Esperei em ti, Senhor”, salmo 31 (30), que é um canto de esperança e de confiança na misericórdia divina. Os anjos respondem por Dante: ele se dignou a subir o monte, porque, mesmo culpado, confiou na misericórdia divina.

“Mas em *pedes meos* para”: os anjos cantam até o nono versículo (no texto latino dos Salmos, até o oitavo versículo), no qual se encontram essas palavras. Os anjos cantam só a primeira parte do salmo, porque só ela convém à situação presente de Dante.

“— *In te, Domine, ’speravi* — de repente”: verso aparentemente hipérmetro, a não ser que se leia *’sp’ravi*.

[21] “Serra ingente”: o Apenino.

“Da Esclavônia por ventos”: pelos ventos da Eslovênia, para indicar os ventos do nordeste em geral.

[22] Pela ação dos ventos do sul, provenientes da África.

[23] “Mede” tem provavelmente o significado de “segue”: o canto dos anjos segue o hino das eternas esferas celestes.

[24] “No eterno dia”: na luz divina.

Os anjos veem em Deus todos os acontecimentos.

[25] Os vv. 109-117 significam: não apenas por obra dos céus, mas também pela generosa abundância da graça divina, Dante foi, na sua juventude, ornado de tais dotes que qualquer boa disposição o teria levado a resultados admiráveis (“pudera / da virtude alcançar toda a excelência”).

“Não pela ação”: o texto original diz, na verdade, “não apenas”.

“Que para um fim conduz cada semente, / Segundo os astros, que lhe vão na escolta”: segundo a concepção de Dante, os céus conduzem para seu fim cada criatura (“semente”), segundo a constelação sob a qual a criatura nasce.

“Que chovem sobre nós dessa eminência, / A que se alar nem pode a nossa mente”: a origem das graças divinas está encerrada em uma profundidade inacessível mesmo para os beatos e para os anjos.

“Na aurora da existência”: no original, Beatriz fala “na sua vida nova”, em provável alusão ao livro da juventude de Dante, *Vida nova*, que narra a história do seu amor por Beatriz.

[26] Segundo a *Vida nova*, isso durou desde o primeiro encontro de Dante com Beatriz, em 1274, até a morte de Beatriz, em 1290.

[27] “Da idade segunda”: da juventude, segunda idade da vida, que começa aos vinte e cinco anos. Beatriz morreu quando havia acabado de completar vinte e cinco anos.

“Desta vida”: a vida eterna; indica aqui quando Beatriz morreu.

“Outros enlevos o atraíram”: Dante se interessou por outra, indeterminada. Isso é referência a *Vida nova*, XXXV, capítulo que fala de uma “dama gentil” por quem teria se apaixonado depois da morte de Beatriz. Os comentadores discutem se a referência seria uma mulher ou a doutrinas filosóficas que afastaram Dante das

verdades da revelação. Isto é, se o desvio de Dante foi sensual ou intelectual. É provável que ambos os sentidos convivam no texto.

[28] Os bens terrenos não levam à verdadeira felicidade.

[29] Beatriz obteve de Deus boas inspirações para Dante. Conta a *Vida nova* (XXXIX e XLII) que Beatriz, depois de morta, apareceu a Dante, em sonho e em visão, para chamá-lo para o caminho correto.

CANTO XXXI

Continuando as exprobrações de Beatriz, Dante se confessa culpado. Matilde mergulha-o no Letes. Assim purificado, as virtudes teologais e cardeais conduzem-no à presença de Beatriz.

Diante das acusações de Beatriz, Dante confessa suas culpas. Matelda mergulha Dante nas águas do Letes. Em seguida, Dante é conduzido à presença de Beatriz, que se revela.

1 “Ó tu que estás além da água sagrada” —
Prosseguiu Beatriz incontinente,
A ponta a mim voltando dessa espada,
2 Que de revés já fora assaz pungente[1] —
“Diz se é verdade, diz! À culpa unida
Esteja a confissão do penitente.”
3 Tanto a força mental foi confrangida,
Que a voz desfaleceu, se erguer tentando,
Expirou-me nas fauces inanida.
4 Esperou; disse após: — “Que estás pensando?
Responde: ainda não tens n’água[2] apagado
Lembranças do passado miserando?” —
5 No meu enleio, de temor travado,
Um tão confuso *sim*, trêmulo, expresso,
Que houve mister dos olhos ajudado.[3]
6 Como em besta entesada em grande excesso,[4]
Quebrando-se arco e corda, parte a seta
E no alvo dá sem força do arremesso,
7 ’Stando minha alma em tanto extremo inquieta
E em suspiros e lágrimas rompendo,
Perdeu a voz o som, que a língua enceta.
8 — “Se ao meu querer” — prossegue — “obedecendo,
Tinhas fanal, que ao bem te conduzisse,
De anelos teus a mira ser devendo,
9 “Onde o poder de estorvos, que impedisse
Teus passos? Quais grilhões que os retivessem
Na vereda, que avante ir permitisse?
10 “Houve encantos, que a outros[5] te prendessem,
E delícias, que tanto te atraíram
Que a tua alma enlear assim pudessem?”
11 Do peito agros suspiros me saíram;
Para falar-lhe apenas tive alento,
E a voz a custo os lábios exprimiram.

12 Tornei chorando: — “O engano, o fingimento
Ao terreno prazer me hão transviado,
Em vos nublando a face o passamento.”[6]
13 — “Se ocultaras” — falou-me — “o teu pecado,
A graveza da culpa ao claro vira
Aquele, por quem deves ser julgado.[7]
14 “Mas se o réu, confessando, tem na mira
O pesar do mau feito, em nossa corte
Contra o fio da espada a mó se vira.[8]
15 “Entanto, por que seja em ti mais forte
De errar o pejo e, no porvir ouvindo
Sereias,[9] não procedas de igual sorte,
16 “Escuta-me, os teus prantos consumindo:
Verás que, ainda sepulta, eu te guiara,
Pela contrária rota conduzindo.[10]
17 “Jamais arte ou natura te mostrara
Enlevo, quanto à rara formosura
Do corpo, em pó tornado, em que eu morara.
18 “Se comigo baixara à sepultura
Teu supremo prazer, como arrastar-te
Pôde, após si, mortal delícia impura?[11]
19 “Enganos tais sentindo[12] saltear-te,
Aos céus alçando a mente deverias
Té minha eternidade sublimar-te,
20 “E não baixar do voo, em que subias
Te expondo a novos tiros, atraído
Por jovem,[13] por vaidades fugidias.
21 “Será duas, três vezes iludida
Ave inexperta; mas a seta, laço,
Pássaro velho esquiva, apercebido.”[14]
22 Qual menino, que a mãe por largo espaço,
Increpa; e, baixa a fronte, envergonhado
Reconhece em silêncio o errado passo:

23 Tal me achava. — “De ouvir se estás magoado,
Levanta a barba!” — ainda prosseguia —
“Olhando-me, hás de ser mais castigado!” —
24 Com menos resistência abateria
De Europa o vendaval carvalho altivo
Ou da terra, que a Jarba obedecia,[15]
25 Do que eu alcei o rosto pensativo.
Quando ela disse *barba* e não semblante,
A malícia notei e o seu motivo.[16]
26 Olhos erguendo alfim, no mesmo instante
Aos ares vi que flores não lançava
A falange dos anjos radiante.
27 Tímida a vista a Beatriz achava
Voltada ao Grifo, que uma só pessoa
Em naturezas duas encerrava.[17]
28 Além do rio, sob o véu e a c’roa,
Tanto excede a beleza sua antiga
Quanto em vida as que mais fama apregoa.[18]
29 E do pesar pungiu-me tanto a urtiga,
Que, das coisas que mais na terra amara,
A mais cara odiei como inimiga.[19]
30 Remorso tal a mente me assaltara,
Que vencido tombei: qual fiquei sendo
Sabe quem dor tão viva motivara.[20]
31 Ao coração a força me volvendo,
Notei a dama,[21] que primeiro eu vira
Ao lado meu — “Abraçai-me!” — dizendo.
32 Té ao colo no rio me imergira;
E correndo, qual leve lançadeira,
Das águas sobre a tona a si me tira.[22]
33 Já próximo à beatífica ribeira,
Ouvi *Asperges me* tão docemente,
Que o não descrevo ou lembro, ainda que o queira.[23]

34 Matilde, abrindo os braços de repente,
Cingiu-me a fronte e súbito afundou-me;
Era dessa água haurir conveniente.[24]
35 Assim purificado, ela guiou-me
Das damas quatro para a dança bela,
E cada uma nos braços estreitou-me.[25]
36 — “Cada qual, ninfa aqui, nos céus estrela,
Antes que Beatriz descesse ao mundo,
Servas de ordem suprema somos dela.[26]
37 “Os seus olhos verás; mas no jucundo
Lume interno hás de ter vista aguçada
Pelas três cujo olhar é mais profundo.”[27]
38 Modulando na angélica toada,
Ante o Grifo consigo me levaram:
Lá Beatriz para nós era voltada.
39 “Em contemplar sacia-te” — falaram —
“As esmeraldas[28] que ora tens presentes,
Donde os farpões de amor te vulneraram.”
40 Mais que a flama desejos mil ardentes
Prenderam olhos meus aos seus formosos,
Na adoração do Grifo persistentes.[29]
41 Qual sol no espelho, nesses luminosos
Astros o Grifo se alternando, eu via
Seres dois refletir misteriosos:[30]
42 Meu espanto, leitor, qual não seria,
Vendo o objeto na imagem transmutado,
Quando constante em si permanecia?[31]
43 Enquanto eu, de prazer e pasmo entrado,
Esse doce manjar stava gozando,
Que sacia mas sempre é desejado,
44 De ordem mais alta ser manifestando
Pelo meneio, as três se adiantaram,
Por angélico estilo modulando.

45 — “Os olhos santos, Beatriz” — cantaram,
“Oh! volve ao servo teu leal constante
A quem por ver-te os passos não custaram.
46 “Dá-nos por grã mercê que o fido amante
Sem véu tua segunda formosura
Contemple nesse divinal semblante!”[32]
47 Ó resplendor da luz eterna e pura!
Quem do Parnaso à sombra descorando
E da água sua haurindo alma doçura,
48 Aturdido não fora, se arrojando
A tentar descrever qual te mostraste,[33]
Quando o céu de harmonias te cercando,
Ao ar patente a face revelaste?

---

[1] O discurso de Beatriz, que agora se volta diretamente para Dante, já havia sido assaz pungente quando indireto (quando se voltava aos anjos).

[2] A água do Letes.

[3] Temor: segundo alguns, Dante sente medo da punição pelos seus erros. Entretanto, o mais plausível é que o próprio comportamento severo de Beatriz suscite medo em Dante.

“Que houve mister dos olhos ajudado”: a resposta de Dante foi tão baixa que, para entendê-la, eram necessários os olhos (para ver o movimento dos lábios).

[4] Besta: balestra, arma formada por um arco fixado horizontalmente em uma haste de madeira, usada para atirar flechas. Semelhante ao arco e flecha, mas mais potente.

[5] Outros desejos, ou outros bens, opostos àqueles relacionados à influência de Beatriz.

[6] “O engano, o fingimento”: as falsas promessas dos bens terrenos.

“Em vos nublando a face o passamento”: após a morte de Beatriz.

[7] “Aquele, por quem deves ser julgado”: Deus.

[8] Para Beatriz e para os anjos, é inútil que Dante confesse as sus culpas, que todos já conhecem. A confissão, realizada por sincero arrependimento, é importante para o próprio penitente, pois ela mitiga a ira divina. Na corte divina, a confissão não é um meio para a condenação, mas para o perdão.

“Contra o fio da espada a mó se vira”: a mó gira no sentido contrário, atenuando o fio da espada. Na corte divina, a confissão não torna a espada da justiça divina mais afiada, mas sim mais branda.

[9] Estão aqui para as seduções terrenas.

[10] “Verás que… conduzindo”: Dante entenderá que mesmo a morte de Beatriz deveria tê-lo conduzido por um caminho diverso daquele que ele tomou.

[11] Se a beleza de Beatriz (que, para Dante, era a beleza suprema) acabou por se esvair, que outra beleza mortal poderia atrair o desejo de Dante?

[12] A morte de Beatriz revelou a Dante a caducidade das coisas mortais, isto é, o seu engano.

[13] “Jovem” pode indicar, de modo geral, outros amores de Dante, indeterminados. Entretanto, o termo empregado no original (*pargoletta*) está em três composições líricas de Dante (*Rimas,* LXXXVII, LXXXIX, C). Por isso, “jovem” provavelmente se refere especificamente à dama cantada por Dante nessas poesias, significando, por extensão, outros amores de Dante. Os estudiosos ainda hoje debatem sobre a identificação da *pargoletta*, que, segundo alguns, seria uma mulher real e, segundo outros, uma mulher alegórica.

“Vaidades”: outras edições do texto original dizem “novidades”.

[14] Alusão a “Em vão se abre uma rede diante dos pássaros [já adultos]” (Provérbios, 1, 17).

[15] “De Europa o vendaval”: vento boreal, proveniente do norte da Europa.

“Da terra, que a Jarba obedecia”: vento austral, proveniente da África.

Jarba: Jarbas, rei da Numídia, pretendente de Dido (*Eneida*, IV, 196).

[16] “A malícia”: a forte censura, que aludia ironicamente à idade adulta de Dante.

[17] A especificação não se refere tanto ao Grifo (que não pode ser chamado “pessoa”) quanto àquele que ele simboliza, Cristo.

[18] “Além do rio, sob o véu e a c’roa”: sentido concessivo (“embora estivesse longe e com o rosto coberto”).

Quanto em vida: subentende-se “excedeu” (“quanto em vida superou em beleza as mais famosas”).

[19] Tão forte foi o arrependimento que Dante passou a odiar aquilo que ele antes mais amara e que o fizera desviar de Beatriz.

[20] Quem: Beatriz. Esta é a terceira vez que Dante desmaia no poema. A primeira vez ocorreu em “Inferno”, III, 136, antes da passagem pelo rio Aqueronte e da entrada no Inferno. A segunda vez ocorreu em “Inferno”, V, por causa da compaixão que a história de Francesca suscitou em Dante. O primeiro desmaio tem duas analogias com a presente cena do Paraíso terrestre: lá, Dante desmaiou antes de passar o Aqueronte e entrar no mundo do pecado; aqui, ele desmaia antes de passar o Letes e sair do mundo do pecado. Já o segundo desmaio tem analogia com a situação presente do poema porque, em ambos os casos, o desmaio ocorre por um forte sentimento (compaixão; arrependimento). Além disso, há quem defenda que, em “Inferno”, V, Dante desmaiou por empatia diante de uma história de amor que levou à perdição eterna; aqui, ele se arrepende por um amor pecaminoso, que o desviou do amor verdadeiro. Segundo outros, o terceiro desmaio de Dante significa uma morte mística para o pecado.

[21] Matelda.

[22] Correndo: o texto original não diz propriamente “correndo”, embora subentenda um movimento desenvolto.

Lançadeira: peça de tear. Esse é um dos modos de entender a comparação, que nesse caso apontaria para a ligeireza dos movimentos de Matelda. O texto original permite entender também não “lançadeira”, mas “leve embarcação”, que apontaria para a leveza de Matelda sobre a superfície da água.

[23] Beatífica ribeira: a outra margem, oposta àquela em que se encontrava Dante anteriormente. “Beatífica” talvez porque daquele lado se encontravam os beatos.

Asperges me: versículo do *Miserere*, Salmo 51 (50), 9: “Tu me aspergirás (*Asperges me*) com o hissopo e ficarei puro; lavar-me-ás e ficarei mais branco do que a neve”. O canto dos anjos corresponde perfeitamente à cena. Além disso, alguns comentadores antigos afirmavam que o sacerdote, quando aspergia água benta sobre o pecador na liturgia penitencial, recitava esse versículo.

Não descrevo ou lembro: a doçura do canto é sobre-humana, de tal modo que Dante não consegue recordá-la (muito menos descrevê-la).

[24] Matilde: essa é a primeira vez que Matilde é nomeada. Mas isso não ocorre no texto original, que diz “a bela dama”.

Haurir: sorver.

Conveniente: aqui, tem o sentido de “forçoso”.

[25] Damas quatro: as virtudes cardeais.

“E cada uma nos braços estreitou-me”: no original, as quatro dançam ao redor de Dante, estendendo um braço sobre ele. Desse modo, as quatro mãos se encontram, formando uma cruz sobre Dante. Isso significa, provavelmente, que as virtudes cardeais protegem aquele que foi purificado.

[26] “Ninfa”: habitante dos bosques, na mitologia clássica.

“Estrela”: referência às quatro estrelas vistas por Dante em “Purgatório”, I, 22-24.

“Antes que Beatriz… somos dela”: Beatriz é símbolo da sabedoria divina revelada. Antes da revelação (“antes que Beatriz descesse ao mundo”), as virtudes cardeais prepararam o mundo para a verdade revelada. Por isso, são servas da revelação, continuando a seu serviço na vida dos cristãos.

[27] “Os seus olhos verás”: no original, as damas dizem que guiarão Dante até os olhos de Beatriz.

“Pelas três”: pelas virtudes teologais.

O significado simbólico é: as virtudes cardeais conduzem o homem até o ponto de ver a verdade divina. Entretanto, só as virtudes teologais, que são sobrenaturais, podem levar o homem a penetrar na profundidade da verdade divina.

[28] “Esmeraldas”: os olhos de Beatriz. Na Idade Média, à esmeralda eram atribuídas a castidade e a justiça. Além disso, a esmeralda tinha função de espelho; e, poucos versos adiante, os olhos de Beatriz serão comparados a um espelho.

[29] “Na adoração do Grifo persistentes”: refere-se aos olhos de Beatriz.

[30] Dante via o Grifo refletido nos olhos (“astros”) de Beatriz. Mas o Grifo se refletia, alternadamente, segundo suas duas naturezas: às vezes como águia, às

vezes como leão. Isso pode significar que o intelecto humano é capaz de reconhecer em Cristo as suas duas naturezas apenas separadamente, cuja união em um único ser constitui um dos maiores mistérios da fé cristã.

31 Vendo o objeto parado, mas a sua imagem refletida em constante mudança.

32 “Segunda formosura”: segundo a maioria, trata-se da boca de Beatriz. Segundo outros, seria a beleza divina ou celestial de Beatriz.

33 Até os maiores poetas, que mais se exercitaram na arte poética (“descorando no Parnaso”) e mais receberam inspiração, seriam incapazes de descrever Beatriz, quando ela revelou o seu rosto no Paraíso terrestre.

CANTO XXXII

Depois de contemplar Beatriz, Dante acompanha o préstito. A árvore da vida. Visão tremenda.

Dante contempla Beatriz, vê novas ações da procissão e adormece. Ao acordar, tem novas visões.

1 Com tão sôfregos olhos saciava
A sede, em que anos dez eu me incendia,[1]
Que aos mais sentidos toda a ação cessava.
2 Quase murada a vista se imergia
No santo riso, ao mais indiferente,
E nos laços de outrora me prendia.
3 Desse êxtase arrancou-me de repente
A voz das santas, que da esquerda soa:
— “Demais contemplativa tens a mente!”[2]
4 Os ofuscados olhos me nevoa
Torvação semelhante ao vivo efeito,
Que do sol causa a face em quem fitou-a.
5 Mas quando à pouca luz estive afeito
(Pouca em confronto ao lume deslumbrante,
Que por força deixara e a meu despeito),
6 Vi que à destra volvia o triunfante
Exército celeste à frente estando
Os candelabros sete e o sol flamante.[3]
7 Qual hoste a se salvar broquéis alçando,
Se volta, e com a bandeira não prossegue
Senão mudada a direção, girando;[4]
8 A celeste milícia avante segue:
Na marcha precedendo desfilava
Antes que o santo carro a volver chegue.[5]
9 Cada coreia as rodas escoltava,
E o Grifo a carga santa removia
Sem parecer que as penas agitava.[6]
10 Quem pelo rio me arrastado havia,
Estácio e eu a roda acompanhamos,
Que por arco menor volta fazia.[7]
11 Na alta floresta caminhando vamos,
Erma por culpa da que a serpe ouvira:
Pelo cântico os passos regulamos.[8]

12 Andáramos espaço que medira
Uma seta três vezes disparada:
Desceu Beatriz do carro, em que eu a vira.
13 “Adão!” — disse em murmúrio a grei sagrada
Todos depois uma árvore cercaram,
De folhas e de flores despojada.[9]
14 Tanto aos lados seus ramos se alargaram,
Quanto erguiam-se ao céu: como portento
Índios nas selvas suas os mostraram.[10]
15 “Ó Grifo! Glória a ti! De culpa isento,
Não provaste do lenho doce ao gosto,
Que tanta dor causou, tão cru tormento!”[11] —
16 Daquele tronco excelso em torno posto,
Diz o préstito; e o Grifo lhe contesta:
— “Assim justiça é sempre no seu posto.”[12]
17 E ao carro que tirara na floresta
Voltou-se e o conduziu ao tronco anoso:
Dele foi parte, a ele atado resta.[13]
18 Quando o astro rebrilha poderoso,
Juntando os seus clarões aos que desprende,
Depois do Peixe, o signo luminoso,[14]
19 Brotando as plantas, cada qual resplende
De esmalte novo, e ainda de outra estrela
Abaixo os seus frisões o Sol não prende:[15]
20 Súbito assim refloresceu aquela
Árvore nua, gradações formando
Entre rosa e violeta em cópia bela.[16]
21 Então de um hino as notas escutando,
Quais nunca sobre a terra se cantaram,
Não pude resistir a som tão brando.
22 Se eu narrasse como olhos se fecharam
De Argo impiedosos, de Sírinx ao conto,
Que o seu nímio velar caro pagaram,[17]

23 Pintor, tirara ao natural e em ponto
O sono ao qual me dei docemente;
Mas faça-o quem nessa arte forma pronto!
24 Passo ao momento em que se esperta a mente:
Fulgor ao sono intenso o véu rompia,
— “Eia! que fazes?” — ouço incontinente.
25 Quais vendo que de flores se cobria
O linho cujo pomo apetecido
Na boda eterna os anjos extasia,
26 João, Pedro e Tiago ao seu sentido,
Depois da prostração, à voz tornaram,
Que sono ainda maior tinha vencido,
27 E a companhia decrescida achavam
De Elias e Moisés, enquanto as cores
Sobre a estola do Mestre se mudavam:[18]
28 Tal despertei da luz aos esplendores,
Vi perto a dama[19] que me fora guia
Do rio à margem sobre a relva e as flores.
29 — “Onde é Beatriz?” — cuidoso lhe dizia.
— “Da fronde nova à sombra a vês sentada,
Junto à raiz” — Matilde respondia.[20]
30 “Da companhia sua é rodeada;
Ao céu após o Grifo os mais subiram,
Com mais doce canção, mais sublimada.”
31 Não sei se as vozes suas prosseguiram
Pois aquela aos meus olhos se mostrara,
Em quem meus pensamentos se imergiram.
32 Sobre a terra bendita se assentara,
Só, como em guarda ao plaustro portentoso,
Que ao tronco antigo o Grifo vinculara.
33 Rodeiam-na, com círculo formoso,
As ninfas sete, os lumes empunhando,
Seguros de Austro e de Aquilão ruidoso.[21]

34 — “Na selva a tua estada abreviando,
Serás comigo na eternal morada
Da Roma, onde tem Cristo o régio mando.[22]
35 “Do mundo em prol, perdido em rota errada,
O carro observa e cada coisa atento
Guarda, por ser ao mundo registrada”[23] —
36 Falou Beatriz; e eu, pois, que o entendimento
Do seu querer aos pés tinha prostrado,
Fitei no carro a vista e o pensamento.
37 Dos etéreos confins arremessado,
Não rasga o raio à densa nuvem o seio,[24]
Com tanta rapidez precipitado,
38 Como da alta ramada pelo meio,
Córtice, fronde, flores destruindo,
O pássaro de Jove irado veio.
39 Com força imane o carro foi ferindo,[25]
Que aos golpes, qual navio, se agitava,
Que o mar combate os bordos lhe investindo.
40 E logo após eu vi que se enviava
Ao carro triunfal uma raposa,
Que bom cibo não ter manifestava.[26]
41 Increpando-lhe a vida criminosa,
Beatriz pô-la em fuga, e em tanta pressa,
Quanto sofreu-lhe a ossada cavernosa.[27]
42 Depois do carro à caixa a Águia se apressa
A vir por onde, há pouco, descendera;
De inçar de plumas seus coxins não cessa.[28]
43 Qual gemido que a dor no peito gera,
Ouvi do céu baixar voz, que dizia:
— “Ó barca! bem má carga ora se onera!”[29]
44 A terra então me pareceu se abria,
Entre as rodas um drago arrevessando
Que pelo carro a cauda introduzia.

45 Depois a cauda atroce retirando,
Qual vespa o seu ferrão, feita a ferida,
Arranca o fundo e vai-se coleando.[30]
46 Como em terra vivaz relva crescida,
Cobre o resto plumagem de repente,
Com tenção casta e pura oferecida.[31]
47 Timão e rodas vestem-se igualmente
Tão presto, que um suspiro vem lançado[32]
À flor dos lábios menos prontamente.
48 Daquele plaustro santo, assim mudado,
Nos ângulos cabeças irromperam,
Três no timão e uma em cada lado.
49 Essas, como as de boi, armadas eram;
Uma só ponta as quatro guarnecia:
Monstros iguais já nunca apareceram.[33]
50 Qual penhasco em montanha excelsa, eu via
No carro nua meretriz sentada,
Lascivos olhos em redor volvia.[34]
51 Como para não ser-lhe arrebatada
Em pé ao lado seu ’stava um gigante,[35]
Com quem trocava beijos despejada.
52 Que os olhos requebrava a torpe amante
Pra mim notando, fero a flagelava
Dos pés à fronte o barregão farfante.[36]
53 No ciúme e na ira que o inflamava,
Desprende o carro e à selva o vai tirando,[37]
Que depressa aos meus olhos ocultava
A prostituta e o novo monstro infando.

---

[1] Beatriz morreu em 1290. A viagem de Dante se passa em 1300.

[2] “Santas”: as virtudes teologais.

“Demais contemplativa tens a mente!”: os comentadores ainda discutem o sentido dessa advertência. Segundo alguns, Beatriz deve ser tomada aqui como a revelação. Nesse caso, a advertência significaria que o homem não pode contemplar por muito tempo a revelação sem ficar ofuscado. Entretanto, outros defendem que aqui se trate de Beatriz como mulher real: diversos sinais apontariam para um amor terreno suscitado em Dante diante de Beatriz. Desse modo, a advertência diria respeito a esse amor, que teria de ser vencido pelo protagonista.

[3] A procissão, sempre guiada pelos candelabros, gira para a direita, voltando-se para o oriente, de onde tinha vindo. Por isso, ela tem à frente os raios do sol.

[4] “Hoste”: exército. “Broquéis”: “escudos”.

Como um exército, invertendo a direção da marcha, levanta os escudos para se proteger e se volta primeiro com a bandeira, atrás da qual cada tropa vai mudando de direção.

[5] A procissão age como o exército que inverte a marcha: os vinte e quatro anciões (a “milícia”) passam diante de Dante (“desfilava”) antes que o carro inicie a sua volta.

[6] “Cada coreia as rodas escoltava”: cada grupo de damas (virtudes cardeais e teologais) retornou à roda que escoltava anteriormente.

“A carga santa”: o carro.

“Sem parecer que as penas agitava”: esse elemento tem provável significado simbólico: Cristo guia a Igreja com o seu espírito (e não com meios materiais); a justiça e a misericórdia divinas permanecem imutáveis na passagem entre o Antigo e o Novo Testamento; a divindade permanece sempre imutável etc.

[7] “Quem”: Matelda.

“A roda que por arco menor volta fazia”: é a roda direita, que, girando o carro para a direita, descreve um arco menor.

[8] “Por culpa da que a serpe ouvira”: por culpa de Eva.

“Cântico”: são, provavelmente, os anjos que cantam.

[9] O nome de Adão dá a entender que essa é a árvore do bem e do mal, cujos frutos os homens não podiam provar (Gênesis, 2, 15-17). Em “Purgatório”,

XXXIII (70-72) é atribuído à árvore o significa de “justiça divina”. O fato de a árvore estar despojada de folhas pode significar a grande ofensa que o pecado de Adão fez à justiça divina. Essas parecem ser as interpretações mais plausíveis (apoiadas sobre diversos elementos do texto), entre os muitos significados atribuídos à árvore.

10 Os ramos dessa árvore são mais largos quanto mais alto se encontram. Logo, essa árvore tem a mesma estrutura daquelas encontradas no círculo dos gulosos. De fato, o canto XXIV (115-117) diz que a árvore lá encontrada deriva dessa árvore do Paraíso terrestre.

“Índios”: naturalmente, refere-se aos indianos. Dizia-se que nos bosques da Índia cresciam árvores desmesuradas. Mas até mesmo na Índia essa árvore do Paraíso terrestre seria motivo de maravilha.

11 Primeiro, a procissão murmurou “Adão” como lamento e censura pelo pecado cometido por Adão. Do mesmo modo, agora a procissão louva a Cristo (na figura do Grifo), que, pela sua absoluta obediência à vontade do Pai, nunca ofendeu a árvore. Isso está em total acordo com a ideia de que a árvore simboliza a justiça divina.

12 O respeito à justiça divina garante e conserva todas as outras formas de justiça. Segundo alguns, a fala do Grifo retoma a frase de Jesus “assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mateus, 3, 15).

13 Verso de difícil explicação, talvez até mais complicado que o verso original (cujo sentido ainda é debatido pelos comentadores). Considerando o texto original, o sentido geral do verso de Xavier Pinheiro é: o Grifo atou uma parte do carro (o timão) ao tronco da árvore. Entretanto, o verso aqui presente pode ser resultado de modificações ocorridas em diferentes edições do texto de Xavier Pinheiro.

Já o verso original dá ocasião a duas interpretações principais, importantes para a compreensão da cena. A primeira é: o Grifo amarrou o carro ao tronco usando um ramo da própria árvore. A segunda é: o Grifo deixou amarrada à árvore uma parte do carro (o timão) que era feita da própria árvore. Isso retoma a lenda medieval segundo a qual a cruz de Cristo teria sido feita com a madeira da árvore do conhecimento do bem e do mal. Seguindo essa interpretação, o timão do carro seria o símbolo da cruz, com a qual Cristo realiza uma ligação entre a justiça divina e a humanidade.

[14] Perífrase para indicar a primavera: quando a luz do Sol brilha com a constelação de Áries (o “signo luminoso depois do Peixe”).

[15] Antes que o Sol prenda os seus cavalos sob outra estrela: antes que o Sol se una a outra constelação, isto é, em menos de um mês.

[16] O significado simbólico provavelmente é: a planta da justiça divina refloresceu pela redenção realizada por Jesus. A cor púrpura das flores alude, quase certamente, ao sangue de Cristo, pelo qual a árvore da justiça divina se renovou para os homens.

[17] Argo: o pastor de cem olhos que vigiava ininterruptamente a ninfa Io, impedindo que Júpiter se aproximasse dela. Mercúrio, enviado por Júpiter, cantou os amores de Pã com a ninfa Sírinx, fazendo com que Argos dormisse e matando-o em seguida. Por isso, Dante diz que os impiedosos olhos de Argos pagaram caro por seu excessivo velar. O mito é narrado em *Metamorfoses,* I, 568-747 e recordado em “Purgatório”, XXIX, 142-144.

Segundo alguns, o adormecimento de Dante significa a paz que a redenção proporcionou aos homens.

[18] A longa comparação se refere à transfiguração de Cristo. Os apóstolos Pedro, Tiago e João, conduzidos por Jesus ao monte Tabor, viram Jesus em aspecto resplendente, ao lado de Moisés e Elias. Ofuscados pela visão, os apóstolos perderam os sentidos. Acordados pela voz de Jesus, eles o viram sozinho e com o seu aspecto de sempre. Do mesmo modo, Dante, acordado pela voz de Matelda, verá apenas Beatriz e as virtudes, sem a procissão. A transfiguração é narrada em Mateus, 17, 1-8; Marcos, 9, 1-8; Lucas, 9, 28-36.

“Vendo que de flores se cobria / O linho cujo pomo apetecido / Na boda eterna os anjos extasia”: vendo uma antecipação (“as flores”) da glória de Jesus (“o linho”), cuja visão (“pomo”) extasia os anjos na beatitude eterna (“boda eterna”). Na transfiguração, os apóstolos viram uma antecipação da glória de Cristo.

“Voz que sono ainda maior tinha vencido”: a voz de Jesus tinha vencido até mesmo o sono da morte, como se narra em Lucas, 7, 14; João, 11, 43.

“Enquanto as cores…”: enquanto as vestes de Cristo voltavam ao normal. Durante a transfiguração, as vestes de Jesus ficaram resplandecentes.

[19] Matelda.

[20] Provável significado simbólico: a sabedoria revelada protege a Igreja (o

carro), que Cristo uniu à justiça divina, protegendo a ligação que Cristo instaurou entre a humanidade e a justiça divina. Isso pode significar também que a teologia tem de se apoiar sobre o conhecimento do bem e do mal; e as virtudes cardeais e teologais a iluminam com o espírito santo (as chamas dos candelabros). Existem, contudo, muitas outras interpretações, que às vezes dependem dos diversos significados atribuídos ao quadro em geral.

21 “Lumes”: provavelmente, as chamas dos candelabros.

"Seguros de Austro e de Aquilão ruidoso”: essas chamas espirituais e eternas não se apagam nem com os fortes ventos que provêm do sul (Austro) e do norte (Aquilão).

22 “Da Roma, onde tem Cristo o régio mando”: o Paraíso. Beatriz está profetizando a salvação de Dante.

O Paraíso é tradicionalmente chamado “Jerusalém celeste”. A denominação a partir de Roma indica o significado universal que Roma assumia no pensamento de Dante, tendo sido a sede do império e sendo, depois, a sede da Igreja católica.

23 Nesses versos, Beatriz está explicitamente conferindo uma missão a Dante: escrever aquilo que ele viu na sua viagem, como advertência para o mundo. Essa missão será repetida no “Paraíso”. Aqui, a mensagem que Dante tem de reportar assume valor político-religioso.

24 Segundo a ciência medieval, o raio era um vapor ígneo encerrado nas nuvens (*vapore áqueos*) que, dilatando-se pelo calor, saía à força das nuvens.

25 “O pássaro de Jove”: a águia, consagrada a Júpiter e símbolo do Império. O fato de a águia ferir a árvore e o carro indica as primeiras perseguições aos cristãos realizadas pelo Império, as quais feriram a justiça divina e seus efeitos (“fronde, flores”), bem como a Igreja.

“Córtice”: a casca da árvore.

26 A raposa é normalmente interpretada como símbolo da heresia.

“Que se enviava / Ao carro”: o texto original diz que ela sai do fundo do carro (como a heresia saiu de dentro da Igreja).

“Bom cibo não ter manifestava”: a heresia não se alimenta de boas doutrinas.

27 Isso simboliza a vitória da verdadeira doutrina cristã sobre a heresia.

28 Alusão à chamada “doação de Constantino”, a lendária doação do território de

Roma ao papa Silvestre, com a qual teria tido início a grande avidez da Igreja. O episódio é lamentado em diversos momentos do poema (como em “Inferno”, XIX, 115-117), como origem da confusão entre os dois poderes (espiritual e temporal). As penas simbolizam os bens do Império, cedidos à Igreja.

29 Segundo alguns, a voz é de São Pedro, já que a Igreja é chamada a “barca de Pedro”. Mas a voz pode ser de Jesus também. A carga é o poder temporal, estranho à Igreja.

30 Muitos são os significados simbólicos atribuídos ao dragão: Maomé (que, na Idade Média, era considerado um cismático), os cismas em geral, a cupidez da Igreja, Satanás (segundo o dragão do Apocalipse) etc. O pedaço arrancado ao carro é interpretado segundo o significado atribuído ao dragão: se Maomé ou os cismas, o pedaço corresponde aos fiéis que deixaram a Igreja; se a cupidez, o pedaço é o espírito de pobreza da Igreja etc.

31 “Plumagem”: as penas da Águia.

“Com tenção casta e pura oferecida”: para Dante, a doação de Constantino havia sido realizada com boas intenções, para ajudar a Igreja.

32 Indica a rapidez e a facilidade com que a Igreja cedeu à avidez dos bens temporais.

33 “Três no timão e uma em cada lado”: sete cabeças.

“Essas, como as de boi, armadas eram; / Uma só ponta as quatro guarnecia”: cada uma das três cabeças do timão tinha dois chifres (“como as de boi"); cada uma das outras quatro tinha um chifre. Logo, sete cabeças e dez chifres. O carro toma a forma da besta descrita no Apocalipse (17, 1-18). Sobre essa figura, Dante já falou em “Inferno”, XIX, 109-111. Entretanto, a figura é aqui interpretada de modo diverso. As sete cabeças são provavelmente os sete vícios capitais: as cabeças com dois chifres indicam os três pecados que ofendem a Deus e ao próximo; as cabeças com um chifre indicam os quatro pecados que ofendem o próximo. Existem outras interpretações para esses elementos. De qualquer modo, a transformação do carro significa a corrupção da Igreja, pela sua avidez pelos bens terrenos.

34 “Nua meretriz”: é a grande meretriz do Apocalipse (17, 1-5), que, no poema, indica a cúria romana.

35 A maioria dos comentadores concorda em identificar o gigante com Felipe IV,

o Belo (ou, de qualquer modo, a casa da França). A relação entre a meretriz e o gigante seria a sujeição da cúria romana à casa francesa.

[36] “Pra mim”: é difícil explicar o envolvimento de Dante na cena. Segundo alguns, Dante representaria o povo cristão, especialmente o povo italiano. Segundo outros, o olhar significaria o fato de Bonifácio VIII ter se aproximado de outros soberanos, como Alberto da Áustria e Federico de Aragão. Segundo outros, seria a ruptura entre Bonifácio VIII e Felipe IV. Outros, ainda, pensam que Dante simboliza a ideia do Império como único poder temporal legítimo, em oposição à submissão da Igreja à casa francesa.

“Fero a flagelava / Dos pés a fronte o barregão farfante”: provavelmente o ultraje de Agnani (“Purgatório”, XX, 86-90), que ocorreu pouco depois de concessões de Bonifácio VIII a Alberto da Áustria e Federico de Aragão.

[37] Alude provavelmente à transferência da sede papal a Avignon, que ocorreu pela influência da casa francesa.

CANTO XXXIII

Profecia de Beatriz sobre a restauração da Igreja. Matilde imerge o Poeta nas águas do Eunoé, das quais sai aparelhado para subir ao Paraíso. Fim do segundo cântico.

Beatriz faz uma profecia e depois esclarece algumas dúvidas de Dante. O poeta bebe a água do Eunoé.

1 Deus, *venerunt gentes*, alternando,
Em coros dois, suave melodia
Cantam as ninfas, pranto derramando.[1]
2 E Beatriz, a suspirar, ouvia
Tão dorida, que pouco mais outrora
Junto da Cruz mostrara-se Maria.
3 Quando lhe coube alçar a voz canora,
Entre as formosas virgens posta em pé,
Com santo ardor, que as faces lhe colora:
4 *"Modicum et non videbitis me*,
Caras irmãs, *et iterum*" — tornava —
"Modicum et vos videbitis me."[2]
5 Depois, antes de si as colocava,
E a mim e a dama e ao Vate, que restara,
Para seguir seus passos acenava.
6 Ia assim: que ela houvesse eu não julgara
O seu décimo passo em terra posto,[3]
Eis sua vista na minha se depara.
7 — "Mais perto" — disse com sereno rosto —
"Caminha; pois falar quero consigo,
E o leve a me ouvir 'star bem disposto."
8 Beatriz, logo em tendo-me contigo,
— "Por que" — prossegue — "irmão, não me hás querido
Inquirir, quando vens assim comigo?"
9 Fiquei como o que, o espírito aturdido,
Ao seu superior falando, sente,
E apenas balbucia confundido.
10 Falei, com voz cortada, reverente:
— "Quanto hei mister saber mui bem, senhora,
O que seja em prol meu sabeis prudente."[4]
11 — "De temor e vergonha desde agora" —
Tornou — "isento sê, estando ao meu lado:
Como quem sonha as vozes não demora![5]

12 “A caixa, que a serpente há devastado,
Já foi: de Deus castigo aos criminosos
Ser não pode por sopa obliterado.[6]
13 “Não faltarão herdeiros cuidadosos
Da águia que ao carro as suas plumas dera,
E o tornou monstro e presa aos cobiçosos.[7]
14 “Vejo o porvir e a voz minha assevera
O que propínquos astros[8] anunciam:
Nada os estorva, nem seu curso altera.
15 “Um quinhentos dez cinco prenunciam,
Que manda o céu punir a depravada
E o gigante: ambos juntos delinquiam.[9]
16 “A narração, talvez, de treva inçada,
Como as da Esfinge e Têmis não a entendas,[10]
Por parecer-te ao esp’rito enleada.
17 “Farão, porém, os fatos que a compreendas;
Quais náiades, darão do enigma a chave,
Sem dano ao trigo, ao gado, sem contendas.[11]
18 “Que na memória tua isto se grave:
Como te falo, assim o ensina aos vivos
Que se afanam em buscar morte insuave.
19 “Lembra os que hás visto feitos aflitivos,
Da árvore o estado narra, que te espanta,
Quanto sofreu assaltos dois esquivos.[12]
20 “Quem despoja ou mutila a sacra planta
Blasfema a Deus, de fato o ofende ousado:
Para o seu uso só a criou, santa.
21 “Esperou a primeira alma, que há provado
Do seu fruto, anos mil cinco gemendo
Por quem penas em si deu do[13] pecado
22 “Tua alma dorme, se não ’stá sabendo
A causa singular, que a planta há feito
Tão alta, o cimo tal largura tendo.[14]

23 “Se da água d’Elsa não trouxesse o efeito
O teu vão cogitar sobre essa mente,
Que escurece, qual sangue à amora o aspeito,[15]
24 “Fora o que eu disse já suficiente
Para o justo preceito compreenderes,
Que Deus há posto sobre o tronco ingente.[16]
25 “Como te ofusca a luz dos meus dizeres,
Porque de pedra tens o entendimento,
Que, afeito à culpa, não permite veres,
26 “Uma imagem te guarde o pensamento,
Como palma ao bordão junta, voltando,
Peregrino, em remédio ao esquecimento.”[17]
27 “No cérebro, qual cera conservando” —
Tornei — “a marca do sinete impresso,
Vosso verbo se irá perpetuando.
28 “Mas por que se sublima em tanto excesso
Vossa palavra, sempre apetecida,
Que, alcançá-la tentando, desfaleço?”
29 — “Por veres” — diz — “que escola pervertida
Hás cursado, e que, pois, sua doutrina
Ao verbo meu não pode ser erguida;[18]
30 “Pois a vereda vossa da divina
É tão remota quanto está distante
Da terra o céu que ao alto mais se empina.
31 — “Não me lembro” — respondo à excelsa amante
“De ter-me às vossas leis nunca esquivado:
Não mo diz a consciência vigilante.”
32 — “Possível é que estejas olvidado” —
Respondeu-me a sorrir — “tem na lembrança
Que ainda há pouco hás do Lete água tragado.
33 “E se de flama o fumo dá fiança,
Que o teu querer no erro andou perdido
Demonstra o olvido teu com segurança.[19]

34 “Será da minha voz claro o sentido,
Por que mais facilmente de ora avante
Da rude mente seja percebido.”
35 Mais demorado, entanto, e coruscante
No círc’lo entrava o Sol do meio-dia,
Como os climas diversos variante,[20]
36 Quando as damas,[21] bem como astuto espia,
Que, precedendo a tropa, de andar cessa,
Se acaso novidade se anuncia,
37 Paravam, ao sair[22] da sombra espessa,
Qual aos frios arroios murmurantes
Dos Alpes bosque verde-negro of ’reça,
38 Julguei ver Tigre e Eufrates não distantes
Brotar da mesma fonte juntamente
E separar-se lentos, quais amantes.[23]
39 “Ó glória! ó esplendor da humana gente!
Qual é, dizei-me, essa água, bipartida
Depois de proceder de uma nascente?”
40 — “Ser-te deve a pergunta respondida
Por Matilde” — tornou-me então, falando
Em tom de quem por falta fosse arguida,[24]
41 A dama disse: — “Tudo lhe explicando
Já estive: não podia haver efeito
Do Letes, a lembrança lhe apagando.”
42 E falou Beatriz: — “Pode ter feito
Escura a mente sua o mor cuidado,
Que o entendimento às vezes torna estreito.
43 “Eis Eunoé, que o curso há derivado:
Conduze-o e, como o sabes, o imergindo,
Seu coração alenta desmaiado.”[25]
44 Como alma nobre, ao bem nunca fugindo,
Faz do estranho querer[26] própria vontade,
Quando um simples sinal o está pedindo,

45 A gentil dama, usando alta bondade,
Guiou-me e a Estácio disse, que atendia:
— “Segue-o também” — com garbo e majestade.
46 Esse doce licor que não sacia,
Eu cantara, leitor, se desse ensejo
Da página uma parte ainda vazia.
47 Mas, porque todas ocupadas vejo
E ao meu segundo Cântico aplicadas,
Da arte o freio me tolhe este desejo.[27]
48 Como de planta as folhas renovadas
Mais frescas na hástia mostram-se, mais belas,
Puro saí das águas consagradas,
Pronto a me alar às lúcidas estrelas.[28]

---

[1] “*Deus, venerunt gentes*”: salmo 79 (78) 1: “Ó Deus, os gentios entraram (*venerunt gentes*) na tua herança e profanaram o templo santo”. O salmo se inicia como uma lamentação, mas a partir do versículo 9 o seu tom muda, e ele passa a invocar o socorro divino. Desse modo, o salmo é cantado como lamento pela situação da Igreja, mas também como esperança na intervenção divina.

[2] “Um pouco e não me vereis mais; ainda mais um pouco e me vereis” (João, 16, 16). Palavras de Cristo na última ceia, quando anuncia a sua morte e a sua ressurreição. Essa fala de Beatriz parece responder ao canto das virtudes, significando a degradação da Igreja e o seu futuro renascimento.

[3] Beatriz deu, portanto, nove passos. Considerando que na *Vida nova* Dante sempre associa Beatriz ao número nove, esse elemento tem provável significado alegórico na presente cena. Segundo alguns, significa que, depois de nove passos, Beatriz assume o papel de guia de Dante. Segundo outros, o sentido é histórico: os passos significam os anos entre a transferência da sede papal a Avignon (1305) e a renovação que Dante esperava que fosse ocorrer em 1315. Muitos defendem que é a esses dois momentos históricos que Beatriz se refere quando cita as palavras de Jesus: a degradação seria a transferência a Avignon; a renovação seria aquela esperada para 1315.

[4] “Tu sabes muito bem o que é necessário que eu saiba”.

[5] Isto é, Beatriz recomenda que Dante não tenha mais vergonha e não fale mais de modo confuso, como faz um homem que fala dormindo.

[6] “A caixa”: o carro que representa a Igreja.

“Já foi”: a Igreja, como deveria ser, já não existe mais. Citação de “A besta que viste foi e não é” (Apocalipse, 17, 8).

“Ser não pode por sopa obliterado”: o verso original é origem de controvérsias entre os críticos. A explicação mais tradicional, seguida por Xavier Pinheiro, vê no verso uma alusão ao que seria um costume florentino: o homicida que conseguisse, em nove dias, tomar uma sopa sobre a tumba do assassinado não podia sofrer a vingança dos parentes da vítima. Esse costume não é historicamente documentado, mas é referido por diversos comentadores antigos da *Divina Comédia*, o que leva a crer que a frase tenha se tornado um provérbio. Existem muitas outras explicações para o verso. Entretanto, o sentido geral é sempre o mesmo: nenhum obstáculo poderá impedir a ação da justiça divina.

[7] “Não faltarão herdeiros cuidadosos / Da águia”: o Império não ficará vazio para sempre. Para Dante, o último imperador havia sido Federico II, pois nenhum dos três imperadores eleitos depois dele foram coroados na Itália (nem demonstraram interesse pela Itália).

[8] Os astros são as constelações que, segundo se acreditava, seguiam a vontade divina e influenciavam sobre os eventos terrenos.

“Propínquos”: “próximos”, latinismo já empregado por Xavier Pinheiro, idêntico ao termo empregado no original.

[9] “Quinhentos dez cinco”: personagem indicado por um número, origem de controvérsias entre os comentadores. Essa profecia muito provavelmente tem relação com a profecia do lebréu no primeiro canto do poema. Entretanto, a profecia do lebréu era genérica, enquanto a presente profecia é circunstanciada e fala da derrota de dois personagens históricos, o papa e o rei da França. Por isso, os comentadores defendem que o número aqui mencionado se refere a um personagem histórico, mesmo que o lebréu se referisse a uma ideia ainda genérica. O sentido geral da profecia é de que logo haverá um imperador ou um representante do Império que será capaz de tomar ao papado o poder temporal. A identificação mais comum do personagem é com Henrique VII, que, mais ou menos nos anos em que teria sido escrito esse canto, teria ido à Itália ou pelo

menos teria já manifestado a intenção de fazê-lo. Mas outras hipóteses foram lançadas para a identificação (Cangrande della Scala, Cristo, o próprio Dante etc.).

O número empregado para identificar o personagem também foi alvo de debates. Primeiro, é de se considerar o gosto pelas indicações numéricas nas profecias, cujo principal modelo seria o número da besta no Apocalipse (13, 18). Segundo a maior parte dos comentadores, a cifra expressa em numerais romanos (DXV) formaria um anagrama da palavra latina *dux* ("condutor"). Segundo outros, os numerais romanos formariam um acróstico. Segundo outros ainda, a cifra indicaria determinado ano. "Delinquiam": "cometiam delitos", outro latinismo, idêntico ao termo empregado no original.

[10] Esfinge: monstro alado com rosto de menina, ficava na estrada que levava a Tebas e propunha um enigma aos viajantes, matando aqueles que não soubessem responder (*Metamorfoses*, VII, 759). Têmis: considerada a personificação da justiça. Em *Metamorfoses*, I, 347-415, Têmis dá uma resposta obscura a Pirra e Deucalião.

[11] "Náiades": ninfas dos rios. As náiades não desvendavam enigmas. Em muitos manuscritos medievais das *Metamorfoses*, o termo "Náiades" substituía o termo "Láiades" na frase "Láiade resolveu o enigma que não havia sido compreendido por ninguém" (*Metamorfoses*, VII, 759-760). Disso, nasceu a confusão de Dante, que tomou as náiades como desvendadoras de enigmas. "Láiade" se refere a Édipo, filho de Laio, que de fato desvendou o enigma posto pela Esfinge. Com isso, Édipo conseguiu entrar em Tebas e a Esfinge foi levada a se matar (*Metamorfoses*, VII).

"Sem dano ao trigo, ao gado": Têmis, para vingar a morte da Esfinge, mandou a Tebas uma fera que devorou os seus rebanhos e os seus pastos. Isso também é narrado por Ovídio.

[12] "Assaltos dois": para alguns, o primeiro seria aquele realizado por Adão logo depois da criação e o segundo corresponderia aos assaltos vistos por Dante. Para outros, ambos os assaltos se referem à cena vista por Dante, estando excluído aquele realizado por Adão logo depois da criação. Desse modo, o primeiro assalto seria aquele realizado pela águia (que arrancou folhas à árvore) e o segundo seria aquele realizado pelo gigante, que roubou o carro que estava amarrado à árvore.

[13] "A primeira alma": Adão.

“Cinco mil anos”: é a soma do tempo de vida de Adão e do tempo que ele esperou no Limbo, até ser libertado por Jesus, para subir ao Paraíso. Segundo o Gênesis (5, 5), Adão viveu 930 anos. Segundo Eusébio, o tempo que passou entre a sua morte e a morte de Cristo corresponde a 4302 anos. Essa cronologia será explicada no canto XXVI do “Paraíso”.

“Quem penas em si deu do pecado”: Jesus, que redimiu com a sua morte o pecado de Adão.

14 Recorde-se que os ramos da árvore são mais largos quanto mais altos se encontram.

A altura da árvore significa, provavelmente, a origem inacessível da justiça divina e do conhecimento do bem e do mal. Já a ampliação dos ramos significa provavelmente a imensidão de ambas.

15 “Se o teu vão cogitar não tivesse endurecido a tua mente e se não a tivesse manchado, como o sangue de Píramo escureceu a amora”.

“Água d’Elsa”: a água do Elsa, afluente do Arno, era calcária e criava uma incrustação em volta dos objetos.

“Qual sangue à amora o aspeito”: alusão ao mito de Píramo, já citado em “Purgatório”, XXVII 39.

16 Se a mente de Dante não estivesse tão ofuscada, ele já teria reconhecido na árvore o significado da justiça divina.

17 Já que ele não consegue compreender as palavras de Beatriz, Dante deve levar consigo pelo menos uma imagem de tais palavras, como os peregrinos levam seu cajado ornado com palmas, como sinal dos lugares santos visitados.

18 “Escola pervertida”: trata-se, provavelmente, de uma corrente filosófica específica, que Dante teria seguido em sua juventude. De qualquer modo, a expressão indica que o poeta havia sofrido um desvio não só moral (como os discursos anteriores de Beatriz levam a crer), mas também intelectual.

19 Como o fumo manifesta a existência do fogo, do mesmo modo o esquecimento mostra a culpa de Dante quando a sua vontade se distanciou de Beatriz. De fato, o Letes faz esquecer apenas as culpas, mas o esquecimento não indica necessariamente a existência da culpa. Trata-se, portanto, de um raciocínio só aparentemente lógico.

20 É, portanto, meio-dia. “Mais demorado”: essa é a impressão que se tem

quando o sol se encontra no meridiano, por causa da maior distância em que ele se encontra.

“Como os climas diversos variante”: o meridiano varia segundo o lugar da terra do qual é visto.

[21] As sete virtudes.

[22] “Ao sair”: no limiar.

[23] Tigre e Eufrates: os rios da Mesopotâmia, que, segundo o Gênesis (2, 10-14), nasciam no Paraíso terrestre, junto com o Geon e o Fison. Entretanto, no Paraíso terrestre da *Divina Comédia*, há apenas dois rios, que são o Letes e o Eunoé. Dante Fala do Tigre e do Eufrates apenas para fazer uma comparação.

[24] Essa é a primeira e única vez em que Matelda é nomeada no texto original.

“Arguida”: acusada.

[25] “Como o sabes”: isso provavelmente indica que a função de Matelda é conduzir as almas ao Letes e ao Eunoé. De fato, ela faz isso não só com Dante, mas também com Estácio.

“Seu coração alenta”: com a memória das boas obras, que é a virtude das águas do Eunoé.

[26] “Estranho querer”: a vontade de outra pessoa.

[27] Todas as páginas que haviam sido reservadas para o “Purgatório” (segundo cântico) já estão preenchidas.

“Da arte o freio”: a lei que determina a simetria entre as diferentes partes do poema.

[28] “Estrelas”: como o “Inferno” (XXXIV, 139), também o “Purgatório” termina com o termo “estrelas”. Também o “Paraíso” terminará com esse termo, que indica a meta para a qual o homem deve sempre dirigir o olhar.

PARTE III

PARAÍSO

CANTO I

Refere Dante como subiu para o primeiro céu. Beatriz explica algumas dúvidas que se lhe sugerem.

Prólogo ao “Paraíso”. Descrição das novas impressões de Dante. Beatriz esclarece as dúvidas de Dante, que entende que eles estão subindo para o Paraíso.

1 A glória de quem tudo, aos seus acenos,
Move, o mundo penetra e resplandece
Em umas partes mais em outras menos.[1]
2 No céu onde sua luz mais aparece,
Portentos vi que referir, tornando,
Não sabe ou pode quem à terra desce;[2]
3 Pois, ao excelso desejo se acercando,
A mente humana se aprofunda tanto
Que a memória se esvai, lembrar tentando.[3]
4 Os tesouros, porém, do reino santo,
Que arrecadar-me pôde o entendimento,
Serão matéria agora do meu canto.[4]
5 Faz-me neste final cometimento,
Bom Febo, do teu estro eleito vaso,
Que tenha ao louro amado valimento.[5]
6 Fora-me assaz um cimo do Parnaso;
Daquele e do outro necessito agora
Para vencer na liça a que me emprazo.[6]
7 Cala em meu peito, alenta o que te exora!
Sê como quando a Mársias arrancado
Hás do corpo a bainha protetora![7]
8 Se, divinal virtude, eu for entrado
Tanto, de ti que a sombra[8] represente
Do reino que em minha alma está gravado,
9 Ao teu querido lenho eu diligente
Irei, por ter a c'roa merecida
De ti e deste assunto preminente.[9]
10 Tão rara vez é, padre, igual colhida
Quando triunfa César ou poeta
(Culpa e vergonha do querer nascida)[10]
11 Que à Délfica Deidade a predileta
Fronde excitar devera alta alegria,

Se um coração por tê-la se inquieta.[11]
12 Grande incêndio em centelha principia;
Voz, após mim, talvez, mais eloquente
Mais graça em Cirra alcance e mais valia![12]
13 Por várias portas surge refulgente
A lâmpada do mundo;[13] mas daquela,
Onde orbes quatro brilham juntamente
14 Com três cruzes,[14] caminha sob estrela
Melhor, em modo que a mundana cera
Mais ao seu jeito retempera e assela.[15]
15 Dali nascia a luz; daqui viera
A noite; e um hemisfério branquejava
Enquanto ao outro a treva enegrecera.[16]
16 Eis vi que à esquerda Beatriz fitava
Olhos no Sol: jamais águia afrontara
Tanto desse astro o lume, que ofuscava.[17]
17 Como o raio, que a luz de si dispara,
Reflete outro, que preito retrocede,
Qual romeiro, que à volta se prepara,[18]
18 Esse ato, com que assim Beatriz procede,
Meu se tornou, nos olhos infundido,
E o fitei mais que a um homem se concede.[19]
19 Muito do que é na terra defendido,
No Paraíso é dado à humana gente,
A quem fora por dote prometido.[20]
20 Fitar o Sol não pude longamente,
Mas assaz para o ver fulgir no espaço,
Qual ferro, que do fogo sai candente,
21 Eis cuidei ver um dia, ao mesmo passo,
Luzir com outro, qual se Deus fizera
Do céu um Sol segundo no regaço.[21]
22 Sorvidos Beatriz na eterna esfera

Os olhos tinha; os meus, que eu desviara
Dali, no seu semblante embevecera.
23 Contemplando-a, o meu ser se transformara;
Tal Glauco, portentosa erva comendo,
Igual do mar aos deuses se tornara.[22]
24 Significar *per verba* não podendo
O que é transumanar o exemplo baste
Ao que o exp'rimente, a graça recebendo.[23]
25 De ti, que por teu lume me exaltaste,
Amor do meu senhor, é conhecido,
Se em mim somente havia o que criaste.[24]
26 Quando as 'sferas, no giro conduzido
Por ti no eterno anelo, me enlevaram
Com hino ao teu compasso dirigido,[25]
27 Tantos etéreos plainos se mostraram
Inflamados do Sol, que nunca os rios,
Nem as chuvas um lago igual formaram.[26]
28 Essa luz, esses sons (jamais ouvi-os)
De saber tais desejos me acenderam
Que tão pungentes antes não senti-os.
29 Ela em meu coração os viu como eram:
Por serenar-me o ânimo agitado,
Sem me escutar, seus lábios se moveram,
30 E disse: — "O teu espírito anda errado
Com falso imaginar: 'starias vendo
O que não vês, se o houveras afastado.
31 "Enganas-te na terra achar-te crendo:
O raio tão veloz do céu não desce,
Como tu que pro céu vais ascendendo."
32 Se a dúvida primeira desparece,
A voz que o riso segue, lhe escutando,
Ainda mais outra a mente me escurece.
33 — "Modera-se o meu pasmo" — lhe tornando

Falei — “mas ora muito mais me admira
Como estes corpos leves vou passando.”[27]

34 Ouvindo, Beatriz terna suspira
E me encara piedosa, com semblante
De mãe que fala ao filho que delira.[28]

35 “Conservam” — respondeu-me — “ordem constante
As coisas entre si: esta é figura,
Que o universo ao Senhor faz semelhante.[29]

36 “Ali vê cada uma alta criatura
Do Poder Sumo, bem ao claro, o selo,
Alvo sublime, que essa lei procura.[30]

37 “Cada um entra na ordem, que eu revelo,
Se vai por modos vários inclinando,
Mais ou menos, ao seu princípio belo.[31]

38 “Para portos dif’rentes navegando
No vasto mar do ser, cada qual segue
Os instintos que Deus lhe deu, criando.

39 “Por ele a flama à Lua alar consegue,
Por ele o coração mortal se agita
E a terra em sua contração prossegue.[32]

40 “Seu poder não somente se exercita,
Qual arco em seta, em bruto inconsciente,
Mas nos entes, que amor, razão concita.[33]

41 “Tudo ordenando, o Autor Onipotente
Com sua luz tem o céu sempre aquietado,
Em que gira o que vai mais velozmente.[34]

42 “Até lá, como a um alvo decretado,
Desse arco impele a força poderosa,
Que conduz tudo a venturoso estado.[35]

43 “Mas, como, às mais das vezes, revoltosa
A forma não responde ao intento da arte,
Porque a matéria é na surdez teimosa,

44 “Assim desta vereda se desparte

A criatura, para o bem guiada,
Que pode propender para outra parte,[36]
45 “Se, de falso prazer sendo arrastada,
Baixa à terra, qual fogo desprendido,
De súbito, da nuvem carregada.[37]
46 “Não seja mais de espanto possuído:
Como ao val rio cai de monte altivo,
Para a esfera estelífera és erguido.
47 “De maravilha fora em ti motivo
Não subindo pois ’stás de estorvo isento:[38]
Não fica imoto em terra o fogo vivo.”
Disse e os olhos fitou no firmamento.

---

[1] “Quem tudo, aos seus acenos / Move”: Deus, segundo a ideia aristotélica do primeiro motor imóvel.

“Em umas partes mais em outras menos”: segundo a capacidade que cada coisa tem para receber a glória divina.

Deus se faz presente em todo o universo, mas resplandece em diferentes graus, segundo a capacidade que os seres têm para recebê-lo.

[2] “Céu onde sua luz mais aparece”: o Empíreo, o céu que, mais do que qualquer outro, recebe a luz divina.

[3] Aproximando-se do objeto supremo de seu desejo (Deus), a mente humana se imerge tanto nele que a memória não consegue lembrar aquilo que a mente viu.

[4] Dante disse que não será capaz de dizer “portentos” que viu no Empíreo (último céu do Paraíso), porque a memória não conseguiu conservá-los. Entretanto, ele dirá todas as outras coisas que viu no Paraíso em geral (“reino santo”) e que ficaram na sua memória. Essa é, portanto, a proposição do tema, um dos elementos fundamentais do prólogo clássico.

[5] Tem início aqui a invocação, outro componente do prólogo clássico.

“Final cometimento”: a escritura do Paraíso.

“Bom Febo”: o deus Apolo.

“Estro”: inspiração poética.

“Louro amado”: alusão ao mito de Dafne, ninfa amada por Apolo que se transformou em uma árvore de louros.

Dante pede que Apolo lhe conceda tanta inspiração poética quanta é necessária para a coroação poética (feita com a coroa de louros).

6 “Um cimo do Parnaso”: aquele habitado pelas Musas, invocadas pelo poeta no “Inferno” e no “Purgatório”. Dante diz que foi o suficiente invocar as Musas nos outros cânticos. Mas agora ele precisa também da ajuda do próprio deus da poesia.

O Parnaso é um monte da Beócia com dois cimos: um consagrado a Apolo e o outro consagrado a Baco. O monte consagrado às Musas era outro, o Hélicon. Entretanto, era comum a confusão de considerar que um dos cimos do Parnaso fosse consagrado às Musas e não a Baco. Alguns pensavam também que o Hélicon fosse um dos cimos do Parnaso.

“Liça”: a luta que o poeta empreenderá com a matéria do Paraíso.

7 “Cala”: “entra”.

Mársias: o sátiro Mársias desafiou o deus Apolo em uma competição musical, ele tocando flauta e o deus tocando cítara. Apolo venceu e esfolou Mársias vivo, como punição pela sua presunção. Isso é narrado em *Metamorfoses*, VI, 382-400.

“Do corpo a bainha protetora”: a pele.

Dante pede que Apolo o ajude com a mesma potência com a qual venceu Mársias.

8 De todas as belezas vistas no Paraíso, a memória de Dante não conservou senão uma pálida imagem, uma sombra.

9 “Querido lenho”: a árvore de louros.

“De ti e deste assunto preminente”: a inspiração de Apolo e o “assunto preminente” do Paraíso tornarão Dante digno da coroa de louros.

10 O louro era usado para os triunfos poéticos e militares. Dante está dizendo que raramente as folhas de louro são colhidas para triunfos militares ou poéticos e isso é sinal da culpa e da vergonha dos desejos humanos, que não se voltam mais

para a glória.

[11] Sentido geral do período: tão raramente as folhas de louro são colhidas que Apolo deveria se alegrar quando alguém manifesta um desejo ardente de obtê-las. “Délfica Deidade”: Apolo, venerado em Delfos. Xavier Pinheiro mantém a construção imprópria do texto original, em que Dante se dirige a Apolo primeiro na segunda pessoa (“padre”) e depois fala dele na terceira (“Délfica Deidade”).

[12] Apolo deveria se alegrar também porque, depois da empresa de Dante, surgirão outros e talvez melhores poetas.

Cirra: está por Apolo. Cirra era uma cidade que, ligada a Delfos, era frequentemente mencionada para designar Apolo. Além disso, alguns pensavam que Cirra fosse o nome de um dos cimos do Parnaso.

[13] Ao longo do ano, o Sol surge em diferentes pontos do céu.

[14] Naquele ponto em que quatro círculos celestes, em intersecção, são unidos por três cruzes. Com isso, Dante indica o equinócio, que, no caso da sua viagem, é aquele primaveril. Para não entrar nas várias discussões que essa complexa indicação suscitou, os quatro círculos são provavelmente o Equador, a Enclítica, o Coluro Equinocial e o horizonte. Já com relação às três cruzes, há controvérsias. Segundo a maioria, são as intersecções do Horizonte com os outros três céus. Isso, contudo, forma cruzamentos, mas não cruzes, pois os braços não se tocam perpendicularmente. Por isso, alguns estudiosos pensam que as cruzes sejam as cruzes gregas formadas pelos diâmetros do Equador, do Coluro Equinocial e do Horizonte.

Já o modo como é feita a indicação parece carregar valor simbólico, com as figuras do círculo e da cruz, além dos números três e quatro.

[15] “Estrela melhor”: Áries. A primavera era considerada o momento mais favorável do ano. Além disso, na Idade Média acreditava-se que o mundo tivesse sido criado na primavera.

“Em modo que a mundana cera / Mais ao seu jeito retempera e assela”: na primavera, mais do que em qualquer outra época do ano, o Sol plasma, com a sua virtude vivificante, a matéria do mundo.

[16] Aquele ponto do céu (dos quatro círculos) havia feito a manhã no hemisfério do Purgatório e a noite no hemisfério habitado (“aqui”) . O hemisfério do purgatório estava quase todo iluminado pelo Sol e o outro estava escuro: é,

portanto, meio-dia no Purgatório.

[17] Recorde-se que, no hemisfério do Purgatório, o Sol, ao meio-dia, fica à esquerda de quem está voltado para o oriente.

[18] Como um raio que, refletido, gera outro raio que sobe (“retrocede”), como um peregrino que quer tornar à própria pátria.

[19] O ato de Beatriz, apreendido pelos olhos de Dante, gera o mesmo ato por parte de Dante, que olha para o Sol por mais tempo do que é normalmente concedido ao homem.

[20] “Defendido”: vetado.

“No Paraíso”: no Paraíso terrestre, onde o poeta se encontra. Dante está dizendo que, no Paraíso terrestre, muitas coisas são concedidas às faculdades humanas, as quais não são concedidas na terra, pois o Paraíso terrestre foi predisposto por Deus como o lugar próprio para o homem. Nesse momento, as faculdades de Dante são puras, como aquelas do homem logo depois da criação.

[21] “Dia”: luz diurna. Parece que à luz se acrescenta uma nova luz diurna, como se Deus tivesse adornado o céu com um novo Sol. Isso indica que Dante está provavelmente se aproximando da esfera de fogo, que, segundo se acreditava, ficava entre a terra e o céu da Lua (o primeiro céu). Isto é, Dante, sem perceber, está se elevando para o céu.

[22] Glauco era um pescador da Beócia. Ao perceber que os peixes por ele pescados pulavam de novo no mar quando provavam uma erva, quis também ele provar essa erva. Sentindo sua natureza transformada, Glauco pulou no mar, tornando-se uma divindade marinha. Isso é narrado em *Metamorfoses*, XIII, 898-968.

[23] “Per verba”: em palavras.

“Transumanar”: neologismo dantesco, significa “ultrapassar a condição humana”.

Dante diz: não é possível expressar em palavras a experiência de ultrapassar a condição humana; por isso, baste o exemplo de Glauco àqueles a quem a graça divina reservou essa experiência.

[24] Somente Deus (“amor do meu senhor”), que elevou Dante com a Sua luz, sabe se Dante subiu com o corpo ou apenas com a alma (“o que criaste”). Na verdade,

diversas vezes Dante dá a entender que se elevou também com o corpo. A frase é enunciada mais como uma reminiscência de uma frase de São Paulo, quando fala de sua subida ao terceiro céu: “se em corpo ou fora do corpo não sei; Deus o sabe” (2 Coríntios 12, 2-4). Dante está com o seu corpo, mas, como Paulo, não sabe disso.

25 “No giro conduzido / Por ti no eterno anelo”: o movimento das esferas celestes é gerado pelo desejo que elas têm de se unir a Deus, desejo inextinguível.

“Hino ao teu compasso dirigido”: o movimento das diferentes esferas cria um som harmonioso, a chamada “harmonia das esferas celestes”, da qual falam Pitágoras e Platão. Essa ideia foi refutada por Aristóteles e seus comentadores, entre os quais Alberto Magno e Tomás de Aquino. De qualquer modo, essa era uma teoria muito difundida, mencionada, por exemplo, no *Sonho de Cipião*, de Cícero.

26 Segundo grande parte dos comentadores, esse é o momento em que Dante atravessa a esfera do fogo.

27 Dante não compreende como pode se elevar para além de elementos mais leves do que o seu corpo, como o ar e o fogo (que eram considerados os elementos leves).

28 Que diz coisas insensatas.

29 A ordem harmoniosa do universo é o princípio essencial que o torna semelhante a Deus, que é a perfeita ordem e harmonia.

30 As criaturas mais nobres (aquelas dotadas de intelecto: os homens e os anjos) veem na ordem do universo (“ali”) a marca criadora de Deus, que é o fim para o qual foi dada ao universo aquela ordem.

31 Todas as coisas criadas participam dessa ordem, inclinando-se para o seu princípio, Deus, em diferentes graus, segundo a sua condição natural. Fala-se, mais uma vez, das diferentes disposições a receber a bondade divina por parte das criaturas.

32 Três exemplos para ilustrar aquilo que foi dito anteriormente.

“Ele”: o instinto.

“Flama”: o instinto faz com que o fogo tenda para o alto, em direção à esfera do

fogo, que fica ao longo do céu da Lua.

“Coração mortal”: os seres irracionais, de alma sensitiva, cuja sede acreditava-se que estivesse no coração. A alma sensitiva, diferentemente da alma racional, é mortal.

33 “Os entes, que amor, razão concita”: os homens e os anjos, dotados de alma racional (intelecto e vontade).

34 Deus satisfaz com sua luz o Empíreo, sede de Deus e dos beatos, no qual gira o Primeiro Móbile (o céu “que vai mais velozmente”).

35 “Lá”: o Empíreo.

“Impele”: no original, Beatriz diz “nos impele”. O voo de Dante e Beatriz é em direção ao último céu, o Empíreo, sendo efeito daquele instinto que conduz todas as criaturas ao seu próprio fim, no qual encontrará a sua satisfação.

36 Como a obra de arte muitas vezes não corresponde à intenção do artista (porque a matéria não se deixa plasmar), do mesmo modo frequentemente se desvia do caminho que conduz ao bem aquela criatura que tem poder de mudar de direção, isto é, o homem, criatura dotada de livre-arbítrio.

37 A inclinação natural ao bem pode fazer com que o homem, em vez de se elevar ao céu, desça em direção à terra, por causa do desejo por falsos bens.

“Qual fogo desprendido”: o abaixamento do homem, que ocorre contra a sua natureza, é comparado ao raio, que, contra a natureza do fogo (que tende a subir), desce sobre a terra, saindo de uma nuvem carregada.

38 Dante está isento de estorvos porque se purificou no Letes e no Eunoé, atingindo a perfeita libertação do pecado. Não é, portanto, a condição de qualquer homem bom, mas sim a condição daquelas almas que completaram a sua expiação no Purgatório.

CANTO II

Acompanhando Beatriz, Dante sobe ao céu da Lua. Propõe dúvidas, que são resolvidas.

O poeta faz uma advertência aos leitores. Descrição da subida ao céu da Lua. Primeiro céu: céu da Lua. Dante tem dúvidas sobre as manchas na superfície da Lua. Beatriz faz um longo discurso sobre a constituição dos céus.

1 Vós, que em frágil barquinha navegando,
Desejosos de ouvir, haveis seguido
Meu baixel, que proeja e vai cantando,[1]
2 Volvei à plaga donde haveis partido.
O pélago evitai, que, em me perdendo,
Vosso rumo talvez tereis perdido.
3 Ondas ninguém cortou, que vou correndo;
Sopra Minerva e me conduz Apolo
E o Norte as Musas mostram-me, a que eu tendo.[2]
4 Vós, que, raros, a tempo haveis o colo
Erguido ao pão dos anjos, que alimenta,
Mas não sacia, no terráqueo solo,[3]
5 A vossa nau guiai, de medo isenta,
No salso argento, após a minha esteira,
Enquanto água o seu sulco inda apresenta.
6 A que em Colchos surgiu gente guerreira,
Menos que vós, atônita ficara
Jasão vendo aplicado à sementeira.[4]
7 Perpétua, inata sede nos tomara
Do império deiforme e nos levava
Quase bem como o céu, que jamais para.
8 Olhava o céu Beatriz, eu a encarava.
Tão depressa talvez, quanto, arrojada
Ao ar, a seta do arco se destrava,
9 Coisa vi, que prendeu maravilhada
A vista minha súbito; e então ela,
Que do meu cogitar ’stava inteirada,
10 Voltou-se e disse leda, quanto bela:
“A Deus eleva a mente, agradecido,
Chegados somos à primeira estrela.”[5]
11 Lúcido, espesso, sólido e polido
Vulto, qual nuvem, nos cobrir parece,
Quase diamante pelo sol ferido.[6]

12 Na pér’la eterna entramos: assim desce
Raio de luz pela água, que o recebe
No seio, mas unida permanece.[7]
13 Se eu era corpo, e aqui se não percebe
Como uma dimensão outra compreende,
Senão se um corpo em outro corpo embebe,[8]
14 Com mais razão desejo em nós se acende
De ver aquela essência, em que é patente
Como a nossa natura a Deus se prende.[9]
15 Ali o que por fé se crê somente
Sem provas por si mesmo será noto,
Como a verdade prima o que a home’ assente.[10]
16 — “Ante o Senhor com ânimo devoto
Humilho-me” — tornei-lhe — “enternecido,
Pois do mundo mortal me tem remoto.
17 “Mas dizei: neste corpo o que têm sido
As manchas negras, com que lá na terra
Sobre Caim se hão fábulas urdido.”[11]
18 Sorriu-se e respondeu: — “Se assim tanto erra
Dos mortais o juízo no que a chave
Dos sentidos verdade não descerra,[12]
19 “Não mais depois o espanto em ti se agrave;
Pois vês como, aos sentidos se rendendo,
Nos curtos voos a razão se trave.[13]
20 “Mas fala, ideias tuas me dizendo.”
— “O que parece aqui ser diferente
De corpo raro e denso vir ’stou crendo.”[14]
21 — “Tu verás” — replicou — “bem claramente
Ser falsa a crença tua, se escutares
Os argumentos, que lhe oponho em frente.
22 “Na oitava esfera há muitos luminares,
Nos quais, por qualidade e por grandeza,[15]
Notam-se aspectos vários, singulares.

23 “Se o denso e o raro atua, com certeza
Virtude única em todos tem regência,
Influindo com mais, menos graveza:[16]
24 “São as virtudes várias consequência
Dos princípios formais que destruídos[17]
Seriam, exceto este: é de evidência.
25 “Se são por corpo raro produzidos
Tais sinais, ou neste astro muitos postos
De matéria estarão destituídos
26 “Ou, como o gordo e o magro sobrepostos,
No corpo vês, quadernos diferentes
Este astro em seu volume tem dispostos.[18]
27 “Nesse caso estariam bem patentes
Nos eclipses do Sol, da luz efeitos,
Que são, nos corpos raros, transparentes.[19]
28 “Assim não é. No outro,[20] se desfeitos
Forem seus fundamentos, demonstrado
Terei teu erro em ambos os respeitos.
29 “Não indo o raro de um ao outro lado,
Limite deve haver onde, já denso,
Não possa o corpo ser atravessado;
30 “E sobre si o lume torne intenso,
Bem como a cor, por vidro refletida,
Ao qual o chumbo é por detrás apenso.[21]
31 “Dirás que a luz se mostra escurecida
Aí, mais do que em outra e qualquer parte,
Por ser de mais distância refrangida.[22]
32 “Desta instância consegue libertar-te
Exp’riência, se dela te ajudares,
Porque ser sói a fonte de toda a arte.[23]
33 “De espelhos três, se a dois tu colocares
Com igual intervalo, e o derradeiro
Mais longe, entre os primeiros encarares;

34 “Se houveres pelas costas um luzeiro,
Que os espelhos já ditos esclareça,
Dos dois repercutido e do terceiro:
35 “Conquanto uma extensão menor pareça
No espelho que se avista mais distante,
Verás como igual luz o resplandeça.[24]
36 “Como aquecida do astro rutilante,
A neve se derrete e se esvaece,
A frigidez perdendo e a cor brilhante,
37 “Assim, pois que o teu erro desparece,
Mostrar-te clarão vou tão refulgente,
Que cintila qual luz que do céu desce.
38 “No céu da paz divina um corpo ingente
Gira: em sua virtude está guardado
O ser de quanto é ele o continente.[25]
39 “O céu seguinte, de astros marchetado,
Aquele ser reparte por essências
Distintas, mas que tem nele encerrado.[26]
40 “Os outros céus, por várias influências,
Distinções que contêm dispõem, lhes dando
Quanto serve aos seus fins e consequências.[27]
41 “Esses órgãos do mundo[28] (estás notando)
Seguem, pois, gradação que não varia;
Vêm de cima os que abaixo vão passando.
42 “Compreendes já como é segura a via,
Por onde ir à verdade desejada:
Depois o vau tu passarás sem guia.[29]
43 “Deve aos santos motores imputada
Ser, como ao fabro o efeito do martelo,
Dos céus a ação, desta arte revelada.[30]
44 “E o céu, que tantos lumes fazem belo,
Do ser supremo, que no espaço o agita,
A imagem toma e a insculpe como selo.[31]

45 “E como alma, que a humana argila habita,
Por diferentes membros atuando,
Faculdades diversas exercita,
46 “A Inteligência assim multiplicando
Dos astros nos milhões sua bondade,
Sobre a unidade sua vês girando.[32]
47 “Cada virtude, em sua variedade,
A cada precioso corpo é unida
A que dá, como em vós, vitalidade.[33]
48 “A virtude, em tais corpos infundida,
Refulge, de um ser ledo procedente,
Qual ledice em pupila refletida.[34]
49 “Daí vem que uma luz de outra é dif’rente,
Não por efeito do que é denso e raro.
Esse é formal princípio eficiente:
Conforme a sua ação é o turvo e o claro.”

---

[1] “Frágil barquinha”: a atividade do intelecto natural, sem a ajuda da sapiência divina. O poeta se refere aos leitores que não têm preparação suficiente para a leitura do “Paraíso”.

“Meu baixel”: é a poesia.

[2] Minerva (a sabedoria) dá o vento às velas; Apolo (a inspiração poética) está ao timão da nave; as Musas (as ciências e as artes) indicam a direção da rota.

[3] “Pão dos anjos”: a sabedoria divina. Expressão bíblica (Ps., LXXVII, 25; Sap., XVI, 20; Prov., IX, 5; Eccli., XV, 3).

“Não sacia”: pois a inteligência humana não pode penetrar todos os mistérios da sabedoria divina.

[4] “A gente guerreira”: os Argonautas, que seguiram Jasão à Cólquida, para a conquista do velo de ouro. Narra-se que Jasão, para conquistar o velo de ouro, teve de enfrentar duros trabalhos. Um deles foi domar dois bois que soltavam

fogo, com os pés de bronze e os chifres de ferro, e arar com eles, para depois semear a terra com dentes de serpente, dos quais surgiriam guerreiros. Isso é narrado em *Metamorfoses*, VII, 100.

O sentido da comparação ainda é discutido. Segundo alguns, a comparação trata da transformação de Dante, poeta laico, em mestre de teologia pela poesia do "Paraíso", do mesmo modo que Jasão se transformou em semeador. Segundo outros, a comparação é entre a empresa de Dante e a empresa dos Argonautas. Segundo outros ainda, a comparação é entre os trabalhos de Jasão e os trabalhos de Dante.

[5] Dante e Beatriz chegaram ao primeiro céu, o céu da Lua. Na concepção seguida por Dante, os céus eram esferas concêntricas que giravam em torno da Terra, que permanecia parada. Essas esferas eram constituídas por uma matéria diáfana, a "quintessência". Em determinado ponto de cada uma dessas esferas, estava fixo o planeta relativo (a Lua e o Sol também eram considerados planetas), e sobre cada um dos planetas Dante para ao longo de sua subida.

[6] Esses versos realizam uma descrição da Lua.

"Polido": pode significar "sem manchas" ou "liso".

[7] O fenômeno descrito contraria a lei da impenetrabilidade dos corpos. A entrada do raio de luz na água é a única imagem terrena que pode ilustrar tal fenômeno que não se verifica na natureza, mas apenas no Paraíso.

[8] "Se não percebe": não se entende.

"Embebe": penetra.

[9] Se a penetrabilidade dos corpos — possível no Paraíso, impossível na natureza — é motivo de admiração, ainda maior deve ser o desejo de ver um mistério muito mais profundo: a união de duas naturezas, a humana e a divina, em uma única pessoa, Jesus.

[10] No Paraíso, o homem verá, com imediata evidência (sem necessidade de demonstração), aquilo em que ele acredita só pela fé.

"Como a verdade prima a que o home' assente": no Paraíso o homem verá os mistérios da fé com evidência imediata, assim como na terra ele vê os axiomas sem necessidade de demonstração. Os axiomas ("verdade prima") são os princípios evidentes por si mesmos, que não são demonstrados.

[11] Dante quer saber o que são as manchas negras que se veem na superfície da

Lua.

“Com que lá na terra / Sobre Caim se hão fábulas urdido”: segundo uma lenda, Caim teria sido confinado na Lua, condenado a carregar sempre um feixe de espinhos. A essa lenda se alude em “Inferno”, XX, 124-126.

[12] Em um assunto no qual a chave dos sentidos não consegue abrir a porta da verdade. Isto é, em um assunto que está além da experiência dos sentidos.

[13] Pois a razão, seguindo os sentidos, nem sempre pode chegar à verdade.

[14] Dante diz acreditar que as manchas observadas na Lua sejam devidas à densidade ou raridade da matéria. Trata-se da teoria do “raro e denso”, antiga teoria empregada para explicar as diferenças na Lua e no universo. Dante a defende em *Convívio*, II; XIII, 9. Essa teoria tem caráter naturalístico e base quantitativa (a densidade e a raridade); a essa teoria Beatriz opõe uma explicação com base qualitativa (formulada, entre outros, por São Tomás de Aquino), contradizendo a antiga explicação defendida por Dante.

[15] “Oitava esfera”: céu das estrelas fixas.

“Luminares”: estrelas.

[16] Acreditava-se que cada estrela tivesse uma virtude especial, como exige a ordem universal. A virtude de uma estrela é a capacidade de influência que ela, como corpo celeste, exerce sobre os corpos terrenos. Para os cristãos, essas diferentes virtudes eram determinadas pela Providência divina.

Desse modo, Beatriz explica: se a diferença entre as estrelas se devesse somente à raridade e à densidade (isto é, a um princípio quantitativo), em todas as estrelas existiria a mesma virtude, distribuída em diferentes graus. Entretanto, é inaceitável que a influência exercida pelos corpos celestes seja apenas uma.

[17] Demonstração por absurdo: a ordem do universo exige uma multiplicidade de influências sobre a terra (por causa da multiplicidade das espécies e dos indivíduos). Entretanto, as diferentes virtudes das estrelas têm de ser necessariamente produzidas por diferentes “princípios formais”, que são aquilo que confere especificidade a cada indivíduo, a causa essencial que confere formas específicas às coisas. Atribuir as diferenças das estrelas à densidade (princípio quantitativo) significa reduzir todos os princípios formais a apenas um, o que significa reduzir todas as virtudes a apenas uma, o que é inadmissível.

[18] Beatriz introduz um novo argumento. Se as partes escuras da Lua se devem a

uma raridade de matéria, duas são as possibilidades: ou essa raridade se estende por toda a espessura da Lua ou a raridade se alterna à densidade (como cadernos em volume), do mesmo modo como no corpo se alternam os estratos gordos e os estratos magros. Beatriz explicará cada uma das hipóteses.

19 Se fosse verdadeira a primeira hipótese (que a raridade se estende por toda a espessura da Lua), isso ficaria evidente nos eclipses do Sol, porque a luz do Sol atravessaria as partes raras da Lua.

“Transparentes”: tem, provavelmente, o sentido de “evidentes”.

20 Na segunda hipótese.

21 “Vidro ao qual o chumbo é por detrás apenso”: perífrase para indicar o espelho, formado por dois estratos, o vidro (raro) e, atrás, o chumbo (opaco). Desse modo, se a Lua também fosse formada por estratos raros (isto é, transparentes) e densos, a luz do Sol seria refletida por ela, como ocorre com o espelho.

22 Possível objeção de Dante: a luz pode ser refletida por toda a superfície da Lua, mas não com a mesma luminosidade; ela parecerá mais escura vindo de um ponto mais distante (isto é, quando o estrato denso é mais interno). Isso poderia explicar, pela teoria das diferentes densidades, as partes escuras da Lua.

23 “Instância”: termo técnico escolástico, que significa “objeção”.

24 O experimento é feito com três espelhos. Dois são colocados a igual distância do observador; o terceiro é colocado mais longe, entre os outros dois. Coloca-se uma fonte de luz atrás do observador, de modo que ela seja refletida pelos três espelhos aos olhos do observador. Embora a luz refletida pelo espelho mais distante não seja igualmente intensa, a sua qualidade não muda: ela não parece mais escura do que as outras, que são mais próximas. As diferentes distâncias da reflexão da luz, que, na Lua, são determinadas pelas diferentes profundidades dos estratos raros e densos, não bastam para formar as manchas vistas na Lua.

25 No Empíreo (“céu da paz divina”), gira o Primeiro Móbile, em cuja virtude (que provêm do Empíreo) tem fundamento o ser, em potência, de todo o seu conteúdo (que corresponde ao universo). Tudo o que existe no universo tem seu ser, em potência, no Primeiro Móbile.

26 O Primeiro Móbile é o nono céu. O “céu seguinte” é o oitavo céu, que fica abaixo dele, chamado o céu das estrelas fixas (“de astros marchetado"). O céu

das estrelas fixas recebe a virtude do Primeiro Móbile, diferenciando-a nas suas várias estrelas (“essências”), que recebem uma virtude específica. Isto é, o Primeiro Móbile recebe uma virtude indiferenciada e a distribui nas suas estrelas.

[27] “Os outros céus”: os sete céus que vêm depois do céu estrelado, nos quais se encontram os sete planetas.

Os outros céus dispõem de diferentes modos as suas diferentes virtudes (“influências”, provenientes do oitavo céu), a fim de produzir os seus efeitos. Logo, os outros céus recebem as diferentes virtudes provenientes do oitavo céu e as dispõem segundo os seus fins.

[28] “Órgãos do mundo”: os céus.

[29] Da verdade geral que Beatriz enunciará, Dante saberá deduzir a causa da questão particular que lhe interessa (a da superfície da Lua).

[30] A ação dos céus (seu movimento e sua influência) provém dos seus santos motores, que são as Inteligências angélicas. Como o martelo é instrumento do fabro, do mesmo modo os céus são instrumento dos anjos.

[31] “O céu, que tantos lumes fazem belo”: o céu das estrelas fixas.

O oitavo céu toma a sua virtude (“imagem”) da inteligência angélica que o faz girar e insculpe essa virtude nas suas estrelas. Outra interpretação: o oitavo céu recebe, da sua inteligência angélica, a ideia exemplar com a qual insculpe a matéria terrestre. Nesse caso, “imagem” significa o modelo que o céu recebe do arquétipo presente na mente divina.

“Ser supremo”: segundo alguns, Deus (essa parece ser a interpretação de Xavier Pinheiro). Mas é mais provável que a expressão “mente profunda” do original se refira aos Querubins, que são a inteligência angélica do oitavo céu.

[32] A Inteligência do oitavo céu multiplica a sua virtude, dando diferentes virtudes para cada estrela. Entretanto, ao fazer isso, a inteligência do oitavo céu permanece una.

“Sobre a unidade sua vês girando”: entendido de diferentes modos: permanece una em sua atividade constante; é como uma roda, que, girando sobre o mesmo eixo, está em movimento, mas ao mesmo tempo está parada; a Inteligência permanece una e tem consciência disso (“girando sobre si mesma”) etc.

[33] A virtude diversificada forma diferentes unidades com os diferentes corpos

dos astros aos quais dá vida.

[34] A virtude dos astros deriva de um ser feliz, porque unido a Deus. Desse modo, a virtude, infundida nos corpos dos astros, resplende pela felicidade proveniente da inteligência angélica. Logo, a luz dos astros (como a Lua, por exemplo) deriva da felicidade da inteligência angélica, que, por sua vez, depende do grau de aproximação de Deus. As diferentes virtudes, unidas a diferentes corpos, são o motivo pelo qual diferentes astros apresentam diferentes graus de luminosidade, do mesmo modo como um mesmo astro (a Lua) pode apresentar, em seu corpo, zonas com diferentes graus de luminosidade. Logo, isso se deve a um princípio metafísico e não físico, como a densidade e a raridade.

CANTO III

Dante avista-se com Piccarda, que lhe refere como fora constrangida a violar os seus votos monacais.

Primeiro céu: Lua; espíritos que não cumpriram os votos. Dante vê as primeiras almas do Paraíso e fala com Piccarda, que esclarece uma dúvida de Dante, fala sobre a sua vida e mostra a alma da imperatriz Constança de Altavilla.

1 O sol por quem primeiro ardeu meu peito,
Provando e refutando, me amostrara
Da formosa verdade o doce aspeito.[1]
2 Por confessar-me do erro em que vagara,
Quanto possível fosse, convencido,[2]
Mais alto a fronte para a sua alçara;
3 Eis fui de uma visão tal possuído,
Que olvidei meu desejo inteiramente,
Ficando em contemplá-la submergido.
4 Bem como em cristal puro e transparente,
Ou n'água clara, límpida e tranquila,
Que deixa à vista o fundo seu patente,
5 A imagem nossa quase se aniquila,
Em modo que uma pér'la em nívea fronte
Se faz mais perceptível à pupila;[3]
6 Assim, dispostas a falar defronte
Várias figuras vi: eu no erro oposto
De Narciso caí amando a fonte.[4]
7 Eu, cuidando as feições do seu composto
Ver num espelho, súbito volvia,
Por bem saber quem fosse, atrás o rosto.
8 Ninguém vi. Logo o gesto me atraía
Da doce guia, que, a sorrir-me estando,
Dos santos olhos no esplendor ardia.
9 — "No sorriso não pasmes, reparando.
A causa é" — diz — "teu pueril engano;
À verdade caminhas vacilando.
10 "Andas em falso, como sóis, de plano:
Verdadeiras substâncias estás vendo;
Trouxe-as aqui dos votos seus o dano.[5]
11 "Interroga, o que ouvires crer devendo;
Pois da verdade a luz que as esclarece,
As conduz, de todo erro as defendendo."

12 Volto-me então à sombra, que parece
Mais desejosa de falar: torvado
Começo, e a voz impaciência empece.
13 — “Tu, espírito eleito, que, enlevado,
Da vida eterna aqui fruis a doçura,
Que entende só quem tem exp’rimentado,
14 “Grã mercê me farás, se porventura
Disseres o teu nome e a sorte vossa.”
A responder-me leda se apressura:
15 — “Ao bom desejo a caridade nossa,
Como a que manda a corte sua inteira
Imitá-la, defere quanto possa.[6]
16 “Eu era lá no mundo virgem freira:
Diz-te a memória, se as feições me guarda,
Que sou, posto mais bela,[7] a verdadeira.
17 “Atenta bem: verás que sou Piccarda.[8]
Estou nesta bendita companhia,
Venturosa na esfera, que é mais tarda.[9]
18 “As nossas afeições que inflama e guia
Somente a inspiração do Esp’rito Santo,
Enlevam-se em cumprir ordens que envia.[10]
19 “A sorte, ao parecer somenos tanto,
Nos coube, por ter sido descurado
O sacro voto e em parte posto a um canto.”[11]
20 Respondi-lhe: — “No aspeito sublimado
Vosso rebrilha um não sei quê divino,
Que o tem do que foi de antes transmutado.
21 “Não fui, pois, em lembrar-me repentino;
Porém, do que disseste me ajudando,
Eu do que hás sido em recordar-me atino.
22 “Mas vós que estais aqui dita logrando,
Não sentis de outro céu desejo ardente
Por ver mais alto, mais amor gozando?”[12]

23 Sorriu-se a sombra e as outras docemente;
E disse de alegria radiante,
O seu primeiro amor como quem sente:[13]
24 — “Rege o nosso querer, em paz constante,
A caridade, irmão: só desejamos
O que ora temos e não mais avante.
25 “Anelando ir mais alto do que estamos,
Seríamos rebeldes à vontade
A que aprouve esta estância, que habitamos.[14]
26 “Pois nos cumpre existir na caridade,
Surgir não pode em nós tal pensamento,
Dessa virtude oposto à santidade.[15]
27 “Condição de eternal contentamento
É preceito cumprir do Onipotente:
Um só com ele é logo o nosso intento.
28 “Do reino em cada plaga refulgente
Somos, do reino todo muito ao grado
E do Rei, que à sua lei nos molda a mente.[16]
29 “Seu preceito a paz nossa se há tomado:
Ele é mar a que tudo precipita,
Que cria, ou faz natura ao seu mandado.”[17]
30 Conheço então que o Paraíso habita
Quem está do céu em qualquer parte, e vejo
Não chover de um só modo a suma dita.[18]
31 Mas, se um manjar sacia, dado o ensejo,
E de outro resta o apetite vivo,
Um se agradece, expondo-se o desejo:
32 Por gesto e voz assim fiz-me expressivo
Para a tela saber que a lançadeira
Não rematara com lavor ativo.[19]
33 — “Perfeita em vida, em mérito altaneira
Acima santa está, que há regulado
Vestes e véus, com que professa freira,[20]

34 “Até finar-se, vele ou durma ao lado
Desse esposo, que todo o voto aceita,
Se lhe é por caridade consagrado.[21]
35 “Menina e moça, à sua regra estreita
Submeti-me, e do mundo me apartando
Jurei aos seus preceitos ser sujeita.
36 “Roubou-me à paz do claustro iníquo bando,
Mais a maldade do que ao bem afeito:
Qual foi Deus sabe o meu viver, penando!
37 “Este fúlgido esp’rito, em cujo aspeito
(À direita demora-me) se acende
Quanto lume o céu nosso tem perfeito,
38 “O que digo de mim de si o entende;
Sendo freira como eu, foi-lhe arrancado
O santo véu, que o voto à fronte prende.
39 “Mas, ao mundo tornando de mau grado,
Que os seus piedosos usos ofendia,
Guardou fiel seu peito ao sacro estado.
40 “É a excelsa Constância a que radia:
Deu de Suábia ao imperador segundo
Herdeiro, em que extinguiu-se a dinastia.”[22]
41 Calou-se; e logo do “Ave” o hino jucundo
Cantou: cantando aos olhos desparece,
Qual peso, que mergulha em mar profundo.
42 Segui-la a vista quis quanto pudesse,
De desejo invencível atraída.
Voltou-se, quando em todo se esvaece,
43 E em Beatriz fitou-se embevecida,
Mas era o rosto seu tão fulgurante,
Que ante o lume sentiu-se esmorecida.
Pelo efeito atalhei-me titubeante.

[1] “Sol”: Beatriz.

[2] Convencido da verdade exposta por Beatriz.

[3] “A imagem nossa quase se aniquila”: a imagem refletida é tão fraca que quase esvaece.

“Pér’la em nívea fronte”: na época, as mulheres costumavam colocar uma pérola sobre a testa.

[4] Narciso: famoso personagem que se apaixonou por seu próprio reflexo na água, acreditando que a imagem refletida fosse verdadeira (*Metamorfoses*, III, 407-510). Dante, por sua vez, vê figuras reais, mas acredita que sejam reflexos.

“Amando a fonte”: refere-se a Narciso.

[5] “Verdadeiras substâncias”: almas reais, não refletidas.

“Dos votos seus o dano”: elas estão no primeiro céu porque faltaram aos votos realizados. Na verdade, o próximo canto explicará que todas as almas se encontram no Empíreo, mas segundo diversos graus de beatitude. A aparição das almas nos diversos céus é um modo de ilustrar esses diferentes graus de beatitude.

[6] A caridade dos beatos, assim como a caridade divina (“a que manda a corte sua inteira imitá-la”), está sempre aberta aos bons desejos.

[7] A beatitude aumenta a sua beleza.

[8] Piccarda: irmã de Forese Donati, recordada com afeto no canto XXIV do “Purgatório” (10-15). Tornou-se freira no convento de Santa Clara, em Monticelli. Entretanto, seu irmão Corso Donati, chefe do partido negro, raptou-a do convento e, por motivos políticos, fez com que se casasse com Rossellino della Tosa, do seu partido. O episódio ficou muito conhecido na época.

[9] “A esfera que é mais tarda”: o céu da Lua, que, estando mais próximo da terra, tem uma órbita menor.

[10] Os afetos dos beatos, inflamados só pela inspiração do Espírito Santo, contentam-se em se conformar à ordem estabelecida por ele.

[11] Essas almas ocupam o grau mais baixo da beatitude porque negligenciaram, em parte, os seus votos.

[12] Piccarda já disse que os beatos se contentam em se conformar à vontade

divina. Entretanto, Dante, com sua mentalidade humana, quer compreender como é possível que aqueles que estão no mais baixo grau de beatitude não desejem um grau mais alto.

13 O verso, no original, pode ser interpretado de dois modos. O primeiro, seguido por Xavier Pinheiro, é: como quem arde de amor, na primeira vez em que se apaixona. O segundo modo é: como quem arde no amor do Espírito Santo, pois Deus é o primeiro amor.

14 Se eles desejassem ocupar um lugar mais alto, seriam contrários à vontade divina.

15 Pois a caridade é o adequamento da vontade de quem ama à vontade daquele que é amado.

16 “Em cada plaga”: em cada grau de beatitude, correspondente a cada céu do Paraíso. “Do reino todo muito ao grado”: isso apraz a todas as almas (o reino todo) e a Deus, a cuja vontade se conforma a vontade das almas.

17 Todas as criaturas: aquelas que Deus cria diretamente e aquelas que a natureza cria segundo a sua vontade.

18 Dante compreende que, ainda que a graça de Deus não seja dispensada com a mesma intensidade em todos os lugares do reino celeste, em todas as almas há perfeita beatitude: nenhuma deseja estar em um grau de beatitude mais alto do que o seu.

19 Para conhecer o motivo pelo qual Piccarda não cumpriu o seu voto.

20 Santa: Santa Clara de Assis (1194-1253), seguidora de São Francisco que, segundo o seu exemplo, fundou uma ordem feminina paralela à franciscana. A ordem das Clarissas, como ficou chamada, rapidamente se difundiu por toda a Itália.

21 Esposo: Jesus.

22 Constância: Constança de Altavilla, última herdeira normanda do reino da Sicília, nascida em 1154. Em 1286 se casou com Henrique VI, filho de Federico Barbarossa. Desse casamento nasceu Federico II. Quando ficou viúva, Constança governou com sabedoria, até sua morte.

Mais tarde, quando Federico II se tornou inimigo da Igreja, a propaganda guelfa criou a lenda segundo a qual Constança teria sido monja e, com mais de

cinquenta anos, teria sido obrigada a se casar com Henrique VI. Desse modo, Federico II, o Anticristo, teria nascido de uma mulher de idade já avançada que, além disso, era consagrada a Deus: contra as leis de Deus e da natureza, portanto. Na verdade, Constança não foi monja e se casou com 31 anos. Dante aceita a lenda de que ela teria sido monja, mas não aceita a atmosfera negativa em que a propaganda guelfa a envolveu. Constança é recordada por seu neto Manfredi em "Purgatório", III, 112-114. "Deu de Suábia…": deu a Henrique VI ("o segundo imperador da Suábia") o herdeiro Federico II, último imperador da dinastia. Recorde-se, além disso, que Dante considerava o trono imperial vazio desde a morte de Federico II (1250), até a eleição de Henrique VII, em 1312.

CANTO IV

Outras dúvidas postas por Dante sobre o domicílio dos bem-aventurados, os efeitos da violência sobre a vontade e os votos que não foram satisfeitos até o fim. Resolve-as Beatriz.

Primeiro céu: Lua. Dante fica indeciso entre duas dúvidas e Beatriz, entendendo as dúvidas sem que ele precise expressá-las, faz um longo discurso explicativo. Dante apresenta uma nova dúvida e fica ofuscado pela luminosidade dos olhos de Beatriz.

1 De igual modo distantes e atraentes,
Homem livre entre cibos dois morrera
De fome, antes que num metesse os dentes.
2 Cordeiro assim, sem se mover, temera
No meio de dois lobos truculentos;
Um galgo entre dois gamos não correra.
3 Calando-me entre opostos pensamentos,
Louvor não merecia, nem censura;
Necessário era então nos meus[1] intentos.
4 Mas no semblante o anelo se afigura;
Constrangido silêncio o denuncia
Melhor que a voz, quando expressão apura.
5 Fez Beatriz, qual Daniel fazia
Para os assomos moderar da ira,
Que ao mal Nabucodonosor movia.[2]
6 “Dos desejos cada um tua alma tira”
— Disse — “e estando em tais laços enleada,
Tolhido o raciocínio, não respira.[3]
7 “Discorres: se a vontade contrastada
No bem persiste, pode porventura
Em méritos julgar-se amesquinhada?[4]
8 “Turbar-te ainda outra dúvida procura:
Se das estrelas a alma torna ao meio,
Como Platão filósofo assegura.[5]
9 “Destes problemas dois te nasce o enleio.
No derradeiro o exame principia
Porque do erro mais fel há no seu seio.[6]
10 “Não têm anjo, que em Deus mais se extasia,
Moisés e Samuel, João Batista,
O Evangelista, nem também Maria,
11 “Lugar em céu dif’rente do que a vista
De espíritos te deu que hão-se mostrado:
Num só têm todos a eternal conquista.[7]

12 “O Empíreo é por todos adornado,
Hão todos doce vida variamente,
Conforme o eterno sopro é facultado.[8]
13 “Se nesta esfera os viste, certamente,
Não foi por destinada lhes ter sido,
Grau só denota menos eminente.[9]
14 “Assim por mente humana compreendido
Será, pois só se eleva ao entendimento
Do que é pelos sentidos percebido.
15 “Por ter do que sois vós conhecimento
A Escritura atribui, mas al entende,
Pés e mãos ao Senhor do firmamento.[10]
16 “Em figurar a Igreja condescende
Gabriel e Miguel e o que a Tobia
Curou, sob a feição, que à humana tende.[11]
17 “Timeu esta verdade contraria,
No que acerca das almas argumenta;
Parece crer à letra o que enuncia.[12]
18 “Ao seu astro voltar a alma sustenta,
Supondo que ela à terra descendera,
Quando, por forma ao corpo unida, o alenta.
19 “Talvez diversa ideia concebera
Do que nas vozes suas emitira:
Escarnecida ser não merecera.[13]
20 “Se a honra ou vitupério atribuíra
Aos astros de influir na vida humana,
Na verdade talvez firmasse a mira.[14]
21 “Mal entendido, o seu princípio dana
O mundo quase inteiro, que prestara
A Jove e a Marte adoração insana.[15]
22 “A dúvida segunda te depara
Menos veneno, pois o mal que encerra,
Para longe de mim não te afastara.[16]

23 “Que a justiça divina lá na terra
P’reça injusta é, de péssima heresia,
Argumento de fé, que jamais erra.[17]
24 “Mas, como a humana mente poderia
Às alturas alar-se da verdade,
Vou dar-te o que o desejo te sacia.[18]
25 “Constrangimento havendo, se, à maldade
A vítima se opondo, em luta insiste,
Desculpa elas não têm sem dubiedade.[19]
26 “Não se abate a vontade, se persiste;
Sempre se ergue, qual flama cintilante:
A força a estorce, vezes mil resiste.
27 “Por menos que se dobre vacilante,
Cede à força; voltar ao santo abrigo
Puderam, tendo o ânimo constante.
28 “Se o querer fosse inteiro no perigo,
Como Lourenço no braseiro ardente,
Ou Múcio, que à mão sua deu castigo,[20]
29 “Em livres sendo, a estrada incontinente
Do dever seguiriam pressurosas,
Mas raro é tal valor na humana gente.
30 “Se atendeste, razões dei poderosas
Para ficar tua dúvida solvida:
Causa te fora a angústias afanosas.
31 “Mas ante os olhos ora vês erguida
Outra ainda mais grave, que, por certo,
Não fora por ti só desvanecida.
32 “Já te hei bem claramente descoberto
Que não pode mentir alma ditosa
Pois da Suma Verdade é sempre perto.[21]
33 “Narrou depois Piccarda que extremosa
No seu amor ao véu fora Constância,
Ao revés do que eu disse cautelosa.[22]

34 “Na existência há mais de uma circunstância,
Em que se faz, perigos receando,
O que é vedado ou move repugnância.[23]
35 “Do pai ardentes rogos respeitando,
A sua mãe Alcméon cortava a vida
Por piedade impiedoso se tornando.[24]
36 “Fique, pois, a tua mente convencida
De que ao querer se a força anda ajustada,
Não há desculpa à falta cometida.[25]
37 “A vontade absoluta é declarada
Inimiga do mal: cede, temendo
Ser, pela oposição, mais lastimada.[26]
38 “A verdade absoluta em mira tendo,
Piccarda discorreu: de outra eu falava.
Verdade ambas estamos defendendo.”
39 Do santo rio a luz assim manava,
Da fonte da verdade derivada:
Cada um dos meus desejos contentava.
40 — “Ó do Primeiro Amante excelsa amada!
Ó santa!” — eu disse — “cuja voz me anima,
Me inunda e a força aviva à alma abrasada!
41 “Afeto meu, que ao extremo se sublima,
Não basta por tornar graça por graça:
Que o Senhor minha dívida redima!
42 “Não há, bem sei, não há quem satisfaça
A mente, se a Verdade não compreende
Fora da qual outra nenhuma passa.[27]
43 “A mente ali se refocila e prende,
Qual fera, que em seu antro empolga a presa:
De outra sorte o desejo em vão se acende.
44 “E por isso ao pé nasce da certeza,
Como vergôntea, a dúvida, e nos leva
De cimo em cimo até sublime alteza.

45 “Com toda a reverência que vos deva,
Ouso pedir-vos me expliqueis, Senhora,
Outra verdade, que me está na treva.
46 “Os rotos votos, que homem sente e chora,
Pode suprir com mérito dif’rente,
Que iguale em peso o que perdera outrora?”[28]
47 Beatriz me encarou: tão refulgente
Lhe rebrilhava o olhar e tão divino,
Que me volto, sentindo a força ausente,
E, quase aniquilado, a fronte inclino.

---

[1] Para expressar o seu estado de ânimo, Dante apresenta três variações de um mesmo exemplo, derivado provavelmente das discussões escolásticas sobre o livre-arbítrio na relação entre vontade e intelecto: entre duas comidas igualmente distantes e atraentes, o homem livre, impossibilitado de escolher, morreria de fome; do mesmo modo, ficaria imóvel um cordeiro entre dois lobos e um galgo entre dois gamos. Também Dante, entre duas dúvidas igualmente intensas, não consegue se decidir sobre o que perguntar primeiro e permanece calado.

“Louvor não merecia, nem censura; / Necessário era então nos meus intentos”: era necessário que Dante calasse, estando entre duas dúvidas igualmente importantes. Por isso, o seu ato não merece nem louvor nem censura: de fato, só os atos livres são passíveis de louvor e de censura.

São Tomás de Aquino mencionou esse exemplo, mas para confutá-lo. Muitas foram as discussões para entender se Dante, falando desse exemplo, segue ou contradiz a doutrina do filósofo.

[2] O profeta Daniel adivinhou e interpretou o sonho que o rei Nabucodonosor havia esquecido, aplacando a injusta ira do rei, que queria condenar à morte todos os outros sábios que não haviam conseguido fazer o mesmo. Isso é narrado em Daniel, 2, 1-46. Do mesmo modo, Beatriz, compreendendo as dúvidas de Dante (que ela via em Deus), aplacou a inquietação do poeta.

[3] Isto é, não se expressa em palavras.

[4] A primeira dúvida de Dante surge de uma afirmação de Piccarda no canto anterior. No verso 117 do canto anterior, Piccarda disse que Constança, mesmo forçada a não cumprir seus votos, “guardou fiel seu peito ao sacro estado”. Dante se pergunta: se a boa vontade persiste, pode a violência alheia diminuir o mérito de alguém (resultando em um menor grau de beatitude)? Constança, como também Piccarda, foi forçada a deixar o claustro. Como isso pode diminuir o seu mérito, se a boa vontade persistiu no seu íntimo?

[5] Segunda dúvida de Dante: encontrando as almas no céu da Lua, Dante se pergunta se estava certo Platão, segundo o qual as almas, depois da morte, tornam às estrelas nas quais estavam antes. No *Timeu* (41-42), afirma-se que as almas preexistem ao corpo e se encontram nas estrelas; elas descem das estrelas para se encarnar e, depois da morte, retornam às estrelas. Isso está e evidente contraste com a doutrina cristã, segundo a qual Deus cria cada alma por vez, infundindo-a no embrião. O Timeu era o único texto platônico conhecido no tempo de Dante em tradução latina. Os críticos ainda discutem se Dante teria lido diretamente essa tradução ou teria encontrado alguma referência à teoria platônica em outros textos.

[6] A doutrina de Platão, que havia sido condenada como heresia, apresenta mais perigo para a fé. Por isso, Beatriz lhe dá prioridade.

[7] Nem mesmo as criaturas mais elevadas entre os anjos e os homens se encontram em um céu diferente daquelas almas que Dante viu (como Piccarda e Constança): todas, de fato, estão no Empíreo e gozam de eterna beatitude.

Moisés: legislador dos hebreus; o maior dos profetas (Deuteronômio, 34, 10).

Samuel: profeta que, segundo a vontade de Deus, instituiu a monarquia de Israel. É citado com Moisés em Jeremias, 15, 1.

João Batista: chamado o maior entre os nascidos de mulher (Mateus, 11, 11).

João Evangelista: o discípulo favorito de Jesus e o único que ficou com Maria aos pés da cruz (João, 13, 23; 19, 26).

“Eternal conquista”: segundo Platão, dependia do mérito o tempo pelo qual as almas permaneciam nas estrelas.

[8] “Variamente, / Conforme o eterno sopro é facultado”: em diferentes graus de beatitude, segundo suas diferentes capacidades de sentir, de receber o Espírito Santo (“eterno sopro”).

[9] Essas almas apareceram no céu da Lua só para mostrar sensivelmente que o seu grau de beatitude é mais baixo.

[10] As Escrituras, conhecendo as exigências do intelecto humano, dá atributos físicos a Deus, para falar de atributos espirituais (“al entende”).

[11] Do mesmo modo, aos anjos, espíritos incorpóreos, são atribuídas figuras humanas.

Gabriel: o arcanjo da anunciação (Lucas, 1, 26-38).

Miguel: o arcanjo que venceu Lúcifer.

“O que a Tobia / Curou”: o arcanjo Rafael, que curou a cegueira de Tobit, pai de Tobias (Tobias, 3, 16). No texto latino da Bíblia, ambos são chamados Tobit.

[12] Parece que Platão acredita literalmente naquilo que afirma. Já as Escrituras apresentam, por metáfora, verdades espirituais e aquilo que Dante viu no céu da Lua não é realidade, mas figura. Logo, a diferença está no modo de entender a situação: literal ou metaforicamente.

[13] Entretanto, pode ser que a verdadeira ideia de Platão seja diferente daquilo que suas palavras significam literalmente; pode ser que essa ideia não mereça escárnio. Beatriz proporá outra leitura das palavras de Platão.

[14] Nova proposta de leitura: se Platão quis dizer que tornam aos céus não as almas, mas a honra e o vitupério pelas influências exercidas pelos céus sobre os atos humanos, então talvez ele tenha dito em parte a verdade.

[15] O princípio de que os astros exercem influências sobre os homens é verdadeiro. Entretanto, tomado em sentido determinístico (“mal entendido”, portanto), desencaminhou quase todos os povos antigos, que deram aos astros nomes de deuses e passaram a adorá-los.

“O mundo quase inteiro”: “quase” porque os hebreus eram a exceção.

[16] A outra dúvida de Dante é menos grave, pois não é capaz de afastá-lo da verdade revelada.

[17] Que a justiça divina pareça injustiça aos olhos mortais é um incentivo não à heresia, mas à fé na impenetrabilidade dos desígnios divinos e na sua sabedoria infinita.

[18] Mas, nesse caso da dúvida de Dante, a mente humana pode compreender a verdade. Por isso, Beatriz iniciará uma nova explicação.

[19] Se a violência, ou constrangimento, ocorre quando a vítima se opõe, então as almas do céu da Lua não têm justificativa: mesmo a contragosto, elas aceitaram faltar ao voto.

[20] Beatriz apresenta dois exemplos de vontade íntegra, que nada concede à violência sofrida.

Lourenço: santo mártir; durante a perseguição de Valeriano em 258, foi queimado vivo em um braseiro.

Múcio: Caio Múcio Cévola, herói romano durante o assédio dos etruscos. Tentou matar Porsena, rei dos etruscos, mas, descoberto, foi levado à presença do rei, diante do qual deixou queimar sua própria mão, como punição por ter errado o golpe. Porsena, admirado por tamanha coragem, deixou o assédio de Roma. Isso é narrado, entre outros, por Tito Lívio (II, 12).

[21] Os beatos não podem mentir, pois estão sempre próximos de Deus, que é a suma verdade. Beatriz afirmou isso nos versos 31-33 do canto anterior.

[22] Nos versos 115-117 do canto anterior, Piccarda disse que Constança, mesmo forçada a deixar o claustro, persistiu, em seu coração, fiel ao voto. Entretanto, agora Beatriz afirmou que as almas do céu da Lua não persistiram em sua vontade. Parece haver uma contradição entre as falas de Piccarda e Beatriz; mas, se existe contradição, uma das duas está mentindo, o que não é possível, já que ambas são almas beatas. Beatriz agora explicará como é possível que ambas as afirmações sejam verdadeiras.

[23] Muitas vezes, as pessoas, para fugir a um dano maior, fazem, a contragosto, algo que não convém fazer.

[24] Alcméon: filho do adivinho Anfiarau e de Erifila, matou a mãe para vingar a morte do pai. O mito é citado em diversos momentos da *Tebaida*, em *Metamorfoses*, IX, 406-417, e é recordado em “Purgatório”, XII, 49-51.

“Do pai ardentes rogos respeitando”: na verdade, Anfiarau, quando estava para morrer, previu que o filho vingaria a sua morte (*Tebaida*, VII, 787-788).

“Por piedade impiedoso se tornando”: por piedade (respeito filial) ao pai, tornou-se impiedoso em relação à mãe.

[25] Se uma pessoa, para evitar um dano maior, faz, mesmo que a contragosto, algo que não convém fazer, ela está, de algum modo, concordando com a violência sofrida. Esse acordo entre a vontade da pessoa que sofre e a violência

resulta em faltas que não podem ser totalmente desculpadas. Isto é, se a vontade faz concessões à violência, ela também se torna responsável pelos seus efeitos.

[26] A vontade, em sentido absoluto, opõe-se ao mal; mas, sem sentido relativo, ela cede ao mal, para evitar um mal maior. Trata-se da distinção teórica entre vontade absoluta e vontade relativa: a vontade absoluta não quer aceitar o mal; a relativa aceita o mal enquanto condição para evitar um mal maior.

[27] "A Verdade fora da qual outra nenhuma passa": a verdade divina.

[28] Dúvida de Dante: o homem pode compensar os votos não cumpridos por boas obras, que tenham o mesmo valor aos olhos de Deus?

CANTO V

Resolvida por Beatriz a dúvida, sugerida por Dante, acerca dos votos infringidos, sobem ao segundo céu, onde o Poeta interroga um dos espíritos que se lhe aproximam.

Beatriz responde à pergunta de Dante e, em seguida, faz uma advertência aos cristãos. Dante e Beatriz sobem para o céu seguinte. Segundo céu: Mercúrio. Aparecem novas almas e uma delas fala com Dante, que pergunta quem ela é.

1 — “Se no fogo do amor te resplandeço
Em modo que o terreno amor precede;[1]
Se aos olhos teus a força desfaleço,
2 “Não te espantes: efeito é que procede
Desse perfeito ver, que o bem compreende,
E, o compreendendo, em se apurar progrede.[2]
3 “Já patente me está quanto resplende
Na inteligência tua a luz eterna,[3]
Que, apenas vista, sempre amor acende.
4 “E, se outro objeto humano amor governa,
Vestígio dela é só mal percebido,
Só transluzindo em sua forma externa.[4]
5 “Saber queres se um voto não cumprido
É de outras obras resgatado, e tanto,
Que em juízo de Deus fique absolvido” —
6 Começou Beatriz destarte o canto;[5]
E, como quem no discorrer não para,
Seguiu assim no seu elóquio santo:
7 “O mor bem que ao universo Deus doara,
O que indicara mais sua bondade,
O que em preço mais alto avaliara,
8 “Foi do querer, por certo, a liberdade,
Que a toda a criatura inteligente
Há dado em privativa faculdade.[6]
9 “Daqui, por dedução, fica evidente
Do voto a alta valia, quando é feito
Por acordo entre Deus e a humana mente.[7]
10 “Por contrato, entre Deus e o home’ aceito,
Esse tesouro é vítima imolada,
Que ao sacrifício vai com ledo aspeito.[8]
11 “Pode ser porventura compensada?
Se cuidas usar bem do que ofertaste,
Crês fazer bem com prata mal ganhada.[9]

12 “Certo do ponto capital ficaste.
Como dispensa a Igreja, parecendo
Em tal caso contrária ao que escutaste,
13 “Convém que, um pouco à mesa te detendo,
Para o rijo manjar, que hás ingerido,
Socorro aguardes, que te dar pretendo.[10]
14 “Ao que te explico atento presta ouvido
E guarda-o na alma; pois não dá ciência
Ouvir o que depois fica no olvido.
15 “Exige do sagrado voto a essência
Aquele objeto em sacrifício dado
E do próprio contrato a consistência.[11]
16 “Jamais pode ser este obliterado,
Ainda que infringido: já bem clara
Demonstração sobre este ponto hei dado.[12]
17 “Lei rigorosa a hebreus determinara
Fazer pia oblação; mas concedida
A permuta da oferta lhes ficara.[13]
18 “Da matéria do voto é permitida
Conversão quando ensejo se oferece,
Sem ser por isso falta cometida.[14]
19 “Mas não se mude, quando bem parece,
O fardo; só se a Igreja, tendo usado
Das chaves de ouro e prata, o concedesse.[15]
20 “Crê que toda a permuta é passo errado,
Quando o antigo no novo não se inclua,
Bem como quatro em seis vês encerrado.[16]
21 “Se o voto é tal na gravidade sua,
Que obrigue a se inclinar toda balança,
Outro voto não há, que o substitua.[17]
22 “Não contraiais, mortais, votos por chança!
Cumpri-os, mas não Jefté imitando,
A quem deu louco voto a desesp’rança.[18]

23 “— ‘Fiz mal!’ — dissesse ao voto seu faltando,
Por não fazer pior cumprindo-o. Estulto
Foi o potente rei dos gregos, quando
24 “À filha fez chorar seu belo vulto
E à piedade moveu quantos ouviram
Falar daquele abominável culto.[19]
25 “As razões pesai bem, que vos inspiram,
Cristãos! não sede pluma a qualquer vento!
As nódoas com toda a água se não tiram![20]
26 “Tendes o Velho e o Novo Testamento
E da Igreja o pastor, que os passos guia:
Que mais quereis por vosso salvamento?
27 “Se má cobiça o peito vos vicia,
Homens sede e não brutos animais:
Que entre vós o judeu de vós não ria.[21]
28 “Como o cordeiro simples não façais,
Que contra si combate petulante,
Da mãe o leite não querendo mais.”[22]
29 Beatriz assim disse. Eis anelante
E arrebatada em êxtase voltou-se
À parte, onde o universo é mais brilhante.[23]
30 Ante o enlevo em que o gesto transmutou-se,[24]
Calou-se o meu desejo impaciente:
De outras questões, já prestes, refreou-se.
31 E como a seta, que o alvo de repente
Atinge antes que a corda esteja quieta,
No céu segundo entramos velozmente.[25]
32 Tão leda eu via Beatriz dileta,
Daquele céu nas luzes penetrando,
Que mais vivo esplendor mostra o planeta.
33 E se a estrela sorriu, se transformando,
Como não fiquei eu, que fez natura
Mudável, impressões todas tomando?[26]

34 Como viveiro de água mansa e pura,
Pela esp’rança de pasto, que se of ’reça,
Sofregamente o peixe o anzol procura,
35 Mais de mil esplendores vindo à pressa,
— “Eis aí quem nos traz de amor aumento!”[27] —
A voz de cada qual nos endereça.
36 De cada sombra o alegre sentimento,
Em se acercando a nós, se denuncia
No fulgor do seu claro luzimento.[28]
37 Quão sôfrego o desejo não seria
Em ti, leitor, se acaso interrompesse
A narração de quanto então se via?
38 Imaginas, portanto, o que eu tivesse
De conhecer aquela grei formosa,
Tanto que ante os meus olhos aparece.
39 “Ó criatura, que assim vês ditosa
Os tronos do eternal triunfo, ainda antes
De finda a terreal guerra afanosa,
40 “Nos lumes, que no céu há mais brilhantes,
Ardemos: te darei, se as pretenderes,
Ao teu desejo informações bastantes.”[29]
41 Assim falou. — “Responde que assim queres.”
A Beatriz ouvi — “Diz com franqueza,
E crê como divino o que entenderes.”
42 — “O ninho tens, já vejo com certeza,
Na luz eterna: o seu fulgor revela
Dos olhos teus sorrindo-te a viveza.[30]
43 “Mas não sei quem tu és, ó alma bela,
Nem por que por degrau tens esta esfera,
Que aos mortais nos clarões de outra se vela.”[31]
44 Assim disse, voltado à luz que houvera
Primeiro a voz alçado: refulgindo,
Mais coruscante a vi ao que antes era.[32]

45 Bem como o sol os lumes encobrindo
No seu próprio esplendor quando esvaece
As cortinas que estavam-no cingindo,[33]
46 Da alegria no excesso desap'rece
Nos próprios raios a figura santa.
Na sua luz envolta que recresce,
Disse o que o canto que se segue canta.

---

[1] "Precede": supera.

[2] Alguns referem "perfeito ver" a Beatriz: a sua luminosidade é originada pela sua perfeita visão de Deus, a qual, compreendendo o bem, penetra no amor divino. Quanto mais profunda a visão do beato, mais ela permite que ele penetre em Deus; mais se acende de amor a alma, que o manifesta em sua luminosidade.

Outros referem "perfeito ver" a Dante: ele vê Beatriz mais iluminada porque agora a sua visão está perfeita (e na terra era imperfeita). A sua visão, à medida que vai compreendendo o bem, penetra nele, vendo sempre uma luz mais intensa.

[3] Beatriz vê que a luz divina reflete no intelecto de Dante.

[4] Se o amor humano se desvia para outros objetos, é porque estes não são senão sombras daquele bem supremo, malcompreendidos pelo homem como o verdadeiro bem.

[5] Provavelmente, significa "a matéria desse novo canto".

[6] A liberdade do querer é o maior dom concedido por Deus. Dela são dotadas apenas as criaturas inteligentes, isto é, os homens e os anjos.

[7] Sendo a liberdade do querer o maior dom concedido por Deus, Dante pode deduzir o alto valor do voto, que é justamente o sacrifício daquela liberdade.

"Quando é feito / Por acordo entre Deus e a humana gente": quando o voto agrada a Deus. Isto é, o voto é válido só quando a sua oferta é do agrado de Deus.

[8] "Tesouro": a liberdade do querer, que se oferece a Deus, no momento em que o

voto é formulado.

[9] O voto oferece a Deus o maior bem do homem. Nada pode, portanto, compensá-lo.

“Se cuidas usar bem do que ofertaste / Crês fazer bem com prata mal ganhada”: se o homem quiser praticar boas ações com aquela liberdade que ele havia oferecido a Deus, será como se estivesse realizando boas obras com dinheiro roubado.

[10] Dante já compreendeu a principal questão ligada ao voto. Entretanto, a Igreja pode conceder dispensas em relação ao voto e isso parece contradizer as palavras de Beatriz. Por isso, Dante deve ainda escutar as explicações de Beatriz, que serão como uma ajuda para digerir um duro alimento (uma verdade difícil de ser compreendida pela mente).

[11] Dois elementos constituem a essência do voto: a matéria (aquilo que se promete) e o pacto (a promessa propriamente dita), que é a parte formal do voto.

[12] O ato da promessa, como Beatriz já explicou anteriormente, não pode ser anulado. Agora Beatriz falará do outro elemento, a matéria da promessa.

[13] Como diz o texto original, a permuta era permitida aos hebreus, mas não em todos os casos. Isso é indicado em Levítico, 27, 1-33.

[14] “Quando ensejo se oferece”: não em todos os casos, portanto.

[15] Sobre as duas chaves já se falou em “Purgatório”, IX, 117-129. A chave de prata é o julgamento do sacerdote; a chave de ouro é a autoridade concedida por Deus. Para São Tomás, a promessa pode chegar a ser anulada, desde que isso seja autorizado pela Igreja. Dante é mais rigoroso: a promessa não pode ser anulada; a sua matéria pode, não sempre, ser mudada, desde que isso seja autorizado pela Igreja.

[16] Isso pode significar, genericamente, que a nova matéria tem de ser maior que a substituída, como o seis é maior que o quatro. Entretanto, segundo alguns, a expressão empregada indica uma proporção efetiva. Nesse caso, essa proporção pode ser sugerida por Levítico, 27, 15, ainda que seja maior que a indicada no trecho bíblico (aqui, o acréscimo seria da metade; no trecho bíblico, fala-se do acréscimo de um quinto).

[17] É provável que aqui Dante se refira ao voto religioso, que, portanto, não pode ser nem mesmo substituído.

[18] “Chança”: brincadeira, troça.

Jefté: juiz de Israel. Prometeu a Deus que, se vencesse os amonitas, sacrificaria o que fosse primeiro ao seu encontro quando retornasse para casa. Ao tornar vitorioso para casa, sua filha foi a primeira a ir ao seu encontro. Jefté, para não faltar ao voto, sacrificou-a. Isso é narrado em Juízes, 11, 29-40.

As pessoas devem ser conscientes no momento de formular o voto, para poderem ser fiéis a ele, sem serem injustas como Jefté.

[19] O rei dos gregos: Agamêmnon, comandante dos gregos. Pediu aos deuses o vento propício para zarpar em direção a Troia, prometendo o sacrifício daquilo que havia de mais belo. Sendo atendido em seu pedido, sacrificou sua filha Ifigênia. Isso é narrado em *Metamorfoses*, XII; *Eneida*, II. Entretanto, a fonte aqui é provavelmente Cícero (*De Officiis*, III, 95).

[20] Verso interpretado de diversos modos. Segundo alguns, significa que o cristão não deve acreditar que basta fazer um voto qualquer para se redimir dos pecados. Segundo outros, significa que o cristão não deve acreditar que poderá ser facilmente dispensado dos votos feitos.

[21] “Má cobiça”: segundo alguns, são as paixões que levam os cristãos a fazer tantas promessas; segundo outros, refere-se à avidez do clero e dos religiosos corrompidos, que levavam o povo a fazer votos para ganhar ofertas e, depois, concediam permutações.

“Que entre vós o judeu de vós não ria”: os judeus seguiam leis precisas a respeito dos votos; por isso, poderiam rir da tolice dos cristãos em relação aos votos.

[22] Figura do cristão que se distancia dos verdadeiros ensinamentos da Igreja.

[23] “À parte, onde o universo é mais brilhante”: expressão entendida de diferentes modos: o oriente, o céu de Mercúrio (segundo céu), o equador celeste (onde se encontra o Sol durante o equinócio). Dante e Beatriz agora subirão para o segundo céu. Por isso, muitos comentadores, para conservar um paralelismo com a primeira subida, defendem que Beatriz olhe para o alto, em direção ao Sol, como fez no momento da subida para o primeiro céu.

[24] Em cada passagem para um novo céu, a beleza de Beatriz aumentará.

[25] “Céu segundo”: Mercúrio.

[26] Se o próprio planeta, por si imutável, sofreu uma transformação com a entrada de Beatriz, quanto mais Dante, que tem a natureza mutável do homem.

[27] Interpretado de diversos modos. Segundo alguns, isso significa que uma nova presença sempre aumenta o amor no Paraíso. Entretanto, a interpretação mais plausível é de que a chegada de Dante aumentará a caridade das almas, que poderão responder às suas perguntas. Como se verá ao longo do "Paraíso", é sempre motivo de alegria para as almas poder responder às dúvidas de Dante.

[28] No Paraíso, a forma corpórea desaparece gradualmente aos olhos de Dante: ele ainda consegue entrever a forma da alma dentro do esplendor que ela emana, mas a luz intensa faz com que ele veja a alma com menos nitidez do que no céu da Lua.

[29] "Nos lumes, que no céu há mais brilhantes": o original diz "na luz que se difunde por todo o céu", isto é, o amor, a caridade.

[30] Dante vê que a alma é envolvida pela luz, como em um ninho, e que essa luz deriva dos olhos da alma, que reluzem quando a alma ri.

[31] "Esta esfera, / Que aos mortais nos clarões de outra se vela": o planeta Mercúrio é ofuscado pela luz do Sol.

[32] O coruscar da luz indica a maior alegria do personagem.

[33] Como o Sol se encobre em sua própria luz, quando ele desfaz a cortina de vapor que mitigava o seu esplendor.

CANTO VI

A alma bem-aventurada, que se oferecera para responder às perguntas de Dante, declara ser Justiniano. Diz o bem que fez e narra a história da águia imperial. A alma santa de Romeu.

Segundo céu: Mercúrio, almas que desejaram honra e fama. A alma responde à pergunta de Dante, declarando ser o imperador Justiniano. Em um longo discurso que ocupa todo o canto, Justiniano fala sobre sua vida e sobre a história da águia imperial, fazendo uma advertência aos contemporâneos de Dante. Por fim, Justiniano fala sobre a condição das almas que estão com ele e fala sobre a vida de Romeo di Villanova.

1 “Depois que Constantino a Águia voltara
Contra o curso do céu, que ela seguira,
Pós o herói, que Lavínia conquistara,[1]
2 “Duzentos anos já passados vira
Da Europa em confins de Deus essa ave,
Vizinha aos montes, donde se partira;[2]
3 “Das plumas sob a sombra ampla e suave,
De mão em mão o mundo há dominado,
Té comigo reger do império a nave.
4 “César, Justiniano fui chamado.
Do Amor, que sinto, por querer movido,
O supérfluo das leis hei cerceado.[3]
5 “Antes de ter a empresa cometido,
Uma só natureza acreditava
Ter Cristo, e andava nessa fé perdido.[4]
6 “Mas de Agapeto santo que mandava
De Roma Santa Igreja, a voz potente
Levou-me à crença pura, que eu deixava.[5]
7 “O que então disse eu vejo claramente,
Pois, como vês, contradição implica
Uma falsa asserção e outra evidente.[6]
8 “Quando eu cri no que a Igreja certifica,
Minha mente, de Deus por alta graça,
Logo à sublime empresa se dedica .[7]
9 “Belisário a reger as armas passa;
No favor, que lhe deu poder divino
Sinal vi que me ordena a paz se faça.[8]
10 “A responder-te o que ouves tem destino;
Mas o que hei dito agora a tanto obriga,
Que a mor explicação dar-te me inclino.
11 “Verás que sem razão vontade imiga
Move-se contra esse estandarte santo,
Quando o tenta usurpar, quando o profliga.[9]

12 “Pelos fatos verás respeito quanto
Mereceu desde a hora em que Palante
Morreu por dar-lhe de sob’rano o manto.[10]
13 “Em Alba sabes como foi constante
Por mais de anos trezentos té lutarem
Três contra três por que ele fosse avante,[11]
14 “Sabes quanto ele fez por se curvarem
Vizinhos desde o roubo das sabinas
Té Lucrécia expirar, e os reis findarem.[12]
15 “Sabes que glória teve nas mãos dignas
De heróis, que Breno e Pirro combateram
E de outros reis coligações malignas.[13]
16 “Décios, Fábios, Torquato lhe deveram,
E Quíncio Cincinato, que amo e louvo.
A fama das vitórias,[14] que tiveram,
17 “Calcou o orgulho do africano povo,
Que por fraguras, donde, ó Pó, te envias,
Sob Aníbal, abriu caminho novo.[15]
18 “Fez triunfar da juventude em dias
Cipião e Pompeu, e assaz desgosto
Causou às tuas pátrias serranias.[16]
19 “Perto dos tempos, em que o céu disposto
Havia, por seus fins, dar paz ao mundo
Em mãos de César Roma o teve posto.[17]
20 “O que ele fez do Var ao Rin profundo
Isara há visto e o Era, há visto o Sena
E esse vale, onde o Rhone é sem segundo.[18]
21 “Passando o Rubicão, após Ravena,
Com César a Águia tanto em voo alçou-se,
Que o não pode seguir nem voz, nem pena.[19]
22 “Depois que para a Espanha remontou-se,
A Durazzo e a Farsália acometia:

Do efeito o ardente Nilo perturbou-se.[20]

23 “O Simoente e Antandro então revia
Seu berço, em que a de Heitor cinza descansa;
E sem detença a Ptolomeu se envia.[21]

24 “Dali, qual raio, logo Juba alcança;
Depois volve-se às terras do Ocidente,
Onde os sons de Pompeu a tuba lança.[22]

25 “Nas mãos de outro o que fez essa ave ingente
No Inferno Bruto e Cássio estão sentindo,
Sofrem Perúgia e Módena tremente.[23]

26 “Cleópatra ainda vai triste carpindo
Atroce morte, que da serpe toma,
Da Águia os assaltos pávida fugindo.[24]

27 “Até o Roxo mar tudo a Águia toma,
E ao mundo tão serena a paz se inclina,
Que em fim de Jano as portas fecha Roma.[25]

28 “O que fez e faria a ave divina
Para trazer à fama sua aumento
Nesse império mortal, em que domina,

29 “Parece escasso em seu merecimento,
Quando em mãos de Tibério a contemplamos
Com puro afeto e claro entendimento;[26]

30 “Pois que a viva justiça, que adoramos,
Lhe há nessas mãos a glória concedido
De dar vingança às iras, que incitamos.[27]

31 “Sê, me ouvindo, de espanto possuído:
Águia a vingança do pecado antigo
Depois com Tito há por tornar corrido.[28]

32 “Quando, mordida por lombardo imigo,
Gemia a Santa Igreja, à sombra da ave
Salvou-a Carlos Magno do perigo.[29]

33 “Podes julgar, portanto, do erro grave

Daqueles, cujas faltas hei notado,
Causa do mal que vês quanto se agrave.[30]
34 “Contra o sacro estandarte um tem hasteado
Áureo lírio, outro o quer por seu partido:
Custa dizer qual seja o mais culpado.[31]
35 “Gibelinos, no iníquo andar sabido,
Outra bandeira sigam; que à justiça
Culto esta exige nunca interrompido.
36 “Carlos novo abatê-la em vão cobiça
Com guelfos; tema as garras, que arrancaram
A mais forte leão juba inteiriça.[32]
37 “Mais de uma vez os filhos já choraram
Pelas culpas do pai: é louca a esp’rança,
De que de Deus favor lírios ganharam.[33]
38 “O planeta, em que habito agora, estança
É de almas generosas que honra e fama
Aspiraram do mundo na lembrança.
39 “Quando os desejos deste modo inflama
O incentivo da glória, aos céus ascende
Do vero amor menos ativa a chama.
40 “Mas nossa dita em parte compreende
Dos méritos e prêmio no confronto:
Nem menor, nem maior nenhum se entende.[34]
41 “Pois da viva justiça o feito pronto
Tanto os afetos nos ameiga e apura,
Que nequícia os não torce em nenhum ponto.
42 “Vozes várias de sons formam doçura:
Assim os vários graus na eterna vida
Doce harmonia fazem nesta altura.
43 “Nesta per’la, em que estás, bela e polida,
Rebrilha de Romeu claro luzeiro,
Virtude ínclita e mal agradecida.[35]
44 “Os provençais, pelo ato traiçoeiro,

Não se riram, caminho segue errado
Quem o bem de outro inveja sobranceiro.[36]
45 “Às filhas grato de Rainha o estado
Conseguiu Beranguer: tal bem devia
A Romeu, nome humilde e não falado.[37]
46 “Preso na trama que a calúnia urdia,
Do erário contas exigiu do justo,
Que aumentado[38] no quinto o erário havia;
47 “Romeu partiu-se então pobre e vetusto:
Se o mundo o coração lhe aquilatara,
Quando, mendigo, se mantinha a custo,
Louvor muito maior lhe dispensara.”

---

[1] “Depois que Constantino virou a águia imperial em direção contrária ao curso do céu, isto é, do ocidente para o oriente”. Trata-se da transferência da sede imperial de Roma para Bizâncio, realizada por Constantino em 330.

“Águia”: a insígnia imperial.

“Que ela seguira, / Pós o herói, que Lavínia conquistara”: a águia havia seguido o curso do céu (de oriente a ocidente) quando Eneias, saindo de Troia, chegou ao Lácio e se casou com Lavínia, filha do rei Latino. O personagem diz que a águia acompanhou Eneias porque ele levava consigo o futuro do Império Romano.

[2] Por duzentos anos a águia (a ave de Deus) já havia permanecido em Bizâncio (nos confins da Europa), perto dos montes da Trôade, de onde ela havia saído para acompanhar Eneias.

[3] Justiniano (482-565): imperador do oriente desde 527, famoso sobretudo pela obra jurídica *Corpus iuris civilis*, organização do *corpus* da legislação romana, que permaneceu, por muito tempo, como a base do direito europeu. Justiniano confiou a feitura da obra a um grupo de juristas, chefiados por Triboniano.

“Do Amor”: o Espírito Santo. A compilação da obra legislativa foi da vontade de Deus.

Dante segue, provavelmente, a cronologia apresentada por Brunetto Latini no

Tresor (I, 87, 3): a transferência imperial teria sido em 323 e Justiniano teria se tornado imperador em 539, em um intervalo de pouco mais de duzentos anos. Na verdade, o primeiro fato foi em 330 e o segundo foi em 527, em um intervalo de pouco menos de duzentos anos.

[4] Justiniano diz ter sido adepto da heresia monofisita, muito difundida no oriente, que defendia que em Cristo havia não duas naturezas, mas apenas uma, a divina. Isso não é historicamente exato: sabe-se que a mulher de Justiniano, Teodora, seguia essa crença. Entretanto, na Idade Média isso era atribuído também ao imperador.

[5] Agapeto: Agapito I, papa de 535 a 536. Foi a Constantinopla para tratar a paz entre Justiniano e Teodato, rei dos ostrogodos. Segundo se acreditava na Idade Média, teria convencido Justiniano de seu erro, levando-o à verdadeira fé.

[6] O texto original diz: “e aquilo que Agapito afirmava (a dupla natureza de Cristo) eu agora vejo com a mesma evidência com a qual tu vês que, de duas afirmações contraditórias, uma é verdadeira e a outra é falsa”. Justiniano recorre ao princípio “de não contradição” da lógica aristotélica para falar daquilo que tem a máxima evidência para a mente humana: a clareza com a qual os homens veem a não contradição na terra é a mesma com a qual Justiniano vê no Paraíso a união das duas naturezas em Cristo (o que, na terra, só pode ser matéria de fé).

Não se compreende por que o segundo verso da tradução diz “Pois, como vês, contradição implica”. De fato, não há no texto original a relação explicativa indicada pelo termo “pois”.

[7] “Sublime empresa”: a compilação do *Corpus iuris*. Também isso não é correto: Agapito se tornou papa em 533, quando a compilação do *Corpus* já havia sido realizada. O equívoco está nas fontes de Dante, mas é significativo notar que Dante quer sublinhar a coincidência dos fatos: para ele, a obra fundante da legislação e da estabilidade imperial tinha de ser resultado da vontade divina, que inspirou o imperador quando ele estava em total acordo com a fé cristã.

[8] Belisário: o mais famoso general de Justiniano. Entre seus importantes feitos estão a vitória sobre os vândalos na África e a reconquista da Itália contra os godos. Os êxitos de Belisário suscitaram a inveja de homens da corte e Justiniano foi, em diversos momentos, hostil em relação ao general. Havia até mesmo lendas que falavam de atos atrozes de Justiniano contra Belisário. Ou Dante não tinha conhecimento disso ou quis expressar nesses versos um

arrependimento por parte de Justiniano.

“No favor, que lhe deu poder divino, / Sinal vi que me ordena a paz se faça”: Justiniano viu, nos êxitos militares de Belisário, o sinal de que Deus queria que ele deixasse a guerra a Belisário, dedicando-se, por sua vez, à paz.

[9] “Estandarte santo”: a águia imperial.

“Quando o tenta usurpar”: os gibelinos, que queriam se apropriar da insígnia imperial, para interesses próprios (não pelos interesses do Império).

“Quando o profliga”: os guelfos.

[10] Palante: filho do rei Evandro, aliado de Eneias no guerra pela conquista do Lácio. Palante morreu enquanto combatia por Eneias e é aqui visto como o primeiro que deu a vida pela fundação de Roma e, consequentemente, pelo futuro Império. A morte de Palante é narrada no décimo livro da *Eneida*. Justiniano, para falar da origem do Império, fala da origem mítica de Roma, fundada por guerreiros corajosos. A história de Roma é vista, desse modo, como um desenho providencial: os heróis que fundaram Roma levavam consigo o valor e a dignidade predestinados ao Império que depois foi estabelecido.

[11] O discurso prossegue falando da história da águia imperial. Ela permaneceu por mais trezentos anos em Alba Longa, cidade fundada por Ascânio, filho de Eneias. Isso aconteceu até a batalha entre Horácios e Curiácios (três irmãos romanos e três irmãos albanos), que resultou no predomínio de Roma sobre Alba Longa.

[12] Indicação do período monárquico: o rapto das Sabinas ocorreu no reinado de Rômulo, e o suicídio de Lucrécia (“Inferno”, IV, 127-129) determinou a expulsão do último rei, Tarquínio, o Soberbo.

[13] Justiniano começa a falar do período republicano, antes das guerras púnicas.

“Breno e Pirro […] e de outros reis coligações malignas”: indicação das diversas guerras republicanas, como aquela contra os gauleses (liderados por Breno) e aquela contra os tarentinos, ajudados por Pirro, rei do Epiro.

[14] São nomeados heróis republicanos.

Décios: pai, filho e neto com o mesmo nome, Públio Décio Mus, mortos todos em batalhas. O primeiro contra os latinos, o segundo contra os samnitas e o terceiro contra Pirro.

Fábios: os trezentos componentes da família Fábia, mortos na guerra contra Veios. Pode aludir também a outros personagens importantes com esse nome, como Quinto Fábio Máximo.

Torquato: Tito Mânlio Torquato, vencedor dos latinos e dos gauleses.

Quíncio Cincinato: Tito Quíncio Cincinato, eleito ditador durante a guerra contra os équos, deixou a ditadura após a vitória, voltando a viver no campo.

15 Segunda guerra púnica, quando a águia venceu a soberba de Cartago. A guerra é indicada pela passagem do exército de Cartago, liderado por Aníbal, pelos Alpes, de onde desce o Pó.

16 Cipião: Públio Cornélio Cipião Africano, triunfou sobre Aníbal quando era jovem.

Pompeu: Cneu Pompeu Magno, ainda jovem venceu os piratas e dominou a Espanha.

“Tuas pátrias serranias”: Fiésole, monte que domina Florença. Alusão à lenda segundo a qual os romanos teriam destruído Fiésole, por ter acolhido Catilina.

17 Começa a ficar mais claro o valor providencial do Império: com ele, reinou sobre o mundo aquela paz que a Providência quis como condição para o nascimento do cristianismo. Perto do tempo que o céu havia estabelecido para a paz, César, segundo a vontade do povo romano, tomou a águia imperial. Para Dante, César foi o instaurador do Império. E, segundo narra a *Farsália* (livro V), foi o povo romano que deu a César o nome de imperador.

18 Alusão às empresas de César na Gália.

“Do Var ao Rin profundo”: indicação da Gália, segundo os rios que marcam os seus confins: o Var a leste e o Reno a norte.

Isara, Era, Sena, vale do Ródano (“Rhone”): os outros rios da Gália.

Era: segundo alguns, o rio Líger (em francês, Loire); segundo outros, o Saône, chamado Arar pelos latinos.

Vale do Ródano: os afluentes do Ródano.

19 Alusão à passagem do Rubicão, que deu origem à guerra civil. Sobre o evento se fala em “Inferno”, XXVIII, 91-102. Embora o feito de César tenha dado origem a uma discórdia interna, ele foi necessário para o posterior estabelecimento do Império.

Rubicão: pequeno rio que marcava o confim entre a Itália e a Gália Cisalpina, cuja passagem era proibida aos chefes militares com seus exércitos (sob pena de serem considerados inimigos da pátria).

[20] Feitos de César na guerra civil.

Espanha: contra os aliados de Pompeu, que lá se encontravam.

Durazzo: Durres, onde César desembarcou para alcançar Pompeu.

Farsália: em Farsalo ocorreu a vitória decisiva de César sobre Pompeu, o qual se refugiou no Egito ("o ardente Nilo"), sendo assassinado na corte de Ptolomeu, que o havia acolhido.

[21] Com César durante a perseguição a Pompeu, a águia reviu lugares da Trôade, de onde ela tinha saído ("seu berço"). Isso é narrado por Lucano no livro IX da *Farsália* (950).

Simoente: rio que atravessa a planície de Troia.

Antandro: porto da Frígia, de onde partiram Eneias e seus companheiros.

Ptolomeu: César tomou o reinado de Ptolomeu e o deu a Cleópatra, irmã de Ptolomeu.

[22] Do Egito, a águia, acompanhando César, alcança Juba, rei da Mauritânia, aliado de Pompeu que foi deposto por César.

"Terras do Ocidente": a Espanha, onde seguidores de Pompeu ainda resistiam, sendo vencidos definitivamente na batalha de Munda.

[23] Outro: Otávio Augusto, sucessor de César. Venceu Bruto e Cássio, os assassinos de César, em Filipos. Recorde-se que Bruto e Cássio são punidos como traidores nas próprias bocas de Lúcifer ("Inferno", XXXIV, 61-67).

Perúgia: saqueada pelas tropas de Otávio.

Módena: onde Otávio venceu Marco Antônio.

[24] Com a morte de Marco Antônio e a derrota em Áccio, Cleópatra fugiu para o Egito, onde se matou, deixando-se picar por uma serpente.

[25] "Roxo mar": Mar Vermelho, assim chamado provavelmente por questões métricas. Após a morte de Cleópatra, Otávio dominou o Egito.

"De Jano as portas": as portas do templo de Jano permaneciam abertas em tempos de guerra e fechadas em tempos de paz. Finalmente chegou o momento

da paz, estabelecida pela Providência divina.

[26] Com o espírito puro e pronto para receber as verdades da fé. O motivo dessa afirmação será apresentado a seguir.

[27] A justiça divina (“viva justiça”) deu à águia, nas mãos do imperador Tibério, a glória de aplacar a sua ira contra a humanidade pecadora. Os versos aludem à morte de Jesus, que redimiu a humanidade. Trata-se do evento central da história da humanidade, ocorrido sob o Império, que foi, portanto, instrumento da justiça divina, condenando Cristo à morte. Por isso, Justiniano disse “quando a contemplamos com puro afeto e claro entendimento”: quem vê os fatos históricos com a mente pura e livre percebe que a autoridade imperial, legitimando a condenação de Cristo, foi o instrumento para a punição do homem e, portanto, para a redenção da humanidade.

[28] Tito, filho do imperador Vespasiano, destruiu Jerusalém em 70 d.C., o que resultou na diáspora dos hebreus. Esse fato era visto como uma punição contra os hebreus pela morte de Jesus. Mas os versos anteriores disseram que a morte de Jesus foi a punição pelo pecado de Adão, enquanto Jesus foi aquele que tomou sobre si os pecados da humanidade. Por isso, Justiniano diz que Dante, ouvindo essas palavras, ficará espantado: de fato, no próximo canto será dada uma resposta à pergunta de Dante aqui implícita: “como se pode punir justamente uma punição que foi justa?”

“Águia”: é possível que Dante acreditasse que Tito fosse já imperador quando destruiu Jerusalém, mas ele fez isso no governo de seu pai, Vespasiano.

[29] Quando os longobardos (“lombardos”) perseguiram a Igreja, ela foi socorrida por Carlos Magno. Na verdade, isso ocorreu em 774, mas Carlos Magno foi coroado imperador só em 800. De qualquer modo, Dante vê na sua ação já uma predestinação ao Império. O salto cronológico sublinha a continuidade que Dante via entre o antigo Império Romano e o Sacro Império Romano.

[30] Alusão às palavras de Justiniano nos versos 31-33, contra aqueles que tentam usurpar ou destruir a insígnia imperial.

[31] Os guelfos opõem à insígnia imperial o emblema da casa francesa (“áureo lírio”): a corte de Anjou em Nápoles era o centro das forças guelfas na Itália. Já os gibelinos querem se apropriar da insígnia imperial, atribuindo-a ao seu partido.

[32] Carlos novo: Carlos II d’Anjou, rei de Nápoles de 1285 a 1309.

“Arrancaram / A mais forte leão juba inteiriça”: já dominaram senhores mais potentes do que ele.

[33] “Mais de uma vez os filhos choraram / Pelas culpas do pai”: sentença bíblica (Êxodo, 20, 5; Lamentações, 5, 7). Sua colocação no discurso é obscura, como normalmente ocorre nos momentos admonitórios e proféticos do poema. Segundo alguns, refere-se aos infortúnios de Felipe de Tarento ou Carlos Martel, filhos de Carlos II. Segundo outros, refere-se a infortúnios do próprio Carlos II, que pagará o fato de seu pai ter tomado o reino de Nápoles a Manfredi. De qualquer modo, o texto é deliberadamente velado.

“É louca a esp’rança…”: é loucura pensar que Deus favorecerá a casa francesa.

[34] Faz parte da beatitude das almas ver que o prêmio que receberam corresponde perfeitamente ao seu mérito: veem a perfeita justiça divina e gozam dela.

[35] Romeu: Romeo di Villanova (1170-1250), primeiro ministro de Raimondo Beringhieri IV, conde de Provença. Sobre ele, existia uma lenda, reportada por diversos autores da época: sendo um peregrino, Romeo teria chegado à corte e lá teria se tornado ministro. Serviu fielmente ao seu senhor e tornou rainhas suas quatro filhas (de fato, todas se casaram com reis), mas foi expulso da corte por inveja dos cortesãos, indo embora como um pobre peregrino, do mesmo modo como havia chegado. Sua história é, portanto, muito semelhante à de Pier delle Vigne (“Inferno”, XIII) e à de Pier de la Broccia (“Purgatório”, VI). São como três versões de uma mesma situação.

[36] “Não se riram”: provável alusão ao fato de que, depois, o condado de Provença se encontrou em condições muito piores, ficando sob o poder de Carlos I d’Anjou. De fato, após a morte de Raimondo, sua filha Beatriz se casou com Carlos I d’Anjou, dando em dote o condado de Provença.

[37] As filhas de Raimondo Beringhieri foram: Margarida, casada com Luís IX da França; Leonor, casada com Henrique III da Inglaterra; Sancha, casada com Ricardo da Cornualha; e Beatriz, casada com Carlos I d’Anjou.

[38] Levado pelas palavras caluniosas dos cortesãos, Raimondo pediu a Romeo a conta dos rendimentos, que Romeo havia administrado muito bem, tendo feito aumentar o patrimônio.

CANTO VII

Dúvida de Dante acerca do mistério da Redenção. Resolve-a Beatriz, e ao mesmo tempo explica a imortalidade da alma e a ressurreição da carne.

Justiniano canta e desaparece com as outras almas. Beatriz, adivinhando as dúvidas de Dante, faz um longo discurso sobre a Encarnação, sobre a Redenção e sobre a imortalidade da alma.

1 *“Hosannah Sanctus Deus Sabaoth,*
Superillustrans claritate tua
Felices ignes horum malacoth!”.[1]
2 Assim, voltando à melodia sua,
Cantar ouvi essa alma venturosa
Em quem dúplice lume se acentua.[2]
3 Tornam todas à dança jubilosa,
E súbito da vista se apartaram
Velozes, como flama fulgurosa.
4 Disse entre mim, pois dúvidas me entraram:
“Fala à senhora tua, fala; à sede
Rocio as palavras suas te deparam.”
5 Torvação me assenhora e a voz me impede,
Que apenas Be com ice conjugava.
Acurvei, como quem ao sono cede.[3]
6 Mas Beatriz do enleio me tirava,
Com sorriso, que a mente me ilumina
E aditara entre as chamas, começava:[4]
7 — “Como bem vejo, dúvida domina
A tua alma: — a vingança, que foi justa,
Punição teve, da justiça di’na?[5]
8 “Esclarecer-te o espírito não custa.
Atende bem: verdade preeminente
Das vozes minhas co’ a expressão se ajusta.
9 “Aceitar não querendo, obediente,
Saudável freio, o homem, sem mãe nado,
Perdeu-se a si, perdeu a humana gente.[6]
10 “Muitos séc’los, enferma do pecado,
Jazeu ela no erro engrandecido
Té que o Verbo de Deus fosse encarnado.
11 “Por ato só do Eterno Amor, unido
À natureza se há, que ao mal se dera,
Depois de esquiva ao Criador ter sido.[7]

12 “No que vou te dizer bem considera.
A natureza, a que se uniu benigno
Em pessoa, nasceu boa e sincera.
13 “Por si mesma, fugindo em desatino
Das veredas da vida e da verdade,
Do Paraíso se exilou divino.[8]
14 “Da Cruz a pena, em face da maldade
Da natureza a que Jesus baixara,
Foi a mais justa em sua gravidade.
15 “Nunca injustiça igual se praticara,
Atenta essa Pessoa, que há sofrido,
Que à natureza humana se ajuntara.[9]
16 “Contrastes, pois, de um ato hão procedido:
Folgam judeus da morte a Deus jucunda,
Foi ledo o céu e o mundo espavorido.[10]
17 “E não te mova sensação profunda[11]
Ouvir que uma vingança, que foi justa,
Vingada ser devia por segunda.
18 “Vejo-te a mente por vereda angusta
Levada a estreito nó de dubiedade,
Que solver mor esforço ora te custa.
19 “Dirás: ‘discerno o que ouço, na verdade;
Mas por que Deus nos desse, está-me oculto,
Remindo-nos tal prova de bondade’.[12]
20 “Este decreto, irmão, está sepulto
Aos olhos do que ainda o entendimento
Não tem de Amor na flama ainda adulto.[13]
21 “É mistério em que luta o pensamento
Sem fruto conseguir de tal porfia,
Mas foi o melhor modo.[14] Ouve-me atento!
22 “A Divina Bondade que desvia
De si o desamor, arde e flameja,
Por eternais primores se anuncia.[15]

23 “Diretamente o que emanado seja
Dela é sem fim; eterna impressão fica
Do que no seu querer supremo esteja.[16]
24 “O que assim nasce, não sujeito fica
Das causas secundárias à influência
E liberdade plena significa.[17]
25 “Mais lhe apraz, se é conforme à sua essência:
Que o santo Amor que em toda a coisa brilha,
Mais vivo é no que encerra esta excelência.[18]
26 “Aos homens de tais bens[19] cabe a partilha:
De tais predicamentos se um falece,
Sua nobreza já decai, se humilha.
27 “Só por pecado dessa altura desce;
Do Sumo Bem não mais reflete o lume,
Semelhança não mais dele oferece.[20]
28 “E o grau sublime seu não mais assume,
Se não contrapuser ao do pecado
Deleite mau das penas o azedume.
29 “Quando o gênero humano, infeccionado
Todo no germe seu, foi dessa alteza
E do seu Paraíso deserdado,
30 “Reaver só pudera (com certeza
Verás, se bem cogitas), intervindo
Um dos meios, que aponto por clareza:
31 “Ou Deus, por graça infinda, remitindo;
Ou — porque de si mesmo, se convença —
Das culpas suas o homem se remindo.[21]
32 “Para sondar a profundeza imensa
Dos eternos conselhos, prende à mente
As razões que o discurso meu dispensa.
33 “O homem não podia, de indigente,
As dívidas solver: nunca pudera
Curvar-se tanto, humilde e reverente,

34 “Quanto rebelde, se elevar quisera.[22]
Eis porque redimir-se do pecado
Só por si mesmo ao homem não coubera.
35 “E, pois, há sido do divino agrado,
Por clemência ou justiça e ambas juntando,
Ser ele à vida eterna aparelhado.
36 “A feitura do autor ao gosto estando
Inda mais, quando a imagem nos of ’rece
Do peito, de que vem piedoso e brando,
37 “A Bondade que em tudo transparece,
Em prol vosso os dois modos reunia:
Um somente bastar-lhe não parece.[23]
38 “Entre a noite final e o primo dia
Ato igual não se fez alto e formoso
Desse modo por um, nem se faria.[24]
39 “Dando-se, há sido Deus mais generoso,
Por que o homem a se erguer habilitasse,
Do que só perdoando carinhoso.[25]
40 “Outro meio qualquer que se empregasse
Não bastara à justiça, se humilhado,
De Deus o Filho à carne não baixasse.[26]
41 “Para de todo seres doutrinado,
torno a um ponto, por que vejas claro,
Como eu, o que zelosa hei-te explicado.
42 “Dizes: ‘no fogo e no ar, se bem reparo,
Na terra e n’água vejo e em seus compostos
Corrupção que destrói sem anteparo.
43 “Na criação por Deus foram dispostos:
De corrupção isentos ser deveram,
Certos sendo os princípios por ti postos.’[27]
44 “Criados, meu irmão, se consideram
Os anjos e dos céus o que há no espaço,
Inteiros, puros sempre quais nasceram.[28]

45 “Elementos e quanto no regaço
Da natura por eles se combina
De virtude criada of ’recem traço.[29]
46 “Criou-lhes a matéria a lei divina,
Criando logo a força informativa,
Que nos astros, que os cercam, predomina.[30]
47 “Dos lumes santos moto e luz deriva
Dos brutos alma, e plantas igualmente,
Por compleição potencial passiva.[31]
48 “A vida nossa vem diretamente
De Deus, Supremo Bem, que em nós acende
Amor tal, que o deseja eternamente:[32]
49 “Daí, por dedução, também descende
Vossa ressurreição, se ao ser e à essência
Da humana carne o teu esp’rito atende,
Quando o primeiro par teve existência.”[33]

---

[1] “Hosana, santo Deus dos exércitos (*Sabaoth*), que iluminas abundantemente com a tua luz os felizes fogos destes reinos (*malacoth*)!”

O canto de Justiniano não é um hino oficial da Igreja, mas sim uma invenção de Dante, baseada no Sanctus, ecoado pelo primeiro verso, e na linguagem litúrgica. O emprego de termos hebraicos (*Hosannah*, *Sabaoth* e *malacoth*) e do latim cria uma atmosfera de solenidade logo na abertura do canto.

Malacoth: sua forma correta é *malmacoth*. Dante provavelmente encontrou o termo, em sua forma errônea, no “Prólogo” de São Jerônimo à Vulgata, que apresenta também o sentido do termo (“dos reinos”).

[2] “Dúplice lume”: diversas interpretações: a luz de Deus e a luz própria da alma; a luz de guerreiro e de legislador; a luz de imperador e de beato etc.

[3] No original, Dante diz que aquela torvação que toma conta dele quando ele ouve apenas o início (“Be”) ou o final (“ice”) do nome de Beatriz se apossa dele nesse momento, fazendo com que incline a cabeça sem poder falar.

“Be” e “ice”: referidos ao nome de Beatriz em italiano, Beatrice.

[4] “Aditar”: tornar feliz.

O verso pode ser entendido de dois modos, na tradução. Se “aditara” for tomado como um efetivo mais-que-perfeito, o verso alude provavelmente a “Purgatório”, XXVII, 34-36, quando Dante atravessou a barreira de fogo, último obstáculo entre ele e Beatriz. Entretanto, se “aditara” for tomado como futuro do pretérito, o que é muito comum na tradução de Xavier Pinheiro, a frase significa “com sorriso que tornaria feliz um homem nas chamas”. Esse segundo modo de entender convém melhor ao texto original.

[5] A dúvida de Dante nasce das afirmações de Justiniano no canto anterior: ele afirmou que, com a morte de Jesus, Deus puniu justamente a natureza humana pelo pecado de Adão; em seguida, ele afirmou que a destruição de Jerusalém por obra de Tito foi a justa punição pela morte de Jesus. Dante então se pergunta como é possível que uma justa punição (“vingança”) seja, por sua vez, justamente punida.

[6] Adão, não querendo aceitar freio à sua vontade — freio que era bom para ele —, danou a si e, consequentemente, a toda a humanidade. Trata-se da doutrina do pecado original, segundo a qual a culpa de Adão e suas consequências se transmitiram a toda a humanidade.

“O homem, sem mãe nado”: Adão, criado diretamente por Deus.

[7] “A natureza que ao mal se dera, / Depois de esquiva ao Criador ter sido”: a natureza humana.

[8] Em Jesus, a natureza humana, unida ao seu criador, era pura e sem pecado, tendo a perfeição que Deus havia concedido a Adão no momento da criação. Entretanto, enquanto natureza humana, ela já estava exilada do Paraíso, por ter se distanciado deliberadamente do caminho da verdade e da vida (Deus), na pessoa de Adão. Jesus, como pessoa (na qual a natureza humana se uniu a Deus), era inocente e isento do pecado original; entretanto, a natureza humana, considerada por si mesma, ainda carregava aquela condição de exílio, originada pela culpa de Adão.

[9] Beatriz conclui o raciocínio, expondo o duplo aspecto da crucificação de Jesus. Se a crucificação é considerada em relação à natureza humana que Jesus assumiu, não houve pena mais justa do que essa. Do mesmo modo, nenhuma pena foi tão injusta, se considerada em relação à pessoa divina que a sofreu, a

qual havia assumido em si a pessoa humana.

[10] “Folgam judeus da morte”: a crucificação de Jesus foi do agrado dos judeus, pois aplacou a sua ira contra aquele se declarava filho de Deus e perturbava as suas tradições religiosas.

“Morte a Deus jucunda”: a crucificação de Jesus foi do agrado de Deus, porque satisfez a sua justiça, redimindo a humanidade.

“Foi ledo o céu”: porque o homem se tornou digno do Paraíso.

“O mundo espavorido”: alusão ao terremoto ocorrido quando Jesus morreu, em sinal do horror da terra pelo ato cometido contra o filho de Deus (Mateus, 27, 51-54).

[11] Perplexidade.

[12] Beatriz entende os pensamentos de Dante: embora compreenda aquilo que ela acabou de explicar (“discerno”), ele não entende por que Deus escolheu justamente esse modo para redimir o homem. Isso é o que se diz no texto original; na tradução, a formulação da dúvida de Dante pode ser entendida do seguinte modo: por que Deus quis esse modo de provar a sua bondade em querer nos redimir (“tal prova”) e não outro?

[13] A decisão divina só pode ser realmente compreendida como um ato de infinito amor pelo homem. Por isso, ela só pode ser compreendida por aqueles que maturaram o entendimento do amor.

[14] Foi o modo mais digno de Deus.

[15] A bondade divina é amor e arde com tal intensidade que difunde as suas belezas eternas, mediante a criação. A criação é, portanto, um ato de amor.

[16] Existem dois tipos de criaturas: aquelas criadas diretamente por Deus e aquelas criadas por intermediários. Aquilo que é criado diretamente por Deus (os anjos, os céus, a matéria-prima e a alma humana) é imortal: nessas criaturas, fica eternamente a marca da vontade divina.

[17] Aquilo que é criado diretamente por Deus é, portanto, imortal e livre, não sendo condicionado pelas causas segundas, como as influências celestes.

[18] À bondade divina mais agrada aquilo que, tendo sido criado imediatamente, mais se conforma a ela, pois o seu amor, que irradia de si todas as coisas, é mais vivo naquilo que mais se assemelha à bondade divina.

“Esta excelência”: de ser mais semelhante à bondade divina.

[19] A imortalidade, a liberdade, que tornam o homem semelhante a Deus (e essa semelhança agrada a Deus).

[20] “Só por pecado dessa altura desce”: o original diz que só o pecado tira a sua liberdade, que é um dos seus dotes. E, sem a liberdade, ela perde a sua semelhança com Deus.

[21] Quando a natureza humana pecou em Adão, ela perdeu o Paraíso e aqueles bens que a tornavam semelhante a Deus, os quais ela só poderia recuperar de um dos seguintes modos: ou Deus, em sua generosidade, perdoaria o homem; ou o homem, com suas próprias forças, redimiria o seu próprio pecado.

[22] Das duas possibilidades apresentadas anteriormente por Beatriz, ela exclui a segunda: o homem jamais poderia reparar, sozinho, a sua própria culpa. De fato, o pecado de soberba do homem, voltando-se contra Deus, foi tão grave que nenhuma humilhação teria sido capaz de redimi-lo: o homem nunca conseguiria se humilhar tanto, pela obediência, quanto ele quisera se elevar na sua rebeldia, tendo sido soberbo contra o seu criador. A soberba do homem ofendeu a Deus, que é infinito; mas o homem, em suas limitações, nunca teria conseguido se humilhar infinitamente.

[23] Uma vez que a obra agrada tanto mais ao seu autor quanto mais manifesta a bondade do peito do qual saiu, à bondade divina (presente em todo o mundo) mais agradou agir, em prol dos homens, com os seus dois modos, isto é, a justiça e a misericórdia (“clemência”, v. 104). Foi do agrado de Deus proceder segundo a sua justiça e a sua misericórdia, do modo mais conforme à sua bondade.

[24] “Por um”: por um dos modos próprios de Deus, a justiça ou a misericórdia.

[25] Beatriz afirmou que Deus escolheu o modo de redimir a culpa humana mais conforme à sua justiça e misericórdia. Agora ela explica como essa escolha foi mais conforme à misericórdia, pois, de fato, Deus, em sua misericórdia, poderia ter simplesmente perdoado o homem. Entretanto, Deus foi muito mais misericordioso ao entregar a si mesmo (na pessoa do Filho) para tornar o homem capaz de redimir o seu próprio pecado. Por isso, esse modo é a máxima expressão da misericórdia divina, revelando-a muito mais do que se Deus tivesse simplesmente perdoado a falta humana.

[26] O meio escolhido por Deus foi o mais conforme à sua misericórdia, mas

também à sua justiça: todos os outros modos de redimir a falta humana teriam sido insuficientes para a justiça, se o próprio Deus, na pessoa do Filho, não tivesse se humilhado, assumindo em si a natureza humana.

[27] Terminada a explicação a respeito da redenção, Beatriz prevê outra objeção de Dante, a respeito de uma afirmação que ela realizara anteriormente. Nos vv. 67-69, Beatriz afirmou que aquilo que é criado diretamente por Deus é imortal. Dante, porém, observa que os quatro elementos e seus compostos, embora também sejam criados por Deus, são corruptíveis. Isso parece estar em contradição com aquilo que Beatriz afirmara anteriormente.

Fogo, ar, terra e água: são os quatro elementos de Empédocles, a base da física medieval.

[28] Somente os anjos e os céus podem ser considerados criados na inteireza do seu ser.

[29] Já os elementos e os seus compostos não são criados diretamente por Deus na inteireza de seu ser, mas recebem a sua forma de uma “virtude criada”, que é uma intermediária entre eles e Deus.

[30] Deus criou a matéria-prima desses elementos e a força informativa que se imprime sobre a matéria-prima. Essa força informativa é uma virtude que se encontra nos astros, isto é, a influência celeste.

[31] A influência celeste (“moto e luz”) tira da matéria a alma dos brutos e das plantas. Logo, a alma dos brutos e das plantas não é criada diretamente por Deus, mas está em potência na matéria composta e recebe o seu ser (isto é, é levada a ato) pelo influxo celeste, que é uma causa secundária. Por isso, essas almas não são incorruptíveis.

[32] Já a alma humana é imortal: diferentemente daquela dos brutos e das plantas, ela é infundida diretamente por Deus, que acende nela um amor que faz com que o deseje sempre.

[33] “Primeiro par”: Adão e Eva, cujos corpos foram criados diretamente por Deus. Os seus corpos eram incorruptíveis, mas esse privilégio foi perdido por causa do pecado. Com a redenção realizada por Jesus, o homem reconquistou esse privilégio: embora o seu corpo ainda seja sujeito à morte, ele ressuscitará incorruptível no fim dos tempos. Esse argumento, não seguido no dogma tradicional da ressurreição dos corpos, pareceu a muitos incoerente. De qualquer modo, não é esse o lugar do poema dedicado a esse assunto, que será

desenvolvido no canto XIV do “Paraíso”.

CANTO VIII

Avista-se Dante com Carlos Martel no céu de Vênus. Das palavras dessa alma bem-aventurada resulta uma dúvida de que o Poeta obtém solução.

Dante e Beatriz sobem ao terceiro céu. Terceiro céu: Vênus. As almas do céu vão ao encontro de Dante e Carlos Martel fala com ele, recordando a antiga amizade entre ambos e, em seguida, lamentando o mau governo da casa de Anjou. Dante fica com uma dúvida, à qual Carlos responde com um discurso sobre a diversidade das índoles humanas.

1 O mundo com perigo verdadeiro
Creu que Ciprina bela dardejava
Louco amor do epiciclo que é terceiro.[1]
2 Sacrifícios não só lhe consagrava,
Preces e votos essa antiga gente
No erro antigo fatal, que a transviava,
3 Mãe e filho adoravam juntamente,
Dione e o seu Cupido, que fingiram
De Dido reclinado[2] ao seio ardente,
4 Dessa falsa deidade o nome uniram
Ao planeta, que o Sol sempre namora,
Quando raiam seus lumes,[3] quando expiram.
5 Como ao astro eu me alcei a mente ignora,
Mas certo fui de haver lá penetrado,
Mais formosa por ver minha senhora.
6 Como se vê fagulha em fogo ateado,
Como uma voz é de outra discernida,
Firme o som de uma, o de outra variado,[4]
7 Outros clarões notei na luz subida,
Mais ou menos velozes se volvendo.
Lá da eterna visão, creio, é medida.[5]
8 Ou visíveis ou não, ventos rompendo,
Em rápida invasão de nuvem ’scura,
Demorados estariam parecendo,
9 A quem pudesse ver cada luz pura,
Que ao nosso encontro vem deixando a dança
Que marcam Serafins dos céus na altura.[6]
10 Trás[7] a grei, que primeiro nos alcança,
Tão doce *Hosana* soa, que, incessante,
De ainda ouvi-lo o desejo jamais cansa.
11 Dos espíritos um, que vem diante,
Só principia: — “Todos nós queremos
Quanto para aprazer-te for prestante.

12 “Num só ardor e giro nos movemos
C’os Príncipes,[8] celestes esplendores
De quem no mundo hás dito (bem sabemos):
13 “‘Vós, do terceiro céu sábios motores!’[9]
Por te agradar nos é doce o repouso,
Tão vivos são do nosso amor fervores!”
14 De Beatriz ao gesto luminoso
Depois que alcei os olhos reverente
E certo fui do seu querer donoso,
15 À luz, que se mostrou condescendente
Em tanto grau[10] — “Quem és?” — falei, de afeito
Estremecido possuída a mente.
16 Ó das palavras minhas raro efeito!
Maior a vi brilhar; nova ledice[11]
A alegria aumentou do claro aspeito.
17 — “Bem pouco o mundo” — a refulgir-me, disse —
“Me teve; se algum tempo mais vivesse,
Mal, que há de vir, por certo ninguém visse.[12]
18 “O júbilo que em torno me esclarece,
Aos teus olhos me encobre, como inseto,
Que dos seus véus de seda se guarnece.[13]
19 “Com razão me votaste o extremo afeto;
Pois, em mais longa vida, eu te mostrava
Por ações quanto me eras tu dileto.[14]
20 “Aquela região, que o Rhone lava
À sestra, quando ao Sorga corre unido,
Por senhor seu um dia me esperava,[15]
21 “Como da Ausônia o litoral partido
Por Bari, por Gaeta e por Catona,
Onde é do Tronto e Verde o mar nutrido.[16]
22 “Da c’roa a fronte minha já se entona
Do vasto reino, que o Danúbio rega,

Quando as plagas tudescas abandona.[17]

23 “Trinácria, a cujos céus névoa carrega
Sobre o golfo, em que mais Euro embravece,
De Pachino a Peloro, em mor refega,

24 “Que não Tifeu, mas súlfur escurece,[18]
O trono guardaria à prole minha,
Que de Carlo e Rodolfo antigos desce,[19]

25 “Se o mau jugo, que os povos amesquinha,
A gritar — morra! morra! — não movesse
Palermo,[20] a quem temor não mais continha.

26 “Se mais prudência meu irmão tivesse,
Dos catalanos a indigência avara
Fugira, por que o mal seu não crescesse.[21]

27 “Urgente, na verdade, se tornara
Que, por si ou por outrem, não deixasse
Mais onerar a barca, que adernara.[22]

28 “Quando a índole nobre transtornasse
Avareza, milícia ter devia,
Que só de encher seus cofres não curasse.”[23]

29 — “Como creio,” — tornei-lhe — “essa alegria,
Que me infundes, senhor, a origem tira
De Deus que todo o bem finda e inicia.

30 “Comigo a sentes: mor prazer me inspira.
Quanto me hás dito me é no extremo caro,
Pois vês, de Deus no espelho tendo a mira.[24]

31 “Ledo me hás feito; assim torna-me claro
O que, por teu dizer ’stá duvidoso:
Semente doce brota fruto amaro?”[25]

32 — “Vendo a verdade”, — disse — “pressuroso
Darás o dorso ao que ora dás o rosto,[26]
Verás claro o que julgas tenebroso.

33 “O Bem, que os céus, que sobes, há disposto,

Os move e alegra, tem por providência
Nestes corpos que vês virtude posto.[27]
34 “E não só com perfeita previdência
Coisas terrestres acham-se ordenadas,
Mas as preserva a sua onipotência;[28]
35 “Porque as setas, deste arco arremessadas,
Predestinadas são a um ponto certo,
Infalíveis ao alvo endereçadas.[29]
36 “O céu aliás, aos olhos teus aberto,
Só feituras sem arte produzidas
Abrangera e ruínas no deserto.[30]
37 “Foram então de perfeição despidas
As Substâncias, que regem as estrelas,
E a mão, que as fez assim destituídas.[31]
38 “Verdades são: mais claras queres vê-las?”
— “Não” — repliquei. — “Supor não poderia
Natura escassa em suas obras belas.”
39 — “Um mal, dize-me, fora” — prosseguia
“Não ser o homem cidadão na terra?”[32]
— “Por certo; e a razão sei” — lhe respondia.
40 — “Sociedade haverá, se não encerra
Misteres vários, que cada um pratica ?
Não: se o teu Mestre em seu pensar não erra.”[33]
41 Deduzindo, a evidência significa,
E logo concluiu: — “Causa dif’rente
Efeito diferente sempre indica.[34]
42 “Nasce um Sólon, e Xerxe outro furente,
Melquisedeque ou Dédalo perito,
Que no ar perdeu o filho seu demente.[35]
43 “Perfeito é o giro pelos céus descrito,
Na cera humana o seu sinal fazendo,
Mas solar não distingue, nem distrito.[36]

44 “Daí vem que Esaú, logo em nascendo
Difere de Jacó; toma Quirino
Marte por genitor, seu pai vil sendo.[37]
45 “Natureza gerada, em seu destino
Seria sempre igual à que fizera,
Se não vencesse o decretar divino.[38]
46 “O rosto ora diriges à luz vera;
Mas ainda um corolário te ofereço,
Pois de agradar-te em mim desejo impera.
47 “Sempre natura, se da sorte excesso
A contraste, produz fruto danado,
Como semente posta em solo avesso.[39]
48 “Se meditasse o mundo desvelado
Nos fundamentos que natura lança,
De melhor gente fora povoado.
49 “Mas quem próprio seria à militança,
Na soledade monacal definha,
Bem pregara quem, rei, em vão se cansa.[40]
E fora assim da estrada se caminha.”

---

[1] Os antigos, correndo perigo de danação, acreditavam que Vênus, girando no epiciclo do terceiro céu, infundisse o amor sensual no coração dos homens.

Ciprina: a deusa Vênus, nascida em Chipre, um dos lugares onde era adorada com mais fervor.

“Louco amor”: o amor sensual.

“Epiciclo”: o movimento diurno de oriente a ocidente não explicava os diferentes pontos nos quais os planetas apareciam. Por isso, Ptolomeu atribuiu um segundo movimento aos planetas. Ele imaginou que, nos diferentes céus dos planetas, existisse uma esfera menor, que girava em torno do seu centro, com movimento próprio. O centro dessa esfera seria o equador do céu e o planeta giraria no equador dessa esfera. A essas esferas menores deu-se o nome de

epiciclo. Desse modo os planetas realizavam dois movimentos: o do epiciclo (esfera menor) e o movimento diurno do céu (esfera maior). Logo, “epiciclo que é terceiro” significa “o epiciclo do terceiro céu”.

[2] “Sacrifícios não só lhe consagrava […] Mãe e filho adoravam juntamente”: não apenas faziam sacrifícios a Vênus, mas também adoravam sua mãe e seu filho.

Dione: filha do Oceano e de Tétis, mãe de Vênus.

Cupido: filho de Vênus, representado como menino com asas, armado com arco e flechas. No livro I da *Eneida* (657), narra-se que Cupido, assumindo o aspecto de Ascânio, filho de Eneias, sentou-se no colo de Dido e a feriu, fazendo-a se apaixonar por Eneias.

[3] “O planeta”: Vênus, que o Sol contempla amorosamente ora quando nasce ora quando se põe. Vênus às vezes precede o Sol na aurora e às vezes o segue quando ele se põe.

[4] “Como uma voz é de outra discernida / Firme o som de uma, o de outra variado”: como se distinguem no canto as vozes, quando uma permanece em uma nota e a outra realiza a melodia.

[5] Dante distingue, na luz da estrela, outros clarões, que são as almas.

As diferentes velocidades com as quais as almas se movem correspondem às diferentes intensidades com as quais elas veem Deus, sendo uma manifestação externa de sua beatitude. Logo, cada alma tem um grau individual de beatitude, mesmo dentro das diversas ordens nas quais são agrupadas.

[6] Os ventos visíveis são provavelmente os relâmpagos; os invisíveis são provavelmente os tornados, cuja velocidade não é visível, mas perceptível pelos seus efeitos. Segundo a física aristotélica, ambos os fenômenos ocorrem quando os vapores quentes e secos sobem para a margem extrema da região do ar, permanecem encerrados na nuvens e depois são violentamente expulsos.

“Deixando a dança que marcam Serafins dos céus na altura”: a interpretação mais comum é: deixando o Empíreo, que é a verdadeira sede das almas. O Empíreo é designado pelos Serafins, que, sendo a ordem angélica mais alta, estão mais próximos de Deus. Entretanto, alguns observam que Dante, ao descrever o Empíreo nos últimos cantos do poema, não falará de dança. Por isso, esses críticos entendem os versos do seguinte modo: as almas deixam o seu lugar no Empíreo, para encontrar Dante; para fazer isso, eles passam pelo Primeiro

Móbile, que é o céu movido pelos Serafins (a mais alta hierarquia angélica) e que dá origem ao movimento dos céus seguintes; ao passar pelo Primeiro Móbile, eles começam a fazer um movimento circular, até chegar ao encontro de Dante.

[7] Em edições mais recentes do original italiano, diz-se não “trás”, mas “dentro”.

[8] Essas almas se movem junto com o coro angélico dos Principados, a inteligência que move o terceiro céu.

“Num só ardor e giro”: com o mesmo movimento circular (e também o mesmo ritmo) e com o mesmo desejo de Deus.

[9] “Vós, do terceiro céu sábios motores”: “*Voi che ’ntendendo il terzo ciel movete*” (*Rimas*, LXXIX, 1: “Vós que, com o intelecto, moveis o terceiro céu”). Trata-se do primeiro verso da canção que abre o livro II do *Convívio*, na qual Dante se dirige às inteligências que movem o terceiro céu.

[10] “À luz, que se mostrou condescendente / Em tanto grau”: àquela alma havia se apresentado com tanta cortesia.

[11] A pergunta de Dante foi para a alma motivo de nova alegria, que se acrescentou àquela que a alma já possuía.

[12] A alma que fala é Carlos Martel d’Anjou, filho primogênito de Carlos II d’Anjou e de Maria de Hungria. Nasceu em 1271 e morreu muito jovem, em 1295. Casou-se com Clemência de Habsburgo, com quem teve dois filhos.

[13] A própria luz da beatitude de Carlos, que irradia em torno dele, oculta o seu rosto, não permitindo que Dante o reconheça.

Só as almas que se encontram nos três primeiros céus do Paraíso fazem referência ao seu aspecto humano, ainda que eventualmente velado pela luz da beatitude. Isso levou muitos a defender que só esses três primeiros grupos de almas conservam o aspecto humano.

[14] Essa é a única prova de uma relação de amizade entre Carlos e Dante. Eles se conheceram provavelmente em 1294, quando Carlos ficou por volta de vinte dias em Florença, para encontrar os pais, que estavam voltando da França.

[15] “Aquela região”: Provença, banhada pelo Ródano à esquerda, depois que ele recebe as águas do Sorgues.

[16] Esses três versos indicam a Itália meridional: os reinos de Nápoles e da

Apúlia. A região é designada por três pontos importantes, como se fossem vértices de um triângulo: Bari (no Adriático); Gaeta (no Tirreno); Catona (em frente a Messina).

“Onde é do Tronto e Verde o mar nutrido”: indica aproximativamente o confim setentrional do reino de Nápoles. Trata-se da linha formada pelo Tronto, que deságua no Adriático, e pelo Garigliano (“Verde”), que deságua no Tirreno.

[17] “Vasto reino”: a Hungria. Quando Ladislau IV morreu, em 1290, Maria, irmã de Ladislau e mãe de Carlos, passou ao filho o direito ao trono. Carlos foi coroado em 1292, mas não chegou a tomar posse do reino efetivamente.

“Tudescas”: “germânicas”.

[18] Os quatro versos designam a Sicília, chamada Trinácria: a Sicília se cobre de névoa, entre Pachino e Peloro (hoje os cabos Passero e Faro), naquele golfo atingido pelo vento de sudeste (“Euro”), com mais violência do que em qualquer outro lugar.

“Que não Tifeu, mas súlfur escurece”: a névoa é escurecida pelos vapores sulfúreos que estão sob o Etna. Dante corrige a antiga explicação mitológica: dizia-se que a névoa escurecida se devia ao ofegar do gigante Tifeu, fulminado por Júpiter e aprisionado sob o Etna.

[19] “Prole minha, / Que de Carlo e Rodolfo antigos desce”: os herdeiros de Carlos Martel, que descendem das casas de Anjou (por Carlos II, pai de Carlos Martel) e de Habsburgo (por Rodolfo de Habsburgo, pai de Clemência, mulher de Carlos Martel). Segundo alguns, “Carlo” se refere a Carlos I d’Anjou (avô de Carlos Martel), que foi efetivamente rei da Sicília. De qualquer modo, Carlos Martel quer dizer que a Sicília seria ainda da casa de Anjou.

[20] Se o mau governo, que sempre amesquinha os povos, não tivesse levado os sicilianos a se rebelar.

O “mau jugo” se refere ao mau governo de Carlos I.

Os versos aludem às Vésperas Sicilianas, rebelião contra o domínio francês, que teve início em Palermo, no dia 30 de março de 1282, no horário das vésperas.

[21] “Meu irmão”: Roberto, terceiro filho de Carlos II, tornou-se rei de Nápoles em 1309.

Carlos diz: “se meu irmão tivesse mais prudência e visse os efeitos de um mau governo, ele fugiria à indigência dos catalães, para evitar danos”.

“A indigência avara dos catalanos”: expressão entendida de dois modos. Segundo alguns, trata-se de um modo proverbial (“ser avaro como um catalão”) e se refere ao próprio Roberto: ele deveria deixar a sua própria avareza, que poderia causar uma rebelião entre o povo. Segundo outros, a expressão se refere a soldados catalães, que, a serviço primeiro de Carlos II e depois de Roberto, extorquiriam dinheiro.

22 “Por outrem”: segundo alguns, refere-se a Carlos II, que, na época da viagem de Dante, ocupava o trono.

“Adernar”: inclinar-se. A metáfora do governo como barca é corrente.

23 Quando de uma nobre estirpe sai um avarento, como é o caso de Roberto, é necessário que ele se cerque de ministros e funcionários que não tenham como única preocupação enriquecer.

“Índole nobre”: é difícil dizer a quem a expressão se refere. Considerando as muitas críticas a Carlos II d’Anjou, é difícil que a expressão se refira a ele. Por isso, muitos pensam que se refira ao avô de Carlos e Roberto, Carlos I, que, embora duramente criticado por Dante, aparece no Purgatório; outros pensam que se refira, de modo geral, a toda a estirpe de Anjou. Há quem diga que a “avareza” de Roberto é aqui apresentada como um dos sinais de sua falta de qualidades políticas. A avareza seria aqui a falta da generosidade que deveria ser própria de um bom soberano.

24 Dois são os conceitos expressos por Dante. Primeiro, ele diz que a sua alegria é grande, porque Carlos a compreende inteiramente (podendo vê-la em Deus). Depois, diz que se alegra também por saber que Carlos, podendo ver a sua alegria em Deus, é beato.

25 A dúvida de Dante diz respeito às palavras de Carlos nos vv. 82-83 (“Quando a índole nobre transtornasse / Avareza”): como é possível que de uma nobre estirpe saia um mau fruto? Dante confronta as palavras do amigo com a sentença evangélica “uma árvore boa não pode dar frutos ruins” (Mateus, 7, 17-18; Lucas, 6, 43).

26 Na verdade, Carlos diz: “darás o rosto ao que ora dás o derso”, isto é, verás claramente aquilo que agora é oculto. Essa ordem dos termos é mais coerente com a fala de Carlos, mas talvez Xavier Pinheiro tenha mudado a ordem dos termos por causa da rima.

27 Deus, que alegra os céus e faz com que eles se movam, faz com que a sua

Providência se torne virtude operativa nos céus (“nestes corpos que vês”): os influxos celestes são, portanto, o modo pelo qual se realizam indiretamente os desígnios da Providência.

[28] Na mente divina, não são determinadas apenas as diferentes naturezas humanas (“coisas terrestres”), mas também os bons fins aos quais os homens são destinados. Deus, quando cria o homem, concede a ele todos os meios para que alcance o bom fim ao qual foi destinado; e Deus faz isso mediante os influxos celestes, que são o instrumento da sua Providência. Por isso, a tradução diz que a onipotência de Deus “preserva” o homem: de fato, ela lhe dá todos os meios para continuar no caminho justo e alcançar o bom fim que lhe foi destinado. O problema é que tudo isso está sujeito ao livre-arbítrio do homem.

[29] Tudo aquilo que os céus infundem sobre a terra é destinado a um determinado fim.

[30] “Abrangera”: abrangeria. Subentende-se “se não fosse assim como digo”: se não fosse desse modo, isto é, se os influxos celestes não derivassem da Providência, eles não teriam efeitos ordenados sobre a terra.

[31] Demonstração por absurdo.

“Foram”: seriam.

Se os influxos celestes produzissem danos sobre a terra, isso significa que as inteligências (“substâncias”) que movimentam os céus seriam defeituosas, o que, por sua vez, significa que Deus seria imperfeito, por não ter criado perfeitas as inteligências celestes. Isso, naturalmente, é inadmissível: é necessário que os influxos celestes sigam uma ordem, estabelecida pela Providência divina.

[32] “Seria pior para o homem se ele não vivesse em uma sociedade?”

[33] “Teu Mestre”: Aristóteles, que expressa esse conceito na *Política* (I, II), por exemplo. O próprio Dante cita Aristóteles em *Convívio*, IV, IV 1-2, ao falar sobre o assunto.

[34] Se os homens têm de exercer diversas funções na sociedade, é necessário que tenham diversas aptidões, de modo a desenvolver as suas atividades. Essas diferentes aptidões, como dito anteriormente, são dadas ao homem pelos influxos celestes.

[35] Carlos cita exemplos das diferentes funções exercidas na sociedade.

Sólon: legislador de Atenas.

Xerxe: Xerxes, o rei guerreiro dos Persas. Já foi mencionado em “Purgatório”, XXVIII, 70-72.

Melquisedeque: rei de Salém, primeiro sacerdote de Israel (Gênesis 14, 18-20).

Dédalo: o famoso artífice que fez asas para si e para o filho, que, durante o voo, acabou caindo. O mito é mencionado em outros momentos do poema, como em “Inferno”, XVII, 109-111.

36 A ação dos céus é perfeita ao conceder diferentes índoles aos homens; e, ao fazer isso, ela não faz distinções entre famílias. Isto é, as diferentes qualidades são atribuídas às pessoas, não às suas famílias.

37 Carlos cita dois exemplos para ilustrar a verdade que acabou de declarar.

Esaú e Jacó: os filhos gêmeos de Isaque, os quais tinham índoles tão diferentes que já lutavam no ventre materno (Gênesis, 25, 22).

Quirino: Rômulo, fundador de Roma, teve um pai de condição tão humilde que disseram que seu pai era o deus Marte.

38 Se não fosse pela Providência divina, que atua mediante os céus, a índole dos filhos seria sempre igual à dos pais.

39 A disposição natural, se encontra condições contrárias a si, tem maus resultados, como acontece com qualquer semente em um terreno inadequado. Logo, não obstante a Providência estabelecer uma ordem, isso não impede que no mundo haja maus resultados. Isso se deve à livre vontade do homem, que pode se opor à sua própria disposição natural.

40 Os comentadores reconhecem nesses versos uma alusão precisa aos irmãos de Carlos Martel. Ludovico se tornou frade franciscano e bispo, tendo sido canonizado em 1317. Já Roberto era famoso pelo seu interesse pela teologia e pelos vários sermões que escreveu. Não obstante essa inclinação natural às letras e aos estudos de teologia, Roberto se tornou rei. Alguns objetam que Ludovico tivesse uma verdadeira vocação religiosa. Entretanto, pode ser que Dante, como outros, pensasse que, se Ludovico tivesse sido rei, talvez tivesse governado melhor que o irmão, evidentemente inclinado aos estudos de teologia.

“Quem próprio seria à militança”: o texto original diz “quem se mune com a espada”, o que pode aludir à aptidão militar, mas pode também se referir à aptidão para reinar, sendo a espada um atributo iconográfico do rei.

CANTO IX

No céu de Vênus apresenta-se a Dante, Cunizza, irmã de Azzolino de Romano, que vaticina algumas calamidades de Marca Trevigiana. Também fala ao Poeta Folco, que fora bispo de Tolosa.

Terceiro céu: Vênus, almas que sofreram a influência do amor. Carlos Martel prevê alguns acontecimentos. Aproxima-se de Dante a alma de Cunizza, que lamenta a situação da Marca Trevigiana e prevê infortúnios para a região. Aproxima-se a alma de Folquet de Marselha, que fala sobre a sua vida e apresenta a Dante a alma de Raab. Folquet deplora a avidez de dinheiro da Igreja e realiza uma profecia.

1 “Depois que o Carlos teu, bela Clemência,[1]
Me instruiu, narrou traições e enganos
Que ter devia a sua descendência,[2]
2 Me disse: — ‘Cal’-te! Deixa o curso aos anos!’
Dizer só posso, pois, que justo pranto
Há de vir por vingança aos vossos danos.”[3]
3 E voltou-se de novo o lume santo
Para o Sol que de júbilos o enchia,
Sendo ele o Bem[4] que para tudo é tanto.
4 Ah! mortais iludidos! raça impia,
Que, em pensamentos fátuos se engolfando,
Do Bem Supremo os corações desvia!
5 Eis outro vi pra mim se encaminhando:
De aprazer-me a vontade anunciava,
O brilho da luz sua acrescentando.
6 Os olhos Beatriz em mim fitava;
Bem como de antes, grandioso assenso
Ao meu desejo claramente dava.
7 — “Ó ser bendito, ao meu querer intenso
Defere logo” — exclamo — “e dá-me a prova
De que em ti se reflete o que ora penso.”[5]
8 A luz então, inda aos meus olhos nova,
Dês que a vi lá na altura onde cantava
Diz como quem cortês rogos aprova:
9 — “Nessa parte da Itália opressa e escrava,
Que situada fica entre o Rialto
E as nascentes do Brenta e do Piava,[6]
10 “Colina vê-se que não surge ao alto:
Lá centelha, depois ígnea procela,
Que a toda a região deu grande assalto,[7]
11 “De um só tronco brotamos eu com ela.
Cunizza me chamei: aqui resplendo,
Pois me venceu a flama desta estrela.[8]

12 “Da sorte minha a causa não me sendo
Desgosto, eu ma perdoo alegremente
Talvez estranhe o vulgo, como entendo.[9]
13 “Da luz, que me está perto, refulgente,
Amada joia desta nossa esfera,
Revive grande a fama, e permanente
14 “De séc’los cinco mais será na era.[10]
Vê se homem com razão à glória aspira
Se, extinta a vida, outra no mundo o espera![11]
15 “A este alvo, porém, não levam mira
Os que o Ádige cerca e o Tagliamento:
Nem dos seus erros o infortúnio os tira.[12]
16 “Punido em breve, o povo truculento
De Pádua o lago tingirá, que banha
Co’ as águas de Vicência o fundamento.[13]
17 “Onde o Cagnan do Sile se acompanha
Se trama o laço que fará cativo
Quem mostra no poder soberba estranha.[14]
18 “Do ímpio pastor procedimento esquivo
Há de Feltro chorar, tal ribaldia
A Malta não levou nunca homem vivo.[15]
19 “De enormes dimensões tonel seria,
Que o sangue recebesse de Ferrara.
Pesá-lo o esforço humano esgotaria:
20 “Em tal cópia o bom padre o derramara
Em preito ao seu partido! Os dons malvados
Da terra sua a índole explicara.[16]
21 “Espelhos no alto (‘Tronos’ são chamados)
A nós refletem quanto Deus indica:
Crê, pois, ora nos fatos revelados.”[17]
22 Calando-se Cunizza significa,
Ao giro seu anterior voltando,[18]

Que em diverso cuidado imersa fica.
23 Aquele, a que aludira,[19] rebrilhando,
Com preclaro esplendor, mostrou-se à vista,
Como ao Sol rubi fino flamejando.
24 Alegria no céu fulgor aquista,
Como a nossa no riso se declara;
Mas os gestos no Inferno a dor contrista.
25 — “Deus vê tudo, e o teu ver nele se aclara” —
Falei — “ditoso espírito: patente
Te é sempre quanto o seu querer depara.[20]
26 “Por que a voz tua, enlevo permanente
Do céu, de anjos no canto a sócia sendo,
Que em seis asas têm veste resplendente,[21]
27 “Não satisfaz desejos, em que ardendo
Estou? Falara, sem mais ser rogado,
Se eu visse em ti bem como em mim estás vendo.”
28 — “O maior vale de águas inundado” —
Distante a responder-me começava —
“Do mar, em torno à terra derramado,
29 “Opostas plagas, se estendendo, lava
Contra o Sol, e assim faz meridiano
Esse horizonte, em que primeiro estava.[22]
30 “Nessa parte do val mediterrano
Nasci, entre Ebro e Macra, que separa
Do domínio de Gênova o Toscano.[23]
31 “Quase um meridiano se depara
Para Bugia e o ninho meu querido:
Sangue dos seus seu porto avermelhara.[24]
32 “Chamei-me Folco e assim fui conhecido:
Este céu da luz minha é penetrado,
Como eu fora da sua possuído;[25]
33 “Pois Dido, que ciúmes há causado
A Creúsa e a Siqueu, não mais ardera

Do que eu, em quanto à idade me foi dado;[26]

34 “Nem Rodópea infeliz, a quem perdera
Demofonte; nem Hércules outrora,
Que o coração a Iole oferecera.[27]

35 “Não há remorso aqui; folga-se agora,
Não pela culpa, já no esquecimento,
Pela Virtude,[28] cuja lei se adora.

36 “Arte aqui se contempla, em que portento
Tão alto brilha; e o Bem se patenteia,
Que influir faz na Terra o firmamento.

37 “Para ser a medida em toda cheia
Dos teus desejos, nados nesta esfera,
Do meu discurso ainda prossegue a teia.

38 “Ora queres saber a luz quem era,
Que aí perto de mim tanto cintila,
Como o Sol, que na linfa reverbera.

39 “Sabe, pois, que ali vês leda e tranquila
Raab: à nossa ordem reunida,
Em grau superior clara rutila.[29]

40 “Foi neste céu, que a sombra procedida
Da terra não alcança, em triunfando
Jesus Cristo, a primeira recebida.[30]

41 “Devia dar-lhe um céu por palma, quando
Assinalar lhe aprouve a alta vitória,
Que na Cruz teve, as palmas entregando;[31]

42 “Pois que por ela começara a glória,
Que colheu Josué na Terra Santa,
Que se apagou do papa na memória.[32]

43 “A tua pátria, que foi daquele a planta,
Que ao Criador revel primeiro há sido
E causou pela inveja aflição tanta,[33]

44 “Tem flor maldiçoada produzido,
Que, ovelhas e cordeiros trasviando,

Traz o pastor em lobo convertido.[34]
45 “O Evangelho, por ela abandonando,
E os doutores, às páginas usadas
Das Decretais ’stão muito se aplicando.[35]
46 “O papa e os cardeais, nisto engolfadas
Tendo as ideias, Nazaré esquecem,
Que viu do Arcanjo as asas desdobradas.[36]
47 “Mas Vaticano, e os sítios que enobrecem
A Roma e têm sido o cemitério
Dos que, fiéis a Pedro, lhe obedecem,
Livres serão em breve do adultério.”[37]

---

[1] Tanto a mulher como a filha de Carlos Martel se chamavam Clemência. Isso foi origem de controvérsias entre os comentadores, mas parece mais plausível que Dante se refira à mulher de Carlos Martel.

[2] É provável que o poeta se refira à sucessão do reino de Nápoles. Em 1296, Carlos II d’Anjou passou o direito de primogenitura a seu filho Roberto, o que foi aprovado pelo papa Bonifácio VIII. Com isso, Carlos Roberto, filho de Carlos Martel, perdeu o direito ao trono depois da morte de Carlos II. Em 1309, Carlos Roberto protestou, mas o então papa Clemente V reiterou a autorização que Bonifácio dera. Logo, juridicamente a ação de Carlos II foi válida. Entretanto, a atitude do avô (Carlos II) e do tio (Roberto) em relação ao herdeiro legítimo (Carlos Roberto) pode ser considerada uma traição.

[3] Segundo alguns, a profecia se refere à batalha de Montecatini (1315), na qual morreram um irmão e um sobrinho de Roberto. Entretanto, pode ser que a profecia seja deliberadamente indeterminada.

“Vossos”: refere-se, provavelmente, a Carlos e sua mulher Clemência.

[4] “O Sol que de júbilos o enchia”: Deus.

“O Bem que para tudo é tanto”: o Bem que satisfaz todas as coisas.

[5] Isto é, a prova de que os beatos podem ler o seu pensamento, sem necessidade de que ele o expresse em palavras.

[6] Indicação da Marca Trevigiana, entre Veneza e os montes onde estão as nascentes do Brenta e do Piave (os Alpes de Trentino e Cadore).

Rialto: a maior ilha de Veneza, que deu o nome à cidade até o século XI. Está aqui para Veneza.

[7] Colina: a colina de Romano, na qual se encontrava o castelo dos Ezzelini, senhores da Marca Trevigiana.

Centelha: Ezzelino III da Romano, violento tirano que está no sétimo círculo do Inferno (“Inferno”, XII, 109-111). A metáfora da centelha para designar Ezzelino é provável reminiscência de uma lenda, segundo a qual a mãe de Ezzelino, quando grávida, havia sonhado que dava à luz uma centelha que incendiava toda a região. O incêndio é sinal da violência de Ezzelino.

[8] Cunizza: irmã de Ezzelino III, filha de Ezzelino II e de Adelaide de Mangona. Nasceu no final do século XII e morreu em 1279 ou pouco depois disso, em Florença. Em 1222 se casou com Rizzardo di San Bonifacio, senhor de Verona, mas depois foi raptada pelo poeta Sordello (“Purgatório”, VI), que a levou de volta para os seus irmãos. Narra-se que, após a suposta relação com Sordello, Cunizza teria fugido com Enrico da Bovio; quando retornaram a Treviso, Enrico teria sido assassinado. Depois disso, Cunizza teria se casado outras duas vezes. Na velhice, Cunizza se mudou para Florença, tendo uma vida piedosa e voltada a Deus. Os autores do período falam tanto de seus costumes e suas histórias amorosas, como de seu arrependimento e conversão.

“A flama desta estrela”: os influxos de Vênus, que induzem ao amor.

[9] Cunizza perdoa alegremente os seus próprios pecados do passado, em vez de condená-los E isso pode parecer uma coisa estranha aos homens da terra (“vulgo”).

[10] Segundo grande parte dos comentadores, a indicação é genérica e significa “por muito tempo”. Entretanto, há outras interpretações para a indicação aqui realizada por Cunizza.

[11] Outra vida: a fama.

[12] “Este alvo”: uma fama honrosa.

“Os que o Ádige cerca e o Tagliamento”: o povo da Marca Trevigiana, delimitada a oeste pelo rio Ádige e a leste pelo rio Tagliamento.

“Nem dos seus erros o infortúnio os tira”: nem mesmo o infortúnio os faz sair do

erro.

[13] Alusão à derrota sofrida pelos guelfos de Pádua em 1314, por mão dos gibelinos de Vincenza, ajudados por Cangrande della Scala.

“O lago tingirá”: de sangue.

Os guelfos de Pádua não queriam aceitar a autoridade de Cangrande, que era vigário imperial.

[14] Alusão ao assassinato, à traição, de Rizzardo da Camino, senhor de Treviso.

“Onde o Cagnan do Sile se acompanha”: Treviso, onde se encontram os rios Cagnan e Sile.

Rizzardo da Camino: filho do “bom Gherardo” (“Purgatório”, XVI, 124-126), marido de Giovanna Visconti (“Purgatório”, VIII, 70-72). Foi senhor e vigário imperial de Treviso e governou despoticamente. Foi assassinado em 1312, talvez por conspiração de nobres que não toleravam o seu domínio.

[15] Alguns fugidos de Ferrara haviam se refugiado com o bispo de Feltre, Alessandro Novello di Treviso. Este, cedendo à pressão de Pino della Tosa, vigário de Roberto d’Anjou em Ferrara, entregou os fugitivos, que foram decapitados.

“Tal ribaldia / A Malta não levou nunca homem vivo”: “Malta” era o nome de muitas prisões do tempo, e, por isso, muitos autores tentaram identificar a prisão da qual aqui se fala. Entretanto, o termo *malta* era também empregado genericamente para prisões escuras e lamacentas. Por isso, em edições mais recentes do poema, o termo é grafado em letra minúscula. De qualquer modo, o sentido, em sua essência, não muda: a expressão significa que nenhum homem entrou na prisão por uma culpa grave como essa (tanto mais grave porque foi cometida por um bispo).

[16] Versos carregados de ironia: o bom padre (Alessandro Novello) ofereceu em abundância o sangue dos fugitivos de Ferrara, como dom ao seu partido (os guelfos). E tal dom convém aos costumes da região.

[17] As inteligências angélicas recebem a luz divina do alto e a transmitem para baixo, refletindo-a como espelhos. “Tronos” são a terceira ordem da primeira hierarquia angélica. Segundo os teólogos, Deus exerce a sua justiça mediante os Tronos. Cunizza diz: no Empíreo estão os Tronos, que refletem os julgamentos divinos. Por isso, mesmo que as suas palavras pareçam duras, elas são não só

verdadeiras (como diz a tradução), mas justas (como diz o original).

[18] Voltando à dança circular que fazia antes de falar com Dante (como se diz nos vv. 19-21 do canto anterior).

[19] A alma da qual Cunizza falara nos vv. 37-40.

[20] “Seu querer”: o original diz “qualquer querer”, sem se referir especificamente ao querer de Deus.

[21] São os serafins, mais alta hierarquia angélica, que, na visão de Isaías (Isaías, 6, 2), tinham seis asas.

[22] A longa perífrase indica o mar Mediterrâneo, o maior “vale” inundado pelas águas do oceano (“o mar em torno à terra derramado”).

“Opostas plagas […] primeiro estava”: o Mediterrâneo se estende tanto a leste (contra o Sol), entre as margens opostas da Europa e da África, que chega ao meridiano do círculo celeste que, no começo do seu caminho, era o horizonte. Isso significa simplesmente que o Mediterrâneo se estende, como se acreditava, por 90 graus, indo de Cádis a Jerusalém. Recorde-se que na geografia daquele tempo, Jerusalém estava no centro das terras habitadas; Cádis estava 90 graus a oeste e o Ganges estava 90 graus a leste. O Mediterrâneo sai do meridiano de Cádis (horizonte de Jerusalém) e chega a Jerusalém (meridiano daquele círculo celeste que era horizonte em Cádis).

[23] “Entre Ebro e Macra”: entre a foz do Ebro, na Espanha, e a foz do Magra, na Itália. O personagem indica, desse modo, um arco litorâneo que passa pela costa espanhola, francesa e italiana.

“Que separa / Do domínio de Gênova o Toscano”: o rio Magra separa a Ligúria (“domínio de Gênova”) da Toscana.

[24] O personagem que fala é de Marselha, que está quase no mesmo meridiano que a cidade de Bugia, na Argélia.

“Sangue dos seus seu porto avermelhara”: alusão ao violento ataque de Brutus contra a cidade, durante a guerra civil, em 43. a.C.

[25] Folco: Folchetto da Marsiglia (Folquet de Marseilla), famoso trovador, nasceu na segunda metade do século XII e morreu em 1231. Viveu nas cortes de diversos senhores, entre os quais Barral du Baux (visconde de Marselha), cuja mulher, Azaleis, cantou apaixonadamente. Conta-se que, quando Azaleis

morreu, Folquet se tornou monge, tornando-se bispo de Tolosa em 1305. Em sua vida religiosa, Folquet teve papel importante na Cruzada Albigense e na perseguição contra os hereges. Além disso, Folquet ajudou São Domingos em suas pregações.

[26] Referência ao amor de Dido por Eneias.

Creúsa: a esposa morta de Eneias.

Siqueu: o marido morto de Dido.

Folquet cita exemplos de amor tirados da poesia antiga para ilustrar o seu próprio amor.

[27] Rodópea: Fílis, filha do rei da Trácia, onde se encontra o monte Ródope. Apaixonou-se por Demofonte, filho de Teseu, que prometeu se casar com ela. Porque Demofonte não retornou de Atenas no prazo estabelecido para o casamento, Fílis acreditou ter sido abandonada e se matou. O mito é narrado por Ovídio (*Heroides,* II) e Virgílio (*Bucólicas,* V, 10).

Hércules: apaixonou-se por Iole, filha do rei da Tessália. Isso despertou a ira de sua esposa Dejanira, que fez com que Hércules vestisse a camisa envenenada de Nesso, o que provocou a morte do herói. O mito é narrado por Ovídio (*Heroides*, IX, *Metamorfoses*, IX, 101) e é citado em "Inferno", XII, 67-69.

[28] "Já no esquecimento": por causa do Letes.

"Pela virtude": que dispõe ao bem a inclinação natural do homem.

[29] Raab: prostituta de Jericó, que acolheu em sua casa dois espiões enviados por Josué antes do ataque a Jericó. Raab não só escondeu os espiões em sua casa, mas os ajudou a atravessar o rio e voltar para o campo. Raab, portanto, favoreceu os hebreus e, após o ataque a Jericó, a sua casa foi a única poupada; ela foi acolhida pelo povo de Israel. Isso é narrado em Josué, 2, 1-21 e 6, 15-25. Raab é recordada no Novo Testamento por sua fé e sua boa ação (Hebreus, 11, 31; Tiago, 2, 25).

[30] Das almas libertadas pelo triunfo de Cristo, Raab foi a primeira destinada ao grau de beatitude correspondente ao céu de Vênus.

"Que a sombra procedida / Da terra não alcança": o original diz "no qual termina a sombra da terra". Segundo Alfragano (*Liber de aggregationibus stellarum*), o cone de sombra projetado pela terra terminava no céu de Vênus. Hoje se sabe que Vênus está a uma distância muito maior da terra, mas, na época de Dante, o

que está aqui enunciado era um dado científico.

[31] Foi justo que Raab tivesse um céu como sinal (“palma”) da vitória que Jesus obteve na Cruz, quando suas mãos foram pregadas. Xavier Pinheiro segue a interpretação mais plausível e mais frequente do texto original. Entretanto, o texto original não fala expressamente da Cruz e, por isso, alguns pensam que a vitória seja aquela de Josué, que a obteve unindo as mãos (“palmas”) para orar.

[32] “Pois que por ela […] Terra Santa”: a tomada de Jericó foi a primeira empresa gloriosa de Josué.

“Que se apagou…”: refere-se à Terra Santa.

[33] Florença é chamada “planta de Lúcifer”, aquele que foi o primeiro a se rebelar contra o Criador e cuja inveja levou o homem a pecar, o que foi causa de tamanha aflição para a humanidade.

[34] “Flor”: florim, moeda florentina.

[35] “Decretais”: textos de direito canônico. Por causa da avidez por dinheiro, o Evangelho e os textos dos doutores da Igreja são deixados de lado, e as Decretais são lidas com tanta frequência e atenção que as suas páginas já estão gastas.

[36] Nazaré, onde o arcanjo Gabriel anunciou o nascimento de Jesus a Maria. Nazaré indica aqui a Terra Santa.

[37] Vaticano: colina onde foi sepultado São Pedro; cemitério dos primeiros cristãos. “Sítios que enobrecem / A Roma”: outros lugares de Roma onde morreram e foram sepultados outros mártires cristãos. O Vaticano e os outros lugares indicam a Igreja de Roma de modo geral.

“Adultério”: a profanação daquilo que é sagrado, por causa do dinheiro.

“Livres serão em breve do adultério”: profecia deliberadamente indeterminada.

CANTO X

Dante e Beatriz sobem ao quarto céu, que é o do Sol. São rodeados de almas resplandecentes, uma das quais, S. Tomás de Aquino, lhe dá conhecimento de alguns dos seus companheiros.

O narrador convida o leitor a contemplar a ordem das esferas celestes. Dante e Beatriz sobem ao quarto céu. Quarto céu: Sol, espíritos sapientes. As almas se aproximam de Dante e Beatriz, cantando e girando em torno deles. São Tomás de Aquino fala com Dante, apresentando as almas que formam o círculo.

1 O Poder inefável e primeiro,
O Filho a contemplar co’ Amor sublime,
De um e outro, eternal, vindo o terceiro,[1]
2 Quanto à vista e à razão nossa se exprime
Com tal ordem criou, que, o efeito vendo,
De adorar seu Autor ninguém se exime.[2]
3 Às esferas, leitor, olhos erguendo,
Nota a parte, onde estão dois movimentos
Um para o outro oposição fazendo.[3]
4 E começa a mirar da arte os portentos
Que tanto dentro em si o Senhor ama,
Que lhes tem sempre os olhos seus atentos.
5 Vê como desse ponto se derrama
Em linha oblíqua o círc’lo, que transporta
Os planetas que o mundo aguarda e chama.[4]
6 Se lhes assim não fosse a estrada torta,
Muita força no céu fora perdida
E aqui potência quase toda morta.[5]
7 Se fora essa vereda preterida
Mais ou menos, ficara transtornada
A ordem no universo estatuída.[6]
8 Ora leitor, meditação pausada
Faz de quanto comigo prelibaste:[7]
Leda a mente hás de ter, não saciada.
9 Dou-te iguaria: come, pois, se praz-te.
A matéria,[8] em que escrevo, não consente,
Nem por instantes, que a atenção se afaste.
10 Da natura o ministro mais potente
Que a influência do céu na terra imprime
E o tempo mede com sua luz fulgente,[9]
11 À parte, que outro verso acima exprime,
Se unindo, para o ponto se volvia,

Onde mais cedo as trevas nos dirime.[10]
12 Já no seu seio estava e o não sabia,
Como não pode alguém seu pensamento
Saber, quando ainda à mente não surgia.[11]
13 E Beatriz, em quem notava aumento
De bem para melhor, tão de repente
Que o tempo fora ante o seu ato lento,
14 De si mesma quanto era refulgente![12]
O que era lá no Sol, onde eu me entrara,
Não por cor, por seu brilho mais nitente,
15 Posto que arte, uso, engenho me ajudara
Descrever por imagens não pudera;
Mas crer se pode e ver se desejara.[13]
16 Não se estranhe, se baixa parecera,
Querendo a tanto alar-se, a fantasia:
Além do Sol ninguém olhos erguera.[14]
17 Quarta família aqui resplandecia
Do sumo Pai, que sempre da Trindade
No inefável espetáculo a sacia.[15]
18 E disse Beatriz: — "Tanta Bondade
Humilde ao Sol dos anjos agradece,
Que ao Sol sensível te alça à claridade."[16]
19 Peito mortal jamais ardor aquece
De sentir tão devoto e tão piedoso,
Que a Deus a gratidão inteira expresse,
20 Quanto é meu ao convite carinhoso.
E em tanto enlevo o coração se acende,
Que a Beatriz olvida, fervoroso.[17]
21 Não lhe despraz, e no seu riso esplende
Tanto brilho dos olhos expressivos,
Que do êxtase profundo me desprende.[18]
22 Fulgores então vi claros e vivos,
De nós centro, de si coroa fazendo,

Mais suaves em voz que em luz altivos.
23 A filha de Latona se movendo
Vemos assim de um cinto rodeada,
No ar úmido as cores se mantendo.[19]
24 Dos céus a corte, donde volto, ornada
De joias ’stá sublimes e formosas:
Só nos céus pode a estima lhes ser dada.[20]
25 As vozes eram tais, que ouvi donosas.
Quem não tem plumas para ir lá voando
Pergunte a um mudo coisas portentosas.[21]
26 Aqueles sóis, em torno a nós cantando,
Volveram-se três vezes: semelharam
Astros em roda aos polos circulando.[22]
27 Damas imitam, que no baile param,
Em silêncio outras notas esperando
Para seguir na dança que encetaram.
28 E uma voz de seu seio disse: — “Quando
Da Graça o raio em que o amor se acende
Sublime, pelo amor se acrescentando,[23]
29 “Multiplicado em ti tanto resplende,
Que te conduz pela celeste escada,
Que a subir torna quem de lá descende,[24]
30 “O que à sede em que tens a alma abrasada
Vinho negasse, irmão, livre não fora,
Qual linfa de correr embaraçada.[25]
31 “Saber desejas como a c’roa enflora
Que cinge, contemplando-a, a pulcra dama,
Que para o céu te guia protetora.[26]
32 “Um anho fui da santa grei que chama
De Domingos a voz pelo caminho,
Onde prospera só quem mal não trama.[27]
33 “Tomás de Aquino sou, me está vizinho
À destra, de Colônia o grande Alberto,

A quem de aluno e irmão devo o carinho.[28]

34 “Se dos mais todos ser desejas certo,
Na santa c’roa atenta cuidadoso
A tua vista e a voz siga-me perto.

35 “Nesse esplendor sorri-se jubiloso
Graciano, que num e noutro foro
Digno se fez de ser no céu ditoso.[29]

36 “Aquele outro ornamento deste coro
Foi Pedro: como a pobre a of ’renda escassa,
À Santa Igreja deu rico tesouro.[30]

37 “A quinta luz, que as mais em lustro passa,
Se acende em tanta luz, que anela o mundo
Saber se goza da celeste Graça.[31]

38 “O alto espírito encerra, tão profundo,
Que se o verbo de Deus é verdadeiro,
De saber tanto não se alçou segundo.[32]

39 “Ao lado seu lampeja esse luzeiro,
Que os anjos, seu mister, sua natura,
Em conhecer na terra foi primeiro.[33]

40 “Sorri na luz menor, serena e pura,
Dos séculos cristãos esse advogado
De Agostinho tão útil à escritura.[34]

41 “Se os olhos da tua mente acompanhado
De luz em luz me tens nestes louvores,
Saber já tens da oitava desejado.

42 “Do Sumo Bem se enleva nos fulgores
Essa alma santa, havendo demonstrado
As mentiras do mundo e os seus rigores.[35]

43 Jaz daquela alma o corpo despojado
Em Cieldauro; ela veio à paz divina
Após martírio e exílio amargurado.[36]

44 “Mais longe, em cada flama purpurina,
Beda, Isidoro estão, Ricardo esplende,

Que além do humano o pensamento afina.[37]

45 “Esse, de quem tua vista se desprende
A mim tornando, achou, grave e prudente,
Que morte pronta um grande bem compreende.[38]

46 “É Siger, que assim luz eternamente.
Na rua de Fouare lera outrora
Verdades, que ódio hão provocado ingente.”[39]

47 E qual relógio que nos chama em hora,
Em que, desperta, do Senhor a Esposa
Matinas canta e o seu amor implora;[40]

48 Que, no girar das rodas, tão donosa
Nota faz retinir,[41] de amor enchendo
Devota alma, que o escuta, fervorosa:

49 O glorioso círc’lo, se movendo,
Assim vi eu, com tal suavidade
E doçura de vozes, que compreendo
Só haja iguais do céu na eternidade.

---

[1] O canto se abre falando da Trindade: o Pai (“Poder inefável e primeiro”), o Filho e o Espírito Santo (“Amor”), que procede do Pai e do Filho (“De um e outro, eternal, vindo o terceiro”).

[2] O Pai criou com tal ordem os céus e o seu movimento que quem contempla essa ordem necessariamente gozará da perfeição de seu próprio autor.

“Quanto à vista e à razão nossa se exprime”: o verso, no original, é normalmente interpretado de dois modos. Alguns entendem “toda a criação”; outros entendem “os céus”, o que parece convir melhor ao contexto.

[3] Na parte onde se encontram os dois movimentos circulares opostos. Para Dante, os corpos do céu realizavam dois movimentos opostos. Um deles é o movimento diurno, de leste a oeste. O outro é o movimento dos planetas (tais eram considerados também o Sol e a Lua), do ocidente para o oriente, e que pode ter diversas durações (o do Sol dura um ano). O primeiro movimento tem

sua linha mediana no Equador celeste. O segundo movimento está na faixa do Zodíaco, cuja linha mediana é a Enclítica (círculo percorrido pelo Sol em um ano). A Enclítica tem uma inclinação de vinte e três graus e meio em relação ao Equador, e ambos os círculos se encontram em dois pontos, que são as posições do Sol nos dois equinócios. Dante se refere, portanto, ao equinócio (mais especificamente, ao equinócio de primavera).

4 “Esse ponto”: o encontro entre os dois movimentos celestes.

“Em linha oblíqua o círc’lo”: a faixa zodiacal, na qual estão as órbitas dos planetas, que é inclinada em relação ao Equador.

5 Se o Zodíaco não fosse inclinado, grande parte das influências celestes seria vã e quase todas as potencialidades da natureza (traduzidas em ato pelas influências celestes) ficariam como que mortas. Se o Equador e a Enclítica coincidissem, haveria apenas uma estação perene para cada lugar do mundo.

6 E a inclinação da Enclítica em relação ao Equador também é perfeita: se ela fosse maior ou menor, toda a ordem ficaria imperfeita, seja na alternância dos climas, seja nos ciclos diurnos e noturnos.

7 Dante convida o leitor a continuar a sua meditação sobre aquilo que lhe foi antecipado como rápido aceno (“prelibaste”). Dante falou um pouco sobre a ordem das esferas celestes, oferecendo uma antecipação: agora cabe ao leitor continuar a meditar sobre isso.

8 A viagem que Dante tem de narrar.

9 “Da natura o ministro mais potente”: o Sol. Entretanto, “da natura” pode ser entendido de diferentes modos: o ministro que serve à atividade generativa da natureza, o ministro dos desígnios divinos, o ministro mais potente de toda a criação.

10 Dante especifica que o Sol se encontra no equinócio de primavera: o Sol, estando naquele ponto de intersecção correspondente ao equinócio (como dito nos vv. 7-9), dirige-se para o solstício de verão (“ponto onde mais cedo as trevas nos dirime”). Logo, dos dois equinócios, ele está naquele de primavera.

11 Uma pessoa só percebe um pensamento quando ele já surgiu na mente; ela não pode antecipar a sua aproximação: do mesmo modo, Dante só percebe que está no Sol.

12 No original, o verso não se refere a Beatriz, mas às almas dos beatos, das

quais falarão os próximos versos.

[13] Dante distingue as almas no Sol não pela sua cor, mas pela sua luminosidade: isso mostra quão luminosas deveriam ser as almas, se superavam o próprio Sol. Por causa dessa extraordinária luminosidade, o poeta, mesmo que ajudado pela técnica (“arte”), pela experiência (“uso”) e pelo engenho, não é capaz de representar de modo adequado aquilo que vê no Sol. Entretanto, embora o poeta não possa descrever a realidade que viu, o homem pode acreditar nessa realidade pela fé e pode desejar vê-la no Paraíso.

[14] O homem nunca viu uma luz mais intensa do que a solar; por isso, não é capaz de imaginar a luminosidade das almas que Dante viu.

[15] “Quarta família”: o quarto grupo de almas encontrado por Dante.

[16] “Sol dos anjos”: Deus, que ilumina os anjos.

“Sol sensível”: o astro, o Sol material.

[17] Isso pode significar também que a própria especulação das verdades celestes (representada por Beatriz) é superada pela contemplação divina.

[18] A frase não é excessiva, já que o riso de Beatriz é manifestação sensível da realidade divina.

[19] “A filha de Latona”: a deusa Diana, filha de Latona, identificada com a Lua.

“Um cinto”: o halo lunar, formado quando o ar está denso de vapores e retém os raios luminosos da Lua.

[20] Isto é, Dante não pode descrevê-las na terra.

[21] “Eram tais”: o canto era uma daquelas joias que só podem ser estimadas no Paraíso. “Quem não tem plumas […] coisas portentosas”: quem não tem as asas da virtude para subir ao Paraíso não poderá conhecer, pela descrição de outrem, aquele canto celeste. Dante é como um mudo diante daquele canto, incapaz de descrevê-lo.

[22] Lentamente, como os astros que se encontram mais próximos do polo.

[23] “Quando”: uma vez que.

“Da Graça o raio…”: o raio da graça divina suscita no homem o verdadeiro amor (o amor por Deus) e aumenta com o próprio ato de amar.

[24] “Celeste escada”: que leva ao Empíreo.

“Que a subir torna quem de lá descende”: alusão à salvação de Dante. O verso realiza uma formulação geral, mas se refere especificamente a São Paulo e Dante, que são os dois homens que subiram, ainda vivos, ao Paraíso.

25 Diante da excepcional graça concedida a Dante, a alma que se negasse a responder às suas dúvidas não seria livre para exercer a sua caridade, que em um beato é tão natural quanto em um rio é natural correr em direção ao mar. No Paraíso, os beatos se conformam, pelo amor, à vontade divina (“Paraíso”, III, 73-81); por isso, para eles é natural atender aos desejos de uma pessoa iluminada pela graça, como Dante.

26 “Saber desejas como a c’roa enflora”: queres saber quem são as almas que formam esta coroa.

“Enflora”: floresce.

“Pulcra”: bela.

27 A alma foi um cordeiro da grei de São Domingos: foi, portanto, frade dominicano.

28 As almas que se apresentam a Dante nesse céu são os espíritos sapientes.

Tomás de Aquino: Tommaso dei conti d’Aquino nasceu em Roccasecca, em 1226. Entrou muito jovem na ordem dominicana (1243), estudou em Paris e em Colônia, tornando-se mestre de teologia em Colônia, Paris e Nápoles. Morreu em 1272, quando viajava para o Concílio de Lyon, e, segundo uma lenda, teria sido envenenado por Carlos I d’Anjou (“Purgatório”, XX, 67-69); foi canonizado em 1323. Tomás de Aquino foi o maior filósofo do cristianismo ocidental do século XIII: a ele se deve a sistematização da doutrina da teologia cristã ocidental, com base na filosofia de Aristóteles. Ainda hoje, sua filosofia é considerada a filosofia oficial da Igreja Católica. Na sua vasta produção, destacam-se os comentários às obras de Aristóteles, bem como a *Summa Theologiae* e a *Summa contra Gentiles*. Dante, embora não siga com rigor todas as doutrinas de Tomás de Aquino, foi profundamente influenciado pela sua filosofia e sobretudo pelo seu modo de especulação e de raciocínio.

Alberto: Alberto Magno. Nasceu em Lauingen, no final do século XII, e morreu em Colônia, em 1280. Estudou em Pádua, onde entrou para a ordem dominicana, em 1223. Ensinou em diversas cidades e foi mestre de Tomás de Aquino. Escreveu obras sobre diversos campos de estudo e se dedicou a difundir o estudo de Aristóteles no ocidente latino, tentando uma união entre o pensamento cristão

e a filosofia aristotélica, a qual depois foi sistematicamente desenvolvida por São Tomás.

[29] Graciano: Francesco Graziano. Nasceu provavelmente em Orvieto (segundo outros em Chiusi) no final do século XI e morreu antes de 1160. Foi monge camaldulense (beneditino, portanto) e ensinou teologia em Bolonha. Sua obra mais importante foi a *Concordia discordantium canonum*, conhecida como *Decretum Gratiani*, compilação sistemática dos cânones da Igreja, que constitui a base do direito canônico.

"Num e noutro foro": expressão que, no original, é interpretada de dois modos. Segundo alguns, diz respeito ao direito civil e ao direito eclesiástico: embora Graciano não tenha falado do direito civil, ele introduziu a importante noção da diferença entre ambos. Segundo outros, a expressão diz respeito aos dois foros do direito eclesiástico: o judicial (externo) e o penitencial (interno).

[30] Pedro: Pietro Lombardo, de Novara, nasceu no final do século XI e morreu em Paris, em 1160. Tornou-se monge de São Vítor em 1134 e ensinou teologia em Paris. Sua obra mais importante foi a *Sententiarum libri quattuor*, que sistematiza a ciência teológica até o seu tempo, mediante a organização dos principais textos e o comentários a eles.

"Como a pobre […] rico tesouro": como a viúva do Evangelho, ofereceu a Deus a sua obra, que era a única coisa que possuía. Narra o Evangelho de São Lucas que uma viúva ofereceu ao templo de Jerusalém duas moedas, que eram tudo o que ela possuía (21, 1-4). A indicação de São Tomás retoma as próprias palavras de Pedro no prólogo às *Sententiae*, no qual ele se refere ao episódio evangélico.

[31] "Quinta luz": o rei Salomão, filho de Davi, considerado o autor dos Provérbios, do Eclesiastes, do Cântico dos Cânticos e da Sabedoria.

"Se acende em tanta luz": o texto original diz "que efundiu tanto amor", em referência ao Cântico dos Cânticos, poema de amor, interpretado como o amor místico entre Deus e a alma do homem ou entre Cristo e a Igreja. Desse modo, fica clara e relação consecutiva expressa em "que anela o mundo…"

"Anela o mundo / Saber se goza da celeste Graça": os exegetas discutiam se Salomão havia sido salvo ou se ele havia sido condenado ao Inferno, por causa da grande luxúria à qual cedeu na velhice (1 Reis 11, 1-13).

[32] "Se o verbo de Deus é verdadeiro": se são verdadeiras as Escrituras (o que é indiscutível).

“De saber tanto não se alçou segundo”: o rei Salomão pediu a Deus a sabedoria, e Deus respondeu: “Eu te dei um coração tão sapiente e inteligente que ninguém foi nem será igual a ti” (1 Reis 3, 12).

[33] Os versos se referem a Dionísio Areopagita, discípulo de São Paulo ao qual se atribuía a obra *De Coelesti Hierarchia*, que fala da natureza, da função e da hierarquia dos anjos. Dionísio se converteu ao cristianismo por obra de São Paulo (Atos dos Apóstolos, 17, 34), foi o primeiro bispo de Atenas e morreu mártir. Entretanto, *De Coelesti* e outras obras que eram atribuídas a Dionísio são hoje atribuídas a um autor neoplatônico do século V, chamado convencionalmente “pseudo-Dionísio”.

[34] “Esse advogado”: Paulo Orósio, historiador cristão que nasceu na Espanha e morreu na África, entre os séculos IV e V. Em *Historiarum libri VII adversus paganos*, que fala da história desde a criação do mundo até a idade do autor, Paulo Orósio demonstra que a idade pagã teve mais calamidades do que os tempos cristãos. Por isso, ele é aqui chamado defensor (“advogado”) dos séculos cristãos. Além disso, o prólogo da obra diz que ela foi escrita por sugestão de Santo Agostinho, que queria confirmações históricas para o seu *De civitate Dei*. Por isso, a identificação com Paulo Orósio parece a mais plausível (e é de fato a mais defendida), entre as tantas hipóteses apresentadas (Santo Ambrósio, Lactâncio, Tertuliano etc.).

[35] “Essa alma santa”: Anício Mânlio Torquato Severino Boécio, nasceu mais ou menos em 480 d.C., foi senador romano e ministro de Teodorico, que a princípio o favoreceu, mas depois o prendeu e o matou (em 525 ou 526). Autor de diversas obras de teologia, lógica e matemática, escreveu no cárcere sua obra mais famosa, a *Consolatio Philosophiae*, na qual a Filosofia aparece para confortá-lo, mostrando como os bens terrenos são falazes. Boécio é considerado o mediador entre o mundo clássico e o mundo cristão e foi muito admirado por Dante, que cita expressamente no *Convívio* (II; XII, 2) o seu apreço pela *Consolatio Philosophiae*.

[36] Cieldauro: a tumba de Boécio se encontra na basílica de San Pietro in Ciel d’Oro, em Pavia.

“Após martírio e exílio amargurado”: Boécio era considerado mártir porque a sua prisão e morte eram imputadas à sua defesa das ideias cristãs.

[37] Beda: Beda, o Venerável, monge inglês, nasceu em 674 e morreu em 735,

santo e doutor da Igreja, um dos maiores eruditos da Alta Idade Média, aqui presente como um dos organizadores do saber medieval. Entre suas obras estão *De natura rerum*, *De temporum ratione* e *Historia ecclesiastica gentis Anglorum* (sua obra hoje mais famosa).

Isidoro: Isidoro de Sevilha, nasceu em Cartagena, em 570, e morreu em Sevilha, em 636. Foi bispo de Sevilha e escreveu livros sobre teologia, história e gramática. É famoso sobretudo por causa de sua obra *Etymologiae*, enciclopédia que abrange todos os âmbitos de conhecimento. Difundiu e sistematizou a cultura, representando, junto com Beda, os enciclopedistas, que tiveram suma importância na cultura da Idade Média.

Ricardo: Ricardo de São Vítor, prior da Abadia de São Vítor em Paris, de 1162 a 1173, ano de sua morte. Foi um dos maiores representantes da corrente mística. Por isso, São Tomás diz que Ricardo de São Vítor "além do humano o pensamento afina". No original, Isidoro é nomeado antes de Beda.

38 "De quem tua vista se desprende / A mim tornando": o último espírito que ainda falta nomear. Os espíritos estão dispostos em círculo e Tomás os nomeia a partir da sua direita. Logo, se esse é o último espírito, isso significa que ele está à esquerda de Tomás.

"Achou que morte pronta um grande bem compreende": desejou a morte como libertação.

39 Siger: Siger de Brabante (1226-1283), mestre na Faculdade de Artes da Universidade de Paris, foi o maior representante do chamado averroísmo latino, seguindo fielmente Aristóteles pelo comentário de Averróis. Foi acusado de heresia por algumas opiniões defendidas do ponto de vista puramente racional e contra ele se colocou o próprio Tomás de Aquino. O arcebispo de Paris condenou muitas teses suas e, depois de ter sido levado à presença do Inquisidor, Siger foi à Itália, onde foi absolvido pela cúria papal, que provavelmente o fez viver sob vigilância em Orvieto. Siger foi assassinado em Orvieto, por mãos de um clérigo (dizia-se que por ordem de seus adversários). A presença de Siger no Paraíso, apresentado por seu adversário Tomás e colocado ao seu lado, suscitou inúmeras discussões entre os críticos e comentadores. Dante se opõe, em diversos momentos do poema, às proposições condenadas de Siger. Alguns defendem que Siger se encontra aqui por homenagem à "filosofia pura", autônoma em relação à teologia, e pela busca de verdades sobre o homem e sobre o mundo alcançadas apenas pela via da razão. Segundo outros, a presença

de Siger se deve a uma homenagem à vítima do pensamento filosófico, que fica justamente na angustiosa posição entre a verdade e a fé. Com isso, podem ser entendidos com mais clareza os vv. 134-135, que dizem que Siger “achou que morte pronta um grande bem compreende”. Os versos dizem que Siger desejou a morte como libertação; entretanto, os críticos não estão de acordo sobre aquilo de que a morte o teria libertado. Muitas são as hipóteses: a perseguição de seus adversários, a vigilância sob a qual viveu, os problemas práticos ligados às suas doutrinas. Alguns defendem que os versos aludam às dúvidas de Siger, que oscilavam entre a razão e a fé.

“Na rua de Fouare lera outrora”: ensinara (“lera”) na Faculdade de Artes. Na Idade Média, as aulas eram constituídas por leituras de textos e por comentários a eles.

“Fouare”: rua onde se encontrava a Faculdade de Artes, em cujas escolas de filosofia ensinavam os aristotélicos. Eram frequentes as polêmicas entre a Faculdade de Artes e a Faculdade de Teologia.

“Verdades”: os críticos ainda discutem a quais “verdades” Dante se refere, uma vez que parece improvável que ele assim chamasse certas doutrinas condenadas, às quais ele mesmo se opõe em sua obra.

40 “A esposa”: a Igreja.

“Matinas canta”: refere-se, naturalmente, à recitação das matinas. Entretanto, no original Dante emprega um verbo que diz respeito também ao costume dos amantes, que, ao amanhecer, iam cantar sob as janelas da amada.

41 Trata-se, portanto, de um “despertador”.

CANTO XI

Para instrução de Dante, S. Tomás de Aquino refere os fatos da vida de S. Francisco de Assis.

Quarto céu: Sol, espíritos sapientes. O narrador fala sobre os trabalhos humanos por causa das preocupações com os bens terrenos. São Tomás de Aquino entende as dúvidas de Dante e esclarece a primeira delas com um longo discurso. No seu discurso, São Tomás faz um elogio de São Francisco de Assis, narrando fatos de sua vida. Ao final do discurso, São Tomás fala sobre o transviamento dos frades dominicanos.

1 Ó dos mortais aspirações erradas!
Em que falsas razões vos enlevando,
Tendes à terra as asas cativadas![1]
2 Qual seguia o direito; qual buscando
Já aforismos; qual o sacerdócio;
Qual reinava, sofisma ou força usando;
3 Qual roubo amava, qual civil negócio;
Qual, a salaz deleite entregue a vida,
Afanava-se, qual passava no ócio[2]
4 Enquanto eu, livre da terrena lida,
Ao céu com Beatriz me alevantava,
Aceito lá com glória tão subida.
5 Cada alma santa ao ponto já tornava
Do círculo em que de antes demorara;
E como círio em candelabro estava.
6 Então da luz,[3] que de antes me falara
Voz suave escutei; e assim dizendo
Do seu brilho a pureza se aumentara:
7 — "O lume eterno, em que me inspiro e acendo,
Eu, contemplando, claramente leio
Teu pensamento e a origem lhe compreendo.
8 "Desejas tu, da dúvida no enleio,
Que eu aproprie da tua mente à esfera
O que dizer-te, há pouco, me conveio.[4]
9 "Eu te disse — caminho onde prospera, —
De saber tanto não se alçou segundo:
Aqui é, pois, que a explicação te espera.[5]
10 "A Providência, que governa o mundo
Com tão sábio conselho, que torvada
Sente a vista quem quer sondar-lhe o fundo,[6]
11 "Por ser ao seu dileto encaminhada
Casta Esposa daquele, que alto grito,
Desposando-a, soltou na Cruz Sagrada,

12 “Com ânimo mais forte e à fé restrito,
Dois príncipes lhe deu, que em seu desvelo,
O caminho mostrassem-lhe bendito.[7]
13 “Um seráfico foi no ardor do zelo,
Outro ostentou, por seu saber na terra,
De querúbica luz esplendor belo.[8]
14 “De um só te falarei; pois num se encerra
O que de outro aos louvores mais se estende:
Quem der aos dois o mesmo fim não erra.[9]
15 “Entre Tupino e o rio, que descende
Do outeiro que escolhera santo Ubaldo,
Fértil encosta de alto monte pende.[10]
16 “Dali baixa a Perúgia o frio e o caldo
Pela porta do Sol; atrás padece
Em duro jugo Nocera com Gualdo.[11]
17 “Onde o declive menos agro desce
Nasceu ao mundo um Sol tão luminoso,
Como o que ao Gange às vezes esclarece.[12]
18 “Desse lugar quem fale portentoso
Não diga Assis, que pouco declarara:
Chame Oriente o berço glorioso.[13]
19 “Do nascente este Sol pouco distara
Quando o conforto a receber a terra
Já das virtudes suas começara.
20 “Contra seu pai adolescente em guerra
Entrou por dama, a quem, bem como à morte,
Ninguém a porta com prazer descerra.
21 “Então da Igreja a recebeu na corte,
E *coram patre*, por esposa amada
E amor votou-lhe cada vez mais forte.[14]
22 “Vivera ela viúva e desprezada
Séculos onze e mais, e de outro amante,
Senão deste, não fora requestada.[15]

23 “Em vão se disse que no lar, constante,
De Amiclas a encontrou esse guerreiro,
De quem tremera o mundo titubante.[16]
24 “Em vão fiel, de coração inteiro,
Quando Maria ao pé da Cruz ficara,
Com Cristo ela subira-se ao madeiro.[17]
25 “Para fazer minha linguagem clara,
Em suma, o nome sabe dos amantes:
Com Pobreza Francisco se casara.
26 “Dos dois santa união, ledos semblantes,
Seu terno olhar e afeto milagroso
Dão a todos lições edificantes.
27 “Aquela paz anela cobiçoso
Venerável Bernardo que, primeiro,
Descalço corre e crê ser vagaroso.[18]
28 “Riqueza ignota! Ó bem só verdadeiro!
Descalço vai Egídio, vai Silvestre,
Porque a amam, do esposo no carreiro.[19]
29 “Dali se parte aquele pai e mestre
Com terna esposa e com família santa
Que de corda o burel cinge campestre.[20]
30 “Não baixa os olhos, nem se torva e espanta
Por filho ser de Bernardone obscuro,
Nem por sofrer desdém em cópia tanta.[21]
31 “Mas afouto mostrou o intento duro
A Inocêncio, de quem primeiro obteve
Assenso ao regimento austero e puro.[22]
32 “E quando a pobre grei progresso teve,
Após aquele, a cuja heroica vida
Melhor no céu louvor de anjos se deve,[23]
33 “Foi a c’roa segunda concedida
Por Honório, que o Santo Esp’rito alenta,
Daquele arquimandrita à santa lida.[24]

34 “Em breve a sede do martírio o tenta,
E do soldão soberbo na presença
Cristo anuncia e a lei que o representa.[25]
35 “Vendo rebelde o povo à nova crença,
Por não ficar seu zelo sem proveito,
Da Itália volta para a messe extensa.[26]
36 “Na dura penha, que interpõe-se ao leito
Do Tibre e do Arno, o derradeiro selo
Cristo lhe pôs: dois anos dura o efeito.[27]
37 “Quando a Deus, que a bem tanto quis movê-lo,[28]
O prêmio prouve dar-lhe merecido,
Na humildade cristã por seu desvelo,
38 “Essa esposa, que amara estremecido,
Aos irmãos confiou por justa herança,
Para afeto lhe terem sempre fido.
39 “Do seio da pobreza então se lança,
Tornando ao reino seu, a alma preclara:
Nesse jazigo o corpo seu descansa.[29]
40 “Pensa, pois, o que foi quem Deus julgara
Di’no após ele de reger a barca
Pedro que, no alto mar encaminhara.[30]
41 “Coube a tarefa ao nosso patriarca.
Quem, fiel aos preceitos, lhe obedece,
Saber, tesouros arrecada na arca.[31]
42 “Sua grei novos pascigos apetece,
E tanto é dos desejos impelida,
Que em diferentes campos aparece.[32]
43 “Quanto mais cada ovelha é seduzida
Do mundo pelo pérfido atrativo,
Tanto mais ao redil volta inanida.[33]
44 “Poucas, temendo o lance decisivo,
Acolhem-se ao pastor: escasso pano

É já para vesti-las excessivo.[34]
45 “Se claro te falei, livre de engano,
Se tens estado ao que te digo atento,
Se da memória não receias dano,
46 “Ao teu desejo, em parte, dei contento,
Pois da planta bem vês qual seja a rama;
E o corretivo está neste argumento:
Onde prospera só quem mal não trama.”[35]

---

[1] Que falsos raciocínios fazem o homem se voltar para os bens terrenos.

[2] O narrador enumera as vãs ambições do homem, pelas quais ele persegue continuamente interesses terrenos.

“O direito”: tanto o civil como o canônico.

“Aforismos”: estudos de medicina, assim chamados por causa da obra *Aforismos*, de Hipócrates.

“Sacerdócio”: os cargos eclesiásticos em seu aspecto mundano, enquanto fonte de riqueza e de poder.

“Qual reinava, sofisma ou força usando”: quem detém o poder, ou com a força ou com o engano. “Sofisma”: está aqui por engano, por raciocínio artificioso.

“Roubo”: no sentido mais amplo de usurpação, realizada com a usura e outras atividades econômicas.

“Civil negócio”: negócios políticos e administração.

“Salaz deleite”: prazer sensual (“salaz”).

[3] A luz é São Tomás de Aquino.

[4] “Que eu aproprie […] me conveio”: que eu torne totalmente compreensível para a tua mente o que eu disse há pouco.

[5] São Tomás apresenta as duas dúvidas de Dante. A primeira diz respeito ao verso 96 do canto anterior, no qual São Tomás disse, referindo-se à ordem dominicana: “onde prospera só quem mal não trama”. A segunda dúvida diz

respeito ao verso 114 do canto anterior, no qual São Tomás disse, referindo-se a Salomão: “de saber tanto não se alçou segundo”. No presente canto, São Tomás se dedicará a esclarecer a primeira dúvida de Dante.

6 Isto é, a mente não pode penetrar totalmente o conselho da Providência divina. Os desígnios da Providência são insondáveis.

7 “Casta Esposa”: a Igreja, que Cristo desposou morrendo na cruz. O “alto grito” de Cristo se encontra na narração evangélica (Mateus 27, 45-50; Marcos 15, 33-37; Lucas 23, 46).

A providência, para que a Igreja caminhasse para o seu dileto (Cristo), com ânimo forte e fidelidade, deu-lhe dois príncipes como guias.

“Dois príncipes”: São Domingos, para que a Igreja caminhasse “com ânimo mais forte” na doutrina, e São Francisco, para que a Igreja fosse mais fiel a Cristo, assemelhando-se a ele.

8 São Francisco foi ardente na caridade (“zelo”), como um serafim. São Domingos foi radiante de sabedoria, como um querubim. Essa caracterização dos serafins e querubins é feita pelo próprio São Tomás, na *Suma Teológica* (I, q. 63 a. 7).

9 São Tomás falará só de um deles, São Francisco, pois os louvores feitos a um se estendem também ao outro. Ambos os santos, de fato, operaram para um mesmo fim: o bem da Igreja.

10 “Rio que descende / Do outeiro que escolhera Ubaldo”: o rio Chiascio, que desce do monte, perto de Gubbio, escolhido pelo beato Ubaldo Baldassini na sua juventude, como lugar para a vida eremítica. Ubaldo Baldassini foi bispo de Gubbio de 1129 a 1260.

“Fértil encosta de alto monte”: a costa ocidental do monte Subásio, que declina em direção a Perúgia.

Logo, os três versos dizem: entre os rios Topino (“Tupino”) e Chiascio, encontra-se uma costa fértil, no monte Subásio.

11 Dessa costa, a leste de Perúgia, a cidade recebe o frio e o calor (“caldo”), reverberado pelo monte. Na parte leste de Perúgia, existia a Porta Sol, que ficava de frente para a costa do monte Subásio.

“Atrás padece / Em duro jugo Nocera com Gualdo”: do outro lado do monte, oposto a Perúgia, sofrem as cidades de Nocera e Gualdo.

“Em duro jugo”: parece mais natural referir expressão à difícil situação climática das cidades, em consonância com todo o trecho. Por causa do monte Subásio, as cidades enfrentam condições climáticas desfavoráveis (em oposição à “fértil encosta”). Entretanto, há quem veja na expressão também um sentido político, já que as cidades se encontravam sob o domínio de Perúgia.

12 “Um Sol”: São Francisco.

“Como o que ao Gange às vezes esclarece”: segundo a geografia dantesca, o Sol nascia no Ganges (extremo oriente da terra habitada) no equinócio de primavera. São Francisco não é apenas comparado ao Sol, mas é comparado ao Sol no momento da sua máxima virtude sobre a terra.

13 O nome Assis não é adequado para o lugar onde nasceu São Francisco: o lugar, sendo São Francisco o Sol, deveria se chamar Oriente. Esse é o primeiro sentido dos versos. Entretanto, alguns propõem fazer uma leitura etimológica do termo Assis, que no original italiano apresenta a forma “Ascesi”. Segundo essa interpretação, o termo é relacionado ao verbo *ascendere* (“ascender”) e os versos significam: chamar o lugar de “Assis” (no sentido de “ascensão”) não é o suficiente, pois nesse lugar quem ascende é o Sol e, por isso, o termo mais adequado seria “Oriente”.

14 Em 1207, Francisco deu todo o dinheiro obtido na venda de panos e de um cavalo para a restauração da igreja de São Damião. Seu pai, Pietro Bernardone, enfurecido, levou-o à presença do bispo, querendo que o filho renunciasse à herança. Francisco não só renunciou publicamente aos seus bens, mas tirou suas vestes e às entregou ao pai. Isso ocorreu quando Francisco tinha apenas vinte e cinco anos. Por isso, os versos anteriores dizem que “do nascente este Sol pouco distara” quando deu as primeiras mostras de sua virtude. No discurso de São Tomás aqui realizado, a renúncia de Francisco a seus bens é representada como o seu casamento com a pobreza.

“Dama”: a pobreza, a quem (como à morte) ninguém abre a porta esperando prazer. “Então da Igreja a recebeu na corte por esposa amada”: Francisco se casou com a pobreza diante da corte episcopal.

“*Coram patre*”: em presença do pai. Trata-se de expressão jurídica, que pode se referir seja ao pai de Francisco, seja ao bispo, o pai espiritual.

15 Da morte de Cristo até a renúncia de Francisco, ninguém quis a pobreza.

16 “Esse guerreiro, / De quem tremera o mundo titubante”: Júlio César.

“Amiclas”: pobre pescador do Epiro, em cuja cabana entrou César (na época da guerra contra Pompeu), que pediu para ser transportado para a Itália. Narra a *Farsália* (V, 515-531) que Amiclas, em sua pobreza, não tinha medo de deixar aberta a sua cabana, não obstante os saques realizados pelos soldados, e que ele não se amedrontou nem mesmo ao ver entrar César. Os versos dizem, portanto: por muitos séculos, ninguém quis a pobreza, e em vão se narra que César a encontrou segura (“constante”), livre de qualquer temor, com Amiclas.

[17] Ninguém quis a pobreza e em vão ela se mostrou tão fiel ao seu antigo marido a ponto de sofrer com ele na cruz.

[18] Bernardo: Bernardo di Quintavalle, de uma família nobre de Assis, nasceu por volta do ano de 1170. Foi um dos primeiros seguidores de São Francisco. Fundou em Bolonha o primeiro convento franciscano, em 1211.

“Corre e crê ser vagaroso”: tamanho era o seu desejo que, mesmo correndo, tinha a impressão de ser vagaroso.

[19] “Riqueza ignota”: os homens, preocupados só com os bens terrenos, onde procuram a felicidade, não conhecem a verdadeira riqueza de Francisco, a riqueza espiritual.

Egídio: nasceu em Assis, em 1190, e, muito jovem, juntou-se a São Francisco, tendo sido um dos seus primeiros seguidores. Morreu em Perúgia, em 1262.

Silvestre: padre de Assis que, depois de um sonho, decidiu deixar tudo e seguir São Francisco.

[20] “Se parte”: a Roma, em 1209 ou 1210, para falar com o papa.

“Que de corda o burel cinge campestre”: esse primeiro grupo já cingia as humildes vestes com o cordão franciscano.

[21] Na presença do papa, Francisco não baixou os olhos por ser filho de um desconhecido mercador ou por seu aspecto tão humilde a ponto de provocar o desdém. Bernardone: o pai de Francisco era um mercador de Assis. Narra-se que Francisco, por humildade, denominava-se “filho de Pietro Bernardone” (Tommaso da Celano, *Vita prima* 53; Boaventura, *Legenda maior,* VI, 2).

[22] “Afouto”: com firmeza (o original diz “regiamente”).

“Intento duro”: a sua regra, difícil de ser seguida, tamanha a sua rigidez (tratava-se, de fato, de uma renúncia total aos bens do mundo).

“Inocêncio”: Inocêncio III, que deu a primeira aprovação à regra e à ordem religiosa de São Francisco. Entretanto, essa aprovação foi apenas oral, sendo depois confirmada pela bula pontifícia de Honório III.

[23] “Progresso teve”: quando cresceu o número de seguidores de São Francisco. Muitos textos da época falam da rápida difusão da ordem franciscana.

“A cuja heroica vida / Melhor no céu louvor de anjos se deve”: versos cuja interpretação, no original, é incerta. A tradução parece apontar para uma das interpretações possíveis: São Tomás diz que a vida de São Francisco não deveria ser louvada por ele, mas sim pelos anjos do céu.

Há, contudo, outras interpretações: a vida de São Francisco não deveria ser louvada pelos frades corruptos da terra, mas pelos anjos do céu; a vida de São Francisco deveria ser cantada não em louvor do santo, mas de Deus. São Tomás está narrando a vida de São Francisco para censurar a corrupção das ordens religiosas do tempo. Por isso, há quem interprete os versos do seguinte modo: a vida de São Francisco deveria ser cantada como um hino de glória a Deus, não como um meio para realizar uma admonição.

[24] Em 1223, o papa Honório III, após a aprovação oral de Inocêncio III, constituiu, com uma bula papal, a nova ordem, dando-lhe uma aprovação oficial.

“Que o Santo Esp’rito alenta”: o Espírito Santo aprovou a ordem através do papa.

“Arquimandrita”: “pastor”, termo de origem grega também empregado para designar os superiores dos mosteiros. O termo também se encontra no original.

[25] Em 1219, São Francisco e alguns de seus seguidores foram à Terra Santa, para tentar converter ao cristianismo os muçulmanos.

“A sede do martírio o tenta”: São Francisco foi à Terra Santa por desejar sacrificar a própria vida em nome da fé.

“Do soldão soberbo na presença”: Francisco se tornou prisioneiro e foi levado à presença do Sultão, o qual ele tentou converter. Segundo as fontes, o Sultão ouviu Francisco com respeito, embora tenha se fechado para a mensagem de sua pregação. Por isso, muitos comentadores entendem “soberbo” em relação à sua autoridade e ao grande luxo em que vivia. Entretanto, as próprias fontes falam que Francisco foi capturado e tratado com hostilidade pelos soldados, até ser ouvido pelo Sultão: com isso, “soberbo” indicaria a hostilidade da situação em que Francisco se encontrou. Dante também pode ter simplesmente recriado a

cena.

[26] Voltou à Itália, onde sabia que a sua obra podia gerar frutos melhores.

[27] “Dura penha”: o monte Alverne, entre o vale do Tibre e o vale do Arno superior.

“O derradeiro selo”: as cinco chagas de Cristo, produzidas nos seus pés e nas suas mãos pelos pregos da cruz e o no seu tórax pela lança. O milagre das chagas em São Francisco aconteceu em 1224, e elas permaneceram no seu corpo até a sua morte, em 1226. As chagas são chamadas de “selo” (assim como no original), como última aprovação da obra de São Francisco, dada pelo próprio Cristo.

[28] Que o destinou a fazer tanto bem no mundo.

[29] Francisco, quando estava para morrer, pediu para ser colocado nu sobre a terra. Por isso, o texto diz que ele morreu no seio da pobreza. Francisco morreu no dia 4 de outubro de 1226.

[30] Terminada a narração da vida de São Francisco, São Tomás conduz o seu discurso para a resposta à dúvida de Dante. Ele diz: “agora podes compreender o tamanho da santidade daquele que Deus escolheu para guiar a Igreja (a barca de Pedro) junto com São Francisco”. São Tomás se refere a São Domingos, fundador da sua ordem, à qual se refere a dúvida de Dante.

[31] Nosso patriarca: São Domingos.

“Quem, fiel […] na arca”: quem segue os preceitos de São Domingos se enriquece de méritos.

[32] Entretanto, a grei de São Domingos, em vez de seguir os seus preceitos, deseja novos pascigos, dispersando-se. Os “novos pascigos” podem ser entendidos como os bens terrenos de modo geral ou como os estudos profanos, em sentido específico.

[33] “Volta inanida”: volta sem os bens espirituais.

[34] Há algumas ovelhas que, temendo o dano, ficam perto do pastor; entretanto, essas ovelhas são muito poucas.

[35] “Ao teu desejo, em parte, dei contento”: “em parte” porque São Tomás só respondeu à primeira pergunta de Dante.

“Pois da planta bem vês qual seja a rama”: Dante entendeu como são os frades

(“rama”) da ordem (“planta”).

Com a explicação, Dante pôde entender a correção “só quem mal não trama” que São Tomás acrescentou à proposição “Onde prospera”: os frades da ordem dominicana prosperam (em bens espirituais), se não seguem os bens mundanos, desviando-se dos preceitos da ordem. Os dois últimos versos do canto são interpretados de diferentes modos e a interpretação acima apresentada é a mais frequentemente defendida pelos comentadores atuais. Entretanto, a tradução de Xavier Pinheiro aponta para outra interpretação (também defendida por alguns estudiosos): as palavras de São Tomás na frase “Onde prospera só quem mal não trama” seriam uma espécie de corretivo, de admoestação, para os frades dominicanos, como Dante pôde perceber com o seu discurso.

CANTO XII

S. Boaventura faz o elogio de S. Domingos e menciona outros espíritos que estão no céu do Sol.

Quarto céu: Sol, espíritos sapientes. Vai ao encontro de Dante uma nova coroa de beatos, que circunda a primeira. Apresenta-se a Dante a alma de São Boaventura, que faz o elogio de São Domingos e conta fatos de sua vida. São Boaventura lamenta a decadência da ordem franciscana e apresenta as almas da segunda coroa.

1 Quando o lume bendito proferira
Do discurso a palavra derradeira,
A coreia girou, como eu já a vira.
2 Ainda uma volta não fizera inteira,
Logo outra turma em círculo a encerrava,
Em voz acordes ambas e em carreira.[1]
3 Essa harmonia tanto superava
Das Musas e sereias a cadência,
Quanto ao reflexo a luz que rutilava.[2]
4 Como arcos dois das nuvens na aparência
Curvam-se iguais na cor e equidistantes,
Se de Íris Juno exige diligência,[3]
5 Nascendo um do outro, em forma semelhantes,
Qual voz da que de amor foi consumida,
Como do Sol as névoas alvejantes,[4]
6 E crer fazendo que há de ser mantida
A promessa, a Noé por Deus firmada,
De não ser mais a terra submergida,[5]
7 Assim de nós em torno ia agitada
Cada grinalda das perpétuas rosas,
Uma com outra em tudo conformada.
8 Tanto que a dança e festa jubilosas,
Por cantos e esplendores flamejantes
Dessas luzes suaves e amorosas,
9 Quedar eu vi nas rotações brilhantes,
Quais olhos, juntamente ao nosso grado,
Se abrindo e se fechando vigilantes,[6]
10 De um dos novos clarões voz, que enlevado
Volver-me para si fez de repente,
Qual à estrela polar ímã voltado,[7]
11 — “Amor,” — diz — “que me dá a beleza ingente,
Me induz a te falar do Mestre Santo,
Que ao meu foi de louvor causa eminente.[8]

12 “Um se memore onde outro brilha tanto:
Sob a mesma bandeira hão militado;
Brilha a glória dos dois também no canto.
13 “De Cristo, a tanto custo restaurado,
O exército o estandarte seu seguia,
já raro, lento, de temor tomado,[9]
14 “Quando à milícia, que o valor perdia,
O Eterno Imperador deu provimento,
Só por Graça: esse bem não merecia;
15 “E da Esposa enviou por salvamento
Dois campeões, de cuja voz movida,
A transviada gente cobra o alento.[10]
16 “Na terra em que, ao seu hábito, convida
O Zéfiro a se abrirem novas flores,
De que se vê a Europa revestida,[11]
17 “Em plaga, onde se embate em seus furores
O mar, em que, o seu curso terminado,
O Sol esconde às vezes seus ardores,[12]
18 “Jaz Calaroga em solo afortunado,
Que o poderoso escudo protegera,
No qual leão subjuga e é subjugado.[13]
19 “Ali o atleta heroico à luz viera,
Da fé cristã esse indefesso amante,
Que, aos seus benino, aos maus guerra fizera.[14]
20 “Foi virtude em sua alma tão possante,
Que, ainda estando no materno seio,
Do porvir fez a mãe vaticinante.[15]
21 “Quando a firmar-se o desposório veio
Entre ele e a Fé, na fonte consagrada,
De mútua salvação seguro meio,[16]
22 “De dar por ele o assenso a encarregada
A messe viu em sonhos milagrosa,
Que dele e herdeiros seus era esperada.[17]

23 “Do seu destino em prova portentosa,
Anjo baixou a fim só de chamá-lo
Do Senhor de quem era a alma piedosa.[18]
24 “Domínico foi dito e eu dele falo,
Como o operário, que elegera Cristo,
Da vinha no lavor para ajudá-lo.[19]
25 “Servo e enviado mostrou ser de Cristo,
Porquanto o amor primeiro, que há mostrado,
Foi à primeira lei que nos deu Cristo.[20]
26 “Muitas vezes a mãe o achou prostrado
Em profundo silêncio e bem desperto,
Como a dizer: — A isto eu fui mandado.[21]
27 “Oh! foi seu genitor Feliz por certo!
Oh! sua mãe realmente foi Joana,
Se há no sentido que lhe dão acerto![22]
28 “Não pelo amor do mundo, que se engana,
Do Ostiense e Tadeu nos livros lendo,
Mas de Jesus pelo maná se afana,
29 “Sapiente doutor em breve sendo,
Da santa vinha guarda vigilante,
Que presto seca, pouco zelo havendo.[23]
30 “De Roma à sede quando foi perante,
Que aos justos era compassiva outrora,
Hoje, por culpa do que a rege, errante,
31 “Onzenárias dispensas não lhe implora,
Nem primeira prebenda que vagasse,
Nem dízimas, que são do pobre, exora.[24]
32 “Mas contra o mundo, que no mal compraz-se,
Pede o favor de defender a planta,
Da qual tens flores vinte e quatro em face.[25]
33 “Com seu querer e com doutrina santa,
Como a torrente, que da altura desce,
De apóstolo por zelo o mundo espanta.[26]

34 “Dos hereges se arroja à infanda messe,
E onde a resistência mais porfia,
Das forças suas o ímpeto recresce.[27]
35 “Dele brotaram rios que hoje em dia
Têm o jardim católico regado
E aos seus arbustos dão viço e valia.[28]
36 “Se tal foi uma roda do afamado
Carro, em que defendeu-se a Santa Igreja,
E a civil guerra em campo há superado,[29]
37 “Da outra o alto mérito qual seja
já te disse Tomás, eu estando ausente:
Dele nas vozes seu louvor lampeja.[30]
38 “Porém daquela roda o sulco ingente
Ficou em desamparo tal, que o lodo
Onde era a flor, domina tristemente.[31]
39 “Vê-se a família sua por tal modo
Da vereda de outrora transviada,
Que lhe esquece as pegadas já de todo.[32]
40 “Logo a cultura má será provada
Na seara, cizânia sendo ao vento,
Em vez de ir ao celeiro, arremessada.[33]
41 “Quem nosso livro folheasse atento
Veria, creio, página em que lesse:
— Sou, como sempre, de impureza isento.
42 “Em Casal e Água-Sparta tal não vê-se:
Lá de tal jeito entende-se a escritura,
Que um tíbio a foge, outro excessivo a empece.[34]
43 “De Bagnoregio eu sou Boaventura,
Que, exercendo altos cargos, repelia
Dos interesses temporais a cura.[35]
44 “Vê, dos irmãos descalços primazia,
Iluminato, de Agostinho ao lado:

Cada qual no burel por Deus ardia.[36]
45 “Hugo vê de São Vítor premiado
Com Pedro Mangiadore e Pedro Hispano,
Pelos seus doze livros celebrado.[37]
46 “Natã Profeta e o metropolitano
João Crisóstomo, Anselmo e o afamado
Donato, na primeira arte sob’rano.[38]
47 “Vê Rábano, a brilhar vê ao meu lado
O calabrês abade Giovacchino
De espírito profético dotado.[39]
48 “Aos louvores do excelso paladino
Moveu-me a caridosa cortesia,
O dizer sábio de Tomás de Aquino,
E comigo a esta santa companhia.”[40]

---

[1] Ambos os círculos eram concordes no canto e no movimento.

[2] Musas: a poesia.

Sereias: a música.

As Musas e as sereias indicam o máximo da harmonia e da doçura que o homem pode imaginar.

“Quanto ao reflexo a luz que rutilava”: quanto o raio de luz direto supera o raio de luz refletido.

[3] O poeta compara as duas coroas paralelas ao fenômeno do arco-íris duplo.

“Equidistantes”: paralelos.

“Se de Íris Juno exige diligência”: Íris era a mensageira da deusa Juno e, quando ela descia à terra para cumprir uma ordem de Juno, o arco-íris deixava no céu o sinal da sua passagem. Íris é recordada em “Purgatório”, XXI, 49-51.

[4] “Nascendo um do outro”: acreditava-se que o arco-íris externo fosse um reflexo do interno.

“A que de amor foi consumida”: a ninfa Eco, apaixonada por Narciso, mas não correspondida, consumiu-se até se reduzir a ossos e voz. Os ossos foram transformados em pedra, restando apenas a voz, que erra pelo ar. Isso é narrado em *Metamorfoses,* III, 339-510.

“Como do Sol as névoas alvejantes”: subentende-se “são consumidas”. Eco foi consumida pelo amor como as névoas alvejantes são consumidas pelo Sol. Note-se a profusão de comparações dentro da comparação principal.

[5] Após o dilúvio, Deus prometeu a Noé que não mandaria mais dilúvios para devastar o mundo. A garantia da promessa foi o arco-íris, símbolo da aliança entre Deus e o homem (Gênesis, 9, 11-17).

[6] Os dois círculos pararam no mesmo momento, segundo uma mesma vontade, como os olhos abrem e fecham segundo uma mesma vontade.

[7] “Um dos novos clarões”: uma das almas que estavam no segundo círculo.

“Qual à estrela polar ímã voltado”: como a agulha da bússola se volta para a estrela polar.

[8] “Mestre Santo”: São Domingos.

“Ao meu”: São Francisco.

A alma que aqui fala é São Boaventura, da ordem dos franciscanos. No canto anterior, São Tomás, dominicano, fez um elogio de São Francisco, como modo de louvar também o fundador de sua própria ordem. Do mesmo modo, agora São Boaventura, franciscano, fará um elogio de São Domingos. Nos vv. 40-42 do canto anterior, São Tomás afirmou que os elogios feitos a um dos santos se estendem também ao outro.

[9] “O exército”: a cristandade, a quem Cristo deu as armas necessárias com a sua própria morte (“a tanto custo restaurado”). As armas são aquelas necessárias para a salvação, perdidas com o pecado de Adão e reconquistadas com o sacrifício de Cristo. Trata-se da graça divina.

“Estandarte”: a cruz de Cristo.

“Raro”: pois poucos seguiam a verdadeira doutrina de Cristo.

“Lento”: com pouca dedicação.

“De temor tomado”: imerso em dúvidas, por causa das tantas seitas heréticas que surgiam.

[10] “Esposa”: a Igreja.

“Dois campeões”: São Francisco e São Domingos.

[11] “No lugar onde surge o Zéfiro que, na primavera, convida as novas flores a se abrirem, das quais se reveste toda a Europa”. Os versos indicam a parte ocidental da Europa, a península Ibérica. O Zéfiro é o vento que sopra do ocidente, considerado pelos poetas clássicos como o vento que levava consigo a primavera (*Metamorfoses*, I, 63-64; 107-108).

[12] “Em plaga”: na costa atlântica.

“Em que, o seu curso terminado, / O Sol esconde às vezes seus ardores”: o Sol se põe atrás das ondas do Atlântico no solstício de verão.

[13] Calaroga: Calaruega, que fica a trezentos quilômetros da costa.

“Escudo, no qual leão subjuga e é subjugado”: o brasão do rei de Castela, dividido em quatro partes, nas quais se alternam um leão e uma torre. Desse modo, de um lado do brasão o leão está sobre a torre (“subjuga”); do outro lado, está sob a torre (“é subjugado”).

[14] Domingos é apresentado como devoto amante da fé cristã e heroico combatente (“atleta”) contra as heresias.

“À luz viera”: em 1170.

[15] Segundo a lenda, a mãe de Domingos, grávida, sonhou que daria à luz um cachorro branco e preto (cores do hábito dominicano), que levava uma tocha na boca e incendiava o mundo (símbolo da ardente dedicação do santo para converter os corações).

[16] O casamento de Domingos com a fé ocorreu no seu batizado.

“De mútua salvação seguro meio”: a Fé eu a Domingos a salvação eterna; Domingos deu à Fé a salvação contra as heresias.

[17] “A encarregada de dar por ele o assenso”: a madrinha, que no batismo responde pelo batizando.

A madrinha sonhou que a criança tinha na testa uma estrela, que iluminava o mundo (símbolo da missão de Domingos de guiar os homens à salvação).

[18] Desceu do céu uma inspiração divina para que chamassem a criança com o termo possessivo daquele (o Senhor), ao qual a criança pertencia. O nome latino

Dominicus é o adjetivo possessivo de *Dominus*, “Senhor”, e significa “do senhor”, “pertencente ao senhor”. A ideia de que o nome veio como inspiração divina se encontra em diversos momentos das Escrituras. Já a ideia de que o nome carrega significado era muito cara à Idade Média, estando presente em outros momentos da obra de Dante.

[19] “A vinha”: a Igreja.

[20] “A primeira lei”: a pobreza, à qual Jesus exorta os homens. É, por exemplo, o que ele diz ao jovem rico, quando este pergunta o que fazer para alcançar a vida eterna (Mateus, 19, 16-22).

Note-se que no trecho o termo “Cristo” rima consigo mesmo. Xavier Pinheiro reproduz o que se encontra no original: na *Divina Comédia*, Dante, contrariando as normas retóricas (que censuravam a rima de uma palavra consigo mesma), rima o nome Cristo sempre consigo mesmo. O nome Cristo aparece em rima só no “Paraíso”.

[21] Narra-se que muitas vezes viram Domingos sair da sua cama e ficar no chão.

“Mãe”: o texto original diz “nutriz”.

“Como a dizer: — A isto eu fui mandado”: os gestos do menino pareciam dizer “Eu vim para viver desse modo, em humildade e pobreza”.

[22] São Boaventura agora fala do significado do nome dos pais de Domingos. Seu pai se chamava Félix, que significa “feliz”.

“Joana”: segundo os léxicos medievais, o nome hebraico Joana significa “graça de Deus”.

[23] Domingos estudou se tornou grande doutor não por desejar alcançar o sucesso no mundo, mas por amor à sabedoria celeste, que é o verdadeiro alimento (“maná”). Ostiense: Enrico di Susa, cardeal e bispo de Óstia, professor de direito canônico, assunto sobre o qual escreveu obras importantes.

Tadeu: segundo alguns, trata-se de Taddeo d’Alderotto (1215-1295), médico florentino, cujas obras sobre medicina eram estudadas nas universidades. Segundo outros, trata-se de Taddeo Pepoli, estudioso de direito canônico, contemporâneo de Dante. Como quer que se identifique o personagem, a frase “do Ostiense e Tadeu nos livros lendo” opõe Domingos àqueles que estudam com interesses puramente mundanos (sucesso, riquezas, poder, honra).

“A santa vinha que presto seca, pouco zelo havendo”: a Igreja, vinha que seca, se

não se dedicam a cultivá-la bem. A vinha é imagem frequente nas Escrituras (Isaías, 5, 1-4; Jeremias, 2, 21; Mateus, 20, 1-16).

[24] “Onzenárias dispensas não lhe implora”: não pede a dispensa para distribuir apenas uma parte dos rendimentos eclesiásticos. Por isso as dispensas são chamadas “usurárias” (“onzenário”).

“Nem a primeira prebenda que vagasse”: nem a concessão do primeiro benefício eclesiástico que ficasse vago.

“Nem dízimas, que são do pobre”: nem o poder de usar o dízimo, destinado aos pobres.

[25] “Planta, / Da qual tens flores vinte e quatro em face”: a fé, que é a planta cujas flores são os beatos. São Domingos pediu ao papa a autorização para pregar (pois só os bispos podiam pregar), de modo a combater a heresia (“o mundo que no mal compraz-se”). Em 1205, o papa Inocêncio III deu a São Domingos a autorização para pregar contra os albigenses na Provença.

[26] “Como a torrente, que da altura desce”: pode significar “com o ímpeto de uma torrente cuja nascente está em um lugar alto” ou “com o ímpeto de uma torrente cuja nascente está em um lugar profundo no solo (fazendo com que a torrente saia com forte pressão)”.

[27] Alusão à pregação de Domingos contra os albigenses, na cruzada promovida por Inocêncio III, na qual tomou parte Folquet de Marselha. Domingos combateu a heresia só com as palavras (com a sua doutrina e com o seu ardente zelo). Como dizem as fontes, Domingos não pegou em armas e, durante a batalha de Muret (1213), ele ficou na igreja rezando.

[28] “Rios”: podem ser os seguidores de São Domingos, os vários mosteiros dominicanos ou as três ordens dominicanas (Pregadores, Dominicanas e Terceira Ordem).

[29] “Civil” porque os hereges eram cristãos.

[30] “Da outra”: a outra roda do carro, São Francisco. O “carro” é imaginado como a biga romana, carro com duas rodas.

[31] Sobreposição de imagens, como também no texto original. A ordem franciscana se desviou do caminho traçado por São Francisco, de tal modo que agora há decadência de corrupção (“lodo”) onde antes havia princípios santos (“a flor”).

[32] No original, São Boaventura diz que a “família” caminha na direção contrária àquela de São Francisco.

[33] Clara alusão à parábola evangélica do joio e do trigo (Mateus, 13, 24-30), a não ser pelo fato de que na parábola o joio será queimado. Muito se discutiu a respeito desses versos, mas a leitura que parece mais plausível é aquela que interpreta o joio como todos os frades corruptos e o celeiro como o Paraíso. Os efeitos da má cultura serão vistos quando os frades que se afastaram dos preceitos de São Francisco não serão acolhidos no Paraíso. O termo “logo” pode indicar um tempo indeterminado (aquele do Juízo Final), como é próprio de textos proféticos.

[34] Os franciscanos fiéis ao seu fundador não se encontram nem em Casale nem em Acquasparta. Alusão a dois importantes personagens: Ubertino da Casale e Matteo d’Acquasparta, que representam aqui os dois modos opostos de entender e de trair os preceitos franciscanos. Trata-se do conflito entre os Conventuais e os Espirituais, que perturbava a ordem na época. Os Espirituais, chefiados por Casale, tornavam ainda mais restrita a regra franciscana; os Conventuais, representados aqui por Acquasparta, abrandavam os preceitos da regra, afastando-se. O abrandamento dos Conventuais dizia respeito sobretudo ao preceito da pobreza.

Ubertino da Casale: nasceu em 1259. Foi franciscano, ensinou teologia e defendeu os Espirituais em suas posições mais extremistas. Tomou uma posição polêmica também contra a Igreja, sobretudo contra Celestino V e Bonifácio VIII. Em 1317, o papa João XXII condenou os Espirituais como cismáticos, o que fez com que Ubertino entrasse na ordem dos beneditinos. Em 1325, Ubertino fugiu, tendo sido acusado de heresia, e, depois dessa data, não há mais notícias sobre ele. É possível notar muitos pontos em comum entre as suas ideias e aquelas de Dante, mas não o espírito de extremismo e rebelião que se encontram em Ubertino.

Matteo d’Acquasparta (1240-1302): teólogo e filósofo; franciscano, tornou-se ministro geral da ordem em 1287. Em 1288 tornou-se cardeal e, depois, ministro de Bonifácio VIII, ajudando-o em sua política. Foi enviado a Florença em 1300 para tratar a paz entre brancos e negros, mas, na verdade, favoreceu os negros e provocou o exílio dos brancos.

[35] Boaventura: Giovanni Fidanza, nascido em Bagnoregio, em 1221. Ensinou teologia e foi amigo de são Tomás. Entrou para a ordem franciscana em 1238 ou

1243, tornando-se o ministro geral da ordem em 1257 e, diante do conflito entre as duas correntes, tentou criar um equilíbrio, seguindo os preceitos da ordem, mas sem extremismos. Foi arcebispo e tornou-se cardeal em 1273. Morreu em Lyon em 1274. Foi o principal representante da corrente mística da ordem franciscana. Escreveu muitas obras e sintetizou a mística católica, unindo mística e filosofia. Sua principal obra mística é *Itinerarium mentis in Deum*. São Boaventura escreveu duas biografias de São Francisco, seguidas por Dante na composição do canto anterior.

[36] São Boaventura começa a mostrar para Dante as almas da segunda coroa. Os primeiros espíritos nomeados são dois franciscanos (“irmãos descalços”, “no burel por Deus ardia”).

Iluminato e Agostinho: Illuminato da Rieti e Agostino di Assisi, dois dos primeiros seguidores de São Francisco. Agostinho morreu, segundo a lenda, no mesmo dia em que morreu São Francisco. Iluminato acompanhou o santo em sua viagem ao Oriente.

[37] Hugo de São Vítor: autor místico, nasceu em Yprès por volta do ano de 1097, ensinou em Paris, foi abade de São Vítor e morreu em 1141. Hugo de São Vítor e seu discípulo Ricardo (“Paraíso”, X, 130-132) foram os principais representantes da corrente mística agostiniana no século XII. Entre as obras de Hugo, estão o *Didascalicon*, o *De sacramentis christianae fidei*, o *De arrha animae* e o *De quinque septenis*.

Pedro Mangiadore: Petrus Comestor, nascido no início do século XII, em Troyes, de cuja catedral foi decano. Ensinou teologia e se retirou para uma vida de orações no mosteiro de São Vítor, onde morreu entre 1179 e 1185. Sistematizou a doutrina teológica. Sua obra mais importante foi a *Historia scholastica*. O nome “Comestor” (que, como *mangiadore*, significa “devorador”) deriva provavelmente do fato de ele ter sido considerado “devorador de livros”.

Pedro Hispano: nascido em Lisboa (por isso “Hispano”) em 1226, eleito papa em 1276, com o nome de João XXI, morreu em 1277. Escreveu obras de teologia e de medicina, das quais a mais famosa foi *Summulae logicales*, manual de lógica em doze livros.

[38] Natã: profeta que condenou o adultério de Davi com Betsabeia. Natã consagrou o filho de Davi, Salomão (2 Samuel 12, 1-15; 1 Reis 1, 10-45).

João Crisóstomo: São João, chamado Crisóstomo (“Boca de ouro”) por causa de

sua eloquência. Nasceu em Antioquia, foi patriarca metropolitano de Constantinopla em 398, um dos maiores pais gregos do século IV. Morreu em exílio, em 407, por ter denunciado a corrupção da corte de Arcádio.

Anselmo: nasceu em Aosta, em 1033, foi beneditino e arcebispo de Canterbury em 1093. Morreu em 1109. Foi um filósofo e teólogo muito importante, escreveu muitas obras, como o tratado *Cur Deus homo?*, sobre a encarnação.

Donato: Élio Donato, viveu no IV século. Dedicou-se ao estudo da gramática (a "primeira arte" das Artes Liberais) e foi mestre de São Jerônimo. Seu manual *Ars Gramatica* era muito famoso.

[39] Rábano: Rábano Mauro, nascido em 776, foi beneditino e arcebispo de Magúncia. Morreu em 856. Foi autor de obras teológicas e exegéticas.

Giovacchino: Joaquim de Fiore (Gioacchino da Fiore, 1130-1202). Foi monge cisterciense, mas depois fundou uma nova ordem (aprovada por Celestino III em 1196), cujo centro era a abadia de Fiore. Escreveu diversas obras de exegese bíblica. Entre elas era muito famoso o comentário ao Apocalipse, *Expositio in Apocalipsim,* no qual apresenta uma visão profética da história do mundo e da cristandade, prevendo uma renovação da Igreja. Suas previsões e profecias tiveram grande difusão na Idade Média. Algumas de suas ideias foram condenadas pela Igreja. São Boaventura se opôs aos joaquimitas. Logo, Dante faz aqui o mesmo que fizera em relação a São Tomás e Siger de Brabante.

[40] "Excelso paladino": São Domingos, combatente pela fé, como os paladinos de Carlos Magno.

"Moveu-me a caridosa […] santa companhia": as palavras de São Tomás a respeito de São Francisco moveram São Boaventura (acompanhado pela segunda coroa) a ir ao encontro de Dante, para louvar São Domingos.

CANTO XIII

S. Tomás de Aquino resolve a segunda dúvida que ocasionara a sua narração.

Quarto céu: Sol, espíritos sapientes. O narrador descreve as guirlandas dos espíritos. São Tomás de Aquino retoma a palavra e esclarece a segunda pergunta de Dante, a respeito de Salomão. Em seguida, São Tomás adverte contra os rápidos julgamentos formulados pelos homens.

1 O que hei visto e refiro quem deseja
Entender imagine (e bem ’sculpida,
Como em rocha, na mente a imagem seja),
2 Quinze estrelas,[1] que luz tanta espargida
Têm por celestes regiões diferentes,
Que é do ar a espessura esclarecida,
3 Da carroça imagine as refulgentes
Rodas, sempre girando, noite e dia,
Pelos espaços do céu nosso ingentes;[2]
4 Da trompa a boca mostre a fantasia,
Que lá no extremo do axe, ao qual a esfera
Primeira contorneia, principia.[3]
5 Se em signos dois tais astros considera,
Iguais à c’roa que no céu fulgura,
Dês que Ariadne à morte se rendera;[4]
6 E, os raios misturando da luz pura,
Para os lados contrários se movendo
Aqueles círc’los dois na etérea altura:[5]
7 Imagine, mas quase a sombra tendo
Dos veros astros, dessa dupla dança,
Que em torno a nós estava se volvendo.
8 Que a verdade essa imagem tanto alcança,
Quanto o Chiana a rapidez imita
Do céu, que a todos os mais céus se avança.[6]
9 Nem Pean cantam, nem de Baco a grita;
Mas três Pessoas com divina essência
E numa o humano ser, que a Deus se adita.[7]
10 Os hinos tendo e a dança intermitência,
Em nós os santos lumes se fitaram;
Compraz-lhes dos cuidados a sequência.[8]
11 O silêncio que os coros dois formaram
As vozes rompem, que a espantosa vida
Do mendigo de Deus me recontaram.[9]

12 — “Quando a palha é do trigo dividida,
Quando a colheita fica enceleirada,
A bater outra doce Amor convida.[10]
13 “Crês que ao peito onde a costa foi tirada
Para a boca gentil formar (motivo
Da pena ao mundo inteiro fulminada),
14 “E ao que da aguda lança o golpe esquivo
Padeceu e a balança, em morte e vida,
Da culpa alçou, com peso decisivo,
15 “Quanta ciência aos homens permitida
Ser poderia, pela mão divina,
Que um e outro criou, fora infundida.[11]
16 “Tua mente, pois, a dúvidas se inclina
Me ouvindo que em ciência sem segundo
Subira quem a luz quinta domina.[12]
17 “Olhos abre à razão, em que me fundo:
Com teu crer confundida tens de vê-la
Na verdade, qual centro num rotundo.[13]
18 “O que não morre, o que por morte gela
É só esplendor da Ideia, que, nascendo
Do Senhor nosso, o seu Amor revela;[14]
19 “Porquanto essa luz viva, procedendo
Do foco seu, do qual se não desune,
Nem do Amor, que o terceiro fica sendo,[15]
20 “Só por Bondade sua, o fulgor une,
Como em ’spelho, em céus nove, e, o concentrando,
Tem a unidade eternamente imune.[16]
21 “Às últimas potências se abaixando,
Já de ato em ato enfraquecida fica,
As breves contingências vai formando.[17]
22 “*Contingências* palavra é que te indica
Essas coisas que o céu, no movimento,
Com semente ou sem ela multiplica.[18]

23 “Não mostra arte ou substância um só intento
E modo, mais ou menos transluzindo
O selo do Supremo Entendimento.[19]
24 “Vê-se, pois, a mesma árv’re produzindo,
Segundo a espécie, ou bons ou ruins frutos;
E a vós à luz com várias manhas vindo.[20]
25 “Brilhava o selo inteiro nos produtos,
Se a cera em ponto apropriado fora,
E os influxos do céu nunca interruptos.[21]
26 “Porém natura as impressões desdoura,
Procedendo, assim como faz o artista:
Treme-lhe a mão que é da arte sabedora.[22]
27 “E, pois, se ardente amor a clara vista
Da virtude primeira imprime e adapta,
A perfeição aqui toda se aquista.[23]
28 “Assim a argila foi condigna e apta
A toda a perfeição da criatura,
E concebeu a Virgem pura, intacta.[24]
29 “Segues, portanto, opinião segura:
Como nos dois jamais tão alta há sido,
Nem jamais há de ser vossa natura.
30 “Se eu porventura houvesse concluído,
Com razão me tiveras perguntado:
— Como disseste ‘igual não tem[25] subido?’
31 “Da verdade por seres informado,
No que era pensa e à sua escolha atende,
Quando — *Pede* — por Deus foi-lhe ordenado.[26]
32 “Claro falei, tua mente bem compreende
Que foi rei quem pediu sabedoria
Para fazer o que o bom rei pretende.
33 “Não quis saber qual número seria
Dos motores ao céu, nem se *necesse*
Com contingente um seu igual faria.

34 *“Non si est dare primum motum esse*
Ou se um triâng’lo sem ter âng’lo reto
Traçar em semicírc’lo se pudesse.[27]
35 “E, pois, o dizer meu que ora completo,
Quando falava na sem par ciência,
À prudência real ia direto.
36 “Dando ao — Subiu — devida inteligência,
Hás de ver que somente aos reis se aplica,
Muitos na soma, poucos na excelência.[28]
37 “E feita a distinção que exposta fica,
Meu dizer à tua fé no pai primeiro
E em nosso Redentor não contraindica.[29]
38 “Prende assim chumbo ao pé sempre; ligeiro
Não vás, imita o caminhante lasso;
Ao não ao sim não corre[30] aventureiro.
39 “Mostra ser dos estultos o mais crasso
Quem afirma, quem nega leviano
Sem distinção ou num ou noutro passo.[31]
40 “Daí vem muitas vezes por seu dano,
Que o juízo do vulgo se transvia
E o entendimento enleia afeto insano.[32]
41 “Mais do que em vão do porto se desvia:
Incólume não volta da jornada
Quem pós verdade da arte não se guia.[33]
42 “A prova dão, por fatos confirmada,
Parmênides, Melisso, Brisso e quantos
Partiram sem saber o rumo e a estrada.[34]
43 “Assim Ário fez, Sabélio e tantos,
Que, como espadas, deram na Escritura,
Mutilando o sentido aos textos santos.[35]
44 “Quem no julgar as coisas se apressura[36]
Imita aquele que estimasse o trigo,

Quando a seara ainda não ’stá madura:
45 “No inverno hei visto espinho dar castigo
Ao que imprudente as ramas lhe tocara;
Rosas depois oferecia amigo.
46 “E nau vi, que segura navegara,
Em viagem feliz, o salso argento,
Soçobrar, quando o porto já tomara.
47 “De Deus antecipar-se ao julgamento
Não queiram Dona Berta e Dom Martinho:
Se um rouba e é outro às oblações atento,
Pode erguer-se um, cair outro em caminho.”[37]

---

[1] Para falar das coroas de espíritos beatos e dos seus movimentos, Dante recorre a uma comparação astronômica. Entretanto, dessa vez não se trata de uma representação astronômica, mas sim de uma figura imaginária: o poeta convida o leitor a imaginar as estrelas mais luminosas do céu, dispostas em duas constelações imaginárias.

“Quinze estrelas”: são as estrelas de primeira grandeza catalogadas por Ptolomeu, as quais se encontram em diversas regiões do céu.

[2] “Carroça”: a Ursa Maior, chamada “Carro”, constelação formada por sete estrelas. As estrelas da Ursa Maior são “circumpolares” e, nas latitudes das “terras habitadas”, elas estão sempre no céu, sem desaparecer no horizonte.

[3] “Da trompa a boca”: as duas últimas estrelas da Ursa Menor (“trompa”). A constelação é imaginada como uma trompa, cujas extremidades seriam, de um lado, as duas estrelas aqui mencionadas e, de outro, a estrela polar, considerada a ponta do eixo (“axe”) ao redor do qual gira o Primeiro Móbile (“esfera primeira”) e, por conseguinte, todas as outras esferas celestes.

As quinze estrelas de primeira grandeza, as sete da Ursa Maior e as duas da Ursa menor somam vinte e quatro estrelas, correspondentes aos vinte e quatro beatos das guirlandas.

[4] Ariadne, tendo sido abandonada por Teseu, foi socorrida pelo deus Baco, que

transformou na constelação da Coroa a guirlanda que ela levava na cabeça (*Metamorfoses,* VIII, 174). Aqui o texto diz que a própria Ariadne foi transformada em constelação, criando uma divergência em relação ao texto ovidiano.

O narrador convida o leitor a imaginar que aquelas vinte e quatro estrelas se dispõem em duas constelações semelhantes à da Coroa, cada uma contendo doze estrelas.

5 "Os raios misturando da luz pura": o original diz "os raios de uma [constelação] estando sobre os raios da outra", o que significa que as constelações são concêntricas.

"Para os lados contrários se movendo": Xavier Pinheiro segue a interpretação mais frequentemente atribuída à expressão empregada no original, muito discutida pelos críticos.

6 Aquilo que o leitor imaginar será apenas uma sombra dos verdadeiros astros (os beatos) e da dança que Dante viu ao seu redor.

Chiana: rio que era então afluente do Tibre e tinha um curso muito lento, atravessando uma região paludosa.

"O céu, que a todos os mais céus mais se avança": o Primeiro Móbile, que supera em rapidez todos os outros céus.

Aquela imagem das duas luminosas constelações está tão longe da verdade quanto a velocidade do Chiana está longe da velocidade do Primeiro Móbile.

7 Pean: Peana, um dos modos de designar Apolo.

Os beatos não cantavam hinos às divindades pagãs, mas sim à Trindade ("três Pessoas com divina essência") e à encarnação (a união entre a natureza humana e a natureza divina, na pessoa do Filho).

8 Agrada aos espíritos passar de um cuidado (a dança e o canto) a outro (o silêncio para que as dúvidas de Dante sejam esclarecidas).

9 "As vozes": São Tomás de Aquino, que contou a Dante a admirável ("espantosa") vida de São Francisco de Assis ("o mendigo de Deus").

10 Uma vez que São Tomás já esclareceu uma das dúvidas de Dante (que acolheu na mente a verdade), a caridade o convida a responder à segunda pergunta de Dante, apresentada no canto XI (22-27).

[11] São Tomás expõe o raciocínio de Dante. “O peito onde a costa foi tirada / Para a boca gentil formar”: Adão, de cuja costela foi formada Eva, cuja boca (ao comer o fruto proibido) foi a origem dos males da humanidade.

“O [peito] que da aguda lança o golpe esquivo / Padeceu”: Jesus, que em sua paixão foi traspassado no coração pela lança de um soldado (João, 19, 34). A paixão de Cristo compensou, em abundância, as culpas humanas perante a justiça divina. Esta é imaginada como uma balança: o prato onde é colocada a paixão de Cristo faz com que se levante o outro, sobre o qual está a culpa humana.

“Em morte e vida”: Xavier Pinheiro segue uma das interpretações possíveis do texto original, que diz literalmente “antes e depois”. Entretanto, muitos defendem a interpretação “no passado e no futuro”: a paixão libertou do pecado tanto os homens do passado como os do futuro.

O período inteiro diz: tu acreditas que toda a sabedoria possível ao homem tenha sido infundida por Deus apenas em Adão e em Jesus, os homens nos quais a natureza humana era perfeita.

[12] São Tomás apresenta novamente a dúvida de Dante: se o máximo da sabedoria humana existiu em Adão e em Jesus, como é possível que não tenha existido um homem igual a Salomão (“luz quinta”) quanto à sabedoria? Referência à afirmação feita por São Tomás no Canto, X, 112-114.

[13] Dante verá que a sua crença e a afirmação de São Tomás não se contradizem, mas coincidem com a verdade.

[14] Todas as coisas (as incorruptíveis e as corruptíveis) são reflexo da Ideia (o Filho, ou Verbo), que o Pai (nosso senhor) por meio gera *ab aeterno* do Espírito Santo (Amor).

“O que não morre, o que por morte gela”: a distinção foi explicada em “Paraíso”, VII, 133-144.

[15] A luz (Filho) procede do Pai (o foco), de modo a não se separar dele nem do Espírito Santo, que é o terceiro deles. Os versos reforçam a ideia da unidade da Trindade.

[16] O Verbo (a luz viva), por sua bondade, faz os seus raios convergirem, como em espelho, em nove ordens de substâncias, sem, contudo, perder a sua unidade. Embora a tradução diga “céus nove”, as nove ordens de substâncias são, mais

precisamente, os nove coros angélicos.

[17] Saindo dos coros angélicos, a luz do Verbo desce de céu em céu (“de ato em ato”), até chegar à matéria-prima (os elementos do mundo, “as últimas potências”), atenuando tanto a sua força a ponto de criar criaturas efêmeras (“breves contingências”).

“Últimas potências”: os elementos, a matéria-prima, assim chamados porque, antes da ação dos céus, existem apenas em potência. Em termo simples, a potência é aquilo que tem a possibilidade de ser, mas não é, porque ainda não recebeu a forma.

“Ato”: os céus são assim chamados, porque transmitem a luz recebida.

[18] “Contingências” não são as coisas criadas diretamente por Deus, mas as coisas geradas na terra pela influência dos céus, seja por semente (os animais e os vegetais), seja sem semente (os minerais).

[19] “Não mostra arte ou substância um só intento / E modo”: a matéria-prima das contingências e a virtude celeste que lhe dá forma não se encontram sempre nas mesmas condições: a matéria-prima pode variar quanto à disposição a receber o influxo; a virtude celeste pode variar quanto à intensidade.

“Mais ou menos transluzindo / O selo do Supremo Entendimento”: desse modo, a matéria manifesta (impressa como um selo) a luz da ideia do Verbo (“Supremo Entendimento”) em diferentes graus.

[20] São Tomás elucida, com exemplos, a verdade enunciada anteriormente: por causa daquela diversidade da qual ele falou anteriormente, acontece que árvores da mesma espécie são frutos de qualidades diferentes, do mesmo modo como os homens nascem com diferentes índoles.

[21] Se a matéria (“cera”) tivesse a disposição mais adequada e se o influxo celeste (“selo”) operasse do melhor modo possível, a luz da ideia divina se manifestaria inteiramente no “produto”.

[22] Entretanto, a natureza reflete a ideia (“impressões”) sempre imperfeitamente, como acontece com o artista que, embora conheça a arte, é incapaz de reproduzir com as mãos a ideia que tem em mente.

[23] Se o Espírito Santo (“ardente amor”) dispõe e imprime diretamente a luz do Filho (“a clara vista”), que procede do Pai (“virtude primeira”), obtém-se a perfeição. Logo, é perfeito aquilo que é criado diretamente por Deus.

[24] Desse modo, isto é, diretamente, foram criados Adão (plasmado com a terra: Gênesis, 2, 7) e Jesus (concebido pelo Espírito Santo no ventre de Maria).

[25] Sempre em relação a Salomão.

[26] "No que era […] ordenado": "pensa na condição de Salomão e na sua intenção, quando Deus o convidou a pedir aquilo que quisesse". São Tomás pede que Dante recorde o episódio bíblico narrado em 1 Reis 3, 5-12: Deus apareceu em sonho a Salomão e disse para pedir o que desejasse. Salomão, que havia se tornado rei, pede, então, a sabedoria para reger o povo, sabendo distinguir entre o mal e o bem. Tal pedido agradou a Deus, que lhe concedeu um coração sapiente, sem igual entre aqueles que vieram antes e depois de Salomão.

[27] São Tomás, para falar da sabedoria específica de Salomão (o discernimento próprio do rei), exemplifica outros tipos de ciência.

"Qual número seria / Dos motores no céu": qual seria o número das inteligências angélicas que movem os céus; problema pertencente à metafísica.

"Se *necesse* / Com contingente um seu igual faria": se, em um silogismo, uma premissa necessária ("necesse") e uma contingente já conduziram a uma conclusão necessária; problema de lógica.

"*Si est dare primum motum esse*": se é admissível a existência de um primeiro motor, cujo movimento não seja causado por outro movimento; problema de física.

"Se um triângulo sem ter ângulo reto / traçar em semicírculo se pudesse": se em um semicírculo é possível inscrever um triângulo que não seja retângulo; problema de geometria.

[28] No verso 114 do canto X, São Tomás disse a respeito de Salomão: "de saber tanto não se alçou segundo". Agora ele explica que o termo "alçou" (aqui traduzido como "subiu") se refere especificamente aos reis, homens que se alçaram à dignidade real. Logo, São Tomás diz que o conceito aqui exposto já estava implícito na sua primeira declaração a respeito da sabedoria de Salomão.

[29] A afirmação a respeito de Salomão não contradiz a crença a respeito de Adão e de Cristo.

[30] Tem início uma nova parte do discurso de Tomás: ele diz que o erro no raciocínio de Dante (que via uma contradição onde ela não existia) deve fazer com que ele seja sempre prudente ao formular os seus julgamentos.

[31] “Ou num ou noutro passo”: em ambos os casos, seja no momento de afirmar, seja no momento de negar.

[32] “O juízo do vulgo”: o original diz *oppinïon corrente*, e o termo *corrente* pode ter levado Xavier Pinheiro a traduzir com a expressão “do vulgo”. Entretanto, *corrente* significa aqui “apressado”: a opinião formulada apressadamente é muitas vezes falsa.

“E o entendimento enleia afeto insano”: uma vez formada uma opinião falsa, o apego (“afeto”) às próprias opiniões impede o entendimento de exercitar o seu julgamento, de modo a reexaminar livremente a questão.

[33] “Incólume não torna”: pois não volta na ignorância, mas no erro (tomando-o por verdade).

“Da arte”: a capacidade de distinguir com prudência.

[34] Parmênides e Melisso: filósofos gregos do século V a.C., da escola eleática. Defendiam a unicidade, a imobilidade e a indivisibilidade do ser, ideia à qual se opôs Aristóteles.

Brisso: filósofo e matemático grego do século IV a.C., provavelmente seguidor de Sócrates e Euclides. Tentou a quadratura do círculo e seus argumentos foram confutados por Aristóteles.

[35] Ário: negava que o Filho fosse eterno e consubstancial ao pai, doutrina à qual muitos aderiram, mas condenada no Concílio de Niceia, em 325. Morreu em Constantinopla, em 336.

Sabélio: viveu no século III. Seguia uma doutrina que negava a Trindade e considerava que fosse Deus só o Pai. Essa doutrina foi condenada no Concílio de Alexandria, em 261.

“Mutilando o sentido aos textos santos”: essa é uma das interpretações possíveis da imagem. Outros entendem: “deformando as Escrituras, como as espadas refletem de modo deformado os objetos que se espelham nelas”.

[36] A partir desse ponto, a admonição de São Tomás passa do plano filosófico ao plano ético: as pessoas não devem pretender julgar sobre o destino eterno dos outros, com base apenas em ações visíveis. Tal julgamento, de fato, não cabe às pessoas, mas apenas a Deus. Isso está relacionado ao próprio caso de Salomão, sobre cujo destino eterno muito se discutia na época.

[37] “Dona Berta e Dom Martinho”: *donna* Berta e *ser* Martino, nomes

empregados genericamente, para indicar pessoas quaisquer.

CANTO XIV

Beatriz propõe uma dúvida, que é resolvida; depois conduz Dante ao quinto céu, que é o de Marte, onde se lhe apresentam as almas que haviam militado pela verdadeira fé.

Beatriz apresenta uma nova dúvida de Dante, esclarecida por Salomão. Dante e Beatriz sobem ao próximo céu. Quinto céu: Marte. O narrador descreve o que viu no céu.

1 Do centro à borda e assim da borda ao centro
Água num vaso circular se agita,
Se a comovem de fora, se de dentro.
2 Isto que digo a mente me visita
Súbito, quando o espírito glorioso
De Tomás suspendeu a voz bendita,
3 Por semelhar-se ao efeito poderoso
Da sua voz e ao que Beatriz causava,
Quando assim disse em tom grave e donoso:[1]
4 "O que saber este homem precisava
Com voz não disse e, se o cogita, o ignora:
De outra verdade com raiz se trava.[2]
5 "A auréola, dizei-lhe, em que se enflora
A substância, que é vossa eternamente,
Convosco há de existir, bem como agora?[3]
6 "Se este esplendor em vós é permanente,
Quando visíveis fordes, ressurgindo,
A vista sofrerá luz tão fulgente?"[4]
7 Como em coreia as vozes vão subindo
E recresce a alegria, algum motivo
De alvoroço aos dançantes sobrevindo,
8 Assim os santos círculos mais vivo
Júbilo mostram no girar, no canto
Ante o rogo piedoso e compassivo.[5]
9 Quem, por chegar a morte, sente espanto,
Para lograr no céu viver divino,
Da eterna chuva desconhece o encanto.[6]
10 Quem sempre reina, é uno, é duplo, é trino,
E em três, em dois, em um sempre perdura,
Não abrangido — e tudo abrange —, em hino
11 De tão suave e cônsona doçura
Dos coros foi três vezes aclamado,
Que um prêmio fora da virtude pura.[7]

12 No lume, de fulgor mais sinalado,
Ouvi, do menor círc'lo, voz modesta,
Como a do arcanjo à Virgem deputado.[8]
13 — "Quanto no Paraíso eterna a festa
Há de ser, tanto o nosso amor vestido
Será de luz em torno manifesta.
14 "O brilho seu do ardor há procedido
E o ardor da visão, que é tão gozosa,
Quanto a Graça o valor faz mais subido.[9]
15 "E quando a carne santa e gloriosa
Revestirmos, será nossa pessoa
Completa e mais jucunda e mais ditosa.
16 "E o gratuito lume, que nos doa
O Sumo Bem, será mais rutilante:
A Glória sua a ver nos afeiçoa.
17 "A visão se fará mais penetrante,
Mor o ardor se fará que ali se acende,
E o esplendor, que este dá, mais coruscante.[10]
18 "Qual carvão, que de si flamas desprende
E pelo vivo ardor as escurece
Tanto, que entre elas seu rubor resplende,
19 "Este doce fulgor que em nós parece,
Ver deixará o corpo ressurgido,
Quando o sono, em que jaz, um dia cesse.[11]
20 "Nenhum será das luzes ofendido:
'Starão corpóreos órgãos adaptados
A quanto a deleitar-nos for provido."[12]
21 Os coros dois tão ledos e apressados
Responderam — Amém! — que bem mostraram
Quanto os trajos carnais são desejados.
22 Não por si sós talvez os cobiçaram,
Mas por amor dos pais, de entes queridos,
Antes que eternas flamas se tornaram.

23 Eis em torno, de lumes incendidos
Novo círculo aos outros se acrescenta:
Qual nitente horizonte, os tem cingidos.
24 E como, quando à tarde a sombra aumenta,
No céu começam de assomar estrelas,
Cuja luz dúbia aos olhos se apresenta,
25 Assim me pareceu que via aquelas
Novas substâncias, que, também girando,
Moviam-se em redor das c'roas belas.
26 Vero fulgor do Esp'rito Santo! Oh, quando
Te mostraste de súbito, candente,
Os olhos meus venceste, deslumbrando.
27 Mas Beatriz tão bela e tão ridente
Rebrilhou, que a visão maravilhosa,
Bem como outras, seguir não pode a mente.[13]
28 Aos olhos força deu tão poderosa,
Que se alçaram; e com ela transportado
Vi-me à esfera mais alta e luminosa.
29 Fui da minha ascensão certificado
Da purpurina estrela pelo gesto,
Em que rubor notei não costumado.[14]
30 Nesse falar a todos manifesto
Do coração, a Deus vivo holocausto,
Por sua nova graça, humilde presto.[15]
31 Do peito meu não era ainda exausto
Do sacrifício o ardor, que convencido
De estar aceito fui e ser-me fausto.[16]
32 Tão lúcidas, tão rubras, confundido,
Vi luzes em dois raios fulgurantes,
Que disse: — Ó Hélios,[17] como os tens vestido!
33 Galássia, em astros mais, menos brilhantes
Branqueja, entre dois polos colocados,
E os doutos deixa em dúvida hesitantes:[18]

34 De igual maneira em Marte constelados
O signo os raios formam venerando,
Diâmetros iguais sendo cruzados.[19]
35 Me está memória o engenho superando:
Se na cruz lampejar eu via Cristo,
Como acertar, exemplos procurando?[20]
36 Quem toma a Cruz e na jornada Cristo
Segue, desculpe o que me falta em arte,
Vendo nesse esplendor rutilar Cristo.[21]
37 Da cruz em cada braço, em toda a parte
Cintilantes mil fogos se moviam.
Qual desce, qual se eleva, qual desparte.[22]
38 Assim sutis argueiros se veriam,
Retos ou curvos, rápidos ou lentos,
De formas, que multíplices variam,
39 De sol em réstia, que entra os aposentos,
Onde da calma o homem se repara
Apurando do engenho e da arte inventos;[23]
40 E como da harpa e lira se depara
Nas cordas várias doce melodia
A quem notas ignora e não compara;[24]
41 Assim desses luzeiros que ali via
Na Cruz formosa, extático escutava,
Sem compreendê-la, angélica harmonia.[25]
42 Que eram altos louvores bem julgava,
— Ressuscita e triunfa — acaso ouvindo:
Confusamente o hino me soava.[26]
43 Ouvia em tanto enlevo me sentindo,
Que inda não sinto coisa que mais queira,
A mente ao canto em doce enleio unindo.[27]
44 Ousado sou talvez desta maneira,
Parecendo pospor os olhos belos,

Em que a minha alma se embevece inteira.[28]
45 Mas quem reflete que os eternos selos
Vão da beleza no alto se apurando,
E não voltava-me aos olhos por vê-los,
46 À falta me achará perdão, notando
A verdade que digo: o prazer santo
Não excluo que em vê-la ia gozando:
Com a altura, se eleva o puro encanto.[29]

---

[1] Dante e Beatriz estão no centro das guirlandas; São Tomás está na primeira guirlanda. Quando São Tomás termina o seu discurso, Beatriz dirige a palavra à guirlanda, e as vozes de ambos se assemelham às ondulações que ocorrem em um vaso cheio de água: se a beira do vaso é percutida, as ondulações concêntricas se movimentam em direção ao centro do vaso; se o centro ("dentro") é percutido, as ondulações vão do centro para fora.

[2] É preciso esclarecer uma nova dúvida de Dante, a qual ele ainda não externou com palavras nem formulou claramente no pensamento.

[3] A dúvida diz respeito à luz ("auréola") que envolve a alma dos beatos: Beatriz pergunta (por Dante, naturalmente) se essa luz envolverá os beatos para sempre (subentende-se: mesmo depois da ressurreição dos corpos).

[4] Segunda parte da dúvida: se a luz permanecerá depois da ressurreição dos corpos, como os olhos dos corpos conseguirão suportar tamanho esplendor?

[5] "O rogo piedoso e compassivo": as perguntas que Beatriz fez no lugar de Dante.

[6] "Chuva": da graça divina.

[7] "Quem sempre reina": Deus, uno e trino.

"Não abrangido — e tudo abrange": que não está contido em nenhum lugar, mas que contém tudo.

"Hino": segundo alguns, as almas cantam o "Glória", que é o hino que celebra a Trindade.

“Que um prêmio fora de virtude pura”: “que” retoma “tão suave”: a melodia era tão suave e harmônica que seria justo prêmio a qualquer virtude humana.

8 “Lume de fulgor mais sinalado do menor círculo”: trata-se, provavelmente, de Salomão, cuja luz “as mais em lustro passa” (X, 109) na primeira guirlanda (“menor círculo”).

“Como a do arcanjo à Virgem deputado”: como a voz do Arcanjo Gabriel na anunciação.

9 O esplendor da luz é proporcional ao ardor da alma; este é proporcional ao grau de visão de Deus, o qual, por duas vez, é determinado pela graça divina, que a alma recebe de acordo com seus méritos (“valor”).

10 Quando a pessoa dos beatos for completa (depois da ressurreição dos corpos), aumentará a graça que Deus concederá aos beatos. Com isso, aumentará a visão que os beatos terão de Deus, aumentará o seu ardor interno e, consequentemente, a luz que os envolve será ainda mais resplandecente. Esta é a resposta à primeira pergunta de Dante: a luz não só envolverá os beatos também depois da ressurreição dos corpos, mas se tornará ainda mais resplandecente.

11 O corpo ressurgido será ainda mais resplandecente do que a luz que emana dos beatos, de tal forma que, não obstante a intensa luz, o corpo será visível, como o carvão é visível, pelo seu esplendor, em meio às chamas que emanam dele.

12 Resposta à segunda pergunta: os olhos poderão suportar tamanha luminosidade, pois os órgãos dos sentidos, nos corpos ressurgidos, tornar-se-ão fortes o suficiente para receber todas as sensações que darão deleite aos beatos.

13 A beleza de Beatriz era tão grande que ficou entre as coisas que a memória de Dante não pôde reter.

14 “Estrela”: Marte. Com a chegada de Dante e Beatriz, o céu se torna mais vermelho.

15 “Falar a todos manifesto”: com a linguagem do espírito, oração conhecida por todos os homens.

“Holocausto”: significa, propriamente, o sacrifício total de uma vítima no fogo; aqui tem o sentido de “total sacrifício de mim mesmo”.

“Nova graça”: a subida para um novo céu.

[16] “Que convencido / De estar aceito fui e ser-me fausto”: Dante entendeu que o sacrifício foi aceito por Deus e teve um bom efeito para ele (“ser-me fausto”).

[17] Hélios: termo grego que significa Sol, aqui identificado com Deus (identificação que era do gosto da literatura religiosa cristã). Além disso, acreditava-se que o termo Hélios derivasse de El, o nome hebraico de Deus. A visão de luzes tão intensas leva Dante a fazer uma exclamação a Deus, que, como o Sol, reveste as almas com a sua luz.

[18] Galássia: a Via Láctea, formada por inúmeras estrelas de diversos tamanhos (“mais, menos brilhantes”), estende-se entre os dois polos do céu e já deixou em dúvida grandes sábios. Como diz Dante em *Convívio,* (II; XIVl 17) muitos sábios da Antiguidade discutiram a respeito da natureza da Via Láctea, defendendo diferentes opiniões sobre a questão. A afirmação de que a Via Láctea passa pelos polos do céu é uma aproximação.

[19] Os raios (constelados de diferentes luzes como a Via Láctea) formam em Marte a figura da cruz (“signo venerando”), que resulta do cruzamento perpendicular dos diâmetros de um círculo. Trata-se, portanto, de uma cruz com braços iguais, chamada “cruz grega”.

[20] Dessa vez, a memória reteve a visão (Cristo que lampejava na cruz); mas a visão foi tão extraordinária que superou o engenho, incapaz de representar aquela visão com uma comparação adequada.

[21] “Quem toma a Cruz e na jornada Cristo / Segue”: paráfrase de “Se alguém quiser vir atrás de mim, renegue a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (Mateus, 16, 24; Marcos, 8, 34; Lucas, 9, 23).

Os versos são normalmente interpretados de dois modos: o fiel cristão me perdoará a falta, quando chegar ao céu e vir Cristo lampejar na cruz; o fiel cristão me perdoará a falta, uma vez que estava vendo lampejar a própria figura de Cristo (interpretação seguida por Xavier Pinheiro).

Nota-se, novamente, a rima do nome Cristo consigo mesmo.

[22] “Desparte”: subentende-se que os “fogos” se encontram ao longo dos braços da cruz e depois se separam.

[23] “Argueiros”: partículas que se soltam dos corpos.

“Calma”: o calor do Sol.

“Onde […] inventos”: onde as pessoas, com diversos meios, protegem-se do calor do Sol.

Os versos comparam a diversidade dos fulgores (nos raios que formam a cruz) com a diversidade das partículas que se veem no raio que penetra em um lugar com sombra.

24 “A quem notas ignora e não compara”: a quem não consegue distinguir as notas individualmente.

25 “Sem compreendê-la”: sem compreender as palavras cantadas.

26 Dante não entendia todo o hino, mas conseguiu distinguir as palavras “ressuscita” e “triunfa”, referidas à ressurreição de Jesus e à sua vitória sobre a morte. Com isso, ele entendeu que se tratava de um hino de louvor.

27 “Que inda […] mais queira”: o original diz que até então no Paraíso nada o havia envolvido tanto quanto aquele canto.

28 “Parecendo pospor […] inteira”: parecendo pospor o prazer proporcionado pelos olhos de Beatriz ao prazer proporcionado pelo canto.

29 “Eternos selos da beleza”: expressão interpretada de três modos: “os céus”, “os beatos do céu de Marte”, “os olhos de Beatriz”. A última interpretação é a mais defendida pelos comentadores modernos, que explicam todo o trecho do seguinte modo: quem considera que os olhos de Beatriz se tornam tanto mais potentes quanto mais se sobe, e que, no céu de Marte, eu ainda não tinha me voltado para esses olhos, perdoará a minha “ousadia” de antes e entenderá que eu falava a verdade: eu não excluí que a beleza dos olhos de Beatriz fosse maior do que a beleza do canto, já que essa beleza se torna sempre mais pura quanto mais se sobe no Paraíso. Isto é, Dante, não tendo ainda visto os olhos de Beatriz no céu de Marte, afirma que o canto dos beatos superou em doçura todas as outras impressões que ele tivera até então no Paraíso; entretanto, isso não significa que, no céu de Marte, a beleza dos olhos de Beatriz não fosse maior do que aquela do canto.

CANTO XV

Cacciaguida, progenitor de Dante, fala-lhe da genealogia da sua família, dos costumes de Florença no seu tempo e do seu fim glorioso, pelejando contra os sarracenos.

Quinto céu: Marte, espíritos que combateram pela fé. Um espírito desce da cruz, para falar com Dante, revelando ser seu trisavô Cacciaguida. Ele fala dos antigos bons costumes de Florença, da paz que reinava na cidade e, em seguida, da sua vida.

1 Benévolo querer, que significa
Sempre esse amor que a caridade inspira
Como a cobiça o mau querer indica,
2 Silêncio pondo àquela doce lira,
Os sons às cordas santas suspendia,
Que lá do céu a destra afrouxa e estira.[1]
3 Como aos claros espíritos seria
Em vão meu justo rogo, se excitá-lo,
De acordo se calando, lhes prazia?[2]
4 Ah! pranteie sem tréguas e intervalo
Quem, do amor transitório cativado,
Pôde do amor eterno avantajá-lo![3]
5 Como o sereno azul atravessado
Às vezes é por fogo repentino,
Que os olhos nos salteia inesperado;[4]
6 Disséreis astro a procurar destino,
Se algum faltasse à parte, onde se acende
Esse instantâneo lume peregrino:[5]
7 Assim do braço, que à direita estende,
Da cruz ao pé vi deslizar um astro
Dessa constelação, que ali resplende.
8 Não se desfiou a pér'la do seu nastro;
Pela brilhante linha descendera,
Como fogo a luzir sob o alabastro.[6]
9 De Anquise a sombra pia assim correra,
Se fé merece a Mantuana Musa,
Quando Eneias no Elísio aparecera.[7]
10 *O sanguis meus! O superinfusa*
Gratia Dei! Sicut tibi cui
Bis unquam coeli ianua reclusa?[8]
11 Minha atenção na luz, que o diz, se imbui;
Voltei depois pra Beatriz o viso;
Aqui e ali estupefato eu fui.

12 Nos olhos seus ardia um tal sorriso,
Que, encarando-a, cuidei tocar o fundo
Da ventura no eterno Paraíso.
13 E esse esp’rito, a se ver e ouvir jucundo,
Vozes aduz, que a mente não compreende,
Tanto o sentido seu era profundo.
14 Adrede[9] a obscuro o seu dizer não tende;
Mas por necessidade o seu conceito
Além da esfera dos mortais ascende.
15 Quando o arco afrouxou do ardente afeito,
E em proporção do humano entendimento,
Do seu falar manifestou-se o efeito,
16 Pude estas vozes distinguir, atento:
— “Bendito sejas, Deus, Um na Trindade,
Que à prole minha dás tão alto alento![10]
17 “Meu longo e caro anelo, na verdade,
Dês que no grande livro hei ler podido,
Imutável na sua eternidade,
18 “Cumpres, ó filho; e, desta luz vestido,
Aquela, que ao teu voo sublimado
Prestou asas, eu louvo agradecido.[11]
19 “Tu crês que o teu pensar me é derivado
Do Ser Primeiro, como da unidade
Sabida o cinco e o seis se vê formado.[12]
20 “E pois, quem sou e a minha alacridade,
Maior que a de outros nesta grei contente,
Não mostras de saber curiosidade.[13]
21 “Crês a verdade: o espelho refulgente
Desta vida reflete o pensamento
Antes que nasça e a todos faz patente.[14]
22 “Mas, para o sacro amor, que traz-me atento
Em perpétua visão, doce desejo
Me acendendo, alcançar contentamento,

23 “Com voz clara, segura e alegre, ensejo
De ouvir tua vontade me oferece:
Qual resposta hei de dar-te eu já antevejo.”[15]
24 Para Beatriz voltei-me: já conhece
Quanto intento, e, acenando prazenteira,
Ao querer meu as asas engrandece.
25 — “A cada qual de vós dês que a Primeira
Igualdade se mostra, amor, ciência
Se fizeram em vós de igual craveira;[16]
26 “Pois ao Sol, que vos deu tão viva ardência
E a luz tal dispensou, tanto se igualam,
Que não tem na igualdade competência.[17]
27 “Mas nos mortais o afeto e o saber se alam,
Pela causa, a vós outros manifesta,
Com plumas, que, dif’rentes se assinalam.[18]
28 “Eu, pois, que sou mortal, sujeito a esta
Desigualdade, de alma unicamente
Respondo à tua carinhosa festa.[19]
29 “Suplico, assim, topázio resplendente,
Que adornas esta joia preciosa,
Me faças do teu nome ora ciente.”[20]
30 Falei. Com voz tornou-me maviosa:
— “Ó flor, que tanto eu, sôfrego, esperava,
Do tronco meu brotaste primorosa!
31 “Aquele, em quem teu nome começara,
Que, há mais de um séc’lo já, no monte erguido
Do primeiro degrau se não separa
32 “Meu filho foi, teu bisavô há sido:
Por obras deves lhe encurtar fadiga,
Quando à vida mortal hajas volvido.[21]
33 “Florença dentro em sua cerca antiga,
Onde ressoa ainda a Terça e a Noa,
Vivia honesta e sóbria em paz amiga.[22]

34 “Não tinha áureos colares, nem coroa,
Chapins, cintos de damas em que havia
Mais que ver do que graças da pessoa.[23]
35 “No pai, nascendo, a filha não movia
Temor; em tempo azado se casava
E o dote as proporções nunca excedia.[24]
36 “Cada qual do seu lar se contentava;
Não alardava então Sardanapalo
Da alcova o que no encerro se ocultava.[25]
37 “Não era inda vencido Montemalo
Por vosso Uccelatoio que, excedido
Na altura, há de, ao cair, dar mor abalo.[26]
38 “Bellincion Berti[27] eu vi andar cingido
De couro e de osso, e também vi-lhe a esposa
Voltar do espelho sem rubor fingido.
39 “Vestindo pele simples, não fastosa,
Nerlis e Vecchios vi, no fuso e roca
Tendo as consortes vida deleitosa.[28]
40 “Ditosas! A nenhuma a dor sufoca
’Sperando o esposo, que roubou-lhe a França,
Nem o jazigo ignora, que lhe toca.[29]
41 “Uma o berço do filho seu balança,
E o consola naquele doce idioma
Que aos pais o coração no enlevo lança.[30]
42 “Outra, estirando do seu fuso a coma,
Reconta aos filhos o que houvera outrora
Em Fiésole, em Troia e antiga Roma.[31]
43 “Nesse bom tempo maravilha fora
Uma Cianghella, um Lapo Salterello,
Como Cornélia e Cincinato agora.[32]
44 “Da cidade naquele viver belo,
No seio dessa gente honrada e fida,

Nessa doce mansão, da paz modelo,
45 “Deu-me Maria à minha mãe dorida,
E em vosso batistério hei recebido
Os nomes de cristão e Cacciaguida.[33]
46 “Irmãos Moronto e Eliseu hei tido,
Minha esposa nasceu em Val-di-Pado:
Dessa origem provém teu apelido.[34]
47 “Segui na guerra Imperador Conrado,
Que me armou cavaleiro na milícia,
Altos feitos me tendo assinalado.[35]
48 “Com ele pelejei contra a nequícia
Do infiel, que o direito vosso oprime,
De culpado pastor pela malícia.[36]
49 “Da torpe gente o assalto lá me exime
Dos enganosos vínculos do mundo,
Cujo amor nódoas tantas na alma imprime:
Mártir, vim ao repouso sem segundo.”

---

[1] A vontade de fazer o bem, na qual se manifesta o bom amor (a caridade), como o mau amor (a cobiça: amor pelos bens terrenos) se manifesta na vontade de fazer o mal, fez com que os beatos parassem o seu doce canto. As almas, movidas pela caridade, fazem silêncio para dar a Dante a possibilidade de exprimir os próprios desejos.

“A destra”: a mão de Deus.

[2] “Meu justo rogo”: o texto original não fala “meu”, mas parece se referir aos “justos rogos” de todos os homens. O narrador pergunta: como seriam vãos os justos pedidos dos homens aos beatos, que silenciaram só para me incentivar a pedir? O ato dos beatos mostra que eles não são insensíveis aos justos pedidos dos homens.

[3] “Sem tréguas e intervalo”: no Inferno.

“Quem […] avantajá-lo”: quem preferiu o amor pelos bens transitório ao amor

pelo bem eterno.

[4] Os versos se referem às estrelas cadentes.

[5] A estrela cadente parece um astro que muda de lugar, mas não é, pois no lugar onde se acende a sua luz não havia anteriormente nenhum astro. Isto é, quando a estrela cadente se move, nenhum astro vem a faltar ao céu. Além disso, a luz da estrela cadente dura pouco (“instantâneo lume”), o que não aconteceria a uma verdadeira estrela.

[6] “Não se desfiou a pér’la do seu nastro”: a luz que se move não se separa da faixa luminosa onde se encontra (os braços da cruz), mas desliza por ela.

“Como fogo a luzir sob alabastro”: a luz que desliza pela cruz cria o efeito de uma luminosidade concentrada sobre uma luminosidade difusa, como ocorre com o fogo sob o alabastro.

[7] Alusão ao encontro de Eneias com seu pai Anquises no Elísio (lugar do Averno destinado aos virtuosos), narrado no livro VI da *Eneida*.

“Pia”: *afetuosa*.

“A Mantuana Musa”: Virgílio.

[8] “Ó sangue meu, ó abundante graça divina, a quem, como a ti, foi duas vezes aberta a porta do céu?”.

“Duas vezes”: antes e depois da morte (a primeira subentende a segunda: se Dante sobe ao céu vivo, isso significa que ele também subirá depois da morte).

Os versos não são citação, mas criação de Dante, com base em reminiscências virgilianas e bíblicas. Isso confere maior solenidade ao paralelismo instituído entre Dante, Eneias e São Paulo. De fato, como diz o canto II do “Inferno” (13-33), eles foram os únicos que, vivos, visitaram o outro mundo. Entretanto, só a São Paulo foi concedido subir duas vezes ao céu, como agora é concedido a Dante.

[9] Intencionalmente; de propósito.

[10] Depois das palavras pronunciadas em latim, essas são as primeiras palavras do beato que Dante consegue entender. E as primeiras palavras entendidas por Dante permitem deduzir que o discurso da alma era incompreensível para os mortais porque se dirigia a Deus. Além disso, segundo alguns críticos, o discurso é incompreensível não só porque se dirige a Deus, mas porque trata dos

mistérios insondáveis pelos quais justamente Dante foi escolhido para subir ao céu.

11 “Grande livro, imutável na sua eternidade”: o livro dos imutáveis decretos divinos. Dante satisfaz o desejo do espírito, que tinha lido a sua futura vinda no livro dos desígnios divinos.

“Aquela”: Beatriz.

12 “Ser Primeiro”: Deus.

“Como da unidade / Sabida o cinco e o seis se vê formado”: como do conhecimento do um deriva qualquer outro número.

13 “Não mostras de saber curiosidade”: subentende-se “em palavras”. Dante, sabendo que os beatos veem em Deus todos os seus pensamentos, não externa em palavras as suas dúvidas.

14 “Espelho refulgente”: Deus, que reflete aos beatos os pensamentos humanos, antes que a mente os tenha concebido.

15 “Sacro amor”: caridade.

“Perpétua visão”: perpétua contemplação de Deus.

“Doce desejo”: de satisfazer o teu desejo e, com isso, contentar a Deus.

“Alcançar contentamento”: contentar de modo mais completo.

O espírito convida Dante a dizer aquilo que ele deseja saber, de modo que a resposta do espírito satisfaça com mais abundância o desejo de Dante.

“Qual resposta hei de dar-te eu já antevejo”: o beato já sabe o que perguntará Dante; por isso, a sua resposta já está pronta.

16 O sentimento (“amor”) e a inteligência (“ciência”) se tornaram iguais (de igual medida) nos beatos, a partir do momento em que eles puderam ver a primeira e absoluta igualdade, que é Deus.

17 “Sol”: Deus, que inflamou os beatos com o seu amor (“viva ardência”) e os iluminou com a sua sabedoria (“luz”).

“Tanto se igualam, / Que não tem na igualdade competência”: Deus é tão perfeitamente igual em seu ardor e em sua sabedoria, que, em confronto, qualquer outra igualdade é insuficiente.

Os seis versos significam: nos beatos, o sentimento e a inteligência se tornam

iguais, a partir do momento em que eles veem Deus, pois Deus, que os inflama e ilumina, é tão igual em seu amor e em sua sabedoria que qualquer outra igualdade parece insuficiente diante dele.

18 Mas nos mortais, diferentemente do que ocorre com os beatos, o sentimento e a inteligência não estão em igualdade.

“Causa a vós outros manifesta”: a causa disso é conhecida pelos beatos, mas não pelos homens.

19 Por causa dessa desigualdade intrínseca nos mortais, Dante não consegue expressar em palavras (que são instrumentos da inteligência) o seu agradecimento pelo modo como foi acolhido pelo espírito. Por isso, ele responde ao espírito apenas com o coração (“alma”).

20 “Esta joia preciosa”: a cruz.

21 “No monte erguido”: no monte do Purgatório.

“Primeiro degrau”: o primeiro círculo, onde se purga a soberba.

“Meu filho foi, teu bisavô há sido”: quem fala é, portanto, o trisavô de Dante, chamado Cacciaguida. O filho de Cacciaguida, que deu o nome à família de Dante, foi Alighiero I. Sobre ele, fala um documento de 1201; entretanto, se ele se encontra “há mais de um século” no Purgatório, Dante devia acreditar que ele já estivesse morto antes de 1200 (pois a viagem se passa em 1300). Alighiero I era pai de Bellincione, que, por sua vez, era pai de Alighiero II, pai de Dante.

“Fadiga”: a fadiga da pena no primeiro círculo do Purgatório.

22 “Cerca antiga”: a primeira cerca de muros de Florença, que, segundo a lenda, havia sido construída no tempo de Carlos Magno. Em 1173, foi construída uma segunda cerca e, em 1284, foi iniciada a construção de uma terceira cerca.

“Onde ressoa ainda a Terça e a Noa”: perto do antigo muro havia uma igreja, que soava as horas canônicas.

23 Cacciaguida descreve a vida “honesta e sóbria” da antiga Florença, mediante um confronto implícito com a atual Florença.

O primeiro exemplo diz respeito à indumentária feminina.

“Chapins”: calçados elegantes.

“Damas”: o termo constava em diversas edições do poema original, mas hoje os estudiosos preferem ler não “damas” (*donne*), mas “saias” (*gonne*). Nesse caso,

o verso não falaria de “chapins e cintos de damas”, mas de saias ornamentadas e cintos nos quais “havia mais que ver do que graças da pessoa”.

“Em que havia mais que ver do que graças da pessoa”: luxuosos ornamentos que chamam mais a atenção do que as próprias damas que os vestem.

[24] Alusão ao costume, já consolidado no tempo de Dante, de casar as filhas muito cedo, oferecendo uma quantia muito alta como dote. Na época de Cacciaguida, as mulheres se casavam no momento justo (não muito cedo) e o dote era moderado.

[25] Sardanapalo: rei assírio do século VII a.C., conhecido por sua depravação, da qual era tomado como símbolo já entre os autores antigos.

Os dois últimos versos dizem que ainda não haviam entrado nas casa florentinas a depravação, a corrupção e outros vícios.

“Cada qual do seu lar se contentava”: o verso original diz literalmente “as casas de família não estavam vazias”, sendo interpretado de três modos principais. Segundo alguns, isso diz respeito ao tamanho das casas no tempo de Dante, desproporcional ao número de habitantes; segundo outros, isso diz respeito aos exílios do tempo de Dante, que esvaziaram a casa. Segundo outros ainda, que consideram sobretudo a alusão à depravação nos versos seguintes, o verso fala da depravação e da corrupção dos costumes, que teriam tornado estéreis as famílias de Florença.

[26] Montemalo: Monte Mário, do qual via Roma quem passava pela via Cassia.

Uccelatoio: monte do qual via Florença quem saía de Bolonha.

Logo, Cacciaguida diz que no seu tempo Florença ainda não havia superado Roma.

[27] Bellincion Berti: da nobre família dos Ravignani, um dos personagens mais famosos da Florença do século XII, pai da “famosa Gualdrada”, citada em “Inferno”, XVI, 37. “Andar cingido / De couro e de osso”: com cinto de couro e fivela de osso, isto é, com vestes simples.

“Rubor fingido”: maquiagem.

[28] “Nerlis e Vecchios”: os Nerli d’Oltrarno e os Vecchietti (ou del Vecchio) di Porta San Brancazio, importantes famílias guelfas de Florença (os Vecchietti depois se tornaram guelfos negros).

[29] “Esperando o esposo, que roubou-lhe a França”: a França era, para os florentinos, o principal lugar para o comércio.

“Nem o jazigo ignora, que lhe toca”: alusão aos contínuos exílios que recaíam sobre os cidadãos de Florença.

O comércio (e, portanto, a busca por lucros) e os exílios (por causa das discórdias internas) eram as principais causas da ruína das famílias florentinas da época de Dante.

[30] Naquela doce linguagem com a qual os pais falam aos filhos e que dá tanto prazer àqueles que a empregam.

[31] “Estirando do seu fuso a coma”: fiando.

“Aos filhos”: o termo empregado no original é “família”, que abrangia não só o núcleo familiar, mas também os servos.

“Em Fiésole, em Troia e antiga Roma”: alusão às antigas lendas sobre a origem de Florença. Os troianos, chefiados por Eneias, fundaram Roma; os romanos, depois que destruíram Fiésole, saíram de lá e fundaram Florença. Pode ser que o termo “Troia” indique também as diversas lendas troianas e “Roma” indique os diversos feitos romanos.

[32] Cianghella: filha de Arrigo della Tosa, casou-se com Lito degli Alidosi, de Ímola. Quando o marido morreu, voltou para Florença. Os autores da época falavam de seus maus costumes.

Lapo Saltarello: jurista e poeta florentino, teve importantes cargos políticos na cidade. Em 1302, foi, assim como Dante, condenado ao exílio pelos negros. Sua posição política foi, em muitos aspectos, semelhante àquela de Dante; entretanto, ao que parece, ele foi desonesto e corrupto ao desempenhar suas funções políticas. Alguns narram também que, quando a parte negra se mostrou mais forte, ele teria tentado trair os brancos, para se salvar.

Cornélia: mãe dos irmãos Graco, modelo da virtude própria das mulheres romanas de bons costumes. Ela é citada em “Inferno”, IV, 127-129.

Cincinato: ditador romano, famoso como exemplo de probidade. Após a vitória contra os équos, voltou a viver no campo, deixando a ditadura. Citado em “Paraíso”, VI, 46-48.

[33] “Em vosso batistério”: o batistério de São João, onde também Dante foi batizado.

Cacciaguida: personagem do qual não se conhecem notícias. Nasceu no final do século XI. Foi armado cavaleiro por Corrado III, o que significa que era de família nobre. Segundo alguns, tinha parentesco com os Elisei, família ilustre de Florença. Se, como diz Dante, morreu na cruzada conduzida por Corrado III na Terra Santa, então deve ter morrido em 1147 (ano em que o exército cristão foi derrotado) ou, de qualquer forma, não depois de 1148 (ano em que Corrado deixou a Terra Santa). No céu de Marte aparecem justamente as almas dos combatentes pela fé.

34 Moronto e Eliseu: sobre os irmãos de Cacciaguida não há notícias.

A esposa de Cacciaguida era da chamada Valle Padana. Os documentos falam de famílias com o nome de Alighieri em diversas cidades da Valle Padana. A maioria dos estudiosos pensa que a cidade da mulher de Cacciaguida era Ferrara, onde havia a família dos Aldighieri, da qual falam documentos desde o século XI. Desse modo, do sobrenome materno derivou o nome de um dos filhos de Cacciaguida, Alighiero, do qual derivou posteriormente o nome da família de Dante.

35 Imperador Conrado: Corrado III de Hohenstaufen, imperador de 1138 a 1152. Foi à Itália em 1128, onde poderia ter conhecido Cacciaguida, armando-o cavaleiro. Conduziu a segunda cruzada (1147-1149), junto com Luís VII de França, mas a cruzada resultou em uma dura derrota para os cristãos. Segundo alguns, Dante confundiu Corrado III com Corrado II, imperador de 1024 a 1039. Mas, com todas as notícias históricas que são hoje conhecidas, parece supérfluo e mesmo inoportuno impor essa hipótese ao texto.

36 “O direito vosso”: a Terra Santa.

“De culpado pastor pela malícia”: a usurpação da Terra Santa ocorre por culpa dos pontífices, que negligenciam a Terra Santa por causa de preocupações terrenas (como se diz em “Paraíso”, IX, 136-138).

CANTO XVI

Continua a falar Cacciaguida, referindo-se ao passado.

Quinto céu: Marte, espíritos combatentes pela fé. Dante se alegra ao conhecer a origem de sua família e faz novas perguntas ao trisavô. Cacciaguida responde com um longo discurso, no qual fala de seu nascimento e de Florença no seu tempo, elencando nobres famílias e falando da paz que então reinava na cidade.

1 Ó mesquinha nobreza de alto sangue!
Se tanto homem de haver-te se gloria
Neste mundo, em que o afeto enfermo langue,
2 Maravilhar-me já não poderia
Pois me senti, por causa tal, ufano
No céu, onde o apetite não varia.[1]
3 És manto exposto em breve a estrago e dano:
Se te faltar reparação constante,
A mão do tempo te cerceia o pano.[2]
4 A responder começo a luz brilhante
Por vós, de que, primeira, Roma usara,
Mas que em vulgar dicção não foi avante.[3]
5 Beatriz, que algum tanto se afastara,
Fez, sorrindo-se, como a que tossira,
Quando a primeira vez Ginevra errara.[4]
6 — "Vós sois meu pai" — disse eu — "em vós se inspira
Para falar-vos do ânimo a ousadia,
Mais me alçais do que a mente própria aspira.
7 "Por tantos rios se enche de alegria
Minha alma, que em ledice é transformada:
Do prazer não a vence demasia.
8 "Dizei-me, pois, minha primícia amada,
Os ascendentes vossos e em qual era
Foi a vossa puerícia assinalada.
9 "De São João a grei como vivera
Dizei-me e os que em seu seio se mostraram,
A quem mais alta distinção coubera."[5]
10 Como ao sopro do vento mais se aclaram
As flamas no carvão, dessarte àquela
Luz, me ouvindo, os fulgores se avivaram.
11 E quanto aos olhos se ostentou mais bela,
Tanto com voz mais doce e mais suave
Respondeu, sem falar vulgar[6] loquela.

12 Disse: — “Do dia em que se ouvia o Ave
Ao momento, em que ao mundo a mãe querida,
Hoje santa, me deu no transe grave,
13 “Do Leão foi aos pés reacendida
De Marte a luz quinhentos e cinquenta
Vezes mais trinta na incessante lida.[7]
14 “O lugar onde o sexto último assenta,
Dos jogos anuais termo à carreira,
Meu berço e o dos avós te representa.[8]
15 “Deles te baste esta noção primeira:
O que hão sido, onde é sua permanência,
Calar prefiro a dar notícia inteira.[9]
16 “Dos que haviam então suficiência
Para a guerra, entre Marte e João Batista,
São quíntuplo os que têm ora existência.[10]
17 “Toda a gente, porém, que se vê mista
Co’a de Campi, Certaldo, e mais Figghine
Pura estava, do nobre até o artista.[11]
18 “Acerto fora do que bem combine
Tê-los vizinhos, linha demarcando,
Que com Trepiano e com Galuz confine,[12]
19 “Em lugar de hospedar o infecto bando
Dos vilões de Aguglion junto aos de Signa,
Da fraude expertos no mister nefando.[13]
20 “Se a gente, hoje no mundo a mais maligna,
A César não se houvesse declarado
Cruel madrasta em vez de mãe benigna,[14]
21 “Quem se diz florentino e à usura é dado,
Vende e merca, tornava a Semifonti,
Onde o avô mendigava esfarrapado.[15]
22 “Ainda em Montemurlo foram Conti,
Os seus Cerchi inda Acone conservara

E, talvez, Valdigrieve os Buondelmonti.[16]

23 “Sempre de castas confusão depara,
Como a de cibo em corpo mal disposto,
Mal à cidade, e danos lhes prepara.

24 “Touro cego primeiro em terra é posto
Que anho cego; e melhor corta uma espada
Do que cinco num feixe bem composto.[17]

25 “Se de Orbisaglia a sorte desgraçada
E a de Luni tu vês, se igual espera
Chiusi e Sinigaglia malfadada:[18]

26 “Dos solares mau fim não parecera
À tua mente estranheza ou caso forte,
Pois no exício de Estados considera.[19]

27 “Terrenas coisas todas sofrem morte,
Como vós: mas de algumas, perdurando,
Quem curta vida tem não sabe a sorte.[20]

28 “E como a Lua, sem cessar, girando,
Cobre ou descobre as praias do oceano,
De Florença a fortuna vai mudando.

29 “Assim que não suponhas mais que humano
O que eu disser de exímios florentinos,
A cuja fama o tempo já fez dano.[21]

30 “Eu vi os Ughi, vi os Catelinos,
Filipe, Greci, Ormani e os Albericos
Decadentes, mas inda nobres, di’nos.[22]

31 “Grandes em fama, de virtudes ricos,
Os de Sanela vi; também os de Arca,
Soldanieri, Ardingos e Basticos.[23]

32 “À porta de São Pedro, que ora abarca
Infâmia nova tanto em peso ingente,
Que fará soçobrar em breve a barca,

33 “Estavam Ravignans; seu descendente
Foi Conde Guido e quantos ao diante

De Bellincione o nome têm fulgente.[24]

34 “Della Pressa em governo era prestante
E Galigaio no solar dourara
Punho e copos da espada fulgurante.[25]

35 “A coluna do Esquilo se elevara,
Sacchetti, Giuochi, Sifanti e Barucci
Galli e quem pelo alqueire se pejara.[26]

36 “Era já grande o tronco dos Calfucci
E às cadeiras curuis tinham subido,
Assumindo o poder, Sizi e Arrigucci.[27]

37 “Quanto lustre daqueles, que abatido
Tem soberba! Que feito viu Florença
Sem ser de *esferas de ouro* enobrecido?[28]

38 “Eram pais dos que julgam glória imensa
No consistório, vago o episcopado,
Cevar-se dos banquetes na licença.[29]

39 “Surgia o bando já, sem pejo e ousado,
Dragão que investe a quem lhe teme a ira
Cordeiro em vendo bolsa ou braço armado.[30]

40 “De princípio tão vil a origem tira,
Que Donato Ubertino se afrontava,
Quando a um desses o sogro a filha unira.[31]

41 “Já Caponsacco no Mercado estava,
De Fiésole vindo; e lá já era
Giuda, Infangato: o nome os ilustrava.[32]

42 “Incrível coisa vou dizer, mas vera:
No recinto uma porta outrora havia,
À qual deu nome a gente della Pera.[33]

43 “Fidalgo, que o brasão belo trazia
Do Barão cujo nome, glória e vida
Se celebra de São Tomé no dia,

44 “Deve-lhe o privilégio e honra subida;[34]

Mas hoje ao popular partido se une
Trazendo de ouro a facha guarnecida.[35]

45 “Já Gualterotti viam-se e Importuni;
E em Borgo a paz de todo se perdera,
Quando uma turba nova em si reúne.[36]

46 “A casa, de que o mal vosso nascera,
Que vos deu morte, justamente irada,
E ao feliz viver vosso o fim pusera,[37]

47 “Em si, na prole sua fora honrada.
Por que sua aliança recusaste
Por sugestão, ó Buondelmonte, errada?[38]

48 “Quando a cidade a vez primeira entraste,
Se do Ema às águas Deus te houvesse dado,
Ledice fora o pranto que causaste:[39]

49 “Forçado era que ao mármore quebrado,
Da ponte guarda, vítima imolasse
Florença, de sua paz o fim chegado.[40]

50 “Com esses e outros, que inda eu mais lembrasse,
Florença vi gozar fausto repouso,
Sem motivo, que pranto lhe excitasse.

51 “Com esses e outros vi tão glorioso
E justo o povo, que ao revés lançado
Não era na hástea o lírio seu formoso,
Nem por facções em rubro transformado.”[41]

---

[1] A nobreza de sangue é chamada de “mesquinha”, pois é implicitamente confrontada com a nobreza do espírito, que é muito superior. Entretanto, apesar da sua quase insignificância, Dante diz que não se maravilha se os homens se orgulham tanto da nobreza de sangue na terra (onde a vontade é fraca e se volta muitas vezes a falsos bens), já que ele próprio se orgulhou dessa nobreza no céu, onde o desejo não pode se desviar do verdadeiro bem.

[2] A nobreza de sangue é um manto, um ornamento exterior, e com o tempo ela perde todo o seu prestígio, se o homem não realiza obras nobres (que são como um pano que alonga o pano).

[3] Dante, compreendendo a nobreza de sua família (que descendia de um cavaleiro), passa a se dirigir a Cacciaguida com “vós”, em um gesto de reverência. Esse é o sinal da sua fraqueza, que se gloria da nobreza da família. De fato, no poema o tratamento “vós” é reservado a personagens particularmente relevantes.

“De que, primeira, Roma usara”: acreditava-se que o primeiro emprego do “vós” no tratamento de uma única pessoa tivesse ocorrido quando os romanos homenagearam Júlio César, que em sua pessoa havia reunido os poderes públicos. É provável que essa crença derive da interpretação errônea de alguns versos de Lucano (*Farsália*, V, 383-386).

“Mas que em vulgar dicção não foi avante”: o costume de usar o “vós” não ficou muito forte na região de Roma, onde muitos empregavam o “tu" independentemente da pessoa a quem se dirigiam.

[4] “A que tossira”: a dama de Malehaut. No romance de Lancelote, ela assiste, escondida, ao primeiro encontro entre o cavaleiro (por quem estava apaixonada) e a rainha Ginevra. Quando ouviu as palavras da rainha a respeito do amor de Lancelote por ela, a dama fingiu tossir, para advertir o cavaleiro de que já conhecia o seu segredo com a rainha. Do mesmo modo, o sorriso de Beatriz é sinal de que ela entendeu a pequena fraqueza de Dante, quando ele trata Cacciaguida por “vós”.

[5] “De São João a grei”: a população de Florença, designada pelo batistério de São João.

[6] “Sem falar vulgar loquela”: o texto original diz “mas não com a moderna loquela”, expressão normalmente interpretada de dois modos. Segundo alguns, isso significa que Cacciaguida fala em latim e não em língua vulgar; e essa é a interpretação seguida por Xavier Pinheiro. Entretanto, muitos elementos levam a crer que, na verdade, Cacciaguida fala em vulgar florentino arcaico, oposto (como a antiga Florença se opõe à nova) ao vulgar moderno.

[7] “Do dia em que se ouvia o Ave”: no dia da Anunciação. No calendário florentino, os anos eram contados a partir da encarnação (25 de março, festa da Anunciação).

“Ao momento […] transe grave”: a quando minha mãe, que já está no Paraíso, deu-me à luz.

“Do Leão foi aos pés reacendida / De Marte a luz quinhentos e cinquenta / Vezes mais trinta na incessante lida”: Marte se juntou à constelação de Leão 580 vezes. Marte realizou, portanto, 580 revoluções. Segundo Alfragano, a revolução de Marte dura 687 dias; realizados os cálculos, isso corresponde a 1091 anos solares. Cacciaguida nasceu, portanto, em 1091.

“Do Leão foi aos pés reacendida”: Marte reacende o seu calor sob as patas do leão imaginado na constelação. Acreditava-se que o calor fosse próprio do planeta Marte e da constelação de Leão.

[8] “Sexto último”: o chamado *sesto di Porta San Pietro*.

“Jogos anuais”: a corrida que atravessava a cidade na festa de São João Batista, padroeiro da cidade.

Cacciaguida diz que nasceu no lugar onde aquele que faz a corrida de São João entra no último sexto da cidade. O último sexto é o de Porta San Pietro, mas o ponto aqui indicado (onde se entra no sexto) é o lugar onde se encontravam as casas dos Elisei, ilustre família florentina com a qual os Alighieri talvez tivessem algum parentesco. Já as casas dos Alighieri também se encontravam no *sesto di Porta San Pietro*, mas não no percurso da corrida de São João.

“Sexto”: na época de Dante, Florença era dividida em sextos, mas antes disso era dividida em quartos. O último sexto era o de Porta San Pietro, onde viviam as famílias mais antigas da cidade. Isso indica, portanto, a nobreza da família de Dante.

[9] Cacciaguida diz apenas onde eram as casas dos antepassados de Dante, mas cala sobre a sua origem. Acreditava-se que as famílias que viviam em Porta San Pietro, as mais antigas da cidade, fossem descendentes de antigos romanos. Narrar sobre essas origens teria sido alimentar a vanglória de Dante, que já havia mostrado orgulho pela nobreza da família. Para muitos comentadores, esse é o modo mais apropriado de entender a reticência de Cacciaguida.

[10] “Os que haviam então suficiência para a guerra”: os homens entre dezoito e sessenta anos, aptos para a guerra.

“Entre Marte e João Batista”: entre o Ponte Vecchio (onde se encontrava a estátua mutilada de Marte) e o batistério. Esses eram, respectivamente, os limites a sul e a norte na cidade.

“São o quíntuplo os que têm ora a existência”: não é claro se essa expressão se refere apenas aos homens válidos ou a toda a população da cidade. De qualquer modo, os versos indicam o rápido crescimento da população da cidade, entre o tempo de Cacciaguida e o tempo de Dante.

[11] No tempo de Cacciaguida, toda a população, incluindo o mais humilde artesão (“artista”), era “pura”, tinha origem antiga. Entretanto, agora a população é misturada com habitantes do condado florentino.

Campi: hoje Campi Bisenzio, burgo no vale do Bisenzio.

Certaldo: em val d’Elsa.

Figghine: Fegghine, hoje Figline, no vale do Arno superior.

[12] Teria sido melhor manter aqueles habitantes como vizinhos e manter os confins da cidade em Trespiano e Galluzzo (aldeias perto de Florença, respectivamente a norte e a sul).

[13] Aguglion: alusão a Baldo d’Aguglione, jurista e político. Teve vários cargos públicos. Participou da compilação dos *Ordinamenti di Giustizia* em 1293 e da sua reforma em 1311, na qual concedia anistia a diversos exilados brancos, excluindo o nome de Dante. Seu nome está ligado ao escândalo da fraude nos atos públicos, citado em “Purgatório”, XII, 103-105.

Signa: alusão a Fazio dei Morubaldini da Signa, jurista que teve importantes cargos. Como Baldo, mudou dos brancos para os negros. Teve responsabilidade no exílio de Dante.

[14] Se a Igreja não tivesse sido contrária à autoridade imperial (estabelecida pela Providência para a vida civil dos homens).

Isso pode se referir ao fato de que os senhores dos castelos, não mais protegidos pela autoridade imperial (à qual se opunha a Igreja), cediam suas terras ao domínio das cidades, na qual eles se estabeleciam. Segundo alguns, os versos aludem a um fato preciso: o tratado de San Genesio (1197), em que as cidades toscanas diziam não reconhecer quem governasse pelo imperador, sem a autorização da Igreja. Com isso, o condado (que antes ficava sob o poder dos senhores protegidos pelo imperador) passou a ser dominado pelas cidades, sobretudo Florença.

[15] Segundo alguns, trata-se de uma alusão a Lippo dei Velluti, família que, de castelo em Semifonte, foi a Florença. Semifonte ficava em Val d’Elsa e era

feudo imperial dos Alberti, destruído pelos guelfos.

“Onde o avô mendigava esfarrapado”: “mendigar” é um dos modos de entender a expressão empregada no original, que pode também se referir ao trabalho dos ambulantes ou ao trabalho de vigilância dos castelos. De qualquer modo, a expressão se refere a alguma atividade humilde, em oposição ao trabalho lucrativo exercido pelos descendentes em Florença.

16 Montemurlo: castelo perto de Pistoia, feudo dos condes Guidi, chamados “Conti” em Florença por antonomásia. Depois de muitas lutas contra habitantes de Pistoia, eles acabaram vendendo o castelo a Florença, estabelecendo-se na cidade, nas casas que haviam sido dos Ravignani.

“Os seus Cerchi inda Acone conservara”: os Cerchi ainda estariam em Acone, em Val di Sieve. Cerchi era o nome de uma família importante, mas não nobre, chefe da parte branca.

Buondelmonti: família na qual teve origem a divisão de Florença em dois partidos. Possuía o castelo de Montebuoni, no vale da Greve (Valdigrieve), a sul de Florença. O castelo foi tomado pelos florentinos em 1135, e os Buondelmonti se estabeleceram em Florença.

17 Uma cidade grande (“touro”), mas mal governada na sua confusão de pessoas, cai mais facilmente do que uma cidade pequena (“anho”) nas mesmas condições. Do mesmo modo, uma cidade pequena, mas concorde (como uma única espada), é mais forte do que uma cidade grande, mas com discórdias internas (como cinco espadas). O número cinco pode ser referência ao número de habitantes de Florença que, na época de Dante, poderiam ser o quíntuplo do número de habitantes no tempo de Cacciaguida.

18 Orbisaglia: cidade romana, destruída pelos visigodos.

Luni: cidade etrusca perto do rio Magra, que já havia sido ilustre. Foi mais de uma vez destruída pelos sarracenos, estando desabitada na época de Dante.

Chiusi: cidade etrusca no vale do Chiana, em via de extinção e abandonada por causa de seu clima insalubre (depois se tornou uma pequena cidade).

Sinigaglia: cidade romana, que na época de Dante estava em vias de extinção (mas depois refloresceu), por causa das devastações por obra dos sarracenos e por causa da infestação de malária.

19 “Se tu considerares que até mesmo as cidades têm um fim, não estranharás o

fim das estirpes (solares)”.

[20] Todas as criações humanas têm fim. Mas algumas dessas criações (como as cidades e as estirpes), tendo vida mais longa a do que homem, parecem não ter fim.

[21] E se tal é a sorte de todas as coisas humanas, Dante não deve estranhar a decadência das grandes famílias florentinas, que Cacciaguida enumerará agora.

[22] Cacciaguida fala primeiro de famílias que, embora ilustres, já estavam em decadência em seu tempo.

[23] Essas famílias, antigas, ainda eram importantes na época de Cacciaguida.

[24] As casas dos Ravignani, no sexto de Porta San Pietro, passaram depois para os condes Guidi e, depois, para os Cerchi (a “nova infâmia”), que as ocupavam em 1300. Recorde-se que os Cerchi não eram nobres, e que a família era chefe dos guelfos brancos, tendo sido responsável por tantas lutas internas no tempo de Dante. Por isso, o texto diz que a conduta da família “fará soçobrar em breve a barca”, que é Florença. É difícil associar essas palavras a algum acontecimento histórico preciso. Mesmo assim, muitos julgam mais plausível que “barca” se refira a Florença, não à família dos Cerchi (como entendem alguns estudiosos).

Ravignans: Ravignani, a ilustre família de Bellincione Berti (“Paraíso”, XV, 112-114).

Conde Guido: Guido Guerra, descendente da “famosa Gualdrada” (filha de Bellincione), casada com Guido, o Velho.

“E quantos ao diante / De Bellincione o nome têm fulgente”: e quantos descendentes tomaram o nome de Bellincione, para honrar o ilustre antepassado. O nome de Bellincione passou às famílias Donati, Adimari e Alighieri. Um dos ramos da família Donati se chamava Bellincione. E uma das filhas de Bellincione se casou com Alighiero I (filho de Cacciaguida); o filho do casal se chamou Bellincione, que foi avô de Dante.

[25] Os versos falam de famílias que, na época de Cacciaguida, começavam a se tornar importantes.

“Della Pressa em governo era prestante”: Della Pressa era uma família gibelina que depois traiu os florentinos na batalha de Montaperti. Na época de Cacciaguida, os Della Pressa já demonstravam boa capacidade para governar.

Galigaio: os Galigai eram uma família gibelina. Na época de Cacciaguida, eram

já cavaleiros, que se distinguiam pelo punho e pelos copos da espada dourados.

[26] “Coluna do Esquilo”: indica a família dos Pigli, cujo brasão era uma listra cinza e branca que atravessava o comprimento de um campo vermelho. A listra tinha as mesmas cores da pele do esquilo siberiano.

“Quem pelo alqueire se pejara”: os Chiaramontesi, que ainda se envergonham pela fraude do alqueire de sal, cometida por um de seus membros (“Purgatório”, XII, 103-105).

[27] “O tronco dos Calfucci”: a expressão compreende também os Donati, que tiveram a mesma raiz que os Calfucci. Segundo outros, a expressão se refere somente aos Donati, que teriam dado origem aos Calfucci. Os Donati foram os chefes dos guelfos negros.

“Cadeiras curuis”: os altos cargos (entre os romanos, a expressão se referia às cadeiras dos magistrados).

Sizi e Arrigucci: famílias guelfas.

[28] “Aqueles, que abatido / Tem soberba”: a famosa família gibelina dos Uberti, cuja ruína foi a derrota em Montaperti. Um de seus membros mais ilustres foi Farinata degli Uberti (um dos protagonistas do canto X do “Inferno”).

“Esferas de ouro”: os Lamberti, cujo brasão eram esferas de ouro em campo azul. Também os Lamberti foram uma importante família gibelina, arruinada após a derrota de Montaperti.

[29] “Pais dos que julgam…”: os antepassados dos Visdommi e dos Tosinghi, famílias que administravam o arcebispado quando era vacante. Os antepassados foram responsáveis por empresas honrosas (como os Lamberti); os descendentes, no tempo de Dante, dispunham do dinheiro da Igreja.

“Consistório”: assembleia dos cardeais.

[30] Alusão à família dos Adimari, com a qual Dante teve conflitos pessoais. São recordados no poema diversos personagens de diversos ramos da família, entre eles Filippo Argenti (“Inferno”, VIII, 21-48).

“Surgia”: crescia em importância.

[31] Os Adimari tinham origem tão vil que a Ubertino Donati, casado com uma das filhas de Bellincione, desagradou o fato de ter se aparentado com os Adimari, mediante o casamento de um deles com outra filha de Bellincione.

[32] Caponsacco: Caponsacchi, família gibelina que, de Fiésole, foi para Florença, estabelecendo-se perto do Mercato Vecchio.

Giuda, Infangato: Giudi e Infangati, importantes famílias gibelinas, de antiga nobreza.

[33] Alusão a uma das portas da primeira cerca de muros da cidade, a porta Peruzza, cujo nome, acreditava-se, derivava da família della Pera. Isso parece "incrível" porque a família estava já extinta no tempo de Dante.

[34] Os versos falam das famílias cujos brasões traziam a insígnia do marquês Ugo di Toscana ("barão"): Giandonati, Pulci, della Bella, Nerli, Gangalandi e Alepri. Todas as famílias eram de grande nobreza, recebendo do marquês a dignidade do título de cavaleiro e o privilégio de usar a sua insígnia.

Ugo di Toscana: Ugo, o Grande, marquês de Toscana. Foi sempre muito generoso para a cidade de Florença. Dizia a lenda que ele havia fundado sete abadias. Morreu no dia de São Tomé, no ano de 1001, e, no dia de sua morte, os florentinos costumavam celebrar missas para ele.

[35] Alusão a Giano della Bella, promotor dos *Ordinamenti di Giustizia* (1293), em defesa do povo contra os magnatas. Dante reprova sua ação como uma traição de classe e como uma perturbação da boa ordem do passado; para ele, Giano se desviou do caminho seguido por seus antepassados.

"Trazendo de ouro a facha guarnecida": no brasão ("facha") dos della Bella, a insígnia de Ugo di Toscana apresentava uma faixa dourada.

[36] Gualterotti e Importuni: famílias guelfas (talvez alguns Gualterotti fossem gibelinos) que moravam no burgo Santi Apostoli, onde depois foram morar os Buondelmonti, com os quais nasceram as divisões de Florença.

[37] A casa: os Amidei, que, justamente irados pela ofensa recebida, acabaram originando a divisão da cidade.

[38] "Prole": o texto original fala também das famílias associadas aos Amidei: os Uccellini e os Gherardini.

Buondelmonte dei Buondelmonti havia prometido se casar com a filha de um dos Amidei, mas, no dia estabelecido para o casamento, ele se casou com a filha de Gualdrada Donati. Com isso, os Amidei se indignaram (justamente, como dizem os versos anteriores) e mataram Buondelmonte. A isso se atribuía a divisão da cidade em guelfos (seguidores dos Buonelmonti) e gibelinos

(seguidores dos Amidei). O fato é recordado em “Inferno”, XXVIII, 106-108.

“Por sugestão”: de Gualdrada Donati.

[39] Ema: rio que tinha de ser atravessado por quem se dirigisse a Florença, saindo de Montebuoni (o castelo dos Buondelmonti).

[40] Os versos falam do inexorável destino da cidade: era forçoso que Florença, terminado o seu tempo de paz, imolasse uma vítima à estátua mutilada do deus Marte (o “mármore quebrado”). A estátua estava posicionada como guarda de Ponte Vecchio, perto de onde Buondelmonte foi assassinado. A partir de então, acabou o tempo de paz da cidade.

[41] “Ao revés lançado / Não era na hástea o lírio seu formoso”: a bandeira de Florença era um lírio branco em campo vermelho. Era costume que os vencedores arrastassem pelo campo a bandeira da cidade vencida, mas com a hástea ao contrário. Cacciaguida quer dizer que, no seu tempo, Florença não havia sido derrotada.

“Nem por facções em rubro transformado”: a alusão pode ser ao sangue derramado por causa das diversas lutas em Florença. Mas o verso também alude à efetiva mudança nas cores da bandeira da cidade, e Cacciaguida quer dizer que, no seu tempo, a cor do lírio não havia sido modificada por causa das discórdias internas. Em 1251, quando os gibelinos foram exilados, os guelfos trocaram as cores da bandeira (lírio vermelho em campo branco). Foi assim que permaneceu a bandeira da cidade.

CANTO XVII

Revela Cacciaguida o desterro de Dante e os seus efeitos.

Quinto céu: Marte, espíritos que combateram pela fé. Dante pergunta sobre as predições que ouviu no Inferno e no Purgatório, a respeito de sua vida. Cacciaguida esclarece as predições, falando sobre o exílio de Dante e elogiando Cangrande della Scala por sua hospitalidade. Dante então fica em dúvida a respeito daquilo que escreverá sobre a sua viagem. Cacciaguida, dizendo que ele nada deverá esconder a respeito de sua viagem, confere solenemente a Dante a missão de mostrar a verdade aos homens.

1 Qual a Climene explicações rogava
De quanto em desconceito próprio ouvira
O que austeros depois os pais tornava,[1]
2 Tal fiquei, tal efeito pressentira
Com Beatriz a santa luz brilhante,
Que da Cruz eu da altura descer vira.[2]
3 E disse Beatriz: — “Desse anelante
Desejo a flama exibe e nela esteja
Ao que tens na alma imagem semelhante.
4 “Não porque mais ao claro em ti se veja,
Mas porque, sendo a sede revelada,
Prestada em proporção água te seja.”[3]
5 — “Ó cara estirpe minha à Glória alçada!
Como conhecem as terrenas mentes
Não dar a obtusos dois triâng’lo entrada,
6 “Assim vês tu as coisas contingentes
Lá no porvir, o Centro contemplando,
A quem todos os tempos ’stão presentes.[4]
7 “Enquanto eu a Virgílio acompanhando,
Subia o monte, onde ao pecado há cura,
E também pelo Inferno penetrando,
8 “Sobre a existência minha ouvi futura
Agras palavras, posto que me sinta
Impertérrito aos golpes da ventura.[5]
9 “Folgara em ter ciência bem distinta
Dos reveses, que a sorte me prepara:
Menos magoa a seta ao que a pressinta.”
10 Ao esp’rito, que há pouco me falara,
Meu desejo hei destarte declarado,
Como a senhora minha me ordenara.
11 Sem ambages, que aos homens enviscado
Tinham, antes de Deus ser o Cordeiro
Que os pecados remiu, sacrificado,[6]

12 Mas em preciso estilo e verdadeiro,
Logo tornou-me o paternal afeito,
Velado e transparente em seu luzeiro.[7]
13 — “A contingência, que do espaço estreito
Da matéria os limites não transcende,
Toda se pinta no eternal aspeito.
14 “Necessidade, entanto, não a prende,
Como não prende a vista em que se espelha
A nau, que as águas rápida descende.[8]
15 “De lá[9] bem como se transmite à orelha
Doce harmonia de órgão, refletido
O tempo me é que a ti já se aparelha.
16 “Qual de Atenas Hipólito há partido
Pela perfídia da madrasta impia,
Tal deixarás Florença perseguido.[10]
17 “Assim se quer e a trama principia;
Será em breve executado o plano
Lá onde a Cristo vendem cada dia;[11]
18 “A culpa o mundo a quem padece o dano
Dará; mas terá pena merecida,
Da verdade em vingança, o algoz insano.[12]
19 “Deixarás toda coisa mais querida,
Chaga primeira, de tormentos cheia,
Do desterro pelo arco produzida.
20 “Sentirás quanto amarga, quanto anseia
O sal de estranho pão; que é dura estrada
Subir, descer degraus da escada alheia.[13]
21 “Tua angústia há de ser mais agravada,
Te acompanhar no val do exílio vendo
Ignóbil gente, estólida, malvada.[14]
22 “Ingrato, louco e mau te acometendo
O bando se há de unir: será corrido
Ele, não tu, o opróbrio merecendo.[15]

23 “Seu bestial instinto conhecido
Terão seus feitos; glória consumada
Terás, tu, só formando o teu partido.[16]
24 “Há de ser-te acolhida franqueada
Primeiro pelo exímio e grã Lombardo
Que por brasão tem Águia sobre Escada.[17]
25 “Terá contigo tão cortês resguardo,
Que, o rogo prevenindo, o dom se apresse,
Que sói entre outros se mostrar mais tardo.[18]
26 “Verás com ele o que ao nascer merece
Tanto deste astro bélico a influência,
Que a fama a glória ao nome lhe engrandece.[19]
27 “Ainda ignorada jaz tanta excelência:
Só voltas nove em torno lhe têm dado
Estas esferas na anual cadência.[20]
28 “Mas antes que o Gascão tenha enganado
Henrique excelso, já fará patentes
De ouro o desdém e o ânimo esforçado.[21]
29 “Serão grandezas suas tão fulgentes,
Que inimigos, mau grado, as contemplando,
Terão de as proclamar por preeminentes.
30 “Nele confia, o bem dele esperando;
A sorte mudará de muita gente,
Ricos, mendigos condição trocando.[22]
31 “Dele o que eu digo inculcarás na mente,
Sem narrá-lo”. — E proezas predizia,
Incríveis ainda a quem lhes for presente.
32 — “Eis, filho, o comentário” — prosseguia —
“Do que te foi já dito; eis a emboscada,
Que num período breve se encobria.
33 “Mas por ti dos vizinhos invejada
Não seja a sorte; prolongada a vida,
Verás sua perfídia castigada.”[23]

34 Depois que essa alma santa concluída,
Calando-se, mostrou já ter a trama
Da tela, que eu lhe oferecera urdida,[24]
35 Com tom de voz falei de homem que clama
Por bom conselho, ao recear perigo,
De quem, sábio e discreto, o bem de outro ama.
36 — "Vejo, ó pai, que, investindo, o tempo imigo
Contra mim corre para o golpe dar-me,
Mais grave, porque opor-me não consigo.[25]
37 "De prudência, portanto, é bem que me arme;
Não suceda, ao perder pátria guarida,
Dos meus versos por causa outra faltar-me.[26]
38 "No mundo, onde em perpétua dor se lida,
Da montanha subindo ao excelso cume,
Donde elevou-me Beatriz querida,
39 "E depois pelo céu de lume em lume
Coisas tais aprendi, que, se as redigo,
Travo terão a muitos de azedume.[27]
40 "Se, da verdade eu for remisso amigo,
Morrer temo dos homens pelo olvido,
Que o tempo de hoje hão de chamar antigo."[28]
41 A luz, onde o tesouro era escondido,
Que eu achara, se fez tão coruscante,
Como o Sol de áureo espelho refletido.
42 E disse: — "A consciência vacilante
Por próprios atos ou vergonha alheia
Teu falar haverá por cruciante.[29]
43 "Mas deves repelir mentira feia:
Toda a tua visão faz manifesta,
Coce-se a pele, que é de lepra cheia.[30]
44 "Ao primeiro sabor será molesta
Tua palavra; mas vital sustento
Deixará depois, quando for digesta.

45 “Há de o teu braço assemelhar-se ao vento,
Que ao mais soberbo cimo[31] ousado investe;
Há de isto ao nome teu dar lustre e aumento.
46 “Ante os olhos aqui no céu tiveste,
No santo monte e lá no val das dores,
Almas, que a fama com seu brilho veste.[32]
47 “ Pois de ouvintes o ânimo ou leitores
Preço não dá ao exemplo derivado
De origem vil, sem nota, sem louvores,
Nem a outro argumento mal fundado.”[33]

---

[1] Faetonte pediu explicações a sua mãe Climene para saber se era realmente verdade aquilo que Epafo dissera sobre a sua origem (isto é, que ele não era filho do Sol).

“O que austeros depois os pais tornava”: como se sabe, o Sol, para convencer Faetonte de que ele era seu filho, deixou-o guiar o seu carro. O carro, desgovernado, saiu da sua rota e Faetonte morreu. Desse modo, essa história fez com que os pais se tornassem mais austeros diante dos pedidos dos filhos. O mito é narrado no livro I das *Metamorfoses* (748…) e é recordado diversas vezes na *Divina Comédia*, entre as quais “Inferno”, XVII, 106-108.

[2] “Tal fiquei”: por causa das profecias que Dante ouviu no Inferno e no Purgatório, a respeito do seu futuro. Assim como Faetonte, Dante quer explicações a respeito das palavras desfavoráveis que ouvira.

“Santa luz”: Cacciaguida.

[3] Os beatos veem os desejos de Dante em Deus, então as palavras de Dante nada acrescentariam àquilo que eles já sabem. Mas é importante que Dante expresse em palavras os seus desejos, de modo que os beatos possam satisfazê-los de modo mais completo.

[4] Cacciaguida, como todos os beatos, vê em Deus (ponto onde todos os tempos são presentes) os eventos do tempo histórico (“coisas contingentes”) antes que eles aconteçam, com a mesma evidência com a qual a mente dos homens vê que

um triângulo não pode conter em si dois ângulos obtusos.

“Coisas contingentes”: contingente é o que pode ser ou não ser, aquilo que não é necessário. Tais são os acontecimentos do tempo histórico.

5 “Agras palavras”: as predições de Farinata, Brunetto e Vanni Fucci no “Inferno” (X, 79; XV, 61; XXIV, 140) e de Corrado Malaspina e Oderisi, no “Purgatório” (VIII, 133; XI, 139).

“Impertérrito”: firme, destemido.

6 Sem a ambiguidade e a obscuridade próprias dos oráculos, que estorvavam os pagãos, antes do advento do cristianismo.

7 “Velado e transparente em seu luzeiro”: Cacciaguida estava velado em sua própria luz, que, contudo, manifestava claramente a sua alegria. Por isso, ele está ao mesmo tempo oculto e “transparente” em sua própria luz, que revela a sua alegria.

8 Os fatos contingentes, que são próprios do mundo material, estão todos presentes na eterna mente divina. Entretanto, isso não torna necessários tais fatos, do mesmo modo como a descida de uma nave ao longo de um rio não é um fato determinado pela vista no qual se reflete. Isto é, o fato de alguém ver uma nave em um rio não determina o movimento dela. Do mesmo modo, a presciência divina não confere necessidade aos fatos que nela estão presentes, conservando o livre-arbítrio do homem.

9 “De lá”: “do eternal aspeito” (v. 39).

10 Hipólito: filho de Teseu, rei de Atenas. Sua madrasta Fedra, vendo rejeitadas suas indecorosas propostas ao enteado, acusou-o de tê-la tentado seduzir. Teseu acreditou nas acusações e, com isso, Hipólito foi forçado a deixar Atenas. A história é narrada no livro XV das *Metamorfoses* (493). Como Hipólito, Dante também será expulso da cidade, não obstante a sua inocência. No caso de Dante, a “madrasta” será provavelmente a própria cidade de Florença, que deveria ter sido mãe do poeta.

11 “Lá onde a Cristo vendem cada dia”: na cúria papal. De fato, em 1300 Bonifácio VIII já negociava ocultamente com a parte negra para acabar com o governo branco. Logo, o exílio de Dante foi consequência direta da política de Bonifácio VIII.

12 “A culpa o mundo a quem padece o dano / Dará”: a voz comum imputará a

culpa a quem padecerá o dano. Segundo alguns, “quem padece o dano” se refere à parte branca, que será derrotada. Mas, como o discurso se refere unicamente a Dante, muitos pensam que a expressão se refere apenas ao poeta.

“Mas terá pena merecida…”: pode se referir a algumas calamidades que recaíram sobre Florença em 1303, ou pode se referir ao fim da vida de Bonifácio VIII (com o atentado de Agnani: “Purgatório”, XX, 85-90) e à terrível morte de Corso Donati (“Purgatório”, XXIV, 82-87), chefe dos negros. Pode ser também que a previsão seja indeterminada, manifestando apenas a certeza da intervenção divina.

13 “Estranho pão”: o pão que se recebe dos outros.

“Subir, descer degraus”: para pedir hospitalidade.

14 “Gente”: os exilados do partido branco.

15 Não são claras as notícias sobre os primeiros anos do exílio de Dante. De 1302 a 1307, os brancos tentaram diversas vezes entrar em Florença, mas sempre fracassaram. Sabe-se com certeza que Dante participou da primeira tentativa e é provável que ele tenha participado também da segunda. A terceira tentativa (chamada “batalha da Lastra”), ocorrida no verão de 1304, terminou em uma grave derrota para os brancos. Ao que parece, Dante teria tentado dissuadir seus companheiros de tal empresa, mas foi acusado de pusilanimidade e traição. Com isso, ele teria rompido definitivamente com eles. Entretanto, é difícil dizer com certeza por que os companheiros de Dante são chamados de “ingratos”, “loucos” e “maus”.

“Será corrido / Ele, não tu, o opróbrio merecendo”: os versos se referem, provavelmente, à batalha da Lastra. O texto original diz, literalmente: “ele, não tu, terá a têmpora vermelha”. Isso pode ser entendido no sentido de “vergonha”, como na tradução, ou no sentido de “sangue”, mais adequado à referência à batalha da Lastra (caso essa referência seja verdadeira).

16 Os próprios feitos dos brancos farão conhecer a sua insensatez, de tal modo que para Dante será motivo de honra a ruptura com eles e o isolamento.

17 “O exímio e grã Lombardo”: Bartolomeo della Scala, senhor de Verona de 1301 a 1304. Segundo outros, trata-se de seu irmão Alboino, senhor de Verona de 1304 a 1311.

“Que por brasão tem Águia sobre Escada”: o brasão dos Scaligeri era apenas a

escada, à qual acrescentaram depois a águia (símbolo imperial). Os Scaligeri se tornaram vigários imperiais apenas em 1311, por nomeação de Arrigo VII. Entretanto, é muito provável que já antes disso a águia estivesse presente no brasão. Pode ser que o próprio Bartolomeo já a tivesse acrescentado, por ter se casado com Constância, bisneta de Federico II.

[18] Tão grande será a sua liberalidade, que o dom, que normalmente vem depois, virá antes do pedido.

[19] "O que ao nascer": Cangrande della Scala (1291-1329), irmão de Bartolomeo, homem de grande importância na época, personagem principal a quem Dante volta a sua gratidão. Foi senhor de Verona de 1312 a 1329 e acolheu Dante pelo mais longo período do seu exílio, na sua segunda estadia em Verona. Em 1311, tornou-se vigário imperial e, depois da morte de Arrigo VII, foi chefe dos gibelinos, tentando realizar o projeto de unificação da Itália sob o império. A Cangrande Dante teria dedicado a composição do "Paraíso".

"Deste astro bélico": Marte.

[20] Em 1300, Cangrande tinha apenas 9 anos.

[21] "Antes que o Gascão tenha enganado / Henrique excelso": antes que Clemente V (que era gascão) engane Arrigo VII. Clemente convidou o imperador para ir à Itália (depois de tantos imperadores que não haviam feito o mesmo), parecendo ser favorável à sua causa. Entretanto, depois o papa tentou se opor à empresa de Arrigo, mediante a oposição das cidades guelfas. Isso aconteceu em 1312. Antes de 1312, Cangrande era já senhor de Verona e vigário imperial.

[22] Isto é, Cangrande reparará injustiças. Trata-se de elogio indeterminado, que não necessariamente faz referência a fatos precisos. Além disso, a frase é uma reminiscência bíblica (Lucas, 1, 52-53).

[23] "Vizinhos": os florentinos (mais especificamente, os negros, que permaneceram na cidade).

"Prolongada a vida": segundo alguns, refere-se à vida mortal de Dante (longa o suficiente para ver a punição dos florentinos); segundo outros, refere-se não só à sua vida mortal, mas à sua fama de poeta e à vida de seu poema, já que Cacciaguida falará, nos versos seguintes, da composição do poema de Dante.

[24] "Mostrou já ter concluída a trama da tela, que eu lhe oferecera urdida": mostrou ter terminado de esclarecer as dúvidas de Dante.

[25] “Mais grave, porque opor-me não consigo”: o original diz “golpe que é tanto mais grave quanto mais uma pessoa se abandona a ele”.

[26] Dante narrará em versos aquilo que viu em sua viagem. Contudo, pode ser que seus versos, acusando tantos senhores italianos, façam com que ele, depois de sair de Florença, não encontre refúgio em outras cidades.

[27] No Inferno, no Purgatório e no Paraíso, Dante ficou sabendo de verdades que, se as transcrever no poema, a muitos serão amargas.

[28] Por outro lado, Dante teme que, se não for fiel à verdade, ele e seu poema não sobrevivam na memória dos pósteros.

[29] “Por próprios atos ou vergonha alheia”: por culpas próprias ou cometidas por familiares.

[30] “Coce-se a pele…”: que se lamente aquele que tem culpa. A expressão proverbial tem sentido semelhante a “doa a quem doer”.

[31] “O mais soberbo cimo”: os personagens mais potentes.

[32] “No santo monte e no val das dores”: no Purgatório e no Inferno.

[33] Pois o ouvinte não dá valor a exemplos relativos a matérias desconhecidas nem a argumentos que não sejam evidentes.

CANTO XVIII

Apartando-se de Cacciaguida, Dante sobe com Beatriz ao céu de Júpiter, onde estão os que na terra distribuíram justiça reta.

Cacciaguida nomeia algumas almas que estão na cruz. Dante e Beatriz sobem para o céu seguinte. Sexto céu: Júpiter. As almas se apresentam a Dante, formando diversas letras e depois uma águia. O poeta faz uma oração pelo mundo, que parece não seguir mais a justiça, e, em seguida, faz uma invectiva contra a cupidez da Igreja.

1 Já gozava em silêncio do seu verbo
Essa alma venturosa, e eu cogitava,
O doce temperando pelo acerbo;[1]
2 Mas aquela, que a Deus me encaminhava,
— “Muda o pensar; que perto” — me dizia
“Eu sou do que injustiças desagrava.”[2]
3 Voltei-me à voz, que sempre me infundia
Valor: dos santos olhos a ternura
Descrever a palavra renuncia.
4 Não só a língua em vão dizer procura;
Mas, sobre si tornando, desfalece
A mente sem socorro lá da altura.[3]
5 Ora somente referir se of ’rece
Que outro desejo, a santa contemplando,
Do coração, ao todo, desparece,
6 Como a delícia eterna, rebrilhando
Direta em Beatriz, me extasiava
Do gesto seu por um reflexo brando.[4]
7 Com riso, de que a luz me subjugava,
— “Volve-te, escuta ainda; o Paraíso
Não está só nos meus olhos” — me falava.
8 Como a paixão, no seu dizer conciso,
Pelos olhos se exprime, na alma enquanto
Tolhe o prestígio seu todo o juízo,[5]
9 Assim no flamejar do fulgor santo,
Voltando-me, o desejo vi patente
De aditar ao que disse ora algum tanto.
10 — “Na quinta estância da árvore, que ingente,
Pelo cimo se nutre” — principia —
“Que frutos sempre dá, sempre é virente,[6]
11 “Espíritos habitam, que algum dia
Nome tinham na terra tão famoso,
Que opimo assunto às Musas prestaria.

12 “Da cruz os braços olha cuidadoso:
Os que eu te nomear verás fulgindo,
Qual relâmpago em nuvem pressuroso.”
13 Na cruz vi perpassar, o nome ouvindo
De Josué, um traço rutilante,
Mal acabara a voz, presto surgindo.[7]
14 Disse o grã Macabeu: no mesmo instante
Outro acorria, sobre si rodando:
Tange alegria esse pião brilhante.[8]
15 Assim fez Carlos Magno, assim Orlando.
Atento, os movimentos seus esguardo,
Qual monteiro ao falcão no ar voando.[9]
16 Seguiram-se Guilherme e Rinoardo;
Distingue o Duque Godofredo a vista,
E logo após se assinalou Guiscardo.[10]
17 Depois c’os outros esplendores mista,
Provou-me a alma ditosa, que há falado,
Ser nos coros do céu sublime artista.[11]
18 Voltei-me então para o direito lado,
Por conhecer de Beatriz o intento,
Em palavras ou gestos declarado.
19 Nos olhos puros seus vi tal contento,
Fulgor tal, que excedia o seu semblante
Quando de antes prendeu-me o pensamento.[12]
20 Como, ao sentir prazer inebriante,
Cada vez que o bem faz, homem conhece
Ir da virtude na vereda avante,
21 Assim mais amplo o arco me parece
Do círculo, em que vou co’ céu girando,
Ao ver quanto prodígio tal recresce.[13]
22 Tão presto, como em nívea face, quando
A chama do pudor se acende, volta
A cor a ser qual de antes, branqueando,

23 Pelo doce candor que a vista envolta
Me teve, conheci que a sexta estrela
Nos recebera a mim e à minha escolta.[14]
24 De Júpiter na esfera argêntea e bela
O cintilar de amor, que ali resplende,
Linguagem humana aos olhos me revela.[15]
25 De aves qual bando, que se estreita ou estende,
Do rio junto à borda, e que, à verdura
Do pascigo a folgar, os voos tende,
26 Tal em seus lumes grei ditosa e pura,
Adejando, cantava e descrevia
De D, de I, de L uma figura.[16]
27 Ao compasso dos hinos se movia
E em silêncio quedava, se detendo,
Quando alguma das letras concluía.
28 Pegásea Diva, ó tu, que, concedendo
A glória ao gênio, lhe dilatas vida,
Cidades, reinos imortais fazendo![17]
29 Brilha em mim! por que seja referida
Cada figura, qual me foi presente!
Faz tua força em meus versos conhecida!
30 E cinco vezes sete claramente
Vogais e consoantes vi, notando
Cada qual pelo traço refulgente:
31 *Diligite iustitiam* indicando
Verbo e nome primeiros na escritura;
Qui iudicatis terram terminando.[18]
32 Colocando-se assim cada luz pura,
No fim pausaram no vocáb'lo quinto:
Sobre o argento de Jove ouro fulgura.[19]
33 De outros lumes, que descem, vi distinto
Do M o cimo: cantam, lá pousados,
Bem que os atrai ao divinal precinto.[20]

34 Como carvões ardentes encontrados
De centelhas um jorro de si lançam,
Presságios por estultos venerados,[21]
35 Muitos mil fogos para o ar avançam,
Subindo à altura que lhes há marcado
O Sol, de quem beleza e brilho alcançam.[22]
36 Já, cada qual ao seu lugar tornado,
De Águia o colo a meus olhos se mostrava
Rematando em cabeça, desenhado.[23]
37 Guia não teve o artista que os traçava:
É seu todo o primor, toda a mestria,
Que em cada ninho[24] forma própria grava.
38 A santa grei, porém, que parecia
De ornar de c'roa o M estar contente,
Movendo-se, a figura perfazia.[25]
39 Quantas joias, ó astro refulgente,
Mostraram-me provir justiça humana
Do céu de que és ornato permanente![26]
40 À mente, pois, suplico de que emana
O moto e a força tua, atenta veja
Da névoa a causa que o teu brilho empana;[27]
41 E de ira ainda uma vez tomada seja
Contra os que mercadejam no seu templo,
Que do sangue dos mártires flameja.[28]
42 Celestial milícia, que eu contemplo,
Roga por esses, que ora estão na terra
Transviados, seguindo hórrido exemplo.[29]
43 Com gládio outrora se travava a guerra;
Hoje em tirar o pão, que Deus tem dado,
Dos combatentes o valor se encerra.[30]
44 Tu, que escreves pra ser logo emendado,
Pensa que Pedro e Paulo hão ressurgido,

Pela vinha morrendo que hás talado.[31]
45 Tu bem podes dizer: — “Devoto hei sido
Do que, ao deserto dando tanto apreço,
Sofreu martírio à dança oferecido:
O pescador e Paulo não conheço.”[32]

---

[1] A abertura do canto tem relação com o discurso de Cacciaguida realizado no canto anterior: Cacciaguida goza, porque vê como a Providência dispõe os fatos; Dante cogita e tenta mitigar a acerbidade presente na profecia com a doçura de certos fatos também preditos por Cacciaguida.

[2] “O que injustiças desagrava”: Deus.

[3] O poeta explica por que renuncia à descrição do que viu nos olhos de Beatriz: a memória não é capaz de tornar tanto sobre si mesma (isto é, tornar a tal profundidade), sem o socorro de uma virtude superior, Deus.

[4] A eterna beleza divina resplandece em Beatriz e extasia Dante, que a vê refletida em Beatriz.

[5] Como um sentimento se manifesta nos olhos, quando ele é tão intenso que atrai para si todas as faculdades da alma (isto é, quando ele absorve totalmente a alma).

“No seu dizer conciso”: tal sentimento precisa de poucos meios para ser conhecido; de fato, os olhos são o suficiente para manifestá-lo.

[6] O Paraíso é representado como uma árvore, cujos ramos, graduais, representam os diferentes graus de beatitude (correspondentes aos diferentes céus): essa árvore não recebe a sua vida pela raiz, mas sim pelo alto, onde está Deus; além disso, essa árvore sempre dá frutos e nunca perde as suas folhas.

“Quinta estância”: o quinto céu, de Marte.

[7] Josué: sucedeu Moisés e guiou os hebreus para a conquista da terra prometida. Suas empresas são narradas no livro bíblico que tem o seu nome.

[8] Macabeu: Judas Macabeu, combateu o rei da Síria Antíoco Epifânio, libertando os hebreus da sua tirania. Suas empresas são narradas nos livros bíblicos dos

Macabeus.

“Sobre si rodando: / Tange alegria esse pião brilhante”: ele roda sobre si mesmo, em uma espécie de dança que exprime a alegria interna do espírito. Nesse movimento, a alegria interna funciona como a corda que tange o pião, fazendo-o rodar.

[9] Carlos Magno e Orlando, dois célebres combatentes pela fé cristã. Carlos Magno (742-814): fundador do Sacro Império Romano. Lutou pela fé contra os longobardos (o que é recordado em “Paraíso”, VI, 94-96) e contra os sarracenos na Espanha. Foi o protagonista de diversas lendas medievais e suas empresas eram narradas nas canções do chamado ciclo carolíngio.

Orlando: sobrinho de Carlos Magno, seu mais famoso paladino. Foi o protagonista de diversos poemas heroicos, entre os quais a *Chanson de Roland*. A única notícia histórica que se conhece a seu respeito é o fato de ele ter morrido em Roncisvalle. Isso é recordado em “Inferno”, XXXI, 16-18.

[10] Guilherme: duque de Orange, conselheiro de Carlos Magno. No final da vida, viveu em um mosteiro por ele fundado. Famoso por diversos feitos militares e por suas empresas contra os sarracenos. É o centro das canções do ciclo de Orange.

Rinoardo: sarraceno convertido ao cristianismo por Guilherme. Tornou-se seu servo, acompanhando-o em suas empresas. Personagem de grande relevo nas canções do ciclo de Orange, que falam de sua desmesurada força. Trata-se de em personagem literário, não histórico.

Duque Godofredo: Godofredo de Bulhão (1058-1100), duque de Lorena, foi um dos comandantes na primeira cruzada e participou da tomada de Jerusalém.

Guiscardo: Roberto, chamado Guiscard (“astuto”), foi um dos que conduziram a conquista normanda da Itália meridional, contra os bizantinos. Em 1059, tornou-se duque da Apúlia e da Calábria. Famoso por ter libertado o papa Gregório VII, que havia sido atacado por Henrique IV. Morreu em 1085. A ele era atribuída a expulsão dos sarracenos da Apúlia e é provavelmente por isso que ele se encontra no céu de Marte. É recordado em “Inferno”, XXVIII, 13-15.

[11] Cacciaguida voltou para a cruz, misturando-se aos outros espíritos e cantando com eles.

[12] O novo aspecto dos olhos de Beatriz supera até mesmo o inefável aspecto do qual falam os versos 8-18 desse mesmo canto.

[13] Como o homem percebe que progride na virtude pelo maior prazer que ele sente ao fazer o bem, do mesmo modo Dante percebeu ter subido a um céu superior, porque era maior a prodigiosa beleza de Beatriz.

“Mais amplo o arco me parece / Do círculo, em que vou co’ céu girando”: quanto mais um céu é distante da terra, maior é a sua circunferência.

[14] Dante sobe de Marte para Júpiter: diante dos olhos de Dante, o vermelho de Marte dá lugar ao branco de Júpiter.

[15] Em Júpiter, as luzes das almas, que cintilam de amor, formam letras, que são os sinais com os quais se transcreve a linguagem humana.

[16] A comparação com as aves diz respeito às diferentes figuras que os grupos de aves formam no céu. Esses grupos de aves tendem voo e ora se estreitam em determinadas figuras ora se estendem em outras figuras.

[17] O poeta invoca a Musa, aqui entendida como a inspiração poética (por isso, a Musa não é determinada).

“Pegásea”: Pégaso era o cavalo alado que, dando um coice no Hélicon, fez nascer a fonte Hipocrene, símbolo da inspiração poética.

“Cidades, reinos”: cantados pelos poetas.

[18] As trinta e cinco letras (“cinco vezes sete”) formam a frase *Diligite iustitiam, qui iudicatis terram* (“Amai a justiça, vós que julgais a terra”), versículo que abre o livro da Sabedoria. “Verbo e nome”: o verbo é *diligite* e o nome é *iustitiam*.

[19] As almas param na letra “M” (letra final da quinta palavra, *terram*); e essa letra (dourada por causa da luz dos beatos) em Júpiter parecia ouro incrustado em prata. Muitos observam que “M” é a letra inicial de “monarquia”, único regime que, para Dante, podia garantir a justiça na terra (como ele diz em seu tratado *Monarchia*).

[20] Para compreender toda a descrição que agora será realizada, é preciso imaginar que se trata do “M” epigráfico gótico. As novas almas que descem se colocam no cimo do “M”, isto é, no centro da sua curvatura, que é a sua parte mais alta. Quando essas novas almas se concentram na parte mais alta da letra, a sua figura fica semelhante a um lírio heráldico.

“Bem que os atrai ao divinal precinto”: Deus.

[21] Alusão ao antigo costume de bater na lenha queimada, para fazer presságios a respeito das centelhas que saem.

[22] Da parte mais alta da letra sobem inúmeras almas, dispondo-se segundo os diferentes lugares que Deus estabeleceu para elas.

[23] As almas que se concentraram no cimo da letra “M” formaram uma figura semelhante à do lírio heráldico. Em seguida, elas subiram, dispondo-se de modo tal a formar a cabeça e o pescoço de uma águia, símbolo do Império (ao qual Deus atribuiu a função de cuidar da justiça na terra).

[24] Deus (“o artista”), ao criar, não segue um mestre ou um modelo; é ele próprio que guia a criação e dele deriva a virtude criativa que dá forma às criaturas que são geradas. Todos os seres da terra têm a sua forma segundo o arquétipo que está na mente divina. Por isso, a águia que Dante vê no céu não segue o modelo das águias terrenas: são estas que são criadas segundo o modelo que Deus desenha no céu.

“Em cada ninho”: como dito anteriormente, todos os seres, quando são gerados, recebem sua forma segundo o arquétipo que está na mente divina. Entretanto, esse contexto fala especificamente da águia, Dante (e Xavier Pinheiro) emprega a imagem do ninho, para falar da geração da águia.

[25] Os outros espíritos, que antes pareciam contentes em formar a letra M e o lírio heráldico, moveram-se de modo a completar a figura da águia.

“De ornar de coroa”: o original diz *ingigliarsi*, neologismo dantesco que significa que as almas conferiram à letra um aspecto semelhante ao do lírio.

[26] “ Joias”: almas.

“Astro refulgente”: Júpiter.

As almas, formando a sentença bíblica e a figura da águia, mostram para Dante que a justiça na terra deriva do influxo do céu de Júpiter.

[27] “A mente”: a mente divina, da qual procede o movimento e a influência que Júpiter exerce sobre a terra.

Como os próximos versos darão a entender, a “névoa” que ofusca o brilho da justiça é a avidez por bens terrenos, e seu lugar próprio é a cúria romana.

[28] “Ainda uma vez”: a primeira vez na qual Deus se indignou com aqueles que mercadejavam no templo foi quando Jesus expulsou os mercadores do templo de

Jerusalém (Mateus, 21, 12-13; Marcos, 11, 15-17; Lucas, 19, 45-46; João, 2, 14-16).

Dessa vez, o templo não é o de Jerusalém, mas a Igreja, formada pelos milagres e pelos sacrifícios dos mártires.

29 “Celestial milícia”: os beatos.

“Que eu contemplo”: o presente (tradução exata do original) se refere ao momento em que o poeta escreve; logo, ele os contempla na memória, com os olhos da mente.

30 Antes o papado combatia os seus adversários de modo legítimo (“com gládio”). Agora a sua guerra consiste em tirar dos seus oponentes a Eucaristia (“o pão que Deus tem dado”). Alude, provavelmente, às excomunhões (que excluíam de todos os sacramentos) por razões políticas. Pode ser que os versos aludam especificamente a João XXII, que, de 1317 a 1319, excomungou os vigários imperiais (entre eles, Cangrande della Scala).

31 Dante se dirige a João XXII, papa de 1316 a 1334.

“Que escreves para ser logo emendado”: interpretado de diversos modos. Alguns dizem que isso se refere à grande facilidade com a qual o papa escrevia as excomunhões, cancelando-as depois por dinheiro. Entretanto, como isso não corresponde inteiramente à verdade histórica, alguns pensam que se refira ao fato de o papa ter cancelado os benefícios eclesiásticos, concedidos por seu antecessor Clemente V: essa atitude pode ter sido atribuída a interesses materiais do papa. De qualquer modo, o verso se refere a certa avidez de dinheiro, por parte do papa.

“Vinha”: Igreja.

“Que hás talado”: que assolaste.

32 Dante imagina uma violenta e cínica resposta do papa.

“O que, ao deserto dando tanto apreço, / Sofreu martírio à dança oferecido”: São João Batista, que teve uma vida de penitência no deserto e morreu por causa de Salomé, que pediu a Herodes, como presente pela sua dança, a cabeça de João Batista (Mateus, 14, 3-12; Marcos, 6, 17-29). O santo indica aqui o florim, moeda florentina que tinha impressa a imagem de João Batista em uma de suas faces.

“Pescador”: São Pedro, pescador por profissão.

O papa se interessa tanto pelo dinheiro que nem conhece São Pedro e São Paulo.

CANTO XIX

Fala a Águia maravilhosa, e resolve a questão — se alguém pode se salvar sem a fé cristã.

Sexto céu: Júpiter, espíritos justos. A Águia começa a falar e, entendendo a dúvida de Dante sobre a possibilidade de salvação sem a fé cristã, faz um discurso para esclarecê-la. Em seguida, a Águia faz uma censura contra os maus príncipes da terra.

1 De asas pandas formosa se ostentava
Essa imagem, que enlevos de alegria
Nas almas enlaçadas excitava,
2 E rubi cada qual me parecia,
Em que raio de Sol, fúlgido ardendo,
Os lumes nos meus olhos refrangia.[1]
3 O que eu agora descrever pretendo
Voz não contou, nem pena há referido,
Nem criou fantasia encarecendo.
4 O bico da Águia vi falar, e o ouvido
Eu e *meu* nas palavras distinguia,
Mas *nós* e *nosso* estava no sentido.[2]
5 — "Porque fui justo e pio"[3] — assim dizia —
"Exaltado me veio a tanta glória,
Que excede a quanto o anelo aspiraria.
6 "De mim deixei na terra tal memória,
Que a apregoam os homens pervertidos,
Sem exemplos seguir, que narra a história."[4]
7 Como em pira dão lenhos incendidos
Um só calor, aqueles mil amores
Da imagem 'stavam num falar contidos.[5]
8 Então lhes disse: "Ó vós, perpétuas flores
Do júbilo eternal, que num perfume
Sentir fazeis multíplices olores,
9 "Esta fome fartai, que me consume,
Há largo tempo, na terrestre vida,
Onde alimento nunca achar presume.
10 "Se do céu noutro reino é refletida
A divina justiça em claro espelho,
Sei que sem véus no vosso é percebida.[6]
11 "Sabeis que, atento, a ouvir-vos me aparelho;
Sabeis também que, nunca saciado,
Ardo em desejo que se fez já velho."

12 Qual falcão, do capelo desvendado,
Que a fronte move, as asas exercita
E se apavona ledo e alvoroçado,[7]
13 Tal vi a insígnia, que essa grei bendita,
Louvor da graça divinal, formara,
Com hinos próprios da mansão que habita.
14 Depois dizia: — "Aquele que traçara
Com seu compasso o mundo e no começo
De ocultas, claras coisas o dotara,
15 "Não pôde tanto seu poder impresso
No universo deixar, que o Eterno Verbo
A criação não teve infindo excesso.[8]
16 "Prova-o bem quem primeiro foi soberbo;
Pois, sendo ele perfeita criatura,
Não esperando a luz, caiu acerbo.[9]
17 "Todo ente, pois, somenos em natura
Conter o Bem sem fim não circunscrito,
Não pode, e em si de si guarda a mensura.[10]
18 "Nossa vista, de alcance tão finito,
Posto seja um dos raios dessa Mente,
Que as coisas todas enche no infinito,[11]
19 "Não é, por natureza, tão potente,
Que não discerna a sua Causa Eterna,
Do que ela é na verdade diferente.[12]
20 "Penetra na justiça sempiterna
A vista concedida ao vosso mundo,
Bem como o olhar, que pelo mar se interna:
21 "Se junto ao litoral lhe enxerga o fundo,
No pélago o não vê: certo é que existe,
Mas encoberto está por ser profundo.[13]
22 "Se do lume não vem, que só persiste
Sempre sereno, a luz torna-se em treva,
Ou da carne é veneno ou sombra triste.[14]

23 “Já compreendes que o véu romper se deva,
Que a Divina justiça te escondia,
E a tão frequentes dúvidas te leva.[15]
24 “Junto ao Indo — tua mente assim dizia —
Um varão vem à luz: de Cristo o nome
Nem por voz, nem por letras conhecia.
25 “Os feitos e desejos são desse home’,
Bons no quanto julgar à razão cabe;
Em pecar ditos e atos não consome.
26 “Quando sem fé e sem batismo acabe,
Há justiça em ser ele condenado?
Pode ter culpa quem não crê, não sabe?[16]
27 “Mas tu quem és, que, em tribunal sentado,
Julgas, de léguas em milhões distante,
Se mal vês o que a um palmo é colocado?
28 “Em duvidar, por certo, iria avante
Quem assim sutilezas apurara,
Sem a luz da Escritura triunfante.[17]
29 “Terrenos vermes! Raça estulta, ignara!
A Primeira Vontade, por si boa,
De si, Supremo Bem, se não separa.[18]
30 “Justo é somente o que com ela soa,
A si nenhum criado bem a tira,
Todo o bem, radiando, ela afeiçoa.”[19]
31 Como a cegonha, que o seu ninho gira,
Os filhotes já tendo apascentado,
Enquanto cada qual, farto, a remira,
32 Assim, os olhos quando eu tinha alçado
Fez o pássaro santo; e asas movia
Por múltiplas vontades sustentado.
33 Volteando cantou; depois dizia:
— “As notas não compreendes do meu canto,
Como os mortais de Deus sabedoria.”

34 As flamas quando já do Esp’rito Santo
Quedaram nessa imagem, que alcançara
Aos romanos do mundo temor tanto,[20]
35 Prosseguiu: — “Este reino não depara
Jamais quem não acompanhou a Cristo
Nem antes, nem depois que à Cruz se alçara.[21]
36 “Dizem muitos em grita — Cristo! Cristo!
Menos perto, em juízo, do que o infido
Lhe hão de ser que jamais conheceu Cristo.[22]
37 “Há de os danar o Etíope descrido,
Quando em grei rica e pobre eternamente
For o gênero humano repartido.[23]
38 “Dos reis cristãos o que dirão em frente
Os persas, lendo no volume aberto,
Onde tanto flagício está patente?[24]
39 “Ali hão de se ver entre os de Alberto
Os que serão em breve registrados:
De Praga o reino tornarão deserto.[25]
40 “Se hão de ver sobre o Sena acumulados
Os do rei, que a moeda falsifica,
Da fera morto aos dentes afiados[26]
41 “Se há de ver a soberba atroce, inica,
Que em demência o escocês e o bretão lança:
Nenhum nos seus confins contente fica.[27]
42 “E se há de ver quanto em luxúria avança
O rei de Espanha e o que a Boêmia rege,
Que mostra ao seu dever tanta esquivança.[28]
43 “Ninguém ao Coxo de Sião inveje:
Com I sua bondade se assinala,
Com M o que em contrário ama e protege.[29]
44 “Se há de ver que a avareza à ignávia iguala
No rei da ilha, em que morreu Anquise,

E donde o fogo, a trovejar, se exala.[30]
45 “Por que do seu valor mal se ajuíze,
Em cifra a história sua é resumida,
Que muito em pouco espaço localize.[31]
46 “Será patente a vergonhosa vida
Do tio e desse irmão, que hão desonrado
Dois cetros e a ascendência enobrecida.[32]
47 “O rei de Portugal será notado
E o rei de Noruega e mais aquele,
Que de Veneza os cunhos tem falsado.[33]
48 “Ditosa Hungria! que de si repele
O jugo da opressão! Feliz Navarra,
Quando em seus montes que defensa vele![34]
49 “E creiam todos que já d’isto em arra
Nicósia e Famagusta se lamentam,
Bramindo de uma fera sob a garra:
Os exemplos dos mais não o escarmentam.”[35]

---

[1] “Refrangia”: Xavier Pinheiro emprega o mesmo termo empregado no original. Como em outros lugares do poema, “refranger” significa “refletir”.

[2] Dante vê o bico da Águia se mover e a Águia, formada por inúmeros espíritos, fala com uma única voz no singular, em vez de falar no plural. Isso significa que a justiça é uma só e provém de Deus: todos aqueles que a exercem falam com a mesma voz, conformando-se à vontade divina.

[3] A justiça e a piedade são os dois meios pelos quais Deus opera.

[4] Os espíritos, por sua justiça e piedade, deixaram tal memória de si na terra que até os homens maus os louvam, embora não sigam os seus exemplos, narrados pela história.

A Águia é formada por espíritos justos. Muitos elementos levam a crer que se trate especificamente de governantes justos.

[5] De todas aquelas almas (ardentes de amor) que formavam a imagem saía uma única voz.

[6] “Noutro reino do céu”: como se diz em “Paraíso”, IX, 61-63, a justiça divina se reflete diretamente na ordem angélica dos Tronos. Entretanto, Dante sabe que também os beatos do céu de Júpiter conhecem, sem véus, a justiça divina (e podem, portanto, esclarecer a sua dúvida).

O termo “reino” suscitou controvérsias entre os comentadores. Segundo alguns, “reino” se refere ao céu de Saturno (pelo qual são responsáveis os Tronos), em oposição ao céu de Júpiter; segundo outros, “reino” se refere aos Tronos, em oposição a todos os outros beatos; segundo outros ainda, “reino” se refere aos Tronos, mas em oposição ao céu de Júpiter (uma vez que a justiça terrena era considerada um influxo do céu de Júpiter).

[7] Era costume colocar um capuz sobre o falcão, para conduzi-lo até o lugar da caça, onde o capuz era tirado para que o falcão pudesse alçar voo. A comparação capta o momento em que o falcão se vê livre do capuz, sentindo-se feliz e desejoso de iniciar a caça.

[8] Aquele que, com um compasso, marcou os confins do mundo, e nele distinguiu de modo ordenado tanto as coisas visíveis como as coisas invisíveis, não pôde imprimir no mundo a sua potência de tal modo que a sua ideia (o Eterno Verbo) não excedesse infinitamente o universo.

Os três primeiros versos formam uma perífrase que indica Deus, sujeito dos outros versos. Desse modo, o período significa que Deus não pôde imprimir no mundo toda a sua potência; por isso, a ideia divina (que dá forma a tudo) excede infinitamente a criação. Os versos significam, portanto, que a criação, na sua finidade, não pode conter a infinidade divina.

“Com seu compasso”: imagem bíblica, presente em Provérbios, 8, 27.

“Poder” e “Verbo”: “poder” é a potência criativa de Deus; “Verbo” é o Filho, no qual estão as ideias das coisas criadas.

“Que o Eterno Verbo / A criação não teve infindo excesso”: a frase parece ter algo de estranho. O texto original diz que “o Verbo não permanecesse em infinito excesso”. De fato, o subjuntivo parece mais adequado ao contexto e, em termos métricos, ele é possível no último verso. Talvez se trate de alguma mudança causada por sucessivas edições. Além disso, “à criação” parece mais apropriado do que “a criação”. De qualquer modo, é possível entender o sentido

geral dos versos.

[9] “Quem foi primeiro soberbo”: Lúcifer, que comprova a verdade enunciada nos versos anteriores (que o Verbo excede infinitamente a criação). Lúcifer, que foi a mais alta das criaturas, foi precipitado do céu imperfeito (“acerbo”), por não ter esperado a perfeição que teria sido concedida pela luz da graça divina.

[10] Logo, é claro que qualquer outra natureza (inferior àquela de Lúcifer) é insuficiente para conter o Bem infinito e que não pode ser circunscrito, isto é, Deus.

“E em si de si guarda a mensura”: refere-se a Bem. Deus só pode ser medido só consigo mesmo.

[11] “Nossa vista”: algumas edições do texto original dizem, de fato, “nossa”. Edições mais recentes dizem “vossa”.

[12] Segundo grande parte dos comentadores, os versos significam: a vista intelectual dos mortais, que não é senão um raio da mente divina que se difunde em todas as coisas, não pode, por sua natureza, ser tão potente a ponto de discernir o seu princípio (Deus), para além daquilo que é perceptível. Isso significa que, da mente divina, os homens só conseguem conhecer um pouco além daquilo que é sensivelmente perceptível.

Xavier Pinheiro, contudo, interpreta de outro modo: a vista humana não é tão potente a ponto de o homem não reconhecer que o seu princípio está muito além do seu alcance. Deus, estando muito além da vista humana, não se identifica com ela. É provavelmente por isso que Xavier Pinheiro traduz “do que ela é na verdade diferente”.

[13] Isso significa provavelmente que o homem entende que há a justiça divina, mas não é capaz de compreender os seus modos de operar.

[14] A luz da verdade para o intelecto humano deriva apenas da luz da mente divina, que é sempre serena. Se não provém do céu, a luz é na verdade ignorância (“treva”), conhecimento envenenado pelos sentidos ou limitado por eles (“sombra triste da carne”).

[15] “A Divina Justiça”: objeto de “escondia”.

[16] A Águia expõe a dúvida de Dante como se traduzisse de modo direto o pensamento do poeta, colocando o problema em um exemplo concreto. O exemplo trata de um homem nascido em um lugar remoto (o Indo designa o

Oriente) onde ninguém fala sobre Jesus. Esse homem (ao menos segundo a razão) só realiza e só deseja o bem e não peca nem por atos nem por palavras. Se esse homem morre sem batismo, como é justa a sua condenação? Qual é a sua culpa?

17 Se não tivesse a Escritura para ajudá-lo, o homem que entra em tantas sutilezas a respeito da justiça divina teria certamente muitos motivos para duvidar.

18 A vontade de Deus, que é por si boa, jamais se afasta de si mesma, que é o sumo bem. Isto é, a vontade de Deus é sempre perfeitamente boa: ela é, portanto, sempre justa.

19 A resposta da Águia não é uma demonstração racional, pois a razão não é capaz de compreender os mistérios da justiça divina; na verdade, a resposta confirma a insuficiência da razão humana.

“Justo é somente o que com ela soa”: só pode ser justo o que se conforma à vontade divina.

“A si nenhum criado […] ela afeiçoa”: nenhum bem pode atrair para si a vontade divina, pois é ela mesma que, radiando a sua graça, causa todo bem (“afeiçoa” aqui significa “forma”).

20 “Imagem, que alcançara / Aos romanos do mundo temor tanto”: a imagem da Águia.

21 “Antes que à Cruz se alçara”: aqueles que acreditaram em Cristo venturo foram os hebreus justos do Antigo Testamento (os quais foram libertados do Limbo).

22 No Juízo universal, muitos que professaram sua fé apenas em palavras ficarão menos perto de Jesus do que um que jamais conheceu Cristo (e, contudo, agiu bem).

“Dizem muitos em grita — Cristo! Cristo!”: reminiscência evangélica (Mateus, 7, 21). Note-se, novamente, a rima do nome Cristo com ele mesmo.

23 “Etíope”: os infiéis em geral, aqueles que não conheceram Cristo. Eles poderão julgar aqueles falsos cristãos, quando a humanidade for dividida entre os ricos (pela felicidade da beatitude) e os pobres (pela privação de tal felicidade).

[24] “Persas”: são, novamente, os infiéis.

“Volume aberto”: o livro no qual estão registradas as ações humanas e que será aberto no Juízo (Apocalipse, 20, 12).

“Flagício”: ignomínia.

[25] A Águia faz um elenco dos maus príncipes cristãos. Esse elenco se estende por nove tercinas. No texto original, as letras iniciais das tercinas (três iniciam com L, três com V e três com E) formam o acróstico “lue”, que significa “peste”.

Alberto: Alberto de Habsburgo, que era imperador em 1300 (sobre o qual se fala em “Purgatório”, VI, 97). Em 1304, Alberto invadiu a Boêmia (cuja capital era Praga) e depôs Venceslau II, seu cunhado, destruindo o reino. Esse será um dos feitos de Alberto registrados no livro.

“Os que serão em breve registrados”: isso aconteceu em 1304, poucos anos depois da viagem de Dante.

[26] “O rei”: Felipe IV, o Belo, que teria mandado cunhar moedas de valor mais baixo do que aquele declarado, causando graves danos para a economia da França (indicada pelo rio Sena). Ele teria feito isso para financiar a guerra contra Flandres.

“Da fera morto aos dentes afiados”: narra-se que em 1314, quando Felipe foi caçar, um porco selvagem passou pelas pernas do cavalo, fazendo com que o rei caísse. Pouco depois disso, Felipe teria morrido. A expressão empregada por Dante diz que ele teria morrido por um “golpe” do porco. Já a tradução fala de uma mordida.

[27] Alusão aos reis da Inglaterra e da Escócia, que, não contentes com seus próprios territórios, estavam constantemente em guerra. Na época, o rei da Inglaterra era Eduardo I; a Escócia estava sob o poder de Roberto Bruce. Eduardo I de fato conduziu uma guerra contra a Escócia, mas parece estranho que ele seja aqui citado, já que é elogiado em “Purgatório”, VII, 132. Pode-se pensar que Dante não soubesse bem o que se passava na Inglaterra e na Escócia, ou que, ouvindo falar de constantes confrontos entre os países, tenha condenado genericamente os seus reis.

[28] Rei de Espanha: Fernando IV de Castela (1285-1312).

O que a Boêmia rege: Venceslau II da Boêmia, condenado com palavras semelhantes em “Purgatório”, VII, 101-102.

[29] “Coxo de Sião”: Carlos II d’Anjou, chamado o Coxo. Herdou do pai o título, apenas honorífico, de rei de Jerusalém.

No livro da justiça divina, suas boas ações serão registradas com I (que vale um) e as más ações serão registradas com M (que vale mil). Há quem veja ainda mais malícia na indicação, já que I e M são a letra inicial e a letra final de *Ierusalem*.

[30] Os versos falam de Federico II de Aragão, rei da Sicília de 1296 a 1337. Criticado também em “Purgatório”, VII, 119-120.

“Ilha […] se exala”: a Sicília, onde morreu Anquises pai de Eneias (*Eneida*, III, 707) e onde está o vulcão Etna.

[31] São tantas as suas más ações que, para registrá-las, será preciso usar muitas abreviaturas.

[32] “Tio” e “irmão” referem-se a Federico II de Aragão. O primeiro é Jaime, rei de Maiorca, irmão de Pedro III de Aragão, pai de Federico; o segundo é Jaime II, rei da Sicília antes de Federico e depois rei de Aragão.

“Dois cetros”: de Maiorca e de Aragão.

[33] “Rei de Portugal”: Dom Dinis, o Lavrador, rei de 1261 a 1325. Foi poeta lírico em galego-português. Dante provavelmente não tinha notícias precisas sobre o rei. “Rei de Noruega”: Haakon V da Noruega; sobre ele Dante deve ter tido poucas e imprecisas notícias. Esse era o rei na época em que se passa a história, mas não se sabe nem mesmo se Dante realmente se refere a ele.

“Aquele / Que de Veneza os cunhos tem falsado”: Estêvão Uros II, rei da Ráscia (território que compreendia parte da Sérvia, da Bósnia, da Croácia e da Dalmácia) de 1282 a 1321. Alterou a sua moeda, que ficou semelhante à moeda de Veneza.

[34] Hungria: em 1301 morreu André III, e o trono da Hungria estava reservado, por direito, a Carlos Roberto, filho de Carlos Martel. Entretanto, Carlos Roberto foi reconhecido rei só em 1308. Logo, os versos dizem: ditosa Hungria, que, depois de maus governos, terá um bom rei.

Navarra: o reino de Navarra teve um bom governo com Joana I, mulher de Felipe o Belo, que reinou de 1274 a 1304. Seu sucessor foi seu filho Luís, que, depois da morte do pai, uniu as coroas de França e Navarra. Navarra teria sido feliz se tivesse se defendido da França com os montes Pirineus (que separavam ambos os territórios).

[35] Nicósia e Famagusta: as principais cidades de Chipre, que estava sob o governo de Henrique II de Lusignan, que reinou de 1285-1324 e foi, também ele, de estirpe francesa. Os lamentos de Nicósia e Famagusta serão como uma antecipação (“em arra”) daquilo que sofrerá Navarra.

CANTO XX

Príncipes que se sublimaram pela justiça e por outras virtudes. Por que estão no céu duas almas que não professaram a lei de Cristo.

Sexto céu: Júpiter, espíritos justos. Após cantar um hino, a Águia nomeia os seus espíritos mais elevados. Ao nome de Trajano e Rifeu, nasce em Dante uma dúvida, que a Águia esclarece narrando a conversão de ambos e afirmando os mistérios da predestinação. Dante fica satisfeito com a resposta.

1 Quando esse astro, que a todos alumia,
Deste hemisfério nosso já descende
E se consome em toda a parte o dia,
2 O céu, que dele só de antes se acende,
Cintilante se mostra de repente
Por mil luzeiros, em que um só resplende.[1]
3 Do céu surgiu-me essa mudança à mente
Depois que o santo pássaro calou-se,
Dos reis, no mundo, insígnia refulgente;
4 Pois desses vivos lumes ateou-se
Ainda mais o clarão, hino cantando,
Que na memória instável apagou-se.[2]
5 Ó doce amor! num riso te velando,
Quanto indicas arder nos esplendores,
Que estão santo pensar só respirando![3]
6 Quando as gemas sublimes nos fulgores,
De que o sexto planeta se adornava,
Findaram seus angélicos dulçores,
7 De rio o murmurar ouvir julgava,
Que, em claras espadanas debruçado,
Com sua veia abundante as rochas lava.
8 Da cit’ra em braço como o som formado,
Como o sopro na avena penetrando,
Em melódicas notas modulado,[4]
9 Assim formou-se um murmúrio brando,
Que subiu, logo após, da ave formosa,
Pelo canal do colo, se exalando.
10 Então em voz tornou-se harmoniosa,
Que do bico em palavras irrompia:
Em minha alma insculpiram-se ansiosa.
11 — “Na parte atenta, que em mim vês” — dizia —
“Que até na águia mortal afronta ousada
O Sol, quando rutila ao meio-dia:[5]

12 “Porque dos fogos, de que sou formada,
Aqueles, com que a vista me cintila,
No céu graduação[6] têm sublimada.
13 “Esse, que brilha em meio por pupila,
Foi o régio cantor do Esp’rito Santo,
Que a Arca trasladou de vila em vila.[7]
14 “Conhece ora a valia de seu canto,
Qual foi o efeito desse ardente zelo,
Galardão recebendo tal e tanto.[8]
15 “Dos cinco, que o sobrolho me ornam belo,
Consolou o que ao bico está mais perto
Viúva em dó do filho, seu desvelo.[9]
16 “Quanto custa lhe está bem descoberto
A Cristo não seguir, pela exp’riência
Do céu e do penar pungente e certo.[10]
17 “E o que está logo após na circunf’rência
Do sobrolho, onde vês arco superno,
Morte adiou por vera penitência.[11]
18 “Conhece agora que o juízo eterno
Não muda, se o rogar do arrependido
Em crástino tornar fato hodierno.[12]
19 “A mim e as leis esse outro há transferido
À Grécia, do pontífice em proveito:
Boa intenção mau fruto há produzido.[13]
20 “Conhece agora que o maligno efeito
Dessa obra pia lhe não é nocivo,
Posto haja o mundo horrendo desproveito.
21 “O que vês do sobrolho no declivo
Guilherme é, por quem chora o reino, opresso
De Frederico e Carlo ao mando esquivo.[14]
22 “Conhece agora bem com quanto excesso
Ao rei justo ama o céu: do seu semblante

Ainda no fulgor se mostra expresso.[15]
23 “Quem crer pudera em vosso mundo errante
Que entre estas luzes santas quinta seja
Rifeu Troiano, da justiça amante?[16]
24 “Conhece agora que mistério esteja
Na Graça — aquilo, que ainda o mundo ignora —
Bem que o fundo, inefável não lhe veja.”[17]
25 Qual codorniz, que os voos seus demora,
Paira cantando e cala-se, enlevada
Nas doçuras finais da voz sonora;
26 Tal parece-me a imagem sinalada
Pelo eterno prazer, que, a seu desejo,
Faz que seja quanto é coisa criada.[18]
27 Posto a dúvida minha neste ensejo,
Como no vidro a cor, fosse patente,
Não mais espero a solução, que almejo.[19]
28 Cedendo à força do seu peso urgente,
Prorrompo logo: — “Que mistério imenso!” —
Da águia o júbilo fez-se mais fulgente.
29 Brilho tendo nos olhos mais intenso
A sacrossanta forma respondia
Por não mais ter-me atônito e suspenso:
30 — “Bem vejo que tu crês” — assim dizia —
“Não porque entendas, mas porque assevero:
Ocultas coisas são, mas fé te guia.[20]
31 “És como quem da coisa o nome vero
Aprende; mas inota fica a essência,
Se não a explica espírito sincero.[21]
32 “Dos céus o reino sofre uma violência
Do ardente amor e da esperança viva,
Que triunfam da própria Onipotência.
33 “Mas não é, qual vitória humana, esquiva:
Vencido é Deus por ser assim servido;

Tem, vencido, vitória decisiva.[22]

34 “Maravilhado, ao veres, te hás sentido,
Do meu sobrolho a luz quinta e primeira
Neste império aos eleitos concedido.

35 “Não morreram gentios: crença inteira
No Redentor futuro ou no já vindo
Tinham antes da hora derradeira.[23]

36 “À vida um, lá do Inferno ressurgindo,
Onde não se corrige o condenado,
A mercê recebeu de anelo infindo,

37 “Vivo anelo, que ardor tanto empenhado
Em suplicar a Deus tal graça havia,
Que pôde o seu querer ser abalado.[24]

38 “Quando voltou à carne e à luz do dia,
Em que não fez detença, a alma ditosa
Naquele há crido que a salvar podia.

39 E foi na fé, no amor tão fervorosa,
Que ao passar nova morte há merecido
Sublimar-se à existência gloriosa.

40 “E a do outro, pela Graça protegido,
Que provém de uma origem tão profunda,
Que a nascente olho algum não lhe há sabido,

41 “Foi no amor à justiça sem segunda:
De graça em graça a Redenção futura
Mostrou de Deus revelação[25] jucunda,

42 “À fé se entrega; e a sua mente pura
A perversão gentílica rejeita,
Do mundo repreendendo a vida impura.[26]

43 “As damas três, que achavam-se à direita,
No carro, o seu batismo efetuaram,
Anos mil precedendo a lei perfeita.[27]

44 “Ó predestinação! Não te alcançaram
A raiz esses olhos, que a primeira

Causa jamais ao todo interpretaram.[28]

45 “Mortais! Oh! não julgueis tão de carreira!
Porque nós, que Deus vemos, não sabemos
Dos preferidos seus a grei inteira.

46 “Esta ignorância por ditosa havemos,
Que o nosso bem por este bem se afina:
De ser quanto Deus quer o que queremos.”[29]

47 Por essa imagem de feição divina,
Assim, para aclarar-me a curta vista,
Dada me foi suave medicina:[30]

48 E como a um bom cantor bom citarista
Acompanha, vibrar fazendo a corda,
E desta arte mais graça o canto aquista,

49 Assim a fala (a mente me recorda)
Da ave santa os luzeiros dois seguiam:
Como dos olhos o bater concorda,
Com sua voz igualmente se moviam.[31]

---

[1] “Esse astro”: o Sol.

“Por mil luzeiros, em que um só resplende”: acreditava-se que as estrelas não tivessem luz própria, mas se iluminassem apenas com a luz do Sol.

[2] A memória do poeta não pôde reter aquele canto.

A comparação inicial passa no campo visivo (o céu) para o campo auditivo (o canto): antes, a Águia falava apenas com uma voz; agora, as vozes dos beatos se elevam em coro. Todas essas vozes (como a luz das estrelas em relação à luz do Sol) são parte daquela única voz com a qual a Águia falava.

[3] O doce amor das almas beatas, cujo riso se manifesta em um manto de luz, mostrava-se ardente nas almas, alimentadas só por pensamentos santos.

“Esplendores”: o termo empregado no original (*flailli*) é entendido de dois modos. Segundo alguns, significa “flautas”: os beatos, pelo seu canto, são

comparados a instrumentos musicais, nos quais o sopro era produzido por pensamentos santos. Segundo outros, significa “esplendores”, como está na tradução.

4 “Cítara”: o texto original emprega o mesmo termo. O instrumento original ao qual se faz referência tem forma semelhante à da guitarra.

“Avena”: flauta pastoril. O texto original fala *sampogna*, instrumento semelhante à gaita de foles moderna.

5 “Parte”: o olho. Acreditava-se que a águia pudesse olhar fixamente para o sol.

6 De todos os espíritos que formam a Águia, aqueles que formam o seu olho são os que têm maior grau de beatitude.

“No céu”: especificamente, no céu de Júpiter.

7 “Esse”: o rei Davi, considerado o autor dos Salmos (por isso, “cantor do Esp’rito Santo”). Entre suas empresas, está a trasladação da Arca Santa para Jerusalém, recordada também em “Purgatório”, X, 55-69.

“De vila em vila”: de Gabaon para Gat e de Gat para Jerusalém (2 Samuel 6, 1-12).

8 Pela recompensa (“galardão”) que recebe, Davi sabe agora o mérito do seu canto. Embora o seu canto tenha sido inspirado por Deus, nele está presente também o “ardente zelo” de Davi, que corresponde ao seu mérito.

9 Os espíritos que formam o olho da Águia são, portanto, seis: Davi está no centro, os outro cinco formam o arco em volta dele.

“O que ao bico está mais perto”: o primeiro espírito do arco, que está mais perto do bico da Águia.

Trata-se do imperador Trajano. Como recorda “Purgatório”, X, 73-93, o imperador, interrompendo uma empresa militar, consolou uma viúva, fazendo justiça pela morte de seu filho.

10 Trajano, embora esteja no Paraíso, sabe por experiência quanto custa não seguir a Cristo. Como será explicado adiante, Trajano foi tirado do Inferno e voltou à vida. Isso lhe deu a possibilidade de se converter.

11 Trata-se, muito provavelmente, de Ezequias, o justo rei de Judá (2 Reis 18, 5). Quando estava doente, o profeta Isaías lhe anunciou a morte próxima. Entretanto, o rei, com muitas súplicas, pediu a Deus que lhe concedesse mais

quinze anos de vida (2 Reis 20, 1-11; Isaías 38, 1-20). O maior problema da identificação com Ezequias é que a sua súplica a Deus não fala expressamente de penitência. Entretanto, pode ser que Dante tenha interpretado como arrependimento o pranto de Ezequias ao fazer sua súplica a Deus; além disso, depois de sua cura, Ezequias reconhece que Deus perdoou os seus pecados (Isaías 38, 17).

12 Agora ele entende que o decreto divino não muda, se justas súplicas fazem com que aconteça amanhã ("crástino") aquilo que deveria acontecer hoje ("hodierno"). A dilação não muda a substância do decreto divino, pois tudo já estava preestabelecido no juízo divino.

13 Trata-se de Constantino (274-337), que transferiu a capital do Império para Bizâncio, levando consigo a insígnia imperial ("a mim") e o direito romano, para ceder Roma ao papa. Os versos aludem à chamada "doação de Constantino", muitas vezes condenada como origem da confusão entre os dois poderes, a qual, corrompendo a Igreja, ocasionou tantos males para o mundo ("Inferno", XIX, 115-117; "Purgatório", XXXI, 124-129). Entretanto, Dante diferencia os maus efeitos da verdadeira intenção de Constantino, que era boa: sua atitude foi originada por um sentimento de reverência em relação ao papa.

14 "Do sobrolho no declivo": na parte descendente do arco.

Guilherme: Guilherme II de Altavila, chamado o Bom. Foi rei da Sicília e da Apúlia, de 1166 a 1189. Celebrado por muitos escritores do tempo como um rei justo.

A mesma terra que lamenta a morte de Guilherme (a Itália meridional) sofre sob a opressão de Federico II de Aragão (rei da Sicília) e Carlos II d'Anjou (rei de Nápoles). Ambos os reis foram censurados no canto anterior (XIX, 127-132).

15 O amor do céu pelo justo rei se manifesta exteriormente em seu fulgor.

16 "Entre estas luzes santas quinta seja": a quinta luz do arco (sexta luz ao todo).

Rifeu Troiano: personagem da *Eneida*, ao qual o poema faz um breve aceno. Morreu quando tentou, junto com Eneias e outros, uma última resistência contra os gregos, na noite em que Troia foi atacada. Nos poucos versos que o texto virgiliano dedica ao personagem, Rifeu é chamado "o mais justo dos troianos" (*Eneida*, II, 426-428). Rifeu é um personagem marginal na *Eneida*, o que torna ainda mais excepcional a sua presença no Paraíso.

[17] Os beatos podem ver mais da graça divina do que os homens vivos; entretanto a nenhuma criatura é dado vê-la em toda a sua profundidade.

[18] A Águia, imagem da justiça divina, é um selo impresso pelo eterno prazer (a vontade divina), que, a seu desejo, concede o ser a todas as coisas criadas (faz com que as coisas criadas sejam aquilo que são).

[19] Embora no Paraíso as dúvidas de Dante sejam evidentes para os beatos (como a cor é evidente através do vidro), dessa vez a dúvida de Dante é tão premente que ele não consegue deixar de expressá-la em palavras.

[20] Dante acredita na salvação de dois pagãos (Trajano e Rifeu) porque isso foi afirmado pela Águia, que não pode dizer senão a verdade; entretanto, ele não entende como isso possa ter ocorrido.

[21] Dante faz como aquele que conhece o nome de uma coisa (a sua qualidade exterior), mas não conhece a sua essência (aquilo que a coisa é), se outra pessoa não a explica.

[22] Tem início a explicação da Águia. Os seis versos significam: o reino dos céus sofre violência do ardente amor e da viva esperança, que vencem a vontade divina. Entretanto, não se trata de uma vitória como aquela dos homens, em que a parte vencida é esquiva: o amor e a esperança vencem a vontade divina porque ela quer ser vencida e, quando é vencida, é ela quem vence com a sua bondade.

“Dos céus o reino sofre uma violência”: citação da sentença evangélica “o reino dos céus sofre violência e os violentos se apoderam dele” (Mateus, 11, 12). No original, os dois primeiro termos da sentença evangélica (*Regnum celorum*) são citados diretamente em latim.

[23] “No Redentor futuro”: no caso de Rifeu, que morreu antes de Cristo.

“No já vindo”: no caso de Trajano, que morreu depois de Cristo.

[24] Uma das duas almas, Trajano, ressurgiu do Limbo (onde, como em todo o Inferno, não há possibilidade de redenção) e tornou à vida. E essa foi a recompensa pela viva esperança de São Gregório Magno, que havia pedido tal graça a Deus, para que a salvação de Trajano fosse possível. Recorde-se a lenda, já citada nas notas a “Purgatório”, X, 73-75, segundo a qual São Gregório Magno, comovido pela piedade do imperador, teria rezado fervorosamente pela sua conversão.

“Que pôde o seu querer ser abalado”: no original, “seu querer” pode ser referido

a Deus ou a Trajano. A tradução claramente refere a expressão a Deus, tornando mais clara a relação desses versos com os versos anteriores: a vontade de Deus foi vencida pela esperança e pelo ardor de São Gregório Magno, dando a Trajano a possibilidade de salvação; e, ao fazer isso, na verdade foi Deus quem venceu, com a sua suprema bondade. Entretanto, muitos referem a expressão a "Trajano", dizendo que a sua ressurreição foi o que possibilitou que ele voltasse a sua vontade ao verdadeiro Deus (pois tal conversão não é possível no Inferno, nem mesmo no Limbo). Esse segundo modo de entender a expressão torna mais clara a explicação da salvação de Trajano. Essa explicação não é uma invenção de Dante, mas se baseia em São Tomás de Aquino, que considera possível tal milagre (*Suma Teológica*, III, Supl., q. 71, a. 5).

25 "A do outro": a alma de Rifeu.

A alma de Rifeu devotou o seu amor à justiça, por dom da graça, cujos mistérios são inacessíveis aos olhos das criaturas. E Deus, concedendo a Rifeu uma graça depois da outra, chegou a revelar-lhe a futura redenção, na qual ele acreditou. A salvação de Rifeu, diferentemente daquela de Trajano (sobre a qual existia uma lenda), é invenção de Dante, mas também se apoia sobre uma doutrina teológica: a "revelação implícita" (*Suma Teológica*, II, q. 2, a. 7). Essa doutrina afirma a necessidade da fé para a salvação, mas não exclui da salvação aqueles que não puderam ter a revelação explícita.

26 Que Rifeu tenha se convertido e tenha rejeitado o paganismo é, naturalmente, invenção dantesca, não fundamentada pelo texto da *Eneida*. O fato de que ele tenha rejeitado abertamente o paganismo pode ser também visto como oposição ao caso de Estácio, que se converteu ao cristianismo, mas não teve coragem de professar abertamente a sua fé ("Purgatório", XXII, 85-87).

27 "As damas três": as virtudes teologais (fé, esperança e caridade), que apareceram como três damas no lado direito do carro que Dante viu no Paraíso terrestre ("Purgatório", XXIX, 124-126). As virtudes teologais tornaram Rifeu cristão, mais de mil anos antes que a lei do batismo fosse instituída por Jesus. Acreditava-se que a Guerra de Troia tivesse ocorrido em 1200 a.C. As três virtudes, infundidas no sacramento do batismo, foram concedidas a Rifeu diretamente por Deus.

28 Diante do mistério de graça que possibilitou a salvação dos dois pagãos, a Águia fala: a raiz da predestinação é inacessível aos olhos das criaturas, que não podem ver a Deus ("primeira causa") em sua totalidade.

29 Tal ignorância é doce para os beatos, pois a sua felicidade se aperfeiçoa no prazer de conformar a própria vontade à vontade de Deus.

A Águia fala na primeira pessoa do plural porque fala em nome de todos os beatos.

30 Dante compreendeu que a sua dúvida se deve à limitação de sua visão diante dos desígnios divinos, que são inacessíveis aos olhos das criaturas em todas as suas razões, mas que são bons por definição.

31 As chamas de Trajano e Rifeu se moviam (mudando a sua luz) em total concordância com as palavras da Águia.

CANTO XXI

Beatriz e Dante passam do céu de Júpiter ao de Saturno. Os santos anacoretas. S. Pedro Damiano responde a perguntas de Dante.

Dante e Beatriz sobem para o céu sucessivo. Sétimo céu: Saturno, espíritos contemplativos. Dante vê uma escada. São Pedro Damião fala com Dante: responde à sua pergunta, fala de sua vida e condena os luxos do clero.

1 De Beatriz no gesto o entendimento,
Acompanhando os olhos, se embebia;
De al não cuidava absorto o pensamento.
2 Beatriz, sem sorrir-se, me dizia:
— “O sorriso contenho; de outra sorte,
Como Sêmele,[1] em cinzas te veria
3 “Minha beleza, viste já, mais forte
Refulge quanto mais se eleva a escada,
Por onde ascende para a eterna corte.
4 “Teu vigor, se não fora moderada
Ao seu fulgor, de todo fenecera,
Qual fronde, pelo raio espedaçada.
5 “À sétima chegamos clara esfera,
Que sob o peito do Leão ardente
Dá luz mais viva do que de antes era.[2]
6 “Teus olhos acompanhe pronta a mente;
Sejam-te espelho a quanto este astro belo,
Que um espelho é também, fará patente.”[3]
7 Quem bem soubesse a força do desvelo,
Com que a vista em seu gesto se pascia,
Quando voltei-me a impulso de outro anelo,
8 Quanto contente fui conheceria,
Minha guia celeste obedecendo,
Após uma, gozando outra alegria.[4]
9 No cristal, que, em seu giro se movendo,
O nome do monarca tem querido,
Que a todo o vício foi flagelo[5] horrendo,
10 De áurea cor em que o Sol é refletido,
Escada vi de tão sublime altura,
Que o topo aos olhos estava-me escondido.[6]
11 Pelos degraus brilhando com luz pura
Descia soma tanta de esplendores,
Que os clarões todos ver se me afigura.[7]

12 Como, ao seu modo, aos matinais albores,
As gralhas, pelos ares se movendo,
Aquecem-se, do frio pelos rigores,
13 Umas se vão não mais voltar querendo,
Tornam outras, buscando o pouso amado,
Rodam outras, os voos seus contendo:[8]
14 Tal dos lumes o bando sublimado
Pela escada formosa parecia,
Até certo degrau terem tocado.[9]
15 E o que parou mais perto resplendia
Tão claro, que eu pensei: “Luz, que eu venero
Em ti, amor, em que ardes, denuncia.
16 “Mas Beatriz, de quem sinal espero
Pra dizer ou calar, grave emudece:
Eu, pois, o anelo meu reprimir quero.”
17 Ela, que o meu pensar então conhece,
Pois quem tudo prevê lho manifesta,
— “Cumpre” — disse — “o que a mente ora apetece.”
18 E comecei: — “Direito não me presta
A resposta o meu mérito apoucado:
Mas por aquela, que o valor me empresta,
19 “Espírito ditoso, que velado
Estás por tua alegria, me declara
Por que tão perto a mim te hás colocado;
20 “E por que muda está na esfera clara
Do Paraíso a doce sinfonia,
Que tão devota noutras escutara.”
21 — “Como os olhos, o ouvido” — respondia —
“Tens mortal: nesta esfera não se canta,
Nem Beatriz sorri, como soía.[10]
22 “Tantos degraus desci da escada santa,
De prazer por te dar mostra evidente
Em vozes e na luz que me abrilhanta.

23 “Não que me apresse o afeto mais ardente,
Pois lá por cima igual ou mais se acende,
Como te prova o flamejar ingente.[11]
24 “Mas alta caridade, que nos prende
A quem por seu querer tudo governa,
Quais vês, marca os lugares como entende.”[12]
25 — “Bem conheço” — tornei — “sacra luzerna,
Como o livre amor do céu na corte
Basta para cumprir vontade eterna.[13]
26 “Mas como, entre a dos teus santa coorte,
Tu só chamado a este cargo hás sido,
Por discernir não hei mente assaz forte.”[14]
27 A voz final não tendo proferido,
Qual veloz roda, sobre si girando
Volveu-se o lume, súbito movido.[15]
28 O amor, que encerrava, então falando
— “Em mim dardeja” — disse — “a luz divina,
Esta, que me circunda, penetrando.[16]
29 “Com meu ver, sua ação, que assim combina,
Tanto me alteia, que a Suprema Essência,
Donde ela emana, a mim se descortina.[17]
30 “Daí vem do meu júbilo esta ardência;
Pois a minha visão quanto é mais clara,
Da claridade em mim sobe a eminência.[18]
31 “Alma, porém, que mais no céu se aclara,
O serafim, que em Deus mais se embevece,
Resposta ao teu dizer não deparara.[19]
32 “Tanto o que me perguntas desparece
Dos eternos conselhos no infinito,
Que a vista a todos pávida esmorece.
33 “Ao mundo isto por ti deve ser dito,
Que da verdade saiba quanto aberra,[20]

Os pés movendo ao transcendente fito.

34 “Alma, que é flama aqui, fumo é na terra:
O que no céu jamais saber alcança,
Como ver pode, quando a cinza a encerra?”[21]

35 Em tanto enleio o seu dizer me lança,
Que humilde, outras perguntas evitando,
Em lhe saber o nome pus a esp’rança.[22]

36 — “De mares dois no meio demorando,
De Florença não longe, estão rochedos,
Aos trovões sobranceiros se empinando.[23]

37 “Cátria chama-se a giba dos penedos:
Ao pé se vê um claustro consagrado
Da alma com Deus aos místicos segredos.”[24]

38 Terceira vez o santo me há tornado.
E disse, prosseguindo: — “Nessa ermida
Somente a Deus servir me hei dedicado.

39 “Com suco de oliveira por comida,
Contente a calma e o frio suportava,
Passando ali contemplativo a vida.[25]

40 “Nesse retiro ao céu se aparelhava
Ampla seara; estéril tanto agora,
Que o véu já cai que o mal dissimulava.[26]

41 “Fui Pedro Damiano; um Pedro outrora
Dito Peccator junto ao Ádria esteve
Na casa em que invocou Nossa Senhora.[27]

42 “Da vida me restava espaço breve,
Quando ao claustro arrancado, me cingiram
Chapéu, que a indignas fontes já se deve.[28]

43 “Magros descalços a missão cumpriram
O Vaso de Eleição e Cefas, tendo
O pão de cada dia, que pediram.[29]

44 “Hoje o pastor, a custo se movendo,
Anda de um lado e do outro carregado,

Quem o sustente por detrás querendo.[30]
45 “Seu manto, o palafrém tendo embuçado,
Dois brutos numa pele está fingindo.
Ó paciência, quanto hás suportado!”[31]
46 Calou-se. Luzes mil eu vi, fulgindo,
Descer em veloz giro a excelsa escada:
Seu brilho, em cada volta, ia subindo.
47 Parando em torno a essa alma afortunada,
A voz em som tão alto despediram,
Que não pudera ser de outra igualada.
Não sei, torvado, o que elas proferiram.

---

[1] Sêmele, filha de Cadmo, rei de Tebas, amada por Júpiter, com quem gerou o deus Baco. Juno, enciumada, instigou Sêmele a pedir para ver Júpiter em toda a sua majestade divina. Embora tenha tentado dissuadi-la, Júpiter cedeu à sua insistência; Sêmele, contudo, não suportou a visão de toda a majestade de Júpiter e seu corpo se reduziu a cinzas. O mito é narrado em *Metamorfoses*, III, 253-135, e é recordado em “Tebaida”, III, 183-185. No poema, Dante o cita em “Inferno”, XXX, 1-3.

[2] “Sétima esfera”: Saturno, planeta que induz à vida contemplativa.

Nessa época do ano, quando Saturno se encontra na constelação de Leão, os seus influxos sobre a terra se misturam com a virtude da constelação. Segundo alguns, Saturno era considerado um planeta frio; já Leão era considerada uma constelação quente. Por isso, a mistura dos influxos de Saturno com a virtude de Leão pode significar que à vida contemplativa une-se o ardor de caridade (o que será próprio das almas que serão encontradas nesse céu).

[3] A mente de Dante tem de seguir prontamente seus olhos; neles tem de se espelhar aquilo que ele verá no céu, que, por sua vez, é espelho da luz divina (ou no planeta, que reflete a luz solar). Os versos significam que Dante tem de observar atentamente aquilo que verá.

[4] Quem soubesse quão grande era o prazer de Dante ao olhar para Beatriz,

quando ele voltou sua atenção a outro objeto, saberia como era prazeroso para ele obedecer à sua guia: o prazer de obedecer-lhe era muito grande, se superava o prazer de contemplá-la.

[5] “O monarca”: Saturno, sob cujo reino não existiu vício no mundo. Os versos aludem à mítica idade de ouro, o primeiro tempo da humanidade, em que ela vivia inocente e feliz (idade correspondente ao tempo bíblico do Éden). Acreditava-se que a idade de ouro tivesse ocorrido sob o reino de Saturno. Sobre a idade de ouro já se falou em diversos momentos do poema, entre os quais “Purgatório”, XXVIII, 139-141.

[6] A figura da escada aqui vista deriva da escada vista por Jacó em sonho (Gênesis, 28, 12), a qual era interpretada como símbolo da vida ascética, que se eleva à contemplação de Deus.

[7] No Gênesis, Jacó vê anjos que se movem pela escada.

“Que os clarões todos”: subentende-se “do céu”. Dante vê tantas luzes, que parece que todas as estrelas do céu provenham desse lugar.

[8] “Rodam outras, os voos contendo”: outras continuam voando, sem se afastar do lugar onde se encontram.

[9] “Certo degrau”: as almas descem pela escada; quando chegam a certo degrau, fazem como os pássaros descritos na comparação. Os diversos movimentos das almas alude, provavelmente, aos diversos comportamentos na vida contemplativa. Entretanto, a interpretação precisa de cada um dos movimentos é incerta.

[10] As almas não cantam pelo mesmo motivo pelo qual Beatriz não sorri: o canto e o sorriso têm aqui beleza muito intensa, que não pode ser suportada pelos sentidos mortais de Dante.

[11] A alma não se dirige a Dante por um motivo pessoal, mas sim por um motivo comum aos beatos: aprazer ao viajante que acabou de chegar. Além disso, o fato de a alma ter se dirigido a Dante não significa que ela seja mais ardente de caridade: da escada para cima, todos os espíritos ardem de amor igual ao seu ou maior, como Dante pode perceber pelas suas luzes.

[12] O supremo amor, que faz com que as almas obedeçam à Providência, destina diferentes tarefas às almas (como Dante pode ver pelos diversos movimentos das almas). Logo, a alma fala com Dante porque assim quis a vontade divina. E as

almas cumprem a vontade divina com ato voluntário de amor, pois, como já se disse diversas vezes, o seu amor consiste em conformar a própria vontade à vontade divina.

13 Como dito anteriormente, as almas obedecem a Deus com um livre ato de amor. Elas não são forçadas à obediência, mas agem com um impulso de amor, que coincide com a vontade divina.

14 Dante, contudo, não entende por que justamente essa alma foi escolhida para ir ao seu encontro. No canto anterior, a Águia falou da predestinação, no sentido específico do destino das almas depois da morte. Agora, a dúvida de Dante conduzirá a um discurso a respeito da Providência e do modo como ela governa os atos humanos. Os argumentos podem parecer semelhantes, mas não coincidem totalmente: um diz respeito à predestinação em sentido específico; o outro diz respeito à Providência em sentido geral.

15 Antes que Dante acabe de falar, a alma gira sobre si mesma, manifestando a sua alegria em poder esclarecer a dúvida do poeta. O mesmo movimento manifesta alegria interna em “Paraíso”, XVIII, 40-42.

16 A luz divina desce sobre a alma, atravessando a luz que a envolve.

17 “Alteia”: eleva.

18 A luminosidade das almas é proporcional à visão que elas têm de Deus — conceito diversas vezes exprimido no “Paraíso”.

19 A alma que aqui fala tem uma grande capacidade de ver em Deus. Entretanto, nem mesmo a mais alta das almas beatas ou o mais elevado dos anjos poderia responder à pergunta de Dante. Isto é, a resposta à pergunta de Dante é inacessível a qualquer criatura.

“Alma, porém, que mais no céu se aclara”: trata-se de Maria.

“Serafim”: os serafins são a mais alta hierarquia angélica. Logo, nem o mais alto de todos os anjos do céu.

20 “Afasta-se”.

21 Na terra, a alma humana é ofuscada pelo próprio corpo, cujos sentidos são limitados.

22 “Outras perguntas evitando”: a respeito do mesmo argumento.

[23] “Mares”: o Tirreno e o Adriático.

“Rochedos”: extensão do Apenino tosco-emiliano.

“Aos trovões sobranceiros se empinando”: são tão altos que superam a altura das nuvens nas quais se formam os trovões.

[24] Cátria: monte que se destaca, pela sua altura, dos montes vizinhos. O Cátria, propriamente, está a mais ou menos 120 KM de Florença. Por isso, a indicação anterior “de Florença não longe” se refere provavelmente ao conjunto da cadeia montuosa do qual se destaca o Cátria (e não à parte específica onde se encontra o monte).

“Claustro”: o mosteiro camaldulense de Santa Cruz de Fonte Avellana.

[25] “Com suco de oliveira”: alusão à simples comida do mosteiro, preparada apenas com azeite.

“Calma”: calor.

[26] No passado, esse mosteiro deu ao Paraíso numerosas almas santas; agora, contudo, o mosteiro é como um terreno estéril.

“Que o véu já cai que o mal dissimulava”: no texto original, a frase se refere ao futuro, aludindo a alguma punição que tornará a todos manifesta a verdade sobre o mosteiro. Trata-se, provavelmente, de uma indicação indeterminada.

[27] “Pedro Damiano”: São Pedro Damião. Nasceu em Ravena em 1007. De origem humilde, teria tomado o nome de Damião por gratidão ao irmão, a quem deveu os seus estudos. Em 1035, entrou no mosteiro de Santa Cruz, do qual se tornou prior em 1043. Em 1057, tornou-se cardeal e participou de diversas missões. Em 1066, depois de insistentes pedidos, conseguiu retornar ao mosteiro. Morreu em Faenza em 1072. Além de seguir a vida monástica, Pedro Damião agiu energicamente contra a corrupção e a decadência que ele via na Igreja. Como se verá, o personagem mantém ambas as características nesse episódio do poema.

“Casa em que invocou Nossa Senhora”: mosteiro de Santa Maria in Porto, perto de Ravena, na costa Adriática (“junto ao Ádria”).

“Peccator”: Pedro Damião costumava assinar cartas e escritos com o nome “Petrus Peccator”, “Pedro pecador”. Entretanto, a igreja e o mosteiro de Santa Maria in Porto foram fundados, em 1096, por outro Pedro, que lá morreu em 1119 e que é chamado “Pedro pecador” em seu epitáfio. Isso foi origem de

confusão entre os contemporâneos de Dante, que identificavam ambos os personagens. Com isso, a interpretação dos versos tornou-se incerta, dividindo-se em duas hipóteses principais: segundo alguns, os versos significam que Pedro Damião diz ter vivido por um tempo, como “Pedro Pecador”, no mosteiro de Santa Maria in Porto; segundo outros, Pedro está dizendo que ele e aquele “Pedro pecador” não são a mesma pessoa (como, na época, muitos acreditavam). A tradução parece seguir a segunda interpretação.

28 “Espaço breve”: na verdade, São Pedro Damião foi nomeado cardeal quinze anos antes de sua morte.

“Chapéu”: o chapéu vermelho dos cardeais. O uso do chapéu foi instituído apenas no século XIII, pelo papa Inocêncio IV. Entretanto, Pedro Damião fala em 1300, quando o sinal distintivo do cardeal é, de fato, o chapéu vermelho.

“Que a indignas fontes já se deve”: o cargo cardinalício é agora concedido a tantas pessoas indignas.

29 “A missão”: de levar o Evangelho.

“Vaso de Eleição”: São Paulo, assim chamado em Atos dos Apóstolos, 9, 15. O santo é designado desse modo também em “Inferno”, II, 28-30.

“Cefas”: São Pedro. Cefas (“pedra”) é o nome que Jesus deu a Simão (João, 1, 42).

“Que pediram”: segundo as disposições de Jesus em Lucas, 10, 5-7.

30 Alusão aos luxos dos eclesiásticos da época: eles tinham servidores que os sustinham pelos braços, eram conduzidos a cavalo ou por liteira e tinham ainda servidores que os ajudavam a montar a cavalo (“quem o sustente por trás”). Segundo outros, essa expressão se refere àqueles que levantavam a cauda das vestes dos eclesiásticos.

31 “Dois brutos numa pele está fingindo”: o manto cobre dois brutos, o pastor e o cavalo.

“Paciência”: de Deus.

CANTO XXII

Dante, depois de praticar com S. Bento, sobe com Beatriz ao oitavo céu, o das estrelas fixas, entrando pela constelação dos Gêmeos.

Apresenta-se São Bento, que fala de sua vida, responde a uma pergunta de Dante e lamenta a decadência da Igreja (sobretudo das ordens monásticas). Dante e Beatriz sobem para o céu sucessivo. Oitavo céu: Estrelas Fixas. Dante e Beatriz entram na constelação de Gêmeos, à qual o poeta faz uma invocação. Beatriz convida Dante a observar a distância percorrida. O poeta descreve aquilo que viu.

1 Voltei-me a Beatriz, de espanto entrado,
Qual menino, que busca sempre o amparo
Da pessoa em quem mais há confiado.
2 Beatriz, como a mãe, que ao filho caro
Súbito acorre ao vê-lo espavorido,
Com voz, que sói lhe ser terno anteparo,
3 — “Ao céu” — disse — “não vês que foste erguido?
Ignoras tu que o céu em tudo é santo
E a caridade a tudo há presidido ?
4 “Pois comover-te o grito pôde tanto,
Oh! quanto o meu sorriso te abalara
E dos celestes coros o alto canto![1]
5 “Se esse grito os seus rogos revelara,
Já de agora souberas a vingança,
Que ainda antes de morrer, verás, amara.[2]
6 “Do céu a espada pune sem tardança,
Mas sem pressa, conquanto o não pareça
A quem no medo aguarde e na esperança.[3]
7 “Mas por voltar o rosto ora começa:
Que tens de ver espíritos famosos,
Se a vista, como eu digo, se endereça.”
8 Como ordenara, os olhos curiosos
Alcei: glóbulos vejo mais de cento,
Que os raios seus cruzavam luminosos.
9 Eu estava como quem reprime atento
Do desejo o aguilhão, e receava
Por perguntas mostrar molesto intento.
10 Eis uma dessas pé’las, que ostentava
Entre as outras mais brilho, mais grandeza,
Para dar-me contento se acercava:
11 — “Se, como eu,” — disse a sua voz — “certeza
Da caridade houvesses, que em nós arde,
Teu desejo exprimiras com franqueza.

12 “Por que maior demora não retarde
Teu fim sublime, eu te darei resposta,
Posto em silêncio o teu pensar se guarde.[4]
13 “O monte, que o Cassino tem na encosta,
Estava, em seu cabeço, povoado
Por gente ignara, ao erro e ao mal disposta.[5]
14 “Ali, primeiro, o nome hei proclamado
Daquele, que aos humanos a verdade
Trouxe que humanos tanto há sublimado.[6]
15 “Da Graça em mim luziu tal claridade,
Que salvar pude os povos circunstantes
Do culto, que perdera a humanidade.[7]
16 “Eremitas hão sido esses brilhantes
Fogos que vês: na flama se acenderam,
Que frutos brota e flores vicejantes.[8]
17 “Macário e Romualdo aqueles eram,
Estes os meus irmãos que, os pés firmando
No claustro, os corações ao Senhor deram.”[9]
18 — “Esse afeto, que mostras me falando” —
Tornei — “e o bem querer, que tão patente
Nos esplendores vossos ’stou notando,
19 “O ânimo dilata-me: igualmente
O Sol faz, quando à rosa purpurina
O seio desabrocha rescendente.[10]
20 “E, pois, te rogo, ó padre meu, te inclina
A declarar-me se a mercê mereço
De ver-te a face, mas sem véu, benigna.”[11]
21 — “O teu sublime anelo todo o apreço
Há de achar” — disse — “irmão, na extrema esfera,
Onde todos e o meu terão seu preço.[12]
22 “Madura, inteira ali se considera
Perfeita a aspiração; ali somente

Demora cada parte sempre onde era.[13]
23 “Sem polos, sem lugar é permanente;
Até lá nossa escada vai subindo;
Foge-te à vista a sua altura ingente.[14]
24 “Viu-a Jacob, o topo lhe atingindo,
Quando em sua visão a contemplava
De inumeráveis anjos refulgindo.[15]
25 “Mas ninguém por subi-la os pés destrava
Hoje da terra; e a minha regra escrita
Inutilmente nos papéis se grava.
26 “A morada monástica bendita
É covil; o capuz se há transformado
E farinha contém ruim, maldita.[16]
27 “Não seja usura havida por pecado
Tão grave contra Deus, quanto a avareza,[17]
Que aos monges tem os corações eivado;
28 “Pois quanto a Igreja poupa é da pobreza,
Que de Deus por amor seu pão mendiga,
Não pra cevo a p’rentes, ou à torpeza.[18]
29 “Na terra a carne ao homem tanto obriga,
Que haver um bom princípio não bastara
Entre a planta em nascendo e a sua espiga.[19]
30 “Sem ouro e prata Pedro começara,
Eu com jejuns, com orações; convento
Francisco humildemente levantara.
31 “De cada qual à origem estando atento,
Verás o branco em negro transformado,
Se depois tens seu fim no pensamento.[20]
32 “Maior milagre foi, quando, tornado
Para trás, o Jordão do mar fugia,
Do que o socorro a tanto mal levado.”[21]
33 Calou-se, e a santa grei logo se unia.
Cerrou-se a grei, e o espírito com ela:

Qual turbilhão, na altura se encobria.
34 Na escada alcei-me após, da dama bela
Ao aceno; por seu poder mudada
A natureza minha se revela.
35 Naturalmente nunca acelerada
Descida houve na terra, nem subida,
Que possa ao meu voar ser igualada.
36 Seja-me assim, leitores, concedida
A glória, pela qual choro e suspiro,
Bato nos peitos de alma compungida,
37 Como eu, enquanto o dedo meto e tiro,
Do fogo, o signo, de que está seguido
O Tauro, vi, e entrei logo em seu giro.[22]
38 Gloriosas estrelas, luz que hás sido,
Por grã virtude, a causa de que emana
Humilde engenho, que haja em mim nascido,
39 Convosco na carreira, em que se afana,
Andava o que a mortal vida origina,
Quando aspirei primeiro ar da Toscana.[23]
40 E quando permitiu Graça Divina
Nesse alto céu entrar, que vos compreende,
Por vós passar me deu sorte benigna.[24]
41 Por vós devoto anelo em mim se acende
Para alcançar virtude nesse forte,
Árduo passo que a si me atrai, me prende.[25]
42 — “Perto à ventura extrema és de tal sorte,
Que a vista clara tens e penetrante” —
Diz Beatriz, o meu formoso norte.[26]
43 “Mas antes de te ergueres mais avante,
Remira abaixo, e vê, por mim guiado,
Sob os pés quanto mundo está distante;[27]
44 “Por que teu peito, em júbilo inundado,
Seja presente ao povo triunfante,

Que nesta esfera avança extasiado."[28]

45 Então, volvendo os olhos anelante
Às sete esferas, nosso globo vejo
Tal, que sorri-me do seu vil semblante.

46 Quem lhe dá pouco apreço em todo o ensejo
Aplaudo, e grande sábio, em meu conceito,
É quem põe noutra parte o seu desejo.[29]

47 Vejo da filha de Latona o aspeito
Sem a sombra, que fosse em parte densa,
Em parte rara imaginar me há feito.[30]

48 Do filho, Hiperião, a flama intensa
Pude olhar; perto e em torno lhe giravam
Maia e Dione em volta pouco extensa.[31]

49 Como aos do pai e filho temperavam
De Jove os fogos vi, e o movimento
Vário, que em roda ao centro seu formavam.[32]

50 Dos orbes sete eu contemplava atento
Grandeza e rapidez, e compreendia
Distância e postos seus no firmamento.[33]

51 Com o curso dos Gêmeos eu seguia,
De montes, mares via todo envolto
O canto estreito, em que homem se gloria:
Olhos depois aos belos olhos volto.[34]

---

[1] Se o grito dos beatos foi o suficiente para atordoar Dante, agora ele pode imaginar quanto o sorriso de Beatriz e o canto dos beatos o teriam maravilhado, superando as suas capacidades humanas.

[2] O grito das almas foi uma resposta à exclamação de Pedro Damião: "Ó paciência, quanto hás suportado!". Dante não havia entendido o conteúdo desse grito, mas agora Beatriz explica que ele invocava uma punição divina contra o clero corrompido. Segundo alguns, trata-se de predição indeterminada; segundo

outros, ela se refere a um fato concreto, como o triste fim de Bonifácio VIII, que se seguiu ao atentado de Agnani.

[3] A punição divina ocorre sempre no momento justo, embora assim não pareça àquele que a teme (para o qual ela ocorre muito cedo) e àquele que a deseja (para o qual ela ocorre muito tarde).

[4] “Fim sublime”: o fim supremo da viagem de Dante, a visão de Deus.

[5] Monte: extensão do monte Cairo, onde se encontra o famoso mosteiro de Monte Cassino.

“Gente ignara, ao erro e ao mal disposta”: indica os pagãos que viviam no alto do monte. A expressão “ao mal disposta” é um dos modos de entender o texto original, que diz simplesmente “mal disposta”. Mas pode ser que a expressão signifique que aquela gente tivesse o coração mal disposto a receber a verdade cristã. No alto do monte havia um templo dedicado a Apolo (como diz Gregório Magno em *Diálogos*, II; VIII, 10).

[6] Quem fala é São Bento (480-543), fundador da ordem dos beneditinos. Bento, de família nobre, nasceu em Nórcia. Ainda adolescente, foi estudar em Roma, mas logo se retirou para a vida eremítica, em uma gruta perto de Subiaco. Por causa de sua grande fama, foi chamado em 510 para ser o superior de um convento em Vicovaro, onde introduziu tanta disciplina que os monges tentaram envenená-lo. Tornou para a sua gruta, foi seguido por numerosos discípulos e fundou diversos mosteiros. Em Monte Cassino, destruiu o templo de Apolo, converteu os pagãos e fundou o mosteiro de Monte Cassino, que se tornou o centro da ordem beneditina. A sua regra foi um dos principais fundamentos do monaquismo ocidental.

“O nome daquele…”: o nome de Jesus, que deu ao homem a verdadeira fé, pela qual ele pode se elevar a Deus. Na tradução, a repetição de “humanos”, sem aparentes motivos estilísticos, permite conjecturar que apenas um dos termos esteja correto e que o outro tenha sido introduzido por engano em alguma edição.

[7] “Do culto…”: do paganismo.

[8] “Flama”: amor por Deus. “Frutos e flores”: obras e pensamentos.

[9] São Bento indica algumas almas, nomeando as de Macário e Romualdo, citados como representantes de dois ramos do monaquismo, o oriental e o

ocidental.

Macário: trata-se ou de São Macário do Egito (morto em 391) ou de São Macário de Alexandria (morto provavelmente em 404). Ambos foram discípulos de Santo Antão, e tiveram vida eremítica no deserto. É muito provável que fossem confundidos.

Romualdo: de Ravena, da família dos Onesti. Fundou o mosteiro de Camaldoli e a ordem camaldulense, ramo da ordem beneditina. Morreu em 1027.

É provável que São Bento fale de São Macário para citar um eremita do Oriente, onde o monaquismo floresceu antes do que no Ocidente.

[10] "Rescendente": "perfumada".

[11] "Mas sem véu": sem o véu de luz, que envolve os beatos.

[12] O desejo de Dante será satisfeito no Empíreo ("extrema esfera"), lugar onde é concedida a visão de Deus. Recorde-se que o Empíreo é o verdadeiro lugar dos beatos, que eles são vistos nos diferentes céus porque vão ao encontro de Dante.

No Empíreo, Dante verá o aspecto dos beatos, que agora estão envoltos em luz.

[13] "Madura […] aspiração": é apenas no Empíreo que os desejos são plenamente satisfeitos. "Madura": no seu máximo grau de bondade. "Inteira": sem nenhuma falha. "Perfeita": completa.

"Ali somente […] onde era": no Empíreo, tudo está onde sempre esteve. Isto é, o Empíreo, diferentemente dos outros céus, é imóvel, pois nele não há mais desejo, mas sim completo contentamento.

[14] "Sem polos, sem lugar é permanente": o Empíreo não se encontra em um espaço físico, mas sim na mente divina. Ele contém todo o universo, mas nada o contém. E, diferentemente dos outros céus, ele não tem polos.

[15] "Viu-a Jacob": Gênesis, 28, 12.

[16] "A morada […] covil": reminiscência evangélica: "a minha casa é uma chamada casa de oração, mas vós fizestes dela um covil de ladrões" (Mateus, 21, 13).

"O capuz […] maldita": as vestes monacais são como sacos de farinha ruim, que enganam na aparência.

[17] A cobiça dos monges, que desejam avidamente os rendimentos da Igreja, é

pecado mais grave que a usura. Quanto a usura ofenda a Deus é dito em Inferno, XI 94-96.

[18] Os rendimentos da Igreja são destinados aos pobres, não aos parentes do clero ou a empregos ainda piores (como concubinas e filhos).

[19] É tão fraca a carne humana que na terra um bom princípio não dura o tempo que vai do nascimento de uma planta à sua frutificação (ou, como diz a tradução, do nascimento da planta à formação da espiga).

[20] “Sem ouro e prata”: reminiscência bíblica (Mateus, 10, 9; Atos dos Apóstolos, 3, 6).

“De cada qual […] no pensamento”: se considerares como iniciaram São Pedro, São Bento e São Francisco, e a que ponto chegaram seus sucessores, verás como as virtudes se transformaram em vícios.

[21] “Quando, tornado para trás, o Jordão do mar fugia”: na verdade, o texto original diz “quando o Jordão foi voltado para trás e quando o mar fugiu”, referindo-se a dois milagres. Jordão: alusão à divisão das águas do rio Jordão. Uma parte delas formou uma muralha; a outra parte se voltou contra a corrente (por isso Xavier Pinheiro diz “do mar fugia”), para permitir que Josué passasse com os hebreus (Josué, 3, 14-17). Já no original, o “mar” diz respeito ao milagre do Mar Vermelho, que se abriu para a passagem dos hebreus, guiados por Moisés (Êxodo, 14, 21-29).

Os versos querem dizer que, para Deus, que já realizou prodígios admiráveis, não será difícil intervir em tal situação.

[22] “Que eu possa tornar àquela glória (pela qual tento expiar os meus pecados), como é verdade que, em menos tempo do que uma pessoa põe e tira o dedo do fogo, eu vi a constelação de Gêmeos e entrei nela”.

“Pela qual choro e suspiro, / Bato nos peitos de ama compungida”: para conquistar depois da morte aquela glória (que ele viu durante a sua viagem), Dante tenta expiar, com o arrependimento e a penitência, os seus pecados.

“O signo, de que está seguido o Tauro”: Gêmeos, constelação que vem depois de Touro.

Dante e Beatriz subiram para o oitavo céu, o céu Estrelado, e entraram na constelação de Gêmeos.

[23] O poeta diz ter nascido sob a constelação de Gêmeos, com a qual o Sol (“o

que a mortal vida origina”) se encontrava no momento de seu nascimento (logo, o poeta nasceu entre 21 de maio e 21 de junho).

“Grã virtude”: trata-se da capacidade que os corpos celestes têm de influir sobre a terra, segundo as disposições da Providência divina. Acreditava-se que a constelação de Gêmeos criasse no homem uma inclinação aos estudos e às artes.

[24] Nos sete primeiros céus, Dante e Beatriz ficaram no planeta que dá nome ao céu. Já no céu Estrelado (chamado também céu das Estrelas Fixas), há inúmeros corpos celestes, entre os quais as constelações do Zodíaco. Entre tantos corpos celestes, a Dante coube entrar justamente na constelação de Gêmeos.

[25] Dante faz uma invocação à constelação, para conseguir enfrentar a dura prova que o atrai. Segundo alguns, o “forte, árduo passo” é a morte do poeta. Entretanto, é mais plausível que se trate da descrição do que ele verá no Paraíso a partir de agora. De fato, Dante reconhece que deve o seu engenho a essas estrelas e pede que elas aumentem a sua capacidade poética, para a empresa de descrever as supremas visões do poema.

Tal invocação não é uma superstição: como já se disse mais, para Dante os astros celestes são meios pelos quais opera a Providência divina.

[26] “Ventura extrema”: Deus.

[27] “Por mim guiado, / Sob os pés quanto mundo está distante”: quanto Dante já percorreu do universo, guiado por Beatriz.

[28] Para que Dante, alegrando-se pela grande distância percorrida, apresente-se jucundo aos espíritos triunfantes que ele verá nesse céu (“esfera”). Esse espíritos aparecerão no canto sucessivo.

Note-se a longa sequência de rimas, com seis termos rimantes entre si (em vez de dois grupos de três termos): penetrante; avante; distante; triunfante; anelante; semblante.

[29] Esses versos têm como inspiração o “Sonho de Cipião”, de Cícero.

“Noutra parte”: no céu.

[30] “Filha de Latona”: a Lua, filha de Latona e Júpiter.

“Sem a sombra […] há feito”: sem as manchas que o poeta atribuía a raridade e densidade (“Paraíso”, II, 49-60).

[31] O poeta indica o Sol por uma apóstrofe a Hiperião, que, segundo uma versão

mitológica mais antiga, era pai de Hélios, o Sol (depois identificado com Apolo). “Pude olhar”: por causa da maior capacidade visiva que Dante agora tem (vv. 124-125).

Maia: Mercúrio, filho de Maia.

Dione: Vênus, filha de Dione.

“Em torno lhe giravam Maia e Dione em volta pouco extensa”: Dante viu as órbitas de Vênus e Mercúrio, perto do Sol.

32 “Pai”: Saturno (pai de Júpiter), considerado planeta frio.

“Filho”: Marte (filho de Júpiter), considerado planeta quente.

Logo, Júpiter, entre esses dois planetas, atenua suas características opostas.

“E o movimento / Vário, que em roda ao centro seu formavam”: Dante consegue compreender o modo como os planetas realizam seus complexos movimentos. As variadas posições dos astros no céu não podiam ser explicadas apenas pelo movimento diurno dos astros; para explicá-las, os antigos astrônomos recorriam à teoria dos epiciclos (“Paraíso”, VIII, 3). Agora Dante consegue ver tudo isso com clareza.

33 “Distância e postos seus no firmamento”: as distâncias de suas diversas sedes no céu.

34 Em comparação aos grandes corpos celestes, a terra habitada parece uma mínima extensão, um “canto”.

“De montes, mares via todo envolto”: verso explicado de diversos modos, mas sempre entendido como designação da terra habitada. Segundo alguns, é indicação genérica; segundo outros, significa “das colunas de Hércules à foz do Ganges” (isto é, de Ocidente a Oriente); segundo outros, os “montes” são os pontos mais altos da terra, já os “mares” indicam o estreito de Cádis e a foz do Ganges (os confins ocidental e oriental da terra habitada) etc.

CANTO XXIII

Triunfo de Jesus Cristo, acompanhado da Santa Virgem Maria e dos bem -aventurados.

Oitavo céu: Estrelas fixas. Dante vê o Triunfo de Cristo. Cristo se eleva ao Empíreo, e Dante contempla Maria e os beatos, vendo os louvores a Maria, que também se eleva ao Empíreo. Permanecem os beatos.

1 Quando tudo em seus véus a noite esconde,
Sobre o ninho dos filhos seus amados
Ave, pousada entre a dileta fronde,
2 Para ver os seus gestos desejados,
E buscar cibo que lhe dê sustento
Desvelos, que lhes são bem compensados,
3 Da rama espia o tempo de olho atento
E com sôfrego anelo espera o dia,
Da alvorada aguardando o nascimento:[1]
4 Tal vigilante Beatriz eu via
Para a plaga voltada luminosa,
Onde mais lento o Sol me parecia.[2]
5 Vendo-a assim pronta em vista e cuidadosa,
Homem fiquei, que melhorar-se aspira
E na esperança alenta a alma cuidosa.[3]
6 Porém, breve, a demora logo expira
Entre atentar e ver que o céu se aclara
Com luz que, viva mais e mais, subira.
7 — “Eis a milícia” — a dama diz preclara —
“Da vitória de Cristo! Eis a colheita,
Que o giro entre as esferas nos depara!”[4]
8 Parece a face ter de flamas feita;
Arde nos olhos seus tanta alegria,
Que a palavra a dizê-la não se ajeita.
9 Qual Trívia em plenilúnios irradia
Entre as ninfas eternas se sumindo,
De que o céu nos recessos se alumia,[5]
10 Sobre milhões de fogos refulgindo
Um Sol vi, que os clarões seus lhes prestava,
Como aos astros o nosso a luz partindo.[6]
11 Por entre o aceso lume fulgurava
A Divina Substância tão brilhante
Que a vista, contemplando-a, desmaiava.[7]

12 — “Ó Beatriz! Ó guia doce e amante!” —
Tornou-me: — “O que te enleia a inteligência
Força invencível tem, sem semelhante.[8]
13 “Aqui está o Saber e a Onipotência,
Que para o céu caminho abrindo à terra,
Cumpriu-lhe inextinguível apetência.”[9]
14 Como o fogo da nuvem se descerra,
No seio, estreito já, se dilatando,
E, devendo subir, baixa e se aterra,[10]
15 Assim, entre delícias se alargando,
Alma senti num êxtase arroubada:
Qual fui não sei, de todo me olvidando.[11]
16 — “Abre os olhos e vê qual sou tornada;
Pois te foi dado ver tanto portento,
Já posso, ora, a sorrir ser contemplada.”[12]
17 Estava eu como quem, no pensamento
De passada visão vestígios tendo,
Salvá-los quer em vão do esquecimento,
18 Quando a sublime oferta recebendo,
De gratidão me entrei, que não se apaga
Do livro, em que o passado está vivendo.[13]
19 Se quantos co’as irmãs Polínia afaga,
Com dulcíssimo leite os alentando,
Por eloquência me ajudassem maga,
20 Na milésima parte eu, me afanando,
Cantar não conseguira o santo riso,
Que raiava no aspecto venerando.[14]
21 Destarte, descrevendo o Paraíso,
Saltar deve este meu sacro poema,
Como em caminho às vezes é preciso.[15]
22 Mas quem pensar que é ponderoso o tema
E débil o ombro que lhe está sujeito,
A mal não levará, se ao cargo eu trema.

23 Não é para baixel pequeno e estreito
O mar que a proa vai cortando agora,
Nem para nauta a se poupar afeito.
24 — “Por que tanto o meu gesto te enamora,
Que não contemplas o jardim formoso,
Que aos doces raios de Jesus se enflora?[16]
25 “Tem a Rosa, em que o Verbo milagroso
Carne se fez; os lírios tem, que ensinam
O bom caminho pelo odor mimoso”[17] —
26 Assim diz Beatriz. Pois me dominam
Seus conselhos, aos transes se oferecem
Meus olhos, que ante a luz débeis se inclinam.
27 À sombra estando, às vezes me aparecem
Prados vestidos de formosas flores,
Do Sol aos raios que entre nuvens descem:
28 Assim turbas distingo de esplendores,
A que do alto baixaram mil ardentes
Clarões sem ver a causa dos fulgores.[18]
29 Ó virtude benigna que esplendentes
Os fazes, deste espaço, assim subindo,
Aos meus olhos, pra ver-te inda impotentes.[19]
30 Da bela flor o doce nome ouvindo,
Que noite e dia invoco sempre, atento
No lume, que maior ’stava fulgindo,[20]
31 Quando em sua grandeza e luzimento
Vi com meus olhos essa viva estrela,
Que vence, como aqui, no firmamento;[21]
32 Do céu baixando flama se revela,
Que em forma circular, como coroa
Cingiu-a, se agitando em torno dela.[22]
33 A melodia que mais branda soa
Na terra e as almas para si mais tira,
Trovão seria, que das nuvens troa,

34 Comparada à doçura dessa lira,
Que, do azul mais suave em céu vestido,
C'roava a bela, divinal safira.[23]
35 — "Sou angélico amor, que, assim movido,
Mostro o prazer, que vem do seio santo,
Que ao Salvador do mundo albergue há sido.
36 "Hei de girar, do céu Senhora, enquanto
Deres, do filho entrando em companhia,
À suma esfera mais divino encanto."[24]
37 Cantava assim da c'roa a melodia.
Dos outros lumes todos almo canto
O nome proclamava de Maria.[25]
38 Dos orbes o primeiro, régio manto,
Que sente mais fervor, que mais se anima,
Do Supremo Senhor ao sopro, tanto[26]
39 De nós distante se internava acima,
Que o aspecto seu, na imensidade pura,
De distinguir a vista desanima.[27]
40 Dos olhos meus a força em vão se apura,
Seguir querendo a flama coroada,
Que após seu Filho se ergueu para a altura.[28]
41 Qual criança, de leite saciada,
Que, ávida ainda, à mãe estende os braços,
No afeto seu mostrando-se inflamada,
42 Cada esplendor, subindo nos espaços,
Tendia-se a Maria, revelando
Quanto os prendem de amor excelso os laços.[29]
43 Depois ver se fizeram modulando
Regina Coeli em tanta consonância,
Que me perdura na alma esse hino brando.[30]
44 Oh! dos celestes prêmios que abundância
Se contém nesses cofres, que hão guardado
Frutos colhidos na terrena estância![31]

45 No céu se frui tesouro acumulado,
No pranto e em Babilônia conseguido,
Onde o ouro ficara desdenhado.[32]
46 Do filho de Maria conduzido,
Lá triunfa, por sua alta vitória,
Das duas leis aos santos reunido,
Quem guarda as chaves da celeste glória.[33]

---

[1] Sentido geral dos primeiros nove versos: quando está de noite, a ave, para ver os seus filhotes e para poder buscar o alimento deles, espera ansiosamente o dia, olhando fixamente para o céu.

[2] No texto original, o verso diz “onde o Sol mostra menos rapidez”. O verso quer simplesmente indicar um ponto do céu e falou do Sol para fazer essa indicação. Entretanto, recorde-se que Dante e Beatriz já ultrapassaram o Sol. Beatriz olha para o alto, e não para o Sol.

[3] “Homem que melhorar-se…”: como aquele que deseja além daquilo que tem, mas cuja esperança (de alcançar o que deseja) é já um conforto para a alma.

[4] A “milícia” do triunfo de Cristo são os beatos redimidos por ele. A sua chegada já havia sido anunciada por Beatriz nos vv. 130-132 do canto anterior.

“Eis a colheita, / Que o giro entre as esferas nos depara”: os beatos são como a boa colheita semeada pelas influências dos céus, pois eles converteram em bem as boas disposições recebidas. Recorde-se, além disso, que Dante e Beatriz se encontram agora no oitavo céu, que é justamente o céu responsável por distribuir as diferentes influências.

[5] Trívia: a Lua. Trívia era outro nome latino de Diana, identificada com a Lua.

As ninfas eternas são as estrelas.

[6] Os “milhões de fogos” são os beatos. O Sol é Cristo, cuja luz é mais intensa do que todas as outras.

“Como aos astros o nosso a luz partindo”: como o nosso Sol dá a sua luz aos astros do céu. Acreditava-se que o Sol desse a sua luz a todas as estrelas.

[7] A Divina Substância é o corpo de Cristo, que vence em esplendor a própria luz irradiada por ele. Entretanto, nesse momento Dante não consegue vê-lo com clareza, mas apenas intui a sua presença, sendo ofuscado por tamanha luminosidade.

[8] “Ó Beatriz! Ó guia doce e amante”: no original, o verso é uma exclamação do narrador, não do personagem.

[9] “O Saber e a Onipotência”: Cristo, que, com sua morte, abriu para os homens o caminho para o céu, o que os homens por muitos séculos esperaram e desejaram.

“O Saber e a Onipotência” deriva da expressão paulina, que chama Cristo “virtude [poder] e sapiência de Deus” (1 Coríntios 1, 24).

[10] Segundo a teoria do tempo, o raio era um vapor ígneo que, dilatando-se, saía violentamente da nuvem, descendo em direção à terra (não obstante a sua natureza ígnea, que tende para o alto). Diversos momentos do poema falam sobre o raio e o fogo, que tende naturalmente a subir: “Paraíso”, I, 133-135, “Inferno”, XXIV, 145-150, “Purgatório”, XVIII, 28-30.

[11] Os versos descrevem (de modo muito vivo, por causa da comparação) a experiência mística do *excessus mentis*, quando a mente sai de si mesma: Dante apenas entreviu Jesus e a sua mente, dilatando-se além de suas capacidades naturais, saiu de si mesma, esquecendo-se de como então ficou.

[12] No canto XXI (4-12), Beatriz dissera que Dante não era capaz de suportar a beleza da visão do seu sorriso; por isso, ela não sorria. Entretanto, agora, depois da grande visão que Dante teve, seus sentidos estão mais potentes e ele pode finalmente ver o sorriso de Beatriz.

[13] “Oferta”: o convite de Beatriz.

“O livro, em que o passado está vivendo”: o livro da memória. O convite de Beatriz é digno de tanta gratidão que não poderá ser esquecido.

[14] Se todos aqueles que são nutridos pelas Musas (isto é, os poetas) fossem ao socorro de Dante, ainda assim ele não conseguiria chegar à milésima parte da verdade, tentando descrever o sorriso de Beatriz e o modo como ele iluminava o seu rosto. Polínia: Musa da poesia lírica, à qual caberia cantar o sorriso de Beatriz. As Musas alimentam os poetas com o dulcíssimo leite da inspiração poética.

[15] O sacro poema de Dante, representando o Paraíso, às vezes se vê obrigado a

realizar certos saltos, isto é, a não falar daquilo que a palavra humana não pode descrever.

“Como em caminho às vezes é preciso”: como às vezes é necessário fazer, quando se encontra um obstáculo no caminho.

Nesse caso, o “salto” será em relação ao sorriso de Beatriz, que nem os maiores poetas conseguiriam descrever.

16 “O jardim”: os beatos.

17 Rosa: Maria, em cujo ventre o Verbo se fez carne (João, 1, 14). Maria é chamada “rosa” em diversos textos cristãos (“rosa mística” nas ladainhas).

Os lírios: os apóstolos, por cuja santidade os homens seguiram o caminho que leva ao céu. Os termos aqui empregados (rosa, lírios, odor) são recorrentes na linguagem mística e bíblica (Eclesiástico, 39, 13-14; 2 Coríntios, 2, 14-15).

18 Dante vê inúmeros esplendores iluminados por clarões que vêm do alto, sem ver, contudo, a fonte desses clarões. Isto é, ele vê os beatos iluminados pela luz de Cristo, sem ver Cristo (cuja visão o ofuscaria), do mesmo modo como por vezes os olhos veem um prado de flores iluminado pelos raios do Sol, sem ver diretamente o Sol.

19 Os versos se dirigem a Cristo, que ilumina aqueles esplendores vistos por Dante. Cristo é tão benigno que se elevou e se ocultou, para permitir que Dante visse os beatos, pois a sua luz teria ofuscado os olhos Dante, impotentes diante de tamanho esplendor.

20 O doce nome da bela flor: Maria, designada por Beatriz nos vv. 73-74. Depois que Cristo se elevou, o maior lume é o de Maria.

21 Estrela: outro apelativo de Maria, chamada “estrela matutina”.

“Que vence, como aqui, no firmamento”: como Maria, na terra, superou em virtude qualquer outra criatura, também no céu ela supera com sua luz qualquer outro beato.

22 A flama é, muito provavelmente, o arcanjo Gabriel, que anunciou a Maria o nascimento de Jesus.

23 A bela, divinal safira é Maria, pedra preciosa cuja cor é o mais suave azul do céu. Duas são as possibilidades de interpretação do texto original: safira, da qual o céu se reveste com o mais suave azul; safira, que adorna o mais claro dos céus

(o Empíreo).

[24] “Suma esfera”: o Empíreo.

[25] “Almo canto”: interpretação possível da expressão original. Segundo outros, os beatos pronunciavam, invocavam o nome de Maria.

[26] “O primeiro, régio manto”: o Primeiro Móbile (nono céu), que, como um manto, envolve todas as outras esferas celestes. O Primeiro Móbile, estando mais próximo do Empíreo, é a esfera que mais arde de amor e mais se aviva pelo espírito e pelas leis divinas.

[27] A margem interna do Primeiro Móbile (a superfície que confina com o oitavo céu) estava tão distante que Dante não conseguia vê-la.

[28] “A flama coroada”: Maria.

[29] As chamas dos beatos tendem em direção a Maria, alongando-se em direção ao alto, mas permanecendo no mesmo lugar.

[30] “*Regina Coeli*”: início da antífona mariana do tempo pascal, que diz: “Alegra-te, Rainha do céu, aleluia! Porque ressuscitou, como disse, aquele que mereceste levar no ventre, aleluia!”.

[31] “Nesses cofres”: os beatos.

[32] No céu se frui do tesouro espiritual conquistado pelos sofrimentos suportados na terra, onde se renunciou aos tesouros materiais.

“Em Babilônia”: o cativeiro dos hebreus na Babilônia é figura da vida terrena, que é um exílio da verdadeira pátria. Tal significado atribuído à narrativa bíblica é bastante frequente na literatura cristã.

[33] “Por sua alta vitória”: pela vitória que conseguiu na sua vida terrena.

“Das duas leis aos santos reunido”: unido aos beatos do Antigo e do Novo Testamento.

“Quem guarda as chaves da celeste glória”: São Pedro, a quem Jesus confiou as chaves da glória celeste (Mateus, 16, 19).

CANTO XXIV

A rogo de Beatriz, S. Pedro interroga Dante sobre a Fé. Resposta satisfatória de Dante.

Oitavo céu: Estrelas fixas. Beatriz faz um pedido aos beatos. Apresenta-se São Pedro, que examina Dante a respeito da fé. Dante responde às suas perguntas e depois professa a sua fé. A São Pedro agradam as respostas de Dante.

1 “Ó sodalício, à ceia convidado
Do cordeiro de Deus, que dá sustento
Tal, que o apetite heis sempre saciado,[1]
2 “Se ainda antes de chegar ao passamento
Preliba este homem — assim Deus dispensa —
Da mesa, em que comeis, tênue fragmento:[2]
3 “Alívio dai-lhe em sua sede imensa.
Na fonte sempre hauris, de que deriva
Quanto ele, sôfrego aspirando,[3] pensa” —
4 Disse então Beatriz. Com flama viva,
À guisa de cometa, a grei contente,
Como esferas em polos, gira ativa.[4]
5 Em relógio quem põe atenta a mente,
Das rodas uma cuida estar sem moto
E correndo estar outra velozmente;[5]
6 Pelo vário compasso que lhes noto,
Nas coreias, já lento, já apressado,
Da glória sua a estimativa adoto.[6]
7 Do círc’lo em mor beleza assinalado
Um lume vi surgir tão venturoso,
Que outro nenhum ficara avantajado.
8 Em torno a Beatriz girou formoso
Por vezes três com tão divino canto,
Que trasladar não posso o som donoso.
9 ’Screver não cabe à pena enlevo tanto,
Cores não tem palavra ou fantasia,
Que exprimam propriamente o doce encanto.
10 — “Santa irmã nossa, que destarte envia
Devotos rogos, teu ardente afeito
Dessa bela coreia me desvia.”
11 Parando, o bento lume ao claro aspeito
De Beatriz o sopro há dirigido,
Que falou do que eu disse pelo jeito.

12 — “Eterna luz desse varão subido,
Que de Deus” — torna — “as chaves da alegria
Que Infinda à terra deu, hás recebido,[7]
13 “Deste homem como queiras avalia
O saber sobre a Fé, lhe perguntando,
Pela qual sobre o mar andaste um dia.[8]
14 “Se bem crê, se bem ’spera, terno amando,
Certo sabeis, pois tens fitado a vista
Onde tudo se está representando.[9]
15 “Mas como cidadãos o céu conquista
Pela Fé verdadeira, para honrá-la
Explique ele por que na Fé persista.”
16 O bacharel apresta-se e não fala
Té que o Mestre a questão haja of ’recido,
Por aprová-la, não por terminá-la:[10]
17 Assim, de todas as razões munido,
Dispus-me, enquanto Beatriz se explica,
A tal assunto, por tal Mestre arguido.
18 — “Teu pensar, bom cristão, me significa:
O que é Fé?” — Presto, ouvindo, o rosto alçava
Para a luz, que a questão destarte indica.
19 Voltei-me a Beatriz: já me acenava
Para que sem detença água fizesse
Brotar da interna fonte, onde a guardava.
20 — “A graça, que concede eu me confesse
Ao sublime primípilo” — assim digo —
“Permita que os conceitos claro expresse![11]
21 “Como escrito, pai meu”, — depois prossigo —
“Foi com verdade pelo irmão amado,
Que Roma em bom caminho pôs contigo,
22 “É a Fé a substância do esperado
E argumento evidente do invisível:
Da Fé a essência assim tenho julgado[12]

23 Tornou-me: — “O parecer teu é plausível,
Se o por que foi substância definida
E argumento te fica inteligível.”
24 — “De mistérios” — disse eu — “soma crescida,
A mim nestas esferas revelada,
Está na terra aos olhos escondida.
25 “Sua existência em crença é só firmada,
Em que se fundamenta alta esperança:
Substância, pois, tem sido intitulada.[13]
26 “E como em crença o raciocínio lança
As premissas sem ter mais outra vista,
Por isso de argumento o nome alcança.”[14]
27 — “Se quanto lá na terra homem conquista
Por doutrina, assim fosse compreendido,
Lugar faltara a engenho de sofista.”[15]
28 Daquele aceso amor foi respondido;
E mais: — “Nesta moeda examinado
Metal e peso muito bem tem sido.[16]
29 “Mas diz: na bolsa a tens arrecadado?”
— “Sim” — tornei — “tão redonda é, tão polida,
Que do bom cunho estou certificado.”[17]
30 A voz então, desse esplendor saída,
Perguntou-me: — “Essa pedra preciosa,
Em que toda a virtude se acha[18] erguida,
31 “Donde a tens?” — Eu: — “A chuva copiosa,
Pelo Espírito Santo derramada
Na lei antiga e nova portentosa,
32 “Razão é, porque foi-me demonstrada
Com agudeza tal, que outra seria
Obtusa, se lhe fora comparada.”[19]
33 — “Por que divina lei pareceria
A nova e a antiga” — a voz logo retorna —
“Que a tão profunda convicção te guia?”[20]

34 — “É prova que a verdade clara torna
De obras a série” — eu disse — “a que natura
Nunca ferro aqueceu, bateu bigorna.”[21]
35 A luz me replicou: — “Quem te assegura
Que as obras fossem tais? Quem defendido
Por provas deve ser. Quem mais to jura?”[22]
36 Então falei: — “Se o mundo convertido
Sem milagres de Cristo à lei se houvesse,
Este o maior milagre houvera sido;
37 “Porque pobre, em jejum, para ter messe
Semeado hás na terra ótima planta:
Onde foi vinha, hoje espinhal só cresce.”[23]
38 Mal concluía, quando a corte santa
Nas esferas — Louvemos Deus! — entoa
Nessa toada, em que no céu se canta.[24]
39 Do sublime barão, que até a coroa
De ramo em ramo me elevado havia,
Naquele exame, a voz de novo soa.[25]
40 — “A Graça com tua mente consorcia
Tanto, que por teus lábios tem falado:
Té aqui respondeste o que cumpria.
41 “Dou, pois, assenso ao que me tens tornado;
Mas tua crença exprime, lhe acrescendo
De que fonte à tua alma ela há brotado.”
42 — “Ó santo padre, ó espírito, que vendo
’Stás quanto creste, tanto que chegaste
Ao Sepulcro, o mais moço antecedendo,[26]
43 “Direi” — lhe torno — “(assim determinaste)
Da minha Fé a fórmula evidente,
Sua origem direi como ordenaste.[27]
44 “Em um só Deus eu creio onipotente,
Eterno, que, imutável, os céus move
No desejo e no amor sempre clemente.[28]

45 “São, para que tal crença se comprove,
Metafísica e física discretas;
Mas da verdade a prova também chove
46 “Por Moisés, pelos salmos, por profetas,
Pelo Evangelho e escritos, que inspirado
Vos tem o Esp’rito Santo, almas seletas.[29]
47 “Nas Três Pessoas creio afervorado;
Creio na essência delas una e trina,
Tanto que *é* ’stá com *são* bem conjugado.[30]
48 “O que de altos mistérios da divina
Condição digo, em traços mil se assela
Em mim pela evangélica[31] doutrina.
49 “Este o princípio, esta a fagulha bela,
Que depois se dilata em flama ardente
E em mim cintila, qual nos céus estrela.”
50 Qual patrão, que de servo diligente
Aprazíveis notícias escutando,
Feito o silêncio, o abraça de contente,
51 Assim, quando acabei, me abençoando
E cantando, três vezes me cercava
O esplendor apostólico, mostrando
Das respostas que eu dei quanto folgava.

---

[1] “Sodalício”: companhia.

“Ceia do cordeiro de Deus”: a ceia como a beatitude celeste é imagem bíblica (Apocalipse, 19, 9). O “cordeiro” é Cristo (João, 1, 29).

[2] “Preliba”: prova antecipadamente.

“Da mesa, em que comeis, tênue fragmento”: o original diz expressamente “preliba o que cai da vossa mesa”, o que também é imagem bíblica (Mateus, 15, 27).

[3] “Na fonte […] pensa”: os beatos bebem eternamente na fonte, Deus, da qual derivam as verdades nas quais Dante pensa, desejando conhecê-las.

[4] Os versos do texto original foram explicados de diversos modos. Entretanto, a explicação mais frequente é: as almas formaram diversos círculos, rodando e emanando luz como cometas.

[5] Alusão aos relógios em que o movimento se transmitia por rodas dentadas, cujas circunferências eram cada vez maiores e cuja velocidade era cada vez maior. Nesses relógios, a roda menor não parece se mover; já a roda maior parece ter grande velocidade.

[6] Pelas diferentes velocidades das rodas formadas, Dante consegue estimar os seus diferentes graus de beatitude.

[7] Entende-se, com esses versos, que a luz que se apresenta a Dante é aquela de São Pedro, a quem, como disse o final do canto anterior, Jesus deu as chaves do reino dos céus, lugar de infinda alegria. Isso é referido no Evangelho segundo Mateus (16, 19).

[8] Narra Mateus (14, 22-33) que os discípulos, estando em uma barca, viram Jesus se aproximar, caminhando sobre as águas. Pedro disse: “Senhor, se és tu, ordena que eu vá até ti sobre as águas”. E, ao comando de Jesus, Pedro caminhou sobre as águas, indo ao seu encontro. Pedro, porém, atemorizou-se e, pedindo ajuda a Jesus, é repreendido por ele, sendo chamado “homem de pouca fé”. Beatriz se refere à primeira parte da narrativa, em que Pedro caminha sobre as águas por causa da sua fé em Jesus. Entretanto, a referência à segunda parte pode ser considerada implícita, já que a segunda parte confirma, pelas próprias palavras de Jesus, que foi pela fé que Pedro conseguiu caminhar sobre as águas.

[9] “Se bem crê, se bem ’spera, terno amando”: citação das três virtudes teologais: fé, esperança e caridade.

“Onde…”: em Deus.

[10] Os versos descrevem uma situação típica das escolas de teologia. “Bacharel” era o estudante do curso universitário, de grau inferior ao doutorado. No final do curso, o bacharel tinha de realizar a seguinte prova: o mestre propunha uma questão, sobre a qual o estudante tinha de apresentar diversos argumentos para uma discussão; em outro dia, o mestre resolvia a questão, fazendo uma exposição dela e confutando as objeções.

“Aprová-la” e “terminá-la”: ambos são termos técnicos, também empregados no original. O primeiro significa “apresentar os argumentos como prova” (o que era feito pelo estudante) o segundo significa “concluir, definir a questão” (o que era feito pelo mestre).

11 “Primípilo”: primipilo (acentuado para efeitos de métrica) era o centurião que, na Roma antiga, comandava a vanguarda dos triários. Desse modo, São Pedro é apresentado como o comandante da tropa dos cristãos.

12 “Irmão que Roma em bom caminho pôs contigo”: São Paulo, chamado por São Pedro (Segunda epístola, 3, 15) “nosso caríssimo irmão”. A definição da fé que Dante enuncia é, de fato, uma tradução de uma sentença paulina: “A fé é substância de coisas esperadas, argumento das coisas que não se veem” (Hebreus, 11, 1).

“Substância do esperado”: a realidade, o único modo de ser, na terra, das coisas que esperamos, sendo o fundamento da esperança da beatitude. Segundo outros, a expressão significa simplesmente que a fé é o fundamento da esperança da beatitude.

“Argumento evidente do invisível”: prova da existência daquilo que não vemos.

A definição será explicada pelo próprio Dante nos próximos versos.

13 Os mistérios que Dante vê no Paraíso estão ocultos aos olhos dos homens na terra. Por isso, na terra, a realidade desses mistérios subsiste só na fé, sobre a qual se fundamenta a sublime esperança do homem (a esperança da beatitude). Por isso, a fé pode ser chamada “substância”.

14 A partir da fé o homem tem de necessariamente deduzir verdades das quais não tem provas visíveis. Por isso, a fé é chamada “argumento” (aquilo que leva o intelecto a concordar com uma verdade).

15 “Se tudo o que o homem aprende por estudo fosse compreendido desse modo, não teria lugar o enganoso raciocínio dos sofistas”.

O argumento sofístico, sofisma, é entendido como um argumento aparentemente perfeito, mas que parte de premissas falsas, sendo, portanto, falso.

16 “Moeda”: a fé. “Metal” e “peso” podem ser simplesmente consequência da metáfora da moeda; entretanto, podem ter algum significado específico ligado à fé: segundo alguns, os termos se referem aos dois aspectos da fé, substância e argumento; segundo outros, o primeiro se refere à definição e o segundo se

refere ao significado.

[17] “Na bolsa”: na alma.

[18] “Toda a virtude”: não só as outras duas virtudes teologais (esperança e caridade), mas também as outras virtudes (*Suma Teológica*, II, II, q. 4, a. 7).

[19] Os seis versos respondem a uma nova pergunta de São Pedro: “de onde vem a tua fé?”. Dante responde que a sua fé vem da própria revelação divina, nas Escrituras. Ele diz: a abundante chuva do Espírito Santo no Antigo e no Novo Testamento foi o que demonstrou, para mim, a verdade da fé; e tal demonstração foi tão persuasiva que qualquer outra parece-me fraca diante dela.

[20] São Pedro continua a questionar: “O que te faz acreditar que as Escrituras, que te induzem à fé, sejam realmente inspiradas por Deus?”

[21] Dante responde: o que demonstra essa verdade (que as Escrituras são de inspiração divina) são as obras que se seguiram, as quais a natureza não pode realizar com os seus meios. Isto é, a prova são os milagres, realizados com meios que transcendem a natureza.

[22] “Mas quem te assegura que esses milagres realmente ocorreram? Somente a Bíblia, cuja verdade ainda tem de ser demonstrada; e nada mais”. São Pedro percebe no raciocínio de Dante a chamada “petição de princípio”, quando se considera implicitamente demonstrado aquilo mesmo que deve ser demonstrado. Nesse caso, a petição de princípio assume a forma típica de um círculo vicioso: aquilo que garante a inspiração divina da Bíblia são os milagres; aquilo que atesta a veracidade dos milagres é a própria Bíblia.

[23] “Se o mundo…”: a resposta de Dante retoma um trecho de Santo Agostinho (*Cidade de Deus*, XXII 5).

O maior milagre foi a própria conversão do mundo ao cristianismo, pois Pedro e os outros apóstolos iniciaram a sua obra de evangelização pobres e sem nenhum meio (segundo alguns, “jejuns” significa “sem doutrina”).

“Ótima planta”: a fé e a cristandade.

“Onde foi vinha, hoje espinhal só cresce”: o lamento habitual pela decadência do presente. Imagem retomada de “Paraíso”, XII, 85-87.

[24] “Nas esferas”: nos círculos em que as almas estavam dispostas.

“Louvemos Deus”: trata-se do “*Te Deum laudamus*”, hino de agradecimento a

Deus.

“Nessa toada…”: em uma melodia que se canta só no céu.

25 Barão: São Pedro, que, de pergunta em pergunta, conduziu Dante de modo que eles já estavam perto da conclusão do exame.

“Coroa”: o cimo, a parte mais alta da árvore (metáfora que se deduz do termo “ramo”).

26 Tão fervorosa foi a fé de São Pedro que, quando correu ao sepulcro de Cristo, ele superou São João, que era mais jovem do que ele. Quando souberam, por Maria Madalena, que o sepulcro de Jesus estava vazio, Pedro e João correram até o sepulcro. João, que era mais jovem, chegou antes ao sepulcro, mas permaneceu do lado de fora e só entrou depois de Pedro. Logo, Pedro chegou depois de João, embora tenha sido o primeiro a entrar (João, 20, 3-8).

27 “A fórmula evidente”: a essência.

28 O “amor” é da parte de Deus; o “desejo” é da parte da criação.

29 Física e metafísica: as provas físicas são aquelas derivadas das coisas sensíveis; as provas metafísicas são aquelas derivadas das coisas suprassensíveis. São essas as provas dadas pela razão humana.

“Por Moisés […] o Espírito Santo”: os versos indicam as Escrituras, que, como dito anteriormente, são inspiradas por Deus.

“Moisés, salmos e profetas”: o Antigo Testamento, composto pelos livros do Pentateuco (atribuídos a Moisés), pelos livros poéticos e sapienciais (indicados pelos Salmos) e pelos livros históricos e proféticos (indicados pelos profetas).

“Evangelhos e escritos que inspirado vos tem o Espírito Santo”: o Novo Testamento, formado pelos Evangelhos e pelos escritos dos apóstolos (os Atos dos Apóstolos, as Epístolas e o Apocalipse). Os textos dos apóstolos foram escritos sob inspiração do Espírito Santo.

30 Dante fala agora da Trindade: ele acredita em Três Pessoas e acredita que elas formam uma essência tão una e tão trina que delas se pode falar tanto no singular (“é”) como no plural (“são”).

31 A doutrina evangélica imprime a verdade sobre essa misteriosa condição divina (a Trindade) na minha mente. De fato, das Escrituras, só o Novo Testamento fala explicitamente da Trindade. E diversos são os trechos do Novo

Testamento que falam das pessoas divinas: Mateus, 3, 16-17; 28, 19; João, 14, 16-17 e 26; 15, 26; 16, 7-15; 2 Coríntios 13, 13; Gálatas 4, 4-6; 1 Pedro 1, 2; 1 João 5, 7-8.

CANTO XXV

O apóstolo S. Tiago interroga Dante sobre a esperança. A uma das suas questões responde Beatriz, às outras o Poeta.

O poeta expressa a sua esperança de retornar a Florença e ser coroado poeta. Apresenta-se a alma de São Tiago, que examina Dante a respeito da virtude da esperança. Os beatos aprovam as respostas de Dante. Apresenta-se a alma de São João, que esclarece uma questão. A visão de Dante fica ofuscada.

1 Se este sacro poema houver podido
(Em que tem posto a mão o céu e a terra
E em que hei por tanto tempo emagrecido)[1]
2 Aquele ódio abrandar que me desterra
Do belo aprisco, onde eu dormi cordeiro,
Contrário aos lobos, que lhe movem guerra,[2]
3 Com voz e lã melhor que de primeiro,
Voltando, eu do batismo sobre a fonte
Hei de, vate, cingir-me de loureiro;[3]
4 Pois lá entrei na fé, que uma alma insonte
Aproxima de Deus e causa há sido
De girar Pedro em torno à minha fronte.[4]
5 Então a nós um lume vem saído
Da grei, a que o primeiro pertencia
Dos vigários, que há Cristo instituído.[5]
6 Beatriz, resplendente de alegria,
— "Olha!" — me disse. — "Eis o barão famoso
Por quem vai-se a Galízia em romaria![6]
7 Quando à consorte acerca-se amoroso
O pombo, cada qual mostra, girando
Entre arrulhos o ardor seu amoroso:
8 Os dois príncipes vi tão ledos, quando
Da glória sua no esplendor se acolhem,
O manjar que se frui no céu louvando.[7]
9 Depois que as saudações entre si colhem,
Coram me cada um tácito fica[8]
Com tais clarões, que de os olhar me tolhem.
10 Sorrindo, Beatriz assim se explica:
— "Ó alma egrégia, por quem foi descrita
Delícia, de que a nossa igreja é rica,[9]
11 "Aqui a esperança faz ouvir bendita:
Mostraste-a, toda a vez que aos três há dado

Jesus de vê-lo em sua glória a dita.”[10]
12 — “Ergue o rosto com esp’rito esforçado,
Pois da terra quem sobe a tanta altura
Ser deve ao brilho nosso afeiçoado” —
13 O ânimo destarte me assegura
A luz segunda; a vista, pois, levanto
Aos montes, cujo lume a fez escura.[11]
14 — “Se o nosso Rei te há dado favor tanto,
Que vês os condes seus antes da morte,
Do seu palácio no recinto santo,
15 “Para que, vendo a verdade desta corte,
A esperança, que tanto os homens prende,
Em ti, nos mais[12] o coração conforte,
16 “O que ela seja, diz, como se acende
Em tua alma; diz, donde se origina.”
— Estas palavras inda o santo expende.
17 E quem as plumas conduziu benina
Das asas minhas neste voou ingente,
Tornou, por que a resposta me previna:
18 “A militante Igreja um mais ardente
Filho não tem na esp’rança, como escrito
É no Sol, que alumia a nossa mente.[13]
19 “Eis por que Deus permite que do Egito
Para ver a Sião tenha chegado,
Antes de estar o tempo seu prescrito.[14]
20 “Os outros pontos dois lhe hás perguntado,
Somente por que à terra ele refira
Quanto és desta virtude deleitado,
21 “Lhos deixo, sem que assim vanglória aufira;
Poderá responder ao teu contento,
Se a graça divinal o alenta e inspira.”[15]
22 Como discíp’lo, que a seu mestre atento
De assunto fala, em que é perito e experto,

Folgando de mostrar zelo e talento,
23 “Esperança é” — disse eu — “aguardar certo
Da Glória, pela Graça produzida
E mérito provado e descoberto.[16]
24 “Sendo luz de astros muitos procedida,
Pelo sumo cantor do Sumo Guia
Foi-me primeiro na alma introduzida.[17]
25 “`Espere em ti’ — na excelsa teodia
Disse — `aquele, que o nome teu conhece’:
Com fé como eu, quem não conheceria?[18]
26 — “Com seu rocio, também sobre mim desce
O da Epístola sacra e, redundante,
Outros inunda a chuva, que recresce.”[19]
27 Falava assim: do seio coruscante
Daquele incêndio tremulava chama,
Qual relâmpago, súbita, incessante.
28 Respondeu-me: — “Esse amor que inda me inflama
Pela virtude, que me dera alento
No martírio, ao findar da vida a trama,[20]
29 “Atrai-me a ti, que tens contentamento
Por ela; e, pois, me diz de qual ventura
A esperança te fez prometimento.”
30 E eu: — “Foi declarado na Escritura
O sinal (sua forma está sabida)
De almas, que, amigas, o Senhor apura.
31 “Disse Isaías: cada qual cingida
Em sua pátria será de dupla veste,
E a pátria sua é nesta doce vida.[21]
32 “Por que mais a verdade manifeste,
Das cândidas estolas discorrendo
Mais claro teu irmão falou do que este.”[22]
33 Palavras tais eu proferido havendo,
Sperent in te ressoa lá da altura,

Ao hino os coros todos respondendo.[23]
34 Lume entre eles depois tanto fulgura,
Que, se o Câncer tivesse igual estrela,
Fora do inverno um mês luz sem mistura.[24]
35 Como leda no baile entra a donzela
E, para a noiva honrar, dança inocente
Sem que vício ou vaidade impere nela:
36 O clarão assim vi resplandecente
Aos dois se apropinquar, que circulavam
Quanto convinha ao seu amor ardente.
37 Entrou no canto e dança, que formavam:
Qual sem voz ’sposa imota, aos três o aspeito
De Beatriz os olhos contemplavam.
38 — “O santo é este, que estreitava ao peito
O nosso Pelicano e dele há sido
Sobre a cruz à missão sublime eleito.”[25]
38 Assim diz Beatriz. Sempre embebido
O seu olhar está na luz terceira,
Depois como antes de eu a ter ouvido.[26]
40 Quem do Sol fita os olhos na carreira,
Crendo vê-lo de eclipse anuviado,
Para ver sente o efeito da cegueira:
41 Por esse lume assim fui deslumbrado.
— “Por que te afanas procurando” — fala —
“O que no céu não pode ser achado?[27]
42 “Na terra o corpo meu à terra iguala,
Até que o nosso número complete
O que eterno propósito assinala.[28]
43 “Ter vestes duas só do céu compete
No claustro aos lumes dois que se elevaram:
Esta verdade ao mundo teu repete.”[29]
44 Calou-se e os esplendores três pararam
E com eles a doce melodia,

De que os sons a coreia acompanharam:[30]
O remo, assim, que o mar de antes feria,
Se há fadiga ou perigo, é bem que cesse,
Logo ao sinal do apito, que assovia.
Na mente, ai! quanto a comoção recresce,
Quando o gesto não pude ver formoso
De Beatriz, ainda que eu ’stivesse
Ao seu lado e no mundo glorioso![31]

---

[1] “Sacro poema”: a obra é assim chamada também em “Paraíso”, XXIII, 62.

“Em que tem posto a mão o céu e a terra”: na composição do poema colaboraram o céu (a ciência divina, em todos os seus aspectos, e a graça divina) e a terra (a experiência terrena e o engenho humano).

“E em que hei por tanto tempo emagrecido”: o longo e duro trabalho de composição do poema extenuou o poeta.

[2] “Belo aprisco”: Florença, onde Dante viveu pacificamente (“cordeiro”), tornando-se, em sua boa vontade, inimigo daqueles (“lobos”) cujo ódio criava discórdias na cidade.

[3] “Com voz e lã melhor que de primeiro”: significa que Dante retornará a Florença como um poeta muito diferente do que era anteriormente. Depois do trabalho dedicado à *Divina Comédia*, Dante se tornou um poeta muito diferente daquele poeta de amor que vivia em Florença. Os termos “voz” e “lã” são empregados metaforicamente, referindo-se ao “cordeiro” dos versos anteriores. Entretanto, segundo alguns, o termo “lã” pode indicar os cabelos já brancos do poeta.

“A fonte do batismo”: no batistério de San Giovanni, em Florença.

“Hei de, vate, cingir-me de loureiro”: Dante diz que, se o seu sacro poema aplacar o ódio que o mantém fora de Florença, ele retornará à cidade como um poeta diferente e será coroado poeta (com a coroa de louros) no mesmo lugar onde se batizou.

[4] No batistério de Florença, Dante entrou na fé, a qual aproxima as almas de

Deus; no Paraíso, por causa da fé, São Pedro o coroou em sinal de aprovação (no final do canto anterior). Por isso, ele tem de ser coroado poeta no lugar onde foi batizado.

[5] "Da grei […] Cristo instituído": "da grei, a que pertencia o primeiro dos vigários que Cristo há instituído". O "primeiro dos vigários" é São Pedro.

[6] O barão: o apóstolo São Tiago (irmão de São João), cujo sepulcro, em Santiago de Compostela, era motivo de muitas peregrinações para a Galiza.

[7] "O manjar que se frui no céu": Deus.

[8] "*Coram me*": "diante de mim".

[9] "Nossa igreja": o Paraíso. Os versos aludem a alguns trechos da Epístola de São Tiago, que celebram a generosidade divina (1, 5 e 17). A carta é hoje atribuída a São Tiago Menor, mas antes era atribuída a São Tiago Maior, que é o personagem que aqui se apresenta.

[10] O texto original diz que São Tiago representou a esperança todas as vezes em que Jesus mostrou a sua benevolência aos três apóstolos São Pedro, São Tiago e são João. Trata-se de uma alusão a três episódios evangélicos, nos quais Jesus escolheu como companhia apenas os três apóstolos: a ressurreição da filha de Jairo (Lucas, 8, 40-56); a transfiguração (Mateus, 17, 1-9); a oração no Getsêmani (Mateus, 26, 36-46). Muitos exegetas interpretavam os três apóstolos como representantes das três virtudes teologais — interpretação seguida por Dante: São Pedro como a fé; São Tiago como a esperança; São João como a caridade.

Na tradução, os versos parecem aludir sobretudo ao episódio da transfiguração.

[11] "Montes": citação de "Elevei os olhos meus aos montes, de onde virá a mim o auxílio" (Salmo 121 [120], 1).

"Cujo lume a fez escura": o texto original não diz que a luz fez com que Dante abaixasse os olhos.

[12] Para que Dante, tendo visto a realidade do Paraíso, faça com que se fortaleça, no seu coração e no coração dos outros, a esperança, que faz com que os homens amem o bem.

[13] "Igreja militante": o conjunto dos fiéis que vivem na terra, em oposição à Igreja triunfante, conjunto dos beatos que estão no Paraíso.

“o Sol”: Deus.

Com esses versos, Beatriz responde, no lugar de Dante, à segunda pergunta de São Tiago: quanta esperança há na alma de Dante (“como se acende / em tua alma”).

[14] Na exegese bíblica, Egito e Jerusalém (representada pelo monte Sião) eram interpretados, respectivamente, como a vida de exílio na terra e a pátria celeste. Beatriz diz que foi por causa da sua imensa esperança que Dante pôde, antes da morte, ir da terra para o céu.

[15] “Os outros dois pontos”: as duas outras perguntas feitas por São Tiago (o que é a esperança e de onde ela se originou em Dante).

“Somente por que…”: São Tiago pode ler em Deus as respostas de suas perguntas. As perguntas são feitas só para que Dante refira na terra quanto São Tiago ama a virtude da esperança.

Beatriz, tendo respondido a uma das perguntas, deixa as outras respostas a Dante, pois as outras respostas não serão motivo de vanglória para ele (como teria sido a primeira, que diz que não há nenhum cristão com tanta esperança quanto Dante).

[16] Resposta à primeira pergunta: a esperança é aguardar com certeza a futura beatitude (glória), o qual é produzido na alma pela graça divina e pelo mérito. A definição é a tradução exata de uma frase de Pedro Lombardo: “A esperança é a expectativa certa da beatitude futura, proveniente da graça divina e dos méritos precedentes” (*Sentenças*, III; XXVI, 1). O manual de Pedro Lombardo era seguido nas escolas de teologia.

As virtudes teologais são sempre um dom da graça divina. O mérito é aquele conquistado pelas boas obras.

[17] “Astros”: os textos; a metáfora dos textos sacros como estrelas é reminiscência bíblica (Daniel, 12, 3).

Muitos foram os textos que infundiram em Dante a luz da esperança, mas o primeiro a infundi-la foi Davi, o autor dos Salmos (“sumo cantor do Sumo Guia”).

[18] “Espere em ti aquele que conhece o teu nome”: tradução do versículo 11 do Salmo 9, que diz “Esperem em ti aqueles que conhecem o teu nome”.

“Teodia”: canto dirigido a Deus. Dante emprega o mesmo termo no original.

[19] Epístola sacra: a Epístola de Tiago. Como dito anteriormente, a Epístola é hoje comumente atribuída a São Tiago Menor.

Na Epístola, não se fala explicitamente da esperança, mas diferentes trechos falam da recompensa que Deus dará àqueles que sofrem com paciência (1, 12; 2, 5; 4, 7-10; 5, 7-8).

“E, redundante […] recresce”: a fonte dos textos cria tanta abundância em Dante que ele, por sua vez, inunda os outros com essas águas.

[20] “Esse amor que inda me inflama”: a esperança cessa no Paraíso, quando se conquista a beatitude (objeto da esperança cristã). Entretanto, em São Tiago permanece o amor por aquela virtude que o acompanhou.

[21] Dante explica o que é o “sinal” das almas beatas, que mostra a promessa da esperança.

Isaías diz (61, 7): “na sua terra, possuirão o duplo, e a alegria será eterna”. A frase se refere aos hebreus que, tornando de exílio, teriam recebido o dobro daquilo que haviam perdido. Entretanto, o “duplo” veio a ser interpretado como a “dupla glória”, de corpo e alma, no Paraíso (identificado com “sua terra” do texto de Isaías). Desse modo, o texto de Isaías revela o sinal que distingue a beatitude: a glória de corpo e alma (“dupla veste”).

[22] Teu irmão: São João, irmão de São Tiago, que, no Apocalipse (7, 9), falou da visão que teve dos beatos envoltos em brancas estolas.

O texto de João torna mais clara a revelação já presente no texto de Isaías: as brancas estolas são os corpos gloriosos dos beatos.

[23] “*Sperent in te*”: “Esperem em ti”. Citação do versículo já mencionado por Dante nos vv. 73-75.

“Coros”: as guirlandas nas quais as almas tinham se agrupado.

[24] O Sol se encontra em Capricórnio entre os dias 21 de dezembro e 21 de janeiro, isto é, no inverno no hemisfério norte. A constelação de Câncer é diametralmente oposta à constelação de Capricórnio, de tal modo que Câncer surge no horizonte quando o Sol se põe junto com Capricórnio. Desse modo, Dante imagina uma situação hipotética: se Câncer tivesse uma luz tão luminosa (como aquela que viu no Paraíso), um mês do inverno seria sempre iluminado: de dia, seria iluminado pelo Sol; após o pôr do Sol, seria iluminado pela luz de Câncer. Trata-se de um modo novo de dizer que aquela luz era tão intensa como

a luz do Sol.

25 O santo: trata-se de São João, que na última ceia repousou a cabeça sobre o peito de Jesus (João, 13, 25; 21, 20) e que, na crucificação de Jesus, foi por ele escolhido para tomar o lugar como filho de Maria (João, 19, 26-27).

“Pelicano”: dizia a lenda que o pelicano, com o sangue de seu próprio peito, fazia com que seus filhotes ressuscitassem. Por isso, o pássaro foi tomado como figura de Jesus, com base no Salmo 102 (101), 7.

26 “Na luz terceira”: o texto original dá a entender que ela olha para as três almas, não apenas para a terceira. O olhar fixo de Beatriz tem, provavelmente, significado simbólico: pode significar, por exemplo, a relação entre a sapiência divina e as virtudes teologais.

27 O Evangelho fala de uma frase de Jesus a respeito de João (João, 21, 21-23: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha”), que originou entre os discípulos a crença de que o apóstolo não morreria. Com isso, acreditava-se que João não tivesse morrido, mas tivesse subido ao céu com o seu corpo. Dante olha fixamente para São João, tentando ver o seu corpo na forte luz emanada por ele e, como acontece com quem tenta ver o eclipse parcial do Sol, fica ofuscado. São João pergunta por que Dante procura no céu aquilo que não lá se encontra. Com essa pergunta, o santo desmente a crença, à qual importantes autores davam crédito na época de Dante e que o próprio São Tomás de Aquino não considerou um fato impossível (*Suma Teológica*, Supl., q. 77, a. 1).

28 “Até que […] assinala”: até o fim dos tempos, quando o número de beatos será aquele estabelecido pelo decreto divino. Alguns acreditavam que o número de beatos tivesse de ser igual ao número de anjos expulsos do céu. Essa ideia se encontra no *Convívio* de Dante (II; V, 12).

29 “Ter vestes duas”: o corpo e a alma, como dito no v. 92.

“Os lumes dois”: Cristo e Maria, que se elevaram ao Empíreo, enquanto os outros beatos permaneceram no céu das Estrelas Fixas.

Com isso, Dante parece rejeitar também a crença a respeito da assunção dos profetas Enoque e Elias; por outro lado, afirma com decisão a assunção de Maria, que, embora constituísse uma tradição, só foi proclamada dogma pela Igreja muito tempo depois, no século XX.

30 Segundo alguns (como também Xavier Pinheiro), a dança e o canto dos

apóstolos cessaram quando ele acabou de falar; segundo outros, cessaram quando ele começou.

31 “Ainda que…”: Xavier Pinheiro segue exatamente a sintaxe do período original. Alguns dizem que a proposição se refere a “não pude ver”: Dante ficou ofuscado e não conseguiu ver o rosto de Beatriz, embora ele estivesse ao lado dela e se encontrasse no Paraíso, onde a sua capacidade visiva era maior. Segundo outros, a proposição se refere a “quanto a comoção recresce”: Dante se perturba quando não vê o rosto de Beatriz, não obstante ela estar ao seu lado e ele estar no reino da felicidade.

CANTO XXVI

São João interroga Dante acerca da caridade. Antecipando-se às perguntas do Poeta, Adão lhe diz como vivera no Paraíso terreal e como fora desterrado.

Oitavo céu: Estrelas Fixas. Dante permanece com a vista ofuscada. São João o examina a respeito da virtude da caridade. Dante torna a ver. Apresenta-se Adão, que responde a algumas dúvidas de Dante.

1 Fosse já morta a vista eu receava,
Eis da fúlgida flama, que a ofuscara,
Atento fez-me a voz, que assim falava:
2 — “Enquanto a força a vista não repara,
Que em minha nímia luz[1] hás consumido
Compensação no discursar depara.
3 “Começa e diz pra onde é dirigido
Teu espírito e sabe que, se escura
A vista sentes, não a tens perdido;[2]
4 “Pois quem te guia na divina altura
Virtude tem no olhar, como Anania
Nas mãos tivera, que a cegueira cura.”[3]
5 — “Quando bem lhe aprouver” — eu respondia —
“Remédio aos olhos dê, por onde a chama
Com ela entrou, que sempre me incendia.[4]
6 “O Bem, que pelo céu prazer derrama,
Alfa e Ômega há sido na escritura,
Que amor ou forte ou leve em mim proclama.”[5]
7 Aquela mesma voz, que me assegura
Não haver eu de súbito cegado,
Ainda excitar-me a lhe falar procura.
8 — “Por mais estreito crivo ser passado
Deves” — disse — “e portanto denuncia
O que ao fito há teu arco endereçado.”[6]
9 — “Razões” — tornei — “da sã filosofia
E autoridade, que daqui descende,
Me influem desse amor toda a energia.[7]
10 “O bem enquanto bem, quando se entende,
Ateia amor que é tanto mais ardente,
Quanto mais de bondade em si compreende.
11 “E, pois, a essência, em si tanto excelente,
Que todo o bem, que ser lhe possa externo,
Reflexo é só da sua luz fulgente,

12 “Atrai, mais que outra, o espírito que, terno,
Amando, conhecer pode a verdade,
Que desta prova é o alicerce eterno.[8]
13 “Dessa verdade eu vejo a claridade
Naquele, que demonstra o amor primeiro
De todo o ente, a quem cabe eternidade.[9]
14 “Vejo na voz do Autor, só e verdadeiro,
Que de si disse, a Moisés falando:
— O bem te hei de mostrar perfeito e inteiro.[10]
15 “Também tu mo revelas, começando
O sublime pregão, que à terra ensina,
Mais que os outros, o arcano venerando.”[11]
16 — “Pela razão” — ouvi — “pela divina
Autoridade, que com ela acorda,
Teu amor, mais que tudo, a Deus destina.[12]
17 “Diz-me, porém: não sentes outra corda,
Que para Deus te arrasta? Faz patente
Com quantos dentes esse amor te morda.”
18 Da Águia de Cristo não me foi latente
O propósito santo e onde queria
Na profissão levar-me diligente.[13]
19 — “Estímulos, que possam” — lhe eu dizia —
“Para Deus impelir a humana essência,
Tem minha caridade noite e dia;[14]
20 “Porque do mundo o ser; minha existência;
A morte que sofreu para que eu viva;
O que espera um cristão da fé na ardência;[15]
21 “Do bem, que eu disse, a inteligência ativa
Me afastaram do mar do amor culpado,
Do santo amor me conduzindo à riva.[16]
22 “As flores, de que o horto é todo ornado,
Do Jardineiro eterno, eu amo tanto,

Quanto ele em perfeição lhes tem doado.”[17]

23 Calei-me e ressoou melífluo canto
Pelo céu, que Beatriz acompanhava,
Dizendo todos: — Santo! Santo! Santo![18] —

24 Como pungente luz olhos destrava
Do sono, a vista o brilho procurando,
Que as pálpebras descerra, invade, agrava;

25 E o desperto, os motivos ignorando
Da súbita vigília, olhos desvia,
Na mente, entanto, a reflexão calando:[19]

26 Em mim, dessa arte, a névoa desfazia
De Beatriz o olhar, que pelo espaço
De mais de milhas mil esplandecia.

27 Então mais claro que antes a ver passo:
Quarta luz perto a nós, maravilhado,
Diviso e uma pergunta logo faço.

28 E ela: — “Nesse lume, ora chegado,
Seu Criador contempla a alma primeira
Que a Virtude primeira haja criado.”[20]

29 Qual fronde, que, ao soprar de aura ligeira,
O cimo curva e, logo após, se erguendo
Pela força que a torna sobranceira,

30 Tal eu, essas palavras lhe entendendo,
Atônito fiquei; depois seguro
Fez-me um desejo, que me estava ardendo.[21]

31 — “Único pomo que nasceu maduro!
Dos homens pai, que hás visto filha e nora
Em cada esposa então e no futuro![22]

32 “Devota e humilde a minha voz te exora!
Fala-me, pois! Do meu desejo és certo;
Almejo ouvir-te, e não to expresso agora[23]

33 Como de manto um animal coberto
Movimento, que os membros seus agita,

Pelo envoltório deixa descoberto:[24]
34 Assim essa primeira alma bendita
Pelo tremor da sua luz mostrava
O prazer de agradar-me quanto a excita.
35 — “Não hei mister declares” — me tornava
“Teu desejo, melhor que tu sabendo
Quanto a certeza em tua mente grava.[25]
36 “Nesse espelho infalível estou lendo,
Em que é todo o visível refletido,
Coisa nenhuma o refletir podendo,[26]
37 “Ouvir aspiras quando vida hei tido
Lá no santo jardim, donde, guiado
Por tão comprida escada, tens subido;
38 “Quanto tempo ali fui deliciado;
Da cólera divina a causa vera;
Que idioma falei, por mim formado.[27]
39 “O pomo, ó filho meu, não considera
Motivo só por si do acerbo exílio,
Mas ordens transgredir, que Deus me dera.[28]
40 “Lá donde Beatriz moveu Virgílio
Quatro mil e trezentos e dois anos
A ventura anelei deste concílio.
41 “Do desterro senti na terra os danos,
Enquanto vezes novecentos trinta
Seu giro fez o Sol do céu nos planos.[29]
42 “Antes que a gente de Nemrod consinta
Em meter mãos à obra interminável,
A língua, que falei, se achava extinta.[30]
43 “De homem feitura sempre perdurável
Não é; vem do capricho e um dia cessa,
Do céu segundo o influxo variável.[31]
44 “A humana fala a natureza expressa;
Por ela o modo de falar deixado

Ao homem está, segundo lhe interessa.[32]

45 “Antes de eu ter no Inferno penetrado,
El o supremo bem significava,
Que desta leda luz me há circundado.

46 “Depois em *Eli* o nome se mudava:
Qual rama dos mortais uso varia,
Sucede a folha nova à que secava.[33]

47 “No monte, que mais alto ao ar se envia,
Santa vida vivi, depois culpada,
Da hora prima à sétima do dia,
Noutro quadrante o Sol fazendo entrada.”[34]

---

[1] “Nímia”: aqui no sentido de “muito intensa”.

[2] “Diz para onde é dirigido / Teu espírito”: São João quer saber para onde se dirige o desejo da alma de Dante. Isso equivale a dizer “qual é o objeto do amor de Dante”. Tem início aqui o exame sobre a caridade. Nesse caso, São João não pede a definição da caridade; entretanto, a definição está implícita na definição do objeto do amor.

[3] “Quem te guia”: Beatriz.

Ananias, um dos primeiros seguidores de Jesus, curou, apenas com a imposição das mãos, a cegueira de Paulo, que havia perdido a visão quando viu Jesus no caminho de Damasco (Atos dos Apóstolos, 9, 17-18).

[4] “A chama”: o amor. Os olhos de Dante foram a passagem pela qual entrou Beatriz e, com ela, o ardente amor que sempre inflama o poeta. A imagem dos olhos como passagem para o Amor era bastante frequente na poesia lírica do século XIII.

[5] “Deus é princípio e fim de todo afeto, pequeno ou grande, que o amor me inspira”. Isto é, Deus é o objeto supremo do amor de Dante.

O Bem: Deus.

“Alfa e Ômega”: a primeira e a última letra do alfabeto grego. Está aqui para

“princípio e fim”, como em Apocalipse, 1, 8.

“Escritura, que amor ou forte ou leve em mim proclama”: no original, os versos são interpretados de dois modos. Podem significar que Deus é o princípio e o fim de todos os textos que o amor faz com que Dante leia (isto é, de todos os afetos que o amor faz nascer no coração de Dante). Podem significar também: Deus é o princípio e o fim de todos os textos que levam Dante ao amor. Essa segunda interpretação, embora menos frequente entre os comentadores, parece ser aquela seguida por Xavier Pinheiro.

[6] Dante agora deve dizer quem fez com que ele voltasse seu amor a Deus.

[7] O amor de Dante pelo bem supremo foi suscitado por argumentos racionais (filosóficos) e pela autoridade da revelação divina, nas Escrituras.

[8] Sentido dos nove versos: o bem, tão logo seja entendido como um bem, suscita o amor, e o amor será tanto mais intenso quanto maior é a bondade existente no bem. Logo, aquela essência que tem tanto bem que qualquer outro é apenas um reflexo dela (Deus) atrai, mais do que qualquer outro bem, o espírito daquele que reconhece a verdade sobre a qual se fundamenta esse raciocínio.

O bem, compreendido como tal, suscita no homem um amor proporcional à sua bondade. Mas Deus é o bem supremo. Logo, quem reconhecer essa verdade amará a Deus acima de tudo.

[9] Dante dissera que a filosofia e as Escrituras o haviam levado ao amor do sumo bem. Agora ele especificará as suas fontes.

A verdade enunciada anteriormente é apresentada por aquele que demonstra que todas as substâncias eternas se movem pelo amor dirigido ao bem supremo. As substâncias eternas são entendidas por uns como os anjos e a alma humana; por outros, como os céus.

Os comentadores ainda discutem a respeito daquele a quem Dante se refere nos versos. Muitas são as hipóteses: Aristóteles, Platão, Dionísio Areopagita, Virgílio etc. É provável que se trate de um filósofo, já que Dante falou das “razões da sã filosofia”. A maioria pensa que os versos se referem a Aristóteles, que, para Dante, era o filósofo por excelência. Segundo alguns, o conceito aqui exposto está de acordo com as afirmações de Aristóteles no livro XII da *Metafísica*. Além disso, a maioria reconhece grande semelhança entre esses versos e o *Liber de Causis*, que na época era atribuído por muitos a Aristóteles.

[10] Dante indica a primeira fonte das Escrituras, presente no Antigo Testamento.

Aquela verdade é revelada também pela voz do próprio Deus, que, referindo-se a si mesmo, disse a Moisés: “o bem te hei de mostrar perfeito e inteiro”. O Êxodo (33, 19) narra que Moisés pediu para ver Deus em toda a sua glória. Deus então respondeu “Eu te mostrarei todo o bem”.

[11] Dante indica a segunda fonte das Escrituras, presente no Novo Testamento: trata-se do próprio São João, cujo texto anuncia na terra, mais do que qualquer outro, o mistério da divindade.

Os comentadores discutem se os versos se referem ao Evangelho segundo São João ou ao Apocalipse. No início do Apocalipse, há de fato a frase “Eu sou o Alfa e o Ômega” (1, 8). Entretanto, a expressão parece convir melhor ao Evangelho, em cujo prólogo (1, 1-18) São João anuncia o mistério da encarnação do Verbo, por quem tudo foi criado. Desse modo, Dante estaria dizendo que o Evangelho de São João, mais do que os outros três Evangelhos, manifesta na terra os profundos mistérios divinos.

[12] “Que com ela concorda”: a autoridade divina das Escrituras está de acordo com a razão humana.

“Destina”: o verbo empregado no texto original pode ser entendido de dois modos, como um imperativo ou como um indicativo. No primeiro caso (aquele escolhido pela tradução), São João estaria recomendando que Dante continuasse a dirigir o seu amor a Deus. No segundo caso, São João estaria constatando que Dante dirige o seu amor a Deus, de modo a poder dar continuidade ao exame a respeito da caridade.

[13] A águia é um dos quatro animais presentes no Apocalipse (4, 7), interpretados como os quatro evangelistas. Segundo a tradição exegética, a águia corresponde a São João.

[14] Dante diz que a sua caridade (isto é, o seu amor por Deus) é impelida por todos os estímulos que podem fazer com que o coração do homem se dirija a Deus.

[15] Os versos revelam quais sejam esses estímulos que levam ao amor por Deus: a criação (do universo e do próprio poeta), a redenção e a beatitude (o que espera um cristão). Tais atos são dons gratuitos e mostram o infinito amor de Deus, levando os homens à gratidão, ao amor por Deus.

[16] “Do bem a inteligência ativa”: o reconhecimento, baseado na filosofia e nas Escrituras, de que Deus é o sumo bem.

[17] Agora Dante fala do segundo aspecto da caridade: o amor ao próximo. Ele ama todas as criaturas (“as flores”), na proporção do bem que Deus lhes comunica. É o conceito já expresso em 28-30: o amor é proporcional ao bem. Só Deus, bem supremo, pode ser amado por si mesmo sem reservas; os outros bens têm de ser amados em função de Deus: o amor tem de ser proporcional à bondade que Deus concede a esses bens.

[18] “Santo! Santo! Santo!”: aclamação dos Serafins (Isaías, 6, 3) e dos quatro animais (Apocalipse, 4, 8). Além disso, a aclamação corresponde ao início do *Sanctus* da missa. Aqui é um canto de louvor e de agradecimento a Deus.

[19] E a pessoa que acordou, em um confuso estado de vigília, desvia o olhar daquilo que vê, enquanto não retoma plenamente a sua consciência. O termo “calando” significa provavelmente “entrando”, “retornando”: enquanto isso, a reflexão retorna à mente.

Xavier Pinheiro segue uma das interpretações possíveis do texto original, que entende que a pessoa desvia os olhos daquilo que vê. Outros entendem que a pessoa “confunde” aquilo que vê.

“Reflexão”: o texto original diz “estimativa”, faculdade da alma que reconhece um objeto que se oferece aos sentidos.

[20] Alma primeira: Adão.

Virtude primeira: Deus.

[21] Embora o texto não o diga expressamente, a comparação sugere que Dante inclina a cabeça (em sinal de reverência), erguendo-a em seguida (pelo desejo de fazer novas perguntas).

[22] “Único pomo que nasceu maduro”: Adão foi o único ser criado já adulto.

“Que hás visto filha e nora / Em cada esposa então e no futuro”: toda mulher que se casa é, ao mesmo tempo, filha de Adão (pois descende dele) e sua nora (pois se casou com um de seus descendentes).

[23] Adão vê em Deus o que o poeta deseja saber. Dante nem formula as perguntas, para ouvir sem demora as respostas que tanto deseja conhecer.

[24] Como um animal coberto se agita, de modo que seus movimentos ficam

evidentes pelo manto que o envolve. A comparação, traduzida de modo bastante preciso, é muito discutida pelos comentadores, que questionam vários de seus elementos: de que animal se trata, por que ele está coberto, que manto o cobre, por que ele se agita etc. Entretanto, o primeiro membro da comparação parece ser deliberadamente indeterminado e a determinação de seus elementos não parece mudar substancialmente o seu sentido geral, que é aquele acima apresentado.

25 Adão conhece os desejos de Dante melhor do que Dante conhece as coisas das quais ele mais tem certeza.

26 "Nesse espelho infalível": em Deus.

27 Adão elenca as quatro perguntas de Dante: quanto tempo se passou desde a sua criação no Éden ("santo jardim"); quanto tempo ele permaneceu no Éden ("quanto tempo ali fui deliciado"); o verdadeiro motivo que despertou a ira divina e levou à expulsão do homem do Paraíso terrestre; a língua que Adão criou e usou.

"Quando vida hei tido": conjectura para o texto "quando vindo hei sido" de outras edições, o qual não resulta em nenhum sentido convincente.

"No santo jardim, donde, guiado / Por tão comprida escada, tens subido": no Éden, de onde Dante, guiado por Beatriz, subiu ao paraíso.

28 Resposta à terceira pergunta: o homem não foi expulso do Éden pelo fato material de ter provado o fruto, mas porque ter provado o fruto significou transgredir as ordens divinas. Adão e Eva, provando o fruto, não souberam se submeter ao limite imposto pelo seu criador.

29 Os seis versos respondem à primeira dúvida.

"Lá donde Beatriz moveu Virgílio": no Limbo, onde Beatriz encontrou Virgílio e onde Adão permaneceu depois de sua morte, até a descida de Jesus, com a qual pôde subir ao Paraíso.

"Quatro mil […] deste concílio": Adão desejou a beatitude do Paraíso ("A ventura anelei deste concílio") por 4302 anos. Esse é o número de anos entre a morte de Adão e a morte de Jesus, calculado segundo a cronologia de Eusébio.

"Do desterro […] nos planos": na terra, Adão viu o Sol completar seu curso 930 vezes. Isto é, ele viveu por 930 anos, como diz o Gênesis (5, 5).

Com essas duas cifras, pode-se responder à dúvida de Dante, que quer saber o

tempo que se passou desde a criação de Adão. Basta somar a essas cifras o número de anos que se passaram da morte de Cristo a 1300 (ano da viagem), que é 1266: 930 + 4302 + 1266 = 6498.

30 Tem início aqui a resposta à quarta dúvida, que é aquela que mais recebe relevo nessa cena. A língua que Adão criou já estava extinta antes que o povo governado por Nemrod iniciasse a construção da torre de Babel (obra que não foi concluída, "interminável"). O episódio da torre de Babel foi mencionado em "Inferno", XXXI, 76-78 e em "Purgatório", XII, 34-36.

Trata-se de argumento de suma importância para Dante, que aqui corrige uma teoria defendida anteriormente. De fato, no seu tratado *De vulgari eloquentia* (I; VI, 4-7), Dante defendia que a língua falada por Adão havia sido criada diretamente por Deus, sendo, portanto, incorruptível. Por isso, essa língua, falada a princípio por toda a humanidade, teria sobrevivido à confusão ocasionada pela torre de Babel, permanecendo imutável como a língua dos hebreus.

Aqui, afirma-se que a primeira língua foi criação de Adão. Sendo uma criação humana, também ela estava sujeita a mudanças e à morte. Com isso, todas as línguas assumem caráter humano e, por isso, dinâmico. Trata-se de uma importante mudança no pensamento de Dante.

31 "Do céu segundo o influxo variável": um dos modos de interpretar o texto original. Segundo outros, o verso se refere ao passar do tempo, que é regulado pelos movimentos dos céus.

32 A fala é um fato natural para o homem, é obra da natureza. Entretanto, os modos concretos de configuração da língua são criações humanas (a natureza deixa ao homem a tarefa de configurar a língua).

33 Adão exemplifica a mutabilidade da língua. Antes de sua morte (antes de ele entrar no Limbo), Deus era chamado "El"; depois ele passou a ser chamado "Eli".

"O supremo bem, que desta leda luz me há circundado": o supremo bem, pelo qual Adão fica envolto em luz.

Em edições mais recentes do poema, Adão diz que antes da sua morte Deus era chamado "I" e depois passou a ser chamado "El". Em *De vulgari eloquentia* (I; IV, 4), Dante disse que "El" teria sido a primeira palavra pronunciada pelo homem; agora, ele diz que Deus passou a ser chamado "El" depois que a língua de Adão já estava extinta (segundo as edições mais recentes do poema). Trata-se,

portanto, de mais uma mudança de opinião. Quanto a “I”, os comentadores defendem diferentes interpretações: alguns falam da unidade (já que “I” é o numeral romano correspondente ao número um), outros falam do nome “Ia”, apresentado por São Jerônimo como um dos nomes de Deus, entre outras hipóteses.

[34] Resposta à segunda dúvida de Dante.

“No monte, que mais alto ao ar se envia”: no monte do Purgatório, em cujo cume se encontra o Paraíso terrestre.

Adão ficou no Éden, antes e depois do pecado (“vida santa, depois culpada”), não mais de sete horas: da primeira hora do dia ao início da sétima, quando o Sol entra, após ter realizado um quarto de circunferência (correspondente a seis horas), no segundo quadrante de seu curso.

Segue-se aqui a opinião defendida por Pedro Comestor no capítulo 24 da sua *Historia scholastica*.

CANTO XXVII

Objurgatória de S. Pedro contra os maus papas. Ascensão ao nono céu ou Primeiro Móbile. Explicações de Beatriz.

Oitavo céu: Estrelas Fixas. São Pedro faz uma invectiva contra os papas corruptos. As almas se elevam. Dante e Beatriz permanecem sozinhos e Beatriz convida o poeta a contemplar mais uma vez a terra. Dante e Beatriz se elevam para o próximo céu. Nono céu: Primeiro Móbile. Beatriz faz uma explicação a respeito do Primeiro Móbile e, em seguida, lamenta a corrupção do homem e a falta de guias verdadeiros para a humanidade.

1 Glória ao Pai! Glória ao Filho! Ao ’Sp’rito Santo!
Uníssono entoava o Paraíso:
Senti-me inebriado ao doce canto.[1]
2 Pareceu-me o que eu via um doce riso
Do universo; tomava-me a ebriedade
Pelos olhos e ouvidos o juízo.
3 Ó júbilo! Ó inefável f’licidade!
De paz ó vida inteira e de ternura!
Riqueza certa, isenta de ansiedade![2]
4 Fulgia-me ante os olhos a luz pura
Dos esplendores quatro; mais brilhante
O que veio primeiro[3] eis se afigura.
5 E tal se me apresenta o seu semblante,
Qual fora Jove, se, aves ele e Marte,
A plumagem trocassem rutilante.[4]
6 A Providência, que no céu reparte
Tarefa a cada qual, calar fizera
O venturoso coro em toda parte,
7 Quando lhe ouvi: — “A cor se em mim se altera
Não o estranhes: enquanto estou falando
Mudança igual em todos ver espera.
8 “Quem, meu lugar na terra ora usurpando,
Meu lugar, meu lugar, vago em presença
De Cristo o deixa, converteu nefando
9 “Meu cemitério na sentina imensa
De sangue e podridão, com que o perverso,
Do céu lançado, frui delícia intensa.”[5]
10 O céu então eu vi todo submerso
Na cor, que por manhã e à tarde acende
Sobre as nuvens o Sol do lado adverso.[6]
11 Qual dama, que à virtude cultos rende
E, de si bem segura, se enrubesce,
Quando torpeza de outra ouve e compreende,

12 Beatriz transmudada me parece;
Ao céu ante a paixão do Onipotente
Igual eclipse creio que envolvesses.[7]
13 Prosseguiu logo o Apóstolo eminente;
E tanto a voz lhe estava demudada,
Que mais não fora o vulto seu rubente.
14 — "Com sangue meu a Igreja alimentada
Não foi, nem Lino e Cleto o seu lhe deram,
De ouro em ganância para ser mudada.[8]
15 "Como Calixto e Pio mereceram,
Urbano e Sixto a sempiterna vida?
Pós muito pranto o sangue seu verteram.[9]
16 "Por nossos sucessores dividida
Não quisemos a grei — parte chamada
À destra, parte à esquerda repelida;[10]
17 "Nem que das chaves fosse a insígnia usada
Por estandarte em campo sanguinoso,
Contra cristãos em guerra encarniçada.[11]
18 "Nem que, por privilégio mentiroso
De traficância, em selo eu figurasse.
Quanta vez de pudor me acendo iroso![12]
19 "Com vestes de pastor lobo rapace
Daqui em cada pascigo se avista;
Por que não surgiu Deus, que os fulminasse?[13]
20 "De Gasconha e Cahors raça malquista
Beber-nos sangue vem: belo começo,
O indino fim que tens quanto contrista![14]
21 "Mas Deus que a Roma, do seu mal no excesso,
Do mundo em glória os Cipiões mandava,
Dará socorro, como fora expresso.[15]
22 "E tu, que o peso da matéria agrava,
Voltando, ó filho, ao mundo, lhe revela

Quanto eu te digo dessa gente prava.”[16]
23 Como o vapor nos ares se congela,
E em flocos baixa, quando o Sol tocado
Pelas pontas está da Cabra bela;[17]
24 Assim vi eu o éter adornado
De clarões triunfantes, que detido
Haviam-se na altura ao nosso lado.[18]
25 Tinha-os a vista na ascensão seguido
E os seguiu té que enfim subir avante
Não lhe foi pelo espaço permitido.
26 Que eu não podia ver mais adiante
Notando, Beatriz disse: — “Repara
Quanto agora, girando, estás distante.”[19]
27 Desde a hora, em que a terra eu contemplara,
Por todo o arco, que o clima faz primeiro,
Do meio até o fim, já me avançara.[20]
28 A passagem, que Ulisse aventureiro
Além Gades tentou, e a plaga via,
Em que Europa[21] foi cargo prazenteiro.
29 Naquela área ainda mais divisaria;
Porém sob os meus pés o Sol andava
Distância, que a de um signo precedia.[22]
30 A namorada mente, em que reinava
Sempre a Senhora minha, no incentivo,
Mais que nunca, de olhá-la se inflamava.
31 Se de arte ou natureza almo atrativo
Pelos olhos prender nos pode a mente,
Seja em pintura, seja em corpo vivo,
32 Nada foram, conjuntas, certamente,
Ante o enlevo que o peito me ilumina,
Quando me volto ao gesto seu ridente.
33 Virtude, olhando-a, em mim tanto se afina
Que do ninho de Leda me destrava

E por céu velocíssimo me empina.[23]
34 Tanto na altura e brilho se mostrava
Uniforme este céu, que eu não sabia
Qual pouso Beatriz me destinava.[24]
35 Ela, porém, que o meu desejo via,
No sorriso tão leda assim começa,
Que em seu rosto exultar Deus parecia:
36 — "O movimento, que no centro cessa,
Em torno ao qual, porém, tudo o mais gira,
Daqui partindo à roda se endereça.[25]
37 "Somente a sua ação este céu tira
Da soberana Mente, em que se acende
O amor, que o move e o influxo que respira.[26]
38 "De luz e amor um círculo o compreende,
Assim como ele aos mais; deste precinto
Unicamente quem lho cinge entende.[27]
39 "Seu movimento é por si só distinto,
Por ele os outros céus medidos sendo,
Como dez por metade e por seu quinto.[28]
40 "Ficas, portanto, ao claro conhecendo
Como o tempo a raiz neste céu tenha,
As ramas pelos outros estendendo.[29]
41 "Fatal cobiça, que os mortais despenha
Em tão profundo pélago, que alçar-se
Do abismo fora a vista em vão se empenha![30]
42 "Nos homens o querer pode enflorar-se,
Mas de chuvas contínuas açoitado
Bom fruto são não há de conservar-se.[31]
43 "Fé, inocência, abrigo têm buscado
Nas crianças; mas cada qual se esquiva
Antes que à face o buço haja apontado.
44 "Quem balbucia de comer se priva;
Em tendo solta a língua, a qualquer hora

Mostra em toda iguaria fome ativa.[32]

45 “Quem balbucia a mãe respeita e adora;
Mas, quando a voz já sente desprendida,
Vê-la em mortalha o seu desejo exora.

46 “Assim de alva se torna enegrecida
A cútis da gentil filha daquele
Que traz manhã, da noite em despedida.[33]

47 “Estranheza, porém, de ti repele,
Vendo o gênero humano transviado:
Quem há que em bem regê-lo se desvele?[34]

48 “Por força do centésimo olvidado
Ainda antes de deixar janeiro o inverno,
Hão de as esferas dar tão forte brado,[35]

49 “Que a fortuna, de esp’rança alvo hodierno
Fará que as popas deem lugar às proas,
A armada correrá com bom governo
E após as flores virão frutas boas.”[36]

---

[1] “Glória ao Pai! Glória ao Filho! Ao ’Sp’rito Santo!”: a oração continua “como era no princípio, agora e sempre por todos os séculos dos séculos”. Importante doxologia católica.

“O Paraíso”: os beatos que se encontravam no oitavo céu, diante do poeta.

[2] “Inteira”: perfeita, plena.

“Riqueza certa, isenta de ansiedade”: os beatos possuem uma riqueza que, ao contrário da terrena, não pode ser perdida e não suscita novos desejos.

[3] “Dos esplendores quatro”: os três apóstolos e Adão.

“O que veio primeiro”: São Pedro.

[4] “Qual fora Jove […] rutilante”: a luz de São Pedro tomou o aspecto que teria Júpiter (Jove), se Júpiter e Marte fossem pássaros que trocassem entre si a plumagem. Isto é, se luz se tornou vermelha. Recorde-se que Júpiter é branco

(“Paraíso”, XVIII, 68 e 96) e Marte é vermelho (“Paraíso”, XIV, 85-87).

[5] “Quem, meu lugar na terra ora usurpando”: Bonifácio VIII (que era papa em 1300).

“Meu lugar vago em presença de Cristo”: Cristo não reconhece Bonifácio VIII como seu vigário. Isto é, o posto de papa não é formalmente vacante: não é vacante para os homens, mas sim para Jesus. Isso explica o sentido de “usurpando”: o termo não se refere à eleição de Bonifácio VIII, considerada por muitos ilegítima (“Inferno”, XIX, 55-57); o termo se refere à indignidade daquele que se mantém no cargo. Os versos distinguem, portanto, o cargo da pessoa: o cargo em si não era vacante, mas a pessoa era indigna diante de Cristo. A repetição de “meu lugar” está presente também no original e parece ter derivação bíblica (Jeremias, 7, 4).

“Meu cemitério”: a sede papal, estabelecida onde morreu São Pedro.

“Sangue e podridão”: “sangue” se refere às inúmeras discórdias suscitadas pela ambição da Cúria; a “podridão” se refere aos vícios da Cúria.

“O perverso”: Lúcifer, que se compraz com a corrupção que acontece na Igreja e que causa danos à cristandade.

[6] “Cor”: vermelho. É a cor que as nuvens tomam quando o Sol, baixo no horizonte, investe-as do lado oposto do céu (“lado adverso”), no entardecer ou de manhã.

[7] Na comparação com a “dama, que à virtude cultos rende”, Dante não especifica a cor à qual se refere, de tal modo que segundo alguns a dama “enrubesce” e segundo outros a dama “empalidece”.

“Igual eclipse […] envolvesse”: narra o Evangelho (Mateus, 27, 45; Marcos, 15, 33; Lucas, 23, 44-45) que o céu se obscureceu quando Jesus estava morrendo. Os comentadores debatem se essa comparação se refere somente a Beatriz ou a todo o céu, que mudou de cor (28-30).

“Igual eclipse creio que envolvesse”: conjectura para o texto “Igual eclipse em seio que envolvesse”, que, embora presente em outras edições, não parece criar sentido convincente. Além disso, o próprio texto original diz “creio”, o que leva a crer que essa conjectura esteja mais próxima do texto de Xavier Pinheiro.

[8] Lino e Cleto (Anacleto): os primeiros sucessores de Pedro. O primeiro foi martirizado durante a perseguição de Vespasiano; o segundo foi martirizado

durante a perseguição de Domiciano.

[9] Calixto: Calisto I, papa de 217 a 222, martirizado sob Alexandre Severo.

Pio: Pio I, papa no século II.

Urbano: Urbano I, papa de 222 a 230, sucessor de Calisto.

Sixto: Sisto I, papa no século II.

Nem todos hoje são reconhecidos como mártires, mas tais eram considerados na época de Dante.

[10] São Pedro e seus primeiros sucessores não quiseram a divisão do povo cristão, operada pelos papas no tempo de Dante, que se colocavam ao lado de um partido político em detrimento de outro.

"À destra, à esquerda": alusão ao juízo universal, quando Cristo colocará à sua direita os eleitos e à sua esquerda os réprobos (Mateus, 25, 31-33). Forte ironia: os papas se antecipam, segundo a política, ao julgamento que Cristo fará segundo a caridade. Mais precisamente, os versos se referem aos guelfos e gibelinos.

[11] E não foi da vontade dos primeiros papas que aquelas chaves confiadas a Pedro (para abrir o reino dos céus aos fiéis) viessem a se tornar insígnia contra os próprios cristãos. As chaves, símbolo da autoridade pontifícia, passaram a ser meios para guerrear contra os próprios cristãos.

[12] A imagem de São Pedro está no selo papal, impresso em todos os documentos da cúria romana. Os versos aludem aos privilégios concedidos, de modo fraudulento ("traficância"), não por justos motivos, mas por lucros, os quais também eram selados com a imagem de São Pedro.

[13] "Com vestes de pastor lobo rapace": resultado dos privilégios vendidos: corrupção da Igreja, cujos pastores são, na verdade, lobos ávidos (de riquezas e poderes). A imagem provém do Evangelho (Mateus, 7, 15), no qual ela se refere aos falsos profetas. "Pascigo" são as regiões onde vivem os cristãos.

"Por que não surgiu Deus": a expressão corresponde a um motivo bíblico (Salmo, 44 [43], 24) frequente no poema ("Purgatório", VI, 118-120; XX, 94-96; "Paraíso", XXI, 135).

[14] Gasconha: alusão a Clemente V (papa de 1305 a 1314). Cahors: alusão a João XXII (papa de 1316 a 1334). Além disso, os habitantes da Gasconha eram

conhecidos pela sua avidez e os de Cahors eram correntemente chamados usurários.

“Belo começo”: o santo início da Igreja.

15 Os Cipiões: o texto original fala apenas de um Cipião, referindo-se a Cipião Africano, que venceu Aníbal.

A Providência havia enviado Cipião para defender Roma, possibilitando-lhe a glória de governar o mundo. Essa mesma Providência socorrerá logo a sua Igreja. A alusão a Cipião e à glória de Roma permite relacionar esta a outras profecias do poema, que falam da vinda de um restaurador da ordem (provavelmente um imperador, que tomará das mãos da Igreja o poder temporal): “Inferno”, I, 100-102; “Purgatório”, XXXIII, 43-45.

16 “E tu, que o peso da matéria agrava, / Voltando”: Dante, estando com o seu corpo (“peso da matéria”), voltará para a terra.

Mais uma vez Dante recebe a missão de revelar toda a sua viagem aos homens.

17 “Em flocos”: de neve.

“Quando o Sol tocado / Pelas pontas está da Cabra bela”: quando o Sol está em capricórnio, no inverno do hemisfério norte.

18 As almas dos beatos, que haviam permanecido com Dante no oitavo céu, agora se elevam em direção ao Empíreo, criando um efeito semelhante à neve que desce sobre a terra, mas ao contrário.

19 Beatriz convida Dante a observar a distância que ele percorreu, girando com o céu das Estrelas Fixas ao redor da terra.

20 “A hora, em que a terra eu contemplara”: Dante contemplou a terra pela primeira vez em “Paraíso”, XXII, 133-153.

Os geógrafos dividiam o hemisfério da terra habitada em sete “climas” (zonas paralelas), do Equador ao norte. Essas zonas tinham a longitude de 180 graus. Se Dante diz ter percorrido, com Gêmeos, o espaço que na terra corresponde ao espaço compreendido entre o meio e o fim do clima, isso significa que ele percorreu metade do clima: 90 graus. O primeiro clima passava, segundo Alfragano, pela Etiópia; o terceiro passava por Jerusalém.

Embora Dante diga aqui “primeiro clima”, as outras indicações que ele faz dizem respeito à zona de Jerusalém, à qual ele tantas vezes se refere no poema.

Pode ser que tenha seguido uma divisão diferente da de Alfragano ou que tenha falado do “primeiro clima” simplesmente para indicar o espaço que ele percorreu no céu, correspondente à metade de um clima na terra. Mesmo que se encontre em correspondência com o primeiro clima, ele olha para a zona de Jerusalém, que é a mais importante.

O céu estrelado gira do Oriente para o Ocidente. Isso significa que Dante, na primeira vez em que contemplou a terra, estaria sobre o meridiano de Jerusalém, equidistante do meridiano de Ganges (Oriente) e do meridiano de Cádis (Ocidente).

21 “A passagem que Ulisse aventureiro / Além Gades tentou”: Dante, estando sobre o limite ocidental da terra habitada, consegue ver o que está a ocidente dela, isto é, o oceano no qual se aventurou Ulisses, após ultrapassar Cádis.

“A plaga via, em que Europa foi cargo prazenteiro”: narra Ovídio (*Metamorfoses*, II, 833-875) que Júpiter havia se apaixonado pela ninfa Europa, filha de Agenor, rei da Fenícia. O deus se transformou em touro e raptou a ninfa, levando-a, sobre o dorso (por isso ela “foi cargo prazenteiro”), da Fenícia para Creta. Agora, o olhar de Dante consegue se estender, a Oriente, quase até a plaga da Fenícia.

22 “Naquela área ainda mais divisaria”: a Oriente.

Recorde-se que o Sol se encontra em Áries; entre Áries e Gêmeos está a constelação de Touro: logo, o Sol procede a Ocidente com uma distância de mais de uma constelação em relação a Dante. Uma constelação se estende por 30 graus (que correspondem a 2 horas): a distância entre Dante e o Sol está entre 30 e 60 graus, portanto. Isso suscitou muitos debates entre os comentadores. A costa fenícia está próxima de Jerusalém, distando mais ou menos 90 graus de Cádis. Quando o Sol está no meridiano de Cádis, ele se põe em Jerusalém: se ele está a mais de 30 graus a oeste de Cádis, isso significa que, em Jerusalém (e na Fenícia), ele se pôs há mais de duas horas. Sendo assim, a Fenícia estaria na sombra e, teoricamente, Dante não conseguiria vê-la. Com isso, os comentadores propuseram algumas soluções. No original, Dante diz que consegue ver “perto” da costa fenícia; isso pode ser entendido como uma indicação aproximativa (ainda mais considerando que ainda há um pouco de luz depois do pôr do Sol). Pode-se pensar que Dante não conhece com exatidão a distância entre a Fenícia e Jerusalém. Pode-se pensar também que Dante se refira não à Fenícia, mas a Creta (confundindo o ponto de partida e o ponto de chegada no mito).

[23] “Ninho de Leda”: os gêmeos Cástor e Pólux, transformados na constelação de Gêmeos, nasceram do ovo de Leda fecundado por Júpiter, que havia se transformado em cisne (Ovídio, *Heroides*, XVII, 55). Por isso, o poeta emprega a imagem do “ninho”.

“Céu velocíssimo”: o nono céu, Primeiro Móbile, o céu mais rápido de todos.

[24] Nos outros céus, Dante e Beatriz sempre ficaram nos planetas e, no oitavo céu, eles ficaram na constelação de Gêmeos. No Primeiro Móbile, não há planetas ou constelações; o céu é de tal modo uniforme que Dante não sabe dizer em que ponto ele e Beatriz ficaram.

[25] No nono céu tem início o movimento natural do universo, pelo qual tudo gira em torno do centro, que permanece imóvel.

[26] O Primeiro Móbile se encontra na mente divina, da qual provêm o amor que cria o seu movimento e o influxo que, dele, passa para os outros céus. Com isso, o texto dá a explicação metafísica do movimento do Primeiro Móbile, que é o mais veloz de todos. A explicação física é o fato de ele se encontrar mais longe da terra, descrevendo uma circunferência maior; a explicação metafísica é o fato de ele estar mais próximo de Deus. O seu ardente amor por Deus cria o seu rápido movimento e é da mente divina que ele recebe aquele influxo que, através dos outros céus, exercerá a sua influência sobre a terra.

[27] O Primeiro Móbile é circundado por uma realidade de luz e amor, do mesmo modo como ele contém em si os demais céus; e essa “cintura” (“precinto”) é entendida somente por aquele que o cinge, Deus.

Essa realidade de luz e amor é o Empíreo, que, como se entenderá nos próximos cantos, é incorpóreo. Desse modo, todos os termos aqui empregados por Dante (com exceção de “amor”) devem ser entendidos como metáforas que tornam mais compreensível a realidade que se quer descrever.

[28] O movimento do Primeiro Móbile não é regulado (“distinto”) pelo movimento de outro céu. Mas o movimento dos outros céus é medido pelo seu movimento, como o dez é medido pelo cinco (“metade”) e pelo dois (“seu quinto”).

[29] E se o movimento tem início nesse céu, é também nele que tem origem (“raiz”) o tempo, o qual se manifesta visivelmente (“ramas”) no movimento dos outros céus. É, de fato, pelo movimento dos outros céus que se calcula o tempo.

[30] Tem início aqui a apóstrofe de Beatriz contra a cobiça pelos bens terrenos, a

qual afunda os homens de tal modo que eles não conseguem alçar os olhos (para ver a sublime ordem que se manifesta nos céus). Ideia semelhante a essa já estava presente no discurso de Virgílio em “Purgatório”, XIV, 148-150.

31 É inata nos homens a vontade voltada ao bem, como em uma árvore o florescimento promete bons frutos. Entretanto, a boa vontade pode se corromper logo, como as chuvas contínuas estragam o fruto que inicialmente era bom.

32 Alguns, quando crianças (“balbucia”), respeitam o jejum; mas, quando se tornam adultos (“tendo solta a língua”), comem qualquer tipo de iguaria em qualquer época do ano, sem respeitar os tempos de jejum e abstinência.

33 O texto original foi interpretado de diversos modos pelos comentadores. É consenso que “aquele que traz manhã” é o Sol (interpretado em sentido próprio ou metafórico), mas é difícil dizer quem seja a “filha” (a Aurora, a Igreja, Circe, a luz etc.). O sentido geral dos versos é que o homem, inicialmente bom, logo se corrompe. Segundo alguns, a filha é a Igreja, filha de Deus, que seria o Sol. Esse sentido se liga diretamente à invectiva inicial de São Pedro contra o papado. Segundo outros, a filha seria a Igreja militante (a Igreja na terra), simbolizada pela Lua, que seria filha da Igreja triunfante (aquela do céu), simbolizada pelo Sol. Também essa leitura se liga diretamente à invectiva de São Pedro. Ambas as leituras são possibilitadas pela tradução, a qual, contudo, não está de acordo com outras possibilidades de leitura.

O texto original permite também entender que a natureza humana, inicialmente boa, logo se corrompe à primeira aparição de Circe, chamada por alguns autores filha do Sol, a qual simboliza a sedução dos bens terrenos. Há também quem diga que a “filha do Sol” é a luz: a natureza do homem logo se corrompe, do mesmo modo como a pele clara se torna mais escura, quando exposta à luz direta do Sol.

34 Pois, embora houvesse alguém formalmente à frente da Igreja, ela estava vacante aos olhos de Cristo, assim como vacante estava o Império.

35 “Centésimo”: no calendário juliano, o ano tinha 365 dias e 6 horas, com um excesso de aproximadamente 12 minutos (o que depois foi corrigido no calendário gregoriano), chamados aqui a “centésima parte do dia”. Por causa desse excesso de 12 minutos, com o passar dos séculos o equinócio de primavera passaria do dia 21 de março para dezembro, de modo que em janeiro seria primavera. Segundo os cálculos dos astrônomos da época, isso aconteceria

depois de muitos séculos. Com isso, os comentadores se perguntam se Dante se refere aqui a um período realmente tão longo, ou se na verdade se refere a um período breve, querendo dizer, por figura de linguagem, o contrário daquilo que efetivamente diz a expressão empregada.

“Hão de as esferas dar tão forte brado”: em edições mais recentes do texto original, diz-se que as esferas irradiarão (com referência às suas influências).

[36] O texto original também diz “fortuna”, que pode significar tempestade (na qual a nave do caminho humano mudará a sua direção) ou tempo feliz.

CANTO XXVIII

Divisa o Poeta a essência divina, rodeada dos coros de anjos. Dúvidas, que Beatriz resolve.

Nono céu: Primeiro Móbile. Dante vê os nove coros angélicos, que giram em torno de Deus. Em sua mente surge uma dúvida, esclarecida por Beatriz. Em seguida, Beatriz revela a ordem dos coros angélicos.

1 Depois que acerca do existir presente
Dos míseros mortais mostrou verdade
Aquela que me emparaísa a mente,[1]
2 Como quem vê no espelho a claridade
De tocha, que de trás esteja acesa,
Suspeita ainda não tendo da verdade;[2]
3 E, para olhar voltado, tem certeza
De que o vidro é fiel ao que apresenta,
Como o canto é do metro à natureza:[3]
4 Assim minha memória representa
Que eu fiz, nos belos olhos me enlevando,
Com que Amor cativou minha alma isenta.
5 De os contemplar, porém, os meus deixando,
E no que esse orbe faz onipotente,
Quando em seu giro atenta-se os fitando,
6 Um ponto vi, que lume tão fulgente
Dardejava, que a vista deslumbrada
Se fechava ante o lume translucente;[4]
7 Estrela, ao parecer, mais apoucada,
Junto dele, de lua figurara,
Como estrela ao pé de outra colocada.[5]
8 Como a c'roa talvez, que se depara
Cingindo astro, que a torna luminosa,
Quando o vapor que a tem mais condensara,
9 Ígneo círc'lo, em carreira impetuosa,
Distante, ao ponto mais veloz cercava
Do que a esfera que vai mais pressurosa.[6]
10 Este círc'lo primeiro outro abraçava;
Ao terceiro ao segundo, outro ao terceiro,
Ao quarto o quinto, e o sexto o circundava.[7]
11 Tão largo o sétimo era, que, ainda inteiro,
Abrangido, por certo, o não teria
Aquele, que de Juno é mensageiro.[8]

12 Oitavo e nono assim, mas se movia
Mais lento cada qual, segundo ele era
Mais longe do primeiro, que corria.[9]
13 E a flama rutilava mais sincera
No que da excelsa luz mais perto ’stava;
Creio que em fluxo seu mais recebera.
14 Mas Beatriz, que o enleio meu notava
— “Daquele ponto o céu e a natureza
Estão na dependência” — me falava.[10]
15 “Olha o círc’lo mais próximo e a presteza
Que tanto lhe acelera o movimento:
De ardentíssimo amor punge-o a viveza.”[11]
16 — “Se do mundo” — eu lhe disse — “o regimento
Fosse qual nestes orbes aparece,
Do que ouço eu conseguira já contento;
17 “Mas no mundo sensível me parece
Ser cada esfera tanto mais divina,
Quanto mais longe do seu centro cresce.[12]
18 “Se instruir-me o querer teu determina
Neste seráfico, estupendo templo,
Que só com luz e com amor confina,[13]
19 “Explicar-me te digna, por que o exemplo
Não se conforma em tudo ao seu modelo:
Por saber a razão em vão contemplo.”[14]
20 — “De desatar o nó se ardente anelo
Teus dedos não contentam, não te espante:
Tal é, porque ninguém tentou solvê-lo.”[15]
21 Tornou-me ela e seguiu: — ”Terás bastante
No que direi de luz ao entendimento:
Aguça o engenho e escuta vigilante.
22 “Nos círc’los corporais o crescimento
Regula pelo influxo que é espargido
Nas partes que lhes formam complemento.[16]

23 “Mor bondade, mor bem tem produzido;
De mor bem foi mor corpo aquinhoado,
Se igual primor nas partes é contido.
24 “O círc’lo, pois, do qual arrebatado
Gira o alto universo, é referente
Ao de amor e ciência mais dotado.[17]
25 “Se à virtude a medida propriamente
Adaptas, não regendo-te a aparência
Das substâncias, que em círc’los tens em frente,
26 “Mirifica hás de ver correspondência
Entre maior e mais, menor e menos
Em cada céu e a sua inteligência.”[18]
27 Como os ares são fúlgidos, serenos,
Se Bóreas sopra aquela face inchando,
Que os hálitos difunde mais amenos,
28 Resolvendo-se a névoa e se apagando
A sombra que o hemisfério enegrecia,
E o céu, a rir-se, as pompas ostentando:[19]
29 Assim eu, quando aquela que me guia
Com sua explicação minha alma aclara,
E a verdade, qual astro, me alumia.
30 Depois que as vozes suas rematara,
Bem como ferro a faiscar fervente,
Dos círc’los cad’ um flamas dispara.
31 Cada centelha incêndio faz ingente,
Em soma tal, que a do xadrez passava,
Dobrando-se o algarismo infindamente.[20]
32 De coro em coro *Hosana* ressoava
Ao ponto, que ao seu *ubi*, onde têm ’stado
E onde sempre estarão, pra sempre os trava.[21]
33 Ela, o espírito meu vendo atalhado,
Disse-me: — “Aqueles círculos primeiros
Te hão Serafins e Querubins mostrado.[22]

34 Assim nos orbes seus volvem ligeiros,
Por semelhar-se ao ponto e o conseguindo,
Segundo a vê-lo estão mais altaneiros.[23]
35 “Os amores, que em torno estão seguindo,
Tronos se chamam do divino aspecto,
O primeiro ternário concluindo.[24]
36 “Prazer, bem sabes, todos têm seleto,
Quanto mais sua vista se aprofunda
Na verdade, alto fito do intelecto.[25]
37 “Destarte se conhece que se funda
Mais na visão celestial ventura
Do que no amor, ação que vem segunda.[26]
38 “Da visão é a medida a mercê pura,
Por vontade e por Graça produzida:
De grau em grau se enalça a criatura.[27]
39 “Outro ternário, que, do céu movida,
Germina em primavera sempiterna,
Pelo Áries[28] noturno não despida,
40 “*Hosana* entoa na harmonia eterna
Com três coros; que soam de alegria
Em ordens três, em cujo seio interna.[29]
41 “Ordens três compreende a jerarquia,
Dominações, Virtudes, ocupando
Potestades final categoria.
42 “Nos penúltimos círculos girando,
Principados e Arcanjos resplandecem;
E dos Anjos, após, festivo bando.
43 “No ponto as Ordens todas se embevecem,
De baixo a Deus são todas atraídas,
E umas das outras a atração padecem.[30]
44 “Contemplando-as, ideias tão subidas
Dionísio formou com tanto zelo,
Que as fez, como eu, por nomes conhecidas.[31]

45 “Não quis Gregório como norma tê-lo;
Neste céu quando entrou, porém se ria
Do erro, em que estivera, ao percebê-lo.[32]
46 “Mortal, que o grã mistério compreendia
E o disse à terra, não te mova espanto:
Quem visto o tinha aqui lho descobria
E mais verdades deste império santo.”[33]

---

[1] “Aquela que me emparaísa a mente”: Beatriz. “Emparaísa”: neologismo que traduz o termo *imparadisa*, provavelmente criado por Dante.

[2] “Suspeita ainda não tendo da verdade”: a pessoa nem imagina ter atrás de si uma tocha.

[3] O espelho é fiel à verdade como o canto é fiel à melodia (“metro”) que o acompanha. É assim que interpreta grande parte dos comentadores o termo “metro”, também empregado no original.

[4] Dante vê nos olhos de Beatriz uma viva luz e, como o homem da comparação, volta-se, para se certificar daquilo que viu refletido. Voltando-se para trás, ele vê um ponto luminosíssimo.

“Esse orbe”: o céu onde o poeta se encontra.

A situação aqui descrita (e sobretudo o verso “Quando em seu giro atenta-se os fitando”) despertou dúvidas entre os comentadores. Como ficará claro nos versos seguintes, Dante terá uma visão de Deus circundado pelas hierarquias angélicas. Aqui ele está dizendo que tal visão sempre aparece quando alguém fita os olhos atentamente no espaço circular (“giro”) desse céu. Entretanto, essa visão ocorre no Primeiro Móbile, ao passo que Deus está no Empíreo e, ao que tudo indica, essa visão é extraordinária, sendo concedida só a Dante. Além disso, parece inconcebível para muitos que Deus realmente se manifeste no Primeiro Móbile, que é um céu finito. Por isso, os comentadores debatem se essa visão é real, se é fruto da fantasia de Dante ou se é simplesmente simbólica. Das tentativas de explicação, nenhuma satisfaz inteiramente e muitos comentadores recentes admitem não conseguir dirimir a questão.

Ponto: Deus é representado pelo ponto, figura indivisível, sem extensão sensível, imensurável e absolutamente simples.

[5] Aquela estrela que parece a menor, quando vista da terra, pareceria uma lua ao lado daquele ponto (colocada ao lado do ponto "como estrela ao pé de outra colocada").

[6] Em volta do ponto gira um círculo de fogo, que dista tanto do ponto quanto de um astro dista o seu halo (iluminado pela luz do astro), quando o vapor do ar é mais denso. Quanto mais denso é o vapor, mais próximo o halo fica do astro. Logo, aqui é indicada a mínima distância entre ambos.

"A esfera que vai mais pressurosa": o Primeiro Móbile.

[7] "Este círculo primeiro outro abraçava": o primeiro círculo era abraçado por outro.

[8] O sétimo círculo era tão amplo que não poderia ser abrangido pelo próprio arco-íris, se este formasse um círculo inteiro, e não apenas um semicírculo. O arco-íris, na mitologia era identificado com Íris, mensageira de Juno: "Purgatório", XXI, 50-51; "Paraíso", XII, 12.

[9] Quanto mais longe um círculo se encontrava em relação ao primeiro (que era o mais veloz), mais lento era o seu movimento.

[10] Desse modo, Beatriz revela que aquele ponto é a própria essência divina.

Os versos traduzem uma frase da *Metafísica* de Aristóteles (XII, 7), em sua tradução latina (que era o texto conhecido por Dante): "de tal princípio, portanto, depende o céu e a natureza".

[11] A grande velocidade do primeiro círculo se deve ao seu ardente amor. Com isso, Beatriz dá a entender que a velocidade de todos os círculos é proporcional ao seu amor, que diminui quanto mais longe um círculo se encontra em relação ao ponto.

[12] A resposta de Beatriz suscita uma dúvida em Dante. Pela explicação de Beatriz, Dante compreendeu que o ponto é Deus e que os círculos são as inteligências angélicas, que se movem por amor. Ele supõe que essa visão seja, portanto, um arquétipo da ordem do universo; entretanto, o problema é que esse arquétipo não parece corresponder à realidade física. No "arquétipo", o círculo é "mais divino" quanto mais ele se encontra perto do centro e quanto menor, portanto, é o seu diâmetro. O que acontece na realidade física é justamente o

contrário: um círculo é “mais divino” quanto mais distante ele está do centro (que é a terra) e quanto maior é o seu diâmetro.

Por isso, Dante diz: se a ordem do universo fosse igual a essa visão, ele já estaria contente com a resposta de Beatriz.

13 “Neste seráfico […] confina”: indica o Primeiro Móbile, templo das inteligências angélicas (“seráfico”), que confina com o Empíreo (céu espiritual de luz e amor: “Paraíso”, XXVII, 109-112). O céu com templo é imagem bíblica: 2 Samuel 22, 7; Apocalipse 7, 15.

14 Dante quer saber por que o mundo sensível (“exemplo”) não corresponde ao modelo ideal.

O texto original diz “exemplo” e “exemplar”. Xavier Pinheiro interpreta o primeiro como “cópia” (referindo-o ao mundo sensível) e o segundo como “modelo” (referindo-o à visão, que é o arquétipo). Essa é a interpretação seguida por grande parte dos antigos comentadores da *Divina Comédia*; entre os comentadores modernos, muitos invertem os termos. O sentido geral dos versos não muda.

15 Dante não deve se maravilhar se as suas capacidades intelectuais não conseguem resolver esse problema, pois ele nunca havia sido afrontado anteriormente. É mais difícil compreender um problema que ninguém tenha tentado explicar, assim como é mais duro um nó que ninguém tenha tentado desatar. A metáfora torna bastante evidente, como outras vezes, a situação de Dante.

16 O sentido da tradução parece obscuro. Mas, pelo texto original, ela pode ser assim entendida: o tamanho das esferas do mundo sensível (“círculos corporais”) varia segundo a virtude (“influxo”) que se difunde por todas as suas partes.

17 Uma virtude (“bondade”) maior produz mais influxos benéficos; um corpo maior, se perfeito em todas as suas partes, pode conter maior quantidade de influxos benéficos. Logo, o Primeiro Móbile (que é a maior das esferas celestes e imprime o movimento a todas as outras) corresponde ao círculo angélico que está mais próximo de Deus, contendo mais amor e mais sabedoria. A potência do céu físico é diretamente proporcional à sua extensão.

18 Se Dante considerar apenas a virtude e não a aparente grandeza das inteligências angélicas (que se lhe apresentam como círculos), ele perceberá uma admirável correspondência (de maior extensão e maior velocidade a maior

virtude; de menor a menos) entre cada céu e a sua hierarquia angélica. O céu mais extenso e mais veloz corresponde à hierarquia angélica que tem mais virtude (que é aquela que, na visão de Dante, aparenta ser a menor); e assim por diante. A correspondência entre as esferas celestes e as inteligências angélicas é inversa só em aparência: na realidade, considerando-se a virtude (e não a aparente grandeza), a correspondência é perfeita.

19 Nos antigos mapas, os quatro ventos principais eram representados, nos quatro pontos cardeais, por rostos humanos que, com as bochechas infladas, sopravam em três direções. Assim são representados os ventos na *Primavera* e no *Nascimento de Vênus*, de Botticelli. Bóreas personifica os ventos do norte, e o seu vento mais ameno (pelo menos na região onde se encontrava Dante) é aquele de noroeste, que provém da sua face direita.

“Hemisfério”: o céu visível (a meia esfera de ar, limitada pelo horizonte).

Esse é o efeito que a resposta de Beatriz tem sobre a mente de Dante.

20 “Cada centelha incêndio faz ingente”: o verso original é pouco claro. Normalmente, os comentadores assim o entendem: cada centelha seguia, no seu movimento, o movimento da chama circular (“incêndio ingente”) da qual fazia parte. Isso, contudo, dá lugar a duas interpretações: os anjos (centelhas) diferenciam-se do círculo do qual fazem parte, sem que o círculo perca a sua figura e deixe de girar; as centelhas correspondem a anjos diferentes daqueles que permanecem no círculo.

“Em soma tal, que a do xadrez passava, / Dobrando-se o algarismo infindamente”: alusão a uma lenda a respeito do xadrez. O inventor do jogo pediu ao rei da Pérsia, como recompensa pela invenção, a quantidade de grãos de trigo que resultaria da sua duplicação, partindo do número um, em cada casa do tabuleiro de xadrez. O rei, imprudentemente, aceitou. As casas do tabuleiro de xadrez são 64 e a progressão resulta em um imenso número, formado por 20 algarismos. O rei foi obrigado a reconhecer que não existia trigo suficiente para pagar o inventor do jogo.

Dante diz, portanto, que o número das centelhas ultrapassava aquele imenso número que resulta da duplicação da cifra, começando do um, em cada casa do tabuleiro de xadrez.

21 Os nove coros (os círculos angélicos) louvavam a Deus (o ponto) com cantos de “Hosana”, que se respondiam mutuamente.

“Ponto, que […] os trava”: Deus é aquele ponto luminosíssimo e imóvel no centro, que os mantém em seus lugares, onde eles sempre permaneceram e onde sempre permanecerão, pelo seu imutável amor por Deus e seus desígnios.

“ *Ubi*”: termo latino que significa “onde”; aqui está para “lugar”.

22 Beatriz começa a enumerar, em ordem decrescente, as hierarquias angélicas. Com isso, supõe-se que a dúvida de Dante seja a respeito da ordem das hierarquias celestes, argumento sobre o qual as opiniões dos teólogos diferiam.

23 Os Serafins e os Querubins giram com tanta velocidade, para mais se assemelharem a Deus, e podem se assemelhar mais a Deus na proporção em que estão mais próximos dele, tendo uma maior capacidade visiva. Como os Serafins e os Querubins são aqueles que estão mais próximos de Deus, são eles que mais podem se assemelhar a ele: o seu veloz movimento exprime, portanto, o seu desejo de se assemelhar a Deus, que é mais forte neles do que nas outras inteligências angélicas. Parece que é essa a interpretação seguida na tradução de Xavier Pinheiro, que, embora seja muito fiel ao texto original, permite entrever uma preferência interpretativa.

Outros entendem a expressão “por semelhar-se” não como final, mas como causal: os Serafins e os Querubins se movem com tanta velocidade porque são mais semelhantes a Deus, segundo a sua visão de Deus, que é a mais elevada. Desse modo, eles se movem com maior velocidade porque o seu amor e a sua alegria (determinados pela visão de Deus) são os maiores.

24 Os Tronos, terceira ordem (que conclui o primeiro terno de ordens angélicas), são como os sólios onde Deus (“o divino aspecto”) se senta para exercer a sua justiça (como dito em “Paraíso”, IX, 61-63).

25 “Verdade”: Deus, no qual encontra contentamento todo intelecto criado.

26 Entende-se que a beatitude (“celestial ventura”) tem fundamento na visão (ato intelectual), à qual se segue o amor (que é determinado pela visão). Esses versos são muito importantes e mostram que Dante segue São Tomás de Aquino (*Suma Teológica*, I, II, q. 3 a. 1-8), colocando o fundamento da beatitude em um ato intelectual (e não no amor, que é uma consequência do ato intelectual). Desse modo, Dante toma posição entre duas correntes de pensamento seguidas em seu tempo.

27 Já a visão beatífica é medida pelo mérito (“mercê”), o qual é produzido pela graça (que inspira bons sentimentos) e pela boa vontade (que, agindo livremente,

acolhe a inspiração da graça).

“De grau em grau”: da graça à boa vontade, desta ao mérito, deste à visão (fundamento da beatitude), desta ao amor. Trata-se de doutrina muito importante, presente em outros momentos do poema: “Paraíso”, XIV, 40-42; XXV, 67-69.

28 “Áries noturno”: no hemisfério norte, o Sol se encontra em Áries na primavera; na estação oposta, outono, quando o Sol se encontra em Libra, Áries passa a surgir junto com a noite (sendo constelação noturna). Desse modo, a eterna primavera do Paraíso não é despida pelo outono, diferentemente daquela terrena.

29 Os seus versos (“outro ternário […] se interna”) insistem sobre a ideia da tripartição. “Interna” significa “compõe-se em três”, como o termo *s’interna* empregado no original, o qual foi provavelmente criado por Dante.

30 Cada ordem é atraída para o alto, e, ao mesmo tempo, cada uma exerce influência sobre as ordens inferiores: desse modo, todas criam atrações em direção a Deus, sendo, ao mesmo tempo, atraídas em direção a ele.

“No ponto se embevecem”: o texto original não diz “no ponto”, mas “no alto”, de modo que é possível entender a expressão como referente a Deus (como entende Xavier Pinheiro) ou como referente à ordem superior.

31 Dionísio: Dionísio Areopagita, citado em “Paraíso”, X, como aquele que melhor compreendeu os anjos (115-117). Em *De coelesti Hierarchia*, ele apresenta os coros angélicos segundo a ordem aqui seguida, a qual era acolhida pela maioria dos teólogos escolásticos: Serafins, Querubins, Tronos; Dominações, Virtudes, Potestades; Principados, Arcanjos e Anjos.

32 Gregório: Gregório Magno, que não descreveu as hierarquias angélicas como Dionísio, apresentando outra ordem para elas (*Moralia*, XXXII; XXIII, 41-43): Serafins, Querubins, Potestades; Principados, Virtudes, Dominações; Tronos, Arcanjos, Anjos. Essa foi a ordem seguida por Dante no *Convívio* (II; V, 6), que agora corrige aquilo que havia escrito no tratado. Em outra obra sua (*Homiliae in Evangelia*, II, 34, 7), Gregório apresenta outra ordem, mais próxima daquela de Dionísio. Mas é provável que Dante não conhecesse esse texto.

33 Dante não deve estranhar que um homem tenha sido capaz de revelar esses mistérios, pois ele fala segundo aquilo que lhe revelou outro homem que havia visto, com seus próprios olhos, essas verdades no Paraíso. Esse homem é Paulo, que, tendo subido ao Paraíso, via aquelas ordens angélicas, revelando-as a seu

discípulo Dionísio. Como já se comentou no canto X do “Paraíso”, acreditava-se que o autor do *De coelesti Hierarchia* e de outras obras fosse o Dionísio Areopagita convertido por São Paulo (Atos dos Apóstolos, 17, 34). E o próprio autor do tratado diz ter tido conhecimento das hierarquias celestes por intermédio de São Paulo (*De coel. Hier.*, VI). Hoje se sabe que não se trata da mesma pessoa, pelo que o autor dessas obras é muitas vezes chamado pseudo-Dionísio. De qualquer forma, aqui Dante quer apresentar uma autoridade incontestável, de modo a resolver definitivamente a tão debatida questão da ordem dos coros angélicos.

CANTO XXIX

Dúvidas de Dante resolvidas por Beatriz, que increpa a ignorância de alguns teólogos do seu tempo e o procedimento dos pregadores que desonram o púlpito.

Nono céu: Primeiro Móbile. Beatriz, para responder a novas dúvidas de Dante, inicia um novo discurso, no qual fala de diversas questões relativas às inteligências angélicas e sua criação. Nesse discurso, ela censura os mestres de filosofia que criam falsas doutrinas religiosas e os falsos pregadores. Em seguida, Beatriz volta a falar de questões relacionadas às inteligências angélicas.

1 Quando aos dois gentis filhos de Latona,
Um por Áries coberto, outro por Libra,
A um tempo cinge do horizonte a zona,
2 Quanto espaço o zênite os equilibra,
Té que mude o hemisfério e, desprendido
Deste cinto, um e outro se deslibra,
3 Tanto calou-se Beatriz, luzido
De riso tendo o rosto e olhos fitando
Nesse ponto que os meus tinha vencido.[1]
4 — "Teu desejo" — falou-me — "antecipando,
Agora não te inquiro: já o hei visto
No centro de todo o *ubi* e todo o *quando*.[2]
5 "Não para ter mais perfeição, pois isto
Fora impossível, mas porque fulgindo
O seu 'splendor dizer pudesse — Existo —
6 "Na eternidade, o tempo não medindo
Nem o lugar, criar se há dignado
Amores nove o Eterno Amor se abrindo.[3]
7 "Antes não tinha na inação ficado:
Nem *antes*, nem *depois* era existente,
Quando Deus sobre as águas foi levado.[4]
8 "Matéria e forma puras, juntamente,
Quais setas de tricorde arco voando
Saíram do ato da Infalível Mente.[5]
9 "Como, em vidro, em cristal, em âmbar quando
Luz do Sol toca, é logo refletida
Do vir ao ser distância não se dando,
10 "Tal a obra triforme, concluída
De uma só vez, no ser raiou perfeita
Sem 'star parte por outra antecedida.[6]
11 "Ordem foi concriada, a que é sujeita
Cada substância; o cimo foi marcado
No mundo à que por ato puro é feita;

12 “À força pura imo lugar ’stá dado;
São no meio travados força e ato
Por nó que indissolúvel se há tornado.[7]
13 “Jerônimo escreveu que longo trato
De séc’los antes de outro mundo feito
Fora dos anjos o império nato.[8]
14 “A verdade,[9] porém, ’stá no conceito
De escritores, que inflúi o ’Spírito Santo.
Verás, pensando, da verdade o efeito.
15 “Razão em parte o vê também, porquanto
Compreender não pudera que os motores
Inertes fossem por espaço tanto.[10]
16 “Sabes, pois, onde e quando esses amores
Criados foram e de qual maneira:
Do teu desejo apago três ardores.
17 “Em menos tempo do que a soma inteira
De um a vinte se faz, dos anjos parte
Turbou vosso elemento[11] sobranceiras.
18 “Fiel a outra emprega-se dessa arte,
Que vês: assim girando jubilosa,
Deste excelso mister se não disparte.[12]
19 “O mal causou soberba criminosa
Do que hás visto no abismo do tormento,
Do mundo sob a mole ponderosa.[13]
20 “Mas estes, com modesto pensamento,
Mostraram-se à Bondade agradecidos,
Que lhes deu tão sublime entendimento.[14]
21 “Na vista se exaltando, enriquecidos
São de mérito e graça iluminante,
Por querer certo e firme dirigidos.[15]
22 “Não duvides; e sabe, de ora avante,
Que receber a graça é meritório,

Segundo o afeto mostra-se constante.[16]

23 “Já, pois, este celeste consistório
Se quanto ora te hei dito a mente alcança,
Bem podes contemplar sem adjutório.[17]

24 “Como em vossas escolas se afiança,
Na terra, que é da angélica natura
O querer, o entender, o ter lembrança,

25 “Eu devo revelar-te ainda a pura
Verdade, que entre vós se há confundido,
Sendo enleada por tão má leitura.[18]

26 “Estas substâncias, o prazer obtido
De verem Deus, jamais rosto voltaram
Dos olhos a que nada oculto há sido.

27 “Seu ver novos objetos não cortaram;
Não há razão, por que se lhes suponha
Rememorar ideias, que passaram.[19]

28 “Assim na terra sem dormir se sonha,
Crendo e não crendo proferir verdade:
Neste caso há mais culpa e mais vergonha.[20]

29 “De opiniões não tendes fixidade
Filosofando, tanto vos transporta
Da ostentação[21] o pensar e da vaidade.

30 “No céu menos do que isto se suporta —
Ser a Santa Escritura desdenhada
Ou ter inteligência errada e torta.[22]

31 “Para ser pelo mundo semeada
Quanto sangue custou pouco se atenta,
E quanto a crença humilde a Deus agrada.

32 “Qual, para alardear engenho, inventa;
Quando o Santo Evangelho está calado[23]
Tais invenções o púlpito comenta.

33 “Qual diz que a Lua, tendo atrás voltado,
No ato da Paixão de Cristo, houvera,

Interpondo-se, a luz do Sol velado.
34 “Qual afirma que o lume se escondera,
Por si mesmo; e o eclipse à Índia, à Espanha
Comum como à Judeia, se fizera.[24]
35 “Em Florença não há cópia tamanha
De Lapi e Bindi quanto só num ano
O púlpito de contos desentranha.[25]
36 “Destarte a ovelha, que não sabe o engano,[26]
Do pasto volta túmida de vento,
Desculpa não lhe dá não ver o dano.
37 “Não disse Jesus Cristo ao seu convento:
`Parti e ao mundo apregoai mentira';
Mas deu-lhes da verdade o fundamento;[27]
38 “Ela tão alto, em sua voz se ouvira,
Que lhes foi o Evangelho escudo e lança
Nos prélios, de que a Fé vitriz saíra.[28]
39 “Ora em sermões o trocadilho, a chança
Estão na voga: o riso provocando,
Incha o capuz; por nada mais se cansa.[29]
40 “Se o vulgo vira o pássaro nefando,
Que em cogula se aninha, não quisera
Indulgências, em que se anda confiando.
41 “Stultícia tal da terra se apodera,
Que, em prova e testemunho não firmado,
Qualquer a dá-las apto considera.[30]
42 “De Santo Antônio assim medra o cevado
E outros muitos, que os porcos mais ascosos,
Que pagam com dinheiro não cunhado.[31]
43 “Mas longa vai a digressão; cuidosos
Os olhos volve à verdadeira estrada;
O tempo é curto, andemos pressurosos.
44 “É tanto a grei dos anjos avultada,
Que nem por voz, nem por humana mente

Ser pode a conta sua calculada.
45 “Bem te demonstra a reflexão prudente
Que não diz, dos milhares que revela,
A soma Daniel precisamente.[32]
46 “A luz primeira, que irradia nela,
É por maneiras tantas recebida,
Quantos fulgores são, que a fazem bela.[33]
47 “E, pois, que a percepção logo é seguida
Do amor, do afeto angélico a doçura
Está em graus diversos aquecida.[34]
48 “Do Poder Eternal vê, pois, a altura
E grandeza, que em espelhos tão brilhantes
A sua imagem multiplica pura,
Permanecendo um sempre como de antes.”[35]

---

[1] “Os dois gentis filhos de Latona”: o Sol e a Lua (Apolo e Diana, filhos de Latona e Júpiter).

“Um por Áries coberto, outro por Libra”: isto é, sob duas constelações diametralmente opostas.

“A um tempo cinge do horizonte a zona”: quando a linha do horizonte corta os seus discos pela metade.

“Quanto espaço o zênite os equilibra”: “espaço” deve ser entendido como “espaço de tempo”; o Sol e a Lua, no horizonte, são imaginados como os pratos de uma balança em equilíbrio.

Quando o Sol e a Lua, opostos no céu, encontram-se igualmente cingidos pela linha do horizonte, quanto tempo passa desde quando estão equilibrados pelo zênite até o momento em que, mudando de hemisfério, um astro sobe e o outro desce, libertando-se do cinto do horizonte — tanto tempo Beatriz permaneceu calada. Isto é, Beatriz ficou calada pelo tempo que os astros levam para, primeiro equilibrados sobre o horizonte, mudarem de hemisfério (um surgindo, outro se pondo). Trata-se de um momento breve, mas não instantâneo.

“Se deslibra”: o termo empregado no original, *si dilibra* significa “liberta-se”; como, na tradução, esse significado já se encontra no termo “desprendido”, “se deslibra” deve significar “sai do equilíbrio em que antes se encontrava”.

[2] “Centro de todo o *ubi* e todo o *quando*”: Deus, no qual confluem todo lugar (*ubi*: “Paraíso”, XXVIII, 94-96) e todo tempo (*quando*).

Embora seja também termo português (e italiano), *quando* é aqui empregado como termo latino, por simetria com *ubi*.

[3] Não para conquistar mais bem para si (o que é impossível, já que Deus é o bem infinito), mas para que o seu esplendor, refletido nas criaturas, pudesse ter consciência de si (dizendo “Existo”), Deus (o Eterno Amor) se abriu em novos seres amantes, fora do tempo e do espaço (que tiveram início com a criação). Os versos falam do ato criativo de Deus: Deus, para que dele surgissem vidas autoconscientes, capazes de entender e de amar, criou novos seres com ato gratuito.

“Amores nove”: o texto original diz “amores novos”. Como se verá adiante, Beatriz inicia o seu discurso falando das substâncias criadas diretamente por Deus, concentrando-se depois sobre os anjos (uma das substâncias criadas diretamente por Deus); e, como se sabe, os anjos são agrupados em nove coros. Desse modo, a tradução não é injustificada. Xavier Pinheiro pode ter traduzido como “Amores nove” seja por razões métricas, seja porque alguma edição menos recente do poema dizia de fato “nove” e não “novos”.

[4] Antes da criação Deus não havia ficado inoperante, pois antes da criação não existia nem o “antes” nem o “depois”: como dito anteriormente, a criação ocorreu fora do tempo.

“Quando Deus sobre as águas foi levado”: o ato criativo de Deus é indicado por uma citação bíblica: “e o espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gênesis, 1, 2). Como diz o texto bíblico, essas águas foram separadas, ficando parte delas “sobre o firmamento” (Gênesis, 1, 6-7). Muitos doutores da Igreja interpretavam essas “águas” como a substância que constituía o Primeiro Móbile (chamado também Cristalino), o qual é formado por uma matéria transparente e fica acima do céu das Estrelas Fixas (o firmamento). O texto original diz “estas águas”, o que torna mais clara a referência ao Primeiro Móbile, céu onde se encontram Dante e Beatriz. De fato, é no Primeiro Móbile que têm origem o tempo e o movimento (“Paraíso”, XXVII, 118-120). Desse modo, esses versos provavelmente querem dizer que o tempo não existia antes da criação do

Primeiro Móbile.

[5] Os versos falam daquilo que foi criado diretamente por Deus: a matéria pura (a matéria-prima), a forma pura (as inteligências angélicas) e a matéria em união indissolúvel com a forma (os céus). As três foram criadas de modo perfeito, por um único ato de Deus, como três setas que saem simultaneamente de um arco de três cordas.

[6] Fala-se agora da instantaneidade do ato criativo: o tríplice efeito da ação de Deus raiou em toda a sua existência instantaneamente, sem uma sucessão no tempo, do mesmo modo como a luz atinge e ilumina o objeto transparente, sem intervalo. Acreditava-se que a propagação da luz fosse instantânea.

“Vidro, cristal e âmbar”: estão aqui por “corpos transparentes” (o “âmbar” do qual se fala é aquela variedade mais límpida e transparente).

“É refletida”: o sentido é “ilumina”.

[7] Junto com as três substâncias, foi criada a sua ordem, a sua disposição no universo. Foram colocadas na parte mais alta do universo aquelas substâncias nas quais foi feito puro ato, isto é, as inteligências angélicas, que são pura forma: os anjos estão no Empíreo.

Nessa mesma ordem, o lugar mais baixo (“imo”) foi dado à pura potência (“força”): a matéria-prima, que é a pura potência, está na terra. O lugar intermediário foi dado à forma unida à matéria: os céus (que são a união entre matéria e forma, potência e ato) estão entre o Empíreo (onde se encontram os anjos, puro ato) e a terra (onde se encontra a matéria-prima, pura potência).

[8] São Jerônimo escreveu (*In epistolam ad Titum*, I, 2) que os anjos foram criados muito tempo antes do restante do mundo, o que está em contradição com o que Beatriz acabou de expor. São Jerônimo era uma autoridade, mas essa afirmação suscitou discussões entre os teólogos, entre os quais São Tomás (*Suma Teológica*, I, q. 61 a. 3).

[9] Mas a verdade exposta por Beatriz se encontra em diversos lugares das Escrituras (cujos escritores foram inspirados pelo Espírito Santo). Os dois principais lugares são: “No princípio Deus criou o céu e a terra” (Gênesis, 1, 1) e “Quem vive eternamente criou tudo simultaneamente” (Eclesiástico, 18, 1).

[10] Também a razão, ao menos em parte, pode ver que a doutrina exposta por Beatriz é verdadeira: as inteligências angélicas são os motores dos céus; e é

desempenhando essa função que elas estão na perfeição do seu ser, pois atingem a sua perfeição quando atuam o fim para o qual são destinadas. Se elas tivessem sido criadas antes dos céus, elas teriam ficado por um tempo inoperantes (isto é, imperfeitas, sem poder exercer a sua função própria).

11 Resposta a uma nova questão: quanto tempo se passou da criação dos anjos à rebelião de parte deles. Essa era questão muito debatida pelos teólogos. Aqui Beatriz fala que foi um breve período de tempo: em menos tempo do que se conta de um a vinte.

“Dos anjos parte / Turbou vosso elemento sobranceira”: parte dos anjos, caindo na terra, perturbou a matéria-prima, da qual vieram a se formar os quatro elementos. Entretanto, o texto original permite interpretar de outro modo: perturbou a terra, que é o elemento que está abaixo de todos os outros, segundo a física aristotélica.

12 A outra parte dos anjos, fiel, continuou no Empíreo, girando perenemente em torno de Deus e contemplando-o.

13 “Do que […] ponderosa”: de Lúcifer, que Dante viu no fundo do Inferno, sob o peso de toda a terra.

14 Os anjos fiéis, ao contrário dos anjos rebeldes, foram modestos e reconheceram que o seu ser provinha da bondade divina, que os criou capazes de tão profundo entendimento. Outros entendem: foram modestos e reconheceram que o seu ser, dotado de tão profundo entendimento, provinha da bondade divina. A tradução parece tender para a segunda interpretação.

15 A graça iluminante e o mérito aumentaram para os anjos fiéis a visão de Deus (elevaram a sua capacidade visiva), de tal modo que a sua vontade se tornou plena e estável no bem.

16 Os versos anteriores disseram que os anjos se elevaram de seu estado natural para o estado sobrenatural: a sua capacidade visiva se elevou e a sua vontade se tornou perfeita (não podendo mais se voltar para o mal, como antes podia). Essa elevação ocorreu pela graça divina e pelo mérito próprio. Agora Beatriz esclarece que receber a graça constitui um mérito, pois depende da disposição da criatura dotada de livre-arbítrio para acolher o dom gratuito de Deus. Trata-se de um ponto fundamental na exposição.

17 “Consistório”: “colégio”, “assembleia”, refere-se aqui aos anjos.

“Adjutório”: “ajuda”. Ambos os termos são empregados no original, assim como “meritório”: toda a sequência de rimas deriva, portanto, diretamente do original.

18 “O querer, o entender, o ter lembrança”: a vontade, o intelecto e a memória eram as três faculdades atribuídas à alma racional do homem. Beatriz deve continuar o seu discurso, por causa dos erros nas doutrinas ensinadas nas escolas da terra, nas quais são atribuídas indistintamente aos anjos todas aquelas faculdades próprias dos homens.

“Leitura”: ensinamento.

19 O esclarecimento de Beatriz diz respeito à faculdade da memória, da qual os anjos não têm necessidade. Desde quando os anjos tiveram o prazer da visão direta de Deus, eles não desviaram mais os olhos da sua face, onde tudo está eternamente presente; por isso, em sua visão não há uma sucessão de tempos que subdivide as ideias (“seu ver novos objetos não cortaram”) e eles, portanto, não têm necessidade de recordar (já que tudo se encontra diante deles). De fato, a memória pressupõe uma sucessão no tempo, o que não se aplica aos anjos (que veem tudo simultaneamente em Deus), mas sim aos homens.

20 Na escolas da terra, os mestres ensinam verdades sem fundamento, como se sonhassem acordados.

“Crendo e não crendo proferir verdade”: em boa ou em má fé (e, nesse último caso, eles têm mais culpa e mais vergonha).

21 Na terra, os homens não se fixam, filosofando, em um único caminho (que deveria ser o da verdade), mas são transportados pela preocupação (“pensar”) de ostentar seu conhecimento e de parecerem originais.

22 Entretanto, o céu se indigna menos com essa vaidade do que com aqueles casos em que as Escrituras são preteridas ou quando o seu sentido (“inteligência”) é distorcido.

“Ser a Santa Escritura desdenhada”: quando as Escrituras são preteridas por causa de falsos raciocínios ou por causa de raciocínios puramente filosóficos (que os mestres citam para mostrar a sua sabedoria).

23 Há quem, para parecer engenhoso, invente interpretações sobre os textos sacros; e os pregadores passam a tratar só dessas invenções, calando a respeito do Evangelho.

24 Beatriz apresenta um exemplo. O Evangelho (Mateus, 27, 45; Marcos, 15, 33;

Lucas, 23, 44) diz que, quando Jesus estava morrendo, o céu ficou escuro em toda a terra. Alguns tentam explicar isso racionalmente, ao menos em parte cientificamente: a Lua teria se colocado entre o Sol e a Terra, ocasionando um eclipse do Sol. Entretanto, Jesus morreu no plenilúnio, quando a Lua está oposta ao Sol: isso significa que, para que ocorresse o eclipse, a Lua teria de retroceder o espaço de seis constelações do Zodíaco. Essa era a explicação seguida por grandes teólogos do tempo de Dante. Outros afirmam que a luz do Sol se ocultou por si mesma, constituindo um milagre absoluto: por isso, o céu se obscureceu não só na Palestina, mas em toda a terra (de fato, um eclipse não teria obscurecido toda a terra). Índia e Espanha são, respectivamente, os limites oriental e ocidental da terra habitada. No original, Dante claramente segue a segunda opinião.

[25] Lapo (redução de Jacopo) e Bindo (redução de Ildebrando) eram dois dos nomes mais comuns em Florença. Lapi e Bindi são formas do plural.

[26] A ovelha está para o povo cristão, que deveria ser alimentado pelos sermões (“pasto”), mas que se alimentam apenas de discursos vãos, incapazes de nutrir verdadeiramente.

“Desculpa não lhe dá não ver o dano”: e a sua ignorância não justifica, pois o cristão, por mais ignorante que seja, tem de reconhecer quando o Evangelho não é seguido.

[27] Alusão à recomendação de Jesus à comunidade dos apóstolos (“convento”): “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Marcos, 16, 15). Jesus não recomendou que seus apóstolos pregassem ao mundo disparates, mas deu um verdadeiro fundamento para as suas pregações, que é o próprio Evangelho.

[28] “Em sua voz se ouvira”: o “fundamento da verdade” do verso anterior. “Em sua voz” pode se referir tanto aos apóstolos como a Cristo. A primeira interpretação é mais seguida.

“Prélios”: batalhas.

“Vitriz”: “vencedora”, latinismo da tradução.

Os apóstolos, na sua luta para difundir a fé, armaram-se apenas com o Evangelho, diferentemente dos pregadores do tempo de Dante.

[29] “Incha o capuz”: o capuz da veste do pregador (do hábito próprio dos monges)

incha pela vaidade.

Os pregadores, provocando com suas chanças o riso entre os fiéis, satisfazem a própria vaidade, e nada mais fazem além disso.

[30] Se o povo visse o pássaro (o diabo) que se esconde nas vestes do pregador, veria de que espécie são as indulgências prometidas pelos religiosos, nas quais ele tanto confia.

“Cogula”: aqui está para a ponta do capuz dos frades.

“Dá-las”: refere-se às indulgências.

Tamanha é a estultícia que cresceu na terra que os homens acreditam em qualquer promessa feita pelos falsos pastores, mesmo sem documentos que provem a concessão e a validade da indulgência, por parte das autoridades religiosas.

[31] Santo Antônio: Santo Antônio Abade (Santo Antão do Deserto) viveu nos séculos III-IV e foi um dos pais do monaquismo. É representado com um porco aos pés (figura do diabo cujas tentações haviam sido derrotadas). Por isso, era considerado protetor dos animais domésticos. Nos mosteiros antonianos (que tomaram o nome do santo), era costume alimentar porcos, que depois andavam livremente pelas casas, sendo alimentados pelo povo. No texto original, os versos podem ser lidos de dois modos. Segundo alguns, significam: por causa da credulidade do povo, os monges de Santo Antônio engordam os seus porcos, e muitos outros mais ascosos que os porcos (concubinas, filhos naturais etc.), recompensando as ofertas do povo com moedas sem valor (as indulgências que não eram válidas). Segundo outros, por causa da credulidade do povo, engorda o porco de Santo Antônio e engordam os frades antonianos (mais ascosos do que os porcos), recompensando o povo com moedas sem valor (as indulgências que não eram válidas). Xavier Pinheiro parece seguir a segunda interpretação.

[32] Daniel diz ter visto “milhares de milhares” de anjos que serviam a Deus e “dez mil vezes cem mil” anjos que estavam em torno de Deus (Daniel, 7, 10). Indicação semelhante se encontra em Apocalipse, 5, 11. Nas indicações de Daniel, não é possível identificar um número determinado: nelas está oculto um número inconcebível para o homem. O número dos anjos não é infinito, mas é tão grande que o homem não consegue concebê-lo.

[33] “Nela”: na grei dos anjos.

“Fulgores”: os anjos.

A luz divina, que irradia igualmente todos os anjos, é recebida de tantos modos quantos são os anjos.

34 Já que o amor segue o ato de conhecer a Deus (“percepção”), nos anjos, que recebem a luz divina de diversos modos, a beatitude (“a doçura do afeto”) pode ser mais ou menos ardente. Os versos retomam a ideia, exposta em “Paraíso”, XXVIII, 109-111, de que a beatitude se fundamenta na visão de Deus, no ato intelectivo.

35 Os versos se referem ao fato de Deus ter criado os anjos: entende-se a altura e a generosidade do eterno poder, que se reflete em tantos espelhos, permanecendo sempre um só (como era antes da criação).

CANTO XXX

Dante sobe com Beatriz ao céu empíreo, rio de luz, onde os olhos do Poeta alcançam tanta lucidez que podem ver o triunfo dos anjos e das almas bem-aventuradas.

O triunfo dos anjos desaparece aos olhos de Dante. Beatriz revela que entraram no Empíreo e faz uma explicação sobre o novo céu. Dante tem uma visão, que depois se revela na cândida rosa dos beatos. Beatriz fala de Henrique VII.

1 Talvez milhas seis mil de nós distando,
A hora sexta ferve e deste mundo
A sombra vai-se ao nível inclinando,
2 Quando o meio do céu, pra nós profundo,
Tal se faz que não mostra o seu semblante
Mais de uma estrela deste val ao fundo;
3 E, enquanto vem do Sol a radiante
Núncia, o céu olhos cerra, adormecido
Um após outro até o mais brilhante:[1]
4 Tal o triunfo, sem cessar movido
De gáudio, em torno ao ponto deslumbroso,
Que parece, contendo, estar contido,
5 Extinguiu-se aos meus olhos vagaroso.[2]
Não vendo a pompa mais, a amor cedendo,
A Beatriz voltei-me fervoroso.
6 Num só louvor eu, resumir querendo
Dela o que vezes mil tenho cantado,
Frustrara o intento, o esforço meu perdendo.
7 Pelo humano ideal imaginado
Não seria o primor, que vi; mas, creio,
Gozá-lo todo só a Deus é dado.
8 Neste árduo passo superado anseio:
Vate jamais em trágico poema
Ou cômico sentiu tamanho[3] enleio.
9 Quanto a vista ao clarão do Sol mais trema,
Tanto a memória do seu doce riso
As potências do espírito me algema.[4]
10 Dês que vi do seu gesto o Paraíso
Na terra até me alçar a visão pura
Meu canto renovar não foi preciso.[5]
11 Mas seguir-lhe a sublime formosura
Nos versos meus agora não me atrevo,
Como artista, que o extremo esforço apura.

12 Beatriz sendo tal, que a deixar devo
A tuba, mais que a minha, sonorosa,
Enquanto esta árdua empresa ao termo levo,
13 Com gesto e voz de guia cuidadosa,
— “Ao céu que é pura luz” — disse — “ao presente
Alçamo-nos da esfera mais vultosa:[6]
14 “Luz intelectual, de amor ardente,
Amor do sumo bem, que enche a alegria,
Alegria em dulçores transcendente.[7]
15 “Do céu verás, na santa bizarria,
Uma e outra milícia: uma no aspecto
Que hás de ver do final juízo em dia.”[8]
16 Como aos visivos ’spíritos direto
Relâmpago, que a ação lhes tolhe e os priva
De discernir o mais patente objeto,
17 Circunfluiu-me assim uma luz viva
Com véu do seu fulgor, que me impedia
Em claridade ver tanto excessiva.[9]
18 — “Sempre o Amor, que este céu tanto extasia,
Por ser o círio à flama aparelhado,
Este saudar a quem recebe envia.”[10]
19 Bem não tinha estas vozes escutado,
Eis senti que virtude milagrosa
A força minha havia sublimado;
20 Senti vista mais que antes poderosa
E tal, que a luz mais penetrante e pura
Afrontar poderia valorosa.
21 Fúlvido lume um rio me afigura,
Entre margens correndo, que esmaltava
A primavera da celeste altura.[11]
22 Do seio essa corrente arremessava
Centelhas, que entre as flores se espargiam
Como rubis, que o ouro circundava.[12]

23 Quando ébrias de perfumes pareciam,
Reprofundavam na ribeira bela:
Se umas entravam, outras emergiam.
24 — “O desejo, que te urge e te desvela,
De saber quanto vês maravilhado
Me agrada neste excesso que revela.[13]
25 “Não serás em tal sede saciado
Senão dessa água tendo já bebido.”
Dos meus olhos o Sol me há declarado.[14]
26 — “Topázios que se movem, o luzido
Rio e das flores o matiz ridente
Prefácio umbroso da verdade hão sido.[15]
27 “Não por ser isto impenetrável à mente,
Mas por defeito da fraqueza tua,
Que te veda visão tanto eminente.”[16]
28 Não há criança, que tão presto rua
Ao seio maternal, em despertando
Mais tarde do que está na usança sua,
29 Como eu: melhor espelho desejando
Fazer dos olhos, à água me inclinava,
Que flui, pureza e perfeição nos dando.
30 Das pálpebras apenas se molhava
A borda, a forma, que antes vi comprida,
Do rio, circular se apresentava.[17]
31 Como quem sob a máscara escondida
A face teve e logo diferente
Se mostra, essa aparência removida,
32 Assim flores, centelhas mais fulgente
Alegria mostraram e eu já via
Do céu ambas as cortes claramente.[18]
33 Ó de Deus esplendor, por quem já via
O triunfo do reino da verdade,
Dá-me valor, que eu diga o que já via.[19]

34 Lá alto há luz de tanta claridade,
Que Deus visível faz à criatura,
Que em vê-lo tem da paz a f ’licidade.
35 Ela se estende em circular figura,
Tão vasta que o seu âmbito faria
Ao Sol desmarcadíssima cintura.[20]
36 Um raio era o que dela aparecia,
Refletido no Móbile Primeiro,
A que assim vida e influxo principia.[21]
37 Qual em cristal do próximo ribeiro
Se espelha, como para ver as flores
E verdura que o vestem, lindo outeiro,
38 Miravam-se, da luz aos esplendores,
De degraus em milhões almas tornadas
Da terra para os célicos fulgores.[22]
39 Se claridades tantas derramadas
Estão no imo degrau, como da rosa
No cimo hão de as grandezas ser esmadas?[23]
40 Sem turbar-me, a amplitude portentosa,
Notava o qual e o quanto da alegria,
Em que se enleva aquela grei ditosa.[24]
41 De perto, ao longe igual resplandecia;
Pois onde por si mesmo Deus governa
Da natureza a lei não mais regia.[25]
42 Ao centro áureo da rosa sempiterna,
Que em degraus dilatada recendia
Louvor ao Sol da primavera eterna,[26]
43 Como quem cala, mas falar queria,
Beatriz, me atraindo, disse: — “Atenta
Dos brancos véus na imensa hierarquia.[27]
44 “O espaço vê, que esta cidade ostenta!
Quanto cada fileira está cerrada!
A poucos lugar vago se apresenta.[28]

45 “Essa grande cadeira assinalada
Já de coroa, que te move espanto,
Antes de teres nesta boda entrada,
46 “Será de Henrique, excelso, que há de o manto
Vestir de Augusto, para a Itália vindo
Antes de afeita ao regimento santo.[29]
47 “Cega cobiça, a tantos iludindo,
Iguais vos torna a infante, que, sem tino,
De ama o seio não quer, fome sentindo.[30]
48 “Será então prefeito no divino
Foro, aquele que, oculto ou descoberto,
Não há de ser de acompanhá-lo[31] dino.
49 “A Deus, porém, apraz que esteja perto
Tempo em que perderá cargo sagrado!
Terá com Simão Mago o lugar certo,
E o de Anagni será mais soterrado.”[32]

---

[1] Os nove primeiros versos indicam a aurora.

O meio-dia (“hora sexta”) arde talvez a seis mil milhas de onde nos encontramos, quando a terra projeta a sua sombra inclinando-a ao plano do nosso horizonte (o que significa que, onde estamos, o Sol está para nascer); nesse momento, o céu alto sobre nós começa a fazer-se tal que algumas estrelas deixam de aparecer à terra, e, à medida que a luz do Sol vai se aproximando, o céu oculta progressivamente as suas estrelas, até a mais brilhante delas. Os versos descrevem o momento em que a luz do Sol, aproximando-se, faz com que as estrelas não sejam mais visíveis no céu.

“Milhas seis mil”: isso é um pouco mais de um quarto da circunferência da terra, segundo acreditava Dante. Isso significa que o lugar onde arde o meio-dia está a mais ou menos a sete horas (a oriente) do lugar ao qual Dante se refere (“de nós distando”). Se lá é meio-dia, “aqui” são mais ou menos cinco horas da manhã, um pouco antes da aurora, quando a sombra projetada pela terra se inclina para o mesmo plano do nosso horizonte.

“O meio do céu, para nós profundo”: Xavier Pinheiro traduz exatamente como no original. Segundo alguns, “meio do céu” é o meridiano, que fica no zênite em relação ao observador. Entretanto, alguns observam que as estrelas começam a desaparecer primeiro a leste, não no meridiano. Por isso, alguns entendem “meio” como o espaço entre os olhos do observador e o objeto. De fato, o termo empregado no original (*mezzo*) assume esse sentido em outros momentos do poema.

“Não mostra mais de uma estrela”: deve-se entender que “mais de uma estrela desaparece no céu”.

“Deste val ao fundo”: à terra, que é o fundo do universo.

“Núncia do Sol”: segundo alguns, o texto original se refere à aurora; segundo outros, à primeira hora do dia, aquela que surge com o Sol.

“Olhos”: as estrelas.

[2] “Triunfo”: o triunfo dos coros angélicos.

“Que parece, contendo, estar contido”: o ponto, Deus, parece circundado pelos coros angélicos, mas é ele que os circunda e compreende em si todo o universo.

“Vagaroso”: como as estrelas, que na aurora desaparecem gradualmente.

[3] “Trágico ou cômico”: em qualquer gênero de composição poética. Simplificando bastante a teoria dos estilos na Idade Média, as composições trágicas eram aquelas de argumento e estilo elevado; as cômicas eram aquelas de argumento e estilo médio ou baixo. A expressão aqui se refere a composições de diferentes argumentos e estilos.

[4] Como a vista mais fraca mais vacila ao clarão do Sol, assim a memória do sorriso de Beatriz enfraquece, oprime, as faculdades (“potências”) da mente do poeta (de tal modo que ele é incapaz de descrever aquele sorriso).

[5] Desde a primeira vez em que viu Beatriz (quando tinha apenas nove anos de idade, como narra *Vida nova*, III) até a visão que ele tem agora (“visão pura”), Dante nunca foi impedido de seguir continuamente com os seus versos (“canto”) a beleza de Beatriz.

[6] Dante e Beatriz já deixaram o Primeiro Móbile (“esfera mais vultosa”) e entraram no Empíreo (“céu que é pura luz”). O Primeiro Móbile é a maior esfera celeste, que envolve as outras e dá origem ao seu movimento (o que significa dar origem ao tempo). Já o Empíreo é um céu de pura luz, fora dos céus corpóreos

(formados pela quinta essência), como fora do tempo e do espaço, como os versos seguintes explicam.

[7] Esses versos descrevem com perfeição aquilo que parece inexprimível: o Empíreo é pura luz (não luz física, mas luz da mente, “intelectual”), plena de amor que, dirigido ao bem supremo, contém uma alegria que transcende qualquer outro dulçor. O Empíreo é a luz que gera a beatitude, a luz pela qual Deus se faz conhecer e amar.

[8] “Uma e outra milícia”: a milícia humana e a milícia angélica.

“Uma no aspecto […] dia”: Dante verá a milícia humana no aspecto que ela assumirá no Juízo Final, quando haverá a ressurreição dos corpos. Dante, portanto, verá os beatos em seu aspecto humano.

[9] “Como […] objeto”: como um relâmpago que dissocia as faculdades visivas (“visivos ’spíritos”), impedindo os olhos de verem outros objetos, até mesmo os mais patentes.

“Circunfluiu-me […] excessiva”: os versos ecoam a narração da visão de São Paulo, em Atos dos Apóstolos, 22, 6: “de repente uma forte luz brilhou em volta de mim (‘circunfluiu-me’)”. Na tradução latina do texto bíblico (que é aquela seguida por Dante), é empregado o termo *circumfulsit*, que Dante cita mediante o verbo *circunfulse* (na tradução, “circunfluiu”).

[10] Deus sempre recebe desse modo quem chega Empíreo (isto é, ofuscando a sua visão). O ofuscamento fortalece a vista de quem entra no Empíreo, sendo um modo de dispor a alma (“círio”) à visão de Deus (“flama”). Trata-se, portanto, de um dom divino.

[11] Dante começa a descrever a sua visão.

“Fúlvido”: cor de ouro avermelhado.

“A primavera”: flores.

[12] As centelhas que saem do rio de luz são os anjos. As flores são os beatos.

[13] “De saber quanto vês maravilhado”: de saber o significado da visão que está tendo.

[14] “Não serás […] bebido”: para compreender o que ela significa, Dante precisa fixar os olhos na visão, de modo a penetrá-la; só assim ele conseguirá ver o que está por trás da visão.

“Dos meus olhos o Sol”: Beatriz.

15 “Topázios”: são as centelhas, antes comparadas a rubis (logo, a sua cor varia entre o amarelo e o vermelho).

“Prefácio umbroso da verdade hão sido”: Beatriz revela que essa visão de Dante é apenas figura da realidade, antecipação (“prefácio”) que ensombra (“umbroso”) a realidade.

16 “Não por ser isto impenetrável à mente”: Xavier Pinheiro parece interpretar o termo “acerbo” do original como “difícil” (logo, “impenetrável à mente”), o que é interpretação possível. Entretanto, parece melhor interpretá-lo como “imaturo” e, por extensão, “defeituoso”. Dante está tendo uma visão que é apenas figura da realidade. Isso acontece não porque os objetos vistos sejam defeituosos, mas porque o defeito é do próprio Dante, que não tem a vista tão elevada a ponto de conseguir ver os objetos em sua realidade. O defeito não é do objeto, mas do sujeito: a visão muda aos olhos de Dante, segundo a sua capacidade visiva.

17 “Das pálpebras apenas se molhava / A borda”: tão logo os olhos de Dante beberam da água daquele rio.

18 “Mais fulgente alegria”: porque real.

“Do céu ambas as cortes”: os beatos e os anjos.

19 A rima do termo “via” consigo mesmo (nos versos 95, 97, 99), com criação de uma sequência de rimas idênticas, ocorre também no original, contra as normas de versificação da época. O verbo “ver” é fundamental nesse canto e sobretudo nesse momento supremo da visão de Dante, exprimindo e reforçando a realidade concreta daquilo que ele narra.

20 O círculo de luz é tão amplo que a sua circunferência é incomensuravelmente maior do que a do Sol.

21 O círculo de luz é formado por um raio de luz divina refletido sobre a superfície do Primeiro Móbile, o que dá origem ao movimento do Primeiro Móbile e ao influxo que ele comunica aos outros céus (“A que assim vida e influxo principia”).

22 O texto original diz, ainda, que as almas estão dispostas sobre a luz e em volta dela (o que torna mais compreensível a comparação iniciada nos versos anteriores).

[23] O poeta finalmente revela aquilo que viu: as almas estão dispostas na forma de uma rosa (chamada pelos críticos a “cândida rosa dos beatos”). As almas estão dispostas como em um anfiteatro, que tem a forma de uma rosa, em cujo centro está aquele imenso círculo de luz. O poeta então diz: se na parte mais baixa da rosa está aquele imenso círculo de luz, quão larga será essa rosa nas suas pétalas mais altas? A rosa é um símbolo místico carregado de significados. Simplificando os diversos significados que podem estar associadas a essa figura no poema, pode-se dizer (segundo afirmações de alguns críticos) que a rosa significa a perfeição da natureza humana, possibilitada pela encarnação de Jesus em Maria (a “rosa mística”, chamada “rosa” também em “Paraíso”, XXIII, 73-74). Entretanto, os cantos seguintes permitirão compreender melhor o significado da rosa.

[24] “O qual e o quanto”: a qualidade e a quantidade.

[25] Dante explica como é possível que seus olhos compreendam toda a rosa (“Sem turbar-me a amplitude portentosa”): onde Deus governa diretamente, sem intermédio da matéria, a lei da natureza não tem mais valor. Os versos recordam que o Empíreo está fora do tempo e do espaço, onde não valem mais as leis da natureza: é por isso que proximidade ou a distância não interferem na visão de Dante.

[26] “Centro áureo”: o círculo de luz.

“Recendia […] eterna”: exala o perfume de louvor ao Sol da primavera eterna, Deus.

[27] “Como quem cala, mas falar queria”: refere-se a Dante.

“Brancos véus”: são as “cândidas estolas” de “Paraíso”, XXV, 95 (citação de Apocalipse 7, 9). Segundo alguns, a expressão deve ser entendida em seu sentido literal. Segundo outros, a expressão se refere ao corpo dos beatos, que Dante agora vê.

[28] “Esta cidade”: o reino dos beatos, a Jerusalém celeste (Apocalipse, 21, 10).

“A poucos lugar vago se apresenta”: quase todos os lugares da rosa estão preenchidos; logo, faltam poucos para completar o número que Deus estabeleceu para os eleitos. Dante (*Convívio*, II; XIV, 13), como seus contemporâneos, acreditava que o fim do mundo estivesse próximo.

[29] “Antes de teres nesta boda entrada”: antes que Dante morra. A imagem do

reino de Deus como festa nupcial é bíblica, e já ocorreu em “Purgatório”, XXXII, 75 e em “Paraíso”, XXIV, 1-3.

Henrique: Henrique (Arrigo) VII, conde de Luxemburgo. Nasceu entre 1270 e 1280. Em 1309, foi coroado rei da Alemanha. Em 1310 foi à Itália, para promover a paz entre as facções em discórdia, e para conduzir a Itália sob o domínio imperial. Muitos viram nele um restaurador da ordem imperial, entre os quais Dante, que via nele o ideal do imperador, que finalmente levaria a ordem para a Itália, enviado pela Providência. Entretanto, as tentativas de Henrique na Itália fracassaram, por causa da forte oposição das cidades guelfas, entre as quais Florença, oposição instigada pelo papa Clemente V. Foi coroado imperador em Roma em 1313, com muitas dificuldades, mas morreu no mesmo ano, não conseguindo realizar a sua empresa. A admiração de Dante por Henrique VII transparece na *Divina Comédia* e nas Epístolas V, VI e VII.

“Há de o manto / Vestir de Augusto”: terá a dignidade imperial.

“Antes de afeita ao regimento santo”: antes que a Itália estivesse disposta a acolher a ordem que ele ia instaurar.

30 Assim fazem irracionalmente os italianos, que recusam a própria salvação, opondo-se a Henrique.

31 Os versos se referem ao papa Clemente V (“prefeito do divino foro”, isto é, chefe da Cúria), que, em relação a Henrique, não se comportará do mesmo modo, aberta e secretamente. Clemente parecerá favorável a Henrique, convidando-o a estabelecer a paz na Itália; mas secretamente tentará se opor aos planos de Henrique, instigando as cidades guelfas a resistir a ele. Isso foi dito em “Paraíso”, XVII, 82-84.

“Oculto ou descoberto”: é provável que Xavier Pinheiro siga uma edição que realmente diga “ou”. Entretanto, edições mais recentes dizem “e”, o que sublinha o comportamento ambíguo do papa.

32 Clemente morreu em 1314, pouco depois de Henrique. Diz o texto: após a sua morte, ele irá para o compartimento do Inferno destinado aos simoníacos (“Inferno”, XIX), empurrando para baixo Bonifácio VIII (chamado “o de Agnani” por causa do atentado de Agnani ou porque o papa havia nascido em Agnani). Recorde-se que os papas simoníacos são colocados um sobre o outro em um buraco. Quando chega um novo papa, ele empurra o precedente para baixo, ficando com as pernas para fora.

CANTO XXXI

Continua Dante a contemplar as duas milícias do empíreo. Beatriz vai sentar-se no trono que lhe pertence. Incumbe a S. Bernardo de mostrar ao Poeta a Santíssima Virgem rodeada de anjos e Santos.

Empíreo. O poeta descreve aquilo que viu no Empíreo. Dante encontra ao seu lado São Bernardo, que lhe revela que Beatriz tomou o seu lugar na rosa. Dante faz seu agradecimento a Beatriz. São Bernardo convida Dante a contemplar Maria.

1 Forma assumindo de uma branca rosa,
Tinha ante os olhos a milícia santa,
Que em seu sangue fez Cristo sua esposa.[1]
2 A outra, que adejando, vê, decanta
Do Onipotente a glória, que a enamora,
E a bondade, que alteza lhe deu tanta,[2]
3 Bem como abelhas, cujo enxame agora
Nas flores se apascenta, agora torna
À colmeia, onde os favos elabora,
4 Descia à flor imensa que se adorna
De folhas tantas, e depois subia
Ao centro, onde o amor seu sempre sojorna.[3]
5 Nas faces viva flama refulgia,
Nas asas ouro, em tudo mais alvura,
Que a candidez da neve escurecia.[4]
6 De sólio em sólio entrando na flor pura
E as asas agitando, derramavam
Ardor e paz, colhidos lá na altura.
7 As multidões aladas, que giravam,
Ao Senhor se interpondo e à flor brilhante,
Nem vista, nem ’splendores atalhavam,[5]
8 Que a luz divina cala penetrante
No universo, segundo ele merece:
Nada lhe empece o brilho triunfante.[6]
9 O gaudioso império, onde aparece
A par da grei antiga a grei recente,
De olhos, de amor num fito se embevece.[7]
10 Trina luz, que, num astro unicamente
Fulgindo a alma lhes tens inebriada,
Conosco nas procelas sê clemente!
11 Se os bárbaros, da terra enregelada
Vindos, que Helice cobre cada dia,
No seu giro do filho acompanhada,

12 A pompa ao ver, que a Roma enobrecia,
Pasmavam, quando já Latrão famoso
Do mundo as maravilhas precedia;[8]
13 Da terra eu ido ao trono luminoso,
Exalçado do tempo à eterna vida
E de Florença ao reino virtuoso,
14 Quanto havia de ter a alma transida![9]
Nem ouvir, nem falar apetecera:
Tanta alegria ao pasmo estava unida!
15 Bem como o peregrino considera
O templo, a que seu voto o conduzira,
E o que vê recontar, tornando, espera,
16 Na ardente luz a minha vista gira
De degrau em degrau, e agora acima,
Abaixo logo e em derredor remira.[10]
17 Gestos eu vi, que a caridade anima
Com lume divinal; seu doce riso
Por suave atrativo se sublima.[11]
18 Sem se deterem mais do que o preciso,
Os olhos meus haviam rodeado
Em sua forma geral o Paraíso:
19 Vivo desejo em mim estando ateado,
A Beatriz voltei-me; ter queria
A solução do que era inexplicado.
20 Ao que eu pensava o oposto respondia:
Nos gloriosos trajos de um eleito,
Em vez de Beatriz, um velho eu via.
21 Nos olhos transluzia-lhe e no aspeito
Alegria benigna e o continente
De pai era, à ternura sempre afeito.[12]
22 — “E Beatriz?” — exclamo eu de repente.
Tornou: — “Baixar me fez do meu assento
Por contentar o teu desejo ardente.[13]

23 “Verás, do cimo ao círc’lo tércio atento,
Beatriz nesse trono colocada,
Que lhe há dado imortal merecimento.”[14]
24 Olhos alçando à dama sublimada,
Divisei que de c’roa era cingida,
Da eterna luz, em refração, formada.[15]
25 Da região etérea a mais subida
Vista mortal, no pego profundando,
De tão longe não fora dirigida,
26 Como olhos meus, em Beatriz fitando.
Vi-a, porém: a efígie livremente
Descia a mim do vulto venerando.[16]
27 — “Senhora! Esp’rança minha permanente!
Que não temeste, por me dar saúde,
Teus vestígios deixar no Inferno horrente![17]
28 “De tantas coisas quantas eu ver pude,
Ao teu grande valor e alta bondade
A graça referir devo e virtude.[18]
29 “Sendo eu servo, me deste a liberdade,
Pelos meios e vias conduzido,
De que dispunha a tua potestade.
30 “Seja eu do teu valor fortalecido,
Por que minha alma, que fizeste pura,
Te agrade ao ser seu vínculo solvido.”[19]
31 Destarte orei. Lá, da sublime altura,
Em que estava, sorrindo-se encarou-me;
Depois voltou-se à eterna Formosura.[20]
32 — “Por chegares” — o velho assim falou-me —
“Ao termo da jornada, como anelas,
A que seu rogo e santo amor mandou-me,
33 “Teus olhos voem pelas flores belas:
Eles mais hão de se acender, no esguardo
Para alçar-se ao divino raio, em vê-las.[21]

34 “E a Rainha do céu, por quem eu ardo
Cheio de amor, nos há de ser benigna,
Pois sou seu servo, o seu fiel Bernardo.”[22]
35 Como quem da Croácia se destina
A ver Santo Sudário em romaria,
Por fama antiga da feição divina;[23]
36 Devoto a contemplar se não sacia,
Dizendo em si: “Jesus! meu Deus piedoso!
Tal o semblante vosso parecia!”
37 Assim notei o afeto caridoso
Daquele, que em seus êxtases no mundo
A paz celeste prelibou ditoso.
38 — “Filho da graça, este viver jucundo
Ser-te não pode” — prosseguia — “noto,
Se os olhos teus não alças cá do fundo.[24]
39 “Dos círculos atenta ao mais remoto:
Lá no trono a Rainha está sentada;
Seu reino, o céu, lhe é súdito e devoto.”
40 O rosto ergui. Bem como na alvorada
A parte, em que o Sol nasce no horizonte,
Excede a que franqueia à noite entrada,
41 Assim, quase a subir de vale a monte,
No píncaro eminente parte eu via
Vencer em lume a qualquer outra fronte.[25]
42 Donde se espera, como lá, do dia
O carro, que perdeu Faetonte, a flama
Aumenta e noutros pontos se embacia,
43 Assim essa pacífica Oriflama
Se avivava no meio; e a cada lado
Por modo igual se enfraquecia a chama.[26]
44 De milhares o centro rodeado
’Stava de anjos voando como em festa,
Cada um na arte e no brilho assinalado.[27]

45 De os ver e ouvir, contento manifesta
A Beldade, que extremos de alegria
A outros santos nos seus olhos presta.[28]
46 Se eu tivera opulenta fantasia
E a eloquência não menos, desse encanto
Um só traço exprimir não poderia.
47 No vivo lume e ao ver Bernardo quanto
Os meus olhos, absortos, se fitavam,
Volveu-lhe os seus, acesos de ardor tanto,
Que a mais fervor meu êxtase enalçavam.

---

[1] Das duas “milícias” que estão no Paraíso, esta é aquela redimida pelo sangue de Cristo: trata-se, portanto, da milícia dos beatos, que formam a rosa.

[2] “A outra”: os anjos.

[3] “O amor seu”: Deus.

“Sojorna”: permanece. O mesmo termo se encontra no original.

[4] “Tudo mais”: a veste, que cobre o restante do corpo dos anjos.

Os anjos aparecem no Empíreo segundo o modo como são representados nas Escrituras e como eram representados nas artes figurativas da época. As três cores (vermelho, dourado e branco) são interpretadas de modos diferentes. Segundo alguns, representam, respectivamente, os três atributos da Trindade: caridade, sapiência e potência. Segundo outros, representam, respectivamente: caridade, excelência e pureza.

[5] A grande quantidade de anjos entre Deus e os beatos não impedia que os beatos vissem a Deus e que Deus difundisse a sua luz sobre os beatos.

[6] Pois a luz divina penetra em todo o universo segundo a disposição que cada parte tem para recebê-la, de tal modo que nada pode ser um obstáculo para ela. Conceito semelhante é expresso na abertura do “Paraíso”: I, 1-3.

[7] A “grei antiga” e a “grei recente” são os beatos do Antigo e do Novo Testamento.

“Num fito”: em Deus.

[8] “Helice”: ninfa mais conhecida pelo nome de Calisto. Narra o mito (*Metamorfoses,* II, 401-530) que Juno, enciumada pela amor de Júpiter por Calisto (com quem o deus gerou Arcas), fez com que Calisto e Arcas se transformassem, respectivamente, nas constelações da Ursa Maior e de Bootes.

“Terra enregelada”, indica as terras nórdicas, além do 55º paralelo, em cujo céu passa todos os dias pelo zênite a Ursa Maior, acompanhada pela constelação de Bootes, que fica próxima dela.

“Latrão”: foi primeiro sede imperial, tornando-se depois sede papal. Aqui indica Roma de modo geral: quando a cidade, sob os imperadores e depois sob os papas, superava qualquer outra criação humana. Entretanto, os comentadores discutem sobre o período histórico ao qual o texto se refere. Ele pode se referir às primeiras invasões bárbaras (antes das quais a grandeza de Roma ainda estava intacta). Outra possibilidade é que os “bárbaros” sejam os escravos e soldados que foram a Roma. Nesse caso, Latrão referir-se-ia somente ao período imperial.

[9] O longo período significa: se os bárbaros pasmaram vendo o auge da majestosidade de Roma, quanto não deveria pasmar o próprio poeta, indo do mundo humano para o divino, do tempo para a eternidade, da injustiça e da corrupção de Florença para a virtude do Paraíso. Note-se a gradação que resulta na forte carga negativa associada ao nome de Florença.

[10] “Na ardente luz a minha vista gira”: esse é um dos modos de interpretar o texto original. Segundo alguns comentadores, não é a vista de Dante que se movimenta, mas é o próprio Dante que caminha na ardente luz que constitui o centro da rosa.

[11] “Gestos que a caridade anima”: uma das interpretações possíveis do texto original. Segundo outros, deve-se entender “gestos que induzem à caridade (aqueles que os veem)”.

[12] “O continente”: os modos, as maneiras.

[13] “Desejo ardente”: a visão de Deus.

[14] “Do cimo ao círculo tércio”: na terceira ordem mais alta da rosa.

[15] Os reflexos (“refração”) da luz divina sobre Beatriz formavam uma coroa em volta dela.

[16] A imensa distância em relação a Beatriz não é um obstáculo para Dante, que consegue vê-la perfeitamente: a imagem de Beatriz não chega aos olhos de Dante através de meios sensíveis que a tornam menos nítida (esse é o sentido de "livremente"). Ideia semelhante foi expressa em "Paraíso", XXX, 121-123 (e, neste canto, nos vv. 19-21).

[17] "Saúde": salvação.

"Teus vestígios deixar no Inferno horrente": como narrou Virgílio em Inferno II.

[18] "Virtude": capacidade para ver tudo aquilo que ele viu.

[19] "Ao ser seu vínculo solvido": quando o poeta morrer.

Dante pede que Beatriz o ajude a conservar os bons frutos que ele conquistou graças a ela.

[20] "Eterna Formosura": Deus.

[21] A contemplação dos beatos na rosa tornará Dante apto para elevar os olhos à contemplação de Deus.

[22] Rainha do céu: Maria.

Bernardo: Bernardo de Clairvaux (Claraval). Nasceu em Fontaines, em 1090, foi monge cisterciense e fundou a Abadia de Clairvaux, onde morreu, em 1153. Promoveu uma reforma da vida monástica e se opôs às tentativas, que se difundiam na época, de reduzir a fé cristã à filosofia. Foi um dos mais importantes representantes da tradição mística medieval e escreveu muitas obras ascéticas. Além disso, em suas obras transparece uma ardente devoção a Maria. São Bernardo toma o lugar como guia de Dante por causa desse duplo aspecto que o caracteriza e que se faz aqui necessário para a visão de Deus: a contemplação e a devoção a Maria.

[23] Croácia: indica aqui terras longínquas.

Santo Sudário: também chamado Verônica (nome provavelmente formado por um termo latino e um termo grego, cujo significado é "verdadeira imagem"); pano com o qual, segundo a tradição, uma mulher chamada Verônica teria enxugado o rosto ensanguentado de Jesus, quando ele subia ao Calvário. Os traços de Jesus teriam ficado impressos no pano, que, conservado em Roma, foi objeto de grande veneração na época de Dante.

[24] "Este viver jucundo": a condição da beatitude, a realidade do Paraíso.

“Noto”: conhecido.

“Do fundo”: da parte inferior da rosa, onde eles se encontram.

25 “A que franqueia à noite entrada”: a parte ocidental do céu, onde o Sol se põe, franqueando à noite a entrada.

Como na aurora a parte oriental do céu supera em luminosidade a parte ocidental, assim Dante viu na parte mais alta da rosa uma luz que superava em luminosidade o outro lado da rosa.

26 “Donde”: no ponto do céu onde surge o Sol, o carro que Faetonte não soube guiar (diversos trechos do poema falam sobre o mito de Faetonte, como em “Purgatório”, IV, 71-72).

Oriflama: auriflama, o estandarte vermelho usado em guerra pela casa real francesa.

A luz vista por Dante era como aquela da aurora: mais viva no centro, tornando-se mais branda à medida que se distanciava do centro.

27 “Cada um na arte e no brilho assinalado”: os atos (“arte”) e a luz eram diferentes em cada um deles.

28 Beldade: Maria.

CANTO XXXII

Explicações de S. Bernardo. Louvores da Santíssima Virgem. Solução a uma dúvida posta por Dante.

Empíreo. São Bernardo explica a formação da rosa, segundo a disposição das almas, nomeando algumas delas. A explicação suscita uma dúvida em Dante, a qual São Bernardo logo esclarece. Dante contempla o louvor dos anjos a Maria. São Bernardo nomeia mais alguns espíritos da rosa e convida Dante a seguir a sua oração a Maria.

De contemplar no seu prazer sorvido,
De instruir-me, espontâneo, se incumbia,
E este santo discurso há proferido:
— “A chaga, que sarou e ungiu Maria,
Abriu a bela, que aos seus pés sentada
Divisas, do homem no primeiro dia;[1]
’Stá na tércia fileira entronizada
Logo abaixo Raquel; resplandecente
Ao lado Beatriz vês colocada.[2]
“Sara, Rebeca, Judite e a prudente
Bisavó do cantor, que lamentara,
Miserere clamando, a culpa ingente:
“Num degrau cada uma se depara
Da rosa, folha a folha descendendo,
Como seu nome a minha voz declara.[3]
“Estão, do degrau sétimo descendo,
Como de lá subindo, em seguimento
Hebreias, dividida a rosa sendo.[4]
“Formam elas, assim, repartimento,
Segundo em Cristo a fé predominara,
Da santa escada em todo o comprimento.[5]
“Da parte, em que da flor se completara
Em cada folha o número, exalçado
Vês quem a Cristo no porvir ’sperara.
“Da parte, onde o hemiciclo é sinalado
De alguns lugares vagos, se apresenta
Quem creu em Cristo ao mundo já chegado.[6]
“Como de um lado a divisão se ostenta,
Da Virgem pelo trono demarcada
E pelos mais, que a vista representa,
“Assim do oposto a sede destinada
Ao que no ermo e martírio sempre há sido
Santo e em dois anos da infernal estada;[7]

12 Lugar que, tem por conta, há precedido
Aos de Francisco, de Agostinho, Bento
E outros, de um degrau cada um descido.[8]
13 “De Deus ora contempla o sábio intento:
Igualmente a fé nova e a antiga crença
Hão de encher o jardim do firmamento.[9]
14 “Abaixo do degrau da escada imensa,
Que as divisões reparte, está sentado
Ninguém, porque ao seu mérito pertença,
15 “Mas pelo alheio, e ao modo decretado.
Seus corpos tais espíritos deixaram
Antes que discernir lhes fosse dado.[10]
16 “Bem à luz da evidência to declaram
Pela voz infantil e pelo gesto:
Olha, escuta, e tuas dúvidas se aclaram.[11]
17 “Duvidas e o não fazes manifesto;
Sutil pensar em nó te prende estreito;
Mas deste enleio vou livrar-te presto.
18 “Crer-se não pode em casual efeito
Do reino divinal no infindo espaço;
Nem há fome, nem sede ou triste aspeito.[12]
19 “De eternas leis vincula tudo o laço,
E, como o anel no dedo, justamente
Da criação responde tudo ao traço.
20 “Portanto aquela prematura gente
Sine causa não sobe à vida eterna;
Mais ou menos, cada um entra excelente.[13]
21 “Deste reino o Monarca, que o governa
De amor em tanto extremo, em tal ventura,
Que desejo nenhum além se interna,
22 “Criando, de sua face na doçura,
Os espíritos, dota-os a seu grado.
Isto basta saber: não mais apura.[14]

23 “Ao claro está nos gêmeos demonstrado,
Que haviam — na Escritura se refere —
Já no materno ventre batalhado.[15]
24 “Assim a luz altíssima confere
A grinalda da Graça dignamente[16]
Segundo a cor da coma, que prefere.[17]
25 “Graduação, portanto, diferente
Lhes cabe sem ter méritos na vida:
Visão primeira os distinguiu somente.[18]
26 “Nos primitivos tempos conseguida
Estava a salvação, quando a inocência
À fé dos pais se achava reunida.[19]
27 “Às primeiras idades em sequência,
Dos filhos trouxe às asas inocentes
Circuncisão, virtude e permanência.[20]
28 “Depois de anunciada a Graça às gentes,
Sem batismo perfeito haver de Cristo
Não valeu a inocência desses entes.[21]
29 “Ora atenta na face, que à de Cristo
Mais se assemelha; a sua luz tão pura
Só te pode dispor a veres Cristo.”[22]
30 Vi chover de alegria tal ternura,
Que a Maria os espíritos levavam
Para voar criados nessa altura,[23]
31 Que quanto os olhos antes contemplavam
Tais portentos patentes não fizera:
Os assomos de Deus se revelavam.[24]
32 Dos anjos o primeiro, que viera,
Cantando *Ave Maria gratia plena*,
Ante Maria as asas estendera.[25]
33 Respondendo à divina cantilena
De toda a parte a gloriosa corte,

Resplendeu cada face mais serena.[26]

34 — “Ó santo pai, que a caridade forte
Em prol meu fez deixar o doce assento,
A ti marcado por eterna sorte,

35 “Diz-me que anjo com tal contentamento
Da soberana a fronte olha divina.
No amor mostra do fogo o incendimento.”[27]

36 Destarte inda vali-me da doutrina
Daquele que se enlevava em Maria,
Como no Sol a estrela matutina.[28]

37 Tornou-me: — “Alacridade e bizarria,
Quanta em anjo haver possa e n’alma humana,
Há nele; assim nos dá suma alegria:

38 “Foi ele o que à bendita Soberana
Levou a palma, o filho de Deus quando
Quis assumir a nossa carga insana.[29]

39 “Minhas vozes tua vista acompanhando,
Do justíssimo império alça aos formosos
Patrícios, de alto nome, venerando.[30]

40 “Os dois, que acima brilham, venturosos
Por ’starem perto da Sob’rana Augusta,
São desta flor princípios gloriosos:

41 “À sestra sua aquele que se ajusta,
O pai é que, tentado por mau gosto,
Tanta amargura à sua prole custa.

42 “À destra o pai primeiro se acha posto
Da santa Igreja; as chaves lhe entregara
Da rosa Cristo e o fez o seu preposto.[31]

43 “E o que antes de morrer vaticinara
Duros tempos daquela amada Esposa,
Que por lanças e cravos se alcançara,

44 “Fica-lhe a par, e, junto, a glória goza
O capitão da gente ingrata, insana,

Que viveu de maná, revel, teimosa.[32]
45 “Em frente a Pedro vês que senta Ana,
Tão leda a excelsa Filha contemplando,
Que imóveis olhos tem, cantando *Hosana*.[33]
46 “Em frente ao pai dos homens venerando,
É Luzia: a Beatriz há suplicado,
Quando ias para o abismo te inclinando,[34]
47 “Mas da tua visão o assinalado
Tempo foge: paremos pois, fazendo
Do pano, que há, vestido bem talhado.[35]
48 “E para o Amor Primeiro olhos erguendo,
Saibamos se do seu fulgor no seio
Penetras, quanto possas te absorvendo.[36]
49 “Mas, de que retrocedas no receio,
Movendo as asas, em vez de ir avante,
Impetra graça, de piedade cheio,
50 “Daquela, que em valer é tão pujante.[37]
Em mente a voz me segue fervoroso,
Com vivo afeto e coração amante.”
E esta santa oração disse piedoso.

---

[1] A bela mulher que senta aos pés de Maria é Eva, aquela que abriu no homem a chaga do pecado original, curada por Maria, que deu à luz o redentor.

[2] Raquel está abaixo de Eva. Raquel é a segunda mulher de Jacó, tradicionalmente considerada símbolo da vida contemplativa (como dito já em “Purgatório”, XXVII, 104). Ao lado dela está Beatriz, como já foi dito em “Inferno”, II, 101-102.

[3] Sara: mulher de Abraão, mãe de Isaque.

Rebeca: mulher de Isaque, mãe de Jacó.

Sara, Rebeca e Raquel são, portanto, as mulheres dos três patriarcas de Israel.

Judite: aquela que matou Holofernes, salvando o povo de Israel da ocupação assíria (sobre ela se falou em “Purgatório”, XII, 58-60).

O cantor que lamentara a culpa compondo o *Miserere* é Davi, autor dos salmos. Ele compôs o Salmo 51 (50), o *Miserere*, pela dor de ter cometido adultério com Betsabeia e por ter feito com que o marido dela, Urias, morresse (2 Samuel 11, 2-16). Sua bisavó é Rute, que se casou com Booz (como dito em Rute 4, 21-22).

4 Depois do sétimo degrau (aquele de Rute), continuam a se suceder mulheres hebreias. Logo, elas formam, começando por Maria, uma linha vertical que divide a rosa.

5 A linha das mulheres hebreias cria uma divisão em todos os degraus da rosa, segundo o modo como foi direcionada a fé em Cristo. Como será dito anteriormente a fé pode ser direcionada ao futuro ou ao passado.

6 São Bernardo explica os modos como se direciona a fé em Cristo.

Em um lado da rosa, aquele que se encontra já completo com todos os seus beatos, estão aqueles que acreditaram que Cristo viria no futuro para redimir a humanidade. Trata-se dos justos que viveram antes de Cristo.

Em outro lado, no qual estão ainda vazios alguns lugares, estão aqueles que acreditaram em Cristo, que veio para redimir a humanidade. Trata-se daqueles que viveram na era cristã.

A partir do verso 121, ficará claro que aqueles que vieram antes de Cristo estão à esquerda de Maria (logo, à direita para Dante) e aqueles que vieram depois estão à direita de Maria (logo, à esquerda para Dante).

Hemiciclo: semicírculo. A partir dos próximos versos, ficará claro que há outra linha vertical, diametralmente oposta à linha das mulheres hebreias. É como se essas duas linhas cortassem a rosa pela metade, fazendo com que cada uma de suas fileiras horizontais forme semicírculos.

7 Como de um lado o lugar de Maria inicia uma linha, assim do lado oposto há outra linha, em cujo início está São João Batista.

“Ao que no ermo e martírio sempre há sido / Santo e em dois anos da infernal estada”: São João Batista sempre foi santo, desde quando se encontrava no ventre materno (Lucas, 1, 15). Ele foi santo enquanto viveu em penitência no deserto, quando foi morto por obra de Herodes (“martírio”: Mateus, 14, 3-11), e quando ficou no Limbo (“infernal estada”).

“Dois anos”: foi mais ou menos o tempo que transcorreu entre a morte de São João Batista e a morte de Jesus, que libertou os justos do Limbo.

Logo, São João Batista está diametralmente oposto a Maria.

[8] São Bernardo indica os nomes de alguns que formam a linha de São João Batista: São Francisco, Santo Agostinho e São Bento.

Sobre São Francisco e São Bento já se falou, respectivamente, em “Paraíso”, XI e XXII. Agostinho: um dos mais famosos padres da Igreja do Ocidente. Filho de Santa Mônica, nasceu em Tagaste (África), em 354, e em sua juventude não seguiu a fé cristã. Foi mestre de retórica em Roma e em Milão, onde conheceu Santo Ambrósio, que o levou à conversão. Tornou-se bispo de Hipona, onde morreu em 426. De suas numerosas obras, podem ser citadas as *Confissões* e a *Cidade de Deus*. Dante conheceu muito bem as obras de Santo Agostinho, que pode ser considerado, em certos aspectos, um dos maiores inspiradores de Dante.

“E outros”: os nomes dos três santos citados levam a crer que essa linha seja formada por grandes fundadores de ordens ou doutores da Igreja (segundo alguns, “pais espirituais”).

[9] O número daqueles que viveram depois de Cristo será igual ao número daqueles que viveram antes de Cristo, como estabelecido por Deus. Isso pode parecer desproporcional, mas recorde-se que, para Dante, o mundo já estava próximo do seu fim (“Paraíso”, XXX, 130-132) e poucos lugares restavam na rosa.

[10] São Bernardo aponta para mais uma divisão na rosa. Agora a linha é horizontal e corta pela metade as duas divisões dos beatos. O cruzamento dessas linhas (duas verticais e uma horizontal) forma como que duas grandes cruzes na rosa.

Da metade para baixo estão espíritos que não se encontram ali por mérito próprio, mas por mérito alheio, que foram salvos segundo certas condições (o “modo decretado”), que serão explicadas adiante. Esses espíritos são aqueles das crianças que morreram antes de ter o uso da razão. Sem a razão, não puderam escolher entre o bem e o mal (“antes que discernir lhes fosse dado”). Por isso, não se encontram no Paraíso por mérito próprio. É provável que também as crianças sigam a divisão entre antes e depois de Cristo.

[11] Segundo São Tomás de Aquino (*Suma Teológica*, III, Supl., q. 81, a. 1-2), os beatos, quando ressurgirem, terão o corpo que tiveram ou que teriam tido (se não

tivessem morrido antes) na juventude, sem imperfeições. Entretanto, para Dante os beatos apresentam o aspecto que tiveram quando morreram, aspecto que se elevou a um estado de perfeição.

12 A dúvida de Dante é: se essas crianças não tiveram méritos próprios, como é possível que elas se sentem em diferentes degraus da rosa (que representam diferentes graus de beatitude)?

13 No Paraíso, não pode haver casualidade, como não pode haver fome, sede ou tristeza (Apocalipse, 7, 16; 21, 4), que são próprias do mundo.

14 "*Sine causa*": expressão latina empregada nas escolas, significa "casualmente", "sem motivo".

Não é casualmente que as almas dessas crianças se elevam ao Paraíso, tendo diversos graus em excelência.

15 Deus, quando cria as almas, dá diferentemente a graça a cada uma delas, segundo a sua vontade. Entretanto, as causas são inacessíveis aos homens; por isso, basta constatar que a diferença de graça existe, sem procurar buscar os motivos dela. Fala-se mais uma vez da profundidade da predestinação divina, sobre a qual já se falou em outros momentos do poema ("Paraíso", XX e XXI).

"De sua face na doçura": Deus cria a alma humana olhando-a com amor, com alegria (como se diz em "Purgatório", XVI, 85-87).

16 A diferença da graça está evidente no caso de Esaú e Jacó, os filhos gêmeos de Isaque e Rebeca, que já lutavam no ventre materno (Gênesis, 25, 21-26). Ainda antes do nascimento (isto é, antes de qualquer mérito pessoal), os irmãos estavam destinados a diferentes sortes: Jacó estava destinado a ser maior do que Esaú, porque era mais amado por Deus (Malaquias, 1, 2-3). Essa interpretação da história de Esaú e Jacó foi apresentada por São Paulo (Romanos, 9, 10-13) e retomada por diversos textos religiosos.

17 A luz da glória forma a auréola da graça de modo conveniente, segundo aquilo que Deus preestabeleceu (figurado pela cor dos cabelos).

"Segundo a cor da coma": Esaú e Jacó tinham os cabelos de cores diferentes (Gênesis, 25, 25). A diferença da cor dos cabelos é tomada como figura da diferença na graça concedida a cada um deles.

18 Desse modo, as crianças são dispostas em diferentes graus, mesmo sem ter tido mérito algum em vida: o que as diferencia é a capacidade de ver a realidade

divina, que varia segundo a graça que elas receberam.

[19] São Bernardo agora apresenta as condições segundo as quais as crianças podem ser salvas pelo mérito alheio. Tais condições mudam segundo os tempos nos quais vive a humanidade. Nos primeiros tempos (de Adão a Abraão), bastava a inocência própria da infância e a fé dos pais na vinda do redentor. A fé dos pais é o mérito alheio.

[20] Com o passar do tempo, fez-se necessária a circuncisão, que deu mais força ("virtude") à inocência das crianças do sexo masculino. A circuncisão foi estabelecida no pacto entre Deus e Abraão (Gênesis, 17, 10-14).

[21] Já no tempo da graça, que é o tempo de Cristo, o verdadeiro batismo (do qual a circuncisão era uma prefiguração) passou a ser a condição para a salvação. Estão no Limbo as crianças que morreram sem ser batizadas. A circuncisão é aqui considerada um batismo imperfeito, prefiguração do batismo cristão.

[22] "Face, que à de Cristo / Mais se assemelha": a face de Maria, que é a criatura que mais se assemelha a Cristo, seja na forma humana (pois Maria é a mãe de Cristo), seja no plano espiritual (pois Maria é a criatura mais próxima de Deus). Por isso sua visão é necessária como preparação para a visão de Cristo.

Note-se mais uma vez a rima do nome Cristo consigo mesmo.

[23] Os espíritos criados para voar nessa altura: os anjos, que voam entre Deus e os beatos.

[24] Que nenhuma outra visão antes apresentada por Dante despertou nele tanta maravilha.

[25] O primeiro dos anjos que desce em direção a Maria se coloca diante dela com as asas abertas, cantando "Ave Maria, cheia de graças". Trata-se do arcanjo Gabriel, que repete aqui a saudação feita a Maria no momento da anunciação (Lucas, 1, 28). Em "Paraíso", XXIII (91-111), Gabriel canta em honra de Maria.

[26] "Cantilena": é provavelmente a continuação da oração iniciada por Gabriel.

"A gloriosa corte": os anjos e os beatos.

"Serena": luminosa.

[27] "No amor mostra do fogo o incendimento": tão forte é seu amor que ele parece arder como o fogo.

A soberana é Maria.

[28] “Daquele […] matutina”: São Bernardo se iluminava com a luz de Maria como Vênus (estrela matutina) se ilumina com a luz do Sol. Segundo alguns, Bernardo se ilumina com a luz de Maria porque fixa os olhos nela; segundo outros, porque ele é um fiel devoto de Maria.

[29] “Alacridade e bizarria”: vivacidade e gentileza.

“Palma”: a palma era dada aos vencedores. Assim, Gabriel levou a palma a Maria, como sinal da sua vitória. Muitas vezes o arcanjo era de fato representado com uma palma na mão.

“Insana”: aqui no sentido de “pesada”.

Com essas palavras, São Bernardo responde que aquele é o arcanjo Gabriel. Ele é o ser que mais tem vivacidade e gentileza no Paraíso, e isso apraz aos habitantes de lá, pois foi Gabriel que anunciou a salvação da humanidade.

[30] “Patrícios”: eram os nobres no mundo romano. Continuando a metáfora imperial, o termo significa aqui “os mais elevados personagens”.

[31] Aqueles que estão ao lado de Maria são como que os iniciadores dos dois grupos de beatos que formam a rosa.

“À sestra sua”: à esquerda de Maria.

“O Pai é que, tentado por mau gosto, / Tanta amargura à sua prole custa”: Adão, aquele que, por ter provado o fruto proibido (“mau gosto”), originou tanta amargura para seus descendentes, os homens.

“O pai primeiro da santa Igreja”: São Pedro, o primeiro pai da Igreja, a quem Jesus deu as chaves do reino dos céus, representado pela rosa (Mateus, 16, 19).

Com isso, compreende-se que à esquerda de Maria estão os que viveram antes de Cristo, à frente dos quais está Adão, e à direita de Maria estão os que viveram depois de Cristo, à frente dos quais está São Pedro.

[32] Ao lado de São Pedro está São João Evangelista, aquele que teve uma visão (escrita no Apocalipse) dos difíceis momentos pelos quais a Igreja, Esposa de Cristo, deveria passar.

“Esposa, / Que por lanças e cravos se alcançara”: a Igreja foi conquistada pelo sacrifício de Cristo, figurado pela lança que lhe transpassou o lado e pelos pregos (“cravos”) que o prenderam à cruz.

Ao lado de Adão está Moisés, que conduziu o povo de Israel do Egito para a

Terra prometida.

“E, junto”: a tradução não diz claramente que Moisés está ao lado de Adão; na verdade, ela até pode levar a crer que Moisés esteja ao lado de São João. Entretanto, o texto original diz claramente que ele está ao lado de Adão; além disso, dado o esquema da rosa, não faria sentido que, sem nenhuma explicação, Moisés, do Antigo Testamento, estivesse com aqueles que viveram na era cristã.

“Gente ingrata, insana, / Que viveu de maná, revel, teimosa”: sob Moisés, o povo de Israel viveu de maná (alimento milagroso que o nutriu durante a travessia do deserto: Êxodo, 16, 13-35), mas foi ingrato, volúvel, rebelde e teimoso em relação a Moisés e a Deus, que o havia salvado (Êxodo, 32, 9; Deuteronômio, 9, 7; 31, 27).

33 “Em frente a Pedro”: em posição diametralmente oposta àquela de Pedro; logo, à direita de São João Batista.

Ana: a mãe de Maria.

34 “Em frente ao pai dos homens venerando”: em posição diametralmente oposta à de Adão (“pai dos homens venerando”); logo, à esquerda de São João Batista.

Luzia: Santa Luzia, mártir que viveu no século IV. A pedido de Maria, fez com que Beatriz socorresse Dante quando ele se encontrava na selva (“Inferno”, I, 61). Santa Luzia interveio também na entrada de Dante no Purgatório.

35 São Bernardo para de indicar o nome dos beatos, fazendo como um bom alfaiate, que faz uma roupa segundo o pano que tem à disposição.

36 Amor Primeiro: Deus.

37 “Aquela, que em valer é tão pujante”: Maria.

Para que Dante não retroceda, tentando avançar na visão divina, é necessário que ele peça graça a Maria.

CANTO XXXIII

Súplica de S. Bernardo, que é atendido pela Santa Virgem. O Poeta contempla a Trindade, a Divindade e a Humanidade conjuntas no Verbo. Fim da visão.

Empíreo. São Bernardo faz uma oração a Maria e é atendido. Dante contempla a luz divina.

1 “Virgem Mãe, por teu Filho procriada,
Humilde e superior à criatura,
Por conselho eternal predestinada![1]
2 “Por ti se enobreceu tanto a natura
Humana, que o Senhor não desdenhou-se
De se fazer, de quem criou, feitura.[2]
3 “No seio teu o amor aviventou-se,
E ao seu ardor, na paz da eternidade,
O germe desta flor assim formou-se.[3]
4 “Meridiana Luz da caridade
És no céu! Viva fonte de esperança
Na terra és para a fraca humanidade![4]
5 “Há tal grandeza em ti, há tal pujança,
Que quer sem asas voe o seu anelo
Quem graça aspira em ti sem confiança.
6 “Ao mísero, que roga ao teu desvelo,
Acode, e, as mais das vezes, por vontade
Livre, te praz sem súplica valê-lo.[5]
7 “Em ti misericórdia, em ti piedade,
Em ti magnificência, em ti se aduna[6]
Na criatura, o que haja de bondade.
8 “Este mortal, que da ínfima lacuna
Do mundo até o Empíreo, passo a passo,
Viu quanto a vida esp’ritual reúna,[7]
9 “Te exora auxílio ao seu esforço escasso:
A mente sublunar lhe seja dado
À Suma Dita no celeste espaço.[8]
10 “Eu que, no meu ardor, nunca aspirado
Hei mais por mim o que em prol dele peço,
Meus rogos todos alço esperançado.[9]
11 “Te digna conseguir que o véu espesso
Da humanidade sua despareça,
E assim lhe seja o Sumo Bem concesso.

12 “Depois da alta visão, dá que ainda eu peça
Que conserves, Rainha Onipotente,
Sempre pura sua alma, ao mal avessa.[10]
13 “De perversas paixões guarda-o clemente:
Vê Beatriz e o céu inteiro unidos,
Juntando as mãos, ao voto meu fervente!”
14 Os olhos que por Deus são tão queridos
No santo orador fitos demonstraram
Que eram seus ternos rogos atendidos.
15 Após, ao Lume eterno se elevaram,
Em que, se deve crer, de criatura
Olhos, em modo tal, não profundaram.[11]
16 E dos desejos eu, que à mor altura
Suba, o ardor cessar, como devia,
Senti, me apropinquando da ventura.[12]
17 Bernardo, me acenando, me sorria,
Que para cima olhasse; mas eu estava
Já por mim mesmo tal qual me queria.[13]
18 A vista, que em pureza sublimava,
Do alto, que é por si toda a Verdade,
Mais e mais pelos raios penetrava.
19 E o que eu vi, desde então, na imensidade
Transcendeu quanto o verbo humano intente:
Cede a memória a tanta majestade.[14]
20 Qual homem, que, a sonhar, vê claramente,
Depois só guarda a sensação impressa,
E o mais em todo lhe não volta à mente,
21 Tal eu: quase a visão inteira cessa,
Mas no meu coração quase destila
Doçura que em seu êxtase começa.[15]
22 Assim ao Sol a neve se aniquila;
Assim na leve folha, entregue ao vento,
Se[16] dispersava o orác’lo da Sibila.

23 Flama excelsa, que o humano pensamento
Excedes tanto, oh! presta ao meu, piedosa,
Um pouco do inefável luzimento.
24 E a língua minha faz tão poderosa,
Que uma centelha só da tua Glória
Aos pósteros transmita venturosa;[17]
25 Pois que, em parte surgindo-me à memória
E sendo por meus versos celebrada,
Melhor se entenderá tua vitória.[18]
26 Da luz pela agudeza suportada,
Eu me perdera, creio, com certeza,
Se da luz fora a vista desviada.
27 E, recordo-me, pois mor afoiteza
Tomei, tanto, que face a face olhando,
Encarar pude na Infinita Alteza.[19]
28 Tu, ó Graça abundante, me animando,
Olhos fitar ousei na luz eterna,
A visão almejada consumando.[20]
29 Na profundeza, lá, vi que se interna
Unido pelo amor num só volume
O que pelo universo se esquaderna:
30 Acidente, substância e o seu costume,
Conjuntos entre si por tal maneira,
Que da verdade exprimo um frouxo lume.[21]
31 Creio que a forma universal inteira
Vi desse nó; porquanto mais ao largo
Sinto, ao dizer, ledice verdadeira.[22]
32 Um só instante à mente dá letargo
Maior, que séc’los vinte e cinco à empresa
Que admirar fez Netuno a sombra de Argo.[23]
33 De êxtase assim minha alma toda presa,
Atenta, absorta, imóvel se imergia,
E sempre em contemplar mais ’stava acesa.

34 E essa Luz tal efeito produzia
Que em deixá-la por ver dif'rente aspecto[24]
Consentir impossível me seria:
35 Que o bem da sua aspiração objeto
Todo está nela: é tudo lá perfeito,
Como fora de lá tudo é defecto.[25]
36 Meu dizer de ora avante mais estreito
Será no que recordo que o do infante
Ainda ao seio maternal afeito;[26]
37 Não porque presentasse outro semblante
A viva Luz, que a contemplar eu estava,
Antes, como depois, sempre constante;
38 Mas, como, olhando, a vista se alentava,
A Imutável Essência parecia
Mudar, quando só eu me transformava.[27]
39 Na substância profunda e clara eu via
Da excelsa Luz três círc'los discernidos
Por cores três, de igual periferia,
40 Íris de íris, um de outro refletidos
Estavam: flama o tércio parecia
'Spirando, por igual, de um, de outro unidos.[28]
41 Quanto é curta a expressão! Quanto a excedia
Meu pensar, ao que eu via este já sendo
Tal, que *pouco* bastante não diria.[29]
42 Lume eterno, que a sede em ti só tendo,
Só te entendes, de ti sendo entendido,
E te amas e sorris só te entendendo![30]
43 O girar, que, dessarte concebido,
Via em ti como flama refletida,
Quanto foi dos meus olhos abrangido,
44 No seio seu da própria cor tingida
A própria efígie humana oferecia:
Foi nela vista minha submergida![31]

45 Geômetra, que o espírito crucia
Para o círc'lo medir, em vão procura
Princípio, que ao seu fim mais conviria:
46 Assim eu ante a nova visão pura.
Ver anelara como a imagem humana
Ao círculo se adapta e ali perdura.[32]
47 Às asas minhas fora empresa insana,
Se clareado a mente não me houvesse
Fulgor, que a posse da verdade aplana.[33]
48 À fantasia aqui valor fenece;
Mas a vontade minha a ideias belas,
Qual roda, que ao motor pronta obedece,
Volvia o Amor, que move Sol e estrelas.[34]

---

[1] "Virgem Mãe, por teu Filho procriada": o primeiro verso do canto reúne antíteses que expressam os profundos mistérios de Maria na fé cristã. Maria é virgem e mãe; é filha daquele pelo qual foi criada, Deus.

"Humilde e superior à criatura": nova antítese, a respeito de duas qualidades de Maria: ela é a mais humilde e a mais alta de todas as criaturas. O verso ecoa um versículo do *Magnificat* (Lucas, 1,48): "ele olhou para a humildade de sua serva […] e todas as gerações me chamarão bendita".

"Por conselho eternal predestinada": no eterno conselho divino, Maria foi escolhida como o meio para a salvação da humanidade.

[2] Maria tornou tão nobre a natureza humana que Deus, que criou a natureza humana, não desdenhou tornar-se feitura dessa natureza, enquanto filho de Maria.

[3] No ventre de Maria se renovou o amor entre Deus e o homem, pelo qual floresceu no Paraíso a rosa dos beatos. Pois só com a redenção realizada por Jesus o Paraíso se abriu aos homens; e a redenção foi possibilitada por Maria.

[4] "Meridiana Luz de caridade": luz tão ardente como o Sol no meio-dia, exemplo de caridade para os outros habitantes do céu. E ela é fonte de esperança para os

homens.

[5] “Há tal grandeza em ti […] confiança”: tão grande e potente é Maria que é vão o desejo daquele que quer uma graça e não recorre a ela.

“Ao mísero […] valê-lo”: Maria acode não só àquele que suplica, mas também àquele que ainda não pediu socorro, antecipando-se, com um ato de amor, ao seu pedido. Recorde-se que é tal ato espontâneo por parte de Maria que está na origem do poema: de fato, ela socorreu o poeta sem que ele o pedisse, tornando possível a sua salvação.

“Acode”: para que a frase tenha sentido mais convincente e esteja em completo acordo com o texto original, o termo “acode” não deveria ser um imperativo, mas sim um presente do indicativo. Nesse caso, ou ele teria de ser trocado por “acodes” (cujo sujeito seria Maria) ou o seu sujeito teria de ser de terceira pessoa. Por motivos métricos, não é possível fazer a pequena alteração de “acode” para “acodes” sem modificar outros termos do verso. Há, contudo, algumas conjecturas possíveis. Uma delas é “Ao mísero que roga, o teu desvelo acode”, que parece ser a conjectura que menos interfere no texto.

[6] “Se aduna”: se reúne. O mesmo termo é empregado no texto original.

[7] “Ínfima lacuna”: indica ou o centro da terra (o fundo do Inferno), ou todo o Inferno. No primeiro caso, estaria só para indicar um dos pontos extremos do caminho percorrido por Dante, não para indicar o ponto de partida de seu caminho. Até porque é provável que “quanto a vida espiritual reúna” se refira a todas as almas vistas por Dante.

[8] São Bernardo pede que Maria ajude Dante a elevar a mente à visão de Deus, que é a suprema felicidade (Suma Dita).

“A mente sublimar lhe seja dado / À Suma Dita no celeste espaço”: conjectura para o texto “A mente sublunar lhe seja dado / A Suma Dita no celeste espaço”, que não resulta em nenhum sentido convincente, embora presente em outras edições da tradução.

[9] Exemplo de caridade: São Bernardo nunca ardeu tanto do desejo de ver a Deus quanto agora arde do desejo de que Dante o veja.

[10] São Bernardo pede que Maria ajude a dissipar dos olhos de Dante os impedimentos devidos à sua condição mortal, de modo que Deus se lhe possa manifestar. Em seguida, São Bernardo pede que, depois de tão alta visão, Maria

conserve puras as inclinações da alma de Dante, de modo que ele não se deixe seduzir pelos bens do mundo. Segundo alguns, o pedido diz respeito sobretudo à soberba, à qual Dante poderia ceder com mais facilidade depois do excepcional privilégio obtido; além disso, o próprio poeta reconheceu em outros momentos que a soberba é a paixão dominante nele.

Dante fez um pedido semelhante a Beatriz, em “Paraíso”, XXXI, 88-90.

11 “Os olhos que por Deus são tão queridos”: os olhos de Maria.

Nenhuma criatura é capaz de elevar os olhos a Deus (Lume eterno) do mesmo modo como o faz Maria, a mais alta de todas as criaturas.

12 Dante, que se aproximava (“se apropinquava”) de Deus, altura suprema de todos os desejos, já sentia cessar o ardor dos seus. Essa é a interpretação seguida por muitos comentadores. Entretanto, o texto original permite entender também que Dante, sabendo estar já próximo da visão divina, sente chegar ao cume o seu desejo. Essa é a interpretação defendida por outros comentadores.

13 São Bernardo sorri e faz sinal para que Dante olhe para cima; mas Dante já havia feito isso por si só, antes do convite de São Bernardo.

14 A partir desse momento, tudo o que Dante viu excede as possibilidades da palavra humana; e a própria memória cede àquilo que é tão superior a ela.

15 Dante está na situação do homem que, acordando, esquece aquilo que sonhou, mas sente impresso na alma o sentimento experimentado no sonho: quase toda a visão deixou a memória de Dante (“cessa”), mas ele ainda sente, de modo tênue (“destila”), a doçura que aquela visão imprimiu nele.

16 “Assim ao Sol…”: assim ao Sol a neve se desfaz, perdendo a sua forma.

“Assim […] Sibila”: como diz a *Eneida* (III, 443-451), as respostas da Sibila de Cumas eram escritas em folhas dispostas de modo ordenado, as quais depois se dispersavam e perdiam a ordem quando entrava um pouco de vento na gruta.

Duas breves comparações, uma física e uma mitológica, expressam a situação interior do poeta.

17 Dante pede que Deus (Flama que excede a mente humana) conceda à sua memória ao menos uma tênue imagem daquilo que ele pareceu no Paraíso. Além disso, pede que Deus conceda tanta potência às suas palavras, de modo que elas possam expressar ao menos uma centelha da imensa glória que ele viu. O pedido é duplo: diz respeito à memória e às palavras, fundamentais para a empresa de

Dante, que é justamente descrever a sua visão no poema.

18 Se Dante conseguir recordar uma mínima parte da visão e conseguir transcrevê-la com as palavras adequadas, os homens poderão ter uma ideia mais clara da grandeza divina.

“Vitória”: o termo pode ser entendido como “excelência infinita” ou como “vitória” sobre a mente humana (e, mais especificamente, sobre a mente do poeta).

19 Por causa do imenso fulgor da luz que sua vista suportou, Dante acredita que teria ficado ofuscado (perdendo a capacidade de suportá-la) se tivesse desviado os olhos daquela luz (pois a luz divina é tal que aumenta a capacidade visiva daquele que a contempla). Por isso, Dante persistiu na sua contemplação, até unir a sua vista à essência divina.

20 Dante reconhece que pôde fitar os olhos na luz divina e elevar a vista às suas extremas possibilidades por causa da abundante graça que lhe foi concedida.

21 A primeira coisa que Dante vê na profundidade da luz divina é a unidade de todo o universo em Deus: naquela luz ele vê que se reúne em uma unidade feita de amor tudo o que parece disperso em sua multiplicidade pelo universo, como vários cadernos dispersos formam um único volume.

“Se esquaderna”: o verbo é empregado no original. Derivando da metáfora do volume, o verbo tem o sentido de “se dispersa em diferentes cadernos”.

“Acidente, substância e o seu costume”: termos filosóficos para expressar toda a realidade do universo. “Substância” é aquilo que subsiste por si mesmo, que tem a sua própria razão de ser; “acidente” é a qualidade não necessária que modifica a substância e existe em função dela; “costume” é a disposição, o modo de ser da substância e do acidente, a relação recíproca entre ambos.

22 “Nó”: a união em um todo harmônico de toda a multiplicidade do universo.

“Creio” não expressa dúvida, mas asserção: Dante sabe que viu a forma pela qual aquela unidade é criada, só por causa da verdadeira alegria que sente ao falar dela. É a mesma ideia expressa nos vv. 61-63: a visão deixou a sua memória, mas Dante ainda sente a doçura que provém dela.

23 “Que admirar fez Netuno a sombra de Argo”: alusão à empresa dos Argonautas, que foram os primeiros a sulcar as águas do mar com uma nave, chamada Argo. Netuno é o deus do mar que vive no fundo do oceano. Segundo a

cronologia medieval, a empresa havia ocorrido no ano de 1223 a.C. (por isso, Dante diz “vinte e cinco séculos”).

O sentido dos versos é bastante discutido. É provável que o termo “letargo”, presente também no original, signifique “esquecimento”. Desse modo, os versos significam: um só instante é para Dante um esquecimento maior do que foram 25 séculos a respeito da empresa dos Argonautas. Isto é, depois de 25 séculos aquela empresa ainda é recordada, enquanto Dante esqueceu imediatamente a sua visão.

[24] “Aspecto”: o termo, também empregado no original, significa “objeto”.

[25] Dante explica por que não podia desviar os olhos daquela luz: o bem, que é o objeto de toda aspiração, está todo naquela luz, sendo perfeito nela

[26] Introduz-se aqui um segundo tempo da visão: a partir de agora, a palavra de Dante, mesmo para dizer aquele mínimo que ele recorda, será mais insuficiente do que as palavras de um recém-nascido.

[27] O poeta, antes de apresentar a segunda visão que teve contemplando a luz divina, explica como é possível que a essência divina, una, possa apresentar sucessivamente diversas imagens: isso ocorreu não porque Deus apresentasse mais de um aspecto, já que Deus é imutável; a visão assumia diferentes aspectos aos olhos de Dante porque a sua própria vista se torna sempre mais forte por causa da contemplação. É impossível para o homem apreender a essência divina em sua totalidade: o homem, imergindo nela gradualmente o intelecto, consegue apenas ver diferentes aspectos em sucessão, embora a essência divina permaneça sempre una. Como em “Paraíso“, XXX, 76-96, as mudanças não ocorrem no objeto, mas no sujeito: Dante tem diferentes visões na imutável essência divina segundo as mudanças que ocorrem em sua própria vista.

[28] A segunda visão de Dante é o mistério da Trindade. Ele vê na luz profunda três círculos de cores diferentes e mesma circunferência. Um deles parece refletido por outro, como no duplo arco-íris o arco externo é refletido pelo interno: é o Filho, gerado pelo Pai na eternidade. O terceiro círculo parece uma chama inspirada igualmente pelos outros dois círculos: é o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho.

Os três círculos de cores diferentes, mas igual circunferência, representam as três pessoas da Trindade. O círculo é a figura geométrica que representa a perfeição e a eternidade.

“Íris de íris”: como dito em “Paraíso”, XII, 10-15, acreditava-se que no duplo arco-íris o segundo arco fosse um reflexo do primeiro.

A visão, embora tenha base em uma figura geométrica, permanece deliberadamente vaga: ela não pode ser descrita ou representada.

29 A expressão é insuficiente diante daquilo que a mente pôde reter, e isso, por sua vez, é tão pequeno em relação à verdadeira visão que o poeta teve que não basta dizer “pouco” (isto é, aquilo que o poeta reteve é menos do que “pouco” em relação à sua visão).

Note-se a longa sequência de rimas na tradução, constituída pelos seis termos: parecia; via; periferia; parecia; excedia; diria.

30 Dante agora diz aquilo que a mente humana pode entender a respeito da figura dos três círculos, tentando exprimir a unidade da Trindade.

A luz eterna está só em si mesma (nada a pode conter), só ela se compreende (como Pai) e, sendo compreendida só por si mesma (como Filho) e, compreendendo-se, ama e sorri (Espírito Santo). Os versos foram, contudo, explicados de diversas formas. Segundo alguns, por exemplo, “de ti sendo entendido, só te entendendo” significa a relação mútua entre o Pai e o Filho: o Pai entende a si mesmo no Filho (“de ti sendo entendido”), o qual, por sua vez, entende o Pai (“só te entendendo”). Essa relação gera o amor (Espírito Santo), que procede de ambas as pessoas e que irradia o seu sorriso.

“Só te entendes…”: ecoa a sentença evangélica (Mateus, 11, 27): “Ninguém conhece o Filho senão o Pai e ninguém conhece o Pai senão o Filho”.

31 O poeta introduz a terceira visão, o mistério da Encarnação do Filho.

“O girar, que, dessarte concebido, via em ti como flama refletida”: é o segundo círculo (“girar”), que, como Dante o concebeu, parecia um reflexo do primeiro círculo. É a pessoa do Filho.

No segundo círculo Dante vê, como que pintada no seu interior, mas com a sua mesma cor, a figura humana.

“Da própria cor tingida”: também essa visão não pode ser retratada em desenho, pois não é possível conceber uma figura dentro de outra figura com a mesma cor. Isso é uma sombra do profundo mistério da união em Cristo da natureza humana à natureza divina.

32 O poeta, diante dessa visão, tenta compreender como a imagem humana se

assimila ao círculo e como encontra lugar nele (isto é, como a humanidade se encontra no Filho). Sua situação é como aquela do geômetra que se esforça no problema da mensuração do círculo, procurando em vão o princípio matemático que resolveria o problema. A mensuração do círculo, ou quadratura do círculo, era um problema já discutido por Arquimedes e muito conhecido entre os estudiosos medievais. O “princípio” necessário era a exata relação entre a circunferência e o diâmetro. Com o conhecimento desse “princípio”, seria possível fazer um quadrado de superfície idêntica à superfície do círculo. A imagem é muito conveniente à situação, tanto mais porque, se o círculo é figura da perfeição e da infinitude, o quadrado é figura da finitude, da humanidade.

33 A mente humana não é capaz de compreender aquele mistério e Dante não o teria compreendido se a graça divina não o tivesse iluminado.

34 “À fantasia aqui valor fenece”: com o “fulgor” da graça divina, que revela o mistério que Dante queria compreender, cessa a sua visão. À fantasia, aquela faculdade que percebia na visão as realidades divinas reveladas em imagens, falta a força, isto é, a possibilidade de ver ainda. Dante não viu além e, por isso, não pode continuar a narrar.

“Mas a vontade […] estrelas”: embora tenha cessado a visão, Dante não deseja mais do que isso, porque Deus (“o Amor que move Sol e estrelas”) aplacou a sua vontade e o seu desejo, que se encontram em perfeita conformidade com a harmonia universal. O amor que move o Sol e as estrelas movia o desejo e a vontade de Dante como uma roda em movimento uniforme, em um movimento que não conhece alterações (como ocorre com a vontade humana na terra).

“Mas a vontade minha a ideias belas”: o verso original diz “mas o meu desejo e o meu querer”. Os termos “desejo" e “querer” são muito discutidos. Para alguns, são sinônimos; para outros, o primeiro diz respeito ao intelecto (desejo de conhecer) e o segundo diz respeito à vontade (como amor pelo bem); para outros ainda, o primeiro é o impulso natural e o segundo é a vontade deliberada. De qualquer modo, os termos, unidos, indicam uma perfeita conformidade na vontade de Dante. E assim deve ser entendida também a tradução: “volvia a vontade minha a ideias belas” significa justamente que a vontade de Dante chegou àquela perfeita conformidade, voltando-se somente para “belas ideias”.

“O Amor, que move Sol e estrelas”: alguns entendem que se trata do amor suscitado por Deus no universo, que faz com que ele se mova. Entretanto, muitos entendem que “Amor, que move Sol e estrelas” é uma perífrase de Deus, que

solenemente conclui o poema.

“Estrelas”: como já comentado, é com essa palavra que terminam os três cânticos do poema. Aqui, Dante se assimila ao próprio movimento das estrelas, que são no poema como que a meta à qual deve se dirigir o olhar do homem.

© C*opyright* desta edição: Editora Martin Claret Ltda., 2021.
Título original: *La Divina Commedia*.

DIREÇÃO
MARTIN CLARET

PRODUÇÃO EDITORIAL
CAROLINA MARANI LIMA / MAYARA ZUCHELI

DIAGRAMAÇÃO
GIOVANA QUADROTTI

CAPA
FABIANO HIGASHI / FABIO VIDO

REVISÃO TÉCNICA E NOTAS
HELOÍSA ABREU DE LIMA

REVISÃO
ALEXANDER BARUTTI SIQUEIRA

A ORTOGRAFIA DESTE LIVRO SEGUE O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alighieri, Dante, 1265-1321.
A divina comédia [livro eletrônico]/ Dante Alighieri; tradução: J. P. Xavier Pinheiro; revisão técnica, prefácio e notas Heloísa Abreu de Lima. – São Paulo: Martin Claret, 2021.
ePub

Título original: La divina commedia.
ISBN 978-65-5910-019-4

1. Poesia italiana I. Lima, Heloísa Abreu de. II. Título.

21-55160 CDD-851

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura italiana 851
Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

Rua Alegrete, 62 — Bairro Sumaré — CEP: 01254-010 — São Paulo — SP
Tel.: (11) 3672-8144 — www.martinclaret.com.br